

HIROAKI MURAKAMI

Trilogia Completa



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HARUKI MURAKAMI

Trilogia Completa

1

8

4

①

②

③

ALFAGUARA

Haruki Murakami

1Q84 | Livro 1



**HARUKI
MURAKAMI**



LIVRO 1
abril – junho

TRADUÇÃO DO JAPONÊS
LICA HASHIMOTO



Copyright © 2009 by Haruki Murakami

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
1Q84

Capa
Retina_78

Revisão
Tamara Sender
Ana Kronemberger
Ana Grillo

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

Proibida a venda em Portugal



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M944u
Murakami, Haruki
1Q84 [recurso eletrônico] : Livro 1 (abril-junho) / Haruki Murakami ; tradução do japonês Lica Hashimoto. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.
recurso digital
Tradução de: *1Q84*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Continua com: *1Q84 : Livro 2*
366 p. ISBN 978-85-7962-187-1 (recurso eletrônico)
1. Romance japonês 2. Livros eletrônicos. I. Hashimoto, Lica. II. Título.
12-6868. CDD: 895.63
CDU: 821.521-3

*It's a Barnum and Bailey world,
Just as phony as it can be,
But it wouldn't be make-believe
If you believed in me.*

Eis o mundo do espetáculo
em que tudo é fantasia;
mas, se você acreditar em mim,
real ele se tornará.

"It's Only a Paper Moon"

BILLY ROSE E E.Y. "YIP" HARBURG

Aomame

Não se deixe enganar pelas aparências

O rádio do táxi estava sintonizado em FM numa estação de música clássica. Tocava a *Sinfonietta* de Janáček. Aquela provavelmente não era uma das músicas mais apropriadas para se ouvir num táxi, em pleno congestionamento. O motorista também não parecia estar prestando muita atenção a ela. Como um experiente pescador que, de pé na proa de seu barco, pressente algo ruim ao observar o encontro das correntes marítimas, esse senhor de meia-idade olhava, em silêncio, a fileira de carros à sua frente. Aomame, confortavelmente recostada no banco de trás, escutava a música com os olhos levemente cerrados.

Quantas pessoas no mundo seriam capazes de identificar que aquela era a *Sinfonietta* de Janáček, ouvindo apenas os primeiros acordes? Provavelmente seriam entre “muito poucas” a “quase nenhuma”. Por acaso, Aomame era uma delas.

Janáček compôs a pequena sinfonia em 1926. A princípio, a parte introdutória fora composta para servir de tema de fanfarra numa competição desportiva. Aomame pôs-se a imaginar a Tchecoslováquia de 1926. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e, finalmente, livres do longo período de domínio dos Habsburgo, as pessoas se reuniam em cafés e desfrutavam a paz momentânea na Europa Central, bebendo cerveja Pilsen enquanto outras fabricavam as legítimas e gélidas metralhadoras. Dois anos antes, Franz Kafka deixara este mundo após uma vida de infortúnios. Em breve, Hitler surgiria do nada e, num piscar de olhos, assolaria aquele país pequenino e belo; mas o fato é que, naquele momento, ninguém sequer imaginava quão cruelmente seriam devorados. A única máxima que a História parece nos revelar, de suma importância, é que “naquela época, ninguém sabia o que estava para acontecer”. Embalada pela música, Aomame imaginou uma delicada brisa deslizando sobre as planícies da Boêmia; imagem que a instigou a pensar nos rumos da História.

Em 1926, com a morte do Imperador Taishô, dava-se início ao

período Shôwa. Mudança que também marcava o começo de uma era negra e sombria, prestes a assolar o Japão. Findava o breve interlúdio entre o modernismo e a democracia; e o fascismo começava a mostrar suas garras.

História — assim como Esporte — era um dos assuntos preferidos de Aomame. Romances, quase não os lia, mas, em compensação, procurava ler tudo que estivesse relacionado a História. O que a fascinava era constatar que todos os acontecimentos estavam intrinsecamente relacionados a datas e locais específicos. Memorizar datas históricas não era algo tão difícil para ela. Nunca precisou decorá-las, pois bastava contextualizar os acontecimentos para que as datas surgissem espontaneamente. Durante o ginásio e o colegial, Aomame sempre se destacara nas provas de história. E toda vez que alguém reclamava da dificuldade de memorizar datas, Aomame pensava indignada: “Por que será que não consegue aprender algo tão fácil?”

Aomame, ou “ervilha verde”, era seu verdadeiro sobrenome. O avô paterno era da província de Fukushima e, nos vilarejos e cidadezinhas daquela região montanhosa, de fato, existiam pessoas com o mesmo sobrenome. Mas ela nunca chegou a conhecer o local. Antes mesmo de ela nascer, seu pai havia cortado relações com a família. Sua mãe fizera o mesmo. Razão pela qual Aomame não conhecia seus avós. Ela raramente viajava, mas, vez por outra, quando o fazia, tinha o hábito de folhear a lista telefônica do quarto do hotel para verificar se havia algum Aomame residente na região. No entanto, em todas as metrópoles e cidades em que esteve, nunca encontrou ninguém. Nessas ocasiões, ela se sentia totalmente só; solitária como um naufrago na vastidão do oceano.

Ter de dizer o sobrenome sempre fora um transtorno. Ao se apresentar, as pessoas lhe lançavam um olhar perplexo ou se mostravam hesitantes: “Aomame?” “Isso mesmo... Escreve-se ‘ao’, de *aoi*, verde; e ‘mame’, de ervilha; e se lê ‘Aomame’, ervilha verde.” Sem contar que, na época em que trabalhava numa empresa e precisava ter o cartão de visita sempre à mão, os aborrecimentos também não eram poucos. Tão logo mostrava o cartão de visita, a pessoa detinha-se a olhá-lo demoradamente. Era como se acabasse de receber uma carta inesperada com notícias desagradáveis. De vez em quando, ao atender uma ligação e se identificar, costumava ouvir risadinhas do outro lado da linha. Quando a chamavam nas salas de espera de repartições públicas ou hospitais, os demais logo olhavam para ela, curiosos em saber como seria a cara de uma Aomame: a cara da sra. Ervilha Verde.

Às vezes, as pessoas erravam seu nome e a chamavam de sra. Edamame, “soja”. Isso quando não a chamavam de Soramame, “fava”. Nessas ocasiões, ela corrigia: “Não é Edamame (ou Soramame), é

Aomame. É quase tudo a mesma coisa, mas...” A pessoa, constrangida, pedia desculpas e, com um sorriso sem graça, comentava: “Puxa... Que sobrenome diferente!” Ela já havia perdido a conta de quantas vezes tivera de escutar a mesma ladainha nesses seus trinta anos de existência. Igualmente, perdeu a conta de quantas vezes seu sobrenome fora alvo de piadinhas infames. Se não tivesse nascido com ele, sua vida hoje poderia ser bem diferente. Se seu sobrenome fosse daqueles bem comuns, como Satô, Tanaka ou Suzuki, quem sabe sua vida teria sido bem menos estressante e ela seria hoje uma pessoa bem mais condescendente com o mundo. Quem sabe...

Aomame apreciava a música com os olhos fechados, deixando-se envolver pelos belíssimos acordes em uníssono dos instrumentos de sopro. Foi quando, de repente, ocorreu-lhe que a qualidade do som era boa demais para um táxi. O som tinha densidade, e a harmonia dos instrumentos era nítida, a despeito de o volume estar baixo. Foi então que ela abriu os olhos e resolveu se debruçar para olhar o aparelho de som no painel. Era todo preto, suntuosamente reluzente. E, apesar de não conseguir ver a marca, reconheceu, de imediato, que era de primeira linha. Havia diversos botões distribuídos no painel onde números verdes se destacavam com elegante luminosidade. Era, sem dúvida, um aparelho de última geração. Um taxista de frota jamais instalaria um equipamento de som tão sofisticado.

Aomame pôs-se a observar atentamente o interior do veículo. E, ainda que não tivesse reparado antes — de tão envolvida em mil pensamentos —, agora se dava conta de que, realmente, não se tratava de um táxi comum. O acabamento interno era de boa qualidade, e o assento muito confortável. O que mais chamava a atenção era o fato de o carro ser silencioso. O isolamento acústico bloqueava praticamente todo o ruído externo. Era como estar num estúdio à prova de som. Devia ser um táxi particular, pois, dentre os autônomos, alguns realmente não se importavam em gastar com o carro. Movendo discretamente os olhos, Aomame procurou o registro do veículo, mas não o encontrou. O táxi, porém, não parecia ser clandestino. O taxímetro era oficial e marcava corretamente o preço: 2.150 ienes. O único problema era não encontrar o registro com o nome do motorista.

— Que carro ótimo! É bem silencioso... — comentou Aomame, do banco de trás. — Como se chama este carro?

— É o Crown Royal Saloon, da Toyota — a resposta do motorista foi sucinta.

— O som é muito bom.

— É um carro silencioso. Foi um dos motivos que me fizeram ficar com ele. A tecnologia de isolamento acústico da Toyota é uma das melhores do mundo.

Aomame concordou e, novamente, se recostou no assento. O jeito de o motorista falar a incomodava. Era como se ele sempre deixasse algo muito importante por dizer. Por exemplo (e esse é apenas um exemplo), era como se ele dissesse que não tinha nenhuma reclamação quanto ao isolamento acústico dos carros da Toyota, mas deixava implícito que outros quesitos ainda tinham *algo* a ser melhorado. Quando ele falava, pairava no ar uma pequenina mas significativa massa de silêncio. Massa silenciosa a flutuar como uma minúscula nuvem imaginária no interior do carro. E isso a deixava incomodada.

— Realmente. É silencioso — disse Aomame, como que para afugentar essa pequenina nuvem. — O aparelho de som parece ser de ótima qualidade!

— Tive de criar coragem na hora de comprá-lo — disse o motorista. Ele falava como um oficial aposentado do Estado-Maior comentando sobre as estratégias de guerra do passado. — Como passo muitas horas dentro do carro, quero ouvir um bom som e...

Aomame aguardou a continuação da conversa. Mas a espera foi em vão. Ela novamente fechou os olhos para apreciar a música. Aomame não tinha nenhuma ideia de como teria sido Janáček pessoalmente, mas de uma coisa ela sabia: ele nunca imaginou que em 1984 alguém escutaria sua música em Tóquio, dentro de um silencioso Toyota Crown Royal Saloon, em plena via expressa totalmente congestionada.

Mas o mais incrível era o fato de Aomame saber prontamente que a música era a *Sinfonietta* de Janáček, e que havia sido composta em 1926. Ela nunca fora muito fã de música clássica e, tampouco, tinha alguma lembrança pessoal relacionada a Janáček. Mesmo assim, bastou ouvir os acordes iniciais para que inúmeros conhecimentos surgissem espontaneamente. Era como uma revoada de pássaros a adentrar pela janela aberta de um quarto. A música também provocava em Aomame uma estranha sensação, como se estivesse sendo *retorcida*. Sem dor, sem sofrimento. Uma sensação única, como se seu corpo estivesse sendo espremido lenta e firmemente. Aomame não sabia o que estava acontecendo. Será que a *Sinfonietta* é que provocava essa sensação estranha?

— Janáček — disse Aomame, espontaneamente. E logo se arrependeu de tê-lo dito.

— O que disse?

— Janáček. Foi quem compôs essa música.

— Nunca ouvi falar.

— É um compositor tcheco — disse Aomame.

— Ah é? — exclamou o motorista, parecendo admirado.

— O táxi é seu? — perguntou Aomame para mudar de assunto.

— É sim — respondeu o motorista e, um tempo depois, comentou: — Sou autônomo e este é o meu segundo carro.

— É muito confortável!

— Muito obrigado. A propósito... — indagou o motorista, virando um pouco a cabeça para o lado em que ela estava: — Está com pressa?

— Tenho um compromisso em Shibuya. Foi por isso que pedi para o senhor pegar a via expressa.

— A que horas é o encontro?

— Quatro e meia — respondeu Aomame.

— Agora são três e quarenta e cinco. Creio que não chegaremos a tempo.

— O congestionamento está tão ruim assim?

— Parece que houve um acidente grave lá na frente. Esse congestionamento não é normal. Já faz um bom tempo que estamos aqui, praticamente sem sair do lugar.

Aomame achou estranho o motorista ainda não ter procurado se informar sobre o trânsito pelo rádio. Normalmente, quando ocorre algum congestionamento que trava a via expressa, os taxistas costumam sintonizar a rádio numa frequência especial para obterem informações sobre o ocorrido.

— Dá para saber, mesmo sem ouvir as informações do trânsito? — perguntou Aomame.

— Não se pode confiar nessas informações — respondeu o motorista, num tom de voz imparcial. — Metade do que dizem é mentira. As concessionárias que administram essas rodovias públicas só informam o que lhes convêm. O único jeito de saber o que realmente está acontecendo é ver com os próprios olhos e tirar suas conclusões.

— Então, pelas suas conclusões, este congestionamento não vai melhorar tão cedo.

— Tão cedo, acho difícil — disse o motorista, meneando calmamente a cabeça, de modo afirmativo. — Isso eu posso garantir. A via expressa, quando está desse jeito, fica um inferno. E... esse seu compromisso é muito importante?

Aomame pensou um pouco antes de responder:

— É. E muito. Vou me encontrar com um cliente.

— Sinto muito, mas acho que você não vai conseguir chegar a tempo.

Dito isso, o motorista movimentou lentamente a cabeça como que para relaxar a *rigidez* dos músculos. As rugas detrás do pescoço mexiam como se fossem seres pré-históricos. Enquanto Aomame observava as rugas em movimento, de súbito, lembrou-se de que, no fundo de sua bolsa, havia um objeto extremamente pontiagudo. As

palmas de suas mãos começaram a transpirar.

— Se é assim, o que o senhor acha que devo fazer?

— Não há o que fazer. Estamos numa via expressa e, até chegarmos à próxima saída, não tem jeito. Se estivéssemos numa via comum, bastaria descer do carro e pegar o trem na estação mais próxima.

— E onde é a próxima saída?

— É em Ikejiri, mas acho que só chegaremos lá de noite.

“De noite?”, inquietou-se Aomame, ao imaginar que ficaria presa no táxi até o anoitecer. A música de Janáček continuava a tocar. Os instrumentos de corda, em surdina, surgiam em primeiro plano como que para acalmar os ânimos exaltados. Aquela estranha sensação de estar sendo espremida já não era tão intensa como antes. O que será que aconteceu?

Aomame pegara o táxi nas proximidades de Kinuta e, de Yôga, pedira para o motorista pegar a Rota 3 da via expressa. No começo, o tráfego fluía normalmente, mas, nas proximidades da Sangenjaya, de repente, a pista tinha começado a ficar congestionada e o trânsito travou. Enquanto a expressa no sentido bairro fluía bem, no sentido oposto o congestionamento era monstruoso. Normalmente, a via expressa no sentido centro, após as três da tarde, não costumava parar. Razão pela qual Aomame havia pedido que o motorista fosse por ela.

— Na via expressa, a tarifa não é cobrada pelo tempo — disse o motorista, olhando o espelho retrovisor. — Por isso, não se preocupe com isso. O problema é você se atrasar para o compromisso, não é?

— Realmente, não vai ser bom; mas não tem outro jeito, tem?

O motorista olhou de relance o rosto de Aomame moldado pelo espelho retrovisor. Ele usava óculos de sol, as lentes levemente escurecidas. De onde ela estava, a luminosidade não permitia que visse a expressão dele.

— Talvez exista um jeito. Digamos que é uma saída emergencial para você pegar o trem até Shibuya.

— Saída emergencial?

— Não é muito comum.

Aomame aguardou a continuação da conversa com expectativa no olhar.

— Você está vendo lá na frente um espaço reservado para o acostamento? — perguntou o motorista apontando naquela direção. — É bem na altura daquela placa enorme da Esso.

Ao olhar atentamente, Aomame viu que do lado esquerdo da pista dupla havia um local reservado para os carros enguiçados. Como não existem acostamentos ao longo das vias expressas, determinados locais são reservados para encostar carros numa eventual emergência.

Ali estão instaladas cabines amarelas com telefones de emergência para falar com o escritório da Companhia Metropolitana do Sistema Viário. Naquele momento, não havia nenhum carro no local. Em cima do prédio que ficava rente à pista oposta havia um outdoor enorme com a propaganda da Esso: um tigre sorridente segurando o bico da bomba de combustível.

— Lá existe uma escada para que os motoristas possam abandonar os carros e descer do viaduto em casos de incêndio ou terremoto. Mas, geralmente, são os operários que fazem a manutenção da via que costumam utilizá-la. Se você descer a escada, vai estar bem próxima da estação onde passa a linha Tokkyû. Pegando o metrô, estará em Shibuya num piscar de olhos.

— Eu não sabia que havia uma escada de emergência na via expressa — disse Aomame.

— Em geral, quase ninguém sabe.

— Mas... se eu usar a escada sem ser em caso de emergência, não vai dar problema?

O motorista fez uma pausa antes de responder.

— Será? Não conheço muito bem o regulamento dessas empresas públicas de trânsito, mas acho que eles fariam vista grossa; você não estaria prejudicando ninguém. E acho difícil ter alguém vigiando o local. Afinal, todo mundo sabe que, apesar de ser grande o contingente de funcionários, são poucos os que realmente trabalham.

— Como é essa escada?

— Bem, ela se parece com aquelas escadas de emergência utilizadas em casos de incêndio. Aquelas que se veem nos prédios antigos do lado de fora. Não é perigosa. A escada tem a altura de um prédio de dois andares e é relativamente fácil descer por ela. Logo na entrada há uma cerca, não muito alta, que não será difícil pular.

— O senhor já precisou usar essa escada?

Não houve resposta. O motorista apenas esboçava um sorriso que Aomame viu através do espelho retrovisor. Um sorriso que dava margem a inúmeras interpretações.

— A decisão é sua — disse o motorista, batendo as pontas dos dedos no volante, ao ritmo da música. — Se você quiser ficar sentada ouvindo tranquilamente música em um bom aparelho de som, por mim tudo bem. Nesse caso, só nos resta nos conformar, pois, seja como for, não iremos a lugar algum. Mas, se você tem um compromisso urgente, há de convir que *existe* uma alternativa, ainda que emergencial.

Aomame contraiu levemente o rosto, olhou o relógio de pulso e os carros ao redor. À direita havia uma Mitsubishi Pajero preta, coberta por uma fina camada de poeira esbranquiçada. No banco do acompanhante, um rapaz fumava um cigarro com a janela aberta, com

ares de entediado. Seus cabelos eram compridos, tinha a pele bronzeada e vestia uma jaqueta carmesim. No bagageiro havia várias pranchas de surfe usadas e sujas. Na frente desse carro havia um Saab 900 cinza. As janelas com películas estavam totalmente fechadas e, de fora, não se enxergavam as pessoas em seu interior. A carroceria estava tão polida que daria para ver seu rosto refletido nela.

Na frente do táxi em que Aomame estava, havia um Suzuki Alto vermelho, com a traseira levemente amassada e a placa de Nerima. Uma jovem mãe estava ao volante. A criança, aborrecida, andava sobre o banco de trás, de um lado para o outro. A mãe, parecendo irritada, chamava-lhe a atenção. Os movimentos labiais podiam ser lidos através dos vidros. O cenário era o mesmo de dez minutos atrás. Nesses dez minutos, os carros não tinham avançado sequer dez metros.

Aomame pensou um pouco. Organizou mentalmente suas prioridades e chegou a uma conclusão. Como se acompanhasse sua decisão, a música de Janáček passou ao último movimento.

Com as prioridades devidamente estabelecidas, Aomame tirou de sua bolsa os óculos de sol Ray-Ban e os colocou. Depois, pegou três notas de mil ienes da carteira e as entregou ao motorista:

— Vou descer aqui. Não posso me atrasar — disse ela.

O motorista concordou e, ao receber o dinheiro, perguntou:

— A senhora precisa de recibo?

— Não. Pode ficar com o troco — respondeu Aomame.

O motorista agradeceu:

— Muito obrigado. Ao descer as escadas, cuidado para não escorregar. O vento está forte.

— Tomarei cuidado — disse Aomame.

— E... — com o rosto voltado para o retrovisor, o motorista disse: — Nunca se esqueça de que as coisas não são o que aparentam ser.

“As coisas não são o que aparentam ser”, Aomame repetiu a frase mentalmente. Franzindo levemente as sobrancelhas, indagou:

— O que isso quer dizer?

O motorista respondeu escolhendo cuidadosamente as palavras:

— Convenhamos que isso que você vai fazer *não é algo comum*, não é verdade? Uma pessoa comum jamais desceria a escada de emergência de uma via expressa em plena luz do dia. Ainda mais sendo mulher.

— Tem razão — concordou Aomame.

— Quando se faz algo incomum, as cenas cotidianas se tornam... Digamos que se tornam ligeiramente diferentes do normal. Isso já aconteceu comigo. Mas não se deixe enganar

pelas aparências. A realidade é sempre única.

Aomame pensou no que o motorista lhe disse. Enquanto refletia, a música de Janáček chegava ao fim com uma acalorada e ininterrupta salva de palmas da plateia. A rádio transmitia a gravação ao vivo de um concerto. Por um longo tempo, aplausos reverberaram entusiásticos com intercalados gritos efusivos de “Bravo!”. Aomame imaginou o maestro sorrindo, curvando-se várias vezes diante de toda uma plateia em pé. Ele segue cumprimentando o primeiro violino com um aperto de mão para, em seguida, com os braços erguidos, aplaudir os demais membros da orquestra; e, por fim, voltar-se à plateia curvando-se demoradamente em reverência. Ao ouvir atentamente os aplausos durante um certo tempo, eles passaram a soar como uma ininterrupta tempestade de areia em Marte.

— A realidade é sempre única — reiterou o motorista, desta vez pausadamente, como que sublinhando algum trecho importante de um texto.

— Tem razão — concordou Aomame. Isso mesmo. Um objeto só pode estar num determinado espaço e num determinado tempo. Albert Einstein provou isso. A realidade é sempre objetiva e indubitavelmente única. Aomame apontou para o estéreo do carro e disse: — Muito bom esse seu som.

O motorista concordou e perguntou:

— Como era mesmo o nome do compositor?

— Janáček.

— Janáček — repetiu o motorista como se memorizasse uma senha importante para, em seguida, destravar a porta automática do banco de trás. — Tenha cuidado. Espero que consiga chegar a tempo.

Aomame desceu do carro segurando sua grande bolsa de couro e, no rádio, os aplausos continuavam ininterruptos. Ela caminhou cuidadosamente pelo canto da via expressa em direção à saída de emergência, uns dez metros à frente. Toda vez que um caminhão grande passava no outro lado da pista o chão parecia tremer debaixo de seus sapatos de salto alto. Tremor que na verdade mais parecia uma ondulação. Era como andar na superfície de um porta-aviões, sobre ondas enfurecidas.

Do banco do passageiro, a garotinha do Suzuki Alto vermelho, com o rosto para fora da janela, olhava boquiaberta para Aomame. Voltando-se para a mãe, perguntou: — Olha lá... O que aquela mulher está fazendo? Aonde ela vai? Também quero andar lá fora. Viu mãe, quero sair. Viu mãe... — a garotinha exigia e insistia aos berros para que a mãe a deixasse sair do carro. A mãe apenas se limitou a balançar a cabeça negativamente para, em seguida, lançar um rápido olhar de censura a Aomame. No entanto, esta foi a única voz e a única reação percebida naqueles arredores. Os demais motoristas apenas

fumavam e, como a observar algo ofuscante, acompanhavam, com as sobrancelhas levemente franzidas, os passos firmes de Aomame caminhando no vão entre os carros e a mureta. Eles pareciam ter suspenso temporariamente o exercício do raciocínio. Não era comum ver alguém andar pela via expressa com os carros parados. E assimilar essa cena inusitada no cotidiano era algo que levava um certo tempo para se aceitar como real. Ainda mais por se tratar de uma jovem de minissaia e salto alto.

Aomame caminhou com os passos firmes, a postura ereta, o queixo retraído, os olhos atentos à frente, sentindo na pele uma enxurrada de olhares sobre ela. Os saltos de seu Charles Jourdan castanho pisavam firmemente no pavimento ressoando batidas secas, e o vento se incumbia de agitar as abas de seu casaco. Era abril, mas os ventos ainda gelados traziam consigo um pressentimento hostil. Ela vestia um casaco de meia-estação bege sobre o conjunto de blazer e saia verde, de tecido fino de lã, da Junko Shimada, e carregava uma bolsa de alça de couro preta. Seus cabelos na altura do ombro tinham um belo corte e eram bem-cuidados. Não usava nenhum tipo de acessório ou algo parecido. Tinha um metro e sessenta e oito de altura, músculos firmes, nenhum excesso de gordura, mas essa parte do corpo o casaco não deixava revelar.

Ao observar atentamente o seu rosto, notava-se que o formato e o tamanho de sua orelha direita eram consideravelmente diferentes dos da esquerda. Além de a orelha esquerda ser bem maior que a direita, era também disforme. Normalmente ninguém notava essa diferença oculta pelos cabelos. Seus lábios, quando cerrados, desenhavam uma linha reta que lhe conferia um ar pouco expansivo. E o nariz pequeno e fino, as bochechas salientes, a testa larga, as sobrancelhas longas e retas reforçavam ainda mais esse tipo de personalidade antissocial. Seu rosto era mais para oval. Gostos à parte, ela podia ser considerada bonita. O único porém era a extrema inexpressividade de seu rosto. Seus lábios cerrados eram incapazes de esboçar um sorriso, a não ser em casos estritamente necessários. Seu olhar, como o de um exímio vigia de convés, era friamente indolente. E, sendo assim, seu rosto nunca causava uma boa impressão às pessoas. Nem sempre o que chama a atenção e atrai as pessoas é o fato de a fisionomia ser bela ou feia, mas a naturalidade e o refinamento com que a pessoa sabe se expressar.

A maioria das pessoas não conseguia gravar as feições de seu rosto. Bastava desviar os olhos dela para não serem mais capazes de descrevê-lo. Digamos que, apesar de seu rosto possuir características singulares, estas, por incrível que pareça, nunca eram memorizadas. Nesse sentido, ela era como um inseto que habilmente mimetiza o ambiente. E conseguir se camuflar, mudando de cor e de formato, e,

ainda, não chamar a atenção e ser uma pessoa difícil de ser lembrada era, de fato, o que Aomame mais desejava. Desde pequena, era o seu jeito de se proteger.

No entanto, quando algo a desagradava, o semblante até então apático sofria uma radical transformação. Notava-se uma drástica contração dos músculos faciais a destacar exageradamente a assimetria entre o lado direito e o esquerdo de seu rosto, um rosto que se deixava frisar por rugas bem acentuadas, olhos afundados, nariz e boca embrutecidos e tortos, queixo repuxado para um dos lados e lábios arreganhados, deixando à mostra dentes grandes e brancos. De uma hora para outra, como se a corda da máscara arrebentasse, ela se transformava em outra pessoa. Os que presenciavam essa mudança ficavam aterrorizados com tão pavorosa metamorfose. O medo que eles expressavam era como o de alguém que, para fugir de algo assustador, se vê impelido a pular num abismo profundo. Por isso, diante de desconhecidos, ela se policiava para não fechar a cara. As únicas ocasiões em que ela se deixava ficar desse jeito era quando estava sozinha ou precisava afugentar algum homem inconveniente.

Ao chegar no trecho de acostamento, Aomame olhou ao redor procurando a escada. Logo a encontrou. Assim como o motorista a precavera, logo na entrada havia um portão trancado e uma cerca de ferro da altura da cintura. Pular a cerca de minissaia era um pouco inconveniente, mas, desde que não se importasse com os olhares alheios, não era tão difícil. Sem titubear, tirou os sapatos e os guardou dentro da bolsa. Andar descalça certamente estragaria suas meias finas, mas isso era o de menos, depois poderia comprar outras.

As pessoas, em silêncio, observaram Aomame tirar os sapatos e, em seguida, o casaco. Da janela aberta de um Toyota Celica preto, parado bem à sua frente, a voz aguda de Michael Jackson soava como música de fundo: *Billie Jean*. Ela se imaginou num palco de striptease. “Tudo bem. Olhem à vontade. Vocês devem estar entediados com esse congestionamento, não é? Mas, senhoras e senhores, saibam que não vou tirar mais nada. Por hoje, somente os sapatos e o casaco. Sinto muito”, pensou.

Aomame colocou a bolsa a tiracolo para evitar que caísse. O novíssimo Toyota Crown Royal Saloon em que ela estivera momentos antes permanecia a uma certa distância. Com o reflexo da luz do entardecer, o para-brisa reluzia ofuscante como um espelho, impossibilitando-a de ver o rosto do motorista. No entanto, ela tinha certeza de que ele a observava.

Não se deixe enganar pelas aparências. A realidade é sempre única.

Aomame inspirou e expirou o ar profundamente. E, ao som de *Billie Jean*, pulou a cerca de ferro. A minissaia subiu quase até a

cintura. “E eu com isso”, pensou. “Se vocês querem ver, vejam à vontade. Isso não significa que conseguirão ver quem eu sou.” Além disso, suas belas pernas esguias eram a parte do seu corpo de que mais se orgulhava.

Assim que pulou a cerca, Aomame ajeitou a minissaia, bateu as mãos para limpar a poeira, vestiu novamente o casaco e ajeitou a bolsa. Por fim, apertou a ponte dos óculos de sol contra a base do nariz. A escada de emergência estava diante de seus olhos. Era de ferro e pintada de cinza. Uma escada que atendia às características de simplicidade, praticidade e funcionalidade. Não era uma escada apropriada para uma mulher descalça, de meia-calça fina e minissaia. Junko Shimada certamente não havia desenhado aquele conjunto de blazer e minissaia imaginando que seria usado nas escadas de emergência da Rota 3 de uma via expressa. Um caminhão de grande porte passou do outro lado da pista fazendo balançar a escada, e o vento assobiava ao passar por entre os vãos da armação de ferro. Enfim, a escada estava diante de seus olhos. Agora era só uma questão de descê-la.

Porém, antes de descer, Aomame virou-se para dar uma última olhada na interminável fila de carros — da esquerda para a direita e da direita para a esquerda — com a postura de quem acabou de proferir uma palestra e aguardava em pé, no palco, as perguntas da plateia. Os carros continuavam na mesma posição como que estacionados. As pessoas, confinadas ali e sem terem o que fazer, apenas a observavam, curiosas, possivelmente indagando o que aquela garota afinal estaria fazendo. Do outro lado da cerca, olhares que mesclavam curiosidade, desinteresse, inveja e desprezo convergiam em sua direção. Os sentimentos dessas pessoas oscilavam como uma balança instável, impossibilitados de pender para um único lado. Um silêncio pesaroso pairava no ar. Ninguém ergueu o braço para fazer perguntas (e, mesmo que alguém as fizesse, Aomame não tinha intenção de respondê-las). Elas aguardavam em silêncio uma oportunidade que jamais teriam. Aomame contraiu um pouco o queixo, mordeu o lábio inferior e, através das lentes verde-escuras dos óculos, lançou um rápido olhar ao redor. “Com certeza eles nem imaginam quem sou, para onde vou e o que pretendo fazer”, pensou ela, sem mover os lábios. “Vocês estão presos aqui, impossibilitados de ir para qualquer lugar. Não podem avançar nem sequer voltar atrás. Mas eu não. Tenho um trabalho a fazer. Uma missão a cumprir. Por isso, peço licença a todos para seguir em frente.”

Por fim, sua vontade era de fechar a cara para os que ali estavam, mas tentou controlar o ímpeto. Não tinha tempo a perder. E, uma vez de cara fechada, demorava muito para que voltasse ao normal.

Aomame ficou de costas para os espectadores silenciosos e, sentindo a rugosidade e a frieza do ferro na planta dos pés, começou a descer as escadas de emergência com passos cautelosos. Os ventos gelados do início de abril balançavam seus cabelos e, de vez em quando, deixavam à mostra sua orelha esquerda assimétrica.

2

Tengo

Uma ideia inusitada

A primeira lembrança de Tengo era de quando tinha um ano e meio de idade. Sua mãe tirava a blusa, soltava as alças da camisola branca, e um homem, que não era seu pai, chupava os bicos de seus seios. No berço, um bebê, que possivelmente era o próprio Tengo, observava a si mesmo como uma terceira pessoa. Ou seria aquele outro um irmão gêmeo? Não. Não era. O bebê do berço só poderia ser Tengo com um ano e meio. Ele sabia disso, ainda que intuitivamente. O bebê dormia com um leve ressonar. Essa era a primeira lembrança que Tengo tinha de sua vida. Uma cena de dez segundos nitidamente gravada na tela de sua consciência. Não havia antes nem depois. Era uma lembrança única e isolada, como um campanário que desponta das águas turvas após uma grande inundação na cidade.

Toda vez que surgia uma oportunidade, Tengo perguntava às pessoas com quem conversava qual era a primeira lembrança delas, e quantos anos tinham nessa época. A maioria respondia que tinha de quatro a cinco anos. Quando muito, três. Não encontrou ninguém que dissesse recordar de algo com menos idade. Dizem que somente a partir dos três anos é que uma criança consegue discernir uma situação que ela presencia. Antes, todas as cenas que passam diante de seus olhos são caóticas e incompreensíveis: o mundo é como uma papa de arroz, sem estrutura óssea, difícil de pegar. As cenas passam como que do lado de fora da janela, sem que a mente as registre.

Nesse sentido, era de supor que um bebê de um ano e meio fosse incapaz de entender a cena de um homem, que não era seu pai, chupando os seios de sua mãe. Isso era óbvio. Portanto, caso a lembrança fosse fidedigna, possivelmente era porque Tengo a gravara em suas retinas sem julgá-la, como a película de uma câmera que registra mecanicamente amálgamas de luz e sombras do objeto. E, na medida em que sua consciência foi se desenvolvendo, aquela cena, até então enquadrada e conservada, foi sendo submetida à análise e, gradativamente, sentidos foram-lhe sendo agregados. Mas... Será realmente possível? Será que o cérebro de um bebê realmente é capaz de registrar e guardar imagens como aquela?

Ou será que isso era apenas uma falsa lembrança? Uma invenção que sua consciência criou aleatoriamente, motivada por um suposto objetivo ou artimanha? Invenção da memória: uma possibilidade que Tengo considerou, e muito. Mas, por fim, concluiu que aquilo não era fruto de sua imaginação. A lembrança era intensamente nítida e de forte apelo persuasivo, longe de ser uma mera invenção. Nela havia luz, cheiro, palpitação... Tudo muito real, impossível que fosse falso. Mesmo porque, ao considerar a lembrança verdadeira, muitas coisas faziam sentido tanto no nível racional quanto no emocional.

Essa nítida imagem, de cerca de dez segundos, surgia de repente — sem se anunciar, sem aviso prévio, sem hesitação e sem bater na porta —, não importava onde Tengo estivesse: no trem, escrevendo equações na lousa, durante as refeições ou até mesmo conversando com alguém (como era o caso, agora). Ela surgia como um devastador e silencioso tsunami. Quando Tengo se dava conta, lá estava ela — bem diante dele —, provocando imediato formigamento em seus braços e pernas. Por instantes, o tempo parava. O ar se tornava rarefeito, dificultando a respiração. As pessoas e as coisas ao seu redor desvinculavam-se dele. Uma parede líquida tragava seu corpo. Mas, ainda que sentisse o mundo se fechar em breu, sua consciência não chegava a desfalecer. Era como mudar a posição das agulhas dos trilhos de uma linha férrea. Os sentidos ficavam parcialmente mais aguçados. Não sentia medo. Embora não conseguisse manter os olhos abertos. As pálpebras ficavam pesadamente cerradas. Os sons em seu entorno também soavam distantes. E essa imagem que lhe era tão habitual projetava-se inúmeras vezes em sua tela mental. Seu corpo começava a transpirar. Sob a camisa, sentia o suor brotar nas axilas. O corpo dava leves tremeliques. Os batimentos cardíacos aceleravam, provocando intensa palpitação.

Quando estava com alguém, Tengo fingia estar com vertigens. De fato, os sintomas eram semelhantes, e era só uma questão de tempo para seu estado voltar ao normal. Nessas ocasiões, ele tirava o lenço do bolso e, levando-o à boca, mantinha-se quieto. Para tranquilizar quem o acompanhava, costumava levantar a mão sinalizando que estava tudo bem. Às vezes, passava em trinta segundos; em outras, levava pouco mais de um minuto. Durante esse tempo, a mesma imagem se repetia várias e várias vezes de modo automático, como se a tecla de repetição do videocassete estivesse acionada: sua mãe soltava a alça da camisola e um homem chupava seus bicos empinados. Ela fechava os olhos e ofegava em longos suspiros. Um tênue cheiro nostálgico de leite materno pairava no ar. O olfato é o órgão mais desenvolvido do bebê. Ensinava-lhe muita coisa.

Em certas ocasiões o olfato é que lhe ensinava tudo. Não se ouvia nenhum som. O ar se transformava num líquido pastoso. A única coisa que parecia audível eram as suaves batidas de seu coração.

“Veja isso”, os dois lhe diziam. “Veja *somente* isso”, eles lhe diziam. “Você está aqui e não tem para onde ir”, diziam eles. Mensagem que se repetia várias e várias vezes.

Desta vez, o “ataque” demorou a passar. Tengo mantinha os olhos fechados e, como de costume, segurava o lenço sobre a boca mordendo-o com força. Ele não saberia dizer quanto tempo durou. O único jeito de sabê-lo era por meio da exaustão física que sentia após o ataque. Seu corpo estava muito fatigado. Era a primeira vez que sentia tamanha exaustão. Levou tempo até poder abrir novamente os olhos. Os sentidos queriam despertar o quanto antes, mas seus músculos e órgãos ofereciam resistência. Ele se sentia como um animal em hibernação que, confundindo a estação, despertara antes do previsto.

— Ei... Tengo! — alguém o chamava havia algum tempo. Era uma voz que parecia vir das profundezas de uma caverna. Foi quando se lembrou de que esse era o seu nome. — O que aconteceu? É aquilo de novo? Está tudo bem? — perguntava a voz. Desta vez, ela parecia mais próxima.

Tengo finalmente abriu os olhos e os fixou em sua mão direita, agarrada à borda da mesa. Certificou-se de que o mundo não havia se desintegrado e que ele continuava a ser ele mesmo. Ainda sentia uma certa dormência, mas, com certeza, aquilo que via era realmente a sua mão direita. Também sentiu cheiro de suor. Era um odor estranhamente selvagem, como aquele que sentimos em frente à jaula dos animais no zoológico. No entanto, não havia nenhuma dúvida de que o odor era seu.

Sentiu sede. Esticou o braço, pegou o copo sobre a mesa e tomou metade da água, cuidando para não derramá-la. Descansou um pouco para retomar a respiração e, em seguida, bebeu o restante da água. Foi recobrando a consciência e, gradativamente, reanimando os sentidos. Colocou o copo de volta na mesa e enxugou a boca com o lenço.

— Desculpe-me. Já estou melhor — disse Tengo. Em seguida, assegurou-se de que Komatsu era quem se sentava à sua frente. Os dois estavam conversando numa cafeteria nas adjacências da estação Shinjuku. As vozes ao redor voltaram a soar como de costume. Um casal sentado na mesa ao lado o olhava, indagando entre eles o que teria acontecido. A garçonete estava em pé, ao lado da mesa,

parecendo apreensiva. Possivelmente temerosa de que ele vomitasse no assento. Tengo ergueu o rosto e sorriu para ela, na tentativa de acalmá-la.

— Por acaso isso é algum tipo de ataque? — perguntou Komatsu.

— Não é nada grave. É como uma vertigem. Se bem que um pouco mais intensa... — explicou Tengo. Sua voz não soava como sua, mas já estava bem parecida.

— Se isso acontecer quando estiver dirigindo, é um perigo — disse Komatsu, olhando para Tengo.

— Eu não dirijo.

— É melhor. Um amigo meu, que é alérgico a pólen de cedros, começou a espirrar enquanto dirigia e acabou batendo no poste. Mas, no seu caso, não se trata de espirros. Na primeira vez que te vi assim, confesso que fiquei assustado, mas, como é a segunda vez, a gente já não se assusta tanto.

— Sinto muito.

Tengo pegou a xícara de café e tomou um gole. Não sentiu gosto de nada. Era como engolir um líquido morno.

— Quer que eu peça mais água? — perguntou Komatsu.

Tengo recusou:

— Não, não precisa. Já estou melhor.

Komatsu tirou do bolso do blazer um maço de Marlboro e acendeu um cigarro com os fósforos da cafeteria. Depois, lançou um rápido olhar ao seu relógio de pulso.

— O que é que estávamos conversando mesmo? — perguntou Tengo, numa tentativa de retomar o assunto.

— Hum... Do que é que estávamos falando? — disse Komatsu, olhando para o vazio enquanto tentava se lembrar. Ou talvez estivesse apenas fingindo tentar. Tengo não saberia dizer. Os gestos e a fala de Komatsu tinham uma certa dose de encenação. — Ah! Já sei. Falávamos sobre a garota chamada Fukaeri e da *Crisálida de ar*.

Tengo concordou, balançando afirmativamente a cabeça. Conversavam sobre Fukaeri e a *Crisálida de ar*. Tengo começara a falar disso com Komatsu quando, de repente, sofrera o “ataque” e tivera de interromper a conversa. Tengo tirou da maleta um calhamaço — uma cópia do texto — e deixou-o sobre a mesa. Em seguida, colocou as mãos sobre os papéis para sentir, através do toque, a certeza de que tudo estava ali.

— Como já te falei rapidamente pelo telefone, o principal mérito da *Crisálida de ar* é o fato de ela não imitar ninguém. E é muito raro na obra de uma novata não encontrar trechos com a pretensão de *querer ser como alguém* — disse Tengo, escolhendo cuidadosamente as palavras. — É claro que as frases estão mal-elaboradas e o vocabulário

é infantil. A começar pelo título, em que ela confunde *crisálida* e *casulo*. Se o intuito fosse o de apontar os defeitos, a lista seria enorme. Mas o fato é que essa história possui algo que nos encanta. O enredo em si é fantasioso, mas os detalhes são descritos de maneira extremamente objetiva. O equilíbrio entre fantasia e realidade é muito bom. Não sei se o termo mais adequado para isso seria originalidade ou fatalidade. Se você disser que o texto não é isso tudo, vou ter de concordar. Mas só sei que, quando li essa obra, ainda que com muita dificuldade, a minha reação foi a de um reticente silêncio. Um silêncio que provocava uma sensação estranhamente incômoda, eu diria até desagradável, um sentimento difícil de explicar.

Komatsu olhava em silêncio o rosto de Tengo, aguardando mais explicações. Tengo continuou:

— Eu não queria descartá-la simplesmente porque a redação é infantil. Nestes últimos anos, meu trabalho tem sido ler pilhas e mais pilhas de originais. Se bem que o certo seria admitir que eu os lia pulando trechos. Alguns eram bem-escritos, já outros nem valiam a pena serem lidos; e é claro que a maioria se enquadrava neste último caso. Mas, enfim, de tudo que pude ler até agora, a única obra que realmente me fez sentir algo foi a *Crisálida de ar*. E também foi a única que, após o término da leitura, senti vontade de reler desde o começo.

— Entendo... — Komatsu disse. Após soprar a fumaça do cigarro, calou-se, com uma expressão de total desinteresse. Mas, como não era de hoje que Tengo o conhecia, ele não se deixou enganar por essa atitude. Ele sabia que Komatsu era do tipo que, às vezes, expressava no rosto sentimentos opostos ao que sentia em seu íntimo. Ciente disso, Tengo aguardou pacientemente a iniciativa de Komatsu começar a falar.

— Eu também li — disse Komatsu, um tempo depois. — Assim que recebi seu telefonema, imediatamente resolvi ler o texto. Mas, cá entre nós, ele realmente é muito ruim. Além dos erros gramaticais, há frases em que simplesmente não dá para entender o que se está querendo dizer. Você não acha que, em vez de fazer romances, o melhor seria primeiro aprender a escrever, do zero?

— Mas mesmo assim você leu até o fim, não leu?

Komatsu sorriu. Um sorriso que pareceu tirar do fundo de uma gaveta pouco usada.

— Está certo. Você tem razão. Li até o fim. Eu mesmo me surpreendi, pois nunca fui de ler por inteiro essas obras inscritas para concorrer ao Prêmio Literário de Autor Revelação. Ainda por cima, me dei o trabalho de reler certos trechos. Nesse sentido, tenho que admitir que, apesar dos pesares, essa obra tem potencial.

— Significa que nela existe *algo*. Não é mesmo?

Komatsu deixou o cigarro apoiado no cinzeiro e coçou a borda

do nariz com o dedo médio da mão direita. A pergunta de Tengo, porém, ficou sem resposta.

— Essa menina tem apenas dezessete anos e ainda está no colegial. O que ela precisa é apenas ler mais romances e praticar exercícios de redação. Reconheço que será difícil essa obra ganhar o concurso, mas, sinceramente, acho que vale a pena passá-la para a fase final. Você tem esse poder de decisão, não tem? Se assim o fizer, ela com certeza deve vencer numa outra vez — disse Tengo.

— Hum... — Komatsu limitou-se a soltar uma interjeição e, entediado, bocejou. Em seguida, pegou o copo e tomou um gole de água. — Pense nisso, Tengo. Imagine só se um texto tão malfeito como esse for selecionado para a fase final. Os professores da comissão julgadora vão cair para trás. E, com razão, vão xingar você. Se bem que, para começar, eles nem vão ler até o fim. Os quatro membros da comissão julgadora são escritores. Todos muito ocupados. Eles vão apenas passar os olhos nas duas primeiras páginas e imediatamente descartar o texto. Vão pensar que é uma redação de algum aluno do ginásio. Você acha que, se eu tentar persuadi-los dizendo que nessa obra existe um diamante que só precisa ser lapidado, alguém vai me dar ouvidos? Se a minha opinião vale alguma coisa, prefiro que ela seja usada para indicar alguém que seja realmente promissor.

— Então quer dizer que a gente deveria simplesmente tirá-la do páreo?

— Eu não disse isso — respondeu Komatsu, coçando a borda do nariz. — Em relação a essa obra eu tenho uma ideia um pouco inusitada.

— Uma ideia inusitada? — repetiu Tengo. Essas palavras lhe soaram vagamente agourentas.

— Você me pediu para aguardar com expectativa a próxima obra — disse Komatsu. — É claro que eu gostaria de ter essa expectativa. Não há nada mais gratificante para um editor do que criar com carinho um jovem escritor dando-lhe tempo. É emocionante ser o primeiro a descobrir uma estrela nova numa noite de céu límpido. Mas, sinceramente, acho difícil essa garota ter uma segunda chance. Vivo nesse mundo literário há vinte anos. Vi muitos escritores surgindo e desaparecendo. Por isso, posso dizer que aprendi a discernir aqueles que vão vingar daqueles que não. Eu diria que essa garota não terá uma próxima vez. Sinto muito dizer isso, mas não vai ter a próxima nem a próxima da próxima. Para começar, não é uma questão de tempo e estudo o que irá melhorar o texto. Por mais que se espere, a espera será em vão. Sabe por quê? Porque essa pessoa não tem nenhuma gota de *vontade* de escrever um texto bom, um texto benfeito. Só há duas maneiras de uma pessoa escrever bem: ou ela já nasce com esse talento literário ou ela precisa se empenhar, e muito,

para conseguir aprimorar a redação. E essa garota chamada Fukaeri não se enquadra em nenhuma dessas possibilidades. Como você mesmo deve ter notado, ela não tem vocação e, pelo visto, não tem também vontade de se esforçar para tal. Não sei te dizer o porquê disso. Mas me parece que ela não tem nenhum interesse pela escrita. Só que uma coisa é certa: vontade de contar uma história ela tem. E essa vontade é extremamente forte. Isso eu tenho que reconhecer. E foi essa vontade, expressa de forma espontânea, que te fisgou e igualmente me fez ler a história até o fim. De certa forma, é realmente admirável. Mas, apesar disso, como escritora, ela não tem futuro. As chances de vingar como escritora são praticamente nulas. Sei que estou te decepcionando, mas essa é a minha opinião.

Tengo pensou no que acabara de ouvir. Precisava admitir que de alguma forma Komatsu tinha razão. Afinal, era a intuição de um editor.

— Mas não seria nada mau dar uma chance a ela, não acha? — perguntou Tengo.

— Você quer dizer, jogá-la na água para ver se ela nada ou afunda?

— Simplificando, é isso.

— Até hoje, fui responsável pela morte literária de muita gente. Não quero ver mais gente se afogando.

— E a minha situação?

— Você pelo menos está se esforçando — disse Komatsu, escolhendo as palavras. — Para mim, é uma qualidade. Você tem uma postura extremamente humilde em relação ao ato de escrever. Sabe por quê? Porque você gosta de escrever. Isso também é algo que valorizo em você. Gostar de escrever é muito importante para quem quer se tornar um escritor, sabia?

— Mas isso não é tudo.

— É claro que não é tudo. É preciso ter “algo especial”. Eu sou da opinião de que uma obra precisa, no mínimo, ter algo de imprevisível. O que mais valorizo, especialmente num romance, são essas coisas que eu não consigo prever. Quando leio algo que facilmente consigo desvendar, perco totalmente o interesse. Parece óbvio, não parece? Nada mais natural.

Após manter-se em silêncio por um bom tempo, Tengo perguntou:

— Nesse texto da Fukaeri, você encontrou algo que possa chamar de imprevisível?

— Ah, com certeza. Essa garota possui algo muito especial. Não sei exatamente o que é, mas ela tem. Disso eu tenho certeza. Não só eu, mas você também. É tão óbvio que qualquer um consegue ver. É como ver a fumaça de uma fogueira numa tarde sem vento. Mas,

quer saber? O que essa garota possui é algo que ela não consegue carregar sozinha.

— Se a jogarmos na água, não vai conseguir vir à tona.

— Isso mesmo — respondeu Komatsu.

— E é por isso que você não vai deixá-la para a seleção final.

— Aí é que está... — disse Komatsu, para em seguida entortar levemente a boca e cruzar as mãos sobre a mesa. — Agora chegou o momento de eu escolher cuidadosamente as palavras...

Tengo pegou a xícara de café e, após olhar o conteúdo que ainda restava nela, recolocou-a sobre a mesa. Komatsu continuava quieto. Tengo resolveu quebrar o silêncio:

— Aquilo de você dizer que tem *uma ideia um pouco inusitada* se encaixa aqui, não é?

Komatsu esboçou um sorriso e concordou, balançando lentamente a cabeça, como um professor que se sente satisfeito em ter à frente um aluno exemplar:

— É isso mesmo.

Komatsu era um tipo de homem difícil de entender. Era uma pessoa impenetrável, que não revelava, no rosto ou no tom de voz, o que realmente pensava ou sentia. E ele próprio parecia se divertir com esse seu jeito de envolver as pessoas numa nuvem de fumaça. Tinha um raciocínio rápido. Decidia tudo a sua maneira, sem se importar com a opinião alheia. Evitava exibicionismos desnecessários, embora fosse um homem de muitas leituras e dono de um vasto e minucioso conhecimento sobre várias áreas do saber. Além de todo esse conhecimento, tinha intuição e olho clínico para revelar pessoas e obras literárias. Havia, decerto, uma dose de preconceito em suas avaliações, mas, segundo ele, o preconceito era um elemento importante para se apurar a verdade.

Era um homem de poucas palavras e não gostava de dar muitas explicações, mas, quando necessário, expressava sua opinião de modo racional e inteligente. Se a situação exigisse, tornava-se uma pessoa contundente. Conseguia descobrir o ponto fraco de cada um e, em questão de segundos, colocava o dedo na ferida usando poucas palavras. Tanto em relação às pessoas quanto às obras, o que realmente pesava era a sua opinião pessoal e, nesse sentido, a quantidade de pessoas e obras rejeitadas era muito maior do que as que costumava aprovar. É claro que muitos não simpatizavam com ele. Isso era, no entanto, algo que ele próprio desejava. Do ponto de vista de Tengo, Komatsu era um homem que gostava de se isolar, e que se divertia com o fato de as pessoas o evitarem ou mesmo o odiarem abertamente. Ele partia do princípio de que, num ambiente

agradável, não era possível desenvolver um espírito aguçado.

Komatsu era dezesseis anos mais velho que Tengo; estava para completar quarenta e cinco anos. Construíra sua carreira como editor de revista literária e, além de ser muito conhecido em seu meio, era também considerado muito talentoso; mas, de sua vida pessoal, ninguém sabia absolutamente nada. Ele jamais comentava assuntos pessoais com os colegas de trabalho. Portanto, Tengo não sabia nada sobre ele: onde nascera, onde crescera nem onde morava atualmente. A conversa podia se estender por horas, mas jamais se tocava nesse assunto. O que deixava as pessoas intrigadas era que — apesar de Komatsu causar uma má impressão à primeira vista, de não criar vínculos de amizade e, ainda por cima, assumir uma postura de desprezo em relação aos círculos literários — ele sempre arranjava algum texto original ou, se necessário, conseguia obras de escritores famosos. E não foram poucas as vezes em que a revista só conseguiu alcançar notoriedade graças a ele. Diante disso, independentemente de as pessoas o detestarem, ele continuava sendo respeitado.

Havia boatos de que, quando Komatsu era estudante da Faculdade de Literatura da Universidade de Tóquio, durante a década de sessenta, ele teria sido um dos líderes do movimento estudantil que lutara contra o Tratado de Segurança que o Japão negociava com os Estados Unidos. Comentavam também que, durante a manifestação, quando Michiko Kamba foi morta pela força policial, Komatsu, que estava por perto, também sofreu ferimentos, ainda que leves. Tengo não sabia se isso era verdade, mas, de certa forma, os boatos pareciam procedentes. Komatsu era alto, magro, tinha uma boca exageradamente grande, em contraste com o nariz extremamente pequeno. Seus braços e suas pernas eram compridos, e as pontas dos dedos eram manchadas de nicotina. Sua aparência lembrava os revolucionários decadentes, típicos dos romances russos do século XIX. Dificilmente ria, mas, quando dava risada, todo o seu rosto parecia sorrir. Mas nem por isso parecia feliz. A sua risada lembrava a de um velho feiticeiro, prestes a revelar uma profecia funesta. Era asseado e se vestia bem, mas suas roupas eram todas muito parecidas, como se dissesse ao mundo que não se importava com o vestuário: blazer de tecido de lã axadrezado, camisa polo verde-clara ou camisa branca de algodão Oxford, sem gravata, calça cinza e sapato de camurça; isso era uma espécie de uniforme para ele. Dava até para imaginar a meia dúzia de blazers de três botões com pequenas variações de cor, tecido e padronagem, todos bem escovados e pendurados no closet de sua casa. E não seria de admirar se, para distingui-los, eles fossem devidamente numerados.

Os fios de cabelo eram duros como arame e começavam a ficar grisalhos no alto da cabeça. Seus cabelos emaranhados cobriam suas

orelhas e era interessante notar que ele sempre os mantinha no mesmo comprimento: de quem deveria ter ido ao barbeiro na semana passada. Tengo não sabia como isso era possível. De vez em quando, os olhos de Komatsu brilhavam intensamente, como estrelas reluzentes no céu de inverno. E, se por algum motivo se calava, mantinha-se em silêncio como uma rocha no lado escuro da lua. A sua inexpressividade era tanta que dava a impressão de que perdera totalmente o calor corporal.

Tengo conhecera Komatsu cerca de cinco anos atrás. Foi quando participara e fora escolhido para a fase final de um concurso literário promovido pela revista da qual Komatsu era editor. Komatsu telefonou-lhe dizendo que queria conversar. Os dois marcaram um encontro num café de Shinjuku (o mesmo em que eles estavam agora). Naquela ocasião, Komatsu comentara que seria difícil ele ganhar o concurso (e, realmente, não ganhou), mas disse também que tinha gostado muito da obra. E adicionara:

— Não quero me gabar, mas saiba que não é sempre que digo isso para alguém. — Naquela época Tengo não sabia, mas depois descobriu que, de fato, era verdade. — Por isso, quando você terminar de escrever a próxima obra, prometa que serei o primeiro a ler — disse Komatsu. Tengo respondeu que o faria.

Komatsu quis conhecer melhor quem era Tengo. Que tipo de educação tivera e onde trabalhava. Tengo procurou ser sincero em suas respostas. Disse que tinha nascido e crescido na cidade de Ichikawa, província de Chiba. Que a mãe morrera de uma doença pouco depois de ele nascer, ou pelo menos foi o que seu pai lhe dissera. Não tinha irmãos. O pai não se casou de novo e o criou sozinho. Ele era cobrador da emissora NHK, mas atualmente estava internado numa casa de saúde localizada na região sul de Chiba, na península de Bôsô, diagnosticado com mal de Alzheimer. Tengo se formara na Universidade de Tsukuba, num curso de nome ligeiramente estranho: “Especialização em Ciências Naturais e Matemática.” Era professor de matemática numa escola preparatória de Yoyogi e escrevia romances. Ao se formar tinha a opção de lecionar numa escola secundária de sua província, mas preferiu dar aulas no cursinho, pela flexibilidade de horário. Ele morava sozinho numa quitinete no bairro de Kôenji.

Ele próprio ainda não tinha certeza se realmente queria se tornar um escritor profissional. Também não sabia se tinha vocação para tanto. A única certeza era de que não conseguia ficar um dia sequer sem escrever. Escrever era como respirar. Komatsu escutava em silêncio o que Tengo dizia, sem interrompê-lo.

Não se sabe o motivo, mas Komatsu parecia ter simpatizado com Tengo. Tengo era grande e robusto (do ginásio à faculdade,

sempre fora o atleta principal do time de judô), e tinha olhos de um agricultor que acorda cedo. O cabelo curtinho, a pele bronzeada e as orelhas arredondadas e amassadas como couve-flor não condiziam com a imagem de um jovem entusiasta da literatura, muito menos com a de um professor de matemática. Esse poderia ser um dos motivos de Komatsu ter gostado dele. Toda vez que Tengo escrevia algo novo, ele levava o texto para Komatsu. Ele o lia e tecia comentários. Tengo revisava o texto, levando em consideração seus conselhos. Terminada a revisão, Tengo novamente levava o texto para Komatsu. E este, mais uma vez, dava instruções. Era como um treinador que levanta o nível da barra gradativamente. Certo dia, Komatsu comentou:

— No seu caso, pode ser que demore um pouco. Mas não é preciso ter pressa. Continue escrevendo diariamente com essa mesma determinação. Não jogue nada fora, guarde tudo o que escreveu, pois mais pra frente poderá ser útil. — E Tengo respondia que faria isso.

Komatsu passava alguns textos curtos para Tengo redigir. Textos sem assinatura para uma revista feminina publicada pela editora em que Komatsu trabalhava. Eram textos variados: respostas do editor, pequenos artigos comentando filmes, lançamentos de livros e até mesmo a elaboração do horóscopo. Suas previsões, escritas conforme lhe vinham à cabeça, conquistaram a fama de serem certas. Um dia, ao escrever “Cuidado, esta manhã ocorrerá um terremoto”, realmente naquela manhã ocorrera um grande terremoto. Esse tipo de trabalho esporádico era gratificante, pois, além de proporcionar um rendimento extra, dava-lhe a oportunidade de treinar a escrita. E o fato de ver os seus textos — independentemente do formato — impressos e dispostos nas prateleiras das livrarias o deixava contente.

Um tempo depois, Tengo passou a avaliar as obras inscritas no prêmio literário de autor revelação promovido pela revista. E, a despeito de ele próprio estar em condições de se candidatar ao prêmio, conseguia ler as obras dos demais candidatos de modo imparcial, sem se importar com sua situação inusitada. De tanto ler inúmeras obras ruins descobriu, na prática, o que se considerava uma obra ruim. A cada concurso lia cerca de cem títulos e, após selecionar os dez melhores, indicava-os a Komatsu com os devidos comentários numa folha anexa. Dentre essas dez obras selecionadas, cinco iam para a fase final e, por fim, a comissão julgadora, composta de quatro membros, escolhia o vencedor.

Além de Tengo havia outras pessoas igualmente contratadas como temporários para ler as obras inscritas e, além de Komatsu, havia também outros editores envolvidos na pré-seleção. Com isso, esperava-se ganhar em imparcialidade, mas os esforços não eram

realmente necessários. As obras promissoras eram, quando muito, na ordem de duas ou três, independentemente da quantidade de inscritos, e estas normalmente não passavam despercebidas por quem as lesse. Tengo fora selecionado para a fase final três vezes. Logicamente, ele não escolhia a sua própria obra, mas os outros dois encarregados da primeira leitura e o próprio Komatsu, chefe do departamento editorial, eram os que se incumbiam de selecioná-lo. E, apesar de elas nunca terem sido premiadas, Tengo não ficava desapontado: em sua mente estavam gravadas as palavras de Komatsu, de que era “apenas uma questão de tempo”, e ele próprio não tinha o desejo premente de se tornar escritor.

Se Tengo programasse bem as aulas do curso, sobravam quatro dias livres por semana para fazer o que bem entendesse. Ele lecionava nessa escola havia sete anos e, entre os alunos, a sua reputação era muito boa. Suas aulas eram essencialmente centradas no assunto principal, e costumava tirar todas as dúvidas rapidamente, sem rodeios. O que o deixou realmente surpreso foi descobrir que tinha talento para se comunicar. Sabia explicar bem, sua voz era agradável e suas piadas animavam a sala. Antes de começar a lecionar, ele achava que não levava jeito para falar em público. E mesmo hoje, ao conversar com alguém, costumava ficar nervoso e, não raro, tinha dificuldade de encontrar as palavras. Em grupos menores, ele sempre acabava assumindo o papel de ouvinte. No entanto, quando estava na sala de aula, em pé, diante de um grande número de pessoas, sua mente se desanuviava e ele desandava a falar sem nenhuma dificuldade. “O ser humano é mesmo imprevisível”, ele pensava com seus botões.

Tengo não tinha queixas quanto ao salário. Não que ele ganhasse muito, mas a escola remunerava de acordo com a competência do professor. Periodicamente, a escola fazia uma avaliação com os alunos e, no caso de o professor ser bem-cotado, o salário também se tornava maior. A escola temia perder um professor excelente para algum concorrente (e, de fato, um *headhunter* já o havia procurado). Nas escolas comuns as coisas não corriam da mesma forma. Além de o salário ser escalonado por tempo de serviço, a vida pessoal do professor também era monitorada pelos supervisores, e itens como capacidade e popularidade não tinham nenhum valor. Tengo gostava de trabalhar na escola preparatória. A maioria dos estudantes que a frequentavam estava consciente e focada em passar no vestibular e, por isso, ela assistia atentamente às lições. A única coisa que o professor precisava fazer era dar aulas. Isso era uma bênção para Tengo, uma vez que não precisava esquentar a cabeça com alunos que se comportavam mal nem com as infrações aos regulamentos da escola. Nesse sentido, bastava ele dar as aulas e

ensiná-los a solucionar os problemas de matemática. E o conceito básico da matemática pura era um assunto que Tengo dominava e sabia ensinar com maestria.

Quando estava em casa, acordava cedo e escrevia até o entardecer. Uma caneta-tinteiro Montblanc, um frasco de tinta azul e folhas pautadas para quatrocentos caracteres era tudo de que Tengo precisava para se sentir satisfeito. Uma vez por semana, sua namorada, uma mulher casada, passava a tarde com ele no apartamento. Fazer sexo com uma mulher casada, dez anos mais velha, era perfeito, uma vez que não precisava assumir um compromisso sério. Ao entardecer saía para uma longa caminhada e, à noite, costumava ficar sozinho lendo um livro e ouvindo música. Não via televisão. Quando algum cobrador da NHK aparecia em sua porta, ele informava educadamente que não tinha aparelho de TV. “Realmente, não tenho. Se quiser, entre e verifique com seus próprios olhos”, convidava Tengo. Porém, os funcionários nunca o faziam, pois não eram autorizados a entrar nas casas.

— Estou pensando em algo muito maior — disse Komatsu.

— Maior?

— Isso mesmo. Em vez de pensar num prêmio pequeno como o de autor revelação, vamos almejar algo bem maior.

Tengo manteve-se em silêncio. Apesar de desconhecer as intenções de Komatsu, sentiu certa inquietude.

— Estou falando do prêmio Akutagawa — disse Komatsu um tempo depois.

— Prêmio Akutagawa? — Tengo repetiu, como se estivesse escrevendo as palavras na areia úmida com um bastão seco.

— Prêmio Akutagawa. Até uma pessoa desligada como você já deve ter ouvido falar nele, não é? Vive saindo nas manchetes dos jornais e nos noticiários da TV.

— Não sei se estou entendendo direito, mas por acaso estamos falando da Fukaeri?

— É claro que estamos. Estamos falando da Fukaeri e da *Crisálida de ar*. Pelo que eu saiba, é disso que estamos falando...

Tengo mordia os lábios enquanto tentava entender a lógica por trás daquilo.

— Mas, até agora, falávamos que o livro jamais conseguiria ganhar o prêmio de autor revelação. E que, do jeito que está, não havia nenhuma chance, não é?

— Isso mesmo. Do jeito que está não há nenhuma chance. Isso é mais que óbvio.

Tengo precisou de um tempo para pensar.

— Espera um pouco, deixa ver se estou entendendo... Você está querendo dizer que pretende corrigir o texto original? — indagou Tengo.

— Não vejo outra saída. Quando uma obra é promissora, é comum que o editor peça para o candidato refazer o texto. Não é tão estranho quanto parece. Porém, neste caso, não é o próprio autor que fará isso, mas outra pessoa.

— Outra pessoa? — indagou Tengo, presumindo a resposta antes mesmo de formulá-la. Mesmo assim, achou melhor esperar.

— Você é que vai refazer o texto — respondeu Komatsu.

Tengo tentou encontrar palavras adequadas, sem sucesso. E, após suspirar, disse:

— Mas nesse caso não se trata apenas de revisão. É preciso reescrevê-lo todo, do começo ao fim, para que o livro fique coeso, não acha?

— Com certeza é preciso refazer tudo, de cabo a rabo, mas a estrutura da história deverá ser mantida. E, na medida do possível, também se deve manter o estilo da narrativa. Praticamente todas as frases terão de ser substituídas. Seria como uma adaptação de uma versão original. Você ficará encarregado de reescrevê-la enquanto eu me encarrego da produção como um todo.

“Será que vai dar certo?”, indagou Tengo consigo mesmo.

— Pois então... — Komatsu pegou a colher de café e, como um maestro pega a batuta para reger os solistas, direcionou a colher na direção de Tengo. — Essa garota Fukaeri possui algo de especial. Basta ler a *Crisálida de ar* para perceber. É impressionante a capacidade que ela tem de imaginação. Mas, infelizmente, o texto dela não é bom. Aliás, é extremamente ruim. Você, por outro lado, escreve bem. Sabe tecer muito bem o enredo e tem bom senso. Seu texto, apesar de extenso, é permeado de frases inteligentes, delicadas, e possui uma certa dose de vitalidade. Mas, ao contrário da nossa Fukaeri-chan, você ainda não descobriu o que realmente quer escrever. É por isso que às vezes é impossível captar a essência de suas histórias. O que você precisa escrever certamente está guardado dentro de você. E está difícil de sair, por estar escondido nas profundezas de uma caverna, como um animalzinho amedrontado. Está acuado. Enquanto ele não sair, não há como capturá-lo. Quando eu digo que é só uma questão de tempo, é a isso que me refiro.

Tengo mudou de posição, movendo desengonçadamente o corpo sobre a cadeira de vinil. Manteve-se em silêncio.

— A questão é simples — continuou Komatsu, balançando a colher de café com breves movimentos de um lado para outro. — Basta juntar vocês dois e criar um novo escritor. Você vai redigir um texto decente para a história mal-escrita de Fukaeri. Uma combinação

perfeita. E você é perfeitamente capaz de fazê-lo. Eu sempre te dei o meu apoio pessoal, não dei? De resto, deixe tudo por minha conta. Se unirmos nossas forças, o prêmio literário de autor revelação é peixe pequeno. Podemos almejar, isso sim, o prêmio Akutagawa. Aprendi uma ou outra coisa nesse meio ao longo dos anos. Sei exatamente como devo agir nos bastidores.

Com a boca entreaberta, Tengo observava Komatsu, que em seguida pousou a colher no pires, e o barulho repercutiu exageradamente alto.

— Se por acaso ganharmos o prêmio Akutagawa, como é que fica depois? — perguntou Tengo após recuperar-se do susto.

— Ganhar o prêmio Akutagawa terá grande repercussão. A maior parte das pessoas é incapaz de discernir se uma obra é boa ou não, mas elas não vão querer ficar para trás. Por isso, se um livro premiado tiver repercussão, elas vão comprar e ler. Se a autora é uma autêntica garota do colegial, aí é que as pessoas vão comprar mesmo. Se comprarem o livro, ganharemos um bom dinheiro. Quanto aos lucros, dividimos por três, está bem? Mas quanto à partilha não se preocupe, eu me encarrego disso.

— Isso de repartir o dinheiro é o de menos — disse Tengo num tom de voz um tanto seco. — O fato de você, um editor, fazer esse tipo de coisa, isso não seria antiético? Se vier à tona, estaremos encrencados. Você não poderá continuar na empresa, não é?

— Não vão conseguir descobrir tão fácil. Saberei conduzir isso discretamente, com o máximo de cautela. Caso descubram, terei o maior prazer em deixar o cargo. A minha imagem perante os superiores nunca foi das melhores e já tive de engolir muito sapo. Se a questão é emprego, isso eu arranjo num piscar de olhos. Saiba que não estou fazendo isso pelo dinheiro. O que eu realmente quero é ridicularizar esses círculos literários. Quero rir dessa gente que, como vermes, se metem nos porões mal-iluminados e que, enquanto se elogiam, lambem as feridas e puxam o tapete um do outro, ficam aí dizendo bravatas de que a missão da literatura é isso e aquilo. Quero mexer nos bastidores desse sistema, expor essa babaquice. Não é divertido?

Tengo não achou nenhuma graça naquilo. Para começar, ele nunca tinha visto esse tal mundo dos círculos literários. E, por alguns instantes, emudeceu diante da constatação de que um homem da competência de Komatsu fosse capaz — motivado por tamanha cianice — de se meter numa façanha tão perigosa.

— Para mim, o que você acabou de dizer soa como um tipo de fraude.

— Fazer trabalhos em coautoria não é nenhuma novidade — disse Komatsu, franzindo a testa, num gesto de contrariedade. —

Metade dessas revistas em quadrinhos faz isso. A equipe dá as ideias e escreve as histórias, o desenhista faz um esboço a lápis e, em seguida, o assistente desenha os detalhes e os pinta. É como essas fábricas de relógio espalhadas por aí. No mundo dos romances, também temos exemplos desse tipo. É o caso desses romances água com açúcar. Muitos deles são feitos por autores contratados pela editora para escrever histórias que seguem um know-how previamente estabelecido pelos editores. Ou seja, é um sistema de divisão de trabalho. É assim que conseguem alimentar a produção em massa. Mas o fato é que, no mundo petrificado da literatura pura, não se aceita abertamente esse tipo de sistema. É por isso que, na prática, a estratégia é apresentar publicamente apenas a garota chamada Fukaeri. Se nos desmascaramos, logicamente será um escândalo, mas eles não poderão nos enquadrar como infratores da lei. Afinal, hoje em dia, isso é muito comum. Ainda que não estejamos falando de um Balzac ou de uma Murasaki Shikibu. Veja bem, estamos falando de uma garota do colegial que escreveu um texto cheio de problemas e que, com a nossa ajuda, foi melhorado e se tornou uma obra digna de ser lida. O que há de errado nisso? Se a obra for de boa qualidade e, ainda por cima, conseguir proporcionar alegria a muitas pessoas, não está bom?

Tengo pensou no que Komatsu havia acabado de dizer. Foi cauteloso na escolha das palavras.

— Há dois problemas. Certamente, deve ter muitos outros, mas agora vou me restringir a apenas dois. O primeiro é se a autora, essa garota chamada Fukaeri, vai concordar que um estranho mexa em seu texto. Se ela disser “não”, essa conversa logicamente vai acabar. O segundo problema é que, mesmo ela aceitando, não sei se eu seria capaz de refazer o texto de modo satisfatório. É muito delicado trabalhar em conjunto e não sei se as coisas vão se encaminhar assim tão facilmente como você pensa.

— Você consegue — Komatsu respondeu prontamente, como se houvesse previsto a fala de Tengo. — Não há dúvidas de que você vai conseguir. Quando eu li *Crisálida de ar* pela primeira vez, logo tive a certeza de que *Tengo é quem deve reescrever isto*. Em outras palavras, acho que essa história é perfeita para você. É uma história que está à sua espera para ser reescrita. Você não acha?

Tengo apenas se limitou a balançar afirmativamente a cabeça. Faltavam-lhe as palavras.

— Não precisa se afobar — disse Komatsu, com a voz serena. — É um assunto importante. Pense com calma durante dois, três dias. Leia novamente a *Crisálida de ar* e avalie minha proposta com carinho. Ah, e preciso te entregar isto.

Komatsu tirou do bolso do blazer um envelope marrom e o entregou para Tengo. Nele havia duas fotos coloridas de tamanho

padrão. Eram fotos de uma jovem. Um retrato do rosto até a altura do peito e um instantâneo de corpo inteiro. Ambas pareciam ter sido tiradas no mesmo dia. Ela estava de pé em frente a uma escada. Uma escada de pedra, de amplos degraus. Rosto bonito, de feições clássicas, cabelos compridos de corte reto. Blusa branca. Seu corpo era miúdo e esguio. Os lábios se esforçavam para abrir um sorriso, mas os olhos pareciam resistir. Um olhar sério. Olhar de quem busca algo. Tengo observou as duas fotos alternadamente. E, enquanto as observava, algo de inexplicável o fez se lembrar de quando tinha a mesma idade. Sentiu um aperto no coração. Um tipo especial de dor, que não sentia havia muito tempo. Algo naquela garota parecia provocar-lhe esse tipo de dor.

Komatsu quebrou o silêncio:

— Esta é Fukaeri. Até que ela é bem bonita, não acha? Tem um porte elegante. Dezessete anos. É perfeita. Ela se chama Eriko Fukada, mas seu nome verdadeiro não será divulgado. Para todos os fins, seu nome será “Fukaeri”. Você não acha que se ela ganhar o prêmio Akutagawa vai dar o que falar? A imprensa vai ficar em cima dela como um bando de morcegos. As vendas do livro vão disparar.

Como será que Komatsu conseguiu essas fotos? Tengo estranhou. Normalmente, os textos não vinham acompanhados de fotos. Mas achou melhor não tocar no assunto. Em parte porque a resposta — que ele não tinha nenhuma ideia de qual seria — não era importante.

— Pode ficar com as fotos. Quem sabe te sirva para alguma coisa — disse Komatsu. Tengo as guardou no envelope e o pousou sobre o texto.

— Sabe, Komatsu, eu praticamente não conheço nada sobre as circunstâncias que envolvem o mundo literário, mas o bom senso me diz que esse plano é muito arriscado. Uma vez que se mente para a sociedade, há de se sustentar essa mentira para sempre. É preciso manter a coerência. Tanto no emocional quanto na prática, não é algo assim tão fácil. Basta um de nós cometer um deslize, por menor que seja, para que todos entremos pelo cano. Você não concorda?

Komatsu pegou mais um cigarro e o acendeu. Depois disse:

— Você tem toda a razão. O que você diz está correto. Realmente, é um plano arriscado. No momento, as incertezas são muitas. É imprevisível o que pode acontecer. As coisas podem dar errado e deixar mágoas. Estou ciente disso. Mas saiba que, mesmo levando em consideração todos os fatores de risco, o meu instinto me diz para “levar adiante” este plano. É uma chance que jamais teremos de novo. Até hoje, nunca me deparei com uma oportunidade dessas. Não haverá uma segunda chance. Sei que isso de apostar não é correto, mas já temos as cédulas. Temos também muitas fichas. E

várias condições se encaixam. Se perdermos essa oportunidade, certamente nos arrependemos, e muito.

Tengo apenas se limitou a observar, em silêncio, um sorriso sinistro que se esboçou no rosto de Komatsu.

— E o que realmente importa é que nós vamos refazer a *Crisálida de ar* e transformá-la numa grande obra. É uma história que precisa e *deve ser* bem-escrita. Há alguma coisa nela de muito importante. *Algo* que alguém precisa habilmente extrair. No fundo, você também sabe muito bem disso, não sabe? É para isso que vamos unir nossas forças. Temos um projeto e cada um contribui com a sua capacidade. O objetivo é fazer com que o texto possa ser enviado para qualquer lugar, sem a preocupação de ser vergonhoso apresentá-lo às pessoas.

— Por mais que o fato de estarmos fazendo isso por uma boa causa seja uma justificativa você há de convir que se trata de uma fraude. Se o objetivo é o de entregarmos a obra bem-escrita, na prática não podemos entregá-la em lugar nenhum, uma vez que, para isso, será necessário fazer manobras furtivas pelos bastidores. Se o termo fraude não é adequado, digamos que estamos cometendo um ato de deslealdade. Mesmo que não seja visto como uma infração da lei, temos aí uma questão de ética. Afinal, um editor que trama contra o prêmio literário da editora na qual trabalha é o mesmo que alguém que vende ilegalmente ações e faz parte da empresa de sociedade anônima.

— Não se deve comparar a literatura com ações. São coisas completamente diferentes.

— Por que seriam diferentes?

— Por exemplo. Hum... Deixe-me ver. Você não está levando em consideração um fator muito importante — disse Komatsu. Sua boca parecia bem maior e muito mais escancarada que de costume, numa nítida expressão de contentamento. — Ou melhor, está relutando em admitir. Você simplesmente está ignorando o fato de *querer fazer* isso. Emocionalmente, você já está preparado para reescrever *Crisálida de ar*. Para mim, isso está mais que claro. O fato de o plano ser arriscado ou de ferir a ética não tem a mínima importância. Tengo! Você está morrendo de vontade de reescrever, de próprio punho, a *Crisálida de ar*. Está morrendo de vontade de extrair esse algo no lugar de Fukaeri. E é aí que existe a diferença entre a literatura e as ações. Bem ou mal, existem coisas que acontecem por motivações que vão além daquelas que o dinheiro traz. Volte para casa e descubra o que você realmente quer. Fique de frente para o espelho e observe atentamente o seu rosto. Você verá que isso que eu acabei de dizer já está escrito na sua cara.

Tengo sentiu de repente o ar ao seu redor se tornar rarefeito.

Olhou o entorno, num giro rápido. Será que aquela imagem voltaria? No entanto, não havia indícios de que aquilo aconteceria. A sensação de rarefação vinha de outro lugar. Tengo tirou o lenço do bolso e enxugou o suor da testa. Por que será que Komatsu sempre tinha razão?

3

Aomame

Alguns fatos que teriam sido alterados

Aomame desceu descalça, apenas de meia-calça, a estreita escada de emergência. Os ventos sopravam ruidosamente ao passar por entre os vãos dos degraus. Apesar de usar uma minissaia justa, vez por outra fortes rajadas vinham por baixo e a inflavam como uma vela, soerguendo seu corpo e lhe dando uma sensação de insegurança. Para não se desequilibrar, Aomame desceu de costas, degrau por degrau, segurando firmemente o ferro que servia de corrimão. De vez em quando, parava para tirar o cabelo do rosto e ajeitar a bolsa a tiracolo.

Lá embaixo passava a Rodovia Nacional 246. Aomame se viu envolta por todo tipo de barulhos típicos de uma metrópole: motores, buzinas, alarmes de carro, antigas canções militares tocadas nos veículos de propaganda dos partidos de direita, britadeiras quebrando concreto em algum lugar... Os ventos traziam consigo o barulho da cidade grande, por cima, por baixo, por todas as direções, envolvendo-a em 360 graus. De tanto ouvi-los (não queria, mas estava impossibilitada de tapar os ouvidos), começou a se sentir enjoada.

Após descer um lance de escadas, encontrou um tipo de passarela que voltava para a parte central da via expressa, e mais um lance de escadas que seguia descendo.

Do outro lado da rodovia, em frente às escadas de emergência, havia um pequeno prédio de apartamentos com cinco andares. Era um edifício relativamente novo com fachada de tijolos marrons. As varandas estavam voltadas para a escada de emergência, e todas as janelas tinham cortinas ou persianas fechadas. Que tipo de arquiteto faria uma varanda voltada para a via expressa? Certamente, ninguém estenderia um lençol num local desses ou tomaria um gim-tônica contemplando o congestionamento da via expressa. Ainda assim, algumas varandas tinham os tradicionais varais de náilon estendidos de um lado ao outro. Em uma das varandas havia até uma cadeira de jardim e um vaso de fícus. A planta estava com uma aparência lastimável, definhada. As folhas estavam fracas, e algumas já

amarronzadas e secas. Aomame não pôde deixar de sentir compaixão pela planta. Se, por acaso, nascesse de novo, ela não queria ter aquele mesmo destino.

A escada de emergência dava a impressão de ser pouco utilizada, e teias de aranha podiam ser vistas em um lado ou em outro. Numa delas havia uma pequena aranha preta aguardando atenta e pacientemente a chegada de sua pequenina presa. Não que as aranhas tivessem alguma consciência de sua perseverança; elas não possuíam outras habilidades além de tecer teias, nem podiam optar por outros estilos de vida, a não ser o de ficar quietinhas no lugar. E, enquanto a aranha fica parada num canto aguardando sua presa, sua vida se esvai, ela morre e murcha. Tudo está previamente determinado nos genes e, neles, não há hesitações, aflições nem arrependimentos. E tampouco indagações metafísicas ou conflitos morais. Talvez. “Mas esse não é o meu caso”, pensou Aomame. “Eu tenho um objetivo e preciso agir para cumpri-lo, e é por isso que, mesmo estragando as meias, aqui estou, sozinha, descendo essas escadas de emergência da Rota 3, numa região sem graça da Sangenjaya: afastando teias de aranha e ainda tendo de olhar para essa ridícula varanda com o fícus empoeirado. Eu me movo, logo existo.”

Enquanto descia as escadas, Aomame pensou em Tamaki Ôtsuka. Não queria ter de pensar nela, mas, uma vez que o fez, não conseguia tirá-la da cabeça. Tamaki era sua melhor amiga do colegial. Como eram da mesma equipe de softball, viajavam para vários lugares e faziam muitas coisas juntas. Certa vez, até fizeram de conta que eram lésbicas. Quando viajaram nas férias de verão, tiveram de dormir juntas, pois só havia disponível um quarto com cama de casal. Na cama, começaram a se tocar em várias partes do corpo. Não que fossem lésbicas. Era apenas uma curiosidade juvenil de duas garotas que se atreviam a aproveitar esse tipo de experiência. Naquela época, elas ainda não tinham namorados nem tido alguma experiência sexual. Hoje, o que acontecera naquela noite era apenas um episódio “incomum, porém muito interessante” de sua vida. Ao se lembrar do contato de seu corpo com o de Tamaki, Aomame começou a sentir sua temperatura interna sutilmente se elevar enquanto descia as escadas de ferro. E estranhou como ainda conseguia se lembrar nitidamente dos bicos dos seios ovalados de Tamaki, dos seus pelos pubianos pouco espessos, da bela circunferência de suas nádegas e do formato de seu clítoris.

Enquanto essas lembranças vívidas vinham à tona, Aomame escutava como música de fundo o unísono festivo dos instrumentos de sopro da *Sinfonietta* de Janáček. As palmas de suas mãos tocavam suavemente as concavidades dos quadris de Tamaki Ôtsuka. No

começo, Tamaki sentiu cócegas, mas, logo depois, parou de rir e começou a respirar ofegante. A *Sinfonietta* foi originalmente composta como música de fanfarra de uma competição esportiva. Ao sabor da música, os ventos sopravam pelos campos esverdeados da Boêmia. Os bicos dos seios de Tamaki de repente ficaram duros, assim como os de Aomame. Os tímpanos tocavam uma sequência de sons de difícil execução.

Aomame parou por uns instantes e chacoalhou a cabeça. Não queria ter de pensar nisso num lugar daqueles. Precisava se concentrar para descer as escadas, mas, mesmo assim, não conseguia parar de pensar. As cenas daquele dia surgiam espontaneamente, uma após a outra. Nitidamente. Noite de verão, uma cama estreita, um leve cheiro de suor. As palavras que foram ditas. Sensações que não foram expressas em palavras. As promessas esquecidas. Os desejos não realizados. Incontestável admiração. Uma rajada de vento levantou os cabelos de Aomame e lançou-os em direção ao seu rosto. A dor que sentiu fez com que seus olhos lacrimejassem. Lágrimas que a rajada seguinte se incumbiu de secar.

“Quando foi que isso aconteceu?”, Aomame tentou se lembrar, mas a data estava perdida no emaranhado de fios de sua memória. O eixo havia se rompido, desfazendo a linearidade do antes e do depois. As posições das gavetas estavam trocadas. Não conseguia entender o porquê de não se lembrar de coisas que deveria lembrar. “Agora estamos em abril de 1984. Eu nasci em 1954”; disse ela se lembrava. No entanto, a data gravada em sua mente rapidamente se dispersava. Diante de seus olhos, datas impressas em cartões brancos se espalhavam para todos os lados, levadas por fortes ventos. Ela saía correndo para recolher o máximo de cartões, mas os ventos eram muito intensos. Os cartões perdidos eram muitos: 1954, 1984, 1645, 1881, 2006, 771, 2041... Todas essas datas foram levadas uma após a outra pelo vento. Perdia-se a linearidade, o conhecimento se dissipava e o encadeamento das ideias caía por terra.

Aomame e Tamaki estavam deitadas na mesma cama. As duas tinham dezessete anos e ambas desfrutavam da liberdade a elas concedida. Era a primeira viagem que as duas amigas faziam juntas. E isso as deixava eufóricas. Elas tomaram um banho quente, dividiram uma lata de cerveja do frigobar e, com a luz apagada, foram para a cama. No começo, ficaram apenas se tocando meio de brincadeira. Um tempo depois, Tamaki esticou os braços e apertou levemente os bicos dos seios de Aomame sob a camiseta fina que usava como pijama. Aomame sentiu uma corrente elétrica atravessar o corpo. As duas tiraram as camisetas, as calcinhas e ficaram nuas. Era noite de verão. “Para onde foi que viajamos?”, Aomame não conseguia se lembrar. “Ah! Isso não importa”, pensou. Espontaneamente, começaram a

examinar os detalhes do corpo uma da outra. Observaram, tocaram, apalpam, beijaram e lambeiram. Meio que na brincadeira, meio que a sério. Tamaki era baixa e levemente gordinha, com seios grandes. Aomame era alta e magra. Era do tipo atlético e seus seios não eram muito grandes. Tamaki sempre falava que precisava fazer regime, e Aomame era da opinião de que Tamaki era bonita do jeito que era.

A pele de Tamaki era fina e macia. Seus mamilos tinham a forma de uma elipse e eram salientes, como duas olivas. Os pelos pubianos eram finos e ralos e lembravam as delicadas folhas de um salgueiro-chorão. Os de Aomame eram fartos e duros. Elas riam das diferenças. As duas se tocavam e trocavam informações sobre as partes em que mais sentiam prazer. Havia lugares em comum e outros não. Depois, passaram a acariciar o clitóris uma da outra. As duas já tinham experiência de se masturbar. E muito. Ambas descobriram como o toque e a sensação de ser tocada eram diferentes de quando se masturbavam sozinhas. Os ventos sopravam nas planícies verdejantes da Boêmia.

Aomame novamente parou para balançar a cabeça. Respirou fundo e segurou com força o corrimão da escada. “Preciso parar de pensar nessas coisas. Tenho que me concentrar em descer a escada. Já devo ter descido mais da metade”, pensou. “Mas por que será que o barulho ainda continua tão intenso? Por que o vento continua tão forte? Acho que é um jeito de me repreender, deve ser um tipo de castigo”, foi o que Aomame pensou.

Se ela descesse a escada e alguém lhe perguntasse o que fazia ali e pedisse sua identidade, o que deveria responder? Se dissesse, “Tive de descer a escada de emergência porque a via expressa estava congestionada. É que eu tenho um compromisso urgente...”, será que daria certo? A coisa podia se complicar. E Aomame não queria se envolver em nenhum tipo de encrenca. Pelo menos não naquele dia.

Por sorte, não havia ninguém embaixo que a visse descer. Assim que colocou os pés no chão, Aomame tirou os sapatos da bolsa e os calçou. A escada dava num terreno baldio embaixo de torres de eletricidade e ficava entre as pistas da Rodovia 246 que, de um lado, seguiam para o centro da cidade e, de outro, para os bairros. O local funcionava como depósito de materiais e estava cercado por grades de metal. Na área descoberta, havia alguns postes de ferro abandonados à mercê do tempo. Pareciam ser sobras de alguma obra e que, largadas de qualquer jeito, enferrujavam. Havia uma parte com cobertura em telhas de plástico e, debaixo dela, três sacos de pano empilhados. Não dava para saber o que havia dentro deles; estavam envoltos em capas plásticas que os protegiam da chuva. Mas também pareciam ser restos

de obras que foram deixados ali para não se ter o trabalho de transportá-los para outro lugar. Embaixo do telhado havia ainda algumas caixas grandes de papelão amassadas. Havia inclusive algumas garrafas pet e revistas de mangá espalhadas pelo chão. Fora isso, não havia mais nada. Uma sacola plástica voava ao sabor do vento.

O portão de entrada era de tela metálica, mas estava fechado com várias voltas de corrente e um cadeado enorme. Era um portão alto, guarnecido no topo com arame farpado. Era impossível passar por ele. Mesmo que conseguisse, suas roupas ficariam imprestáveis. Tentou balançar o portão várias vezes, mas ele não se mexeu nem um milímetro. Não havia espaço sequer para um gato passar. “Para que trancar a porta desse jeito? Não havia nada de tão importante que, se roubado, trouxesse algum inconveniente” e, ao pensar assim, Aomame fez uma careta, xingou e até fez questão de cuspir no chão. “Onde já se viu ficar presa num depósito após descer uma escada com tanto sacrifício”, pensou. Olhou o relógio de pulso e viu que ainda tinha tempo. No entanto, não podia se atrasar mais naquele lugar. E voltar para a via expressa estava fora de cogitação.

As meias estavam rasgadas bem na altura dos calcanhares. Após se certificar de que ninguém a observava, pegou os sapatos de salto, levantou a saia e baixou rapidamente as meias, tirando-as com destreza. Depois, calçou os sapatos e guardou as meias rasgadas na bolsa. Com isso, sentiu-se um pouco melhor. Aomame começou a andar pela área olhando atentamente ao redor. O depósito tinha o tamanho de uma sala de aula. Rapidamente dava-se uma volta por ele e, à primeira vista, só havia uma única entrada e saída, que era justamente o portão com o cadeado. A cerca metálica que circundava a área não era de material muito resistente, mas era presa com parafusos. Sem uma ferramenta adequada, não havia como desparafusá-los. Estava de mãos atadas.

Aomame examinou as caixas de papelão sob o telhado. Notou que estavam empilhadas de um modo que parecia ser um local de dormir. Também viu alguns cobertores usados e enrolados no canto. Não pareciam estar lá havia muito tempo. Provavelmente, moradores de rua estariam usando o espaço para dormir. Por isso é que encontrara revistas em quadrinhos e garrafas espalhadas no local. Não havia erro. Aomame cogitou: “Se eles dormem aqui, certamente deve ter alguma passagem para que possam entrar e sair. Essas pessoas são muito espertas para achar esses locais de abrigo sem chamar a atenção. E, como animais selvagens, guardam para si a passagem secreta.”

Aomame verificou atentamente cada uma das grades da cerca. Empurrava e balançava para verificar se não havia alguma frouxa.

Como era de se esperar, encontrou uma barra solta, sem o parafuso. Imediatamente, ela começou a balançá-la em várias direções e, ao puxá-la, a barra se soltou e um espaço se abriu, o suficiente para uma pessoa passar. Ao anoitecer, os moradores de rua vêm para cá e dormem tranquilamente embaixo da área coberta. E, como sabem que terão problemas se forem pegos, durante o dia saem para procurar o que comer e juntam garrafas vazias para vender e obter alguns trocados. Aomame sentiu gratidão por esses moradores anônimos da noite. Como alguém que age sorrateiramente nas sombras da grande metrópole, ela se sentia parte da turma.

Aomame se curvou e passou pelo vão estreito, cuidando para não riscar ou rasgar o blazer caro. Não que ele fosse o seu preferido, mas era o único que tinha. Normalmente, não costumava se vestir assim. Tampouco andava de salto. No entanto, para *aquele trabalho* precisava estar bem-vestida. Não podia estragar um blazer tão importante.

Felizmente, não havia ninguém do outro lado da cerca. Aomame de novo checkou cuidadosamente as roupas e, recobrando a expressão de serenidade, caminhou em direção ao semáforo, atravessou a Rodovia 246 e, ao avistar uma drogaria, entrou para comprar meias na seção de perfumaria. Perguntou para uma das vendedoras se podia ir até o fundo da loja para vesti-las. Assim que o fez, sentiu-se bem melhor. Até mesmo aquele mal-estar no estômago, aquele enjoo, desapareceu por completo. Aomame agradeceu à vendedora e saiu da loja.

A notícia de um acidente que congestionara a via expressa possivelmente já havia sido divulgada e, por isso, o trânsito da Rodovia 246 também estava mais carregado que o normal. Diante dessa situação, Aomame desistiu de tentar um táxi e resolveu pegar o trem da linha Tōkyū-Shintamagawa na estação mais próxima. Assim evitaria contratempos. Não queria mais se arriscar a ficar presa num congestionamento.

A caminho da estação de Sangenjaya, Aomame passou por um policial. Era jovem e alto, e caminhava a passos largos para algum local. Por alguns segundos Aomame sentiu-se ligeiramente tensa, mas ele, apressado, nem sequer lhe dirigiu o olhar. Um pouco antes de o policial passar por ela, Aomame notou que o uniforme dele não era o mesmo de sempre. Não era o uniforme que ela costumava ver. A cor da jaqueta era a mesma, azul-marinho, mas o corte era bem diferente. Era um modelo mais informal. Não era mais tão grudado ao corpo como o anterior. O tecido também fora substituído por um mais macio. A gola era pequena e o tom de azul era um pouco mais claro. O tipo de arma também era diferente. A que carregava na cintura era uma pistola semiautomática. No Japão, os policiais normalmente

portavam revólveres com tambor. Por ser um país com pouca incidência de delitos com armas de fogo, era raro um policial se envolver em tiroteios, razão pela qual bastava portar os antigos revólveres de seis balas. O mecanismo desse tipo de revólver era mais simples e de fácil manuseio, além de ser mais barato e exigir pouca manutenção. Portanto, era estranho ver esse policial carregando um modelo novo de pistola. Era uma nove milímetros, com capacidade para dezesseis balas. Possivelmente, uma Glock ou Beretta. O que será que aconteceu? Será que o regulamento que determina o uso de uniforme e das armas teria sido alterado sem que ela soubesse? Não. Impossível. Aomame costumava ler atentamente os jornais e, se houvesse tal mudança, isso com certeza teria sido amplamente divulgado. Ela o saberia, pois sempre prestava muita atenção nos policiais. Naquela manhã — questão de algumas horas atrás —, os policiais ainda vestiam os habituais uniformes de aparência áspera e carregavam na cintura os rústicos revólveres com tambor. Ela se lembrava muito bem disso. Que estranho...

Mas, naquele momento, Aomame não podia ficar pensando naquilo. Afinal, ela precisava terminar um serviço.

Ao chegar a Shibuya, Aomame guardou seu casaco no armário da estação e, a passos largos, subiu a ladeira em direção ao hotel. Um hotel mediano, típico de cidade grande: não era um hotel luxuoso, mas suas acomodações eram boas, limpas, e não era frequentado por hóspedes de reputação duvidosa. No primeiro andar ficavam o restaurante e a loja de conveniência, com artigos de primeira necessidade. A localização era boa, próxima à estação.

Assim que entrou no hotel, Aomame se dirigiu ao banheiro. Por sorte não havia ninguém. Antes de mais nada, sentou-se na privada e urinou. Urinou demoradamente. Fechou os olhos e, sem pensar em nada, ouviu atentamente o jorro como um distante bramido das ondas do mar. Depois, foi até a pia e lavou as mãos com o sabonete, zelosamente. Em seguida, penteou os cabelos e assoou o nariz. Tirou da bolsa uma escova de dentes e deu uma rápida escovada, sem pasta. Como o tempo era exíguo, resolveu não passar fio dental. Não havia necessidade para tanto. Afinal, não era um encontro. Mirou-se no espelho, passou uma leve camada de batom e ajeitou as sobrancelhas. Tirou o blazer, ajustou a alça do sutiã, alisou os amassados da blusa branca e cheirou as axilas. Não havia odor. Por fim, fechou os olhos e, como sempre, rezou. A prece em si não tinha nenhum significado. Isso era o de menos. O importante era apenas o ato de recitar.

Após a oração, abriu os olhos e observou a imagem refletida no espelho. Perfeito. Sua imagem era a de uma autêntica executiva; uma profissional competente e ocupada. Postura ereta e lábios

cerrados. A única coisa que destoava nessa imagem era a bolsa grande e desengonçada. O certo seria andar com uma pasta pequena, dessas que se usam para carregar documentos. Mas, por outro lado, carregar uma bolsa grande lhe dava a impressão de ser uma pessoa prática. Como todo cuidado era pouco, achou melhor verificar novamente os objetos que trazia na bolsa. Estava tudo em ordem. Tudo nos devidos lugares. Bastava apalpar a bolsa para tê-los à mão quando necessário.

Agora tinha apenas de cumprir o que fora planejado. Ir direto ao ponto munida de uma inabalável confiança, e sem compaixão. Aomame abriu o primeiro botão da blusa para que, ao se curvar, pudesse deixar à mostra os contornos de seus seios. “Se eles fossem um pouco maiores, seria bem melhor”, pensou Aomame, contrariada.

Sem levantar suspeita, ela pegou o elevador até o quarto andar e, caminhando alguns passos pelo corredor, encontrou o quarto 426. Tirou da bolsa uma prancheta — providenciada de antemão — e, abraçando-a na altura do peito, bateu na porta com toques suaves e precisos. Aguardou alguns instantes. Um tempo depois, novamente, pôs-se a bater. Desta vez, um pouco mais forte, um pouco mais insistente. Alguém resmungou de dentro do quarto e a porta se entreabriu. Um homem espiou pela fresta. Um homem na faixa dos quarenta. Vestia camisa azul-marinho e calças de flanela cinza. Tinha ares de um executivo que acabou de se livrar do paletó e da gravata. Visivelmente muito mal-humorado, seus olhos estavam vermelhos. Talvez por não ter dormido. Ao ver Aomame vestida de executiva, mostrou-se surpreso. Provavelmente, ele presumiu ser a camareira que vinha abastecer o frigobar.

— Desculpe-me incomodá-lo durante o seu descanso. Sou a gerente administrativa do hotel e me chamo Itô. Tivemos um problema no sistema de ar-condicionado e estou fazendo uma averiguação. Será que o senhor me permite entrar no quarto por uns cinco minutos? — Aomame perguntou, sem rodeios, toda simpática e sorridente.

O homem apertou os olhos em desagrado.

— Agora estou no meio de um trabalho muito importante e urgente. Daqui a uma hora pretendo deixar o quarto. Será que você não poderia voltar depois? Não há nada de errado no ar-condicionado deste quarto.

— Desculpe-me, mas por se tratar de um curto-circuito, temos de tomar medidas de segurança emergencial e, por isso, gostaria de fazê-lo o quanto antes. Estou averiguando todos os quartos. Se o senhor permitir, posso fazer a checagem em menos de cinco minutos.

— Mas que coisa! — disse o homem, estalando a língua. —

Reservei esse quarto justamente para trabalhar sossegado sem ser importunado...

Ele apontou para os documentos sobre a mesa. Nela havia uma pilha de papéis com tabelas e gráficos detalhados impressos de um computador. Ele devia estar preparando material para a reunião daquela noite. Havia também uma calculadora e um bloco de rascunhos com uma porção de números anotados.

Aomame sabia de antemão que o homem trabalhava numa empresa ligada ao setor petrolífero. Era especialista em investimentos em infraestrutura no Oriente Médio. Segundo informações que obtivera, era muito competente nesse ramo. Isso era evidente em sua maneira de se portar: teve boa educação, recebia um salário alto e circulava com um Jaguar novo. Foi mimado na adolescência, estudou fora, falava fluentemente o inglês e o francês e era muito confiante em tudo o que fazia. Era um tipo de pessoa que não suportava, em hipótese alguma, que alguém lhe pedisse algo. Também não admitia ser criticado. Principalmente se essa crítica partisse de uma mulher. Por outro lado, ele não tinha nenhum constrangimento em pedir favores. E não sentia nenhum remorso por ter espancado sua mulher no clube de golfe a ponto de quebrar-lhe algumas costelas. Ele se achava o centro do mundo, que tudo gravitava ao seu redor. E que, sem ele, o mundo certamente deixaria de girar corretamente. Costumava se irritar com os que porventura ousassem atrapalhar ou contrariar suas ideias ou atitudes. Ficava extremamente bravo. E, de tão irritado, seus acessos de raiva eram como explosões de termostatos, totalmente descontroladas.

— Desculpe-me o incômodo — disse Aomame, mantendo um sorriso administrativo, do tipo simpático e cortês. Para dar veracidade à situação, deu um passo para dentro do quarto, fechou a porta empurrando-a com as costas e, rapidamente, com a caneta na mão, começou a fazer algumas anotações na prancheta: — O senhor é... Senhor Miyama, certo? — perguntou Aomame. Na verdade, de tanto ver as fotos dele, ela sabia que era ele, mas não custava se certificar de que se tratava da pessoa certa. Caso se enganasse, não teria mais como voltar atrás.

— Isso mesmo. Sou Miyama — sua resposta soou extremamente rude. Em seguida, ele respirou fundo, resignado, como quem diz “tudo bem, faça o que bem entender”. Voltou a se sentar, pegou uma caneta e, com a outra mão, um documento para retomar a leitura. O paletó e a gravata listrada estavam jogados sobre a cama de casal ainda intocada. Tanto o paletó quanto a gravata pareciam ser peças muito caras. Sem tirar a bolsa do ombro, Aomame foi direto para o armário. Ela já sabia de antemão que o painel do ar-condicionado estava instalado dentro dele. No armário estava

pendurado um casaco impermeável de tecido maleável e um cachecol cinza-escuro de caxemira. De bagagem, tinha apenas uma pasta executiva de couro. Não havia roupas de troca nem nécessaire. Possivelmente, não tinha a intenção de pernoitar. Sobre a mesa havia um bule de café solicitado ao serviço de quarto. Após fingir examinar o painel por cerca de trinta segundos, ela se voltou para ele e disse:

— Sr. Miyama, agradeço-lhe a colaboração. Não encontrei nenhuma anomalia nas instalações deste quarto.

— Eu não te disse que não havia nada de errado com o ar-condicionado? — respondeu Miyama em tom arrogante, sem se dar o trabalho de olhar para Aomame.

— Ah! Sr. Miyama... — disse Aomame num tom hesitante. — Acho que tem alguma coisa grudada na sua nuca.

— Na nuca? — disse Miyama, levando a mão ao cangote. Após esfregar a área da nuca, olhou para a palma da mão e, ligeiramente intrigado, comentou: — Parece que não tem nada.

— O senhor me permite? — perguntou Aomame aproximando-se da mesa. — Posso dar uma olhadinha de perto?

— Pode sim — disse Miyama com uma expressão de estranhamento. — Tem alguma coisa aí? O que é?

— Parece ser tinta. Uma tinta verde-clara.

— Tinta?

— Não tenho certeza. Pela cor, parece ser tinta. Posso tocar? Talvez eu consiga tirar...

— Ahã — disse Miyama, curvando-se para a frente e deixando à mostra a nuca para Aomame. Ele devia ter cortado o cabelo havia pouco tempo e, por isso, a nuca estava descoberta. Aomame respirou fundo, prendeu a respiração e, concentrada, apalpou rapidamente o *ponto certo* da nuca. Como que para sinalizar o local, pressionou-o levemente com a ponta do dedo. Fechou os olhos e certificou-se de que o local tateado era o correto. E era isso mesmo; esse era o local. Se possível, ela gostaria de verificar com calma e com mais tempo, mas, neste caso, não havia condições para tanto. Dentro do que lhe foi atribuído, precisava fazer o seu melhor.

— Será que o senhor poderia se manter nessa posição mais um pouco? Vou pegar uma lanterna na bolsa. Com essa iluminação do quarto, não consigo ver direito.

— Mas como é que essa tinta foi parar aí, hein? — disse Miyama.

— Não sei. Já vou averiguar.

Com o dedo apoiado num ponto da nuca, Aomame tirou da bolsa um estojo rígido de plástico, abriu a tampa e, com uma das mãos, desembulhou habilmente um objeto que estava envolto num tecido fino. O objeto era parecido com um picador de gelo portátil e

tinha uns dez centímetros de comprimento. O cabo de madeira era pequeno e compacto, mas não era um picador de gelo. Apenas o formato era semelhante, mas a função era outra. Ela própria havia idealizado e fabricado o objeto. A extremidade era muito pontiaguda, como uma agulha de costura. Para evitar que a extremidade se quebrasse, a ponta ficava espetada num pedaço de cortiça. Uma cortiça submetida a um processo especial de tratamento, macia como algodão. Aomame retirou cuidadosamente a cortiça com as unhas e guardou-a no bolso do blazer. Depois, posicionou a ponta da agulha *no ponto certo* da nuca de Miyama. “Vamos, concentre-se. Agora é que vem a parte principal”, disse para si. Não havia margem para sequer um décimo de milímetro de erro. Se errasse o local, por mínimo que fosse, todo o seu esforço teria sido em vão. Era necessário um intenso poder de concentração.

— Ainda vai demorar muito? Até quando você pretende ficar fazendo isso? — o homem perguntou impaciente.

— Desculpe-me. Já estou terminando — respondeu Aomame.

“Não se preocupe, já vai acabar logo”, Aomame respondeu mentalmente. “Espere só mais um pouquinho. Daqui a pouco, você não vai mais precisar pensar em nada. Não vai mais precisar se preocupar com o sistema de refinamento de petróleo, com as tendências mercadológicas do óleo bruto, em ter de apresentar o quarto relatório trimestral para os investidores, reservar o voo para Bahrein, ter de dar propinas aos funcionários públicos, de dar presentes para a amante; enfim, não vai precisar pensar em mais nada. Não deve ter sido fácil pensar em tantas coisas ao mesmo tempo, não é? Por isso, sinto muito, mas peço para que tenha um pouco mais de paciência. Estou concentrada tentando realizar o meu trabalho, então, por favor, não me atrapalhe, é tudo o que peço.”

Uma vez definido o local e preparada para realizar o trabalho, ela ergueu a palma da mão direita e, após prender a respiração por alguns segundos, fincou o objeto pontiagudo *num só golpe*, segurando-o pelo cabo de madeira. Porém, não o espetou com muita força. Se o tivesse feito, a agulha podia se quebrar; e ela não podia deixar a ponta da agulha dentro da pele. Precisava enfiá-la com suavidade e carinho, num ângulo correto e com intensidade adequada. Tudo *num golpe só*, sem resistir à gravidade. A extremidade pontiaguda da agulha penetrava naturalmente *no ponto certo* como que sugada por ele. Sugada para bem fundo, sem opor resistência, de modo fatal. O importante era o ângulo e a força utilizada na penetração. Não. O importante mesmo era como se controlava essa força. Se levasse em conta esses cuidados, o resto era simples como enfiar uma agulha num pedaço de queijo de soja. Quando a agulha penetrava na nuca e tocava um ponto específico no cérebro, o coração parava de funcionar

como uma vela que se apaga com um sopra. E isso tudo não levava mais que um segundo. Chegava a ser ridículo. Isso era algo que somente Aomame conseguia fazer. Ninguém seria capaz de encontrar tal ponto apenas com o toque. Mas ela conseguia. As pontas de seus dedos eram dotadas de uma intuição especial capaz de assegurar-lhe tal proeza.

Aomame ouviu o último suspiro sobressaltado do homem. E percebeu que os músculos de seu corpo se retesaram ligeiramente. Assim que notou essa contração, tirou depressa a agulha e, imediatamente, colocou no local da picada um pedaço de gaze que trazia no bolso para estancar a hemorragia. A ponta da agulha era muito fina e o tempo de penetração durou uma fração de segundo. Portanto, caso ocorresse algum sangramento, seria pequeno. Mas, mesmo assim, todo cuidado era pouco. Não podia deixar vestígios de sangue. Uma única gota poderia ser o fim. A prudência era uma das virtudes de Aomame.

Com o passar do tempo, o corpo retesado de Miyama foi perdendo gradativamente a força. Era como deixar que o ar escapasse de uma bola de basquete. Com o dedo indicador apalpando o ponto da nuca, ela o posicionou de bruços sobre a mesa. Com os documentos a servir-lhe de travesseiro, deitou o rosto virando-o de lado. Os olhos estavam abertos, perplexos, como se a última coisa que presenciasse tivesse sido algo estranho, inusitado. Esse olhar não era de medo, nem de sofrimento. Era de pura surpresa: alguma coisa anormal acontecia em seu corpo, mas ele não sabia exatamente o que era. Não soube discernir se essa anormalidade era um tipo de dor, coceira, prazer ou alguma revelação. No mundo, há muitas maneiras de morrer, mas, certamente, nenhuma tão tranquila como esta.

“Para você, esse jeito de morrer foi tranquilo demais, muito fácil”, pensou Aomame, franzindo as sobrancelhas numa expressão de desagrado. “Por mim, eu quebrava duas, três costelas com um taco de golfe número 5 e, após deixá-lo sofrer muito, o mataria com um golpe de misericórdia. Esse rato bem que merecia uma morte cruel. Não foi exatamente isso o que você fez com sua esposa? Infelizmente eu não tenho essa liberdade de escolha. A minha missão foi conduzi-lo rápida e discretamente para o lado de lá, de modo preciso. E eu acabei de cumprir essa missão. Este homem, momentos atrás, estava vivo, e agora está morto. Ele próprio nem se deu conta de que acabou de transpor o limiar entre a vida e a morte.”

Ela segurou pacientemente a gaze sobre a ferida durante exatos cinco minutos, cuidando para não pressioná-la muito a ponto de deixar marcas de dedos. Durante esse tempo, ela não tirou os olhos do ponteiro dos segundos. Foram longos cinco minutos. Cinco minutos que pareciam uma eternidade. Se, naquele momento, alguém entrasse

pela porta e a visse portando uma arma fina e mortal numa das mãos, e com o dedo da outra apalpando a nuca do homem, seria o fim. Não teria escapatória. Talvez um funcionário do hotel viesse recolher o bule de café ou alguém poderia bater na porta. Mas esses cinco minutos eram cruciais e não podiam ser ignorados. Para manter a calma, Aomame começou a inspirar e expirar profundamente. Nada de afobação. Nada de perder a calma. Era preciso ser a Aomame de sempre, senhora de si.

As batidas de seu coração acompanhavam o ritmo dos trechos iniciais da *Sinfonietta* de Janáček que ecoavam em sua mente. Um vento suave e silencioso soprava nas planícies verdejantes da Boêmia. Foi então que percebeu que ela se dividia em duas: uma que era extremamente fria e apertava a nuca do morto, e a outra, que era muito medrosa e queria largar tudo e sair em disparada do quarto. “Estou aqui e, ao mesmo tempo, não estou. Estou em dois lugares ao mesmo tempo. Isso vai contra a teoria de Einstein, mas não posso fazer nada. É a sina dos assassinos.”

Finalmente passaram-se cinco minutos. Por via das dúvidas, Aomame achou melhor aguardar mais um. “Posso esperar mais um minuto. Quanto mais se tem pressa, mais se deve dobrar a atenção” e, pensando assim, ela resolveu aguardar pacientemente esse minuto que custou a passar. Depois tirou lentamente o dedo e verificou a ferida com a lanterna. Não havia nenhum vestígio. Nem do tamanho de uma picada de mosquito.

Perfurar com uma agulha fina um local específico na nuca provocava uma morte semelhante à morte natural. Qualquer médico a diagnosticaria como resultado de um ataque do coração. O homem trabalhava debruçado na mesa quando, de repente, foi vitimado por um ataque do coração e, na mesma hora, exalou o último suspiro. Excesso de trabalho e estresse. Não levantaria nenhum tipo de suspeita. Nem autópsia seria requerida.

Ele era um homem muito competente, mas trabalhava demais. Recebia um bom salário, mas, uma vez morto, não poderia usufruí-lo. Vestia Armani, dirigia um Jaguar, mas, no fim das contas, era como uma formiga. Trabalhou, trabalhou para, no fim, ter uma morte sem sentido. Em breve, sua existência aqui na Terra seria esquecida. As pessoas poderiam até comentar “Que pena, morrer assim tão jovem...”. Ou talvez não comentassem nada.

Aomame tirou a cortiça do bolso e espetou a ponta da agulha nela. Embrulhou o delicado instrumento com um tecido fino, colocou-o dentro do estojo e o guardou no fundo da bolsa. Pegou uma toalha do banheiro e limpou suas impressões digitais. Os únicos locais em que

havia impressões suas eram no painel do ar-condicionado e na maçaneta da porta. Em nada mais havia tocado. Depois colocou a toalha de volta. Em seguida, arrumou a xícara e o bule na bandeja e a deixou no corredor. Isso evitaria que o funcionário batesse na porta para retirar a louça, o que retardaria a descoberta do corpo. Se tudo desse certo, o corpo só seria encontrado pela camareira no dia seguinte, na hora do check-out.

Se ele não comparecer à reunião de hoje à noite, provavelmente alguém telefonará para ele neste quarto. E não haverá ninguém para atender. As pessoas poderão desconfiar de algo e pedir que o gerente abra a porta, talvez nem cheguem a tanto. Tudo irá depender dos rumos que os acontecimentos irão tomar.

Aomame se olhou no espelho do banheiro e verificou se sua roupa não estava desarrumada. Fechou o primeiro botão da blusa. Não precisou mostrar o contorno dos seios. “Aquele canalha nem sequer dignou-se a olhar para mim. Quem ele pensa que é?”, pensou Aomame, franzindo as sobrancelhas, indignada. Em seguida, ajeitou os cabelos e, com a ponta dos dedos, massageou a face para descontraí-los os músculos retesados. Olhou-se novamente e se pôs a sorrir, um sorriso simpático que exibia os dentes recém-branqueados pelo dentista. “Ok! Agora vou deixar o quarto deste cadáver e voltar para o mundo real. Preciso normalizar a pressão sanguínea. Não sou mais a assassina de sangue-frio. Agora sou uma executiva simpática e competente que veste um blazer elegante.”

Aomame entreabriu a porta e, após verificar que não havia ninguém no corredor, saiu de mansinho. Em vez de usar o elevador, resolveu descer as escadas. Ao sair pelo saguão, não chamou a atenção de ninguém. Manteve o corpo ereto, o olhar voltado à frente, e andou a passos largos. Mas não tão rápido a ponto de chamar a atenção. Era profissional. Uma profissional quase perfeita. Se tivesse seios maiores, sem dúvida poderia se considerar uma profissional perfeita, lamentou Aomame. Ao pensar nisso, franziu levemente as sobrancelhas. Mas não havia o que fazer. Precisava seguir em frente com o que tinha.

Tengo

Se é isso que você deseja...

Tengo acordou com a campainha do telefone. Os ponteiros fosforescentes do relógio indicavam uma e pouco da madrugada. O entorno, obviamente, estava escuro como breu. Desde o início, ele sabia que a ligação só poderia ser de Komatsu. A única pessoa que ele conhecia capaz de ligar a uma hora daquelas — e ainda insistindo para ser atendido — era ele. Komatsu não tinha a mínima noção de tempo. Era do tipo que, se tivesse vontade, telefonava sem se importar com a hora: tarde da noite, de madrugada, em plena noite de núpcias, no leito de morte, ou seja, em sua cabeça oval inexistia o bom senso de questionar a inconveniência dessa sua atitude.

Mas ele não devia fazer isso sempre. Afinal, Komatsu trabalhava numa empresa, era assalariado e, nesse sentido, não podia agir com a mesma falta de bom-senso com qualquer um, indiscriminadamente. Se o fazia, era porque falava com Tengo. Para Komatsu, Tengo era, por assim dizer, uma extensão dele; como braços ou pernas. Por isso, Komatsu achava que, se ele estava acordado, Tengo obviamente também estaria. No entanto, num dia normal, Tengo costumava se deitar às dez da noite e acordar às seis da manhã. Em geral, tinha uma vida regrada. Dormia profundamente, mas, uma vez acordado, não conseguia mais pregar o olho. Isso o deixava irritado. E não foram poucas as vezes em que ele falou a Komatsu dessa sua dificuldade de voltar a dormir. Chegou inclusive a pedir encarecidamente para ele não ligar mais durante a noite. Um pedido que soou como a prece de um camponês pedindo a Deus que não mandasse uma nuvem de gafanhotos antes da colheita. “Entendi. Não vou mais te ligar à noite”, respondia Komatsu. Mas, como a promessa não fincava raízes suficientemente profundas em seu consciente, logo na primeira chuva ela era facilmente arrancada e levada pela enxurrada.

Tengo se levantou e, trombando contra os móveis, conseguiu chegar até a cozinha para atender ao telefone que tocava insistentemente.

— Falei com a Fukaeri — disse Komatsu. Ele, como sempre,

começava a falar sem qualquer tipo de saudação. Nenhuma frase introdutória, como “Estava dormindo?” ou “Me desculpe por te ligar tão tarde...”. Era realmente impressionante.

Tengo se mantinha quieto, com a cara amarrada e envolto pela escuridão. Quando era acordado abruptamente no meio da noite, sua cabeça levava um tempo para funcionar.

— Ei, está me ouvindo?

— Estou sim.

— Foi por telefone, mas, de qualquer modo, consegui conversar com ela. Não foi exatamente uma conversa; na prática, eu é que falei e ela só ficou escutando. Bem, digamos que ela é uma garota de poucas palavras e que fala de um jeito esquisito. Acho que você vai notar assim que falar com ela. Em todo caso, expliquei o meu plano bem por alto e perguntei o que ela achava de uma terceira pessoa reescrever a *Crisálida de ar* e, com o texto mais bem-trabalhado, concorrer ao prêmio literário de autor revelação. Como a conversa era por telefone, apenas sondei se ela estaria interessada no assunto, ainda que, por precaução, só poderia falar disso em linhas gerais, meio que indiretamente, já que os detalhes podiam ficar para depois, quando nos encontrássemos pessoalmente. Falar disso abertamente por telefone pode trazer problemas.

— E?

— Ela não respondeu.

— Não respondeu?

Komatsu fez uma pausa estratégica: colocou um cigarro na boca e riscou um fósforo. Ao escutar esse som do outro lado da linha, Tengo logo imaginou a cena diante de seus olhos. Komatsu não usava isqueiro.

— Pois então, a Fukaeri disse que quer te conhecer primeiro — disse Komatsu, soltando a fumaça. — Ela não respondeu se estava ou não interessada no assunto. Também não disse se quer ou não fazer isso. De qualquer modo, o mais importante para ela é conversar pessoalmente com você. Só depois dessa conversa é que ela pretende dar a resposta. Isso é que é responsabilidade, hein!

— E?

— Você está livre amanhã à tarde?

As aulas da escola preparatória começavam bem cedo e terminavam às quatro da tarde. E, felizmente ou infelizmente, depois disso ele não tinha nenhum compromisso.

— Estou — respondeu Tengo.

— Então, às seis da tarde, vá ao Nakamuraya, em Shinjuku. Vou reservar uma mesa tranquila nos fundos. Peça o quiser, comida, bebida, e pendure na conta da empresa, está bem? Assim vocês podem conversar à vontade.

— Você não vai?

— Uma das condições de Fukaeri foi a de conversar somente com você. Por enquanto, ela diz que ainda não precisa se encontrar comigo.

Tengo manteve-se calado.

— E é isso — disse Komatsu, bem-humorado. — Conto com você, Tengo. Apesar de ser um cara grandalhão, você sempre causa boa impressão nas pessoas. Além do mais, como professor de escola preparatória, você deve estar acostumado a lidar com essas garotas precoces do colegial, não é? Você se encaixa melhor do que eu nesse papel. Procure conquistar a confiança dela e, gentilmente, tente convencê-la a aceitar o plano de bom grado. Aguardarei as boas-novas.

— Ei, espere um pouco. Essa ideia foi sua, não foi? Eu ainda nem sequer te dei a resposta. E, como eu já te disse outro dia, além de achar esse plano muito arriscado, não creio que as coisas vão se encaminhar assim tão facilmente. Isso pode virar um problema social, de ordem pública. Se nem eu mesmo sei se devo ou não aceitar sua proposta, como é que você acha que vou conseguir convencer uma garota que nem sequer conheço?

Komatsu ficou um bom tempo em silêncio do outro lado da linha. Depois disse:

— Tengo, essa história já está em plena marcha. Agora não dá mais para simplesmente parar o trem e saltar. Eu já me decidi. E você, certamente, está mais que cinquenta por cento decidido. Digamos que eu e você já estamos juntos nessa.

Tengo balançou a cabeça. “Eles estavam juntos nessa? Nossa! Desde quando isso tomou tamanha proporção?”, pensou indignado.

— Mas não foi você mesmo que disse, outro dia, que era para eu pensar nisso com calma?

— Isso foi há cinco dias. Depois de pensar esse tempo todo, qual foi a sua decisão?

Tengo se sentiu num beco sem saída.

— Ainda não me decidi — respondeu com franqueza.

— Se é assim, que tal você se encontrar com essa tal de Fukaeri e conversar com ela, hein? Tome sua decisão depois de falar com ela.

Tengo pressionou com força a têmpora com o dedo. Sua cabeça ainda não estava funcionando bem.

— Entendi. Então vou me encontrar com essa tal de Fukaeri. Amanhã estarei às seis horas no Nakamuraya, em Shinjuku. Vou tentar explicar a situação do meu jeito. Mais que isso não garanto nada. Posso até explicar o que se passa, mas isso de tentar convencê-la não posso garantir, está bem?

— Claro. Está ótimo!

— O que ela sabe de mim?

— Eu disse apenas o mínimo. Que você tem vinte e nove ou trinta anos, é solteiro e dá aulas de matemática numa escola preparatória em Yoyogi. Que, apesar de você ser um cara desajeitado, não é má pessoa; e que não é desses que devoram mocinhas. Disse também que tem uma vida modesta e um olhar meigo. E que você gostou muito da obra. Acho que foi mais ou menos isso.

Tengo suspirou. Quando tentava pensar em algo, a realidade parecia ora se aproximar, ora se distanciar dele.

— Então, Komatsu, será que agora eu posso voltar pra cama? É quase uma e meia da madrugada e eu queria dormir um pouco antes de amanhecer. Amanhã dou três aulas no período da manhã.

— Pode sim. Boa noite — disse Komatsu. — Tenha bons sonhos. — E desligou abruptamente o telefone.

Tengo ficou durante um bom tempo olhando o fone antes de colocá-lo de volta no gancho. Se pudesse, bem que gostaria de voltar a dormir logo e, também, de ter um bom sonho. Mas ele sabia muito bem que não seria fácil dormir após ser acordado àquela hora e, ainda por cima, sendo incomodado com aquele assunto. Pensou em tomar uma bebida alcoólica para tentar dormir, mas não estava com vontade de beber. Resolveu, então, tomar um copo d'água e, ao voltar para a cama, acendeu a luz e pôs-se a ler um livro. A intenção era ler até cair no sono, mas, no final, só conseguiu dormir quando o dia já amanhecia.

Após suas três aulas, Tengo pegou o trem e foi para Shinjuku. Comprou alguns livros na livraria Kinokuniya e rumou para o Nakamura. Na entrada, ao dizer o nome de Komatsu, logo o conduziram para uma mesa tranquila que ficava nos fundos do estabelecimento. Fukaeri ainda não tinha chegado. Tengo disse para a garçonete que aguardava uma pessoa. A garçonete perguntou se ele gostaria de tomar algo enquanto aguardava e ele disse que não. Ela deixou sobre a mesa o copo de água e o cardápio, e se retirou. Tengo começou a ler o livro que acabara de comprar. Um livro sobre feitiçaria, que falava do papel da magia na sociedade japonesa. No passado, a feitiçaria tinha uma finalidade muito importante na comunicação. Sua função era a de encobrir e ocultar as falhas e as contradições existentes no sistema social. Devia ser uma época muito divertida.

Eram seis e quinze e nada de Fukaeri. Tengo continuou a leitura sem se incomodar ou se sentir especialmente surpreso de ela ainda não ter chegado. Afinal, toda a história não tinha pé nem

cabeça. Ninguém podia ser considerado culpado se o assunto se desenrolara de modo tão disparatado. Inclusive, não seria nada estranho se ela mudasse de ideia e não aparecesse. Para Tengo, seria até melhor que ela não viesse. Isso facilitaria as coisas. Era só dizer para Komatsu que, apesar de ter esperado por cerca de uma hora, essa tal de Fukaeri não aparecera. Dali em diante, não seria mais da sua conta. Tengo comeria algo sozinho e voltaria para casa. Com isso seu dever com Komatsu estaria cumprido.

Fukaeri apareceu às seis e vinte e dois. A garçonete a conduziu até a mesa e ela se sentou em frente a Tengo. Com as mãos pequeninas sobre a mesa e sem tirar o casaco, ela ficou olhando para o seu rosto sem dizer nada. Nada de “Me desculpe pelo atraso” ou “Faz tempo que você chegou?”, tampouco “Muito prazer” ou “Boa tarde!”. Com os lábios cerrados, ela apenas se limitava a olhar para o rosto de Tengo. Era como se estivesse contemplando uma paisagem distante, jamais vista. Tengo não pôde deixar de admirar sua atitude.

Fukaeri era pequena. Seu rosto era muito mais bonito do que na foto. O que mais chamava a atenção nesse seu rosto eram os olhos. Olhos que impressionavam pela profundidade de seu olhar. Tengo sentiu desassossego ao ser observado por esse par de pupilas reluzentemente negras. Ela praticamente não piscava. Tampouco parecia respirar. Os cabelos pareciam ter sido cortados precisamente, medidos à régua, fio a fio, em corte reto, e o formato de suas sobrancelhas combinava com esse corte. Como a maioria das garotas bonitas na faixa dos dez aos vinte anos, sua expressão carecia de vitalidade. Expressão que, por sua vez, era reforçada pelo olhar, que diferia em profundidade entre sua pupila direita e a esquerda. Um olhar assimétrico que provocava uma sensação de mal-estar para quem se tornava alvo dele. Era difícil saber o que ela pensava. Nesse sentido, ela não era do tipo de garota bonita que leva jeito para ser modelo ou que vai despontar como cantora de sucesso. Mas, em compensação, tinha um poder de estimular e atrair as pessoas.

Tengo fechou o livro e o colocou no canto da mesa. Depois, endireitou a coluna, corrigiu a postura e tomou um gole de água. Realmente, Komatsu tinha razão. Se essa garota ganhar o prêmio literário, a imprensa não vai deixá-la em paz. O assunto com certeza terá grande repercussão. Será que vai dar certo?

A garçonete se aproximou e deixou o copo d'água e o cardápio na frente dela. Mesmo assim, Fukaeri não se mexeu. Continuou a olhar Tengo sem nenhuma menção de pegar o cardápio. Tengo, sem outra opção, disse “Boa tarde”. O seu corpo parecia ter dobrado de tamanho diante dela.

Mantendo o olhar em Tengo, Fukaeri nem se deu o trabalho de responder a esse cumprimento, mas, finalmente, disse em voz baixa:

— Eu te conheço.

— Você me conhece? — perguntou Tengo.

— Ensina matemática.

Tengo confirmou:

— Isso mesmo.

— Assisti a duas aulas.

— É mesmo?

O jeito de ela falar tinha algumas particularidades. As frases eram concisas, sem complementos, havia uma carência drástica de entonação, e o vocabulário era bem restrito (na melhor das hipóteses, a impressão era de que ela usava, por vontade própria, um vocabulário limitado). Komatsu tinha razão quando disse que era meio esquisita.

— Você estuda na escola em que dou aulas? — perguntou Tengo.

Fukaeri balançou a cabeça negativamente:

— Apenas fui dar uma olhada.

— Se não me engano, não se pode assistir às aulas sem o cartão de estudante.

Fukaeri apenas encolheu discretamente os ombros. Era como se dissesse “Vocês adultos falam cada bobagem!”.

— O que você achou da aula? — perguntou Tengo. Outra pergunta sem sentido.

Fukaeri tomou um gole de água sem desviar o olhar de Tengo. Não houve resposta. Se ela assistiu a duas aulas, significa que a impressão que teve da primeira não foi tão ruim assim, intuiu Tengo. Se a aula não tivesse sido interessante, ela não assistiria a outra.

— Você está no terceiro ano, é isso? — perguntou Tengo.

— Por enquanto.

— Vai prestar o vestibular?

Ela balançou a cabeça.

Tengo não soube identificar se seu gesto queria dizer “Não quero falar de vestibular” ou “Não vou prestar vestibular”. Foi quando se lembrou do que Komatsu lhe dissera, sobre ela ser uma garota extremamente quieta.

A garçonete retornou para anotar os pedidos. Fukaeri ainda usava o casaco. Ela pediu salada e pão:

— É só isso mesmo — disse, devolvendo o cardápio para a garçonete. Como se de repente tivesse uma ideia, acrescentou: — E vinho branco.

A jovem garçonete perguntou-lhe algo a respeito da idade, mas, ao ser encarada por Fukaeri, ela enrubescceu e se calou. Tengo novamente admirou esse seu jeito. Ele pediu um linguini com frutos do mar. E, para acompanhar Fukaeri, uma taça de vinho branco.

— É professor e escreve romances — disse Fukaeri. Ela parecia dirigir uma pergunta para Tengo. Uma de suas características era justamente a de perguntar sem empregar o tom de interrogação.

— No momento, sim — respondeu Tengo.

— Não parece nem um nem outro.

— Você tem razão — disse Tengo, tentando esboçar um sorriso, sem sucesso. — Tenho o diploma de professor e dou aulas na escola preparatória, mas não me considero oficialmente um professor. Escrevo romances, mas, como ainda não se tornou letra impressa, não me considero escritor.

— Você não é nada.

Tengo assentiu:

— Isso mesmo. No momento, eu não sou nada.

— Gosta de matemática.

Tengo acrescentou o sinal de interrogação no final da frase e reformulou a pergunta antes de respondê-la:

— Gosto sim. Sempre gostei e ainda gosto.

— O que gosta.

— O que eu gosto na matemática? — Tengo acrescentou algumas palavras. — Deixe-me ver... Quando eu lido com números, me sinto muito tranquilo. É como se as coisas se encaixassem em seus devidos lugares.

— A história do cálculo integral foi divertida.

— Da minha aula... Lá na escola?

Fukaeri assentiu.

— Você gosta de matemática?

Fukaeri balançou a cabeça. Ela não gostava de matemática.

— Mas você gostou daquela história do cálculo integral? — perguntou Tengo.

Fukaeri encolheu os ombros sutilmente e disse:

— Falou do cálculo integral com carinho.

— Acha mesmo? — disse Tengo. Era a primeira vez que alguém lhe dizia isso.

— Parecia falar de alguém muito importante — disse a garota.

— Acho que meu entusiasmo é bem maior nas aulas de progressão aritmética — comentou Tengo. — Das lições de matemática que dou no colegial, a progressão aritmética é a de que mais gosto.

— Gosta de progressão aritmética — perguntou Fukaeri, sem usar a interrogação.

— Para mim, a progressão aritmética é como *O cravo bem temperado*, de Bach. É algo de que nunca se consegue enjoar. Sempre se descobre algo novo.

— Conheço *O cravo bem temperado*.

— Gosta de Bach?

Fukaeri assentiu:

— Professor sempre ouve.

— Professor? — perguntou Tengo. — Esse professor é o professor da sua escola?

Fukaeri não respondeu. Ela olhou para Tengo com uma expressão de quem diz que ainda é cedo para se falar nisso.

Foi então que lhe ocorreu tirar o casaco e, como um inseto a mudar de pele, tirou-o contorcendo agilmente o corpo e rapidamente o colocou na cadeira ao lado sem dobrá-lo. Ela vestia um pulôver fino de gola redonda verde-claro e jeans branco. Não usava acessórios. Nem maquiagem. Mas, mesmo assim, chamava a atenção. Seu corpo era esbelto, mas os seios eram proporcionalmente grandes, atraindo irresistivelmente a atenção do seu olhar. Tinham um belo formato. Tengo precisava se conter para não ficar olhando para eles. Mas, mesmo tomando esse cuidado, seus olhos acabavam se fixando neles como que tragados para o olho do furacão.

As taças de vinho branco foram servidas. Fukaeri tomou um gole. Antes de devolver a taça sobre a mesa, ficou a olhá-la, pensativa. Tengo levou a taça à boca apenas para molhar os lábios. Precisava falar sobre um assunto importante.

Por alguns instantes, Fukaeri passou os dedos entre os seus cabelos negros de corte reto, como que a penteá-los. Seu gesto era lindo, assim como seus dedos. Era como se cada dedo tivesse autonomia, vontade e orientação próprias. Tengo chegou a imaginar que eram enfeitiçados.

— O que eu gosto na matemática? — Tengo refez a pergunta para tentar desviar os olhos dos dedos e dos seios dela. — A matemática é como a correnteza da água. É claro que existem muitas teorias complicadas, mas o raciocínio básico é muito simples. Assim como a água que vem do alto sempre corre para baixo pelo caminho mais curto, os números também seguem um único fluxo. Basta observar atentamente o fluxo para que você consiga enxergar o percurso. É só ficar quietinho e observar atentamente. Não é preciso fazer nada. Se você se concentrar e mantiver os olhos bem atentos, a própria matemática irá se revelar por inteiro. Nada mais neste vasto mundo foi tão gentil comigo como a matemática.

Fukaeri ficou por um bom tempo pensativa, refletindo sobre o que acabara de ouvir.

— Por que escreve romances — perguntou Fukaeri, sem entonação.

Tengo desenvolveu a pergunta numa sentença bem mais longa:

— Se a matemática te deixa tão feliz, para que sofrer tentando escrever romances? Não seria melhor se dedicar somente à

matemática? É isso que você quis dizer?

Fukaeri concordou.

— Bem, é que... Digamos que a vida real não é como a matemática. Na vida real as coisas nem sempre seguem o percurso mais curto. A matemática é, como eu poderia dizer... é algo por demais natural para mim. É como uma paisagem bonita. É apenas algo que *está aí*. Não é preciso substituí-la. Por isso, quando estou inserido no mundo da matemática, eu me sinto como que gradualmente transparente. Às vezes, isso me dá medo.

Fukaeri fitava Tengo sem desviar o olhar. Era como se estivesse espiando uma casa vazia, com o rosto grudado na janela.

Tengo continuou:

— Quando escrevo um romance, eu utilizo as palavras para substituir a paisagem do meu entorno em algo que se torna mais natural para mim. Ou seja, eu a reorganizo. Ao fazer isso, me certifico de que sou um ser humano que realmente existe neste mundo. Isso é um tipo de trabalho bem diferente do que quando estou no mundo da matemática.

— Certifica sua existência — disse Fukaeri.

— Mas ainda não posso dizer que consigo fazer isso muito bem — disse Tengo.

A explicação de Tengo aparentemente não convenceu Fukaeri, mas ela não fez nenhum comentário; limitou-se a pegar a taça de vinho e levá-la à boca. Como se bebesse de canudinho, tomou um gole sem emitir sons.

— Se me permite dizer, na prática, você também está fazendo algo parecido. Você está reorganizando uma paisagem por meio de suas palavras e, com isso, você está se certificando de sua existência — disse Tengo.

Fukaeri ficou um tempo refletindo sobre isso com a taça de vinho branco na mão. Como era de se esperar, sobre isso ela também preferiu não opinar.

— Digamos que você preservou o resultado desse processo por meio de uma forma que, no caso, é a sua obra — complementou Tengo. — Se essa sua obra suscitar a aceitação e a simpatia de um grande número de pessoas, significa que ela possui um valor real.

Fukaeri balançou a cabeça categoricamente:

— Isso, de forma, não me interessa.

— Você não se interessa pela forma — repetiu Tengo.

— Forma não tem significado.

— Então por que é que você se inscreveu para o concurso literário enviando aquela história?

Fukaeri colocou a taça sobre a mesa.

— Eu não enviei.

Tengo pegou o copo de água e tomou um gole para manter a calma:

— Quer dizer que você não se inscreveu no prêmio literário?

Fukaeri assentiu:

— Eu não enviei.

— Então... Quem enviou o que você escreveu para a editora e te inscreveu para o concurso literário de autor revelação?

Fukaeri encolheu os ombros discretamente. Durante cerca de 15 segundos manteve-se em silêncio para, em seguida, quebrá-lo:

— Alguém.

— Alguém? — repetiu Tengo, soltando o ar lentamente por entre os lábios cerrados. A conversa estava difícil de deslanchar. Ele sabia que seria assim.

Tengo já havia se relacionado com algumas de suas alunas da escola preparatória. Mas esses relacionamentos aconteciam depois de elas deixarem a escola e ingressarem na universidade. Elas é que ligavam para ele convidando-o para sair. Ele as encontrava, conversavam e passeavam em algum lugar. Tengo não sabia que tipo de atração ele despertava nelas, mas, de qualquer modo, era solteiro e elas já não eram mais suas alunas. Não havia motivo para recusar os convites.

Como desdobramento desses encontros ele acabou indo para a cama com duas delas, mas o relacionamento não durava muito; ele se desgastava naturalmente até terminar de forma espontânea. Quando Tengo saía com essas garotas cheias de energia, que haviam acabado de ingressar na faculdade, ele não conseguia ficar sossegado. Sentia-se desconfortável. Era como brincar com filhotes de gato: de início, é divertido, legal; mas, um tempo depois, se torna entediante. As garotas também se decepcionavam com ele ao constatar que aquele professor das aulas entusiasmadas de matemática era outra pessoa fora das aulas. E Tengo, de certa forma, entendia aquela frustração.

Ele só conseguia relaxar quando estava com uma mulher mais velha. O fato de não precisar assumir nenhum tipo de iniciativa era como tirar um fardo de suas costas. Sua sorte era que a maioria das mulheres mais velhas costumava simpatizar com ele. Desde que passara a se relacionar, cerca de um ano antes, com uma mulher dez anos mais velha, Tengo nunca mais saiu com mulheres jovens. Uma vez por semana ela ia ao apartamento de Tengo para se encontrarem e assim ele aliviava em parte aquele desejo carnal — ou necessidade — que seu corpo sentia pelo sexo feminino. Fora isso, ele passava o dia no quarto escrevendo romances, lendo livros, ouvindo música e, de vez em quando, ia nadar na piscina coberta que ficava perto de sua casa. A não ser pelas poucas conversas que tinha com os colegas da

escola preparatória, praticamente não falava com mais ninguém. Mas não tinha do que reclamar. Muito pelo contrário; essa era a vida que ele considerava a mais próxima da ideal.

No entanto, quando ele olhou para essa garota de dezessete anos chamada Fukaeri, sentiu seu coração bater intensamente. Era a mesma sensação que havia tido quando viu sua fotografia pela primeira vez, mas, vendo-a ao vivo e em cores, a palpitação foi bem mais intensa. Não era paixão nem tampouco desejo carnal. Era como se *algo* penetrasse por uma pequenina fenda tentando preencher um vazio existente em seu âmago. Era essa a sensação. E o vazio não foi algo trazido por Fukaeri; já existia dentro dele. Fukaeri apenas incidira uma luz especial naquele local, iluminando-o.

— Você não tem interesse em escrever romances e também não se candidatou ao prêmio literário — disse Tengo, para se certificar das informações.

Fukaeri assentiu sem tirar os olhos de Tengo. Depois encolheu os ombros, como a se proteger do vento frio e seco do inverno.

— Você não tem pretensões de se tornar escritora. — Tengo levou um susto ao perceber que ele próprio fazia uma pergunta sem a entonação. Falar daquele jeito parecia contagioso.

— Não tenho — respondeu Fukaeri.

A refeição foi servida. Para Fukaeri veio uma travessa grande de salada acompanhada por uma cesta de pão. Para Tengo, linguini com frutos do mar. Fukaeri virava a folha de alface de um lado para outro com o garfo, como se estivesse lendo as manchetes do jornal.

— Então quer dizer que alguém enviou para a editora a *Crisálida de ar* que você escreveu, inscrevendo-a para concorrer ao prêmio de autor revelação. Eu fiz a primeira leitura das obras inscritas e a sua me chamou a atenção.

— *Crisálida de ar* — disse Fukaeri comprimindo os olhos.

— *Crisálida de ar* é o título do seu romance — disse Tengo.

Fukaeri se calou, mantendo os olhos semicerrados.

— Esse não é o título que você deu? — perguntou Tengo, intrigado.

Fukaeri balançou negativamente a cabeça.

Tengo ficou um pouco confuso, mas, naquele momento, achou melhor deixar de lado a questão do título. Em vez disso, preferiu desenvolver o assunto.

— Isso é o de menos. De qualquer modo, não é um título ruim. Dá um certo clima e chama a atenção. *O que é isso?*, as pessoas perguntarão intrigadas. Independentemente de quem tenha colocado o título, eu acho que é apropriado. Não sei direito qual é a diferença

entre *crisálida* e *casulo*, mas não chega a ser um problema grave. O que eu estou tentando dizer é que, quando o li, ele me tocou profundamente. Foi por isso que resolvi levá-lo para Komatsu. Ele também gostou da *Crisálida de ar*. Mas, se o intuito é realmente concorrer ao prêmio, ele diz que é preciso revisar o texto. O estilo fica um pouco aquém do intenso poder da história. E, em vez de você reescrever o texto, a ideia dele é que eu o faça. Eu mesmo ainda não decidi. Ainda não dei a resposta se vou ou não aceitar fazer isso. Ainda tenho minhas dúvidas se é correto.

Tengo se interrompeu e aguardou uma resposta de Fukaeri. Não houve reação.

— O que eu gostaria de saber é o que você acha de eu reescrever a *Crisálida de ar*. Mesmo que eu aceite, não posso fazê-lo sem o seu consentimento e a sua colaboração.

Fukaeri pegou com a mão um tomate cereja e o comeu. Tengo, por sua vez, espetou um mexilhão com o garfo e o pôs na boca.

— Tudo bem fazer — disse Fukaeri sucintamente. Após pegar outro tomate, complementou: — Arrume do jeito que achar melhor.

— Você não quer pensar mais um pouquinho, com mais calma? É algo muito importante — disse Tengo.

Fukaeri balançou a cabeça. Era desnecessário.

— Digamos que eu reescreva a sua obra — explicou Tengo. — Vou reescrevê-la tomando o cuidado de não mudar a história. Mas, de qualquer modo, vou ter de dar uma boa mexida no texto. Para todos os efeitos, a autora será você. Será uma obra escrita por uma garota de dezessete anos chamada Fukaeri. Isso é ponto pacífico. Se a obra for premiada, você é quem receberá o prêmio literário. Se a obra for publicada, a autora será você. Nós seremos um time. Eu, você e o editor que se chama Komatsu: seremos nós três. Mas somente o seu nome é que será divulgado. Os outros dois ficarão na retaguarda como assistentes de palco. Está me entendendo?

Fukaeri pegou um pedaço de aipo com o garfo e o levou à boca; depois, assentiu em voz baixa:

— Entendo.

— A história chamada *Crisálida de ar* é totalmente sua. É algo que surgiu de dentro de você. Não cabe a mim me apoderar dela. A minha ajuda será essencialmente técnica, e deverá ser mantida em segredo. Estamos conspirando para contar uma mentira para o mundo. Sob todos os aspectos, não é algo fácil de fazer. Significa que teremos de guardar esse segredo para o resto da vida.

— Já que é assim — disse Fukaeri.

Tengo colocou a concha do mexilhão no canto do prato e, quando estava para comer o linguini, mudou de ideia. Fukaeri pegou um pedaço de pepino e mastigou-o cuidadosamente, como se o

experimentasse pela primeira vez.

Com o garfo ainda na mão, Tengo disse:

— Vou te perguntar mais uma vez: você não tem nenhuma objeção quanto a eu reescrever sua história?

— Faça como quiser — disse Fukaeri após comer o pepino.

— Você não se importa em como eu vou reescrevê-la?

— Não me importo.

— Como pode? Você mal me conhece!

Fukaeri se limitou a encolher os ombros.

Os dois ficaram um tempo em silêncio comendo. Fukaeri estava concentrada em sua salada. De vez em quando, passava manteiga no pão e esticava o braço para pegar a taça de vinho. Tengo comia o linguini mecanicamente, enquanto inúmeras ideias lhe passavam pela cabeça.

Tengo descansou o garfo sobre a mesa e disse:

— A primeira vez que Komatsu veio falar comigo sobre isso custei a acreditar. Achei que era impossível. Minha intenção era, de algum jeito, recusar. Mas, quando cheguei em casa e comecei a pensar na possibilidade, minha vontade de aceitar ficou cada vez mais forte. Independentemente de isso ser ético ou não, o fato é que senti vontade de dar um toque pessoal e uma nova roupagem para a *Crisálida de ar*. Não sei como te explicar, mas digamos que é um impulso natural, extremamente espontâneo.

“Não. Em vez de impulso, talvez a palavra mais próxima seja um desejo ardente, uma necessidade”, Tengo pensou. Komatsu tinha razão. Estava sendo cada vez mais difícil conter sua vontade.

Fukaeri mantinha-se calada observando Tengo com seu belo par de olhos. Um olhar neutro, porém profundo. Parecia se esforçar para entender as palavras de Tengo.

— Você quer reescrever — perguntou Fukaeri.

Tengo a fitou diretamente e respondeu:

— Creio que sim.

As pupilas negras de Fukaeri brilharam, como se projetassem algo.

Tengo fez um gesto de quem segura com as mãos uma caixa imaginária, suspensa no ar. Era um gesto totalmente infundado, mas, naquele momento, ele precisava fazer isso para exprimir seus sentimentos.

— Não sei explicar direito, mas toda vez que eu relia a *Crisálida de ar* tinha a impressão de que eu também conseguia ver o que você vê. Principalmente naquela cena em que você fala do Povo Pequenino. Realmente, o seu poder de imaginação é excepcional. Digamos que é autêntico e contagiante.

Fukaeri descansou a colher sobre a mesa e limpou os lábios

com o guardanapo.

— O Povo Pequeninino existe de verdade — ela disse com a voz serena.

— Existe de verdade?

Fukaeri ficou um tempo em silêncio. E prosseguiu:

— É como você e eu.

— Como nós? — repetiu Tengo.

— Se quiser, você pode vê-los.

O jeito conciso de ela falar tinha um estranho poder de convencimento. Dava a impressão de que cada palavra que ela pronunciava tinha uma cavilha específica, que se encaixava com precisão. Mas Tengo não sabia até que ponto aquela garota chamada Fukaeri podia ser levada a sério. Ela tinha algum parafuso solto, algo que não era normal. Mas poderia ser um dom natural e, naquele exato momento, ele poderia estar presenciando um talento genuinamente verdadeiro. Ou, quem sabe, tudo não passava de mera simulação. Às vezes, garotas inteligentes sabem instintivamente encenar e costumam se *fingir* de excêntricas. E, usando palavras sugestivas, confundem as pessoas. Ele próprio chegou a conhecer alguns tipos assim. Nem sempre era fácil discernir o autêntico da encenação. Tengo achou melhor voltar o assunto para a realidade. Ou, pelo menos, para mais próximo dela.

— Se você concordar, gostaria de começar a reescrever a *Crisálida de ar* a partir de amanhã.

— Se é isso que você deseja...

— Assim desejo — Tengo respondeu sucintamente.

— Quero que encontre uma pessoa — disse Fukaeri.

— Eu... Encontrar essa pessoa — disse Tengo.

Fukaeri assentiu.

— Quem? — perguntou Tengo.

A pergunta foi ignorada.

— Você vai conversar com ela — disse a garota.

— Se for preciso, posso me encontrar com ela — respondeu Tengo.

— Você tem tempo livre no domingo de manhã — ela perguntou, sem a interrogação.

— Tenho tempo — respondeu Tengo. Parecia que se comunicavam por sinais, pensou Tengo.

Após a refeição, Tengo e Fukaeri se despediram. Ele colocou algumas moedas de dez ienes no telefone cor-de-rosa do restaurante e ligou para a editora de Komatsu. Ele ainda estava trabalhando, mas levou um tempo até atender. Tengo aguardou com o fone no ouvido.

— E então... Como foi? Deu tudo certo? — foram as primeiras perguntas que Komatsu fez ao atender o telefone.

— A princípio, a Fukaeri me deixou reescrever a Crisálida de ar. Acho que é isso.

— Que ótimo! — exclamou Komatsu, bem-humorado. — Formidável! Para falar a verdade, eu estava um pouco preocupado. É que, no fundo, eu tinha um certo receio de que você não levasse jeito para esse tipo de negociação.

— Eu não fiz nenhum tipo de negociação, longe disso — disse Tengo. — Nem sequer precisei convencê-la. A única coisa que fiz foi explicar sucintamente a situação e o resto foi decisão dela.

— Bem, isso agora não vem ao caso. Se deu tudo certo, não tenho do que reclamar. Com isso podemos prosseguir com o nosso plano.

— Mas antes há um porém. Preciso me encontrar com uma certa pessoa.

— Certa pessoa?

— Não tenho ideia de quem seja. De qualquer modo, ela quer que eu fale com essa pessoa.

Komatsu calou-se por alguns segundos.

— E quando é que você vai se encontrar com ela?

— No próximo domingo. Fukaeri vai me levar até ela.

— Há uma regra muito importante sobre o nosso segredo — disse Komatsu, sério. — Quanto menos pessoas souberem dele, melhor. No momento, somente três pessoas estão a par: você, eu e Fukaeri. Na medida do possível, não quero aumentar esse número. Você entende?

— Teoricamente, sim.

A voz de Komatsu novamente se abrandou.

— De qualquer modo, a Fukaeri concordou em deixar você mexer no texto. Isso sim é a coisa mais importante. No resto a gente sempre pode dar um jeito.

Tengo mudou o fone para a mão esquerda e, com o indicador da direita, pressionou a têmpora.

— Pois então, Komatsu, confesso que estou inseguro. Não digo isso com base em algo realmente concreto, mas é que, nesse momento, sinto que estou me envolvendo em *algo que não é comum*. Quando eu estava conversando frente a frente com essa Fukaeri, eu não senti isso, mas depois, quando fiquei sozinho, a sensação foi se tornando cada vez mais intensa. Não sei se é um tipo de pressentimento ou uma espécie de intuição, mas o fato é que sinto que existe alguma coisa estranha. Algo que não é normal. Não percebo claramente, mas meu corpo sente.

— Você sentiu isso após se encontrar com Fukaeri?

— Acho que sim. Fukaeri parece ser uma pessoa autêntica. Mas é apenas uma intuição minha.

— Você está querendo dizer que ela realmente é uma pessoa talentosa?

— Se ela é talentosa, não sei. Mal a conheço — disse Tengo. — Apenas acho que ela realmente consegue ver algo que nós não enxergamos. Talvez ela tenha algo especial. É isso que está me intrigando.

— Você acha que ela tem problemas mentais?

— Problemas mentais, acho que não; mas digamos que ela tem algo de excêntrico. A princípio, o que ela diz faz sentido — disse Tengo. Após uma pausa, continuou: — A questão é que algo nela me deixa intrigado.

— De qualquer modo, ela te achou interessante — disse Komatsu.

Tengo tentou encontrar alguma palavra adequada, mas em vão:

— Não saberia dizer — respondeu.

— Ela se encontrou com você e te achou capaz de reescrever a *Crisálida de ar*. Isso significa que ela gostou de você. Realmente, Tengo, você é o máximo! Eu mesmo não sei o que vai acontecer daqui para a frente. É um risco que vamos ter de correr. No entanto, o risco é o tempero da vida. Comece agora mesmo a revisar *Crisálida de ar*. Não temos muito tempo. Preciso colocar o quanto antes o texto reescrito na pilha dos inscritos. Vou ter de substituir o original. Você consegue terminar em dez dias?

Tengo suspirou.

— É puxado!

— Não precisa ser a versão final. Na etapa seguinte, ainda vai dar para fazer alguns retoques. Agora, basta você melhorar o texto como um todo.

Tengo esboçou mentalmente uma estimativa do tempo que levaria para fazer o trabalho:

— Se é assim, acho que consigo dar um jeito em dez dias. Mas ainda não será propriamente a versão final.

— Comece a escrever — disse Komatsu, animado. — Veja o mundo com os olhos dela. Você será o mediador entre o mundo de Fukaeri e o mundo real. Você vai conseguir, Tengo. Para mim...

Os dez ienes da ligação expiraram.

Aomame

Profissão que exige habilidade e preparo

Após terminar o serviço, Aomame caminhou um pouco antes de pegar um táxi e ir para um hotel no bairro de Akasaka. Antes de voltar para casa e dormir, precisava tomar algo para relaxar. Não era para menos; ela acabara de mandar um homem para o *lado de lá*. O canalha merecia morrer, estava certo, mas mesmo assim ele era um ser humano. Ainda conseguia sentir nas mãos o instante em que ele deixara de viver: o instante de seu derradeiro sopro de vida, de a alma se distanciar do corpo. Aomame já tinha ido algumas vezes ao bar daquele hotel. Ficava no último andar de um edifício alto, com uma boa vista e um balcão muito confortável.

Eram sete e pouco quando adentrou o bar. Dois jovens tocavam *Sweet Lorraine*, em dueto, ao som de piano e guitarra. Imitavam, até que bem, a versão que Nat King Cole havia gravado num de seus discos antigos. Como de costume, Aomame sentou-se no balcão e pediu uma dose de gim-tônica e uma porção de pistache. O bar ainda não estava cheio. Havia apenas um casal de jovens tomando coquetéis, contemplando a paisagem noturna; um grupo de quatro homens engravatados parecia falar de negócios, e um casal de estrangeiros de meia-idade bebia martinis. Aomame tomou calmamente seu copo de gim-tônica. Não queria se embriagar de depressa. A noite seria longa.

Tirou um livro da bolsa e começou a ler. Era um livro sobre a estrada de ferro da Manchúria, da década de trinta. Um ano após o término da Guerra Russo-Japonesa, os russos foram obrigados a ceder aos japoneses o direito de exploração da ferrovia (Companhia Ferroviária do Sul da Manchúria), cuja extensão foi rapidamente ampliada para se tornar o posto avançado do império japonês durante a ocupação da China. Situação esta que seria desmantelada em 1945 pelo exército russo. Até o início da Guerra Russo-Alemã, em 1941, o trajeto Shimonoseki-Paris podia ser feito em treze dias, utilizando-se a conexão das redes ferroviárias da Manchúria e da Sibéria.

Aomame achava que, vestida de executiva, com uma bolsa grande ao lado e lendo atentamente um livro (de capa dura) sobre a estrada de ferro da Manchúria — a despeito de ser jovem e estar tomando um drinque sozinha no balcão —, evitaria que alguém a confundisse com uma prostituta de luxo em busca de cliente. No entanto, ela não sabia ao certo como uma autêntica prostituta de luxo costumava se portar. Caso ela fosse uma garota de programa à procura de um homem de negócios rico, certamente faria o máximo para não se parecer com uma; justamente para não deixar o cliente tenso, e tampouco ser expulsa do bar. Por exemplo: vestiria um blazer modelo executivo da Junko Shimada, uma blusa branca, usaria pouca maquiagem, carregaria uma bolsa grande e funcional e ficaria lendo um livro sobre a estrada de ferro da Manchúria. Nesse momento, ela se deu conta de que, na prática, não havia diferença entre o que ela estava fazendo e o que uma prostituta à espera de um cliente faria.

Com o passar das horas, o bar começou a encher e, em pouco tempo, Aomame se viu em pleno burburinho. Mas o tipo de homem que ela procurava ainda não tinha dado as caras. Pediu então mais uma dose de gim-tônica e uma porção de legumes cortados em palito (ela ainda não tinha jantado), e continuou a leitura. Um tempo depois, um homem se aproximou e se sentou no balcão. Estava desacompanhado. Bronzeado na medida certa, ele vestia um terno de bom corte em tom azul-grafite. A gravata também era de bom gosto. Nem tão chamativa, nem discreta demais. Um homem na faixa dos cinquenta, com os cabelos que começavam a rarear. Não usava óculos. Ele devia estar em Tóquio a trabalho e, ao concluir as tarefas do dia, decidira tomar um drinque antes de dormir. Era como Aomame, que, para aliviar a tensão, tomava uma dose moderada de álcool.

A maioria dos funcionários que vêm a Tóquio a trabalho não se hospeda nesses hotéis de luxo. Eles costumam se hospedar em hotéis executivos mais baratos, próximos à estação. E, normalmente, esses hotéis são aqueles em que a cama ocupa praticamente todo o espaço do quarto, a janela dá para a parede do edifício ao lado e, durante o banho, os cotovelos se chocam umas vinte vezes contra a parede. Nos corredores de todos os andares estão instaladas máquinas automáticas para venda de bebidas e artigos para higiene pessoal. E das duas, uma: ou a quantia liberada pela empresa só é suficiente para se hospedar nesse tipo de hotel ou a pessoa opta por se hospedar num hotel barato para embolsar a diferença. Eles costumam tomar cerveja em algum bar das redondezas, voltam para dormir e, de manhã, devoram uma tigela de *gyûdon* — composta de arroz e carne em fatias — em alguma rede de restaurante popular perto dali.

As pessoas que se hospedam neste hotel são de outra categoria. São aquelas que, sempre que precisam vir a Tóquio a trabalho, viajam

de primeira classe nos vagões verdes do trem-bala e se hospedam em hotéis de luxo. Após o trabalho, seguem para o bar do hotel e procuram relaxar com bebidas caras. Muitas delas trabalham em grandes empresas e possuem cargos executivos. Algumas são donas de empresas ou profissionais liberais que atuam em áreas específicas tais como médicos e advogados. Homens de meia-idade, financeiramente estáveis. E que, muito ou pouco, costumam se divertir. Esse era o tipo de homem que Aomame tinha em mente.

Mesmo antes de completar vinte anos, ela sempre tivera uma queda inexplicável por homens de meia-idade que começavam a ficar calvos. Mais do que os completamente calvos, ela gostava dos que ainda tinham um pouco de cabelo. Isso não queria dizer que bastava ter pouco cabelo. Se o formato da cabeça não fosse bonito, não servia. O tipo ideal de calvície era como a de Sean Connery: uma cabeça com um formato muito bonito e sexy e que só de olhar fazia seu coração disparar. O homem que se sentou no balcão, a duas cadeiras dela, até que tinha uma cabeça de bom formato. Logicamente, não tão linda como a de Sean Connery, mas fazia o tipo. Ele tinha uma perda acentuada na região frontal, e os poucos fios que ainda lhe restavam lembravam os campos de outono após a geada. De vez em quando, Aomame tirava os olhos do livro e contemplava a cabeça do homem. O rosto não chamava especial atenção. Não era obeso, mas a pele do queixo estava ligeiramente flácida. Havia bolsões abaixo dos olhos. Era um típico homem de meia-idade que se vê por aí. Mas, de qualquer modo, agradava-lhe o formato de sua cabeça.

O barman lhe deu o cardápio e a toalhinha umedecida, mas ele pediu um uísque com soda sem sequer olhar as opções.

— O senhor tem alguma preferência de marca? — perguntou o barman.

— Não. Não tenho. Pode ser qualquer uma — o homem respondeu. Sua voz era calma e tranquila, com um sotaque de Kansai, típico da região de Quioto e Osaka. Um pouco depois, como se reconsiderasse, perguntou ao barman se tinha um Cutty Sark. O barman respondeu que sim. Aomame achou uma boa pedida. O fato de ele não ter escolhido um convencional Chivas Regal ou um sofisticado *single malt* causou-lhe uma boa impressão. Aomame era da opinião de que, geralmente, um homem que se preocupava demais com marcas de bebida num bar não era do tipo que gostava de sexo. Ela não sabia exatamente o porquê disso.

Aomame gostava do sotaque de Kansai. Especialmente quando alguém que nasceu e cresceu nessa região vinha para Tóquio e tentava forçosamente falar como os daqui, o que ressaltava ainda mais as diferenças regionais. O que mais a agradava era o desajuste entre o vocabulário e a entonação. E esse jeito de falar tinha o estranho poder

de acalmá-la. Aomame decidiu que aquele seria o homem. Ela queria passar os dedos nos poucos fios de cabelo que restavam na cabeça, até se sentir satisfeita. Quando o barman trouxe o uísque com soda, ela aproveitou para pedir:

— Um Cutty Sark com gelo — disse Aomame para que o homem pudesse ouvi-la.

— Pois não — respondeu o barman, inexpressivo.

O homem desabotoou o primeiro botão da camisa e afrouxou o nó da gravata azul-marinho de estampas pequenas. O terno também era da mesma cor. A camisa era azul-clara. Aomame aguardou o pedido lendo o livro e, discretamente, desabotoou um dos botões da blusa. A banda tocava *It's only a paper moon*. O pianista cantou apenas o refrão. Assim que o barman trouxe a bebida, ela encostou o copo nos lábios e tomou um gole. Foi quando percebeu que o homem a olhava de vez em quando. Aomame tirou os olhos das páginas do livro e, ao erguer o rosto, lançou um olhar para ele. Olhou-o como que por acaso. Quando os olhares se encontraram, ela sorriu discretamente. Em seguida, desviou o olhar para a janela à sua frente, como se fingisse contemplar a paisagem noturna.

Era o momento ideal para que o homem puxasse assunto; ela havia criado a situação. No entanto, ele nada fez. “E aí, o que você está esperando?”, pensou Aomame, inconformada. “Você não é nenhum moleque inexperiente. Certamente já deve ter percebido a deixa; o que lhe falta é coragem”, deduziu ela. O fato de ele ser um cinquentão e de ela ter vinte e poucos anos possivelmente o deixava apreensivo de puxar conversa e ser rejeitado ou xingado de velho careca, passando por idiota. “Mas que coisa. Que cara tapado.”

Aomame fechou o livro e o guardou na bolsa. Resolveu tomar a iniciativa da conversa.

— Você gosta de Cutty Sark? — perguntou Aomame.

O homem olhou para ela surpreso. Parecia não entender a pergunta, mas, no momento seguinte, tratou de desfazer essa impressão.

— Ah! É... Cutty Sark — respondeu, como que a recordar —, gosto do rótulo e por isso sempre tomo. É por causa do desenho do barco à vela.

— Gosta de barcos?

— Gosto. Gosto de barcos à vela.

Aomame ergueu o copo. Ele também pegou o uísque com soda e o ergueu discretamente, como se estivessem brindando.

Depois, Aomame colocou no ombro a bolsa que estava na banqueta ao lado e, com o copo de uísque na mão, deslocou-se agilmente, indo se sentar ao lado do homem. Apesar do susto, ele tentou disfarçar.

— Marquei um encontro com uma amiga que estudou comigo no colegial, mas, pelo jeito, ela me deu o bolo — disse Aomame olhando o relógio. — Ela ainda não apareceu e nem sequer deu notícias.

— Será que ela não confundiu a data do encontro?

— Pode ser. Ela sempre foi meio cabeça de vento — disse Aomame. — Vou aguardar mais um pouco, mas enquanto isso será que podemos conversar um pouco? Ou prefere ficar sozinho, sossegado?

— Não. De jeito nenhum — o homem respondeu com uma voz levemente hesitante. Franzindo a testa, olhou Aomame como se estivesse avaliando uma apólice. Parecia indagar se ela não seria uma prostituta tentando fisgar um cliente. Aomame, porém, não aparentava ser uma. Isso o fez se sentir um pouco mais tranquilo.

— Você está hospedada neste hotel? — ele perguntou.

Aomame fez que não balançando a cabeça.

— Não. Eu moro em Tóquio. Apenas marquei o encontro com minha amiga aqui. E você?

— Vim a trabalho — respondeu o homem. — Sou de Osaka. Vim para uma reunião. É uma reuniãozinha de nada, mas, como a matriz fica em Osaka, o pessoal daqui acha melhor que alguém de lá participe da reunião.

Aomame sorriu diplomaticamente. No fundo, ela pensava, “saiba que não estou nem um pouco interessada em falar do seu trabalho; o que realmente gostei em você é do formato da sua cabeça”, mas, logicamente, não disse nada.

— Terminei um trabalho e resolvi tomar um drinque. Amanhã, no período da manhã, tenho mais um e depois volto para Osaka.

— Eu também acabei de terminar um trabalho muito importante — disse Aomame.

— É mesmo? Que tipo de trabalho?

— Eu prefiro não falar disso, mas digamos que é um tipo de trabalho especializado.

— Trabalho especializado? — o homem repetiu as palavras de Aomame. — Um trabalho que exige habilidade e preparo e que não pode ser realizado por qualquer um.

“Por acaso, você é um dicionário ambulante?”, pensou Aomame. Isso ela também guardou para si. Abrindo um sorriso, respondeu:

— É, é algo assim.

O homem tomou mais um gole de seu drinque e pegou um punhado de nozes da tigela.

— Eu bem que gostaria de saber que tipo de serviço você faz, mas já que você não quer falar sobre isso...

Ela balançou a cabeça, concordando.

— Agora, prefiro não.

— Por acaso não seria algo relacionado a letras? Do tipo... Digamos... Editora ou pesquisadora de alguma universidade?

— Por que você acha isso?

O homem colocou a mão no nó da gravata e apertou-a novamente. Em seguida, fechou o botão da camisa.

— É que você estava bem concentrada lendo um livro grosso.

Aomame deu um leve toque na borda do copo com a unha.

— Eu estava lendo aquele livro porque gosto de ler. Não tem nada a ver com o meu trabalho.

— Ah! Então desisto. Não tenho ideia do que seja.

— Creio que não tenha mesmo — disse Aomame enquanto pensava “e nunca terá”.

O homem olhava dissimuladamente para o corpo de Aomame. Ela fingiu ter deixado cair algo e, ao se abaixar, deixou que ele visse à vontade os contornos dos seios. Certamente dava para ver a ponta dos mamilos e as roupas íntimas e brancas com detalhes em renda. Em seguida, ela se levantou e tomou o seu Cutty Sark. A pedra de gelo grande e redonda fez um barulho seco dentro do copo.

— Aceita mais um? Vou pedir outro — disse o homem.

— Aceito, obrigada — disse Aomame.

— Você é forte na bebida, hein?

Aomame sorriu de modo vago. E, de repente, ficou séria.

— Ah! Lembrei de uma coisa. Tenho uma dúvida...

— Que tipo de dúvida?

— De uns tempos para cá, o uniforme dos policiais mudou? E o tipo de arma que carregam... também mudou?

— De uns tempos para cá seria quanto tempo mais ou menos?

— Cerca de uma semana atrás.

O homem esboçou uma sutil expressão de estranhamento.

— Realmente, o uniforme e a arma dos policiais andaram mudando, mas isso já faz alguns anos. Os uniformes eram mais justos e foram substituídos por modelos mais informais, tipo jaquetas de jérsei, e as armas foram substituídas por modelos novos e automáticos. Fora isso, creio que não houve nenhuma outra alteração significativa.

— A polícia japonesa andava com revólveres antigos, não andava? Pelo menos até a semana passada...

O homem balançou a cabeça, discordando.

— Não pode ser. Já faz um tempo que os policiais carregam pistolas automáticas.

— Tem certeza do que está falando?

O homem se sentiu acuado com o tom de voz de Aomame. Ele franziu as sobrancelhas e pensou seriamente no assunto, como se

vasculhasse a memória.

— Hum... Perguntando desse jeito, você me deixa confuso. Lembro que nos jornais saiu a notícia de que todos os revólveres da polícia seriam substituídos por novas pistolas automáticas. Na época, isso causou uma certa polêmica. Organizações não governamentais fizeram protestos dizendo que as armas eram muito poderosas.

— Isso foi há quanto tempo? — perguntou Aomame.

O homem chamou o barman e perguntou quando os uniformes e as armas dos policiais haviam sido substituídos.

— Foi na primavera, uns dois anos atrás — o barman respondeu de imediato.

— Não te disse? Um barman de um hotel cinco estrelas sabe de tudo — disse o homem, rindo.

O barman também riu.

— Não. Não é isso. É que meu irmão mais novo é policial e eu me lembro bem. Ele não gostava do modelo desse uniforme novo e vivia resmungando. Também se queixava da arma, dizendo ser muito pesada. Ainda hoje vive reclamando. As armas atuais são Beretta nove milímetros, automáticas, e basta mudar uma chave para que fiquem semiautomáticas. Se não me engano, a Mitsubishi é que tem a licença de fabricação dessas armas para todo o país. No Japão, dificilmente há tiroteios, por isso torna-se desnecessário ter esse tipo de armamento de alta tecnologia. E, diga-se de passagem, o risco de ser roubado é muito maior. Mas a diretriz do governo diz que a polícia precisa ser reforçada.

— E o que aconteceu com os antigos revólveres? — perguntou Aomame, procurando manter o tom de voz inalterado.

— Foram recolhidos e devem ter sido desmontados — respondeu o barman. — Eu vi num noticiário da TV como eles eram desmontados. Desmontar todo esse arsenal e ter de destruir as munições leva muito tempo.

— Por que não vendem para o exterior? — perguntou o homem de poucos cabelos.

— A Constituição proíbe a exportação de armas — respondeu o barman, demonstrando uma atitude de respeitosa obediência.

— Não te disse? O barman de um hotel cinco estrelas...

— Então quer dizer que faz dois anos que os policiais japoneses não usam revólveres. É isso? — Aomame perguntou ao barman, interrompendo abruptamente a fala do homem.

— Até onde sei, é isso mesmo.

Aomame franziu levemente as sobrancelhas. Será que ela não estava regulando bem? Naquela manhã, tinha visto um policial usando o uniforme antigo e carregando na cintura um revólver modelo antigo. Ela mesma nunca ouvira falar da história de que todos os revólveres

tivessem sido recolhidos. No entanto, era improvável que aqueles dois homens — o de meia-idade e o barman — estivessem mentindo ou confundindo as coisas. Isso significava que ela é que estava equivocada.

— Muito obrigada. Chega de falar nesse assunto por hoje — disse Aomame ao barman. Ele sorriu educadamente e voltou ao trabalho.

— Você se interessa por assuntos de polícia? — perguntou o homem de meia-idade.

— Não é isso — respondeu Aomame e, para disfarçar, tentou se justificar: — É que ando meio confusa.

Os dois beberam o Cutty Sark que o barman lhes serviu: um com soda e o outro com gelo. O homem começou a falar de veleiros. Contou que tinha um pequeno veleiro ancorado na marina de Nishinomiya e que, nos feriados, costumava passear em alto-mar. Disse gostar de velejar sozinho e quão agradável era sentir o vento batendo contra o corpo. Aomame não fazia nenhuma questão de ficar ouvindo aquelas histórias ridículas. Seria muito melhor se falasse dos rolamentos de esferas ou da distribuição dos recursos minerais da Ucrânia. Ela olhou o relógio de pulso.

— Já é tarde. Posso te fazer uma pergunta bem direta?

— Pode.

— É uma pergunta estritamente pessoal.

— Se eu puder responder...

— O seu pau é dos grandes?

O homem olhou demoradamente para Aomame com a boca entreaberta e um leve sorriso no rosto. Era como se não acreditasse no que acabara de ouvir. Mas Aomame continuava séria. E não estava de brincadeira. Era só ver os seus olhos para constatar isso.

— Bem — respondeu ele em tom sério. — Não tenho muita certeza, mas acho que deve ser normal. É uma pergunta tão inesperada que nem sei como responder.

— Quantos anos você tem?

— Fiz cinquenta e um no mês passado — respondeu ele, com uma voz hesitante.

— Você quer dizer que, apesar de ter um cérebro normal, ter cinquenta e poucos anos de vida, ser trabalhador e proprietário de um veleiro... você não sabe se o tamanho de seu pau é maior ou menor que o da maioria?

— Bem. Acho que é um pouco maior que o da maioria — respondeu o homem, meio sem jeito, após pensar no assunto.

— É verdade?

— Por que você se preocupa com isso?

— Se eu me preocupo? Quem foi que disse que eu me

preocupo com isso?

— Ninguém disse isso, mas é que... — o homem respondeu, mexendo-se na banqueta para ajustar o traseiro. — Mas, se não me engano, é sobre isso que estamos discutindo, não é?

— Não estamos discutindo nada. Não mesmo — disse Aomame, resoluta. — É que eu, pessoalmente, gosto de paus grandes. Do ponto de vista visual, gosto dele grande, mas isso não significa que deixarei de sentir prazer caso ele não seja, entendeu? Nem sempre os grandes é que são bons. O que estou querendo dizer é que me agrada ver os *grandes*. Há algum problema nisso? Todos têm seus gostos, não têm? Mas não pode ser daqueles enormes que machucam, entende?

— Se é assim, acho que você vai gostar dele. Pois não é dos pequenos, e é maior que o da maioria. Digamos que ele é do tamanho adequado...

— Você não está blefando, está?

— Não adianta blefar nessas coisas.

— Hum. Então, você me mostra?

— Aqui?

Aomame repreendeu-o fazendo uma careta.

— Aqui? Você está doido? Com toda essa idade, e o que é que você tem na cabeça? Um homem como você, de terno e gravata, não sabe o que é ter um mínimo de decência? O que é que você vai fazer com o pau de fora num lugar desses? Pense no que as pessoas vão pensar de você. Vamos para o seu quarto e, chegando lá, você vai tirar a sua calça e me mostrar. Isso, a sós, não é óbvio?

— E o que vai acontecer depois que eu te mostrar? — perguntou o homem, ressabiado.

— O que vai acontecer depois de você me mostrar? — disse Aomame, prendendo a respiração e fechando a cara. — Vamos fazer sexo, ora. O que mais podemos fazer? Você acha que eu vou até o seu quarto para ver o seu pau e dizer “Obrigada por mostrar algo tão bom, boa noite” e depois voltar para casa? Acho que está faltando um parafuso nessa sua cabeça...

O homem engoliu em seco ao ver a dramática transformação no rosto de Aomame. Quando ela ficava brava, a maioria dos homens se sentia acuada. Se fosse uma criança, certamente faria xixi nas calças. O jeito de ela fechar a cara era muito impactante. Aomame achou que tinha exagerado. Afinal, ela não podia deixá-lo tão atemorizado antes de fazer o que queria. Rapidamente desfez a cara fechada e esboçou um sorriso forçado. E, novamente, disse para ele, em tom de explicação:

— Então, que tal irmos para o seu quarto, deitar na cama e fazer sexo? Você não é gay, impotente ou algo assim, é?

— Não. Não sou. Inclusive, tenho dois filhos.

— Escuta aqui. Ninguém perguntou quantos filhos você tem. Não estou aqui para levantar dados para o censo, por isso faça-me o favor de não falar coisas desnecessárias. O que estou querendo saber é se o seu pau vai ficar duro quando estivermos juntos na cama. Apenas isso.

— Até hoje ele nunca falhou nessas horas — respondeu o homem. — Por acaso, você é uma profissional? Quero dizer... Você faz isso a trabalho?

— É claro que não. Pare com isso. Não faço isso como profissional. Também não sou nenhuma pervertida. Sou apenas uma cidadã comum. Uma cidadã que quer transar com alguém do sexo oposto. Não exijo nada de especial, apenas um sexo normal. O que há de errado nisso? Terminei um trabalho difícil e, como estava anoitecendo, quis tomar uma bebida, fazer sexo com um desconhecido e gozar. Quero relaxar. Preciso fazer isso. Você é homem e deve saber o que estou querendo dizer.

— É claro que entendo.

— Eu não quero um tostão de você. Muito pelo contrário; se você me deixar satisfeita, posso até te pagar. Não se preocupe com doenças, eu tenho preservativo. Estamos entendidos?

— Isso eu entendi...

— Parece que você não está muito a fim. Por acaso eu não sirvo?

— Não é nada disso. É que não estou entendendo. Você é uma jovem bonita e eu tenho idade para ser seu pai.

— Pare com essa bobagem. Por favor. Isso de idade não tem nenhuma importância, é óbvio que não sou a sua filha idiota e você não é o idiota do meu pai. Se você continuar a dizer essas baboseiras, vou ficar nervosa. E sabe de uma coisa? O que eu gostei mesmo é da sua careca. Gostei do formato dessa sua cabeça. Entendeu?

— Você diz isso, mas eu ainda não sou tão careca assim. só tenho algumas entradas...

— Mas que chatice! — disse Aomame, tentando frear o ímpeto de fechar a cara. Para não assustá-lo além da conta, pôs-se a falar com uma voz meiga: — Isso, agora, não tem nenhuma importância. Por favor, pare como essa bobagem, está bem? — Enquanto isso pensou: “Você pode até não assumir, mas não há dúvidas de que você é careca. Se no censo houvesse um item para carecas, sem sombra de dúvida você seria classificado como um. Se você fosse para o paraíso, certamente seria encaminhado para o paraíso dos carecas. Se fosse para o inferno, iria para o inferno dos carecas. Entendeu? Se já entendeu, não fuja da realidade. Vamos! Vou te levar diretamente para o paraíso dos carecas.”

O homem pagou a conta do bar e os dois foram para o quarto.

Seu pênis realmente era um pouco maior que o da média, mas nem por isso podia-se dizer que era dos grandes. Sua autodeclaração estava correta. Aomame manuseou habilmente o pênis, deixando-o grande e duro. Em seguida tirou a blusa e a saia.

— Você deve achar meus peitos muito pequenos, não deve? — perguntou ela num tom de voz indiferente, olhando para o homem de cima a baixo. — Você deve estar tirando uma da minha cara porque seu pau é grande e o meu peito é pequeno, não é? Está se sentindo trapaceado?

— Não. Não estou pensando isso. Os seus peitos não são pequenos. Eles têm um formato muito bonito.

— Será? — indagou Aomame. — Pois fique sabendo que, normalmente, eu não uso sutiãs com esses frufus de renda, viu? Estou usando isso por conta do trabalho; é que eu precisava mostrar sutilmente o contorno dos seios.

— Que tipo de trabalho é esse?

— Eu já não fui suficientemente clara que não quero falar disso? Mas saiba que, seja lá o que eu faça, o fato de ser mulher não torna as coisas mais fáceis.

— A vida do homem também não é tão fácil...

— Mas você não é obrigado a usar sutiã de rendinha, não é?

— É claro que não. Não mesmo...

— Então pare de falar bobagens. Saiba que as mulheres enfrentam muito mais dificuldades do que os homens. Você já desceu uma escada íngreme de salto alto? Teve de pular uma cerca com minissaia bem justinha?

— Está bem. Me desculpe — o homem disse com sinceridade.

Ela colocou os braços para trás, tirou o sutiã e o deixou cair. Em seguida, foi tirando as meias finas, enrolando-as até a ponta para também deixá-las no chão. Depois, deitou-se de lado na cama e começou a apalpar novamente seu pênis:

— Realmente, é muito bonito. Estou impressionada. O formato e o tamanho são praticamente ideais e está duro como um tronco.

— Que bom que você gostou — disse o homem, mais tranquilo.

— Agora, a moça aqui vai fazer muito carinho nele. Vou deixá-lo tremendamente feliz.

— Antes disso, não seria melhor você tomar um banho? Parece que você está suada...

— Que chatice — disse Aomame. Como uma advertência, deu uma cutucada no testículo direito. — Fique sabendo que eu vim fazer sexo. Não estou aqui para tomar banho, entendeu? Pra começar, vamos fazer. Vamos fazer sexo *pra valer*. Nessas horas, quem se

importa com suor? Não sou como essas estudantes tímidas.

— Entendi — disse o homem.

Quando terminaram, Aomame massageou com o dedo a nuca do homem, que, de braços, parecia cansado. Nesse momento, sentiu um forte desejo de espetar a agulha naquele ponto especial. Pensou em fazê-lo, de verdade. Dentro de sua bolsa, um picador de gelo estava embrulhado com tecido. A extremidade pontiaguda, que ela levou muito tempo para preparar, estava protegida com uma cortiça que foi processada para ficar flexível. Se realmente ela decidisse agir, seria fácil. Bastava segurar o cabo de madeira com a mão direita e enfiar a ponta afiada *sem vacilar*. O homem morreria sem saber o que aconteceu. Sem sofrimento. A morte seria diagnosticada como causa natural. Mas, logicamente, ela desistiu de fazer tal coisa. Não havia motivo para eliminá-lo. A não ser pelo fato de que, para Aomame, aquele homem não tinha motivo para existir. Ela balançou a cabeça para afugentar esses pensamentos malignos.

Ele não é um ser humano ruim, Aomame tentava se convencer. Ele até que transou bem. Teve inclusive o cuidado de segurar a ejaculação até o momento de ela gozar. O formato de sua cabeça e o estado de sua calvície também lhe agradavam. O tamanho do pênis também era dos bons. Era um homem educado, se vestia bem e não era do tipo mandão. Sua criação deve ter sido boa. Mas suas conversas eram maçantes a ponto de deixá-la irritada. Mas isso não era algo tão grave a ponto de ela ter de matá-lo. Com certeza não.

— Posso ligar a TV? — perguntou Aomame.

— Pode sim — disse o homem, ainda de braços.

Nua na cama, Aomame ouviu todo o noticiário das onze. Como sempre, continuava a guerra sangrenta no Oriente Médio, Irã e Iraque; uma luta que virou um verdadeiro atoleiro sem solução. No Iraque, jovens que fugiam do recrutamento eram pendurados nos postes de eletricidade para servirem de advertência. O governo iraquiano censurava Saddam Hussein por usar armas químicas e biológicas. Nos Estados Unidos, Walter Mondale e Gary Hart disputavam eleições para definir o candidato presidencial do Partido Democrático. Nenhum dos dois parecia ser o mais inteligente do mundo. Um presidente inteligente normalmente se tornava alvo de assassinato; talvez, por isso, evitava-se eleger uma pessoa de inteligência acima do normal.

Na superfície da Lua, as instalações do observatório permanente estavam em fase adiantada. Lá, estranhamente, os Estados Unidos e a União Soviética trabalhavam em cooperação; como daquela vez em que construíram o observatório no continente antártico. “Um posto de observação na Lua?”, pensou Aomame, desconfiada. Ela não tinha ouvido falar nisso. “O que será que está acontecendo?” No entanto, achou melhor não ficar pensando nisso.

Afinal, havia muitos outros assuntos importantes que precisavam ser resolvidos aqui na Terra: o governo tentava descobrir as causas de um acidente ocorrido nas minas de carvão na ilha de Kyûshû que causara inúmeras mortes. O que Aomame não conseguia entender era o porquê de continuarem a extrair carvão das minas numa época em que os homens são capazes de construir uma base na Lua. Os Estados Unidos pediam insistentemente que o Japão abrisse o mercado financeiro. Empresas como a Morgan Stanley e a Merrill Lynch pressionavam o governo a abrir novos mercados e com isso ampliar as possibilidades de seus ganhos. O noticiário também mostrou um gato esperto que morava na província de Shimane. O gato conseguia abrir a janela e, depois de sair por ela, ele próprio a fechava. O dono é que o ensinara a fazer isso. Aomame ficou impressionada ao ver a cena do gato preto e magricela sair da janela, dar meia-volta, esticar a pata e fechar a janela delicadamente, com um olhar expressivo.

Havia todo tipo de noticiário. No entanto, a notícia de que um cadáver fora encontrado num hotel de Shibuya não havia sido veiculada. Ao terminar o noticiário, Aomame desligou a TV com o controle remoto. O ambiente ficou silencioso. A única coisa que se podia ouvir era o ressonar do homem de meia-idade que dormia ao seu lado.

“Aquele homem ainda deve estar de braços sobre a mesa. Quem o vir deve achar que ele está dormindo profundamente. Assim como o homem que está ao seu lado. No entanto, o outro não estará ressonando. Não há possibilidade de aquele canalha acordar.” Aomame olhou para o teto e tentou imaginar o cadáver. Balançou levemente a cabeça e fechou a cara. Um tempo depois, levantou-se da cama e começou a recolher, peça por peça, as roupas espalhadas pelo chão.

Tengo

Será que vamos para muito longe?

Komatsu telefonou às cinco e pouco da madrugada de sexta. Bem na hora em que Tengo sonhava atravessar uma ponte bem comprida de pedra. Estava sozinho indo buscar algum documento muito importante que esquecera do outro lado da ponte. Havia um rio grande e bonito, com bancos de areia em sua extensão. A correnteza fluía calmamente e, nos bancos de areia, havia pés de salgueiro. Havia, também, um cardume de trutas com suas elegantes silhuetas. As folhas dos salgueiros de um verde exuberante tocavam delicadamente a superfície da água. Era uma paisagem como aquelas pintadas nos pratos chineses. Tengo estava nesse cenário quando foi acordado e, em plena escuridão, olhou para o relógio na cabeceira. Antes mesmo de atender o telefone, já sabia quem era àquela hora.

— Tengo, você tem um processador de texto? — perguntou Komatsu. Nada de “Bom dia!” ou “Você estava acordado?”. O fato de Komatsu estar desperto a uma hora daquelas certamente não era por ter acordado cedo para ver o sol raiar, mas, possivelmente, por ter passado a noite em claro; e antes de dormir — seja lá onde ele estivesse — havia se lembrado de dizer algo para Tengo.

— É claro que não — respondeu Tengo. O entorno continuava escuro e ele permanecia no meio daquela ponte comprida. Era raro Tengo ter um sonho tão vívido como aquele. — Não quero me queixar, mas não tenho dinheiro para comprar esse tipo de coisa.

— Sabe usar?

— Sei. Sei usar tanto um computador quanto um processador de texto. Temos desses lá na escola e às vezes eu uso.

— Então escolha um processador a seu gosto e o compre hoje mesmo. Como eu não entendo nada dessas *coisas* eletrônicas, deixo a marca e o modelo a seu critério, está bem? Depois você me passa o valor. Quero que você use o processador e comece a reescrever *Crisálida de ar* o quanto antes.

— Você diz isso, mas mesmo um barato não sai por menos de

duzentos e cinquenta mil ienes.

— Se for só isso, tudo bem.

Tengo esboçou uma expressão de dúvida com o fone na mão:

— Você está querendo dizer que vai me dar um processador de texto?

— Isso. Vou ter de raspar o pouco dinheiro que tenho na carteira, mas é um investimento necessário para esse tipo de trabalho. Dar uma de pão-duro numa hora dessas não vai dar em boa coisa. Você bem sabe que o texto original da *Crisálida de ar* foi escrito com processador de texto e, por isso, para que ninguém desconfie é preciso reescrevê-lo num processador. E, sempre que possível, deve-se manter a formatação do texto original. Você pode começar a reescrever hoje?

Antes de dar a resposta, Tengo pensou um pouco.

— Posso sim. Se eu decidir começar hoje, posso começar imediatamente. Mas uma das condições impostas pela Fukaeri para autorizar o trabalho é a de me encontrar no domingo com uma pessoa que ela quer me apresentar; e eu ainda não me encontrei com essa pessoa. Não podemos ignorar a possibilidade de, após o encontro, as negociações serem canceladas e, com isso, dinheiro e esforço irem por água abaixo.

— Isso é o de menos. Nessas coisas a gente dá um jeito. Não se preocupe com esses detalhes, comece a trabalhar o quanto antes. Estamos travando uma luta contra o tempo.

— Você acha mesmo que vou me sair bem nessa entrevista?

— É intuição, meu caro — disse Komatsu. — A minha intuição é muito boa. Posso não ter nascido com talento, mas em compensação eu tenho intuição para dar e vender. Modéstia à parte, é graças a ela que consegui sobreviver até hoje. E então, Tengo, qual é a principal diferença entre talento e intuição?

— Não faço ideia.

— Nem sempre uma pessoa talentosa conseguirá viver de barriga cheia, mas, se você tiver uma boa intuição, não precisa se preocupar, pois nunca passará fome.

— Vou deixar anotado — disse Tengo.

— Por isso, pare de se preocupar. Comece hoje mesmo a pôr a mão na massa.

— Se você está dizendo isso, por mim, tudo bem. Eu só não queria precipitar as coisas para depois ter de lamentar que todo o esforço foi em vão.

— Quanto a isso, eu assumo toda e qualquer responsabilidade.

— Está bem. No período da manhã dou um pulo no centro e compro um processador de texto. À tarde, marquei um encontro com uma pessoa, mas depois estou livre.

— Isso mesmo. Conto com você. Vamos unir nossas forças e

virar o mundo de cabeça para baixo.

Às nove e pouco, Tengo recebeu uma ligação de sua namorada casada. Ela tinha acabado de levar de carro o marido e os filhos até a estação. Nesse dia, à tarde, estava combinado de ela ir ao seu apartamento. Sexta-feira era o dia da semana que eles costumavam se encontrar.

— Minha condição está um pouco *desfavorável* — ela disse. — Sinto muito, mas hoje não vou poder ir. Na semana que vem eu vou, está bem?

Condição *desfavorável* era um eufemismo para dizer que estava menstruada. Ela havia sido educada para se expressar com elegância e discrição. Na cama ela nada tinha de elegante ou de comedida, mas isso era uma outra história. Tengo respondeu que também sentia muito não poder vê-la e que, se era assim, o jeito era se conformar.

Mas, naquela semana em particular, ele não ficou tão chateado de não poder vê-la. Era muito bom fazer sexo com ela, mas o sentimento de Tengo estava totalmente centrado em reescrever a *Crisálida de ar*. Um turbilhão de ideias para refazer a obra surgia e desaparecia de sua mente como o frêmito de seres vivos a germinar no oceano de tempos imemoriais. “Estou agindo que nem Komatsu”, pensou Tengo. Antes de oficializar as coisas, seus sentimentos já tinham assumido, por conta própria, a vontade de realizar o trabalho.

Às dez, Tengo foi para Shinjuku e comprou com seu cartão de crédito um processador de textos da Fujitsu. Escolheu um modelo novo bem mais leve que o da linha anterior. Aproveitou também para comprar alguns cartuchos de tinta e papéis para deixar de reserva. Ao chegar ao apartamento, colocou o processador sobre a mesa e o ligou na tomada. O processador de texto que ele costumava usar no trabalho também era da Fujitsu, mas de um modelo maior, e, apesar de este ser menor, as funções principais eram basicamente as mesmas. Para testá-lo, Tengo começou a reescrever a *Crisálida de ar*.

Ele ainda não tinha em mente um plano de como retrabalhar o romance, embora tivesse algumas ideias pontuais em relação a determinados trechos. Ainda não havia estabelecido nenhuma concepção ou método coerente para desenvolver o trabalho. Ainda lhe faltava a convicção de que seria capaz de reescrever com coesão um romance como *Crisálida de ar*, de natureza fantástica e permeado de extrema sensibilidade. Embora Komatsu frissasse que o texto teria de ser drasticamente modificado, Tengo não tinha certeza se conseguiria manter a atmosfera e a essência da obra. Indagava se o que ele pretendia fazer não seria o mesmo que colocar um esqueleto numa borboleta. Ao pensar em coisas assim, a hesitação tomava conta e ele ficava ainda mais inseguro. No entanto, as coisas já estavam em

andamento e o tempo era curto. Não podia ficar de braços cruzados. Neste momento, a única coisa que ele, de fato, podia fazer era começar a resolver problemas pontuais, trecho por trecho. Quem sabe a ideia do conjunto se revele espontaneamente à medida que for trabalhando artesanalmente em cada trecho?

“Tengo, você consegue. Estou certo disso”, afirmara Komatsu, convicto. E o estranho era que Tengo acreditara piamente nessas palavras. Palavras de uma pessoa com sérios problemas de comportamento e que, basicamente, só pensava em si mesma. Uma pessoa que não hesitaria em abandoná-lo, caso fosse necessário. E que nem sequer se daria o trabalho de se virar para trás. Mas, como o próprio Komatsu costumava dizer, sua intuição de editor era realmente excepcional. Nunca hesitava: independentemente do que fosse, rapidamente avaliava, decidia e partia para a ação, sem se importar com a opinião alheia. Uma qualidade imprescindível para se tornar um excelente comandante de uma tropa. Uma qualidade que, por sinal, Tengo não possuía.

Era meio-dia e meia quando Tengo finalmente começou a mexer no texto. Digitou as primeiras páginas de *Crisálida de ar* até um ponto que permitia um corte. Depois, reescreveu o trecho até se convencer de que estava bom. Cada frase foi refeita de modo a não alterar o conteúdo. Era como decorar o cômodo de um apartamento mantendo a sua estrutura. Afinal, a estrutura em si não apresentava problemas. Não havia, também, necessidade de mudar as instalações hidráulicas. De resto, tudo o que fosse possível mudar — piso, teto, parede e divisórias — seria retirado e substituído por algo novo. Tengo dizia para si mesmo: “Sou um carpinteiro habilidoso e de confiança.” Mesmo sem ter um projeto definido, usaria de sua intuição e experiência como ferramentas para resolver os problemas que fossem surgindo.

Após uma primeira leitura, inseriu explicações em trechos de difícil compreensão, cuidando para tornar o texto fluente. Cortou trechos desnecessários, expressões repetitivas e inseriu palavras quando foi preciso. Em determinados trechos, mudava a posição de algumas frases ou parágrafos. Embora no original o uso de adjetivos e advérbios fosse extremamente reduzido — e a intenção era respeitar essa característica —, quando sentia a necessidade de inserir algum adjetivo, ele selecionava a palavra mais adequada para incorporá-la ao texto. No conjunto, a redação de Fukaeri era infantil e, nesse sentido, tanto as partes boas quanto as ruins eram facilmente identificáveis, o que tornava o trabalho de corte bem mais simples do que o imaginado. Como era infantil, tinha muitos trechos confusos e de difícil compreensão; em compensação, justamente por esse toque infantil, havia também expressões vigorosas, de cair o queixo. Sendo

assim, no primeiro caso bastava cortar o trecho sem dó e substituí-lo por uma outra frase e, no segundo, apenas manter como estava.

Enquanto Tengo trabalhava, ocorreu-lhe que Fukaeri não havia escrito o livro com o intuito de transformá-lo em uma obra literária. A única coisa que ela queria era, *em princípio*, registrar, por meio da escrita, a história que existia dentro de si e que, segundo ela, havia realmente ocorrido. Não precisava, necessariamente, utilizar palavras para registrá-la, mas o fato é que não havia encontrado outro modo adequado de se expressar. Era simplesmente isso. E era por isso que, desde o início, inexistia nela esse sentimento de ambição literária. Como não tinha a intenção de transformar seu texto em produto, não sentia a necessidade de se preocupar demasiadamente com a elaboração das frases. Se fizéssemos uma analogia com um quarto, seria como se bastasse ter paredes e telhado para se abrigar da chuva e do vento. Isso explicava o motivo de Fukaeri não se importar que Tengo mexesse à vontade em seu texto. Ela já havia alcançado o seu objetivo. Quando disse “Faça como quiser”, realmente, ela nada mais dissera do que a pura verdade.

Mas a *Crisálida de ar* não foi escrita para que somente a autora entendesse. Se o seu objetivo fosse apenas o de registrar o que viu ou imaginou, bastava fazer algumas anotações em tópicos. Não seria necessário ter o trabalho de colocá-lo em prosa. Era evidente que o texto fora escrito a partir do pressuposto de que seria lido por *alguém*. E era por isso que, apesar de o texto da *Crisálida de ar* ser infantil e não ter a pretensão de se tornar uma obra literária, ele tinha o poder de atrair e cativar o coração das pessoas. No entanto, esse suposto *alguém* não era um “número indefinido de leitores” que, via de regra, a literatura contemporânea procura alcançar. Isso era uma impressão que Tengo não podia deixar de ignorar durante a leitura.

Bem, então, qual seria o tipo de leitor pretendido?

Tengo certamente não sabia.

A única coisa que ele sabia era que *Crisálida de ar* era uma ficção extremamente original, com grandes qualidades e grandes defeitos, e que, supostamente, tinha algum objetivo especial.

Após reescrever alguns trechos, Tengo notou que o texto estava ficando com mais da metade do tamanho original. As partes em que era necessário inserir palavras eram bem maiores do que as que requeriam os cortes; por isso, ao reorganizar o trecho e reescrevê-lo, era inevitável o aumento do número de páginas. A primeira versão era por demais *esquemática*. Com o texto bem-estruturado e bem escrito, o ponto de vista da narrativa ganhava coesão, e a leitura se tornava muito mais fácil. Porém, o desenvolvimento da narrativa ficava um

tanto carregado. A lógica se destacava, enfraquecendo o estilo vigoroso do texto original.

O passo seguinte era eliminar “as partes desnecessárias” do texto, ampliado na revisão. Precisava tirar todas as gorduras em excesso, parte por parte. O trabalho de cortar trechos era bem mais fácil que o de inseri-los e, com isso, o texto ficou setenta por cento menor. Era como um quebra-cabeça. Havia um tempo determinado para inserir tudo o que fosse necessário e um outro para cortar o que fosse desnecessário. E na medida em que se processava alternadamente essa dupla tarefa, a alternância diminuía aos poucos até o texto naturalmente se assentar, atingir o seu ponto de equilíbrio: nada a acrescentar, nada a tirar. O ego era desbastado, os floreios desnecessários eram eliminados e a lógica um tanto evidenciada se recolhia ao quarto dos fundos. Tengo possuía um talento natural para esse tipo de trabalho; era um especialista nato. Tinha um alto poder de concentração, como os pássaros que sobrevoam o céu à caça de alimento; era paciente como uma mula transportando água, e tinha uma dedicação ímpar para cumprir à risca todas as regras do jogo.

Ele trabalhou focado, totalmente concentrado no texto. Quando parou para descansar e olhou o relógio de parede, viu que já eram quase três da tarde. Lembrou-se de que ainda não tinha almoçado. Foi para a cozinha e colocou a água para ferver na chaleira. Enquanto isso moeu um punhado de grãos de café. Comeu alguns biscoitos com cobertura de queijo, mordeu uma maçã e, quando a água ferveu, coou o café. Encheu uma caneca grande e resolveu espalhar um pouco, pensando em como era o sexo com a namorada mais velha. Normalmente, a essa hora, ele estaria fazendo *aquilo* com ela. Pensou no que faria... E no que ela faria... Tengo fechou os olhos e, voltando-se para o teto, suspirou profundamente; um suspiro carregado de insinuações e possibilidades.

Um tempo depois, voltou a se sentar à mesa e, novamente, mudou a chave das conexões cerebrais para se concentrar na tela do processador e reler o trecho introdutório de *Crisálida de ar* que acabara de reescrever. Uma leitura criteriosa, um olhar atento como o do general que inspeciona a trincheira no começo do filme *Glória feita de sangue*, de Stanley Kubrick. Tengo concorda com o que vê. Não está ruim. O texto ficou melhor. As coisas estavam caminhando. No entanto, nem tudo estava perfeito. Ainda faltavam muitas coisas a fazer: alguns sacos de areia estavam furados, faltava munição para as metralhadoras e, em determinados locais, faltavam cercas de arame farpado.

Tengo imprimiu o texto. Salvou o arquivo, desligou o

processador e o empurrou para o canto da mesa. Em seguida, colocou o texto impresso à sua frente e, com um lápis, releu-o atentamente. Pôs-se mais uma vez a riscar o que considerou supérfluo, a acrescentar onde achava ser necessário e a reescrever alguns trechos até se convencer de que estava bom. Seleccionava cuidadosamente cada palavra, verificando se a escolha realmente era a mais adequada naquele contexto. Era como se estivesse escolhendo o pedaço de azulejo que melhor se encaixava nos cantos da parede do banheiro. Se a palavra fosse inadequada, reelaborava a frase. Uma nuance, por mínima que fosse, podia tanto melhorar quanto prejudicar o texto.

A sensação ao ler um texto na tela ou no papel é ligeiramente diferente aos olhos do leitor. É como a diferença que sentimos quando escrevemos no papel uma palavra a lápis ou quando a digitamos no teclado. Por isso, é necessário ler o texto dos dois jeitos. Depois de revisar o texto no papel, Tengo religou o processador e passou a limpo todas as mudanças inseridas a lápis no texto impresso. Feito isso, leu novamente o texto, só que, desta vez, direto na tela. Nada mau, pensou. Cada frase tinha a sua importância e, no conjunto, ganhavam um ritmo natural.

Ainda sentado, Tengo alongou os músculos das costas e, olhando para o teto, soltou o ar demoradamente. O trabalho ainda não estava concluído. Se relesse o texto dali a alguns dias, certamente encontraria mais coisas para corrigir. Mas, por enquanto, estava bom. Ele já tinha esgotado o limite da sua concentração. Precisava descansar. Os ponteiros do relógio indicavam que faltava pouco para as cinco e lá fora começava a escurecer. Amanhã trabalharia o bloco seguinte. Corrigir algumas páginas havia demorado quase o dia todo. Havia sido mais trabalhoso do que imaginara. Mas, uma vez nos trilhos e com o ritmo a deslancar, o trabalho também há de se tornar mais rápido. Todo começo costuma ser difícil e é mais trabalhoso, mas depois...

Em seguida, Tengo se lembrou do rosto de Fukaeri e imaginou o que ela pensaria ao ler o texto revisado. No entanto, Tengo não conseguiu imaginar o que ela poderia sentir. Ele praticamente nada sabia sobre aquela garota: apenas que tinha dezessete anos, cursava o terceiro ano do colegial, não tinha intenção de prestar o vestibular, falava de um jeito estranho, gostava de vinho branco e tinha um rosto de beleza singular que mexia com o coração das pessoas.

No entanto, no íntimo, Tengo sentia que, aos poucos, ele começava a entender, ou estava perto de entender, o mundo que Fukaeri tentava descrever na *Crisálida de ar* (ou o mundo que ela queria deixar registrado). O cenário que Fukaeri descrevia com a sua linguagem particularmente escassa ressurgia de modo muito mais vívido e intenso com a escrita cuidadosa de Tengo. E ele estava ciente

de que um novo fluxo nascia a partir daquele texto. Apesar de a intervenção de Tengo ser apenas um reforço em relação à parte técnica, a redação tinha um toque preciso e espontâneo, como se o texto fosse dele desde o início. E era a partir desse texto que a história chamada *Crisálida de ar* estava prestes a surgir com força total.

Isso era o que deixava Tengo realmente satisfeito. Apesar de fisicamente exausto pelo intenso trabalho por horas a fio, por outro lado, emocionalmente, ele se sentia empolgado. Mesmo após desligar o processador e se afastar da mesa, por um bom tempo precisou reprimir sua vontade de continuar trabalhando no texto. Ele estava realmente feliz de poder reescrever a história. Se continuasse assim, possivelmente Fukaeri não se decepcionaria. Mas Tengo não conseguia imaginá-la contente nem decepcionada. Muito pelo contrário, não conseguia sequer imaginá-la com um sorriso nos lábios, ou esboçando uma sutil expressão de tristeza. Seu rosto era inexpressivo. Tengo não sabia se a ausência de expressão se devia à falta de sentimentos ou o contrário: se tinha sentimentos, mas desconectados da expressividade. De qualquer modo, ele precisava admitir que ela era uma garota estranha.

Tudo levava a crer que a protagonista de *Crisálida de ar* era uma Fukaeri do passado: uma garota de dez anos que vivia numa comuna atípica em meio às montanhas (ou nesses locais que parecem uma comuna) e que cuidava de uma cabra cega. Todas as crianças tinham uma tarefa, e a dela era a de cuidar dessa cabra. A criatura, apesar de velha, tinha um significado muito especial para a comunidade e, por isso, era necessário vigiá-la para que não fosse levada por alguém. Não se podia perdê-la de vista nem por um segundo. Foi isso que lhe disseram. No entanto, sem querer, ela se distraiu e, ao perdê-la de vista, a cabra acabou morrendo. Por conta disso, a garota recebeu uma punição: ficou presa num depósito antigo junto com a cabra morta. Durante dez dias ela ficou completamente isolada, impossibilitada de sair. Não podia falar com ninguém.

A cabra servia de passagem entre o mundo de cá e o mundo do Povo Pequenino. Ela não sabia se aqueles homens pequeninos eram bons ou maus — evidentemente, Tengo também não sabia. Durante a noite, eles vinham para o mundo de cá através do corpo da cabra morta. E, ao amanhecer, voltavam para o mundo de lá. A garota conseguia falar com esses seres pequeninos. E foram eles que a orientaram a escrever a *Crisálida de ar*.

O que Tengo admirava era a descrição objetiva e detalhada do hábito

e do comportamento da cabra cega. Eram esses detalhes que tornavam a obra, como um todo, muito intensa. Será que Fukaeri realmente cuidou de uma cabra cega? Será que ela realmente viveu numa comuna no meio da montanha? Tengo achava que sim. Mas, por outro lado, se ela não teve essa experiência, ele tinha de reconhecer que Fukaeri, como narradora, possuía um talento genuinamente excepcional.

Ele pensou em perguntar sobre a cabra e a comuna da próxima vez que a encontrasse, possivelmente no domingo. É claro que ele não sabia se ela responderia às perguntas. Pela conversa que tiveram outro dia, lembrou-se de que ela respondia somente o que lhe conviesse. As perguntas que não queria responder, ou que não tinha a intenção de responder, simplesmente ignorava, sem rodeios. Era como se não as tivesse escutado. Ela era igual a Komatsu. Nesse ponto, os dois eram muito parecidos. Tengo, no entanto, não era assim. Se alguém perguntasse algo para ele, independentemente da pergunta, procurava responder com sinceridade. Isso, sem dúvida, era do caráter da pessoa.

Às cinco e meia sua namorada mais velha telefonou.

— O que você fez hoje? — ela perguntou.

— Fiquei o dia todo escrevendo um romance — respondeu Tengo. Não deixava de ser verdade. Ele não estava escrevendo o próprio romance, mas não era o caso de entrar em detalhes.

— E o trabalho rendeu?

— Até que sim.

— Me desculpe por ter cancelado nosso encontro assim de repente. Na semana que vem acho que dá para ir.

— Não vejo a hora — respondeu Tengo.

— Eu também — ela disse.

Em seguida, ela se pôs a falar das crianças. Costumava falar delas com Tengo, de suas duas filhas pequenas. Tengo não tinha irmãos e, evidentemente, não tinha filhos. Não fazia a mínima ideia do que era uma criança. No entanto, ela falava delas sem se importar. Tengo não era de falar muito, mas gostava de ouvir as pessoas, não importava o assunto, e por isso ele escutava com atenção o que ela lhe contava. Ela disse que a filha mais velha, que cursava o segundo ano do primário, estava sendo maltratada na escola. Quem lhe contou isso não foi a sua filha, mas a mãe de uma colega de classe. Tengo logicamente nunca havia se encontrado com a menina, mas, certa vez, a mãe mostrara uma fotografia. A filha não se parecia muito com ela.

— Por que ela está sendo maltratada? — perguntou Tengo.

— Às vezes ela tem crises de asma e, por isso, não pode participar das atividades em grupo. Talvez seja por isso. É uma

menina comportada e não vai mal nos estudos.

— Não dá para entender — disse Tengo. — Uma criança que tem crise de asma deveria ser protegida em vez de maltratada.

— No mundo das crianças, as coisas não funcionam assim — ela respondeu, para em seguida soltar um suspiro. — A criança pode ser excluída do grupo só pelo fato de ser diferente das outras. Isso também ocorre no mundo dos adultos, mas entre as crianças isso se manifesta abertamente.

— Na prática, o que acontece?

Ela deu alguns exemplos. Quando vistos isoladamente, não pareciam ser grande coisa, mas, como a criança precisava enfrentá-los diariamente, com certeza acabavam por *afetá-la*: os outros escondiam alguma coisa, deixavam de conversar com ela e a provocavam com imitações maldosas.

— Quando você era criança, alguém debochava de você?

Tengo pensou no tempo em que era criança.

— Acho que não. Pode até ser que sim, mas acho que nem cheguei a perceber.

— Se você não percebeu é porque nunca foi maltratado. Saiba que o objetivo de quem quer maltratar é justamente fazer com que a vítima perceba que está sendo maltratada. Não dá para provocar alguém sem que a pessoa perceba. É impossível.

Desde criança, Tengo sempre fora grande e robusto, e todos reconheciam sua superioridade. Provavelmente era por isso que ninguém o maltratava. No entanto, naquela época, Tengo enfrentava um problema muito mais grave.

— E você? Já foi maltratada? — perguntou ele.

— Não — respondeu firmemente, mas, um tempo depois, titubeou. — Eu é que maltratava...

— Maltratava junto com as outras pessoas?

— É. Quando estava na quinta série. A turma combinou de não falar com um garoto. Não consigo me lembrar do motivo de termos feito isso. Creio que havia um, mas não devia ser algo tão importante. De qualquer modo, hoje eu me arrependo de ter feito aquilo. Tenho vergonha do que fiz. Por que será que agi assim? Confesso que nem eu mesma sei direito o porquê de ter feito aquilo.

Tengo se lembrou de um caso parecido. Havia ocorrido muito tempo antes, mas mesmo hoje ele ainda se lembrava. Jamais poderia esquecer. No entanto, resolveu não contar para ela. Se começasse a falar, a conversa ficaria longa. Ainda por cima, aquele fato, quando expresso em palavras, perderia sua nuance mais importante. Ele nunca havia falado daquilo com ninguém e, possivelmente, jamais o faria.

— Pois então — disse ela —, é mais fácil estar do lado da maioria que rejeita do que da minoria. A gente pensa: “Ufa! Que bom

que não sou um deles.” Sempre foi assim em qualquer época, em qualquer sociedade: se você estiver do lado da maioria, não precisa se incomodar com esse tipo de problema.

— E, se você está com a minoria, tem de encarar a questão.

— Acho que sim — disse ela, com uma voz triste e desanimada. — O fato de estar nessa situação, no mínimo, faz com que a pessoa aprenda a lidar com ela.

— Pode ser que ela use a cabeça somente para ficar pensando nisso.

— Seria uma problema, não seria?

— Acho melhor não pensar muito a respeito — disse Tengo. — No final, não é tão grave assim. Tenho certeza de que na sala dela deve haver algumas crianças que conseguem pensar por conta própria.

— Acho que sim — disse ela. Durante um tempo, pareceu meditar. Tengo aguardou pacientemente que organizasse os pensamentos, mantendo o fone no ouvido. — Obrigada. Estou bem mais tranquila depois de falar com você — disse ela. Parecia ter se lembrado de algo.

— Eu também estou bem mais tranquilo — disse Tengo.

— Por quê?

— Por ter conversado com você.

— Até sexta que vem — disse ela.

Depois de desligar o telefone, Tengo foi ao supermercado do bairro comprar os ingredientes para o jantar. Voltou ao apartamento carregando as compras em pacotes de papel, e depois embrulhou com filme plástico as verduras e o peixe, um a um, guardando-os na geladeira. Feito isso, começou a preparar o jantar ouvindo música de uma estação de FM. Então o telefone tocou. Receber quatro telefonemas num único dia era muito raro para Tengo. Podia contar nos dedos as vezes em que isso acontecia durante o ano. Quem telefonava para ele, desta vez, era Fukaeri.

— É sobre o próximo domingo — disse ela, sem nenhuma preliminar.

Do outro lado da linha dava para ouvir ao fundo um carro que buzinava insistentemente. O motorista parecia estar bem irritado com alguma coisa. Ela devia estar ligando de algum telefone público ao lado de uma avenida movimentada.

— No próximo domingo, ou seja, depois de amanhã, eu vou me encontrar com você e, depois, vamos nos encontrar com uma outra pessoa — disse Tengo inserindo palavras na fala dela.

— Às nove da manhã. Estação Shinjuku. Primeiro vagão no sentido Tachikawa — ela disse. Três informações enumeradas.

— Ou seja, vamos nos encontrar na plataforma da linha Chûô, no primeiro vagão do trem que vem de Tóquio.

— Isso.

— Até onde devo comprar o bilhete?

— Até onde quiser.

— Devo comprar qualquer bilhete e, quando chegar no local, pago a diferença — Tengo presumiu e complementou a frase. Isso se parecia com o trabalho de reescrever *Crisálida de ar*. — E vamos para muito longe?

— O que você está fazendo — perguntou Fukaeri, ignorando a questão de Tengo.

— Estava preparando o jantar.

— O que prepara.

— Como moro sozinho, não é nenhum banquete. Vou assar um peixe defumado e ralar um pouco de nabo. Preparar uma sopa de missô com cebolinha e amêijoas, e, como acompanhamento, queijo de soja. Vou fazer também um curtido de pepino e alga *wakame* no vinagre e, por fim, arroz branco e acelga em conserva.

— Parece gostoso.

— Não sei. Acho que não chega a tanto. Sempre faço coisas desse tipo — disse Tengo.

Fukaeri não falou nada. Ficar quieta por um longo tempo não parecia incomodá-la. No entanto, Tengo não pensava assim.

— Pois então. Hoje comecei a reescrever a *Crisálida de ar* — disse Tengo. — Sei que você ainda não deu sua permissão final, mas, como não temos muito tempo, se não começar agora pode não dar tempo.

— Komatsu te disse para começar.

— Isso mesmo. Foi ele que disse para eu começar a reescrever.

— Você é amigo de Komatsu.

— É. Digamos que sim. Acho que somos amigos; se bem que não deve existir ninguém neste mundo que seja amigo de Komatsu. Mas se eu comesse a falar sobre isso a conversa ficaria longa.

— Reescrever. Está indo bem.

— Por enquanto sim. Vai indo.

— Que bom — disse Fukaeri. Não parecia falar da boca para fora. Tengo até chegou a pensar que aquele era o jeito de ela demonstrar que estava contente com o fato de que o trabalho ia bem. No entanto, com sua expressão limitada, tais sentimentos não podiam ser claramente identificados.

— Espero que você goste — disse Tengo.

— Não se preocupe — de pronto respondeu Fukaeri.

— Por que você acha isso? — perguntou Tengo.

Fukaeri não respondeu. Ela apenas se manteve quieta. Era um

tipo de silêncio intencional. Provavelmente, era um silêncio para instigar Tengo a pensar. No entanto, por mais que espremesse os miolos, ele não conseguia entender como ela podia ter tanta certeza disso.

Para quebrar o silêncio, Tengo disse:

— Pois então, eu queria te fazer uma pergunta. Você realmente viveu numa espécie de comuna e cuidou de uma cabra? As descrições que você faz são muito convincentes. Eu queria saber se isso realmente aconteceu.

Fukaeri tossiu bem baixinho.

— Não vou falar da cabra.

— Tudo bem — disse Tengo. — Se você não quer falar, não precisa. Eu apenas perguntei por perguntar. Não se preocupe. Para o autor, a obra é tudo. Não é preciso ficar acrescentando explicações. Vamos nos encontrar no domingo. Você tem alguma recomendação para quando eu for encontrar essa pessoa?

— Não entendo.

— Algo do tipo: melhor ir bem-vestido, ou o que devo levar de presente para ela... Coisas assim. É que eu não tenho a mínima ideia de como é essa pessoa.

Fukaeri novamente se calou. No entanto, desta vez, o silêncio não era intencional. Ela simplesmente não conseguia entender o motivo da pergunta e, tampouco, o pensamento que a havia motivado. A pergunta de Tengo não tinha eco em sua consciência e, por isso, fora sugada pelo nada e se perdia para sempre, além das fronteiras do consciente, como um solitário foguete a passar direto pela órbita de Plutão.

— Tudo bem, não é nada de mais — disse Tengo, conformado. Não devia ter perguntado uma coisa daquelas a Fukaeri. Era só comprar algumas frutas e as levar. — Então, domingo às nove — disse Tengo.

Após alguns segundos, Fukaeri desligou o telefone sem dizer nada. Nada de “Tchau” ou “Até domingo”. Apenas o barulho seco do telefone no gancho.

Pode ser que ela tenha concordado balançando a cabeça, para depois desligar. No entanto, infelizmente, a linguagem gestual perde sua eficácia no telefone. Tengo o desligou, deu duas respirações profundas e, trazendo seu pensamento para a realidade, continuou a preparar o modesto jantar.

Aomame

Bem de mansinho para não acordar as borboletas

Sábado, um pouco depois da uma da tarde, Aomame foi à Mansão dos Salgueiros. Nela havia inúmeros salgueiros enormes e bem antigos, com seus galhos debruçados sobre o muro de pedra e que, embalados ao sabor dos ventos, lembravam almas penadas. Naturalmente, a vizinhança passara a chamar essa antiga residência em estilo ocidental, localizada no topo de uma rua extremamente íngreme do bairro de Azabu, de Mansão dos Salgueiros. Ao chegar no local, Aomame notou que havia pequenos pássaros pousados nos galhos mais altos e que, no telhado, um gato enorme tomava banho de sol com os olhos semicerrados. As ruas das redondezas eram estreitas, sinuosas, com pouquíssima circulação de carros e, ladeadas de árvores altas, imprimiam uma semiescuridão em plena luz do dia. Quando se caminhava nessa área, o tempo parecia fluir mais lentamente. Havia também algumas embaixadas espalhadas pela vizinhança, mas a circulação de pessoas era relativamente pequena. E, embora essa área fosse em geral *silenciosa*, no verão a quietude era radicalmente preenchida pelo canto ensurdecedor das cigarras.

Aomame tocou a campainha do portão e, voltando-se para o interfone, anunciou seu nome. Em seguida, olhou para a câmera de segurança instalada no alto e esboçou um leve sorriso. O portão de ferro automático abriu lentamente e, assim que ela entrou, fechou-se atrás dela. Como de costume, ela deu a volta pelo jardim caminhando em direção à varanda. E, ciente de que a câmera de segurança a seguia, atravessou o jardim com a postura ereta e o queixo retraído, como uma modelo desfilando na passarela. Nesse dia, ela vestia roupas informais: blusa de tecido leve azul-marinho, casaco com capuz cinza e calça jeans azul. Calçava tênis branco de cano alto e carregava no ombro uma bolsa, sem o picador de gelo que, quando não era necessário, ela deixava repousando tranquilamente na gaveta de seu guarda-roupa.

Em frente à varanda havia algumas cadeiras de jardim de teca, e um homem grande, sentado numa delas, dava a impressão de estar entalado. Ele não era alto, mas logo se notava quão desenvolvidos eram os seus músculos peitorais. Tinha cerca de quarenta anos, a cabeça totalmente rapada e um bigode bem-aparado. Vestia um terno cinza de ombros largos, camisa branca e uma gravata de seda cinza-escuro. Calçava sapatos de cordovão preto impecavelmente lustrados. E tinha um piercing de prata em cada orelha. Dificilmente seria confundido com um funcionário do departamento de contabilidade da Prefeitura, e muito menos um vendedor de seguros de automóveis. À primeira vista, parecia um guarda-costas profissional e, de fato, essa era a sua profissão. De vez em quando, era também motorista. Era altamente graduado no caratê e, se a situação assim requeresse, saberia usar armas com destreza. A impetuosidade de seu ataque o transformava numa pessoa extremamente violenta. Mas normalmente era calmo, ponderado e inteligente. Ao observar fixamente seus olhos — é claro, se ele o consentisse —, seria possível notar um brilho benevolente neles.

Pessoalmente, ele gostava de mexer em vários tipos de máquinas, colecionar discos de rock progressivo dos anos sessenta e setenta, e morava em outro ponto do bairro de Azabu com um cabeleireiro jovem e bonito. Ele se chamava Tamaru. Difícil saber se esse era o seu nome ou sobrenome e, tampouco, como se escrevia isso em ideogramas. Mas era assim que as pessoas o conheciam.

Sentado na cadeira, Tamaru olhou Aomame e acenou para que se aproximasse.

— Boa tarde — cumprimentou Aomame para, em seguida, se sentar numa cadeira à sua frente.

— Parece que um homem morreu no hotel de Shibuya — disse ele, enquanto verificava o brilho de seus sapatos de cordovão.

— Não fiquei sabendo — disse Aomame.

— É que não foi um incidente grave para sair nos jornais. Parece que ele teve um ataque cardíaco. Uma pena; tinha apenas quarenta e pouco anos.

— É preciso tomar cuidado com o coração.

Tamaru concordou:

— O importante são os hábitos que cultivamos na vida. Vida desregrada, estresse e falta de sono; essas coisas matam as pessoas.

— Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa sempre acaba matando as pessoas.

— Teoricamente, sim.

— Será que vão fazer autópsia? — perguntou Aomame.

Tamaru se agachou para tirar uma poeira do sapato que mal dava para notar.

— A polícia está sempre ocupada. E trabalha com o orçamento apertado. Acho que não vão perder tempo fazendo a autópsia de um corpo sem ferimentos aparentes. Creio que os familiares do defunto também não vão querer que abram desnecessariamente o cadáver de uma pessoa que morreu em paz.

— Certamente, a viúva seria contra.

Tamaru manteve-se em silêncio por um tempo para, em seguida, estender a mão direita, enorme como uma luva de boxe. Assim que ela a segurou, sentiu o firme aperto de Tamaru.

— Você deve estar exausta. É melhor descansar um pouco — disse ele.

Aomame tentou sorrir esticando os cantos da boca como as pessoas normalmente fazem, mas não conseguiu esboçar nada. O máximo que conseguiu foi mostrar uma intenção de sorriso.

— E como vai a Bun? — ela perguntou.

— Ah! Ela vai bem — respondeu Tamaru. Bun era um pastor-alemão fêmea que morava na mansão. Tinha um bom caráter, era inteligente, mas também tinha alguns hábitos muito estranhos.

— Ela ainda come espinafre? — perguntou Aomame.

— E como! Já não sabemos mais o que fazer; ultimamente, o espinafre está muito caro. E ela come muito.

— Nunca vi um pastor-alemão que gosta de espinafre.

— Ela não se considera um cachorro.

— E o que ela pensa que é?

— Deve se achar um ser especial, que está acima dos sistemas de classificação.

— Um supercachorro.

— Algo assim.

— Será que é por isso que ela gosta de espinafre?

— Acho que não. Simplesmente ela gosta de espinafre. Desde filhote.

— Mas não seria por isso que ela passou a ter um comportamento tão agressivo?

— Pode até ser — disse Tamaru para, em seguida, olhar o relógio de pulso e perguntar: — A propósito, o encontro estava marcado para uma e meia, não estava?

Aomame concordou:

— É sim. Ainda está um pouco cedo.

Tamaru levantou-se calmamente e disse:

— Espere aqui. Pode ser que dê para adiantar um pouco. — E adentrou a casa pela varanda.

Aomame observou os belos salgueiros enquanto aguardava. A ausência de vento fazia os galhos penderem suavemente, como pessoas em estado de meditação.

Um tempo depois, Tamaru retornou.

— Acompanhe-me até os fundos. Hoje ela vai te receber na estufa.

Os dois deram a volta no jardim, passaram ao lado dos salgueiros e foram até a estufa que ficava na parte de trás da casa principal. Ao redor não havia nenhuma árvore, de forma que a estufa recebesse abundantemente os raios de sol. Tamaru abriu cuidadosamente a porta de vidro — apenas uma fresta — para não deixar escapar as borboletas que estavam lá dentro, e fez com que Aomame entrasse primeiro. Em seguida, Tamaru deslizou o corpo para dentro e, rapidamente, fechou a porta. Esse seu gesto não era compatível com uma pessoa grande como ele. No entanto, tamanha brevidade e precisão eram dignas de respeito. Mas ele *não se gabava* dessa habilidade.

Na enorme estufa de vidro reinava uma primavera absolutamente perfeita. Flores de diversas espécies estavam em plena floração, todas muito lindas. Espécies que em sua maioria eram bem comuns: gladiolos, anêmonas, margaridas... Dispostas por todos os lados, plantadas em vasos e acomodadas em prateleiras. Dentre elas havia algumas que, aos olhos de Aomame, não passavam de ervas daninhas. Não havia nenhuma espécie que *realmente* pudesse ser considerada especial: orquídeas valiosas, uma espécie rara de rosa ou flores primitivas da Polinésia. Aomame não tinha muito interesse por plantas, mas esse ar despretensioso da estufa particularmente lhe agradava.

Em compensação, na estufa viviam inúmeras borboletas. Nessa enorme sala de vidro, a proprietária parecia ter mais interesse em criar borboletas exóticas do que plantas. As flores dessa estufa eram, em sua grande maioria, abundantes em néctar, muito apreciadas pelas borboletas. Aomame sabia que criar borboletas em estufa certamente exigia dedicação, conhecimento e um trabalho hercúleo, mas ela não saberia identificar onde exatamente se podia encontrar, ali, tamanha dedicação.

De vez em quando — exceto no verão —, a proprietária convidava Aomame para conversarem a sós na estufa. Ali não havia o perigo de alguém escutá-las. A conversa entre elas não era um assunto a ser dito em voz alta, nem tampouco em qualquer lugar. E o fato de estarem cercadas de plantas e borboletas proporcionava uma sensação de serenidade. Bastava olhar para a proprietária para constatar isso. Aomame achava a estufa um pouco quente, mas não a ponto de não aguentar ficar nela.

A proprietária era uma mulher pequena na faixa dos setenta anos. Seus cabelos eram brancos, bonitos e curtos. Vestia um camisolão de brim de manga comprida, calças de algodão creme e um par de

tênis sujos. Com as mãos protegidas com luvas brancas e grossas, ela regava cada vaso, um a um, com um regador de ferro grande. O tamanho das roupas que usava parecia ser um número maior, mas, por serem confortáveis e deixarem-na à vontade, lhe caíam bem. Sempre que Aomame se encontrava com ela, não podia deixar de sentir admiração e respeito por sua elegância natural e desprestenciosa.

Ela vinha de uma daquelas famílias incrivelmente ricas que dominavam a indústria e o comércio antes da Segunda Guerra Mundial, e havia se casado com um nobre; mas nem por isso aparentava ser uma pessoa mimada ou pomposa. Logo após a guerra, com a morte do marido, ela começou a administrar uma pequena empresa de investimentos de um parente e se destacou na corretagem de ações. Todos reconheciam esse seu dom natural. E foi graças a ela que a empresa cresceu rapidamente e seu patrimônio pessoal também. Com esse capital, ela comprou várias propriedades situadas em áreas valorizadas da cidade que, anteriormente, pertenciam a antigas famílias aristocráticas ou membros da família imperial. Havia se aposentado dez anos antes e, no momento certo, vendera suas ações em alta, aumentando ainda mais o patrimônio. Como sempre evitou se expor, não era muito conhecida, mas, em compensação, não havia ninguém no mundo dos negócios que não soubesse quem ela era. Dizia-se também que ela tinha muitos contatos com pessoas de peso no meio político. Em particular, era uma mulher simpática e inteligente. Uma mulher que desconhecia o medo. Ela confiava em sua intuição e, uma vez que tomava uma decisão, empenhava-se para executá-la até o fim.

Assim que viu Aomame, deixou o regador no chão e fez um sinal para que se sentasse numa pequena cadeira de ferro próxima à entrada. Logo que Aomame se sentou no local indicado, ela também se colocou à sua frente. Em tudo o que fazia, ela praticamente não emitia sons. Era como uma sábia raposa fêmea atravessando a floresta.

— Deseja tomar algo? — perguntou Tamaru.

— Um chá de ervas — ela respondeu. Em seguida, olhou para Aomame e perguntou: — E você?

— O mesmo.

Tamaru assentiu, baixando levemente a cabeça. E, após verificar se não havia nenhuma borboleta por perto, abriu uma fresta na porta para rapidamente deslizar o corpo e fechá-la atrás de si. Era como se estivesse dando passos de dança.

A proprietária tirou delicadamente as luvas de algodão, como se retirasse luvas de seda num sarau, dispondo-as uma sobre a outra em cima da mesa. Em seguida, olhou para Aomame com seus olhos negros luzidios. Era um olhar de quem já testemunhou muitas coisas. Aomame retribuiu o olhar, cuidando para não ser indelicada.

— Parece que foi uma perda lastimável — disse a proprietária. — Dizem que era uma pessoa muito conhecida no mundo do petróleo. E que, apesar de ainda ser jovem, era muito influente.

A proprietária sempre conversava em voz baixa. Se um vento um pouco mais forte soprasse, sua voz tornava-se inaudível. Por isso, para conversar com ela era preciso prestar muita atenção. De vez em quando, Aomame tinha ímpetos de esticar o braço e girar o botão do volume. Mas, logicamente, não existia nenhum botão assim, e por isso o jeito era ouvi-la atentamente, munida de uma certa dose de tensão.

— Apesar de essa pessoa ter morrido de repente, isso não parece ter causado nenhum tipo de inconveniente. O mundo continua girando — disse Aomame.

A proprietária sorriu.

— Neste mundo, ninguém é insubstituível. Por mais que a pessoa tenha conhecimento e seja capacitada, sempre se pode encontrar alguém que esteja à altura. Se o mundo estivesse cheio de pessoas que não pudessem ser substituídas, estaríamos em grandes apuros. Se bem que... — e, para enfatizar suas palavras, levantou o indicador direito — acho improvável encontrar alguém que possa substituir você.

— Pode até ser que não seja fácil encontrar uma pessoa como eu, mas não deve ser difícil encontrar algum método alternativo — comentou Aomame.

A proprietária a observava em silêncio. Esboçando um sorriso de satisfação, disse:

— Pode até ser... Mas, mesmo assim, não haverá a mesma cumplicidade que existe entre nós. Você é você, e nunca deixará de ser você. A minha gratidão é tão grande que não tenho palavras para expressá-la.

A proprietária inclinou o corpo para a frente, estendeu o braço e colocou a mão sobre a de Aomame, mantendo-a assim por uns dez segundos. Depois soltou-a e, com uma expressão de contentamento, encostou-se no espaldar da poltrona. Uma borboleta aproximou-se vagarosamente e pousou em seu ombro por sobre o camião azul. Era pequena e branca, com detalhes em vermelho. A borboleta dormiu em seu ombro, sem medo.

— Provavelmente, você nunca deve ter visto uma borboleta como esta — disse a proprietária, olhando de relance a borboleta em seu ombro. Notava-se em sua voz um leve sentimento de orgulho. — Mesmo em Okinawa, é uma espécie difícil de se encontrar. Esta borboleta se alimenta apenas de uma única espécie de flor. Uma flor especial que só floresce no interior das montanhas de Okinawa. Para criar esta borboleta é preciso, antes de mais nada, trazer essa flor e cultivá-la. Isso requer muito trabalho e, evidentemente, é muito

oneroso.

— Parece que a borboleta gosta de você.

A proprietária sorriu.

— Esta *pessoa* me considera amiga.

— Dá para ser amiga de uma borboleta?

— Para se tornar amiga de uma borboleta, primeiro é preciso se sentir como parte da natureza. É preciso apagar qualquer vestígio de ser humano: deve-se ficar completamente imóvel e se convencer de que você se tornou uma árvore, um arbusto ou uma flor. Para chegar a esse estado leva-se tempo, mas, uma vez que ela te aceita, naturalmente se torna sua amiga.

— Você dá nome às borboletas? — Aomame perguntou, com certa curiosidade. — Quero dizer, você costuma colocar um nome em cada borboleta como se põe nos cachorros e nos gatos?

A proprietária discordou, balançando levemente a cabeça.

— Eu não dou nome a elas. Mas sei distinguir cada uma; basta olhar o padrão e a forma. Eu podia até colocar nomes, mas o fato é que elas logo morrem, sabia? Elas são amigas efêmeras, anônimas. Todos os dias eu venho aqui, me encontro com elas, cumprimento-as e converso sobre uma porção de coisas. Quando chega a hora, as borboletas silenciosamente desaparecem para algum lugar. Sei que morrem, mas, mesmo procurando o corpo, não há como encontrá-lo. Elas desaparecem sem deixar vestígio, como que sugadas pelo ar. As borboletas são as mais efêmeras e delicadas das criaturas. Nascem em algum lugar, buscam tranquilamente apenas o mínimo e o necessário e logo desaparecem. Possivelmente, vão para um outro mundo, diferente do nosso.

A estufa era quente e úmida, e o ar estava impregnado com o aroma das plantas. Muitas borboletas apareciam e desapareciam aqui e ali, a pontuar a efemeridade do fluxo de uma consciência em que inexistia a noção de começo e fim. Toda vez que Aomame entrava nessa estufa, tinha a sensação de perder a noção de tempo.

Tamaru trouxe numa bandeja de metal um jogo muito bonito com bule de chá e duas xícaras de porcelana verde-acinzentada. Havia também guardanapos de pano e alguns cookies dispostos num prato pequeno. O aroma do chá de ervas se misturava ao das flores.

— Obrigada, Tamaru. Pode deixar que eu mesma sirvo — disse a proprietária.

Tamaru colocou a bandeja sobre a mesa do jardim, curvou-se em sinal de respeito e se retirou sem fazer barulho. E, ao deixar a estufa, fez, como da vez anterior, uma sequência de passos ligeiros para abrir e fechar a porta. A proprietária levantou a tampa do bule, sentiu o aroma da infusão e, após verificar a hidratação das folhas, pôs-se a servir o chá lenta e delicadamente, cuidando para que a

infusão fosse proporcionalmente distribuída nas duas xícaras.

— Sei que isso não é da minha conta, mas por que não se coloca uma rede na porta?

A proprietária ergueu o rosto e olhou para Aomame:

— Uma rede?

— É. Se colocar uma rede do lado de dentro, a porta fica dupla, e toda vez que for entrar e sair por ela, não será mais necessário tomar tanto cuidado para que as borboletas não fujam.

Com o pires na mão esquerda, a proprietária segurou a xícara com a direita erguendo-a até a altura da boca e, encostando-a levemente nos lábios, tomou um pequeno gole de chá, sem emitir som. Após degustá-lo, aprovou-o com um leve balançar de cabeça. Em seguida, devolveu a xícara ao pires e o pousou sobre a mesa. Depois, pegou o guardanapo e, após pressioná-lo delicadamente nos lábios, deixou-o sobre o colo. Para fazer isso, ela levou — sem exageros — o triplo do tempo que uma pessoa normalmente levaria para tomar um gole de chá. Essa cena fez com que Aomame imaginasse uma fada sugando o nutritivo orvalho matinal nas profundezas da floresta.

Em seguida, a proprietária deu uma discreta tossida para limpar a garganta.

— Não gosto de redes — ela respondeu.

Aomame aguardou a continuação, mas em vão. A conversa encerrou-se assim, sem saber se o fato de ela não gostar de redes estaria relacionado à questão de tolher a liberdade, se por razões estéticas ou, simplesmente, por uma questão de gosto pessoal, sem nenhum motivo especial. Mas naquele momento isso não era importante.

Assim como a proprietária, Aomame também pegou o pires com a xícara e tomou um gole de chá, sem emitir som. Ela não gostava muito de chá. Preferia um café bem forte e quente, pegando fogo; mas tinha de reconhecer que aquilo não seria nem um pouco adequado numa estufa ao entardecer e, por isso, sempre pedia o mesmo que a proprietária. Ela ofereceu-lhe cookies e Aomame aceitou um. O biscoito era de gengibre e tinha acabado de sair do forno. O gosto proporcionava um frescor na boca. Aomame lembrou que, antes da guerra, a proprietária havia morado um tempo na Inglaterra. A proprietária também pegou um cookie e comeu delicadamente em pequenas mordidas, para não acordar a raríssima borboleta pousada em seu ombro.

— Na hora de ir embora, Tamaru, como sempre, irá lhe dar uma chave — disse ela. — Assim que resolver as coisas devolva-a pelo correio, como de costume.

— Pode deixar.

Por um tempo, manteve-se um silêncio acalentador. Dentro da

estufa fechada não se ouvia nenhum som do mundo exterior. A borboleta continuava a dormir sossegada.

— Nós não estamos fazendo nada de errado — disse a proprietária, olhando para o rosto de Aomame.

Aomame mordiscou levemente os lábios. Balançou a cabeça concordando.

— Eu sei.

— Veja o conteúdo desse envelope — disse a proprietária.

Aomame pegou o envelope que estava sobre a mesa e, após tirar sete fotos Polaroid de dentro dele, colocou-as ao lado do bule de finíssima porcelana. Era como distribuir as cartas de tarô, todas de mau agouro. Eram fotos do corpo de uma mulher jovem nua, tiradas por partes: costas, seios, nádegas, coxas e até plantas dos pés. Só não havia a foto do rosto. Em todas elas havia marcas de equimoses e vergões, resquícios de violência, provavelmente feitas com cinto. Os pelos pubianos estavam raspados e, ali, havia marcas de pontas de cigarro. Aomame franziu a testa involuntariamente. Ela já havia visto fotos desse tipo, mas não tão graves como estas.

— É a primeira vez que você vê algo assim, não é? — perguntou a proprietária.

Aomame apenas assentiu, sem se pronunciar de imediato.

— Eu tinha algumas informações, mas é a primeira vez que vejo algo assim.

— Quem fez isso foi *aquele homem* — disse a velha senhora. — As três fraturas foram tratadas, mas uma das orelhas está com sintomas de bradiacusia e, provavelmente, sua audição ficará prejudicada — disse a proprietária. Sua voz continuava baixa, mas o tom estava frio e seco. A borboleta que dormia em seu ombro percebeu a abrupta mudança em sua voz e, assustada, abriu as asas e alçou voo.

A proprietária continuou:

— Não se pode simplesmente ignorar alguém que é capaz de tamanha atrocidade.

Aomame reuniu as fotos e as guardou no envelope.

— Você não acha?

— Acho — concordou Aomame.

— Nós fizemos a coisa certa — disse a proprietária.

Ela se levantou e, provavelmente para se acalmar, pegou o regador que estava ao seu lado, como se fosse uma arma sofisticada. Seu rosto estava levemente pálido. Seus olhos estavam fixos, mirando atentamente um canto da estufa. Aomame olhou na mesma direção, mas não viu nada de diferente; apenas um vaso com flores de cardo.

— Obrigada pela visita. Você fez um bom trabalho — disse a proprietária, segurando o regador vazio. Com isso, dava para entender

que a conversa entre elas chegava ao fim.

Aomame também se levantou e pegou a bolsa.

— Obrigada pelo chá.

— Agradeço-lhe novamente por tudo — disse a proprietária.

Aomame esboçou um leve sorriso.

— Não há com o que se preocupar, está bem? — disse a proprietária. De uma hora para outra, o tom de sua voz estava novamente sereno, e uma luz cálida brilhava em seus olhos. Tocando levemente o braço de Aomame, reiterou: — Nós fizemos a coisa certa.

Aomame concordou. A conversa entre elas sempre terminava com essa fala. Provavelmente ela repetia essa frase para se convencer disso, pensou Aomame. Era como uma espécie de mantra ou um tipo de oração:

— Não há com o que se preocupar, nós fizemos a coisa certa.

Após verificar se não havia nenhuma borboleta por perto, Aomame entreabriu a porta, saiu e a fechou rapidamente. A proprietária ficou na estufa com o regador na mão. Ao sair da estufa, o ar fresco estava impregnado do cheiro do gramado e das árvores. Aqui é o mundo real onde o tempo flui normalmente. Aomame encheu os pulmões com aquele ar impregnado de realidade.

Tamaru aguardava Aomame no terraço, sentado na cadeira de teca, para lhe entregar a chave da caixa postal.

— Já acabou? — ele perguntou.

— Creio que sim — respondeu Aomame. Ela se sentou na cadeira ao lado dele, recebeu a chave e a guardou na bolsa.

Durante um tempo, os dois ficaram em silêncio observando os pássaros que visitavam o jardim. O ar continuava parado, e os salgueiros pendiam silenciosos com algumas das pontas de seus galhos quase a tocar o chão.

— E a mulher, está bem? — perguntou Aomame.

— Que mulher?

— A esposa daquele homem que teve um ataque do coração num hotel de Shibuya.

— No momento, não se pode dizer que esteja bem — disse Tamaru franzindo a testa. — Parece que ainda não se recuperou do choque. Ela não consegue falar direito. Creio que vai levar um tempo.

— Como ela é?

— Tem uns trinta e poucos anos, sem filhos. É bonita, causa uma boa impressão, tem estilo. Mas, infelizmente, neste ano ela não vai poder vestir roupas de praia no verão. Talvez, nem no ano que vem. Você viu as fotos?

— Acabei de ver.

— Assustador, não é?

— E como... — disse Aomame.

— É um padrão muito comum — continuou Tamaru. — Perante a sociedade, é um homem competente, tem uma ótima reputação entre os conhecidos, teve uma boa educação, boa escolaridade, e possui um bom nível social.

— Mas, quando chega em casa, torna-se outra pessoa — Aomame continuou, pegando o gancho. — Quando bebe, se torna violento. É daqueles que só sabem levantar a mão para a mulher: só têm coragem de bater na esposa. Mas, para os de fora, ele é um homem bom. É um marido calmo que causa sempre uma boa impressão. Se a esposa denunciá-lo dizendo o quanto ela sofre nas mãos dele, certamente ninguém irá acreditar. O homem sabe muito bem disso e, quando quer maltratá-la, faz questão de escolher um local em que ninguém possa presenciar a cena. Ou trata de maltratá-la sem deixar vestígios. Não é um tipo assim?

Tamaru concordou, meneando a cabeça.

— Na maior parte dos casos é assim. Mas, neste caso, ele não bebe uma gota sequer de álcool. Esse cara é do tipo que bate na frente de todo mundo em plena luz do dia, totalmente sóbrio. Esse tipo de caráter é dos piores. Ela queria se divorciar, mas o marido não aceitava a separação. Quem sabe ele até gostasse dela ou, talvez, não quisesse largar uma vítima que estava ao alcance das mãos. Ou ele gostava mesmo era de estuprá-la.

Tamaru levantou um pouco o pé para, novamente, verificar se os sapatos de couro estavam bem lustrados. Feito isso, continuou a conversa:

— Se ela apresentasse provas de violência doméstica, evidentemente obteria o divórcio, mas para isso seria preciso tempo e dinheiro. Se o marido resolvesse contratar um bom advogado, ela passaria por maus bocados. A vara de família está abarrotada de serviço, e faltam juízes. Mesmo que ela conseguisse obter o divórcio, são poucos os homens que cumprem à risca a determinação de pagar alguma indenização ou pensão alimentícia. É fácil arranjar uma desculpa para não pagá-las. No Japão, não existem casos em que o ex-marido tenha sido preso por se recusar a pagar alguma indenização. Basta ele mostrar que tem a intenção de pagar e acertar alguma coisa para que o tribunal faça vista grossa. A sociedade japonesa é muito tolerante com os homens.

— E, dias atrás, esse marido violento, de maneira muito conveniente, teve um ataque do coração no quarto de um hotel em Shibuya — disse Aomame.

— O termo *conveniente* é muito direto — disse Tamaru, estalando a língua de leve. — Eu prefiro dizer *graças à providência*

divina. De qualquer modo, como não existe nenhuma suspeita quanto às causas da morte, e o valor do seguro também não é tão exorbitante, creio que a empresa de seguros não vai desconfiar de nada. Provavelmente, vão liberar o valor sem questionar. Se bem que, se a gente pensar bem, é uma quantia considerável. Com o dinheiro do seguro, ela poderá começar uma vida nova, com a vantagem de economizar tempo e dinheiro com as questões judiciais, evitar aqueles processos complicados e sem sentido, além de ser poupada do desgaste emocional que esses assuntos costumam acarretar.

— Além do mais, um canalha perigoso como aquele não estará solto por aí procurando uma nova vítima.

— Providência divina — completou Tamaru. — Graças a uma parada cardíaca, tudo se resolveu naturalmente. Tudo é bom quando termina bem.

— Admitindo que exista um fim em algum lugar — disse Aomame.

Pequenas rugas surgiram nos cantos dos lábios de Tamaru, rugas que lembravam um esboço de sorriso.

— Pois saiba que sempre, em algum lugar, existe um final. A gente apenas não vê escrito por aí “Aqui é o fim”. Você já viu escrito no último degrau da escada algo como “Aqui é o último degrau. Por favor, não tente subir mais”?

Aomame balançou negativamente a cabeça.

— É a mesma coisa — disse Tamaru.

— Com senso prático e olhos bem abertos — disse Aomame —, a própria pessoa conseguirá perceber claramente onde é o fim.

Tamaru concordou:

— Mesmo que não consiga perceber... — ele moveu o dedo em uma curva descendente — ...de um modo ou outro, há de se encontrar o fim.

Os dois ficaram em silêncio ouvindo o canto dos pássaros. Era uma tarde tranquila de abril; sem indícios de maldade ou violência.

— Quantas mulheres estão *hospedadas* aqui? — perguntou Aomame.

— Quatro — Tamaru respondeu prontamente.

— Todas estão na mesma situação?

— Mais ou menos — disse Tamaru, e se calou por uns instantes. — Não são casos tão graves. Como sempre, esses maridos são uns imbecis, mas não tão ruins como esse cara de que falávamos. Não passam de um bando de insignificantes que cantam de galo. Não são caras que mereçam a sua preocupação, creio que nós podemos nos encarregar deles.

— Conforme a lei.

— Digamos que seja *praticamente* conforme a lei. O que não

quer dizer que não tenhamos que usar um pouco de intimidação. Mas um ataque do coração não deixa de ser uma morte legalmente reconhecida.

— Tem razão — disse Aomame.

Tamaru manteve-se em silêncio e, com as mãos sobre o colo, observou os galhos dos salgueiros que pendiam placidamente. Após hesitar um pouco, Aomame quebrou o silêncio:

— Você poderia me tirar uma dúvida, Tamaru?

— Qual?

— Quando foi que o uniforme e a arma dos policiais mudaram?

Tamaru franziu levemente as sobrancelhas. O tom de voz com que Aomame fez a pergunta possivelmente provocou seu instinto de prudência.

— Por que, de repente, você me pergunta isso?

— Nenhum motivo em especial. É que acabei de me lembrar.

Tamaru fitou os olhos de Aomame. O olhar de Tamaru era totalmente imparcial, desprovido de sentimento. Isso lhe dava tempo para pensar na melhor posição a ser adotada.

— Em meados de outubro de 1981 houve aquele grande conflito armado nas proximidades de Motozu, entre a polícia da província de Yamanashi e um grupo extremista. No ano seguinte, houve uma mudança radical na polícia. Isso já faz dois anos.

Aomame balançou a cabeça, como se aceitasse a informação, sem alterar a expressão do rosto. Ela não se lembrava do incidente, mas achou melhor concordar.

— Foi um incidente sangrento. Os antigos revólveres de seis tiros contra cinco Kalashnikovs AK-47. Aquilo nem poderia ser chamado de enfrentamento. Não havia como. Coitados dos três policiais que viraram peneira. Imediatamente, as Forças de Autodefesa mandaram helicópteros. A polícia ficou desmoralizada. Foi então que, logo depois, o primeiro-ministro Nakasone começou a trabalhar seriamente no sentido de aumentar o poder de fogo da polícia. Ocorreram grandes mudanças na estrutura policial, foi criada uma força armada especial e todos os policiais passaram a portar semiautomáticas mais potentes: as Beretta modelo 92. Você já experimentou uma?

Aomame fez que não com a cabeça. Nunca! Ainda mais ela, que nem sequer tinha disparado uma espingarda de ar comprimido...

— Eu já — disse Tamaru. — Uma pistola automática de quinze tiros que usa munição Parabellum de nove milímetros. É uma senhora arma, usada pelo exército americano. Não é barata, mas compensa por ser mais em conta que a Sig ou a Glock. Não é uma arma fácil de ser manuseada por amadores. Os antigos revólveres pesavam apenas

quatrocentos e noventa gramas, enquanto essas pistolas pesam oitocentos e cinquenta. Por isso, não adianta entregar esse tipo de arma nas mãos dos policiais japoneses se eles não sabem como usá-las. Imagine o problema que é dispará-la em meio à multidão! Certamente, o desfecho será trágico.

— Onde foi que você atirou com ela?

— Ah! É aquela velha história... Um dia eu estava tocando a minha harpa na beira de uma fonte quando, de repente, surgiu uma fada que me entregou uma Beretta 92 e pediu para eu testá-la num coelhinho branco que estava ali por perto.

— Fale sério.

As rugas nos cantos dos lábios de Tamaru ficaram um pouco mais vincadas.

— Eu só digo a verdade — disse ele. — De qualquer modo, foi há dois anos, na primavera, que, oficialmente, os uniformes e as armas foram trocados. Foi mais ou menos nessa época. Será que eu respondi a sua pergunta?

— Dois anos atrás — disse Aomame.

Tamaru novamente lançou um olhar perspicaz em direção a ela.

— Se alguma coisa está te preocupando, é melhor dizer. Você está enrascada com a polícia?

— Não é isso — respondeu Aomame para, em seguida, agitar de forma ligeira as mãos num gesto de negativa. — Eu só fiquei meio intrigada com essa coisa do uniforme. Não me lembrava de quando ele havia sido trocado.

Houve um novo silêncio e a conversa terminou naturalmente. Tamaru estendeu mais uma vez a mão direita.

— Que bom que tudo acabou bem — disse ele. Aomame retribuiu o gesto segurando-lhe a mão. Esse homem sabia. Sabia que, após terminar um trabalho árduo que envolve a vida de uma pessoa, necessita-se de um contato físico acolhedor e complacente.

— Tire umas férias — disse Tamaru. — Pare e respire fundo. E saiba que, de vez em quando, é preciso esvaziar a cabeça. Vá passear com seu namorado em Guam.

Aomame se levantou, posicionou a alça da bolsa no ombro e endireitou o capuz. Tamaru também se levantou. Apesar de ele não ser alto, toda vez que ficava em pé Aomame tinha a impressão de que um paredão de pedra se erguia diante dela.

Tamaru observou em silêncio ela se afastar. Enquanto caminhava, Aomame sentia o olhar dele em suas costas e, por isso, abaixou o queixo, endireitou a postura e andou em linha reta com passos firmes. No entanto, em algum lugar onde a vista não podia alcançar, ela estava confusa. Em algum lugar desconhecido estavam

acontecendo coisas de que ela nem fazia ideia. Até bem pouco tempo atrás, tinha o mundo na palma da mão: não havia nenhuma falha ou contradição. Agora tudo estava desmoronando.

Conflito armado em Motozu? Beretta modelo 92?

O que estava acontecendo? Impossível Aomame ter deixado passar uma notícia tão importante como aquela. Algo no sistema que rege o mundo estava começando a pirar. Enquanto caminhava, o cérebro de Aomame trabalhava a mil. Independentemente do ocorrido, ela precisava agrupar e atar esse mundo num único feixe. Precisava encontrar uma justificativa para tudo, e bem rápido. Senão, algo ruim poderia acontecer.

Tamaru certamente percebera o quanto Aomame estava confusa por dentro. Ele era um homem prudente, de grande percepção intuitiva e, além de tudo, um homem perigoso. Sentia um respeito profundo pela proprietária e sua lealdade era absoluta. Para protegê-la, seria capaz de qualquer coisa. Aomame e Tamaru nutriam um respeito mútuo; havia entre eles uma certa afeição. Ou, pelo menos, algo que lembrava esse sentimento. Mas se, por algum motivo, a existência de Aomame não fosse mais considerada necessária para a proprietária, ele certamente não hesitaria em resolver a situação dando cabo de Aomame com extrema eficiência. Ela, no entanto não se via no papel de criticá-lo. Afinal, aquele era o seu dever.

Assim que Aomame passou pelo jardim, o portão se abriu. Ela olhou para a câmera de segurança e, sorrindo o mais gentilmente que podia, deu um discreto aceno de mão: como se nada tivesse acontecido. Ao cruzá-lo, ele se fechou lentamente às suas costas. Enquanto descia a ladeira íngreme de Azabu, Aomame organizou e listou mentalmente o que teria de fazer: com extrema competência, nos mínimos detalhes.

Tengo

Encontrar um desconhecido num local desconhecido

Para a maioria das pessoas, a manhã de domingo simboliza um momento de descanso. Mas, quando criança, Tengo nunca associou a manhã de um domingo com algo alegre. Muito pelo contrário, os domingos sempre o deixavam triste. Era só chegar o fim de semana para sentir o corpo pesado, dolorido, e perder o apetite. Para Tengo, o domingo era como uma lua disforme que revela somente o seu lado escuro. Durante a infância, não foram poucas as vezes que pensou em como seria bom se não existissem os domingos; como seria bom se as aulas fossem ininterruptas, sem essa coisa de férias. Chegou até a rezar para que o domingo não chegasse nunca: evidentemente, o pedido nunca foi atendido. De vez em quando, mesmo agora, já adulto — em que o domingo deixou de ser uma ameaça real —, acordava melancólico, sem motivo algum. Às vezes, sentia as articulações rangerem e, não raro, a reação vinha acompanhada de ânsias de vômito. Era um sintoma arraigado em sua mente. Com profundas raízes fincadas no âmago de seu subconsciente.

Aos domingos, desde que Tengo era pequeno, seu pai, que era cobrador da NHK, o levava consigo nas visitas. Desde antes de Tengo entrar para o jardim de infância até a quinta série do primário, exceto quando havia alguma atividade especial na escola. Ao acordar às sete da manhã, seu pai mandava lavar o rosto com sabonete, depois verificava as orelhas e as unhas e, na medida do possível, vestia-o com roupas limpas — mas não chamativas — prometendo que, depois, ele o levaria para comer alguma coisa gostosa.

Tengo não sabia se os outros cobradores da NHK também costumavam trabalhar no dia de folga, mas, até onde ele se lembrava, seu pai sempre trabalhou aos domingos; aliás, trabalhava com muito mais afinco do que nos outros dias. Era preferencialmente aos domingos que seu pai conseguia encontrar as pessoas que, durante a semana, não ficavam em casa.

Havia alguns motivos para o pai levar o pequeno Tengo em suas cobranças. Um deles era porque não podia deixar uma criança pequena sozinha em casa. Nos dias de semana e aos sábados ele podia deixar Tengo na creche, no jardim de infância ou na escola primária, mas, no domingo, não havia expediente. Um outro motivo era mostrar para o filho que tipo de trabalho o pai fazia para que este soubesse de onde provinha o sustento deles e, desde pequeno, ensinar-lhe o significado do trabalho. O pai dele, desde que se entendia como gente, sempre trabalhara na lavoura sem nunca tirar um único domingo de folga e, nos períodos em que o serviço apertava, era obrigado a faltar na escola. Era esse o tipo de vida que seu pai considerava normal.

O terceiro e último motivo era estritamente interesseiro e, por isso, era o que mais machucava os sentimentos de Tengo. Seu pai sabia muito bem que, estando com uma criança, seria mais fácil fazer a cobrança. Afinal, era embaraçoso destratar um cobrador dizendo “não vou pagar, vá embora” vendo-o de mãos dadas com uma criança. Muitos acabavam pagando o que não tinham a intenção de pagar só de ver, em silêncio, os olhinhos da criança. Por isso, aos domingos, o pai de Tengo fazia questão de seguir um itinerário que incluía o maior número de casas que ofereciam resistência para pagar. Desde o começo, Tengo intuiu que seu pai depositava nele a expectativa de que cumprisse o seu papel, e Tengo detestava isso. Mas, para deixar seu pai contente e ser bem-tratado por ele, Tengo também tinha de usar a cabeça e, como um macaquinho de circo, atuar como ele queria.

Seu único consolo era que a área de cobrança do pai era distante do bairro em que moravam. Tengo morava num bairro residencial no subúrbio da cidade de Ichikawa, e a área de cobrança do pai era a do centro. O distrito escolar também era outro. Pelo menos isso evitou que aparecessem nas casas dos seus colegas do jardim de infância ou da escola primária. Mesmo assim, de vez em quando, ao andar pela zona comercial do centro, encontrava algum colega de sala. Quando isso acontecia, Tengo rapidamente se escondia atrás de seu pai para que o colega não o visse.

A maioria dos pais de seus colegas trabalhava no centro de Tóquio como assalariados, e muitos achavam que a cidade de Ichikawa pertencia à capital, apesar de fazer parte da província de Chiba. Quando chegava segunda de manhã, os colegas contavam animadamente onde haviam estado e o que fizeram no domingo. Eles iam ao parque de diversões, ao jardim zoológico e aos campos de beisebol. No verão, nadavam na praia de Minamibôsô e, no inverno, iam esquiar. Passeavam de carro com os pais ou escalavam montanhas. Os colegas contavam essas experiências com entusiasmo e trocavam informações sobre vários lugares. Tengo não tinha nada do

que falar. Ele nunca tinha visitado um local turístico e, tampouco, brincado num parque de diversões. Aos domingos, desde cedo até o anoitecer, ele sempre estava com seu pai apertando as campainhas das casas de gente desconhecida; abaixavam a cabeça para quem atendia a porta e recebiam o dinheiro. Se alguém se recusava a pagar, o pai usava da intimidação ou da persuasão. Se alguém reclamava, começavam a discutir. Às vezes, eram enxotados feito vira-latas. Tengo não via o porquê de expor esse tipo de experiência aos colegas de classe.

Na terceira série, a classe já sabia que o pai de Tengo era cobrador da NHK. Alguém o tinha visto com o pai fazendo cobranças. Não era para menos; afinal, todos os domingos, da manhã à noite, ele seguia o pai por todos os cantos da cidade. Era natural que um dia alguém o visse (ainda mais porque Tengo já estava grande demais para se esconder atrás do pai). Mais estranho seria se ninguém nunca o tivesse visto.

E, desde então, apelidaram-no de “NHK”. Era inevitável que, num grupo de filhos de funcionários de classe média, Tengo fosse considerado “diferente”. O que era normal para essas crianças, para Tengo não era. Tengo vivia num mundo distinto, e seu tipo de vida também era bem diferente do de outras crianças. Na escola, as notas de Tengo eram excepcionalmente boas e ele se destacava nos esportes. Tinha uma estrutura física robusta e era forte. Os professores o tratavam com especial atenção. Por isso, mesmo sendo “diferente”, a classe nunca o excluiu do grupo; muito pelo contrário, ele sempre era o centro das atenções. No entanto, quando algum amigo o convidava para sair no domingo ou o chamava para ir brincar em sua casa, ele nunca podia aceitar, pois sabia de antemão que, no momento em que ele dissesse ao seu pai “Nesse domingo vai ter uma festa na casa de um amigo, posso...”, ele simplesmente ignoraria o pedido. Por isso, Tengo sempre precisou recusar os convites dando a desculpa de que no domingo não dava para ir. De tanto recusar, as pessoas deixaram de convidá-lo. Quando se deu conta, descobriu que estava só, que não fazia parte de nenhum grupo.

Houvesse o que houvesse, todos os domingos, da manhã até o entardecer, ele precisava acompanhar o pai no roteiro de cobranças. Era uma regra imutável. Uma regra que não admitia exceção e que não tinha margem para nenhum tipo de mudança. Mesmo gripado e tossindo sem parar, mesmo com febre ou com dor de barriga, seu pai não o poupava. Quando estava nesse estado, caminhando com dificuldade atrás do pai, Tengo imaginava como seria bom desmaiar e morrer ali mesmo. Quem sabe assim seu pai parasse para refletir um pouco sobre suas atitudes e chegasse à conclusão de que fora muito duro com o filho. No entanto, felizmente ou infelizmente, Tengo tinha

uma saúde de ferro: mesmo com febre, dor de barriga e ânsia de vômito, nunca ficou de cama ou desmaiou e, sem nunca se queixar para o pai, continuou a segui-lo nos longos percursos de cobrança.

No último ano da guerra, o pai de Tengo voltou da Manchúria sem nenhum tostão no bolso. Terceiro filho de uma família de agricultores da região de Tôhoku, ele havia partido com alguns amigos da vila após se inscrever num grupo de colonização da Manchúria e da Mongólia. Resolvera partir não porque acreditava nas propagandas do governo de que a Manchúria era um paraíso, as terras eram abundantes e férteis, e que lá a vida seria boa. Ele sempre soube que nunca, em lugar nenhum, existiu essa coisa de paraíso. O que o levou foi somente a pobreza e a fome. A única perspectiva de permanecer no campo era vivendo no limite da inanição e, com a terrível recessão econômica, houve um considerável aumento do número de desempregados. Ir para a cidade não era garantia de conseguir um bom emprego. Diante dessa situação, a única saída para sobreviver era partir para a Manchúria. Antes, recebeu treinamento básico sobre o uso de armas de fogo para uma eventual emergência, instruções gerais sobre as condições agrícolas da Manchúria e, após três vivas efusivos, deixou a terra natal. Em Dalian seguiu de trem até um local próximo à fronteira da Manchúria com a Mongólia. Chegando lá, deram-lhe um pedaço de terra cultivável, ferramentas agrícolas e um rifle e, junto com seus amigos, começou a trabalhar na terra. Uma terra estéril e cheia de pedregulhos que, no inverno, ficava totalmente congelada. Sem o que comer, tiveram de se alimentar de cachorros de rua. Mesmo assim, eles só conseguiram sobreviver graças ao auxílio que o governo lhes ofereceu durante os primeiros anos.

Em agosto de 1945, quando finalmente a vida começou a apresentar os primeiros sinais de estabilidade, a União Soviética quebrou o tratado de paz e invadiu a Manchúria. O exército russo havia encerrado sua campanha na frente europeia e, gradativamente, deslocava um grande contingente de tropas rumo às fronteiras do Extremo Oriente utilizando a Estrada de Ferro Transiberiana. Naquela época, o pai de Tengo tinha um amigo que era funcionário do governo e este, discretamente, o alertara sobre o iminente ataque, deixando-o de sobreaviso sobre uma possível invasão. Esse seu amigo aconselhou, ao pé do ouvido, que ele deixasse tudo pronto para fugir sozinho; as forças armadas japonesas do Kwantung, de tão enfraquecidas, dificilmente conseguiriam conter as tropas russas. Aconselhou também a optar pelo meio mais rápido de fuga. Por isso, assim que o pai de Tengo soube que o exército russo havia cruzado a fronteira, imediatamente partiu para a estação montado num cavalo

previamente preparado, e conseguiu pegar o antepenúltimo trem com destino a Dalian. Dentre os companheiros da vila que haviam viajado juntos, o único que conseguiu voltar para o Japão a salvo naquele ano foi o pai de Tengo.

Depois da guerra, ele foi para Tóquio e trabalhou como contrabandista no mercado negro, foi aprendiz de carpinteiro, mas nada disso deu certo. Ele mal conseguia manter o seu próprio sustento. No outono de 1947, quando trabalhava de entregador numa das tavernas do bairro de Asakusa, casualmente reencontrou aquele seu amigo do tempo da Manchúria, o funcionário público. Esse amigo tinha sido transferido temporariamente para a Manchúria para trabalhar no então Ministério dos Correios e Telecomunicações, mas, de volta ao Japão, trabalhava no antigo Ministério das Telecomunicações. Talvez por ele ter nascido na mesma região que o pai de Tengo, e por reconhecer que era um homem muito trabalhador, simpatizava com ele e, nesse dia, o convidou para uma refeição.

Ao saber que o pai de Tengo não conseguia arranjar um emprego decente e passava por apuros, o amigo indagou se ele não gostaria de trabalhar como cobrador da NHK. O amigo se ofereceu para falar com uma pessoa que ocupava um posto no departamento. O pai de Tengo agradeceu dizendo que, se ele pudesse fazer isso, seria ótimo. Não tinha ideia do que a NHK fazia, mas, desde que ganhasse um salário fixo, qualquer coisa era bem-vinda. O amigo assinou uma carta de recomendação e até assumiu o papel de fiador. Graças à ajuda, seu pai conseguiu o emprego de cobrador sem dificuldades. Fez o curso, ganhou o uniforme e aprendeu as normas da empresa. As pessoas finalmente começavam a superar o choque de terem sido derrotadas na guerra e buscavam diversão em meio a uma vida miserável. As músicas, os programas humorísticos e os esportes transmitidos pela rádio eram uma diversão das mais acessíveis e baratas, e os aparelhos de rádio tornaram-se tão populares que não havia como comparar com o do período anterior à guerra. A emissora NHK tinha uma grande necessidade de contratar pessoas que circulassem pelas casas dos ouvintes para lhes cobrar a taxa de transmissão.

O pai de Tengo se dedicou ao trabalho de corpo e alma. Seu ponto forte era ter saúde e ser muito perseverante. Para uma pessoa que pouquíssimas vezes havia se alimentado até a saciedade, trabalhar como cobrador da NHK estava longe de ser algo penoso. Por mais que fosse hostilizado, isso em nada o afetava, pois, mesmo no baixo escalão, sentia-se orgulhoso de fazer parte de uma grande organização. No primeiro ano, ele recebeu como comissionado, sem nenhuma garantia de contratação, mas, com o seu excelente desempenho e a sua postura diante do trabalho, logo foi efetivado,

passando a fazer parte do quadro regular de funcionários. Normalmente, a NHK não promovia o funcionário com tanta rapidez, mas não se podia ignorar o fato de que seu pai tinha obtido resultados satisfatórios numa área considerada muito problemática. Evidentemente, não se podia esquecer também a influência do funcionário do Ministério das Telecomunicações, que, além do mais, era seu fiador. Além de receber um salário fixo, passou a ter outros benefícios: morar numa das residências funcionais da empresa e ser admitido para o plano de saúde. A diferença de tratamento entre um cobrador comissionado, totalmente descartável, e um funcionário da empresa era imensa. Conseguir esse emprego era, de longe, a melhor coisa que lhe havia acontecido em toda a sua vida. Finalmente ele havia conquistado uma posição no pedestal de um totem.

Tengo cansou de ouvir a história do pai. Ele não cantava canções de ninar nem contava histórias da carochinha. Mas, em compensação, não se cansava de contar e recontar suas experiências de vida. Que ele nascera numa família de agricultores pobres de Tôhoku; vivera como um cão, sempre trabalhando e apanhando; que emigrara para a Manchúria como um colono; que, naquele lugar em que a urina virava gelo antes de cair no chão, desbravara a terra e cuidara da plantação com o rifle nas mãos para afugentar lobos e bandidos a cavalo; que tivera de fugir das tropas russas só com a roupa do corpo; que conseguira voltar são e salvo para o Japão sem que o mandassem para o campo de concentração da Sibéria; que, mesmo faminto, sobrevivera às agruras do período pós-guerra e que, felizmente, por obra do acaso, conseguira se tornar um cobrador efetivo da NHK. Esse era o final feliz de sua história.

O pai era um ótimo contador de histórias. Apesar de ser impossível comprovar sua veracidade, ela era ao menos coerente. Não tinha um significado profundo, mas era rica em detalhes, e era contada de modo expressivo. Havia histórias divertidas, histórias comoventes, histórias violentas, histórias sem pé nem cabeça de cair o queixo e histórias difíceis de engolir, por mais que seu pai tentasse convencê-lo. Se o valor de uma vida fosse avaliado pela variedade de episódios que ela possui, a vida de seu pai poderia ser considerada rica.

No entanto, após ser contratado como cobrador da NHK, a história do pai perdia completamente todo o colorido e o realismo. Perdia também a riqueza de detalhes e a coerência. Era como se não valesse a pena continuar a contá-la. Seu pai conhecera uma mulher, casara-se com ela e tivera um filho — Tengo. Meses depois de dar à luz, a mãe adoeceu e morreu. Seu pai não se casou de novo e, enquanto trabalhava zelosamente para a NHK, cuidou sozinho de Tengo. E tem sido assim até hoje. Fim.

O pai nunca lhe contou como conheceu e se casou com sua mãe. Também nunca disse como ela era nem o motivo de sua morte (estaria relacionado com o nascimento de Tengo?): se foi uma morte tranquila ou sofrida. Sobre esse tipo de assunto o pai de Tengo se calava. Se Tengo perguntasse, o pai se esquivava sem dar respostas. Na maioria das vezes, o pai ficava mal-humorado e se fechava. Não havia uma foto sequer de sua mãe. Nem do casamento. A justificativa do pai era que na época não tinha condições de fazer uma festa e, tampouco, ter uma máquina fotográfica.

No entanto, no fundo, Tengo não acreditava na conversa do pai. Sabia que ele havia inventado a história para ocultar a verdade. A mãe de Tengo não havia morrido meses depois de seu nascimento. Em sua memória, sua mãe estava viva até seu um ano e meio de idade. E, ao lado de Tengo adormecido, ela abraçava intimamente outro homem que não era o seu pai.

Sua mãe tirou a blusa, soltou a alça da camisola branca e um homem, que não era seu pai, chupava os bicos de seus seios. Tengo dormia ao lado com um leve ressonar. Ao mesmo tempo, ele não dormia. Ele olhava para a mãe.

Essa era a fotografia que Tengo tinha como lembrança da mãe. Uma cena de dez segundos nitidamente gravada na tela de sua consciência. A cena era a única informação concreta que ele tinha dela. A consciência de Tengo usava a imagem para ligá-lo, ainda que sutilmente, à figura da mãe: um hipotético cordão umbilical. Sua consciência estava mergulhada no líquido amniótico da lembrança, fazendo-o escutar os ecos do passado. No entanto, seu pai não sabia que Tengo tinha essa imagem nitidamente gravada em sua mente e que constantemente — como um boi no pasto — ruminava a cena tentando tirar daí algum nutriente importante. Pai e filho carregavam, em suas recônditas escuridões, os seus respectivos segredos.

Era uma manhã de domingo agradavelmente ensolarada, mas as frias rajadas de vento insinuavam que, mesmo em meados de abril, a estação podia simplesmente retroceder. Tengo vestia uma jaqueta com padrões em zigue-zague que tinha desde os tempos de escola, um suéter preto de malha fina e gola redonda, calça bege e sapatos Hush Puppies marrons. Sapatos que, por sinal, eram relativamente novos. Esse era o seu jeito mais caprichado de se vestir.

Quando Tengo chegou numa das extremidades da plataforma da linha Chûô da estação Shinjuku, sentido Tachikawa, Fukaeri já o aguardava. Ela estava sentada em um banco, sozinha, totalmente imóvel, com os olhos semicerrados olhando o vazio. O vestido de algodão estampado que ela usava era típico de verão, e, por cima,

vestia um casaco de inverno verde-escuro e calçava um tênis cinza desbotado, sem meias. Era uma combinação no mínimo inusitada para a estação em que estavam. O vestido era muito fino, e o casaco muito grosso. No entanto, esse seu jeito de vestir não causava estranhamento. *Não combinar* as peças talvez fosse seu jeito de expressar uma visão particular do mundo. Mas o mais provável era que tivesse escolhido aleatoriamente as roupas sem pensar em nada.

Ela não estava lendo jornal, livro ou ouvindo música no walkman; estava apenas sentada, quietinha, com seus olhos grandes e negros voltados para a frente. Parecia tanto estar vendo algo, como também parecia não estar vendo nada. É provável que estivesse pensando em algo, mas, ao mesmo tempo, parecia não pensar em coisa alguma. De longe, era como uma estátua esculpida com material especial, dessas que dão a impressão de serem reais.

— Esperou muito? — perguntou Tengo.

Fukaeri o olhou e balançou alguns centímetros a cabeça de um lado para o outro. Seus olhos negros tinham um brilho sedoso, mas o rosto continuava inexpressivo, como da vez passada. Parecia não estar a fim de conversa. Por isso Tengo desistiu de puxar assunto e, em silêncio, sentou-se no banco ao lado dela.

Com a chegada do trem, Fukaeri se levantou sem dizer nada. Os dois entraram no vagão. Por ser domingo, o expresso para Takao tinha poucos passageiros. Tengo e Fukaeri sentaram lado a lado na poltrona e, mantendo o silêncio, observaram a paisagem urbana passar pela janela. Fukaeri continuava quieta, Tengo também. Ela juntou as pontas da gola do casaco e as segurou firmemente, como que a se preparar para enfrentar um frio intenso.

Tengo começou a ler um livro de bolso que trouxera, mas sentiu apreensão e acabou desistindo. Guardou o livro no bolso da jaqueta e, como se fizesse companhia a Fukaeri, limitou-se a olhar para a frente, em silêncio, com as mãos sobre o colo. Quis pensar em algo, mas não conseguiu se lembrar de nada. Talvez, por ter ficado muito tempo concentrado em reescrever a *Crisálida de ar*, seu cérebro se recusasse a pensar em algo concreto. Havia um bolo de fios emaranhados no centro de seu cérebro.

Tengo observava a paisagem passar pela janela enquanto prestava atenção no barulho monótono do trem correndo pelos trilhos. A linha Chûô seguia infinitamente, como se percorresse uma linha reta previamente traçada no mapa. Não. Não era *como se*, pois, certamente, as pessoas de cem anos atrás queriam que o trajeto fosse daquela forma. Nessa região da planície de Kantô não há nenhum acidente topográfico digno de nota. E é por isso que construíram uma estrada de ferro sem a necessidade de curvas, desníveis, pontes ou túneis. Bastou traçar uma linha reta e fazer o trem correr rumo ao seu

destino.

Sem querer, não saberia dizer desde quando, Tengo acabou dormindo. E, ao acordar com o balanço do trem, viu que ele reduzia gradativamente a velocidade para parar na estação Oguikubo. Foi um cochilo rápido. Fukaeri continuava do mesmo jeito, olhando fixamente para a frente. Tengo não fazia a mínima ideia do que ela estaria realmente vendo. Mas, do modo como estava compenetrada, uma coisa era certa: eles não deixariam o trem tão cedo.

— Que tipo de livro você costuma ler? — perguntou Tengo para quebrar a monotonia. O trem atravessava a região de Mitaka. Essa era uma pergunta que ele realmente queria fazer.

Fukaeri o fitou de relance e voltou a olhar para a frente:

— Não leio livros — ela respondeu sucintamente.

— Nunca?

Fukaeri balançou rapidamente a cabeça, em negativa.

— Você não gosta de ler livros? — perguntou Tengo.

— Levo tempo para ler — respondeu Fukaeri.

— Não lê livros porque leva tempo? — Tengo perguntou, por achar que não tinha entendido bem.

Fukaeri continuou olhando para a frente sem dar resposta. Essa sua atitude parecia dizer que *não se daria o trabalho de tentar contradizê-lo*.

Em geral, leva-se certo tempo para ler um livro. É diferente de assistir à televisão ou ler um mangá. A leitura requer esforço contínuo, durante um espaço de tempo relativamente longo. No entanto, ao dizer “levo tempo”, Fukaeri parecia empregar uma nuance diferente à dinâmica de leitura.

— Dizer que leva tempo significa que é *muito* tempo? — perguntou Tengo.

— *Muito* — afirmou Fukaeri.

— Muito mais tempo do que as pessoas em geral costumam levar?

Fukaeri prontamente concordou.

— Se é assim, você deve passar apuros na escola. Você precisa ler muitas coisas durante as aulas, não é? Se você demora tanto assim para ler...

— Eu finjo que estou lendo — disse Fukaeri, como se isso fosse algo mais que natural.

Tengo ouviu em alguma das portas de seu cérebro uma batida agourenta. Se pudesse, preferiria ignorar esse toque, mas não podia. Ele precisava descobrir a verdade. Perguntou:

— O que você está querendo dizer tem algo a ver com dislexia?

— Dislexia — repetiu Fukaeri.

- Dificuldade para ler.
- Alguém me disse isso. Dis...
- Quem te disse?

A garota encolheu discretamente os ombros.

— Então... — Tengo selecionou as palavras, como se tateasse no escuro para encontrá-las. — Você sempre foi assim desde pequena?

Fukaeri concordou balançando a cabeça.

— Ou seja, você nunca leu romances.

— Sozinha, não — respondeu Fukaeri.

Isso explicava o porquê de seu texto não ter a influência de nenhum escritor. Uma explicação perfeitamente coerente.

— Você nunca leu sozinha — disse Tengo.

— Alguém lia — disse Fukaeri.

— Seu pai ou sua mãe liam para você em voz alta?

Fukaeri nada respondeu.

— Mas, mesmo que você não leia, não tem problemas para escrever, certo? — perguntou Tengo, com certa preocupação.

Fukaeri negou com a cabeça:

— Escrever também leva muito tempo.

— Leva *muito* tempo?

Ela novamente encolheu discretamente os ombros. Queria dizer sim.

Tengo se ajeitou no banco.

— Então quer dizer que não foi você que escreveu a *Crisálida de ar*.

— Eu não escrevi.

Por alguns segundos, Tengo se calou. Eram segundos que sustentavam um peso significativo.

— Quem foi, então, que escreveu?

— Azami — respondeu Fukaeri.

— Quem é Azami?

— Dois anos *mais nova*.

Instalou-se novamente um breve silêncio.

— Foi essa garota que escreveu *Crisálida de ar* em seu lugar?

Fukaeri concordou, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

O cérebro de Tengo começou a trabalhar a todo o vapor.

— Então você ditou a história e ela escreveu. É isso?

— Ela digitou e imprimiu — disse Fukaeri.

Tengo mordeu os lábios e, após organizar as inúmeras informações novas, disse:

— Então quer dizer que foi Azami quem enviou o texto impresso para concorrer ao prêmio literário da revista? E foi ela que, sem falar para você, colocou o título *Crisálida de ar*.

Fukaeri inclinou a cabeça de um jeito que não dava para saber se concordava ou não. De qualquer modo, como ela não teve nenhuma outra reação, era de se supor que o que Tengo dissera provavelmente estava correto.

— Essa Azami é sua amiga?

— Moramos juntas.

— Ela é sua irmã mais nova?

Fukaeri concordou, balançando a cabeça.

— É a filha do professor.

— Professor? — perguntou Tengo. — Esse *professor* também mora com você?

Fukaeri discordou, como quem diz “por que raios você me pergunta isso?”.

— Essa pessoa que vou encontrar hoje deve ser esse professor, não deve?

Fukaeri olhou para Tengo por um tempo, como a observar uma nuvem distante flutuando no céu. Um tempo depois, concordou.

— Nós vamos nos encontrar com o professor — respondeu Fukaeri, com uma voz inexpressiva.

A conversa, por ora, encerrou-se aí. Tengo e Fukaeri ficaram novamente em silêncio por um tempo, observando a paisagem que passava pela janela. Uma série de edifícios a perder de vista, todos sem graça, se perfilava nas inexpressivas terras planas. Inúmeras antenas, como insetos, apontavam para o céu. Será que as pessoas que moram aqui pagam pontualmente as taxas de recepção da NHK? Aos domingos, qualquer coisa fazia Tengo pensar na taxa. Era algo que não conseguia evitar.

Nessa manhã ensolarada de domingo, em pleno mês de abril, algumas verdades, não muito agradáveis, vieram à tona. Primeiro, ficou claro que Fukaeri não tinha escrito a *Crisálida de ar*. Se o que Fukaeri disse era verdade — não havia nada que depusesse contra —, ela tinha apenas contado a história, e uma outra garota a havia redigido. O processo era o mesmo que o utilizado na transcrição das narrativas orais observadas em obras como o *Kojiki* (Relatos de fatos antigos) ou o *Heike Monogatari* (As narrativas de Heike). Essa constatação, por um lado, amenizou seu sentimento de culpa em ter de mexer no texto, mas, por outro, tornou a situação ainda mais complexa. Tengo se sentiu — dito de modo claro — num beco sem saída.

Além disso, ela tinha um problema de atenção e era incapaz de ler corretamente um livro. Tengo tentou se lembrar do que sabia sobre a dislexia. No curso de licenciatura da faculdade, ele chegara a assistir a uma palestra sobre a doença. Teoricamente, quem tem dislexia

consegue ler e escrever. E a pessoa não possui problemas quanto à capacidade intelectual. No entanto, leva muito tempo para ler. Não encontra dificuldades em ler frases curtas, mas, se as frases forem compostas e extensas, não tem capacidade de processar as informações de modo a assimilá-las. Não consegue associar mentalmente o signo a seu significado. Esse seria o quadro geral da dislexia. As causas ainda não foram totalmente esclarecidas. Mas, mesmo que uma classe tenha uma ou duas crianças disléxicas, não há motivo para preocupação. Einstein também tinha dislexia, assim como Thomas Edison e Charles Mingus.

Tengo não sabia se uma pessoa com dificuldade para ler também tinha dificuldade para escrever. A contar pelo caso de Fukaeri, parecia que sim. Para ela era difícil tanto ler quanto escrever.

O que será que Komatsu vai dizer quando souber disso? Tengo suspirou involuntariamente. Essa garota de dezessete anos nasceu com problemas de atenção e não consegue ler nem escrever frases longas. Numa conversa — claro, se ela não estiver blefando —, ela só consegue falar uma frase de cada vez. Fazê-la se passar por uma escritora profissional, mesmo que seja apenas de fachada, é algo completamente inviável. Mesmo que Tengo consiga reescrever satisfatoriamente a *Crisálida de ar*, mesmo que a obra seja premiada e se torne um sucesso após a publicação, eles não conseguiriam enganar a sociedade por muito tempo. No começo, até que poderiam se sair bem, mas, com o tempo, certamente as pessoas começariam a achar que “algo está estranho”. Se, nessa hora, descobrissem a verdade, todos os envolvidos seriam decapitados. A carreira de Tengo como romancista — antes mesmo de começar — estaria arruinada.

Um plano assim, cheio de falhas, não tinha como dar certo. Desde o começo, Tengo sempre se sentira como se pisasse numa fina placa de gelo, mas agora a expressão parecia tênue demais. Antes mesmo de caminhar pelo gelo, dava para ouvir a placa trincando. A única coisa plausível a fazer era, assim que chegasse em casa, telefonar para Komatsu e dizer: “Sinto muito, Komatsu, não vou mais fazer parte desse plano. É arriscado demais.” É o que faria uma pessoa com a cabeça no lugar.

Entretanto, quando pensava em *Crisálida de ar*, Tengo se sentia confuso e dividido. Por mais que o plano de Komatsu fosse arriscado, àquela altura do campeonato Tengo não queria parar de reescrevê-la. Se não tivesse começado, aí sim conseguiria desistir. Mas agora era impossível. Ele estava enterrado até o pescoço naquela obra. Já estava respirando o ar e gravitando na órbita daquele mundo. A essência do enredo havia se impregnado em suas vísceras. A história requeria que Tengo a melhorasse, e ele sentia isso na própria pele. Era algo que apenas Tengo podia fazer e que não só valia a pena fazer, como

também *era preciso fazer*.

Tengo fechou os olhos e tentou imaginar o que deveria fazer para enfrentar e solucionar a situação. No entanto, não encontrou uma saída. Era impossível que uma pessoa confusa e dividida encontrasse uma solução coerente.

— A Azami escreve exatamente do jeito que você fala? — perguntou Tengo.

— Do jeito que eu falo — respondeu Fukaeri.

— Você fala, e ela escreve o que você falou — perguntou Tengo.

— Mas tenho de falar bem baixinho.

— Por que você tem de falar tão baixinho?

Fukaeri deu uma rápida olhada ao redor. Dentro do vagão havia poucos passageiros: uma mãe e duas crianças pequenas estavam sentadas em um banco à frente, porém um pouco afastadas de onde Tengo e Fukaeri estavam. Mãe e filhos pareciam estar a caminho de algum passeio divertido. No mundo também existem pessoas felizes.

— Para que *eles* não possam ouvir — disse Fukaeri, num sussurro.

— Eles? — perguntou Tengo.

Como seus olhos não focavam em nenhum lugar específico, era evidente que ela não se referia à mãe e a seus filhos. Referia-se a algumas pessoas concretas que ela conhecia muito bem — e que Tengo não conhecia —, que não estavam ali.

— Quem são *eles*? — perguntou Tengo, também com a voz ligeiramente baixa. Fukaeri nada disse, apenas cerrou os lábios, e uma pequena ruga se formou entre as sobrancelhas. — São o Povo Pequenino?

A pergunta continuou sem resposta.

— Será que *eles* ficarão bravos quando a história sair impressa, for divulgada e se tornar assunto de conversa?

Fukaeri também não respondeu a essa pergunta. Seus olhos continuavam a não se fixar em nada. Após aguardar um tempo e verificar a sua falta de resposta, Tengo mudou de assunto:

— Será que você não poderia me falar algo sobre essa pessoa que você chama de professor? Como ele é?

Fukaeri olhou para Tengo e, antes de responder, ela o observou como se indagasse “o que você quer dizer?”:

— Vamos encontrar o professor.

— Realmente — disse Tengo. — Realmente, você tem razão. Vou me encontrar com ele, não vou? E, sendo assim, eu mesmo posso ver como ele é assim que o encontrar.

Na estação Kokubunji surgiu um grupo de idosos com trajes de alpinismo. Eram dez no total, cinco homens e cinco mulheres, com

idade entre sessenta e setenta e cinco anos. Todos carregavam mochilas, usavam boné e pareciam contentes e bem-dispostos, como se fossem alunos do primário num dia de excursão. Alguns carregavam o cantil na cintura, outros, no bolso da mochila. “Será que quando eu envelhecer também vou estar tão contente quanto eles?”, pensou Tengo. E, depois de balançar discretamente a cabeça, concluiu: “Não. Acho difícil.” Começou a imaginar a cena de satisfação desses idosos bebendo água do cantil no topo de uma montanha.

Apesar de terem um corpo diminuto, o Povo Pequenino tomava muita água. E a água que eles mais apreciavam não era a encanada, mas a água das chuvas e a que corria num pequeno rio das redondezas. Por isso, durante o dia, a garota ia até o rio encher um balde de água para dar de beber ao Povo Pequenino. Quando chovia, colocava o balde embaixo da calha para colher essa água. Os seres pequeninos preferiam a água da chuva à do riacho, a despeito de ambas serem naturais. Eles sentiam gratidão pela gentil atitude da garota.

Tengo percebeu quão difícil era se concentrar num único pensamento. Isso não era um bom sinal. Possivelmente, estava relacionado ao fato de ser domingo. Dentro dele, surgia uma espécie de confusão mental. Em algum lugar das pradarias de seus sentimentos uma tempestade de areia sinistra começava a se formar. Aos domingos, vez por outra, isso costumava acontecer.

— Aconteceu algo — perguntou Fukaeri, sem o tom de interrogação. Ela parecia captar a tensão de Tengo.

— Será que vou fazer direito? — indagou Tengo.

— O quê.

— Será que vou conseguir conversar direito?

— Você vai conseguir conversar direito — perguntou Fukaeri. Ela parecia não ter entendido o que ele estava querendo dizer.

— Com o professor — disse Tengo.

— Se você vai conseguir conversar direito com o professor? — Fukaeri refez a pergunta.

Tengo hesitou um pouco antes de expor o que sentia:

— No final das contas, sinto que muitas coisas não se encaixam e isso me dá a sensação de que vai dar tudo errado.

Fukaeri mudou de posição para olhar Tengo de frente.

— Do que tem medo — perguntou Fukaeri.

— Do que tenho medo? — Tengo refez a pergunta.

Ela assentiu apenas balançando a cabeça.

— Acho que tenho medo de me encontrar com pessoas que

não conheço. Especialmente, numa manhã de domingo — disse Tengo.

— Por que domingo — perguntou Fukaeri.

Tengo sentiu o suor brotar em suas axilas e uma forte sensação de aperto no coração: conhecer uma pessoa nova e o que de novo ela traz era como uma ameaça para a sua existência.

— Por que domingo — Fukaeri perguntou de novo.

Tengo se lembrou dos domingos de sua infância. Quando terminavam a rota prevista de cobrança, seu pai o levava para o restaurante em frente à estação e deixava que ele pedisse qualquer coisa que gostasse de comer. Era como uma recompensa. Para eles, que tinham uma vida modesta, essa era a única ocasião em que os dois podiam comer fora. No restaurante, seu pai excepcionalmente pedia uma cerveja (ele raramente tomava bebidas alcoólicas). No entanto, mesmo o pai oferecendo a refeição, Tengo não tinha apetite. Ele costumava ter fome o tempo inteiro, mas não sentia nenhum prazer com a comida aos domingos. Para ele, era penoso ter de comer tudo, pois era imperdoável deixar comida no prato. De vez em quando, ele tinha até vontade de vomitar. Esse era o domingo de Tengo quando criança.

Fukaeri fitou seu rosto. Ela pareceu descobrir algo em seus olhos. Estendeu o braço e segurou sua mão. De início, Tengo se surpreendeu com esse gesto, mas tentou disfarçar para que seu rosto não o denunciasse.

Fukaeri segurou delicadamente a mão de Tengo até o trem parar na estação Kokuritsu. Sua mão macia era muito mais firme do que imaginava: não era quente nem fria. E tinha a metade do tamanho da mão de Tengo.

— Não tenha medo. Não é o domingo de sempre — disse ela, como se anunciasse um fato conhecido por todos.

Tengo pensou: era a primeira vez que Fukaeri formava uma frase com duas sentenças.

Aomame

O cenário muda, as regras também

Aomame foi para a biblioteca municipal mais próxima de sua casa. Dirigiu-se ao balcão e solicitou microfimes de jornais para consulta: material de três meses, de setembro a novembro de 1981. A bibliotecária informou que tinha os jornais *Asahi*, *Yomiuri*, *Mainichi* e *Nikkei*, e perguntou qual deles ela preferia. Era uma senhora de meia-idade, de óculos, que mais parecia uma dona de casa fazendo um bico do que uma funcionária contratada. Não era exatamente gorda, mas seus pulsos eram rechonchudos como presunto.

Aomame respondeu que podia ser qualquer um, já que tudo era a mesma coisa.

— Pode até ser, mas terá de escolher um, senão não tenho como ajudá-la — respondeu a mulher com uma voz desprovida de emoção, sem margem para contestações. Aomame também não tinha intenção de discutir e, por isso, escolheu ao acaso o jornal *Mainichi*. Em seguida, sentou-se numa mesa com divisórias, abriu seu caderno e, caneta na mão, começou a ler os artigos.

No início do outono de 1981 não aconteceu nenhum incidente realmente grave. Em julho daquele ano, o príncipe Charles e a princesa Diana se casaram e as notícias sobre o casal continuavam sendo veiculadas: onde eles estiveram, o que fizeram, as roupas e os acessórios que a princesa usava. Da cerimônia de casamento do príncipe Charles e da princesa Diana, obviamente Aomame se lembrava. Mas não fora algo a despertar especial interesse. Aliás, o que Aomame não conseguia entender era o porquê de as pessoas se interessarem tanto pela vida do príncipe e da princesa da Inglaterra. Para ela, Charles mais parecia um professor de física com problemas estomacais do que um príncipe.

Na Polônia, o conflito entre o “Solidariedade” — comandado por Lech Walesa — e o governo estava se agravando, e o governo russo declarou “estado de atenção”. Dito de modo claro, o que os russos estavam querendo dizer é que, se o governo polonês não fosse

capaz de controlar aquele grupo, os russos enviariam tanques de guerra como na Primavera de Praga, em 1968. Aomame, ainda que em linhas gerais, lembrava-se do incidente e lembrava também que, após inúmeros acontecimentos, a União Soviética desistiu da invasão. Por isso, não viu a necessidade de ler detalhadamente o artigo, a não ser um trecho em que o presidente norte-americano Reagan declarava — possivelmente com a intenção de intervir na política externa da União Soviética — que “a sua expectativa era de que o projeto de cooperação russo-americano para a construção de uma base permanente na Lua não viesse a ser prejudicado em decorrência da tensão na Polônia”. Construção de uma base permanente na Lua? Sobre esse assunto, ela nem sequer tinha ouvido falar. Aomame tinha uma vaga lembrança de que, recentemente, ouvira alguma coisa a respeito num noticiário da TV. Foi na noite em que fizera sexo no hotel de Akasaka com aquele homem calvo, de meia-idade, de Kansai.

No dia 20 de setembro, foi realizado em Jacarta o maior Campeonato Mundial de Pipas, evento que reuniu mais de dez mil participantes. Aomame não sabia disso, mas não havia motivo para estranhamento. Quem se lembraria de um campeonato de pipas em Jacarta três anos antes?

No dia 6 de outubro, o presidente do Egito, Anwar el-Sadat, foi assassinado por um grupo terrorista islâmico. Disso ela também se lembrava. Ao recordar o incidente, sentiu novamente pena do presidente El-Sadat. Além de apreciar sua calvície, ela sentia um tremendo ódio pelos fanatismos religiosos. Sentia o sangue subir à cabeça só de pensar em como aquelas pessoas tinham uma visão de mundo intolerante, nutriam uma presunçosa superioridade e eram capazes de impor seus princípios com total falta de sensibilidade. A raiva de Aomame era tamanha que mal conseguia controlá-la. Mas não tinha nada a ver com o problema que enfrentava naquele momento. Para se acalmar, respirou profundamente algumas vezes e passou à página seguinte.

No dia 12 de outubro, no bairro residencial de Itabashi, em Tóquio, um cobrador da NHK, de cinquenta e seis anos, após discutir com um estudante universitário que se recusava a pagar a taxa de recepção da emissora, esfaqueou-o na barriga com uma faca de cozinha — dessas pontiagudas e de lâmina grossa — que trazia na maleta, deixando-o gravemente ferido. O cobrador foi detido no local pelo policial que atendeu a ocorrência. O cobrador estava parado, segurando em estado de choque a faca ensanguentada, e em nenhum momento tentou resistir à prisão. Segundo um colega de trabalho, o cobrador era funcionário da NHK havia seis anos e, além de ser uma pessoa muito dedicada, seu desempenho no trabalho era excelente.

Aomame não sabia daquele incidente. E apesar disso era

assinante do jornal *Yomiuri* e diariamente passava os olhos em todas as páginas. Os noticiários locais — especialmente os relacionados a algum tipo de crime —, ela os lia todos, nos mínimos detalhes. Esse incidente ocupava quase a metade de uma página da edição vespertina. Ela não poderia ter deixado passar um artigo daquele tamanho. No entanto, a possibilidade de a notícia ter-lhe escapado por alguma razão não era de todo improvável. Seria muito difícil de acontecer, mas não impossível.

Aomame franziu a testa e pensou nessa possibilidade. Em seguida, registrou a data e o resumo do incidente no caderno.

O nome do cobrador era Shin'nosuke Akutagawa. Um belo nome, digno de um escritor ilustre. A foto do cobrador não fora publicada, mas havia a imagem de Akira Tagawa, estudante do terceiro ano de direito da Universidade do Japão, segundo grau de kendô. Se portasse uma espada de bambu, certamente não teria sido apunhalado com a mesma facilidade, mas, convenhamos, uma pessoa normal não costuma conversar com um cobrador da NHK com uma espada nas mãos. Por outro lado, um cobrador normal da NHK não anda com uma faca de cozinha na maleta. Aomame acompanhou atentamente as notícias veiculadas nos dias subsequentes, mas não encontrou nenhuma dizendo que o estudante esfaqueado havia morrido. Provavelmente sobrevivera.

No dia 16 de outubro ocorreu um grave acidente nas minas de carvão próximas à cidade de Yûbari, província de Hokkaido. Um incêndio ocorrido numa galeria a mil metros de profundidade matou por asfixia mais de cinquenta trabalhadores. As labaredas que subiram em direção à superfície mataram mais dez trabalhadores. Para conter o fogo, a empresa resolveu inundar a galeria com uma bomba d'água sem verificar se ainda havia sobreviventes. Com isso o total de mortes subiu para noventa e três. Um acidente de cortar o coração. O carvão é uma fonte de energia considerada “suja”, e o trabalho de escavação nessas minas é arriscado. A empresa de mineração não investia em equipamentos adequados, e as condições de trabalho eram péssimas. Os acidentes nas minas eram frequentes e os pulmões eram fatalmente atingidos. No entanto, por ser uma energia barata, sempre existiam pessoas e empresas que precisavam dela. Aomame se lembrava muito bem do acidente.

O fato que Aomame procurava ocorreu no dia 19 de outubro, em meio à repercussão do acidente de Yûbari. Ela não sabia de nada até Tamaru ter-lhe contado algumas horas atrás. Era difícil acreditar no que aparecia estampado em letras garrafais na primeira página da edição matutina:

TIROTEIO ENTRE GRUPOS RADICAIS E A POLÍCIA NAS MONTANHAS DE YAMANASHI

— TRÊS OFICIAIS MORTOS —

Havia uma foto bem grande. Uma foto aérea do local do incidente, próximo a Motosu. Havia também um mapa esquematizado da região. O local ficava no meio das montanhas, distante de uma área de veraneio. Os rostos dos três policiais mortos que pertenciam à polícia de Yamanashi também foram divulgados. Helicópteros haviam sido mobilizados para transportar uma equipe do comando de operações especiais das Forças de Autodefesa, com seus uniformes camuflados e seus rifles automáticos com miras telescópicas.

Durante um bom tempo, Aomame manteve a cara amarrada. Distendeu ao máximo cada músculo facial para expressar com exatidão o que sentia. Como havia divisórias em ambos os lados da mesa, ninguém viu a enorme transformação que ocorreu em seu rosto. Em seguida, ela respirou profundamente como as baleias que, ao emergir, renovam o ar de seus enormes pulmões: inspirou o máximo de ar à sua volta, expirando-o igualmente com toda a força. O estudante secundarista sentado atrás de Aomame chegou a se virar assustado com o barulho da respiração, mas logicamente não falou nada. Foi apenas um susto.

Após ficar um pouco com o rosto contraído, esforçou-se para relaxar os músculos para que sua expressão voltasse ao normal. Em seguida, bateu repetidamente os dentes da frente na base da caneta. Tentou organizar os pensamentos. Deveria haver alguma razão para isso. Ou melhor, *tinha de haver* uma razão. Ela não poderia ter deixado escapar um acontecimento de tamanha repercussão como aquele incidente que abalara o Japão.

Não. E não se tratava apenas daquele incidente. Ela também não se lembrava do caso do cobrador da NHK que esfaqueara o estudante universitário. Era tudo muito estranho. Ela não podia ter deixado passar sucessivamente dois fatos tão graves; era uma pessoa metódica e muito cuidadosa. Era capaz de perceber diferenças milimétricas. Confiava na capacidade de sua memória. E era justamente por ter essa capacidade que jamais cometia erros e conseguia se manter viva mesmo mandando algumas pessoas para o *outro lado*. O fato de ela afirmar que todo dia lia o jornal atentamente significava que “ler atentamente o jornal” era não deixar passar nenhuma notícia, e nisso incluíam-se todas as notícias minimamente significativas.

O incidente de Motosu ocupou várias páginas dos jornais durante alguns dias. As Forças de Autodefesa e a polícia local organizaram uma intensa perseguição montanha adentro à procura dos dez membros do grupo radical que estavam foragidos: três foram baleados, outros dois ficaram gravemente feridos e quatro — entre eles uma mulher — foram capturados. Apenas um conseguiu escapar. Todos os jornais só falavam desse caso e, por isso, o incidente do

cobrador da NHK que esfaqueou o estudante universitário em Itabashi foi deixado de lado.

Com certeza, para a NHK — obviamente, sem revelar de forma aberta — isso foi muito oportuno. Se não houvesse ocorrido um incidente de tamanha repercussão como o de Motosu, a imprensa certamente voltaria os olhos para ela, passando a questionar publicamente não só o sistema de cobrança de taxas como também a estrutura da empresa como um todo. No início daquele ano, membros do Partido Liberal Democrático do Japão levantaram críticas contra a transmissão que tratava especificamente do caso de suborno da Lockheed, obrigando a NHK a mudar o conteúdo televisivo. Antes de colocar a notícia no ar, a emissora precisava apresentar seu conteúdo detalhado para alguns políticos do partido do governo e, com deferência, solicitar a eles uma espécie de aprovação: “Podemos transmitir essa notícia?” Por incrível que possa parecer, esse tipo de procedimento era tido como normal. Como era o Parlamento que aprovava o orçamento da NHK, a cúpula da emissora temia se indispor com os políticos do partido do governo e sofrer futuras retaliações. Para muitos políticos do partido, a NHK era uma espécie de órgão de publicidade do governo. Com a revelação do que se passava nos bastidores, grande parte da população passou a desconfiar da autonomia e da imparcialidade política dos programas da emissora. E o movimento contra o pagamento da taxa de recepção começou a ganhar força.

Tirando esse incidente de Motosu e o do cobrador da NHK, Aomame se lembrava claramente de todos os demais acontecimentos, incidentes e acidentes ocorridos naquela época. Os únicos fatos de que não se lembrava de jeito nenhum eram aqueles dois. Por que será? Mesmo que houvesse algum problema em seu cérebro, seria possível ter deixado escapar apenas aquelas duas notícias? Ou será que ela habilmente conseguira apagá-las da memória?

Aomame fechou os olhos e, com os dedos, pressionou com força as têmporas. “Espere um pouco... pode ser algo perfeitamente plausível...”, pensou ela. “Talvez minha mente seja capaz de recriar a realidade; quem sabe nela exista um tipo de função cerebral responsável por encobrir — com um véu negro — determinadas notícias de minha vista e, com isso, impossibilitar que minha memória as registre. Notícias como a mudança oficial de armas e uniformes da polícia; que os Estados Unidos e a União Soviética constroem em conjunto uma base permanente na Lua; que um cobrador da NHK esfaqueou um estudante universitário; que houve um intenso tiroteio entre o comando especial das Forças de Autodefesa e um grupo extremista na região de Motosu.”

Mas, afinal, o que todos aqueles acontecimentos tinham em

comum?

Aomame continuava a bater os dentes na base da caneta. Novamente, parou para refletir.

Após certo tempo, ela se deu conta de que era possível pensar na seguinte hipótese: “O problema pode não ser comigo, mas com o mundo que me cerca. Não há nada de errado com o meu juízo ou minha mente, mas a ação de alguma força desconhecida é que altera o mundo ao meu redor.”

Quanto mais pensava nisso, mais se convencia de que aquela hipótese era a mais coerente. Não conseguia admitir algum tipo de perda de memória ou disfunção mental.

Com base nessa hipótese, desenvolveu o seguinte raciocínio:

Não fui eu que enlouqueci, foi o mundo.

“É isso. Isso mesmo”, pensou.

Em algum momento, o mundo que ela conhecia havia desaparecido e saído de cena, e fora substituído por outro. Era como mudar a posição da agulha numa linha férrea. Ou seja, apesar de sua consciência, aqui e agora, estar conectada ao mundo anterior, o mundo atual era diferente. Em seu mundo anterior, as mudanças dos eventos ainda eram bem restritas. Grande parte dos acontecimentos deste novo mundo ainda não havia migrado para o mundo que ela até então conhecia. Em sua vida cotidiana, a discrepância entre os dois mundos não oferecia — pelo menos por enquanto — um real transtorno. Mas, com o passar do tempo, “a parte alterada” provavelmente provocaria grandes mudanças à sua volta. A diferença entre os dois mundos aumentaria gradativamente e, dependendo da situação, faria com que suas ações deixassem de ser coerentes, conduzindo-a a um erro fatal. E isso poderia literalmente levá-la à morte.

Um mundo paralelo.

Aomame fez uma careta, como se colocasse na boca algo extremamente azedo. Porém, dessa vez, a contração do rosto não foi tão exagerada quanto antes. Começou a bater com força os dentes na ponta da caneta e, do fundo de sua garganta, soltou um gemido intenso. O secundarista sentado atrás dela certamente a havia escutado, mas dessa vez fingiu ignorá-la.

“Parece ficção científica”, pensou Aomame.

Mas será que ela não teria inventado a hipótese apenas para se proteger? Será que, na verdade, tudo estava acontecendo simplesmente porque *sua cabeça é que estava esquisita*? Para Aomame, sua mente estava perfeitamente normal e ela estava certa de não ter nenhum tipo de distúrbio. Mas afirmar que tinha razão enquanto o mundo estava louco não seria uma típica alegação das pessoas com doenças mentais? Será que inventar uma hipótese de mundos

paralelos não seria um modo de justificar a própria loucura?

Precisava de uma segunda opinião.

No entanto, não podia procurar um psiquiatra. Sua situação era delicada e havia muitas coisas das quais não podia falar. O “trabalho” que ela fizera outro dia, por exemplo, era totalmente ilegal. Afinal, ela matava certos homens com um instrumento parecido com um picador de gelo feito em casa. Ela não podia revelar uma coisa assim para o médico. Ainda que a vítima fosse um sujeito indecente, repugnante, que merecia morrer.

Mesmo que conseguisse omitir aquela parte ilegal de sua vida, a outra parte, ainda que dentro da lei, tampouco era exatamente digna de elogios. Era como uma mala abarrotada de roupa suja que precisara ser socada para fechar. Nela havia material suficiente para levar uma pessoa a desenvolver distúrbios mentais. Não; havia o suficiente não só para uma pessoa, mas duas ou três. Sua vida sexual, por exemplo, não poderia ser comentada abertamente.

“Não posso consultar um psiquiatra”, pensou Aomame. Precisava encontrar uma outra saída.

Foi então que resolveu desenvolver um pouco mais sua hipótese.

Se ela estivesse correta, ou seja, se o mundo em que estava tivesse sido *de fato* alterado, restava saber o ponto exato de quando, onde e como isso aconteceu.

Aomame novamente concentrou-se para vasculhar suas lembranças.

A primeira vez que ela percebera que algo havia mudado tinha sido alguns dias antes, quando dera um jeito naquele especialista em campos petrolíferos no quarto do hotel em Shibuya. Fora no mesmo dia em que deixara o táxi em plena Rota 3 da Rodovia Metropolitana, descera para a Rota 246 utilizando a escada de emergência, trocara as meias e fora para a estação Sangenjaya da linha Tôkyû. No caminho, Aomame passara por um policial e, pela primeira vez, notara que alguma coisa estava diferente. Foi aí que tudo começou. Se tinha sido lá que ela percebeu a mudança, isso significava que o ponto em que ocorrera a alteração do mundo fora um pouco antes. Ainda mais que, na manhã daquele mesmo dia, Aomame havia se deparado com um policial perto de sua casa que ainda usava o uniforme e o revólver antigos.

Aomame se lembrou daquela experiência de sentir algo estranho ao ouvir a introdução da *Sinfonietta* de Janáček naquele táxi em pleno congestionamento. Era como se seu corpo estivesse sendo *torcido*, sua estrutura corporal apertada como um pano de chão. Foi então que o motorista do táxi comentou que havia uma escada de emergência na rodovia, ela tirou os sapatos de salto e desceu por

aquela escada perigosa. Enquanto descia com os pés descalços em meio aos ventos fortes, a parte introdutória da *Sinfonietta* não lhe saía da cabeça. “Talvez tudo tenha começado ali”, pensou Aomame.

O taxista também tinha algo de estranho. Ela ainda se lembrava muito bem do que ele dissera na hora de ela deixar o táxi. Tentou reproduzir mentalmente aquelas palavras, o mais exatas possível:

Quando se faz algo incomum, as cenas cotidianas se tornam um pouco diferentes do normal. Mas não se deixe enganar pelas aparências. A realidade é sempre única.

Naquela ocasião, Aomame tinha achado estranho o que o motorista lhe dissera, mas, como não entendeu direito o significado daquelas palavras, não deu muita importância. Ela tinha pressa e não estava com tempo para pensar sobre assuntos complexos. No entanto, ao se lembrar disso, percebeu como aquelas palavras haviam sido ditas de modo estranho e inesperado. Podiam ser interpretadas como um tipo de advertência, ou uma mensagem velada. O que o taxista tentava lhe dizer?

E a música de Janáček...

Como explicar o fato de ela reconhecer de imediato a *Sinfonietta* de Janáček? Como é que ela sabia que a música fora composta em 1926? O trecho inicial da *Sinfonietta* não é tão popular a ponto de ser facilmente reconhecida. E ela nunca foi uma assídua ouvinte de música clássica. Era incapaz de distinguir uma música de Händel de uma de Beethoven. Sendo assim, como foi que ela soube, de imediato, que a música que tocava no rádio do táxi era a *Sinfonietta* de Janáček? Por que será que a música provocara uma reação tão particular e intensa em seu corpo?

O modo como a música a afetou era *singular*. Era como se uma lembrança guardada havia muito tempo em seu subconsciente tivesse sido abrupta e inesperadamente despertada por alguma razão e, nesse despertar, ela sentia como se os seus ombros fossem sacudidos. Isso significava que, em algum momento de sua vida, essa música tivera uma relação profunda com ela. Ao ouvi-la pelo rádio, automaticamente uma chave foi acionada, despertando algumas lembranças para a realidade. *Sinfonietta* de Janáček. Mas, por mais que vasculhasse o fundo de seu baú de lembranças, Aomame nada encontrou sobre essa possível relação.

Após dar uma rápida olhada ao redor, Aomame observou as palmas de suas mãos, examinou o formato de suas unhas e, por via das

dúvidas, achou melhor verificar a forma de seus seios apalpando-os sobre a blusa. Não havia nada de errado. Eles continuavam com o mesmo tamanho. Ela era a mesma de sempre, e o mundo continuava o mesmo. Mas alguma coisa começava a mudar. Ela pressentia isso. Era como um jogo de sete erros: dois desenhos colocados lado a lado numa parede, aparentemente idênticos, mas que, ao serem examinados atentamente, nota-se a existência de detalhes que os diferenciam.

Após deixar de lado esse pensamento, Aomame prosseguiu a leitura do jornal microfilmado e anotou detalhes sobre o conflito de Motosu. Havia suspeitas de que o grupo possuía cinco Kalashnikovs AK-47 de fabricação chinesa, contrabandeados via Coreia. Possivelmente, tratava-se de artefatos utilizados pelo exército e que, apesar de serem de segunda mão, ainda se encontravam em bom estado. Havia também farta munição. A costa do mar do Japão era extensa, e transportá-los em barcos disfarçados de pescueiros na calada da noite não era uma tarefa tão difícil. Era dessa maneira que drogas e armas entravam no Japão, e que grandes quantidades de moeda japonesa saíam do país.

Os policiais de Yamanashi não sabiam da existência de um arsenal desse porte em mãos do grupo extremista. Ao receberem um mandado de captura por crime de lesão corporal, duas patrulhas e um micro-ônibus dirigiram-se — em averiguação de rotina — à sede do grupo conhecido como Akebono, ou “Aurora”. Os membros do grupo mantinham como fachada a administração de uma fazenda de agricultura orgânica. E estes prontamente impediram a entrada da polícia para investigar a denúncia. Possivelmente, houve uma discussão no local e, por algum motivo, desencadeou-se o tiroteio.

Apesar de não terem sido usadas, descobriu-se que o grupo extremista também possuía granadas muito sofisticadas de fabricação chinesa. Se eles não as usaram era porque tinham acabado de adquiri-las, e não haviam tido tempo suficiente para aprender a manuseá-las. Isso realmente foi muito bom, pois, caso contrário, o número de vítimas entre os policiais e a equipe das Forças de Autodefesa teria sido bem maior; os policiais nem ao menos usavam coletes à prova de bala. As autoridades policiais competentes foram criticadas por subestimar as informações de que dispunham e por portarem armas obsoletas. No entanto, o que mais mexeu com a opinião pública foi a constatação de que, sem que ninguém soubesse, o grupo extremista estava muito bem-organizado e se preparava para a luta armada. Até então, todos achavam que aquelas espalhafatosas “revoluções” que agitaram a segunda metade da década de sessenta eram coisas do passado, e que todos os membros que restaram do grupo extremista também tinham sido dizimados no incidente que ficou conhecido

como Asama Sansô, em 1972.

Após anotar tudo, Aomame devolveu o material microfilmado ao balcão; em seguida, pegou da prateleira um livro bem grosso de música intitulado *Compositores de todo o mundo* e voltou para a mesa de leitura. Abriu na página que falava de Janáček.

Leoš Janáček nasceu numa aldeia da Morávia em 1854 e morreu em 1928. No livro havia uma imagem de seu rosto de quando já estava velho. Não era calvo; uma farta cabeleira branca cobria-lhe a cabeça, daquelas que lembravam uma relva viçosa. Não dava para ver o formato de sua cabeça. A *Sinfonietta* foi composta em 1926. Janáček estava infeliz no casamento, mas, em 1917, aos sessenta e três anos, conheceu e se apaixonou por Camila, uma mulher casada. Era um amor concebido entre duas pessoas casadas, em idade madura. Ele, que passava por um período de estagnação, recuperou o seu grande poder de criação após o encontro com Camila. Nos anos finais de sua vida, compôs grandes obras-primas, uma após a outra.

Um certo dia, quando os dois caminhavam pelo parque, se depararam com um concerto ao ar livre e resolveram assistir. Naquele momento, de repente, Janáček sentiu a felicidade aflorar por todo o seu corpo, e foi ali que nasceu o tema da *Sinfonietta*. Posteriormente, ao recordar esse passado nostálgico, Janáček revelou que naquele dia sentiu como se algo rompesse dentro de sua cabeça, proporcionando-lhe uma agradável sensação de êxtase. Naquela época, por acaso, ele estava incumbido de compor uma fanfarra para uma grande competição esportiva, e a *Sinfonietta* surgiu justamente da junção do tema da fanfarra e da “inspiração musical” que teve no parque. O livro ressaltava que, apesar da denominação “pequena sinfonia”, a composição nada tinha de tradicional, e a combinação de metais utilizados em fanfarra — para ocasiões festivas e grandiosas — com instrumentos de corda, das refinadas orquestrações da Europa Central, criava uma atmosfera única, original.

Por via das dúvidas, Aomame achou melhor anotar no caderno os dados biográficos e a explicação sobre a composição da obra. O livro não lhe dava nenhuma pista de qual seria a relação entre ela e a *Sinfonietta*, ou qual relação *seria possível* entre os dois. Ao deixar a biblioteca, já perto do anoitecer, Aomame caminhou sem rumo pelas ruas. Às vezes gesticulava ou balançava a cabeça.

É claro que tudo não passava de uma suposição, pensou Aomame enquanto caminhava. Mas, naquele momento, era a hipótese mais convincente. Enquanto não encontrasse uma explicação plausível, era com base naquela hipótese que deveria agir. Caso contrário, seria atropelada e atirada a algum canto. Era preciso

encontrar uma maneira adequada de denominar a nova situação em que se encontrava. Era necessário criar um termo especial para diferenciar o mundo novo daquele *mundo anterior* em que os policiais ainda usavam revólveres. Até mesmo os gatos e os cachorros recebiam nomes. Um novo mundo também precisava de um.

“1Q84 — É assim que vou chamar esse mundo novo”, decidiu Aomame. “Com a letra ‘Q’, de *Question mark*; um ‘quê’ de dúvida, de interrogação.”

Enquanto caminhava, balançava a cabeça como se reafirmasse sua decisão.

Querendo ou não, ela agora se encontrava nesse “1Q84”. O ano de 1984 que ela conhecia deixara de existir. Agora estava em 1Q84. Houve uma mudança no ar, uma mudança no cenário. Precisava se adaptar o mais rápido possível às regras desse mundo novo com esse *quê* de interrogação. Precisava agir como um animal solto numa floresta desconhecida: para se proteger e conseguir sobreviver, tinha de conhecer o quanto antes o local, e se adaptar rapidamente às novas regras.

Aomame foi a uma loja de discos perto da estação Jiyûgaoka atrás da *Sinfonietta* de Janáček. Janáček não é um compositor muito conhecido; a estante reservada para seus discos era bem pequena e nela havia somente um único disco com a *Sinfonietta*. Era da orquestra de Cleveland, regida pelo maestro George Szell. No lado A, havia o *Concerto para orquestra* de Bartók. Como não havia outras opções, resolveu comprar o LP mesmo sem conhecer a outra composição. Ao voltar para casa, tirou uma garrafa de Chablis da geladeira e, após abri-la, colocou o vinil no toca-discos e posicionou a agulha sobre ele. Tomando o vinho, resfriado na temperatura ideal, pôs-se a escutar atentamente a música. A conhecida introdução da fanfarra soou magnífica. Era a mesma música que escutara no táxi. Não havia dúvida. Aomame fechou os olhos e concentrou sua atenção na música. A execução não era ruim, mas nada ocorreu. A música apenas continuava a tocar: não sentiu nenhuma torção no corpo, nada de diferente.

Após escutar toda a música, Aomame guardou o disco na sobrecapa e, sentada no chão com as costas apoiadas na parede, continuou a tomar o vinho. Um vinho que se toma sozinha, mergulhada em vários pensamentos, não era tão gostoso. Foi ao banheiro e lavou o rosto com água e sabonete, aparou as sobrancelhas com uma tesoura pequena e limpou os ouvidos com cotonetes.

Das duas uma: ou ela estava ficando louca, ou fora o mundo que enlouquecera. Impossível saber. A tampa não servia para a

garrafa, e o problema podia estar tanto na tampa quanto na garrafa. Mas uma coisa era certa: os tamanhos eram incompatíveis.

Aomame abriu a geladeira. Como não fazia compras havia alguns dias, não tinha muita coisa. Pegou um mamão papaia maduro, cortou-o ao meio com uma faca e comeu a polpa às colheradas. Em seguida, pegou três pepinos, lavou-os em água corrente e os comeu com maionese, mastigando-os demoradamente. Para acompanhar, tomou um copo de leite de soja. Esse foi o seu jantar. Uma refeição simples, mas ideal para evitar uma prisão de ventre. Uma das coisas que Aomame mais odiava no mundo era a prisão de ventre. Odiava tanto quanto àqueles desgraçados que abusavam das mulheres ou aos religiosos fanáticos e intolerantes.

Após a refeição, Aomame tirou a roupa e tomou uma ducha quente. Enxugou o corpo com a toalha e se olhou nua, de corpo inteiro, no espelho pendurado atrás da porta. Cintura fina e músculos firmes. Um par de seios sem graça, com bicos tortos e pelos pubianos que pareciam um campo de futebol mal-aparado. Enquanto observava seu corpo, Aomame lembrou que faltava uma semana para completar trinta anos. Novamente, outro desses aniversários maçantes. “Mas que coisa! Quem diria que eu faria trinta anos nesse mundo sem pé nem cabeça”, pensou. E franziu as sobrancelhas.

1Q84.

Esse era o lugar em que ela estava agora.

Tengo

Uma revolução de verdade com derramamento de sangue

— Vamos trocar de trem — disse Fukaeri, segurando novamente a mão de Tengo, um pouco antes de chegarem à estação Tachikawa.

Desceram do trem, subiram e desceram um lance de escadas e, até chegarem à plataforma seguinte, Fukaeri não largou, nem por um segundo, a mão de Tengo. Aos olhos de quem os via, eles pareciam um casal de namorados que se dava bem. A diferença de idade entre eles era grande, mas Tengo aparentava ser bem mais jovem do que era. Para os eventuais transeuntes, a diferença de tamanho também deveria provocar uma certa graça. Um passeio alegre numa manhã primaveril de domingo.

No entanto, o jeito de Fukaeri segurar a mão de Tengo não tinha nenhuma conotação amorosa. Ela a segurava sempre com a mesma força, e seus dedos tinham um toque preciso, como o de um médico que mede a pulsação de um paciente. Através do toque de seus dedos e das palmas de suas mãos, essa garota possivelmente conseguia trocar informações que não podiam ser expressas em palavras. Isso foi o que Tengo casualmente cogitou. Mas, se ela realmente conseguisse captar e sentir por meio da palma algo na mente de Tengo, isso era muito mais unilateral do que propriamente uma troca de informações, uma vez que ele próprio não tinha como saber o que se passava na cabeça dela. Mas isso não era exatamente um problema. Independentemente do que ela fosse capaz de captar, inexistia nele algum tipo de informação ou de sentimentos que o deixasse constrangido diante dela.

E, mesmo que ela não o visse como um tipo atraente, Tengo achava que ela tinha certa afeição por ele, ou que pelo menos ele não lhe causava má impressão. Se não fosse assim — independentemente de quais fossem as *intenções* dela — certamente ela não ficaria segurando a mão dele durante tanto tempo.

Na plataforma da linha Ôme, os dois entraram no primeiro

trem do dia, que aguardava o horário de partida. E, por ser domingo, o vagão estava bem mais cheio do que o esperado, com famílias e idosos com trajes de montanhismo. Os dois, em vez de se sentarem, permaneceram em pé, lado a lado, próximos à porta.

— Parece que viemos numa excursão — comentou Tengo, olhando as pessoas no interior do vagão.

— Posso segurar sua mão — perguntou Fukaeri, sem entonação. Ela continuava a segurar a mão de Tengo mesmo depois de eles entrarem no trem.

— É claro que pode — respondeu ele.

Fukaeri continuou a segurá-la, e agora parecia mais à vontade. Os dedos e a palma de sua mão tinham um toque macio, não estavam nem um pouco suados. Ela parecia buscar algo existente dentro dele.

— Não tem mais medo — Fukaeri perguntou.

— Acho que não estou mais com medo — respondeu Tengo. Ele não estava mentindo. De fato, aquele estado de pânico que costumava atormentá-lo nas manhãs de domingo desaparecera, possivelmente por ela ter lhe dado a mão. Elas não suavam mais, e tampouco ele ouvia as intensas palpitações de seu coração. As visões também deixaram de importuná-lo. A respiração voltou ao ritmo normal e tranquilo de sempre.

— Que bom — disse Fukaeri, a voz neutra.

“Que bom”, Tengo também pensou.

Após um breve anúncio de que o trem ia partir, a porta se fechou emitindo um barulho espalhafatoso de rápido tremular, como se um gigantesco animal pré-histórico despertasse e comesse a sacolejar. E, finalmente decidido a partir, o trem começou a se distanciar lentamente da plataforma.

De mãos dadas com Fukaeri, Tengo observava a paisagem pela janela. No começo, perfilavam-se típicos bairros residenciais, mas, à medida que o trem avançava, a planície de Musashino foi cedendo lugar a uma paisagem pontuada de montanhas. A partir da estação Higashi-Ôme, a composição seguiu por via férrea única. Dali, fizeram a baldeação para um trem de quatro vagões e, conforme seguiam adiante, notava-se uma presença cada vez maior de montanhas a compor a paisagem. A região já estava fora do perímetro de quem se desloca diariamente para trabalhar na capital. As montanhas preservavam uma coloração desbotada do inverno, mas, em meio a essa paisagem, as árvores perenes se destacavam com suas folhagens de verde intenso. Ao chegarem à estação de destino, a porta se abriu e Tengo sentiu, de imediato, que o ar tinha um aroma diferente. Ele notou que o som do ambiente também parecia ecoar de modo ligeiramente diferente. Ao longo da via férrea, chamava a atenção a enorme quantidade de plantações e de casas tipicamente rurais.

Notava-se também que o número de caminhonetes era bem maior do que o de carros de passeio. “Parece que estamos bem longe”, pensou ele. “Até onde será que vamos?”

— Não se preocupe — disse Fukaeri, como se lesse seus pensamentos.

Tengo assentiu balançando a cabeça. “Até parece que vou encontrar seus pais para pedi-la em casamento”, pensou.

Os dois desceram numa estação chamada Futamatao. Tengo nunca tinha ouvido falar de um estação de nome tão estranho, “bifurcação”. Era uma estação pequena em madeira, bem antiga e, além dos dois, outros cinco passageiros desceram. Ninguém entrou no trem. As pessoas costumavam vir até Futamatao para caminhar nas montanhas e respirar ar puro. Ninguém ia até ali para assistir à apresentação de *O homem de La Mancha*, dançar numa discoteca badalada e *selvagem*, ver uma exposição de carros Aston Martin ou conhecer um restaurante francês famoso pelas lagostas gratinadas. Era só observar a aparência das pessoas que desciam na estação.

Em frente à estação não havia estabelecimentos que pudessem ser chamados de lojas e tampouco havia transeuntes. Na rua, havia um único táxi estacionado. Provavelmente dirigia-se à estação nos horários de chegada do trem. Fukaeri deu uns toques, bem de leve, na janela do táxi. A porta se abriu e ela entrou. De dentro do táxi, fez um sinal para que Tengo também entrasse. A porta se fechou, Fukaeri indicou sucintamente o local para onde iam e o motorista meneou a cabeça.

Eles não ficaram muito tempo no táxi, mas o caminho era extremamente difícil. Era uma estreita estrada de terra com subidas e descidas bem íngremes, que mal dava para dois carros passarem. Uma estrada cheia de curvas e guinadas. Como o motorista não diminuía a velocidade nesses locais, Tengo — sentindo o coração sair pela boca — ficou o tempo todo agarrado à maçaneta. Depois de subir uma ladeira assustadoramente íngreme, como uma pista de esqui, o táxi finalmente parou num local que parecia ser o cume de uma pequena montanha. Para Tengo, foi como andar num carrinho de parque de diversões, não em um táxi. Ele tirou duas notas de mil ienes da carteira e guardou o troco e o recibo.

Em frente a essa casa antiga em estilo japonês havia um Mitsubishi Pajero preto, modelo compacto, e um enorme Jaguar verde. O Pajero estava bem polido e reluzente, mas, em compensação, o Jaguar, um modelo antigo, tinha uma camada de poeira esbranquiçada que chegava a dificultar a identificação de sua cor original. O para-brisa também estava bem sujo; parecia que o carro

não era usado havia um bom tempo. O ar da região era surpreendentemente puro, e o silêncio reinava absoluto. Uma quietude que, de tão profunda, exigia dos ouvidos uma readaptação auditiva. O céu parecia bem mais alto; os raios de sol incidiam sobre a pele, aquecendo-a delicadamente. De vez em quando, ouvia-se o canto estridente de um pássaro desconhecido, que não se podia ver.

A casa era grande e estilosa. Era uma construção antiga, mas muito bem-conservada. As árvores do jardim estavam meticulosamente podadas. De tão bem-podadas, algumas pareciam feitas de plástico. Um pinheiro grande projetava uma enorme sombra sobre o chão. A vista era ampla, e até onde se podia alcançar não se avistava nenhuma casa. Tengo presumiu que somente uma pessoa que detestasse manter contato com a civilização faria questão de morar num local tão distante.

Fukaeri abriu ruidosamente a porta do terraço, que estava destrancada e, após entrar na casa, sinalizou para que Tengo a acompanhasse. Ninguém apareceu para recebê-los. Após tirar os sapatos no terraço exageradamente amplo e silencioso, Tengo foi conduzido pelo corredor gelado e recém-lustrado até a sala de visita. Da janela se descortinava a visão panorâmica das cadeias montanhosas e do leito de um rio sinuoso em cujas águas se refletia a luz do sol. Era uma visão maravilhosa, mas Tengo não se sentia tranquilo para contemplá-la com o devido prazer. Fukaeri fez com que ele se sentasse num sofá grande e, sem dizer nada, deixou a sala. O sofá exalava o cheiro de tempos ancestrais, tempos que Tengo não fazia ideia de quão antigos seriam.

Na sala, a ausência de decoração era estarrecedora. Sobre a mesa baixa, feita de uma única peça de madeira espessa, não havia nada: nem toalha nem cinzeiro. Na parede também não havia quadros, relógio ou calendário. Não havia sequer um vaso de flores, nem mesmo um aparador ou algo que o valha. Nada de livros e tampouco revistas. As únicas coisas que havia na sala eram um tapete antigo, que de tão descorado não se podia identificar a padronagem, e um conjunto de sofás igualmente antigos. Tengo estava sentado em um sofá que, de tão grande, parecia uma balsa, e havia outras três poltronas individuais. Fora os sofás, havia uma enorme lareira no meio da sala, sem vestígios de ter sido usada recentemente. Apesar de estarem em meados de abril, o aposento estava bem fresco, como se o frio do inverno ainda estivesse impregnado no ambiente. Era como se a sala estivesse havia muito tempo categoricamente decidida a não ter de receber visitas. Fukaeri retornou à sala e, como era de se esperar, sentou-se ao lado de Tengo sem dizer nada.

Os dois permaneceram em silêncio por um bom tempo. Fukaeri se fechou em seu exclusivo mundo enigmático e Tengo

tentava relaxar respirando fundo, de modo discreto. A não ser pelo canto dos pássaros que se ouvia de vez em quando, na sala era o *silêncio* que imperava, soberano. Ao prestar atenção nessa quietude, Tengo intuiu que ela continha significados. Não se tratava apenas de uma mera ausência de sons. Era como se o próprio silêncio tivesse algo a dizer. Tengo olhou casualmente para o relógio de pulso. Depois ergueu o rosto, olhou para a paisagem através da janela e, novamente, voltou os olhos para o relógio. O tempo praticamente não havia passado: nas manhãs de domingo, as horas costumavam se mover bem devagar.

Após cerca de dez minutos, a porta se abriu de repente e um homem magro entrou apressadamente na sala. Aparentava ter uns sessenta e cinco anos. Apesar de sua estatura ser de apenas um metro e sessenta, sua postura não lhe conferia ares de pobreza. A coluna, de tão ereta, parecia escorada numa barra de ferro, e o queixo era bem retraído. As sobrelanceiras eram grossas, e os óculos de aro espesso e preto pareciam ter sido feitos propositalmente para afugentar as pessoas. Seus movimentos lembravam uma sofisticada máquina compacta com peças precisamente encaixadas e ajustadas, todas em perfeito funcionamento. Tengo fez menção de levantar para cumprimentá-lo, mas, num gesto rápido, o homem sinalizou com as mãos para que permanecesse sentado. Enquanto Tengo seguia a recomendação e voltava a se sentar, o homem, como que competindo com ele, sentou-se rapidamente na poltrona a sua frente. Ficou um bom tempo olhando para o rosto de Tengo sem dizer nada. Seu olhar não era exatamente penetrante, mas seus olhos eram atentos a tudo, aos mínimos detalhes. E, como um fotógrafo ajustando o diafragma da lente de sua câmera, seus olhos ora se estreitavam, ora se abriam.

O homem vestia um suéter verde-escuro sobre uma camisa branca e uma calça de lã cinza-escura. Essas roupas pareciam fazer parte de seus hábitos cotidianos por pelo menos dez anos. Mas, apesar de terem um bom caimento, mostravam alguns sinais de desgaste. Possivelmente, era uma pessoa que não se importava muito com o que vestia ou, talvez, não tivesse alguém junto dele que se preocupasse com o que fosse usar. Os cabelos ralos destacavam o alto da cabeça, ressaltando-lhe o formato oblongo. Tinha a barba feita e o queixo quadrado. A única coisa que destoava em seu rosto era a boca pequena e rechonchuda, como de uma criança. Em alguns pontos do rosto havia alguns fios de barba por fazer, mas podia ser apenas o reflexo da luz. Os raios de sol dessa região montanhosa que penetravam pela janela tinham uma composição diferente daquela claridade que Tengo estava acostumado a ver.

— Desculpe-me por tê-lo feito vir de tão longe — disse o homem, com um jeito peculiar de modular a voz. Falava como alguém que, durante muito tempo, habituara-se a discursar diante de um grande público, expondo e defendendo suas ideias. — Certas circunstâncias me impedem de sair daqui, por isso não tive outra escolha senão pedir-lhe que viesse.

Tengo respondeu que não se incomodava de ter vindo. Depois, disse seu nome e pediu desculpas por não ter trazido um cartão de visita.

— Eu me chamo Ebisuno — disse o homem. — Também não tenho cartão.

— Ebisuno — repetiu Tengo.

— Mas todos me chamam de professor. Até mesmo a minha própria filha, não sei por quê, me chama de professor.

— Como se escreve Ebisuno?

— É um nome diferente. Muito raro de encontrar. Eri, escreva o meu nome e mostre-lhe.

Fukaeri assentiu e, pegando um bloco de papel e caneta, começou a escrever muito lentamente os ideogramas “selvagem” e “campo” numa folha de papel em branco. Os ideogramas pareciam ter sido esculpidos no tijolo, com o auxílio de um prego. Não se podia ignorar que os traços continham um certo encanto.

— Em inglês seria *field of savages*. Antigamente, eu trabalhava no campo da antropologia cultural e, nessa área, pode-se dizer que o meu nome era bem apropriado — disse o professor, esticando os cantos dos lábios num esboço de sorriso. Mas nem por isso seus olhos, sempre atentos, baixaram a guarda. — Mas faz um bom tempo que me desvinculei completamente dessa área. O que faço hoje não tem nenhuma relação com ela. Vivo num outro tipo de *field of savages*.

Realmente era um nome diferente, mas Tengo já tinha ouvido falar nele. Se não estava enganado, na segunda metade da década de sessenta havia um renomado pesquisador de nome Ebisuno. Publicara vários livros que, naquela época, tiveram grande repercussão. Tengo não sabia exatamente o assunto de que tratavam, mas do nome ainda se lembrava. No entanto, de uma hora para outra, seu nome deixara de circular.

— Acho que já ouvi falar nesse nome — disse Tengo, sondando o assunto.

— Pode ser — disse o professor com o olhar distante, como se estivesse falando de alguém ausente. — De qualquer modo, isso foi há muito tempo...

Tengo conseguia sentir a respiração serena de Fukaeri, sentada ao seu lado: uma respiração lenta e profunda.

— Tengo Kawana — disse o professor, como que lendo um

cartão de visita em voz alta.

— Isso mesmo — respondeu Tengo.

— Você é graduado em matemática e, atualmente, leciona na escola preparatória de Yoyogi — disse o professor. — Mas, por outro lado, também escreve romances. Isso é o que Eri me contou sobre você. Essa informação está correta?

— Está — respondeu Tengo.

— Você não tem cara de professor de matemática e, tampouco, de escritor.

Tengo esboçou um sorriso amarelo e respondeu:

— Não faz muito tempo que alguém me disse a mesma coisa. Acho que é por causa da minha aparência.

— Não me leve a mal — disse o professor, pousando o dedo na ponte dos óculos de aro preto. — Quando se diz que uma pessoa não se parece com algo, isso não deve ser entendido como uma crítica. Na verdade, apenas significa que ela ainda não está completamente moldada.

— Fico feliz em ouvir isso, mas, realmente, ainda não sou escritor. Eu apenas estou tentando escrever um romance.

— Tentando?

— Ou seja, estou ainda na fase dos erros e acertos.

— Entendo — disse o professor, esfregando as mãos como se só então percebesse o quanto a sala estava fria. — E, até onde fiquei sabendo, você pretende reescrever o romance de Eri e, com o texto melhorado, fazê-lo concorrer ao prêmio de novos autores promovido por uma revista literária. A intenção é lançá-la como escritora perante a sociedade. Será que eu entendi certo?

Tengo procurou escolher cuidadosamente as palavras:

— Basicamente, sim. A ideia partiu de um editor chamado Komatsu. Eu não sei se esse plano vai realmente dar certo e, muito menos, se é ou não eticamente correto. Nessa história, a única parte em que estou diretamente envolvido é a de reescrever o texto da *Crisálida de ar*. Sou apenas um técnico da escrita. Quem se responsabiliza por todo o resto é esse editor, Komatsu.

O professor ficou quieto, concentrado, pensando em algo. O silêncio voltou a imperar na sala de tal modo que parecia ser possível ouvir os mecanismos de seu cérebro em pleno funcionamento. Após um tempo, o professor disse:

— A ideia partiu desse editor chamado Komatsu e você é um colaborador técnico.

— Isso mesmo.

— Bem, sou um pesquisador acadêmico e, sinceramente, nunca fui um leitor assíduo de obras literárias e, por isso, não entendo muito bem como funciona esse mundo, mas o que vocês estão tentando

fazer, para mim, soa como um tipo de fraude. Será que estou equivocado?

— Não, de jeito nenhum. Eu também acho — disse Tengo.

O professor esboçou uma discreta careta:

— Mas, mesmo questionando o ponto de vista ético do plano, você está condescendente e disposto a participar dele.

— Não estou exatamente condescendente, mas realmente quero participar.

— Por quê?

— É uma pergunta que venho fazendo a mim mesmo há cerca de uma semana — disse Tengo, com sinceridade.

O professor e Fukaeri aguardavam em silêncio o que Tengo tinha a dizer.

— O meu lado racional, o bom senso e a minha intuição pedem que eu desista o quanto antes. Normalmente, sou uma pessoa cautelosa e sensata. Não gosto de apostas nem de correr riscos. Eu diria que sou um tipo covarde. Mas, neste caso, quando Komatsu me falou de seu plano arriscado, não consegui dizer não. A única explicação é que estou completamente apaixonado pela *Crisálida de ar*. Se fosse uma outra obra, sem dúvida eu já teria recusado.

O professor ficou um bom tempo observando Tengo com uma expressão de surpresa.

— Então quer dizer que você não se interessa pelas questões éticas, mas, por outro lado, tem um grande interesse em reescrever o livro. É isso?

— Isso mesmo. É muito mais que um *grande interesse*. Se a *Crisálida de ar* deve ser reescrita, não quero deixar esse trabalho a cargo de outra pessoa.

— Entendo — disse o professor, para logo em seguida fazer uma cara de quem colocou por engano algo azedo na boca. — Entendo. Acho que entendi o que você está querendo dizer. Mas qual seria o objetivo desse tal Komatsu? É dinheiro? Fama?

— Para falar a verdade, não sei direito o que Komatsu sente a respeito disso — respondeu Tengo. — Mas tenho a impressão de que, mais do que dinheiro e fama, ele tem outra motivação bem maior para fazer isso.

— Por exemplo?

— Acho que ele mesmo não admitiria isso, mas Komatsu é um homem obcecado pela literatura. Pessoas assim buscam uma única coisa: descobrir durante a vida uma obra autêntica e oferecê-la com exclusividade ao mundo.

Após observar por um bom tempo o rosto de Tengo, o professor disse:

— Quer dizer que vocês dois possuem motivações distintas:

não é dinheiro nem fama.

— Creio que sim.

— Mas, apesar da natureza dessas motivações, como você mesmo já disse, o plano é muito arriscado. Se, em algum momento, a verdade vier à tona, certamente será um escândalo e as críticas não se voltarão apenas contra vocês. Isso poderá causar uma ferida fatal na vida de Eri, que tem apenas dezessete anos. Esse é o ponto que mais me preocupa.

— É natural que isso o preocupe — concordou Tengo, balançando a cabeça. — O senhor tem toda a razão.

O espaço entre as fartas sobrancelhas negras do professor diminuiu cerca de um centímetro.

— Mesmo ciente de que esse plano pode prejudicar Eri, você quer reescrever a *Crisálida de ar*?

— Como eu disse há pouco, esse desejo é um sentimento que não consigo controlar, é algo que está além da razão ou do senso prático. Obviamente, na medida do possível, minha intenção é proteger Eri, mas não posso, de maneira alguma, garantir que ela não vai correr perigo. Isso seria uma mentira.

— Entendo — disse o professor, e tossiu brevemente, como uma pausa na arguição. — Bem, de qualquer modo, você me parece uma pessoa honesta.

— Pelo menos tento ser uma pessoa sincera, na medida do possível.

O professor dirigiu um rápido olhar para as suas mãos apoiadas no colo, como se estas não lhe fossem familiares: olhou para o dorso e, em seguida, virou-as para observar as palmas. Depois levantou o rosto e disse:

— E esse editor, Komatsu, acredita mesmo que o plano vai dar certo?

— Ele é da opinião de que “há dois lados para tudo” — disse Tengo. — Um lado bom e outro que não é tão ruim.

O professor pôs-se a rir.

— Sem dúvida, um ponto de vista autêntico. Esse Komatsu, afinal, é meio otimista ou muito confiante?

— Acho que nenhum dos dois. Eu diria que ele é apenas cínico.

O professor concordou, balançando discretamente a cabeça.

— Ou seja, quando ele quer dar uma de cínico, ele se torna otimista ou, dependendo do caso, uma pessoa autoconfiante, é isso?

— Acho que ele tem uma certa tendência de agir assim.

— Parece um sujeito difícil.

— É uma pessoa muito difícil — concordou Tengo. — Mas não é bobo.

O professor soltou lentamente o ar e olhou para Fukaeri.

— E então, Eri, o que você acha?

Fukaeri ficou um bom tempo olhando para um determinado ponto no espaço, para então dizer:

— Pode ser.

O professor acrescentou algumas palavras em sua resposta concisa.

— Você quer dizer que não se importa que ele reescreva a *Crisálida de ar*, é isso?

— Não me importo — disse Fukaeri.

— Pode ser que você tenha problemas com isso.

Sobre essa observação, Fukaeri nada respondeu. A única reação foi segurar ainda mais firme a gola do casaco. Um gesto que indicava claramente que sua decisão era inabalável.

— Creio que ela tenha razão — disse o professor, num tom de voz de expressa resignação.

Tengo observava as pequeninas mãos de Fukaeri, fechadas em punho.

— Há mais uma questão — disse o professor, olhando para Tengo. — Você e Komatsu querem tornar pública a *Crisálida de ar* e lançar Eri como escritora. Porém, ela tem dificuldades de leitura. Ela tem dislexia. Você sabia disso?

— Há pouco, no trem, falamos sobre isso.

— Acho que é genético. Por conta disso, na escola, achavam que ela era portadora de alguma doença mental, mas, na verdade, é muito inteligente e possui grande sabedoria. O fato de ela ser disléxica, sutilmente falando, não a tornaria inadequada para esse plano?

— Quantas pessoas sabem disso?

— Fora ela, três — respondeu o professor. — Eu, minha filha Azami e agora você. Mais ninguém.

— Os professores da escola que ela frequentava não sabem?

— Não. Era uma escola primária muito pequena, do interior. Creio que nunca sequer ouviram a palavra dislexia. E ela estudou lá muito pouco tempo.

— Se é assim, acho que podemos dar um jeito de esconder isso.

O professor avaliou Tengo por um momento.

— Parece que a Eri confia muito em você — disse ele a seguir.

— Não sei por quê, mas...

Tengo aguardou a continuação.

— Mas eu confio nela. Se ela diz que vai confiar o trabalho a você, só me resta concordar. Porém, se você realmente pretende levar adiante esse plano, tem algumas coisas que precisa saber sobre ela —

disse o professor, batendo levemente com uma das mãos na coxa direita, como se limpasse alguns fiapos sobre a calça. — É bom que você saiba como foi sua infância, as circunstâncias que fizeram com que eu assumisse os seus cuidados, enfim, se eu for lhe contar tudo, a conversa será longa.

— Gostaria de saber — disse Tengo.

Ao lado de Tengo, Fukaeri ajeitou-se para se sentar com as costas eretas. Ela continuava segurando a gola do casaco, juntando-as na altura do pescoço.

— Muito bem — disse o professor. — A história tem início nos anos sessenta. O pai de Eri e eu éramos amigos íntimos, de longa data. Apesar de eu ser dez anos mais velho, lecionávamos no mesmo departamento de uma universidade. Tínhamos personalidades e visões de mundo diferentes, mas, mesmo assim, nos dávamos bem. Tanto ele quanto eu casamos tarde e tivemos uma filha logo depois de casados. Como morávamos no mesmo prédio residencial da universidade, tínhamos também uma convivência familiar, estávamos sempre juntos. Tudo ia bem, inclusive no campo profissional. Naquela época éramos conhecidos como “acadêmicos corajosos” e, de vez em quando, virávamos notícia. Foi uma época muito boa, por inúmeras razões.

“Mas, no final da década de sessenta, o mundo começou a dar sinais de fumaça. Em setenta, o protesto de movimentos estudantis contra a renovação do Tratado de Segurança entre o Japão e os Estados Unidos atingiu o seu clímax, o que acarretou o fechamento de universidades, enfrentamento com o batalhão de choque, rebeliões internas com derramamento de sangue e mortes. Por conta disso e daquilo, a situação se agravou e foi então que resolvi deixar a universidade. Desde o começo, eu nunca tive uma ligação plena com o mundo acadêmico, mas esses fatos foram decisivos para me tornar totalmente hostil a ele. Estar ou não a favor do sistema não vem ao caso. É tudo uma questão de conflitos entre organizações. Ainda que, *para início de conversa*, não confio em nenhum tipo de organização: grande ou pequena. Nessa época, você ainda não era um estudante universitário, era?”

— Quando entrei na faculdade, os protestos já tinham sido totalmente reprimidos.

— Quer dizer que você chegou bem no fim da festa.

— Digamos que sim.

O professor manteve as mãos por um tempo no ar e, abaixando-as sobre o colo, continuou:

— Dois anos depois de eu ter deixado a universidade, o pai de Eri também acabou saindo. Naquela época, ele chegou a ser partidário

das ideias de Mao Tse-tung e apoiava a revolução cultural chinesa. Na época, tínhamos pouca informação de quão cruel e desumano eram os bastidores dessa revolução. Citar as palavras de Mao Tse-tung passou a ser moda em alguns dos círculos acadêmicos. O pai de Eri chegou a organizar no campus um grupo de estudantes para criar um exército radical inspirado no Exército Vermelho, incitando-os a participar de greves na universidade. Estudantes de outras universidades também começaram a participar da organização, tornaram-se seus seguidores. Houve um período em que essa facção atingiu um número considerável de adeptos. A direção da universidade solicitou a intervenção da polícia de choque e, uma vez encurralados, ele e seus alunos foram capturados, interrogados e punidos pela lei. A universidade o expulsou. Eri ainda era muito pequena, ela não deve se lembrar disso.

Fukaeri manteve-se calada.

— O nome de seu pai era Tamotsu Fukada. Após deixar a universidade, ele ingressou na Escola Takashima, levando consigo dez alunos que faziam parte do núcleo de seu exército vermelho. Como a maioria dos alunos tinha sido expulsa da universidade, era necessário encontrar um lugar para eles. E, nesse sentido, a Escola Takashima não era uma má opção. Naquela época, o caso chegou a ter um certo destaque na imprensa. Você se lembra?

Tengo balançou a cabeça em negativa:

— Não fiquei sabendo dessa história.

— A família de Fukada também o acompanhou, ou seja, sua esposa e a filha, Eri. A família foi para Takashima. Você já ouviu falar dessa escola?

— Muito superficialmente — respondeu Tengo. — É uma espécie de organização de base comunitária que vive da agricultura. Também trabalham com laticínios em escala nacional. Não admitem o acúmulo de bens pessoais e tudo o que possuem é de propriedade coletiva.

— Isso mesmo. Dizem que Fukada buscava uma utopia nesse tipo de sistema — disse o professor com uma expressão de descontentamento no rosto. — Mas, convenhamos, por mais que se busque tal utopia, sabemos que ela não existe em parte alguma; assim como não existe a alquimia da pedra filosofal ou o moto-contínuo. Na minha opinião, o que a organização em Takashima faz é apenas criar um bando de robôs incapazes de pensar. Eles retiram do cérebro o circuito que permite que a pessoa pense por conta própria. É um mundo semelhante ao que George Orwell descreveu em seu livro. Porém, como você bem sabe, não são poucas as pessoas que buscam avidamente viver nesse estado de morte cerebral. Viver desse jeito é muito mais fácil: não é preciso se preocupar com nenhum tipo de

problema e basta acatar em silêncio as ordens dos superiores. E, de quebra, não é preciso passar fome. Para quem busca um mundo assim, certamente Takashima era a própria utopia.

“Mas Fukada não era assim. Ele era uma pessoa de opinião, gostava de pensar por conta própria e fazia disso sua profissão. Era óbvio desde o início que ele sabia perfeitamente que não se sentiria bem num lugar daqueles. Porém, sem ter para onde ir — após ser expulso da universidade, e acompanhado de estudantes inteligentes —, resolveu se refugiar temporariamente nesse local. Em outras palavras, o que ele de fato buscava era conhecer o sistema de Takashima. E, para começar, eles precisavam aprender as técnicas agrícolas, ainda que Fukada e seus alunos, todos criados na cidade grande, não tivessem nenhuma noção dos trabalhos no campo. Comparativamente, seria como eu, que nada sei de engenharia robótica. Por isso eles precisavam aprender na prática a aplicação da teoria e de suas técnicas, tudo isso a partir do zero. Tinham, portanto, muitas coisas a aprender: distribuição de mercadorias, possibilidade e limitações da autogestão e, também, as regras práticas do convívio comunitário. Ele aprendeu tudo o que foi possível nos dois anos em que viveu em Takashima. Era uma turma motivada, que entendia tudo muito rápido. Fizeram um estudo analítico dos pontos favoráveis e desfavoráveis de Takashima. Depois, Fukada deixou Takashima com seu grupo e se tornou independente.”

— Takashima era legal — comentou Fukaeri.

O professor sorriu.

— Para uma criança, deve ser realmente muito bom. Mas, quando elas crescem e começam a desenvolver as suas respectivas personalidades, a vida em Takashima torna-se um inferno para muitas delas. Tenta-se esmagar à força o desejo natural que elas possuem de pensar. É como atrofiar o cérebro, usando o método do *tensoku*.

— *Tensoku* — indagou Fukaeri.

— Antigamente, na China, os pés das meninas eram colocados à força num sapato pequeno para que não crescessem — explicou Tengo.

Fukaeri não disse nada, mas parecia imaginar a cena. E o professor continuou:

— O núcleo desse grupo, liderado por Fukada, era composto por aqueles estudantes que participaram com ele do movimento estudantil inspirado no Exército Vermelho, mas a estes se somaram muitas outras pessoas, de modo que ele cresceu como uma bola de neve, numa proporção até então inimaginável. E, dentre elas, não eram poucas as que tinham entrado em Takashima em busca de um ideal, mas que, insatisfeitas com o funcionamento da comuna, sentiam-se desiludidas: eram pessoas que queriam ter uma vida

comunitária como a dos hippies; estudantes de esquerda frustrados com a derrota que sofreram no conflito universitário ou pessoas que, por estarem fartas da vida mundana, buscavam um mundo novo, mais espiritual. Havia solteiros e alguns, como Fukada, tinham família. Uma verdadeira miscelânea, um grupo diversificado de pessoas, liderado por Fukada. Ele era um líder nato, como Moisés guiando os hebreus. Fukada era inteligente, eloquente, com um grande poder de discernimento. E era, também, muito carismático. Tinha um aspecto robusto, digamos que tinha um físico como o seu. As pessoas naturalmente o viam como o líder do grupo e aceitavam suas decisões.

O professor abriu os braços para mostrar o físico de Fukada. Fukaeri observou a distância entre os braços e, em seguida, olhou para o corpo de Tengo, mas nada disse.

— Fukada e eu temos personalidades e aparências totalmente diferentes. Ele é um líder nato e eu sou um lobo solitário. Enquanto ele é um indivíduo político, sou totalmente apolítico. Ele é grandalhão, eu sou pequeno. Ele é bonito e marca presença, eu sou um pobre intelectual que tem uma cabeça com formato esquisito. Mas, mesmo assim, éramos bons amigos: o respeito e a confiança eram recíprocos. Não seria exagero dizer que ele foi o único amigo que realmente tive na vida.

O grupo liderado por Tamotsu Fukada encontrou uma vila despovoada que servia para seus propósitos em meio às montanhas da província de Yamanashi. Uma vila praticamente deserta, em que os idosos não podiam dar continuidade aos trabalhos do campo por falta de sucessores. O grupo conseguiu adquirir terras e casas quase de graça, além de algumas estufas. As repartições públicas locais também ofereceram subsídios, com a condição de que eles continuassem a trabalhar com a terra. E, durante os primeiros anos, concederam-lhes descontos fiscais. Além disso, Fukada também tinha um capital próprio. Montante que nem mesmo o professor Ebisuno sabia de onde e como ele teria conseguido.

— Sobre a fonte desse dinheiro, Fukada mantinha segredo e não o revelava para ninguém. Mas o fato é que o dinheiro necessário para conduzir a comuna vinha *de algum lugar*. Foi com esse capital que o grupo comprou máquinas, implementos agrícolas e materiais de construção, além de criar um fundo de reserva. Eles próprios reformaram as casas que já existiam e construíram instalações básicas para que pelo menos trinta deles pudessem viver nelas. Isso foi em 1974. A recém-inaugurada comuna passou a ser chamada de “Sakigake”.

“Sakigake?”, pensou Tengo. O nome não lhe era estranho, mas

não conseguiu lembrar onde foi que o ouvira. Não conseguir lembrar o deixou irritado. O professor continuou:

— Fukada estava ciente das dificuldades que teria de enfrentar, principalmente nos primeiros anos da comuna, até que todos se adaptassem às novas terras, mas, contrariando as suas expectativas, tudo correu bem. Além de o tempo ajudar, eles também podiam contar com a cooperação dos moradores locais. Fukada, que era o líder, ganhou a simpatia da população, que o respeitava por ser uma pessoa íntegra, e os jovens de Sakigake também eram admirados pela dedicação ao trabalho no campo. Os moradores costumavam aparecer e dar vários conselhos úteis. E foi assim que eles foram adquirindo conhecimentos práticos sobre a agricultura e aprendendo a viver em contato com a terra.

“Basicamente, Sakigake seguia os mesmos princípios de Takashima, porém com algumas inovações, como mudar completamente o tipo de produção para o sistema de agricultura orgânica. Deixaram de usar fertilizantes químicos e iniciaram o cultivo de verduras usando apenas adubo orgânico. Com o objetivo de atender uma classe urbana abastada, passaram a vender os produtos por encomenda. Assim, podiam cobrar mais caro por unidade. De alguma forma eles foram os precursores do que conhecemos hoje como agricultura ecológica. E acertaram em cheio. Muitos dos membros do grupo haviam sido criados nos centros metropolitanos e, por isso, sabiam muito bem o que os homens da cidade grande desejavam, mesmo pagando caro: verduras frescas, saborosas e sem agrotóxicos. Eles firmaram contrato com empresas de distribuição e, para agilizar, criaram um sistema otimizado de entrega rápida. Eles também foram pioneiros em transformar as ‘verduras de tamanhos desiguais e com terra’ em produtos de grande aceitação.”

— Fui algumas vezes à fazenda de Fukada conversar com ele — disse o professor. — Ele estava muito animado por ter construído esse novo ambiente, e com a perspectiva de poder vivenciar novas possibilidades. Acho que essa época foi a mais tranquila e de maior satisfação para ele. Sua família também parecia ter se adaptado muito bem à nova vida.

“A quantidade de pessoas que se dirigiam para lá com o desejo de se juntar ao grupo aumentava na medida em que ficavam sabendo como era boa a vida na fazenda Sakigake. Com o sistema de remessa de produtos, a fazenda foi se tornando cada vez mais conhecida, e a imprensa passou a citá-la como exemplo de uma comuna bem-sucedida. Como muitos queriam fugir desse mundo dominado pelo dinheiro e pelo excesso de informação, e tinham vontade de suar a

camisa trabalhando na natureza, Sakigake começou a acolhê-los. Quando uma pessoa pedia para trabalhar na fazenda, ela passava por uma entrevista e só era admitida se fosse considerada útil ao grupo. Nem todos eram aceitos. Existia um certo critério para manter o nível qualitativo e a boa conduta moral. Eles precisavam de pessoas com conhecimento de técnicas agrícolas e homens saudáveis, capazes de aguentar trabalhos físicos intensos. Almejavam também uma proporção equivalente de homens e mulheres, e portanto elas também eram bem-vindas. Com o aumento da população, a fazenda precisou aumentar sua extensão. Como ainda havia muita oferta de terras e casas nas redondezas, a ampliação não foi uma tarefa difícil. No início, os membros eram em sua maioria jovens solteiros; mas, à medida que o tempo foi passando, começou a aumentar o número de pessoas que vinham com suas famílias. Dentre os novos membros, alguns tinham formação universitária, como médicos, engenheiros, professores, contadores... Eram sempre bem-vindos na comunidade. Afinal, eram especialidades que, de certa forma, eram muito úteis para a comuna.”

— A comuna também adotou o sistema comunista de Takashima? — indagou Tengo.

O professor negou, balançando a cabeça.

— Não. Fukada não quis adotar o sistema de propriedade coletiva. Politicamente, ele era um radical, mas nunca deixou de ser realista e ponderado. Ele adotou um sistema comunitário mais flexível, pois não queria transformar a comunidade numa sociedade de formigas. O grupo foi dividido em unidades e, em cada uma delas, seguiam-se regras, porém não muito rígidas. Era permitido possuir bens pessoais e todos recebiam alguma remuneração. Se uma pessoa não estivesse satisfeita com a sua unidade, ela tinha a liberdade de mudar para outra ou simplesmente deixar a fazenda. Os membros podiam manter contato com o mundo exterior e não havia nenhum tipo de educação ideológica ou lavagem cerebral. Fukada aprendeu em Takashima que, para aumentar a eficiência no trabalho, deveria adotar um sistema mais livre, não tão rígido.

Sob o comando de Fukada, a administração da fazenda Sakigake mantinha-se sobre os trilhos, mas, com o tempo, a comuna se dividiu em duas facções bem distintas. Essa divisão era em parte inevitável no sistema adotado por ele. Uma das facções defendia a revolução e era a favor da luta armada; era liderada por aquele antigo grupo de estudantes inspirados no Exército Vermelho criado pelo próprio Fukada. O grupo achava que a vida na comuna agrícola era apenas uma fase preparatória para a revolução. Eles acreditavam que o trabalho agrícola era um tipo de disfarce para que, chegado o

momento, pudessem pegar em armas e partir para a ação. Era uma postura inquebrantável.

A outra facção era moderada. Ambas eram contra o sistema capitalista, mas esta não se envolvia com política e tinha como ideal viver em contato com a natureza, mantendo uma vida comunitária centrada na subsistência. Os moderados eram os mais numerosos na fazenda. As facções eram como água e óleo. Em relação ao trabalho na lavoura, partilhavam o mesmo objetivo e por isso não ocorriam problemas graves, mas, quando o assunto envolvia alguma decisão administrativa, as opiniões sempre divergiam. Vez por outra, quando não conseguiam chegar a uma solução, a discussão se tornava violenta. Estava claro que a divisão da comuna era apenas uma questão de tempo.

Tornou-se cada vez mais difícil manter uma posição neutra na comuna. Diante dessa situação, Fukada se viu forçado a decidir de que lado ficaria. Naquela época, ele estava ciente de que o Japão dos anos setenta não era mais o lugar nem o momento para uma revolução. Na verdade, desde o início, Fukada se referia à revolução apenas como uma possibilidade, ou melhor, como uma metáfora; uma mera hipótese. Ele acreditava que as ideias de oposição e insubordinação tinham papéis essenciais numa sociedade saudável. No entanto, o objetivo de seus alunos era o de promover uma revolução de verdade, com derramamento de sangue. E Fukada era, em parte, responsável por isso. Acompanhando o ritmo da época, foi ele que incutiu na mente dos alunos essas ideias malconcebidas com seus discursos acalorados. Ele próprio nunca admitiu que se tratava de uma revolução de fachada. Era um homem honesto e inteligente. Um intelectual brilhante. Mas, infelizmente, tinha a propensão de se embriagar com os próprios discursos, faltando-lhe, no fundo, a autocrítica e o espírito investigativo.

Foi assim que a comuna Sakigake se dividiu em duas. A facção moderada manteve o nome Sakigake e permaneceu na fazenda; já a facção em prol da luta armada transferiu-se para uma outra área, a cerca de cinco quilômetros dali, e, nesse local, estabeleceu a base do movimento revolucionário. Fukada e sua família permaneceram com as demais famílias em Sakigake. A separação foi praticamente amistosa. Dizem que foi Fukada que novamente conseguiu juntar, de alguma forma, o capital necessário para erguer a comuna dissidente. Mesmo após a separação, as duas fazendas mantiveram formalmente as relações de cooperação: trocavam mercadorias que necessitavam e, por questões econômicas, utilizavam o mesmo meio de distribuição para os produtos. Se as duas pequenas comunas quisessem sobreviver, era necessário manter a ajuda mútua.

No entanto, com o passar do tempo, as idas e vindas dos

membros entre a antiga Sakigake e a nova comuna dissidente foram interrompidas. Os objetivos que almejavam eram muito diferentes. Mesmo após a cisão, no entanto, Fukada continuou a se comunicar com os estudantes radicais. Ele sentia uma grande responsabilidade por eles, pois fora sua a ideia de levá-los para o interior das montanhas de Yamanashi. A essa altura, ele não podia mais simplesmente abandoná-los, pensando apenas em suas próprias conveniências. E a comuna dissidente precisava daquele capital que Fukada conseguia misteriosamente obter.

— Acho que Fukada estava numa situação antagônica — disse o professor. — No fundo, ele já não acreditava mais que a revolução fosse cabível nem idealizava mais essa possibilidade, porém não conseguia negá-la por completo. Negar a revolução seria o mesmo que negar tudo que defendera durante muitos e muitos anos e, ainda, admitir o seu erro perante os outros. Isso era algo que ele não podia fazer. Era orgulhoso demais e sabia que, caso resolvesse desistir, certamente haveria um conflito com os estudantes. Naquela época, Fukada ainda conseguia controlá-los.

“Essas foram as razões que o levaram a continuar a frequentar a comuna dissidente. De um lado, ele era o líder de Sakigake e, do outro, tornou-se conselheiro da facção em prol da revolução armada: uma pessoa que, a despeito de não acreditar mais na revolução, continuava a defender seus ideais. Os dissidentes seguiam trabalhando na lavoura e, paralelamente, começaram a aprender a usar armas e a adquirir conhecimentos sobre as doutrinas ideológicas. Do ponto de vista político, foram assumindo posições cada vez mais radicais, totalmente contrárias ao posicionamento de Fukada. A comuna adotou uma postura de segregação, de modo a impedir a entrada de pessoas de fora. As forças de segurança pública consideravam que o grupo ameaçava iniciar uma revolução armada, e era potencialmente perigoso; passaram, portanto, a monitorar seus movimentos, mas ainda sem lhes dar uma atenção extrema.”

O professor olhou novamente para os joelhos e, em seguida, levantou o rosto.

— A divisão de Sakigake ocorreu em 1976. No ano seguinte, Eri conseguiu escapar de lá e veio até a minha casa. Desde então, a comuna dissidente passou a ter um novo nome: Akebono.

Tengo levantou o rosto e estreitou os olhos.

— Espere um pouco — disse ele. Akebono. Ele tinha certeza de que já ouvira o nome em algum lugar, mas a lembrança era vaga e não se lembrava de onde. A única coisa que conseguia recordar eram alguns fragmentos vagos que *pareciam* reais. — Por acaso essa

“Akebono” não é aquela que pouco tempo atrás causou um incidente grave?

— Isso mesmo — disse o professor Ebisuno, pela primeira vez olhando para Tengo com uma expressão séria. — Sem dúvida, estamos falando daquela famosa “Akebono” que trocou tiros com a polícia nas montanhas perto de Motosu.

“Tiros”, pensou Tengo. Ele se lembrava. Fora um grave incidente. No entanto, não entendia por que não conseguia se lembrar dos detalhes. As coisas estavam embaralhadas. Tudo parecia muito confuso e, quando tentava ordenar os pensamentos, sentia como se o corpo estivesse sendo torcido. Era como se a metade superior e a metade inferior fossem puxadas em direções opostas. Tengo sentiu uma intensa e aguda dor no centro da cabeça e, de uma hora para outra, o ar à sua volta parecia ter rareado. Ouvia o som amortecido, como se estivesse dentro d’água. A qualquer momento ele poderia ter aquele “ataque”.

— O que aconteceu? — perguntou o professor, preocupado. A voz parecia vir de longe.

Tengo balançou a cabeça. Forçando a voz, respondeu:

— Está tudo bem. Logo vai passar...

Aomame

O corpo é um santuário

Pouquíssimas devem ser as pessoas que conseguem dar um chute certo nos testículos com tamanha destreza como Aomame. Além de estudar com afinco as várias maneiras de dar pontapés, nunca deixava de praticá-las exaustivamente. A coisa mais importante é, antes de tudo, deixar de lado a hesitação. A parte vulnerável do adversário deve ser acertada sem compaixão, com a velocidade de um raio. É o mesmo ímpeto com que Hitler violou a declaração de neutralidade da Holanda e da Bélgica e, sem titubear, atacou o ponto vulnerável da linha defensiva da França — a linha Maginot — conquistando-a facilmente. Não se pode hesitar. Um instante de indecisão pode ser fatal.

Essa seria a única maneira de uma mulher enfrentar e vencer um homem grande e forte. A convicção de Aomame sobre isso era inabalável. Essa parte do corpo que o sexo masculino possuía — ou que trazia pendurada — era o seu ponto mais vulnerável. E, em geral, ela não ficava devidamente protegida. Uma vantagem que não devia ser ignorada.

Era lógico que Aomame, sendo mulher, não sabia e tampouco poderia adivinhar como era a dor de levar um chute nos testículos. Mas ao menos podia imaginar essa dor observando a reação de quem levava o chute. Parecia ser realmente insuportável até mesmo para os grandalhões. Além disso, o impacto também parecia afetar, e muito, o orgulho deles.

— A dor é tanta que parece que o mundo vai acabar. Não sei explicar direito. Só sei que não é uma dor qualquer — essa foi a resposta de um homem a Aomame, após pensar seriamente no assunto quando ela pediu explicações.

Aomame pensou um pouco sobre a analogia. Fim do mundo?

— Será que podemos inverter a ordem e dizer que, se o mundo estiver prestes a acabar, sentiríamos o mesmo que levar um chute certo nos testículos? — perguntou ela.

— Isso eu não posso afirmar, pois ainda não tive a experiência de fim do mundo, mas creio que seja algo assim — disse o homem,

para em seguida fixar o olhar no espaço vazio. — A única coisa que se sente nessa hora é um profundo sentimento de impotência. Tudo é escuridão, angústia e perdição.

Depois dessa conversa, Aomame assistiu por acaso ao filme *A hora final* na TV, durante a madrugada. Era um filme americano produzido por volta dos anos sessenta. Ao eclodir a guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética, quantidades enormes de mísseis nucleares cruzavam ostensivamente os céus de um lado para outro, como cardumes de peixes voadores, provocando a destruição da Terra e matando pessoas em todo o mundo. Mas, devido à direção dos ventos ou por alguma outra razão, a Austrália, no Hemisfério Sul, era o único local ainda não atingido pelas nuvens das cinzas mortais. Para isso acontecer era apenas questão de tempo. Nada mais podia ser feito para evitar a destruição da humanidade. Aos sobreviventes, restava apenas aguardar o derradeiro fim, cada um vivendo a seu modo os últimos dias de suas vidas. Esse era o enredo do filme. Um filme sombrio, sem salvação. (Aomame, porém, enquanto o via, teve a certeza de que, no fundo, todos aguardam o fim do mundo.)

De qualquer modo, enquanto assistia ao filme, sozinha na madrugada, pensou “Ah! Então é assim que uma pessoa se sente ao levar um chute nos testículos”, e só então conseguiu se convencer da explicação que lhe fora dada.

Após se formar em educação física, Aomame trabalhou durante quatro anos numa empresa fabricante de bebidas esportivas e alimentos saudáveis, e era a jogadora principal (como arremessadora e quarta batidora) do time de softball feminino. O time conquistou uma posição de destaque e entrou para a lista dos oito melhores no Campeonato Nacional. Mas, um mês após a morte de Tamaki Ôtsuka, Aomame decidiu pedir demissão da empresa e pôs um ponto final em sua carreira de jogadora. Ela não tinha mais vontade de participar das competições. Seu desejo era mudar radicalmente de vida. Foi por meio da indicação de um amigo da faculdade que ela conseguiu emprego como instrutora num clube esportivo em Hiroo.

As aulas que ela assumiu no clube eram principalmente as de musculação e de artes marciais. Era um clube de elite, muito conhecido, que cobrava altas taxas de matrícula e mensalidades, com muitos sócios famosos. Aomame organizou algumas classes de defesa pessoal para mulheres, área em que se considerava exímia especialista. Ela montou um boneco de pano imitando um homem grande, costurou uma luva de algodão preta na virilha, para delimitar a área dos testículos, e treinava as mulheres a chutarem exaustivamente essa área. Para dar mais veracidade, às vezes ela colocava duas bolas de

squash dentro das luvas e fazia com que as alunas chutassem repetidas vezes o local, com rapidez e sem dó. A maioria das mulheres gostava do treinamento, e era evidente o progresso delas no uso da técnica. Mas algumas pessoas que observavam as aulas costumavam franzir as sobrancelhas — logicamente, a maioria era do público masculino — e levaram à direção sua indignação: “Aquilo é um absurdo.” Por conta disso, o gerente chamou Aomame e pediu que parasse com as aulas de chutar testículos.

— Mas, na prática, é impossível uma mulher se defender do ataque de um homem a não ser chutando os testículos — argumentou Aomame enfaticamente com o gerente do clube. — Normalmente, o homem é maior e mais forte. O único jeito de uma mulher vencê-lo é acertar rapidamente os testículos. O próprio Mao Tse-tung disse isso: é preciso achar o ponto fraco do adversário e atacá-lo antes que o outro reaja. Só assim a guerrilha tem chance de vencer o exército regular.

— Você deve estar ciente de que este clube é um dos melhores e mais exclusivos da cidade — disse o gerente, com uma expressão de contrariedade no rosto. — Muitos dos nossos sócios são celebridades, e precisamos manter nossa dignidade. A imagem é fundamental. Não importam quais sejam os motivos, mas treinar jovens, na flor da idade, a chutar a virilha de um boneco, soltando gritos esquisitos, denigre a reputação do clube. Algumas pessoas que vieram nos conhecer, com o desejo de se tornar sócias, desistiram de se filiar após assistirem por acaso às suas aulas. Não importa o que Mao Tse-tung ou Gêngis Khan tenham dito: o fato é que aquela cena incomoda, irrita e aborrece a maioria dos homens.

Aomame não se importava em incomodar, irritar e aborrecer os sócios masculinos do clube. Comparado à dor de quem é estuprada, sentir-se incomodado era o de menos. Mas, como não podia desobedecer às ordens do chefe, teve de reduzir drasticamente os treinamentos de ataque em suas aulas de defesa pessoal. O uso do boneco também foi proibido. Por conta disso, suas aulas se tornaram insossas e convencionais. Isso deixou Aomame desmotivada e algumas sócias também reclamaram, descontentes. Mas, como ela era apenas uma funcionária, nada pôde fazer para mudar a situação.

Aomame era da opinião de que, se uma mulher não souber chutar em cheio os testículos de um homem ao ser atacada, não havia praticamente mais nada a fazer. Num combate real, uma técnica avançada como a de pegar o braço, torcer e levantar o adversário com as costas para derrubá-lo é algo que dificilmente costuma dar certo. A vida real não é como nos filmes. Em vez de tentar fazer isso, a melhor coisa é não fazer nada e, simplesmente, sair correndo.

De qualquer modo, Aomame sabia pelo menos dez maneiras de chutar os testículos. Testou-as, na prática, num colega antigo no clube,

pedindo para ele usar o protetor. “O chute que você dá nas bolas é dolorido demais, não adianta usar protetor. Por favor, pare com isso”, ele implorava, aos berros. Se necessário fosse, Aomame não hesitaria em pôr em prática a técnica que aprimorou. Se um engraçadinho a atacasse, estava decidida a mostrar-lhe ao vivo e em cores como era o fim do mundo. Faria com que ele visse nitidamente a chegada do Reino dos Céus. Ela o mandaria direto para o Hemisfério Sul, para respirar as cinzas mortais ao lado dos cangurus e dos *walabi*.

Enquanto pensava no Reino dos Céus, Aomame bebia em pequenos goles uma dose de Tom Collins no balcão de um bar. De vez em quando, olhando para o relógio, fingia estar aguardando alguém, ciente de que ninguém viria. A única coisa que ela queria era encontrar algum homem adequado entre os clientes. O relógio marcava oito e meia da noite. Ela vestia uma blusa azul-clara, jaqueta castanho-avermelhada da Calvin Klein e uma minissaia azul-marinho. Nesse dia, ela deixara seu picador de gelo especial, embrulhado numa toalha, repousando tranquilamente na gaveta da cômoda.

O bar ficava no bairro de Roppongi e era conhecido como um bom lugar para solteiros. Era famoso por ser frequentado por homens à caça de mulheres, ou o contrário. Também era muito frequentado por estrangeiros. A decoração era inspirada num bar das Bahamas a que Hemingway costumava ir. Peixe-espada na parede, redes de pesca penduradas no teto, várias fotos de pessoas exibindo peixes enormes e um retrato a óleo de Hemingway. O retrato de Papá Hemingway alegre. As pessoas ali não pareciam particularmente incomodadas com o fato de o escritor ter se suicidado com uma espingarda de caça, motivado pelo sofrimento que o alcoolismo lhe causara na velhice.

Alguns homens vieram falar com Aomame, mas nenhum era do seu tipo. Dois jovens playboys universitários convidaram-na para uma noite, mas ela nem se deu o trabalho de responder. Um homem muito mal-encarado de uns trinta anos, que parecia ser um assalariado, também se aproximou, mas ela rispidamente recusou dizendo esperar alguém. A maioria dos jovens não lhe agradava. Eles ofegavam, eram cheios de si, tinham uma conversa pobre e sem graça e, na cama, eram apressados, não sabiam curtir o verdadeiro prazer do sexo. O seu tipo de homem era o de meia-idade, com uma aparência levemente cansada e, de preferência, sinais de calvície. Tinha de ser asseado, e nunca vulgar. E, ainda por cima, o formato da cabeça tinha de ser bonito. Mas homens assim não são fáceis de encontrar, por isso ela se via obrigada a fazer algumas concessões.

Aomame deu uma olhada pelo bar e suspirou silenciosamente. “Por que será que é tão difícil encontrar um ‘homem adequado’ nesse

mundo?” , pensou ela, imaginando alguém como Sean Connery. E, só de pensar no formato de sua cabeça, sentiu alfinetadas no corpo. “Se ele aparecesse de repente por aqui, eu faria de tudo para tê-lo comigo”, pensou. Mas nem é preciso dizer que Sean Connery jamais surgiria num bar de solteiros em Roppongi decorado como nas Bahamas.

Na TV gigante pendurada na parede passava um vídeo do Queen. Aomame não gostava muito das músicas do grupo, por isso evitava olhar para a tela e tentava ignorar o som das caixas acústicas. Quando finalmente aquilo terminou, começou a passar um vídeo do Abba. “Essa não!”, pensou, intuindo que a noite não seria das melhores.

Aomame conhecera a dona da Mansão dos Salgueiros no clube esportivo em que trabalhava. Ela fazia as aulas de defesa pessoal de Aomame: aquele curso radical de chutar o boneco que não durara muito tempo. Apesar de a senhora ser pequena e a mais idosa da turma, seus movimentos eram ágeis, e seu chute muito forte. Aomame suspeitava de que ela não hesitaria em chutar os testículos de um adversário, e gostava dela por ser uma pessoa que não falava à toa. Quando falava, fazia-o sem rodeios.

— Na minha idade, não creio que seja realmente necessário aprender defesa pessoal... — disse ela, certa vez, no final da aula, abrindo um sorriso encantador.

— Não é uma questão de idade — respondeu Aomame, em tom categórico. — Tem a ver com o modo de encarar a vida. É importante estarmos sempre preparadas para defender nosso corpo. Não podemos ficar resignadas esperando o ataque. O sentimento crônico de impotência destrói a pessoa.

A senhora ficou calada um bom tempo, apenas mirando os olhos de Aomame. Suas palavras, ou o tom de sua voz, pareciam ter lhe causado uma forte impressão. Em seguida, ela concordou, balançando a cabeça.

— O que você disse é correto. Realmente, você pensa com lucidez.

Passados alguns dias, Aomame recebeu um envelope deixado na recepção do clube. Nele havia uma carta curta, escrita com uma caligrafia muito bonita, com o nome e o telefone da velha senhora, pedindo a gentileza de Aomame entrar em contato quando tivesse um tempo livre.

Quem atendeu o telefone parecia ser um secretário. Assim que Aomame se identificou, ele transferiu a ligação sem dizer nada. A velha senhora atendeu e, após agradecer a ligação, perguntou se

Aomame aceitaria jantar com ela, pois tinha um assunto que gostaria de tratar pessoalmente, com calma. Aomame respondeu que aceitava com prazer. A velha senhora perguntou se podia ser no dia seguinte, à noite, e Aomame concordou. “O que ela quer conversar comigo?”, pensou, um tanto intrigada.

As duas jantaram num restaurante francês localizado numa área tranquila de Azabu. A senhora parecia ser uma cliente antiga e, ao ser encaminhada para uma mesa nos fundos, foi gentilmente atendida por um garçom de meia-idade que dava a impressão de conhecê-la de longa data. A velha senhora usava um vestido verde-claro de belíssimo corte (parecia um Givenchy dos anos sessenta) e um colar de jade. Durante a refeição, o gerente apareceu e a cumprimentou com extrema reverência. Os pratos eram principalmente à base de verduras, de sabor suave e refinado. A sopa especial do dia, por coincidência, era a preferida de Aomame. A velha senhora tomou somente uma taça de Chablis, e Aomame a acompanhou. Era um vinho delicado, de gosto suave, assim como os pratos servidos. Aomame escolheu um peixe de carne branca grelhado como prato principal. A velha senhora escolheu um prato de legumes. A forma como ela se alimentava era majestosa como uma obra de arte. Comentou que na sua idade era possível viver comendo muito pouco e, num tom de brincadeira, disse:

— E, se possível, somente coisas boas.

A velha senhora perguntou se Aomame podia dar aulas particulares em sua casa, de duas a três vezes por semana: artes marciais e, se possível, exercícios de alongamento.

— É claro, é possível — respondeu Aomame. — Basta solicitar as aulas particulares na recepção do clube.

— Então está bem — disse a velha senhora. — Mas, quanto à programação das aulas, gostaria que fosse decidida entre nós, está bem? Quero evitar o incômodo de ter de conversar sobre isso com terceiros. Você concorda?

— Concordo.

— Então vamos começar na semana que vem — disse a velha senhora.

Encerraram assim o assunto.

Foi então que a velha senhora disse:

— Aquilo que você disse outro dia no clube me deixou muito impressionada. Aquela conversa sobre o sentimento de impotência, que destrói a pessoa. Lembra?

Aomame concordou:

— Lembro.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse a velha senhora. — Para economizar o tempo, vou ser direta.

— Pode perguntar o que quiser — respondeu Aomame.

— Você é feminista ou lésbica?

Aomame ficou levemente ruborizada e negou com a cabeça.

— Não. É apenas uma opinião estritamente pessoal. Não sou feminista nem lésbica.

— Está bem — disse a velha senhora. E, esboçando uma expressão de alívio, levou o pedaço de brócolis graciosamente até a boca, mastigou-o com elegância e tomou um pequeno gole de vinho. Depois disse: — Saiba que, se você fosse feminista ou lésbica, eu não me importaria. Seria o de menos. Mas, para ser sincera, isso me deixa mais à vontade. Você me entende?

— Entendo — disse Aomame.

Duas vezes por semana, Aomame ia à mansão da velha senhora e dava suas aulas de artes marciais. As duas trabalhavam o corpo com sequências meticulosas de exercícios numa sala grande com espelhos, onde a filha tivera lições de balé quando criança. A despeito da idade, a velha senhora tinha um corpo flexível, e o progresso foi rápido. Apesar de pequena, sempre soube cuidar do corpo. Além das aulas de artes marciais, Aomame também ensinou exercícios básicos de alongamento e fazia massagens para relaxar os músculos.

Aomame era uma massagista perita. Quando cursara a faculdade de educação física, era considerada a melhor aluna dessa matéria. Ela sabia de cor todos os nomes dos ossos e músculos do corpo humano. Conhecia todas as funções e características dos músculos e sabia como colocá-los no lugar e mantê-los em forma. O corpo é um santuário e, independentemente do que se cultue nele, Aomame tinha a convicção inabalável de que se devia, no mínimo, mantê-lo forte, belo e limpo.

Não satisfeita em dominar os conhecimentos básicos da medicina esportiva, resolveu aprender acupuntura. Durante muitos anos, frequentou aulas de um professor chinês e dedicou-se seriamente aos estudos. O professor, admirado com seu rápido progresso, chegou a lhe dizer que podia atuar profissionalmente. Aomame aprendia com facilidade e tinha uma insaciável sede de conhecer a fundo todas as funções do corpo. Acima de tudo, possuía uma extraordinária sensibilidade intuitiva na ponta dos dedos. Assim como existem pessoas capazes de ouvir e identificar os sons absolutos, ou encontrar veios de água subterrânea, Aomame conseguia discernir, somente com o toque dos dedos e em questão de segundos, o ponto exato que controla determinada função do corpo humano. E isso ninguém lhe ensinara; era um conhecimento inato.

Após os treinos e a massagem, Aomame e a velha senhora

passavam o tempo juntas tomando chá e conversando sobre vários assuntos. Tamaru sempre trazia um jogo de chá numa bandeja de prata. No primeiro mês, como Tamaru nunca abria a boca, ela teve vontade de perguntar à velha senhora se por acaso era mudo.

Certo dia, a velha senhora perguntou se ela já tinha posto em prática sua técnica de chutar os testículos para se proteger.

Aomame respondeu que sim.

— E deu certo? — perguntou a velha senhora.

— Deu — respondeu Aomame, sem entrar em detalhes.

— Você acha que daria certo com Tamaru?

Aomame balançou a cabeça em negativa.

— Acho que não. Tamaru já conhece esse tipo de coisa. Se uma pessoa percebe a intenção, não há o que fazer. O chute só funciona em amadores, que não estão acostumados a lutar.

— Quer dizer que para você Tamaru não é um amador, é isso?

Aomame respondeu, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— Digamos que ele tem um ar diferente das pessoas comuns.

A velha senhora colocou creme no chá preto, misturando-o delicadamente com a colher.

— Então o homem que você chutou era amador, não é? E era forte?

Aomame confirmou balançando a cabeça, mas não disse nada. Era robusto e parecia ser muito forte, mas, como era também arrogante, fez pouco caso de enfrentar uma mulher e baixou a guarda. Até então, ele nunca fora acertado nos testículos, muito menos por uma mulher, e jamais imaginou que isso pudesse acontecer.

— Essa pessoa se machucou? — perguntou a velha senhora.

— Não. Não se machucou. Apenas ficou um bom tempo com uma dor dilacerante.

A velha senhora manteve-se em silêncio. Depois perguntou:

— Alguma vez você agrediu algum homem? Não só para fazê-lo sofrer, mas para machucá-lo intencionalmente?

— Sim — respondeu Aomame. Mentir não era o seu forte.

— Você poderia falar sobre isso?

Aomame balançou discretamente a cabeça.

— Sinto muito, mas é difícil falar desse assunto.

— Tudo bem. Sei que não deve ser fácil. Não se sinta obrigada a contar — respondeu a velha senhora.

As duas tomaram o chá em silêncio, cada qual mergulhada em pensamentos distintos.

Um tempo depois, a velha senhora quebrou o silêncio:

— Mas, se algum dia quiser falar, você me conta o que aconteceu?

Aomame respondeu:

— Pode ser que um dia eu consiga contar, mas talvez esse dia nunca chegue. Para falar a verdade, eu mesma não sei...

A velha senhora ficou um tempo olhando para o rosto de Aomame, para depois dizer:

— Não pergunto por curiosidade.

Aomame manteve-se em silêncio.

— É que acho que você guarda alguma coisa dentro de si. Algo que está te pesando muito. Sinto isso desde o momento em que te conheci. Você possui um olhar firme e poderoso. Para ser sincera, eu também tenho *algo assim*. Também carrego algo muito pesado, e é por isso que te entendo. Não é preciso ter pressa, mas acho que, se um dia você conseguir colocar isso para fora, você se sentirá melhor. Sou uma pessoa extremamente discreta e disponho de recursos materiais. Se forem bem-empregados, creio que podem ser úteis a você.

Quando Aomame decidiu contar a história para a velha senhora, uma nova porta se abriu em sua vida.

— Olá. O que você está bebendo? — alguém perguntou próximo a seu ouvido. Era a voz de uma mulher.

Aomame voltou a si e, erguendo o rosto, virou-se para a pessoa. Uma jovem com rabo de cavalo no estilo anos cinquenta estava sentada no tamborete, bem ao seu lado. Seu vestido tinha estampas de flores pequenas, e ela carregava no ombro uma bolsinha da Gucci. As unhas bem-feitas estavam pintadas com esmalte rosa-claro. Não era gorda, mas seu rosto era redondo, cheio, e parecia ser muito gentil. Seus seios eram grandes.

Aomame ficou um pouco confusa. Ela não esperava que uma mulher lhe dirigisse a palavra. Afinal, ali os homens é que assediavam as mulheres.

— Tom Collins — respondeu Aomame.

— É gostoso?

— Muito. E não é tão forte; dá para tomar aos golinhos.

— Por que se chama Tom Collins?

— Bem, isso eu não sei — disse Aomame. — Será o nome da pessoa que inventou o drinque? Mas não me parece uma descoberta excepcional.

A jovem balançou a mão para chamar o barman e pediu um Tom Collins, que rapidamente lhe foi servido.

— Será que posso me sentar ao seu lado? — perguntou a jovem.

— Pode. Está vazio — respondeu Aomame, enquanto pensava: “Mas você já não está sentada?” No entanto, ela não disse nada.

— Você não tem nenhum encontro marcado com alguém, tem?

— perguntou a jovem.

Aomame fez questão de não responder e se ateve a observar, em silêncio, o rosto da jovem, que devia ser uns três ou quatro anos mais nova que ela.

— Ah! Não se preocupe. Eu não tenho inclinação *para esse outro lado* — disse a jovem, bem baixinho, como se fizesse uma confidência. — Caso você esteja com o pé atrás, saiba que eu também prefiro homens. Como você.

— Como eu?

— Você está aqui, sozinha, para encontrar um homem interessante, não está?

— É o que parece?

A jovem comprimiu levemente os olhos.

— É fácil saber. Aqui é um lugar para isso. E, pelo visto, não somos profissionais.

— É claro que não — disse Aomame.

— Pois então, que tal fazermos uma parceria? Acho que para os homens é mais fácil puxar conversa com duas mulheres do que com uma sozinha. Ainda por cima, é mais cômodo agir em dupla e, de quebra, é mais seguro, não acha? Digamos que eu pareço mais feminina e você é mais forte, como um menino; acho que podemos formar uma boa dupla.

“Como um menino”, pensou Aomame. Era a primeira vez que alguém lhe dizia aquilo.

— Podemos até formar uma equipe, mas podemos ter gostos diferentes para homens, não é? Será que vai dar certo?

A jovem torceu levemente os lábios.

— É, você tem razão. O tipo de homem... já que tocamos nesse assunto, qual é o seu tipo?

— De preferência, os de meia-idade — disse Aomame. — Não gosto muito dos jovens. Prefiro os que estão começando a ficar calvos.

— Hmm — a jovem parecia surpresa. — Puxa! Você gosta dos mais velhos... Já eu prefiro os jovens saudáveis, de boa aparência. Não tenho muito interesse nos homens de meia-idade, mas, já que você os prefere, posso até experimentar um, só para te acompanhar. Afinal, tudo é uma questão de experiência. Eles são bons? Bem, você sabe, né? Me refiro ao sexo.

— Depende da pessoa — respondeu Aomame.

— Tem razão — concordou a jovem, estreitando os olhos como se avaliasse uma teoria científica. — Realmente, sexo é algo que não se pode generalizar; mas, na média, o que me diz?

— Nada mau. Não podem transar várias vezes, mas, em compensação, sabem aproveitar o tempo, sem afobação. E, quando tudo vai bem, te fazem gozar algumas vezes.

A jovem pensou um pouco.

— Você despertou minha curiosidade. Acho que vou experimentar.

— Você é quem sabe — respondeu Aomame.

— Já experimentou fazer sexo a quatro? Com troca de parceiros?

— Não.

— Eu também não, mas você quer experimentar?

— Acho que não — disse Aomame. — Bem, já que vamos formar uma equipe e agir juntas, ainda que temporariamente, quero saber um pouco mais sobre você. Porque podemos estar em sintonias completamente diferentes.

— Tudo bem. Você tem razão. O que você quer saber sobre mim?

— Por exemplo, que tal... Que tipo de trabalho você faz?

A jovem tomou um gole de Tom Collins e colocou o copo sobre o descanso. Depois, limpou a boca apertando levemente o guardanapo de papel nos lábios. Por fim, examinou a cor do batom aderido no papel.

— Isso é muito bom — disse a jovem. — É à base de gim, não é?

— Gim, suco de limão e soda.

— Realmente, não é uma invenção genial, mas é gostoso.

— Que bom.

— Bem, você quer saber do meu trabalho, certo? É um pouco complicado. Se eu te disser a verdade, creio que você não vai acreditar.

— Então vamos começar por mim — disse Aomame. — Sou instrutora de um clube esportivo. Dou aulas de artes marciais e musculação.

— Artes marciais? — disse a jovem, surpresa. — Como Bruce Lee?

— É, *parecido*.

— Você é boa?

— Dou para o gasto.

A jovem sorriu e ergueu o copo num brinde.

— Então vamos formar uma dupla invencível. Pode não parecer, mas eu treino aikidô há muito tempo. Para falar a verdade, sou policial.

— Policial? — disse Aomame, boquiaberta. Não conseguiu dizer mais nada.

— Trabalho no Departamento da Polícia Metropolitana de

Tóquio. Quem olha não acredita, não é? — disse a jovem.

— Realmente — respondeu Aomame.

— Mas sou mesmo. De verdade. Eu me chamo Ayumi.

— E eu, Aomame.

— Aomame. É seu nome de verdade?

Ela confirmou num tom sério. E falou:

— Se você é policial, quer dizer que usa uniforme, anda armada e percorre a cidade num carro de patrulha?

— Eu quis ser policial justamente para fazer isso, mas por enquanto eles não me deixam — disse Ayumi e, pegando um pretzel do pires, pôs-se a mastigá-lo ruidosamente. — A minha principal função hoje é usar aquele uniforme engraçado, andar num carrinho e multar as infrações de trânsito. Não me deixam nem portar uma pistola. Afinal, não há necessidade de intimidar, com tiros de advertência, um cidadão comum que estacionou o seu Corolla na frente de um hidrante, não é? Nas aulas de tiro eu sempre me destaquei, mas isso ninguém valoriza. Só porque sou mulher. Dia após dia, a única coisa que me deixam fazer é andar com um bastão com giz na ponta e escrever a hora e o número da placa no asfalto.

— A pistola que você sabe usar é uma Beretta semiautomática?

— É. Agora só se usa dessas. Eu acho a Beretta um pouco pesada para mim. Carregada, ela deve ter cerca de um quilo.

— O peso da arma é de oitocentos e cinquenta gramas — disse Aomame.

Ayumi fitou Aomame como uma penhorista avaliando um relógio de pulso.

— Nossa, Aomame, como é que você sabe esses detalhes?

— É que sempre tive interesse por armas de fogo — respondeu Aomame. — É claro que, na prática, eu nunca disparei uma arma.

— Ah é? — disse Ayumi, parecendo convencida com a explicação. — Na verdade, eu gosto de atirar. A Beretta realmente é pesada, mas o coice não é tão forte quanto o do revólver antigo, por isso, desde que se pratique bem, até mesmo uma mulher pequena pode usá-la. Mas os meus superiores não pensam assim. Para eles, uma mulher é incapaz de atirar. Os oficiais do alto escalão são todos um bando de machistas e, ainda por cima, fascistas. Eu também era muito boa com o cassetete. Dificilmente perdia para um homem. Mas nunca fui valorizada. A única coisa que sabem dizer são insinuações maliciosas, do tipo: “O jeito de você segurar o cassetete é perfeito, mas se você quiser praticar melhor é só falar comigo, está bem? Não precisa ficar acanhada.” Esses caras têm a cabeça de um século e meio atrás.

Após dizer isso, Ayumi pegou um maço de Virginia Slims da bolsa e, como se estivesse habituada, tirou um cigarro e o acendeu

com um pequeno isqueiro dourado. Soltou a fumaça tranquilamente em direção ao teto.

— Por que você resolveu entrar para a polícia? — perguntou Aomame.

— No começo eu não queria ser policial, mas também não queria trabalhar em escritório. Como eu não tinha nenhuma habilidade especial, o leque de escolhas profissionais era limitado. Foi então que, no quarto ano da faculdade, resolvi prestar o exame de admissão do Departamento de Polícia Metropolitana. Além disso, minha família é cheia de policiais; meu pai e meu irmão mais velho são da polícia. Tenho também um tio que é policial. Basicamente, a polícia é uma sociedade de coleguismos e, se você tem algum parente que é policial, eles te dão preferência na hora da admissão.

— Uma família de policiais.

— Isso mesmo. Mas até entrar e, de fato, começar a trabalhar, eu não sabia que a polícia era um local de tamanha discriminação entre homens e mulheres. No mundo policial, as mulheres não passam de cidadãs de segunda categoria. Elas só fazem trabalhos muito chatos, como aplicar multas, ficar sentadas atrás da mesa organizando documentações, visitar escolas primárias para ensinar as regras de segurança no trânsito, revistar mulheres suspeitas, coisas desse tipo. Enquanto isso, homens que, sem dúvida, são muito menos competentes do que eu são remanejados para trabalhar em áreas muito mais interessantes. Os superiores falam bonito e, da boca para fora, dizem que na polícia existe igualdade de condições entre os sexos, mas, na prática, está longe de ser verdade. Isso faz com que você perca a motivação de trabalhar. Você entende?

Aomame concordou.

— Isso me dá nos nervos.

— Você tem namorado? — perguntou Aomame.

Ayumi franziu as sobrancelhas. Por instantes, se ateve a observar o cigarro fino preso entre os dedos.

— Na prática, uma mulher que se torna policial encontra muitas dificuldades para arranjar um namorado. Primeiro, não temos um horário regular de trabalho, ele quase nunca coincide com o de uma pessoa normal. Depois, mesmo que o namoro possa dar certo, quando digo que sou policial os homens normalmente saem de fininho. São como caranguejos na orla da praia. Não é uma tristeza?

Aomame concordou, balançando a cabeça.

— O único jeito de encontrar o amor é no local de trabalho, mas o problema é que, no trabalho, realmente não existem homens decentes; apenas um bando de inúteis que só sabem fazer piadas obscenas. Das duas, uma: ou já nasceram burros ou só pensam na ascensão profissional. E eles é que são responsáveis pela segurança da

sociedade. O futuro do Japão não parece dos melhores.

— Mas você é bonita, e a impressão que tenho é que deve haver muitos homens atrás de você — disse Aomame.

— Bem, é verdade, desde que eu não fale o que faço. É por isso que, num lugar como este, costumo dizer que trabalho numa seguradora.

— Você vem muito aqui?

— Não *muito*, mas digamos que venho aqui de vez em quando — respondeu Ayumi. Após pensar um pouco, disse em tom de confidência: — É que às vezes me dá muita vontade de transar. Vou ser direta: fico querendo um homem. É como se fosse um desejo cíclico. Quando me sinto assim, me produzo toda, capricho nas roupas íntimas e venho para cá. Escolho um parceiro e transo a noite toda. Depois, durante um bom tempo, fico sossegada. É apenas um apetite sexual saudável. Como não sou ninfomaníaca ou maníaca sexual, gosto de me soltar e, quando o faço, me sinto muito bem. Mas nunca me envolvo com os parceiros. No dia seguinte, estou pronta para me dedicar à aplicação de multas por estacionar em local proibido. E você?

Aomame pegou o copo de Tom Collins e tomou um gole silencioso.

— Acho que comigo também é mais ou menos assim.

— Você não tem namorado?

— Procuro não ter. Detesto complicações.

— Você acha complicado ter um único homem?

— De certa forma, acho.

— Mas, de vez em quando, você fica doida para *transar* — disse Ayumi.

— Gostei mais da expressão que você usou, *vontade de se soltar*. Acho que, no caso, ela é mais adequada para mim.

— Que tal *desejar uma noite deslumbrante*, hein?

— Também é boa.

— De todo modo, é um parceiro para só uma noite, sem envolvimento, certo?

Aomame concordou.

Ayumi segurou o queixo com as mãos, os cotovelos apoiados no balcão, e parecia pensar no assunto.

— Acho que temos muita coisa em comum, não acha?

— Acho que sim — concordou Aomame. “Mas você é uma policial e eu mato pessoas. Estamos em lados opostos da lei e isso certamente nos torna muito diferentes”, pensou.

— Vamos combinar o seguinte — disse Ayumi. — Nós duas trabalhamos na mesma seguradora. O nome da empresa é segredo. Você está na empresa há mais tempo que eu e, como tivemos um dia

desagradável na firma, resolvemos tomar algo para espairer. E agora estamos nos sentindo muito bem. Que tal?

— Acho que está bom, mas não entendo nada de companhia de seguros.

— Deixe comigo. Inventar histórias é o meu forte.

— Conto com você — disse Aomame.

— Pois bem, na mesa bem atrás de nós há dois homens que parecem mais velhos e que, faz algum tempo, estão olhando para todos os lados com cara de quem procura algo — disse Ayumi. — Discretamente, dê uma olhada e diga o que acha deles.

Aomame virou-se sutilmente, conforme o pedido de Ayumi. Pulando uma mesa, na seguinte havia dois homens de meia-idade. Usavam terno e gravata e pareciam ser funcionários tentando relaxar após um dia exaustivo de trabalho. Os ternos não estavam surrados e as gravatas eram de bom gosto. Pelo menos não pareciam indecentes. Um deles devia ter mais de quarenta e cinco, e o outro um pouco menos de quarenta. O mais velho era magro, de rosto oval e entradas na testa. O mais jovem parecia ter sido jogador de rúgbi na faculdade, mas, por falta de exercícios, havia ganhado peso. O rosto preservava um ar juvenil, mas, logo abaixo do queixo, a pele começava a ganhar volume. Eles conversavam animadamente tomando uísque com água; sem dúvida, seus olhos estavam à procura de algo.

Ayumi os analisou:

— À primeira vista, parece que não estão acostumados a frequentar lugares deste tipo. A intenção deles é diversão, mas não conseguem puxar assunto com uma mulher. Possivelmente são casados e, de certa forma, se sentem culpados.

Aomame ficou surpresa com a precisão desse seu olhar. Como ela conseguira tirar todas essas informações enquanto conversavam? Não era à toa que vinha de uma família de policiais.

— Então, Aomame, você prefere o que tem menos cabelo, certo? Nesse caso, eu fico com o mais forte, está bem?

Aomame olhou novamente para trás. O formato da cabeça do mais calvo não era tão ruim. Estava a anos-luz de distância de Sean Connery, mas dava para encarar. Afinal, para quem suportara Queen e, ainda por cima, Abba, não podia se dar ao luxo de exigir muito.

— Por mim, tudo bem. Como vamos fazer para que eles nos convidem?

— Não podemos ficar aqui esperando tranquilamente o dia amanhecer. Nós é que vamos convidá-los: com um sorriso no rosto, de modo amistoso e com iniciativa — disse Ayumi.

— É sério?

— Claro que é. Deixe comigo, eu vou até lá conversar um pouco com eles. Fique aqui, está bem? — disse Ayumi. Em seguida,

virou o copo de Tom Collins e esfregou as palmas das mãos. Depois, pronta para agir, colocou a bolsa Gucci no ombro e sorriu. — Está na hora de praticar um pouco o uso do cassete.

O professor virou-se para Fukaeri e disse:

— Eri, por favor, você poderia trazer uma xícara de chá para nós?

A garota se levantou e deixou a sala, fechando a porta sem fazer barulho. Em silêncio, o professor aguardou Tengo, que estava sentado no sofá, recuperar o ritmo da respiração e seu estado voltar ao normal. Enquanto isso, o professor tirou os óculos de aro preto e, após limpar as lentes com um lenço que não parecia exatamente limpo, tornou a colocá-los. Pela janela, alguma coisa pequena e preta passou rapidamente cruzando o céu. Poderia ter sido um pássaro ou, quem sabe, a alma de alguém sendo levada para o fim do mundo.

— Desculpe-me — disse Tengo. — Já estou me sentindo melhor. Não foi nada, continue por favor...

O professor concordou balançando a cabeça e retomou a conversa:

— A comuna dissidente Akebono foi destruída em 1981, após o grave tiroteio. Isso foi há três anos. Esse incidente aconteceu quatro anos após Eri ter vindo para cá. Mas, a princípio, o assunto que estamos tratando não tem nada a ver com o problema da Akebono. Eri veio morar conosco quando tinha dez anos. Ao aparecer aqui no terraço de casa, sem avisar, estava totalmente diferente da Eri que eu conhecia. Apesar de ser uma menina quieta e dificilmente falar com estranhos, desde pequena ela fora apegada a mim e, por isso, sempre conversávamos. Mas, naquele dia, ela não conseguia falar com ninguém. Era como se tivesse perdido a fala. A única coisa que conseguia fazer, quando alguém lhe perguntava algo, era acenar sim ou não com a cabeça.

A fala do professor ficou mais rápida, a voz mais nítida, dando a impressão de que pretendia avançar na conversa antes de Fukaeri retornar.

— Não deve ter sido fácil para ela chegar até o topo dessa montanha. Apesar de ter um pouco de dinheiro e o endereço escrito num papel, não podemos nos esquecer de que ela vivia num ambiente

isolado e tinha dificuldades para se comunicar. Mesmo assim, com o endereço em mãos, conseguiu fazer as conexões de trem e depois chegar até o terraço desta casa.

“Assim que a vi, percebi que algo de muito ruim havia acontecido. Azami e a mulher que trabalha aqui passaram a cuidar dela. Após alguns dias, quando Eri parecia mais tranquila, telefonei a Sakigake para falar com Fukada. No entanto, me disseram que ele não estava em condições de atender. Quis saber se estava bem, mas nada disseram. Pedi, então, para falar com a esposa dele, mas, mesmo em relação a ela, disseram que não podia me atender. Enfim, não consegui falar com nenhum dos dois.”

— O senhor avisou que Eri estava em sua casa?

O professor balançou negativamente a cabeça:

— Não. Algo me dizia que era melhor não falar, a não ser diretamente com Fukada. É claro que, depois disso, tentei falar várias vezes com ele. Lancei mão de todos os meios possíveis, mas foi tudo em vão.

Tengo franziu as sobrancelhas:

— Quer dizer que o senhor nunca conseguiu falar com os pais dela nesses últimos sete anos?

O professor confirmou, balançando a cabeça:

— Sete anos sem nenhuma notícia...

— E, durante esse tempo todo, os pais da Eri nem sequer procuraram saber onde ela estava?

— Ah! Isso sim é muito estranho, pois sei o quanto os pais gostavam dela e a tratavam com carinho. Se ela precisasse procurar por alguém, esse alguém só poderia ser eu. Os pais dela tinham cortado os laços familiares e ela crescera sem conhecer os avós. O único lugar para onde poderia ir era esta casa. A orientação de seus pais era para ela me procurar caso acontecesse alguma coisa. Mesmo assim, nenhum dos dois entrou em contato comigo. É algo impensável.

Tengo indagou:

— O senhor disse que a comuna Sakigake era aberta ao público.

— Isso mesmo. Ao ser fundada, Sakigake era uma comuna aberta, mas, um pouco antes de Eri fugir, a comuna passou gradativamente a cortar relações com o mundo exterior. A primeira vez que notei isso foi quando as notícias de Fukada se tornaram menos frequentes. Ele sempre foi um homem que prezava manter correspondência e costumava me enviar extensas cartas não só contando os acontecimentos da comuna, como também o que sentia ou pensava sobre diversos assuntos. Mas, de repente, parou de escrever. Apesar de eu lhe enviar cartas, ele não as respondia. Quando eu telefonava, não transferiam a ligação e, mesmo quando

eventualmente a passavam, a conversa era sempre breve e limitada: o próprio Fukada falava de modo ríspido, como se alguém estivesse na escuta.

O professor juntou as mãos sobre o colo.

— Fui algumas vezes até Sakigake. Afinal, precisava conversar com Fukada sobre Eri e, como não conseguia falar com ele por telefone nem por carta, o único jeito era tentar encontrá-lo. Mas, chegando lá, fui impedido de entrar na comuna. Fui rudemente barrado na entrada. Retornei várias vezes e, mesmo assim, não me deram ouvidos. De uma hora para outra, toda a área da comuna estava cercada por muros altos, e aqueles que não pertenciam ao grupo eram expulsos na entrada.

“Quem estava de fora não tinha como saber o que se passava lá dentro. Esse tipo de política do silêncio seria compreensível se estivéssemos falando da comuna Akebono. Afinal, o objetivo deles era a revolução armada e, para isso, tinham muito o que esconder. Mas Sakigake sempre foi pacífica, voltada para a agricultura orgânica e, desde o início, mantinha uma relação amistosa com as pessoas de fora. Tinham inclusive a simpatia da população local. Mas, desde então, a comuna se transformou numa verdadeira fortaleza. As atitudes e a expressão nos rostos de seus moradores também mudaram de uma hora para outra. Assim como eu, os vizinhos também estavam perplexos com a mudança ocorrida em Sakigake. Diante disso, fiquei muito preocupado com a possibilidade de que algo grave tivesse acontecido com o casal Fukada. Porém, naquele momento, a única coisa que eu realmente podia fazer era acolher e cuidar de Eri com carinho. Assim se passaram sete anos. Sete anos sem nenhuma notícia.”

— O senhor não sabe nem se Fukada está vivo? — perguntou Tengo.

O professor meneou a cabeça.

— Isso mesmo. Não tenho nenhuma pista. Procuro, na medida do possível, não pensar em coisas ruins. Mas é muito estranho ficar sete anos sem dar notícias, a não ser que algo tenha ocorrido — disse em voz baixa. — Ele deve estar sendo mantido sob custódia, ou algo bem pior.

— Algo bem pior?

— O que estou tentando dizer é que não podemos deixar de esperar o pior. Sakigake não é mais aquela pacífica comuna agrícola de antes.

— Será que a comuna tomou um rumo perigoso?

— Acho que sim. Segundo os moradores, a quantidade de pessoas que entram e saem de Sakigake é bem maior do que antes, e muitos carros têm placas de Tóquio. É também frequente aparecerem

carros luxuosos, o que é raro no campo. O número de integrantes da comuna também teve um súbito aumento, assim como a quantidade de casas e instalações repletas de equipamentos. Eles passaram a comprar avidamente muitas terras nas redondezas com preços baixos e trazer muitos tratores, escavadeiras e betoneiras. Mantiveram os trabalhos agrícolas, uma vez que a atividade era uma importante fonte de renda. As verduras com a marca “Sakigake” eram cada vez mais conhecidas e, com o tempo, eles passaram a vender diretamente para os restaurantes que serviam pratos preparados com produtos naturais. Firmaram também contratos com supermercados de luxo. Possivelmente, os lucros também deviam ser grandes. Mas, simultaneamente, eles pareciam desenvolver *alguma outra coisa*. As vendas de produtos agrícolas não seriam suficientes para levantar o capital necessário para tamanha expansão. Independentemente do que a comuna Sakigake estivesse fazendo, os moradores locais desconfiavam de que todo esse segredo se devia a algo que não podia ser revelado publicamente.

— Eles estariam envolvidos de novo em alguma atividade política? — perguntou Tengo.

— Não deve ser uma atividade política — respondeu o professor, sem hesitar. — A comuna Sakigake girava em torno de um outro eixo que não o político. Tanto que decidiram se separar de Akebono.

— Mas algo deve ter acontecido por lá para que Eri tivesse de fugir.

— Alguma coisa aconteceu — disse o professor. — Algo muito significativo. Algo que fez com que ela tivesse de deixar seus pais e fugir sozinha. Mas, sobre isso, Eri não fala absolutamente nada.

— Será que ela não consegue se expressar direito por ter sofrido um choque ou por estar emocionalmente abalada?

— Não. Ela não parecia em choque, com medo ou insegura por estar sozinha e longe dos pais. Parecia apenas apática. Mesmo assim, conseguiu se adaptar muito bem aqui em casa. Ficamos impressionados com tamanha capacidade de adaptação.

O professor olhou para a porta da sala e, em seguida, tornou a fitar Tengo.

— Independentemente do que tenha acontecido com Eri, não quis forçá-la a falar. O que ela realmente precisava era de tempo. Por isso, não perguntei absolutamente nada e fingi que estava tudo bem, a despeito de ela continuar calada. Eri sempre ficava com Azami. Quando Azami voltava da escola, as duas almoçavam rapidamente e se enfurnavam no quarto. Não sei o que faziam, mas creio que entre elas havia uma espécie de diálogo. Por isso, deixei-as à vontade e nunca quis me intrometer. Conviver com ela não era difícil, desde que

se ignorasse o fato de ela não falar. É uma garota inteligente e muito obediente. Azami e ela se tornaram grandes amigas. O único porém é que, naquela época, Eri não podia frequentar a escola. Eu não podia enviar à escola uma criança que não falava.

— Até então o senhor morava apenas com Azami?

— Faz dez anos que minha esposa faleceu — disse o professor e, após uma pausa, continuou: — Vítima de um acidente de carro, morreu na hora. Ficamos apenas eu e Azami. Uma senhora de parentesco distante mora aqui perto e ela passou a cuidar da casa e das meninas. A perda da minha esposa foi terrivelmente dolorosa tanto para mim quanto para Azami. A morte dela foi tão repentina que não tivemos tempo de nos preparar. De qualquer forma, a chegada de Eri foi muito boa para nós. Mesmo não havendo diálogo, só o fato de ela estar aqui nos faz sentir uma inexplicável paz. No decorrer desses sete anos, Eri foi recuperando pouco a pouco a fala e, comparada à época em que chegou, sua capacidade de comunicação melhorou a olhos vistos. O jeito como ela fala deve soar estranho, não? Mas, para nós, esse progresso é simplesmente extraordinário.

— Hoje em dia a Eri frequenta alguma escola?

— Não. Não frequenta, mas está formalmente matriculada. Ela ainda não está em condições de acompanhar regularmente as aulas, por isso tanto eu quanto meus alunos que frequentam minha casa damos aulas particulares para ela nas horas vagas. As lições são, em geral, sobre assuntos diversos e, nesse sentido, não são muito convencionais. Como ela tem dificuldade de ler sozinha, sempre que possível fazemos a leitura em voz alta e, também, compramos livros narrados em fitas-cassete, fáceis de encontrar em qualquer loja. Isso é praticamente tudo o que proporcionamos em termos de educação. Mas ela é uma menina excepcionalmente inteligente. Quando decide assimilar algo, ela o faz rapidamente, de modo muito profundo e com extrema competência. Essa capacidade de assimilação é realmente brilhante. Mas, em contrapartida, quando algo não lhe interessa, ela nem se dá o trabalho de olhar. A diferença de atitude entre os extremos é enorme.

A porta da sala continuava fechada. Parecia que esquentar a água e preparar o chá levava muito tempo.

— Então foi a Eri que ditou a *Crisálida de ar* para Azami, é isso? — perguntou Tengo.

— Como eu estava dizendo, Eri e Azami se fecham no quarto durante a noite e eu nunca soube o que faziam. Era um segredo entre elas, mas, a partir de um certo dia, o assunto principal, ao que parece, passou a ser a história contada por Eri. Azami começou a escrever ou gravar a história numa fita-cassete para depois digitá-la com o processador de texto do meu gabinete. Foi a partir daí que Eri

recuperou gradativamente suas reações emocionais. O véu da indiferença foi desaparecendo e uma pequena parte das expressões faciais voltou a se esboçar em seu rosto, tornando-a mais parecida com a Eri de antes.

— Então ela está a caminho da recuperação?

— Não totalmente, mas em parte. Mas você tem razão. É possível que a recuperação de Eri tenha começado com a narração dessa história.

Tengo pensou um pouco sobre isso. Depois, mudou de assunto.

— A falta de notícias do casal Fukada foi comunicada à polícia?

— Ah, sim. Procurei a polícia local. Não falei nada sobre Eri, mas expliquei que tinha um amigo que morava lá e que eu não conseguia falar com ele havia muito tempo; que eu desconfiava de que ele poderia estar confinado. Mas, naquela época, a polícia também não podia fazer nada. A área de Sakigake era uma propriedade particular, e só poderiam entrar com alguma prova concreta de que ocorrera um crime. Insisti muito, mas não me deram ouvidos. Foi então que, a partir de 1979, a polícia ficou impossibilitada de entrar na comuna para fazer qualquer tipo de investigação.

O professor balançou a cabeça várias vezes, recordando aqueles tempos.

— Aconteceu alguma coisa em 1979? — perguntou Tengo.

— Naquele ano, Sakigake obteve autorização para se tornar um grupo religioso.

Tengo perdeu a fala por um tempo.

— Grupo religioso?

— Realmente, é inacreditável — respondeu o professor. — De uma hora para outra, a comuna Sakigake se tornou um grupo religioso devidamente oficializado pelo próprio governador da província de Yamanashi. Uma vez reconhecido como grupo religioso, a polícia ficou impossibilitada de entrar na propriedade para averiguá-la, porque o ato pode ser interpretado como uma espécie de violação à liberdade de crença, assegurada pela Constituição. Os advogados de Sakigake adotaram uma postura radical em defesa dessa lei. A polícia local estava de mãos atadas.

“Quando estive na polícia e me contaram que Sakigake tinha se tornado um grupo religioso, fiquei em estado de choque. No começo, custei a acreditar e, mesmo após verificar com meus próprios olhos as documentações, não foi fácil engolir os fatos. Conheço Fukada de longa data e sei muito bem como é o seu caráter, que tipo de pessoa ele é. Como antropólogo social, meu conhecimento sobre os assuntos relacionados com religião não é superficial; por outro lado, Fukada sempre foi um político nato, com argumentos embasados no

raciocínio lógico. Ele tinha aversão a qualquer coisa ligada a religião. Por mais que isso faça parte de uma estratégia, não consigo acreditar que ele aceitou transformar Sakigake num centro religioso.”

— E não deve ser fácil conseguir essa autorização.

— Nem sempre — disse o professor. — Certamente, há de se passar por algum tipo de triagem e outros tantos trâmites burocráticos que demandam um acompanhamento minucioso junto à Prefeitura, mas essas barreiras podem ser facilmente removidas com alguma influência política nos bastidores. A linha que separa a religião e o culto é muito tênue. Como não existe um conceito claro e preciso do que vem a ser um e outro, essa definição torna-se apenas uma questão de interpretação. E, como existe uma brecha para interpretações, sempre há margem para concessões e manipulações políticas. Uma vez que o grupo foi reconhecido como religioso, passou a ter incentivos fiscais e ampla proteção jurídica.

— Ou seja, Sakigake deixou de ser apenas uma comuna agrícola para se tornar um grupo religioso. Um grupo religioso extremamente fechado.

— Uma nova religião. Ou, dito de modo mais claro, um culto.

— Não dá pra entender. Deve ter acontecido alguma coisa muito grave para uma mudança tão drástica.

O professor olhou para o dorso de suas mãos, tomado de pelos grisalhos retorcidos.

— Você tem razão. Com certeza aconteceu algo muito grave para que ocorresse essa mudança. Eu também fiquei muito tempo pensando sobre isso. Aventurei inúmeras possibilidades, mas não cheguei a nenhuma conclusão. Afinal, o que aconteceu? Não temos como saber o que se passa lá dentro, por conta dessa postura radicalmente sigilosa. Só sei que, depois disso, nunca mais se ouviu falar de Fukada, que, até então, era o líder de Sakigake.

— E, três anos atrás, houve o tiroteio, e Akebono foi destruída — disse Tengo.

O professor assentiu.

— Sakigake, que, na prática, se separou de Akebono, sobreviveu e continua com suas atividades, só que agora como grupo religioso.

— Ou seja, o incidente armado não chegou a abalar Sakigake.

— Exatamente — disse o professor. — Pelo contrário, serviu de publicidade. Eles foram muito espertos. Usaram os fatos a seu favor. De qualquer modo, isso aconteceu depois de Eri ter fugido de Sakigake. E, como já te disse, acho que o incidente não tem nenhuma relação com Eri.

Tengo supôs que o professor queria mudar de assunto, e perguntou:

— O senhor já leu *Crisálida de ar*?

— Claro que sim.

— O que achou?

— É uma história muito interessante — respondeu o professor.
— Muito sugestiva. Mas, para ser sincero, eu não saberia dizer o que quer dizer. Não sei o que a cabra cega, o Povo Pequenino ou a crisálida de ar significam.

— O senhor acha que essa história surgiu de uma experiência concreta que ela viveu ou presenciou em Sakigake?

— Talvez. Mas acho difícil discernir a realidade da fantasia. A obra pode ser lida como uma espécie de mito, ou uma alegoria bem-elaborada.

— A Eri me disse que o Povo Pequenino *realmente existe*.

Ao ouvir isso, o professor esboçou uma expressão de preocupação. Um tempo depois, indagou:

— Você está querendo me dizer que a história em *Crisálida de ar* aconteceu *de fato*?

Tengo negou com a cabeça.

— O que estou tentando dizer é que um dos pontos fortes desse romance são os detalhes, descritos de maneira extremamente minuciosa e realista.

— E você pretende reescrever a história com suas palavras, de modo a deixar claro esse *algo* contido no contexto. É isso?

— Se tudo correr bem, é o que pretendo fazer.

— Minha área de especialização é a antropologia cultural — disse o professor. — Apesar de não atuar mais nesse campo, ele está impregnado em minha alma. Um dos objetivos dessa disciplina é comparar todas as imagens individuais para descobrir elementos universais compartilhados por todos e, novamente, trazer essa informação para o indivíduo. Com isso, as pessoas tomam consciência de seu pertencimento a algo maior, a despeito de suas vidas independentes. Você entende o que estou dizendo?

— Acho que sim.

— Ou seja, é o mesmo que você está tentando fazer.

Tengo abriu as mãos sobre os joelhos.

— Parece muito difícil.

— Mas acho que vale a pena tentar.

— Não sei se tenho capacidade para fazer isso.

O professor observou Tengo com um brilho especial nos olhos.

— O que eu gostaria de saber é se aconteceu alguma coisa com Eri em Sakigake. E, se possível, qual foi o destino dos Fukada. Durante sete anos tentei descobrir isso do meu jeito, mas não consegui obter nenhuma informação. Deparei com um muro alto e resistente, que não pude destruir. Pode ser que dentro da *Crisálida de ar* exista a chave

para desvendar o enigma. Por mínima que seja essa possibilidade, se ela existir, apostarei todas as minhas fichas. Não sou eu quem deve dizer se você está ou não capacitado para reescrevê-la, mas sei o quanto você considera a obra, e o quanto está realmente envolvido com ela. Isso, para mim, já é uma prova de que você está apto a reescrevê-la.

— Tem uma coisa que gostaria que respondesse claramente se sim ou não — disse Tengo. — Foi para lhe perguntar isso que estou aqui. O senhor me autoriza a reescrever a *Crisálida de ar*?

O professor balançou a cabeça afirmativamente e, em seguida, disse:

— Gostaria de ler a *Crisálida de ar* quando você terminar de reescrevê-la. Eri parece confiar muito em você. É a única pessoa em quem ela confia, além, é claro, de Azami e eu. Por isso, acho que você deve fazer. Confiarei a obra a você. Ou seja, a minha resposta é sim.

Uma vez que a conversa cessou, o silêncio assentou-se pesadamente na sala, parecendo cumprir uma função predeterminada. Foi então que Eri apareceu trazendo o chá, como se calculasse o tempo exato de a conversa terminar.

Tengo voltou sozinho. Fukaeri havia saído para passear com o cachorro. Ele verificou o horário de partida do trem e pediu para chamar um táxi para levá-lo até a estação Futamatao. Em Tachikawa fez a baldeação para a linha Chûtô.

Na estação Mitaka, mãe e filha se sentaram em frente a Tengo. As duas estavam bem-vestidas, apesar de certamente não usarem peças caras e tampouco novas; mas as roupas eram asseadas e bem-cuidadas. As peças brancas estavam impecavelmente alvas e muito bem-passadas. A menina devia estar na segunda ou terceira série do curso primário. Tinha uns olhos grandes e o rosto bonito. A mãe era magra, tinha os cabelos presos atrás, usava óculos de aro preto e carregava uma sacola de pano grosso desbotado. A sacola estava cheia, repleta de coisas. Ela também tinha um rosto bonito, mas as marcas de fadiga nas extremidades de seus olhos faziam com que aparentasse ser mais velha do que provavelmente era. Apesar de estarem em meados de abril, ela carregava uma sombrinha que, de tão bem-enrolada, mais parecia um bastão ressecado.

As duas ficaram sentadas sem dizer nada durante todo o trajeto. A mãe parecia planejar algo mentalmente e a menina, sem ter o que fazer, olhava para os sapatos, o piso, o anúncio que pendia do teto ou olhava para Tengo, sentado a sua frente. O corpo grande e as orelhas amassadas de Tengo pareciam ter chamado sua atenção. As crianças pequenas costumavam fitá-lo desse mesmo jeito: como se

olhassem um animal esquisito, porém inofensivo. A menina praticamente não mexia o corpo nem a cabeça, mas, em compensação, seus olhos não paravam quietos, mirando avidamente tudo que havia ao redor.

Mãe e filha desceram na estação Ogikubo. Quando o trem começou a reduzir a velocidade, a mãe, com a sombrinha na mão esquerda e a sacola na direita, levantou-se sem dizer nada. A filha tratou de fazer o mesmo: levantou-se rapidamente e, seguindo a mãe, desceu do vagão. Quando a menina se levantou, ela deu uma rápida olhada em Tengo. Nesse olhar havia um brilho estranho, como se pedisse ou se queixasse de algo. Era um brilho tênue, mas suficiente para que ele percebesse que aquela menina lhe enviava um sinal — aquele olhar o fez sentir isso. Mesmo que fosse verdade, que o sinal fosse para ele, não podia fazer nada. Ele não sabia quais eram as circunstâncias, e tampouco tinha o direito de se intrometer. A menina desceu com a mãe na estação Ogikubo, a porta se fechou e Tengo continuou sentado até a próxima estação. No local em que a menina estivera, três estudantes que pareciam voltar de um simulado para o vestibular se sentaram e começaram a conversar animadamente em voz alta. Mesmo assim, a imagem daquela menina quieta continuou a pairar um bom tempo naquele lugar.

Seus olhos fizeram Tengo se lembrar de uma outra menina. Uma que estudara com ele durante dois anos, na terceira e quarta séries do primário. Ela tinha o mesmo olhar da menina do trem. E também costumava olhar para Tengo daquela maneira. E...

Os pais da garota eram Testemunhas de Jeová: uma ramificação do cristianismo que pregava o fim do mundo, fervorosos no cumprimento do trabalho missionário e que seguiam ao pé da letra tudo o que estava escrito na Bíblia. Não podiam fazer transfusão de sangue, por exemplo. Por isso, se a pessoa sofresse um acidente de carro e estivesse em estado grave, as chances de sobreviver seriam muito menores. Submeter-se a uma cirurgia grande também estava fora de cogitação. Em compensação, quando chegar o fim do mundo, eles serão salvos e, como eleitos de Deus, passarão a viver no Reino de Cristo na Terra por mil anos.

Essa menina também tinha os olhos grandes e bonitos como os da garota no trem. Eram olhos que chamavam a atenção. O rosto também era bonito, mas a impressão que se tinha era de que uma membrana fina e opaca cobria-lhe o rosto, como se apagasse sua existência. A não ser em casos estritamente necessários, jamais falava na frente de alguém. Nunca expressava no rosto seus sentimentos. Seus lábios estavam sempre cerrados, formando uma linha reta.

A primeira vez que Tengo reparou nela foi num fim de semana, quando a viu acompanhando sua mãe no trabalho de evangelização. Nas famílias de Testemunhas de Jeová, as crianças acompanham os pais em sua pregação assim que começam a andar. A partir dos três anos, a criança passa a acompanhar principalmente a mãe, de casa em casa, distribuindo uma revista chamada *Sentinela* e divulgando os ensinamentos das Testemunhas de Jeová. Sua mãe explicava com uma linguagem simples os inúmeros acontecimentos do mundo atual que sinalizavam o fim do mundo. Os seguidores chamavam seu Deus de “Okatasama”, ou seja, “Jeová”. Na maioria das casas visitadas, eram enxotados assim que apareciam. As pessoas fechavam a porta na cara deles. Muitos achavam que a doutrina era por demais intolerante, unilateral e distante da realidade — ou, no mínimo, distante da realidade que consideravam ser a verdadeira. Mas, ainda que raramente, sempre aparecia alguém disposto a escutá-los. Sempre existem pessoas que buscam alguém para conversar, não importa o assunto. E, nessa minoria, ainda que muito mais raramente, existe pelo menos um que passa a frequentar as reuniões do grupo. É em busca desse um em um milhão que continuam tocando as campainhas de casa em casa. Essa constante dedicação de fazer com que as pessoas — ainda que poucas — despertem para a Verdade é que legitima o cumprimento de uma missão divina a eles atribuída. Quanto mais difícil o dever a ser cumprido ou maior o objetivo a ser almejado, mais gloriosa será a recompensa.

A menina andava com a mãe nessa missão de evangelização. A mãe carregava numa das mãos uma sacola de pano cheia de exemplares da *Sentinela* e, na outra, geralmente uma sombrinha. A uns passos atrás, a menina a seguia sempre com os lábios cerrados e o rosto inexpressivo. Tengo passou por ela algumas vezes andando na rua quando fazia a rota de cobrança das taxas da NHK com seu pai. Ele a reconhecia e ela também. E toda vez que isso acontecia, Tengo tinha a impressão de ver um brilho furtivo em seus olhos. Mas eles nada diziam. Nem sequer se cumprimentavam. O pai de Tengo estava ocupado em melhorar sua classificação entre os cobradores da empresa, e a mãe dela em explicar quão perto estava o fim do mundo. Somente aos domingos as duas crianças se entreolhavam rapidamente enquanto caminhavam apressadas, puxadas pelos pais.

Todos os colegas de classe sabiam que ela era Testemunha de Jeová. Por motivos religiosos, ela não participava das festividades de Natal nem das excursões a santuários xintoístas e templos budistas. Não participava também das gincanas esportivas nem cantava os hinos da escola e da pátria. Esse tipo de conduta, que, no mínimo, poderia ser exagerada, deixava-a completamente isolada do resto da classe. Na hora do almoço, antes de se servir, ela precisava recitar uma oração

especial. E a oração tinha de ser dita em voz alta, de modo bem claro para que todos pudessem ouvi-la. As crianças ao redor ficavam assustadas e, com certeza, a menina não devia gostar de rezar na frente de todos. Mas, de tanto martelarem na cabeça dela que era preciso rezar antes das refeições, ela não podia simplesmente deixar de fazê-lo porque não havia outros devotos. E sabia que Okatasama estava no Céu e que Ele tudo via, sem deixar escapar nada.

Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome; venha a nós o Vosso Reino. Perdoai as nossas ofensas. Conceda-nos a Vossa bênção em nossa humilde caminhada. Amém.

A memória é uma coisa muito estranha. Tengo ainda era capaz de lembrar essa prece de vinte anos atrás. *Venha a nós o Vosso Reino.* No primário, toda vez que ele a escutava, tentava imaginar como seria esse reino; e se nele existia a NHK. Lógico que não. Se não tinha a NHK, não tinha cobradores. Sendo assim, Tengo achava que o melhor seria que esse reino chegasse logo.

Tengo nunca conversou com ela. Apesar de estudarem na mesma classe, ele nunca teve a oportunidade. A menina costumava ficar sozinha, distante dos outros, e só falava o estritamente necessário. Ninguém a procurava para conversar. Mas, no fundo, Tengo tinha simpatia por ela. Em parte, porque tinham algo em comum: aos domingos, eram forçados a acompanhar os pais tocando as campainhas de casa em casa. Apesar das diferenças entre a evangelização e o trabalho de cobrador, Tengo sabia muito bem quão profundo era o sofrimento de uma criança obrigada a acompanhar os pais nesse tipo de atividade. Domingo é o dia de as crianças brincarem à vontade com outras crianças. Não é para ficarem por aí ameaçando as pessoas a pagar taxas ou propagando a trágica chegada do fim do mundo. Esse tipo de coisa — se fosse realmente necessário — deveria ser feito somente por adultos.

Uma única vez, Tengo ajudou a menina por conta de um pequeno incidente. Foi no outono, na quarta série. No laboratório de ciências, ela foi duramente criticada pelo grupo de colegas que compartilhavam a mesa de experiências, pois havia errado no procedimento. Tengo não se lembrava mais do erro que ela cometera. Naquele dia, um dos meninos começou a debochar dela por ser Testemunha de Jeová e ter de ficar batendo de porta em porta distribuindo livretos idiotas. Começou a chamá-la de Okatasama. Foi algo inusitado, pois a turma, em vez de rir dela ou maltratá-la, normalmente agia como se ela fosse

uma coisa *inexistente*, ignorando-a por completo. No entanto, na aula de ciências, em que o trabalho é realizado em grupo, não se podia excluí-la. E, naquele dia, as palavras desferidas pelo menino foram realmente venenosas. Apesar de Tengo estar sentado na mesa ao lado, não conseguiu ignorar esse abuso. Ele não sabia o motivo, mas não conseguiu deixar a coisa passar.

Tengo foi até a outra mesa e pediu que a menina fosse para o grupo dele. Disse isso sem pensar muito, sem hesitar; foi uma atitude instintiva. Em seguida, explicou detalhadamente os pontos essenciais da experiência. A menina ouviu atentamente, entendeu e não errou mais. Apesar de estudarem juntos havia dois anos, essa foi a primeira vez (e a última) em que se falaram. Tengo tinha boas notas, era grande e forte. Todos o respeitavam. Por isso, ninguém ousou debochar de Tengo por ter protegido a menina — pelo menos não naquele momento. Mas, apesar de ninguém o dizer, o fato de ele ter protegido a Okatasama parecia ter diminuído sua reputação perante a classe. Era como se a turma achasse que Tengo estava contaminado só porque a defendera.

Tengo não dava a mínima. Ele sabia muito bem que ela era uma garota comum. Se os pais dela não fossem Testemunhas de Jeová, certamente teria uma vida normal, como qualquer outra garota, e seria aceita por todos. Com certeza, teria bons amigos. Mas só pelo fato de seus pais serem Testemunhas de Jeová, todos na escola a tratavam como se ela fosse invisível. Ninguém queria falar com ela. E nem sequer a olhavam. Para Tengo, isso tudo era muito injusto.

Depois daquele episódio, Tengo e a menina nunca mais se falaram. Não havia necessidade nem tiveram oportunidade para isso. No entanto, quando, sem querer, seus olhos se encontravam, o rosto dela parecia esboçar uma pequena tensão que a deixava levemente ruborizada. Tengo percebia isso. Ela podia estar chateada com sua ajuda no laboratório de ciências. Poderia estar brava, achando que teria sido melhor ele não ter feito nada, deixando-a em paz. Tengo não sabia exatamente o que pensar. Ele ainda era criança e não sabia interpretar, na expressão facial do outro, as sutilezas do coração.

Certo dia, a menina segurou a mão de Tengo. Era uma tarde ensolarada de início de dezembro. Da janela, dava para ver o céu alto com faixas de nuvens brancas. Naquele dia, após o término das aulas, os dois estavam sozinhos e tinham acabado de terminar a limpeza da sala. Não havia mais ninguém. A menina, decidida, atravessou rapidamente a sala e se postou ao seu lado. Sem hesitar, pegou sua mão e, sem dizer nada, ergueu a cabeça para fitá-lo (Tengo tinha uns dez centímetros a mais que ela). Tengo a olhou de volta, surpreso. Ela manteve seu olhar. Foi então que ele descobriu uma profundidade translúcida em suas pupilas que jamais tinha visto na vida. A menina

ficou um bom tempo segurando sua mão, quieta. Segurava-a firme, sem soltá-la por um segundo sequer. Um tempo depois, ela a soltou, deu uma rápida meia-volta, girando a barra da saia, e saiu correndo.

Tengo ficou mudo, petrificado, sem entender nada. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi a sorte que teve de ninguém tê-lo visto. Não conseguia imaginar o alvoroço que isso poderia provocar, caso alguém tivesse presenciado a cena. Ele olhou ao redor e ficou aliviado. Logo depois, sentiu-se muito abalado.

A mãe e a filha que sentaram na frente de Tengo da estação Mitaka até Ogikubo podiam ser Testemunhas de Jeová. Podiam estar em atividade missionária, como sempre faziam aos domingos. Naquela sacola de pano estariam carregando exemplares da *Sentinela*. Ao ver a mãe segurando a sombrinha e perceber aquele brilho tênue nos olhos da menina, ele se lembrou daquela menina quieta que estudara na mesma classe que ele.

Não. Elas não eram Testemunhas de Jeová, eram apenas mãe e filha normais, a caminho de alguma aula. Dentro da sacola havia partituras de música, material para caligrafia, algo assim. Tengo achou que estava muito suscetível. Fechou os olhos e soltou o ar lentamente. Aos domingos, o tempo flui de modo estranho, e a paisagem se distorce de forma misteriosa.

Ao voltar para casa, preparou alguma coisa simples e jantou. Foi quando se deu conta de que não tinha almoçado. Após o jantar, pensou em telefonar para Komatsu. Com certeza, ele estaria ansioso para saber do encontro. Mas, por ser domingo, não estaria no trabalho. Tengo não tinha seu número residencial. “Deixa pra lá, se ele realmente quiser saber como foi, vai ligar”, pensou.

Os ponteiros do relógio indicavam que já eram dez da noite e, quando Tengo se preparava para dormir, o telefone tocou. Logo pensou que era Komatsu. Ao atender, ouviu a voz de sua namorada casada.

— Oi! Não vou poder ficar muito, mas será que depois de amanhã posso dar um pulinho aí? — ela perguntou.

Ao fundo, dava para ouvir um leve som de piano. O marido provavelmente ainda não tinha voltado. Tengo respondeu que sim. Se ela aparecesse, teria de interromper por um tempo a revisão de *Crisálida de ar*. No entanto, ao ouvir sua voz, sentiu o quanto realmente necessitava de seu corpo. Após desligar, foi para a cozinha, colocou no copo uma dose de Wild Turkey e, em pé, ali mesmo, de frente para a pia, tomou-o num só gole. Em seguida, deitou-se na

cama, leu algumas páginas de um livro e dormiu.

Assim terminou o longo e estranho domingo de Tengo.

Ao despertar, percebeu como a ressaca era forte. Normalmente, Aomame não ficava assim. Podia beber à vontade que, na manhã seguinte, acordava lúcida e com disposição para as tarefas do dia. Era algo de que se orgulhava. Mas, justamente naquele dia, não entendia o porquê das pontadas nas têmporas e de sentir uma bruma a turvar sua consciência. Era como se um anel de ferro envolvesse sua cabeça, comprimindo-a contínua e impiedosamente. Os ponteiros do relógio passavam das dez. A luz do final da manhã provocava-lhe doloridas alfinetadas no fundo dos olhos, e o ronco das motos passando em frente a sua casa reverberava no quarto como máquinas de tortura.

Apesar de estar deitada totalmente nua na cama, não conseguia se lembrar de como voltara para casa. As roupas que vestia na noite passada estavam espalhadas pelo chão, jogadas de qualquer jeito. Da forma como jaziam, fora provavelmente ela quem as arrancara e as atirara ao chão. A bolsa estava sobre a mesa. Aomame foi para a cozinha pulando as roupas e bebeu seguidamente vários copos de água da torneira. Depois, foi ao banheiro lavar o rosto com água fria e, nua, parou em frente a um espelho. Observou atentamente todas as partes do corpo e, ao constatar que não havia nenhum machucado, respirou aliviada: “Que bom”, pensou. Mesmo assim, da cintura para baixo, restava aquela típica sensação da manhã seguinte a uma intensa noite de sexo: uma agradável languidez ao sentir que seu corpo fora todo remexido por dentro. Então sentiu também um leve desconforto no ânus. “Mas que coisa!”, pensou, apertando as têmporas com as pontas dos dedos. “Até isso aqueles caras fizeram...” Infelizmente, ela não se lembrava de nada.

Com a consciência envolta em brumas, tomou uma ducha quente com uma das mãos apoiada na parede. Lavou o corpo com sabonete, esfregando-o com força para apagar as lembranças — ou essa coisa inominável que a elas se assemelhava — da noite anterior. Lavou com especial esmero a vagina e o ânus. Lavou também os cabelos. E, suportando o cheiro enjoativo da pasta mentolada, escovou os dentes para tirar o denso mau hálito. Depois, recolheu as peças

íntimas e a meia-calça espalhadas pelo quarto e, olhando de soslaio o cesto de roupas, jogou-as dentro de qualquer jeito.

Verificou o conteúdo da bolsa sobre a mesa. A carteira estava dentro. O cartão de crédito e o cartão do banco também. O dinheiro praticamente não tinha diminuído. O que ela gastara na noite anterior teria sido apenas o valor do táxi da volta. A única coisa que faltava eram os preservativos que sempre carregava por precaução. Ao contar, verificou que faltavam quatro. Quatro? Dentro da carteira encontrou uma folhinha dobrada ao meio com um número de telefone na cidade. Mas ela não tinha nenhuma ideia de quem poderia ser.

Deitou-se novamente na cama e tentou resgatar ao máximo os acontecimentos da noite anterior. Ayumi fora até a mesa em que os homens estavam, conversara amigavelmente com eles, os quatro começaram a beber e o clima ficou animado. Depois, fizeram o previsível. Ocuparam dois quartos num hotel das proximidades. Conforme o combinado, Aomame fez sexo com o homem de cabelos ralos e Ayumi ficou com o jovem de compleição grande. O sexo até que não foi ruim. Ela e seu par tomaram banho de ofurô e fizeram um longo e caprichado sexo oral. Antes da penetração, não descuidaram da camisinha.

Cerca de uma hora depois, o telefone tocou. Era Ayumi, perguntando se podiam ir até o seu quarto para beberem juntos. Aomame concordou. Um pouco depois, Ayumi e o seu acompanhante chegaram. Pediram uma garrafa de uísque e um balde de gelo ao serviço de quarto e os quatro começaram a beber.

Aomame não conseguia se lembrar do que acontecera depois. Ao que tudo indicava, depois que os quatro se juntaram ela deve ter ficado bêbada rapidamente. Teria sido por conta do uísque — Aomame não costumava tomá-lo — ou será que, diferente das outras vezes em que ficava sozinha com um homem, dessa vez ela teria baixado a guarda por estar com uma parceira? Tinha uma vaga lembrança de que trocaram de pares e, novamente, transaram. Ela ficou com o rapaz na cama e Ayumi com o homem calvo no sofá. Parece que tinha sido isso. E depois... Depois, tudo estava envolto numa densa névoa. Não conseguia se lembrar de nada. Tudo bem. O jeito era esquecer — o que quer que fosse —, nem ao menos tentar se lembrar. O mais importante na história é que ela tinha feito muito sexo, e pra valer. E que, provavelmente, nunca mais veria aqueles caras de novo.

Mas será que da segunda vez também usara camisinha? Era uma dúvida que a perseguia. Não podia se dar ao luxo de engravidar ou pegar uma doença venérea por conta de um deslize daqueles. Mas não havia de ser nada. Por mais que estivesse embriagada ou com a mente confusa, pelo menos isso ela não poderia ter deixado passar.

“Será que hoje eu tinha algum compromisso de trabalho? De trabalho, não. Hoje é sábado, dia em que não costumo trabalhar. Não. Espera um pouco. Hoje fiquei de ir às três horas fazer uma sessão de musculação com a senhora da Mansão dos Salgueiros em Azabu”, pensou Aomame. Dias antes, Tamaru entrara em contato pedindo para mudar o compromisso da sexta para o sábado, dizendo que a velha senhora precisava ir ao hospital fazer exames. Aomame tinha se esquecido totalmente disso. Mas ainda faltavam quatro horas e meia. Com certeza até lá a dor de cabeça deveria passar e sua mente ficaria mais desanuviada.

Preparou um café forte e se forçou a tomar vários goles para preencher o estômago. Depois vestiu o roupão de banho e, deitada na cama, passou praticamente a manhã olhando o teto, sem ânimo para se mover. Apesar de não ver nada de interessante ali, não tinha do que reclamar. Afinal, o teto não estava lá para divertir as pessoas. O relógio marcava meio-dia, mas ela estava sem apetite. Os motores dos carros e das motos continuavam a reverberar estrepitantes em sua cabeça. Era a primeira vez que tinha uma ressaca assim.

Apesar disso, o sexo parecia ter sido muito benéfico para seu corpo. Ser abraçada por um homem, deixar o seu corpo nu ser contemplado, tocado, lambido, mordido; sentir o pênis penetrá-la, fazendo-a gozar inúmeras vezes, eliminou aquela incômoda *tensão* que sentia. Era horrível estar de ressaca, mas isso era plenamente compensado pela total sensação de alívio.

“Mas até quando faria isso?”, pensou Aomame. Afinal, até quando ela *conseguiria continuar* a fazer isso? Logo completaria trinta anos. E, num piscar de olhos, os quarenta estariam logo ali.

Achou melhor não pensar nisso. Faria isso em uma outra ocasião, com mais calma. Por enquanto, o assunto não era urgente. Para pensar seriamente nisso, ela...

Foi então que o telefone tocou. Aos ouvidos de Aomame, a campainha soou como um ruído ensurdecedor. Era como se estivesse dentro de um trem expresso na saída de um túnel. Levantou cambaleante da cama e pegou o fone. O relógio grande na parede marcava meio-dia e meia.

— Aomame? — perguntou uma voz de mulher meio rouca. Era Ayumi.

— É ela — respondeu Aomame.

— Tudo bem? Pela sua voz, parece que você acabou de ser atropelada por um ônibus.

— Acho que foi quase isso.

— Está de ressaca?

— Pois é. E das bravas — disse Aomame. — Como é que você descobriu o meu telefone?

— Você não se lembra? Foi você mesma que me deu por escrito dizendo que, em breve, poderíamos nos encontrar de novo. Se não me engano, acho que meu telefone deve estar na sua carteira.

— Ah! Então é isso. Não consigo me lembrar de nada.

— Hum. Bem que desconfiei. E foi por isso que te liguei. Fiquei preocupada — disse Ayumi. — Queria ter certeza de que voltou pra casa, apesar de eu ter te colocado num táxi em um cruzamento de Roppongi e ter indicado o endereço.

Aomame suspirou.

— Não consigo me lembrar, mas, pelo visto, consegui chegar. Quando acordei, estava na cama.

— Que bom!

— O que você está fazendo?

— Trabalhando — respondeu Ayumi. — Estou num minicarro-patrolha aplicando multas desde as dez. Agora dei uma parada para descansar um pouco.

— Puxa, que máximo — disse Aomame, admirada.

— Mas realmente faltou dormir um pouco mais. Mas quer saber? Ontem à noite foi muito legal. Foi a primeira vez que me diverti assim. Graças a você.

Aomame apertou a têmpora com o dedo.

— Para ser sincera, não me lembro bem o que aconteceu do meio em diante. Ou seja, do que aconteceu depois que vocês vieram para o nosso quarto.

— Ah, que pena! — disse Ayumi com a voz séria. — Depois de ficarmos todos juntos é que foi demais. Nós quatro fizemos tantas coisas que nem dá pra acreditar. Foi como num filme pornô. Eu e você, peladas, fingindo que éramos lésbicas. E ainda...

Aomame interrompeu rapidamente a conversa.

— Tudo bem, sem problemas; mas será que eles usaram camisinha? Estou preocupada, não consigo me lembrar...

— Claro que usaram. Não se preocupe. Fiquei o tempo todo atenta a isso. Saiba que, além de aplicar multas, visito as escolas secundárias do distrito, reúno as alunas no auditório e, entre outras coisas, ensino detalhadamente a maneira correta de colocar a camisinha.

— Ensina a usar camisinha? — perguntou Aomame, surpresa.
— Mas por que cargas-d'água uma policial precisa fazer isso?

— A princípio, o objetivo das visitas é alertar as garotas sobre os riscos de abusos sexuais, sobre como elas devem agir contra os agressores, e como evitar que sejam vítimas de violência sexual. Mas eu aproveito a oportunidade para dar o meu recado: digo a elas que, se forem transar, já que isso acontece, é preciso se cuidar para não correr o risco de engravidar ou pegar uma doença venérea. É claro

que, na frente dos professores, não falo disso tão abertamente. Por isso, usar camisinha já faz parte de meu instinto profissional. Por mais que eu tenha bebido, nunca me descuido. Pode ficar tranquila. Você está totalmente limpa. O meu lema é: sem camisinha, sem penetração.

— Muito obrigada. Isso me deixa mais tranquila.

— Você não quer saber os detalhes do que fizemos ontem à noite?

— Vamos deixar pra outro dia — disse Aomame, soltando o ar denso acumulado nos pulmões. — Da próxima vez você me conta, está bem? Agora parece que minha cabeça vai rachar ao meio.

— Entendi. Da próxima vez te conto — disse Ayumi, bem-humorada. — Aomame, desde que acordei hoje de manhã estive pensando... você não acha que formamos uma bela dupla? Será que posso te ligar de novo? Quero dizer, posso te ligar quando tiver vontade de fazer aquilo de ontem?

— Pode sim — respondeu Aomame.

— Legal.

— Obrigada por ligar.

— Cuide-se — disse Ayumi, e desligou o telefone.

Às duas da tarde, graças ao café forte e à soneca, sua cabeça havia se desanuviado. A dor de cabeça também tinha passado. Sentia apenas uma leve moleza no corpo. Aomame saiu de casa com sua bolsa de ginástica. Naturalmente, sem o picador de gelo especial. Levava somente uma muda de roupa e uma toalha. Como sempre, Tamaru a recebeu no terraço.

Aomame foi conduzida ao estreito e comprido solário. As amplas janelas de vidro voltadas para o jardim estavam abertas, mas todas tinham cortinas de renda para evitar a visão de quem estava do lado de fora. Nos peitoris havia uma fileira de plantas com belas folhagens. Dos pequenos alto-falantes do teto ouvia-se uma serena música barroca: uma sonata para flauta doce e cravo. No centro da sala havia uma mesa para massagens e, sobre ela, a velha senhora, com um robe branco, aguardava-a de braços.

Assim que Tamaru se retirou da sala, Aomame trocou de roupa, colocando as que costumava usar para se exercitar. Deitada na cama e com a cabeça voltada para Aomame, a velha senhora a observava. Aomame não se importava em ser vista nua por alguém do mesmo sexo. Para quem é atleta, era a coisa mais natural do mundo, sem contar que a velha senhora também costumava ficar praticamente nua na hora da massagem, para que Aomame verificasse seu condicionamento muscular. Aomame tirou a blusa e o calção de algodão e vestiu um conjunto de duas peças em jérsei. Em seguida,

dobrou as roupas e as acomodou num canto da sala.

— Você tem o corpo tão rígido e bem-delineado — disse a velha senhora, para em seguida se levantar, tirar o robe e ficar apenas com um conjunto de duas peças de seda.

— Muito obrigada — respondeu Aomame.

— Antigamente, eu tinha um corpo como o seu.

— Acredito que sim — disse Aomame. Ela realmente achava isso. Mesmo hoje, com mais de setenta anos, seu corpo ainda tinha vestígios nítidos da juventude. Não perdera a linha da silhueta e os seios mantinham-se relativamente firmes. A alimentação comedida e os exercícios diários preservaram sua beleza natural. Uma beleza que Aomame achava que também era preservada graças a pequenas cirurgias plásticas que, de tempos em tempos, amenizavam algumas rugas, e um pouco de lifting para os contornos dos olhos e lábios. — Seu corpo ainda hoje é muito bonito — disse Aomame.

A velha senhora contorceu levemente os lábios.

— Obrigada. Mas não se compara com o de antes.

Aomame não disse nada.

— Aquele corpo me deu muito prazer e também proporcionou muito prazer ao meu companheiro. Você entende o que estou dizendo, não entende?

— Entendo.

— E você? Tem prazer com o seu corpo?

— De vez em quando — respondeu Aomame.

— De vez em quando é pouco — disse a velha senhora deitada de bruços. — O prazer é algo que, quando se é jovem, deve se ter, e muito. Até a mais completa satisfação. Quando estiver velha e não puder mais senti-lo, serão essas lembranças que aquecerão seu corpo.

Aomame se lembrou da noite anterior. Ela ainda sentia um leve resquício da penetração anal. Será mesmo que aquele tipo de lembrança conseguiria aquecer-lhe o corpo quando estivesse velha?

Colocou as mãos no corpo da senhora e, compenetrada, iniciou a sessão de alongamento. Agora já não sentia mais aquela sensação de moleza. Ao colocar o conjunto de jérsei e tocar a velha senhora, seus sentidos estavam novamente apurados.

Com a ponta dos dedos, verificou os músculos da velha senhora como num mapa. Aomame registrava detalhadamente cada músculo retesado, e sua reação ao toque, como uma pianista memorizando uma extensa partitura. Aomame tinha um poder inerente de minuciosa memorização. Se porventura esquecesse algum detalhe, seus dedos fariam com que recordasse. Se pelo toque ela percebesse que algum músculo estava um pouco fora do normal, ela o estimulava com massagens feitas de vários ângulos, com graus diferentes de intensidade, e aproveitava para verificar o tipo de reação

que isso provocava: dor, alívio ou indiferença. Quando algum estava tenso, Aomame não se limitava apenas a deixá-lo relaxado, mas também ensinava a velha senhora a fazer, ela própria, exercícios musculares. Logicamente, havia regiões em que, sozinha, a velha senhora dificilmente conseguiria aliviar a tensão. Ali, Aomame orientava cuidadosamente alguns exercícios de alongamento, pois o que os músculos realmente mais apreciavam e acolhiam era o esforço diário da própria pessoa.

— Dói aqui? — perguntou Aomame. Os músculos da parte superior das coxas estavam muito mais retesados que de costume. Terrivelmente enrijecidos. Aomame apoiou a mão no intervalo e flexionou um pouco a coxa num determinado ângulo.

— Muito — disse a velha senhora, contorcendo o rosto.

— Muito bem. Sentir dor é um bom sinal. O pior seria deixar de senti-la. Vai doer mais um pouco, consegue aguentar?

— É claro que sim — respondeu a velha senhora. Na verdade, era desnecessário perguntar esse tipo de coisa. A velha senhora era muito perseverante e geralmente era capaz de aguentar tudo sem soltar um gemido. Seu rosto se contorcia, mas ela jamais gritava. Aomame presenciou várias vezes homens grandes e fortes inadvertidamente gritarem de dor durante a massagem. Era por isso que sempre admirara a força de vontade dessa velha senhora.

Aomame apoiou o cotovelo direito, mantendo-o fixo como uma alavanca, e flexionou ainda mais a coxa da velha senhora. Ouviu-se um barulho brusco e seco, e a articulação se moveu. A velha senhora ofegou de dor, mas sem emitir sons.

— Com isso, vai ficar bem — disse Aomame. — Vai se sentir mais aliviada.

A velha senhora expirou aliviada. Gotas de suor brilhavam em sua testa.

— Obrigada — disse em voz baixa.

Durante exatamente uma hora, Aomame massageou todo o corpo da velha senhora de modo a estimular e alongar os músculos e relaxar as articulações. Isso normalmente era acompanhado de muita dor. Não se obtinham resultados sem sofrimento. Aomame sabia disso, e a velha senhora também. Durante essa hora, as duas praticamente não abriram a boca. Em algum momento a sonata terminou e o toca-discos manteve-se quieto. A não ser pelo canto dos pássaros que visitavam o jardim, nada mais podia se ouvir.

— Sinto o meu corpo bem mais leve — disse a velha senhora um pouco depois. Ela estava de bruços, exausta. A toalha grande que cobria a mesa de massagem estava escura, molhada de suor.

— Que bom! — disse Aomame.

— É ótimo poder contar com você. Se você algum dia não

puder mais vir, com certeza ficarei triste.

— Não se preocupe. No momento, não tenho nenhuma intenção de deixá-la.

A velha senhora pareceu um pouco confusa e, após uma breve pausa, perguntou:

— Perdoe-me a intromissão num assunto que não me diz respeito, mas você gosta de alguém?

— Eu gosto de uma pessoa — respondeu Aomame.

— Isso é muito bom.

— Mas, infelizmente, ela não gosta de mim.

— Sei que é uma pergunta um tanto estranha — disse a senhora —, mas por que essa pessoa não gosta de você? Objetivamente falando, você é uma mulher jovem e atraente.

— É porque essa pessoa não sabe que existo.

Durante um bom tempo, a velha senhora ficou em silêncio, refletindo sobre o que acabara de ouvir.

— Você não tem vontade de deixar essa pessoa saber de sua existência?

— No momento, não — respondeu Aomame.

— Há alguma razão para isso? Algo que a impeça de se aproximar dela?

— Existem várias razões, mas muitas são de problemas emocionais meus.

A velha senhora olhou para Aomame com uma expressão de admiração.

— Já conheci muitas pessoas excêntricas, e creio que você seja uma delas.

Aomame entreabriu levemente os lábios.

— Eu não tenho nada de especialmente diferente. Apenas tento ser sincera com os meus sentimentos.

— Uma vez que você define uma regra, segue-a firmemente.

— É isso.

— É um tanto teimosa e irascível.

— Em parte, sim.

— Mas ontem à noite caiu na farra.

Aomame enrubesceu.

— Dá para perceber?

— Basta ver a sua pele. Sentir o seu cheiro. Em seu corpo ainda existem resquícios de homem. Com a idade, passamos a entender muitas coisas, sabia?

Aomame fez uma leve careta.

— Eu preciso disso. Às vezes. Sei que não é algo digno de se gabar, mas...

A velha senhora estendeu os braços e colocou suas mãos

delicadamente sobre as de Aomame.

— É claro que sim. De vez em quando, isso também é necessário. Não se preocupe. Não estou te recriminando. Mas acho que você poderia ser feliz de um jeito mais *comum*. Casar com uma pessoa de quem gosta e ter um final feliz.

— Eu também queria que isso acontecesse, mas é difícil, não é?

— Por quê?

Aomame não respondeu. Achava difícil explicar.

— Se você tiver um assunto pessoal e precisar de alguém para conversar, por favor, me procure, está bem? — disse a velha senhora, tirando as mãos das dela para, em seguida, limpar o suor do rosto com a toalha. — Sobre qualquer coisa. Talvez eu possa te ajudar.

— Muito obrigada — disse Aomame.

— Há coisas que não se aliviam apenas caindo na farra.

— Tem toda a razão.

— Você não está fazendo nada de prejudicial a você — disse a velha senhora. — Absolutamente nada. Está ciente disso, não está?

— Estou — respondeu Aomame. Era realmente o que ela pensava: que não estava fazendo nada que a prejudicasse. Mesmo assim, alguma coisa deixava sorrateiramente o seu rastro. Como as borras no fundo de garrafas de vinho.

Ainda hoje, Aomame se lembrava constantemente das circunstâncias que culminaram na morte de Tamaki Ôtsuka. Só de pensar que nunca mais conversaria com Tamaki, já sentia seu corpo dilacerado. Tamaki foi a primeira amiga que teve na vida. Era com quem podia trocar confidências, sem esconder nada. Antes de Tamaki, Aomame nunca tivera amigos e, depois dela, também nunca mais teve alguém. Ninguém poderia substituí-la. Se Aomame não a tivesse conhecido, sua vida teria sido muito mais triste e sombria.

As duas tinham a mesma idade e jogavam no mesmo time de softball da escola secundária municipal. Do ginásio ao colegial, Aomame dedicou-se especialmente aos torneios de softball. No começo, não estava muito animada e só jogava por jogar, quando substituí-a alguém no time, mas, com o passar do tempo, o esporte tornou-se sua razão de viver. Ela se entregava de corpo e alma ao jogo como uma pessoa que se agarra a um poste para não ser levada pelo vendaval. Ela precisava de algo assim. Apesar de não perceber, havia muito tempo que já possuía as qualidades que a destacavam como atleta. Tanto no ginásio quanto no colegial era a atleta principal e, graças a ela, o time conquistou, meio que na brincadeira, vários torneios. As vitórias deram a Aomame uma espécie de confiança —

não exatamente confiança, mas algo bem próximo disso. Sua existência no time não era insignificante e, ainda que fosse um mundo pequeno, ter uma posição clara e definida dentro dessa equipe a tornava feliz. *Ela sabia que alguém precisava dela.*

Aomame jogava como arremessadora e quarta batedora e, literalmente, era a principal arremessadora e batedora do time. Tamaki Ôtsuka jogava na segunda base e, além de ser ponta, era também a capitã. Tamaki era baixa, mas tinha reflexos desenvolvidos e sabia usar a inteligência. Conseguia captar rapidamente múltiplas circunstâncias. Na hora de lançar a bola, sabia exatamente como devia inclinar o corpo e, após avaliar rapidamente a direção da bola rebatida, saía correndo para uma cobertura correta. Era muito difícil encontrar uma jogadora de base capaz de fazer isso. Impossível contar o número de jogos vencidos graças a sua capacidade de avaliação. Ela não era uma batedora de longa distância como Aomame, mas, em compensação, sua batida era certa, e suas pernas, muito ágeis. Como líder, Tamaki também era excelente. Mantinha o grupo unido, criava táticas de jogo, costumava dar bons conselhos para as jogadoras e sabia encorajar a turma. Nos treinamentos, costumava ser muito rigorosa, mas as atletas tinham confiança em sua liderança. Graças a isso, a cada dia o time se tornava mais forte, a ponto de chegar às finais do Torneio de Tóquio. Participaram também do Torneio Nacional das escolas secundárias. Aomame e Tamaki foram escolhidas para fazer parte da seleção de Kantô — que englobava a área de Tóquio e adjacências.

Aomame e Tamaki reconheciam o talento uma da outra e, naturalmente, isso as aproximou; com o tempo, tornaram-se amigas íntimas. Quando o time viajava para jogar, as duas passavam um longo tempo juntas. Elas não tinham segredos entre si. Na quinta série, Aomame decidiu cortar relações com seus pais e foi morar na casa de um tio materno. A família do tio entendeu a situação e todos da casa a acolheram carinhosamente, mas, mesmo assim, ela sabia que aquele não era seu lar. Ela se sentia sozinha e carente. Não sabia o que fazer para encontrar sentido na vida. A família de Tamaki era rica e tinha uma boa posição social, mas, como o relacionamento de seus pais era muito ruim, o ambiente familiar estava em ruínas. O pai quase nunca voltava para casa, e a mãe frequentemente ficava em estado de confusão mental. Fortes dores de cabeça a impossibilitavam de sair da cama por vários dias. Tamaki e o irmão caçula viviam praticamente abandonados. Era comum terem de fazer as refeições em restaurantes da vizinhança, em fast-foods ou se virar com as refeições prontas do tipo *obentô*. Tanto Tamaki quanto Aomame tinham motivos de sobra para se dedicarem ao softball.

Essas garotas solitárias, cada qual com seus problemas, tinham

muito a conversar. Nas férias de verão viajaram sozinhas. Quando, uma vez, a conversa se esgotou, uma aos poucos começou a tocar o corpo da outra, deitadas na cama do hotel. Foi um acontecimento único e inusitado, que nunca mais repetiram e jamais ousaram comentar. No entanto, após o episódio, o relacionamento entre elas se tornou muito mais profundo e mais cúmplice.

Mesmo após concluir o colegial e entrar para a faculdade de Educação Física, Aomame continuou a jogar softball. Por ser conhecida como excelente jogadora, ela recebeu um convite para estudar, com uma bolsa de estudos especial, numa faculdade particular de Educação Física. Como não poderia deixar de ser, atuou como atleta principal de softball da faculdade. Enquanto participava dos torneios, também começou a se interessar por medicina esportiva, passando a se dedicar com afinco aos estudos. Também se interessou por artes marciais. Queria aproveitar o período em que estava matriculada na faculdade para adquirir o máximo de conhecimento e habilidade técnica. Não tinha tempo a perder.

Tamaki começou a cursar Direito numa conceituada universidade particular e, após se formar no colegial, largou as competições de softball. Para quem, como ela, tirava notas altas, o softball era apenas uma atividade passageira. Sua intenção era prestar o exame para a magistratura estatal e se tornar juíza. Mesmo seguindo caminhos diferentes, as duas continuaram a ser grandes amigas. Aomame passou a morar no dormitório para estudantes subsidiado pela universidade, isenta de pagar aluguel, e Tamaki continuava a viver na casa dos pais — a mesma casa desolada, mas que ainda lhe proporcionava um certo conforto financeiro. Uma vez por semana elas se encontravam para fazer alguma refeição e colocar os assuntos em dia. Eram tantos os assuntos que as conversas nunca tinham fim.

No outono do primeiro ano, Tamaki perdeu a virgindade. O rapaz era membro do clube de tênis da faculdade e um ano mais velho que ela. Após o encontro do grupo, ele a convidou ao seu quarto e praticamente a estuprou. Não era o caso de dizer que ela não gostava dele, razão pela qual prontamente aceitara o convite, mas o que realmente a deixou chocada foi o modo como ele violentamente a forçou ao sexo, e sua atitude egocêntrica e rude de agir durante o ato. Depois disso, Tamaki resolveu sair do clube de tênis e, durante um bom tempo, ficou deprimida. Esse incidente despertou nela um profundo sentimento de impotência. Perdeu o apetite e, em um mês, emagreceu seis quilos. Tamaki desejara que o rapaz tivesse sido compreensivo e carinhoso. Se tivesse agido assim, se tivesse lhe dado um tempo para se sentir pronta, não haveria problema em se entregar a ele. Tamaki não conseguia entender o motivo daquilo. Não entendia o motivo de tanta violência. Não havia necessidade.

Aomame a consolou e aconselhou-a a dar uma lição no sujeito. Mas Tamaki discordou, dizendo que o erro também fora dela e que, àquela altura, não adiantava mais se queixar. Disse, também, que assumia a responsabilidade por ter aceitado o convite de ir ao quarto dele sozinha e que, sendo assim, a melhor coisa a fazer era esquecer o assunto. No entanto, Aomame sentia na pele quão profunda era a dor que o incidente causara em sua amiga. Não fora apenas uma questão banal sobre a perda da virgindade, mas sobre ferir o que existe de mais sagrado na alma de uma pessoa. Onde ninguém tinha o direito de pisar com os sapatos enlameados. O sentimento de impotência é algo que consome a pessoa até acabar com ela.

Diante disso, Aomame resolveu puni-lo por conta própria. Conseguiu descobrir, por meio de Tamaki, o endereço do apartamento do rapaz e foi até lá com um bastão de softball escondido num tubo de plástico para guardar mapas. Naquele dia, Tamaki fora para Kanazawa assistir a uma cerimônia budista em memória de um parente ou coisa assim, e esse seria seu álibi. Aomame sabia, de antemão, que o rapaz não estava em casa. Com uma chave de fenda e um martelo, partiu a fechadura e entrou no apartamento. Uma vez lá dentro, enrolou várias vezes o bastão com uma toalha e, cuidando para não fazer barulho, começou a quebrar tudo que havia no quarto: televisão, luminária de mesa, relógio, discos, torradeira, vaso de flores... quebrou tudo que fosse possível quebrar. Com uma tesoura cortou o fio do telefone. Arrancou e rasgou as capas dos livros e espalhou no carpete todo o conteúdo da pasta de dentes e do creme de barbear. Espalhou molhos na cama. Tirou os cadernos da gaveta e rasgou as folhas. Quebrou os lápis e as canetas. Quebrou todas as lâmpadas. Rasgou as cortinas e furou as almofadas com uma faca de cozinha. Cortou com a tesoura todas as camisas do armário. Despejou ketchup nas gavetas de cuecas e meias. Tirou o fusível da geladeira e o jogou pela janela. Tirou a tampa da caixa de descarga do vaso sanitário e a quebrou. Esmagou o chuveiro. A destruição foi meticulosa e total, de ponta a ponta. O quarto ficou parecido com o de uma foto tirada logo após um bombardeio em Beirute que ela vira, tempos atrás, estampada no jornal.

Tamaki era uma garota inteligente — Aomame, em questão de notas, não chegava nem perto dela — e uma jogadora de softball alerta e cautelosa. Quando Aomame se via em apuros no meio de uma partida, Tamaki corria para a área de lançamento, dava um rápido conselho, sorria e dava uma batidinha na bunda de Aomame com a mão enluvada, e voltava rapidamente para a posição de defesa. Tamaki tinha uma visão ampla, era simpática e bem-humorada. Nos estudos

também era esforçada, além de comunicativa. Se continuasse a estudar assim, certamente seria uma excelente juíza.

No entanto, diante dos homens, era incrível como sua capacidade de discernimento desaparecia.

Tamaki gostava de rapazes bonitos. Era, por assim dizer, uma pessoa que prezava a beleza física. Aomame achava que sua tendência para o belo beirava a obsessão. Por mais que um homem de bom caráter e extremamente competente se interessasse por ela e a convidasse a sair, ela não daria a mínima se não o considerasse bonito. O tipo de homem de que ela gostava era sempre aquele sem conteúdo e de rosto meigo. Tamaki era uma pessoa inflexível quando o assunto era homem, e jamais acatava os conselhos de Aomame. Normalmente, costumava ouvir e respeitar as opiniões da amiga; mas, se a crítica era sobre os seus namorados, Tamaki nunca lhe dava ouvidos. Com o tempo, Aomame desistiu de aconselhar Tamaki por achar que não valia a pena perder a amizade com discussões desse tipo. Afinal, a vida era de Tamaki. A melhor coisa que Aomame podia fazer era deixá-la agir como bem entendesse. De qualquer modo, enquanto eram universitárias, Tamaki se envolveu com vários homens e sempre estava às voltas com problemas: foi traída, magoada e, por fim, abandonada. Toda vez que isso acontecia, Tamaki ficava num estado de semiloucura. Teve que abortar duas vezes. Em relação aos homens, Tamaki era realmente uma vítima por natureza.

Já Aomame nunca teve namorado sério. De vez em quando, aceitava algum convite para sair, mas, apesar de um ou outro valer a pena, nunca chegou a firmar um relacionamento.

— Você não vai arranjar um namorado? Pretende ficar virgem para sempre? — perguntou Tamaki.

— É que estou ocupada — respondeu Aomame. — Mal consigo dar conta das tarefas diárias, quanto mais de um namorado.

Após se formar, Tamaki continuou na pós-graduação para se preparar para o exame de magistratura.

Aomame começou a trabalhar numa empresa de bebidas esportivas e produtos naturais, e continuou a jogar softball. Mudou-se para o alojamento da empresa no bairro de Yoyogi, enquanto Tamaki permanecia na casa dos pais. Como nos tempos de estudante, nos fins de semana as duas se encontravam para comer fora e pôr as intermináveis conversas em dia.

Aos 24 anos, Tamaki casou-se com um homem dois anos mais velho que ela. Interrompeu os estudos de pós-graduação e desistiu do exame de direito, porque seu marido era contra. Aomame encontrou-se uma única vez com ele. Era de família rica e, como era de se esperar, tinha o rosto bonito, mas de uma beleza apenas superficial. Seu hobby era andar de iate. Tinha a fala mansa e, de certo modo,

podia se dizer inteligente, mas não tinha personalidade nem era uma pessoa de palavra. Era um típico homem ao gosto de Tamaki, que provocou em Aomame um pressentimento ruim. Assim que o viu, ela não foi com a cara dele. E ele também parecia não ter ido com a dela.

— Esse casamento não vai dar certo — foi o que ela disse a Tamaki. Aomame não queria se meter, mas, como o assunto era casamento, e não mais um namorico qualquer, ela não podia simplesmente fazer vista grossa a uma amiga tão querida e de longa data. Foi nesse dia que as duas tiveram a primeira discussão acalorada. Ao se ver contrariada, Tamaki ficou histérica e disse coisas muito ríspidas, que Aomame preferia não ter escutado. Aomame não compareceu ao casamento.

Um tempo depois, elas se reconciliaram. Assim que Tamaki voltou da lua de mel, procurou Aomame sem avisar e pediu desculpas por tê-la ofendido. Pediu para Aomame esquecer tudo o que ela dissera e admitiu que, na ocasião, estava fora de si. Disse também que, durante a lua de mel, não parara de pensar em Aomame. Ao ouvir isso, Aomame tranquilizou-a, dizendo que não precisava se preocupar, pois nem se lembrava mais do que havia acontecido. Após essa conversa, as duas se abraçaram longamente e até contaram piadas, dando boas gargalhadas.

Mesmo assim, após o casamento os encontros diminuíram drasticamente. Passaram, então, a trocar cartas e a conversar por telefone, uma vez que Tamaki parecia nunca conseguir tempo para saírem juntas. Ela se justificava dizendo que tinha muitos afazeres, que a vida de dona de casa não era fácil. No entanto, passava a impressão de que seu marido não gostava de vê-la sair de casa para se encontrar com alguém. O fato de Tamaki morar com os pais do marido tolhia ainda mais sua liberdade. Aomame nunca foi convidada para conhecer a nova casa de Tamaki.

Sempre que podia, Tamaki falava que sua vida de casada estava muito boa. Comentava que o marido era carinhoso, e que os pais dele eram gentis com ela. E que não tinham dificuldades financeiras. De vez em quando, nos fins de semana, ela andava de iate em Enoshima. Dizia não se arrepender de ter largado os estudos, pois a pressão de ter de passar no exame era muito grande. Reconhecia que a vida comum que estava levando era a mais acertada e que, com o tempo, teria filhos e se tornaria uma daquelas típicas mães aborrecidas. E que, possivelmente, Aomame não ligaria mais para ela. Tamaki contava essas coisas sempre com a voz alegre, e não havia motivos para desconfiar do que dizia. Aomame lhe dizia que estava contente. E, realmente, sentia-se feliz em ouvir aquilo. Era muito melhor saber que ela tinha errado na previsão sobre o casamento do que constatar que acertara. Aomame achou que Tamaki havia

encontrado dentro de si algo que lhe proporcionava paz interior. Pelo menos era disso que queria se convencer.

Como Aomame não tinha mais nenhuma outra pessoa que pudesse considerar amiga, na medida em que o contato com Tamaki foi se espaçando, a vida cotidiana de Aomame tornou-se de certa forma entediante. Já não conseguia mais se dedicar ao softball como antigamente. E, conforme Tamaki se distanciava de sua vida, seu interesse por competições também diminuía. Aomame tinha 25 anos, mas continuava virgem. Às vezes, quando irritada, costumava se masturbar. Mas isso não era motivo para se sentir sozinha, pois, para ela, era penoso manter um relacionamento sério. Ela achava muito melhor continuar só.

Tamaki se suicidou num dia de ventos fortes de final de outono, três dias antes de completar 26 anos. Usou uma corda para se enforcar em casa. Foi seu marido que a encontrou na tarde do dia seguinte, ao voltar de uma viagem de negócios.

— Não tínhamos problemas em casa e ela nunca se queixou comigo. Não tenho a mínima ideia do motivo do suicídio — disse ele à polícia. Seus pais afirmaram o mesmo.

Mas não era verdade. O constante e violento sadismo do marido deixaram inúmeras feridas em Tamaki, tanto física quanto emocionalmente. O comportamento do marido chegava à beira da paranoia e os pais dele, em parte, sabiam disso. No momento da autópsia, os policiais chegaram a desconfiar de algo ao ver o estado em que o corpo se encontrava, mas isso não veio a público. O marido chegou a ser interrogado, mas, como a causa da morte era claramente suicídio e ele estava em Hokkaido a trabalho, nenhuma ação judicial foi movida contra ele. Quem contou isso em segredo para Aomame foi o irmão caçula de Tamaki, dias depois do ocorrido.

As agressões ocorriam desde o começo, mas, com o tempo, foram se tornando cada vez mais constantes, com requintes de crueldade. No entanto, Tamaki não conseguia fugir daquele lugar, daquele pesadelo. Nunca dissera uma única palavra sobre aquilo para Aomame, talvez por saber de antemão o que ela lhe diria:

— Você tem de sair imediatamente dessa casa.

Mas ela não podia fazer isso.

Um pouco antes de se suicidar, nos momentos finais, Tamaki enviou uma extensa carta a Aomame. A carta começava dizendo que, desde o início, Aomame sempre tivera razão, e que ela é que estava errada. Tamaki terminava dizendo:

Todos os dias da minha vida têm sido um inferno.

Mesmo assim, não consigo sair deste inferno. Se eu sair daqui, não sei direito para onde ir... Estou aprisionada num terrível sentimento de impotência. Eu mesma entrei nessa cela, tranquei a porta e joguei a chave longe. Meu casamento foi um erro. Você tinha razão. Mas o problema mais grave não está no meu marido ou na vida de casada, mas dentro de mim. Eu mereço sofrer todas essas dores. Não posso culpar ninguém. Você sempre foi minha melhor amiga e a única pessoa em quem confio neste mundo. Mas saiba que não tenho mais salvação. Se possível, jamais se esqueça de mim. Teria sido tão bom se pudéssemos continuar jogando softball juntas, para sempre...

Aomame começou a passar mal enquanto lia a carta. Seu corpo tremia sem parar. Telefonou inúmeras vezes para a casa de Tamaki, mas ninguém atendia, e a ligação caía sempre na secretária eletrônica. Aomame pegou o trem e foi até a casa de Tamaki, em Okusawa, no bairro de Setagaya. A casa era grande, cercada de muros altos. Tocou o interfone e, como o esperado, ninguém atendeu. Apenas se ouvia o cachorro latir. O jeito foi desistir. Aomame não tinha como saber, mas, naquela hora, Tamaki já se encontrava morta. Estava sozinha, pendurada numa corda atada ao corrimão da escada. Em meio ao silêncio que reinava na casa, o telefone e a campainha eram as únicas coisas que inutilmente continuavam a tocar.

A notícia de sua morte não pegou Aomame totalmente de surpresa. No fundo, ela já previa isso. Na hora, nem sequer sentiu tristeza. Tratou de dar uma resposta mecânica, desligou o telefone, sentou-se numa cadeira e só depois de muito tempo é que todos os fluidos de seu corpo começaram a correr. Durante um bom tempo não conseguiu sequer se levantar da cadeira. Telefonou para a empresa, tirou alguns dias de folga dizendo que não estava passando bem e ficou quietinha, confinada dentro de casa. Não comia, não dormia e quase não bebia água. Não foi ao enterro. Sentia como se a chave de algum dispositivo interior tivesse sido virada, emitindo um barulho seco. Foi a partir desse momento que entendeu com muita intensidade que não seria mais a mesma.

Decidiu que aquele homem deveria ser castigado. E que, não importa o que houvesse, ele deveria ser mandado para o fim do mundo, caso contrário certamente faria o mesmo com outra pessoa.

Aomame levou um bom tempo elaborando um plano. Ela sabia exatamente em que ponto da nuca, e com que ângulo, deveria inserir uma agulha fina para causar morte instantânea. A proeza não era para qualquer um, mas ela sabia como fazê-lo. O que precisava agora era

aperfeiçoar o toque, para sentir o ponto delicado de modo preciso e rápido, e também obter um instrumento adequado para tal fim. Aomame juntou as ferramentas necessárias e, durante várias horas, dedicou-se a criar um instrumento especial, que parecia um picador de gelo fino e pequeno. Sua extremidade era excepcionalmente fina, fria e pontuda. Ela passou, então, a treinar cuidadosamente as várias maneiras de usá-lo. Quando se convenceu de que estava bom, colocou seu plano em ação. Sem hesitar, com tranquilidade e precisão, fez com que o Reino dos Céus desabasse sobre a cabeça daquele homem. Terminado isso, Aomame chegou até mesmo a fazer uma prece. Uma oração que saiu espontaneamente:

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome; venha a nós o Vosso Reino. Perdoai as nossas ofensas. Conceda-nos a Vossa bênção em nossa humilde jornada. Amém.

Foi a partir de então que Aomame passou a, periodicamente e com muita intensidade, necessitar do corpo de um homem.

Tengo

Coisas que a maioria dos leitores nunca viu antes

Komatsu e Tengo marcaram um encontro no local de sempre, uma cafeteria próxima à estação Shinjuku. O cafezinho não era barato, mas, em compensação, a distância entre as mesas permitia uma conversa sem a preocupação com bisbilhoteiros. O ar era relativamente limpo e a música ambiente fluía em volume baixo, sem atrapalhar. Como sempre, Komatsu chegou vinte minutos atrasado. Ele nunca chegava na hora, e Tengo nunca se atrasava; já era ponto pacífico. Komatsu trazia consigo uma pasta de couro e vestia o habitual blazer axadrezado sobre uma camisa polo azul-marinho.

— Desculpe tê-lo feito esperar — disse Komatsu, sem contudo demonstrar estar realmente chateado pelo atraso. Ele parecia mais bem-humorado que o normal e seus lábios sorriam, esboçando uma lua crescente em plena madrugada.

Tengo aceitou apenas balançando a cabeça, sem dizer nada.

— Desculpe ter te apressado. Sei que não deve ter sido fácil — disse Komatsu sentando-se na cadeira em frente a Tengo.

— Sem exageros, posso dizer que durante esses dez dias eu mesmo não sabia se estava vivo ou morto — disse Tengo.

— Mas você se saiu realmente muito bem. Além de conseguir a aprovação do tutor de Fukaeri, você reescreveu todo o romance. Isso é digno de nota. Foi um feito extraordinário para alguém que, como você, vive no mundo da lua. Confesso que me surpreendeu.

Tengo não deu atenção aos elogios:

— Você leu aquele texto, em forma de relatório, sobre a situação de Fukaeri? Aquele bem extenso...

— Ah! Claro que li. Com muita atenção. Digamos que é uma história um tanto complexa. Digna de um capítulo de uma saga. Mas uma coisa é certa, eu jamais poderia imaginar que aquele professor, Ebisuno, fosse o tutor de Fukaeri. O mundo realmente é pequeno. E o professor perguntou alguma coisa de mim?

— De você?

— É. De mim.

— Ele não comentou nada.

— Isso é muito estranho — disse Komatsu, inconformado. — Eu e o professor Ebisuno trabalhamos juntos. Eu costumava buscar os manuscritos dele em seu gabinete na universidade. Foi há muito tempo, eu ainda era um jovem editor.

— Como faz muito tempo, vai ver que ele esqueceu. O professor até perguntou que tipo de pessoa você era.

— Que coisa — respondeu Komatsu, balançando a cabeça com uma expressão de contrariedade. — Não pode ser. Isso é impossível. Aquele professor nunca se esquece de nada. A memória dele é excepcional, sei disso porque naquela época conversávamos sobre muitas coisas... Mas tudo bem. Digamos que é um senhor de difícil trato. E, pelo que você escreveu, a situação de Fukaeri parece ser bem complicada.

— Não se trata apenas de ser complicada. Estamos com uma bomba-relógio nas mãos. Fukaeri não é uma garota comum, digo isso em todos os sentidos da palavra. Ela não é simplesmente uma garota bonita de 17 anos. Ela é disléxica e mal consegue ler um livro. Mal consegue escrever uma frase. Além do mais, tem algum tipo de trauma e, por conta disso, perdeu parte da memória. Viveu numa espécie de comuna e não frequentou escolas. O seu pai foi líder de uma organização revolucionária de extrema esquerda e, ao que tudo indica, está diretamente envolvido no incidente do grupo Akebono. A pessoa que a acolheu era conhecida como famoso antropólogo cultural. Se o romance virar notícia, a imprensa vai adorar descobrir esses fatos extremamente *saborosos*. Vai ser um horror.

— Realmente, é como abrir a tampa do caldeirão do inferno. Um tremendo escândalo! — disse Komatsu, mantendo um sorriso nos lábios.

— Deveríamos desistir do plano.

— Desistir do plano?

— O assunto é muito complexo. Arriscado demais. O melhor é devolver o original.

— Não é tão fácil assim. A *Crisálida de ar* que você reescreveu já foi encaminhada para impressão e deve estar na fase das provas tipográficas. Assim que o material for impresso, será encaminhado para os editores e os quatro membros do júri. A essa altura, não posso simplesmente chegar e dizer: “Desculpem-me. Tudo isso foi um erro. Finjam que não aconteceu nada e, por favor, me devolvam o livro.”

Tengo suspirou.

— Paciência. Não podemos voltar no tempo — disse Komatsu. Acendeu um Marlboro que tinha na boca com a caixinha de fósforos

da cafeteria, estreitando os olhos. — Vou pensar seriamente em como fazer daqui pra frente, você não precisa se preocupar. Se a *Crisálida de ar* for premiada, vamos fazer o máximo para que Fukaeri não se exponha. Inventaremos uma história do tipo “jovem escritora misteriosa que não quer falar em público”. Eu assumo o papel de editor encarregado e faço de conta que sou uma espécie de porta-voz. Não se preocupe; está tudo sob controle.

— Não quero questionar sua capacidade, mas lembre-se de que Fukaeri não é dessas garotas comuns. Ela não é de ficar quieta e se limitar a obedecer às ordens. Se ela decidir fazer uma coisa, não importa o que os outros digam, ela o fará de qualquer jeito. O que não lhe agrada simplesmente entra por uma orelha e sai pela outra. Lidar com ela não vai ser tão fácil.

Komatsu, sem dizer nada, girava a caixa de fósforos na mão.

— Saiba que, a essa altura, só nos resta seguir em frente. Para início de conversa, a *Crisálida de ar* que você reescreveu está primorosa! Muito além das minhas expectativas. Quase perfeita. Certamente, o livro vai vencer o prêmio de autor revelação e se tornará notícia. Agora não posso mais enterrá-lo. Na minha opinião, seria um crime. E, como já te disse antes, as coisas estão fluindo.

— Um crime? — indagou Tengo, fitando Komatsu fixamente.

— Existe uma máxima — falou Komatsu — que diz: “Toda arte, toda investigação e, similarmente, toda ação e toda escolha parecem visar alguma forma de bem; portanto, diz-se que o bem é aquilo que todas as coisas visam.”

— O que é isso?

— É Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Você já leu Aristóteles?

— Quase nada.

— É bom ler. Você vai gostar. Quando eu não tenho nenhum livro para ler, gosto de ler os filósofos gregos. Nunca me canso. Sempre encontro algo novo para aprender.

— E qual seria o fundamento dessa citação?

— Que todas as coisas visam, em última análise, um dado fim, o bem. O bem, em outras palavras, é aquilo que todas as coisas visam. Deixe as indagações para o dia seguinte — respondeu Komatsu. — Esse é o ponto.

— O que Aristóteles diz sobre o holocausto?

O sorriso de lua crescente de Komatsu tornou-se ainda mais enfático:

— Nesse trecho, Aristóteles só fala de arte, conhecimento e ofício.

Tengo conhecia Komatsu de longa data e nesse período passou a

compreender melhor suas duas facetas: a pública e a privada. No mundo editorial, Komatsu era um lobo solitário que fazia o que queria. Muitas pessoas eram enganadas por esse seu jeito. No entanto, se observássemos atentamente a abrangência de suas ações, descobriríamos que tudo o que ele fazia era meticulosamente planejado. Se fosse um jogo de *shôgui*, o xadrez japonês, equivaleria dizer que ele conseguia prever várias jogadas à frente. E, realmente, ele gostava de elaborar estratégias, mas, uma vez que demarcava uma linha limítrofe, nunca ousava extrapolá-la. Arriscaríamos dizer que ele é do tipo nervoso, e que grande parte do que diz ou faz não passa de mera encenação.

Komatsu tomava o cuidado de manter algumas garantias para conseguir sobreviver. Por exemplo, ele mantinha uma coluna literária semanal num jornal vespertino. Ali ele podia elogiar ou criticar diversos escritores. Quando resolvia criticar alguém, seu texto era contundente. Diga-se de passagem, ele era muito bom nisso. A coluna era anônima, mas todas as pessoas do meio literário sabiam quem a escrevia. Como ninguém queria ser malfalado num jornal, os escritores tomavam o máximo de cuidado para nunca se indispor com ele. Se Komatsu pedisse que escrevessem um texto para a revista, dificilmente recusariam o pedido. No mínimo, aceitariam fazê-lo esporadicamente. Se assim não o fizessem, seria imprevisível o que Komatsu escreveria em sua coluna.

Tengo não gostava muito desse lado calculista e interesseiro de Komatsu. Se por um lado ele fazia questão de desprezar os círculos literários, por outro sabia manipular e se beneficiar desse sistema. Komatsu possuía um excepcional instinto de editor, e sempre fora muito generoso com Tengo. Geralmente, seus conselhos sobre como escrever romances eram preciosos. Apesar disso, Tengo procurava manter uma certa distância. Se Tengo se aproximasse demais, Komatsu poderia puxar-lhe o tapete, e as consequências seriam catastróficas. Nesse sentido, Tengo agia como uma pessoa muito cautelosa.

— Como acabei de dizer, a *Crisálida de ar* que você reescreveu está quase perfeita. Muito bom! — disse Komatsu, dando continuidade à conversa. — Mas existe um trecho, um único trecho, que, se possível, gostaria que você mudasse. Não precisa ser agora. Para concorrer ao prêmio o nível do texto está mais que bom. Corrija esse trecho após a premiação, um pouco antes de a obra ser publicada na revista.

— Que trecho?

— Quando o Povo Pequeninino termina de fazer a crisálida de ar, aparecem duas luas. A garota olha para o céu e as vê ali. Você se lembra dessa parte?

— É claro que sim.

— Na minha opinião, as referências sobre as luas são insuficientes. Falta explicação. Quero que você as descreva objetivamente, com maior riqueza de detalhes. Este é o único trecho que eu lhe peço para refazer.

— Realmente, a descrição desse trecho é bem enxuta. Mas é que evitei explicar demais para não comprometer o ritmo da narrativa de Fukaeri.

Komatsu levantou a mão com o cigarro entre os dedos.

— Tengo, pense no seguinte. O leitor já deve ter visto inúmeras vezes uma única lua no céu. Não é? Mas certamente ele nunca viu duas. Quando você introduz no romance certas coisas que a maioria dos leitores *nunca* viu antes, é necessário descrevê-las com mais riqueza de detalhes, e o mais exato possível. As únicas descrições que você pode omitir ou que deve excluir são aquelas que a maioria dos leitores já *tenha* visto.

— Entendi — disse Tengo. As palavras de Komatsu faziam sentido. — Vou descrever mais detalhadamente essa parte das duas luas.

— Ótimo! Com isso ficará perfeito — disse Komatsu, para logo em seguida amassar a ponta do cigarro e apagá-lo. — De resto, não tenho mais nada a dizer.

— Fico muito lisonjeado em receber seus elogios, mas, neste caso em particular, não consigo me alegrar de verdade — comentou Tengo.

— Seu desenvolvimento foi rápido — disse Komatsu, de modo bem pausado, para enfatizar as palavras. — Aperfeiçoou o seu domínio da escrita e se aprimorou como escritor. Você devia se alegrar de verdade. Afinal, ao reescrever a *Crisálida de ar*, você deve ter aprendido muitas coisas sobre como escrever romances. Isso vai te ajudar muito quando for escrever seu próximo livro.

— Se houver um próximo.

Komatsu abriu um largo sorriso.

— Não se preocupe. Você já fez o que tinha de fazer. Agora é a minha vez de entrar em cena. Sente-se no banco e assista ao jogo tranquilamente.

A garçonete se aproximou e encheu os copos com água gelada. Tengo tomou metade para só então descobrir que não queria bebê-la.

— Foi Aristóteles que disse que a alma do homem se divide em razão, vontade e desejo? — perguntou Tengo.

— Quem disse isso foi Platão. Aliás, Aristóteles e Platão são tão diferentes como Mel Tormé e Bing Crosby. De qualquer modo, as coisas antigamente eram bem menos complicadas — disse Komatsu. — Você não acha divertido imaginar a razão, a vontade e o desejo

sentados ao redor de uma mesa em acalorada discussão?

— Dá até para imaginar qual deles não teria nenhuma chance de ganhar.

— Sabe do que eu gosto em você, Tengo? — disse Komatsu, erguendo o dedo indicador. — É desse seu senso de humor.

Não se trata de humor, pensou Tengo; mas achou melhor se calar.

Após se despedir de Komatsu, Tengo passou na livraria Kinokuniya e, em seguida, foi a um bar das redondezas tomar uma cerveja e ler os livros que acabara de comprar. Era a melhor maneira de conseguir relaxar: comprar livros recém-lançados numa livraria, entrar em algum bar e ler com uma bebida na mão.

Mas, naquela noite, por algum motivo, ele não conseguia se concentrar na leitura. A imagem de sua mãe — que costumava aparecer nas visões — surgia vagamente diante de seus olhos e custava a desaparecer. Ela soltava a alça da camisola branca e mostrava os seios de belo formato, oferecendo-os para que o homem os beijasse. Esse homem não era o seu pai. Era bem mais corpulento, mais jovem e, também, mais bonito. No berço, Tengo, ainda um bebê, dormia com um leve ressonar. Enquanto o homem chupava os seios de sua mãe, ela esboçava no rosto uma expressão de êxtase. Uma expressão muito parecida com a de sua namorada casada ao atingir o orgasmo.

Certa vez, para satisfazer um desejo, Tengo pediu que ela viesse de camisola branca.

— Tudo bem — ela concordou, achando graça. — Se você gosta disso, da próxima vez eu levo uma. Você tem algum outro pedido? Pode pedir qualquer coisa, não precisa ficar envergonhado, está bem?

— Então, se puder, gostaria que viesse de blusa branca. Quanto mais simples, melhor.

Na semana seguinte, ela veio de blusa e camisola brancas. Ele a fez tirar a blusa, abaixou a alça da camisola e chupou seus seios. Do mesmo jeito e na mesma posição do homem que aparecia em suas visões. Naquele instante, sentiu uma leve vertigem. Sua cabeça parecia envolta em névoa, fazendo-o perder a noção do antes e do depois. Teve uma sensação indefinida na parte inferior do corpo que rapidamente se espalhou e, quando se deu conta, seu corpo tremia numa intensa ejaculação.

— Nossa! O que aconteceu? Já gozou? — ela perguntou surpresa.

Tengo não soube dizer o que tinha acontecido. Ele havia

ejaculado sobre a camisola, na altura do quadril.

— Me desculpe. Não foi essa a intenção.

— Não precisa se desculpar — disse a namorada para consolá-lo. — Não é nada, basta lavar rapidinho com um pouco de água. É *aquilo de sempre*, não é? Se fosse molho de soja ou vinho tinto, aí sim daria um pouco mais de trabalho.

Ela tirou a camisola e, no banheiro, lavou o sêmen, esfregando delicadamente. Depois, pendurou-a na haste da cortina do chuveiro, para secar.

— A excitação foi tão intensa assim? — ela comentou com um sorriso meigo. Acariciou delicadamente sua barriga. — Pelo visto, Tengo gosta de camisola branca...

— Não é isso — respondeu ele. Mas não podia explicar o verdadeiro motivo do pedido.

— Se você tem alguma outra fantasia pode se abrir comigo, está bem? Prometo que vou colaborar. Eu também adoro fantasias. Não podemos viver sem elas, não acha? Você quer que da próxima vez eu também venha de camisola branca?

Tengo negou com a cabeça.

— Não precisa. Uma vez está bom. Obrigado.

Tengo sempre desconfiou se esse homem jovem que aparecia em suas visões chupando os bicos dos seios de sua mãe não seria seu pai biológico. Seu suposto pai — aquele considerado excelente cobrador da NHK — não se parecia nem um pouco com ele. Tengo era alto, robusto, tinha a testa larga, nariz estreito e orelhas de formato redondo e amassado. Seu pai era baixo, gordo e nada atraente: testa estreita, nariz achatado e orelhas pontudas como as de um cavalo. As feições também eram muito diferentes, praticamente opostas. Tengo era mais para meigo e tranquilo, e, seu pai, nervoso e sovina. Muitas pessoas, quando os comparavam, chegavam a comentar que não pareciam pai e filho.

No entanto, mais do que fisicamente, o que Tengo realmente estranhava era a diferença psicológica quanto à natureza e às inclinações existentes entre eles. Seu pai não tinha o que se poderia chamar de curiosidade intelectual. Certamente não havia recebido uma educação satisfatória; nascera numa família pobre e não tivera a oportunidade de estruturar sua formação intelectual. Nesse sentido, Tengo sentia pena das circunstâncias de vida de seu pai. Mesmo assim, ele não demonstrava sentir o menor desejo de obter conhecimentos gerais — desejo esse que Tengo acreditava fazer parte de cada um, em maior ou menor grau. O pai tinha conhecimentos práticos para enfrentar a vida, mas inexistia nele a postura de quem se esforça para

se tornar uma pessoa melhor, aprofundar conhecimentos e ter uma visão de mundo mais ampla.

Apesar de ele viver nesse mundo pequeno, preso a regras rígidas, não parecia sofrer com a limitação nem com a estagnação em que vivia. Em casa, Tengo nunca vira seu pai pegar num livro. Nem sequer assinava um jornal (dizia que assistir aos noticiários regulares da NHK era o suficiente). Não se interessava por música ou cinema. Nunca viajou. A única coisa pela qual ele ainda se interessava um pouquinho era a sua rota de cobrança. Traçava o mapa da região e, com caneta colorida, marcava-o com diferentes cores e, toda vez que sobrava um tempo, costumava verificá-lo. Parecia um biólogo classificando cromossomos.

Em contrapartida, desde pequeno Tengo era considerado o menino prodígio da matemática. Suas notas em aritmética eram excepcionais. No terceiro ano do primário já conseguia resolver problemas do colegial. E, mesmo nas outras matérias, ele se destacava com notas altas sem precisar necessariamente se esforçar. Quando sobrava um tempo, aproveitava para ler livros, e era como se os devorasse. Era muito curioso e, assim como uma escavadeira retira do chão grandes quantidades de terra, ele assimilava rapidamente cada matéria. Por isso, toda vez que olhava para seu pai, não se conformava com o fato de que cerca de metade dos genes que o formavam tivesse sido herdada daquele homem limitado e sem instrução.

A conclusão a que Tengo chegou quando adolescente era de que seu verdadeiro pai devia estar em outro lugar. E que, por algum motivo, ele estava sendo criado por aquele homem que chamava de pai mas, na verdade, não tinha nenhum laço sanguíneo com ele. Assim como as crianças desafortunadas dos romances de Dickens.

Quando era adolescente, essa possibilidade lhe parecia um pesadelo e, ao mesmo tempo, era algo que desejava muitíssimo. Ele praticamente devorava os livros de Dickens. O primeiro que leu foi *Oliver Twist* e, a partir de então, tornou-se um aficionado pelas obras do autor. Leu tudo o que havia na biblioteca. Enquanto viajava nesse universo ficcional, deixava-se levar pela imaginação, sem impor limites. As histórias que imaginava — ou as fantasias que criava — foram se tornando cada vez mais extensas e complexas. O padrão era sempre o mesmo, mas as variações, infinitas. Em todas elas, ele tentava se convencer de que seu verdadeiro lugar não era aquele, de que estava preso na jaula errada. E que um dia, com certeza, seus verdadeiros pais o encontrariam, guiados por uma casualidade. Nesse dia, ele finalmente seria resgatado da jaula horrível e sufocante, voltando para seu lugar de direito. Com isso, poderia desfrutar livremente de um domingo maravilhoso e tranquilo.

Seu pai ficava contente com as excelentes notas de Tengo na

escola. Isso não só o deixava envaidecido, como fazia com que demonstrasse para os vizinhos o orgulho que sentia. Ao mesmo tempo, era possível notar que, em alguma parte recôndita de seu pai, havia um desagrado pelo filho ser tão inteligente e capaz. Quando Tengo estudava debruçado sobre a mesa, o pai costumava atrapalhá-lo, muitas vezes de propósito. Mandava-o fazer tarefas domésticas e procurava qualquer pretexto para perturbá-lo insistentemente com suas queixas. As queixas eram sempre as mesmas: que ele, como cobrador, trabalhava arduamente todos os dias e que, além de caminhar longas distâncias, vez por outra precisava também aguentar insultos e que Tengo, enquanto isso, tinha uma vida confortável e boa. Contava que, quando ele tinha a idade de Tengo, era explorado pela família e, por qualquer coisinha, levava uma surra do pai e do irmão mais velho. Que mal tinha o que comer e era tratado como um animal doméstico. Por fim, jogava na cara de Tengo que ele não devia ficar todo vaidoso só porque ia bem na escola. Seu pai insistia em repetir isso várias e várias vezes.

A partir de certo momento, Tengo passou a achar que esse homem tinha inveja. O comportamento de Tengo ou o que ele representava deviam causar uma tremenda insatisfação no pai. Mas um pai pode realmente sentir ciúmes de seu próprio filho? Para Tengo, que ainda era uma criança, era muito difícil lidar com aquilo. No entanto, não podia deixar de sentir uma aversão visceral daquela *mesquinhez* lastimável que fluía através das palavras e das ações do pai. E não era somente uma questão de inveja. De vez em quando, Tengo também sentia que o homem odiava algo que existia dentro dele. O pai não odiava a figura do filho. Ele odiava esse *algo* no interior do filho; era algo que não conseguia perdoar.

A matemática era um meio eficaz de fuga para Tengo. Ao se refugiar no mundo das expressões numéricas, ele conseguia escapar dessa incômoda jaula chamada realidade. Desde pequeno, descobriu que bastava mudar o interruptor mental para facilmente se transportar para esse outro mundo. E descobriu que, nesse universo de ilimitadas coordenadas, ele tinha total liberdade para explorá-lo, desde que tivesse a disposição de andar de um lado para o outro. Ele caminhava por corredores sinuosos de um edifício gigante, abrindo as portas numeradas, uma a uma. Ao se deparar com um novo cenário, os vestígios desagradáveis do mundo real se dissipavam por completo. Para Tengo, o mundo regido pelas expressões matemáticas era um ambiente íntegro e seguro para se esconder. Ele conhecia a geografia desse mundo mais que ninguém, e era capaz de escolher com precisão o percurso correto. Ninguém conseguia alcançá-lo. Enquanto estivesse

no mundo de lá, ele podia ignorar as regras e esquecer o fardo imposto pelo mundo real.

Se para Tengo a matemática era um grandioso edifício fantástico, o mundo das histórias de Dickens era uma densa floresta encantada. A matemática o conduzia aos céus; já a floresta era algo que se expandia silenciosamente diante de seus olhos. Como uma raiz robusta, fincava-se nas profundezas da terra. Um local sem mapas e sem portas numeradas.

Durante o primário e o ginásio, Tengo mergulhou de cabeça na matemática. O que mais o fascinava era a clareza e o sentimento de liberdade, coisas imprescindíveis em sua vida. Mas, ao atingir a puberdade, começou a ter um sentimento crescente de que aquilo era insuficiente. Enquanto estava no mundo da matemática, nada de errado acontecia. Tudo era conforme o previsto. Nada poderia obstruir-lhe o caminho. No entanto, ao se distanciar desse mundo e retornar ao mundo real — não podia deixar de voltar —, Tengo novamente se via dentro dessa lamentável jaula de sempre. A situação continuava a mesma, sem nenhuma melhora. Aliás, pelo contrário, a impressão era de que as algemas lhe pesavam mais. Sendo assim, para que servia a matemática? Seria apenas um subterfúgio para fugir temporariamente deste mundo? Ou ela apenas servia para piorar ainda mais a situação do mundo real?

À medida que essas dúvidas aumentavam, Tengo resolveu se distanciar da matemática. Assim, a floresta de histórias passou a exercer uma atração ainda mais intensa sobre ele. É claro que ler histórias também não deixava de ser um tipo de fuga, pois, ao fechar as páginas do livro, era preciso voltar ao mundo real. No entanto, certo dia, Tengo percebeu que o retorno do mundo das histórias não era tão frustrante quanto o do mundo da matemática. Mas por quê? Pensou seriamente e chegou à seguinte conclusão: na floresta de histórias, independentemente de elucidar as intrínsecas relações entre os fatos, não há como obter uma resposta clara. Esse era o ponto que a distinguia da matemática. A finalidade da narrativa, em linhas gerais, é desenvolver um problema colocando-o sob outro parâmetro. Conforme a maneira de se expressar e o sentido dessa colocação, a própria história é que vai sugerir algumas respostas possíveis. Era com essas sugestões em mãos que Tengo voltava para o mundo real. Era como se trouxesse consigo um pedaço de papel com palavras mágicas a serem decifradas. Às vezes essas palavras eram incoerentes e, de imediato, não serviam para nada. Mas, mesmo assim, elas continham uma possibilidade. A de um dia conseguir desvendá-las. Era justamente essa possibilidade, vinda de seu âmago, que lhe aquecia o coração.

Com o decorrer dos anos, o modo como as narrativas lhe

proporcionavam sugestões passou a atrair cada vez mais seu interesse. A matemática, mesmo hoje, com ele já adulto, era também uma de suas maiores alegrias. Quando ensinava matemática aos alunos da escola preparatória, sentia brotar espontaneamente uma imensa alegria, a mesma que sentia quando criança. E sua vontade era a de compartilhá-la, no sentido ideológico do termo. Poder fazê-lo era algo maravilhoso. Mas o Tengo de agora não conseguia mais adentrar o mundo governado pelas expressões aritméticas sem sentir uma certa restrição. Ele estava ciente de que, por mais que conseguisse explorar o mundo, nele jamais encontraria as respostas que realmente desejava obter.

Na quinta série, após refletir muito, Tengo disse a seu pai que não queria mais acompanhá-lo nas cobranças da NHK. Que, em vez disso, preferia aproveitar o tempo para estudar, ler e passear. Disse que, assim como o pai tinha o seu trabalho, ele também tinha coisas a fazer. Queria ter uma vida normal, como todo mundo.

Isso foi o que disse. Curto e grosso.

Seu pai ficou muito bravo. Disse que a família dos outros não tinha nada a ver com a deles e que cada uma tinha o seu próprio jeito de viver. Injuriado, perguntou a Tengo o que ele queria dizer com “ter uma vida normal”. Mandou parar com as bobagens e o afrontou ao perguntar quem ele pensava que era para querer uma vida normal. Tengo não retrucou. Limitou-se a ficar quieto. Sabia de antemão que não adiantava falar nada. “Se é assim, tudo bem”, disse o pai. “Não vou mais sustentar um filho que ousa me desobedecer. Saia de casa, imediatamente.”

Atendendo ao pedido de seu pai, Tengo juntou as coisas e partiu. Desde o início, já estava decidido e, por mais que seu pai ficasse bravo, xingasse ou levantasse a mão — apesar de não tê-lo feito —, ele não ficaria com medo.

É claro que uma criança de dez anos não tem condições de se sustentar sozinha. Sem alternativas, naquele dia, após as aulas, Tengo procurou a professora responsável por sua classe e lhe contou a situação em que se encontrava. Disse que não tinha onde dormir naquela noite. Disse o quanto era penoso ter de sair todos os domingos com o pai para cumprir a rota de cobrança da NHK. A tutora era uma mulher solteira na faixa dos 35 anos. Não era bonita e usava óculos de lentes grossas com uma armação horrível, mas era uma pessoa bondosa e justa. Tinha baixa estatura e, normalmente, era gentil e de poucas palavras, mas sua aparência enganava, pois, no fundo, era impaciente e, quando ficava brava, se transformava em outra pessoa, de modo que ninguém podia com ela. Tamanha transformação

deixava todos boquiabertos. Mesmo assim, Tengo gostava dela. Mesmo quando estava brava, Tengo não sentia medo.

A professora ouviu sua explicação, entendeu o que ele sentia e se compadeceu. Naquela noite, ela o deixou dormir em sua casa. Estendeu um cobertor no sofá da sala para ele. Preparou o café da manhã e, no final da tarde do dia seguinte, acompanhou Tengo até sua casa e conversou durante horas com o pai.

Tengo não soube o que os dois conversaram, pois pediram a ele que se retirasse da sala. Mas, no final, seu pai teve de voltar atrás. Por mais que estivesse bravo, não podia simplesmente abandonar uma criança de dez anos na rua. A lei estabelecia que os pais eram obrigados a cuidar dos filhos.

Como resultado da conversa, Tengo passaria a ter os domingos livres para passar como quisesse, desde que, no período da manhã, ele fizesse as tarefas domésticas. Mas depois podia fazer o que bem entendesse. Era a primeira vez que Tengo conseguia concretamente conquistar um direito. Seu pai ficou um bom tempo sem falar com ele, mas, para Tengo, era o de menos. O que de fato importava era ter conseguido conquistar algo realmente importante. Era o primeiro passo para a conquista de sua liberdade e independência.

Após terminar o primário, Tengo ficou um bom tempo sem ver sua tutora. Vez por outra, ele recebia convites para participar do encontro de ex-alunos. Se tivesse ido a algum deles, provavelmente a teria reencontrado, mas Tengo nunca quis ir. Não guardava nenhuma boa lembrança dos tempos de escola. Mesmo assim ele às vezes se lembrava dela. Afinal, ela o deixara dormir por uma noite em sua casa e, ainda por cima, conseguira persuadir o teimoso do seu pai. O que ela fizera por Tengo não era algo fácil de esquecer.

Ele a reencontrou no segundo ano do colegial. Ele fazia parte da equipe de judô, mas, por ter machucado a panturrilha, ficou durante dois meses afastado dos treinos. Nesse ínterim, foi temporariamente realocado para ser percussionista da banda da escola porque, a alguns dias de um concurso, os dois percussionistas haviam sido obrigados a sair: um por ter de mudar repentinamente de escola e o outro por estar com uma forte gripe. A banda ficou em sérios apuros e, diante dessa situação, pediram a ajuda de qualquer um que soubesse segurar as baquetas. Por acaso, o professor de música notou que Tengo estava com o pé machucado, entediado por não fazer nada. Com a promessa de porções extras no refeitório e de fazer vista grossa no relatório final do semestre, o professor conseguiu que Tengo aceitasse o convite, e ele começou a participar dos ensaios.

Até então, ele nunca tinha tocado um instrumento de

percussão, muito menos demonstrara interesse. Mas, assim que começou a acostumar o ouvido, descobriu que aquilo se adaptava perfeitamente às características de seu cérebro. Dividir o tempo em pequenos fragmentos para depois reorganizá-los em uma série de sons era algo que lhe dava uma alegria genuína. Todos os sons surgiam esquematizados em sua mente e, como uma esponja, ele absorvia os diversos padrões rítmicos. Por intermédio do professor de música, Tengo conheceu um percussionista de uma orquestra sinfônica e passou a frequentar sua casa para ter as primeiras lições de tímpano. Bastaram algumas horas para que aprendesse as noções gerais de como tocá-lo. Também não teve dificuldades de aprender a ler as partituras, pois lhe pareciam equações.

O professor teve uma agradável surpresa ao descobrir o excepcional talento de Tengo. Após comentar que ele tinha uma aptidão natural para perceber os ritmos compostos e que seus ouvidos eram apurados, vislumbrou uma promissora carreira caso Tengo continuasse a se dedicar à música.

O tímpano é um instrumento de difícil execução. Possui expressivos recursos que dão profundidade e intensidade às infinitas combinações sonoras. Naquela época, eles ensaiavam pequenos trechos de alguns dos movimentos da *Sinfonietta* de Janáček, adaptados para os instrumentos de sopro. Essa seria a música que a banda tocaria no concurso musical na modalidade “tema livre”. A *Sinfonietta* de Janáček era uma música de difícil execução para alunos do colegial. A parte introdutória tinha uma grande atuação do tímpano. O professor de música, condutor da banda, a havia escolhido por ter em seu grupo dois excelentes percussionistas, mas, pelos motivos expostos, ele se virou em dificuldades quando inesperadamente ficara sem eles. Ao substituí-los, Tengo assumiu um papel muito importante. Mas nem por isso se sentiu pressionado. Tanto que conseguiu tocar a música com prazer e satisfação.

No dia do concurso, após o término das apresentações — não ganharam o prêmio, mas conquistaram um lugar entre os melhores —, a antiga professora do ginásio o procurou. Ela o elogiou, dizendo que a apresentação fora magnífica.

— Só de bater o olho, reconheci você — disse a pequena professora (Tengo não conseguia lembrar seu nome). — Como a interpretação do tímpano era muito boa, resolvi observar atentamente o rosto de quem o tocava e, para minha surpresa, não é que era você, Tengo? Você ficou grande, mas, assim que vi o seu rosto, logo te reconheci. Quando você começou a tocar?

Tengo contou sucintamente a história. Após ouvi-la, a professora ficou admirada.

— Você tem inúmeros talentos!

— Acho o judô bem mais fácil — disse Tengo, rindo.

— E o seu pai? Ele está bem? — perguntou a professora.

— Ele está bem — disse Tengo. A resposta era apenas da boca para fora. Ele não sabia se o pai estava bem ou não, e tampouco queria pensar no assunto. Naquela época, Tengo já havia saído de casa e morava no alojamento estudantil. Fazia tempo que não conversava com o pai. — E o que a senhora faz num lugar desses... — perguntou.

— É que minha sobrinha, que estuda em outra escola, é clarinetista numa banda e, como ela ia tocar um solo, me convidou para vê-la — disse a professora. — Você pretende continuar na música?

— Assim que minha perna melhorar, pretendo voltar para o judô. Se eu continuar no judô, não vou passar fome. A minha escola valoriza muito esse esporte. Eles me dão acomodação e tenho direito a três fartas refeições por dia. Se eu ficar na banda, não é a mesma coisa.

— Você quer evitar ao máximo ter de depender de seu pai, não é?

— Ele continua daquele jeito... — disse Tengo.

Tengo reavaliou a pequena professora. E recordou o dia em que dormira na casa dela. Lembrou-se do apartamento funcional e limpo em que ela morava: cortinas de renda, alguns vasos, uma tábua de passar roupas e livros que aguardavam leitura. Um pequeno vestido rosa-choque pendurado na parede. O cheiro do sofá em que dormiu. E agora, vendo-a diante dele, Tengo percebeu que ela parecia hesitante como uma garotinha. Então se deu conta de que ele não era mais um menino indefeso de dez anos, mas um jovem alto e forte de dezessete. Seu tórax era robusto, ele tinha barba e um tremendo apetite sexual. Percebeu também que, quando estava com uma mulher mais velha, estranhamente se sentia mais tranquilo.

— Gostei de te rever — disse a professora.

— Eu também fiquei contente em revê-la — disse Tengo. O sentimento era realmente verdadeiro. Mas não sabia o porquê de não conseguir lembrar seu nome de jeito nenhum.

Aomame

Prender firmemente o balão com uma âncora

Aomame tinha um cuidado especial com suas refeições. Eram à base de verduras, legumes e frutos do mar, principalmente peixes de carne branca. Quanto às carnes, comia de vez em quando a de frango. Os ingredientes eram sempre frescos e, para temperá-los, utilizava o mínimo de condimentos. Evitava alimentos com alto teor de gordura e controlava a quantidade de carboidratos. Não usava molhos prontos para saladas, temperando-as apenas com azeite de oliva, sal e limão. A questão não era apenas comer verduras em quantidade, mas saber combinar vários tipos de hortaliças de modo balanceado, conhecendo detalhadamente cada um dos nutrientes que as compõem. Ela elaborava cardápios personalizados e dava orientações nutricionais quando algum membro do clube pedia. “Esqueça essa coisa de contar calorias”, é o que costumava dizer. “Se você desenvolver o bom senso para escolher alimentos adequados e souber comê-los na quantidade certa, não vai mais precisar se preocupar com números.”

No entanto, isso não significava que ela se agarrava com unhas e dentes a esse cardápio ascético. Quando sentia muita vontade de comer algo, não hesitava em entrar num restaurante e pedir um bife bem grande ou umas costeletas de cordeiro. Era da opinião de que, se o corpo vez por outra sentia um desejo incontrolável de algo, era sinal de que, por alguma razão, ele necessitava daquele alimento. Portanto ela tratava de obedecer a esse pedido espontâneo.

Ela gostava de tomar vinho e saquê, mas, para não prejudicar o fígado e controlar o nível de açúcar, assim como evitar excessos, reservava três dias da semana sem consumir álcool. Para Aomame, o corpo era o seu santuário e, como tal, precisava mantê-lo limpo: sem poeiras nem manchas. O que eventualmente cultuaria nele seria uma outra história; um assunto para se pensar depois.

Seu corpo, por enquanto, não tinha gorduras, apenas músculos. Todos os dias, ela se mirava no espelho totalmente nua para

examinar cuidadosamente sua condição. Não significava que era fascinada por seu corpo. Muito pelo contrário. Seus seios eram pequenos e, ainda por cima, assimétricos. Os pelos pubianos pareciam capins pisoteados por soldados em marcha. Toda vez que ela se olhava no espelho não podia evitar uma careta. Mas, em compensação, não tinha gordura, não tinha nenhum excesso que pudesse pegar com os dedos.

Aomame levava uma vida modesta. A única coisa com que ela não se importava em gastar era com a alimentação. Em matéria de comida, não poupava gastos e só bebia vinhos de qualidade. Quando eventualmente comia fora, fazia questão de escolher um restaurante pela sua culinária bem-cuidada e caprichada. Fora isso, nada mais a interessava em especial.

Não se interessava por roupas, maquiagem nem acessórios. Para trabalhar no clube esportivo, bastava usar roupas informais do tipo jeans e malha. Uma vez dentro do clube, ficava o dia inteiro com um conjunto de duas peças de jérsei. E, obviamente, não usava acessórios. Dificilmente tinha algum compromisso em que precisasse se arrumar. Não tinha namorado nem com quem sair. Depois que Tamaki Ôtsuka se casou, Aomame não tinha mais nenhuma amiga para compartilhar uma refeição. Para os encontros casuais com parceiros sexuais desconhecidos, costumava se maquiar e caprichar na aparência, mas era algo que acontecia no máximo uma vez por mês e, para isso, não precisava de muitas roupas.

Quando necessário, Aomame andava pelas butikques de Aoyama e comprava uma roupa do tipo “vestida para matar”, um ou dois acessórios e um par de sapatos de salto alto. Isso era mais que suficiente. Normalmente, ela calçava um sapato sem salto e prendia o cabelo para trás. Para manter a pele sempre sedosa, bastava lavar o rosto com sabonete e passar uma base. Se seu corpo estivesse limpo e saudável, não tinha do que reclamar.

Desde pequena, estava acostumada a levar uma vida simples e sem ostentações. Desde que se entendia por gente, a ascese e a temperança foram valores incrustados em sua mente. Em sua casa não havia excessos. “Que desperdício!” era a expressão mais usada. Não tinham televisão nem assinavam jornal. Lá, as informações eram simplesmente consideradas *desnecessárias*. Carnes e peixes eram pratos raros à mesa e, por isso, os nutrientes necessários para o crescimento de Aomame foram obtidos principalmente das refeições servidas na escola. Enquanto todos reclamavam que a comida era ruim e a deixavam no prato, ela tinha vontade de comer a sobra dos outros.

Ela sempre usara roupas de segunda mão. Os devotos

organizavam reuniões em que faziam trocas de roupas que não usavam mais. Por isso, a não ser o uniforme de ginástica da escola, nunca ganhara uma roupa nova e tampouco se lembrava de ter usado uma roupa ou um par de sapatos que fossem do seu tamanho. As combinações de cores e estampas também eram horríveis. Se sua família fosse pobre, e viver desse modo fosse inevitável, dava até para se conformar, mas a família de Aomame estava longe de ser considerada pobre. Seu pai era engenheiro e seus rendimentos eram compatíveis com os da média da população. No caso deles, esse estilo humilde de vida era apenas uma questão de princípios.

A vida que Aomame levava era muito diferente daquela das crianças com quem convivia e, por conta disso, durante muito tempo não conseguiu fazer uma única amizade. Além de não ter roupas adequadas para sair com as amigas, geralmente não tinha dinheiro. Nunca recebeu mesada e, se alguém a convidasse para uma festa de aniversário — o que, feliz ou infelizmente, nunca havia acontecido —, não teria dinheiro para comprar nem mesmo um presentinho.

Era por isso que Aomame não só odiava seus pais como também odiava profundamente seu mundo e a ideologia que seguiam. O que ela desejava era ter uma *vida normal*, como qualquer outra pessoa. Não desejava uma vida luxuosa. Queria apenas uma rotina normal e modesta, mais nada. Aomame não via a hora de crescer para poder morar sozinha e do seu jeito, longe dos pais. Queria comer o que tivesse vontade, e gastar o dinheiro do jeito que desejasse. Queria vestir uma roupa nova que lhe agradasse, calçar sapatos do seu tamanho e sair para onde quisesse. Queria fazer muitos amigos e trocar presentes embrulhados em belos papéis.

No entanto, a Aomame adulta descobrira que o único jeito de se sentir em paz era levando uma vida comedidamente ascética. O que mais desejava não era se embonecar para sair com alguém, mas vestir um conjunto de jérsei e ficar sozinha no quarto.

Após a morte de Tamaki, Aomame saiu da empresa de bebidas esportivas, deixou o dormitório e alugou um apartamento de um quarto e cozinha americana em Jiyûgaoka. Não era grande, mas parecia espaçoso. Exceto pelo conjunto de utensílios de cozinha, ela tinha apenas o mínimo de mobília e poucos objetos pessoais. Gostava de livros, mas uma vez que os lia vendia-os em sebos. Gostava também de escutar música, mas nem por isso colecionava discos. Fosse o que fosse, causava-lhe sofrimento ver o acúmulo de coisas. Toda vez que comprava algo era invadida por um sentimento de culpa. Pensava que *na verdade não precisava daquilo*. Sentia um aperto no coração, sentia-se sufocada sempre que via roupas e sapatos bonitos em seu armário embutido. Por isso, esse cenário de liberdade e opulência paradoxalmente trazia à lembrança sua infância de

privações e restrição.

Muitas vezes ela se perguntava o que significava conquistar a liberdade, e se isso não seria o mesmo que escapar habilmente de uma jaula para cair numa outra ainda maior.

Quando ela despachava um homem para outro mundo, a velha senhora de Azabu lhe dava uma recompensa: um pacote com um maço de dinheiro era deixado numa caixa postal dos correios, sem a indicação de destinatário e remetente. Tamaru entregava-lhe a chave da caixa postal, ela retirava o embrulho e devolvia a chave. Sem conferir o conteúdo, deixava o pacote lacrado num cofre do banco, onde já havia mais dois pacotes que, de tão compactados, pareciam tijolos.

Aomame não tinha tempo de gastar o salário mensal e possuía, também, uma certa poupança. Quando recebeu pela primeira vez a recompensa que a velha senhora lhe ofereceu, ela lhe explicou que não precisava do dinheiro.

— É apenas uma formalidade — disse a velha senhora com uma voz baixa e serena. — Por favor, considere isso uma regra. Por isso você deve aceitá-lo. Se você não precisa de dinheiro, não precisa gastá-lo. E se, mesmo assim, isso a desagradar, doe-o anonimamente para alguma instituição de caridade. Você tem toda a liberdade de fazer o que quiser com ele. Mas, se você me permite um conselho, acho que por enquanto o melhor a fazer é guardá-lo em algum lugar e não mexer nele durante um tempo.

— É que eu não queria fazer isso por dinheiro — disse Aomame.

— Sei como se sente, mas saiba que foi graças a você que aqueles desgraçados foram *muito bem despachados* e, por isso, não será preciso perder tempo com o desgastante processo do divórcio nem se envolver com brigas pela guarda dos filhos. A esposa não vai mais precisar viver com medo nem com a incerteza de quando o marido vai chegar, e se vai espancá-la até desfigurar seu rosto. Ela receberá o seguro de vida e a pensão do marido. Pense que o dinheiro que você está recebendo é uma *forma* de essas pessoas poderem demonstrar gratidão. Não há dúvidas de que você fez a coisa certa. Mas não pode ser feito de graça. Sabe por quê?

— Não — respondeu Aomame, com sinceridade.

— Porque você não é um anjo nem Deus. Sei que seus atos são motivados por sentimentos puros, e é por isso que entendo as razões de você não querer aceitar o dinheiro. Mas saiba que um sentimento verdadeiramente puro também possui os seus perigos. Não é nada fácil para uma pessoa de carne e osso carregar isso durante a vida. É por isso que você precisa fixar esse sentimento em terra; seria como prender firmemente o balão com uma âncora. E esse dinheiro é para

isso. Não podemos fazer qualquer coisa só porque a atitude é correta ou o sentimento é puro. Você está me entendendo?

Após refletir sobre o que acabara de ouvir, Aomame respondeu:

— Não entendi muito bem, mas vou seguir o seu conselho.

A velha senhora sorriu e, em seguida, tomou um gole do chá de ervas.

— Não deposite o dinheiro em conta corrente. Se a receita pegar, eles vão desconfiar e querer saber de onde veio. Guarde-o em espécie em um cofre no banco. Um dia ele será útil.

Aomame concordou, dizendo que faria isso.

Ao voltar do clube, ela preparava o jantar quando o telefone tocou.

— Aomame? — Era a voz de uma mulher, uma voz um pouco rouca. Era Ayumi.

Aomame apoiou o fone no ombro e, esticando o braço, abaixou o fogo.

— E então, como vai o trabalho na polícia?

— Continuo a aplicar multas e a ser odiada pela população. Não tenho nenhum homem à vista, somente muito trabalho e disposição.

— Isso é ótimo!

— E você? O que está fazendo agora?

— Preparando o jantar.

— Você está livre depois de amanhã? À noite, é claro.

— Estou, mas não quero repetir o que fizemos outro dia. Vou dar um tempo.

— Também não estou a fim de fazer aquilo tão cedo. É que faz um tempo que não nos encontramos, então achei que seria legal sairmos juntas para conversar.

Aomame pensou um pouco, mas não conseguiu se decidir de imediato.

— É que agora estou com a panela no fogo... — respondeu ela. — Não posso largar a fritura. Será que você poderia me ligar daqui a meia hora?

— Posso sim. Te ligo daqui a meia hora, está bem?

Aomame desligou o telefone e terminou a fritura. Depois, fez uma sopa de soja com brotos de feijão e a comeu com uma porção de arroz integral. Tomou meia lata de cerveja e jogou a outra metade na pia. Lavou a louça e, assim que se sentou no sofá para descansar, Ayumi telefonou.

— Queria te convidar para jantarmos juntas — disse Ayumi. — É muito chato comer sozinha.

— Você sempre come sozinha?

— Moro numa pensão que serve refeições e sempre como conversando com alguém, mas às vezes tenho vontade de comer algo gostoso, com calma, num local tranquilo. E, de preferência, num lugar um pouco mais chique. Mas não gosto de ir sozinha. Você me entende, não é?

— É claro.

— Mas, nessas horas, não tenho ninguém do meu círculo de amizades com quem possa sair: nem homens nem mulheres. Eles preferem os bares. Foi então que pensei... achei que você aceitaria ir num lugar desses comigo. Só espero não estar te incomodando.

— Não é incômodo nenhum — disse Aomame. — Posso, sim. Vamos jantar num local bem chique. Faz tempo que eu não faço isso.

— Sério? — perguntou Ayumi. — Que ótimo!

— Pra você, se for depois de amanhã tudo bem, né?

— Isso. Depois de amanhã estarei de folga. Você conhece um bom lugar?

Aomame disse o nome de um famoso restaurante francês em Nogizaka.

Ayumi ficou boquiaberta ao ouvir esse nome.

— Esse restaurante não é aquele superfamoso? Li numa revista que é caríssimo, e que as reservas são feitas com dois meses de antecedência. Com o salário que eu recebo, não é para o meu bico.

— Não se preocupe. O chefe de cozinha, que é também o dono, é sócio do clube em que trabalho, e sou sua *personal trainer*. De vez em quando, faço consultorias sobre os valores nutricionais dos alimentos para ele compor o cardápio. Por isso, se eu pedir a ele, teremos um tratamento preferencial para conseguir uma mesa, e o preço também ficará muito mais em conta. Mas a mesa não será das melhores.

— Por mim pode ser até dentro do armário.

— Venha bem elegante, está bem? — disse Aomame.

Após desligar, Aomame percebeu que sentia uma simpatia espontânea pela jovem policial; constatação que a deixou um tanto surpresa. Ela não sentia isso desde que Tamaki Ôtsuka morrera. Claro, o sentimento não era o mesmo que tinha por Tamaki. Mas havia muito tempo que não sentia vontade de sair com alguém para comer fora, muito menos com uma policial na ativa. Suspirou. O mundo é cheio de surpresas.

Aomame estava de vestido azul-esverdeado de meia-manga, com um cardigã branco nos ombros, e usava um salto alto Ferragamo. Colocou brincos e uma pulseira fina de ouro. Em vez de levar sua costureira

bolsa a tiracolo — com o picador de gelo —, optou por uma carteira da La Bagagerie. Ayumi vestia uma jaqueta preta, simples, da Comme des Garçons, uma camiseta decotada marrom, uma saia rodada de estampa floral e a mesma bolsa Gucci da outra vez. Usava pequenos brincos de pérola e calçados marrons de salto baixo. Estava bem mais bonita e elegante que da primeira vez. Vendo-a assim, não parecia uma policial.

As duas combinaram de se encontrar no bar. Tomaram um coquetel Mimosa e, em seguida, foram conduzidas à mesa. Não era uma mesa ruim. O chefe apareceu para cumprimentá-las e trocar algumas palavras com Aomame. Disse que o vinho era cortesia da casa.

— Por favor, me perdoem, mas a garrafa já foi aberta para uma degustação. Ontem, uma mesa reclamou do gosto do vinho e tivemos de substituí-lo, mas na verdade não há nada de errado com ele. A reclamação partiu de um político famoso e conhecido em seu meio como um profundo entendedor de vinhos, mas, cá entre nós, ele não sabe nada do assunto. Fez questão de reclamar na frente de todo mundo só para se gabar. Chegou até a insinuar que esse Borgonha estava com o gosto um pouco amargo. Com pessoas assim, o melhor a fazer é entrar na delas e responder “Tem razão. O gosto parece estar meio amargo. O importador não soube conservá-lo adequadamente em seu depósito. Vou trocar a garrafa imediatamente. Só mesmo o senhor para perceber isso. É incrível como realmente entende do assunto” e, em seguida, trazer outra garrafa. Assim, evito ofendê-lo. Bem, não posso falar em voz alta, mas, quando isso acontece, é só inflar um pouquinho a conta de modo a cobrir o valor. E o cliente certamente vai lançar o gasto como despesa de trabalho. Em todo caso, o restaurante não pode servir a outro cliente uma garrafa que foi recusada. Claro que não.

— Mas você achou que a gente não se importaria com isso.

O chefe piscou um olho:

— Vocês não vão se importar, vão?

— Claro que não — disse Aomame.

— De jeito nenhum — respondeu Ayumi.

— Esta linda moça que está com você é a sua irmã mais nova?

— o chefe perguntou para Aomame.

— É o que parece? — disse Aomame.

— De rosto, vocês não se parecem, mas dá essa impressão — disse o chefe.

— É minha amiga — falou Aomame. — Ela é policial.

— Verdade? — o chefe novamente olhou para ela como quem custa a acreditar. — Você carrega pistola e anda de carro patrulha?

— Ainda não atirei em ninguém — disse Ayumi.

— Eu não disse nada de errado, disse? — perguntou o chefe.

Ayumi balançou a cabeça em negativa:

— De jeito nenhum, nadinha.

O chefe sorriu e, juntando as mãos na altura do peito, disse:

— Não importa quem seja o cliente, recomendo com total segurança este Borgonha pela sua qualidade. É uma bebida de boa procedência, produzida em um local de longa tradição, boa safra e, se um cliente normal pedisse esse vinho, custaria algumas dezenas de milhares de ienes.

O garçom se aproximou e serviu o vinho. Aomame e Ayumi fizeram um brinde. O som do toque das taças reverberou como um sino tocado num paraíso distante.

— Ah! É a primeira vez que tomo um vinho tão gostoso — disse Ayumi, estreitando os olhos, após tomar o primeiro gole. — Quem é que, em sã consciência, consegue reclamar de um vinho desses?

— Tem gente que consegue encontrar defeito em tudo — disse Aomame.

Após o brinde, as duas estudaram atentamente o cardápio. Ayumi olhou cuidadosamente, duas vezes, todos os itens como uma advogada experiente examinando um contrato importante: o olhar atento para não deixar escapar nada, para descobrir uma sutil artimanha. Examinou mentalmente as várias condições e cláusulas e ponderou os resultados. Pesou os prós e os contras na *balança*. Aomame observava atentamente seu comportamento na cadeira em frente.

— Já decidiu? — perguntou ela.

— Quase — respondeu Ayumi.

— E o que vai pedir?

— Sopa de mexilhão, salada com três cebolas e vitela de Iwate braseada no Bordeaux. E você?

— Sopa de lentilhas, salada primavera de legumes no vapor e rã assada no papelote, acompanhada de polenta. Não combinam muito com o vinho, mas, sendo cortesia, não podemos reclamar, não é?

— Podemos trocar e experimentar um pouco de cada prato?

— Claro — disse Aomame. — Se você quiser, podemos também pedir de entrada os camarões grandes fritos para dividir, que tal?

— Perfeito! — disse Ayumi.

— Se você já se decidiu, melhor fechar o cardápio — disse Aomame. — Senão, o garçom nunca virá nos atender.

— Tem razão — disse Ayumi, fechando o cardápio e, antes de colocá-lo sobre a mesa, o olhou com a expressão de quem se despede com tristeza. O garçom se aproximou rapidamente e anotou os

pedidos.

— Toda vez que peço alguma coisa no restaurante, a impressão que tenho é de ter feito a escolha errada — disse Ayumi assim que o garçom se afastou. — E você?

— Mesmo que você tenha errado, isso é apenas comida. Comparado aos erros que cometemos na vida, não é nada.

— Você tem razão — disse Ayumi. — Mas, para mim, é muito importante. Desde criança, sempre me arrependo do pedido que faço. “Ah! Em vez de pedir hambúrguer, eu devia ter pedido croquete de camarão.” Você sempre foi assim tão calma?

— Na casa em que cresci, por inúmeras razões, não tínhamos o costume de comer fora. Nunca. Desde que me conheço por gente nunca tinha pisado num restaurante. E só soube o que era escolher um prato no cardápio quando já estava bem grande. Dia após dia, comia em silêncio apenas o que me serviam. Nunca pude reclamar que a comida estava ruim, que a quantidade era pouca ou que não gostava de algo. Mesmo hoje, a bem da verdade, posso comer qualquer coisa.

— Hum, então é isso. Não sei direito por quê, mas eu imaginava outra coisa. Tinha impressão de que você estava familiarizada com esse tipo de restaurante.

Quem ensinara tudo aquilo a Aomame fora Tamaki Ôtsuka. Ela ensinara zelosamente, detalhe por detalhe: como se comportar num restaurante fino, como combinar os pratos para não ser menosprezada, como pedir um vinho, como solicitar a sobremesa, como tratar os garçons e como usar corretamente os talheres. Tamaki ensinou-lhe também como escolher a roupa e os acessórios adequados, e como se maquiar. Para Aomame era tudo uma novidade, uma descoberta. Tamaki era de uma família abastada de Yamanote e sua mãe era uma socialite muito exigente com o modo de se portar e de se vestir. Por isso, desde o colegial Tamaki conhecia muito bem esse tipo de ambiente. Ela conseguia se socializar entre adultos sem hesitar. E Aomame absorveu todo esse conhecimento com avidez. Se Aomame não tivesse tido a oportunidade de conhecer uma professora tão dedicada como Tamaki, certamente ela seria um outro tipo de pessoa. Às vezes, Aomame sentia que Tamaki continuava viva, escondida dentro dela.

No começo, Ayumi estava um pouco tensa, mas à medida que tomava o vinho parecia ficar mais relaxada.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse ela. — Se não quiser responder, tudo bem, mas é que eu queria muito te perguntar. Você não vai ficar zangada, vai?

— Não vou ficar zangada.

— Por mais que a pergunta pareça estranha, não quero que pense que é maldosa, está bem? É que estou muito curiosa. E por essas

e outras as pessoas ficam muito bravas comigo.

— Não se preocupe. Não vou ficar brava com você.

— Verdade? Todas dizem a mesma coisa e depois ficam muito bravas.

— Eu sou diferente. Não se preocupe.

— Pois então, quando você era criança, algum homem fez com você alguma coisa estranha?

Aomame negou levemente com a cabeça.

— Acho que não. Por quê?

— Só pra saber. Se nada aconteceu, está mais que bom — respondeu Ayumi, para logo mudar de assunto. — E então, você já teve algum namorado? Quero dizer, um namorado sério.

— Não.

— Nenhum?

— Nem sequer um — respondeu Aomame. Após ficar um pouco confusa, disse: — Para falar a verdade, eu era virgem até os vinte e seis anos.

Ayumi ficou um instante sem palavras. Descansou o garfo e a faca e limpou a boca com o guardanapo. Durante um bom tempo, em silêncio, observou Aomame com um leve sorriso.

— Uma pessoa tão linda como você. Não dá pra acreditar...

— É que eu não tinha nenhum interesse nessas coisas.

— Você está querendo dizer que não tinha interesse por homens?

— Tinha apenas uma pessoa de quem eu gostava — disse Aomame. — Passei a gostar dele quando eu tinha dez anos e segurei a mão dele.

— Aos dez anos você gostava de um menino. E ficou só nisso?

— Só nisso.

Ayumi pegou o garfo e a faca e cortou o camarão em pedaços bem pequenos enquanto parecia pensar sobre isso.

— E onde ele está? O que ele faz hoje?

Aomame balançou a cabeça.

— Não sei. Estudamos juntos no terceiro e quarto anos do primário em Ichikawa, província de Chiba, mas na quinta série mudei para uma outra escola aqui da capital e, depois disso, nunca mais o vi. Não ouvi mais falar dele. A única coisa que sei é que, se ele estiver vivo, deve estar com vinte e nove anos. É provável que faça trinta no outono.

— Quer dizer que você nem pensou em descobrir onde ele está e o que está fazendo? Acho que não é tão difícil descobrir o seu paradeiro.

Aomame balançou a cabeça categoricamente.

— Não tive vontade de descobrir.

— Que estranho! Se fosse eu, faria de tudo para tentar descobrir onde ele mora. Se você gosta dele, deveria encontrá-lo e falar disso pessoalmente.

— Não quero fazer isso — disse Aomame. — O que eu quero é encontrar com ele casualmente andando na rua ou pegando o mesmo ônibus.

— Um encontro fortuito.

— Algo assim — disse Aomame, tomando um gole de vinho. — Quando isso acontecer, vou me abrir com ele. Vou dizer que é o único homem que amei na vida.

— Parece muito romântico — disse Ayumi, admirada. — Mas acho que a probabilidade de isso acontecer é mínima. Se vocês não se veem há vinte anos, o rosto deve ter mudado. Será que se você cruzar com ele na rua vai reconhecê-lo?

Aomame discordou, balançando a cabeça.

— Por mais que o rosto tenha mudado, se eu olhar para ele, logo o reconhecerei. Não tenho como errar.

— É mesmo?

— É.

— E você está aguardando confiante esse encontro fortuito acontecer.

— É por isso que sempre estou atenta quando ando pelas ruas.

— Puxa! — disse Ayumi. — Mas, mesmo gostando muito dele, você não vê nenhum problema em transar com outros homens, não é? Quero dizer, depois dos vinte e seis anos.

Após pensar um pouco, Aomame respondeu:

— Eles não significam nada, são encontros passageiros.

Não disseram nada durante um tempo, e as duas se concentraram em apreciar a comida. Um pouco depois, Ayumi quebrou o silêncio:

— Sei que estou sendo intrometida, mas aconteceu alguma coisa quando você tinha vinte e seis?

Aomame concordou.

— Aconteceu uma coisa que mudou a minha vida, mas não gostaria de falar sobre isso agora. Me desculpe.

— Tudo bem — disse Ayumi. — Você não está magoada com essa minha intromissão, está?

— Nem um pouco — respondeu Aomame.

A sopa foi servida e as duas a tomaram em silêncio. Durante esse intervalo a conversa ficou suspensa. Assim que as duas descansaram a colher e o garçom retirou os pratos, prosseguiram:

— Mas você não tem medo?

— De quê?

— E se acontecer de você nunca se encontrar com ele? É claro

que um reencontro é perfeitamente possível e, sinceramente, espero que aconteça, mas a possibilidade de vocês nunca se verem também é muito grande, não deixa de ser um problema. E, mesmo que vocês se reencontrem, ele pode estar casado e até ter dois filhos, não é? Se isso acontecer, você não tem medo de passar o resto da vida sozinha, sem poder ficar com a única pessoa do mundo que você ama?

Aomame observou a taça de vinho tinto.

— Pode até ser que eu sinta medo, mas pelo menos posso dizer que gosto de alguém.

— Mesmo que ele fale que não gosta de você?

— Se você ama, ainda que uma única pessoa, de verdade, a vida vale a pena. Mesmo que você não fique com ela.

Ayumi parou para pensar sobre isso durante um bom tempo. O garçom se aproximou e encheu as taças de vinho. Aomame tomou um gole e achou que Ayumi tinha razão ao questionar como alguém consegue reclamar de um vinho tão maravilhoso como aquele.

— É incrível esse seu jeito de encarar as coisas, de forma tão filosófica.

— Não se trata de uma visão filosófica; é apenas algo em que realmente acredito.

— Eu também gostei de uma pessoa — disse Ayumi em tom de confissão. — Foi com ele que tive a primeira relação, logo após me formar no colegial. Era três anos mais velho que eu, mas logo arranjou outra. Depois disso fiquei um pouco revoltada. Não foi um período fácil. Eu já desisti dele, mas ainda não consegui me recuperar do sentimento de revolta. Era um sujeito desprezível que ficava com duas ao mesmo tempo, mas sempre sabia agradar. Mesmo sabendo que ele era assim, não sei por que fui gostar dele.

Aomame assentiu. Ayumi também pegou a taça de vinho.

— Mesmo hoje, de vez em quando, ele me telefona perguntando se não quero sair. É claro que só quer o meu corpo. Sei muito bem disso e me recuso a sair com ele, pois, se eu sair, sei que vou sofrer. Mas, mesmo que minha consciência me diga isso, o meu corpo reage querendo desesperadamente ser abraçada por ele. Quando isso se repete, vez por outra, fico com vontade de fazer uma farra. Você me entende?

— Entendo — disse Aomame.

— Esse cara é um verdadeiro idiota. Tem um temperamento péssimo e nem é tão bom assim na cama, mas pelo menos não tem medo de mim e, quando estamos juntos, é muito carinhoso.

— Esse é um tipo de sentimento que não se pode escolher — disse Aomame. — São eles que entram descaradamente na vida da gente sem ser convidados. É bem diferente de escolher um prato do cardápio.

— É a mesma coisa que fazer um pedido errado e se arrepender depois.

As duas começaram a rir.

— Quer saber? Temos a impressão de que escolhemos tanto o cardápio quanto o homem ou qualquer outra coisa, mas na verdade não escolhemos nada. Desde o começo já está tudo decidido e apenas fingimos escolher. Acho que o livre-arbítrio é uma enganação. Às vezes é nisso que penso.

— Se é assim, a vida é sombria demais — disse Ayumi.

— Acho que é.

— Mas se você ama alguém de verdade, mesmo que essa pessoa seja um crápula e que não te corresponda, a vida pelo menos deixa de ser um inferno, por mais sombria que seja.

— É isso.

— Pois é, Aomame — disse Ayumi. — Acho que não existe nenhuma lógica neste mundo, muito menos bondade.

— Acho que sim — disse Aomame. — Mas agora é tarde para trocar.

— O prazo de devolução já expirou há muito tempo — disse Ayumi.

— Jogamos o recibo no lixo.

— É mesmo.

— Mas tudo bem. Num piscar de olhos, este mundo irá se acabar — disse Aomame.

— Isso parece bem divertido.

— E virá o Reino dos Céus.

— Não vejo a hora — disse Ayumi.

Comeram a sobremesa, tomaram um expresso e, na hora de pagar, dividiram a conta (que ficou extremamente barata). Depois, foram a um bar das redondezas tomar um drinque.

— Olha! Aquele homem ali não é o seu tipo?

Aomame olhou na direção dele. Era um sujeito alto de meia-idade que estava sozinho tomando um martíni na extremidade do balcão. Era o tipo de homem que envelhecera preservando um rosto de aluno que tira boas notas e se destaca no esporte. Os cabelos começavam a rarear, mas o rosto estampava jovialidade.

— Pode até ser, mas hoje, nada de homens — respondeu Aomame categoricamente. — Ainda mais que este é um bar requintado.

— Eu sei. Apenas quis fazer um comentário.

— Fica pra próxima, está bem?

Ayumi fitou o rosto de Aomame.

— Quer dizer que você vai sair comigo de novo? Quero dizer, quando estivermos atrás de homens?

— Vou sim — disse Aomame. — Vamos sair juntas.

— Que bom. Ao seu lado eu sinto que sou capaz de fazer qualquer coisa.

Aomame tomava um daiquiri, e Ayumi um Tom Collins.

— Outro dia, no telefone, você me disse que brincamos de ser lésbicas, não é? — perguntou Aomame. — O que foi que aprontamos?

— Ah! Aquilo... — disse Ayumi. — Não fizemos grande coisa. Apenas fingimos ser lésbicas para animar a festa. Você não se lembra? Você estava tão animada!

— Não me lembro de nada. Absolutamente nada — disse Aomame.

— Ficamos totalmente nuas, tocamos uma nos seios da outra e nos beijamos naquele lugar...

— *Nos beijamos naquele lugar?* — Após dizer isso, Aomame olhou imediatamente para os lados. O bar era silencioso e sua voz pareceu ecoar mais alto que o necessário. Por sorte, ninguém parecia tê-la escutado.

— Já te disse que foi apenas uma atuação. Não usamos a língua.

— Puxa vida — suspirou Aomame, apertando as têmporas com os dedos. — Como é que pude fazer uma coisa dessas?

— Desculpe-me — disse Ayumi.

— Não precisa se desculpar. E não se preocupe. A culpa é minha, de me embriagar a esse ponto.

— Mas saiba que *aquele lugar* era muito gracioso e bonito. Parecia novinha em folha.

— Você diz isso, mas ela é realmente nova — disse Aomame.

— Você só a usa de vez em quando?

Aomame concordou.

— É. Por acaso você tem alguma tendência ao lesbianismo?

Ayumi balançou negativamente a cabeça.

— Foi a primeira vez que fiz aquilo. De verdade. Eu também estava muito bêbada e achei que, se fosse com você, podia experimentar. Como era apenas para fazer de conta achei que seria divertido. E você? Tem alguma tendência?

— Eu também não tenho, mas quando estava no colegial tive uma experiência assim com uma amiga. A intenção não era essa, mas no final aconteceu.

— Acho que é perfeitamente possível. Você sentiu prazer?

— Bem, acho que senti — respondeu Aomame, com sinceridade. — Mas só fiz uma vez. Como achei que não era certo, nunca quis fazer de novo.

— Você acha o lesbianismo uma coisa errada?

— Não é isso. Não é uma questão de achar errado ou impuro. Apenas não quis ter esse tipo de relação com *essa pessoa*. Não queria transformar uma amizade que eu considerava muito importante numa relação tão nua e crua.

— Entendo — disse Ayumi. — Se você não se importar, será que posso dormir esta noite na sua casa? Eu não queria ter de voltar para o alojamento. Se eu voltar, todo esse glamour que curtimos esta noite será destruído em questão de segundos.

Aomame tomou o último gole de daiquiri e pôs o copo no balcão.

— Você pode dormir lá em casa, mas *nada* de querer fazer algo diferente, combinado?

— Claro que não. Não é nada disso. Eu apenas queria ficar um pouco mais com você. Não me importo onde você me faça dormir, sou do tipo que consegue dormir no chão ou em qualquer outro lugar, sem problemas. E como amanhã é o dia da minha folga, não preciso me afobar.

Tomaram o metrô e chegaram ao apartamento de Aomame em Jiyûgaoka. Os ponteiros do relógio marcavam quase onze horas. As duas estavam num estado agradável de embriaguez e sono. Aomame arrumou o sofá e emprestou um pijama para Ayumi.

— Posso dormir um pouco com você na cama? Quero ficar juntinho de você, só por um tempinho. Não vou fazer nada de errado. Palavra de honra — disse Ayumi.

— Está bem — disse Aomame, admirada com o fato de uma mulher que matara três homens estar na cama junto com uma policial.

Ayumi meteu-se debaixo do cobertor e ficou abraçada a Aomame. Os seios firmes de Ayumi ficaram prensados contra o braço de Aomame. Seu hálito era uma mistura de álcool e pasta de dente.

— Aomame, você não acha que os meus peitos são grandes demais?

— De jeito nenhum. São muito bonitos.

— Peitos grandes não dão a impressão de que a pessoa é burra? E dá muita vergonha correr com os peitos balançando, ou ver pendurado no varal um sutiã que parece duas vasilhas de salada presas uma na outra.

— Mas os homens parecem gostar deles assim.

— Ainda por cima, meus bicos são enormes.

Ayumi desabotoou o pijama e mostrou um dos mamilos para Aomame.

— Olha só como é grande. Você não acha esquisito?

Aomame viu que o mamilo não era realmente pequeno, mas também não o achou grande a ponto de ser um problema. Era um pouco maior que o de Tamaki.

— São bonitinhos. Alguém te falou que eram grandes?

— Um sujeito comentou que nunca tinha visto bicos tão grandes.

— Esse cara deve ter visto muito poucos. Do seu tamanho é normal. O meu é que é pequeno demais.

— Mas eu gosto dos seus seios. Têm uma forma elegante, dão a impressão de que você é muito inteligente.

— Você está enganada. Meus peitos são pequenos demais, e o direito é diferente do esquerdo. É difícil encontrar um sutiã para eles, pois cada um é de um tamanho.

— É mesmo? Cada uma vive com seus próprios dilemas.

— Exato — disse Aomame. — Por isso, acho melhor dormirmos.

Ayumi esticou o braço em direção à calça do pijama de Aomame e tentou colocar a mão por dentro. Aomame impediu-a de prosseguir.

— Não pode. Você me prometeu, lembra?

— Me desculpe — disse Ayumi, retirando a mão. — É mesmo. Eu tinha prometido. Acho que estou bêbada. Mas é que eu te admiro muito. Sou como uma colegial impressionada por você.

Aomame ficou em silêncio.

— Então, com certeza você está reservando para aquele homem o que tem de mais importante — disse Ayumi em voz baixa, quase murmurando. — Sinto inveja disso. De se guardar para alguém.

“Ela tem razão”, pensou Aomame. “Mas o que é essa coisa tão importante para mim?”

— É melhor você dormir — disse Aomame. — Vou ficar abraçada até você pegar no sono.

— Obrigada — disse Ayumi. — Desculpe-me de novo.

— Não precisa se desculpar — disse Aomame. — Você não está incomodando.

Ela sentiu a cálida respiração de Ayumi entre os braços. Ao longe, um cachorro latia, e alguém fechou violentamente a janela. Durante um bom tempo Aomame ficou acariciando os cabelos de Ayumi.

Aomame saiu da cama deixando Ayumi adormecida. Pelo jeito, ela é que dormiria no sofá nessa noite. Aomame pegou uma garrafa de água mineral na geladeira e tomou dois copos. Em seguida, foi para a varanda e, sentada numa cadeira de alumínio, contemplou a cidade.

Era uma tranquila noite de primavera. De alguma estrada distante, a brisa trazia consigo um bramido do mar que parecia artificial. Já passava da meia-noite, e poucas eram as luzes de néon acesas.

Aomame tinha real simpatia por Ayumi, e sua vontade era de cuidar dela com carinho. Após a morte de Tamaki, durante muito tempo Aomame estivera decidida a nunca mais ter uma amizade profunda. No entanto, em relação a Ayumi, ela conseguia abrir espontaneamente o coração. Conseguia revelar seus sentimentos. “Mas ela é bem diferente de você”, Aomame explicava para a Tamaki dentro dela. “Você é especial. Nós crescemos juntas. Ninguém pode ser comparada a você.”

Aomame inclinou a cabeça de modo que pudesse ver o céu. Sua consciência vagava em reminiscências: o tempo que passara com Tamaki, as conversas que tiveram, e quando seus corpos se tocaram. Enquanto evocava essas lembranças, ela notou que o céu que observava estava diferente do céu que normalmente costumava ver. Alguma coisa havia mudado. Uma sutil e inegável diferença que causava uma intensa sensação de estranhamento.

Aomame demorou para perceber o que estava diferente. Mesmo após constatar o que havia de estranho, sentiu muita dificuldade em aceitar o fato. Sua consciência não conseguia reconhecer o que seus olhos captavam.

No céu havia duas luas: uma pequena e outra grande. As duas estavam emparelhadas. A lua grande era a mesma que ela estava acostumada a ver. Era quase uma lua cheia e de cor amarelada. Mas, ao lado dessa, havia uma outra, bem diferente. Uma lua que ela nunca tinha visto antes. Tinha o formato irregular e sua cor era levemente esverdeada, como se tivesse a superfície coberta por musgos. Era o que sua vista captava.

Aomame estreitou os olhos e observou atentamente ambas as luas. Em seguida, fechou-os longamente, respirou fundo e abriu-os de novo. Sua esperança era de que tudo estivesse de volta ao normal, que encontrasse uma única lua. No entanto, a situação continuava a mesma. Não se tratava de uma ilusão de óptica ou de um problema de visão. No céu havia realmente, sem sombra de dúvida, duas luas flutuando lado a lado. Uma amarela e outra verde.

Aomame pensou em acordar Ayumi para perguntar se realmente havia duas luas. Mas reconsiderou. Ayumi poderia lhe dizer: “É óbvio! Desde o ano passado temos duas luas.” Ou então: “Como assim, Aomame? Só há uma lua. Você não está com algum problema de vista?” Independentemente da resposta de Ayumi, o problema de Aomame não teria solução, apenas se tornaria pior.

Aomame cobriu a boca com as mãos e observou atentamente as luas. Com certeza, algo estava acontecendo. As batidas de seu

coração começaram a acelerar. Das duas, uma: ou o mundo estava louco, ou ela estava. O problema seria com a garrafa ou com a tampa?

Ela voltou para o quarto, trancou a porta de vidro e puxou a cortina. Tirou do armário uma garrafa de brandy e o colocou no copo. Ayumi dormia confortavelmente na cama com um leve ressonar. Aomame bebeu o brandy em pequenos goles observando Ayumi dormir. E, com os cotovelos apoiados na mesa, tentava não pensar no que havia atrás da cortina.

“Quem sabe realmente estamos próximos do fim do mundo”, pensou Aomame.

— E o Reino dos Céus virá até nós — disse ela, bem baixinho.

— Não vejo a hora — alguém, em algum lugar, respondeu.

Tengo

Fico feliz que tenha gostado

Após passar dez dias reescrevendo a *Crisálida de ar* e entregá-la transformada em uma nova obra para Komatsu, o cotidiano de Tengo tornou-se calmo e tranquilo. Três vezes por semana dava aulas na escola preparatória e uma vez por semana encontrava sua namorada casada. Nas demais horas, cuidava da casa, saía para caminhar e dedicava um tempo para escrever seu romance. E assim passou o mês de abril. Notava-se a gradativa mudança das estações do ano nos brotos que surgiam nas cerejeiras já sem flores e nas magnólias em plena floração. Os dias transcorriam tranquila e ordenadamente, sem imprevistos. Essa era a vida que Tengo sempre quis: uma semana após a outra fluindo naturalmente, sem interrupções.

No entanto, em meio a essa tranquilidade, havia uma pequena mudança. Uma *mudança boa*. Enquanto escrevia seu romance, Tengo percebeu que uma nova fonte passara a existir dentro dele. Não que fosse uma fonte de águas abundantes, mas uma bem pequena e modesta, a correr entre os rochedos. Apesar de o volume de água ainda ser pequeno, ela brotava pouco a pouco, ininterruptamente. Tengo não precisava ter pressa nem se afobar. Era só esperar a água acumular nos espaços entre as rochas. Uma vez acumulada, bastava recolhê-la com as mãos e, em seguida, se sentar em frente à mesa e transformá-la em texto. Era assim, de modo espontâneo, que sua história se desenvolvia.

Quem sabe a concentração e o empenho de reescrever a *Crisálida de ar* teriam ajudado a deslocar a rocha que até então bloqueava a fonte. O próprio Tengo não sabia o porquê de isso acontecer, mas de uma coisa ele tinha certeza: “Finalmente, aquela tampa pesada fora retirada.” Sentia-se leve, como se acabasse de deixar um local apertado e que somente agora pudesse esticar à vontade seus braços e pernas. Possivelmente a *Crisálida de ar* é que teria estimulado esse algo que existia dentro dele.

Tengo percebeu também que dentro de si brotava um sentimento muito parecido com o da ambição. Um sentimento que, desde sempre, pouquíssimas vezes chegara a sentir. Quando era

estudante do colegial e da faculdade, seu treinador de judô e seus colegas veteranos sempre lhe diziam: “Você tem talento, força, está sempre praticando, mas não tem ambição.” Eles tinham razão. O sentimento de “vencer a todo custo” era muito fraco em Tengo. Por isso, nas competições, ele conseguia chegar com facilidade à semifinal, mas, diante de uma luta decisiva, perdia com a mesma facilidade com que vinha vencendo. Isso não se aplicava apenas ao judô, mas a tudo que se propusesse a fazer. Sempre muito calmo, inexistia nele a atitude de *levar as coisas até o fim, custe o que custar*. O mesmo acontecia em relação ao romance. Seu texto não era ruim, suas histórias eram interessantes, mas faltava-lhe a ousadia de querer impressionar o leitor. Após a leitura, ficava-se com a impressão de que “falta alguma coisa”. Tanto que ele sempre chegava até a fase final, mas nunca conseguia ganhar o prêmio literário de autor revelação. Komatsu já lhe havia dito algo sobre isso.

Após reescrever a *Crisálida de ar*, no entanto, Tengo sentiu pela primeira vez algo muito próximo à decepção. Enquanto trabalhava no livro e estava totalmente concentrado nele, o esforço não lhe dera margem para pensar em mais nada. No entanto, após entregá-lo a Komatsu, Tengo teve uma profunda sensação de impotência. Quando esse sentimento se apaziguou, surgiu em seu âmago uma intensa raiva. Uma raiva contra si próprio. Ele reescrevera de modo fraudulento a obra de uma outra pessoa e, ainda por cima, com muito mais empenho do que quando escrevia as suas próprias coisas, e tal constatação o deixou envergonhado. “O papel do escritor não seria o de descobrir a história que existe dentro dele e saber como expressá-la adequadamente por meio das palavras? Será que você não se sente envergonhado? Você também é capaz de fazer isso, desde que assim o queira, não é?”, pensou Tengo.

Mas agora precisava provar isso para si mesmo.

Tengo jogou fora tudo o que estava escrevendo e começou a compor do zero uma nova história. Fechou os olhos e durante um bom tempo escutou atentamente as gotas d’água que fluíam de sua pequenina fonte interior. Logo, as palavras começavam a surgir espontaneamente. Tengo foi juntando essas palavras e pouco a pouco, sem pressa, foi transformando-as em texto.

Em maio, Tengo recebeu um telefonema de Komatsu, que havia tempos não dava notícias. Era um pouco antes das nove da noite.

— Saiu o resultado! — disse Komatsu. Sua voz revelava uma sutil excitação que, vindo dele, era algo muito raro.

De início, Tengo não entendeu direito o que Komatsu estava dizendo.

— Do quê?

— Como assim, do quê? Acabaram de escolher *Crisálida de ar* como vencedor do prêmio literário de autor revelação. A decisão do júri foi unânime. Não houve sequer discussão. Isso estava mais que óbvio, afinal a obra é poderosa, não é? De qualquer modo, as coisas estão fluindo. Agora, mais do que nunca, estamos juntos nessa. Vamos seguir adiante com passos firmes.

Tengo olhou o calendário da parede. Realmente, aquele era o dia previsto para o júri se reunir e selecionar o ganhador do prêmio. De tão concentrado em escrever sua história, Tengo tinha perdido a noção do tempo.

— Como vai ser daqui pra frente? Isto é, em termos de agenda? — perguntou.

— Amanhã a notícia será divulgada nos jornais. Será veiculada simultaneamente em todos os jornais do país. Pode até ser que saia alguma foto. Você não acha que a repercussão será grande só pelo fato de a vencedora ser uma garota bonita de dezessete anos? Sinto dizer, mas o peso da notícia será bem maior do que se o ganhador fosse um professor de matemática do curso preparatório, com trinta anos, que parece um urso que saiu da hibernação, não acha?

— Da água para o vinho — disse Tengo.

— A cerimônia de premiação será no dia 16 de maio num hotel de Shinbashi. Nesse mesmo dia teremos a coletiva de imprensa.

— E Fukaeri vai comparecer nesse dia?

— Ela vai ter de ir. Pelo menos desta vez. Não teria cabimento a vencedora deixar de comparecer à cerimônia de entrega do prêmio, não é? Se conseguirmos sair ilesos dessa, depois é só adotar uma postura mais radical. Vamos dar a desculpa de que a autora não gosta de aparecer em público. Seguimos essa linha para que nunca descubram os *podres*.

Tengo tentou imaginar Fukaeri no salão do hotel dando a entrevista. Microfones enfileirados, inúmeros flashes. Sentiu dificuldades em prever a cena.

— Komatsu, você realmente está pensando em fazer a coletiva?

— Se não fizermos pelo menos uma vez, vai pegar muito mal.

— Com certeza a coletiva será um desastre.

— O seu papel é justamente esse: evitar que seja um desastre.

Tengo manteve-se em silêncio no outro lado da linha. Um mau pressentimento surgiu em sua mente como uma nuvem negra a cobrir o horizonte.

— Ei! Você está aí? — perguntou Komatsu.

— Estou — disse Tengo. — O que você está querendo dizer com... meu papel?

— Quero dizer que você vai ensinar a Fukaeri como funciona uma coletiva de imprensa e como ela deve se comportar nessa situação. As perguntas que os repórteres costumam fazer nesse tipo de ocasião normalmente são todas muito parecidas. Por isso, basta fazer uma lista provável de perguntas e ensiná-la a responder direitinho. Você, como professor de escola preparatória, deve saber fazer isso muito bem.

— E sou eu que devo fazer isso?

— É, você. Não sei por quê, mas Fukaeri confia em você. Se você explicar, ela vai concordar. Eu não tenho como fazer isso. Pra começar, sabia que ela nem sequer quis me conhecer?

Tengo suspirou. Se pudesse, ele queria cortar, de uma vez por todas, tudo que estivesse relacionado à *Crisálida de ar*. Ele já tinha feito o que lhe pediram para fazer e agora queria se concentrar no seu próprio trabalho, mas tinha um pressentimento de que as coisas não seriam tão fáceis assim. E a probabilidade de um mau pressentimento tornar-se real era bem maior do que a de um bom pressentimento.

— Depois de amanhã, no final da tarde, você está livre? — perguntou Komatsu.

— Estou.

— Então esteja às seis horas naquela cafeteria de Shinjuku. Fukaeri estará te aguardando.

— Pois então, Komatsu, acho que não sou a pessoa mais indicada para fazer isso. Eu mesmo nem sei como é que funciona uma coletiva. Nunca vi uma.

— Você não diz que quer se tornar escritor? Então coloque a imaginação para funcionar. O trabalho de um escritor não é justamente imaginar o que nunca viu?

— Mas não foi você mesmo que me disse que eu só precisava reescrever a *Crisálida de ar* e que, feito isso, bastava ficar tranquilamente sentado no banco para assistir ao jogo? E que o resto era por sua conta?

— Tengo, se eu pudesse fazer isso, faria com prazer. Não gosto de ficar pedindo favores, mas como não posso fazer estou humildemente lhe pedindo. Vamos imaginar que estamos num bote. Eu estou ocupadíssimo segurando o leme e não posso soltar as mãos e, por isso, entrego a você o remo. Se você disser que não quer remar, o bote vai virar e todos nós morreremos, inclusive Fukaeri. Você não quer que isso aconteça, quer?

Tengo novamente suspirou. Por que será que ele sempre se metia numa situação em que jamais podia recusar?

— Entendi. Vou fazer o possível. Mas não garanto nada.

— Isso mesmo. Sou-lhe grato. Pelo visto, a Fukaeri decidiu que só quer falar com você — disse Komatsu. — Ah! Tem mais uma coisa.

Vamos abrir uma empresa.

— Uma empresa?

— Escritório, gabinete, agência de produção... o nome é o de menos. É para agenciar a carreira literária de Fukaeri. É claro que se trata de uma sociedade fictícia. Oficialmente, é a empresa que fará os pagamentos para Fukaeri. O responsável será o professor Ebisuno. E você, Tengo, também fará parte do quadro de funcionários. Você pode assumir qualquer cargo e receberá as remunerações através dele. Eu também farei parte da empresa, mas anonimamente, pois, se descobrirem, estarei em apuros. A distribuição dos lucros será via empresa. A única coisa que você precisa fazer é assinar alguns documentos. O resto pode deixar comigo. Tenho um amigo que é excelente advogado.

Tengo pensou a respeito.

— Komatsu... Posso ficar de fora? Não quero nenhuma remuneração. Foi muito bom reescrever a *Crisálida de ar*. Graças a isso, aprendi muitas coisas. O mais importante é que Fukaeri conseguiu ganhar o prêmio. Vou prepará-la para que se saia bem na coletiva. Isso eu ainda posso fazer, mas não quero me envolver nesse tipo de empresa. É como uma fraude organizada.

— Tengo, não dá mais para desistir — disse Komatsu. — Fraude organizada? Pensando bem, acho que você tem razão. É isso mesmo. Mas você já sabia disso desde o começo. Combinamos de lançar uma escritora fictícia chamada Fukaeri, e assim enganar a sociedade. Não era isso? É claro que tudo que envolve dinheiro requer um sistema elaborado para poder administrá-lo. Não se trata de uma brincadeira de criança. Agora não adianta mais você dizer que está com medo, que não quer mais fazer parte disso e não quer mais o dinheiro. Se você queria pular fora, devia ter feito isso bem antes, quando a correnteza ainda estava mansa. Agora é tarde. Para montar uma empresa é preciso ter um mínimo de pessoas, ainda que nominalmente, e não seria o caso de colocar alguém que não sabe de nosso plano. Você realmente precisa fazer parte da empresa. As coisas estão se encaminhando e você já faz parte disso tudo.

Tengo pensou sobre o assunto, mas nenhuma boa ideia lhe surgiu na mente.

— Tenho uma pergunta — disse. — Pelo jeito que você falou, o professor Ebisuno está totalmente de acordo com o seu plano. Inclusive o de ser o responsável por essa empresa fictícia, é isso mesmo?

— O professor está ciente de toda a situação e, como responsável por Fukaeri, aprovou o plano. Depois que falei com você naquele dia, logo telefonei para ele. E o professor, obviamente, se lembrava de mim. Ele apenas quis ouvir de você o que achava de

mim. Ficou admirado com sua apurada capacidade de observar as pessoas. O que você andou falando de mim, hein?

— O que o professor Ebisuno ganha com isso? Não creio que o interesse dele seja o dinheiro.

— Tem razão. Ele não é uma pessoa que se envolve por alguns trocados.

— Então qual é o motivo de ele se envolver num plano tão arriscado? Ele tem algo a ganhar com isso?

— Não sei. Ele é um tipo de homem que não demonstra o que pensa.

— Se você também é uma pessoa que não demonstra o que pensa, a incógnita é bem maior do que parece.

— Pois é — disse Komatsu. — Aparentemente ele é um velhinho inocente, mas, na verdade, é um tipo muito enigmático.

— Até que ponto Fukaeri sabe disso?

— Sobre os bastidores ela não sabe nada, e creio que não é necessário saber. Fukaeri confia no professor Ebisuno e tem simpatia por você. E é por isso que estou te pedindo este favor.

Tengo trocou o fone de mão. Precisava estar a par dos acontecimentos.

— Pois então, o professor Ebisuno não é mais um acadêmico. Saiu da faculdade e não escreve mais livros, não é?

— Realmente ele não tem mais nenhum vínculo com a vida acadêmica. Ele foi um grande especialista, mas atualmente não tem mais nenhum interesse pelo mundo acadêmico. Para falar a verdade, sempre foi um tipo heterodoxo, que nunca se deu bem com autoritarismos e instituições.

— E o que ele faz hoje?

— Parece que é corretor da bolsa — disse Komatsu. — Se o termo corretor soa antiquado, pode-se dizer que ele é um consultor financeiro. Ele junta um grande volume de dinheiro e consegue tirar uma boa margem de lucro negociando ações. Enfurnado no alto da montanha, ele orienta a compra e venda de ações. Tem uma intuição e tanto. Ele está há muito tempo nesse mercado e criou seu próprio sistema. No começo, ele o fazia por hobby, mas, no final, tornou-se sua profissão principal. Essa é sua história. Ele é muito famoso na área. A única coisa que posso afirmar é que não tem dificuldades financeiras.

— Será que existe alguma relação entre a antropologia cultural e as ações?

— No geral, não. Mas para ele existe.

— E não dá para descobrir o que ele realmente pensa.

— Isso mesmo.

Tengo apertou a têmpora durante um bom tempo. Um pouco

depois, já conformado, disse:

— Depois de amanhã, às seis horas da tarde, vou me encontrar com Fukaeri na mesma cafeteria de sempre, em Shinjuku. Vamos conversar sobre a coletiva de imprensa. Está bem?

— Esse é o plano — disse Komatsu. — Por enquanto, não se preocupe demais com isso, deixe as coisas fluírem. Não é algo que comumente acontece na vida da gente. Eis o grandioso mundo do romance picaresco. Faça parte dele e divirta-se com esse denso cheiro do mal. Vamos nos divertir descendo a correnteza e, quando chegar a hora de cair cachoeira abaixo, despencaremos em grande estilo.

Na tarde do segundo dia, Tengo encontrou-se com Fukaeri na cafeteria de Shinjuku. Ela usava jeans azul de corte reto e uma malha fina de verão que evidenciava o contorno dos seios. Tinha os cabelos compridos, bem-aparados, e a pele viçosa. Os homens ao redor não tiravam os olhos dela. Tengo sentia esses olhares. Fukaeri, no entanto, parecia não percebê-los. Realmente, quando for divulgada a notícia de que uma garota como ela ganhou o prêmio de revelação da revista literária, vai dar o que falar.

Fukaeri já havia recebido a notícia de que *Crisálida de ar* havia ganhado o prêmio. Mas não parecia contente ou eufórica. Para ela, tanto fazia ter ou não ganhado o prêmio. Parecia um dia de verão, mas ela pediu chocolate quente. Envolvendo a xícara com as mãos, bebeu o conteúdo como se fosse muito precioso. Ela não havia sido comunicada sobre a coletiva de imprensa, mas, mesmo depois de Tengo informá-la, não esboçou nenhuma reação.

— Você sabe o que é uma coletiva de imprensa?

— Coletiva de imprensa — repetiu Fukaeri.

— Você vai ficar sentada no palco e um grupo de jornalistas vai fazer perguntas a você. Vão tirar fotos. Talvez a televisão também faça alguma cobertura. As perguntas e respostas serão transmitidas em rede nacional. É muito raro uma garota de dezessete anos ganhar um prêmio de novos escritores de uma revista literária, e isso será uma notícia de grande repercussão. A recomendação unânime dos jurados também será motivo de repercussão, por também ser muito difícil de acontecer.

— Fazer perguntas — perguntou Fukaeri.

— Eles vão fazer perguntas e você terá de respondê-las.

— Que tipo de pergunta.

— Diversos assuntos: sobre a obra, sobre você, sua vida pessoal, seus hobbies, seus planos. O melhor a fazer é treinar as possíveis respostas para esses tipos de pergunta.

— Por quê.

— É mais seguro. É para evitar que você fique sem resposta, ou que seja mal-interpretada. Não custa nada treinar um pouco. É como se fosse um ensaio.

Fukaeri tomou o chocolate sem dizer nada. Olhou para Tengo como quem diz: “Não estou nem um pouco interessada, mas já que você insiste...” Seus olhos muitas vezes eram mais expressivos que suas palavras. Em parte porque conseguiam revelar um número maior de frases. Mas ela não podia falar com os repórteres apenas com a expressão do olhar.

Tengo tirou da pasta algumas folhas e as colocou sobre a mesa. Nelas ele listara algumas perguntas que os repórteres poderiam fazer na coletiva. Na noite anterior, preparara a lista após horas matutando.

— Vou fazer algumas perguntas e você me responde como se eu fosse um repórter, ok?

Fukaeri concordou.

— Você já escreveu muitos romances?

— Muitos — respondeu Fukaeri.

— Desde quando você escreve?

— Há muito tempo.

— Está ótimo — disse Tengo. — Responder sucintamente é muito bom. Não é preciso falar coisas desnecessárias. Ótimo. Então, quer dizer que Azami é que escrevia para você?

Fukaeri assentiu.

— Isso você não precisa dizer. É o nosso segredo.

— Não vou dizer — falou Fukaeri.

— Quando você se inscreveu no prêmio, achava que poderia ganhar?

Ela sorriu, mas não abriu a boca. O silêncio prevaleceu.

— Você não quer responder? — perguntou Tengo.

— Não.

— Isso. Se você não quiser responder, mantenha um sorriso. Realmente, é uma pergunta idiota.

Fukaeri concordou novamente.

— De onde surgiu a inspiração para escrever *Crisálida de ar*?

— Da cabra cega.

— Dizer cabra cega não pega bem — comentou Tengo. — Melhor dizer da cabra que não enxerga.

— Por quê?

— Porque a palavra “cega” tem uma conotação discriminatória. Se você disser isso, algum repórter pode ter um ataque do coração.

— Palavra discriminatória.

— Se eu for te explicar, vai levar tempo. De qualquer modo, em vez de dizer cabra cega, será que você poderia dizer da cabra com

deficiência visual?

Passado um tempo, Fukaeri disse:

— Da cabra com deficiência visual.

— Agora sim, está ótimo — disse Tengo.

— *Cega* não pode.

— Isso mesmo. Aliás, sua resposta é ótima!

Tengo continuou com as perguntas.

— O que os seus amigos da escola comentaram do prêmio?

— Não frequento a escola.

— Por que não?

Sem resposta.

— Você pretende continuar a escrever romances?

O silêncio se manteve, como era de se esperar.

Tengo bebeu todo o café e devolveu a xícara ao pires. Do alto-falante no teto da cafeteria ouvia-se, em volume baixo, uma versão instrumental da canção *The Sound of Music*.

Raindrops on roses and whiskers on kittens...

— A minha resposta foi ruim — perguntou Fukaeri.

— Não foi ruim — disse Tengo. — De jeito nenhum. Está bom assim.

— Que bom — respondeu Fukaeri.

Tengo falava a verdade. Apesar de ela dizer apenas uma frase de cada vez e não usar sinais de pontuação, suas respostas eram de certo modo perfeitas. O melhor era que conseguia responder sem hesitar. Falava olhando diretamente para os olhos da pessoa, sem piscar. Era uma prova de sinceridade. As respostas curtas não significavam que menosprezasse o interlocutor. Verdade seja dita, frases curtas dificultam a real compreensão do que se quer dizer. Era isso que Tengo queria. Ao mesmo tempo que ela dava a impressão de ser sincera, também conseguia envolver o outro numa cortina de fumaça.

— Que tipo de romance você gosta?

— *As narrativas de Heike*.

Tengo achou a resposta brilhante; mencionar um romance épico em doze volumes compilados entre os séculos XIII e XIV.

— De que parte você mais gosta de *As narrativas de Heike*?

— Todas.

— Você gosta de alguma outra obra?

— *Narrativas de ontem e hoje*.

— Isso é ainda mais antigo! Você não lê literatura moderna?

Fukaeri ficou um bom tempo pensando.

— *O intendente Sanshō*.

Excelente. Se Tengo não estava enganado, *O intendente Sanshō*, de Mori Ōgai, era do início do período Taishō (1912-1926).

Significava que, para Fukaeri, a obra era considerada literatura moderna.

- Qual é o seu hobby?
- Ouvir música.
- Que tipo de música?
- Gosto de Bach.
- Alguma música em especial?
- Do BWV 846 ao BWV 893.

Após pensar um pouco, Tengo disse:

— O primeiro e o segundo cadernos do *Cravo bem temperado*.

— É.

— Por que você faz as referências por meio dos números?

— É mais fácil lembrar.

Para os matemáticos, o *Cravo bem temperado* era uma música celestial. Um conjunto de prelúdios e fugas para cada uma das doze escalas, tanto as escalas maiores quanto as menores. Temos assim, ao todo, vinte e quatro conjuntos, sendo que o primeiro e o segundo cadernos totalizam quarenta e oito. Um ciclo completo.

— Alguma outra música de preferência?

— BWV 244.

Tengo não conseguiu lembrar de imediato como era a melodia do BWV 244. O número da composição não lhe era estranho, mas, mesmo assim, não conseguia se lembrar do título. Fukaeri começou a cantar:

Buß' und Reu'
Buß' und Reu'
Knirscht das Sündenherz entzwei
Buß' und Reu'
Buß' und Reu'
Knirscht das Sündenherz entzwei
Knirscht das Sündenherz entzwei
Buß' und Reu'
Buß' und Reu'
Knirscht das Sündenherz entzwei
Buß' und Reu'
Knirscht das Sündenherz entzwei
Daß die Tropfen meiner Zähren
Angenehme Spezerei
Treuer Jesu, dir gebären.

Tengo emudeceu. O tom não estava totalmente de acordo, mas a pronúncia do alemão era clara e admiravelmente correta.

— *Paixão segundo São Mateus* — disse Tengo. — Então quer

dizer que você conhece de cor a canção.

— Eu não sei — respondeu a garota.

Tengo pensou em dizer algo, mas faltaram-lhe palavras. Confuso, voltou os olhos para as anotações que tinha em mãos.

— Você tem namorado?

Fukaeri balançou a cabeça para dizer que não.

— Por que não?

— Porque não quero engravidar.

— Mas ter um namorado não significa que você vai engravidar...

Fukaeri manteve-se em silêncio, limitando-se a piscar os olhos com tranquilidade.

— Por que você não quer engravidar?

Fukaeri continuou em silêncio, como era de se esperar. Tengo percebeu como a pergunta tinha sido ridícula.

— Já chega! Vamos parar por aqui — disse Tengo, guardando a lista na pasta. — Pra falar a verdade, é impossível saber o que eles irão perguntar, por isso basta responder do jeito que você achar melhor. Você vai tirar de letra.

— Que bom — disse Fukaeri, e pareceu aliviada.

— Você deve achar uma tremenda perda de tempo treinar as respostas para a entrevista, não é?

Fukaeri encolheu ligeiramente os ombros.

— Eu concordo com você. Mas saiba que não estou fazendo isso porque quero. Quem me pediu isso foi o Komatsu.

Fukaeri assentiu.

— Mas — disse Tengo —, por favor, não diga para ninguém que fui eu que reescrevi a *Crisálida de ar*, está bem? Isso você já sabe, né?

Fukaeri balançou duas vezes a cabeça, concordando.

— Eu escrevi sozinha.

— De qualquer modo, a *Crisálida de ar* é a sua obra, e de mais ninguém. Desde o início, isso é ponto pacífico.

— Eu escrevi sozinha — repetiu Fukaeri.

— Você leu a *Crisálida de ar* depois de reescrita?

— Azami leu para mim.

— O que achou?

— Você escreve muito bem.

— Quer dizer que você gostou?

— Parece que fui eu que escrevi — disse Fukaeri.

Tengo fitou seu rosto. Ela pegou a xícara de chocolate quente e deu um gole. Era necessário muito esforço para que os olhos dele não se voltassem para o volume de seus lindos seios.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Tengo. — Foi muito

divertido reescrever *Crisálida de ar*. Mas é claro que também foi difícil trabalhar de modo a não descaracterizar essa obra que é só sua. Por isso, para mim, é muito importante saber se você gostou do livro feito.

Fukaeri aprovou, balançando a cabeça, mas continuou quieta. E, para se certificar de algo, tocou sua pequenina orelha de belo formato.

A garçonete se aproximou e encheu os copos com água gelada. Tengo deu um gole para molhar a garganta. Depois, tomou coragem e disse uma coisa que havia cogitado havia algum tempo.

— Eu queria te fazer um pedido pessoal. Claro, se você concordar.

— O que seria.

— Você poderia ir com essa mesma roupa no dia da coletiva?

Fukaeri olhou para Tengo com cara de quem não estava entendendo o que ele queria dizer. Em seguida, observou atentamente cada peça de sua roupa como se, até então, não se desse conta do que vestia.

— Ir com essa roupa lá — Fukaeri indagou.

— É. Ir vestida como hoje, no dia da coletiva.

— Por quê?

— Porque fica bem em você. Minha intuição diz que, se você deixar à mostra os belos contornos dos seus seios, os repórteres, mesmo sem querer, não conseguirão tirar os olhos deles. Quem sabe assim a coletiva se encerre sem que eles façam perguntas muito difíceis.

— A roupa é Azami que escolhe — disse Fukaeri.

— Você não escolhe o que vai vestir?

— Não ligo, uso qualquer coisa.

— A roupa de hoje foi a Azami que escolheu?

— Azami escolheu.

— Ficou muito bem em você.

— Com essa roupa, fica bom o contorno dos seios — perguntou Fukaeri sem o tom de interrogação.

— É isso mesmo. Digamos que a roupa os ressalta.

— A combinação da malha e do sutiã é boa.

Tengo sentiu o rosto ruborizar ao perceber o olhar atento de Fukaeri em direção aos seus.

— Não entendo essa coisa de combinação, mas, de qualquer modo, eu diria que ela produziu um bom resultado.

Fukaeri continuou a observá-lo atentamente e, em seguida, perguntou com uma expressão séria:

— Sem querer acabam olhando.

— Tenho de admitir — respondeu Tengo, escolhendo as

palavras.

Fukaeri puxou a malha na altura do pescoço e, como se fosse colocar o nariz dentro, espiou por baixo. Provavelmente, para verificar que tipo de sutiã estava usando. E, durante um tempo, ela observou o rosto ruborizado de Tengo, como se olhasse alguma coisa interessante.

— Vou fazer como pede — disse Fukaeri, um tempo depois.

— Obrigado — agradeceu Tengo. E com isso estava encerrado o encontro.

Tengo acompanhou Fukaeri até a estação Shinjuku. A maioria dos transeuntes andava pelas ruas sem o casaco. Algumas mulheres, inclusive, podiam ser vistas com roupas sem mangas.

O burburinho de vozes e o barulho dos carros se misturavam criando um som coletivo, típico de cidade grande. Uma brisa de início de primavera percorria as ruas, trazendo frescor. Tengo, surpreso, indagava de onde vinha a brisa perfumada que invadia as ruas de Shinjuku.

— Agora você vai voltar para aquela casa? — perguntou Tengo. O trem estava lotado e até chegar lá levaria um tempo absurdo.

Fukaeri negou com a cabeça.

— Tenho um quarto em Shinanomachi.

— Quando fica tarde, você dorme lá, não é?

— Futamatao é muito longe.

Até chegar à estação, Fukaeri segurou a mão esquerda de Tengo como da vez anterior. Parecia uma criança com um adulto, mas, mesmo assim, só pelo fato de uma garota bonita segurar sua mão, espontaneamente, seu coração começou a palpitar.

Ao chegar à estação, Fukaeri soltou a mão de Tengo e se dirigiu até a bilheteria automática para comprar uma passagem até Shinanomachi.

— Não se preocupe com a coletiva — disse Fukaeri.

— Não estou preocupado.

— Não precisa se preocupar, vou me sair bem.

— Sei disso — disse Tengo. — Não estou nem um pouco preocupado. Tenho certeza de que se sairá bem.

Fukaeri não disse mais nada e se adiantou em direção à catraca, desaparecendo em meio à multidão.

Após se separar de Fukaeri, Tengo foi para um barzinho perto da livraria Kinokuniya e pediu um gim-tônica. Era um bar que ele costumava frequentar de vez em quando. De ambientação antiga, o

que lhe agradava especialmente ali era que não tinha música ambiente. Sentado no balcão, sozinho, sem ter o que pensar, observou demoradamente sua mão esquerda. Era a mão que Fukaeri segurara até pouco tempo atrás. Tengo ainda sentia o toque de seus dedos. Depois, lembrou-se do contorno dos seios dela. O formato de seus seios era lindo. De tão lindos e tão maravilhosos, perdiam qualquer tipo de conotação sexual.

Enquanto pensava, Tengo teve vontade de falar com a namorada mais velha. O assunto era o de menos. Podiam conversar sobre qualquer coisa: ela podia se queixar das crianças, falar sobre o índice de aprovação do governo Nakazone, o que fosse. O que ele queria era ouvir sua voz e, se possível, encontrá-la imediatamente em algum lugar e fazer sexo. Mas ele não podia ligar para sua casa. O marido poderia atender. A filha poderia atender. Por essas e outras, ele não podia ligar para ela. Esse foi o trato que fizeram.

Tengo pediu mais um gim-tônica e, enquanto aguardava o pedido, imaginou estar numa canoa descendo a correnteza. “Quando chegar a hora de cair cachoeira abaixo, vamos despencar em grande estilo”, foi o que Komatsu lhe dissera outro dia ao telefone. Será que as palavras de Komatsu são realmente confiáveis? Será que, um pouco antes de a canoa despencar, Komatsu não vai pular sozinho para cima de um rochedo com alguma desculpa do tipo: “Tengo, foi mal. Acabei de me lembrar de uma coisa que preciso resolver. Você cuida do resto, está bem? Conto com você.” E Tengo, sem ter como escapar, despencará sozinho, cachoeira abaixo. Não é algo impossível de acontecer. Muito pelo contrário. É perfeitamente possível.

Ao voltar para casa, dormiu e sonhou. Era um sonho bem nítido daqueles que havia tempos não tinha. Tengo era uma pequenina peça de um quebra-cabeça gigante. Porém ele não era uma peça de característica fixa, pois o seu formato ia se modificando gradativamente, razão pela qual ele não se encaixava em lugar nenhum. Além de procurar um lugar para se encaixar, tinha, também, de recolher as partituras do tímpano. Fortes ventos espalhavam as partituras para todos os lados. Ele tentava recolhê-las, uma a uma, para em seguida verificar as páginas e ordená-las de acordo com a numeração. Enquanto isso, seu formato se modificava como uma ameba. A situação começava a sair do controle quando, sem saber de onde, Fukaeri aparecia e segurava sua mão esquerda. Com isso, Tengo deixava de se transformar. Os ventos cessavam e as partituras paravam de se espalhar. “Que bom”, pensou Tengo. Mas seu tempo também estava próximo de acabar. “É o fim”, Fukaeri anunciou em voz baixa. Como sempre, com uma única frase. O tempo parou e o

mundo também. A Terra foi deixando de girar e todos os sons e luzes cessaram de existir.

No dia seguinte, ao despertar, o mundo continuava a existir. E todas as coisas seguiam adiante, atropelando e esmagando — como o grande carro da mitologia indiana — todos os seres vivos que apareciam em seu caminho.

Aomame

Se somos felizes ou infelizes

Na noite seguinte, as duas luas continuavam no céu. A maior era a mesma de sempre. Se desconsiderássemos sua estranha coloração branca — como se tivesse acabado de passar por uma montanha de cinzas — era a velha lua que estamos acostumados a ver. A mesma que possui em sua superfície a marca do pequeno grande passo deixado por Neil Armstrong, naquele escaldante verão de 1969. Ao lado dela, havia uma outra lua menor, disforme e esverdeada, que se aconchegava timidamente como uma criança malformada.

Aomame achou que não estava regulando bem. Sempre existira apenas uma lua e, mesmo hoje, só poderia haver uma. Se, de repente, o número de luas aumentasse para duas, certamente inúmeras mudanças estariam ocorrendo na Terra. A começar por uma drástica alteração no movimento das marés, assunto que estaria sendo amplamente discutido em todo o mundo. Portanto, seria impossível ela ter deixado escapar uma notícia daquela magnitude. Não seria apenas uma questão de mero descuido, como deixar de ler algum artigo de jornal.

Mas será que *realmente* era aquilo? Será que ela poderia afirmar categoricamente, com cem por cento de convicção?

Aomame ficou amuada por um bom tempo. Ultimamente, coisas estranhas aconteciam ao seu redor. Em lugares por ela desconhecidos, o mundo seguia um curso próprio, a seu bel-prazer. Era como participar de um jogo em que a regra era atuar somente enquanto ela estivesse de olhos fechados. Sendo assim, o fato de existirem duas luas no céu não seria tão estranho. Nesse caso, a pequena lua poderia ter surgido sorrateiramente de algum lugar do universo e, fingindo ser um primo distante, teria se fixado no campo gravitacional da Terra.

A polícia renovara os uniformes e substituíra suas armas. Nas montanhas de Yamanashi, ocorrera um violento confronto entre a polícia e um grupo extremista. Tudo acontecera sem que ela soubesse.

Fora veiculada a notícia de que os Estados Unidos e a União Soviética construíram em parceria uma base permanente na superfície lunar. Será que aquilo teria alguma relação com o aumento do número de luas? Aomame tentou lembrar se havia algum artigo relacionado a essa segunda lua em algum dos microfilmes que vira na biblioteca, mas, até onde se lembrava, não havia nenhum.

Seria ótimo se pudesse perguntar sobre isso para alguém, mas não tinha nenhuma ideia de como e, muito menos, a quem perguntar. Será que ela podia simplesmente indagar: “Olá! Acho que existem duas luas no céu. Será que você poderia dar uma olhada?” Seria uma estupidez. Se, de fato, o número de luas houvesse aumentado, a pessoa acharia estranho que ela ainda não soubesse disso; mas, por outro lado, se ainda existe — como sempre existiu — somente uma lua, ela certamente seria tachada de louca.

Aomame recostou o corpo na cadeira de alumínio, apoiou as pernas no parapeito da sacada e formulou umas dez maneiras diferentes de fazer a mesma pergunta. Chegou, inclusive, a treiná-las em voz alta. E todas, sem exceção, soaram igualmente idiotas. Paciência. Se a situação era absurda, formular uma pergunta decente seria impossível.

Diante do impasse, ela decidiu temporariamente deixar de lado a questão da segunda lua. Resolveu esperar e ver o que acontecia. Por enquanto, a existência da segunda lua não causava nenhum inconveniente em sua vida prática. Quem sabe um dia, sem que ela se desse conta, a lua não estaria mais lá.

Na tarde do dia seguinte ela foi ao clube em Hiroo e deu duas aulas de artes marciais e uma particular. Ao passar na recepção, recebeu uma mensagem da velha senhora de Azabu, algo muito raro de acontecer. Ela solicitava que entrasse em contato assim que possível.

Como sempre, quem atendeu foi Tamaru.

Segundo ele, a velha senhora queria saber se ela poderia transferir para o dia seguinte o programa habitual de exercícios. E se ela aceitaria compartilhar um modesto jantar após a atividade.

Aomame respondeu que poderia ir depois das quatro horas e aceitou com prazer o convite.

— Ótimo — disse Tamaru. — Então até amanhã depois das quatro.

— Tamaru, você tem visto a lua? — perguntou Aomame.

— A lua? — perguntou Tamaru. — Aquela do céu?

— É.

— De uns tempos para cá, não me lembro de ter parado especialmente para contemplá-la. O que tem a lua?

— Nada de mais — disse Aomame. — Bem, então nos vemos amanhã depois das quatro, está bem?

Tamaru aguardou alguns segundos antes de desligar o telefone.

Naquela noite também havia duas luas. Ambas no segundo dia da fase minguante. Com o copo de brandy na mão, Aomame observou-as detidamente — a grande e a pequena — como quem observa as peças de um quebra-cabeça difícil de montar. Quanto mais ela observava o par de luas, maior se tornava a incógnita. Ela bem que gostaria de perguntar diretamente à lua: “O que aconteceu para que, de repente, essa lua pequena e esverdeada tenha passado a te fazer companhia?” Obviamente, a lua não se daria o trabalho de responder.

A Lua, mais que ninguém, sempre observou a Terra bem de perto. Certamente presenciou todos os fenômenos e acontecimentos ocorridos neste mundo. Mas sempre se manteve calada. Ela se incumbia de carregar consigo o peso do passado com extrema frieza e exatidão. Lá não existe ar nem ventos. O vácuo é perfeito para preservar, sãos e salvos, os registros de memória. Aomame ergueu o copo e fez um brinde à lua.

— Ultimamente você dormiu abraçada com alguém? — perguntou Aomame a ela.

A lua não respondeu.

— Você tem amigos? — perguntou Aomame.

A lua não respondeu.

— De vez em quando, você não se cansa de viver assim tão indiferente?

A lua não respondeu.

Tamaru recebeu Aomame na varanda, como de costume.

— Ontem, dei uma olhada na lua — disse Tamaru assim que a viu.

— É mesmo? — disse Aomame.

— Depois que você me perguntou, fiquei intrigado. Mas foi muito bom olhar para a lua depois de tanto tempo. Sente-se uma paz...

— Você viu a lua junto com o seu namorado?

— Isso mesmo — disse Tamaru, tocando a lateral do nariz com o dedo. — Mas então... O que há de errado com a lua?

— Não há nada de errado — respondeu Aomame. E, escolhendo cautelosamente as palavras, disse: — É que ultimamente ando intrigada com ela.

— Sem nenhum motivo?

— Sem nenhum motivo — respondeu Aomame.

Tamaru concordou, balançando a cabeça. Mas parecia desconfiar de algo. Ele não acreditava em coisas desprovidas de motivo. No entanto, não quis insistir e, como sempre, ele a conduziu até o solário caminhando alguns passos à frente. A velha senhora vestia um agasalho esportivo de jérsei e, sentada numa poltrona, lia um livro ouvindo a música instrumental *Lachrimae*, de John Dowland. Era uma das músicas preferidas da velha senhora. Aomame já conhecia a melodia por tê-la ouvido diversas vezes.

— Desculpe-me a mudança de última hora — disse a velha senhora. — O certo seria avisá-la com maior antecedência, mas é que ontem, por acaso, aconteceu de vagar este horário.

— Não se preocupe, por mim está tudo bem — disse Aomame.

Tamaru trouxe na bandeja um bule com chá de ervas e o serviu em duas belíssimas xícaras. Em seguida, retirou-se do solário e fechou a porta. A velha senhora e Aomame tomaram o chá tranquilamente, ouvindo a música de Dowland e contemplando as azaleias que floresciam como labaredas no jardim. Toda vez que Aomame visitava o solário ela se sentia em outro mundo. A impressão era de que o ar se tornava mais denso e as horas fluíam de um modo incomum.

— Quando ouço esta música, às vezes sou tomada por uma estranha sensação em relação ao tempo — disse a velha senhora, como se lesse os pensamentos de Aomame. — E pensar que homens de quatrocentos anos atrás escutavam a mesma música que escutamos agora... não te causa estranhamento?

— É mesmo... — respondeu Aomame. — Mas, pensando assim, podemos dizer que há quatrocentos anos as pessoas também observavam a mesma lua de hoje.

Antes de concordar, a velha senhora olhou para Aomame com uma sutil expressão de surpresa:

— Realmente. Você está coberta de razão. Se pensarmos assim, o fato de estarmos aqui escutando a mesma música de quatro séculos atrás não chega a ser tão estranho.

— Pode-se dizer que a lua é *praticamente* a mesma.

Ao dizer isso, Aomame observou o rosto da velha senhora. Mas seu comentário parecia não ter despertado especial interesse nela.

— A música deste CD foi executada com instrumentos antigos — explicou a velha senhora. — Foram utilizados os mesmos instrumentos e a mesma partitura daquela época. Isso significa que o som que ouvimos é praticamente igual ao que se ouvia naquela época. É como a lua.

Aomame disse:

— As *coisas* podem ser as mesmas, mas o modo como as pessoas de antigamente a percebiam teria sido muito diferente do de

hoje. Naquela época, a escuridão da noite devia ser muito mais profunda, de um intenso breu e, conseqüentemente, a lua era vista como algo muito maior, muito mais claro e mais reluzente. As pessoas obviamente não tinham discos, fitas-cassete e tampouco CDs. No dia a dia elas não tinham condições de ouvir uma música de tão boa qualidade a qualquer hora e no momento desejado. Ouvir música era algo muito especial.

— Você tem razão — admitiu a velha senhora. — O fato de vivermos num mundo como o de hoje, com muitas comodidades, deve ter embrutecido nossa sensibilidade, não acha? A lua pode até ser a mesma, mas nós a enxergamos de maneira diferente. Quatro séculos atrás, talvez tivéssemos um espírito mais desenvolvido e mais conectado à natureza.

— Mas, naquela época, o mundo era cruel. Mais da metade das crianças morriam cedo, antes de se tornarem adultas, vítimas de epidemias ou desnutrição. As pessoas morriam ainda muito jovens devido a doenças como poliomielite, tuberculose, varíola e sarampo. No povo, poucos conseguiam chegar aos quarenta anos. As mulheres tinham muitos filhos e, aos trinta, perdiam os dentes e ficavam como velhas. Para se manterem vivos, muitas vezes tinham de apelar para a violência. As crianças, desde pequenas, eram obrigadas a fazer serviços tão pesados que seus ossos chegavam a deformar-se; e a prostituição de meninas era algo corriqueiro. Creio que a dos meninos também. A maioria das pessoas vivia no limite da subsistência, num mundo totalmente à parte, alheio à sensibilidade e à elevação espiritual. As ruas das cidades estavam repletas de deficientes físicos, mendigos e criminosos. Pouquíssimas eram as pessoas em condições de contemplar a lua, emocionar-se com uma peça de Shakespeare ou ouvir uma música tão bela como a de Dowland.

A velha senhora sorriu.

— Você é uma pessoa muito interessante.

Aomame disse:

— Sou uma pessoa totalmente normal, mas é que gosto de ler livros, sobretudo os de história.

— Eu também gosto dos livros de história. Eles basicamente nos ensinam que somos os mesmos de sempre, não importa se ontem ou hoje. Diferenças podem existir quanto às roupas e ao estilo de vida, mas em relação ao que pensamos e fazemos as diferenças são mínimas. Os seres humanos, no final das contas, não passam de meros veículos, apenas um local de passagem para os genes. Eles transitam de pessoa para pessoa, de geração a geração, como se substituíssem cavalos fatigados por novos. Não sabem discernir entre o bem e o mal. Para eles, pouco importa se somos felizes ou infelizes. Somos apenas um meio. O que realmente importa para os genes é saber o que de fato

é proveitoso *para elas*.

— Mesmo assim, cabe a nós refletir o que vem a ser o bem e o mal, não é?

A velha senhora concordou meneando a cabeça.

— Isso mesmo. Os homens não podem deixar de refletir sobre isso, a despeito de os genes controlarem substancialmente nosso modo de viver. É claro que isso gera a contradição — e, dizendo isso, a velha senhora abriu um sorriso.

A conversa sobre história encerrou-se aí. As duas terminaram o chá e passaram a praticar artes marciais.

Nesse dia elas fizeram uma refeição frugal na mansão.

— A refeição que ofereço é bem simples, espero que não se importe — disse a velha senhora.

— Claro que não — respondeu Aomame.

Tamaru trouxe o jantar no carrinho. A refeição provavelmente fora preparada por um cozinheiro profissional, mas a incumbência de servir à mesa era de Tamaru. Ele abriu o vinho branco no balde de gelo e, com mãos experientes, serviu-o nas taças. A velha senhora e Aomame provaram o vinho. O aroma era bom e a temperatura estava perfeita. No jantar foram servidos aspargos brancos cozidos no vapor, salada Niçoise e omelete com carne de caranguejo. À parte, pão francês e manteiga. Os ingredientes eram todos frescos e saborosos. A quantidade servida também foi suficiente para satisfazer o apetite. A velha senhora sempre comia muito pouco. Ela manejava elegantemente o garfo e a faca e, como um passarinho, levava pequenas porções à boca. Enquanto jantavam, Tamaru aguardava num canto distante da sala. Aomame sempre admirava a proeza com que ele conseguia apagar totalmente sua presença por tanto tempo, a despeito de sua imponência.

Durante a refeição, as duas, concentradas no ato de comer, mantiveram conversas entrecortadas. Uma música tocava suavemente ao fundo: um concerto para violoncelo de Haydn. Outra das composições preferidas da velha senhora.

Os pratos foram recolhidos e, na sequência, Tamaru trouxe o café. Quando estava para se afastar da mesa após servi-las, a velha senhora voltou-se para ele e chamou-o erguendo o dedo:

— Por hoje, está dispensado. Muito obrigada.

Tamaru fez uma breve reverência, abaixando discretamente a cabeça, e retirou-se da sala sem fazer barulho. A porta se fechou delicadamente.

Enquanto as duas tomavam o café, o disco terminou e um renovado silêncio invadiu a sala.

— A confiança entre nós é mútua, não é? — indagou a velha senhora.

Aomame concordou de maneira breve e sem ressalvas.

— Compartilhamos um segredo importante — disse a velha senhora. — Em outras palavras, entregamos nossas vidas uma à outra.

Aomame concordou, guardando silêncio.

Tinha sido nessa mesma sala que Aomame revelara seu segredo para a velha senhora. Aomame jamais esqueceria aquela data. Ela sabia que algum dia teria de confessar para alguém o fardo que carregava no coração, pois o ônus de viver com aquilo beirava o insuportável. Por isso, quando a velha senhora lhe dera a oportunidade de se abrir, Aomame revelara o segredo que guardara a sete chaves durante tanto tempo.

Contou-lhe que sua melhor amiga tinha sido vítima da violência doméstica do marido durante muitos anos e, por conta disso, perdera o equilíbrio emocional; sem ter como fugir, no auge do desespero acabou se suicidando. Um ano após a morte da amiga, Aomame inventou um pretexto para ir até a casa do sujeito. Habilmente, criou as condições propícias para matá-lo, espetando uma agulha bem fina na nuca. Bastou um único furo, que não deixou ferimentos nem provocou hemorragia. A morte foi descrita como decorrente de uma doença. Ninguém levantou suspeitas. Aomame nunca pensou ter feito algo errado e, mesmo hoje, pensava o mesmo. Não tinha peso na consciência. Nem por isso, o fato de usurpar a vida de alguém deixava de ser menos pesado a ela.

A velha senhora ouviu atentamente a longa confissão de Aomame. Aguardou em silêncio ela contar, muitas vezes com dificuldades para se exprimir, tudo o que acontecera. Somente após ouvir toda a história é que a velha senhora fez perguntas pontuais sobre passagens que não tinham ficado muito claras. Depois, estendeu os braços e segurou a mão de Aomame durante um bom tempo.

— Você fez a coisa certa — disse ela, pausadamente, para que suas palavras fossem assimiladas por Aomame. — Se ele continuasse vivo, mais cedo ou mais tarde faria o mesmo com outra mulher. Esse tipo de homem sempre consegue encontrar uma nova vítima. Eles continuarão fazendo a mesma coisa várias e várias vezes. Você cortou o mal pela raiz. Não se trata de mera vingança pessoal. Não se preocupe.

Aomame cobriu o rosto com as mãos e chorou durante algum tempo. Chorou por Tamaki. A velha senhora pegou um lenço e enxugou suas lágrimas.

— É uma estranha coincidência — disse a velha senhora com a

voz calma, sem hesitar. — Eu também *tive de apagar* uma pessoa por razões muito parecidas.

Aomame ergueu o rosto e olhou a velha senhora. As palavras custavam-lhe a sair. “O que ela quer dizer com isso?”, pensou.

A velha senhora prosseguiu:

— É claro que não foi com minhas próprias mãos. Não tenho força física e tampouco conheço uma técnica especial como você. *Apaguei* essa pessoa com os recursos que me eram disponíveis. No entanto, não existe nenhuma prova concreta. Se eu porventura confessar o que fiz, será impossível levantar qualquer tipo de prova contra mim. Assim como no seu caso. Se realmente existe um julgamento após a morte, será Deus quem irá me julgar, mas disso não tenho medo. Não fiz nada de errado. Posso justificar os meus atos diante de qualquer um.

A velha senhora suspirou aliviada e continuou:

— Agora eu e você compartilhamos um segredo muito importante uma da outra. Não é?

Aomame continuava sem entender o que a velha senhora lhe contara. “Como assim... Apagou uma pessoa?” Seu rosto perdia aos poucos a expressão normal, num estado de profunda indagação e intenso choque. Para tranquilizá-la, a velha senhora continuou a conversa com a voz ainda mais serena.

A filha da velha senhora também havia se matado em circunstâncias muito parecidas com as de Tamaki. Ela casara-se com o homem errado. A velha senhora sabia desde o começo que o casamento não daria certo; para ela, era evidente que o homem tinha uma alma desvirtuada. Ele já vinha causando problemas, e a origem desse padrão de comportamento tinha motivações profundamente enraizadas. Mesmo assim, ninguém conseguiu evitar o casamento. Como era de se esperar, a violência doméstica tornou-se corriqueira. Sua filha foi perdendo a autoestima, a confiança e, sentindo-se encurralada, entrou em depressão. O marido minou suas forças, cortou sua independência. Ela passou a viver num inferno, como uma formiga presa numa bacia de areia, sem chances de escapar. Então, certo dia, ela tomou uma grande quantidade de calmantes com uísque.

Na autópsia, foram encontradas marcas de violência pelo corpo. Hematomas provocados por espancamento e golpes muito violentos, fraturas de ossos e inúmeras queimaduras com pontas de cigarro. Os pulsos tinham marcas de terem sido fortemente amarrados. O homem parecia gostar de usar cordas. Os mamilos estavam deformados. O marido foi chamado para depor. Em parte, assumiu os atos de violência, mas alegou veementemente que eram parte dos

jogos sexuais que ele, com o consentimento da esposa, praticava, e de que ela gostava muito.

No final das contas, assim como no caso de Tamaki, a polícia não pôde acusá-lo legalmente. A esposa não havia dado queixa e já se encontrava morta. O marido tinha uma boa posição social e um ótimo advogado criminalista para assessorá-lo. E a causa da morte foi confirmada como suicídio, sem margens para contestações.

— Você o matou? — Aomame ousou perguntar.

— Não. Eu não matei *esse homem*.

Ainda sem entender direito a história, Aomame observava em silêncio a velha senhora, que, em seguida, continuou:

— O ex-marido de minha filha, aquele desgraçado, ainda vive. Todas as manhãs ele acorda em sua cama e caminha com suas próprias pernas pelas ruas. A minha intenção não é matá-lo.

Fez uma pausa, enquanto Aomame assimilava o que ela havia dito.

— O que fiz com meu ex-genro foi destruí-lo socialmente. Destruí-lo, total e completamente. Posso dizer que tenho *esse tipo de poder*. Ele era um fraco. Apesar de ser inteligente, eloquente e ter um certo prestígio social, nunca deixou de ser um tipo fraco e vulgar. Homens extremamente violentos em casa com as mulheres e as crianças com certeza têm personalidade fraca. É justamente por isso que fazem questão de procurar pessoas mais fracas para torná-las suas vítimas. Destruí-lo foi uma tarefa fácil; uma vez destruído, esse tipo de sujeito jamais consegue se erguer novamente. A minha filha morreu há muito tempo, mas até hoje eu o vigio atentamente; jamais tiro os olhos dele. Quando começa a se recuperar, *eu* simplesmente não permito que isso aconteça. Ele pode até estar vivo, mas não passa de um cadáver ambulante. É uma pessoa incapaz de se suicidar. Falta-lhe coragem para tanto. Este é o meu jeito de agir. Não quero simplesmente matá-lo. O que quero é mantê-lo vivo e fazê-lo sofrer muito, sem piedade, sem descanso, sem contudo chegar a matá-lo. É como se eu estivesse esfolando lentamente sua pele. Mas a pessoa que eu *tive de apagar* é outra. Tive razões práticas que me levaram a mandá-la para um outro lugar.

A velha senhora retomou as explicações, voltando-se para Aomame. Um ano após o suicídio da filha, a velha senhora fundou um abrigo particular para mulheres que, como sua filha, eram vítimas de violência doméstica. Ela possuía um pequeno prédio de apartamentos de dois andares num terreno contíguo à mansão de Azabu. No início, sua intenção era a de demoli-lo, razão pela qual estava desocupado, mas, em vez disso, resolveu fazer uma breve reforma e o transformou

em um abrigo para acolher as mulheres que não tinham para onde ir. Ela mantinha um escritório de advocacia no centro de Tóquio com “salas de apoio às vítimas de violência doméstica” e uma equipe de voluntários que se revezavam no atendimento às mulheres por meio de entrevistas e aconselhamentos por telefone. Era esse escritório que entrava em contato com a velha senhora quando alguma mulher necessitava urgentemente ser encaminhada para o abrigo. Muitas traziam seus filhos ainda pequenos e, dentre as crianças na faixa dos dez anos, havia algumas que tinham sofrido abusos sexuais do próprio pai. Elas ficavam alojadas no abrigo até conseguir um local seguro para se acomodarem. O abrigo oferecia o básico para o dia a dia: alimentação e vestuário. As mulheres ajudavam-se mutuamente numa espécie de vida comunitária. Quem arcava pessoalmente com todas essas despesas era a velha senhora.

Advogados e consultores visitavam o abrigo periodicamente para orientá-las sobre os procedimentos a serem tomados. A velha senhora também costumava visitar o abrigo quando sua agenda permitia e, nessas ocasiões, ouvia as histórias de cada uma das mulheres, dando-lhes conselhos caso a caso. Eventualmente, ela também as ajudava a encontrar emprego ou procurava um local seguro para que pudessem seguir com a vida. Se, porventura, surgisse algum problema em que se exigisse uma intervenção física, Tamaru era requisitado para resolvê-lo. Por exemplo, havia casos em que o marido descobria o paradeiro da esposa e vinha buscá-la para levá-la à força. Em casos assim, Tamaru era a pessoa mais indicada para resolver a situação de modo rápido e eficiente.

— Mas sempre há aqueles casos que nem eu nem Tamaru conseguimos resolver, e em que tampouco podemos contar com a ajuda efetiva da lei — disse a senhora.

Com o decorrer da conversa, Aomame notou que o rosto da velha senhora adquiriu uma luminosidade estranhamente acobreada, e aquela costumeira imagem de gentileza e elegância desapareceu por completo, dando lugar a *algo* que ultrapassava uma simples expressão de raiva e ódio. Algo que provavelmente existia no âmago de seu ser na forma de um caroço pequeno, rígido e sem nome. Mas, a despeito dessa mudança, sua voz mantinha o habitual tom de serenidade.

— É claro que o discernimento para decidir se uma pessoa deve ou não existir não pode ser pautado somente pelo lado prático, ou seja, não se pode considerar apenas o fato de que, se o marido morrer, o processo do divórcio será bem mais fácil e o dinheiro do seguro será rapidamente liberado. A ação só deve ser levada a cabo como um último recurso, após considerar meticulosamente todos os fatores de modo imparcial, ou seja, somente após concluir seguramente que o homem não merece compaixão. Parasitas que, para

viver, sugam o sangue das pessoas mais fracas: homens de mentes vis, sem possibilidade de cura nem vontade de se reabilitar; enfim, todos aqueles que não valem para permanecer neste mundo.

A velha senhora cerrou os lábios e durante um bom tempo fixou o olhar em Aomame, como se tentasse enxergar além de uma parede de pedra. Em seguida, disse calmamente:

— Esse tipo de pessoa precisa desaparecer *de alguma forma*, sem chamar a atenção da sociedade.

— E isso é possível?

— Há várias maneiras de apagar uma pessoa — disse a velha senhora, selecionando as palavras. Dito isso, fez uma longa pausa. — Eu tenho um *certo jeito* de fazer com que elas desapareçam. Sei como fazer isso.

Aomame ficou um bom tempo pensando sobre o que acabara de ouvir, mas o modo de a velha senhora se expressar era vago demais.

Ela prosseguiu:

— Cada uma de nós perdeu uma pessoa que nos era muito importante, e de uma maneira absurda, o que nos deixou profundamente machucadas. Apesar de a ferida jamais cicatrizar, não podemos ficar sentadas somente a observá-la. É preciso levantar e partir para a ação seguinte. Não se trata de vingança pessoal, mas de uma ação em prol da justiça, no mais amplo sentido da palavra. O que você me diz? Gostaria de me ajudar a realizar o trabalho? Preciso de uma colaboradora competente e de confiança. Uma pessoa com quem eu possa compartilhar os segredos e que abrace essa missão junto comigo.

Aomame levou certo tempo para organizar mentalmente e assimilar o que acabara de ouvir. A confissão da velha senhora e sua proposta eram igualmente inusitadas. Tanto que Aomame precisou de tempo para tentar entender o que sentia em relação àquilo tudo. Enquanto aguardava a resposta, a velha senhora manteve-se em silêncio, sem se mover na cadeira, apenas observando Aomame. A velha senhora não tinha pressa. Parecia ter todo o tempo do mundo.

“Ela certamente está vivendo uma espécie de loucura”, pensou Aomame, “mas não é louca nem doente mental. Não. É uma pessoa extremamente imparcial em seu modo de pensar, equilibrada emocionalmente, e também já deu provas de discernimento. Portanto, é *algo muito parecido* com a loucura, mas não necessariamente a própria loucura. Talvez seja algo muito próximo do sentimento de intolerância. Neste momento, o que a velha senhora deseja é compartilhar comigo sua loucura ou intolerância, esperando de mim a mesma imparcialidade. A velha senhora acredita que eu tenho condições para isso”.

Quanto tempo Aomame refletiu sobre isso? Enquanto estivera concentrada, mergulhada em seus pensamentos, perdera a noção de tempo. Apenas seu coração marcava o tempo num ritmo regular, pautado em batidas secas. Aomame visitou inúmeros cubículos existentes dentro dela, rememorando o passado como um peixe a retornar para a nascente, nadando contra a correnteza. Nesses locais encontrou cenários familiares e cheiros há tempos esquecidos. Em alguns deles sentiu uma agradável saudade; em outros, uma terrível dor. De repente, surgiu um pequeno feixe de luz que atravessava seu corpo. Foi então que ela sentiu uma estranha sensação como se, de uma hora para outra, se tornasse transparente. Ao incidir a luz sobre sua mão, viu que conseguia enxergar através dela. De repente, sentiu que seu corpo estava leve. Foi exatamente nesse momento que Aomame pensou: “Se ela se entregasse a essa loucura ou intolerância, e com isso seu corpo fosse destruído e o mundo desaparecesse, o que ela realmente teria a perder?”

— Entendi — disse Aomame. Após morder os lábios longamente, disse: — Se eu puder fazer algo, gostaria de ajudá-la.

A velha senhora estendeu os braços e segurou firmemente as mãos de Aomame. A partir de então, passaram a compartilhar os segredos e a abraçar essa missão; esse *algo* que se assemelhava à loucura. Não. Esse algo que era a própria loucura. Porém Aomame não sabia quais seriam os limites do que se poderia considerar loucura ou não. Em parte, porque os homens que elas mandavam para um mundo distante eram aqueles que, de todos os pontos de vista, não mereciam compaixão.

— Não faz muito tempo que você mandou aquele homem no hotel de Shibuya para o *outro mundo* — disse a velha senhora, com sua habitual serenidade. Quando ela dizia “mandou” para o outro mundo, era como se estivesse falando sobre o transporte de um móvel em uma mudança.

— Daqui a quatro dias fará exatamente dois meses — disse Aomame.

— Ainda não se passaram dois meses? — continuou a velha senhora. — Eu não deveria estar pedindo a você que fizesse o novo trabalho tão cedo. O ideal seria esperar no mínimo seis meses. Se o intervalo de tempo for muito pequeno, isso lhe trará uma enorme sobrecarga emocional. Como eu poderia dizer... o que você faz não é comum. E as pessoas podem começar a desconfiar caso a quantidade de homens morrendo de ataque no coração aumente muito, principalmente se eles tiverem alguma relação com as mulheres do abrigo pelo qual sou responsável.

Aomame sorriu discretamente e em seguida comentou:

— Neste mundo existem muitas pessoas desconfiadas...

A velha senhora retribuiu-lhe o sorriso e disse:

— Como você já deve saber, sou uma pessoa extremamente cautelosa. Não confio na casualidade, possibilidade ou sorte. Sempre procuro resolver as coisas de forma pacífica, e somente em último caso é que recorro àquilo. Uma vez que me vejo forçada a colocar *aquilo* em prática, elimino todos os riscos possíveis e imaginários. Estudo minuciosamente as possibilidades com riqueza de detalhes e só lhe peço o serviço quando tudo estiver certo e sob controle. É por isso que nunca tivemos nenhum contratempo, não é?

— Realmente — confirmou Aomame. A velha senhora tinha razão. Das vezes anteriores, Aomame se dirigia ao local combinado levando consigo seu instrumento. As condições do local eram previamente estudadas com muita atenção. Ela enfiava uma agulha de ponta extremamente fina num ponto específico da nuca do homem e, após se certificar de que tinha sido “mandado para o outro mundo”, ela deixava o local. Tudo transcorria rigorosamente como o planejado, com a máxima perfeição.

— No entanto, quanto ao próximo caso, sinto dizer que preciso lhe pedir para fazer o serviço sem o habitual respaldo que costumo lhe dar. Desta vez, além de enfrentar a dificuldade de elaborar uma agenda, temos também o agravante de não conseguir obter informações precisas para preencher algumas lacunas. Isso significa que possivelmente não vamos conseguir te oferecer as condições ideais para o trabalho. É uma situação um pouco diferente.

— Diferente como?

— Esse homem não possui uma posição comum — disse a velha senhora, escolhendo as palavras. — Para começar, ele tem um forte esquema de segurança.

— É um político?

A velha senhora discordou, balançando a cabeça.

— Não. Ele não é um político. Sobre esse assunto, vamos conversar numa outra hora. Tentei levantar outras possibilidades para não ter de lhe pedir isso, mas nenhuma me pareceu satisfatória. Se agirmos do jeito convencional, o plano não dará certo. Sinto muito, mas não vejo outra saída a não ser pedir que você o faça.

— É um trabalho urgente? — perguntou Aomame.

— Não. Não é urgente. Não há uma data específica. Mas, quanto mais tempo passar, maior será o número de pessoas que sofrerão. E a chance de podermos agir é bem limitada. É impossível prever quando teremos uma outra oportunidade.

Através da janela, via-se a escuridão, e o silêncio preenchia o solário. “Será que a lua já apareceu?”, pensou Aomame. De onde se

sentava, não conseguia vê-la.

A velha senhora quebrou o silêncio:

— Pretendo explicar a você em detalhe as circunstâncias deste caso. Mas, antes disso, quero que você conheça uma pessoa. Vamos até lá nos encontrar com ela.

— Ela mora no abrigo? — perguntou Aomame.

A velha senhora inspirou lentamente e emitiu um som ténue do fundo da garganta. Seus olhos refletiam um brilho especial que Aomame nunca havia visto.

— Há seis semanas ela foi trazida aqui por recomendação do escritório de apoio. Durante as primeiras quatro semanas ela estava em estado de choque e não disse uma única palavra. Parecia ter perdido totalmente a habilidade de falar. As únicas informações que conseguimos obter foi seu nome e idade. Ela foi encontrada em estado lastimável, dormindo na estação de trem. Somente após ter sido encaminhada para as autoridades policiais e passar por algumas instituições é que foi trazida até nós. Desde então, estou tentando me aproximar dela, sem pressa. Levei muito tempo para fazê-la entender que aqui era um local seguro, que não precisava ter medo. Agora, ela já consegue falar alguma coisa. Ainda fala de modo confuso e entrecortado; mas, juntando uma frase aqui e outra ali, conseguimos entender, ainda que superficialmente, o que fizeram com ela. Sofreu atrocidades difíceis de verbalizar. Algo realmente lamentável.

— É um outro caso de violência do marido?

— Não — disse a velha senhora, com a voz ressequida. — Ela tem somente dez anos.

A velha senhora e Aomame atravessaram o jardim, abriram uma pequena portinhola trancada a chave e passaram ao terreno contíguo onde havia o abrigo. A construção era de madeira, e os apartamentos eram pequenos. Antes, a casa servia principalmente de moradia para os inúmeros empregados que trabalhavam na mansão. Era uma construção de dois pavimentos e, apesar de ter estilo, estava um pouco velha para ser alugada para terceiros. Mas servia muito bem como local de refúgio temporário para mulheres que não tinham para onde ir. Um enorme e antigo carvalho estendia seus galhos como se protegesse a casa, e a porta de vidro da entrada era belamente decorada. Ao todo, eram dez quartos. Havia períodos em que a casa ficava lotada; em outros, vazia. Mas geralmente era ocupada por cinco a seis mulheres. Naquele momento, metade das janelas estava com as luzes acesas. A não ser por vozes ocasionais de crianças, o silêncio reinava de modo estranhamente absoluto. Tinha-se a impressão de que a própria casa parecia conter a respiração. Nela não se ouviam os sons

habituais do cotidiano. Próximo ao portão ficava presa uma fêmea de pastor-alemão que grunhia e latia quando alguém se aproximava. Era difícil saber quem a adestrara para latir forte quando algum homem se aproximava. Mas a pessoa de quem ela mais gostava era Tamaru.

Quando a velha senhora se aproximou, a cachorra imediatamente parou de latir e, arfando, começou a abanar o rabo em nítida alegria. A velha senhora se curvou e deu leves batidinhas em sua cabeça. Aomame também se curvou e coçou suas orelhas. A cachorra conhecia Aomame. Ela era muito inteligente. E, não se sabe por quê, adorava comer espinafre. Em seguida, a velha senhora abriu a porta do terraço com a chave.

— Uma das residentes é quem cuida da menina — disse a velha senhora. — Elas dormem no mesmo quarto e, na medida do possível, peço que não tire os olhos da menina. No momento, achamos melhor não deixá-la sozinha.

No abrigo, as mulheres ajudavam-se nas tarefas cotidianas, e eram implicitamente incentivadas a falar de suas experiências e a compartilhar a dor que sentiam. Com isso, muitas conseguiam se recuperar de modo gradativo e natural. As mulheres que moravam havia mais tempo explicavam a rotina da casa para as recém-chegadas e lhes davam os artigos de primeira necessidade. Elas se revezavam na limpeza e no preparo das refeições. Entre elas, havia uma ou outra que preferia se isolar e se recusava a compartilhar sua experiência. Nesses casos, a privacidade e o silêncio eram respeitados. Mas a maioria delas gostava de interagir e conversar abertamente sobre suas experiências com mulheres que haviam enfrentado situações semelhantes. No abrigo era proibido beber, fumar ou permitir o acesso de pessoas estranhas; com exceção dessas restrições, não havia nenhuma outra regra realmente importante.

Na casa havia um telefone e uma televisão, que ficavam na sala, próxima à entrada. Ali havia também um conjunto de sofás antigos e uma mesa de jantar. A maioria das mulheres parecia passar grande parte do tempo naquele espaço. Mas dificilmente a televisão ficava ligada e, mesmo quando estava, o volume era mantido bem baixo, a ponto de quase não se ouvi-la. As mulheres normalmente preferiam ler livros ou jornais, tricotar ou conversar bem baixinho. Entre elas havia quem ficasse o dia todo pintando. Era um espaço estranho. Um espaço de transição que mediava o mundo real e o mundo após a morte, onde a luz pairava sombria e estagnada, independentemente de o dia estar ensolarado ou nublado, de ser dia ou noite. Toda vez que Aomame entrava na sala, ela se sentia como um peixe fora d'água, uma intrusa insensível num clube exclusivo. A solidão que aquelas mulheres sentiam tinha uma origem diferente da dela.

Assim que a velha senhora entrou na sala, as três mulheres que ali estavam imediatamente se levantaram. Era visível o profundo respeito que nutriam por ela. A senhora pediu que voltassem a se sentar:

— Por favor, fiquem à vontade. Só vim trocar umas palavrinhas com Tsubasa.

— Ela está no quarto — informou uma mulher que aparentava ter a mesma idade de Aomame. Tinha os cabelos longos e lisos.

— Ela está com Saeko. Parece que ainda não quer descer — disse uma outra, um pouco mais velha.

— Ainda deve levar algum tempo — disse a velha senhora, esboçando um leve sorriso.

As três mulheres concordaram, apenas meneando a cabeça. Elas sabiam muito bem o que significava “levar algum tempo”.

Ao subir as escadas e entrar no quarto, a velha senhora pediu licença para que a mulher pequena e franzina que ali estava as deixasse conversar a sós com a menina. A mulher, chamada Saeko, esboçou um sorriso apático e, ao sair, fechou a porta e desceu as escadas. Com isso, a velha senhora e Aomame ficaram sozinhas com a menina de dez anos chamada Tsubasa. As três sentaram em torno da mesa de refeições que havia no quarto. Cortinas de tecido grosso cobriam a janela.

— Esta moça se chama Aomame — disse a velha senhora. — Não se preocupe, ela trabalha comigo.

A garota olhou rapidamente o rosto de Aomame e, em seguida, concordou balançando discretamente a cabeça. Um gesto sutil demais, que passaria facilmente despercebido.

— Esta é Tsubasa — apresentou a velha senhora. E, na sequência, perguntou: — Há quanto tempo você está aqui conosco?

A menina balançou levemente a cabeça, dando a entender que não sabia. O movimento não chegava a um centímetro.

— Seis semanas e três dias — respondeu a velha senhora. — Você pode não contar os dias, mas eu os conto direitinho. Sabe por quê?

A menina novamente balançou milimetricamente a cabeça.

— Em certas situações, o tempo é algo muito importante — respondeu a velha senhora. — O fato de contá-lo pode se tornar algo muito significativo.

Aos olhos de Aomame, Tsubasa era como qualquer outra criança. Talvez um pouco mais alta do que as meninas da mesma idade, mas era magra e ainda não tinha seios. Parecia num estado crônico de desnutrição. Seu rosto não era feio, mas parecia muito

debilitado. Seus olhos eram como janelas embaçadas que impossibilitavam ver o que havia no interior. De vez em quando, seus lábios secos e finos se mexiam nervosamente, tentando formular palavras que não se transformavam em sons.

A velha senhora tirou uma caixa de chocolates que trouxera dentro de um saco de papel. Na tampa havia a paisagem dos Alpes Suíços. Ao todo eram doze belíssimos chocolates de diferentes formatos. A velha senhora deu um a Tsubasa, outro a Aomame e, por fim, pegou um para si, que levou à boca. Aomame também comeu. A menina, após observá-las, colocou o seu na boca.

As três mantiveram-se em silêncio enquanto comiam o chocolate.

— Você se lembra de quando tinha dez anos? — perguntou a velha senhora, dirigindo-se a Aomame.

— Lembro muito bem — respondeu Aomame. Naquele ano, ela segurou a mão de um menino e jurou amá-lo para sempre. Meses depois, menstruou pela primeira vez. Foi uma época de muitas mudanças. Ela também se afastou da religião e decidiu cortar os laços com os pais.

— Eu também me lembro — disse a velha senhora. — Quando eu tinha dez anos, meu pai me levou para Paris e morei lá durante um ano. Naquela época, ele trabalhava no corpo diplomático. Morávamos num antigo apartamento próximo ao jardim de Luxemburgo. Estávamos no final da Primeira Guerra Mundial, e nas estações de trem havia muitos soldados feridos; entre eles, inclusive, crianças e idosos. Em qualquer estação do ano, Paris é considerada uma cidade maravilhosa, mas a única imagem que guardo dela é de um cenário tingido de sangue. Enquanto a batalha na linha de frente continuava acirrada, pessoas que perderam pernas, braços e olhos vagavam pelas ruas feito almas penadas. O que me chamava a atenção eram as tiras brancas dos soldados enfaixados, e a braçadeira de luto das mulheres. As carroças levavam para o cemitério muitos caixões novos e, durante o trajeto, as pessoas no caminho se calavam, desviando o olhar.

A velha senhora projetou os braços sobre a mesa. A menina, após pensar um pouco, estendeu as mãos, que até então estavam em seu colo, e as colocou sobre as mãos da velha senhora. A senhora as segurou. Provavelmente, quando criança, seu pai ou sua mãe também deviam ter segurado firmemente suas mãos toda vez que se deparavam com as carroças empilhadas de caixões pelas ruas de Paris. Para encorajá-la, eles também deviam dizer que ela não se preocupasse, pois estava num lugar seguro.

— Os homens produzem diariamente milhões de espermatozoides — disse a velha senhora voltando-se para Aomame. — Você sabia disso?

— Não sabia que era tanto — respondeu Aomame.

— Eu não saberia dizer a quantidade exata, mas sei que são muitos. Os homens liberam tudo isso de uma só vez. Mas a quantidade de óvulos maduros que a mulher produz é limitada. Você sabe quantos são?

— Não sei a quantidade correta.

— Durante a vida não passam de quatrocentos — disse a velha senhora. — Os óvulos não são reproduzidos mensalmente, eles estão armazenados dentro da mulher desde o nascimento. Após a primeira menstruação, todo mês um deles amadurece e é liberado. Esta menina também tem óvulos armazenados dentro de si. Como ela ainda não menstruou, eles deveriam estar intocados, devidamente guardados numa espécie de gaveta. A função desses óvulos é acolher espermatozoides e ser fertilizados.

Aomame assentiu.

— A grande diferença de mentalidade entre homens e mulheres parece vir dessa distinção entre os aparelhos reprodutores. Do ponto de vista estritamente fisiológico, nós, mulheres, vivemos com o objetivo premente de proteger essa quantidade limitada de óvulos. Isso vale tanto para você como para mim e também para esta menina — disse a velha senhora. Esboçando um leve sorriso, acrescentou: — No meu caso, obviamente, tenho de usar o passado: *vivia* com esse objetivo.

Aomame fez um rápido cálculo mental e constatou que ela já tinha liberado cerca de duzentos óvulos, e que restava apenas a outra metade, possivelmente com o rótulo de “reservado”.

— Mas os óvulos desta menina jamais poderão ser fecundados — disse a velha senhora. — Semana passada, ela foi examinada por um médico de minha confiança. Seu útero foi destruído.

Aomame fitou a velha senhora com uma expressão de dor e, em seguida, olhou a menina. As palavras custavam-lhe a sair.

— Destruído?

— Isso mesmo. Destruído — respondeu a velha senhora. — Mesmo que ela se submeta a uma cirurgia, o útero não poderá ser recuperado.

— Mas quem foi que fez isso? — perguntou Aomame.

— Ainda não temos respostas — respondeu a velha senhora.

— O Povo Pequeninino — disse a menina.

Tengo

Não há mais vez para o Grande Irmão entrar em cena

Logo após a coletiva, Komatsu telefonou para Tengo e disse que tudo corra bem, sem nenhum contratempo.

— Deu tudo certo! — falou Komatsu eufórico, num tom de voz que não era habitual. — Puxa! Eu não esperava que ela fosse se sair tão bem. Ela soube responder habilmente às perguntas, de modo inteligente, e causou uma ótima impressão em todos.

Tengo não se surpreendeu com os comentários de Komatsu. Não que houvesse alguma razão especial para isso, mas Tengo não estava tão preocupado com a coletiva. No fundo, sabia que Fukaeri se sairia bem. No entanto, a expressão “causou uma ótima impressão” não combinava com a imagem que ele fazia dela.

— Quer dizer que ela não deixou escapar nenhum podre. É isso? — Tengo achou melhor perguntar, ainda que por precaução.

— Isso mesmo. Encurtei o tempo da coletiva e dei um jeito de cortar as perguntas inconvenientes. Mas, para falar a verdade, não havia nenhuma pergunta especialmente *difícil*. Afinal, trata-se de uma garota muito bonita de dezessete anos, e, convenhamos, nenhum jornalista ia querer fazer o papel de vilão, não é? Claro, pelo menos não por enquanto. É imprevisível saber o que vai acontecer daqui pra frente. Neste mundo, os ventos mudam de direção a qualquer momento.

Tengo imaginou Komatsu em pé, no alto de um enorme precipício, com uma cara séria, lambendo o dedo e erguendo-o para verificar a direção dos ventos.

— De qualquer modo, tenho de admitir que tudo deu certo graças ao ótimo trabalho que você fez ao treiná-la. Sou muito grato. As notícias sobre a premiação e a coletiva devem sair nos jornais de amanhã, na edição vespertina.

— Com que roupa ela estava?

— Roupa? Ah! Era bem simples. Um suéter de malha fina e

uma calça jeans bem justinha.

— Uma blusa que ressalta os peitos?

— Pensando bem, acho que sim. Dava para ver direitinho o contorno de seus seios. Que, aliás, pareciam fresquinhos, como se tivessem acabado de *sair do forno* — comentou Komatsu. — Pois então, Tengo, aquela menina será conhecida como uma escritora jovem de extraordinária genialidade, e vai dar o que falar. Ela tem boa aparência e, apesar de falar de modo estranho, provou ser muito inteligente. Além do mais, tem um ar que a distingue da maioria. Eu já acompanhei a estreia de muitos escritores, mas ela é especial. Quando digo que alguém é especial, pode acreditar no que falo. Daqui a uma semana estará nas prateleiras a revista com *Crisálida de ar*, e aposto qualquer coisa, minha mão esquerda e minha perna direita que, em menos de três dias, a edição estará totalmente esgotada.

Tengo agradeceu Komatsu por informá-lo sobre as boas novas e desligou o telefone. A notícia o deixou, de certa forma, mais tranquilo. Significava que ao menos haviam superado o primeiro obstáculo, a despeito de não terem a mínima ideia de quantos ainda teriam pela frente.

A coletiva foi divulgada nos vespertinos do dia seguinte. Ao voltar da escola, Tengo passou num quiosque da estação e comprou quatro jornais. Ao chegar em casa, comparou as reportagens. Todas davam praticamente as mesmas informações. Não eram matérias grandes, mas o tratamento era excepcional, em se tratando de uma premiação de novos escritores de uma revista literária que normalmente não ganhava mais que cinco linhas. Conforme Komatsu havia previsto, a mídia ficou alvoroçada com a notícia de que uma garota de dezessete anos ganhara o prêmio literário. Os artigos informavam que *Crisálida de ar* fora escolhido por unanimidade pelos quatro membros da comissão julgadora. Ressaltava que não houvera nenhuma contestação e que a decisão não levava mais de quinze minutos. Algo realmente surpreendente. Era considerado impossível haver unanimidade de opiniões entre os quatro membros do júri, composto por escritores atuantes e com personalidades fortes. A obra estava causando rebuliço nos meios literários. Segundo os jornais, na pequena coletiva, realizada num dos salões do hotel em que ocorrera a cerimônia, a escritora respondera às perguntas dos repórteres “com clareza e simpatia”.

Ao ser questionada: “Você pretende continuar a escrever romances?”, ela havia respondido: “O romance nada mais é que uma forma de expressão do pensamento. Desta vez, por acaso, ele tomou a forma de romance; não sei que forma ele terá da próxima vez.”

Era difícil acreditar que Fukaeri tivesse dito uma sentença tão comprida de uma única vez. O mais provável era que o repórter a

houvesse elaborado a partir de frases entrecortadas, inserindo palavras para preencher as lacunas. Por outro lado, ela talvez pudesse ter usado uma frase longa. Em se tratando dela, não se podia afirmar nada com absoluta certeza.

Quanto à pergunta sobre seu livro preferido, a resposta obviamente fora *As narrativas de Heike*. Ao responder a um dos repórteres sobre qual parte ela mais gostava, recitou o trecho de cor. A longa recitação durou cerca de cinco minutos, deixando os presentes admirados. Ao terminar, o público manteve-se em silêncio durante um bom tempo. Por sorte (essa seria a palavra mais acertada), ninguém quis saber qual era sua música preferida.

“Quem foi que ficou mais feliz por você ter ganhado o prêmio?” foi outra das perguntas. Antes de responder, ela se manteve em silêncio por um bom tempo (Tengo podia imaginar a cena) para só então dizer: “Isso é segredo.”

Pelo tom das notícias, dava-se a entender que em nenhum momento ela havia mentido. Tudo que dissera era a pura verdade. Sua foto estava em todos os jornais. A Fukaeri da foto era ainda mais linda que a imagem que Tengo guardava dela. Quando conversavam pessoalmente, sua atenção se voltava ao gestual, às mudanças de expressão, às palavras que ela pronunciava e, por isso, quase nunca prestava atenção em seu rosto. Mas ao vê-la na foto, estática, ele percebeu o quanto era bonita. Era uma foto pequena, tirada durante a coletiva (de fato, ela estava com o mesmo suéter de verão que usara da vez anterior), mas notava-se um tipo de luminescência em seu rosto. Talvez era a isso que Komatsu se referia ao dizer que ela tinha “um ar que a distingue da maioria”.

Tengo dobrou os jornais e os guardou. Depois, em pé na cozinha, preparou a refeição enquanto bebia uma lata de cerveja. A obra reescrita por ele vencera com unanimidade o prêmio de revelação de uma revista literária, ganhara repercussão pública e a perspectiva de se tornar um best-seller. Ao pensar assim, sentiu algo estranho: um misto de alegria sincera com insegurança e desassossego. Tudo caminhava dentro do previsto, mas seria normal tudo ir assim tão bem?

Enquanto preparava a refeição, sentiu que perdera o apetite. Um pouco antes, estava com fome, mas agora não tinha mais nenhuma vontade de comer. Resolveu envolver com filme plástico a comida que estava preparando e guardá-la na geladeira. Em seguida, sentou-se na cadeira da cozinha e, em silêncio, bebeu a cerveja olhando o calendário na parede. Ganhara o calendário do banco, e nele havia fotos do monte Fuji nas quatro estações. Tengo nunca havia subido o monte Fuji. Nunca subira na torre de Tóquio. Nunca subira na cobertura de um prédio alto. “Por que será?”, pensou Tengo. Talvez

por ter sempre vivido com os olhos voltados para onde pisava.

Komatsu acertou em cheio sua previsão. A revista com *Crisálida de ar* se esgotou no primeiro dia, sumindo rapidamente das prateleiras. Até então, vender toda a tiragem de uma revista literária era inédito. A editora mantinha essa publicação mensal, mesmo operando no vermelho, pois seu objetivo era lançar posteriormente as obras em livros e revelar novos escritores com o prêmio literário. Não havia nenhuma expectativa de obter lucros com a publicação. Portanto, vender todas as revistas num único dia era uma notícia que chamava a atenção do público, como se houvesse nevado em Okinawa. Mesmo assim, vender tudo não significava necessariamente que a revista fosse sair do vermelho.

Komatsu telefonou para explicar essas coisas.

— Isso é muito bom — disse Komatsu. — Se as revistas esgotaram, as pessoas vão se interessar ainda mais pela obra, e a curiosidade de lê-la será maior. A gráfica está trabalhando a todo vapor para editar *Crisálida de ar* em livro. Caráter de urgência, prioridade máxima. Desse jeito, ganhar o prêmio Akutagawa é o de menos. O importante agora é vender o livro enquanto a notícia está quente. Com certeza vai se tornar um best-seller. Eu garanto. Por isso, Tengo, é melhor você já ir pensando em como vai gastar o dinheiro.

Na coluna literária do jornal de sábado havia uma notícia sobre *Crisálida de ar*, que informava que a revista havia se esgotado rapidamente. Alguns críticos literários faziam comentários sobre o livro. Em geral as críticas eram positivas. Segundo eles, era difícil crer que uma garota de dezessete anos fosse capaz de ter um estilo tão vigoroso, uma sensibilidade tão apurada e uma imaginação tão rica. E levantavam a possibilidade de a obra criar um novo estilo literário. Um dos críticos apontava que, “em alguns trechos, a excessiva imaginação lamentavelmente comprometia o elo com a realidade”. Foi a única opinião negativa que Tengo encontrou. Mas esse mesmo crítico terminava o artigo num tom mais moderado, dizendo “aguardar com muito interesse que tipo de obra essa jovem vai escrever daqui para a frente”. A direção dos ventos parecia favorável.

Fukaeri telefonou para Tengo quatro dias antes da data prevista para o lançamento do livro. Eram nove da manhã.

— Estava acordado — perguntou Fukaeri. Como sempre sem entonação.

— Estou — respondeu Tengo.

— Hoje à tarde está livre.

— Depois das quatro estou livre.
— Podemos nos encontrar.
— Podemos — disse Tengo.
— Pode ser no mesmo lugar de sempre — perguntou Fukaeri.
— Pode sim — respondeu Tengo. — Às quatro da tarde estarei naquela mesma cafeteria de Shinjuku. Ah, você estava muito bem na foto. Aquela que foi tirada no dia da coletiva.
— Eu vesti o mesmo suéter — disse Fukaeri.
— Ficou bem em você — disse Tengo.
— Porque você gosta do formato dos seios.
— Você tem razão, mas o mais importante é que eles causaram uma boa impressão nas pessoas.

Fukaeri manteve-se em silêncio por um bom tempo. Era um silêncio parecido com o de uma pessoa observando atentamente algo disposto numa prateleira próxima. Talvez ela estivesse pensando qual seria a relação entre causar uma boa impressão e o formato de seus seios. O próprio Tengo pensava na possível relação, sem saber ao certo qual poderia ser.

— *Quatro horas* — disse Fukaeri, e em seguida desligou.

Quando Tengo chegou à cafeteria, um pouco antes das quatro, Fukaeri já o aguardava, com o professor Ebisuno sentado a seu lado. Ele vestia uma camisa cinza-claro de mangas compridas e uma calça cinza-escuro. Como da vez anterior, parecia uma estátua, com as costas perfeitamente eretas. Tengo ficou surpreso em vê-lo. Komatsu lhe dissera que era muito raro o professor “descer a montanha”.

Tengo sentou-se em frente aos dois e pediu um café. Apesar da proximidade da estação das chuvas, o dia estava quente, como em pleno verão. E, mesmo com o calor, Fukaeri bebia, aos golinhos, uma xícara de chocolate quente como da vez anterior. O professor Ebisuno pedira um café gelado no qual nem havia tocado. O gelo derreteria, formando uma camada de água na superfície do líquido.

— Obrigado por ter vindo — disse o professor Ebisuno.

Assim que o café foi servido, Tengo tomou um gole.

— Parece que as coisas estão se encaminhando bem — disse o professor, de modo pausado, como a testar o tom de sua própria voz. — Antes de mais nada, gostaria de agradecer sua grande, ou melhor, sua enorme contribuição.

— Agradeço suas palavras, mas, como o senhor já sabe, neste caso em particular sou uma pessoa que oficialmente não existe — disse Tengo. — E uma pessoa inexistente não tem como contribuir.

O professor Ebisuno esfregou as mãos sobre a mesa para ganhar tempo.

— Não seja tão modesto. Você pode não existir publicamente, mas, na prática, sua existência é verdadeiramente real. Se você não existisse, nada disso teria acontecido. Foi graças a você que *Crisálida de ar* se transformou nessa obra excepcional. Você conseguiu agregar maior profundidade e riqueza ao conteúdo, muito mais do que eu podia imaginar. Realmente, Komatsu tem olho clínico.

Fukaeri bebia em silêncio o chocolate quente, como um gatinho a lamber uma tigela de leite. Ela vestia uma blusa branca de meia manga, bem simples, e uma saia azul-marinho curta. Como sempre, não usava nenhum ornamento. Quando se curvava para beber o chocolate, o rosto se escondia por trás dos longos cabelos lisos.

— Eu queria muito lhe dizer isso pessoalmente, por isso peço desculpas pelo incômodo de fazê-lo vir até aqui — disse o professor Ebisuno.

— Não precisava se incomodar. Reescrever a *Crisálida de ar* foi muito significativo para mim.

— Ainda insisto em expressar minha gratidão.

— Não precisa me agradecer — disse Tengo — Mas, se o senhor me permitir, gostaria de fazer algumas perguntas pessoais sobre Fukaeri.

— É claro que sim. Se eu puder responder...

— O senhor é o tutor oficial dela?

O professor Ebisuno discordou, balançando a cabeça.

— Não. Não sou exatamente o tutor. Mas gostaria de sê-lo. Como conversamos outro dia, há tempos que eu não tenho nenhuma notícia dos pais dela. Legalmente, não tenho nenhum direito sobre ela. Apenas acolhi a Eri quando apareceu lá em casa sete anos atrás, e, desde então, venho cuidando dela.

— Se é assim, o normal não seria o senhor fazer o máximo para não expô-la? Se ela se expuser e se tornar o foco das atenções, isso lhe trará problemas. Ainda mais sendo menor de idade.

— Quando você se refere a problemas, você quer dizer que a situação pode se complicar se os pais dela, por exemplo, resolverem me denunciar e requererem a guarda da filha? Ou, ainda, que podem forçá-la a voltar para o lugar de onde fugiu?

— Isso mesmo. Esse é um ponto que não consigo entender.

— Sua pergunta é pertinente. No entanto, há circunstâncias do lado de lá que também os impedem de agir publicamente. Quanto mais a Eri for o centro das atenções, maior será a exposição deles caso venham a fazer algo contra ela. E isso certamente é algo que não desejam.

— *Eles* — disse Tengo. — O senhor está se referindo a “Sakigake”, é isso?

— Isso mesmo — respondeu o professor. — Estou falando do

grupo religioso Sakigake. O fato de eu ter cuidado de Eri durante esses sete anos foi, em parte, muito positivo. A própria Eri manifestou seu desejo de continuar morando lá em casa. Além do mais, não sei o que houve com os pais dela, mas o fato é que simplesmente a abandonaram durante todo esse tempo. Não posso entregá-la sem nenhuma resistência, dizendo “Concordo com vocês”.

Tengo organizou mentalmente as informações e indagou:

— Conforme o previsto, *Crisálida de ar* será um best-seller e Eri vai se tornar o centro das atenções. Em contrapartida, isso dificultará as ações de Sakigake. Até aí eu entendo perfeitamente. Mas o que o senhor *pretende* fazer de agora em diante?

— Eu também não sei — disse o professor, em tom neutro. — O que vai acontecer daqui para a frente pertence a um território desconhecido ao qual ninguém tem acesso. Não existem mapas. Precisamos dobrar a esquina para depois saber o que nos aguarda. Não temos ideia do que vamos encontrar.

— Não tem ideia do que vai encontrar? — perguntou Tengo.

— Não. Por mais que soe leviano, a verdade é que *não temos ideia* do que nos espera. É como atirar uma pedra num lago profundo: Plaft! Um barulho enorme ecoa ao redor... Agora, só nos resta aguardar e observar atentamente o que vai sair de dentro do lago.

Os três ficaram em silêncio, cada um imaginando a seu modo as ondulações agitando a superfície do lago. Tengo aguardou um tempo que, segundo seus cálculos, seria suficiente para que as ondulações imaginárias dos demais também se aquietassem, e então quebrou o silêncio:

— Como eu já disse em nosso primeiro encontro, o que estamos fazendo é um tipo de fraude. Não deixa de ser um crime. Daqui pra frente, a tendência é que isso envolva uma considerável soma de dinheiro, e a mentira vai crescer como uma bola de neve. Uma mentira vai puxar outra, elas se tornarão cada vez mais complexas e fatalmente escaparão do nosso controle. Quando a verdade vier à tona, todos nós, inclusive Eri, sairemos prejudicados ou, na pior das hipóteses, destruídos; ou seja, seremos socialmente aniquilados. O senhor está de acordo com isso?

O professor Ebisuno levou a mão à ponte dos óculos.

— No final das contas, só me resta concordar.

— Segundo Komatsu, o senhor também aceitou ser o representante legal dessa empresa forjada, que vai tratar dos assuntos relacionados a *Crisálida de ar*. Em outras palavras, o senhor pretende participar do plano de Komatsu expondo o seu nome publicamente, o que significa que está disposto a assumir a culpa.

— No final das contas, acho que é isso que vai acontecer.

— O senhor é uma pessoa excepcionalmente inteligente, dono

de um vasto conhecimento e de uma original visão de mundo. Mesmo assim, o senhor diz que não consegue imaginar o que vai acontecer daqui pra frente. Disse há pouco que não tem a mínima ideia do que vai encontrar ao dobrar a esquina. O que eu não consigo entender é por que uma pessoa como o senhor quer se envolver numa situação tão incerta e imprevisível.

— Agradeço os seus elogios, mas... — o professor fez uma breve pausa e prosseguiu: — Entendo muito bem o que está querendo dizer.

Houve um silêncio.

— Ninguém sabe o que vai acontecer — interveio de repente Fukaeri, retornando a seguir ao silêncio. A xícara de chocolate estava vazia.

— É isso mesmo — disse o professor. — Ninguém sabe o que vai acontecer. Eri tem toda a razão.

— Mas deve haver algum plano — disse Tengo.

— Existe um plano — disse o professor.

— Posso tentar adivinhar?

— É claro que pode.

— A publicação de *Crisálida de ar* pode ajudar a desvendar o que aconteceu com os pais de Eri. O significado de jogar uma pedra no lago seria isso?

— Você chegou bem perto — disse o professor Ebisuno. — Se *Crisálida de ar* se tornar um best-seller, a mídia vai assediá-la como carpas que se juntam no lago. Para falar a verdade, a repercussão já está sendo grande. Desde que ela foi à coletiva, chovem convites para que conceda entrevistas a revistas e canais de TV. Estou recusando todos os pedidos, mas, com a publicação do livro, a procura será ainda maior. Se continuarmos a recusar todas as entrevistas, eles farão de tudo para descobrir o histórico de Eri. Cedo ou tarde, a sua vida pessoal virá à tona. Eles vão descobrir quem são os pais dela, onde e como ela foi criada e quem está cuidando dela agora. E isso certamente será um assunto de grande interesse.

“Eu não faço isso porque gosto. Hoje vivo tranquilamente nas montanhas e jamais me envolveria num assunto de tamanha repercussão. Não tenho nada a ganhar com isso. O que quero fazer é jogar a isca e conduzir o interesse da mídia para os pais dela. Fazer com que a mídia queira *saber onde estão e o que estão fazendo*. A intenção é fazer a imprensa descobrir o que até hoje a polícia não conseguiu ou não quis fazer. Se der certo, vamos usar as informações para libertar o casal Fukada. Seja como for, tanto para mim quanto para Eri essas pessoas são muito importantes. Não posso simplesmente abandoná-las sem tentar descobrir o que aconteceu.”

— Mas se o casal Fukada realmente estiver lá, por que

estariam sob custódia durante esses sete anos? É muito tempo, não acha?

— Eu também não sei. Apenas posso levantar hipóteses — disse o professor. — Como já disse outro dia, Sakigake era originalmente uma comuna agrícola de inspiração revolucionária que, num determinado momento, resolveu cortar relações com o grupo extremista Akebono e, após uma mudança drástica em suas diretrizes, tornou-se um grupo religioso. Devido ao incidente ocorrido em Akebono, a polícia realizou uma investigação em Sakigake, mas constatou que o grupo não tinha nenhuma relação com o ocorrido. Desde então, Sakigake foi reforçando gradativamente seu posicionamento religioso. Não; o certo seria dizer que isso se deu de forma abrupta. O fato é que a sociedade não tem como saber que tipo de atividades eles desenvolvem lá dentro. Você também não sabe, não é?

— Realmente não sei de nada — disse Tengo. — Não vejo televisão e quase não leio os jornais. Acho que não posso ser considerado um parâmetro da sociedade.

— Não se trata de estar desinformado. Eles agem sorrateiramente para que a sociedade não saiba o que estão fazendo. As novas religiões procuram chamar atenção para ganhar fiéis, mas Sakigake não segue essa linha. Seu objetivo não é aumentar o número de fiéis. Normalmente, as religiões querem conquistar o maior número de seguidores para manter sua receita, mas Sakigake não parece ter esse tipo de preocupação. Mais do que dinheiro, o que eles realmente querem é reunir recursos humanos: seguidores jovens, saudáveis, capacitados nas mais diversas áreas de especialização e com alto grau de comprometimento com os objetivos do grupo. Por isso jamais aliciam as pessoas. Eles não aceitam qualquer um. As pessoas que os procuram são submetidas a uma entrevista e passam por um exame de seleção. Às vezes, eles é que buscam pessoas com alguma capacitação específica que lhes seja útil. Foi assim que se criou um grupo religioso com pessoas altamente motivadas, qualificadas e de forte apelo militante. Publicamente, dedicam-se à agricultura e seguem uma rigorosa prática ascética.

— Afinal, que tipo de doutrina religiosa eles seguem?

— Não adotam nenhum livro sagrado. Mesmo que tenham algum, deve ser bem eclético. Em linhas gerais, devem seguir um tipo de budismo esotérico e, mais do que se preocupar com detalhes doutrinários, os objetivos centrais de suas vidas são o trabalho e a prática ascética, muitíssimo rigorosa. Tudo é levado muito a sério. Jovens em busca de uma vida espiritual mais plena surgem de todas as partes do país ao serem informados da existência desse grupo. A união entre eles é bem forte e, para os de fora, adotam uma postura de total

sigilo.

— Existe algum líder entre eles?

— Publicamente, não. O grupo preza a coletividade e rejeita o culto à individualidade. No entanto, não se sabe o que se passa lá dentro. Eu também estou colhendo informações, mas pouca coisa escapa além daqueles muros. Só se pode afirmar que Sakigake continua crescendo, e que seu capital é grande. O grupo adquiriu novas propriedades e vem aumentando cada vez mais em área e infraestrutura. Os muros que a cercam também foram ainda mais reforçados.

— E o nome de Fukada, antigo líder de Sakigake, de uma hora para outra deixou de ser publicamente mencionado.

— Isso mesmo. É tudo muito estranho. Muito difícil de entender — disse o professor Ebisuno, olhando rapidamente para Fukakeri e, em seguida, voltando os olhos para Tengo. — Sakigake esconde um grande segredo. Com certeza ocorreu uma profunda ruptura interna. Algo que não temos como saber. Mas o fato é que essa ruptura provocou uma mudança radical de uma comuna agrícola para a formação de um grupo religioso. E foi também a partir daí que deixaram de ser um grupo pacífico, aberto à sociedade, para ser tornarem extremistas e cheios de segredos. Eu imagino que ocorreu uma espécie de golpe de Estado, e que Fukada acabou se envolvendo nisso. Como eu disse outro dia, Fukada não compactuava com a religião. Ele era um radical partidário do materialismo. Jamais ficaria de braços cruzados vendo a comuna que ele criou se transformar num grupo religioso. Faria de tudo para impedi-los e, na guerra pelo poder, é possível que tenha perdido a hegemonia.

Tengo refletiu um momento.

— Entendo o que está tentando dizer, mas suponhamos que isso realmente tenha acontecido. Nesse caso não seria mais fácil para o grupo descartá-lo? Como quando se separaram pacificamente de Akebono? Não vejo por que teriam o trabalho de mantê-lo confinado.

— Você tem razão. O normal seria evitar esse trabalho. Mas será que Fukada não sabia de algum segredo de Sakigake? Algo que, caso se tornasse público, não seria conveniente para o grupo? Acho que eles não podiam simplesmente expulsá-lo.

“Fukada foi o fundador da comuna e, durante muito tempo, atuou como líder do grupo e certamente presenciou o que acontecia lá dentro. Acho que era considerado alguém que sabia demais. Fukada era uma pessoa publicamente muito conhecida. Naquela época, seu nome era uma referência e, mesmo hoje, em determinados locais, ainda possui um apelo carismático muito forte. Se Fukada deixasse o grupo, seus pronunciamentos e ações receberiam muita atenção. Diante disso, Sakigake não permitiria a saída do casal, mesmo que eles

assim o quisessem.

— Então sua intenção era promover no mundo literário a estreia triunfal da filha do casal, Eri, e chamar atenção do público quando *Crisálida de ar* se tornar um best-seller. E, assim, provocar uma sacudida nesse impasse.

— Sete anos é muito tempo. Tudo que fiz durante esse tempo todo foi em vão. Se não aproveitarmos esta oportunidade, creio que jamais teremos uma segunda chance de desvendar o mistério.

— Eri é uma isca para atrair o grande tigre da floresta?

— Ninguém sabe o que vai sair dessa floresta. Pode não ser necessariamente um tigre.

— Mas, de acordo com o rumo dos acontecimentos, o senhor não descarta a ideia de que esteja ocorrendo algo muito grave.

— Essa possibilidade existe — disse o professor, sentencioso. — Você deve saber que dentro de um grupo fechado e homogêneo tudo pode acontecer.

Houve um silêncio pesaroso, quebrado por Fukaeri:

— É por causa do Povo Pequenino — disse em voz baixa.

Tengo olhou para Fukaeri, sentada ao lado do professor. Como sempre, o seu rosto carecia de algo que se pudesse chamar de expressão.

— Você está querendo dizer que Sakigake mudou assim que o Povo Pequenino apareceu? — perguntou Tengo.

Fukaeri não respondeu. Apenas mexia com os dedos o botão da gola de sua blusa.

O professor Ebisuno tomou a palavra, para preencher o silêncio deixado por Fukaeri.

— Não sei o que significa esse Povo Pequenino, ela não consegue expressar em palavras. Ou talvez não queira. Mas, seja como for, uma coisa parece certa: esse tal Povo Pequenino teve um papel importante para transformar a comuna agrícola Sakigake em um grupo religioso.

— Ou algo que seja digno de um Povo Pequenino — disse Tengo.

— Isso mesmo — disse o professor. — Não sei se são homens pequeninos ou algo que seja digno de homens pequeninos. De qualquer modo, creio que o fato de Eri trazer à tona esse Povo Pequenino na *Crisálida de ar* significa que ela quer contar alguma coisa muito importante.

O professor ficou um bom tempo olhando para suas próprias mãos até que finalmente ergueu os olhos e disse:

— Em 1984, como você já deve saber, George Orwell criou a figura do Grande Irmão. O livro é uma alegoria do stalinismo, mas, desde então, o termo “Grande Irmão” tornou-se uma espécie de ícone social. Temos de convir que esse é um mérito de Orwell. Mas, em

nossa realidade do ano de 1984, o Grande Irmão é famoso demais, uma existência óbvia demais. Se ele aparecesse aqui, nós imediatamente apontaríamos o dedo e diríamos: “Cuidado! Aquele é o Grande Irmão.” Em outras palavras, neste mundo em que vivemos não há mais vez para o Grande Irmão entrar em cena. Em compensação, eis que surge esse tal Povo Pequenino. Você não acha interessante o contraste entre as denominações?

O professor observou atentamente o rosto de Tengo com uma expressão que parecia ser um sorriso.

— O Povo Pequenino é invisível. Não temos como saber se são bons ou ruins, se existem ou não. No entanto, sabemos que estão incessantemente cavando e destruindo o chão em que pisamos. — O professor fez uma pequena pausa. — Se quisermos saber o que aconteceu com o casal Fukada, e também com Eri, é preciso descobrir quem é esse Povo Pequenino.

— Quer dizer que o senhor está tentando atrair o Povo Pequenino? — perguntou Tengo.

— Será realmente possível atrair algo que nem sequer sabemos se existe? — disse o professor. Aquela simulação de sorriso ainda se mantinha no canto de seus lábios. — Talvez a expressão “grande tigre” que você acabou de usar seja bem mais convincente.

— Seja como for, a Eri continua sendo uma isca.

— Não. Não acho que a palavra isca seja a mais apropriada. Digamos que a imagem que mais se aproxima é a de um redemoinho em formação. As coisas ao redor vão começar a girar em torno desse redemoinho. É isso que espero que aconteça.

O professor girou lentamente o dedo no ar. E continuou:

— Eri está no centro desse redemoinho, e quem está no centro não precisa se mexer. O que se move são as coisas ao redor.

Tengo escutava em silêncio o professor.

— Se eu tomar emprestada sua metáfora, não só a Eri, mas todos nós podemos nos considerar iscas — disse o professor, estreitando os olhos para observar a reação de Tengo. — Inclusive você.

— Me disseram que eu deveria apenas reescrever *Crisálida de ar*. Ou seja, o meu trabalho seria como o de um especialista cumprindo ordens. Pelo menos foi isso que Komatsu disse logo no começo.

— Entendo...

— Mas a história foi mudando no meio do caminho — disse Tengo. — Por acaso foi o senhor que sugeriu essas mudanças no plano de Komatsu?

— De jeito nenhum. Não tive a intenção de mudar nada. Komatsu tem o objetivo dele e eu tenho o meu. Por enquanto, os dois

objetivos seguem na mesma direção.

— Então quer dizer que agora os *objetivos* coincidem, e por isso ambos seguem o mesmo plano.

— Creio que se possa dizer isso.

— Duas pessoas com destinos diferentes compartilham o mesmo cavalo. Até um determinado ponto elas seguem o mesmo caminho, mas depois de um tempo ninguém sabe o que vai acontecer.

— Você realmente é um escritor; sabe se expressar muito bem. Tengo suspirou.

— A minha intuição não é das melhores, mas suspeito de que não há mais como voltar atrás.

— Mesmo que haja a possibilidade de voltar, as coisas nunca retornam ao ponto de origem — disse o professor.

A conversa terminou. Tengo não tinha mais nenhuma pergunta.

O professor Ebisuno pediu licença e se retirou, dizendo que tinha um encontro marcado com uma pessoa naquelas redondezas. Por um bom tempo, Fukaeri e Tengo continuaram sentados um de frente para o outro, em silêncio.

— Não está com fome? — perguntou Tengo.

— Não exatamente — respondeu Fukaeri.

Como a cafeteria começou a encher, os dois resolveram sair sem trocar uma palavra. Depois, caminharam a esmo pelas ruas de Shinjuku. Eram quase seis horas, mas o céu ainda estava claro. As pessoas andavam apressadas em direção à estação. Os raios de sol do início de verão incidiam sobre a cidade. Para quem tinha acabado de sair de uma cafeteria no subsolo, a luz parecia estranhamente artificial.

— Para onde você vai agora? — perguntou Tengo.

— Nenhum lugar em especial — respondeu Fukaeri.

— Quer que eu te acompanhe até sua casa? — perguntou Tengo. — Quero dizer, até o seu apartamento em Shinanomachi. Hoje você vai ficar lá, não vai?

— Não vou para lá — respondeu Fukaeri.

— Por quê?

Fukaeri não respondeu.

— Você acha melhor não ir? — perguntou Tengo.

Fukaeri concordou, sem dizer nada.

Tengo teve ímpetos de perguntar por que ela achava melhor não ir, mas, pressentindo que não lhe daria uma resposta convincente, desistiu.

— Então você vai voltar para a casa do professor?

— Futamatao é muito longe.

— Você tem algum outro lugar para ir?

— Vou dormir na sua casa — disse Fukaeri.

— Acho que não é uma boa ideia — respondeu Tengo, escolhendo as palavras. — Meu apartamento é pequeno e, como moro sozinho, o professor Ebisuno certamente não vai gostar.

— O professor não liga — disse Fukaeri, encolhendo os ombros. — Eu também não ligo.

— Mas eu ligo — respondeu Tengo.

— Por quê.

— É que... — Tengo começou a responder, mas faltaram palavras. Ele não conseguia lembrar o que pretendia dizer. Quando conversava com Fukaeri, isso acontecia. De repente, ele esquecia o que estava dizendo. Era como se, do nada, as partituras comesçassem a se espalhar durante um concerto.

Fukaeri estendeu sua mão direita e segurou a esquerda de Tengo para reconfortá-lo.

— Você não entende direito — disse Fukaeri.

— O que não entendo?

— Que nós dois somos um só.

— Um só? — perguntou Tengo surpreso.

— Escrevemos o livro juntos.

Tengo sentiu a pressão dos dedos de Fukaeri na palma da mão. A pressão não era exatamente forte, mas firme e constante.

— Tem razão. Nós escrevemos *Crisálida de ar*. E estaremos juntos quando o tigre nos devorar.

— Não vai haver tigre — respondeu Fukaeri, estranha, com um tom de voz sério.

— É bom saber — disse Tengo. Mas não se sentia aliviado. O tigre poderia não aparecer, mas sabe-se lá o que poderia surgir em seu lugar.

Pararam em frente à bilheteria da estação Shinjuku. Ainda de mãos dadas, Fukaeri olhou o rosto de Tengo. A multidão passava apressada ao redor deles como a correnteza de um rio.

— Tudo bem. Se você quiser dormir lá em casa, pode dormir — disse Tengo, conformado. — Eu durmo no sofá.

— Obrigada — disse Fukaeri.

Tengo se deu conta de que era a primeira vez que ouvia Fukaeri agradecer. Não. Talvez não fosse a primeira. Mesmo assim, ele não conseguia se lembrar de quando teria ouvido aquilo antes.

Aomame

Mulheres que compartilham um segredo

— Povo Pequenino? — perguntou Aomame com a voz meiga, enquanto observava atentamente o rosto da menina. — Quem é esse Povo Pequenino?

Bastou falar isso para que Tsubasa não abrisse mais a boca e seus olhos perdessem a profundidade. Era como se grande parte de sua energia tivesse sido consumida só pelo fato de proferir essas palavras.

— São pessoas que você conhece? — perguntou Aomame.

Novamente não houve resposta.

— Ela já repetiu inúmeras vezes essas palavras — disse a velha senhora. — Povo Pequenino. Não sei o que isso significa.

As palavras “Povo Pequenino” pareciam impregnadas de mau agouro. Aos ouvidos de Aomame, eram percebidas como um distante ribombar de trovoadas.

Ela perguntou à velha senhora:

— Foi esse Povo Pequenino que a machucou?

A velha senhora balançou a cabeça, discordando.

— Não sei. Seja lá o que for, *esse algo* chamado Povo Pequenino possui um significado muito importante para ela.

A menina colocou suas pequenas mãos sobre a mesa, uma ao lado da outra, e, mantendo a postura imóvel, observava atentamente com seus olhos opacos um ponto fixo no espaço.

Aomame perguntou para a velha senhora:

— Afinal, o que aconteceu com ela?

Ela respondeu com um tom de voz que poderia ser interpretado como desprovido de emoção:

— Foram constatados sinais de estupro. E recorrentes. Há várias e terríveis lacerações na vulva, na vagina e, inclusive, lesões no útero. Foi introduzido o órgão masculino de um adulto num pequeno útero ainda em formação. Em decorrência disso, existe uma enorme ruptura na mucosa uterina, local de fixação e fertilização do óvulo. Segundo o médico, mesmo adulta, ela não poderá engravidar.

A velha senhora parecia fazer questão de expor vividamente a situação na presença da menina. Tsubasa, no entanto, escutava a conversa sem dizer nada e sem expressar nenhuma reação. De vez em quando, ela mexia sutilmente a boca, mas sem emitir sons. A menina parecia escutar, apenas por educação, a história de alguém distante e desconhecido.

— Isso não é tudo — continuou a velha senhora, mantendo a placidez. — Mesmo que as funções de seu útero sejam recuperadas por meio de algum tipo de tratamento, provavelmente ela não vai ter o desejo sexual. Pela gravidade dos danos que sofreu, a penetração deve ter sido muito dolorosa, e teve de suportá-la inúmeras vezes. Esse tipo de dor não se esquece facilmente. Você entende o que estou dizendo?

Aomame assentiu. Seus dedos estavam firmemente entrelaçados sobre os joelhos.

— Os óvulos desta menina não possuem mais um lugar para se fixar. Eles... — a velha senhora lançou um rápido olhar para a menina e continuou: — Eles se tornaram infertilizáveis.

Aomame não sabia ao certo até que ponto Tsubasa entendia a conversa. Mas, apesar do que pudesse entender, seus sentimentos pareciam estar longe, e não ali naquele momento. Possivelmente estariam em algum outro lugar, trancados num quarto pequeno e escuro.

A velha senhora continuou:

— Não estou querendo dizer que a única razão de viver de uma mulher seja engravidar e ter filhos. Cada pessoa tem a liberdade de escolher a vida que quer levar. Mas tirar à força esse direito inato da mulher é inadmissível.

Aomame concordou sem dizer nada.

— Realmente inadmissível — repetiu a velha senhora. Aomame percebeu um leve tremor em sua voz. Ela parecia estar perdendo aos poucos o controle das emoções. — Essa menina fugiu sozinha *de algum lugar*. Não sei como conseguiu escapar. Mas ela não tem nenhum outro lugar para ir. Não existe nenhum outro local seguro para ela.

— Onde estão os pais?

Com uma expressão de preocupação estampada no rosto, a velha senhora começou a dar leves toques na mesa com as unhas dos dedos.

— Sabemos onde os pais dela se encontram, mas foram eles que consentiram tal atrocidade. Isso explica a razão de ela ter fugido.

— Você quer dizer que os pais permitiam que a filha fosse estuprada?

— Não só permitiam, como também encorajaram.

— Mas por que é que... — Aomame teve de interromper a

frase por não encontrar palavras adequadas.

A velha senhora balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

— É uma história terrível. Difícil de perdoar. E ainda há outras questões envolvidas. Não se trata apenas de um caso isolado de violência doméstica. O médico quis comunicar o fato à polícia, mas eu pedi que não o fizesse. Por sermos amigos de longa data, consegui convencê-lo a não denunciar o caso.

— Por quê? — perguntou Aomame. — Por que a senhora não quis comunicar isso à polícia?

— O que fizeram com esta menina é algo imoral. É um crime hediondo que será punido com uma pena rigorosa — disse ela, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Mesmo que fôssemos agora, neste momento, comunicar o fato à polícia, que tipo de providências você acha que eles tomariam? Como você mesma pode ver, a menina quase não fala. É incapaz de explicar o que aconteceu e o que fizeram com ela. Mesmo que consiga, não teríamos meios de comprovar a veracidade das informações. Se ela for entregue à polícia, a possibilidade de ser devolvida aos pais é grande. Ela não tem para onde ir, e legalmente o direito à guarda é dos pais. Se ela voltar para eles, provavelmente será submetida de novo ao mesmo processo, mais e mais vezes. Não posso permitir isso.

Aomame concordou.

— Eu mesma vou cuidar desta menina — disse a velha senhora, categórica. — Não vou deixar que a levem. Mesmo que seus pais ou qualquer outra pessoa venha buscá-la, não vou entregá-la. Pretendo escondê-la e lhe dar educação e sustento.

Aomame observou alternadamente a velha senhora e a menina.

— Dá para identificar o homem que a estuprou? É uma pessoa só? — perguntou ela.

— Podemos identificá-lo. É apenas uma pessoa.

— Mas não podemos acusá-lo, é isso?

— Ele é muito influente — disse a velha senhora. — O poder que exerce sobre os outros é *muito* grande. Os pais desta menina estão sob suas ordens e, mesmo hoje, continuam sob seu comando. São pessoas destituídas de personalidade, incapazes de julgar e sustentar uma opinião própria. Para eles, a palavra desse homem é inquestionável. Por isso, se ele disser que é necessário entregar a filha, os pais jamais irão se opor. Eles aceitam os argumentos do homem e entregam alegremente a filha, mesmo cientes do que acontecerá com ela.

Aomame precisou de um tempo para assimilar o que acabara de ouvir. Após refletir e organizar as ideias, perguntou:

— Eles fazem parte de algum tipo de grupo peculiar?

— Fazem. Trata-se de um grupo que compartilha um modo obtuso e doentio de pensar.

— É uma espécie de culto? — perguntou Aomame.

A velha senhora concordou.

— Isso mesmo. Um culto extremamente nocivo e perigoso.

Realmente. Só poderia ser um culto. Pessoas que somente obedecem às ordens. Pessoas destituídas de personalidade, incapazes de julgar e de ter opinião própria. “Não seria nada estranho se isso também tivesse acontecido comigo”, pensou Aomame, mordendo os lábios.

Nunca houve casos de estupro entre as Testemunhas de Jeová. Pelo menos Aomame nunca fora molestada sexualmente. Os “irmãos e irmãs” que a cercavam eram todos pacíficos e íntegros. Levavam a sério a sua crença religiosa e seguiam suas vidas respeitando a doutrina, em alguns casos até sacrificando a própria vida. No entanto, nem sempre lutar por uma boa causa produz um bom resultado. E o estupro não danifica somente o corpo. A violência nem sempre é visível; nem sempre o sangue escorre pelo ferimento.

Tsubasa fez Aomame se recordar de quando tinha a mesma idade. Naquela época, Aomame conseguira fugir por vontade própria. Em casos como o da menina, tão seriamente machucada, possivelmente não havia como reverter a situação. Ela nunca mais conseguirá resgatar sua inocência. Ao pensar assim, Aomame sentiu uma intensa dor no peito. O que descobria no interior de Tsubasa era uma possibilidade em sua própria vida, algo que *poderia ter acontecido com ela*.

— Aomame... — disse a velha senhora, como quem vai confidenciar um segredo. — Sei o quanto é inconveniente de minha parte, mas tenho de dizer que mandei que investigassem sua vida.

Ao ouvir isso, Aomame voltou a si e, de imediato, mirou a velha senhora.

Ela prosseguiu:

— Foi logo depois daquela conversa que tivemos aqui. Espero que você não se sinta ofendida.

— Não estou ofendida — disse Aomame. — Diante das circunstâncias, acho normal que queira me investigar. Afinal, o que fazemos não é algo comum.

— Você tem razão. Caminhamos sobre uma linha muito tênue, por isso a confiança deve ser mútua. Mas, para que isso seja possível, é preciso conhecer a pessoa e saber certas coisas sobre ela. Foi por isso que mandei fazer uma investigação completa sobre sua vida. De seu passado até hoje. Posso dizer que sei *quase tudo*. Ninguém é capaz de saber tudo. Nem Deus, possivelmente.

— Nem o diabo — disse Aomame.

— Nem o diabo — repetiu a velha senhora, com um discreto sorriso. — Sei que você possui uma ferida no coração por ter participado de um culto quando pequena. Seus pais eram, e continuam sendo, fervorosos fiéis das Testemunhas de Jeová. Eles jamais perdoaram o fato de você ter abandonado a religião. Isso faz você sofrer até hoje.

Aomame concordou sem dizer nada.

A velha senhora continuou.

— Sinceramente, não considero as Testemunhas de Jeová uma religião séria. Se você sofresse um ferimento grave ou ficasse doente e precisasse ser operada, possivelmente teria morrido. Uma religião que não permite uma cirurgia necessária para salvar vidas, só porque vai contra a interpretação literal das palavras escritas na Bíblia, não passa de um culto; de um culto que abusa do poder para extrapolar os limites doutrinários.

Aomame concordou. Rejeitar a transfusão de sangue é a primeira lição que as Testemunhas de Jeová ensinam às crianças. Elas aprendem que serão muito mais felizes morrendo com o corpo e a alma puros, para serem conduzidas ao paraíso, do que fazendo a transfusão, desobedecendo às palavras de Deus e descendo ao inferno. Não existe meio-termo. Só há dois caminhos a seguir: inferno ou paraíso. As crianças não possuem a capacidade de julgar e, portanto, não podem discernir se esse tipo de raciocínio é social e cientificamente aceito como verdade. Estão sujeitas a acreditar em tudo o que os pais ensinam. Se Aomame necessitasse de uma transfusão de sangue, certamente obedeceria a seus pais e morreria rejeitando a transfusão. E teria ido ao paraíso, ou coisa que o valha.

— Esse culto é conhecido? — perguntou Aomame.

— Ele se chama “Sakigake”. Creio que você já deve ter ouvido falar dele. Houve uma época em que o nome saía quase diariamente nos jornais.

Aomame não se lembrava de tê-lo visto, mas achou melhor concordar de modo ambíguo, sem dizer nada. Então se lembrou de que não estava vivendo no mundo de 1984, mas no de 1Q84, que sofrera alterações. Tudo não passava de uma hipótese, mas ela gradativamente se tornava mais plausível. E nesse novo mundo pareciam existir muitas informações que ela não conhecia. Precisava ficar muito atenta a tudo.

A velha senhora prosseguiu:

— No começo, Sakigake era uma pequena comuna agrícola administrada por um grupo recém-formado de esquerda, que havia fugido da capital, mas que, num determinado momento, mudou suas diretrizes e se transformou num grupo religioso. Os motivos e as circunstâncias que levaram a isso ainda são desconhecidos. A

mudança, sem dúvida, é muito estranha. De qualquer modo, a maioria dos membros permaneceu no local. Atualmente, são conhecidos como um grupo religioso, mas pouco se sabe sobre sua religião. Dizem que é um ramo do budismo esotérico, mas sua doutrina deve ser eclética. Essa religião vem conquistando rapidamente novos adeptos e se torna cada vez mais poderosa. Apesar de estar envolvida com aquele grave incidente, sua imagem não sofreu nenhum arranhão. Conseguiram contornar habilmente a situação a ponto de reverter o incidente num motivo de propaganda.

A velha senhora fez uma pausa e continuou:

— A informação não é muito divulgada, mas no grupo existe um mentor espiritual que eles chamam de “Líder”. Os fiéis acreditam que possui poderes especiais. Ele os usa para curar doenças graves, prever o futuro e provocar fenômenos sobrenaturais. É claro que tudo não passa de uma tremenda enganação, muito bem-engendrada, mas, graças a esses tais poderes, muitas pessoas são atraídas para o grupo.

— Fenômenos sobrenaturais?

A velha senhora franziu a testa, unindo as sobrancelhas de belo formato.

— Não sei exatamente o que isso significa. Para ser sincera, não tenho nenhum interesse no ocultismo. Esse tipo de charlatanismo sempre existiu, desde os tempos remotos e em todas as partes do mundo. O truque é sempre igual. E, mesmo assim, nunca deixa de existir. A maioria das pessoas não quer acreditar na verdade, e sim no que desejam que seja a verdade. Elas podem estar com os olhos bem abertos, mas não enxergam nada. Enganá-las é tão fácil como torcer o braço de um bebê.

— Sakigake — disse Aomame, ouvindo o som da palavra. Soou mais como um trem expresso do que um grupo religioso.

Ao ouvir a palavra “Sakigake”, Tsubasa voltou os olhos por alguns instantes para baixo, como uma reação a esse som especial que ocultava um segredo. Mas logo depois os ergueu de novo, e seu rosto retomou a inexpressividade de antes. Era como se, de repente, um pequeno redemoinho surgisse dentro dela e se dissipasse no instante seguinte.

— Foi o líder de Sakigake que violentou Tsubasa — disse a velha senhora. — Ele a forçou a isso com o pretexto de que assim ela receberia iluminação espiritual. Para os pais foi dito que a cerimônia teria de ser realizada antes da primeira menstruação, e que essa genuína espiritualidade só poderia ser entregue a uma menina pura. Explicou também que a intensa dor que ela sentiria durante a cerimônia era uma provação que necessariamente deveria vencer para atingir um nível de espiritualidade maior. Os pais acreditaram. É difícil ver até que ponto as pessoas podem ser tão idiotas. Tsubasa não

foi a única. Segundo informações que obtivemos, outras meninas do grupo sofreram os mesmos abusos. Esse líder é um perverso, com gostos sexuais doentios, não temos nenhuma dúvida. A religião e a doutrina não passam de disfarce para encobrir seus desejos.

— Esse líder tem nome?

— Infelizmente, ainda não descobrimos seu verdadeiro nome. Todos o chamam de “Líder”. Não sabemos quem é, seu histórico e muito menos como é seu rosto. Fizemos de tudo para tentar descobrir, sem sucesso. São informações totalmente sigilosas. Ele fica resguardado nas montanhas de Yamanashi e praticamente não aparece em público. Mesmo entre os membros, poucos são os que têm acesso a ele. Dizem que costuma meditar num local escuro.

— E cabe a nós impedi-lo de ficar por aí agindo a seu bel-prazer.

A velha senhora olhou para Tsubasa e disse calmamente:

— Não podemos permitir que ele continue a fazer mais vítimas, não acha?

— Precisamos fazer alguma coisa.

A velha senhora estendeu os braços e colocou as mãos sobre as de Tsubasa, imersa em pensamentos. Um tempo depois, disse:

— Isso mesmo.

— A informação de que ele continua praticando essas perversidades é segura? — Aomame perguntou.

A velha senhora assentiu.

— Temos a confirmação de que os estupros estão ocorrendo dentro do grupo.

— Se é verdade, é algo realmente imperdoável — disse Aomame, procurando manter a voz serena. — Não podemos permitir que ele continue fazendo vítimas.

Na mente da velha senhora, inúmeros pensamentos pareciam se entrelaçar e competir entre si. Um tempo depois, falou:

— Precisamos obter informações mais detalhadas e saber melhor quem é esse Líder. Não podemos deixar nenhuma dúvida. Afinal, é a vida de uma pessoa que está em jogo.

— Quer dizer que é muito difícil ele aparecer em público?

— Isso mesmo. E possivelmente deve estar bem escoltado.

Aomame estreitou os olhos e se lembrou do picador de gelo especial, guardado na gaveta da cômoda. Lembrou-se principalmente da ponta muito fina.

— Vai ser um trabalho bem difícil — disse ela.

— *Especialmente* difícil... — disse a velha senhora. Em seguida tirou as mãos que estavam sobre as de Tsubasa e apoiou o dedo médio na sobancelha. Esse gesto — que não era muito comum — era um sinal de que tentava encontrar uma solução. Foi então que Aomame

disse:

— Parece quase impossível eu ir sozinha até as montanhas de Yamanashi, me esconder no meio de um grupo com forte esquema de segurança, dar um *tratamento* no líder e deixar o local tranquilamente. Pode funcionar num filme de ninjas, mas...

— É claro que eu não penso em te pedir para fazer isso — disse a velha senhora, séria. Ao perceber que era uma brincadeira, esboçou um leve sorriso. — Está fora de cogitação.

— Tem mais uma coisa que me intriga — disse Aomame, fitando diretamente os olhos da velha senhora. — É sobre esse Povo Pequenininho. O que são, afinal? O que fizeram com Tsubasa? Acho importante saber mais.

A velha senhora disse, ainda com o dedo apoiado na sobrancelha:

— Eu também estou intrigada. Essa menina quase não fala, mas, como você mesma acabou de ver, não é de hoje que ela vem dizendo repetidas vezes: Povo Pequenininho. Deve ter um significado muito importante, mas até agora não disse nada sobre eles. Quando toco no assunto, ela se cala. Por favor, Aomame, me dê mais um tempo. Vou procurar me informar sobre isso.

— Tem alguma ideia de como obter mais informações sobre Sakigake?

A velha senhora esboçou um sorriso meigo:

— Não existe nada de tangível neste mundo que o dinheiro não possa comprar. E estou disposta a usar muito dinheiro. Principalmente neste caso. Pode ser que leve tempo, mas com certeza vou conseguir as informações necessárias.

“Existem coisas que nenhum dinheiro no mundo pode comprar”, pensou Aomame. “*Por exemplo, a lua.*”

Mudou de assunto:

— A senhora realmente pretende adotar Tsubasa e cuidar dela?

— Claro que sim. Pretendo adotá-la oficialmente.

— Você deve saber que os procedimentos legais não são simples. Ainda mais nessas circunstâncias.

— Obviamente estou ciente disso — disse a velha senhora. — Mas vou tentar todos os meios possíveis para conseguir. Não vou entregá-la para ninguém.

Sua voz deixava escapar um tom de amargura. Até então, nunca havia revelado tão abertamente seus sentimentos diante de Aomame. E isso a deixou ligeiramente preocupada. A velha senhora logo percebeu a inquietação que se esboçava no rosto de Aomame.

Em tom de confiança, a velha senhora disse, com a voz mais baixa:

— Vou lhe dizer algo que nunca revelei a ninguém. Guardei este segredo comigo por ser muito doloroso dizê-lo. Quando a minha filha se suicidou, ela estava grávida. Grávida de seis meses. Minha filha provavelmente não queria ter um filho com aquele homem, por isso suicidou-se, levando consigo a criança. Se ela tivesse nascido, hoje teria a mesma idade desta menina. Naquela época, eu perdi ao mesmo tempo duas vidas que me eram muito importantes.

— Sinto muito — disse Aomame.

— Não se preocupe. Essa circunstância pessoal não vai ofuscar meu senso de julgamento. Não vou expô-la desnecessariamente a uma situação de risco. Para mim, você também é como uma filha. Nós já somos uma família.

Aomame concordou em silêncio.

— O vínculo que nos une é muito mais importante que o de sangue — disse a velha senhora com a voz serena.

Aomame novamente concordou.

— Seja como for, esse homem precisa ser apagado — disse a velha senhora, como se estivesse convencendo a si mesma. E, em seguida, olhou para Aomame: — É preciso despachá-lo o mais rápido possível para o outro mundo. Antes que consiga machucar mais alguém.

Aomame olhou para Tsubasa, sentada do outro lado da mesa, em frente a ela. Seus olhos pareciam não focar coisa alguma, a não ser um ponto no espaço. Aos olhos de Aomame, a menina parecia uma carcaça vazia.

— Ao mesmo tempo, não podemos nos precipitar — disse a velha senhora. — Precisamos ser cautelosas e ter muita paciência.

Aomame deixou Tsubasa e a velha senhora no quarto e saiu sozinha do abrigo. A velha senhora ficaria com a menina até ela pegar no sono. As quatro mulheres que estavam na sala conversavam baixinho, sentadas ao redor de uma mesa. A cena não parecia real aos olhos de Aomame. As mulheres davam a impressão de fazer parte de um quadro imaginário. O título do quadro seria algo como “Mulheres compartilhando segredo”. Mesmo quando Aomame passou por elas, a cena pictórica não se alterou.

Aomame ficou um bom tempo acariciando o pastor-alemão sentado no terraço. O cachorro abanava vigorosamente o rabo, alegre. Sempre que encontrava um cachorro, admirava esse estado de felicidade incondicional. Aomame nunca tivera um animal de estimação: nem cachorro, nem gato, nem sequer um pássaro. Nunca comprara um vaso de plantas. Enquanto pensava nisso, ocorreu-lhe olhar para o céu. Nuvens acinzentadas pairavam inexpressivas,

insinuando a chegada da estação chuvosa e bloqueando a visão da lua. Era uma noite calma, sem ventos. Indícios do luar revelavam-se por trás das nuvens, mas não a ponto de indicar quantas havia no céu.

Enquanto caminhava rumo à estação, Aomame refletiu sobre quão estranho era o mundo. Se somos apenas um mero veículo dos genes — como a velha senhora havia dito — por que alguns de nós tínhamos uma vida tão estranha? Para cumprir o objetivo dos genes, ou seja, transmitir o DNA, não bastaria ter uma vida simples, de modo a preservá-la e reproduzi-la sem nos preocuparmos com coisas inúteis? Quais seriam as vantagens dos genes em manter a vida de pessoas que possuem uma mente vil e que só podem ser consideradas degeneradas?

Um homem que tem prazer em estuprar meninas impúberes, um guarda-costas homossexual de porte robusto, fanáticos que preferem morrer a receber transfusão de sangue, uma grávida de seis meses que se suicida com overdose de calmantes, uma mulher que mata homens problemáticos furando suas nuças com uma agulha bem fina, mulheres que odeiam homens, homens que odeiam mulheres... Qual vantagem teriam os genes de manter vivas essas pessoas? Será que eles as observam como episódios bizarros, um tipo de provocação colorida e divertida? Ou têm uma finalidade para elas?

Aomame não sabia a resposta. A única coisa que podia dizer é que não tinha outra opção de vida. Não importava o que viesse a acontecer; ela estava ciente de que essa era a vida que tinha, não dava mais para voltar atrás ou trocá-la por outra; e que, por mais estranha e distorcida que fosse sua vida, este era o seu modo de transportar os genes.

Enquanto caminhava, desejou que a velha senhora e Tsubasa fossem felizes. Se fosse realmente possível proporcionar-lhes a felicidade, chegou inclusive a pensar em se sacrificar por elas. Aomame não via nenhuma perspectiva em seu próprio futuro. Mas, no fundo, também sabia quão difícil seria para a velha senhora e Tsubasa atingirem a vida plena e tranquila — ou pelo menos uma vida que se pudesse chamar de comum — dali para a frente. Querendo ou não, eram da mesma espécie. Ambas carregavam um fardo muito pesado. A velha senhora tinha razão quando disse que as três eram como uma família. Uma família que, por extensão, possuía em comum profundas feridas no coração, um inescrutável sentimento de perda e a disposição de travar uma batalha sem fim.

Ao pensar nessas coisas, Aomame se deu conta de que desejava ardentemente o corpo de um homem. “Onde já se viu, numa hora dessas, querer um homem”, pensou, balançando a cabeça. Não sabia se o desejo era por estar psicologicamente tensa, um chamado espontâneo dos óvulos que guardava dentro de si ou uma armadilha

de seus genes desvirtuados. No entanto, seu intenso desejo parecia ter raízes profundas. Se Ayumi estivesse ali, certamente diria: “Vamos transar pra valer.” Aomame pensou no que fazer. Pensou em ir ao bar de sempre e escolher um cara que lhe agradasse. De metrô, Roppongi era a próxima estação, mas ela estava muito cansada. E não usava roupas adequadas para seduzir alguém numa aventura amorosa: não estava maquiada, calçava tênis e carregava uma bolsa esportiva de vinil. Resolveu voltar para casa, abrir um vinho tinto, se masturbar e dormir. O melhor a fazer era isso. Resolveu também parar de pensar na lua.

O homem que se sentou à sua frente, entre as estações Hiroo e Jiyûgaoka, era do tipo que lhe agradava. Aparentava ter uns 45 anos, tinha o rosto oval e entradas acentuadas na testa. O formato da cabeça também não era mau. Tinha uma pele saudável e usava óculos elegantes de aro fino. Também se vestia bem: uma camisa polo branca, uma jaqueta leve de verão, de algodão fino, e, sobre o colo, carregava uma pasta de couro para documentos. Calçava mocassim marrom. À primeira vista, parecia um funcionário, mas não desses que trabalham em empresas rígidas. Seu jeito era mais para editor, arquiteto numa construtora ou alguma profissão relacionada ao ramo de confecção. Ele lia atentamente um livro encapado.

Se fosse possível, Aomame gostaria de ir com ele para algum lugar e transar intensamente. Ela imaginou apertar seu pênis duro. Queria segurar firmemente o pênis a ponto de bloquear sua circulação sanguínea e, com a outra mão, massagear carinhosamente os testículos. As mãos de Aomame, que estavam sobre o colo, começaram a tremelicar, e seus dedos involuntariamente passaram a abrir e fechar. A cada respiração, seus ombros se movimentavam para cima e para baixo. Então, ela lambeu os lábios com a ponta da língua.

Mas precisava descer em Jiyûgaoka. O homem seguiu sentado, lendo seu livro sem sequer imaginar que tinha sido objeto de uma fantasia erótica. Parecia nem se importar em saber que tipo de mulher se sentava à sua frente. Ao descer do vagão, Aomame teve um impulso de arrancar aquela porcaria de livro das mãos dele, mas se conteve.

À uma da madrugada, Aomame estava na cama dormindo profundamente, e seu sonho era erótico. Sonhava ter um belo par de seios do tamanho e do formato de toranjas. Os mamilos eram grandes e duros, e ela esfregava os seios nos órgãos sexuais de um homem. Ela dormia pelada, com as pernas abertas, e suas roupas estavam jogadas ao pé da cama. Aomame não tinha como saber, mas enquanto dormia

havia duas luas no céu. Uma delas era a velha lua grande de sempre; a outra, uma lua nova e pequena.

Tsubasa e a velha senhora também dormiam, no quarto da menina. Tsubasa estava com um pijama xadrez novo e jazia na cama com o corpo encolhido. A velha senhora, ainda com a mesma roupa, adormecera na poltrona de leitura. Havia um cobertor em seu colo. Sua intenção era ir embora assim que Tsubasa pegasse no sono, mas ela também acabou dormindo. Ao redor do abrigo, no alto da colina, tudo estava envolto num profundo silêncio. Um silêncio quebrado apenas pelo barulho eventual de um escapamento de moto passando em alta velocidade numa avenida distante, ou a sirene de uma ambulância. O pastor-alemão dormia em frente à porta do terraço, o corpo enrodilhado. Cortinas cobriam as janelas, mas as luzes das lâmpadas de mercúrio iluminavam-nas de branco. As nuvens começavam a se dissipar e, de vez em quando, as duas luas emparelhadas surgiam por entre elas. Os oceanos de todo o mundo adaptavam os movimentos das marés sob influência das luas.

Tsubasa dormia com o rosto apoiado no travesseiro e a boca ligeiramente aberta. A respiração era tranquila, e seu corpo praticamente não se mexia, com exceção do ombro, que, vez ou outra, parecia tremer e sutilmente se contrair. A franja cobria seus olhos.

Pouco depois, sua boca se abriu lentamente e, lá de dentro, começou a surgir, um a um, o Povo Pequenino. Eles apareciam, um após o outro, sempre olhando atentamente ao redor. Se a velha senhora acordasse naquele instante, certamente os teria visto; mas continuava dormindo profundamente e não acordaria tão cedo. O Povo Pequenino sabia muito bem disso. Ao todo, eram cinco. Eles saíam da boca com o tamanho do dedo mindinho de Tsubasa, mas, uma vez do lado de fora, eles se contorciam — como o desdobrar de um objeto portátil — e cresciam até ficar com trinta centímetros de altura. Todos vestiam roupas semelhantes, sem nenhum detalhe em especial. Os rostos também eram iguais, sem qualquer distinção.

O Povo Pequenino desceu da cama sem fazer barulho e, uma vez no chão, eles puxaram um objeto que estava debaixo da cama e tinha o tamanho de um *nikumandyû*, um pãozinho de carne de porco. Eles se posicionaram ao redor desse objeto e começaram a manuseá-lo com afino. Era branco e bem maleável. Eles erguiam o braço e, com muita agilidade, pegavam um fio branco semitransparente no ar e com ele iam aumentando o tamanho desse objeto fofo. O fio parecia viscoso. De uma hora para outra, seus corpos haviam atingido cerca de sessenta centímetros. O Povo Pequenino podia mudar livremente de tamanho, de acordo com suas necessidades.

O trabalho avançou durante horas, e os cinco homens pequeninos concentravam-se nos afazeres sem uma palavra. Era uma equipe de trabalho muito rápida e eficiente. Durante esse tempo, Tsubasa e a velha senhora dormiam profundamente, sem sequer mover o corpo. As outras mulheres do abrigo também dormiam, cada qual em seu quarto. O pastor-alemão também parecia sonhar e, deitado na grama, emitiu do âmagô de seu inconsciente um leve rosnar.

No firmamento, as duas luas, em comum acordo, incidiam sua estranha luminosidade sobre a Terra.

Tengo não conseguia dormir. Fukaeri estava deitada em sua cama com o pijama dele e dormia profundamente. Tengo preparou o pequeno sofá da sala para se deitar — não viu nenhum inconveniente nisso, pois estava acostumado a fazer ali a sesta —, mas, como não conseguia pegar no sono, resolveu sentar-se à mesa da cozinha para escrever a continuação de seu longo romance. Usava caneta e papel por não poder usar o processador de textos que estava no quarto. Tengo também não via nenhum inconveniente em escrever à mão. O processador era muito prático, proporcionava uma escrita rápida e tinha a capacidade de armazenar dados, mas nem por isso ele deixava de gostar da velha e clássica tradição de escrever no papel.

Escrever durante a noite era algo muito raro para Tengo; ele preferia trabalhar com a luz do dia, quando as pessoas transitavam pelas ruas. Quando estava envolto em escuridão e imperava o silêncio, seu texto tendia a ficar muito carregado. E na manhã seguinte, à luz do dia, era comum ele ter de refazer tudo que escrevera na noite anterior. Como era sempre preciso refazer o texto, concluiu que o melhor seria escrever somente durante o dia.

No entanto, após um bom tempo sem escrever à noite, Tengo percebeu que, ao usar papel e caneta, sua mente trabalhava com desenvoltura. Sua imaginação criava asas, e a história se desenvolvia espontaneamente. Uma ideia se ligava a outra com naturalidade, mantendo um ininterrupto fluxo de narrativa. A ponta da caneta deslizava pelo papel branco, emitindo uma obstinada sonoridade. Quando sentia a mão cansada, repousava a caneta e continuava a escrever com os dedos da mão direita no ar, como se fosse um pianista formando escalas musicais. Os ponteiros do relógio indicavam que era quase uma e meia da madrugada. Estranhamente, não se ouviam os sons da rua. Era como se as nuvens densas, encorpadas como algodão, absorvessem os ruídos inconvenientes da cidade.

Um tempo depois, com a caneta novamente na mão, continuou a distribuir as palavras no papel. Enquanto escrevia, lembrou-se de que no dia seguinte sua namorada viria ao apartamento. Ela

costumava aparecer sempre às sextas-feiras, por volta das onze da manhã. Antes de sua chegada, ele teria de levar Fukaeri para algum outro lugar. Por sorte, Fukaeri não usava perfume nem colônia. Se sua cama ficasse com algum cheiro, com certeza ela logo perceberia, e Tengo sabia muito bem como era desconfiada e ciumenta. O fato de ela transar de vez em quando com o marido não era problema, mas, se Tengo saísse com outra mulher, ela ficava realmente possessa.

— Transar com o marido é diferente — ela costumava explicar. — Cai em um outro tipo de conta.

— Outro tipo de conta?

— De naturezas diferentes.

— Está querendo dizer que os sentimentos são distintos?

— É. A questão física é a mesma, mas os sentimentos são outros. Por isso, não há nenhum problema de eu transar com ele. Consigo fazer esse tipo de distinção porque sou uma mulher madura. Mas jamais te perdorei se você dormir com outra.

— Não estou fazendo isso — disse Tengo.

— Mesmo que você não faça sexo com outra mulher... — disse a namorada. — Só de eu imaginar essa possibilidade, já me sinto traída.

— Só de imaginar essa possibilidade? — perguntou Tengo, surpreso.

— Pelo jeito você ainda não entende os sentimentos de uma mulher. Justo você, que vive escrevendo romances...

— Você está sendo muito injusta.

— Pode até ser, mas saiba que vou te compensar direitinho por isso — disse ela. Quanto a isso, realmente não estava blefando.

Tengo estava satisfeito na relação com sua namorada mais velha. Pelos padrões convencionais de beleza, ela não era exatamente linda, mas seu rosto era singular. Algumas pessoas poderiam até achá-la feia, mas Tengo gostou dela assim que a viu. Como parceira de cama, não tinha do que reclamar. Ela não era muito exigente. As únicas coisas que exigia eram se encontrar uma vez por semana — por um período de três a quatro horas, fazendo sexo seguro, se possível mais de uma vez — e que ele não se aproximasse de nenhuma outra mulher. Ela cuidava bem da família e não tinha nenhuma intenção de destruí-la por causa de Tengo. Sua única queixa era que seu marido não a satisfazia sexualmente. Sob esse aspecto, o interesse dela e o de Tengo eram, em linhas gerais, os mesmos.

Tengo não sentia desejo por outra mulher. O que ele realmente queria era um tempo livre e sossegado. Desde que garantisse um sexo periódico, não tinha nada mais a desejar de uma mulher. Conhecer

uma garota da mesma idade, se apaixonar, manter relações sexuais e ter de assumir as inevitáveis obrigações que esse tipo de relacionamento acarreta estava longe de ser atraente. Na medida do possível, queria evitar ao máximo uma série de incômodos, como o enfrentamento psicológico das fases de um relacionamento, as insinuações baseadas em possibilidades, os inevitáveis choques de opinião...

A ideia de ter de assumir uma obrigação era algo que o assustava, deixando-o sempre com o pé atrás. Por isso, ele sempre soube se esquivar habilmente para não ter de assumir nenhum tipo de comprometimento. O que sempre quis era a liberdade de viver sozinho e tranquilo, sem a necessidade de se envolver em complicados relacionamentos pessoais. Queria evitar as regras e os compromissos. Para conquistar essa tão almejada liberdade, estava disposto a suportar privações.

Para fugir das obrigações, Tengo aprendeu desde cedo a não chamar atenção para si. Diante das pessoas ele reprimia suas habilidades, jamais expressava uma opinião, evitava se destacar e, na medida do possível, procurava anular sua própria existência. Desde criança, as circunstâncias de vida lhe ensinaram que precisava sobreviver sozinho, com suas próprias forças, sem contar com a ajuda de ninguém. Mas, na prática, uma criança não possui essa força. Por isso, quando ocorria uma forte ventania, ele se escondia e segurava firmemente alguma coisa para não ser levado pelo vento. Esse tipo de subterfúgio sempre o acompanhou desde criança, como os órfãos dos livros de Dickens.

Até então, as coisas em geral andavam muito bem para Tengo, a despeito de ele sempre se esquivar de tudo quanto fosse obrigação. Não quisera seguir os estudos na faculdade, não tinha uma carreira profissional sólida, não se casara, mas, por outro lado, optara por um emprego que lhe dava uma relativa liberdade, escolhera uma companheira de cama que o satisfazia — e não exigia muito dele — e, como lhe sobrava muito tempo livre, aproveitava para escrever seus romances. Conhecera Komatsu e este se tornara seu mentor literário. Graças a ele, periodicamente fazia trabalhos relacionados à produção de textos. Os romances que escrevera ainda não conheciam a luz do dia, mas mesmo assim Tengo não estava insatisfeito com a vida que levava. Mesmo não tendo nenhum amigo íntimo e nenhum compromisso sério com uma namorada. Embora tivesse se relacionado e ido para a cama com uma dezena de mulheres, nenhum desses relacionamentos durara muito. Mas, pelo menos, ele podia se dizer livre.

No entanto, desde que pegara nas mãos a *Crisálida de ar*, sua vida, até então tranquila, começou a apresentar algumas fissuras. De

início, ele foi praticamente forçado a participar do arriscado plano de Komatsu. E a bela garota mexia com seus sentimentos de modo muito estranho. Após terminar de reescrever *Crisálida de ar*, algo dentro dele mudou e, graças a isso, ele passara a ter o intenso desejo de escrever seu *próprio* romance. Uma mudança obviamente positiva. Mas, paralelamente a isso, uma outra estava na iminência de ocorrer nesse seu estilo de vida autossuficiente e praticamente perfeito.

De qualquer modo, o dia seguinte era uma sexta-feira. Dia de sua namorada aparecer. Antes de ela chegar, ele precisava tirar Fukaeri dali.

Fukaeri acordou pouco depois das duas da madrugada. Ela abriu a porta da cozinha, ainda vestida com o pijama, e tomou um copo grande de água da torneira. Em seguida, esfregou os olhos e se sentou em frente a Tengo.

— Estou te atrapalhando — perguntou Fukaeri, como sempre, sem a interrogação.

— Não se preocupe. Não está me atrapalhando.

— O que escreve.

Tengo fechou o bloco de papel e pousou a caneta sobre a mesa.

— Não é grande coisa — respondeu Tengo. — Eu já estava pensando em parar.

— Posso ficar um pouco com você — perguntou Fukaeri.

— Pode. Vou tomar um pouco de vinho. Quer beber alguma coisa?

A garota balançou a cabeça, indicando que não queria nada.

— Quero ficar um tempo aqui.

— Tudo bem. Eu também ainda não estou com sono.

O pijama de Tengo era muito grande, e por isso ela o vestia com as mangas e as barras dobradas. Quando se curvava, dava para vislumbrar, através da gola, o volume de seus seios. Ao vê-la com seu pijama, Tengo sentiu uma estranha falta de ar. Abriu a geladeira, tirou uma garrafa com um pouco de vinho e o colocou na taça.

— Não está com fome? — perguntou Tengo. No caminho até o apartamento, haviam parado num pequeno restaurante próximo à estação Kôenji e comeram espaguete. A quantidade servida não era grande, e já fazia um bom tempo. — Se você quiser, posso preparar um sanduíche ou alguma coisa simples.

— Não estou com fome. Em vez disso, quero que leia o que escreveu.

— Isso que eu estava escrevendo?

— É.

Tengo pegou a caneta e a girou entre os dedos. Ela parecia minúscula em sua mão.

— Eu só mostro o texto depois de terminado e totalmente revisado. É uma superstição.

— Superstição.

— É para não dar azar; é uma coisa minha.

Fukaeri ficou um bom tempo olhando o rosto de Tengo. Depois, apertou a gola do pijama:

— Então você poderia ler um livro.

— Você gosta de dormir ouvindo alguém ler um livro?

— Gosto.

— É por isso que o professor Ebisuno sempre lia para você?

— O professor sempre fica acordado até bem tarde.

— Foi o professor Ebisuno que leu as *Narrativas de Heike* para você?

Fukaeri negou com a cabeça.

— Ouvi em fita cassete.

— E você decorou o texto ouvindo a fita? Mas devem ter sido muitas fitas cassetes, não devem?

Fukaeri mostrou o volume de fitas com as mãos.

— Muitas fitas...

— Que parte da narrativa você recitou durante a coletiva?

— A fuga de Yoshitsune Minamoto da capital.

— É o trecho em que Yoshitsune Minamoto, após vencer os Heike, foge de Quioto perseguido pelo próprio irmão Yoritomo. A vitória dos Genji sobre os Heike dá início a uma acirrada disputa entre os Genji pelo poder.

— Isso.

— Fora este trecho, há algum outro que você consegue recitar de cor?

— Diga o trecho que você quer ouvir.

Tengo tentou se lembrar de quais eram os episódios das *Narrativas de Heike*. Tratava-se de uma história longa, com inúmeros episódios. A “Batalha de Dan-no-ura”, disse ele ao acaso.

Fukaeri concentrou-se por uns vinte segundos e começou a recitar de memória:

Os guerreiros de Genji invadem e dominam os navios dos Heike.

A tripulação e o timoneiro, mortos a flecha ou a golpes de espada, não mais conduzem o barco, e jazem no porão do navio.

Tomomori, recém-nomeado Conselheiro-do-meio, apressa-se a pegar um bote e rapidamente se

dirige à embarcação de Vossa Majestade. E anuncia:

“Eis que o fim se aproxima. Joguem ao mar todas as coisas desagradáveis aos olhos”, e, dito isso, começou a correr de popa a proa varrendo, esfregando, limpando e pegando a sujeira com as mãos.

“Senhor Conselheiro-do-meio, como estão as batalhas?”, as damas da corte indagavam, todas ao mesmo tempo.

“Logo vocês conhecerão os magníficos homens do leste”, respondeu o Conselheiro, soltando uma gargalhada.

“Como pode brincar numa hora dessas”, as damas gritavam indignadas.

Ao observar a cena, a monja do segundo grau que, de antemão, previa a possibilidade de o pior acontecer,

paramentou-se com seu traje cerimonial, vestindo seus dois quimonos em sobreposição de tons cinza e uma hakama formal de seda cinza-escura.

Arregaçou a barra da saia, colocou o imperial colar de jade prendendo-o sob o braço e colocou a imperial espada na cintura. Em seguida abraçou o Imperador e disse:

“Sei que sou apenas uma mulher, mas jamais cairei em mãos inimigas. Acompanharei Vossa Majestade. Se mais alguém também assim desejar, apressem-se e sigam-nos”; e, dito isso, a monja e o Imperador caminharam lenta e silenciosamente em direção à amurada.

Naquele ano, o Imperador completara 8 anos, mas era adulto para a idade.

De belas feições, sua figura resplandecia majestosa. Seus cabelos negros e luzídios passavam da cintura.

Confuso com a situação, o Imperador perguntou: “Para onde estais a me levar?”

A monja olhou o inocente jovem Imperador e, contendo as lágrimas, disse:

“Vós não sabeis, mas, por terdes cumprido os Dez Preceitos em suas existências anteriores, fostes

designado a ser o líder das dez mil carruagens.
Porém, um carma ruim atropelou esse vosso destino.
Volte-se primeiro para o leste
e se despeça do grande santuário de Ise.
Em seguida, volte-se para o oeste
e invoque o Buda Amida
para vos receberdes e ao paraíso da Terra Pura vos conduzirdes.
Este nosso país é como um punhado de grãos de
painço espalhados; um lugar em que o coração
somente conhece o sofrimento.
Agora vou te acompanhar até um local maravilhoso
chamado paraíso da Terra Pura”, disse a monja,
sem mais poder conter as lágrimas.
O jovem Imperador, vestido com trajes em tons
verde-amarelados, cabelos presos em coque na
altura das orelhas,
olhos marejados, juntou suas mãos belas e
pequeninas e,
voltando-se primeiro para o leste, despediu-se do
grande santuário de Ise.
Em seguida, voltou-se para o oeste e invocou o
Buda Amida.
A monja abraçou o Imperador e, para confortá-lo,
disse:
“Sob essas ondas também existe uma capital.”
E, após assim dizer, lançaram-se no imenso e
profundo mar.

Ao ouvir de olhos fechados a recitação de Fukaeri, Tengo sentiu como se estivesse ouvindo um monge cego que, tradicionalmente, era acompanhado por um instrumento de corda chamado biwa. Foi então que se deu conta de que as *Narrativas de Heike* eram um poema épico de tradição oral. Normalmente, Fukaeri costumava falar de um jeito monótono, quase sem acentuação e entonação, mas na hora de recitar sua voz ganhava intensidade, riqueza e colorido. Era como se uma entidade se incorporasse nela. A imagem da batalha, ocorrida no sublime mar do estreito de Kan'mon, em 1185, ressurgia serena e vividamente no presente. A derrota dos Heike era certa, e a monja de segundo grau Tokiko — esposa de Minamoto-no-Kiyomori e avó materna do imperador — pula ao mar abraçada ao jovem imperador Antoku. As damas da corte também seguem o imperador para não

caírem nas mãos dos samurais do leste. Tomomori, para esconder seu sofrimento, finge que está brincando e incita as damas a se suicidarem para evitar viver no mundo infernal que ora se descortina.

— Quer que continue — perguntou Fukaeri.

— Não, está ótimo. Obrigado — disse Tengo, ainda surpreso.

Tengo entendeu muito bem o espanto dos repórteres, que não conseguiram dizer nada após a recitação.

— Como é que você consegue decorar um texto tão longo...

— Escutei a fita muitas vezes.

— Mesmo escutando várias vezes, creio que as pessoas comuns não conseguem decorá-la — disse Tengo.

Teve então uma ideia súbita: “Quem sabe o fato de não conseguir ler fez com que ela desenvolvesse uma capacidade excepcional para decorar o que ouve, assim como as crianças com síndrome de Savant, que conseguem memorizar grande quantidade de informações visuais em questão de segundos.”

— Quero que leia um livro — disse Fukaeri.

— Que tipo de livro você quer?

— Tem aquele que você comentou com o professor — perguntou Fukaeri. — O livro que fala do Grande Irmão.

— Ah! 1984? Puxa, esse eu não tenho aqui.

— Como é a história.

Tengo tentou lembrar as linhas gerais do romance.

— Eu li esse livro há muito tempo na biblioteca da escola, por isso não me lembro direito dos detalhes, mas, enfim, foi publicado em 1949 e, naquela época, 1984 representava um futuro longínquo.

— Este ano.

— Isso. Estamos em 1984. O futuro algum dia se torna presente, e o presente rapidamente se torna passado. No romance, Orwell descreve que no futuro a sociedade será sombria, dominada pelo totalitarismo. As pessoas são rigorosamente vigiadas pelo Grande Irmão. As informações são controladas, e a história é constantemente reescrita. O protagonista trabalha numa repartição pública e, se não me falha a memória, é funcionário de um departamento responsável por substituir textos. Quando uma nova versão da história é reescrita, a antiga é totalmente destruída e, ao mesmo tempo, são criadas novas palavras e o significado das palavras existentes é igualmente alterado. Como a história é frequentemente reescrita, com o passar do tempo ninguém mais conhece a história verdadeira. E chega-se a um ponto em que não se consegue mais discernir quem são os inimigos e quem são os amigos. Essa é a história do livro.

— Reescrever a história.

— Roubar a história é como roubar uma parte da própria pessoa. É um crime.

Fukaeri ficou um tempo a pensar.

— Nossa memória é feita de lembranças individuais e coletivas — disse Tengo. — Elas estão intrinsecamente entrelaçadas. A história é a memória coletiva e, quando ela é usurpada ou reescrita, perdemos a capacidade de preservar nossa legítima personalidade.

— Você também reescreveu.

Tengo sorriu e tomou um gole de vinho.

— O que eu fiz foi apenas um retoque para favorecer seu romance. Reescrever a história é algo completamente diferente.

— Você não tem o livro do Grande Irmão aqui — perguntou Fukaeri.

— Infelizmente não. Por isso não posso ler para você.

— Pode ser outro livro.

Tengo ficou de frente para a estante e deu uma olhada nas lombadas. Ele já tinha lido muitos livros, mas possuía poucos, por não gostar de acumular muitas coisas em sua casa. Por isso, assim que lia um livro — exceto aquele que particularmente considerava especial — vendia-o para o sebo. Procurava comprar somente livros que sabia que leria imediatamente e, aquele que considerava importante, lia-o com muita atenção até assimilá-lo totalmente. Se houvesse outro livro específico que precisasse ler, pegava-o emprestado numa biblioteca próxima de casa.

Tengo levou tempo para escolher um livro; não estava acostumado a ler em voz alta, e não tinha ideia de qual deles seria o mais adequado para recitar. Após um momento de grande indecisão, finalmente escolheu um de Anton Tchekhov, *A ilha de Sacalina*, que lera na semana anterior. As partes interessantes estavam indicadas com marcadores de papel, de modo que ele poderia escolher somente os trechos mais adequados para ler em voz alta.

Antes de começar, Tengo fez um breve comentário sobre o livro. Explicou que Anton Tchekhov viajara à ilha de Sacalina em 1890 e, naquela época, tinha trinta anos. Disse também que ninguém sabia ao certo os verdadeiros motivos que levaram Tchekhov a viajar sozinho e permanecer durante tanto tempo na ilha, considerada um fim de mundo; pois, além de ser um homem cosmopolita, que levava uma vida abastada na capital Moscou, era também um jovem e talentoso escritor em franca ascensão, pertencente a uma geração posterior à de Tolstói e Dostoiévski. A ilha de Sacalina havia sido desenvolvida como uma colônia penal, e muitos a julgavam um local miserável e sinistro. Naquela época, como ainda não existia a Ferrovia Transiberiana, ele chegou a percorrer mais de quatro mil quilômetros numa carroça, enfrentando heroicamente dores lancinantes provocadas pelo intenso frio que castigava seu corpo não muito saudável. Como resultado de sua viagem de oito meses pelo Extremo

Oriente, Tchekhov publicou *A ilha de Sacalina*, uma obra que provocou perplexidade em muitos de seus leitores. O texto não parecia muito literário; era mais um relatório de informações factuais e descrições topográficas. As pessoas sussurravam entre si, perguntando-se por que Tchekhov havia dedicado um tempo tão precioso de sua carreira literária para fazer essa obra tão inútil e sem sentido. Um crítico literário chegou a afirmar que não passava de “autopromoção e estratégia de vendas”, e outro comentou que o motivo de sua viagem havia sido “buscar algum assunto para escrever, já que estava sem nenhum”. Tengo mostrou a Fukaeri o mapa que constava no livro e indicou o local em que ficava a ilha de Sacalina.

— Por que Tchekhov foi para Sacalina — perguntou Fukaeri.

— Você quer saber o que *eu* penso sobre isso?

— Quero. Você leu o livro.

— Li, sim.

— O que achou.

— Acho que o próprio Tchekhov não sabia ao certo os motivos que o levaram a fazer essa viagem — disse Tengo. — Ou seja, será que ele não queria apenas conhecer o lugar? Ele podia perfeitamente estar olhando o formato dessa ilha num mapa e, de repente, sentiu um ímpeto de conhecê-la, não é? Eu também já tive uma experiência parecida. Quando estou vendo um mapa, penso: “Preciso ir aqui, custe o que custar”, e, geralmente, coincidência ou não, esse lugar é distante e de difícil acesso. Sinto uma vontade muito grande de conhecer a paisagem desse local e o que as pessoas fazem por lá. Isso é como *sarampo*. Você não consegue mostrar para as pessoas a fonte dessa paixão. É pura curiosidade, no mais amplo sentido da palavra. Uma inexplicável inspiração. No caso de Tchekhov, porém, creio que este não tenha sido o único motivo, ainda que, naquela época, uma viagem de Moscou a Sacalina fosse uma penitência inimaginável.

— Por exemplo...

— Tchekhov era escritor e também médico. Por isso, acho que ele queria examinar com seus próprios olhos, como um cientista, uma parte debilitada de seu imenso país chamado Rússia. Incomodava-lhe o fato de ser um célebre escritor que passava a vida na capital. Estava igualmente aborrecido com o ambiente dos círculos literários de Moscou e, a bem da verdade, sentia desgosto pelos companheiros literários presunçosos e traiçoeiros. Além de nutrir antipatia pelos críticos literários mal-intencionados. Nesse sentido, a viagem à ilha de Sacalina foi uma espécie de peregrinação para se purificar de toda imundície existente no ambiente literário. De certa forma, ele foi dominado pela ilha, no mais amplo sentido da palavra. Esse talvez tenha sido um dos motivos de não escrever nenhuma obra literária sobre a viagem. Não se tratava de um assunto que pudesse

levianamente transformar em tema de romance. Esse recanto debilitado de seu país era, por assim dizer, parte de seu próprio corpo. Quem sabe não tenha sido exatamente isso que ele realmente buscava?

— Esse livro é interessante — perguntou Fukaeri.

— Eu o li achando muito interessante. Existem muitos dados numéricos e estatísticos e, como já disse, muito pouca coloração literária. O livro ressalta o lado científico de Tchekhov. Mas é exatamente nas entrelinhas que eu consigo enxergar a íntegra determinação desse homem chamado Tchekhov. Mescladas à profusão de informações factuais, vez por outra encontramos impressionantes observações de personagens e descrições de cenários. Mesmo nas partes em que o texto enfileira uma sucessão de fatos, não acho que fica ruim. Eu diria que alguns trechos são excepcionalmente belos, como o capítulo em que ele fala dos guiliaks.

— Guiliaks — disse Fukaeri.

— Os guiliaks são os nativos que vivem em Sacalina desde muito antes de os colonizadores russos chegarem lá. Originalmente eles viviam mais ao sul da ilha, mas, com a chegada dos ainus, vindos de Hokkaido, foram praticamente impelidos a se mudarem para a região central, onde vivem até hoje. No entanto, não podemos esquecer que os ainus também foram expulsos para Sacalina por pressão dos japoneses. Tchekhov observou de perto a vida e a cultura dos guiliaks, empenhando-se em deixar um registro um pouco mais detalhado sobre esse povo que rapidamente se extinguiu devido à russificação.

Tengo abriu o livro no capítulo que tratava dos guiliaks e começou a ler. Às vezes ele abreviava ou adaptava alguns trechos, com o intuito de facilitar a compreensão da ouvinte.

Os guiliaks possuem uma compleição forte e robusta, e sua estatura é mais para baixa do que mediana. Se fossem altos, certamente teriam dificuldades de se locomover no interior da densa floresta. Possuem ossos muitos fortes, ou seja, as extremidades dos ossos onde existem músculos, a coluna vertebral e as articulações são notadamente desenvolvidas. Músculos vigorosos pressupõem a existência de um enfrentamento tenso e contínuo com a natureza. O corpo é magro, musculoso e sem gordura subcutânea. Não se veem guiliaks corpulentos e obesos. Toda a gordura é gasta para manter a temperatura do corpo. Para compensar a energia que consomem para enfrentar as baixas temperaturas e a excessiva umidade do ar, os homens

de Sacalina precisam produzi-la em grandes quantidades. E isso explica o fato de os guiliaks terem uma alimentação riquíssima em gordura. Eles comem foca, salmão, esturjão, baleia, e carnes ensanguentadas, sempre em grande quantidade, tudo cru, seco ou, na maioria das vezes, congelado. Por se alimentarem principalmente de carne crua, observa-se que os músculos que participam da mastigação são notadamente desenvolvidos, e todos os dentes são muito gastos. Apesar de serem carnívoros, quando — ainda que raramente — fazem alguma refeição em casa ou realizam alguma celebração, eles também comem alho da Manchúria e morangos junto com as carnes e os peixes. Segundo Nevelskoi, os guiliaks consideram a agricultura uma atividade extremamente pecaminosa. Eles acreditam que a pessoa que cavar a terra ou plantar algo nela estará fadada a morrer. No entanto, comem com imenso prazer o pão introduzido pelos russos e, atualmente, em Alexandrovsk ou Rikovsk, é comum se deparar com guiliaks carregando um enorme disco de pão debaixo do braço.

Tengo fez uma pausa na leitura. Tentou captar alguma reação no rosto atento de Fukaeri, mas foi em vão.

— E então? Quer que eu continue? Ou é melhor escolher outro livro? — perguntou Tengo.

— Quero saber mais sobre os guiliaks.

— Então vou continuar.

— Posso deitar na cama? — perguntou Fukaeri.

— É claro — disse Tengo.

Os dois foram para o quarto. Fukaeri enfiou-se na cama e Tengo sentou-se ao lado, na cadeira que trouxera. Continuou a ler.

Os guiliaks nunca lavam o rosto e por isso nem mesmo os etnólogos conseguem afirmar categoricamente que tipo de cor de pele eles realmente possuem. Não lavam as roupas de baixo, e suas vestimentas e calçados de pele parecem que foram arrancados de um cachorro morto. Os guiliaks exalam um odor nauseante e logo se percebe que suas moradias estão próximas só de sentir o odor desagradável e muitas vezes insuportável dos peixes secos e restos de peixes podres. Ao lado de todas as casas existe um terreiro com peixes abertos em duas partes colocados um ao lado do outro e que, à

distância, principalmente com a incidência da luz do sol, parecem cordões de corais. Foi nas proximidades dessas casas que Kruzenshtern encontrou uma quantidade enorme de larvas que formavam uma camada de três centímetros no chão.

— Kruzenshtern.

— Deve ser um dos primeiros exploradores da região. Tchekhov era um estudioso e tinha lido todos os livros que foram escritos sobre Sacalina.

— Leia a continuação.

No inverno, as cabanas são tomadas por uma irritante fumaça que sai do forno e, além disso, todos os guiliaks, inclusive a esposa e os filhos, fumam tabaco. Quanto à taxa de enfermidade e mortalidade, não existem dados concretos, mas o fato de viverem num ambiente em condições higiênicas insalubres deve influenciar negativamente seu estado de saúde. Pode-se supor também que essas condições de higiene é que estão relacionadas à estatura baixa, assim como ao rosto inchado e uma certa falta de ânimo e morosidade em seus movimentos.

— Pobres guiliaks — disse Fukaeri.

Quanto ao caráter dos guiliaks, existem vários livros e várias interpretações, de acordo com seus respectivos autores, mas existe um único ponto em que todos concordam, isto é, são unânimes em dizer que os guiliaks não são belicosos, detestam disputas e brigas, e prezam viver em paz com seus vizinhos. Quando chegam novas pessoas, os guiliaks sempre as recebem gentilmente, sem demonstrar relutância, apesar da natural desconfiança gerada pela insegurança do porvir. O máximo que fazem como prova de resistência é mentir, descrevendo a ilha de Sacalina como um local sombrio, de modo que eles pensam que assim os forasteiros irão partir. O grupo de Kruzenshtern foi recebido de braços abertos e, quando se espalhou a notícia de que um membro da equipe, L. I. Shrenk, se encontrava enfermo, os guiliaks demonstraram estar realmente tristes. Os guiliaks só mentem quando fazem negócios ou quando falam com pessoas suspeitas e que

eles consideram perigosas, mas, antes de dizerem uma mentira, costumam trocar olhares entre si, agindo como se fossem crianças. Na vida em sociedade, fora do âmbito comercial, sentem aversão a todo tipo de mentira e de atitudes presunçosas.

— Admiráveis guiliaks — disse Fukaeri.

Quando um guiliak aceita uma tarefa, ele a cumpre diligentemente, e nunca se ouviu falar que um guiliak tenha abandonado o correio no meio do caminho ou que tenha se apropriado de bens de terceiros. Eles são corajosos, espertos, alegres, amigáveis e não sentem qualquer constrangimento na presença de ricos e poderosos. Não reconhecem nenhum tipo de autoridade e, ao que parece, desconhecem o conceito de superior e inferior. Tal como já foi amplamente dito e devidamente registrado, os guiliaks não respeitam o sistema patriarcal. O pai não se considera superior ao filho, nem o filho precisa respeitar o pai, e cada qual vive a seu modo. Dentro do lar, a mãe idosa não tem autoridade maior que a filha adolescente. Boshniak relata que presenciou várias vezes um filho chutar e expulsar a tapas a própria mãe de casa, e que ninguém o repreendeu. Dentro da família, os homens estão em pé de igualdade. Se você oferecer uma vodca a um guiliak, também terá de oferecê-la ao menino mais novo da casa.

Em contrapartida, nenhuma mulher — avó, mãe ou o bebê de colo — possui direito dentro da família. Portanto, elas são tratadas friamente, como se fossem objetos ou animais domésticos, e podem ser expulsas, vendidas ou chutadas como cachorros. Os guiliaks eventualmente podem até acariciar os cachorros, mas jamais demonstram carinho com uma mulher. Consideram o casamento uma tolice, o que, em outras palavras, significa que as celebrações são mais importantes do que isso. Não possuem nenhum tipo de cerimônia religiosa ou superstição. Os homens trocam suas lanças, botes ou, em último caso, o seu cão, por uma mulher, carregam-nas em suas costas até a cabana e dormem sobre uma pele de urso, e pronto. Admitem a poligamia, mas, apesar de o número de mulheres ser bem maior que o de homens, esse tipo de união não é

muito comum. O desprezo com que os guiliaks tratam as mulheres, como se fossem animais inferiores e mercadorias, é tão grande que, para eles, o sistema escravocrata não seria considerado inconveniente. Entre os guiliaks, as mulheres são claramente objetos de troca, assim como o tabaco e o tecido. O escritor sueco Strindberg, famoso misógino, disse que apreciava a ideia de as mulheres se tornarem escravas para satisfazer os desejos dos homens, o que significa que, na essência, ele pensava exatamente como os guiliaks. Se tivesse a oportunidade de ir para a região setentrional da ilha de Sacalina, certamente seria recebido de braços abertos pelos guiliaks.

Tengo fez uma pausa, mas Fukaeri manteve-se quieta, sem expressar opinião. Ele continuou:

Eles não possuem tribunais e tampouco conhecem o significado de justiça. E só pelo fato de eles, até hoje, não entenderem para que servem as estradas, pode-se imaginar a imensa dificuldade que têm em nos compreender. Mesmo nas áreas em que existem estradas, eles continuam caminhando pela densa floresta. É muito comum ver as famílias e os cachorros, em fila indiana, andando com muita dificuldade no lamaçal próximo à estrada.

Fukaeri estava de olhos fechados, respirando serenamente. Tengo observou seu rosto durante um tempo para verificar se ela dormia, mas não soube dizer. Por isso resolveu virar a página e continuar a leitura. Queria estar seguro de que ela dormia, e além disso sentia vontade de continuar mais um pouco a leitura de Tchekhov em voz alta.

Antigamente, existia um posto de vigilância num local chamado Naibuchi, na foz do rio Nayba. Essa construção é datada de 1866. Na época em que Mitzul chegou ao local, encontrou ao todo dezoito casas — entre habitadas e desocupadas —, uma pequena capela e uma mercearia. Um correspondente que esteve no local em 1871 escreveu que havia vinte soldados sob o comando de um oficial cadete. Numa das casas, a esposa esbelta e bela de um dos soldados ofereceu-lhe

ovos frescos e pão preto e, a despeito de falar bem da vida que levava, queixou-se do preço exorbitante do açúcar. Atualmente, não existem mais sequer vestígios dessas casas, e ao contemplar essa paisagem desolada, relatos como a da história dessa esposa alta e bonita de um soldado soam como mito. Hoje existe apenas uma casa recém-construída, usada como posto de guarda ou um tipo de pousada. O mar é turvo, gelado, e suas brancas ondas de três metros, ao quebrar, parecem bramir: “Deus! Por que vós nos criastes?” Eis que estou em pleno oceano Pacífico. Das praias de Naibuchi ouço o barulho seco do machado usado nas áreas de construção pelos deportados, mas também penso numa longínqua América na margem oposta e, olhando para a esquerda, imagino o cabo de Sacalina por entre a névoa e, à direita, algum outro cabo. Ao redor não existem pessoas, aves nem sequer uma mosca e, num local assim, há de se indagar: “Para quem, afinal, essas ondas estão a bradar? Quem ouve este bramido todas as noites? O que essas ondas desejam? Para quem elas vão bradar quando eu partir?” Quando estou em pé diante desta praia, os pensamentos me abandonam e sou conduzido e aprisionado à profunda meditação. Sinto um intenso medo que se mescla ao desejo de permanecer ali para sempre, contemplando o movimento monótono das ondas e seus aterradores bramidos.

Fukaeri parecia dormir profundamente. Ao prestar atenção nela, Tengo conseguia ouvir sua respiração serena. Ele fechou o livro e o colocou sobre a mesinha ao lado da cama. Em seguida se levantou, apagou a luz do quarto e, antes de fechar a porta, novamente olhou o rosto de Fukaeri. Estava deitada de costas com a boca fechada e dormia tranquilamente. Tengo fechou a porta e foi à cozinha.

Mas ele não conseguia mais escrever seu livro. A paisagem da praia desolada da Sacalina descrita por Tchekhov ocupava sua mente. Tengo conseguia ouvir o bramido das ondas e, ao fechar os olhos, ele se via em pé na orla daquela praia deserta do mar de Okhotsk, prisioneiro de profundas reflexões, capaz de compartilhar a irremediável melancolia sentida por Tchekhov. Nesse fim de mundo, ele deve ter sentido uma opressiva impotência. Ser um escritor russo no final do século XIX era o mesmo que carregar um amargo destino inescapável. Quanto mais desejasse fugir da Rússia, mais a Rússia o engolia.

Tengo lavou a taça de vinho, escovou os dentes no banheiro e, após apagar a luz da cozinha, deitou-se no sofá, cobriu-se com o cobertor e tentou dormir. O intenso bramido das ondas ecoava em seus ouvidos, mas, a despeito delas, Tengo foi gradativamente perdendo a consciência até cair num sono profundo.

Despertou às oito e meia da manhã. Fukaeri não estava mais na cama. O pijama estava embolado dentro da máquina de lavar, ainda com as mangas e as barras dobradas. Sobre a mesa da cozinha havia um bilhete escrito a caneta: “O que será que os guiliaks estarão fazendo agora? Vou para casa.” A letra era pequena, o traço era firme e anguloso a ponto de causar um certo estranhamento. Era como ver do alto letras escritas com conchas na praia. Tengo dobrou a mensagem e a guardou na gaveta da mesa. Sua namorada chegaria às onze. Se ela pegasse esse bilhete, com certeza faria um tremendo escândalo.

Tengo arrumou a cama e devolveu o livro de Tchekhov à prateleira. Depois preparou o café e fez uma torrada. Enquanto tomava o desjejum, sentiu que alguma coisa lhe pesava no peito. Demorou para descobrir o que o fazia se sentir assim. Era a imagem de Fukaeri dormindo com o rosto tranquilo.

“Será que estou apaixonado por ela? Não. Não é isso”, dizia Tengo para si mesmo. Era algo dentro dela que, de vez em quando, abalava fisicamente seu coração. Mas então por que é que o pijama que ela usara o deixava incomodado? Por que, sem pensar, ele havia pegado o pijama e o cheirado?

Eram muitas as perguntas. Se Tengo não estava enganado, foi Tchekhov quem disse: “O escritor não é uma pessoa que soluciona problemas. É uma pessoa que os propõe.” Sábias palavras que Tchekhov soube aplicar não somente a suas obras, mas também a sua vida. Sua vida e suas obras levantavam inúmeras questões que ele jamais procurou solucionar. Mesmo sabendo que sofria de tuberculose, uma doença incurável (como médico, ele certamente o sabia), procurou ignorar o fato e, até no seu leito de morte, nunca acreditou estar morrendo. Tchekhov morreu jovem, durante uma intensa crise de expectoração de sangue.

Tengo balançou a cabeça e levantou-se da mesa. Hoje é o dia da visita da sua namorada. Agora ele precisava lavar a roupa e limpar a casa. Sobre as outras coisas, pensaria numa outra hora.

Aomame

Por mais longe que se queira ir

Aomame foi para a biblioteca do bairro e, seguindo os mesmos procedimentos da vez anterior, solicitou os microfiches dos jornais e sentou-se à mesa. Queria verificar novamente o conflito ocorrido três anos atrás na província de Yamanashi entre o grupo extremista e a polícia. A sede do grupo religioso Sakigake que a velha senhora mencionara ficava nas montanhas de Yamanashi. E o local em que ocorrera o confronto era nas mesmas montanhas. Poderia ser apenas uma coincidência, mas aquilo incomodava Aomame. Deveria haver alguma relação entre esses dois acontecimentos. A expressão “aquele incidente tão grave” que a velha senhora usara também sugeria existir algum tipo de ligação entre eles.

O tiroteio acontecera três anos atrás, em 1981 — segundo a hipótese de Aomame, três anos antes de 1Q84 —, no dia 19 de outubro. Detalhes e informações gerais sobre o incidente ela já sabia por ter lido os noticiários da vez anterior em que estivera na biblioteca, por isso, desta vez, apenas correu os olhos sobre aqueles artigos para, em seguida, concentrar sua atenção nos textos relacionados ao incidente e publicados no dia seguinte, assim como todos os artigos que analisavam os acontecimentos sob diversos ângulos.

No primeiro confronto, três policiais foram mortos por disparos de fuzis Kalashnikov de fabricação chinesa, e dois ficaram gravemente feridos. Após o tiroteio, o grupo extremista, ainda armado, fugiu para o interior das montanhas e a polícia realizou uma ampla operação de varredura. Para auxiliar na busca, um helicóptero da Força de Autodefesa sobrevoou a área com uma tropa de paraquedistas fortemente armados. Após intensa perseguição, três extremistas foram mortos ao se recusarem a se render, e outros dois foram gravemente feridos — um morreu após três dias no hospital; quanto ao outro, os jornais não informaram claramente o que lhe aconteceu. Além deles, quatro pessoas foram capturadas ilesas ou com

ferimentos leves. Não houve vítimas entre os soldados da Força de Autodefesa e os policiais — devidamente protegidos com coletes à prova de bala. O único incidente que ocorreu foi o de um policial que, durante a perseguição, caiu num barranco e quebrou a perna. Além disso, um membro do grupo extremista conseguiu escapar sem deixar pistas e foi dado como foragido, apesar da intensa busca realizada na região.

Após o impacto inicial que o incidente causou, os jornais passaram a dar informações detalhadas sobre a origem e o histórico desse grupo extremista, tachado de filho bastardo da revolta estudantil dos anos setenta. Mais da metade dos membros havia participado dos conflitos que culminaram na invasão do auditório Yasuda da Universidade de Tóquio, ou da ocupação do campus da Universidade do Japão. Após a tropa de choque minar a “fortaleza” estudantil e pôr fim à rebelião, os ativistas, expulsos das universidades, e os que se desiludiram com as novas políticas estudantis resolveram se unir com parte dos professores e, a despeito das diferenças partidárias, estabeleceram uma comuna agrícola na província de Yamanashi. No início, eles ingressaram numa comunidade essencialmente agrícola denominada “Escola Takashima”, mas, insatisfeitos com o tipo de vida adotado por lá, se reorganizaram e formaram o grupo independente. Adquiriram terras ociosas nas montanhas de Yamanashi por um preço excepcionalmente baixo e começaram a administrar sua própria produção. No início, o grupo enfrentou dificuldades, mas, gradualmente, a procura por produtos orgânicos teve um ligeiro crescimento nas cidades, e sua aceitação consolidou um sistema de vendas pelo correio. Os ventos favoráveis propiciaram o desenvolvimento e a ampliação de suas atividades. Além disso, os membros do grupo eram pessoas sérias, empenhadas no trabalho e muito bem-organizadas, sob o comando de um tutor. O nome da comuna era “Sakigake”.

Aomame fez uma careta e engoliu em seco. Soltou um grunhido do fundo da garganta. Em seguida, bateu no tampo da mesa com a caneta. Continuou a leitura.

À medida que os negócios se estabilizavam, internamente Sakigake começava a se dividir em dois grupos bem distintos: a “facção em prol da luta armada” — um grupo extremista de inspiração marxista que desejava uma revolução armada por meio da guerrilha — e a “facção comunal” — um grupo mais moderado, ciente de que uma revolução armada não era a escolha adequada para o Japão daquela época e, rejeitando o espírito capitalista, buscava um modo de vida mais simples, junto à natureza. Em 1976, a facção comunal, que constituía a grande maioria entre os adeptos, expulsou de Sakigake a facção da luta armada.

Essa expulsão, porém, não se deu com o uso da força. Segundo os jornais, Sakigake adquiriu novas terras para que a facção da luta armada pudesse se instalar, além de oferecer um capital considerável como auxílio. Assim, a cisão se deu de modo amigável. A facção em prol da luta armada obviamente aceitou a proposta e instalou no novo local a sua própria comuna, denominada “Akebono”. Posteriormente, passaram a adquirir armas de alto desempenho. A origem do capital empregado na aquisição dessas armas estava sendo rastreada, e o resultado das investigações era muito aguardado.

Quanto às questões de quando, como e por que Sakigake se tornou um grupo religioso, nem a polícia nem os jornais conseguiam esclarecer satisfatoriamente. No entanto, foi na época da cisão que Sakigake abraçou uma religião. Em 1979, tornava-se oficialmente uma instituição religiosa. Desde então, ela passou a comprar as terras da vizinhança e ampliou sua infraestrutura. A propriedade foi cercada com muros bem altos, e foi proibido o acesso de pessoas que não pertenciam ao grupo. Alegaram que as pessoas de fora “perturbariam a prática ascética”. Outros pontos ainda não esclarecidos eram como haviam conseguido juntar todo o capital, e como conseguiram obter tão rapidamente a autorização para se tornarem uma instituição religiosa.

A facção em prol da luta armada iniciou os trabalhos agrícolas nas terras recém-adquiridas, mas, paralela e secretamente, intensificou os treinamentos com armas. Com o tempo, começaram a surgir desavenças com os agricultores locais. Uma delas foi a disputa sobre o direito de usar a água de um pequeno rio que passava dentro da propriedade de Akebono. Este rio, desde longa data, era compartilhado pela comunidade agrícola local, mas Akebono proibiu o acesso dentro de suas terras. A disputa durou vários anos e, quando um morador da vizinhança reclamou da cerca de arame farpado, foi violentamente agredido por membros da Akebono. A polícia de Yamanashi emitiu um mandado de busca para apurar os responsáveis pelo crime, e oficiais apareceram em Akebono para as investigações. Foram então surpreendidos pelos disparos.

Após o intenso conflito nas montanhas, que culminou com a destruição de Akebono, o grupo religioso Sakigake rapidamente convocou uma coletiva para se pronunciar. O porta-voz do grupo era jovem, bonito e usava um terno executivo. Os argumentos de sua fala eram claros. O jovem comunicou que Akebono e Sakigake não possuíam nenhum tipo de relação, a despeito de terem um passado em comum. Após a separação, não havia mais nenhum tipo de interação entre eles, a não ser a de trabalho. Sakigake era uma comunidade que

se empenhava nos processos agrícolas, obedecia à lei e almejava alcançar o mundo espiritual da paz, enquanto os membros de Akebono queriam uma revolução radical. Ao concluírem que não poderiam continuar juntos, optaram por cortar relações de modo pacífico. Após a cisão, Sakigake tornou-se um grupo religioso e oficializara sua situação como instituição religiosa. O porta-voz também anunciou que o incidente era lastimável, e apresentou profundas condolências pelos policiais mortos em cumprimento do dever, estendendo os pêsames aos familiares. Enfatizou que o grupo religioso Sakigake não tivera nenhuma participação ou envolvimento no incidente. Como não podiam negar o lamentável fato de que Sakigake fora o berço de Akebono, e como queriam evitar quaisquer mal-entendidos por conta do incidente, estavam de portas abertas para as autoridades locais, caso quisessem conduzir algum tipo de investigação. Explicou que Sakigake era um grupo religioso legalmente estabelecido e aberto à sociedade e que, nesse sentido, não tinha nada a esconder. O porta-voz finalizou o pronunciamento enfatizando que estavam dispostos a elucidar quaisquer dúvidas e colaborar, na medida do possível, para atender os anseios das autoridades.

Dias depois, em resposta à declaração, a polícia de Yamanashi entrou em Sakigake com um mandado de busca e, durante um dia inteiro, as autoridades vasculharam a propriedade, verificaram cuidadosamente as instalações e todo tipo de documentação. Também interrogaram alguns dirigentes. Suspeitavam que, apesar de publicamente separadas, Sakigake participasse das ações de Akebono por vias indiretas. No entanto, a equipe de investigação não encontrou nenhuma prova que evidenciasse tal suspeita. O que encontraram foram cabanas de madeira para meditação, construídas nas inúmeras trilhas, espalhadas em meio a um lindo bosque como pontinhos de costura e, nesses locais, pessoas com vestimentas bem simples meditavam ou se dedicavam a uma rigorosa prática ascética. Também encontraram outros membros que se dedicavam aos trabalhos agrícolas. As ferramentas e as máquinas pesadas estavam devidamente conservadas, e não se encontrou nenhum tipo de arma ou algo que sugerisse a incitação à violência. Tudo estava limpo e organizado. Havia um pequeno refeitório asseado, alojamentos e até uma enfermaria modesta, porém com o mínimo necessário. Na biblioteca de dois andares havia muitos livros sobre budismo e escrituras budistas, e os membros eram incentivados a se dedicar à pesquisa e à tradução de obras especializadas. O local parecia mais um campus de uma universidade particular do que propriamente uma instituição religiosa. Os policiais saíram de mãos abanando.

Dias depois, o grupo convidou repórteres de jornais e TV para conhecerem o local, mas o cenário que encontraram não diferiu muito

do que os policiais haviam visto. Ao contrário do habitual esquema de visitas organizadas, a imprensa tinha livre acesso a todos os locais sem acompanhante e podiam colher informações e conversar com qualquer membro para realizar a reportagem. O único acordo que o grupo fez questão de estabelecer, no intuito de proteger a privacidade dos fiéis, foi de a imprensa divulgar somente fotos e imagens aprovadas pela comuna. Alguns dirigentes, vestindo hábitos simples, se reuniram numa ampla sala de reuniões para responder às perguntas e explicar a origem, a doutrina e as diretrizes de sua religião. A linguagem era polida e espontânea. Não havia nenhum tipo de intenção publicitária, tão comum entre os grupos religiosos. Mais do que líderes de uma religião, pareciam funcionários de alto escalão de uma empresa de marketing, acostumados a fazer apresentações em público. A única diferença era a vestimenta.

Explicaram que o grupo não possuía uma doutrina claramente definida, e que não necessitava de um manual de códigos religiosos. Desenvolviam pesquisas sobre os princípios do budismo praticado nos primórdios e adotavam várias práticas religiosas daquele tempo. Seu objetivo era despertar a espiritualidade por meio dessas práticas, indo além do conhecimento literal das escrituras. O despertar espiritual de cada indivíduo constituía gradativamente a doutrina coletiva. Segundo eles, a doutrina não garantia esse despertar. Eles alegavam que o importante era que cada um alcançasse a própria espiritualidade para só então estabelecer uma doutrina capaz de expressar espontaneamente o conjunto dessa experiência divina. Essa era a diretriz básica do grupo. Nesse sentido, a proposta deles diferia das demais religiões existentes.

Explicaram ainda que parte do capital era proveniente da contribuição voluntária dos fiéis, como ocorre na maioria dos grupos religiosos. Porém, uma vez que o objetivo era ter uma vida simples e autossuficiente, centrada na agricultura, somente em último caso é que contavam com as doações. Almejavam alcançar a paz espiritual vivendo com o mínimo necessário, através da purificação do corpo e do aperfeiçoamento da mente. As pessoas que os procuravam eram aquelas que sentiam um vazio existencial e, desgostosas de viver neste mundo materialista e competitivo, buscavam um modo alternativo de vida, que lhes proporcionasse uma intensa vivência espiritual. Muitas possuíam um nível de escolaridade alto, formação profissional qualificada e nível social elevado. O grupo queria deixar claro que a proposta deles diferia, e muito, das defendidas pelas novas religiões. Sakigake não se enquadrava nesses grupos religiosos do tipo “fast-food”, cujo objetivo era promover a misericórdia em massa e assim solucionar levemente os sofrimentos deste mundo. O grupo, obviamente, achava importante ajudar os fracos, mas a proposta de

Sakigake era auxiliar os que possuíam uma alta conscientização de querer ajudar a si próprios. Em outras palavras, era um local adequado para uma “pós-graduação” religiosa.

Outra explicação dada foi que, a partir de certo momento, Sakigake e Akebono passaram a ter opiniões bem distintas quanto à administração e, durante um período, houve inclusive desavenças graves. Após várias conversas, optou-se pela separação amistosa, de modo que cada um seguisse o seu caminho. Akebono também lutava por seus ideais com sinceridade e devoção, mas, infelizmente, ocorrera aquele desastre, que se poderia considerar uma verdadeira tragédia. As principais causas disso, segundo Sakigake, eram o fato de Akebono ter sido excessivamente dogmática e perder o ponto de contato com a sociedade; razão que justificou, após o incidente, Sakigake ter adotado uma postura ainda mais rigorosa com a autodisciplina e, ao mesmo tempo, reconsiderar a importância de manter as janelas abertas para o mundo. Os problemas não podiam ser resolvidos pela violência. O que Sakigake quis deixar bem claro aos repórteres é que não tinham o hábito de impor a religião, não aliciavam as pessoas para se tornarem adeptas e tampouco criticavam as demais religiões. A proposta de Sakigake era apenas proporcionar um ambiente comunitário adequado e efetivo para os que buscavam o despertar da espiritualidade.

A maioria dos repórteres deixou Sakigake com uma ótima impressão. Os fiéis, tanto homens quanto mulheres, eram todos esbeltos, relativamente jovens — apesar de haver um ou outro com idade mais avançada — e seus olhos eram belos e límpidos. A linguagem era cordial, e todos eram muito educados. Os fiéis normalmente não eram de falar muito sobre o passado, mas a maioria com certeza possuía um alto nível de escolaridade. A refeição servida aos repórteres (disseram que era quase igual ao que se costumava servir aos fiéis) era simples, mas os ingredientes eram todos frescos, cultivados em suas próprias lavouras, e a comida foi considerada saborosa.

Diante dessas constatações, a imprensa, em sua grande maioria, concluiu que o grupo revolucionário que se mudara para Akebono era como uma espécie de prole revoltada que, cedo ou tarde, acabaria de qualquer forma por abandonar Sakigake, cujo objetivo era alcançar valores notadamente espirituais. No Japão da década de oitenta, a ideologia revolucionária de inspiração marxista era uma concepção totalmente desatualizada e descartável. Aqueles jovens que nos anos setenta defendiam uma política mais radical, hoje trabalhavam em diversos setores e lutavam acirradamente para se manter na vanguarda desse campo de batalha chamado economia, ou optaram por manter os valores individuais distantes da tumultuada e

competitiva sociedade moderna. Quisessem ou não, o mundo havia mudado, e a época das manifestações políticas pertencia a um longínquo passado. O caso Akebono foi um acontecimento sangrento e infeliz, mas, ao analisar o incidente sob uma perspectiva de longo prazo, concluiu-se que foi um episódio isolado, protagonizado por um espírito passadista que se manifestou repentinamente e fora de época. O episódio significou apenas que a cortina de um período se fechara. Esta era a opinião geral dos jornais. Sakigake era uma opção promissora para um novo mundo. Em contrapartida, Akebono foi considerada sem futuro.

Aomame colocou a caneta sobre a mesa e respirou fundo. Veio-lhe à lembrança a imagem de Tsubasa com sua total inexpressividade, seus olhos desprovidos de profundidade. E aqueles olhos observavam Aomame. No entanto, simultaneamente, tinha-se a impressão de que não enxergavam nada. Pareciam desprovidos de algo fundamental.

“Não pode ser tão simples assim”, pensou Aomame. A situação real de Sakigake não podia ser tão imaculada como os artigos dos jornais apregoavam. Ela sabia da existência de uma parte obscura, escondida nas profundezas. Segundo a velha senhora, essa pessoa que os fiéis chamavam de “líder” estuprava crianças na faixa dos dez anos com a desculpa de que era parte de um ritual religioso. Os repórteres não sabiam disso. Afinal, eles estiveram lá durante meio período e conheceram as impecáveis instalações religiosas, almoçaram uma comida preparada com produtos frescos, ouviram explicações maravilhosas sobre o despertar espiritual e deixaram o local satisfeitos. Não puderam ver o que se passava de verdade por trás daquilo tudo.

Aomame deixou a biblioteca e foi direto a uma cafeteria. Do telefone do estabelecimento ligou para o local onde Ayumi trabalhava. Era um número para o qual, segundo ela, Aomame podia telefonar a qualquer hora. Um colega atendeu e informou que ela estava trabalhando, mas a previsão era de que em duas horas estaria de volta à repartição. Aomame não se identificou, mas disse que mais tarde voltaria a ligar.

Voltou para casa e, passadas duas horas, ligou novamente. Desta vez, foi Ayumi quem atendeu.

— Oi, Aomame, tudo bem?

— Estou bem, e você?

— Tudo bem. A única coisa que me falta é um bom homem. E você?

— Para mim também — disse Aomame.

— Não está certo — disse Ayumi. — Como é que nós, mulheres jovens e encantadoras, com um tremendo e saudável apetite sexual, estamos aqui nos queixando... Deve ter algo errado com este mundo. Precisamos fazer algo, não acha?

— É mesmo... Mas, escute, você pode ficar falando alto desse jeito? Não está no horário de expediente? Não tem ninguém escutando?

— Não se preocupe. Pode falar à vontade — disse Ayumi.

— Queria te pedir um favor, se for possível. É que não sei mais a quem pedir.

— Tudo bem. Não sei se vou poder te ajudar, mas diga lá.

— Você já ouviu falar de um grupo religioso chamado Sakigake? É aquele que fica nas montanhas de Yamanashi.

— Hum. Sakigake, não é? — disse Ayumi. Após ficar cerca de dez segundos tentando se lembrar, disse: — Acho que sei. Se não me engano, é uma espécie de comuna religiosa da qual, antigamente, um grupo extremista chamado Akebono fazia parte, não é? Aquele que provocou o confronto em Yamanashi em que, infelizmente, três policiais foram mortos. Mas esse tal Sakigake não tinha nada a ver com o incidente. Fizeram uma investigação na sede religiosa, mas não encontraram nada. Por quê?

— Eu queria saber se, depois do incidente, Sakigake se envolveu em alguma questão criminal ou cível. Mas, como não passo de uma simples cidadã, não sei como fazer para verificar. É que não dá para ficar lendo todos aqueles jornais microfilmados. Foi então que pensei que a polícia deve ter um meio mais fácil de descobrir.

— Ah, é fácil! Basta eu fazer uma rápida consulta aqui no computador para saber... Era o que eu gostaria de te dizer, mas, infelizmente, a polícia japonesa ainda não está devidamente informatizada. Na prática, acho que ainda vai levar muitos anos. Para verificar esse tipo de coisa, só mesmo entrando em contato com a polícia de Yamanashi e pedindo que eles enviem uma cópia desse material pelo correio. Para fazer isso, primeiro é preciso emitir um requerimento de solicitação de dados com a devida autorização do superior. É claro que vai ser preciso explicar direitinho o motivo de tal solicitação. Afinal, não podemos esquecer que aqui é uma repartição pública, e que recebemos os nossos salários para complicar, além do necessário, todas as coisas que passam por aqui.

— Ah é? — disse Aomame, e suspirou. — Então está fora de cogitação.

— Mas por que você quer saber disso? Alguém que você conhece está envolvido com Sakigake?

Aomame hesitou, mas resolveu falar a verdade.

— É quase isso. Tem a ver com estupro. Por enquanto não

tenho detalhes, mas trata-se de estupro de crianças. É que ouvi dizer que vem acontecendo de modo sistemático lá dentro, uma prática que está sendo camuflada pela religião.

Pelo fone de ouvido, Aomame conseguia imaginar Ayumi franzindo as sobrancelhas.

— Hummm. Estupro de crianças. Isso é inadmissível.

— Realmente, inadmissível — concordou Aomame.

— Quantos anos tem a criança?

— Dez anos, talvez menos. São meninas que ainda não menstruaram.

Ayumi ficou um bom tempo em silêncio. Mantendo a voz de sempre, disse:

— Entendi. Se é isso, vou ver o que posso fazer. Você pode esperar uns dois ou três dias?

— Posso. Você me liga?

Depois de tratarem do assunto, passaram um tempo conversando sobre questões triviais e, por fim, Ayumi disse:

— Bem, preciso voltar ao trabalho.

Ao desligar, Aomame ficou um momento sentada na poltrona de leitura, ao lado da janela, olhando sua mão direita. Seus dedos eram longos, e suas unhas curtas e bem-cuidadas. Ela não usava esmalte. Enquanto observava a mão, foi tomada de um intenso sentimento de quão efêmera e arriscada era sua existência. Então se deu conta de que nem o formato de suas unhas tinha sido ela que escolhera. Fora escolhido aleatoriamente por alguém, e a única coisa que ela fizera foi acatar a decisão, independentemente de gostar ou não. Mas, afinal, quem decidia que o formato das unhas tinha de ser assim?

Outro dia, a velha senhora dissera: “Seus pais são fiéis fervorosos das Testemunhas de Jeová, e mesmo hoje continuam sendo.” Se fosse verdade, significava que eles continuavam se empenhando nas atividades de evangelização. Aomame tinha um irmão quatro anos mais velho. Ele era uma pessoa muito calma. Quando ela resolveu sair de casa, ele ainda obedecia às ordens dos pais e mantinha sua fé religiosa. O que será que faria agora? No entanto, ela não tinha nenhuma vontade de saber o que se passava com sua família. Para ela, pertenciam a uma fase de sua vida que considerava concluída. O vínculo fora rompido.

Ela tentou, durante vários anos, esquecer tudo o que acontecera com ela antes dos dez anos. Para ela, a vida começava naquele ponto. Tudo o que fosse anterior não passava de um sonho infeliz. Queria jogar fora todas as lembranças anteriores. No entanto, por mais que tentasse esquecer, seus sentimentos a arrastavam para

aquele mundo de tristes sonhos. A impressão era de que tudo o que ela possuía fincava raízes nessa terra escura, para dela retirar os nutrientes. Por mais longe que fosse, no final das contas ela sempre retornava para o mesmo lugar.

Foi então que Aomame tomou uma decisão: precisava despachar o líder para o outro mundo, inclusive para o próprio bem dela.

Na noite do terceiro dia, Aomame recebeu um telefonema de Ayumi.

— Consegui algumas informações — disse Ayumi.

— Sobre Sakigake?

— Isso. Estava pensando com meus botões e, de repente, lembrei que o tio de um colega, que entrou comigo na mesma época, trabalhava na polícia de Yamanashi. E esse tio ocupa um cargo importante. Então eu pedi um favor a esse colega. Disse que tinha uma parente ainda jovem que estava para entrar no grupo religioso, e que isso estava deixando a família muito preocupada. E que, por isso, eu estava colhendo informações sobre Sakigake. Pedi com jeitinho para que pudesse me ajudar. Sabe como é, né? Sou muito boa nisso.

— Obrigada. Sou muito grata — disse Aomame.

— O meu colega ligou para o tio dele em Yamanashi e contou essa história. Esse tio apresentou um dos responsáveis pelo levantamento realizado em Sakigake. E foi assim que eu consegui falar diretamente com o responsável.

— Formidável!

— Pois então, nesse dia conversei um tempão com ele e perguntei várias coisas sobre Sakigake. Você deve saber de muitas coisas pelos jornais, por isso vou comentar somente o que não foi muito divulgado, tudo bem?

— Tudo bem.

— Para começar, Sakigake enfrenta problemas legais. Está envolvida em alguns processos civis. A maioria relacionada a questões de compra e venda de terras. Eles parecem ter muito dinheiro, e vêm comprando todas as propriedades das redondezas. No interior, as terras são mais baratas, mas, mesmo assim... E muitas vezes parece que eles forcem a pessoa a vender o terreno. Possuem empresas de fachada e, para que ninguém descubra que o grupo religioso está por trás delas, compram as próprias imobiliárias. Isso vem acarretando problemas com os proprietários e os governos locais. Eles usam os mesmos recursos praticados por especuladores. Mas todos os processos são civis e por isso estão fora da alçada da polícia. Essa informação logo se tornará pública, mas, por enquanto, continua encoberta. O grupo também pode estar envolvido em negócios ilícitos, ou

associados a políticos. E, quando políticos estão na jogada, a polícia sempre procura dar um jeito de sair pela tangente. Mas, se a história tiver repercussão e for instaurada uma investigação, aí a situação muda de figura.

— Parece que a parte econômica de Sakigake ainda é uma grande incógnita, não é?

— Eu não sei quanto aos fiéis, mas, de acordo com os registros de compra e venda de terras, os chefes que controlam o capital não agem de maneira transparente. Por maior que seja a boa vontade, é difícil acreditar que eles usam o dinheiro apenas para alcançar uma legítima espiritualidade. E tem mais, os investimentos imobiliários desses caras não se restringem à província de Yamanashi. Eles possuem terrenos e edificações nos centros de Tóquio e Osaka. Todos localizados em áreas bem valorizadas: Shibuya, Minami Aoyama, Shôto... O grupo, pelo visto, procura expandir suas atividades religiosas em escala nacional. Ou estão planejando migrar para o setor imobiliário.

— Por que esse grupo precisa estender seus tentáculos até os centros urbanos, se o principal objetivo deles é alcançar a verdadeira espiritualidade, vivendo em meio à natureza e praticando uma rigorosa ascese?

— De onde será que vem tanto dinheiro? — indagou Ayumi.
— Plantando e vendendo nabos e cenouras não dá para juntar isso tudo.

— Talvez estejam pressionando os fiéis a fazer mais doações.

— Pode ser, mas ainda assim acho que seria pouco. Com certeza devem ter alguma outra fonte de renda. Tenho mais uma informação para você, uma que me deixou um pouco intrigada. Acho que vai te interessar. Dentro do grupo existem muitas crianças que frequentam a escola primária da região, mas, com o decorrer dos anos, elas acabam desistindo. Como o ensino básico é obrigatório, as escolas solicitam insistentemente que as crianças voltem a estudar, mas o grupo parece não se importar com as desistências, dando a desculpa de que as crianças é que se recusam a voltar para a escola. Alegam também que eles oferecem o ensino lá dentro e, por isso, não há com o que se preocupar em relação aos estudos.

Aomame se lembrou do tempo em que frequentava a escola primária. Ela entendia o sentimento dessas crianças de não querer ir para a escola. Muitas vezes, elas são alvo de deboche, tratadas como se fossem anormais, ou totalmente ignoradas.

— Ir à escola local deve ser desagradável para elas — disse Aomame. — E largar a escola não me parece tão estranho.

— Mas, segundo a professora responsável pelas crianças, muitas delas, não importa o sexo, parecem possuir algum tipo de

problema psicológico. No início, são alegres, mas com o decorrer do tempo vão se tornando quietas, perdendo a expressividade e, por fim, tornam-se apáticas. Quando chegam a esse estágio, abandonam a escola. Essa mudança de comportamento é notada em quase todas as crianças de Sakigake. Os professores não sabem o que fazer e ficam preocupados, pois perdem o contato com essas crianças assim que elas passam a viver enfiadas em Sakigake. E, quando tentam saber como elas estão, são barrados na entrada.

“São os mesmos sintomas apresentados por Tsubasa”, pensou Aomame. Extrema apatia, inexpressividade e quase total ausência de fala.

— Você comentou outro dia que acha que as crianças estão sendo maltratadas em Sakigake e de modo sistemático, não é? E que lá também ocorrem estupros.

— Mas a polícia não tem como agir se uma cidadã comum disser que desconfia disso e não mostrar provas, concorda?

— É verdade. O departamento de polícia é um órgão público extremamente burocrático. Os superiores só estão preocupados com suas próprias carreiras. Existem obviamente exceções, mas o objetivo da grande maioria é conquistar promoções e, assim que se aposentar, ser indicado para um cargo em algum órgão afiliado ou ser contratado por alguma empresa privada. É por isso que não querem saber de assuntos complicados, evitando assim ter de colocar a mão no fogo. Esse tipo de gente espera esfriar a pizza antes de comê-la, não acha? Se a vítima se identificar e testemunhar perante o tribunal, a conversa é outra, mas isso é algo que dificilmente acontece.

— Hum. Isso realmente é difícil — disse Aomame. — De qualquer modo, obrigada. Suas informações foram muito valiosas. Estou te devendo essa.

— Deixa isso pra lá. Aliás, que tal mais pra frente a gente combinar de sair lá pelos lados de Roppongi? Vamos deixar os problemas de lado.

— Por mim, tudo bem — disse Aomame.

— É isso aí — disse Ayumi. — Por acaso você gosta de brincar com algemas?

— Acho que não — respondeu Aomame. — Algemas?

— É. Que pena! — disse Ayumi, parecendo realmente desapontada.

Tengo

O tempo flui de forma distorcida

Tengo pensou sobre seu cérebro. Muitas coisas o fizeram pensar nele.

O tamanho do cérebro humano quadruplicou nos últimos dois milhões e quinhentos mil anos e, a despeito de pesar o equivalente a dois por cento do peso total do corpo humano, consome quarenta por cento de toda a energia do corpo. Foi o que descobriu em um livro que lera recentemente. E que o aumento significativo do cérebro proporcionou ao homem a aquisição de noções como a do tempo, do espaço e das possibilidades.

As noções de tempo, espaço e possibilidade.

Tengo sabia que o tempo podia se distorcer conforme avançava. A despeito de sua linearidade, ele se distorcia ao ser consumado: tornava-se extremamente lento e pesado, ou ligeiro e agradável. Às vezes a sequência dos fatos era alterada e, em casos extremos, um acontecimento simplesmente deixava de existir, ou algo até então inexistente passava a existir. As pessoas reorganizam o tempo aleatoriamente, no intuito de ordenar sua própria existência. Em outras palavras, as pessoas utilizam esse mecanismo para preservar a todo custo o seu juízo perfeito. Se fôssemos obrigados a aceitar o tempo em sua linear uniformidade, nossos nervos certamente não suportariam o estado de tensão, e a vida se tornaria uma tortura. Essa era a opinião de Tengo.

Graças ao aumento do tamanho do cérebro, o homem assimilara o conceito de temporalidade, mas, ao mesmo tempo, aprendera maneiras de alterar e reorganizar o tempo. Os homens o consomem sem cessar e, simultaneamente, tornam a reproduzi-lo após uma reorganização consciente. Isso não é uma tarefa simples. E explica o motivo de o cérebro consumir quarenta por cento da energia total do corpo.

Tengo sempre se questionava se aquela lembrança de quando tinha

um ano e meio, no máximo dois, teria realmente acontecido. Aquela cena em que sua mãe, vestida apenas com a roupa íntima, deixava um homem, que não era o seu pai, chupar os bicos de seus seios. Os braços de sua mãe envolviam o corpo desse homem. Será que um bebê de um ou dois anos seria capaz de apreender esses detalhes? Seria mesmo capaz de registrar uma cena de modo tão vívido e com tamanha riqueza de detalhes? Ou será que a lembrança era apenas um engodo que ele próprio criara para se proteger?

Isso era possível. Em algum momento, o cérebro de Tengo poderia ter inconscientemente inventado a lembrança daquele homem — como um suposto pai verdadeiro — no intuito de justificar que ele não era o filho biológico da pessoa que respondia ao chamado de pai. Uma tentativa de eliminar a íntima relação de consanguinidade com “aquela pessoa que dizia ser seu pai”. Criar a hipótese de que, em algum lugar, sua mãe estava viva com seu verdadeiro pai era como abrir uma nova porta em sua vida sufocante e limitada.

No entanto a lembrança era acompanhada por uma vívida sensação de realidade. Havia nela algo de tátil, com peso, cheiro e profundidade. Era uma lembrança firmemente aderida na tela de sua consciência, como um marisco grudado ao casco do navio. Por mais que tentasse, era impossível arrancá-la ou desgrudá-la. Tengo não conseguia se convencer de que a lembrança era apenas um subterfúgio criado por sua consciência. Ao mesmo tempo, era real demais, intensa demais, para ser mera invenção.

Vamos imaginar que a lembrança é autêntica, que realmente aconteceu.

O bebê Tengo certamente deve ter ficado apavorado ao ver a cena. Os seios que deveriam ser oferecidos a ele estavam sendo dados a uma outra pessoa. Alguém muito maior e bem mais forte que ele. E sua mãe parecia ter apagado a existência dele em sua mente, ainda que temporariamente. Uma situação que basicamente colocava em risco sua frágil existência. O real sentimento de medo que a situação lhe provocou teria ficado nitidamente gravado em sua tela mental.

Era a lembrança desse medo que abruptamente voltava, sem aviso, como uma espécie de enxurrada repentina, deixando-o em estado de pânico. Funcionava como um recado, a lembrá-lo de que “independentemente de aonde ele fosse ou o que fizesse, jamais escaparia da pressão dessa enxurrada”. A lembrança moldava a pessoa que ele era, a vida que ele construía, e insistia em levá-lo de volta *para um determinado lugar* a que ele necessariamente precisava ir. Por mais que tentasse resistir à força desse chamado, estava fadado a não escapar dele.

Tengo achou então que fora seu desejo de sentir o odor da mãe que o fizera pegar e cheirar o pijama usado por Fukaeri. Era essa sua

impressão. No entanto, por que será que precisava buscar a imagem da mãe justamente cheirando o corpo de uma garota de dezessete anos? Devia haver algum outro lugar onde pudesse conseguir isso. Por exemplo, no corpo de sua namorada mais velha.

A namorada de Tengo era dez anos mais velha que ele, e tinha seios grandes e bonitos, como aqueles que supostamente eram os de sua mãe. Sua namorada também ficava muito bem de camisola branca. Mas Tengo não sabia o porquê de ele não buscar nela a figura materna, e de nunca ter desejado sentir o cheiro de seu corpo. Ela satisfazia de modo muito eficiente o apetite sexual que ele acumulava durante a semana. E Tengo também — na maior parte das vezes — conseguia satisfazê-la sexualmente. Isso, obviamente, era uma realização importante. No entanto, a relação entre os dois não tinha um significado mais profundo do que isso.

Ela é que comandava a maior parte do ato sexual. Tengo não precisava pensar em nada, bastava fazer o que ela mandava. Ele não precisava escolher nem decidir. Dele se exigiam apenas duas coisas: manter o pênis ereto e ejacular no momento certo. Se ela lhe dissesse “Ainda não. Aguarde mais um pouco”, Tengo se esforçava o máximo para não ejacular. E quando ela sussurrava em seu ouvido “Agora sim. Vamos gozar...”, ele prontamente ejaculava o mais forte e intensamente que podia. Quando fazia isso, recebia elogios. Ela acariciava seu rosto e comentava o quanto era maravilhoso. Um dos talentos de Tengo era justamente a precisão. Isso incluía a atenção com que inseria os sinais de pontuação nos textos e as soluções mais adequadas para resolver uma fórmula matemática.

Quando ele transava com uma mulher mais nova, a coisa era bem diferente. Ele é que precisava pensar em várias coisas, fazer escolhas e tomar decisões do início ao fim. A situação o deixava desconfortável. Eram muitas as responsabilidades que pesavam sobre seus ombros. Ele se sentia como o capitão de um pequeno barco navegando em mar revolto. Precisava pensar em tudo: no leme, nas velas, na pressão atmosférica e na direção dos ventos. Precisava controlar a si próprio e elevar a confiança da tripulação. Um erro ou um desliz, por menor que fosse, poderia acarretar um desastre. E, mais do que sexo, isso se tornava uma espécie de encargo a ser cumprido. Como resultado, ele ficava tenso e errava o momento de ejacular ou, às vezes, na hora H, o membro não endurecia. Isso o deixava ainda mais inseguro.

Com a sua namorada mais velha, ejacular fora de hora jamais aconteceu. Ela valorizava muito essa capacidade sexual de Tengo, e sempre o elogiava e o encorajava. Mas, depois daquela única vez em

que ele ejaculou rápido demais, ela passou a evitar as camisolas brancas. Aliás, não só deixou de usá-las como também abandonou as roupas íntimas dessa cor.

Nesse dia, ela vestia um conjunto de peças íntimas pretas e caprichou no sexo oral, deliciando-se com o pênis duro e seus testículos macios. Tengo podia ver os seios envoltos no sutiã de renda preta subindo e descendo, acompanhando o movimento de sua boca. Para evitar uma ejaculação precoce, fechou os olhos e pensou nos guiliaks.

Eles não possuem tribunais e tampouco conhecem o significado de justiça. E só pelo fato de eles, até hoje, não entenderem para que servem as estradas, pode-se imaginar a imensa dificuldade que têm em nos compreender. Mesmo nas áreas em que existem estradas, eles continuam caminhando pela densa floresta. É muito comum ver as famílias e os cachorros, em fila indiana, andando com muita dificuldade no lamaçal próximo à estrada.

Tengo imaginou os guiliaks com suas roupas modestas, em fila indiana com seus cachorros e suas mulheres, falando muito pouco e caminhando pela densa floresta ao lado da estrada. Para eles, inexistia a noção de estrada no conceito de tempo, espaço e possibilidades. Preferiam caminhar tranquilamente pela densa floresta a ir pela estrada, ainda que isso fosse incômodo, pois possivelmente era por meio dessa atitude que conseguiam se conscientizar de sua própria existência.

“Pobres guiliaks”, dissera Fukaeri.

Tengo se lembrou do rosto de Fukaeri enquanto dormia. Ela vestia seu pijama com as mangas e as barras dobradas por ser grande demais para ela. Depois ele tirou o pijama da máquina de lavar e, aproximando-o do nariz, cheirou-o.

Não podia pensar nisso, mas quando pensou já era tarde.

Tengo ejaculou intensamente dentro da boca da namorada. Ela esperou ele terminar, e depois se levantou da cama e foi ao banheiro. Tengo ouviu-a abrir a torneira e enxaguar a boca com água corrente. Em seguida, voltou para a cama como se nada tivesse acontecido.

— Me desculpe — disse Tengo.

— Você não conseguiu se segurar, né? — falou a namorada. Com a ponta do dedo, acariciou seu nariz. — Tudo bem... não fique assim. Estava assim tão bom?

— Muito — disse Tengo. — Acho que daqui a pouco consigo de novo.

— Não vejo a hora — disse ela, deitando o rosto no peito nu de Tengo e mantendo-se nessa posição com os olhos fechados. Tengo sentia o ar quente que ela soltava pelo nariz. — O que você acha que penso quando vejo e toco seu peito? — ela perguntou.

— Não faço a mínima ideia.

— Os portões dos castelos que aparecem nos filmes de Akira Kurosawa.

— Os portões dos castelos — disse Tengo, acariciando suas costas.

— Sabe aqueles portões enormes e resistentes, que aparecem naqueles filmes em preto e branco, como *Trono manchado de sangue* e *A fortaleza escondida*? Aqueles portões cheios de rebites de metal enormes. Sempre me lembro deles. Firmes e fortes.

— Acho que não tenho rebites — disse Tengo.

— Puxa, nem percebi — ela respondeu.

Duas semanas depois do lançamento de *Crisálida de ar*, o livro entrou na lista dos mais vendidos e, na terceira semana, saltou para o primeiro lugar na seção de literatura. Tengo acompanhou sua trajetória até ele se tornar best-seller, lendo os vários jornais na sala dos professores. Saíram duas propagandas do livro. Elas estampavam a capa do livro e, ao lado, uma pequena foto de Fukaeri, vestida com uma blusa de verão de malha fina e seus belos seios (tirada possivelmente no dia da coletiva), que Tengo conhecia tão bem. Tinha os cabelos compridos e lisos até os ombros, e um par de olhos negros e misteriosos que se fixavam na câmera. Através da lente, seus olhos observavam diretamente algo que a pessoa guardava secretamente dentro de si, ou que nem sequer tinha a consciência de ocultar. Era um olhar neutro, mas meigo. O olhar daquela garota de dezessete anos, desprovido de hesitação, além de derrubar a defesa das pessoas, provocava uma sensação inquietante. Muitas devem ter sentido curiosidade de comprar o livro só de ver a pequena foto em preto e branco.

Alguns dias após a publicação do livro, Komatsu enviou pelo correio dois exemplares de *Crisálida de ar* para Tengo, mas ele nem sequer abriu o pacote. O texto impresso certamente era aquele que ele havia escrito e, apesar de ser a primeira vez que seu texto saía em livro, não teve nenhuma vontade de abri-lo para ler. Não teve sequer vontade de folheá-lo. Mesmo com o livro em mãos, não sentiu alegria. O texto podia até ser dele, mas a história era exclusivamente de Fukaeri. Era uma história que nascera dentro dela. Ele já havia cumprido a modesta função de técnico dos bastidores, e o destino da obra, dali em diante, não tinha mais relação com ele, ou melhor, não

devia ter mais nenhuma relação com ele. Tengo pegou os livros ainda envoltos no plástico e os empurrou para o fundo da prateleira, onde seus olhos não pudessem vê-los.

Depois da noite em que Fukaeri dormiu em seu apartamento, a vida de Tengo seguiu tranquila, sem nenhum percalço. Choveu muito, mas ele não dava importância a isso. Condições meteorológicas eram um assunto que ficava numa posição bem inferior na lista dos itens de seu interesse. Fukaeri não deu mais notícias. Se não dera notícias, provavelmente era porque não havia nenhum problema em especial.

Escrevia diariamente seu romance, e em paralelo fazia pequenos artigos encomendados pela revista. Eram trabalhos esporádicos, sem assinatura, que qualquer um podia fazer, mas serviam como distração e, pelo pouco trabalho que davam, a remuneração era boa. Como sempre, três vezes por semana ele dava aulas de matemática na escola preparatória. Para tentar esquecer os assuntos incômodos — principalmente tudo o que se relacionava a Fukaeri e *Crisálida de ar* — ele foi adentrando cada vez mais no mundo da matemática. Uma vez que entrava nesse mundo, alterava-se o circuito de seu cérebro com um pequeno clique. Quando a chave era alterada, sua boca emitia palavras diferentes e seu corpo passava a usar músculos distintos. O tom de sua voz também mudava, e as feições do rosto sutilmente se alteravam. Tengo gostava dessa sensação de mudança de circuito. Era como estar num cômodo e passar para outro, ou trocar de sapatos.

Quando ele entrava no mundo da matemática, conseguia atingir um grau de relaxamento que o tornava mais eloquente; era uma sensação que ele não tinha no cotidiano, nem quando escrevia seus romances. Ele também se sentia uma pessoa mais prática. Era difícil saber qual desses Tengos era o verdadeiro. Mas conseguia mudar a chave desse circuito naturalmente, sem nenhum esforço. Ele sabia que, de uma forma ou de outra, essas mudanças eram necessárias.

Do alto do tablado, como professor de matemática, ele incutia na cabeça dos alunos o quanto a matemática desejava ardentemente a lógica. No campo da matemática, o que não se pode provar não possui sentido, mas, uma vez que se prove esse algo, os mistérios do mundo passam a caber na palma da mão, como uma ostra. As aulas eram sempre animadas, e sua eloquência fazia com que os alunos prestassem atenção e se interessassem pela matéria. Além de ensiná-los com eficiência a resolver os exercícios, desvendava em grande estilo o romance secreto guardado em cada questão prática. Na sala de aula, Tengo olhava à sua volta e percebia que algumas garotas de

dezessete ou dezoito anos o olhavam com admiração. Ele sabia que a matemática era um meio pelo qual conseguia seduzi-las. Sua eloquência era uma espécie de preliminar intelectual: as equações aritméticas afagavam as costas de suas alunas, os teoremas sussurravam em suas orelhas. Mas, depois de conhecer Fukaeri, ele tinha perdido totalmente o interesse sexual por elas. Tampouco desejava cheirar seus pijamas.

“Fukaeri certamente é uma pessoa especial”, tornou a pensar. Não podia compará-la com outras garotas. Com certeza ela tinha um significado especial para ele. Representava uma espécie de mensagem que ele não conseguia decifrar.

Racionalmente, chegou à conclusão de que seria melhor não se envolver mais com Fukaeri. O melhor a fazer era se distanciar das pilhas de *Crisálida de ar* expostas nas livrarias, do professor Ebisuno — que nunca revelava o que realmente pensava — e do inquietante e misterioso grupo religioso. Pelo menos por enquanto, achou melhor também se afastar de Komatsu. Se não o fizesse, possivelmente seria arrastado para uma situação ainda mais confusa, sem qualquer noção de lógica, e da qual jamais conseguiria escapar.

Mas Tengo sabia muito bem que àquela altura seria difícil sair da intrincada conspiração. Estava totalmente mergulhado naquilo. Ele não se havia envolvido como os protagonistas dos filmes de Hitchcock que, sem querer, acabam se enredando numa conspiração. Tengo sabia desde o início que lidava com algo arriscado. O dispositivo já começara a funcionar e estava em pleno funcionamento, e não havia dúvidas de que Tengo era uma das peças da engrenagem. Uma peça muito importante. Ele conseguia ouvir bem baixinho o gemido do dispositivo, e sentir o obstinado movimento dentro de seu corpo.

Komatsu telefonou dias depois de a *Crisálida de ar* estar por duas semanas consecutivas no primeiro lugar na lista de mais vendidos. O telefone tocou pouco depois das onze da noite. Tengo estava de pijama, deitado de bruços na cama, lendo um livro fazia algum tempo e pensando em desligar a luz de cabeceira para dormir. Ao ouvir o toque do telefone, imaginou ser Komatsu. É difícil explicar, mas Tengo sempre reconhecia suas ligações. O toque soava diferente. Assim como o texto possui um estilo, o toque de Komatsu também era singular.

Tengo se levantou da cama e foi à cozinha atender o telefone, apesar de não querer fazê-lo. O que ele queria era dormir tranquilo. Sonhar com qualquer coisa que o levasse para longe dali: o gato montanhês Iriomote, o canal do Panamá, a camada de ozônio ou até

mesmo com o poeta Bashô... Mas, se não atendesse, com certeza o telefone tocaria de novo após quinze ou trinta minutos. Komatsu não tinha noção de tempo e nenhuma consideração com as pessoas que levavam uma vida comum. Sendo assim, o melhor a fazer era atender logo. Dos males, o menor.

— E aí, Tengo, estava dormindo? — Komatsu foi falando, com aquele seu habitual tom despreocupado.

— Estava tentando — respondeu Tengo.

— Puxa, me desculpe — disse Komatsu, sem soar convincente. — É que eu queria te dizer que as vendas de *Crisálida de ar* seguem de vento em popa.

— Que bom.

— O livro vende como pão quente. Coitado do pessoal da gráfica que, para dar conta, está passando a noite em claro. Já prevíamos a venda de uma tiragem grande. Afinal, é um romance escrito por uma garota bonita de dezessete anos, que está dando o que falar. Os pontos necessários para uma boa venda estão todos aí.

— Muito diferente de um romance escrito por um professor de escola preparatória com trinta anos e aspecto de urso.

— Isso mesmo. Mas confesso que nem eu imaginava que ia vender tanto. É que o livro não se enquadra no típico romance de entretenimento. Não há cenas de sexo nem situações emocionais que nos fazem derramar lágrimas.

Komatsu fez uma pausa para aguardar a reação de Tengo. Diante do silêncio, prosseguiu:

— A questão não é só vender muito. A obra também está sendo incrivelmente bem-recebida pela opinião pública. Não se trata de um romance leviano, daqueles que os jovens escrevem de impulso sobre o que lhes vem à cabeça só para ter do que falar. A história da *Crisálida de ar* é excelente. É claro que isso se tornou viável graças ao seu talento literário de transformá-lo num texto preciso e formidável. Realmente, um trabalho perfeito!

Tornou viável. Tengo pressionou levemente a têmpora, sem dar ouvidos aos elogios de Komatsu. Toda vez que fazia elogios era porque, na sequência, havia alguma notícia não muito agradável.

Tengo perguntou:

— E então, Komatsu, qual é a má notícia?

— Como você sabe que eu tenho uma má notícia?

— Quem me ligou a uma hora dessas foi você, não foi? Impossível que não tenha algo ruim para dizer.

— Tem razão — admitiu Komatsu, admirado. — Realmente, você tem razão. Sua intuição é muito boa.

“Não tem nada a ver com intuição”, pensou Tengo, “é apenas uma constatação de experiências anteriores”. Mas não falou nada;

preferiu aguardar o que o outro tinha a dizer.

— É isso mesmo. Infelizmente, tenho uma notícia não muito boa — disse Komatsu. Fez uma pausa carregada de significados. Tengo imaginou seus olhos, do outro lado da linha, brilhando na escuridão como os de um mangusto.

— Deve ter a ver com a autora de *Crisálida de ar*, acertei? — disse Tengo.

— Acertou. Tem a ver com Fukaeri. Temos um delicado problema. Para falar a verdade, faz tempo que não sabemos onde ela está.

Tengo continuava a pressionar a têmpora.

— Faz tempo? Desde quando?

— Três dias atrás, na quarta-feira de manhã, ela saiu da casa de Okutama e veio para Tóquio. O professor Ebisuno a levou até a estação. Ela não disse para onde ia. Depois telefonou para ele avisando que não voltaria para a casa na montanha, e que passaria a noite no apartamento de Shinanomachi. Naquele dia, a filha do professor Ebisuno também ficou de dormir no apartamento. Mas Fukaeri não voltou. Depois disso, não se tem mais notícias dela.

Tengo tentou se lembrar do que acontecera nos últimos três dias. Não conseguiu recordar nada de relevante.

— Não temos ideia de onde ela possa estar. Foi então que achei que talvez ela tivesse entrado em contato com você.

— Ela não entrou em contato comigo — disse Tengo. Ela havia passado a noite em seu apartamento, mas isso fora quatro semanas antes.

Tengo hesitou se devia ou não contar para Komatsu que, outro dia, ela havia comentado que achava melhor não voltar para o apartamento de Shinanomachi. Pode ser que pressentisse haver algo ruim ali, mas achou melhor se calar. Tengo não queria dizer a Komatsu que ela dormira em seu apartamento.

— Ela é uma menina estranha — disse Tengo. — Pode ser que tenha resolvido ir sozinha para algum lugar sem avisar.

— Não. Acho que não. Fukaeri pode não parecer, mas é uma pessoa muito íntegra. Ela sempre deixa claro onde está. Segundo o professor Ebisuno, costuma telefonar para avisar onde está e para onde vai. É por isso que o fato de não entrar em contato há três dias não é normal. Pode ser que tenha acontecido algo ruim.

Tengo murmurou:

— Algo ruim.

— O professor e a filha dele estão muito preocupados — disse Komatsu.

— Se não descobrirem o paradeiro dela, você vai ficar numa situação bem difícil, não vai?

— Ah, vou. Se virar um caso policial, a coisa vai ficar complicada. Não é para menos; afinal, estamos falando do desaparecimento de uma escritora jovem e bonita, autora de um livro que rapidamente se tornou um best-seller. Sem dúvida, vai causar um tremendo alvoroço nos meios de comunicação. Se isso acontecer, eu, como editor responsável, vou ser chamado para dar esclarecimentos. Isso não é nada bom. Sempre fui uma pessoa dos bastidores, não gosto da luz do sol. E a gente nunca sabe até que ponto a situação pode fazer com que a verdade venha à tona.

— O que o professor Ebisuno diz sobre isso?

— Ele diz que amanhã mesmo vai procurar a polícia e solicitar uma busca — disse Komatsu. — Foi então que pedi, com jeito, para ele aguardar mais alguns dias, mas sei que não posso pedir para esperar muito.

— Se a imprensa descobrir o pedido de busca, vai fazer estardalhaço, não vai?

— Não sei como a polícia vai agir, mas Fukaeri é a personalidade do momento. Não se trata de uma adolescente que fugiu de casa. Realmente, vai ser difícil esconder isso do público.

Tengo achou que poderia ser exatamente esse o desejo do professor Ebisuno: usar Fukaeri como isca e causar um tremendo alvoroço na sociedade. Seria um tipo de alavanca para esclarecer a relação de Sakigake e seus pais, e descobrir onde estavam. Se fosse isso, o plano do professor Ebisuno estava dando certo. Mas será que estaria ciente de quão perigoso era seu plano? Devia estar. O professor não era uma pessoa irresponsável. Afinal, seu trabalho era justamente o de refletir profundamente sobre as coisas. Havia alguns fatos importantes sobre a situação de Fukaeri que Tengo ainda não sabia. Ele sentia que faltavam peças para montar o quebra-cabeça. Uma pessoa inteligente jamais se envolveria numa situação tão complicada.

— Tengo, você não tem ideia de onde ela pode ter ido?

— Por enquanto, não.

— É mesmo? — disse Komatsu. Sua voz revelava sinais de cansaço; não era normal que demonstrasse fraqueza. — Desculpe por ter te acordado tarde da noite.

— Não tem problema; nas atuais circunstâncias, eu entendo — disse Tengo.

— Eu preferiria não envolver você nesses problemas mundanos. Sua função era reescrever o texto, e isso você cumpriu com acerto. Mas nem tudo na vida se resolve tão facilmente como desejamos. Como eu te disse outro dia, estamos no mesmo barco, levados pela correnteza.

— Estamos juntos nessa — Tengo terminou automaticamente a frase.

— Isso mesmo.

— Mas, Komatsu, se o desaparecimento de Fukaeri for revelado, as vendas de *Crisálida de ar* vão aumentar ainda mais, não vão?

— Já está vendendo até demais — disse Komatsu, resignado. — Não precisamos de mais publicidade. O escândalo é apenas uma fonte de complicações. O que precisamos fazer é aterrissar num local tranquilo e pensar.

— Aterrissar num local tranquilo — repetiu Tengo.

Do outro lado da linha, Komatsu fez um barulho, como se engolissem algo imaginário, e deu uma leve tossida.

— Vamos marcar outro dia para conversar com calma enquanto comemos alguma coisa, está bem? Por enquanto, vamos deixar passar essa turbulência. Boa noite, Tengo. Durma bem.

Komatsu desligou o telefone logo após dizer isso, mas Tengo não conseguia mais dormir. Era como se uma maldição tivesse caído sobre ele. Estava com sono, mas não podia adormecer.

“Durma bem” nada, pensou, indo para a cozinha sentar-se na mesa para trabalhar. Mas tampouco pôde escrever. Pegou então uma garrafa de uísque no armário, encheu um copo e o bebeu puro, em pequenos goles.

Era possível que, conforme o imaginado, Fukaeri tivesse cumprido sua função de isca, e que o grupo religioso Sakigake a houvesse raptado. Era uma possibilidade que Tengo achava plausível. Eles bem que poderiam estar vigiando o apartamento de Shinanomachi e, assim que Fukaeri aparecera por lá, sequestraram-na, colocando-a à força num carro. Não seria impossível, se agissem rapidamente e na hora certa. Quando, naquele dia, Fukaeri disse “Acho melhor não voltar para o apartamento de Shinanomachi”, talvez intuisse algo assim.

Fukaeri disse a Tengo que o Povo Pequeno e a crisálida de ar existiam de verdade. Ela conhecera o Povo Pequeno na comuna agrícola Sakigake, quando cumpria o castigo por ter cometido o erro que matara a cabra cega. Todas as noites, ela os ajudava a fazer a crisálida de ar. Como resultado, ela aprendera algo significativo. Foi então que contara o fato numa história que Tengo transformara em obra literária. Em outras palavras, Tengo a transformara em mercadoria. E essa mercadoria — segundo Komatsu — vendia como pão quente. Para Sakigake, possivelmente não fora nada bom. A história do Povo Pequeno e da crisálida de ar era um segredo importante, que não deveria ser revelado para os de fora. Por isso, para evitar que outros segredos pudessem ser descobertos, haviam raptado Fukaeri. Apesar do risco de serem considerados suspeitos por

seu desaparecimento, não podiam deixar de recorrer à força bruta.

Mas era apenas uma hipótese levantada por Tengo. Ele não tinha nenhuma evidência para embasar sua hipótese. Se anunciasse em alto e bom som: “O Povo Pequenino e a crisálida de ar existem de verdade”, quem acreditaria? Para início de conversa, nem mesmo o próprio Tengo sabia exatamente o que significava “existir”.

Outra hipótese a ser considerada era a de que Fukaeri tivesse ficado aborrecida com o alvoroço em torno da *Crisálida de ar* e resolvido se esconder. A possibilidade também era viável. O impossível era prever suas atitudes. Se fosse mesmo isso, ela teria dado um jeito de avisar o professor Ebisuno e sua filha Azami, para não deixá-los preocupados. Não havia nenhum motivo para que não o fizesse.

No entanto, se Fukaeri fora sequestrada pelo grupo religioso, Tengo temia que ela estivesse numa situação perigosa. Assim como seus pais haviam sumido de uma hora para outra, o mesmo poderia acontecer com ela. Mesmo que a relação entre Fukaeri e Sakigake fosse revelada — isso parecia apenas questão de tempo —, e que isso gerasse um escândalo na imprensa, não adiantaria nada se a polícia dissesse “Não temos nenhum indício de que tenha sido sequestrada”, e se recusasse a cuidar do caso. Tudo não passaria de uma tempestade em copo d’água. E algo ainda pior poderia acontecer com Fukaeri. Será que o professor Ebisuno previra aquele cenário?

Tengo pensou em telefonar ao professor e conversar com ele sobre aquilo, mas já era madrugada. O jeito era esperar o dia seguinte.

Logo pela manhã, Tengo discou o número que havia anotado da casa do professor Ebisuno. Não conseguiu completar a ligação. Uma mensagem gravada da companhia telefônica dizia: “Este número de telefone não existe, favor verificar o número e tentar novamente.” Tengo ligou várias vezes, mas sempre caía na mesma mensagem. Provavelmente, após o sucesso de Fukaeri, ele mudara de telefone para evitar a enxurrada de telefonemas de repórteres.

Na semana seguinte, nada de novo aconteceu. *Crisálida de ar* continuava vendendo bem e, como sempre, mantinha-se no topo da lista nacional de mais vendidos. Tengo não recebeu nenhum telefonema. Ligou inúmeras vezes para a empresa de Komatsu, mas ele estava sempre ausente — não era novidade. Deixou vários recados com o departamento editorial, pedindo que ele retornasse, mas Komatsu nunca ligou de volta — tampouco isso era novidade. Diariamente, Tengo passava os olhos nos jornais, mas não havia nenhuma notícia sobre um pedido de busca de Fukaeri. Será que o professor Ebisuno, no final das contas, decidira não acionar a polícia?

Ou será que as investigações eram conduzidas em sigilo? Talvez o professor houvesse feito o pedido, mas a polícia fizera pouco caso por considerá-la mais uma garota dessa idade que costumava fugir de casa.

Como de costume, Tengo dava aulas na escola preparatória três vezes por semana e nos demais dias escrevia seu longo romance. Às sextas, sua namorada lhe fazia uma visita e passavam a tarde juntos, transando com intensidade. Mas, não importava o que Tengo fizesse, ele não conseguia se concentrar. Passava o dia insatisfeito, com um incômodo desassossego, como se tivesse engolido um pedaço denso de nuvem. Foi perdendo o apetite. Durante a noite, acordava de repente e não conseguia mais pregar o olho. Sem conseguir dormir, passava a madrugada pensando em Fukaeri. Ficava imaginando onde ela poderia estar, e o que estaria fazendo. E com quem estaria. O que estariam fazendo com ela. Inúmeras coisas passavam por sua cabeça. Seus pensamentos tinham pouca variação, mas tudo o que imaginava era acompanhado de uma disposição pessimista. Na imagem que guardava de Fukaeri, ela usava um suéter de malha fina bem justinho, que deixava à mostra o contorno dos seios. A imagem lhe dava falta de ar e um estado de perturbação aguda.

Fukaeri só entrou em contato numa quinta-feira, quando *Crisálida de ar* se mantinha na sexta semana consecutiva na lista dos mais vendidos.

Aomame

Isto é apenas o começo

Aomame e Ayumi formavam uma dupla perfeita para transformar uma noite em algo agradável e erótico. Ayumi era pequena, alegre, simpática, sociável e comunicativa; uma vez decidida, assumia uma atitude positiva diante das situações. E tinha um senso de humor saudável. Em contrapartida, Aomame era esbelta, musculosa, pouco expansiva e, em certa medida, desconfiada. Quando se encontrava pela primeira vez com um homem, sentia muita dificuldade de se expressar de modo gentil. Suas palavras soavam ligeiramente cínicas e agressivas. No âmbito de seu olhar, residia um tênue brilho de desaprovação. Mas, desde que Aomame assim desejasse, conseguia irradiar uma sofisticada aura de placidez capaz de atrair naturalmente os homens. Essa aura era como o perfume liberado pelos animais e insetos para atrair e estimular o desejo sexual do parceiro. Algo inerente à pessoa. Uma capacidade que não se adquire intencionalmente ou por esforço próprio. Não. Talvez, por alguma razão, ela tivesse adquirido a capacidade de expandir sua aura em algum momento da vida. Seja como for, o fato é que sua aura não só atraía os homens, como também sutilmente atraía sua parceira Ayumi, tornando as noites mais agradáveis e dinâmicas.

Quando encontravam homens adequados, Ayumi tomava a dianteira e, sozinha, se aproximava para fazer uma espécie de reconhecimento prévio. Com sua natural simpatia, conseguia estabelecer um vínculo. Depois, calculando o momento oportuno, Aomame se juntava ao grupo, tornando-o ainda mais harmonioso e intenso. A combinação criava um clima muito especial, um misto de opereta com filme noir. Ao atingir esse clima, o resto era fácil. Eles iam para um local apropriado e, como Ayumi costumava dizer, *transavam para valer*. O mais difícil era encontrar os parceiros ideais. O melhor era que estivessem em dois, fossem bem-arrumados e, de preferência, minimamente atraentes e inteligentes, mas não exageradamente intelectuais — isso sim poderia se tornar um problema —, uma vez que havia o risco de a conversa se tornar chata demais, e a tão aguardada noite terminar por aí. Outro ponto a ser

observado era se pareciam ter condições financeiras e disponibilidade para gastar. Afinal, eram os homens que obviamente pagariam a conta do bar ou do clube, e também a do hotel.

No entanto, quando se encontraram no final de junho para uma festinha sexual — na verdade, foi a última vez que fizeram isso em parceria —, elas não conseguiram encontrar os homens adequados. Levaram tempo na busca, mudando inclusive várias vezes de bar, mas o resultado foi o mesmo. Apesar de ser a última sexta-feira do mês, os locais aonde iam, de Roppongi a Akasaka, estavam assustadoramente vazios, com pouca clientela, o que restringia ainda mais suas opções. O céu estava nublado, carregado de densas nuvens, e em toda a cidade de Tóquio pairava uma atmosfera pesarosa, como se houvesse luto por alguém.

— Hoje parece que não vai dar. Acho melhor desistirmos — disse Aomame. O relógio indicava dez e meia da noite.

Ayumi concordou a contragosto.

— Puxa, nunca vi uma noite de sexta tão deprimente. Justo hoje que eu estou com roupa íntima lilás, tão sexy.

— O jeito é voltar pra casa e ficar sozinha de frente para o espelho se admirando.

— Mesmo no meu caso, não tenho coragem de fazer isso no vestiário da polícia.

— De qualquer modo, por hoje chega. Vamos beber algo quietinhas num canto, voltar para casa e dormir.

— Boa ideia — disse Ayumi. E, lembrando-se subitamente de algo, sugeriu: — Ah! Ia me esquecendo. Antes de voltar pra casa, que tal a gente comer algo leve? Ainda tenho trinta mil ienes sobrando.

Aomame franziu as sobrancelhas.

— Sobrando? Como assim? Você não vive reclamando que ganha pouco e o dinheiro não dá pra nada?

Ayumi coçou o canto do nariz com o indicador.

— Para falar a verdade, ganhei trinta mil ienes daquele homem com quem saímos outro dia. Quando nos despedimos, ele me deu o dinheiro, dizendo que era para o táxi. Você se lembra daqueles dois caras que trabalhavam na imobiliária?

— E você aceitou? — perguntou Aomame, surpresa.

— Vai ver que acharam que fôssemos quase profissionais — disse Ayumi, rindo. — Acho que nunca imaginariam que somos uma policial e uma instrutora de artes marciais. Mas qual é o problema? Eles ganham um montão de dinheiro em transações imobiliárias, e dinheiro é o que devem ter de sobra. Aceitei numa boa, pensando que depois poderíamos comer alguma coisa. Digamos que eu não me sinta

à vontade de gastar esse dinheiro com despesas do dia a dia.

Aomame não fez nenhum comentário. Para ela, receber uma remuneração por fazer sexo com homens que não conhecia estava fora de cogitação. Ela não conseguia engolir o fato de isso ter acontecido. Era como ver sua própria imagem distorcida através de um espelho torto. Mas, do ponto de vista moral, o que era melhor: receber dinheiro por matar um homem ou por transar com aqueles sujeitos? Era uma questão de difícil resposta.

— Você está chateada porque ganhamos dinheiro daqueles caras? — perguntou Ayumi, preocupada.

Aomame discordou, balançando a cabeça.

— Mais do que chateada, o que sinto é um estranhamento. Mas creio que, emocionalmente, deve ser muito mais difícil para uma policial aceitar a ideia de que agiu como uma prostituta, não é?

— De jeito nenhum — respondeu Ayumi, alegre. — Não estou nem aí. Saiba que uma prostituta só faz sexo depois de negociar o preço. E o pagamento é sempre adiantado. A regra básica é “pague antes de baixar as calças”. Se ela fizer o serviço antes, e o cliente disser que não tem dinheiro, o prejuízo é total. Mas, no nosso caso, não houve nenhuma negociação prévia, e só depois é que nos deram uma quantia simbólica, para “pagar o táxi”. Para mim, foi uma manifestação de gentileza; não tem nada a ver com prostituição. A diferença está bem clara.

Aomame reconheceu que a argumentação de Ayumi tinha lá a sua lógica.

Da vez anterior, Aomame e Ayumi escolheram como parceiros dois homens entre 35 e 45 anos. Os dois ainda tinham uma farta cabeleira, mas Aomame resolvera abrir uma exceção. Eles disseram que trabalhavam numa imobiliária. Mas, vendo-os de terno Hugo Boss e gravata Missoni Uomo, a impressão que se tinha era de que não trabalhavam para grandes e tradicionais corporações como a Mitsubishi ou a Mitsui. Eles possivelmente faziam parte de alguma empresa de nome estrangeiro, com diretriz mais agressiva e flexível. Uma firma sem rígidos regulamentos internos, discursos para honrar valores tradicionais e monótonas reuniões sem fim. Um emprego em que a capacidade individual é valorizada, e generosamente remunerada. Um deles tinha a chave de um Alfa Romeo novo. Eles reclamavam da falta de áreas comerciais em Tóquio. A economia se recuperava da crise do petróleo e sinalizava perspectivas de crescente melhora, além de haver uma grande injeção e circulação de capital; mas, por mais que construíssem novos edifícios, diziam que seriam insuficientes para suprimir a demanda.

— As imobiliárias parecem estar lucrando muito — comentou Aomame.

— E como! Se você tiver dinheiro sobrando, a melhor coisa a fazer é investir em imóvel — disse Ayumi. — O dinheiro que está entrando nessa pequena área de Tóquio é exorbitante e, mesmo que você deixe o terreno desocupado, ele vai valorizar muito. Se você comprar agora, não vai se arrepender. É como comprar um bilhete sabendo que vai ser premiado. Infelizmente, uma funcionária pública subalterna como eu não dispõe de dinheiro suficiente para esse tipo de investimento. E você, Aomame, tem feito algum tipo de investimento?

Aomame balançou negativamente a cabeça.

— Só confio em dinheiro vivo.

Ayumi pôs-se a rir em voz alta.

— Você sabia que essa mentalidade é típica de criminosos?

— Eles guardam o dinheiro dentro daqueles colchões ocidentais e, quando estão em perigo, pegam todo o dinheiro e fogem pela janela.

— Isso, isso mesmo — disse Ayumi, estalando os dedos. — É como no filme *A fuga*, de Steve McQueen. Maços de dinheiro e uma arma. Adoro isso.

— Mais do que cumprir a lei?

— Aqui entre nós, sim — disse Ayumi, sorrindo. — Prefiro os fora da lei. Isso me fascina muito mais do que ficar andando com o minicarro patrulha, aplicando multas de trânsito. Talvez tenha sido por isso que me senti atraída por você.

— Pareço um fora da lei?

Ayumi concordou.

— É difícil explicar, mas você tem esse ar... É claro que não é tão explícita quanto Faye Dunaway com uma metralhadora.

— Acho que não preciso de uma metralhadora — disse Aomame.

— Sabe aquela conversa que tivemos outro dia sobre Sakigake? — perguntou Ayumi.

As duas entraram num pequeno restaurante italiano que funcionava até tarde no bairro de Iikura e pediram pratos leves e um Chianti. Aomame escolheu uma salada de atum, e Ayumi, um nhoque com manjerição.

— Sei — disse Aomame.

— Fiquei interessada no assunto e resolvi investigar algumas coisas por conta própria. Quanto mais eu investigava, mais ficava intrigada. Eles se intitulam grupo religioso e possuem até uma permissão oficial para exercer suas atividades, mas o estranho é que o

grupo não tem nada de substancialmente religioso. Em termos de doutrina, seguem uma linha desconstrucionista, ou algo assim, o que significa que não passam de uma miscelânea de religiões. Encontramos de tudo: espiritualismo new age, elegante academicismo, retorno à natureza, postura anticapitalista e um toque de ocultismo. Só isso. Não há essência mais profunda. Ou seja, não ter essência é o que se tornou a essência desse grupo. Como diria McLuhan, o meio é a mensagem. Algumas pessoas podem achar isso legal.

— McLuhan?

— Eu também leio livros, sabia? — disse Ayumi, com um tom de voz de desagrado. — McLuhan era um homem de visão. Ele se tornou popular durante um tempo e, por isso, fizeram pouco caso dele, mas muito do que diz é correto.

— Ou seja, a embalagem se torna o próprio conteúdo. É isso?

— Isso mesmo. O tipo de embalagem define o conteúdo. E não o contrário.

Aomame pôs-se a refletir sobre isso e, um tempo depois, disse:

— As pessoas, mesmo desconhecendo o conteúdo do grupo religioso Sakigake, sentem-se atraídas e o procuram. É isso?

Ayumi assentiu com a cabeça.

— Eu não arriscaria dizer que a quantidade de pessoas que o procuram é grande, mas também não se pode afirmar que são poucos. Quanto mais pessoas entram para o grupo, mais dinheiro eles arrecadam. Isso é lógico. No meu ponto de vista, a principal razão para as pessoas serem atraídas é justamente por não haver essa cara de grupo religioso. A imagem que eles veiculam é de transparência, intelectualidade e organização. Dito de modo claro, não parecem pobres. É isso que atrai essa nova geração de jovens que possuem alguma profissão especializada ou que trabalham na área de pesquisa. É um estímulo para a curiosidade intelectual. Eles prometem um sentimento de realização que não se consegue no mundo real. Um tipo de êxito que se pode pegar nas mãos. São esses fiéis intelectuais que formam uma equipe poderosa dentro do grupo, como uma espécie de oficiais de elite do exército.

“E o líder parece ser uma pessoa muito carismática. As pessoas o admiram muito. Eu diria que sua função é ser o núcleo da doutrina. A formação do grupo é semelhante à das religiões primitivas. Nos primórdios, o cristianismo também era algo mais ou menos assim. Mas esse cara não aparece em público. Não sabemos como é o seu rosto. Muito menos seu nome e sua idade. Oficialmente, o grupo adota um sistema de conselho administrativo, mas quem ocupa a presidência desse conselho é outra pessoa. É ela que aparece nos eventos públicos como representante do grupo. Para mim, não passa de um fantoche. Quem realmente está no comando de todo o sistema é esse líder de

identidade desconhecida.”

— Parece que o sujeito quer preservar a todo custo sua identidade.

— Pode ser que ele tenha algo a esconder, ou que seja apenas uma estratégia para criar uma atmosfera misteriosa ao seu redor.

— Ou, quem sabe, ele tenha um rosto horrível.

— Pode até ser, né? Ou talvez não seja deste mundo — disse Ayumi, gemendo baixinho, imitando um monstro. — De qualquer modo, além do misterioso fundador há muitas outras coisas que não são divulgadas. Por exemplo, a compra agressiva de terras e propriedades, de que te falei outro dia pelo telefone. O que eles expõem ao público é só um disfarce: instalações bonitas, belas propagandas, teorias consideradas inteligentes, fiéis da alta sociedade, práticas estoicas, ioga, serenidade espiritual, negação do materialismo, prática da agricultura orgânica, contato com um delicioso ar puro e uma maravilhosa dieta vegetariana... Isso tudo é como uma imagem bem-trabalhada, como aquelas propagandas de hotéis de luxo que vêm encartadas nos jornais de domingo. A embalagem é maravilhosa, mas, por trás, desconfio que eles mantenham uma atividade possivelmente ilegal. Esta é a conclusão a que cheguei após verificar vários tipos de documento.

— Mas neste momento a polícia não está trabalhando no caso.

— A polícia pode estar agindo em sigilo, mas não tenho como saber. O que sei é que a delegacia de Yamanashi está de olho no grupo. Foi a impressão que tive quando falei por telefone com aquele encarregado. Queira ou não, Sakigake foi o berço do grupo Akebono, aquele que provocou o conflito e, ao que parece, a polícia desconfia que a compra dos fuzis Kalashnikov chineses foi realizada através da Coreia do Norte, mas isso ainda não foi totalmente esclarecido. Por essas e outras, Sakigake também está na mira da polícia. Mas, como Sakigake é uma instituição religiosa, a polícia não pode agir sem tomar os devidos cuidados. E anteriormente eles já haviam realizado uma investigação e constataram que Sakigake não tinha nenhuma relação com o confronto. Só não sei te dizer até que ponto a Agência Nacional de Inteligência e Segurança Pública está fazendo alguma coisa, pois o pessoal de lá trabalha numa linha radicalmente sigilosa e, desde sempre, há muita rixa entre eles e a polícia.

— Você descobriu mais alguma coisa sobre as crianças que abandonam a escola?

— Não, mais nada. Uma vez que a criança deixa de frequentar a escola, ela nunca mais pisa fora daqueles muros. Por isso, não tenho como verificar como elas estão. Se houvesse alguma denúncia de maus-tratos, a coisa seria bem diferente, mas até agora não existe nenhuma denúncia formal.

— Será que as pessoas que deixaram Sakigake não poderiam depor? Ainda que sejam poucas, deve haver casos de pessoas que saíram do grupo por terem se decepcionado, ou que desanimaram com o rigor da prática ascética.

— Com certeza existem adesões e desistências. Assim como há pessoas que ingressam, há as que saem de lá decepcionadas. A princípio, os fiéis possuem total liberdade para abandonar o grupo. Quando entram, doam uma grande quantidade de dinheiro e assinam um termo de compromisso, intitulado “Doação permanente para o uso das instalações”. Depois de assinado o contrato, não podem receber o dinheiro de volta, caso resolvam sair do grupo. Uma vez conformada em sair apenas com a roupa do corpo, a pessoa pode deixar o grupo no momento que quiser. Existe uma associação de ex-adeptos que denuncia Sakigake como um culto perigoso, que se opõe à ordem social e pratica atividades fraudulentas. A associação não só denuncia suas atividades, como também publica uma pequena revista. Mas o alcance de sua mensagem é muito pequeno, e eles não conseguem causar nenhum impacto na opinião pública. O grupo religioso possui uma carteira de excelentes advogados, que orquestram um sistema de defesa rigorosamente dentro da lei e, por isso, uma ação judicial não consegue sequer abalar o grupo.

— Essas pessoas que deixaram Sakigake não comentam nada sobre esse tal líder ou sobre as crianças que vivem por lá?

— Não li as revistas da associação, não saberia dizer — disse Ayumi. — Até onde pude verificar, as pessoas que deixaram Sakigake são geralmente da classe inferior do grupo, isto é, não passam de zé-ninguém. Apesar de Sakigake dizer que recusa os valores terrenos, na prática eles formam uma sociedade com nítida estrutura de classes. Há uma clara distinção entre os superiores e os inferiores. Se a pessoa não tiver escolaridade alta ou especialização, não pode se tornar membro do grupo de dirigentes. Somente a alta cúpula é que recebe as orientações diretas do líder e participa do núcleo do sistema corporativo. Os demais, a grande maioria, fazem doações em dinheiro e passam o dia nesse ambiente esterilizado, respirando ar puro, praticando a ascese, trabalhando na lavoura e fazendo meditação. É como um rebanho de ovelhas, controlado por pastores e cães. De manhã, são levados para o pasto, onde passam o dia tranquilamente, e, no final da tarde, são reconduzidos aos alojamentos. Querem alcançar uma posição mais elevada no grupo para conhecer o grande irmão, mas esse dia nunca virá. Os fiéis, em sua grande maioria, desconhecem a situação interna do grupo e, por isso, mesmo que um dia resolvam deixar Sakigake, não possuem nenhuma informação importante para revelar à sociedade. São aqueles que nunca chegaram a ver o rosto do líder.

— Não há nenhum fiel da elite que saiu de Sakigake?
— Até onde pude verificar, não.
— Será que isso significa que, se a pessoa souber de algum segredo, fica impedida de sair?
— Se isso realmente estiver acontecendo, a situação se torna ainda mais dramática — disse Ayumi, soltando um breve suspiro. — Sobre o caso da menina que foi estuprada, até que ponto é verdade?
— Realmente aconteceu, mas até o momento não há provas.
— E isso vem acontecendo sistematicamente dentro da instituição?
— Não sabemos. Mas a vítima realmente existe, eu a conheci. Ela sofreu muito.
— Quando você diz estupro, você quer dizer que houve penetração?
— Não há dúvidas.
Ayumi entortou os lábios. Parecia pensar em algo.
— Entendi. Vou tentar verificar isso do meu jeito.
— Não exagere, está bem?
— Não vou exagerar — disse Ayumi. — Pode não parecer, mas sou muito cautelosa.

Terminaram a refeição e o garçom recolheu os pratos. Recusaram a sobremesa e continuaram na mesa tomando o vinho.

— Outro dia você me disse que nunca foi molestada por homens quando criança, não disse?

Aomame deu uma rápida olhada na expressão de Ayumi e concordou:

— Minha família sempre foi muito religiosa, jamais falou de sexo em casa. Todos que conviviam conosco também não tocavam no assunto. Sexo era um assunto proibido.

— A fé numa crença religiosa e a dinâmica dos desejos sexuais são assuntos totalmente diferentes, não são? Todo mundo sabe que existem muitos maníacos sexuais entre os profissionais da fé. Na prática, entre os caras que a polícia prende por delitos de prostituição e por crimes de violação sexual, a grande maioria possui vínculo com a área da religião e até da educação.

— Pode até ser, mas, pelo menos entre as pessoas com quem convivi, não havia nenhum indício disso. Tampouco havia pessoas que faziam coisas suspeitas.

— Que bom — disse Ayumi. — Fico contente em ouvir isso.

— Com você não foi assim?

Antes de responder, Ayumi encolheu ligeiramente os ombros, hesitante. Em seguida disse:

— Pra falar a verdade, fui molestada várias vezes. Quando eu era criança.

— Por quem?

— Meu irmão mais velho e meu tio.

Aomame esboçou uma careta.

— Um irmão e um tio?

— Exatamente. Hoje os dois trabalham na polícia. Outro dia, meu tio foi condecorado por ter contribuído enormemente para a segurança da sociedade local e por dignificar o trabalho da polícia em seus trinta anos de profissão. Ele até chegou a sair nos jornais por salvar uma cachorra imbecil e seu filhotinho que estavam perdidos numa passagem de nível do trem.

— O que eles fizeram a você?

— Eles me tocavam lá embaixo, me mandavam fazer sexo oral.

As rugas de expressão do rosto de Aomame ficaram ainda mais vincadas.

— Seu irmão mais velho e seu tio?

— Não juntos, claro. Eu tinha dez anos e meu irmão devia ter uns quinze. Com o meu tio foi bem antes, quando ele dormia lá em casa. Isso aconteceu umas duas ou três vezes.

— Você contou para alguém?

Ayumi balançou a cabeça lentamente, várias vezes, em sinal de negativa.

— Não. Eles disseram que eu não podia falar pra ninguém e me ameaçavam, dizendo que, se eu abrisse a boca, sofreria graves consequências. Além das ameaças, eu achava que, se contasse a alguém, em vez de eles serem repreendidos eu é que seria punida. Eu tinha tanto medo que resolvi não contar para ninguém.

— Nem para sua mãe?

— *Principalmente* para ela — disse Ayumi. — Desde sempre meu irmão foi o queridinho dela, e eu sempre a decepcionava. Eu era uma menina de modos rudes, não era bonita, era gorda e, ainda por cima, minhas notas na escola não eram motivo de orgulho. Minha mãe queria uma bonequinha magra e bonitinha, que fizesse balé. O que ela desejava era simplesmente impossível.

— E você não quis decepcioná-la ainda mais.

— Isso. Se eu contasse o que o meu irmão fazia comigo, ela certamente ficaria com tanta raiva que passaria a me odiar ainda mais. Em vez de censurar meu irmão, ela me culparia, dizendo que eu é que tinha dado motivos para aquilo.

Aomame esfregou as mãos pelo rosto. Quando decidira largar a religião, aos dez anos, sua mãe deixara de falar com ela. Em casos estritamente necessários, a mãe escrevia um bilhete, mas se recusava a dirigir-lhe a palavra. Aomame deixou de ser sua filha. Passou a ser

apenas “aquela que largou a religião”. Um tempo depois, Aomame saiu de casa.

— Então não houve penetração — ela perguntou a Ayumi.

— Não houve penetração — respondeu Ayumi. — Isso já seria demais. Eles não seriam capazes de fazer algo tão doloroso para mim. Não precisavam chegar a esse ponto.

— E você ainda encontra seu irmão e seu tio?

— Depois que consegui um emprego e saí de casa, dificilmente vejo meu irmão, mas, como são meus parentes e estão na mesma profissão, há casos em que o encontro é inevitável. Quando isso acontece, procuro sorrir e não faço nada para piorar a situação. Sabe de uma coisa? Acho que eles até já esqueceram.

— Esqueceram?

— É. *Eles* podem até esquecer — disse Ayumi. — Mas eu não.

— Claro — disse Aomame.

— É como os grandes massacres que ocorreram no percurso da história.

— Os grandes massacres?

— Quem praticou o massacre procura se justificar, criando razões para se explicar, e com isso consegue esquecer. Consegue desviar os olhos do que não quer ver. Mas a vítima jamais esquece. Como não consegue desviar os olhos, a lembrança do massacre passa de pai para filho. O mundo, Aomame, é *uma incessante luta entre a memória de quem está de um lado e a memória de quem está do outro*.

— Tem razão — disse Aomame. Franziu levemente a sobrancelha. A incessante luta entre a memória de quem está de um lado e a memória de quem está do outro?

— Pra ser sincera, eu achava que você também tivesse tido alguma experiência desse tipo.

— Por quê?

— Não sei explicar direito, mas foi essa a impressão que tive. Achei que você também tinha enfrentado algo assim, e era por isso que gostava de passar a noite *transando pra valer* com um desconhecido. Que, no seu caso, era nessa atitude que você depositava toda a sua raiva. Talvez não exatamente raiva, mas um tipo de indignação. Parece que você não consegue viver como uma pessoa comum: ter um namorado, passear, fazer refeições com ele e tê-lo como único parceiro sexual. Mas eu também sou mais ou menos assim.

— Está querendo dizer que, como você foi abusada na infância, você não consegue ter uma vida normal?

— Essa é a impressão que tenho — disse Ayumi, encolhendo levemente os ombros. — Sinceramente, sinto medo dos homens. Ou melhor, medo de ter um relacionamento sério com uma única pessoa.

E ter de aceitá-la plenamente. Só de pensar nisso sinto calafrios. Mas, às vezes, acho que ficar sozinha também é triste, quero ser abraçada, ser possuída. Sinto uma tremenda vontade de transar, a ponto de enlouquecer. Nessas horas, é bem mais fácil lidar com quem a gente não conhece. Bem mais fácil.

— Medo?

— É. Acho que é isso que tenho, e muito.

— Acho que não tenho esse tipo de medo dos homens — disse Aomame.

— Você tem medo de alguma coisa?

— Claro que tenho — disse Aomame. — Tenho muito medo de mim. Não sei o que sou capaz de fazer; às vezes acho que não sei direito o que estou fazendo.

— *O que você está fazendo?*

Aomame observou a taça de vinho em sua mão.

— Bem que eu gostaria de saber — disse ela, tirando os olhos da taça e voltando a fitar Ayumi. — Mas não sei. Não tenho certeza de onde estou, nem em que ano estamos.

— Agora estamos em 1984, e aqui é Tóquio, Japão.

— Eu gostaria de poder dizer isso com a mesma convicção.

— Que estranho — disse Ayumi, rindo. — Isso é tão óbvio que não precisa ser confirmado, muito menos justificado.

— Não sei explicar direito, mas para mim não é tão evidente assim.

— Não é? — disse Ayumi, com certa admiração. — Não sei quais são os motivos ou sentimentos para você ter esse tipo de dúvida, mas o importante é que hoje você tem alguém que realmente ama. Acho isso invejável. Não tenho ninguém assim.

Aomame pousou a taça sobre a mesa e limpou delicadamente a boca com o guardanapo. Disse:

— Você tem razão. Independentemente do tempo e do lugar em que estamos, quero me encontrar com ele. Morro de *vontade* de me encontrar com ele. É a única coisa de que tenho certeza. É a única coisa que posso dizer com segurança.

— Se você quiser, posso verificar os arquivos da polícia. Basta me passar algumas informações que talvez eu possa descobrir onde ele está e o que faz.

Aomame balançou a cabeça num gesto de negativa.

— Por favor, não procure. É como eu disse outro dia, quero encontrá-lo *por acaso*. Sem combinar nada. Aguardo esse dia com carinho.

— É como aquelas novelas de amor na TV — disse Ayumi, admirada. — Adoro esse tipo de coisa. Fico toda arrepiada.

— Mas não é fácil para quem faz parte do drama.

— Sei que não deve ser fácil — disse Ayumi, pressionando a têmpora. — Mas, mesmo gostando tanto assim de alguém, às vezes você tem vontade de fazer sexo com um desconhecido.

Aomame estalou a unha na borda da taça.

— Uma pessoa de carne e osso precisa disso para manter o equilíbrio.

— Mesmo assim, você nunca deixou de amá-lo.

Aomame disse:

— É como a roda dos desejos do Tibete. Quando a roda gira, os valores e os sentimentos movimentam-se para cima e para baixo, resplandecendo e se ocultando na escuridão, mas o verdadeiro amor encontra-se firmemente no centro da roda, e por isso nunca se move.

— Que lindo! — disse Ayumi. — A roda dos desejos do Tibete.

Terminou de beber o restante do vinho na taça.

Dois dias depois, Aomame recebeu um telefonema de Tamaru pouco após as oito da noite. Como sempre, ele dispensou as habituais cordialidades e foi direto ao assunto.

— Amanhã, no período da tarde, você tem um tempo livre?

— À tarde não tenho nenhum compromisso. Posso aparecer no horário que for mais conveniente para vocês.

— Pode ser às quatro e meia?

Aomame confirmou que o horário estava bom.

— Ótimo — disse Tamaru. Aomame podia escutá-lo fazendo uma anotação na agenda. A pressão da escrita era forte.

— E Tsubasa, está bem? — perguntou Aomame.

— Ah! Deve estar bem. A senhora tem cuidado dela todos os dias, e a criança está ficando mais à vontade.

— Que bom!

— Sim, tudo bem, mas aconteceu outra coisa não muito boa.

— O quê? — perguntou Aomame, ciente de que, quando Tamaru dizia que algo não era *muito* bom, era porque era *extremamente* ruim.

— A cachorra morreu — disse Tamaru.

— A cachorra? Você quer dizer, a Bun?

— Isso. A pastor-alemão que adorava espinafre. Morreu ontem à noite.

Aomame ficou surpresa ao ouvir a notícia. A cachorra tinha só cinco ou seis anos. Não estava na idade de morrer.

— Da última vez que a vi, ela parecia muito bem.

— Não morreu de doença — disse Tamaru, sem alterar a voz.

— De manhã, estava toda em pedaços.

— *Em pedaços?*

— Como se tivesse explodido. Seus órgãos estavam espalhados por todos os lados. Tive de recolher as partes, pedaço por pedaço, com toalha de papel. O corpo parecia virado do avesso. Foi como se tivessem colocado uma bomba bem potente na barriga da cachorra.

— Coitada...

— Não há o que fazer — disse Tamaru. — O que está morto não volta à vida. Vou encontrar outro cão de guarda para substituí-lo. Mas quero saber *o que aconteceu*. O que fizeram com ela não é algo comum. Colocar uma bomba na barriga da cachorra. Normalmente, quando algum estranho se aproximava dela, ela costumava latir sem parar, era como abrir as portas do inferno. Colocar uma bomba não seria muito simples.

— Realmente — disse Aomame, com um tom de voz seco.

— As mulheres do abrigo estão assustadíssimas, em estado de choque. A encarregada de preparar a refeição da cachorra é que a encontrou, logo pela manhã, nesse estado. Ela vomitou muito antes de me telefonar. Perguntei se havia acontecido algo diferente durante a noite, ela disse que não. Ninguém ouviu a explosão. Com um barulho dessa magnitude, certamente as pessoas acordariam, ainda mais essas mulheres, que vivem em constante estado de alerta. O que estou querendo dizer é que a explosão foi silenciosa. É por isso que ninguém escutou a cachorra latir. E ontem foi uma noite tranquila. Mas, de manhã, a cachorra estava em pedaços. Todos os órgãos internos estavam espalhados e, desde cedo, os urubus faziam a festa. Para mim, obviamente, é algo muito preocupante.

— Está acontecendo algo estranho.

— Com certeza — disse Tamaru. — Está acontecendo algo estranho. Se minha intuição estiver certa, é apenas o começo.

— Você avisou a polícia?

— De jeito nenhum — disse Tamaru, deixando escapar um ar de zombaria. — A polícia não serve pra nada. Eles partem de uma suposição equivocada e seguem agindo de modo equivocado, e assim complicam ainda mais a situação.

— O que a senhora diz sobre isso?

— Ela não diz nada. Eu me reporto e ela apenas concorda. As questões de segurança são de minha total responsabilidade, do início ao fim. É o meu trabalho.

O silêncio prevaleceu durante um tempo. Um silêncio pesaroso, que expressava a imensa responsabilidade de Tamaru.

— Amanhã às quatro e meia — disse Aomame.

— Amanhã às quatro e meia — repetiu Tamaru, e em seguida colocou delicadamente o fone no gancho.

Tengo

Qual é o sentido de existir outro mundo?

Na quinta-feira choveu durante a manhã. As gotas não caíam com muita força, mas tinham uma natureza assustadoramente obstinada. Chovia ininterruptamente desde o meio-dia do dia anterior. Quando finalmente parecia dar uma trégua, a chuva recomeçava e voltava a ganhar força. Apesar de ser a segunda quinzena de julho, não havia indícios de que a estação das chuvas estava para terminar. O céu ficava escuro, como se uma tampa o cobrisse, e o mundo se tornava saturado de umidade.

Pouco antes do meio-dia, Tengo vestiu sua capa de chuva e o boné e saiu para fazer compras perto de casa. Notou em sua caixa de correspondência um envelope grande e pardo, com enchimento de proteção. Não tinha carimbo, selo, endereço do destinatário e, tampouco, o nome do remetente. A única coisa escrita, bem no centro do envelope, a caneta, com letras pequenas e traço firme, era seu nome. A caligrafia lembrava traços riscados com prego sobre argila seca. Um tipo de letra que poderia perfeitamente ser de Fukaeri. Dentro do envelope havia uma fita cassete TDK de sessenta minutos, dessas encontradas facilmente no comércio. Não havia carta ou bilhete. A fita estava sem a capa e não havia nenhuma etiqueta colada nela.

Após alguns instantes de hesitação, Tengo achou melhor desistir das compras e voltar ao apartamento para ouvir a fita. Ergueu a fita cassete contra a luz e a chacoalhou. Apesar de todo esse ar de mistério, a fita era comum, dessas produzidas em série. Não parecia que explodiria ao ser acionada.

Tengo tirou a capa de chuva e colocou o toca-fitas sobre a mesa da cozinha. Em seguida, colocou a fita no aparelho e pegou um bloco e uma caneta caso tivesse de anotar algo. Após dar uma olhada ao redor e constatar que não havia ninguém, apertou a tecla play.

No começo, não havia som e, durante um tempo, continuou assim. Quando Tengo começava a suspeitar de que a fita estava vazia,

de repente escutou o barulho de algo pesado sendo arrastado. Parecia o barulho de alguém empurrando uma cadeira. Em seguida, ouviu algo semelhante a uma tosse para limpar a garganta. E, de uma hora para outra, Fukaeri começou a falar:

— Tengo — disse ela, como se testasse a voz. Até onde Tengo lembrava, era a primeira vez que Fukaeri o chamava pelo nome.

Em seguida, Fukaeri deu novamente uma leve tossida. Parecia estar um pouco tensa.

Gostaria de escrever uma carta, mas como não sou boa nisso, resolvi gravar esta fita. Assim posso falar mais à vontade do que por telefone. Por telefone, alguém pode estar ouvindo. Espera um pouco, vou tomar um gole d'água.

Tengo escutou o que provavelmente seria o som de ela pegar o copo, tomar um gole e o colocar novamente sobre a mesa. Na gravação, seu jeito peculiar de falar — sem acentuação, sinal de interrogação ou pontuação — provocava uma impressão ainda mais incomum do que conversando pessoalmente. Parecia irreal. No entanto, diferentemente de quando conversava, na fita ela conseguia articular várias sentenças.

Fiquei sabendo que não sabem onde estou. Creio que você esteja preocupado. Mas saiba que estou bem e num local seguro. Queria te dizer isso. Na verdade, eu não podia fazer isso, mas achei melhor avisar.

[Dez segundos de silêncio.]

Eles disseram para não contar pra ninguém. Dizer que estou aqui. O professor já comunicou a polícia sobre o meu desaparecimento e entrou com o pedido de busca. Mas a polícia não está fazendo nada. Uma criança fugir de casa parece ser algo corriqueiro. Por isso, vou ficar aqui durante um tempo.

[Quinze segundos de silêncio.]

Estou num local distante e, desde que eu não fique saindo lá fora, ninguém vai me encontrar. É muito longe. Azami vai te entregar esta fita. Não é bom enviar pelo correio. É preciso tomar muito cuidado. Espera um pouco. Vou verificar se está gravando.

[Ouve-se um barulho seco. Segue-se um momento de silêncio. Novamente, ouve-se um barulho.]

Tudo bem. Está gravando.

Ao fundo, ouvem-se vozes distantes de crianças gritando. Ouve-se também uma música, em volume baixo. Possivelmente o som deve vir de alguma janela aberta. É provável que haja algum jardim de infância nas redondezas.

Obrigada por ter me deixado dormir em sua casa naquele dia. Eu precisava fazer aquilo. Precisava te conhecer melhor. Obrigada por ler o livro. Fiquei encantada com os guiliaks. Por que será que em vez de andar por uma estrada larga eles acham mais fácil andar no lamaçal, dentro da floresta.

[Tengo adicionou discretamente a interrogação no final da frase.]

Apesar de ser muito mais cômodo caminhar pela estrada, os guiliaks preferem andar no meio da floresta, distante da estrada. Andar na estrada significa ter de reelaborar a própria ação de caminhar. E isso implica reelaborar outras coisas. Eu não conseguiria viver como os guiliaks. Não quero viver sendo constantemente surrada pelos homens. Não quero morar num local imundo cheio de vermes. Mas também não gosto de andar por estradas amplas. Vou beber mais água.

Fukaeri tomou mais um gole. Fez-se um breve silêncio, seguido de um barulho seco do copo colocado de volta na mesa. Em seguida, um outro pequeno intervalo para ela limpar a boca com a ponta dos dedos. Será que a garota não sabe que existe no aparelho uma tecla de pausa para gravação?

Minha ausência pode acarretar alguns problemas. Mas eu não tenho nenhuma intenção de me tornar escritora, e tampouco pretendo continuar a escrever. Pedi para Azami pesquisar sobre os guiliaks. Ela foi pesquisar sobre eles na biblioteca. Os guiliaks vivem na ilha de Sacalina e, assim como os ainus e os índios americanos, não possuem a escrita. Não deixam registros. Eu também sou assim. Uma vez transformada em letra, a história deixa de me pertencer. Você soube transformar eximamente essa história em letra, e creio que nenhuma outra pessoa seria capaz de fazê-lo de modo tão perfeito como você. Mas esta história já não é mais minha. Não se preocupe. A culpa não é sua. Apenas

estou caminhando distante da ampla estrada.

Neste ponto, Fukaeri fez novamente uma pausa. Tenho a imaginação caminhando sozinha, em silêncio, distante da ampla estrada.

O professor tem muito poder e um profundo conhecimento. Mas o Povo Pequeninó também possui muito poder e um profundo conhecimento. Tome cuidado quando estiver andando pela floresta. Nela existem coisas muito importantes, e é nela que vive o Povo Pequeninó. Para que esse Povo Pequeninó não te machuque, é preciso encontrar algo que eles não possuem. Se você encontrar esse algo, poderá sair da floresta com segurança.

Fukaeri parou para respirar fundo, após dizer isso num só fôlego. Como estava em frente ao microfone, sem mover o rosto, essa respiração ficou gravada como o som de uma rajada de vento passando por edifícios. Um tempo depois, com a respiração mais tranquila, Tenho ouviu ao fundo uma buzina de caminhão ao longe. Era um som grave, típico de caminhões de grande porte, que lembrava uma sirene de nevoeiro. Soou brevemente, duas vezes. O local em que Fukaeri estava parecia não ser muito distante de uma rodovia.

[Tosse.] Estou ficando rouca. Obrigada por se preocupar comigo. Obrigada por ter gostado do formato dos meus seios, por deixar eu dormir no seu quarto, por deixar usar o seu pijama. Acho que não vamos nos ver tão cedo. **O Povo Pequeninó deve estar bravo por eu ter escrito a história deles.** Mas não se preocupe. Estou acostumada com a floresta. Adeus.

Neste ponto ouve-se um clique típico de parada de gravação.

Tengo parou a fita e a rebobinou. Enquanto escutava as gotas de chuva caindo do beiral, respirou fundo várias vezes, girando a caneta de plástico entre os dedos. Depois colocou a caneta sobre a mesa. Tengo não havia anotado nada. Ateve-se apenas a ouvir atentamente a fala singular de Fukaeri. Mesmo sem ter anotado, os pontos principais da mensagem de Fukaeri eram claros:

1. Ela não fora raptada. Apenas ficaria escondida em algum lugar durante um tempo. Não havia motivos para se

- preocupar.
2. Ela não pretendia continuar a escrever livros. A história dela era voltada para a exposição oral e não para se tornar palavra impressa.
 3. O Povo Pequeninino possuía muita força e inteligência, tanto quanto o professor Ebisuno. Era preciso tomar cuidado.

Fukaeri queria transmitir esses três pontos. O restante era sobre a história dos guiliaks. Um povo que caminha longe das amplas estradas.

Tengo foi à cozinha preparar um café. Enquanto bebia, examinou ao acaso a fita cassete. Depois, ouviu novamente a fita, desde o começo. Desta vez, por precaução, pausava em determinados trechos para anotar os principais pontos. Feito isso, passou os olhos no que acabara de escrever e constatou que não havia nenhuma informação nova.

Será que, antes de gravar, Fukaeri tinha preparado algum rascunho para servir de orientação? Tengo achou que não. Ela não tinha o perfil de quem faz esse tipo de coisa. O mais provável era que Fukaeri houvesse falado em tempo real, o que lhe vinha à mente — sem apertar a tecla pause —, tendo diante de si apenas o microfone.

Onde ela estaria? O som ambiente gravado na fita não dava muitas pistas para que Tengo descobrisse onde estava: uma porta batendo com força em algum lugar distante, vozes de crianças atravessando uma janela supostamente aberta. Um jardim de infância? A buzina de um caminhão grande. Ao que parecia, Fukaeri não estava numa densa floresta, mas nos subúrbios de uma cidade grande. Ela fizera a gravação no período da manhã, bem cedo, ou no entardecer. E o barulho de uma porta batendo sugeria a possibilidade de que não estivesse sozinha.

A única certeza era que fora a própria Fukaeri quem tomara a iniciativa de se esconder naquele lugar. E que ninguém a havia forçado a gravar a fita. Bastava prestar atenção na voz e em seu jeito de falar. Se ignorarmos o fato de que estava tensa no início da gravação, na parte restante da fita percebe-se que ela está diante do microfone falando o que vem à cabeça.

O professor tem muito poder e um profundo conhecimento. Mas o Povo Pequeninino também possui muito poder e um profundo conhecimento. Tome cuidado quando estiver andando pela floresta. Nela existem coisas muito importantes, e é nela que vive o Povo Pequeninino. Para que esse Povo Pequeninino não te machuque, é preciso encontrar algo que eles não possuem. Se você encontrar esse algo, poderá sair da floresta com segurança.

Tengo ouviu novamente esse trecho. Nele, Fukaeri falava de um modo bem mais rápido. O intervalo entre uma sentença e outra era menor. O Povo Pequeninino poderia causar algum mal a Tengo e ao professor Ebisuno. Mas, pelo tom de voz com que Fukaeri se referia ao Povo Pequeninino, dava para entender que ela não os considerava necessariamente maus. Pelo tom de sua voz, tinha-se a impressão de que esse povo era imparcial, e tanto podia pender para um lado quanto para o outro. Havia também outro trecho que chamara a atenção de Tengo:

O Povo Pequeninino deve estar bravo por eu ter escrito a história deles.

Se o Povo Pequeninino realmente estiver com raiva, Tengo também seria um dos alvos dessa raiva. Ele era um dos autores que ajudaram a divulgar a existência deles por meio da escrita. Certamente eles não aceitariam a desculpa de que não houvera má intenção.

Mas, afinal, que tipo de maldade o Povo Pequeninino poderia causar às pessoas? Tengo não tinha como saber. Ele voltou novamente a fita, colocou-a no envelope e a guardou na gaveta. Depois, pôs a capa de chuva e o boné e saiu para fazer as compras em meio à forte chuva.

Pouco depois das nove da noite, Komatsu ligou. Tengo estava na cama lendo um livro e, como das outras vezes, sabia de antemão de quem era a ligação. Após o terceiro toque ele se levantou calmamente e foi à cozinha atender.

— E aí, Tengo? — disse Komatsu. — Está bebendo algo?

— Não. Estou sóbrio.

— Depois dessa nossa conversa, acho que você vai querer beber — disse Komatsu.

— Quer dizer que será uma conversa agradável?

— Não sei, não. Acho que o assunto não é tão agradável assim.

Mas, paradoxalmente, tem certa dose de humor.

— Como nos contos de Tchekhov.

— Isso — disse Komatsu. — Como nos contos de Tchekhov. Exatamente. Você realmente consegue se expressar de modo perfeito.

Tengo se manteve quieto, e Komatsu continuou:

— A situação está se tornando ainda mais complicada. A polícia iniciou oficialmente a busca de Fukaeri após receber o pedido formal do professor Ebisuno. Mas acho difícil a polícia arregaçar as mangas e procurá-la de fato. Ainda mais que não existe nenhum pedido de resgate. O que eles vão fazer é mostrar que estão

trabalhando para não se complicarem caso realmente aconteça algo com ela. Mas os meios de comunicação não vão deixar o assunto de lado. Vários jornais já entraram em contato comigo. Eu sempre digo “não sei de nada”. Afinal, no momento não tenho realmente nada a dizer. A essa altura eles já devem saber da relação entre Fukaeri e o professor Ebisuno e, de quebra, que seus pais foram revolucionários. Em pouco tempo, esses fatos serão divulgados publicamente. O problema são as revistas semanais. Esses redatores independentes e jornalistas são como um bando de tubarões a farejar sangue, circulando ao redor da presa. São muito bons nisso e, uma vez que mordem a presa, não largam mais. Não é pra menos; esse é o ganha-pão deles. Não estão nem um pouco preocupados com questões de privacidade ou respeito às pessoas. Apesar de serem redatores, são totalmente diferentes de um pacífico jovem escritor literário como você.

— Você está querendo dizer que eu também devo tomar cuidado?

— Exatamente. É melhor se prevenir e nunca baixar a guarda. Nunca se sabe o que estão farejando.

Tengo imaginou estar num pequeno bote cercado de tubarões. Parecia a situação de um mangá, sem um bom desfecho. “É preciso encontrar uma coisa que o Povo Pequeninino não possui”, havia dito Fukaeri. Mas o que seria?

— Komatsu, isso não é exatamente o que professor Ebisuno planejou?

— Bem, pode ser... — disse Komatsu. — Acho que fomos habilmente manipulados, mas o fato é que desde o início sabíamos, até certo ponto, dessa intenção do professor. Ele nunca escondeu isso de nós. Nesse sentido, foi um acordo justo. Naquela época eu podia ter dito: “Professor, é perigoso. Prefiro não fazer parte disso.” Um editor sério certamente agiria assim. Mas, como você já me conhece, não sou um editor normal. Quando o professor veio conversar comigo, as coisas já estavam se encaminhando e eu também nutria uma certa ambição. Acho que foi isso que me fez baixar a guarda.

Houve um silêncio do outro lado da linha. Um silêncio que, apesar de breve, era pesado.

Foi Tengo quem o quebrou:

— Quer dizer que o professor Ebisuno se apropriou do seu plano?

— Acho que dá para dizer isso. Digamos que as intenções do professor passaram a prevalecer.

Tengo comentou:

— Você acha que o professor vai conseguir aterrissar bem, apesar da turbulência?

— Ele certamente acredita que sim. É um homem de visão, muito seguro de si. Nesse sentido, acho que as coisas podem dar certo. Mas, se a turbulência ultrapassar o previsto, as coisas podem sair do controle. A capacidade de uma pessoa é limitada, mesmo que ela seja excepcional. Por isso, o melhor a fazer é apertar bem o cinto de segurança.

— Se estivermos num avião que vai cair, não adianta nada.

— Mas vai servir de consolo.

Sem querer, Tengo sorriu. Mas não passava de um sorriso sem vigor.

— Esse é o ponto central da nossa conversa? Aquela que, segundo você, não seria exatamente agradável, mas, paradoxalmente, tinha certa dose de humor?

— Sinto muito envolvê-lo nisso. É sério... — disse Komatsu, sem nenhuma entonação.

— Não se preocupe. Particularmente, não tenho nada a perder: não tenho família, posição social nem um futuro promissor. Quem realmente me preocupa é Fukaeri. Ela é só uma menina de dezessete anos.

— É claro que eu também me preocupo com ela. Impossível não se preocupar. Mas agora não adianta ficarmos discutindo o que fazer, pois será em vão. Em vez disso, vamos tratar de nos amarrar em algum lugar seguro para não sermos levados pela ventania. Acho melhor ler diariamente os jornais com muita atenção.

— Ultimamente, sempre tenho lido os jornais.

— Ótimo — exclamou Komatsu. — Por falar nisso, você não tem ideia de onde Fukaeri pode estar? Qualquer tipo de pista serve.

— Não tenho — respondeu Tengo. Mentir não era o seu forte. Mas, apesar de Komatsu ser uma pessoa extremamente intuitiva, parecia não ter percebido o leve tremor na voz de Tengo. Komatsu possivelmente estava com a cabeça ocupada com outros problemas.

— Te ligo assim que eu souber de alguma coisa — disse ele antes de desligar.

Após colocar o fone no gancho, a primeira coisa que Tengo fez foi pegar um copo e despejar nele dois centímetros de Bourbon. Como Komatsu havia previsto, após a conversa Tengo realmente sentiu que precisava tomar algo.

Na sexta-feira, sua namorada veio lhe fazer a costumeira visita. A chuva dera uma trégua, mas o céu continuava cinzento, totalmente encoberto. Os dois fizeram uma refeição leve e foram para a cama. Enquanto faziam sexo, vez por outra Tengo se via pensando em várias coisas, mas isso não estragou a satisfação física que a relação sexual

lhe proporcionava. Ela não só conseguiu extravasar todo o desejo de Tengo acumulado durante a semana, como também aproveitou satisfatoriamente o momento, como um hábil consultor fiscal que sente prazer em fazer cálculos complicados. Mesmo assim, ela percebeu que algo o preocupava.

— De uns tempos para cá, o nível de uísque na garrafa está cada vez menor — disse ela, com a mão sobre o peito robusto de Tengo, desfrutando a satisfação proporcionada pelo sexo. No dedo anular usava um anel de casamento com um diamante pequeno, porém muito brilhante. Seu comentário era sobre uma garrafa de Wild Turkey que estava havia muito tempo sobre a estante. E, como é comum nos relacionamentos entre uma mulher madura e um homem mais jovem, ela notava pequenas mudanças no ambiente.

— Ultimamente, tem sido frequente eu acordar durante a noite — disse Tengo.

— Você não está apaixonado, está?

Tengo balançou a cabeça em negativa:

— Não, não estou.

— Está com dificuldades para escrever o romance?

— Não. Por enquanto, tudo bem. Acho que ele progride de maneira satisfatória, pelo menos caminha para *algum lugar*.

— Mesmo assim, parece que alguma coisa está te preocupando.

— Será? A única coisa que sei é que não consigo dormir direito. É muito raro isso acontecer. Sou do tipo que normalmente dorme como uma pedra.

— Coitadinho do Tengo — disse ela, massageando carinhosamente, com a mão sem a aliança, seus testículos. — Você costuma ter pesadelos?

— Não costumo sonhar — disse ele. Era verdade.

— Eu sonho, e muito. E os sonhos se repetem várias e várias vezes. Você acredita que, às vezes, no meio do sonho eu percebo que já o sonhei antes? Não é estranho?

— Que tipo de sonho?

— Por exemplo, às vezes, sonho com uma cabana no meio da floresta.

— Uma cabana no meio da floresta — repetiu Tengo, pensando nas pessoas que vivem no meio da floresta: os guiliaks, o Povo Pequeno e Fukaeri. — E essa cabana, como ela é?

— Você quer realmente saber? Não é chato ouvir o sonho dos outros?

— De jeito nenhum. Eu gostaria de ouvir — disse Tengo, com uma expressão sincera.

— Estou sozinha andando pela floresta. Mas não é uma floresta

densa e sinistra como aquela em que João e Maria se perdem. Ela não é muito fechada, tem bastante claridade. É de tarde, está quente e caminho tranquilamente pela floresta, sentindo-me segura. Um pouco depois, encontro uma pequena cabana com chaminé, uma pequena varanda e cortinas listradas de algodão na janela. Um lugar bem acolhedor. Aproximo-me da casa, bato na porta e digo “Boa tarde!”. Mas ninguém responde. Bato novamente, desta vez um pouco mais forte, e com a pressão da batida a porta se abre. Acho que esqueceram de trancá-la. Entro na casa e digo: “Boa tarde. Tem alguém em casa? Estou entrando...”

Ela acaricia os testículos de Tengo enquanto observa seu rosto:

— Até aqui, você consegue imaginar o clima?

— Consigo.

— A cabana tem apenas um cômodo. É uma construção bem simples. Tem uma cozinha, uma cama e uma área de refeições. No centro, há um fogão a lenha e uma mesa com louças dispostas para quatro pessoas. Um vapor branco sai dos pratos de comida, mas não há ninguém em casa. A impressão é que a refeição estava pronta e, quando iam se servir, algo os surpreendeu. Como se, de repente, aparecesse um monstro e todos saíssem correndo. Mas as cadeiras continuam no lugar. O estranho é que tudo está tranquilo, como num dia qualquer. O único porém é que não há ninguém na cabana.

— Que tipo de comida havia sobre a mesa?

Ela inclinou a cabeça:

— Não consigo me lembrar. Essa é uma boa pergunta. Que tipo de comida será que tinha? O problema não é a comida em si. O problema é que ela *acabou de ser preparada* e está quentinha. De qualquer modo, sento numa das cadeiras e resolvo aguardar a família voltar. Nesse momento, sinto uma necessidade premente de esperar. Não sei por quê. Como é um sonho, nem todas as coisas são devidamente explicadas. Talvez eu os aguardasse para perguntar o caminho de volta, ou conseguir alguma outra coisa. Por isso, fico quietinha aguardando o retorno deles. Mas, por mais que eu espere, ninguém aparece. A comida sobre a mesa continua a soltar o vapor da quentura. Vendo a comida, começo a ficar com muita fome. Mas, por mais que eu esteja com fome, não posso me servir sem que alguém da casa esteja presente, não é?

— É, acho que não — disse Tengo. — Mas, como é um sonho, não dá para afirmar categoricamente.

— Enquanto eu aguardo, começa a anoitecer. Dentro da cabana também começa a ficar escuro. A floresta também fica cada vez mais negra. Penso em acender a luz da cabana, mas não sei como fazê-lo. Começo a me sentir insegura. Então, percebo algo estranho: a comida continua a soltar o vapor da quentura, ele nunca diminui. Já

se passaram várias horas e a comida continua *quentinha*. Começo então a achar tudo muito estranho. Algo está errado. E aí acaba o sonho.

— Você não sabe o que acontece depois?

— Acho que depois vai acontecer algo — disse ela. — Anoitece e fico sozinha nessa cabana sem saber o caminho de volta. Sinto que algo está para acontecer. A impressão que tenho é que esse algo não é uma coisa boa. Mas o sonho sempre acaba nesse ponto. O sonho se repete várias e várias vezes.

Ela parou de acariciar os testículos de Tengo e apoiou o rosto no peito dele.

— Esse sonho está tentando me dizer algo — ela disse.

— O quê?

Em vez de responder, ela indagou:

— Tengo, você quer saber qual parte do sonho me deixa com mais medo?

— Quero.

Ela suspirou profundamente e Tengo sentiu um sopro no mamilo, como se uma lufada de ar quente acabasse de atravessar um estreito canal.

— Acho que eu sou o monstro. Uma vez pensei seriamente nessa possibilidade. Acho que, quando as pessoas da cabana me veem chegar, tratam de largar a comida e saem correndo. Enquanto eu estiver lá, eles não podem voltar. Mesmo assim, permaneço quietinha, aguardando o retorno deles. Ao pensar assim, sinto muito medo. Parece não haver nenhuma esperança.

— Ou — disse Tengo — essa é a sua casa e você está aguardando você mesma que fugiu.

Após dizer isso, Tengo se deu conta de que devia ter ficado calado. Mas as palavras proferidas não podem ser retiradas. Ela ficou um bom tempo em silêncio. De repente, segurou firmemente os testículos de Tengo, a ponto de ele sentir dificuldades de respirar.

— Como você tem coragem de dizer uma coisa tão horrível!

— Não foi por mal. Apenas disse o que me veio à mente — falou Tengo com a voz sôfrega, difícil.

Ela suspirou e afrouxou a pressão sobre os testículos. Pouco depois, disse:

— Agora me conte o seu sonho.

Após normalizar a respiração, Tengo respondeu:

— Como eu já te disse, é raro eu sonhar. Ainda mais nesses últimos tempos.

— Algum sonho você deve ter. Não existe ninguém no mundo que não sonhe. Olha que o doutor Freud vai ficar aborrecido, hein?

— Pode até ser que eu sonhe, mas, ao acordar, não consigo me

lembrar. Tenho a impressão de que sonhei, mas não sei exatamente o quê.

Ela colocou o pênis amolecido de Tengo sobre a palma da mão e sentiu seu peso. Era como se a atitude revelasse algum fato importante.

— Já que é assim, vamos esquecer essa história de sonho. Diga-me então algo sobre a história que você está escrevendo.

— Prefiro não falar disso.

— Não estou pedindo para você me contar toda a história, do começo ao fim. Eu jamais faria isso. Eu te conheço e sei o quanto você é um rapaz sensível, apesar desse seu corpo forte e robusto. O que estou te pedindo é que me conte um dos episódios, ou um trecho secundário. Quero que você conte para mim algo que ninguém no mundo ainda sabe. Como você foi muito malvado em seu comentário, quero ser recompensada. Você está me entendendo?

— Acho que sim — disse Tengo, hesitante.

— Então me conte.

Tengo respondeu com o pênis ainda na palma da mão dela:

— A história é sobre mim. Ou alguém muito parecido comigo.

— Achei que fosse algo assim — disse a namorada. — Eu por acaso faço parte dessa história?

— Não. Porque estou num outro mundo.

— Eu não estou nesse outro mundo?

— Não é só você. As pessoas deste mundo não estão no outro.

— Qual é a diferença entre esse outro mundo e o nosso? Dá para perceber em que mundo a pessoa se encontra?

— Dá, sim. Afinal, eu é que estou escrevendo a história.

— O que eu estou te perguntado é se *alguém que não seja você* consegue fazer a distinção. Vamos imaginar que, sem querer, eu entre nesse outro mundo.

— Acho que dá para saber — disse Tengo. — Nesse outro mundo existem duas luas, por isso é possível diferenciá-lo.

A criação de um mundo com duas luas no céu havia sido inspirada na *Crisálida de ar*. Tengo estava tentando escrever uma história sobre esse outro mundo — desta vez sua própria história —, mais longa e complexa. O fato de sua história também ter duas luas poderia gerar problemas no futuro. Porém, naquele momento, Tengo queria muito escrever sobre esse mundo de duas luas. Quanto aos problemas, ele pensaria depois neles.

— Você quer dizer que, ao olhar para o céu e ver duas luas, a pessoa logo percebe “Ah! Esse é o mundo que não existe aqui”, é isso? — ela indagou.

— É o que elas simbolizam.

— E essas duas luas nunca se sobrepõem uma à outra? —

perguntou ela.

Tengo negou com a cabeça.

— Não se sabe por quê, mas a distância entre elas é sempre a mesma.

A namorada de Tengo permaneceu durante um tempo imaginando esse mundo. Com o dedo, começou a desenhar figuras no peito nu de Tengo.

— Você sabe qual é a diferença entre as palavras inglesas *lunatic* e *insane*? — ela perguntou.

— Só que ambos são adjetivos que se referem à anomalia psicológica. Não sei dos detalhes que os diferenciam.

— *Insane* é quando a pessoa nasce com problemas na cabeça, e o tratamento recomendado é a utilização de medicamentos específicos. Em contrapartida, *lunatic* vem do latim *luna*, que significa lua. É quando a pessoa, sujeita à influência da *luna*, perde temporariamente o juízo. Na Inglaterra do século XIX, se uma pessoa cometia um crime, mas era considerada lunática, sua pena era reduzida em um grau. Naquela época, alegavam que um lunático não podia ser responsabilizado pelo crime que cometera, pois era a luminosidade da lua que causava o estado de confusão mental e o induzia a cometer aquele o ato. Pode até parecer mentira, mas essa lei de fato existiu. Ou seja, admitia-se legalmente que a lua era capaz de enlouquecer as pessoas.

— Como é que você sabe essas coisas? — Tengo indagou, admirado.

— Não sei por que você se admira tanto. Esqueceu que eu vivi dez anos mais que você? É normal que eu saiba mais coisas, não é?

Tengo admitiu que ela tinha razão.

— Na verdade, aprendi isso numa conferência sobre literatura inglesa na Universidade Feminina do Japão. A palestra era sobre Dickens. Era um professor diferente, que entrava em divagações que não tinham nada a ver com o tema. Mas o que estou querendo dizer é que, se uma única lua já é suficiente para nos enlouquecer, imagino que, com duas, as pessoas ficariam ainda mais ensandecidas. O fluxo da maré se alteraria, e cresceriam os casos de ciclo menstrual irregular entre as mulheres. Acho que muitas outras coisas anormais começariam a surgir, uma após a outra.

Tengo parou para pensar.

— Você tem razão.

— Nesse outro mundo, as pessoas enlouquecem com frequência?

— Não. Elas não se tornam necessariamente loucas. Digamos que fazem quase as mesmas coisas que fazemos neste mundo.

Ela segurou com delicadeza o pênis de Tengo.

— Se, nesse mundo que não é o nosso, as pessoas fazem praticamente as mesmas coisas que aqui, qual é o sentido de ele existir?

— O sentido de sua existência é que nele o nosso passado pode ser reescrito — respondeu Tengo.

— Quer dizer que é possível reescrever o passado a seu bel-prazer, do jeito que lhe convier?

— Exatamente.

— Você quer reescrever o passado?

— Você não quer reescrever o seu?

Ela balançou a cabeça, discordando.

— Não quero reescrever meu passado nem a História. O que eu realmente gostaria de reescrever é o presente, a realidade do aqui e agora.

— Mas, quando você reescreve o passado, naturalmente altera o presente. O presente nada mais é que o acúmulo de acontecimentos do passado.

Ela suspirou novamente. Como se testasse o mecanismo de um elevador, movimentou para cima e para baixo o pênis de Tengo, que segurava firmemente nas mãos.

— A única coisa que se pode afirmar é que você foi um menino prodígio de matemática, exímio lutador de judô e está escrevendo um longo romance. Mas, fora isso, você *não entende nada* do que se passa neste mundo. Absolutamente nada.

Tengo não ficou surpreso de ser criticado de modo tão categórico. Ultimamente, não entender nada havia se tornado uma rotina para ele. Não era nenhuma novidade.

— Mas tudo bem você não entender nada — disse a namorada mais velha, mudando a posição do corpo para encostar os seios no corpo de Tengo. — Você é um professor dos sonhos, que leciona matemática em uma escola preparatória e todo dia escreve um pouco do longo romance. Quero que você continue assim. Eu adoro seu pênis. Gosto do formato e do tamanho dele. Adoro segurá-lo tanto duro quanto mole, doente ou saudável. Pelo menos por enquanto ele é só meu, não é?

— É isso mesmo — confirmou Tengo.

— Eu já disse que sou uma pessoa extremamente ciumenta, não disse?

— Disse. Um ciúme que ultrapassa os limites da razão.

— Extrapola *todos* os limites da razão. Há tempos que sou assim — disse ela, percorrendo sem pressa, mas com firmeza, seus dedos ao longo do membro. — Logo vou deixar ele novamente duro. Você tem alguma objeção?

Tengo respondeu que não tinha nenhuma objeção.

— O que você está pensando?

— Estou imaginando você como uma estudante, assistindo à palestra de literatura inglesa na Universidade Feminina do Japão.

— O texto era *Martin Chuzzlewit*. Eu tinha 18 anos, estava com um vestido bonito cheio de babados e o cabelo preso em rabo de cavalo. Era uma estudante séria e ainda virgem. Parece que estou falando de uma outra vida, mas, de qualquer modo, a primeira coisa que aprendi foi a diferença entre *lunatic* e *insane*. Que tal? Você fica excitado só de me imaginar assim?

— Fico — disse Tengo, fechando os olhos e imaginando-a de vestido com babados e rabo de cavalo. Uma estudante muito séria e virgem, que possui um ciúme que extrapola a razão. A lua iluminando a Londres de Dickens e pessoas insanas e lunáticas vagando por suas ruas. Elas usam chapéus parecidos, e as sombras projetadas também parecem as mesmas. Como se pode diferenciar uma da outra? Ao fechar os olhos, Tengo não tinha mais certeza de em qual dos mundos ele se encontrava naquele momento.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Epígrafe

1 – Aomame: Não se deixe enganar pelas aparências

2 – Tengo: Uma ideia inusitada

3 – Aomame: Alguns fatos que teriam sido alterados

4 – Tengo: Se é isso que você deseja...

5 – Aomame: Profissão que exige habilidade e preparo

6 – Tengo: Será que vamos para muito longe?

7 – Aomame: Bem de mansinho para não acordar as borboletas

8 – Tengo: Encontrar um desconhecido num local desconhecido

9 – Aomame: O cenário muda, as regras também

10 – Tengo: Uma revolução de verdade com derramamento de sangue

11 – Aomame: O corpo é um santuário

12 – Tengo: Venha a nós o Vosso Reino

13 – Aomame: Vítima por natureza

14 – Tengo: Coisas que a maioria dos leitores nunca viu antes

15 – Aomame: Prender firmemente o balão com uma âncora

16 – Tengo: Fico feliz que tenha gostado

17 – Aomame: Se somos felizes ou infelizes

18 – Tengo: Não há mais vez para o Grande Irmão entrar em cena

19 – Aomame: Mulheres que compartilham um segredo

20 – Tengo: Pobres guiliaks

21 – Aomame: Por mais longe que se queira ir

22 – Tengo: O tempo flui de forma distorcida

23 – Aomame: Isto é apenas o começo

24 – Tengo: Qual é o sentido de existir outro mundo?

ALFAGUARA



Haruki Murakami

1Q84 | Livro 2



**HARUKI
MURAKAMI**

**HARUKI
MURAKAMI**



LIVRO 3
outubro – dezembro

TRADUÇÃO DO JAPONÊS
LICA HASHIMOTO

ALFAGUARA

LIVRO 2
julho – setembro

TRADUÇÃO DO JAPONÊS
LICA HASHIMOTO

ALFAGUARA




Copyright © 2009 by Haruki Murakami

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

1Q84

Capa

Retina_78

Revisão

Ana Kronemberger

Tamara Sender

Ana Grillo

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

Proibida a venda em Portugal



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M944u

Murakami, Haruki

1Q84 [recurso eletrônico] : Livro 2 (julho-setembro) / Haruki Murakami ; tradução do japonês Lica Hashimoto. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

314p., recurso digital

Tradução de: *1Q84*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: 1Q84 - Livro 2

ISBN 978-85-7962-209-0 (recurso eletrônico)

1. Romance japonês 2. Livros eletrônicos. I. Hashimoto, Lica. II. Título.

13-0136. CDD: 895.63

CDU: 821.521-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Sumário

- 1 – AOMAME - Foi a cidade mais entediante do mundo
- 2 – TENGO - Não possuo nada além da minha alma
- 3 – AOMAME - Não decidimos como nascer, mas podemos decidir como morrer
- 4 – TENGO - Talvez fosse melhor não desejar isso
- 5 – AOMAME - O gato vegetariano se encontra com o rato
- 6 – TENGO - Nós temos braços muito longos
- 7 – AOMAME - O lugar em que você está para pisar
- 8 – TENGO - A hora em que os gatos aparecem
- 9 – AOMAME - O preço a pagar por uma graça recebida
- 10 – TENGO - Você recusou nossa oferta
- 11 – AOMAME - O bom é o equilíbrio
- 12 – TENGO - Não se pode contar nos dedos
- 13 – AOMAME - Sem o seu amor
- 14 – TENGO - O pacote recebido
- 15 – AOMAME - Finalmente, chegou a hora dos fantasmas
- 16 – TENGO - Como um navio fantasma
- 17 – AOMAME - Tirar o rato
- 18 – TENGO - O satélite solitário e silencioso
- 19 – AOMAME - Quando a *dohta* despertar
- 20 – TENGO - A morsa e o chapeleiro maluco
- 21 – AOMAME - O que devo fazer?
- 22 – TENGO - Enquanto as duas luas estiverem no céu
- 23 – AOMAME - Ponha um tigre no seu tanque
- 24 – TENGO - Enquanto ainda houver calor

Aomame

Foi a cidade mais entediante do mundo

Apesar de a estação das chuvas ainda não ter terminado oficialmente, o céu de Tóquio estava limpo, e os raios de sol incidiam sobre a terra sem parcimônia. As folhas dos salgueiros, novamente frondosos, projetavam no chão suas densas e agitadas sombras.

Tamaru recebeu Aomame no terraço da casa. Ele trajava um terno escuro de verão, camisa branca e gravata lisa; não estava nem um pouco suado. Aomame achava incrível um homem tão robusto como ele jamais transpirar, por mais que o dia estivesse quente.

Ao vê-la, Tamaru apenas se limitou a fazer um rápido aceno de cabeça e, após um breve e inaudível cumprimento, manteve-se em silêncio, sem as costumeiras conversas triviais. Ele a conduziu por um longo corredor até o local em que a velha senhora a aguardava, caminhando alguns passos à frente, sem se voltar uma única vez. Aomame sabia que ele estava abalado com a morte da cadela e, por isso, não tinha disposição para falar de amenidades. Na conversa que tiveram ao telefone, ele disse: “Vou encontrar outro cão de guarda para substituí-la”, como se estivesse fazendo um comentário casual sobre o tempo, mas Aomame sabia que a frieza era apenas da boca para fora. Tamaru tinha grande afeição pela fêmea de pastor-alemão; era um forte vínculo de amizade, construído mutuamente ao longo da convivência. A morte repentina e inexplicável da cadela o atingira como uma ofensa pessoal, um tipo de provocação. Ao olhar para as costas silenciosas de Tamaru, amplas como um quadro-negro, Aomame imaginou o tamanho da raiva contida nele.

Tamaru abriu a porta da sala de estar e, após Aomame entrar, aguardou, postado diante da porta, as instruções da velha senhora.

— Por enquanto, não vamos beber nada — disse ela.

Tamaru fez uma breve reverência e fechou delicadamente a porta, deixando as duas a sós. Na mesa ao lado da poltrona em que a velha senhora se sentava, havia um aquário redondo com dois kinguios vermelhos. Tanto o aquário quanto os peixinhos eram comuns, encontrados em qualquer lugar. Como em todo aquário que se preza, havia nele plantas aquáticas esverdeadas. Aomame esteve muitas vezes naquela sala ampla e elegante, mas era a primeira vez que notava aqueles kinguios. O ar-condicionado estava ajustado no nível mais fraco e, a intervalos regulares, uma tênue brisa tocava sua

pele. Atrás da poltrona havia um vaso com três lírios brancos. Os lírios grandes e inertes pareciam pequenos animais exóticos em profundo estado de meditação.

A velha senhora apontou o sofá ao lado, para que Aomame se acomodasse nele. Cortinas de renda branca cobriam a janela voltada para o jardim, mas os raios de sol daquela tarde de verão incidiam com força nelas. Era estranho notar como a luminosidade ressaltava o estado de abatimento da velha senhora. Seu braço fininho mal conseguia sustentar o queixo, e seu corpo parecia jogado na enorme poltrona. Os olhos estavam fundos, e notava-se uma quantidade maior de rugas no pescoço. Os lábios estavam pálidos, as extremidades de suas longas sobranceiras levemente caídas, como se pressionadas pela força da gravidade. Manchinhas brancas espalhadas no rosto indicavam que a circulação sanguínea estava mais lenta que o normal. Ela aparentava cinco ou seis anos a mais do que da última vez que Aomame a vira, e, naquele momento, não parecia se importar nem um pouco em revelar seu estado de fadiga. Sua atitude era inusitada. Até onde Aomame a conhecia, ela nunca havia se descuidado da aparência, sempre soubera canalizar a energia interior para manter uma correta postura corporal, controlar as emoções e nunca dar indícios de senilidade, por menor que fossem. Um esforço que sempre resultou satisfatório.

“Algumas coisas desta casa estão diferentes do habitual”, pensou Aomame. Até a luminosidade da sala tinha uma tonalidade diferente. E, no aposento de teto alto, repleto de móveis antigos e de bom gosto, aquele modesto aquário com os kinguios vermelhos destoava de tudo.

A velha senhora manteve-se em silêncio durante um bom tempo. Com o cotovelo apoiado no braço da poltrona e a mão no queixo, olhava para um espaço vazio ao lado do sofá em que Aomame se sentava. Aomame sabia muito bem que não havia nada de especial naquele ponto, e que a velha senhora apenas necessitava de um lugar transitório para repousar a visão.

— Está com sede? — perguntou a senhora com voz serena.

— Não. Não estou com sede — respondeu Aomame.

— Temos chá gelado. Se quiser, pegue um copo e sirva-se à vontade.

A velha senhora apontou para uma mesinha próxima à porta de entrada. Sobre ela havia uma jarra de chá gelado com rodela de limão e cubos de gelo. Ao lado da jarra, três copos de vidro lapidado, personalizados com cores diferentes.

— Muito obrigada — disse Aomame. Continuou sentada, aguardando o que a velha senhora tinha a lhe dizer.

A velha senhora novamente guardou silêncio durante um

tempo. Ela precisava contar alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, queria protelar ao máximo o momento de dizê-la. Era, portanto, um silêncio reticente e cheio de significados. A velha senhora deu uma rápida olhada no aquário e, resignada, finalmente fitou Aomame. Os lábios estavam cerrados e, intencionalmente, as extremidades arqueavam-se levemente para cima.

— Tamaru já te contou que a cadela que tomava conta do abrigo morreu? E que, até agora, não temos nenhuma ideia de como foi que isso aconteceu? — perguntou.

— Ele me contou.

— Depois disso, Tsubasa desapareceu...

Aomame franziu levemente as sobrancelhas.

— Desapareceu?

— Ela sumiu. Provavelmente durante a noite. Hoje de manhã ela havia desaparecido.

Aomame cerrou os lábios, tentando encontrar palavras que custaram a sair:

— Mas... A senhora me disse outro dia que alguém sempre dormia com Tsubasa, inclusive no mesmo quarto, como precaução.

— Isso mesmo. Mas a mulher que a acompanhava dormiu tão profundamente que não percebeu que ela havia sumido. Somente ao amanhecer é que ela viu que Tsubasa não estava na cama.

— O pastor-alemão morreu e, no dia seguinte, Tsubasa sumiu — disse Aomame, reafirmando a sequência dos fatos.

A velha senhora concordou:

— Ainda não podemos afirmar que existe alguma relação entre esses dois acontecimentos, mas, para mim, existe.

Sem nenhuma intenção, Aomame olhou o aquário. A velha senhora também o observou, como se estivesse seguindo a mirada de Aomame. Os dois kinguios nadavam tranquilamente dentro do lago contido no vidro, movendo delicadamente as barbatanas. A luminosidade do verão provocava uma estranha refração no aquário, criando a ilusão de se estar contemplando as profundezas do mar, repletas de mistérios.

— Comprei os kinguios para Tsubasa — disse a velha senhora, olhando para Aomame, em tom de explicação. — Havia uma feirinha no centro comercial de Azabu e levei Tsubasa para dar um passeio. Achei que não era bom para a saúde dela ficar enfiada no quarto. É claro que Tamaru nos acompanhou. Foi quando comprei o aquário e os kinguios. Tsubasa tinha gostado muito deles. Deixamos o aquário com os peixinhos no quarto dela, e ela ficava o dia todo olhando para eles, parecia nunca se cansar. Depois que ela desapareceu, resolvi trazê-lo para cá. Sabe de uma coisa? Ultimamente, eu também me pego olhando atentamente para eles. Sei que pode parecer estranho,

mas realmente nunca me canso de olhar para eles. Até então eu nunca tinha parado para observá-los tão atentamente.

— Tem alguma ideia de onde ela pode ter ido? — perguntou Aomame.

— Não faço a mínima ideia — disse a velha senhora. — Ela não tem nenhum parente para acolhê-la e, até onde sei, não existe nenhum lugar neste mundo aonde ela pudesse ir.

— Existe alguma possibilidade de ela ter sido levada à força?

A velha senhora balançou a cabeça num gesto ligeiramente nervoso, como se afugentasse um mosquitinho invisível.

— Não. A menina *apenas* foi embora. Ninguém a levou à força. Se isso tivesse acontecido, as pessoas teriam acordado. As mulheres do abrigo costumam ter um sono muito leve. Acho que foi Tsubasa que resolveu ir embora. Ela desceu as escadas, destrancou a porta da frente sem fazer barulho e deixou o abrigo. Eu consigo imaginar a cena. A cadela não latiria se ela fizesse isso. Mas o fato é que a cadela tinha morrido na noite anterior. Tsubasa saiu de pijama, apesar de uma muda de roupa estar dobrada num canto do quarto. E, com certeza, não levou nenhum dinheiro.

A expressão no rosto de Aomame ficou ainda mais alterada.

— Sozinha e de pijama?

A velha senhora assentiu.

— Isso mesmo. Aonde poderia ir uma garota de 10 anos, sozinha, de pijama, sem nenhum tostão no bolso, no meio da noite? É uma situação inconcebível. Mas, não sei por quê, a atitude dela não me parece tão estranha. Não mesmo. Tenho a impressão de que era algo inevitável. Por isso, não estou atrás de seu paradeiro. Por enquanto, não estou fazendo nada, fico apenas observando os kinguios.

A velha senhora olhou rapidamente o aquário antes de se voltar para Aomame.

— Eu sei que não vai adiantar nada procurá-la. A menina foi para um lugar que está fora do nosso alcance.

Ao dizer isso, a velha senhora tirou a mão do queixo e soltou lentamente todo o ar preso nos pulmões. Em seguida, pousou as mãos sobre o colo.

— Por que será que ela resolveu ir embora? — perguntou Aomame. — No abrigo pelo menos ela estava protegida; e, se não tinha para onde ir...

— Não sei o motivo, mas acho que tem a ver com a morte da cadela. Desde o dia em que ela veio para cá, sempre foi muito carinhosa com a cadela, era uma afeição mútua. Eram como amigas de verdade. Por isso, Tsubasa ficou muito triste com sua morte, ainda mais por ter sido sangrenta e misteriosa. Todas as pessoas do abrigo

ficaram chocadas. Acho que a trágica morte da cadela foi uma espécie de mensagem para Tsubasa.

— Mensagem?

— Uma mensagem alertando-a de que não devia ficar aqui. Que eles já sabiam onde ela estava escondida. E que, se não sáísse, algo ainda pior poderia acontecer com as pessoas ao seu redor. Uma mensagem desse tipo.

Os dedos da velha senhora, sobre seu colo, marcavam compassos precisos de um tempo imaginário. Aomame aguardou a continuação da conversa.

— Acho que ela entendeu a mensagem e, por isso, resolveu fugir. Eu não creio que tenha partido por vontade própria. Acho que ela se viu obrigada a ir embora mesmo sabendo que não tinha para onde ir. É insuportável para mim pensar que uma garota de apenas 10 anos precisou tomar esse tipo de decisão.

Aomame quis esticar os braços e segurar as mãos da velha senhora, mas achou melhor se conter. A conversa ainda não tinha terminado.

A velha senhora continuou:

— Acho desnecessário dizer o quanto isso me abalou. É como se tivessem arrancado uma parte de mim. Minha intenção era adotá-la oficialmente como minha filha, embora isso não fosse tarefa fácil. Mas era algo que eu realmente desejava, ciente das dificuldades que enfrentaria. Caso a adoção não desse certo, eu não teria o direito de culpar ninguém. Mas, na idade em que estou, essas coisas se tornam uma carga difícil de suportar.

— Quem sabe dia desses Tsubasa volte? Afinal ela não tem dinheiro nem para onde ir.

— Gostaria de pensar assim, mas creio que isso não vai acontecer — disse a velha senhora, com a voz inexpressiva. — Ela tem apenas 10 anos, mas já tem consciência das coisas, e por isso decidi ir embora. Provavelmente ela não voltará aqui por conta própria.

— Com licença — disse Aomame. Levantou-se e se dirigiu à mesinha, onde se serviu de chá gelado num copo azul. Ela não estava realmente com sede, mas precisava ganhar tempo para organizar os pensamentos. Após se sentar novamente no sofá, tomou um pequeno gole e colocou o copo sobre o tampo de vidro da mesa.

— Por enquanto, vamos deixar esse assunto de Tsubasa — disse a velha senhora, após aguardar Aomame se acomodar novamente no sofá. Para colocar um ponto final nas emoções, endireitou a coluna e entrelaçou firmemente os dedos sobre o colo. — Agora vamos falar de Sakigake e o tal líder. Quero te contar o que descobrimos sobre ele. Esse é o motivo principal de ter te chamado aqui. No final das contas, esse assunto também está relacionado a

Tsubasa.

Aomame assentiu com a cabeça. Ela previra que o assunto deveria ser este.

— Como já falei outro dia, temos que *resolver* a questão desse líder, custe o que custar. Ou seja, precisamos *mandá-lo para o outro mundo*. Você sabe muito bem que ele costuma estuprar meninas de mais ou menos 10 anos, todas antes da primeira menstruação. Esse líder inventou uma doutrina qualquer e, para justificar seus atos, aproveita a estrutura religiosa do grupo e de seus fiéis. Mandeí fazer uma investigação minuciosa sobre ele, colhendo informações através de várias fontes e, para tanto, gastei muito dinheiro. Não foi fácil. Tive de dispor de um montante bem maior do que o previsto. Mas, no final, descobrimos que quatro meninas foram estupradas. A quarta foi Tsubasa.

Aomame pegou o copo sobre a mesa e tomou um gole de chá gelado. Não sentiu nenhum gosto. Era como se houvesse na boca um chumaço de algodão absorvendo o chá.

— Ainda não temos informações detalhadas, mas duas das quatro meninas ainda vivem lá dentro — disse a velha senhora. — Elas pertencem ao círculo de pessoas próximas ao líder, e a função delas é semelhante à das donzelas virgens dos santuários xintoístas. Elas jamais aparecem diante dos demais seguidores. Não se sabe ao certo se essas meninas estão nesse lugar por vontade própria ou por não conseguirem fugir. Também não sabemos se elas continuam a manter relações sexuais com o líder. A única informação que temos é de que elas ainda vivem com ele. Como se fossem uma família. A morada do líder fica numa área restrita, os seguidores não têm acesso a ela. Há muitas coisas envoltas em mistério.

O copo de vidro sobre a mesa começava a suar. A velha senhora fez uma pausa para normalizar a respiração e continuou:

— Uma coisa, porém, é certa. Dentre as quatro, a primeira vítima foi a própria filha do líder.

Aomame franziu o cenho. Seus músculos faciais começaram a se movimentar de modo autônomo, alterando enormemente sua fisionomia. Ela tentou dizer algo, mas não conseguiu articular as palavras.

— É isso mesmo. A primeira menina que esse homem estuprou foi a própria filha. Isso foi há sete anos, quando ela tinha 10 anos — disse a velha senhora.

A velha senhora pegou o interfone e pediu a Tamaru uma garrafa de xerez e duas taças. Enquanto elas o aguardavam, cada uma, em silêncio, procurava organizar seus pensamentos. Tamaru trouxe no

carrinho uma garrafa nova de xerez e duas elegantes taças de fino cristal. Após colocar a garrafa e as taças sobre a mesa, ele abriu o xerez com gestos firmes e precisos, como a torcer o pescoço de uma galinha. Em seguida, serviu a bebida nas taças de maneira pomposa. Com o gesto de aprovação da velha senhora, ele fez uma breve reverência e, como sempre, deixou a sala sem proferir uma única palavra e sem se fazer ouvir.

“Não era apenas a questão do cachorro”, pensou Aomame. Tamaru também estava profundamente magoado pelo sumiço da menina, bem diante de seus olhos, e por ela ser uma pessoa tão querida pela velha senhora. Mas não era sua responsabilidade. Ele não morava no local de trabalho e, a não ser em casos especiais, no final do dia voltava a pé para casa, a dez minutos dali. Tanto a morte da cadela quanto o desaparecimento da menina ocorreram durante a noite. E ambas as situações pareciam inevitáveis. Sua responsabilidade era proteger a velha senhora e a mansão dos salgueiros, e seria difícil cuidar igualmente do abrigo, no terreno ao lado da mansão. Mesmo assim, para Tamaru, os acontecimentos eram entendidos como uma falha pessoal, uma afronta imperdoável.

— Você está preparada para dar um jeito nele? — a velha senhora perguntou.

— Estou — Aomame prontamente respondeu.

— O serviço não será fácil — disse a velha senhora. — Bem, sempre que solicitamos a você um trabalho, significa que não é fácil. Mas desta vez trata-se de algo *excepcionalmente difícil*. Farei o possível para ajudá-la, mas não posso garantir sua total segurança. Esse serviço é muito mais arriscado do que os outros que você fez.

— Estou ciente disso.

— Eu já disse antes que não queria te mandar para um local perigoso, mas, honestamente, nesse caso as opções são muito limitadas.

— Tudo bem — disse Aomame. — Não podemos deixar esse homem viver.

A velha senhora pegou a taça e tomou um pequeno gole de xerez. Novamente, ficou um bom tempo olhando os kinguios.

— Nas tardes de verão, sempre gostei de tomar xerez em temperatura ambiente. Em dias quentes, não gosto de bebida gelada. Após uma taça de xerez, costumo tirar um cochilo. Quando menos espero, já estou dormindo. Ao acordar, não sinto mais tanto calor. Às vezes penso em como seria bom morrer assim. Tomar uma taça de xerez numa tarde de verão, deitar no sofá, dormir e nunca mais acordar...

Aomame pegou sua taça e também tomou um gole. Ela não apreciava muito o gosto da bebida, mas uma coisa era certa, naquele

momento ela precisava beber algo. Ao contrário de quando tomou o chá gelado, desta vez conseguiu sentir o gosto da bebida. Sentiu na língua o gosto forte e intenso do álcool.

— Gostaria que você me respondesse com toda a sinceridade — disse a velha senhora. — Você tem medo de morrer?

Aomame não levou muito tempo para responder e, balançando a cabeça, disse:

— O que sinto não é bem medo. Principalmente levando em conta a vida que levo.

A velha senhora abriu um singelo sorriso. Ela parecia estar um pouco mais rejuvenescida. Os lábios haviam recuperado a vitalidade. Conversar com Aomame estava lhe fazendo bem, ou a pequena quantidade de xerez começava a fazer efeito.

— Mas você tem um certo homem de quem gosta, não tem?

— Sim, eu tenho. Mas a possibilidade de ficar com ele é praticamente nula. Por isso, mesmo que eu morra, não tenho praticamente nada a perder.

A velha senhora estreitou os olhos.

— Existe algum motivo concreto para você achar que não vai ficar com ele?

— Nenhum em especial — respondeu Aomame. — A não ser o fato de eu ser quem sou.

— Você não tem nenhuma intenção de procurá-lo?

Aomame balançou a cabeça negativamente.

— O mais importante para mim é saber que eu o desejo do fundo do meu coração.

A velha senhora olhou para Aomame admirada.

— Você é uma pessoa muito determinada.

— A necessidade me tornou assim — disse ela, encostando a taça de xerez nos lábios e apenas fingindo beber. — Não sou assim porque quero.

Durante um breve espaço de tempo, o silêncio reinou absoluto na sala. Os lírios pendiam cada vez mais e os kinguios nadavam em meio à estranha refração criada pela luminosidade.

— É possível criar uma situação em que você e o líder fiquem a sós — disse a velha senhora. — Não vai ser fácil e pode levar um certo tempo. No entanto, posso conseguir isso. Então você fará *o que sempre fez*. Mas, desta vez, você terá de desaparecer. Terá de fazer uma cirurgia plástica no rosto. E, claro, terá de largar esse trabalho e mudar-se para um lugar bem distante. Também terá de mudar de nome. Jogar fora tudo o que é seu. Você se tornará outra pessoa. Obviamente, você será generosamente recompensada. Assumirei todas as demais responsabilidades. Está de acordo?

— Como acabei de dizer, não tenho nada a perder. Trabalho,

nome, a vida que tenho em Tóquio; isso tudo não tem nenhum significado especial. Não tenho nenhuma objeção — disse Aomame.

— Mesmo mudando seu rosto?

— Será que vou ficar melhor?

— Se você quiser, é possível — respondeu a velha senhora, com uma expressão séria no rosto. — É claro que existe um certo limite, mas podemos mudar seu rosto da forma que você desejar.

— Vou aproveitar e pedir para aumentar os seios.

A velha senhora assentiu.

— Acho uma boa ideia. Quero dizer, vai ajudar a enganar as pessoas.

— É brincadeira — disse Aomame, atenuando a expressão. — Não posso me gabar, mas não me importo de mantê-los como são. São leves e fáceis de carregar. Vai ser muito trabalhoso ter de comprar sutiãs de outro tamanho.

— Se esse for o motivo, posso comprar quantos você quiser.

— Isso também é uma brincadeira — disse Aomame.

A velha senhora sorriu.

— Desculpe-me. É que não estou acostumada a vê-la brincar.

— Não vejo problema em fazer plástica — disse Aomame. — Nunca pensei em fazer esse tipo de cirurgia, mas também não tenho nenhuma objeção. Eu mesma nunca gostei muito do meu rosto e tampouco tive alguém que gostasse dele.

— Você também terá de deixar seus amigos.

— Não tenho ninguém a quem chamar de amigo — respondeu Aomame. Mas logo se lembrou de Ayumi. Talvez sentisse sua falta caso Aomame sumisse para sempre. Ou se sentisse traída com essa atitude. Mas, desde o início, Aomame sabia que seria difícil manter a amizade. Era arriscado demais ter uma amiga que trabalhava na polícia.

— Eu tive dois filhos — disse a velha senhora. — Um menino e uma menina, três anos mais nova. Minha filha morreu. Como você já sabe, ela se suicidou. Ela não teve filhos. O meu filho, por inúmeros motivos, não se dá bem comigo. Há tempos que não nos falamos. Tenho três netos, mas não os vejo há muito tempo. Porém, quando eu morrer, a maior parte da minha fortuna será herdada por esse meu filho e pelos três netos. Isso ocorre automaticamente. Hoje, ao contrário de antigamente, o testamento por escrito não tem muita validade. De qualquer modo, por enquanto tenho dinheiro suficiente para viver bem. Se você conseguir cumprir essa tarefa, minha intenção é doar para você uma grande parte da minha fortuna. Por favor, não me leve a mal. Não pense que estou te comprando com esse dinheiro. O que estou tentando dizer é que considero você como minha filha. Para falar a verdade, eu queria muito que você realmente fosse minha

filha.

Aomame observou em silêncio a velha senhora, que havia notado de súbito que ainda segurava a taça de xerez e a colocou sobre a mesa. Depois, a velha senhora reclinou-se novamente e, observando as belíssimas pétalas dos lírios, sentiu seu intenso perfume, para em seguida retribuir o olhar de Aomame.

— Como eu disse anteriormente, minha intenção era adotar Tsubasa e cuidar dela. Mas, no final, eu a perdi. Não pude sequer ajudá-la. Fiquei de braços cruzados acompanhando ela partir sozinha pela escuridão da noite. E agora estou te mandando para um local que pode ser o mais perigoso de todos. Eu não queria fazer isso. Mas não há outra saída se quisermos cumprir nosso objetivo. A única coisa que posso fazer é proporcionar uma boa compensação material.

Aomame ouvia atentamente o que a velha senhora lhe dizia. Quando ela se calou, Aomame escutou o gorjear dos pássaros do lado de fora, até o momento em que voaram para outro lugar.

— Haja o que houver, é preciso dar um *jeito* nesse homem — disse Aomame. — Neste momento, é a coisa mais importante a fazer. Agradeço muito sua consideração por mim. A senhora deve saber que tive motivos para deixar os meus pais. E que meus pais também tiveram motivos para me abandonar quando eu era criança. Para trilhar meu caminho, foi inevitável ter de renunciar aos laços afetivos com a família. Precisei adaptar os meus sentimentos para conseguir viver sozinha. Não foi fácil. Às vezes, eu me sentia um lixo. Um resto humano imundo e sem valor. Por isso, sinto muita gratidão por suas palavras. Mas agora é tarde para eu mudar o meu jeito de pensar e viver. No entanto, o caso de Tsubasa é diferente. Ela ainda tem salvação. Por favor, não desista dela tão facilmente. Não perca as esperanças de tentar trazê-la de volta.

A velha senhora concordou.

— Acho que me expressei mal. É claro que eu não desisti de Tsubasa. Farei de tudo para trazê-la de volta. No entanto, como você pode perceber, agora me sinto muito cansada. O fato de eu não ter conseguido ajudá-la me causou um profundo sentimento de impotência. Preciso de tempo para recuperar minhas energias. E o cansaço pode ser por conta da idade; por mais tempo que eu espere, talvez não consiga recuperar minha energia de outrora.

Aomame levantou-se do sofá e foi para perto da velha senhora. Sentou-se no braço da poltrona e segurou suas mãos finas e elegantes.

— A senhora é uma mulher de garra e, mais do que ninguém, conseguirá criar forças para sobreviver. Agora a senhora está chocada e se sente cansada. Deite-se e tente descansar um pouco. Quando acordar, com certeza já estará se sentindo melhor.

— Obrigada — disse a velha senhora, segurando a mão de

Aomame. — Realmente, o melhor a fazer é dormir um pouco.

— Eu já vou me retirar — disse Aomame. — Aguardarei o seu contato. Vou deixar tudo em ordem. Mesmo não tendo muitas coisas.

— Ajeite as coisas de modo que você possa se mudar a qualquer hora. Se faltar algo, posso providenciar rapidamente.

Aomame soltou a mão da velha senhora.

— Boa noite. Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

A velha senhora concordou e fechou os olhos. Aomame olhou novamente o aquário sobre a mesa e, após inspirar profundamente o perfume dos lírios, deixou para trás a sala de pé-direito alto.

Tamaru a aguardava no terraço da entrada. Eram cinco horas, mas o sol ainda estava alto e seus raios ainda não tinham perdido a intensidade. Os sapatos de cordovão preto — sempre impecavelmente lustrados — refletiam a luz do sol a ponto de ofuscar a vista. E, a despeito de haver algumas nuvens brancas no céu, elas se agrupavam num canto, como se não quisessem atrapalhar o sol. Ainda era cedo para terminar a época das chuvas, mas, ultimamente, os dias eram como os de pleno verão. As cigarras cantavam em meio às árvores do jardim. O canto, porém, não era tão vigoroso. Elas pareciam cerimoniais, apesar de seguramente anunciarem a chegada do calor. O mundo mantinha sua ordem: as cigarras cantavam, as nuvens de verão passeavam no céu e os sapatos de couro de Tamaru não apresentavam manchas. O estranho era que, para Aomame, tudo era uma novidade. Era novidade perceber que o mundo conservava as coisas sem alterá-las.

— Tamaru, será que podemos conversar um pouco? Você tem um tempo? — perguntou Aomame.

— Tudo bem — respondeu Tamaru, sem mudar a expressão. — Estou com tempo. Aliás, passar o tempo é uma das funções do meu trabalho — disse, sentando-se numa das cadeiras do jardim em frente ao terraço. Aomame sentou-se ao lado dele. O beiral do telhado bloqueava os raios de sol, e os dois ficaram protegidos por uma sombra fresca. Sentia-se o aroma das plantas em broto.

— Chegou o verão — disse Tamaru.

— As cigarras começaram a cantar — disse Aomame.

— Este ano as cigarras começaram a cantar mais cedo. Daqui a pouco, esta área vai começar a ficar barulhenta. A ponto de doer os ouvidos. Quando estive numa cidade próxima às cataratas do Niágara, o canto das cigarras também era ensurdecedor. Uma cantoria ininterrupta, de manhã até a noite. Um milhão de cigarras de tudo quanto é tamanho, cantando ao mesmo tempo.

— Então quer dizer que você já esteve nas cataratas do

Niágara.

Tamaru confirmou.

— Era a cidade mais entediante do mundo. Fiquei naquele lugar durante três dias, sozinho, sem fazer absolutamente nada, apenas escutando o barulho das cataratas. E o barulho era tamanho que eu não conseguia sequer ler um livro.

— O que você foi fazer três dias, sozinho, nas cataratas?

Tamaru não respondeu. Limitou-se a balançar discretamente a cabeça.

Tamaru e Aomame permaneceram em silêncio durante um tempo, escutando atentamente o modesto canto das cigarras.

— Queria te pedir um favor — disse Aomame.

Isso despertou o interesse de Tamaru. Aomame não era de pedir favores.

— É um pedido um tanto incomum e, por isso, espero que não me leve a mal — disse ela.

— Não sei se vou poder ajudá-la, mas não custa nada ouvir. Por uma questão de educação, nunca me recuso a escutar o pedido de uma dama.

— Preciso de uma pistola — disse Aomame com frieza. — Uma que caiba na bolsa. Que não dê um coice muito forte, mas de alto poder destrutivo, confiável. Não pode ser uma arma reconcondicionada, ou uma cópia fabricada nas Filipinas. Se eu for usá-la, será uma única vez. Basta ter uma única bala.

Houve um silêncio, durante o qual Tamaru não tirou os olhos de Aomame. Seu olhar não se movia um milímetro.

Ele respondeu calmamente, chamando sua atenção:

— Neste país, pela lei, o cidadão comum é proibido de portar armas. Você sabe disso, não sabe?

— É claro que sei.

— Quero deixar bem claro que nunca fui acusado criminalmente — disse Tamaru. — Em outras palavras, não tenho antecedentes. Não vou negar que já cometi alguns deslizes, mas, como nunca fui fichado, sou um cidadão que se pode considerar perfeito. Íntegro e imaculado. Sou gay, mas isso não é contra a lei. Pago corretamente os impostos e posso votar nas eleições, apesar de meus candidatos nunca serem eleitos. Pago todas as multas de trânsito dentro do prazo e, nesses últimos dez anos, nunca fui autuado por excesso de velocidade. Estou inscrito no Seguro Nacional de Saúde. Debito os impostos de transmissão da NHK na minha conta bancária e tenho os cartões American Express e Mastercard. Apesar de não pensar nisso agora, se eu quisesse, poderia fazer um empréstimo de trinta anos para adquirir a casa própria. Isso tudo me deixa muito satisfeito. Você está pedindo que uma pessoa considerada exemplar lhe arrume

uma arma. Está ciente disso?

— É por isso que disse para você não levar a mal o meu pedido.

— Realmente, foi o que você disse.

— Sinto muito, mas é que não conheço mais ninguém para pedir isso.

Tamaru fez um barulho abafado e quase imperceptível no fundo da garganta.

— Vamos supor que eu tenha condições para conseguir uma arma. Nesse caso, seria ajuizado eu lhe fazer a seguinte pergunta: “Afinal, em quem você pretende atirar?”

Aomame apontou a própria têmpora com o dedo indicador:

— Possivelmente, aqui.

Tamaru ficou observando o dedo de Aomame, sem demonstrar qualquer tipo de reação.

— A próxima pergunta seria: “Por quê?”

— Porque eu não quero ser capturada. Não tenho medo de morrer. No caso de ser presa, sei que sentirei medo e será desagradável, mas isso é algo que posso suportar. O problema, no entanto, é ser capturada por um bando que não conheço e ser torturada por eles. Não quero ter de revelar nomes. Você me entende, não é?

— Entendo.

— Não tenho intenção de matar ninguém e tampouco pretendo assaltar um banco. Por isso, não preciso de uma arma exagerada como uma semiautomática de vinte tiros. O que eu quero é uma arma compacta e de coice reduzido.

— Que tal veneno? É bem mais fácil de conseguir.

— Leva muito tempo pegar o veneno e tomá-lo. Antes de eu morder a cápsula, alguém pode meter a mão na minha boca e me impedir de engolir. Se eu tiver uma arma, posso impedir a aproximação do inimigo e, também, pôr um ponto final na situação.

Tamaru ficou um bom tempo pensando sobre isso. A sobrancelha direita arqueou-se levemente.

— Eu preferia não te perder — disse Tamaru. — Até que eu gosto de você. Pessoalmente, quero dizer.

Aomame esboçou um leve sorriso.

— Você quer dizer, como uma pessoa do sexo feminino?

Sem alterar a expressão, Tamaru respondeu:

— Não importa se é homem, mulher ou mesmo um cachorro; são poucos os indivíduos de quem realmente gosto.

— Entendo — disse Aomame.

— Além disso, a minha principal função como subordinado é garantir o bem-estar e a saúde da madame. E, nesse sentido, sou um

profissional.

— Isso está mais que óbvio.

— Sendo assim, vou ver o que posso fazer. Mas não garanto nada. Talvez eu consiga encontrar algum conhecido que possa ajudar. No entanto, esse é um assunto extremamente delicado. Não se trata de comprar um cobertor elétrico pelo correio. Vou precisar de pelo menos uma semana para te dar uma resposta.

— Por mim, tudo bem — disse Aomame.

Tamaru fechou um pouco os olhos para ouvir as cigarras cantando nos arvoredos.

— Vou rezar para que tudo corra bem. Dentro das possibilidades, farei o que estiver ao meu alcance.

— Obrigada. O próximo trabalho provavelmente será o meu último. Talvez eu nunca mais te encontre.

Tamaru esticou os braços, as palmas para cima, como um homem esperando a chuva no meio do deserto. Mas não disse nada. Suas mãos eram grandes e volumosas, e nelas havia algumas cicatrizes. Pareciam mais a parte de uma enorme máquina do que de um corpo humano.

— Não gosto de dizer adeus — disse Tamaru. — Eu não tive oportunidade de dizer adeus aos meus pais.

— Eles morreram?

— Não sei se estão vivos ou mortos. Eu nasci na ilha de Sacalina, um ano antes do fim da guerra. Naquela época, a parte sul da ilha era território japonês e se chamava Karafuto. No verão de 1945, o exército russo ocupou essa área e meus pais foram capturados como prisioneiros de guerra. Se não me engano, meu pai trabalhava nas instalações portuárias. A maioria dos japoneses civis capturados foi rapidamente repatriada, mas, como meus pais eram coreanos que foram trabalhar na ilha, não puderam voltar ao Japão. O governo japonês negou a volta deles alegando que, com o fim da guerra, os coreanos não eram mais considerados súditos do império japonês. É uma história horrível. Não houve um pingo de boa vontade por parte do governo japonês. Se meus pais quisessem, poderiam voltar para a Coreia do Norte, mas não para a Coreia do Sul, porque, naquela época, a União Soviética não reconhecia a Coreia do Sul como país. Meus pais eram de uma vila de pescadores nos arredores de Pusan, não queriam ir para a Coreia do Norte. Eles não tinham parentes e não conheciam ninguém lá. Eu, que ainda era bebê, fui entregue a um casal de japoneses que retornavam para o Japão, e foi assim que cheguei a Hokkaido. Era uma época em que a situação da ilha de Sacalina era lastimável. Faltava comida, e os soldados russos tratavam muito mal os prisioneiros. Meus pais tinham outros filhos pequenos, não havia como cuidar de mim naquele lugar. Eles me mandaram para

Hokkaido com a esperança de nos reencontrarmos. Ou quem sabe apenas encontraram um jeito viável para se livrar de mim. Não sei os detalhes. De qualquer modo, nunca mais nos vimos. Acho que meus pais ainda vivem na ilha de Sacalina, se estiverem vivos.

— Você não se lembra de seus pais?

— Não tenho nenhuma lembrança. Eu tinha um ano e pouco quando me separei deles. O casal cuidou de mim durante um tempo, mas depois me colocaram num orfanato no meio das montanhas, perto da cidade de Hakodate. Acho que esse casal também não tinha mais condições de cuidar de mim. O orfanato era administrado por um grupo de católicos, e era um lugar muito difícil para se viver. Logo após o término da guerra, surgiram muitos órfãos, e o local carecia de comida e calefação. Para sobreviver, era preciso fazer muitas coisas — disse Tamaru, olhando rapidamente o dorso da mão direita. — Lá fui adotado formalmente. Fui registrado como japonês e me deram um nome japonês: Ken'ichi Tamaru. Meu sobrenome verdadeiro é Park, mas existem milhões de coreanos com esse sobrenome. Tanto quanto as estrelas no céu.

Aomame e Tamaru estavam sentados lado a lado, atentos ao canto das cigarras.

— Você devia arrumar outro cachorro — disse Aomame.

— A madame também me disse isso. Que é preciso ter um novo cão de guarda no abrigo. Mas ainda não consigo aceitar essa ideia.

— Entendo o que você está sentindo, mas é melhor encontrar um. Não sou a pessoa mais apropriada para dar conselhos, mas acho que é o melhor a fazer.

— Vou providenciar — disse Tamaru. — Realmente, é necessário ter um cão de guarda devidamente treinado. Vou entrar em contato com o canil o quanto antes.

Aomame olhou o relógio e se levantou. Ainda faltava um tempo até o pôr do sol, mas o céu já dava indícios de anoitecer. Um azul diferente, mesclando-se ao azul da tarde. Seu corpo sentia sutilmente os efeitos do xerez. Será que a velha senhora ainda estaria dormindo?

— Segundo Tchekhov — disse Tamaru, levantando-se lentamente —, se uma arma aparece na história, ela tem de ser disparada.

— Como assim?

Tamaru ficou de frente para Aomame. Ele era um pouco mais alto que ela.

— Ele quer dizer que não se deve inserir numa história um objeto desnecessário. Se aparecer uma pistola, em algum momento ela deve ser disparada. Tchekhov gostava de escrever histórias sem

ornamentos supérfluos.

Aomame ajeitou as mangas do vestido e colocou a bolsa no ombro.

— Pelo visto, isso te preocupa. Você acha que, se eu tiver uma pistola, vou ter de necessariamente usá-la em algum momento.

— Do ponto de vista de Tchekhov, sim.

— Sendo assim, você prefere não me entregar a arma.

— É perigoso e ilegal. Além do mais, Tchekhov é um escritor confiável.

— Mas isso não é uma ficção. Estamos falando do mundo real.

Tamaru estreitou os olhos e mirou atentamente o rosto de Aomame. Em seguida, abriu lentamente a boca para dizer:

— Quem pode afirmar isso?

Tengo

Não possuo nada além da minha alma

Tengo posicionou o disco da *Sinfonietta* de Janáček no toca-discos e apertou a tecla de reprodução automática. Era uma interpretação da Orquestra Sinfônica de Chicago sob a regência de Seiji Ozawa. Assim que o disco começou a girar no prato, a uma velocidade de trinta e três rotações por minuto, o braço movimentou-se em direção ao disco e a agulha pousou suavemente no sulco periférico. Dos alto-falantes, os acordes iniciais dos instrumentos de sopro foram seguidos do imponente som dos tímpanos. Era o trecho de que Tengo mais gostava.

Enquanto ouvia a música, ele digitava o texto diante da tela do processador. Ouvir diariamente a *Sinfonietta* de Janáček nas primeiras horas da manhã era um de seus hábitos cotidianos. Ela passara a ter um sentido especial para Tengo desde o colegial, quando precisou, de última hora, tocar como percussionista de uma banda. Desde então, sempre que a escutava, se sentia motivado e seguro. Pelo menos, para ele, era isso o que a música proporcionava.

Às vezes, ele escutava a *Sinfonietta* com sua namorada mais velha. “Não é ruim”, disse ela. No entanto, mais do que de música clássica, ela gostava mesmo era dos discos antigos de jazz. Quanto mais antigos, melhor. Um gosto inusitado para uma mulher da idade dela. O seu preferido era uma coletânea de blues de W.C. Handy, interpretada pelo então jovem Louis Armstrong, acompanhado por Barney Bigard no clarinete e Trummy Young no trombone. Ela chegou a dar esse disco de presente para Tengo, não exatamente para ele, mas para que ela pudesse ouvi-lo.

Os dois costumavam ouvir esse disco na cama depois de fazerem sexo. E, a despeito de escutá-lo inúmeras vezes, ela nunca se enjoava das músicas.

— O jeito de Louis cantar e tocar o trompete é, sem dúvida, maravilhoso; sua performance é incontestável, mas, na minha opinião, no que você não pode deixar de prestar atenção é no clarinete de Barney Bigard — disse ela. Naquele disco, eram raros os trechos em que ele tocava solo, e eles não passavam de simples e breves *chorus*. É claro que isso ocorria porque o intérprete principal do disco era Louis Armstrong. No entanto, ela gostava tanto dos solos de Bigard que os sabia todos de cor, a ponto de acompanhá-lo cantarolando baixinho.

Ela explicou que achava que havia clarinetistas de jazz melhores que Barney Bigard, mas nenhum deles conseguia tocar o instrumento com a emotividade e a sensibilidade dele. Sua interpretação — quando magistral — sempre evocava um cenário mental particular. Mas, apesar de ela comentar essas coisas, Tengo, a bem da verdade, não sabia quem eram esses outros clarinetistas. Mas, de tanto ouvir aquele disco, ele foi gradativamente aprendendo a reconhecer que, mesmo sem se impor, a performance do clarinete proporcionava um belo cenário, repleto de imaginação e criatividade. No entanto, para apreciar tal performance, era necessário ouvi-lo atentamente. E ter um guia competente. Para não perder os detalhes, não se podia ouvi-lo sem prestar a devida atenção.

— Barney Bigard toca excepcionalmente bem, como um jogador genial da segunda base — ela disse certa vez. — Seu solo é maravilhoso, mas é quando está acompanhando outros músicos que o seu talento se manifesta plenamente. Ele toca trechos difíceis como se fossem fáceis. Somente um ouvinte atento consegue reconhecer esse mérito.

Toda vez que tocava a sexta música do Lado B do LP *Atlanta Blues*, ela segurava alguma parte do corpo de Tengo e elogiava a performance do solo conciso e primoroso de Bigard. Um pequeno solo inserido entre a parte vocal e o solo de trompete de Louis Armstrong.

— Ouça bem. De repente, logo no começo, temos um extenso bramido, como o súbito grito de uma criança. Seria um grito de medo? Um rompante de alegria? Ou alguém lamentando a má sorte? Um tempo depois, ele se transforma num suspiro de alegria que serpenteia ao longo de um belo curso de água, até ser completamente absorvido em algum lugar encantador e desconhecido. Você ouviu? Somente ele, e mais ninguém, consegue tocar um solo capaz de provocar emoções tão intensas. Jimmie Noone, Sidney Bechet, Pee Wee Russell e Benny Goodman também são excelentes clarinetistas, mas nenhum é um artesão capaz de transformar sua performance em uma peça primorosa.

— Como é que você sabe tudo isso sobre jazz? — Tengo indagou.

— Existem muitas coisas do meu passado que você não sabe. Um passado que ninguém poderá mudar — disse ela, acariciando os testículos de Tengo.

Após terminar o trabalho da manhã, Tengo caminhou até a estação e comprou um jornal no quiosque. Em seguida, entrou numa cafeteria e pediu o café da manhã padrão, acompanhado de torrada com manteiga e um ovo cozido. Enquanto aguardava o pedido, ele lia o

jornal e bebia o café. Conforme Komatsu tinha previsto, havia um artigo sobre Fukaeri na seção de notícias locais. A reportagem não era muito grande. Ocupava a metade inferior da página, logo acima de uma propaganda de carros da Mitsubishi. A chamada era “Famosa escritora, estudante do colegial, desapareceu?”.

Na tarde do dia ... foi confirmado o desaparecimento de Fukaeri, pseudônimo de Eriko Fukada (17), autora do best-seller *Crisálida de ar*. Quem entrou com a ação de busca na Delegacia de Polícia de Oume foi seu tutor, o antropólogo cultural Takayuki Ebisuno (63). Na noite de 27 de junho, Eriko não voltou para a casa de Oume nem para o apartamento de Tóquio e, desde então, não se têm notícias dela. Em entrevista por telefone, Ebisuno informou que, quando a viu pela última vez, ela estava muito bem, como sempre, e ele não soube informar o motivo de seu desaparecimento. Como ela costumava avisar quando não voltava para casa, Ebisuno está preocupado com a possibilidade de que algo tenha acontecido com ela. O editor responsável pela publicação da *Crisálida de ar*, Yûji Komatsu, da editora ..., disse: “O livro está no topo da lista de mais vendidos nas últimas seis semanas e, apesar da grande repercussão, a senhorita Fukada não queria se expor à mídia. A editora ainda não tem conhecimento se o desaparecimento dela foi intencional, e se isso está relacionado ao fato de ela não querer se expor. Ela é jovem, muito talentosa, e uma escritora de futuro promissor. Espero revê-la com saúde o mais breve possível.” A polícia investiga o caso, e considera várias hipóteses.

“Na atual conjuntura, os jornais só poderiam escrever coisas desse tipo”, pensou Tengo. Se a notícia fosse veiculada de modo sensacionalista e, no decorrer de dois dias, Fukaeri voltasse para casa como se nada tivesse acontecido, o repórter responsável pelo artigo passaria vergonha, e o jornal cairia em desprestígio. O mesmo poderia se dizer da polícia. A princípio, os jornais e a polícia apenas divulgavam declarações concisas e neutras, como se estivessem num balão de observação aguardando o rumo dos acontecimentos. Somente quando as revistas semanais e os noticiários da TV colocassem em pauta o assunto era que a repercussão sobre o desaparecimento de Fukaeri começaria a tomar vulto. Era só uma questão de tempo.

Mas não havia dúvidas de que, cedo ou tarde, o assunto se tornaria a manchete do dia. A *Crisálida de ar* era um best-seller, e a autora, Fukaeri, uma garota bonita de 17 anos que chamava a

atenção. E o fato é que ninguém sabia o paradeiro dela. Impossível isso não causar uma enorme repercussão. Apenas quatro pessoas no mundo sabiam que Fukaeri não fora sequestrada e que estava sozinha, escondida em local seguro: a própria Fukaeri, claro, além de Tengo, o professor Ebisuno e sua filha Azami. Ninguém mais sabia que o desaparecimento dela era uma farsa para atrair a atenção do público.

Tengo, porém, não conseguia discernir se o fato de ele saber disso seria motivo de alegria ou preocupação. Deveria ser de alegria. Afinal, não precisaria ter de se preocupar com ela. Fukaeri estava num local seguro. Por outro lado, tornava-se evidente que ele estava envolvido numa intrincada conspiração. Era como se o professor Ebisuno tivesse usado uma alavanca para erguer uma enorme e sinistra rocha, de forma que os raios solares incidissem no local, e aguardava, na espreita, o que surgiria lá de baixo. E Tengo foi obrigado a ficar ao lado dele, a contragosto, sem nenhum interesse em saber o que estava para surgir. Se ele pudesse escolher, preferiria não ter de ver, pois certamente seria algo incômodo e desagradável. Ao mesmo tempo, algo nele dizia que não podia deixar de presenciá-lo.

Após beber o café e comer a torrada e o ovo, Tengo deixou o jornal que acabara de ler e saiu da cafeteria. Voltou ao apartamento, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para ir à escola preparatória.

No intervalo do almoço, Tengo recebeu a visita de um desconhecido. Ele tinha acabado de dar as aulas da manhã e descansava na sala dos professores, aproveitando o horário para ler alguns jornais matutinos que ainda não tinha visto. A secretária do diretor se aproximou dizendo que uma pessoa queria falar com ele. Ela era um ano mais velha que ele; uma mulher muito competente. Apesar de ocupar o cargo de secretária, na prática resolvia a maior parte dos assuntos administrativos da escola. Seu rosto não tinha uma proporção harmoniosa para que fosse bela, mas, em compensação, tinha estilo e um tremendo bom gosto ao se vestir.

— É um senhor chamado Ushikawa — disse ela.

Tengo não se lembrava de ter ouvido aquele nome antes.

A secretária franziu levemente as sobrancelhas, mas Tengo não entendeu o motivo de ela agir assim.

— Ele disse que era um assunto muito importante e que, se possível, gostaria de falar em particular.

— Assunto importante? — disse Tengo, surpreso. Nunca ninguém o procurara na escola para tratar de algum assunto importante.

— A sala de visitas estava desocupada e, por isso, levei ele até

lá. Mas saiba que a sala não pode ser usada por professores a qualquer hora.

— Muito obrigado — agradeceu Tengo, cuidando em esboçar um belo sorriso, reservado para situações como aquela.

Ela simplesmente ignorou o sorriso e, fazendo girar a barra da jaqueta da nova coleção de verão da Agnès B, saiu rapidamente dali.

Ushikawa era baixo e aparentava cerca de 45 anos. Era troncudo, sem cintura, e a gordura começava a se agrupar ao redor do pescoço. Em relação à idade, Tengo não estava certo. Graças a essa aparência singular (ou melhor, incomum), era difícil encontrar elementos concretos para adivinhar sua idade. Poderia ser mais velho ou mais novo. Qualquer idade entre 32 e 56 anos seria plausível, sem motivos para contestação. Os dentes eram desalinhados, e a coluna arqueada num ângulo esquisito. O alto da cabeça era grande, estranhamente achatado e calvo, com as pontas dos cabelos recurvas. Lembrava um heliporto militar construído estrategicamente no alto de uma colina. Tengo vira um desses num documentário sobre a guerra do Vietnã. Os poucos cabelos pretos, de fios grossos e crespos, que ainda se agarravam ao redor da calvície estavam tão compridos que, em desalinho, cobriam as orelhas. De cem pessoas, noventa e oito certamente associariam aqueles cabelos a pelos pubianos. Quanto às outras duas, Tengo não tinha ideia do que poderiam pensar.

Aquele homem tinha o rosto e o corpo assimétricos. Assimetria que logo saltou aos olhos de Tengo. De modo geral, o lado direito e o esquerdo do corpo são ligeiramente desiguais, mas isso pode ser considerado normal. O próprio Tengo tinha o formato da pálpebra direita um pouco diferente do da esquerda; e o testículo esquerdo também ficava um pouco abaixo do direito. O nosso corpo não é um produto fabricado em massa, com medidas padronizadas. No entanto, a diferença entre o lado esquerdo e o direito daquele homem extrapolava os limites do que se consideraria aceitável. Aquele desequilíbrio, que qualquer um podia notar, provocava em seu interlocutor um incômodo estado de nervos. Um desconforto como o de ver a própria imagem refletida num espelho distorcido, o que, ainda por cima — por refletir a imagem nitidamente —, provocava uma certa irritação.

O terno cinza que ele vestia, de tão amarrotado, lembrava uma terra devastada pela passagem de uma geleira. Uma das pontas da gola da camisa branca estava virada para fora, e o nó da gravata torto como se estivesse se contorcendo, chateado por estar naquele lugar. O terno, a gravata e a camisa eram de tamanhos ligeiramente diferentes do que deveriam ser. O padrão da gravata parecia um desenho impressionista de algum estudante de belas-artes sem aptidão, inspirado num emaranhado de fios de macarrão de trigo sarraceno.

Todas as peças de sua roupa pareciam ter sido compradas em liquidação para atender uma necessidade imediata. Mas, ao observá-las durante um tempo, Tengo passou a sentir pena daquelas roupas por terem de vestir um homem como aquele. Apesar de Tengo não se importar muito com as roupas que ele próprio usava, estranhamente reparava no modo de vestir dos outros. E, dentre as pessoas que ele conhecera nos últimos dez anos, sem dúvida aquele homem seria um dos primeiros de uma seleta lista de malvestidos. Não era só o fato de se vestir mal, mas a impressão de profanar intencionalmente o conceito de vestuário.

Assim que Tengo entrou na sala, o homem se levantou, pegou um cartão de visitas do porta-cartões e entregou a ele, com um breve gesto de reverência. Nele havia o nome escrito em japonês e, logo abaixo, transcrito em alfabeto romano: Toshiharu Ushikawa. O cargo especificado era o de “Diretor Efetivo, Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. A sede ficava em Kôjimachi, distrito de Chiyoda, e constava também o número do telefone. Tengo não tinha ideia do que era essa associação intitulada “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”, nem o que fazia alguém com o cargo de diretor efetivo. O cartão, porém, era bonito e muito bem-feito, com o logotipo em alto-relevo. Não parecia ter sido confeccionado às pressas. Após observar o cartão, Tengo olhou novamente o rosto de Ushikawa e constatou que dificilmente alguém provocaria uma impressão tão inapropriada como a dele para ocupar o cargo de diretor efetivo da Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes.

Cada um se sentou numa poltrona, com uma mesa de centro baixa entre eles, e, um de frente para o outro, se entreolharam. O homem pegou um lenço e, após esfregar várias vezes a testa para enxugar o suor, guardou o lastimável pedaço de pano no bolso do paletó. A moça da recepção serviu-lhes chá. Tengo agradeceu a gentileza. Ushikawa não disse nada.

— Desculpe-me vir aqui, sem marcar hora, e incomodá-lo durante o intervalo — disse Ushikawa. As palavras, a princípio, eram polidas e educadas, mas a entonação soava estranhamente informal, o que não agradou a Tengo. — O senhor já almoçou? Se preferir, podemos sair para comer alguma coisa e conversar durante a refeição...

— Durante o expediente não costumo almoçar — disse Tengo. — Somente após terminar as aulas da tarde é que como alguma coisa leve. Por isso, não se incomode.

— Está bem. Então conversaremos aqui mesmo. É um local tranquilo e, ao que parece, podemos conversar sem ser importunados — disse ele, avaliando a sala de visitas. O aposento não era grande.

Havia um quadro enorme pendurado na parede com uma montanha pintada a óleo. O quadro impressionava mais pelo tamanho e peso do que pela pintura. Havia também um vaso com flores que pareciam dalias. Flores embotadas que lembravam mulheres de meia-idade, sem presença de espírito. Tengo não entendia o porquê de uma escola preparatória manter uma sala de visitas tão deprimente como aquela. — Ah! Ia me esquecendo... Como consta no cartão, meu nome é Ushikawa. Meus amigos me chamam de Ushi. Ninguém me chama de Ushikawa, como seria o correto. Apenas Ushi — disse ele sorrindo.

“Amigos? Que tipo de pessoa faria amizade com aquele homem?”, Tengo se perguntou. Era uma indagação de pura curiosidade.

Sinceramente, a primeira impressão que Tengo teve desse Ushikawa era de que fosse *alguma coisa* ruim que surgira de um buraco escuro da terra. Alguma coisa de constituição estranhamente viscosa e desconhecida; alguma coisa que, na verdade, jamais poderia ser exposta à luz do sol. Aquele homem poderia ser um dos que estavam debaixo da rocha e foram atraídos pelo professor Ebisuno. Tengo franziu involuntariamente a sobrancelha e colocou o cartão sobre a mesa. Toshiharu Ushikawa. Era o nome dele.

— Sei que o senhor Kawana está muito ocupado, por isso peço a permissão de pular as preliminares e ir direto ao assunto — disse Ushikawa.

Tengo assentiu, balançando levemente a cabeça.

Ushikawa tomou um gole de chá e começou a falar.

— Creio que o senhor nunca tenha ouvido falar da “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes” (Tengo concordou). Trata-se de uma fundação relativamente nova. Sua atividade principal é selecionar e patrocinar os jovens que desenvolvem trabalhos originais nas áreas de Ciências e Artes, enquanto seus nomes ainda não são publicamente conhecidos. Ou seja, nossa meta é ajudar os jovens que contribuirão para a próxima geração em todas as áreas da cultura japonesa contemporânea. Temos especialistas contratados em todas as áreas para nos ajudar a selecionar os candidatos. Anualmente são escolhidos cinco artistas e pesquisadores que recebem nosso auxílio financeiro. Durante o ano, eles podem fazer o que quiserem, como bem entenderem. Não existe nenhum tipo de restrição. A única coisa que precisam fazer é entregar um relatório no final do ano; mas isso é mera formalidade. Basta relatar, de modo bem simples, as atividades e os resultados obtidos durante o ano para que possamos publicá-lo na revista de nossa fundação. Não existe nada de trabalhoso. Por se tratar de uma

atividade criada recentemente, no momento estamos empenhados em manter um registro formal dos resultados obtidos. Ou seja, estamos em pleno processo de sementeira. Falando em termos práticos, oferecemos um auxílio de três milhões de ienes por ano.

— Muito generoso — disse Tengo.

— Para criar algo importante, ou descobrir alguma coisa importante, é preciso investir tempo e dinheiro. Evidentemente, tempo e dinheiro não bastam para garantir resultados realmente excepcionais, mas digamos que o fato de tê-los não será motivo de transtorno. O tempo é uma grandeza essencialmente limitada. Neste exato momento, o tique-taque do relógio marca incessantemente a sua passagem, e com ele vão se perdendo as oportunidades. Mas o dinheiro pode comprar o tempo. E também a liberdade, se esse for o desejo. As coisas mais importantes que o dinheiro pode comprar são o tempo e a liberdade.

Ao ouvir isso, Tengo olhou instintivamente o relógio de pulso. Realmente, o tique-taque marcava incessantemente a passagem do tempo.

— Desculpe tomar o seu tempo — apressou-se a dizer Ushikawa, ao interpretar aquele gesto como uma indireta. — Serei breve. Obviamente, hoje em dia, três milhões de ienes não são suficientes para se viver na opulência, mas, para um jovem se manter, creio que a quantia seja razoável. A nossa principal intenção é oferecer, durante um ano, condições para que os jovens consigam se empenhar em suas pesquisas e criações artísticas sem a preocupação de trabalhar arduamente para o seu sustento. Se o conselho da diretoria avaliar o relatório final e constatar que a pessoa conseguiu desenvolver o seu trabalho satisfatoriamente naquele ano, existe a possibilidade de o auxílio se estender para o ano seguinte.

Tengo manteve-se quieto, aguardando a continuação da conversa.

— Outro dia tomei a liberdade de assistir, durante uma hora, a uma de suas aulas aqui na escola — disse Ushikawa. — Realmente, foi uma aula muito interessante. Confesso que sou um zero à esquerda em matemática e sempre detestei essa matéria. Na época de escola eu odiava ter de assistir àquelas aulas. Ficava desesperado só de ouvir a palavra matemática e fazia de tudo para escapar. Mas a sua aula... Nossa! Foi muito divertida. É claro que eu não sei nada de cálculo diferencial e integral, mas ao ouvir suas explicações achei o assunto tão interessante que até fiquei com vontade de começar a aprender matemática. Realmente, uma aula formidável. Você tem um talento acima do normal. Talvez seja o caso de dizer que você tem um talento especial para atrair as pessoas. Eu já tinha ouvido falar que você era um professor muito popular nesta escola, e pude constatar que não é

para menos.

Tengo não sabia quando e onde Ushikawa poderia ter assistido a uma de suas aulas. Ele costumava observar atentamente as pessoas que as frequentavam. Isso, porém, não significava que ele memorizasse todos os rostos de seus alunos, mas, caso alguém de aparência tão estranha como a de Ushikawa estivesse no meio deles, certamente Tengo teria reparado. Ele se destacaria como uma centopeia num pote de açúcar. No entanto, Tengo achou melhor não questioná-lo. A conversa estava ficando muito longa e tendia a se estender ainda mais.

— Como o senhor deve saber, sou apenas um professor contratado pela escola — disse Tengo, para poupar tempo. — Não sou um pesquisador de matemática. O que faço é apenas explicar de modo fácil e divertido algo que é consensual e do conhecimento de todos. Ensino aos alunos uma maneira prática e eficiente de resolver as questões do vestibular. Para esse tipo de coisa, talvez eu leve jeito. Mas seguir a carreira de pesquisador profissional é algo de que desisti há muito tempo. Em parte, por não ter condições financeiras e por achar que eu não possuía capacidade nem vocação para me destacar no mundo acadêmico. Sendo assim, certamente, não poderei lhe ser útil.

Ushikawa rapidamente levantou uma das mãos com a palma voltada para Tengo.

— Não. Não se trata disso. Desculpe-me, acho que acabei me desviando do assunto. É claro que suas aulas de matemática são divertidas e singulares. São muito criativas. Mas não foi para lhe dizer isso que estou aqui. O que nos chamou a atenção foi sua atividade como escritor.

Tengo perdeu a voz ao ser pego desprevenido.

— Atividade como escritor? — indagou.

— Isso mesmo.

— Não entendo o que o senhor está querendo dizer. Realmente, nos últimos anos eu venho escrevendo alguns romances, mas eles nunca foram publicados. Acho que uma pessoa assim não pode ser classificada como escritor. Por que isso chamaria a atenção de vocês?

Após observar a reação de Tengo, Ushikawa sorriu maliciosamente, numa nítida demonstração de contentamento. Ao sorrir, seus dentes horrivelmente desalinhados ficavam ainda mais em evidência. Aqueles dentes, dispostos em ângulos e direções diversas, e com diversos tipos de mancha, pareciam estacas na praia que, alguns dias antes, foram assoladas por uma onda gigante. Se fossem tentar alinhá-los, seria tarde demais. Mas bem que alguém poderia ensiná-lo a escová-los corretamente.

— A nossa fundação se destaca exatamente nesse ponto — disse Ushikawa, todo orgulhoso. — Os pesquisadores que nós contratamos conseguem enxergar o que as pessoas comuns jamais enxergariam. E esse é um dos objetivos do grupo. Como você mesmo acabou de dizer, ainda não possui nenhuma obra publicada. Nós já sabemos. No entanto, quase todos os anos você participa do prêmio literário de autor revelação de uma revista literária, usando um pseudônimo. Mas, infelizmente, ainda não recebeu o prêmio. No entanto, algumas vezes chegou à fase final. Algumas pessoas, ainda que poucas, tiveram acesso a seus escritos. E algumas delas reconheceram seu talento. A avaliação dos nossos pesquisadores é que, num futuro próximo, o senhor ganhará o prêmio literário e se tornará um escritor. Sei que não soa bem dizer que estamos comprando um produto antes de ele estar pronto, mas, como eu disse há pouco, a nossa proposta é “ajudar jovens que irão contribuir para a próxima geração”.

Tengo pegou a xícara e tomou um gole do chá que já estava morno.

— Está querendo dizer que sou um candidato a receber o auxílio como escritor principiante?

— Exatamente. Na verdade, não se trata de você ser apenas um candidato, digamos que a sua indicação é certa. Se você aceitar e eu der o meu parecer pessoal, o assunto está encerrado. Basta assinar um documento que os três milhões de ienes serão imediatamente depositados em sua conta bancária. Peça uma licença temporária da escola durante seis meses ou um ano e comece a se dedicar exclusivamente à escrita. Ouvi dizer que você está escrevendo um longo romance. Não acha que seria uma ótima oportunidade para se dedicar a isso?

Tengo franziu as sobancelhas.

— Como é que você sabe que estou escrevendo um longo romance?

Ushikawa sorriu, mostrando novamente os dentes, mas, ao observá-lo melhor, notava-se que seus olhos não sorriam. No fundo de seus olhos havia um brilho extremamente gélido.

— Os nossos pesquisadores são zelosos e competentes. Eles selecionam alguns candidatos e fazem uma investigação minuciosa sob vários aspectos. Creio que algumas pessoas ao seu redor sabem que o senhor está escrevendo um romance. E, queira ou não, as notícias costumam vazar.

Komatsu sabe que Tengo está escrevendo um longo romance. A namorada mais velha também. Mais alguém? Provavelmente ninguém mais sabe disso.

— Gostaria de fazer algumas perguntas sobre a fundação —

disse Tengo.

— Por favor. Pergunte o que quiser.

— De onde vem o dinheiro?

— O dinheiro é de uma determinada pessoa. Podemos dizer que é de uma organização que essa pessoa possui. Objetivamente falando, e que isso fique apenas entre nós, é parte de uma estratégia para amortizar os impostos. Mas, independentemente disso, essa pessoa possui um profundo interesse pela ciência e pela arte, e quer ajudar as novas gerações. No momento, não posso dar mais detalhes. Essa pessoa e sua organização querem se manter anônimas. A fundação é gerida por um comitê. Eu também, na verdade, faço parte dele.

Tengo ficou um bom tempo pensando no assunto. No entanto, não tinha muito o que pensar. Apenas organizou as informações dadas por Ushikawa.

— Você se importa se eu fumar? — perguntou Ushikawa.

— Fique à vontade — disse Tengo, empurrando o cinzeiro para o seu lado.

Ushikawa pegou um maço de Seven Stars do bolso do paletó, colocou um cigarro na boca e o acendeu com um isqueiro dourado. O isqueiro era fino e parecia ser bem caro.

— E então, senhor Kawana, o que acha? — perguntou Ushikawa. — Você aceita receber nosso auxílio financeiro? Sinceramente, depois de ter assistido àquela sua aula tão divertida, tenho muito interesse em ver como é que você vai criar o seu mundo literário de agora em diante.

— Agradeço muito o senhor ter me procurado para fazer essa proposta — disse Tengo. — Me sinto honrado, mas não posso aceitar.

Ushikawa estreitou os olhos e fitou Tengo, o cigarro soltando fumaça entre os dedos.

— Como?

— Em primeiro lugar, não quero receber dinheiro de quem não conheço. Em segundo, no momento, não estou passando por dificuldades financeiras. Três vezes por semana dou aulas na escola preparatória e nos demais dias posso me concentrar em escrever o romance e, até agora, ele está indo bem. Não tenho a intenção de mudar meu estilo de vida. Esses são os dois motivos.

“O terceiro, sr. Ushikawa, é que eu, pessoalmente, não quero me envolver com o senhor. E o quarto é que essa história de auxílio financeiro está cheirando muito mal. Tudo é perfeito demais. Deve haver alguma coisa por trás. Posso não ser a pessoa mais intuitiva do mundo, mas isso eu consigo farejar.” É claro que Tengo não disse nada disso para Ushikawa.

— Realmente — disse Ushikawa e, após tragar o cigarro,

soltou a fumaça com prazer. — Realmente. Acho que entendo muito bem o que está pensando. O que disse faz sentido. Mas, senhor Kawana, saiba que, apesar de tudo, não é preciso dar a resposta agora. Que tal voltar para casa e pensar com calma durante dois ou três dias? Pense bem antes de dar a resposta definitiva. Nós não temos pressa. Pense com calma, pois não se trata de uma proposta ruim.

Tengo discordou, balançando a cabeça num rápido e breve movimento.

— Agradeço a consideração, mas prefiro decidir aqui e agora para não perder inutilmente o tempo e o esforço mútuos. Estou muito honrado de ter sido escolhido para o auxílio financeiro. Sinto muito o incômodo de fazê-lo vir até aqui. Mas, desta vez, prefiro recusar. É a minha decisão final, não pretendo mudar de opinião.

Ushikawa balançou várias vezes a cabeça, como se concordasse com a decisão de Tengo, e apagou o cigarro, que tragara apenas duas vezes, pressionando-o contra o cinzeiro com uma expressão de quem sente dó de ter de apagá-lo.

— Está bem. Entendo a sua opinião, respeito sua decisão. Eu é que peço desculpas por tê-lo incomodado. Por hoje, infelizmente, vou me retirar resignado.

No entanto, Ushikawa não parecia querer se levantar. Apenas se limitou a coçar a nuca e estreitou os olhos para observar Tengo.

— Pois então, senhor Kawana, acho que você ainda não deve ter percebido, mas a expectativa de que se tornará um escritor é grande. Você possui talento. A matemática e a literatura não estão intrinsecamente relacionadas, mas suas aulas de matemática são como histórias. Aquilo que você consegue fazer nas aulas não é para qualquer um. Você possui algo especial, que precisa ser dito. Até mesmo uma pessoa como eu consegue perceber isso claramente. Por isso, procure cuidar de si. Sei que não é da minha conta, mas não se intrometa em coisas alheias e tome a firme decisão de seguir o seu próprio caminho.

— Coisas alheias? — Tengo perguntou.

— Digamos que você possui alguma ligação com Eri Fukada que escreveu *Crisálida de ar*. Ou seja, vocês se encontraram algumas vezes. Não é? E, segundo os jornais de hoje, que por acaso acabei de ler, ela está desaparecida. A mídia, certamente, em questão de dias, começará a fazer alvoroço em torno desse assunto. Há de se convir que é um assunto apetitoso.

— Qual é o problema se me encontrei com ela?

Ushikawa mostrou novamente a palma da mão para Tengo. A mão era pequena, mas os dedos eram grossos.

— Por favor, não fique assim tão alterado. Não digo isso por maldade. O que estou tentando dizer é que vender parte do talento e

do tempo para sobreviver não trará bons resultados. Sei que vai parecer presunçoso dizer isso, mas eu não gostaria de ver uma pessoa tão talentosa como você, que basta ser polida para se tornar uma pedra preciosa, se envolver em coisas insignificantes e deixar passar a oportunidade. Se descobrirem que existe uma relação entre você e Eri Fukada, com certeza virão atrás de você e não o deixarão em paz. Irão te incomodar muito. Indagarão o que existe entre vocês. Serão muito insistentes.

Tengo ficou em silêncio, observando o rosto de Ushikawa, que estreitou os olhos e começou a coçar a orelha — apesar de pequena, ela tinha o pavilhão auricular estranhamente grande. A estrutura do corpo daquele homem era tão esquisita que Tengo jamais se cansava de olhar para ele.

— Não. Não se preocupe. Eu não vou falar nada — disse Ushikawa, fazendo um gesto de fechar a boca com zíper. — Prometo. Pode não parecer, mas saiba que sei guardar segredos. Dizem que fui uma ostra em outra encarnação. Vou guardar o segredo a sete chaves. Considere esse compromisso como um gesto de que simpatizei com você.

Após dizer isso, Ushikawa finalmente se levantou do sofá e passou várias vezes a mão sobre os pequenos amassados do paletó. Mesmo tentando alisá-los, os vincos não desapareceram. Muito pelo contrário, ficaram ainda mais salientes.

— Se você mudar de opinião, basta ligar quando quiser no número que está no cartão. Ainda temos muito tempo. Se este ano não der, temos o ano que vem — disse Ushikawa, fazendo um gesto com os indicadores, mostrando que a Terra gira em torno do Sol. — Não temos pressa. O importante é que tivemos a oportunidade de conversar e que você entendeu a nossa mensagem.

Ushikawa abriu um sorriso e, após exibir durante um tempo os dentes arruinados, deu meia-volta e saiu da sala.

Até a hora de começar a aula seguinte, Tengo ficou repetindo mentalmente as palavras de Ushikawa. Aquele homem, pelo visto, sabia que Tengo estava envolvido no projeto de refazer a *Crisálida de ar*. O modo de falar e o que ele disse insinuavam isto: **Vender parte do talento e do tempo para sobreviver não trará bons resultados.**

“Nós sabemos” era a mensagem que eles queriam transmitir.

O importante é que tivemos a oportunidade de conversar e que você entendeu a nossa mensagem.

Será que foram eles que mandaram Ushikawa procurar Tengo e oferecer o auxílio financeiro de três milhões de ienes, com o intuito de transmitir *somente* essa mensagem, nada mais além dela? Era

improvável. Se fosse isso, não haveria a necessidade de elaborar um plano tão complexo. Eles sabem o ponto fraco de Tengo. Se a intenção deles era ameaçá-lo, bastava dizer desde o começo. Ou será que queriam comprar Tengo com esse auxílio financeiro? De qualquer modo, aquilo tudo parecia muito teatral. Afinal, quem eram *eles*? Será que a “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes” tinha alguma relação com o grupo Sakigake? Será que a fundação realmente existe?

Tengo pegou o cartão de Ushikawa e se dirigiu à secretária.

— Será que você poderia me fazer mais um favor? — disse ele.

— O que seria? — perguntou ela. Estava sentada e voltou os olhos para Tengo.

— Preciso que ligue para este número e pergunte se é da Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes. E se o diretor Ushikawa se encontra. Provavelmente, a pessoa que atender vai responder que ele não está. Pergunte então a que horas ele deve voltar. Se a pessoa perguntar o seu nome, invente algum. Eu poderia fazer isso, mas se reconhecerem a minha voz ficarei em apuros.

Ela apertou as teclas do telefone. Ao atenderem do outro lado da linha, um diálogo de perguntas e respostas se deu conforme o combinado. Um diálogo breve e conciso, de profissionais.

— A Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes realmente existe. Quem atendeu foi uma garota da recepção. Ela deve ter entre 20 e 25 anos e o jeito de falar condiz com o cargo. A pessoa chamada Ushikawa realmente existe e trabalha lá. A previsão é de ele retornar por volta das quinze e trinta. Ela não perguntou o meu nome. Eu, com certeza, perguntaria.

— É claro — disse Tengo. — De qualquer modo, muito obrigado.

— De nada — disse ela, devolvendo o cartão de Ushikawa a Tengo. — Por falar em Ushikawa, por acaso era aquele homem que estava aqui?

— Ele mesmo.

— Eu só o vi de relance, mas não me pareceu ser uma boa pessoa.

Tengo guardou o cartão na carteira.

— Mesmo com mais tempo, essa impressão provavelmente não iria mudar.

— Não quero julgar as pessoas pela aparência. Eu já tive a experiência de julgar errado e depois me arrepender. Mas só de ver aquele homem, a impressão que tive é de que ele não é confiável. Mesmo agora, continuo achando isso.

— Você não é a única a pensar assim — disse Tengo.

— Não sou a única? — ela repetiu, confirmando a precisão da

frase de Tengo.

— Sua jaqueta é bem bonita — disse Tengo. O comentário era sincero, não tinha a intenção de agradá-la. Depois de ver o paletó todo amassado de Ushikawa, a jaqueta de linho de bom corte parecia uma linda vestimenta enviada pelos céus no início de uma tarde plácida.

— Muito obrigada — disse ela.

— O fato de alguém atender o telefone e confirmar que é da Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes não é garantia de que ela exista de verdade.

— Tem razão. Pode ser uma farsa bem-feita. Basta instalar um telefone e adquirir uma linha. Como no filme *Golpe de mestre*. Mas por que eles fariam isso? Não me leve a mal, mas você não parece ser uma pessoa endinheirada, que possa ser extorquida.

— Eu não tenho nada — disse Tengo. — A não ser minha alma.

— Como naquelas histórias em que Mefistófeles aparece — disse ela.

— Talvez o melhor seja ir até lá e verificar se o escritório realmente existe.

— Se souber de algo, me avise, está bem? — disse ela, estreitando os olhos para examinar o esmalte das unhas.

A “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes” realmente existia. Após a aula, Tengo pegou um trem para Yotsuya e caminhou até Kôjimachi. Ao chegar ao endereço indicado no cartão, encontrou um prédio de três andares com uma placa de metal onde estava escrito “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. O escritório ficava no segundo andar. No térreo ficavam a editora musical Mikimoto e o escritório de contabilidade Kôda. Pelo tamanho do prédio, o escritório não parecia muito grande. Nenhum dos negócios naquele edifício parecia próspero. É claro que, observando de fora, era impossível saber a situação interna dos escritórios. Tengo pensou em pegar o elevador, subir até o segundo andar e ver o escritório, ainda que somente a porta, mas desistiu por achar que seria um transtorno encontrar Ushikawa no corredor.

Tengo pegou o trem de volta e, ao chegar em casa, telefonou para a empresa de Komatsu. Excepcionalmente, Komatsu estava na editora e logo o atendeu.

— Agora não é uma boa hora — disse Komatsu, com um tom de voz mais alto e mais rápido que o normal. — Sinto muito, mas aqui eu não vou conseguir conversar direito.

— Mas, Komatsu, é um assunto muito importante — disse Tengo. — Hoje, um cara muito estranho apareceu na escola. Esse

homem parece que sabe alguma coisa sobre a minha relação com *Crisálida de ar*.

Komatsu ficou quieto por alguns segundos.

— Daqui a vinte minutos eu te ligo. Você está em casa?

Tengo disse que sim. Em seguida, Komatsu desligou o telefone. Enquanto aguardava a ligação, Tengo afiou duas facas de cozinha com a pedra de amolar, esquentou água e preparou um chá preto. Após exatos vinte minutos o telefone tocou. Em se tratando de Komatsu, a pontualidade era algo raro.

Desta vez, ele estava bem mais tranquilo, e sua voz, bem mais calma. Ele devia ter mudado de lugar e agora telefonava de um mais sossegado. Tengo contou para Komatsu de modo resumido o que Ushikawa lhe dissera na sala de visitas.

— Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes? Nunca ouvi falar. E oferecer três milhões de ienes como auxílio financeiro também não tem fundamento. É claro que eu também reconheço que você tem futuro como escritor. Mas até agora você não tem nenhum livro publicado. É uma conversa sem pé nem cabeça. Há algo por trás disso.

— Foi o que pensei.

— Me dê um tempo. Vou verificar o que vem a ser essa tal fundação. Assim que souber de algo, eu te falo. Então quer dizer que esse Ushikawa sabe de sua relação com Fukaeri?

— Parece que sabe.

— Isso é um problema.

— Algo começou a se mexer — disse Tengo. — O problema não é levantar a rocha com uma alavanca, e sim as coisas horríveis que estão começando a sair de lá.

Komatsu suspirou do outro lado do telefone.

— Eu também estou sendo perseguido. As revistas semanais estão em alvoroço. E os programas de TV também vivem me importunando. Hoje pela manhã, a polícia esteve aqui atrás de informações. Eles já sabem da relação de Fukaeri com a Sakigake. E também já descobriram que os pais dela estão desaparecidos. A mídia deve revelar isso em breve.

— E como está o professor Ebisuno?

— Faz tempo que não falo com ele. Não consigo contato por telefone, e ele não me retorna. Para ele também não deve estar sendo fácil. Ou talvez esteja tramando algo.

— Mudando um pouco de assunto, você comentou com alguém que estou escrevendo um longo romance?

— Não. Nunca disse isso a ninguém — respondeu Komatsu, mais que depressa. — Por que eualaria?

— Tudo bem. Perguntei por perguntar.

Komatsu ficou um tempo quieto.

— Tengo, sei que dizer isso agora não tem nenhum cabimento, mas acho que entramos numa área perigosa.

— Independentemente de onde tenhamos pisado, uma coisa é certa: agora é tarde demais para voltar atrás.

— Se não temos como retornar, a única saída é seguir em frente. Mesmo que apareçam essas *coisas horríveis* que você diz.

— É melhor prender o cinto de segurança — disse Tengo.

— É isso aí — disse Komatsu, para em seguida desligar o telefone.

Foi um dia longo. Tengo se sentou à mesa e, enquanto tomava o chá preto que já estava frio, pensou em Fukaeri. O que ela faz o dia inteiro, sozinha naquele esconderijo? Era óbvio que ninguém tinha como saber o que fazia.

Fukaeri disse na fita-cassete que o conhecimento e a força do Povo Pequeninino poderiam causar algum mal ao professor e a Tengo. **Tome cuidado quando estiver andando pela floresta.** Tengo instintivamente olhou ao redor. Realmente, nas profundezas da floresta é que ficava o *mundo deles*.

Aomame

Não decidimos como nascer, mas podemos decidir como morrer

Numa noite perto do final de julho, quando as densas camadas de nuvem que durante muito tempo cobriam o céu finalmente se dissiparam, as duas luas pairavam nítidas no firmamento. Aomame observava o céu da pequena varanda de seu quarto. Sua vontade era de telefonar imediatamente para alguém e perguntar: “Será que você poderia esticar o pescoço para fora da janela e dar uma olhada no céu? E então? Quantas luas você está vendo? Eu vejo nitidamente duas. De onde você está, quantas são?”

Mas Aomame não tinha ninguém para pedir isso. Talvez pudesse ligar para Ayumi, mas temia aprofundar ainda mais a amizade. Ayumi era uma policial da ativa e, muito em breve, Aomame pretendia matar um homem, mudar o rosto, mudar a identidade, mudar-se para outro local, deixaria de existir. E não poderia mais se encontrar nem entrar em contato com ela. Uma vez que você passa a considerar uma pessoa querida, romper esse vínculo de amizade é muito triste.

Aomame voltou para o quarto, fechou a porta de vidro e ligou o ar-condicionado. Fechou a cortina para servir de escudo entre ela e as luas. As duas luas pairando no céu a deixavam perturbada. Elas pareciam desequilibrar sutilmente a força gravitacional da Terra, provocando em seu corpo um efeito colateral. Apesar de faltar muito tempo para a chegada do seu período menstrual, sentia o corpo estranhamente lento e pesado. A pele estava ressecada; a pulsação, anormal. Aomame achou melhor não pensar mais nas luas; ainda que fosse *algo em que necessariamente devesse pensar*.

Para afugentar o desânimo, começou a fazer exercícios de alongamento sobre o carpete. Exercitou sistematicamente todos os músculos pouco usados nas atividades do dia a dia. Os músculos queixavam-se em silêncio, o suor respingava no chão. Era um programa de alongamento que ela mesma criara e que, à medida que foi aperfeiçoando, tornou-se radical e muito eficaz. Exercícios programados exclusivamente para ela, que não podiam ser aplicados nas aulas do clube esportivo. As pessoas comuns jamais suportariam tamanha dor e sofrimento. Mesmo entre os instrutores, a maioria se

queixava ao praticá-los.

Durante a sessão, Aomame escutava o disco da *Sinfonietta* de Janáček, sob a regência de George Szell. A *Sinfonietta* tinha a duração de aproximadamente vinte e cinco minutos, tempo suficiente para castigar todos os músculos do corpo. Nem pouco nem muito. O tempo era ideal. No momento em que a música terminava, o toca-discos parava de girar e o braço voltava automaticamente para a base, Aomame já sentia o corpo e a mente totalmente torcidos, como um pano de chão.

Aomame sabia de cor a *Sinfonietta*, de ponta a ponta. Escutar a música enquanto esticava ao máximo o corpo, estranhamente, fazia com que se sentisse calma. Era o momento em que ela torturava e, ao mesmo tempo, se sentia torturada. Forçava e, ao mesmo tempo, se sentia forçada. O que mais desejava era provar a si mesma sua capacidade de autocontrole interno, pois isso a deixava calma. E a música de fundo ideal para essas horas era a *Sinfonietta* de Janáček.

Às dez horas da noite tocou o telefone. Era Tamaru.

— Como está o seu dia amanhã? — ele perguntou.

— Trabalho até as seis e meia da tarde.

— Depois do expediente, você pode passar aqui?

— Posso — respondeu Aomame.

— Ótimo — disse Tamaru. Dava para ouvi-lo anotar com a caneta na agenda.

— Conseguiu encontrar um cachorro novo? — perguntou Aomame.

— Cachorro? Ah! Consegui. Escolhi outra fêmea de pastor-alemão. Ainda não deu tempo para conhecer traços específicos de sua personalidade, mas já passou por um treinamento básico e parece ser obediente. Faz dez dias que está aqui e até agora está se adaptando bem. Com a vinda da cadela, as mulheres do abrigo também estão mais tranquilas.

— Que bom.

— Este cachorro come ração comum. Não dá trabalho.

— Normalmente, um pastor-alemão não come espinafre.

— Aquela cadela realmente era diferente. Dependendo da época, o espinafre ficava muito caro — resmungou Tamaru, saudosos. Após alguns segundos em silêncio, mudou de assunto. — Hoje a lua está linda.

Aomame franziu levemente as sobrancelhas, o fone na mão.

— Por que, de repente, você resolveu falar da lua?

— De vez em quando também faço comentários sobre a lua.

— É claro — disse Aomame. Mas ela sabia que Tamaru não era

do tipo que costumava fazer comentários sobre as belezas naturais por telefone sem que houvesse algum motivo.

Tamaru guardou um breve silêncio e disse:

— Outro dia, você comentou sobre a lua num telefonema, está lembrada? Pois desde então, não sei por quê, isso não me sai da cabeça. E, agora mesmo, ao olhar para o alto, vi que ela estava lá, linda, num céu totalmente límpido.

Aomame pensou em perguntar quantas luas havia no céu, mas se conteve. Era muito arriscado. Outro dia, Tamaru contara algumas coisas sobre sua vida pessoal: que não conheceu os pais e que foi criado como órfão. Contou também sobre sua nacionalidade. Aquela foi a primeira vez que ele conversou demoradamente com Aomame. Normalmente, não costumava falar sobre si mesmo. Isso significava que Tamaru tinha um apreço pessoal por Aomame e, nesse sentido, também confiava nela. Mas, como profissional, era devidamente treinado a escolher o caminho mais curto para alcançar um objetivo. Sendo assim, Aomame achou melhor não comentar assuntos desnecessários.

— Provavelmente devo estar aí por volta das sete — disse Aomame.

— Ótimo — disse Tamaru. — Você vai estar com fome. Amanhã é o dia de folga do cozinheiro. Não sei cozinhar bem, mas, se você não se importar, posso preparar alguns sanduíches.

— Obrigada — disse Aomame.

— Vou precisar da sua carteira de habilitação, passaporte e o cartão da previdência social. Traga-os sem falta amanhã. Traga também uma cópia da chave do seu apartamento. Consegue providenciar isso tudo até amanhã?

— Acho que consigo.

— Mais uma coisa. Preciso falar em particular com você sobre aquele assunto que conversamos outro dia. Reserve um tempo após seu encontro com a madame.

— Assunto de outro dia?

Tamaru calou-se. O silêncio era pesado como um saco de areia.

— Acho que você me pediu algo. Esqueceu?

— É claro que me lembro — Aomame respondeu rapidamente. No canto de sua mente ela ainda pensava nas luas.

— Amanhã às sete — disse Tamaru antes de desligar o telefone.

Na noite do dia seguinte, a quantidade de luas continuava a mesma. Após o trabalho, Aomame tomou um banho rápido e, ao deixar o clube esportivo, as duas luas acinzentadas estavam alinhadas na parte

leste de um límpido céu ainda claro. Aomame parou no meio da passarela que cruzava a avenida Gaien-nishi e, durante um tempo, contemplou as duas luas com o corpo apoiado no parapeito. Ninguém mais, a não ser ela, parecia estar interessado em contemplar as luas. Os demais transeuntes apenas lançavam um rápido olhar de estranhamento ao vê-la observando o céu, postada sobre a passarela. Eles caminhavam com passos ligeiros em direção à estação de trem e não pareciam interessados em observar o céu, tampouco a lua. Enquanto as contemplava, Aomame sentiu a mesma sensação de desânimo do dia anterior. Foi então que achou melhor parar de olhar para elas. Aquilo não lhe estava fazendo bem. Mas, por mais que evitasse confrontá-las, ela sentia na pele o olhar diligente que elas lhe lançavam. Aomame podia deixar de vê-las, mas elas continuavam a observá-la. Elas sabiam o que Aomame estava para fazer.

Aomame e a velha senhora tomaram um café bem forte e quente em xícaras com ornamentos típicos do período clássico. A velha senhora colocou um fiozinho de leite pela borda da xícara e bebeu o café sem misturá-lo, sem adicionar açúcar. Aomame, como sempre, tomou o café puro. Como havia prometido, Tamaru serviu os sanduíches que ele mesmo preparou. Estavam cortados em pequenos pedaços para serem comidos numa única bocada. Aomame comeu alguns pedaços. Eram sanduíches bem simples, feitos de pão preto, pepino e queijo, mas o sabor era muito gostoso. Tamaru preparou um prato relativamente simples, com destreza e toques de requinte. Notava-se que ele manuseava habilmente a faca — os ingredientes estavam cortados no tamanho e na espessura adequadas. Ele sabia exatamente como proceder em cada etapa da preparação do prato. Esse detalhe, por si só, tornava muito diferente o sabor dos alimentos que preparava.

— Você já arrumou suas coisas? — perguntou a velha senhora.

— Já doei os livros e as roupas que não usava. Guardei numa caixa, bem fácil de transportar, algumas coisas que vou levar para começar a vida nova. As únicas coisas que ainda estão no apartamento são os aparelhos elétricos, os utensílios de cozinha, cama, cobertor e louças.

— Daremos um jeito depois nisso. Você também não precisa se preocupar com o contrato de aluguel ou outros detalhes. Na hora de ir embora, leve apenas o necessário.

— Será melhor avisar o pessoal lá do trabalho? Se eu sumir de repente, podem desconfiar.

A velha senhora pousou a xícara de café sobre a mesa.

— Quanto a isso, você também não precisa se preocupar.

Aomame concordou sem dizer nada. Pegou mais um pedaço de sanduíche e tomou um gole de café.

— Você tem alguma poupança no banco? — perguntou a velha senhora.

— Na conta corrente tenho uns seiscentos mil ienes. E dois milhões num investimento de prazo fixo.

A velha senhora avaliou com cuidado o montante.

— Você pode retirar até quatrocentos mil ienes de sua conta corrente, divididos em vários saques, e não haverá problemas. Mas não mexa na aplicação. Rescindir o contrato agora, de repente, não é uma boa ideia. Eles podem estar examinando sua vida pessoal. Precisamos redobrar a atenção. Não se preocupe, essa quantia eu posso perfeitamente cobrir depois. Você tem algum outro patrimônio?

— O dinheiro que recebi até agora está intacto, guardado no cofre do banco.

— Retire o dinheiro, mas não o deixe no apartamento. Pense em algum lugar seguro para guardá-lo.

— Entendi.

— Por enquanto, é somente isso que eu quero que faça. De resto, continue a agir normalmente. Não mude o seu estilo de vida e não faça nada que chame a atenção. Evite falar assuntos importantes por telefone.

Após dizer isso, a velha senhora afundou-se no sofá como se toda a sua reserva de energia acabasse de se esgotar.

— Já temos uma data definida? — perguntou Aomame.

— Infelizmente, ainda não — disse a velha senhora. — Estamos esperando que entrem em contato. As condições do encontro estão definidas, mas a agenda do outro só pode ser confirmada praticamente na última hora. Isso quer dizer que pode ser daqui a uma semana ou um mês. O local também é desconhecido. Sei que isso é um transtorno, mas só nos resta aguardar.

— Não me importo de esperar — disse Aomame. — Apenas gostaria de ter uma ideia das circunstâncias em que irei atuar.

— Você vai fazer uma sessão de alongamento muscular — disse a velha senhora. — É algo que você já está acostumada a fazer. Parece que ele tem *algum* tipo de problema físico. Ele não corre risco de vida, mas ouvi dizer que esse problema tem lhe causado muito sofrimento. Ele andou fazendo vários tipos de tratamento para tentar resolver esse “problema”. Além dos tratamentos indicados pela medicina convencional, procurou métodos alternativos como shiatsu, acupuntura e massagens. Mas, até hoje, nenhum deles trouxe resultados satisfatórios. Esse “problema” físico é o ponto fraco desse líder, e é através dele que entraremos no campo inimigo.

As cortinas cobriam a janela atrás da velha senhora, ocultando

as luas. No entanto, Aomame sentia em sua pele o gélido olhar que elas lhe lançavam. E o silêncio no qual conspiravam parecia se infiltrar na sala.

— Agora nós temos uma pessoa infiltrada no grupo. Através dela fiz com que chegasse a ele a informação de que você é uma excelente especialista em alongamento muscular. Quanto a isso, não tivemos nenhuma dificuldade, pois você realmente é. Eles ficaram muito interessados em te conhecer. No começo, queriam que você fosse até a sede do grupo em Yamanashi, mas dissemos que, por causa do trabalho, você não poderia se ausentar de Tóquio. Essa foi a desculpa que demos. De qualquer modo, ele costuma vir uma vez por mês a Tóquio para resolver alguns assuntos e se hospeda num hotel da cidade sem chamar a atenção. É nesse quarto de hotel que você fará uma sessão de alongamento nele. Nesse lugar você deve fazer *o que sempre fez*.

Aomame tentou imaginar a cena. Quarto de hotel. Um homem deitado na mesa de massagem e ela alongando seus músculos. Ela não pode ver o rosto. A nuca está totalmente exposta. Ela estica o braço e tira da bolsa o picador de gelo.

— Vamos ficar sozinhos no quarto? — perguntou Aomame.

A velha senhora concordou.

— O líder esconde seu problema físico dos demais membros do grupo. Por isso, creio que ninguém estará presente. Somente você e ele.

— Eles já sabem o meu nome e onde trabalho?

— Eles são extremamente cuidadosos. Creio que já investigaram detalhadamente todo o seu histórico, mas, pelo visto, não encontraram nada que te desabonasse. Ontem, recebemos um comunicado para você ir até o local em que estarão hospedados. Eles ficaram de informar o lugar e a hora.

— Mas o fato de eu frequentar a sua casa não vai levantar alguma suspeita?

— Eles sabem que sou sócia do clube esportivo em que você trabalha e que te contratei para ser a minha *personal trainer*. Eles não têm motivos para pensar que temos alguma relação além dessa.

Aomame concordou, balançando a cabeça.

A velha senhora continuou:

— Toda vez que esse tal líder deixa a sede, dois guarda-costas sempre o acompanham. Eles são fiéis ao grupo e possuem alta graduação no caratê. Não temos como saber se portam armas, mas certamente são exímios lutadores. Treinam diariamente. Mas, segundo Tamaru, eles não passam de amadores.

— Não são como Tamaru?

— Não são como Tamaru. Tamaru era do grupo de elite das

Forças de Autodefesa. Foi treinado para agir rapidamente e fazer o que deve ser feito sem hesitar, cumprir o objetivo almejado. São homens que não hesitam. Os que hesitam são amadores. Principalmente se estiverem lidando com mulheres jovens.

A velha senhora inclinou a cabeça para trás, apoiou as costas e respirou fundo. Depois, endireitou a coluna e olhou o rosto de Aomame.

— Enquanto você estiver com o líder, os guarda-costas estarão aguardando em algum outro quarto. Portanto, você ficará sozinha com ele durante uma hora. Por enquanto, este é o nosso plano. É imprevisível o que realmente poderá acontecer na hora. É tudo muito instável. O líder somente revela na última hora o que realmente pretende fazer.

— Quantos anos ele tem?

— Cerca de 55 anos e, pelo que ouvi dizer, é um homem grande. Infelizmente, são as únicas informações que temos.

Tamaru a aguardava no terraço. Aomame entregou a chave do seu apartamento, a carteira de habilitação, o passaporte e o cartão da previdência social. Ele se retirou para os fundos da casa para providenciar as cópias dos documentos e, após verificar que todas foram tiradas, devolveu os originais para Aomame. Depois, levou-a até o seu escritório que ficava numa das extremidades do terraço. O local era pequeno, quadrado e sem decoração. Uma janela simples e estreita voltada para o jardim estava aberta, e o ar-condicionado na parede emitia um leve zumbido. Tamaru ofereceu uma cadeira pequena de madeira para Aomame se sentar enquanto ele se acomodava em outra cadeira de frente para a mesa. Na parede havia quatro monitores enfileirados que, conforme a necessidade, podiam transmitir diferentes ângulos de monitoramento das câmeras. Havia também a mesma quantidade de aparelhos de videocassete para gravar as imagens. Os monitores mostravam as imediações do lado de fora dos muros. O da extrema direita exibia a entrada do abrigo das mulheres e o novo cão de guarda descansando num canto. Era um pouco menor que o anterior.

— A morte da cadela não foi filmada — disse Tamaru, antecipando a pergunta de Aomame. — Naquela hora, ela não estava presa na corrente e, supondo que ela não poderia se soltar sozinha, isso significa que alguém a soltou.

— Alguém para quem a cadela não latiria, caso se aproximasse dela.

— Suponho que sim.

— Que estranho.

Tamaru concordou balançando a cabeça, sem dizer nada. Inúmeras possibilidades deviam ter passado por sua mente, mas nenhuma que, de imediato, pudesse compartilhar com alguém.

Em seguida, estendeu o braço, abriu uma das gavetas da mesa e tirou um plástico preto volumoso. Dentro do pacote havia um objeto envolto em uma toalha azul desbotada. Ao abri-la, surgiu um objeto metálico, preto e reluzente. Uma pequena pistola automática. Ele a entregou para Aomame sem dizer nada. Com o mesmo silêncio Aomame pegou a pistola e verificou seu peso. Era muito mais leve do que pensava. Um objeto tão leve, capaz de matar uma pessoa.

— Você acabou de cometer dois erros graves. Sabe quais são? — perguntou Tamaru.

Aomame refez mentalmente os movimentos, mas não descobriu onde foi que errara. O que ela fez foi apenas pegar a arma que Tamaru lhe entregara.

— Não sei — respondeu Aomame.

Tamaru explicou:

— O primeiro erro foi não reparar se a arma estava carregada; se estivesse, verificar se a trava de segurança estava acionada. O segundo é direcionar a arma para mim, ainda que por questão de segundos. São duas coisas que você jamais deve fazer. Se você não tem intenção de atirar, é melhor não colocar o dedo no gatilho.

— Entendi. De agora em diante vou tomar mais cuidado.

— Exceto em caso de emergência, a regra básica é nunca mexer, entregar ou transportar uma arma carregada. Portanto, se você estiver diante de uma arma, aja como se ela estivesse carregada até ter a certeza de que não está. A arma é fabricada para ferir ou matar pessoas. Todo cuidado é pouco. Tem gente que dá risada por eu ser tão cauteloso, mas o fato é que muitos acidentes ocorrem por descuido. Os que normalmente morrem ou se ferem são os que costumam rir das pessoas cautelosas.

Tamaru pegou do bolso do paletó um saco plástico com sete balas. Ele as tirou e dispôs sobre a mesa.

— Como você pode ver, a arma não está carregada. O pente está vazio. E a câmara também.

Aomame concordou.

— É um presente. Mas, se você não a usar, gostaria que me devolvesse.

— Pode deixar — disse Aomame, a voz seca. — Deve ter sido muito cara.

— Quanto a isso, não se preocupe — disse Tamaru. — Existem outras coisas muito mais importantes para você se preocupar. Vamos falar disso. Você já atirou alguma vez?

Aomame balançou a cabeça negativamente.

— Nenhuma.

— Na verdade, é bem mais fácil usar um revólver do que uma automática. Principalmente para um amador. O revólver tem um mecanismo simples, é fácil de manusear e dificilmente costuma dar problemas. Mas o inconveniente é que um revólver razoavelmente bom costuma ser *volumoso*, difícil de transportar. Por isso, acho melhor você usar uma automática. Esta é uma Heckler & Koch HK4. É de fabricação alemã e, sem as munições, pesa quatrocentos e oitenta gramas. Apesar de pequena e leve, comporta balas de calibre 9 milímetros de alto impacto e o coice é pequeno. Ela não é muito precisa para atingir um alvo a longa distância, mas é ideal para o que você pretende fazer. Heckler & Koch é o nome de uma empresa de armas que surgiu no pós-guerra, mas o HK4 foi inspirado no modelo Mauser HSc que, antes da guerra, era considerada a melhor arma. A HK4 é fabricada desde 1968 e até hoje é muito usada. Portanto, uma arma confiável. A que te dei não é nova, mas foi usada por uma pessoa experiente e está bem-conservada. A arma é como um carro. Se estiver bem-conservado, é até mais confiável que um carro novo.

Tamaru pegou de volta a arma e explicou como manuseá-la: o modo de acionar e liberar a trava de segurança, como soltar o retém do carregador e tirar e recolocar o pente.

— Ao tirar o pente, certifique-se de que a trava de segurança está acionada. Após soltar o retém do carregador e retirar o pente, puxe o ferrolho e a bala saltará para fora da câmara. Agora a arma não está carregada, por isso não vai sair nada dela. Feito isso, o ferrolho se manterá aberto e, então, você puxa o gatilho deste jeito, está vendo? Ao fazer isso, o ferrolho fecha. Mas o martelo continuará levantado. Se você puxar o gatilho novamente, o martelo cai. E aí você encaixa um pente novo.

Tamaru fez a sequência de movimentos com extrema agilidade, como quem está habituado a manusear a arma. Em seguida, repetiu a sequência, só que, desta vez, atendo-se a explicar calmamente passo a passo. Aomame observava tudo com muita atenção.

— Tente fazer.

Aomame tirou cuidadosamente o pente, puxou o ferrolho, esvaziou a câmara, baixou o martelo e recolocou o pente.

— Está ótimo — disse Tamaru. Em seguida, ele pegou de volta a arma, tirou o pente, carregou com extremo cuidado as sete balas e, ao empurrar o pente, armou a pistola fazendo um clique alto e seco. Depois, puxou o ferrolho e posicionou a bala na câmara. Por fim, abaixou a alavanca do lado esquerdo da arma e acionou a trava de segurança.

— Tente fazer novamente o que treinamos. Desta vez, a arma

está carregada e com uma bala na câmara. A trava de segurança está acionada, mas, mesmo assim, nunca aponte a arma para alguém — disse Tamaru.

Ao pegar de volta a arma municiada, Aomame notou que estava bem mais pesada e emanava uma incontestável intenção de morte. Um instrumento fabricado com precisão para matar pessoas. Aomame sentiu o suor nas axilas.

Após verificar se a trava de segurança estava acionada, ela soltou o retém do carregador, tirou o pente e o colocou sobre a mesa. Em seguida, puxou o ferrolho e tirou a bala da câmara. A bala caiu no assoalho de madeira com um barulho seco. Puxou o gatilho para fechar o ferrolho e, na sequência, puxou novamente o gatilho para o martelo voltar à posição inicial. Depois, com as mãos trêmulas, Aomame se abaixou para pegar a bala de 9 milímetros que havia caído próxima a seus pés. A garganta estava seca, e toda vez que ela respirava sentia uma incômoda ardência.

— Nada mau para a primeira vez — disse Tamaru, colocando a bala que havia caído no pente. — Mas você ainda precisa praticar muito. Suas mãos estão tremendo. Pratique esse movimento de tirar e colocar o pente várias vezes por dia até o seu corpo se acostumar com a arma. Treine até conseguir fazer esses movimentos de modo rápido e automático como te mostrei. Mesmo no escuro. No seu caso, provavelmente você não vai precisar trocar o pente, mas, mesmo assim, isso faz parte de um conhecimento básico para quem vai manusear uma arma. Você precisa aprendê-los.

— Não vou aprender a atirar?

— Você não vai usar a arma para atirar em alguém. Vai usá-la em você mesma, não vai?

Aomame assentiu.

— Se é para isso, não há necessidade de treinar a pontaria. Basta aprender como carregar a arma, soltar a trava de segurança e sentir o gatilho. Aliás, onde você acha que poderia fazer um treinamento de tiros?

Aomame balançou a cabeça em negativa. Não tinha ideia de onde poderia fazer isso.

— Pois então, me diga, como é que você pretende atirar em você mesma? Mostre-me como pretende fazê-lo.

Tamaru colocou o pente carregado na arma e a entregou para Aomame, após verificar que a trava estava acionada.

— A trava de segurança está acionada — disse Tamaru.

Aomame pegou a arma e posicionou o cano em sua têmpora. Ela sentiu o metal frio em sua pele. Ao ver esse gesto, Tamaru balançou lentamente a cabeça, discordando.

— Acho melhor não atirar na têmpora. Disparar contra a

cabeça para atingir o cérebro é muito mais difícil do que você imagina. Quando se tenta fazer isso, a mão normalmente treme e desvia a trajetória da bala. Conheço muitos casos em que a bala passou de raspão no crânio e a pessoa não morreu. Você não quer passar por isso, quer?

Aomame meneou a cabeça sem nada dizer.

— No final da guerra, quando os americanos estavam prestes a capturar o general Hideki Tojo, ele apontou o cano da arma para o próprio coração e puxou o gatilho, mas a bala desviou e atingiu o estômago, de modo que ele não conseguiu se suicidar. É triste constatar que mesmo o líder supremo dos militares não pôde se matar com a própria arma. O general Tojo foi levado na mesma hora ao hospital, recebeu todos os cuidados de uma equipe de médicos americanos e, quando recuperou a saúde, foi julgado e condenado à forca. Uma morte terrível. O momento da morte é muito importante. Não decidimos como nascer, mas podemos decidir como morrer.

Aomame mordeu o lábio.

— O único jeito de não dar errado é colocar o cano dentro da boca e estourar os miolos de baixo para cima. Assim...

Tamaru pegou a arma de Aomame e fez uma demonstração prática. Apesar de a trava de segurança estar acionada, a cena deixou Aomame muito nervosa, a ponto de se sentir sufocada, como se algo estivesse preso em sua garganta.

— Mas isso também não é cem por cento seguro. Conheço um homem que não conseguiu morrer e ficou gravemente ferido. Ele trabalhava comigo nas Forças de Autodefesa. Colocou o cano do rifle dentro da boca e, com uma colher, puxou o gatilho com os dedos dos pés. Mas o rifle se deslocou um pouco e ele acabou não morrendo, ficou em estado vegetativo durante dez anos. Tirar a própria vida não é tão fácil como parece. Não é como nos filmes, onde todos morrem sem dificuldade. E ainda parecem morrer sem dor. A realidade é outra. Muitos não conseguem se matar e terminam numa cama por dez anos, defecando e urinando sem controle.

Aomame assentiu sem dizer nada.

Tamaru tirou o pente e as balas e os guardou dentro do saco plástico; em seguida, entregou a arma e a munição em pacotes separados para Aomame.

— Não está carregada.

Aomame assentiu e pegou os embrulhos.

— Não me leve a mal, mas acho mais prudente você tentar sobreviver. É a solução mais prática. É o meu conselho.

— Entendi — disse Aomame, com a voz seca. Embrulhou num cachecol a Heckler & Koch HK4, aquele rude artefato mecânico, e acomodou no fundo da bolsa. Em outro compartimento, guardou o

saco plástico com as balas. A bolsa ficou meio quilo mais pesada, mas o formato não se alterou. Era uma pistola pequena.

— Não é uma arma para amadores — disse Tamaru. — Por experiência, sei que isso é problema na certa. Mas você vai conseguir se sair bem. Nós temos uma coisa em comum: em último caso, colocamos as regras acima dos nossos interesses.

— Talvez por não existir um “eu” de verdade.

Tamaru não comentou nada.

— Você fazia parte das Forças de Autodefesa? — perguntou Aomame.

— Eu era da unidade mais *dura*. Nos faziam comer ratos, cobras e gafanhotos. Não que fosse uma comida intragável, mas estava longe de ser apetitosa.

— E o que você fez depois disso?

— Várias coisas. Trabalhei na área de segurança, principalmente como guarda-costas. O mais correto seria dizer que algumas vezes fui capanga. Não tenho perfil para trabalhar em equipe e, por isso, prefiro agir sozinho. Durante um período, ainda que curto, atuei no submundo. Vi muitas coisas nessa época. Coisas que uma pessoa comum jamais precisaria ver durante a vida. De alguma forma, não caí no fundo do poço. Sempre tomei cuidado para não pisar onde não devia. Sou uma pessoa cautelosa, não gosto da Yakuza. Por isso, como eu já te disse, não tenho antecedentes criminais. Depois, vim parar aqui — Tamaru apontou o dedo para o chão —, e é aqui que espero passar o resto da minha carreira. Não é apenas uma questão de estabilidade, mas gostaria de manter essa vida de agora. Não é fácil encontrar um bom trabalho.

— Tem razão — disse Aomame. — Não preciso te pagar?

Tamaru negou com a cabeça.

— Não. Mais do que o dinheiro, o mundo é movido pelas trocas de favor. Prefiro sempre fazer mais favores do que devê-los.

— Obrigada — disse Aomame.

— Se, por acaso, você for interrogada sobre essa arma, não quero que diga o meu nome. Se a polícia me procurar, negarei com veemência. Mesmo apanhando, não vou dizer nada. Mas, se a madame for envolvida, ficarei numa situação difícil.

— Pode deixar, não vou dizer nada.

Tamaru tirou do bolso um papel dobrado e o entregou a Aomame. Nele estava escrito o nome de um homem.

— Em todo caso, no dia 4 de julho você esteve com esse homem no café Renoir, próximo à estação Sendagaya. Adquiriu uma pistola com sete balas e pagou quinhentos mil ienes em dinheiro. Você estava querendo adquirir uma arma e esse homem entrou em contato com você. Se a polícia interrogá-lo, ele vai admitir e passará um

tempo na prisão. Você não precisa entrar em detalhes. Se ficar claro e for comprovado como você adquiriu a arma, a reputação da polícia estará garantida e, provavelmente, você passará pouco tempo na prisão por violar a lei de porte de armas cortantes e de fogo.

Aomame memorizou o nome escrito no papel e o devolveu a Tamaru. Ele rasgou-o em pedacinhos e os jogou no cesto de lixo.

— Como eu lhe disse há pouco, sou uma pessoa cautelosa. Raramente confio nas pessoas e, mesmo quando o faço, permaneço sempre atento. Não sou de deixar as coisas fluírem ao sabor das circunstâncias. Mas o que eu realmente desejo é que você me devolva a pistola sem usá-la. Assim ninguém ficará numa situação incômoda. Ninguém vai morrer, nem se machucar ou ir para a cadeia.

Aomame concordou.

— Quer dizer que eu devo transgredir as regras literárias de Tchekhov.

— Isso mesmo. Tchekhov é um escritor brilhante, mas suas regras não são as únicas a serem seguidas. Nem todas as armas que surgem numa história precisam ser usadas — disse Tamaru. Em seguida, lembrou-se de algo que o fez franzir a testa. — Ah! Ia me esquecendo de algo importante. Preciso te entregar um bipe.

Ele pegou na gaveta um aparelho pequeno e o colocou sobre a mesa. Tinha uma presilha metálica para ser preso à roupa ou ao cinto. Tamaru pegou o telefone e apertou três números de discagem rápida. Após chamar três vezes, o bipe começou a tocar intermitentemente. Tamaru ajustou o volume ao nível máximo e, após apertar um botão, o bipe parou de tocar. Depois de verificar se o número da chamada estava registrado na tela, entregou-o a Aomame.

— Procure sempre andar com ele — disse Tamaru. — Ou, pelo menos, deixe-o ao alcance da vista e da mão. Se tocar, é porque tenho um recado para você. Um recado importante. Não vou te ligar para falar sobre o tempo. Assim que tocar, telefone imediatamente para o número registrado na tela. Use sempre um telefone público. E mais uma coisa: se você tem alguma bagagem, deixe-a num armário da estação de Shinjuku.

— Estação Shinjuku — repetiu Aomame.

— Não preciso dizer que, quanto menos coisa tiver de carregar, melhor.

— Entendido — disse Aomame.

Ao voltar ao apartamento, Aomame fechou a cortina e tirou da bolsa a Heckler & Koch HK4 e a munição. Sentou na mesa da cozinha e treinou várias vezes os movimentos de carregar e descarregar o pente. Quanto mais praticava, mais rápidos e ritmados eram os movimentos,

e as mãos deixaram de tremer. Após treinar durante um tempo, enrolou a pistola numa camiseta velha, escondeu-a numa caixa de sapatos e colocou-a no fundo do guarda-roupa. A munição ela acomodou no bolso da capa de chuva pendurada no cabide. Como estava com muita sede, tirou da geladeira uma jarra de chá de cevada e tomou três copos seguidos. Os músculos dos ombros estavam rígidos por conta da tensão, e o suor nas axilas exalava um odor diferente do normal. A maneira de ver o mundo parecia diferente só pelo fato de possuir uma arma. Era como se o ambiente estivesse impregnado de uma estranha tonalidade, distinta da habitual.

Aomame tirou a roupa, tomou um banho quente e eliminou o desagradável cheiro de suor.

Nem todas as armas precisam ser usadas, disse a si mesma no chuveiro. A arma era apenas um instrumento. E o mundo em que ela vivia não era o da ficção. Era um mundo real, repleto de fissuras, incoerências e situações decepcionantes.

Passaram-se duas semanas sem novidades. Como de costume, Aomame foi trabalhar no clube esportivo e deu suas aulas de artes marciais e de alongamento, seguindo à risca o conselho da velha senhora de que era preciso fazer o possível para não alterar a rotina. Depois voltou para casa, jantou sozinha, fechou as cortinas e, sentada ao lado da mesa da cozinha, praticou o manuseio da Heckler & Koch HK4. O peso, a rigidez e o cheiro de óleo de máquina, assim como sua força destruidora e sua quietude, foram gradativamente se tornando parte dela.

Às vezes, manuseava a arma com os olhos vendados por um cachecol. Ela já conseguia tirar e recolocar o pente, deslocar a trava de segurança e puxar o ferrolho rapidamente, sem enxergar nada. Cada movimento emitia um som breve e cadenciado, que repercutia de modo agradável em seus ouvidos. No escuro, a diferença entre o som do artefato e o som que seus ouvidos esperavam captar se tornou cada vez menos perceptível. A linha que existia entre ela e seus movimentos foi gradativamente se diluindo, até finalmente deixar de existir.

Uma vez ao dia, ela ficava de frente para o espelho do banheiro e colocava o cano da pistola na boca. Enquanto sentia o metal rígido encostado na extremidade do dente, imaginava o momento em que seu dedo puxaria o gatilho. Com esse único gesto, acabaria com sua vida. No momento seguinte, deixaria de existir neste mundo. Ela explicava alguns pontos importantes para a imagem refletida no espelho: não tremer a mão; aguentar o impacto do coice; não ter medo e, principalmente, não hesitar.

Se quisesse, poderia fazer isso naquele instante. Bastava mover o gatilho um centímetro para dentro. Simples. Chegou até a sentir o ímpeto de fazê-lo. Mas voltou atrás. Tirou o cano da boca, desarmou o martelo, acionou a trava de segurança e colocou a pistola sobre a pia, entre a pasta de dentes e a escova de cabelo. Não. Ainda era cedo. Antes, ela tinha uma coisa a fazer.

Seguindo as instruções de Tamaru, Aomame mantinha sempre o bipe na cintura. Quando dormia, deixava-o ao lado do despertador. Sempre o tinha à mão, de modo que pudesse rapidamente atender um chamado. No entanto, o bipe não tocara nenhuma vez. E já se passara uma semana.

A pistola na caixa de sapatos, as sete balas no bolso da capa de chuva, o bipe silencioso, o picador de gelo especial com sua ponta fina, afiada e mortal, seus pertences numa maleta de viagem. O futuro rosto novo e a vida nova que a aguardavam. Os maços de notas guardadas na estação Shinjuku. Aomame passava seus dias de verão em meio a tudo isso. As pessoas já estavam no clima das férias, muitas lojas estavam fechadas, e nas ruas havia poucos transeuntes. A quantidade de carros também diminuía, a cidade parecia pesadamente silenciosa. De vez em quando, Aomame tinha a impressão de que não sabia onde estava, e se perguntava *se estava realmente vivendo no mundo real*. Mas, se aquele não era o mundo real, por onde devia começar a procurá-lo? No momento, só lhe restava admitir que aquela era a única realidade plausível, que deveria lutar com todas as forças para tentar superá-la de algum modo.

Ela não tinha medo de morrer, reiterou para si. O que realmente temia era que a realidade a pegasse desprevenida. Temia ser abandonada pela realidade.

Suas coisas estavam prontas. Emocionalmente, também se sentia preparada. Assim que Tamaru entrasse em contato, ela podia deixar o apartamento. Mas ele não o fez. O calendário indicava que estavam no final de agosto. Faltava pouco para terminar o verão e, lá fora, as cigarras emitiam com veemência seu último canto. Como era possível que um mês já tivesse passado se os dias eram assim tão longos?

Ao voltar do clube após um dia de trabalho, Aomame tirou a roupa suada, colocou-a no cesto de roupa suja e vestiu shorts e uma blusa leve. Após o meio-dia, caiu um aguaceiro. O céu escureceu, e granizos caíam com estrépito no chão em meio a trovoadas concentradas. Depois da tempestade, as ruas ficaram encharcadas. O sol voltou a brilhar e evaporou as poças das ruas, cobrindo a cidade com uma camada de vapor d'água tremeluzente como ondas de calor.

Ao entardecer, as nuvens voltaram a cobrir o céu, como um véu espesso. Não se podia ver a lua.

Antes de preparar o jantar, Aomame precisava descansar um pouco. Bebeu um copo de chá de cevada e, enquanto comia a soja verde previamente cozida, abriu o jornal da tarde sobre a mesa da cozinha. Começou pelas manchetes e seguiu lendo página por página. Nenhum artigo em especial lhe chamou a atenção. Era o jornal de sempre. Mas, quando abriu as notícias locais, a foto do rosto de Ayumi saltou aos olhos. Aomame conteve a respiração e franziu as sobrancelhas.

“Não pode ser”, pensou inicialmente. Devia estar equivocada; a foto podia ser de alguém muito parecida com ela. Afinal, não havia motivo para Ayumi sair numa matéria tão grande, ainda mais com foto. Mas, apesar de sua resistência, aquela era a imagem da jovem policial que ela conhecia tão bem. Era o mesmo rosto da companheira que animava suas esporádicas escapadas sexuais. Na foto, ela sorria de modo discreto. Um sorriso muito artificial e sem graça. A Ayumi de verdade tinha um sorriso aberto, espontâneo, que se irradiava pelo rosto. A foto do jornal parecia tirada de um álbum oficial. E o sorriso emanava algo inquietante.

Aomame não queria ler o artigo. Só de ver a manchete, em letras garrafais ao lado da foto, dava para entender o que havia acontecido. Mas ela precisava ler. Aquela era a realidade e, fosse o que fosse, não podia ignorá-la. Aomame respirou fundo e começou a ler.

Ayumi Nakano, 26 anos, solteira, residente no distrito de Shinjuku, Tóquio.

A matéria dizia que ela fora assassinada num quarto de hotel em Shibuya, estrangulada com o cinto de um roupão de banho. Estava completamente nua, com as mãos algemadas na cabeceira da cama e uma peça de roupa enfiada na boca para que não pudesse gritar. Um funcionário do hotel encontrou o corpo ao checar o quarto, pouco antes do meio-dia. Na noite anterior, perto das onze, ela e um homem foram vistos indo para o quarto, e ele saíra sozinho ao amanhecer. O quarto foi pago antecipadamente. Numa cidade grande como Tóquio, aquele tipo de acontecimento não era excepcional. Era comum que, nas grandes metrópoles, a convivência intensa entre as pessoas exaltasse alguns ânimos, levando às vezes à violência. Os jornais estavam cheios de eventos daquele tipo. Mas este incidente em particular tinha um detalhe distinto: a vítima era uma policial que trabalhava na polícia metropolitana de Tóquio, e as algemas, que supostamente estavam sendo usadas no jogo sexual, eram as fornecidas oficialmente pelo governo. Não eram algemas de brinquedo, vendidas a preços módicos nas sex shops. Naturalmente,

era uma notícia que chamava a atenção das pessoas.

Tengo

Talvez fosse melhor não desejar isso

Onde ela está, e o que estaria fazendo agora? Será que ainda é Testemunha de Jeová?

Tengo esperava que não. Ele sabia que aquilo não era da sua conta, pois todos são livres para seguir uma crença. No entanto, as lembranças que tinha daqueles tempos de criança lhe diziam que aquela menina não parecia nem um pouco feliz em ser Testemunha de Jeová.

Na faculdade, Tengo fazia bico num depósito de bebidas. O salário não era ruim, mas, como tinha de carregar mercadorias pesadas, era um trabalho penoso. No final do expediente, mesmo ele, que tinha a seu favor um físico robusto e forte, sentia dores nas articulações. Às vezes trabalhavam com ele dois rapazes da segunda geração dos Testemunhas de Jeová. Eram educados e causavam boa impressão. Tinham a mesma idade de Tengo e se empenhavam no trabalho. Não faziam corpo mole nem reclamavam do serviço. Certo dia, no final do expediente, os três saíram para tomar uma cerveja. Os rapazes eram amigos de infância e, segundo eles, alguns motivos os levaram a abandonar a religião alguns anos antes. Havia decidido se afastar do grupo e fincar os pés no mundo real. Mas parecia a Tengo que eles ainda não tinham conseguido se adaptar a esse novo mundo. O fato de, desde a infância, terem vivido numa comunidade pequena e fechada tornava difícil entender e aceitar as regras de um mundo muito mais amplo. Muitas vezes, hesitavam e perdiam a confiança no próprio poder de julgamento. Viviam numa constante dicotomia entre o gosto da liberdade e a dúvida sobre se haviam tomado a decisão certa ao abandonar a religião.

Tengo não podia deixar de sentir pena deles. Se tivessem largado a religião ainda pequenos, as chances de se integrarem à sociedade teriam sido bem maiores. No entanto, uma vez perdida a oportunidade, o jeito era viver na comunidade dos Testemunhas de Jeová conforme os valores apregoados. Ou tentar, por esforço próprio, mudar conscientemente os costumes e as atitudes. Enquanto conversava com eles, Tengo se lembrou daquela menina e, ao pensar nela, desejou que não estivesse passando pelo mesmo sofrimento.

Quando aquela menina finalmente soltou sua mão e saiu às pressas da sala de aula sem olhar para trás, Tengo ficou um bom tempo petrificado, sem poder fazer nada. Ela a havia segurado com muita força, e ele ainda sentia nitidamente na mão esquerda o toque de seus dedos. Toque que perdurou por alguns dias. Mesmo após deixar de senti-lo na pele, tornou-se uma marca no seu coração.

Um tempo depois, ele ejaculou pela primeira vez. A ponta de seu pênis rígido expeliu uma pequena quantidade de líquido. Um líquido mais viscoso que a urina, acompanhado de uma pontada. Ele não sabia que aquilo era o prenúncio do líquido seminal. Como isso nunca tinha acontecido antes, Tengo ficou apreensivo. Temia que algo ruim estivesse acontecendo com ele. Mas não podia falar disso com seu pai nem com os amigos. Ao despertar durante a noite (não conseguia se lembrar do sonho), sua cueca estava ligeiramente molhada. Tengo chegou a pensar que o fato de a menina ter segurado sua mão havia tirado à força aquilo de dentro dele.

Depois daquilo, ele nunca mais teve contato com aquela menina. Aomame mantinha-se isolada da turma, não conversava com ninguém e recitava suas orações estranhas antes das refeições. Mesmo quando passava por ele, a expressão de seu rosto mantinha-se inalterada, como se não tivesse acontecido nada. A impressão era de que ela nunca reparava em Tengo.

Em contrapartida, sempre que podia, Tengo a observava discretamente, sem chamar a atenção dos outros. Ao mirá-la, notava que seu rosto era bonito. Um rosto que despertava uma certa empatia. Ela era magra e sempre vestia roupas desbotadas que não eram do seu tamanho. Quando usava roupas de ginástica, notava-se que seus seios ainda não eram salientes. Era carente de expressão, falava pouco e tinha um olhar sempre distante. Um olhar desprovido de vitalidade. Tengo achava isso estranho, porque naquela vez em que seus olhos se encontraram, o dela era límpido e cheio de brilho.

Desde o dia em que ela segurou sua mão, Tengo sabia que dentro daquela menina magricela se ocultava uma força acima do normal. Não se tratava apenas de uma tremenda força física, mas também de uma gigantesca força interior. Uma energia incomum, que ela procurava ocultar dos colegas. Durante as aulas, quando os professores a chamavam, ela respondia apenas o necessário (às vezes nem isso), mas suas notas não eram ruins. Tengo achava que, se ela quisesse, com certeza conseguiria tirar notas bem mais altas, mas, para não chamar a atenção, ao fazer as provas não dava tudo de si. Talvez fosse uma estratégia — desenvolvida por crianças em situações parecidas com a dela — para evitar os danos que as pessoas poderiam lhes causar, e assim sobreviverem. Elas procuravam ficar, na medida do possível, encolhidas; na medida do possível, invisíveis.

Tengo chegou a pensar em como seria bom se ela tivesse uma vida normal e pudesse conversar à vontade. Talvez tivessem sido bons amigos. De qualquer forma, não é fácil que um garoto e uma garota de 10 anos se tornem amigos. Não mesmo. Talvez seja uma das tarefas mais difíceis do mundo. Mas, de vez em quando, era perfeitamente possível encontrar uma ocasião em que pudessem conversar amigavelmente. No final, isso não aconteceu. A situação em que ela se encontrava não era normal, e isso fez com que se mantivesse isolada, ignorada pelos demais, guardada num silêncio obstinado. Tengo, por outro lado, em vez de insistir no relacionamento de carne e osso com Aomame, preferiu manter um vínculo silencioso em seu mundo de reminiscências e imaginação.

O Tengo de 10 anos ainda não tinha uma imagem concreta sobre sexo. Seu único desejo era estarem em algum lugar a sós para que ela pudesse novamente segurar sua mão com força. E que ela lhe contasse qualquer coisa de si. Que ela contasse em voz baixa algum segredo, de como era ser uma menina de 10 anos. Ele faria de tudo para tentar entendê-la. E, a partir de então, algo poderia acontecer. Algo que Tengo não tinha ideia do que seria.

Em abril, quando Tengo passou para a quinta série, ele e Aomame estudaram em classes separadas. De vez em quando, eles se encontravam no corredor da escola ou no ponto de ônibus. Mas ela continuava a ignorá-lo. Pelo menos essa era a impressão de Tengo. Quando ele estava por perto, ela nem sequer movia a sobrancelha. Às vezes, desviava o olhar. Um olhar sem profundidade ou brilho. Tengo se perguntava o que teria acontecido na sala de aula naquele dia. Às vezes chegava a pensar que tudo não passara de um sonho, que nada daquilo acontecera. Por outro lado, a sua mão continuava a sentir nitidamente o aperto de mão dela. Para Tengo, o mundo era cheio de mistérios.

E então descobriu que Aomame não frequentava mais a escola. Ela havia se mudado, ele não sabia dos detalhes. Ninguém sabia dizer para onde tinha ido. Provavelmente a única pessoa de toda a escola que sentiu sua falta foi Tengo.

Depois, durante um bom tempo, Tengo lamentou sua atitude. Ou melhor, lamentou sua *falta de atitude*. Agora ele sabia o que deveria ter dito a ela. Sabia exatamente o que queria dizer e o que precisava dizer. Em seguida, passou a achar que não teria sido tão difícil pará-la em algum lugar para que pudessem conversar. Era só uma questão de aproveitar uma situação e se munir de certa dose de coragem. Mas Tengo fora incapaz de agir. A oportunidade havia se perdido para sempre.

Mesmo após concluir o primário e seguir para o ginásio numa escola pública, Tengo continuava pensando em Aomame. Passara a ter ereções mais frequentes e, às vezes, se masturbava pensando nela. Sempre usava a mão esquerda; a mão que ainda sentia a pressão de seus dedos. A Aomame de suas lembranças era magra, ainda sem seios. Mesmo assim, ele conseguia ejacular ao imaginá-la com a roupa de ginástica.

Ao entrar no colegial, começou a sair com garotas da mesma idade. Elas usavam roupas que marcavam nitidamente o novo formato dos seios. Quando Tengo olhava para eles, sentia falta de ar. Mas, ao deitar-se para dormir, ele usava a mão esquerda imaginando os seios lisos de Aomame, ainda desprovidos das futuras curvas. Nessas horas, sentia uma culpa intensa por achar que havia nele algo de pervertido e indecente.

Ao entrar na faculdade, ele já não pensava nela com tanta frequência, pois começara a sair e ter relações sexuais com garotas de carne e osso. Fisicamente, já era um adulto, e a imagem daquela menina magra de 10 anos e roupa de ginástica estava bem distante de seus objetos de desejo.

Tengo nunca mais experimentou uma sensação tão intensa como naquele dia em que ela segurara sua mão na sala de aula da escola primária. Na faculdade, e mesmo depois de formado, nenhuma garota com quem se relacionou deixou marcas tão profundas em seu coração. Ele não conseguia encontrar nelas o que realmente desejava. Algumas eram bonitas, outras muito afetuosas; algumas foram muito carinhosas com ele. Mas, no final, todas vinham e partiam como pássaros de asas belamente coloridas, que pousam brevemente num galho para voar em seguida. Não conseguiam satisfazer Tengo, e ele tampouco conseguia satisfazê-las.

Mesmo agora, com quase 30 anos, quando não tinha nada para fazer e se sentia ocioso, ele se surpreendia ao perceber que, sem querer, pensava naquela garota de 10 anos. Em suas lembranças, eles estavam na sala após o horário das aulas, e ela segurava firmemente sua mão fitando com seus olhos límpidos e reluzentes os olhos de Tengo. Às vezes, lembrava-se daquele dia em que ela usava roupa de ginástica. Ou seguindo a mãe pelas ruas comerciais de Ichikawa num domingo de manhã. Seus lábios estavam sempre cerrados e seus olhos, a esmo, olhavam para lugar nenhum.

Nessas horas, Tengo achava que seu coração jamais conseguiria se desvencilhar daquela menina. Ainda se arrependia muito de não ter falado com ela, mesmo que fosse no corredor da escola. Se tivesse tido a coragem, sua vida provavelmente seria bem diferente agora.

O que o fez pensar em Aomame foi ter comprado edamame, soja verde, no supermercado. Enquanto escolhia a soja, começou a pensar casualmente nela. Sem se dar conta, deixou-se levar pela imaginação. Perdeu a noção de quanto tempo ficou parado ali, pensando nela. Só voltou a si quando ouviu a voz de uma mulher pedindo licença. Ele estava diante da barraca de soja com seu corpo grande impedindo a passagem.

Tengo caiu em si, pediu desculpas e, após colocar na cesta o maço de soja, junto com os demais ingredientes — camarão, leite, queijo de soja, alface e biscoito de água e sal —, dirigiu-se ao caixa. Aguardou na fila com as mulheres que moravam nas redondezas. Era justamente o horário de pico, bem no final da tarde, e, como a atendente era nova e inexperiente, formou-se uma longa fila; Tengo não se importou com isso.

Se Aomame estivesse naquela fila, será que ele a reconheceria? Será? Afinal, haviam se passado cerca de vinte anos. A chance de eles se reconhecerem era muito pequena. Se ele passasse por ela na rua e, de repente, a reconhecesse, será que teria coragem de chamá-la? Tengo não tinha tanta certeza. Provavelmente, não teria coragem e passaria por ela sem dizer nada. Depois, ficaria profundamente arrependido, pensando por que não falara com ela.

Komatsu costumava dizer que Tengo carecia de força de vontade e iniciativa. Tengo admitia que Komatsu tinha razão. Quando hesitava, ele logo pensava “deixa pra lá” e, prontamente, optava por desistir. Era uma característica sua.

No entanto, se por acaso a encontrasse e tivesse a sorte de o reconhecimento ser mútuo, ele possivelmente confessaria tudo, de modo direto e com sinceridade, sem esconder nada. Ele a convidaria para ir a um café (se ela estivesse com tempo para aceitar o convite) e conversariam tomando algo, um de frente para o outro.

Tinha muitas coisas a dizer: que ainda se lembrava do dia em que apertara sua mão; que queria muito ser amigo dela; que queria conhecê-la melhor, mas nunca conseguira. Dentre os vários motivos, o principal era sua covardia. Falaria também que havia se arrependido, que mesmo hoje continuava arrependido. Diria o quanto pensava nela. Mas, é claro, omitiria as masturbações. Esse assunto pertencia a uma dimensão que excedia o âmbito da sinceridade.

Mas talvez fosse melhor não desejar isso. Talvez fosse melhor não reencontrá-la. O reencontro poderia decepcioná-lo. Ela podia ser apenas uma funcionária entediada, visivelmente cansada, ou uma mãe frustrada que briga com seus filhos pequenos. Poderiam não ter nenhum assunto em comum. Sem dúvida, isso seria plausível. Se isso acontecesse, Tengo perderia para sempre algo muito importante que cultivara em seu coração. Por outro lado, Tengo nutria uma esperança

de que nada disso aconteceria. O olhar seguro daquela garota de 10 anos e o perfil daquele rosto, de uma intensa força de vontade, revelavam uma postura resoluta, de quem não se deixa abater pelas vicissitudes impostas pela vida.

Em contrapartida, qual seria a situação de Tengo?

Ao pensar nisso, foi tomado de insegurança.

Se eles se reencontrassem, provavelmente Aomame é que ficaria decepcionada. O Tengo da época do primário era considerado o gênio da matemática, tirava boas notas em quase todas as matérias, era grande, forte, um excelente atleta. Todos os professores o respeitavam e apostavam que ele teria um futuro brilhante. Aos olhos de Aomame, ele devia ser um herói. No entanto, hoje ele era apenas um professor com contrato temporário, o que estava longe de ser considerado um emprego estável. Um trabalho cômodo para quem vive sozinho. Dava para se manter sem passar dificuldades, mas estava longe de ser considerado um pilar da sociedade. Além de trabalhar na escola preparatória, também escrevia romances, mas nunca foram publicados. Fazia serviços temporários para uma revista feminina e escrevia o que lhe vinha à cabeça na coluna de previsões astrológicas. A coluna era muito conhecida, mas, verdade seja dita, o que ele escrevia não passava de um monte de baboseiras. Não tinha amigos com quem se abrir, nem uma namorada. A única relação que mantinha era com uma mulher casada, dez anos mais velha, com quem se encontrava uma vez por semana em segredo. O único trabalho que realmente o deixava orgulhoso fora reescrever, no anonimato, o best-seller *Crisálida de ar*. Mas era algo que não podia revelar para ninguém, mesmo sob ameaça de morte.

Os pensamentos de Tengo haviam chegado a esse ponto quando a funcionária do caixa pegou sua cesta de compras.

Voltou ao apartamento carregando pacotes de papel com suas compras. Vestiu um calção, pegou uma lata de cerveja na geladeira e, enquanto bebia, colocou água para ferver numa panela grande. Enquanto aguardava, tirou as vagens de soja dos galhos e, sobre a tábua de carne, temperou-as com sal, espalhando-o uniformemente. Depois, despejou tudo dentro da panela com a água fervendo.

Tengo se perguntava por que a menina magra de 10 anos nunca deixara seu coração. Ela se aproximou dele após a aula e segurou sua mão. Não disse uma palavra. Apenas isso. Mas, naquela época, Aomame levou uma parte dele consigo. Alguma parte do coração ou de seu corpo e, em troca, deixou uma parte do coração ou do corpo dela. Uma troca num curto espaço de tempo.

Tengo cortou em pedaços bem pequenos uma porção grande

de gengibre. Depois, fatiou o aipo e os cogumelos. Em seguida, picou a salsa crespa. Após tirar as cascas dos camarões, lavou-os em água corrente. Estendeu papel toalha e os dispôs enfileirados como se fossem soldadinhos. Quando a soja começou a flutuar na água, despejou-a no escorredor e deixou esfriar. Depois, pegou uma frigideira grande, untou-a com óleo de gergelim branco e fritou o gengibre em fogo baixo.

“Seria tão bom poder reencontrá-la agora”, pensou. Não importava se um se decepcionaria com o outro. O que Tengo queria era vê-la novamente. Queria ao menos saber como foi a vida dela depois daquele dia, onde ela vivia agora, o que a fazia feliz ou a deixava triste. Por mais diferentes que fossem, ou que a chance de ficarem juntos estivesse perdida para sempre, em nada mudaria o fato de terem trocado algo importante naquele longínquo passado, após a aula do primário.

Tengo colocou o aipo e o cogumelo na frigideira e os fritou em fogo alto, girando às vezes a frigideira e misturando delicadamente os ingredientes com uma colher de bambu. Temperou com uma pitada de sal e pimenta do reino. Quando os legumes estavam perto do ponto, adicionou os camarões lavados e secos. Temperou novamente com uma pitada de sal e pimenta-do-reino e, desta vez, acrescentou uma pequena dose de saquê. Depois, adicionou um filete de molho de soja e, por fim, polvilhou a salsinha picada. Tengo preparou o prato sem pensar. Era como se estivesse no piloto automático, sem dar atenção ao que fazia. Aquele era um prato simples, que não requeria muito trabalho. Ele manuseava os alimentos com precisão, mas desde o início só pensava em Aomame.

Quando os camarões e os legumes estavam no ponto, tirou-os da frigideira e passou para um prato grande. Pegou uma outra cerveja na geladeira e, sentado à mesa da cozinha, juntou a comida que fumegava, envolto em pensamentos.

Tengo sabia que muitas coisas haviam mudado em sua vida nesses últimos meses. Podia dizer que, finalmente, próximo de completar 30 anos, estava desenvolvendo o seu lado mental e emocional. “Que formidável!”, pensou, e, com a meia lata de cerveja na mão, balançou a cabeça rindo de si mesmo. “Realmente, é formidável. Se eu continuar neste ritmo, quantos anos serão necessários para eu alcançar um grau de amadurecimento considerado normal entre os adultos?”

De qualquer modo, o que provocou essa mudança interior foi a *Crisálida de ar*. Ao reescrever a história de Fukaeri com suas próprias palavras, a ideia de transformar em narrativa literária a história que

existia dentro dele tornou-se intensa. Foi nesse momento que surgiu um sentimento que se poderia chamar de desejo. E, nesse novo sentimento, havia também o desejo de reencontrar Aomame. Não entendia o porquê de pensar tanto nela. Seus pensamentos sempre o levavam de volta à sala de aula daquela tarde de vinte anos atrás, como uma pessoa na orla da praia que sente os pés sendo levados pelas fortes ondas que retornam ao mar.

No final, Tengo bebeu a segunda lata de cerveja até a metade e comeu só parte do prato que preparou. Despejou a cerveja na pia da cozinha, transferiu a comida para um prato menor, envolveu-o com filme plástico e o guardou na geladeira.

Após a refeição, sentou-se na escrivaninha, ligou o processador de texto e abriu na tela o arquivo que estava escrevendo.

Tengo passou a achar que reescrever o passado não era tão importante. Era o que sua namorada mais velha havia lhe dito. Ela tinha razão. Por mais que se altere cuidadosamente os detalhes do passado, não significa que as circunstâncias do presente vão se alterar. O tempo possui uma força muito grande, capaz de anular todas as alterações realizadas artificialmente. Ele consegue corrigir e trazer de volta o fluxo original, o que se tentou alterar. Alguns fatos pequenos poderiam ser mudados, mas, no final, querendo ou não, Tengo seria sempre o mesmo.

O que precisava fazer era ficar em pé na encruzilhada do presente e olhar o passado com sinceridade; e escrever o futuro como se estivesse reescrevendo o passado. Não havia outra saída.

Contrição e arrependimento
Torturam meu coração culpado.
Que minhas lágrimas se tornem
um bálsamo para ti, fiel Jesus.

Era um trecho da ária de *A paixão segundo são Mateus*, que Fukaeri cantara outro dia. Como Tengo ficou curioso com a passagem, no dia seguinte pegara o disco que tinha em casa e o escutara com a tradução em mãos. A ária se referia ao trecho em que *Jesus é ungido em Betânia*, na primeira parte da Paixão. Estando Jesus em Betânia visitando a casa de um leproso, uma mulher derramou em sua cabeça um bálsamo precioso. Quando os discípulos viram isso, censuraram-na, dizendo que aquilo era um desperdício, pois o bálsamo poderia ter sido vendido bem caro, e o dinheiro distribuído aos pobres. Jesus, porém, percebendo isso, explicou aos indignados discípulos que aquela mulher praticara uma boa ação, pois ela “o fez para me

sepultar”.

A mulher sabia que em breve Jesus morreria. Por isso, precisava derramar o bálsamo precioso para verter seu copioso fluxo de lágrimas. Jesus também sabia que em breve trilharia o caminho da morte. E então falou: “Em verdade vos digo que, onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória.”

Nenhum deles, claro, podia mudar o futuro.

Tengo fechou novamente os olhos, respirou fundo e reorganizou em palavras os seus pensamentos. Ao alterar a ordem das palavras, as imagens tornavam-se mais nítidas. E o ritmo também se tornou mais preciso.

Movimentou os dedos no ar como se fosse o próprio Vladimir Horowitz diante das oitenta e oito teclas do seu piano. Em seguida, com o coração decidido, pôs-se a digitar as palavras no processador.

Começou a descrever um mundo em que, ao anoitecer, havia duas luas alinhadas na parte leste do céu. Escreveu como as pessoas viviam e como o tempo fluía naquele mundo.

“Em verdade vos digo que onde quer que for pregado em todo o mundo este Evangelho, também o que ela fez será contado para memória sua.”

O gato vegetariano se encontra com o rato

Depois de aceitar a morte de Ayumi como fato incontestável, Aomame precisou de tempo para processar a informação. Feito isso, desatou a chorar. Cobriu o rosto com as mãos e chorou em silêncio, com um discreto mover de ombros. Era como se ninguém no mundo pudesse saber que estava chorando.

As cortinas das janelas estavam totalmente fechadas, mas, mesmo assim, ela receava que alguém pudesse observá-la. Naquela noite, Aomame abriu o jornal sobre a mesa da cozinha e chorou ininterruptamente diante dele. Às vezes não conseguia conter o choro e soluçava alto, mas em seguida se controlava. As lágrimas contornavam as mãos e pingavam no jornal.

Desde que se entendia por gente, Aomame dificilmente chorava. Quando sentia vontade, ficava com raiva. Raiva de alguém ou de si mesma. Por isso, era muito raro que vertesse lágrimas. Mas, quando começava, não conseguia parar. A última tinha sido quando Tamaki se suicidou. Quantos anos teriam se passado? Não conseguia se lembrar. Havia se passado *muito* tempo. Naquela ocasião, Aomame chorou copiosamente durante vários dias, sem comer nem sair de casa. As únicas coisas que fazia eram tomar água, que perdia em forma de lágrimas, e dormir um pouco, como se desmaiasse. No resto do tempo chorava sem parar. Nunca mais tinha chorado daquele jeito.

Ayumi não existia mais neste mundo. Ela se transformara num cadáver frio, e a essa hora deviam estar fazendo sua autópsia. Depois, seria costurada e, após um funeral modesto, conduzida para o crematório. Ao ser incinerada, seu corpo se transformaria em fumaça e se mesclaria às nuvens. Por fim, voltaria à terra em forma de chuva, fazendo crescer a grama. Uma grama sem nome nem história. Aomame nunca mais veria Ayumi viva de novo. Isso era contra a ordem natural das coisas, algo injusto, um acontecimento terrível.

Depois que Tamaki Otsuka partiu, a única pessoa pela qual Aomame sentiu algo parecido foi Ayumi. Mas, infelizmente, havia um empecilho na amizade. Ayumi era uma policial, e Aomame uma assassina. Apesar de ser uma assassina de princípios, uma assassina seria sempre uma assassina. Sob o ponto de vista da lei, era uma criminosa. Aomame estava do lado de quem é preso, e Ayumi do lado de quem prende.

Por isso, mesmo que Ayumi quisesse estreitar os laços de amizade, Aomame precisava endurecer o coração e se esforçar para não corresponder a essa expectativa. Caso se tornassem amigas íntimas, a ponto de compartilhar assuntos do cotidiano, surgiriam inúmeras contradições e reparações a serem feitas, e isso seria fatal para Aomame, que, a princípio, era uma pessoa honesta e direta. Jamais conseguiria manter uma íntegra relação de amizade com alguém se tivesse de mentir ou esconder algo importante. Essa condição deixava Aomame confusa, e meter-se em confusão era algo que ela queria evitar a qualquer custo.

Ayumi, de certa forma, já devia ter percebido isso. Ela sabia que Aomame tinha algum segredo que não podia revelar e, por isso, mantinha conscientemente uma certa distância. Ayumi tinha uma intuição excepcional. De fato, metade daquele seu jeito expansivo não passava de encenação e, no fundo, era uma pessoa delicada e muito sensível. Aomame sabia disso. Sabia, também, que sua atitude de defesa devia deixá-la triste. Ayumi devia achar que Aomame a rejeitava, que a evitava. Só de pensar nisso, sentiu alfinetadas no coração.

E então Ayumi fora assassinada. Ela provavelmente encontrara um desconhecido em algum lugar da cidade, beberam juntos e foram a um hotel. Depois, trancados no quarto escuro, começaram um apurado jogo erótico com direito a algemas, mordanças e vendas nos olhos. Aomame conseguia imaginar a cena: um homem que estrangula uma mulher com o cinto do roupão e, ao vê-la em agonia, fica excitado até que ejacula. Mas o homem exagera e aperta a faixa com muita força. Era para soltá-la em cima da hora, mas não o fez.

A própria Ayumi devia temer que isso acontecesse algum dia. Ela precisava periodicamente dessas sessões de sexo violento. Seu corpo — e provavelmente o seu lado psicológico — necessitava disso. Não queria ter um namorado sério. Um relacionamento estável a deixava sufocada e insegura. Era por isso que ela preferia transar com homens que encontrava casualmente, e uma única vez. Nesse sentido, era muito parecida com Aomame. A única diferença é que Ayumi tinha a propensão de ir muito mais fundo. Ela gostava de fazer sexo arriscado, selvagem, e talvez desejasse inconscientemente ser machucada. Aomame não era assim. Ela era extremamente cuidadosa e jamais deixaria que a ferissem. Se alguém ousasse machucá-la, ela certamente resistiria. Mas Ayumi tinha a tendência de aceitar as vontades do outro, não importava o que fosse. Nutria uma expectativa do que o outro lhe poderia dar em troca. Uma tendência perigosa. Sobretudo por serem homens que encontrava ao acaso. Só dava para

saber que tipo de desejo eles tinham ou que tipo de intenção ocultavam na hora do ato. Ayumi sabia muito bem dos riscos que corria. Por isso, precisava de uma parceira mais equilibrada, como Aomame. Uma parceira que impusesse limites e a protegesse.

Aomame também precisava de Ayumi. Ayumi tinha certas habilidades que ela não possuía. Uma personalidade extrovertida e alegre, que deixava as pessoas à vontade. Era gentil, tinha uma curiosidade natural, um espírito de iniciativa semelhante ao de uma criança, e suas conversas eram divertidas. E seios enormes, que chamavam a atenção. Ao seu lado, bastava Aomame esboçar um sorriso misterioso que os homens ficavam curiosos. Assim, formavam uma dupla perfeita. Uma máquina sexual invencível.

Aomame achava que, apesar de tudo, ela devia ter deixado Ayumi se aproximar. Devia ter aceitado seu sentimento, abraçando-a carinhosamente, pois era o que desejava. Ser aceita incondicionalmente e, ainda que por um curto espaço de tempo, se sentir relaxada. Mas Aomame não podia corresponder a esse pedido. Seu instinto de autoproteção era mais forte, além de seu desejo consciente de não manchar a memória de Tamaki Otsuka.

Ayumi saiu sozinha, sem Aomame, e andando só pela noite foi estrangulada até a morte, as mãos presas a algemas frias e verdadeiras, com olhos vedados e a meia ou a calcinha obstruindo sua boca. O que Ayumi sempre temeu acabou acontecendo. Se Aomame tivesse sido mais receptiva e mais gentil, provavelmente naquela noite Ayumi não teria saído sozinha. Com certeza, ela telefonaria para Aomame e a convidaria para saírem juntas. Teriam ido a um local mais seguro, cuidado uma da outra enquanto os homens as abraçavam. Mas, ao que parece, Ayumi não quis incomodá-la. E Aomame nunca tinha telefonado para ela convidando-a para sair.

Um pouco antes das quatro da manhã, Aomame não aguentou mais a solidão. Calçou as sandálias e decidiu sair. Usando apenas shorts e uma blusinha, caminhou sem rumo pela cidade em plena madrugada. Alguém lhe dirigiu a palavra, mas ela nem se deu ao trabalho de se virar. Enquanto caminhava ficou com sede e entrou numa loja de conveniência. Comprou um suco de laranja de um litro e bebeu tudo ali mesmo. Depois, voltou para casa e chorou de novo. Descobria como gostava de Ayumi. Muito mais do que pensava. Se ela queria tocá-la, devia tê-la deixado fazer o que desejava.

No jornal do dia seguinte também havia uma matéria sobre a “Policia estragulada no hotel de Shibuya”. A polícia tentava encontrar o homem que esteve com ela. Segundo o artigo, os companheiros de serviço estavam perplexos. Ayumi era uma pessoa alegre, querida por

todos, responsável, eficiente, e tinha um excelente currículo. Muitos parentes trabalhavam na polícia, a começar pelo pai e pelo irmão, e o vínculo entre eles era forte. Estavam inconformados com o crime.

“Ninguém sabia”, pensou Aomame, mas ela sim. Ayumi tinha um enorme vazio dentro dela. Como um deserto nos confins do mundo. Por mais que recebesse água, ela era sugada pelas profundezas da terra sem deixar vestígios. Nenhum ser vivo seria capaz de sobreviver ali. Nem mesmo os pássaros sobrevoariam a área. Somente Ayumi poderia dizer como essa aridez fora criada dentro dela. Não; talvez nem ela soubesse o que realmente provocara isso. Uma coisa era certa: um dos principais motivos foi a violência e a insistência dos homens, que a forçavam a aceitar seus desejos pervertidos. Ela procurava cercar esse terrível vazio, e para isso criara aquela identidade tão amigável. Mas, se arrancasse os adornos daquela personalidade, restariam apenas o vazio do abismo e a intensa aridez que o acompanhava. Por mais que tentasse esquecê-lo, aquele vazio a visitava periodicamente — num solitário entardecer chuvoso ou ao acordar de um pesadelo. Nessas horas, ela precisava ser abraçada por *qualquer um, fosse quem fosse*.

Aomame tirou a Heckler & Koch da caixa de sapatos e, com destreza, armou o carregador, destravou o dispositivo de segurança, puxou o ferrolho, posicionou uma bala na câmara, levantando o martelo, e segurou a pistola firmemente, mirando em um ponto na parede. A pistola não se moveu um centímetro. Suas mãos não tremiam mais. Aomame prendeu o ar, concentrou-se e soltou-o lentamente. Baixou a arma e acionou de novo a trava de segurança. Sopesou a arma, observou seu brilho intenso. A pistola parecia fazer parte de seu corpo.

Preciso conter a emoção, disse a si mesma. Caso punisse o pai e o irmão de Ayumi, eles com certeza não saberiam o motivo. Independentemente do que ela fizesse agora, Ayumi não voltaria mais. Era lamentável constatar que aquilo teria acontecido cedo ou tarde. Ayumi se aproximava lentamente, porém de modo inevitável, do redemoinho fatal. Mesmo que Aomame tivesse decidido se aproximar dela, também haveria um limite. Aomame decidiu conter o choro. O importante era se recompor, priorizar as regras e deixar os interesses pessoais de lado. Como Tamaru havia dito.

O bipe tocou numa manhã, cinco dias após a morte de Ayumi. Aomame escutava o noticiário da manhã na cozinha enquanto esquentava água para o café. O bipe estava sobre a mesa. O número indicado no pequeno visor do aparelho não lhe era familiar, mas não havia dúvidas de que era uma mensagem de Tamaru. Ela foi até um

telefone público próximo à sua casa e discou o número. Tamaru atendeu no terceiro toque.

— Já está tudo pronto? — perguntou Tamaru.

— Está — respondeu Aomame.

— Tenho uma mensagem da madame. Hoje à noite, às sete horas, na entrada principal do hotel Ôkura. Esteja preparada para fazer o serviço de sempre. Desculpe avisá-la agora, mas é que as coisas foram definidas em cima da hora.

— Hoje à noite, às sete horas, na entrada principal do hotel Ôkura — repetiu Aomame mecanicamente.

— Vou rezar para que tudo dê certo, mas creio que não vai adiantar nada.

— Você não acredita na sorte.

— Mesmo que eu quisesse, não sei bem o que significa isso — respondeu Tamaru. — Nunca vi acontecer.

— Não precisa rezar. Mas eu gostaria de te pedir uma coisa. Tenho um vaso de fícus no quarto. Você poderia cuidar? Não consegui me desfazer dele.

— Pode deixar.

— Obrigada.

— Um pé de fícus é bem mais fácil de cuidar do que gatos ou peixinhos tropicais. Mais alguma coisa?

— Mais nada. Pode jogar todo o resto fora.

— Após terminar o *serviço*, vá para a estação Shinjuku e ligue para esse mesmo número. Darei as próximas instruções.

— Após terminar o serviço ligo para você da estação Shinjuku para este mesmo telefone — repetiu Aomame.

— Creio que você já sabe, mas não anote o número. E, ao sair de casa, quebre o bipe e jogue-o em algum lugar.

— Entendi. Vou fazer isso.

— Tudo está preparado nos mínimos detalhes. Não precisa se preocupar. Deixe o resto com a gente.

— Não estou preocupada — disse Aomame.

Tamaru ficou em silêncio durante um tempo.

— Posso dizer o que realmente penso?

— Por favor.

— Não tenho a intenção de dizer que o que vocês fazem é em vão. Isso é um assunto entre vocês, não é da minha conta. Mas, no mínimo, é imprudente. É algo que nunca vai ter *fim*.

— Pode ser — disse Aomame. — Mas não dá mais para mudar.

— Como avalanches na primavera.

— Talvez.

— Mas uma pessoa sensata não vai a um local onde pode haver uma avalanche, e tampouco numa estação do ano em que isso

pode ocorrer.

— Uma pessoa sensata não teria esse tipo de conversa com você.

— Acho que não — Tamaru admitiu. — A propósito, você tem algum familiar que eu deva avisar, caso seja pega por uma avalanche?

— Não tenho família.

— Você realmente não tem ou *tem, mas não quer ter*.

— Tenho, mas não quero ter — disse Aomame.

— Ótimo — disse Tamaru. — A melhor coisa é não ter encargos. Como família, o fícus é ideal.

— Depois de ver os kinguios na casa da madame fiquei com vontade de ter um. Achei que seria bom ter um daqueles em casa. É pequeno, não fala e necessita de poucos cuidados. No dia seguinte, fui até uma loja em frente à estação, mas ao vê-los dentro do tanque não quis mais. Foi então que, em vez do peixinho dourado, resolvi comprar um pobre pé de fícus que estava encalhado na loja.

— Acho que você fez a escolha certa.

— Pode ser que eu nunca mais possa comprar um kingiuo.

— Pode ser — disse Tamaru. — Melhor comprar um outro pé de fícus.

Houve um breve silêncio.

— Hoje à noite, às sete horas, na entrada principal do hotel Ôkura — disse novamente Aomame, para se certificar.

— Basta ficar sentada no hall aguardando. A pessoa é que vai te encontrar.

— A pessoa é que vai me encontrar.

Tamaru deu uma leve tossida para limpar a garganta.

— Por falar nisso, você conhece a história do gato vegetariano que se encontrou com o rato?

— Não.

— Quer ouvir?

— Muito.

— Um rato deu de cara com um gato bem grande no sótão. O rato ficou acuado no canto, sem ter para onde fugir, e disse: “Por favor, senhor gato, não me coma. Preciso voltar para junto dos meus familiares. Meus filhos estão com fome, à minha espera. Deixe-me ir.” O gato respondeu: “Não se preocupe. Não vou te comer. Não posso falar muito alto, mas, na verdade, sou vegetariano. Não como carne. Sorte sua ter me encontrado.” O rato disse: “Que dia maravilhoso! Sou um rato afortunado. Encontrei um gato vegetariano.” No instante seguinte, o gato atacou o rato, fincou a unha no corpo para imobilizá-lo e mordeu seu pescoço com os dentes afiados. O rato, em agonia, indagou, momentos antes de morrer: “Você não disse que era vegetariano, senhor gato, que não comia carne? Era tudo mentira?” O

gato lambeu os beijos e respondeu: “Pois é... Eu realmente não como carne. Quanto a isso, não menti. Vou levá-lo comigo e trocá-lo por uma alface.”

Aomame parou para pensar.

— O que essa história nos ensina?

— Não ensina nada. É que acabamos de falar da sorte, e me lembrei da história. Só isso. Mas isso não te impede de tentar encontrar uma moral.

— Que história comovente.

— Mais uma coisa. Creio que vão revistar seu corpo e sua bolsa, pois são muito cautelosos. Não se esqueça disso.

— Não vou me esquecer.

— Então é isso — disse Tamaru. — Vamos nos encontrar de novo por aí.

— Vamos sim — respondeu Aomame, instintivamente.

Tamaru desligou. Aomame olhou por um momento o fone, franziu levemente as sobrancelhas e colocou-o no gancho. Depois de memorizar o número indicado no bipe, apagou-o. “Vamos nos encontrar de novo”, repetiu mentalmente Aomame. Mas ela sabia que, possivelmente, jamais veria Tamaru de novo.

Aomame folheou de ponta a ponta o jornal matutino, mas não encontrou nada sobre o assassinato de Ayumi. Pelo visto, até o momento as investigações pareciam não ter evoluído. Dentro em breve, todas as revistas semanais começariam a explorar o assunto de modo grotesco, enfatizando que uma jovem policial fazia jogos sexuais com algemas num motel de Shibuya e que fora estrangulada e encontrada completamente nua. Mas Aomame não queria ler esses artigos sensacionalistas, típicos para satisfazer a curiosidade. Deixou também de assistir à televisão. Não queria escutar a voz aguda e artificial dos apresentadores falando da morte de Ayumi.

Ela queria, claro, que o criminoso fosse encontrado e punido. Mas, caso fosse detido, julgado, e os detalhes do crime fossem esclarecidos, o que aconteceria a seguir? Nada daquilo traria Ayumi de volta. Era evidente que não. A sentença provavelmente seria leve, pois a defesa alegaria não ter havido assassinato, mas homicídio culposo. Mesmo que fosse requerida a pena de morte, não serviria de compensação. Aomame fechou o jornal e, com os cotovelos apoiados na mesa, cobriu o rosto com as mãos. Pensou em Ayumi. Mas, desta vez, as lágrimas não brotaram em seus olhos. Ela estava apenas com raiva.

Ainda faltava muito para as sete da noite e Aomame não sabia o que fazer até lá. Não tinha aula para dar no clube. A maleta de viagem e a bolsa estavam no armário da estação Shinjuku, como Tamaru havia sugerido. Dentro da maleta havia um maço de dinheiro e mudas de roupa para alguns dias. A cada três dias, ela ia até a estação, inseria moedas no contador automático e aproveitava para verificar os pertences. Não havia necessidade de limpar o apartamento e, mesmo que quisesse cozinhar, a geladeira estava praticamente vazia. No quarto não havia mais nada que lembrasse os ares de uma vida cotidiana, a não ser o vaso de fícus. Ela dera cabo de todos os seus objetos pessoais. As cômodas estavam vazias. No dia seguinte, não estaria mais ali e não deixaria nenhum rastro.

As roupas que usaria à noite estavam dobradas sobre a cama. Ao lado, uma bolsa de ginástica azul. Dentro havia alguns apetrechos necessários para a sessão de alongamento. Por precaução, Aomame verificou novamente se tudo estava em ordem: um conjunto de jérsei, uma esteira de ioga, uma toalha grande e outra pequena, e um estojo pequeno e rígido com um estreito picador de gelo. Tudo certo. Ela tirou do estojo o picador de gelo, removeu a rolha da ponta e tocou a extremidade com o dedo, para se certificar de que estava bem afiada. Como todo cuidado é pouco, resolveu amolar de leve a ponta da agulha com um esmeril bem pequeno. Imaginou a ponta penetrando numa parte específica da nuca do homem como se estivesse sendo sugada, sem fazer barulho. Como sempre, em questão de segundos tudo estaria acabado. Sem gritos, sem sangue. Apenas um breve instante de convulsão. Aomame espetou a ponta da agulha na rolha e com extremo cuidado guardou-a no estojo.

Em seguida, tirou da caixa de sapato a Heckler & Koch embrulhada numa camiseta velha e com mãos treinadas carregou sete cartuchos de 9 milímetros. Posicionou um dos cartuchos na câmara com um barulho seco. Solto a trava de segurança e, em seguida, travou-a novamente. Embrulhou a arma num lenço branco e colocou-a dentro de uma bolsa de plástico com suas roupas íntimas.

“Tenho mais alguma coisa a fazer?”, pensou Aomame.

Ela não conseguia se lembrar de nada. Foi para a cozinha e preparou o café com a água fervente. Sentou-se à mesa e o bebeu acompanhado de um croissant.

“Provavelmente este será o meu último trabalho”, pensou. Era o trabalho mais importante e mais difícil. Ao terminá-lo, não precisarei mais matar ninguém.

Aomame não tinha objeção de perder sua identidade. Muito pelo contrário, aquilo era até motivo para festejar. Ela não tinha apego ao

seu nome nem ao seu rosto e, tampouco, alguma coisa do passado que a fizesse se sentir triste por ter de perder. Seria um reinício da vida, algo que desejava havia muito tempo.

O estranho era que a única coisa que ela não queria perder era seu insignificante par de seios. Desde os 12 anos, Aomame sempre esteve insatisfeita com o tamanho e o formato de seus seios. Era comum pensar que, se eles fossem maiores, sua vida teria sido melhor. Mas, quando surgiu a oportunidade de mudá-los (uma escolha acompanhada de certa necessidade), é que, pela primeira vez, percebeu que não queria. Preferia mantê-los como eram. O tamanho era perfeito.

Ela apalpou os seios sobre a blusa. Eram os mesmos de sempre. O formato lembrava uma massa de pão que não cresceu por erro de proporção na mistura. E o tamanho de um era um pouco diferente do outro. Aomame balançou a cabeça. Mas não se importava com isso. *Ela era assim.*

Que mais ela teria, fora os seios?

A lembrança de Tengo, claro. O toque da sua mão. O intenso tremor em seu coração. O desejo de ser abraçada por ele. Mesmo que ela se torne outra pessoa, o sentimento por Tengo não poderá ser removido. Aomame achava que essa era a maior diferença entre ela e Ayumi. Não havia em seu âmago o vazio. Não era um local árido e seco. *O que existia em seu âmago era o amor.* Ela continuaria a pensar em sua força, inteligência e carinho. Ele não existe *aqui*. Mas o fato de o corpo físico não existir significa que ele jamais perecerá, e uma promessa que não foi feita não poderá ser rompida.

O Tengo de 30 anos que Aomame imaginava não era o Tengo real. Era apenas uma hipótese. Tudo fora criado por seus pensamentos. Ele ainda era forte, inteligente e carinhoso. Seria um adulto com braços musculosos, peito amplo e um pênis viril. Quando Aomame queria, ele sempre estava ao seu lado. Ele a abraçava, acariciava seus cabelos e a beijava. O quarto em que os dois ficavam era escuro e Aomame não podia enxergá-lo. A única coisa que ela via eram seus olhos. No meio da escuridão, Aomame conseguia enxergar seu olhar bondoso. Ela fitava aqueles olhos e conseguia enxergar neles o mundo que ele contemplava.

A terrível vontade que Aomame às vezes sentia de dormir com outros homens tinha o intuito de preservar a existência de Tengo, manter pura sua imagem. O contato sexual que mantinha com desconhecidos a libertava do desejo de seu corpo. Após se libertar, ela podia ficar sozinha com Tengo num mundo tranquilo e silencioso, curtindo horas de intimidade sem que nada pudesse importuná-los. Provavelmente, era isso o que Aomame tanto desejava.

Ela pensou em Tengo por algumas horas, sentada na cadeira

de alumínio de sua pequena varanda, olhando o céu, ouvindo o barulho dos carros e, de vez em quando, mexendo com a ponta dos dedos nas folhas do pobre fícus. No céu do entardecer ainda não dava para ver a lua. Faltavam algumas horas até ela aparecer. Amanhã, onde será que ela estaria a essa hora? Não tinha a mínima ideia. Mas isso era o de menos, se comparado ao fato de Tengo existir neste mundo.

Aomame regou o fícus pela última vez e colocou a *Sinfonietta* de Janáček no toca-discos. Ela se desfizera de todos os discos, com exceção deste. Fechou os olhos e ouviu atentamente a música, imaginando o vento atravessando os campos da Boêmia. Pensou em como seria bom se pudesse caminhar por esses campos com Tengo. Os dois com certeza estariam de mãos dadas. A relva verde balançaria ao sabor dos ventos sem fazer barulho. Aomame sentiria o calor das mãos dele nas suas. E a cena desaparecia gradualmente, como nos filmes com final feliz.

Depois, Aomame deitou-se na cama e dormiu durante meia hora com o corpo encolhido como uma bola. Não sonhou. Era um sono que não requeria sonhos. Ao despertar, os ponteiros do relógio marcavam quatro e meia. Com as sobras da geladeira preparou uma omelete com presunto e manteiga. Tomou o suco de laranja direto da embalagem. O silêncio após a sesta estava estranhamente pesado. Ligou o rádio e o deixou numa estação de FM que transmitia um concerto para instrumentos de sopro de Vivaldi. O flautim tocava um trecho de leve trinado que lembrava um gorjeio de passarinhos. Aomame sentiu como se aquela música enfatizasse a irre realidade da situação em que vivia.

Após lavar a louça, tomou um banho e vestiu a roupa que havia várias semanas estava separada para usar nesse dia. Era uma roupa simples e confortável. Um agasalho de algodão azul-claro e uma blusa branca sem adornos. Fez um coque no alto da cabeça e prendeu os cabelos com um pente. Não colocou nenhum acessório. Em vez de jogar as roupas sujas na máquina de lavar, acomodou-as em um saco plástico preto e deu um nó. Tamaru daria um jeito no resto. Cortou as unhas e escovou os dentes com capricho. Limpou os ouvidos e acertou a sobrancelha com uma tesoura. Espalhou uma leve camada de creme no rosto e colocou um pouquinho de colônia na nuca. De frente para o espelho, examinou o rosto de diversos ângulos para se certificar de que estava tudo em ordem. Em seguida, pegou a bolsa de ginástica da Nike e deixou o quarto.

Na porta, olhou para trás uma última vez, pensando que jamais voltaria àquele lugar. Nesse momento, o quarto lhe pareceu

muito mais pobre. Era como uma prisão que se fecha por dentro. Não havia sequer um quadro ou um vaso de flores. Apenas o fícus na varanda, que comprara em liquidação, em vez de um kinguio. Ela não conseguia entender como fora capaz de viver tantos anos naquele lugar sem se sentir especialmente insatisfeita, sem questionamentos.

— Adeus — disse ela bem baixinho. Não era uma despedida do apartamento, mas um adeus a ela mesma, à pessoa que até então vivera ali.

Tengo

Nós temos braços muito longos

Durante um tempo, não houve novidades. Ninguém entrou em contato com Tengo. Não recebeu sequer uma mísera notícia de Komatsu, do professor Ebisuno, muito menos de Fukaeri. Talvez tivessem se esquecido dele e resolveram partir para a lua. Tengo não teria nenhum problema com isso se fosse mesmo verdade, mas as coisas nunca aconteciam de forma tão simples assim com ele. O mais provável era que estivessem assoberbados com os afazeres do dia a dia e, por isso, não tinham tempo nem disposição de conversar com ele.

Tengo lia assiduamente o jornal, seguindo à risca as orientações de Komatsu, mas, ao menos naquele que costumava ler, não se falava mais do desaparecimento de Fukaeri. O jornal é um meio que lida prontamente com os fatos “ocorridos”, mas adota uma atitude relativamente indiferente em relação aos assuntos “em curso”. Nesse sentido, o silêncio trazia uma mensagem subliminar de que “no momento, não há novidades”. Como Tengo não tinha televisão, ele não sabia como o assunto estava sendo veiculado pelos noticiários.

Em compensação, praticamente todas as revistas semanais falavam do caso. Tengo, porém, não chegou a ler nenhuma delas. Ele apenas passava os olhos nas propagandas publicadas no jornal, que destacavam manchetes sensacionalistas, como “Tudo sobre o misterioso desaparecimento da bela escritora que se tornou best-seller”, “Onde está Fukaeri (17), autora da *Crisálida de ar*?” ou “A história ‘oculta’ da jovem e bela escritora desaparecida”. Algumas estampavam a foto de Fukaeri, a mesma tirada no dia da coletiva. Tengo tinha curiosidade de ler aquelas reportagens, mas seu interesse não chegava a ponto de desembolsar dinheiro para adquiri-las. Se veiculassem algo que o comprometesse, certamente Komatsu entraria em contato. Sendo assim, o fato de ele não dar notícias significava que, por enquanto, não havia nenhuma novidade. Em outras palavras, ninguém descobrira que quem escreveu a *Crisálida de ar* foi (ou poderia ter sido) um *ghostwriter*.

As manchetes indicavam que, por hora, a atenção da mídia estava voltada para outros assuntos: que o pai de Fukaeri era um famoso ativista de um grupo extremista; que ela crescera numa comuna nas montanhas de Yamanashi, longe da sociedade; e que atualmente seu tutor era o professor Ebisuno (outrora famoso

intelectual). E que, a despeito de não se saber o paradeiro da bela e misteriosa escritora, a *Crisálida de ar* continuava a liderar a lista dos mais vendidos. Assuntos que, naquele momento, eram o bastante para atrair a atenção do público.

Mas, se o desaparecimento de Fukaeri perdurasse, seria apenas uma questão de tempo para que a mídia começasse a investigar outras áreas e trazer à tona novas e comprometedoras informações. Por exemplo, se alguém resolvesse buscar informações sobre Fukaeri na escola em que ela estudava, viria a público que tinha dislexia e por isso não frequentava assiduamente as aulas. As notas de língua japonesa e redação — caso tivesse escrito alguma — também se tornariam públicas. Diante dessa constatação, as pessoas passariam a indagar se realmente era possível que uma garota disléxica escrevesse um texto tão bom. Uma vez instaurada a dúvida, não seria preciso ser um gênio para desconfiar de que alguém a ajudara a fazer o romance.

Komatsu seria o primeiro a ser procurado. Afinal, ele era o editor responsável pela publicação da *Crisálida de ar*. Ele com certeza se faria de desentendido. Lavaria as mãos, dizendo tranquilamente que apenas encaminhara o texto para a comissão julgadora e, com a maior cara de pau, afirmaria que desconhecia o processo de redação da obra. Komatsu era excepcionalmente talentoso em mentir sem sequer alterar a expressão do rosto, habilidade que, em maior ou menor grau, todo editor adquire com alguns anos de experiência. Em seguida, telefonaria imediatamente para Tengo para dizer algo como “Pois então, Tengo, a coisa está começando a ficar preta”, com o tom teatral de quem se diverte vendo o circo pegar fogo.

Às vezes, Tengo tinha a impressão de que Komatsu não só se divertia com as desgraças, como também possuía um instinto autodestrutivo. No fundo, Komatsu parecia desejar que o plano fosse descoberto para criar um tremendo e suculento escândalo que, ao explodir, mandaria tudo pelos ares. Ele seria bem capaz de desejar isso. Mas, ao mesmo tempo, Komatsu era imparcial e realista. Ele não colocaria tudo a perder.

Komatsu parecia ter algum trunfo para se safar. Tengo, porém, não sabia como ele pretendia se desvencilhar dos possíveis desdobramentos da situação. Komatsu era capaz de reverter qualquer coisa a seu favor, escândalo por fraude ou mesmo a destruição da carreira profissional. Era astuto o suficiente para reconhecer que não tinha o direito de criticar o professor Ebisuno. Mas, quando uma nuvem de suspeita pairasse sobre *Crisálida de ar*, Komatsu entraria em contato com Tengo. Isso estava claro. Até então, Tengo era uma espécie de instrumento eficaz e conveniente para Komatsu, mas, agora, era o seu tendão de aquiles. Se Tengo resolvesse revelar a verdade, não havia dúvidas de que Komatsu ficaria em maus lençóis.

Portanto, Tengo era alguém que ele não podia ignorar e, sendo assim, a única coisa que Tengo precisava fazer era aguardar. Se Komatsu não telefonava, era porque a coisa ainda não estava preta.

Mas o que Tengo realmente queria saber eram os planos do professor Ebisuno. Ele possivelmente insistia com a polícia que o grupo Sakigake estava envolvido no desaparecimento de Fukaeri. Tentaria romper a rígida casca de proteção de Sakigake usando essa situação como alavanca. Será que a polícia estava investigando essa hipótese? Era provável. A relação entre Fukaeri e Sakigake já estava sendo explorada pela mídia. Se a polícia não averiguasse a hipótese e, posteriormente, fatos importantes viessem à tona nessa linha de investigação, ela seria alvo de duras críticas, seria tachada de negligente. De qualquer modo, as investigações seguiam de forma discreta, sem publicidade. Era por isso que as revistas e os telejornais não divulgavam informações novas ou relevantes sobre o caso.

Um dia, ao voltar da escola preparatória, Tengo notou um envelope volumoso em sua caixa de correio. O remetente era Komatsu e, no envelope com a logomarca da editora, havia seis carimbos do serviço postal expresso. Assim que entrou no apartamento, Tengo abriu o envelope e retirou cópias de vários artigos sobre a *Crisálida de ar* e uma carta de Komatsu, com seus costumeiros garranchos, difíceis de decifrar.

Tengo,

Por enquanto não há grandes novidades. O paradeiro de Fukaeri ainda é desconhecido. O principal assunto das revistas e dos programas de TV gira em torno de seu passado. Felizmente estamos fora de perigo. O livro continua vendendo bem. Não sei se, a essa altura, isso deve ser motivo de orgulho, mas o pessoal da empresa está tão contente que o próprio presidente me deu um diploma de agradecimento e um bônus em dinheiro. Trabalho nesta firma há mais de vinte anos, e é a primeira vez que o presidente me elogia. Confesso que gostaria de ver a cara deles quando descobrirem a verdade.

Estou te enviando cópias das críticas e artigos relacionados a *Crisálida de ar*. Quando tiver um tempo, leia o material, como aprendizado. Acho que pode te interessar. Se estiver com vontade de rir, encontrará também algumas coisas engraçadas.

Sobre aquele assunto que você comentou outro dia, pedi para um conhecido verificar a “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. A associação, fundada há alguns anos, está

devidamente licenciada e em plena atividade. Possui um escritório e emite um balanço anual. Todo ano, eles selecionam alguns pesquisadores, artistas e escritores e oferecem auxílio financeiro. Pelo menos, é isso que a fundação alega. Não se sabe de onde vem o dinheiro. De qualquer modo, a opinião sincera desse meu colega é que isso cheira mal. Eles podem ser uma empresa fantasma, criada para amortizar os impostos. Uma investigação minuciosa poderá revelar outras informações, mas agora não disponho de tempo para me empenhar nisso. Enfim, como já te disse outro dia, não consigo engolir a história de oferecerem três milhões de ienes a um escritor totalmente desconhecido. Deve haver alguma coisa por trás disso. Não se deve ignorar a possibilidade de Sakigake estar envolvida. Caso esteja, significa que desconfiam de que você tem alguma participação em *Crisálida de ar*. Seja como for, acho que o mais sensato é você não se envolver com a fundação.

Tengo guardou a carta de Komatsu no envelope. Por que será que decidira escrevê-la? Podia ter apenas aproveitado a remessa, mas não era do seu feitio. Se quisesse conversar, bastava telefonar, como sempre fazia. Uma carta como aquela poderia ser usada como prova, evidência. Uma pessoa cautelosa como Komatsu certamente sabia disso. Ou será que ele desconfiava que o telefone de Tengo estivesse grampeado e, na dúvida, achou melhor arriscar e enviar a carta?

Tengo olhou o telefone. Grampeado? Jamais lhe passou pela cabeça que o aparelho pudesse estar grampeado. Mas, pensando bem, ele não havia recebido nenhuma ligação desde a semana anterior. Todo mundo devia saber que seu telefone estava grampeado. Aliás, mesmo sua namorada, que gostava de conversar ao telefone, estranhamente não telefonara uma só vez.

Como se isso não bastasse, na sexta anterior ela não viera ao apartamento. Isso nunca tinha acontecido. Se algum imprevisto a impedisse, ela sempre dava um jeito de avisá-lo de antemão. Geralmente os imprevistos se resumiam à filha, que havia se gripado e faltara na escola, ou à sua menstruação, que havia se adiantado. Mas, na sexta anterior, ela simplesmente não apareceu nem deu satisfação. Tengo preparou uma refeição leve e ficou aguardando, mas sua espera foi em vão. Possivelmente ocorrera algum imprevisto, mas a falta de notícias era muito estranha. E havia um porém: ele não podia entrar em contato com ela.

Tengo parou de pensar na namorada e no telefone e foi para a mesa da cozinha ler o material enviado por Komatsu, seguindo a ordem em que estavam agrupados. Os artigos estavam organizados por data e, na margem superior esquerda, estavam anotados à caneta o nome do veículo e a data de publicação. Provavelmente Komatsu instruiu alguma de suas estagiárias para que organizasse o material, pois ele jamais teria paciência de fazer algo tão trabalhoso. As resenhas, em sua maioria, eram favoráveis. Muitos críticos a elogiavam como uma obra ousada e rica, e reconheciam a precisão do estilo, a ponto de alguns comentarem que era difícil acreditar que o livro tivesse sido escrito por uma garota de 17 anos.

Nada mau, pensou Tengo.

Uma resenha comparava a autora a uma “Françoise Sagan que houvesse absorvido os ares do realismo mágico”. Em determinados trechos, assumia um tom reticente e incluía algumas ressalvas que tornavam o texto ambíguo, mas, em linhas gerais, elogioso.

Mas, quando o assunto era o significado da crisálida de ar e do Povo Pequeninino, os críticos hesitavam, ou não conseguiam se posicionar. Um deles escreveu que “A história é muito interessante, e o leitor a segue até o fim, mas, sobre o significado da crisálida de ar e do Povo Pequeninino, nós, leitores, ficamos imersos numa piscina de insondáveis mistérios. Podemos até supor que isso tenha sido intencional, mas não devem ser poucos os leitores que interpretarão essa postura como um ‘descuido’ da autora. Por ser uma obra de estreia, pode ser considerada *boa*. Mas, se a autora pretende seguir carreira, seria melhor rever seriamente esse seu processo enigmático”.

Ao ler esse artigo, Tengo inclinou a cabeça em dúvida. Se “A história é muito interessante, e o leitor a segue até o fim”, significa que, de algum modo, a autora teve êxito. Como alguém pode dizer que foi descuidada?

A verdade era que Tengo não tinha opinião formada sobre aquilo. Talvez estivesse equivocado, e o crítico é que tivesse razão. Estivera tão concentrado em reescrever a *Crisálida de ar* que era impossível assumir uma postura objetiva e distanciada. Hoje a crisálida de ar e o Povo Pequeninino faziam parte dele, mas ele mesmo não sabia exatamente o que significavam. Para ele, isso era o de menos. O importante era se o leitor seria capaz ou não de aceitá-los. A aceitação de Tengo fora imediata. Por isso ele conseguira se dedicar de corpo e alma à reescritura da *Crisálida de ar*. Caso contrário, ele jamais concordaria em colaborar com essa fraude, não importa o dinheiro que oferecessem ou a ameaça que fizessem.

Mas isso era apenas uma opinião pessoal. Ele não poderia impor as suas ideias a terceiros. Por isso, Tengo não podia deixar de sentir compaixão pelos dedicados leitores “imersos numa piscina de

insondáveis mistérios”. Imaginou a cena: eles flutuando a esmo numa piscina enorme, agarrando-se a boias coloridas, sob um sol irreal a iluminar seus rostos apreensivos. Tengo sabia que, em parte, ele era o responsável por estarem naquela situação.

“Mas, afinal”, pensou Tengo, “será que alguém seria capaz de salvar todas as pessoas do mundo? Mesmo reunindo em um só lugar todos os deuses existentes no mundo, dificilmente conseguiriam destruir as armas nucleares ou acabar com o terrorismo. Ou então interromper a seca na África ou ressuscitar John Lennon. Muito pelo contrário. O mais provável era que ocorresse uma cisão entre eles, e uma tremenda disputa. O mundo se tornaria ainda mais caótico. Em comparação com o sentimento de impotência diante dessa situação catastrófica, deixar as pessoas ‘imersas numa piscina de insondáveis mistérios’ não era um pecado tão grave.”

Tengo leu metade dos artigos enviados por Komatsu e os devolveu ao envelope. Mesmo sem ler os restantes, já podia ter uma ideia do que estava escrito. A história da *Crisálida de ar* estava cativando muita gente. Cativara Tengo, cativara Komatsu e até o professor Ebisuno. E continuava a cativar uma extraordinária quantidade de leitores. Precisava mais?

O telefone tocou um pouco depois das nove da noite de uma terça-feira. Tengo escutava música e lia um livro. Era seu momento preferido do dia: ler até se cansar e depois dormir.

Havia tempos que o telefone não tocava; ao ouvi-lo, teve um mau pressentimento. A ligação não era de Komatsu. Se fosse, o toque seria outro. Hesitou se deveria ou não atendê-lo. Após o quinto toque, levantou a agulha do disco e pegou o fone. Poderia ser sua namorada.

— É da residência do senhor Kawana? — perguntou uma voz de homem de meia-idade, suave e firme. Uma voz desconhecida.

— É — respondeu Tengo, cauteloso.

— Desculpe incomodá-lo tão tarde. Sou Yasuda — disse o homem, num tom de voz neutro; nem amistoso nem hostil. Nem profissional nem íntimo.

Yasuda? Tengo não se lembrava de ninguém com esse nome.

— Estou entrando em contato para lhe dar uma informação — disse o homem, fazendo uma breve pausa como se estivesse colocando um *marcador* entre as páginas de um livro. — Minha esposa não poderá mais frequentar sua casa. Estou telefonando para lhe dar essa informação.

Foi então que, de súbito, Tengo se deu conta de que Yasuda era o sobrenome de sua namorada. Kyôko Yasuda. Quando eles se encontravam, ela não precisava dizer o nome e, por isso, Tengo levou

tempo para fazer a associação. O homem que telefonara era o marido dela. Tengo sentiu um nó na garganta.

— Será que o senhor entendeu? — perguntou o homem. A voz era desprovida de sentimento. Pelo menos essa era a impressão de Tengo. A única coisa que reparou foi um sotaque, possivelmente da região de Hiroshima ou da área de Kyûshû. Não tinha como distingui-lo.

— Não poderá mais vir — repetiu Tengo.

— Isso mesmo. Ela está *impossibilitada* de visitá-lo.

Tengo tomou coragem e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

Houve silêncio. A pergunta de Tengo pairou no ar sem resposta. Um tempo depois, o homem continuou:

— Isso mesmo. O senhor nunca mais vai se encontrar com ela. Era isso o que eu gostaria de informar.

O homem sabia que Tengo dormia com a mulher dele. Sabia que eles se encontravam havia um ano. Uma vez por semana. Tengo tinha consciência disso. O estranho, porém, era que o marido não demonstrava raiva nem ressentimento. O que se percebia em sua voz era alguma coisa diferente. Mais do que um sentimento, era como se descrevesse a paisagem de um jardim seco e abandonado, ou o leito de um rio após uma grande enchente.

— Não estou entendendo...

— Então é melhor deixar as coisas como estão — disse o homem para cortar o assunto. Tengo notou na voz uma sombra de fadiga. — Quero deixar clara uma coisa. Minha esposa está completamente perdida e não existe nenhuma possibilidade de vocês se encontrarem novamente. É isso.

— Está perdida — repetiu Tengo, atordoado.

— Senhor Kawana, saiba que eu não queria ter de telefonar para lhe dizer isso, mas eu ficaria com remorsos se deixasse o assunto sem lhe avisar. Saiba que não me agrada ter de falar disso com o senhor.

Dito isso, não se ouviu nenhum som através do fone. Ele devia estar falando de um lugar bem silencioso. Ou seu sentimento funcionava como uma espécie de vácuo, sugando o som ambiente.

Tengo sabia que precisava perguntar mais. Se não o fizesse, as coisas acabariam repletas de insinuações sem sentido. Não podia deixar a conversa acabar. Mas, no final das contas, o homem não tinha a intenção de revelar detalhes. O que ele devia perguntar a uma pessoa que se recusava a contar a verdade? Que frase deveria ser dita para o vácuo? Enquanto Tengo tentava desesperadamente encontrar palavras adequadas para formular uma pergunta, o homem desligou o telefone sem avisar. Colocou o fone no gancho e, sem dizer nada,

partiu. Possivelmente para sempre.

Tengo ficou durante um bom tempo segurando o fone sem vida. Se o telefone estivesse grampeado, talvez pudesse ouvir algo. Ele conteve a respiração e aguçou os ouvidos, mas não conseguiu identificar nenhum som suspeito.

A única coisa que podia ouvir era o seu próprio coração. Enquanto ouvia as batidas, sentiu como se fosse um ladrão que invade a casa de alguém durante a noite. Alguém que se esconde num canto e, contendo a respiração, aguarda os moradores dormirem para poder agir.

Para tentar se acalmar, Tengo esquentou água na chaleira e preparou uma infusão de chá verde. Depois, sentou-se na mesa da cozinha com a xícara e tentou repassar a conversa que tivera ao telefone.

“Minha esposa está completamente perdida e não existe nenhuma possibilidade de vocês se encontrarem novamente”, foi o que o homem disse. *Não existe nenhuma possibilidade*: esta era a frase que deixava Tengo particularmente confuso. Nela havia algo de negro, úmido e viscoso.

O que esse Yasuda realmente queria dizer era que, independentemente de sua mulher desejar encontrar Tengo, ela estaria impossibilitada de fazê-lo. Quais seriam as circunstâncias dessa impossibilidade? O que significava “estar completamente perdida”? Tengo imaginou Kyôko Yasuda gravemente ferida após um acidente, ou então acometida por uma doença incurável, ou com o rosto totalmente deformado, vítima de violência. Imaginava também ela sentada numa cadeira de rodas ou sem uma parte do corpo, totalmente enfaixada e sem poder se mover. Também imaginou-a presa com correntes grossas num porão. No entanto, aquelas eram possibilidades muito pouco prováveis.

Kyôko Yasuda (Tengo passou a pensar nela com o nome completo) quase nunca falou sobre o marido. Tengo não sabia absolutamente nada: qual era sua profissão, onde ele trabalhava, sua idade, o rosto, a personalidade, onde os dois se conheceram e quando se casaram. Não sabia se o marido era gordo ou magro, alto ou baixo, bonito ou feio, e se o casal se dava bem. A única coisa que Tengo sabia era que ela não tinha dificuldades financeiras (na verdade, parecia ter uma vida bem confortável) e não estava muito satisfeita com a quantidade (ou qualidade) das relações sexuais que mantinha com o marido. Mas eram meras especulações de Tengo. Nas tardes em que costumavam se encontrar, passavam horas agradáveis na cama conversando sobre diversos assuntos, mas nunca chegaram a falar sobre o marido. O próprio Tengo não tinha nenhum interesse nisso. Ele preferia não saber como era o homem de quem ele roubava a

mulher. Para Tengo, era uma questão de educação. Mas, agora, ele se arrependia de não ter perguntado nada sobre ele (se o tivesse feito, ela certamente teria respondido sem rodeios). Será que o marido era muito ciumento? Será que tinha uma personalidade possessiva? Será que era um tipo violento?

Tengo tentou se colocar no lugar do marido. O que sentiria se fosse ele? Suponhamos que tivesse uma esposa, duas crianças pequenas e que sua vida conjugal fosse normal e tranquila. Mas um belo dia ele descobre que a esposa está dormindo com um homem uma vez por semana. O outro é dez anos mais jovem. Descobre também que o relacionamento entre eles já dura mais de um ano. Se estivesse no lugar do marido, o que pensaria a respeito disso? Que tipo de sentimento dominaria seu coração? Uma intensa raiva? Uma profunda desilusão? Uma vaga tristeza? Abriria um sorriso sarcástico e indiferente? Perderia o senso de realidade? Ou uma mistura indistinta de tudo isso?

Por mais que tentasse, Tengo não conseguia imaginar o que sentiria nessa situação. A única coisa em que pensava era na mãe, de camisola branca, dando os seios para que um jovem desconhecido os chupasse. Os seios estão cheios, e os mamilos, grandes e duros. O rosto da mãe emana sensualidade. A boca está entreaberta e os olhos fechados. Os lábios sutilmente trêmulos lembram a vagina úmida. Tengo dorme perto deles. É como se o ciclo de causa e efeito estivesse completo, pensou Tengo. Aquele jovem desconhecido é o Tengo de hoje, e a mulher em seus braços, Kyôko Yasuda. A estrutura é a mesma, apenas os personagens mudam. “Sendo assim”, pensou, “será que minha vida é apenas um processo de reprodução, de materialização, de uma imagem latente que guardo em mim? Até que ponto eu sou responsável por ela estar *completamente perdida*?”

Tengo não conseguiu dormir. A voz do sujeito chamado Yasuda continuava a reverberar em seu ouvido. As insinuações repercutiam pesadamente em sua memória, e as palavras emanavam uma estranha realidade. Tengo pensou em Kyôko Yasuda. Lembrou seu rosto e detalhes de seu corpo. A última vez que a viu foi numa sexta-feira, duas semanas antes. Como sempre, eles passaram a tarde juntos e transaram. Mas, após receber o telefonema do marido, sentia que aquilo era parte de um passado longínquo. De um período histórico da antiguidade.

Na estante de discos havia alguns que ela trouxera de casa para que pudessem ouvir juntos na cama. Eram discos de jazz bem antigos. Louis Armstrong, Billie Holliday (também com a participação de Barney Bigard) e Duke Ellington dos anos 1940. Ela os escutava

assiduamente, tinha um imenso carinho por eles. As capas estavam ligeiramente desbotadas pela ação do tempo, mas os discos continuavam em perfeito estado, como novos. Tengo pegou as capas uma a uma e, ao observá-las, sentiu uma intensa emoção que o fez pensar que jamais a veria de novo.

Tengo, na verdade, não amava Kyôko Yasuda no sentido estrito da palavra. Ele nunca pensara em viver para sempre com ela, ou que seria penoso dizer-lhe adeus. Nunca sentiu uma paixão arrebatadora, mas, como estava acostumado com sua presença, passara a nutrir por ela um carinho natural. Uma vez por semana ele a recebia no apartamento, e as horas que passavam juntos eram uma parte de sua vida que prezava muito. Para Tengo, ela era um caso especial. Com a maioria das mulheres, ele era incapaz de manter um relacionamento tão íntimo. Ou seja, com essas outras mulheres ele não se sentia à vontade, independentemente de manter ou não relações sexuais. Para controlar esse desconforto, ele precisava proteger um determinado espaço dentro de si. Em outras palavras, precisava trancar cuidadosamente alguns cômodos de seu coração. Mas, quando estava com Kyôko Yasuda, não precisava fazer esse tipo de coisa. Ela sabia exatamente o que Tengo queria ou deixava de querer. Nesse sentido, ele achava que tê-la encontrado fora um golpe de sorte.

Mas algo aconteceu, e ele a perdeu. Por algum motivo, *não existe nenhuma possibilidade* de ela vir a seu apartamento. E, segundo o marido, seria melhor Tengo continuar sem saber os motivos e as futuras consequências.

Sem conseguir dormir, Tengo estava sentado no chão escutando bem baixinho o disco de Duke Ellington quando o telefone tocou. O relógio de parede marcava 10h12. A única pessoa que ele podia imaginar ligando àquela hora era Komatsu. Mas aquele tipo de toque não era o dele. O de Komatsu era mais impaciente e irritante. Talvez seja o tal Yasuda, que se lembrou de algo a dizer. Se pudesse escolher, Tengo preferia não ter de atendê-lo. Por experiência própria, um telefonema àquela hora nunca era coisa boa. Mas, na situação em que se encontrava, não havia opção.

— É o senhor Kawana? — perguntou um homem que não era Komatsu nem Yasuda. Não havia dúvidas de que era a voz de Ushikawa. O jeito de ele falar dava a impressão de que estava com a boca cheia de água ou qualquer outro líquido. Um ato reflexo trouxe-lhe à mente o rosto esquisito e o formato desengonçado de sua cabeça achatada.

— Desculpe-me incomodá-lo tarde da noite. Aqui é o Ushikawa. Desculpe-me tê-lo importunado naquele dia, procurando-o

no serviço sem avisar e tomando seu precioso tempo. Hoje a minha intenção era ligar mais cedo, mas tive que resolver um imprevisto e, quando percebi, já era tarde. Bem, eu sei que o senhor costuma dormir cedo e acordar cedo. Isso é digno de admiração. Afinal, ficar acordado até tarde sem ter o que fazer não traz nenhum benefício. Não tem coisa melhor do que entrar nas cobertas assim que escurece, dormir e acordar junto com o sol. Mas é que a minha intuição dizia que esta noite o senhor ainda estaria acordado. Por isso, mesmo correndo o risco de ser inconveniente, resolvi telefonar. Será que estou incomodando?

Tengo não gostou do que Ushikawa disse. E também não gostou de saber que ele tinha o número de seu telefone residencial. Intuição que nada. Ele sabia que Tengo não estava conseguindo dormir e por isso é que resolvera ligar. Ele devia saber que a luz de seu quarto estava acesa. Será que alguém está vigiando o apartamento? Tengo imaginou um investigador dedicado e competente com um par de binóculos de última geração observando atentamente o seu quarto.

— Esta noite, realmente, ainda estou acordado — disse Tengo.
— Sua intuição está correta. Acho que é porque tomei muito chá verde forte.

— É mesmo? Isso não é nada bom. Quando não se consegue dormir, a gente acaba pensando besteira. Será que podemos conversar um pouco?

— Espero que não seja um assunto de tirar ainda mais o sono.

Ushikawa deu uma sonora gargalhada. Do outro lado da linha — em algum lugar deste mundo — a cabeça de formato esquisito se mexia de forma esquisita: — Hahaha... O senhor é muito engraçado. Não posso dizer que o assunto é reconfortante como uma canção de ninar, mas também não é algo tão grave a ponto de não se poder dormir. Não se preocupe. É apenas uma questão de sim ou não. É sobre aquele auxílio financeiro. O auxílio anual de três milhões de ienes. Não acha uma proposta interessante? Então, o que me diz? Estamos chegando na reta final e precisamos ter a sua resposta definitiva.

— Sobre o auxílio financeiro, creio que deixei bem claro naquele dia que não vou aceitar. Agradeço a proposta, mas, no momento, não me falta nada. Não estou com dificuldades financeiras e, se possível, quero continuar a viver do meu jeito.

— Está querendo dizer que não quer aceitar a ajuda de ninguém.

— Simplificando, é isso mesmo.

— Essa sua postura é admirável, senhor Kawana — disse Ushikawa, fazendo um som que parecia o de uma ligeira tosse. — O

senhor quer fazer tudo sozinho e, na medida do possível, não quer se envolver com nenhum tipo de organização. Entendo perfeitamente a sua postura, mas o senhor deve saber muito bem em que mundo vivemos e, por isso, eu me preocupo com o senhor. É imprevisível o que nos pode acontecer. E é por isso que precisamos nos assegurar. É preciso ter algo em que se apoiar, algo para protegê-lo contra o vento. Desculpe a franqueza, mas, no momento, o senhor não tem nenhum porto seguro. Não tem ninguém que irá apoiá-lo. Se acontecer alguma coisa ou se a situação piorar, as pessoas que estão ao seu redor serão as primeiras a fugir, deixando-o para trás. Não é mesmo? Dizem que é melhor prevenir do que remediar. Prevendo o pior, a melhor coisa a fazer é se assegurar. Não se trata apenas de dinheiro. O dinheiro, no final das contas, é apenas um *símbolo*.

— Não entendo o que o senhor quer dizer — disse Tengo, que começava a sentir aquela mesma intuição desagradável que tivera ao se encontrar pela primeira vez com Ushikawa.

— Tem razão. O senhor ainda é jovem e saudável e, portanto, creio que seja difícil entender esse tipo de coisa. O que estou tentando dizer é o seguinte: quando se passa de uma certa idade, a vida se transforma em uma sequência de perdas. Coisas que consideramos importantes em nossas vidas começam a escapar uma por uma de nossas mãos como os dentes do pente que se quebram com o tempo. A substituição nunca deixará de ser uma medíocre imitação. Todas as coisas e as pessoas que estimamos desaparecerão uma por uma: a capacidade muscular, os desejos, os sonhos, os ideais, a confiança, o sentido das coisas e as pessoas que amamos. Enquanto algumas irão se despedir antes de partir, outras desaparecerão de repente, sem aviso. Uma vez que as perdemos, jamais as teremos de volta. Em nada vai adiantar tentar substituí-las. Realmente, é muito triste. Às vezes, a dor é tão intensa como se estivessem arrancando uma parte do nosso corpo. Senhor Kawana, dentro em breve, o senhor vai completar 30 anos. Aos poucos o senhor estará adentrando a fase crepuscular da vida. Em outras palavras, isso significa que irá envelhecer. O senhor já deve estar começando a vivenciar a dor de *perder algo*. Será que estou equivocado?

“Esse homem parece insinuar algo sobre Kyôko Yasuda”, pensou Tengo. Ele sabia dos encontros secretos semanais em seu apartamento e que, por algum motivo, ela o deixara.

— Parece que o senhor sabe muita coisa sobre a minha vida pessoal — disse Tengo.

— Não. De jeito nenhum — respondeu Ushikawa. — Tenho apenas um conhecimento geral sobre a vida. Acredite. Nada sei sobre a sua vida pessoal.

Tengo se calou.

— Senhor Kawana, por favor, aceite o auxílio financeiro — disse Ushikawa, mesclando na fala um tom de queixume. — Sinceramente, o senhor está numa situação um tanto perigosa. Se ficar em apuros, temos como ajudá-lo. Jogaremos uma boia salva-vidas. Caso contrário, não terá saída.

— Não terei saída — disse Tengo.

— Isso mesmo.

— De forma objetiva, o que significa “não terei saída”?

Ushikawa fez um breve silêncio antes de prosseguir:

— Pois então, senhor Kawana, há coisas que é melhor não saber. Certos conhecimentos podem tirar o sono e isso nem se compara aos efeitos do chá verde. O senhor nunca mais terá um sono tranquilo. O que estou querendo dizer é o seguinte. Tente pensar da seguinte forma: o senhor abriu uma torneira especial, sem saber as consequências desse ato, e deixou escorrer algo especial. Algo que está repercutindo nas pessoas ao seu redor. Uma repercussão que não se pode chamar de boa.

— O Povo Pequeninino tem algo a ver com isso?

Foi um tiro no escuro, mas Ushikawa permaneceu calado. Era um silêncio pesaroso, como uma única pedra negra afundando em águas profundas.

— Senhor Ushikawa, gostaria de saber o que realmente está acontecendo. Pare com essas insinuações e vamos conversar de modo objetivo. Afinal, o que aconteceu com ela?

— Com ela? Não sei do que está falando.

Tengo suspirou. Era um assunto muito delicado para falar ao telefone.

— Sinto muito, senhor Kawana, sou apenas um subordinado, um mensageiro do meu cliente. No momento, a função que me atribuíram foi a de falar somente o básico, e cuidando para dizê-lo do modo mais indireto possível — disse Ushikawa, num tom sério. — Peço desculpas por deixá-lo irritado, mas só posso falar disso de modo vago. Para falar a verdade, meus conhecimentos sobre esses assuntos são muito limitados. De qualquer modo, realmente não sei nada sobre ela. Será que o senhor poderia ser um pouco mais específico?

— Então me fale: quem é o Povo Pequeninino?

— Senhor Kawana, veja bem, eu também não sei absolutamente nada sobre *esse tal* Povo Pequeninino. A não ser, obviamente, que eles aparecem naquele romance *Crisálida de ar*. Pois então, levando em consideração a nossa conversa, vejo que o senhor, sem querer, andou revelando coisas que não deveriam ser ditas. Dependendo da situação, pode ser algo muito perigoso. O meu cliente sabe muito bem o quanto e como isso pode ser perigoso. Mas, de certa forma, ele possui conhecimentos para resolver a situação. É por isso

que estamos estendendo a mão para ajudá-lo. Para dizer a verdade, nós temos braços muito longos. Braços longos e fortes.

— Quem são essas pessoas que o senhor chama de clientes? Têm alguma relação com Sakigake?

— Infelizmente não estou autorizado a revelar seu nome — disse Ushikawa, como se realmente lamentasse o fato. — Mas, seja quem for, posso garantir que o meu cliente é poderoso, e o seu poder não deve ser menosprezado. Nós podemos ser a sua retaguarda. Senhor Kawana, preste atenção, esta é a última oferta. O senhor tem toda a liberdade de aceitá-la ou não, mas, uma vez decidido, não será fácil voltar atrás. Por isso, pense muito bem. Se o senhor optar por não querer estar do lado deles, infelizmente os braços compridos podem se estender à revelia contra o senhor, e isso pode lhe trazer consequências não muito agradáveis.

— Quais seriam as consequências não muito agradáveis que esses braços compridos poderiam trazer?

Ushikawa calou-se por um tempo sem dar resposta. Tenho ouviu um leve barulho do outro lado da linha. Era como se ele estivesse chupando a saliva acumulada nos cantos da boca.

— Eu também não sei exatamente quais seriam — disse Ushikawa. — Não me deram nenhuma informação, e é por isso que falo apenas em termos gerais.

— Afinal, o que foi que eu revelei publicamente? — perguntou Tengo.

— Não sei dizer — respondeu Ushikawa. — Volto a dizer que sou apenas um representante designado a fazer a negociação. Não conheço os pormenores dessa situação. Eles me passam apenas o mínimo necessário. Todas as informações contidas na nascente do rio chegam a mim a conta-gotas, *pingo por pingo*. Eu apenas transmito o que o meu cliente me orienta a dizer, e dentro dos limites da restrita autorização que eles me concedem. O senhor deve indagar o porquê de eles precisarem de um homem como eu para fazer a intermediação; seria mais fácil o próprio cliente entrar em contato com o senhor, não é mesmo? Pois, então, por que será? Eu também não sei.

Ushikawa deu uma leve tossida e aguardou a pergunta de Tengo. Mas, como Tengo manteve-se calado, Ushikawa continuou:

— O senhor indagou o que teria revelado, não é?

Tengo confirmou.

— O senhor há de concordar que a resposta do tipo “Ah! Foi isso” não cabe a terceiros. É o senhor quem deve buscar a resposta, procurando-a com afinco. O único porém é que, enquanto estiver buscando aqui e ali e, finalmente, encontrá-la, pode ser tarde demais. Na minha opinião, o senhor possui um talento especial. Um maravilhoso e extraordinário talento que as pessoas em geral não

possuem. Isto é um fato incontestável. É por isso que o senhor realizou algo poderoso que não se pode ignorar. O meu cliente valoriza muito esse seu potencial, e é por isso que está lhe oferecendo o auxílio financeiro. Mas, por mais que se tenha talento, isso não basta. Dependendo de como se olha, ter um talento excepcional pode ser muito mais perigoso do que não tê-lo. Essa é a minha opinião, ainda que vaga, sobre o assunto.

— Está querendo dizer que o seu cliente está devidamente instruído e capacitado a falar sobre isso?

— Não. Isso eu não posso afirmar. Ninguém seria capaz de afirmar que alguém está ou não devidamente instruído e capacitado. Vamos fazer uma analogia, imaginando essa situação como se ela fosse uma nova epidemia. Digamos que eles possuem o conhecimento, ou seja, estão de posse da vacina e que, por enquanto, essa vacina possui um certo grau de eficácia. No entanto, os vírus são seres vivos e, como tal, se modificam, tornando-se mais resistentes. Os vírus são persistentes e tentam sobrepujar os anticorpos. É difícil prever até quando a vacina será eficaz. É igualmente difícil prever se o estoque de vacina será suficiente. É por isso que o meu cliente está temeroso.

— Por que eles precisam de mim?

— Por favor, não me leve a mal se eu usar a mesma analogia sobre a epidemia, mas creio que vocês são os principais portadores da moléstia.

— Vocês? — indagou Tengo. — Está se referindo a Eriko Fukada e eu?

Ushikawa não respondeu a essa pergunta.

— Bem, se me permite usar uma expressão clássica, creio que vocês abriram a caixa de Pandora. E dela saíram muitas coisas para este mundo. Em síntese, acho que é isso que o meu cliente pensa. Vocês dois se encontraram por acaso e juntos formaram uma dupla poderosa. Vocês conseguiram se unir de modo eficaz, completando o que faltava no outro.

— Legalmente, isso não é crime.

— Tem razão. Juridicamente e pelo senso comum isso não é um crime. Mas, se me permite citar o monumental clássico de George Orwell — ou melhor, de sua narrativa como uma grandiosa fonte de citações — o que vocês fizeram foi algo muito próximo a um *crimepensar*. Curiosamente, estamos em 1984. Será uma coincidência do destino? Mas, enfim, senhor Kawana, acho que já falei demais por esta noite. Grande parte do que eu disse são meras especulações. Especulações minhas. Não possuem nenhum embasamento concreto. Apenas respondi às suas indagações com base no que penso.

Ushikawa se calou e Tengo pensou: “Não passam de especulações? Sendo assim, até que ponto devo confiar no que ele

disse?”

— Daqui a pouco, preciso desligar — disse Ushikawa. — Como se trata de um assunto importante, aguardarei mais um tempo. Mas não muito. O relógio está marcando o tempo sem parar: tique-taque, tique-taque. Pense novamente, com muita calma, sobre a nossa oferta. Dentro em breve entrarei novamente em contato. Boa noite. Foi muito bom poder conversar com o senhor. Ah, senhor Kawana, tomara que o senhor consiga dormir bem.

Após dizer isso, Ushikawa desligou o telefone. Tengo ficou um tempo olhando o fone sem vida em sua mão. Parecia um agricultor observando a verdura murcha colhida em plena estiagem. Ultimamente, muitas pessoas que conversavam com Tengo encerravam o assunto unilateralmente.

Como era de se esperar, naquela noite Tengo não conseguiu ter um sono reparador. Até a tênue luz da manhã tingir as cortinas da janela e os passarinhos anunciarem vigorosamente o amanhecer de um novo dia de trabalho, Tengo ficou sentado no chão, encostado na parede, pensando na namorada e nos braços longos e fortes que se estendiam de algum lugar. Os pensamentos giravam e giravam sem levá-lo a lugar nenhum.

Tengo deu uma olhada ao redor e suspirou. Percebeu que estava completamente só. Ushikawa tinha razão. Ele não tinha em quem confiar.

Aomame

O lugar em que você está para pisar

O saguão do hotel Ôkura era amplo, de pé-direito alto, e a luminosidade reduzida o assemelhava a uma colossal caverna sofisticada. As vozes indistintas daqueles que conversavam sentados nos sofás ecoavam pelo salão como suspiros de animais estripados. O carpete espesso e macio lembrava musgos pré-históricos de alguma ilha do extremo norte, absorvendo o som dos passos ao longo dos séculos. As pessoas que caminhavam pelo salão eram como um grupo de fantasmas que, desde tempos imemoriais, era mantido preso àquele lugar, repetindo ininterruptamente as mesmas funções impostas por um feitiço. Os homens vestiam ternos impecáveis que lembravam armaduras, e as mulheres, jovens e esbeltas, em seus elegantes vestidos pretos, pareciam participar de alguma cerimônia realizada num dos salões. Elas usavam acessórios pequenos, porém caros, que absorviam os reflexos da tênue luz ambiente como morcegos ávidos de sangue. Um casal de estrangeiros idosos e enormes, que havia tempos deixara para trás o auge da juventude, estava sentado em poltronas num canto do salão como um velho soberano e sua rainha.

Naquele ambiente lendário e altamente sugestivo, Aomame destoava com suas calças de algodão azul-claras, a singela blusa branca, o tênis branco e a bolsa esportiva da Nike. “Provavelmente, devem achar que sou uma babá contratada por algum hóspede do hotel”, pensou, sentada na enorme poltrona esperando a hora passar. Paciência. Ela não estava naquele lugar para uma visita social. Enquanto aguardava, sentiu uma leve impressão de que *alguém a observava*, mas, por mais que olhasse ao redor, não encontrou ninguém. “Deixa pra lá”, pensou Aomame. “Que vejam o quanto quiserem.”

Quando os ponteiros do relógio de pulso marcavam seis horas e cinquenta minutos, Aomame se levantou e foi ao toalete com sua bolsa esportiva a tiracolo. Lavou as mãos com sabonete e verificou novamente se sua aparência estava em ordem. De frente para o enorme espelho impecavelmente limpo, respirou fundo várias vezes. O banheiro era enorme e não havia ninguém. Provavelmente era maior que o seu apartamento.

— Este é o meu último trabalho — disse Aomame bem baixinho mirando-se no espelho. “Farei o serviço com perfeição e

depois vou desaparecer. Vou sumir como um fantasma, como num sopro: *fuuuu*. Agora estou aqui. Amanhã não estarei mais. Daqui a alguns dias vou ter um outro nome, um outro rosto”, pensou.

Aomame voltou para o saguão e, ao sentar novamente na poltrona, colocou a bolsa sobre a mesa ao lado. Dentro dela havia uma pistola pequena de sete tiros e uma agulha bem pontuda para espetar a nuca do homem. Ela sabia que precisava se acalmar. Era o último trabalho. Um trabalho muito importante. Precisava ser a Aomame de sempre: inabalável e segura de si.

Porém, ela não podia ignorar o fato de que não estava em seu estado normal. Sentia-se estranhamente sufocada, e o batimento cardíaco estava acelerado. O suor brotava nas axilas e ela sentia a pele pinicar. Isso não era apenas uma questão de tensão. Ela pressentia *algo*. Algo que insistentemente batia na porta de sua consciência para avisá-la de que “*ainda dava tempo de ir embora e esquecer tudo*”.

Se pudesse, bem que Aomame gostaria de dar ouvidos à advertência. Bastava desistir de tudo e deixar o saguão do hotel. Havia algo de agourento naquele lugar. Pairavam no ar indícios de uma morte iminente. Uma morte silenciosa e lenta da qual não poderia escapar. Mas ela não podia meter o rabo entre as pernas e fugir. Isso não era do seu feitio.

Foram dez longos minutos. O tempo parecia não passar. Ela conseguiu controlar a respiração mantendo-se sentada no sofá. Os fantasmas do salão de entrada continuavam a emitir sons vazios. As pessoas andavam sobre o carpete espesso sem fazer barulho, como almas perdidas procurando o seu derradeiro lugar de descanso. O único som real que, de vez em quando, chegava aos seus ouvidos era o do copeiro passando com a bandeja de café. Mas até mesmo esse som secundava algo de estranho. E não era algo bom. Se continuasse tensa, não conseguiria fazer as coisas na hora certa. Aomame fechou os olhos e instintivamente começou a rezar. Desde que se entendia por gente, ela fora obrigada a orar antes das três refeições. Isso tinha sido há muito tempo, mas ela ainda se lembrava de cada palavra:

Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o
Vosso Nome; venha a nós o Vosso Reino. Perdoai
nossos pecados. Conceda-nos a Vossa bênção em nossa
humilde caminhada. Amém.

Aomame não podia deixar de admitir — ainda que a contragosto — que aquela prece, outrora um martírio, agora lhe servia de amparo. O som que ecoava daquelas palavras tinha o poder de acalmar e impedir que o medo a dominasse e, conseqüentemente, isso ajudava a controlar o ritmo de sua respiração. Apertou as pálpebras com os dedos, pondo-se a repetir várias vezes a oração.

— É a senhorita Aomame? — perguntou alguém. A voz era de um rapaz.

Ao ouvir a voz, Aomame abriu os olhos e levantou lentamente o rosto em direção à pessoa que acabara de emitir aquele som. Dois jovens estavam em pé diante dela. Ambos vestiam ternos escuros muito parecidos. Ao reparar no tecido e no corte, logo se percebia que não eram produtos de qualidade. Provavelmente, eram ternos comprados prontos em alguma loja de venda no atacado. Havia uma pequena diferença de tamanho, mas estavam admiravelmente bem passados e sem nenhum *amassado*. Mas talvez tivessem passado apenas as mangas antes de vesti-los. Nenhum dos dois usava gravata. Um deles tinha a camisa branca fechada até o último botão e o outro vestia uma camisa cinza de gola redonda sob o paletó. Os dois calçavam modestos sapatos pretos sem nenhum atrativo.

O rapaz de camisa branca media cerca de um metro e oitenta e cinco e prendia o cabelo num rabo de cavalo. As sobranceiras eram longas e levemente arqueadas num belo traçado, como o de um gráfico linear. O rosto era bonito e de feição serena. Poderia perfeitamente se passar por ator. O outro media um metro e sessenta e cinco e tinha os cabelos cortados bem curtos, à escovinha. O nariz era pequeno e batatudo e, na ponta do queixo, ele mantinha uma pequena barbicha que mais parecia um sombreado erroneamente pintado. No canto direito do olho havia uma pequena cicatriz. Os dois eram magros, de rosto chupado e pele bronzeada. Não se via nenhum excesso de gordura. O volume sob o paletó na altura dos ombros sugeria a existência de músculos avantajados. Deviam ter uns 25 anos. Os dois tinham um olhar profundo e perspicaz. Como um animal selvagem no momento da caça, seus olhos não se movimentavam sem necessidade.

Aomame se levantou da poltrona instintivamente e lançou um rápido olhar no relógio de pulso. Os ponteiros indicavam sete horas. Eram pontuais.

— Sim — respondeu Aomame.

Eles não esboçavam nenhum tipo de expressão facial. Olharam rapidamente para ela e para a bolsa azul ao lado.

— Você só trouxe isso? — perguntou o rapaz de cabelo rente.

— Só isso — respondeu Aomame.

— Está bem. Vamos. Está pronta? — perguntou novamente o rapaz de cabelo rente. O de rabo de cavalo apenas observava atentamente.

— Estou — disse Aomame. O rapaz de menor estatura devia ser mais velho e era uma espécie de líder, cogitou Aomame.

O rapaz de cabelo rente tomou a dianteira e, calmamente, atravessou o saguão em direção ao elevador social. Aomame pegou a

bolsa e o seguiu. O outro veio logo atrás, deixando uma distância de uns dois metros entre eles. Aomame estava retida entre os dois. Eles estavam habituados a fazer isso, pensou. Os rapazes mantinham a postura ereta e seus passos eram firmes e precisos. A velha senhora havia dito que sabiam caratê. Se ela fosse lutar com os dois ao mesmo tempo, provavelmente não conseguiria vencê-los. Aomame estava ciente disso, por praticar artes marciais por muito tempo. Mas, por outro lado, eles não tinham um ar destemido e ameaçador como o de Tamaru. Sendo assim, talvez não fossem adversários *tão imbatíveis* como se faziam crer. Numa luta corpo a corpo, teria de dominar primeiro o rapaz menor de cabelo rente, que era a torre de comando. Se fosse enfrentar apenas o de rabo de cavalo, Aomame poderia dar um jeito e conseguir escapar.

Os três pegaram o elevador. O rapaz de rabo de cavalo apertou o botão do sétimo andar. O de cabelo rente posicionou-se ao lado de Aomame enquanto o outro ficou de frente para os dois no canto diagonalmente oposto. Agiam em silêncio. Eram sistemáticos como um jogador da segunda base e o da interbase que, em dupla, almejam fazer um duplo passe e mandar dois jogadores para fora do campo.

Enquanto pensava nisso, Aomame percebeu que tanto o ritmo de sua respiração quanto as batidas do coração estavam controlados e normalizados. Agora estava tudo bem, pensou. Ela era a mesma de sempre: *serena e forte*. Sentia que tudo ia dar certo; já não tinha mais aquele pressentimento ruim.

A porta do elevador se abriu sem fazer barulho. Enquanto o rapaz de rabo de cavalo pressionava o botão “abrir”, o de cabelo rente saiu na frente, seguido de Aomame e, por último, ele próprio desceu, após soltar o botão. No corredor, o rapaz de cabelo rente foi na frente, seguido de Aomame, e o de rabo de cavalo manteve-se na retaguarda. No amplo corredor não havia viva-lma. Prevalecia o silêncio e tudo estava impecavelmente limpo. Como todo hotel de primeira classe que se preza, tudo estava em ordem e não havia carrinhos de comida com pratos sujos deixados durante horas no corredor à espera de serem recolhidos. No cinzeiro em frente ao elevador não havia nenhuma guimba, e as flores do vaso pareciam recém-colocadas e exalavam um agradável frescor. Os três passaram por vários corredores e pararam em frente a uma porta. O rapaz de rabo de cavalo tomou a frente e bateu duas vezes e, sem aguardar resposta, passou o cartão para abri-la. Entrou no quarto, examinou o local e, após se certificar de que não havia nada de errado, fez um discreto sinal para o rapaz de cabelo rente.

— Por favor, entre — disse o de cabelo rente, com a voz seca.

Aomame entrou no quarto. O rapaz de cabelo rente entrou logo em seguida, fechou a porta e o trinco. O quarto era muito grande,

diferente dos quartos convencionais. Havia uma sala de estar enorme e uma mesa de trabalho. A televisão e a geladeira também eram grandes. Era uma suíte especial. Da janela tinha-se uma privilegiada vista noturna de Tóquio. Certamente devia ser uma suíte muito cara. O rapaz de cabelo rente olhou para o relógio de pulso e pediu que Aomame se sentasse. Ela assim o fez, colocando a bolsa de ginástica azul ao lado.

— Você vai se trocar? — perguntou o rapaz de cabelo rente.

— Se for possível — disse Aomame. — É mais fácil trabalhar com roupas de ginástica.

O rapaz de cabelo rente concordou e disse:

— Mas, antes, peço a permissão para revistar você. Desculpe o incômodo, mas faz parte do nosso serviço.

— Fique à vontade. Reviste o quanto quiser — respondeu Aomame. Sua voz não tinha nenhum sinal de tensão. Dava a impressão de que ela até se divertia com o nervosismo deles.

O rapaz de rabo de cavalo se aproximou dela e com as duas mãos revistou o corpo para ver se não havia nenhum objeto suspeito. Ela vestia apenas uma calça leve de algodão e uma blusa. Não havia o que revistar, não dava para esconder nada embaixo dessas roupas. Eles apenas seguiam uma regra estabelecida. As mãos do rapaz pareciam rijas, como se estivesse tenso. Nem por educação se poderia dizer que ele era bom nisso. Talvez não estivesse acostumado a revistar uma mulher. O rapaz de cabelo rente ficou encostado na mesa observando o trabalho do outro.

Após a revista, ela abriu a bolsa. Dentro havia uma blusa leve de verão, roupas de ginástica e duas toalhas, uma grande e uma pequena. Havia também alguns produtos de maquiagem, um livro de bolso e uma bolsa pequena de miçangas com carteira, porta-moedas e uma chave. Aomame tirou tudo, um a um, e entregou para o rapaz de rabo de cavalo. Por último, pegou uma bolsa de vinil preta e, ao abrir o zíper, tirou um conjunto de sutiã e calcinha, um tampão e um absorvente íntimo.

— Preciso de roupas para troca, porque costume suar muito durante o trabalho — comentou Aomame. Em seguida, tirou as peças íntimas com rendinhas brancas, e quando estava para abrir as peças e mostrá-las, o de rabo de cavalo, ligeiramente ruborizado, balançou sutilmente a cabeça, como que a dizer que estava tudo bem e que ela não precisava mostrá-las. Aomame começou a desconfiar que ele talvez fosse mudo.

Ela guardou calmamente as peças íntimas e os absorventes na bolsa preta e fechou o zíper. Como se nada tivesse acontecido, colocou-a de volta dentro da bolsa esportiva. Eles são amadores, pensou Aomame. Um guarda-costas de verdade não ficaria ruborizado

só de ver uma peça de lingerie bonita e produtos de higiene pessoal. Se Tamaru estivesse no lugar dele, mesmo sendo a Branca de Neve, ele a revistaria meticulosamente da cabeça aos pés. E vasculharia tudo: sutiã, combinação e shorts; não deixaria de verificar o fundo da bolsa de vinil. Para ele, isso tudo — talvez pelo fato de ser gay assumido — não passava de pedaços de tecido. Mas, mesmo que não revistasse tudo, ao menos ele pegaria a bolsa na mão para sentir o peso; e, com isso, certamente encontraria a pistola Heckler & Koch (com cerca de quinhentos gramas) embrulhada no lenço e o pequeno picador de gelo especial guardado dentro de um estojo rígido.

Não passavam de amadores. Podiam ser exímios lutadores de caratê, com juramento de fidelidade ao Líder. Mas, mesmo assim, amadores não passam de amadores. Foi o que a velha senhora havia previsto. Aomame achou que não revistariam o fundo da bolsa, e estava certa. Foi uma aposta; ela não chegou a pensar seriamente no que faria se estivesse equivocada. A única coisa que podia fazer era rezar. E ela sabia. Sabia que se rezasse *daria certo*.

Aomame foi ao toalete e vestiu o conjunto de ginástica. Dobrou a blusa e a calça de algodão e as guardou na bolsa. Assegurou-se de que os cabelos estavam bem presos. Borrifou a boca com um spray para evitar o mau hálito. Tirou a Heckler & Koch da bolsa de vinil e, abrindo a torneira da pia para abafar o som, puxou o ferrolho e posicionou a bala na câmara. Agora bastava soltar a trava de segurança. Colocou o estojo com o picador de gelo por cima das coisas para que pudesse pegá-lo com facilidade. Após organizar tudo, voltou-se para o espelho e cuidou para apagar os vestígios de tensão do rosto. Estava dando certo. Até agora ela estava conseguindo transpor os obstáculos com tranquilidade.

Ao deixar o toalete, o rapaz de cabelo rente estava falando alguma coisa bem baixinho ao telefone, com as costas eretas voltadas para Aomame. Assim que a viu, interrompeu a conversa e, sem dizer nada, colocou o fone de volta no gancho. Ele fitou Aomame — que agora estava com um conjunto de ginástica da Adidas — para se certificar de que não havia nada de errado.

— Está pronta? — ele perguntou.

— Quando quiser — respondeu Aomame.

— Antes, gostaria de pedir um favor — disse o rapaz de cabelo rente.

Aomame abriu um sorriso como que concordando.

— Por favor, não comente com ninguém sobre esta noite — disse o rapaz de cabelo rente. Em seguida, aguardou para que Aomame processasse a informação. Um breve intervalo de tempo,

como jogar água na terra seca e esperar que fosse absorvida sem deixar vestígios. Enquanto isso, Aomame apenas olhava em silêncio para ele. O rapaz de cabelo rente prosseguiu: — Perdoe-me a franqueza, mas nossa intenção é lhe dar uma remuneração generosa, e podemos solicitar os seus serviços periodicamente. Por isso, quero que esqueça tudo o que vai acontecer aqui. Deve esquecer o que viu, ouviu, enfim, tudo.

— O meu trabalho está diretamente relacionado ao corpo — disse Aomame, séria. — Estou ciente de que devo guardar a privacidade dos meus clientes. Faz parte do segredo profissional. Não importa o que seja, as informações relacionadas ao estado físico do meu cliente jamais sairão daquela porta. Se a preocupação é essa, garanto que é desnecessária.

— Ótimo. Era isso que queríamos ouvir — disse o rapaz de cabelo rente. — Mas gostaria de ressaltar que o segredo profissional deve ser respeitado no amplo sentido da palavra. O lugar que você está para pisar é, por assim dizer, um local sagrado.

— Local sagrado?

— Pode parecer exagerado, mas não é. O que você está para ver e tocar são *coisas sagradas*. Não tenho outra palavra mais adequada para descrevê-lo.

Aomame concordou sem dizer nada. Na situação em que se encontrava, achou melhor não se intrometer.

O rapaz de cabelo rente continuou:

— Queira desculpar, mas fizemos uma investigação sobre você. Espero que não se sinta ofendida, mas era algo que precisávamos fazer. Temos motivos para ser precavidos.

Aomame olhou para o rapaz com rabo de cavalo enquanto ouvia a conversa. Ele estava sentado numa cadeira ao lado da porta. Mantinha as costas eretas, as mãos sobre o colo e o queixo retraído. Parecia posar para uma fotografia, sem mexer um milímetro a posição. O olhar dele estava sempre voltado para Aomame.

O rapaz de cabelo rente olhou para os próprios sapatos pretos de couro, como se estivesse verificando o estado deles, para em seguida voltar novamente os olhos para Aomame.

— A conclusão a que chegamos é que não havia nada que a desabonasse. Por isso é que a convidamos para vir aqui. Você é uma instrutora muito competente e constatamos que sua reputação é muito boa entre as pessoas que a conhecem.

— Muito obrigada — disse Aomame.

— Ouvi dizer que, antes, você era Testemunha de Jeová. Essa informação é correta?

— É. Meus pais eram fiéis e, naturalmente, desde que nasci tive de segui-los — disse Aomame. — Não era fiel por vontade

própria, e faz tempo que não sigo essa religião.

Será que haviam também descoberto que, de vez em quando, ela e Ayumi saíam à caça de homens em Roppongi? Não, isso era o menos. Mesmo que soubessem, não deviam ter considerado o fato relevante, caso contrário não estaria ali.

O homem prosseguiu:

— Também sabemos disso, mas você viveu durante um tempo entre os fiéis. Foi durante a infância, um período em que a sensibilidade é maior e a pessoa é mais receptiva. Por isso, creio que você deve entender o significado de *algo* que se considera *sagrado*. O conceito de sagrado é único para todas as religiões, é uma questão de fé. Existem locais em que não podemos nem devemos nos atrever a pisar. O primeiro passo de um fiel é admitir, aceitar e respeitar a existência desse espaço sagrado. Você entende o que estou dizendo?

— Creio que sim — disse Aomame. — Mas aceitar isso é outra questão.

— É claro — disse o rapaz de cabelo rente. — É claro que você não precisa aceitar, pois isso faz parte da nossa fé, e não da sua. Mas hoje, acreditando ou não, você vai estar diante de algo muito especial. *Um ser que não é comum.*

Aomame manteve-se calada. *Um ser que não é comum.*

O rapaz de cabelo rente estreitou os olhos e, durante um tempo, observou o seu silêncio. Depois, disse calmamente:

— Independentemente do que venha a presenciar, jamais comente sobre isso, seja lá onde for. Se a informação vazar, o sagrado será profanado para sempre, como um lago puro contaminado por um corpo estranho. Não importa o que a sociedade pensa ou o que ditam as leis deste mundo, é assim que expressamos nossos sentimentos. Espero que você entenda isso. Se você conseguir entender e cumprir a promessa, podemos remunerá-la muito bem, como já foi dito.

— Entendi — disse Aomame.

— Somos um pequeno grupo religioso, mas possuímos um coração forte e braços muito longos — disse o rapaz de cabelo rente.

“Vocês possuem braços longos”, pensou Aomame, “e, pelo visto, eu é que vou comprovar o quanto eles podem ser longos”.

O rapaz de cabelo rente fitava-a atentamente, mantendo os braços cruzados e o corpo apoiado na mesa. Era um olhar como o de alguém que está verificando se a moldura do quadro pendurado na parede está torta. O de rabo de cavalo mantinha a mesma postura, sem tirar os olhos dela. Um olhar constante e ininterrupto.

— Então vamos — disse ele, dando uma leve tossida para limpar a garganta. Em seguida, caminhou lentamente pela sala com passos cautelosos, como um asceta andando sobre a superfície de um lago. Deu dois toques na porta de ligação para o quarto. Sem aguardar

resposta, abriu a porta, fez uma breve reverência e entrou. Aomame pegou a bolsa e o seguiu. Enquanto caminhava sobre o carpete, percebeu que sua respiração estava normal. Mentalmente, mantinha o dedo posicionado no gatilho da pistola imaginária. Não havia perigo. Seria como sempre. Mas, mesmo assim, ela estava com medo. Sentia como se um bloco de gelo estivesse grudado em suas costas. Levaria muito tempo para o gelo derreter. Ela estava fria e calma, mas, ao mesmo tempo, *profundamente temerosa*.

O rapaz de cabelo rente havia dito que neste mundo existem locais em que não podemos e não devemos nos atrever a pisar. Aomame sabia o que isso significava. Ela própria, antigamente, vivia num mundo em que o sagrado ocupava um lugar central. Não, *na verdade*, mesmo agora, ela estaria vivendo naquele mundo. Talvez só ela não tivesse percebido isso.

Aomame repetiu a oração mentalmente, sem proferi-la. Respirou fundo e, decidida, pisou no quarto contíguo.

Tengo

A hora em que os gatos aparecem

Tengo passou pouco mais de uma semana envolto num estranho silêncio. Certa noite, um homem chamado Yasuda telefonou para informar que sua esposa estava totalmente perdida e não poderia mais se encontrar com ele. Uma hora depois foi a vez de Ushikawa ligar para dizer que Tengo e Fukaeri formavam uma dupla e eram portadores de uma bactéria responsável pela prática do *crimepensar*. Tanto Yasuda quanto Ushikawa traziam (Tengo só podia achar que traziam) mensagens profundamente significativas. Eles lembravam aqueles romanos de toga que, em pé sobre uma plataforma no centro do Fórum, anunciavam algum decreto aos cidadãos aglomerados ao redor, curiosos para saber do que se tratava. Tanto um quanto o outro, após dizerem o que precisava ser dito, desligavam na cara de Tengo.

Depois de receber os telefonemas durante a noite, ninguém mais entrou em contato com Tengo. O telefone não tocou, não recebeu nenhuma correspondência, ninguém bateu na porta e nenhum pombo-correio inteligente lhe trouxe uma mensagem. A impressão era a de que ninguém — nem Komatsu nem o professor Ebisuno, nem Fukaeri nem mesmo Kyôko Yasuda — tinha algo a lhe dizer.

Tengo, por sua vez, também parecia ter perdido o interesse nelas. Não. O desinteresse não era apenas com elas, mas em relação a tudo. Não se importava mais com as vendas da *Crisálida de ar* ou onde estaria a autora, Fukaeri, e o que ela estaria fazendo; os desdobramentos estratégicos do projeto do talentoso editor Komatsu; se o meticuloso plano do professor Ebisuno estaria ou não dando certo; até que ponto a mídia conseguira farejar a verdade; que tipo de ação o misterioso grupo Sakigake estaria tramando. Se o barco em que ele estava avançava rumo à ribanceira, na iminência de despencar, o jeito era se conformar e deixá-lo cair. Àquela altura, não adiantava espernear, pois isso não mudaria o fluxo do rio.

Mas, obviamente, estava preocupado com Kyôko Yasuda. Apesar de não saber exatamente o que se passava com ela, Tengo não mediria esforços para tentar ajudá-la. Porém, independentemente do que ela estivesse enfrentando naquele momento, estava fora do alcance de Tengo. Na prática, ele estava com as mãos atadas.

Tengo também parou de ler o jornal. O mundo seguia seu rumo sem estabelecer relação com ele. Seu corpo estava envolto por

uma particular bruma de apatia. Deixou de frequentar as livrarias porque detestava se deparar com as pilhas de *Crisálida de ar* nas vitrines. Fazia apenas o trajeto escola-casa. Muitos já aproveitavam as férias de verão, mas, como a escola preparatória mantinha cursos nessa época, Tengo ficava muito mais ocupado que o normal. Naquele momento, isso era algo bem-vindo. Pelo menos, enquanto dava aulas, a única coisa em que ele realmente precisava pensar era como resolver os problemas de matemática.

Tengo também parou de escrever seu romance. Ele se sentava à mesa, ligava o processador e, quando a tela abria, não sentia nenhuma motivação. Toda vez que tentava pensar em algo, lembrava trechos da conversa que tivera com o marido de Kyôko Yasuda, e a parte final da conversa com Ushikawa. Ele não conseguia se concentrar no romance.

Minha esposa está completamente perdida e não existe nenhuma possibilidade de vocês se encontrarem novamente.

Foi o que disse o marido de Kyôko Yasuda.

Bem, se me permite usar uma expressão clássica, creio que vocês abriram a caixa de Pandora. E dela saíram muitas coisas para este mundo. Vocês dois se encontraram por acaso e juntos formaram uma dupla poderosa. Vocês conseguiram se unir de modo eficaz, completando o que faltava no outro.

Foi o que disse Ushikawa.

O que eles disseram era ambíguo. A mensagem principal era vaga e dissimulada. Mas ambos queriam falar a mesma coisa: Tengo despertara, sem perceber, um tipo de força (possivelmente, de repercussão não muito boa), que estaria influenciando objetivamente o mundo ao seu redor. Tengo desligou o processador, sentou-se no chão e ficou um bom tempo olhando o telefone. Ele precisava de mais pistas, de mais peças do quebra-cabeça. Mas ninguém lhe daria isso. A bondade era uma das coisas que ultimamente (ou sempre) estavam em falta no mundo.

Pensou em telefonar para alguém. Ligar para Komatsu, o professor Ebisuno ou Ushikawa. Mas faltava-lhe a disposição para tanto. Tengo estava farto das conversas sem pé nem cabeça, repletas de insinuações. Quando conseguia obter uma pista para desvendar um mistério, eles lhe ofereciam outro mistério. Não podia mais continuar nesse jogo. *Tengo e Fukaeri eram um par poderoso.* Se estão dizendo isso, que assim seja. Tengo e Fukaeri, como Sonny e Cher. Uma dupla poderosa. *The beat goes on.*

Os dias foram passando. Finalmente Tengo cansou de ficar enfurnado no apartamento aguardando passivamente algo acontecer. Enfiou a

carteira e um livro nos bolsos, colocou o boné de beisebol, os óculos escuros e saiu. Caminhou com passos firmes até a estação, mostrou o passe e pegou um trem expresso da linha Chûô em direção a Tóquio. Não tinha um destino certo. Apenas resolveu pegar o primeiro trem que apareceu. Estava vazio. Naquele dia, Tengo não tinha nenhum compromisso. Estava livre para fazer (ou não fazer) o que bem entendesse. Eram dez da manhã de um dia claro de verão, com muito sol e sem vento.

Tengo começou a prestar atenção ao redor, achando que algum daqueles “pesquisadores” de Ushikawa estaria seguindo-o. Durante o trajeto até a estação, parava de repente para olhar para trás. Não havia nenhum suspeito. Na estação, propositalmente, foi para a plataforma errada e, como se tivesse mudado de ideia, deu meia-volta e desceu rapidamente as escadas, mas ninguém fez o mesmo trajeto que ele. Era uma típica mania de perseguição. Ninguém o estava seguindo. Ele não era uma pessoa tão importante e tampouco eles deviam ter tanto tempo assim. O fato é que o próprio Tengo não sabia para onde ir e o que fazer. A única pessoa que realmente deveria observá-lo a distância, com curiosidade, era ele próprio.

O trem passou pelas estações de Shinjuku, Yotsuya, Ochanomizu e parou em Tóquio, o ponto final. Todos os passageiros desceram, ele fez o mesmo. Ao desembarcar, sentou-se no banco da plataforma para decidir o que fazer. Para onde deveria ir? “Estou na estação de Tóquio. Hoje não tenho nada a fazer. Se eu quiser, posso ir para qualquer lugar. O dia promete esquentar. Acho que vou à praia”, pensou Tengo. Ergueu o rosto e viu o painel de informação das linhas de trem.

Foi então que Tengo percebeu *o que estava tentando fazer*.

Balançou a cabeça várias vezes, mas esse gesto de negação não era capaz de apagar seu pensamento. Ao que tudo indicava, no momento em que ele desceu na estação Kôenji e pegou a linha Chûô, em direção a Tóquio, já havia decidido para onde ir, ainda que inconscientemente. Tengo suspirou, levantou-se da cadeira, desceu as escadas da plataforma e foi para a área de embarque da linha Sôbu. Ao perguntar para o funcionário da estação os horários dos trens expressos para Chikura, este folheou o guia de horários e informou que às onze e meia sairia um trem expresso em direção a Tateyama e que, de lá, pegando um trem comum, chegaria a Chikura pouco depois das duas horas. Tengo comprou os bilhetes de ida e volta de Tóquio a Chikura e reservou os assentos no trem expresso. Em seguida, entrou num restaurante da estação e pediu um prato de arroz com curry e uma porção de salada. Após a refeição, matou o tempo bebendo um café fraco.

Visitar o pai o deixava deprimido. Tengo nunca gostou dele e o

pai também não parecia nutrir por ele um carinho especial. Tengo não saberia dizer se o pai gostaria de vê-lo. Desde aquela época em que cursava o primário, e se recusou terminantemente a acompanhar o pai nas cobranças da NHK, a indiferença permeou a relação entre os dois. Com o passar do tempo, esse clima de constante frieza fez com que Tengo fosse se distanciando cada vez mais, até chegar o ponto em que ele somente dirigia a palavra ao pai quando estritamente necessário. Quatro anos antes, seu pai se aposentara na NHK e, logo depois, se internara numa casa de saúde especializada em tratar pacientes com quadro de demência senil. Tengo visitou o local somente duas vezes. A primeira foi logo depois da internação, pois, sendo o único parente, precisou tratar de assuntos administrativos. A segunda vez também foi para tratar de assuntos igualmente burocráticos.

A casa de repouso ficava num terreno grande, em uma rua paralela à praia. Antigamente, era uma casa de veraneio de um megaempresário de uma *Zaibatsu*, um grupo financeiro, e, posteriormente, foi adquirida por uma empresa de seguros de saúde para abrigar uma casa de assistência social e, de uns anos para cá, fora transformada numa casa de saúde para pacientes com problemas cognitivos. Por isso, no mesmo terreno havia uma antiga e elegante construção de madeira e um prédio novo de concreto armado, de três andares, que, para os que olhavam o conjunto, davam a impressão de serem incompatíveis arquitetonicamente. Mas o ar era limpo e, tirando o barulho das ondas, era um local quieto. Quando os ventos não sopravam muito forte, podia-se caminhar pela praia. No jardim havia fileiras de belíssimos pinheiros para barrar os ventos. Havia também instalações médicas.

Graças ao seguro-saúde, à gratificação paga por ocasião da aposentadoria, à poupança e à pensão, seu pai podia viver o resto de seus dias naquela casa de repouso sem passar por dificuldades financeiras. Isso tudo, graças à sorte de ele ter sido funcionário registrado da NHK. Em termos de patrimônio, não deixaria grande coisa, mas, em compensação, o fato de seu pai poder arcar com as próprias despesas era, para Tengo, gratificante. Independentemente de esse homem ser seu pai biológico ou não, ele não tinha nenhuma intenção de receber algo dele e, tampouco, oferecer-lhe alguma coisa, qualquer que fosse. Eles eram indivíduos que vieram de locais diferentes e olhavam para direções diferentes e que, por acaso, viveram juntos alguns anos. Apenas isso. Tengo achava lamentável o que estava acontecendo, mas não havia nada o que pudesse fazer.

Tengo sabia que já estava na hora de visitá-lo. Estava ciente disso. A ideia não lhe agradava; se pudesse, daria meia-volta e iria para casa. Mas as passagens do trem regular e do trem expresso já estavam compradas e dentro do bolso. Tudo estava encaminhado.

Ele se levantou, pagou a conta do restaurante e, em pé na plataforma, aguardou a chegada do trem expresso para Tateyama. Olhou atentamente ao redor, mas não encontrou nenhum suposto pesquisador. Havia somente famílias alegres e felizes que passariam o fim de semana na praia. Tengo tirou os óculos de sol e guardou-os no bolso, ajeitou o boné de beisebol. “E daí”, pensou. “Se eles querem me vigiar, que vigiem à vontade. Eu vou para uma cidade praiana na província de Chiba visitar meu pai, que sofre de demência senil. Ele pode ou não se lembrar de mim. Da última vez que o vi, sua memória já estava bem debilitada. Agora deve estar pior. A demência é uma doença progressiva e não existe recuperação. Foi o que me disseram. É como uma engrenagem que só avança para a frente.” Isso era uma das poucas coisas que Tengo sabia sobre a demência.

Quando o trem partiu de Tóquio, Tengo tirou o livro do bolso e começou a ler. Era uma antologia de contos sobre viagem. Uma das histórias era de um jovem que ia a uma cidade dominada por gatos. O título era “A cidade dos gatos”. Uma história fantástica de um escritor alemão de quem Tengo nunca tinha ouvido falar; segundo a nota editorial, fora escrito no período entreguerras.

O jovem viajava sozinho, com apenas uma mala, sem destino certo. Ele seguia de trem e, se encontrasse um local interessante, descia. Procurava um alojamento, conhecia a cidade e ficava no local o tempo que quisesse. Quando enjoava, pegava novamente o trem. Era assim que costumava aproveitar as férias.

Um dia ele viu um rio muito bonito da janela do trem. O rio serpenteava graciosamente por entre as colinas verdejantes, e no sopé de uma delas havia uma pequena cidade que parecia ser muito tranquila, com uma antiga ponte de pedra sobre o rio. O cenário era muito convidativo. “Aqui devem servir uma truta deliciosa”, pensou o rapaz. Quando o trem parou na estação, o jovem pegou a mala e desceu. Foi o único passageiro a descer. Tão logo ele saiu, o trem partiu.

Não havia nenhum funcionário na estação. “Por aqui deve ser tudo muito calmo”, pensou o rapaz. Atravessou a ponte de pedra e foi para a cidade. Nela imperava o mais absoluto *silêncio*. Não havia vitalma. Todas as lojas estavam com as portas fechadas e não havia ninguém na prefeitura. No único hotel da cidade também não havia ninguém na recepção. O rapaz tocou a campainha e, mesmo assim, ninguém apareceu. Era como uma cidade fantasma. Ou, talvez, todos estivessem fazendo a sesta. Mas ainda eram dez e meia da manhã; muito cedo para repousar. Ou, quem sabe, acontecera alguma coisa, e todos tiveram que abandonar a cidade. Como o próximo trem só

passaria na manhã seguinte, o jeito era passar a noite lá. O rapaz caminhou pela cidade para passar o tempo.

Mas, na verdade, aquela era uma cidade de gatos. Ao anoitecer, muitos atravessavam a ponte de pedra, de volta para a cidade. Gatos de vários tipos e cores. Eram bem maiores que um gato normal, mas não havia dúvidas de que eram gatos. O rapaz ficou apavorado ao presenciar a cena e se escondeu rapidamente no alto de um campanário no centro da cidade. Os gatos agiam com a maior naturalidade: alguns abriam as lojas enquanto outros começavam a trabalhar na prefeitura, ocupando suas mesas de trabalho. Mais e mais gatos continuaram chegando pela ponte. Eles faziam compras nas lojas, iam para a prefeitura resolver assuntos administrativos e comiam no restaurante do hotel. Os gatos também tomavam cerveja no bar e cantavam alegremente as músicas de gato. Um deles tocava acordeão e outros dançavam ao compasso da música. Como os gatos enxergam no escuro, praticamente não havia necessidade de luz, mas, naquela noite, a lua cheia iluminava toda a cidade, e o rapaz, mesmo escondido no campanário, conseguiu observar tudo, do começo ao fim. Quando o dia estava prestes a raiar, os gatos fecharam as lojas, terminaram os seus respectivos afazeres e, em bando, atravessaram a ponte retornando para o local de onde vieram.

Ao amanhecer, os gatos já haviam partido e a cidade ficou novamente deserta. O rapaz desceu do campanário, foi para o hotel, escolheu uma cama e pegou no sono. Ao sentir fome foi para a cozinha do hotel e comeu os restos de pão e de peixes que os gatos haviam deixado para trás. Quando começou a escurecer, o rapaz se escondeu novamente no campanário e observou os gatos até o amanhecer do dia seguinte. O trem parava na estação um pouco antes do meio-dia e um pouco antes do anoitecer. Se o rapaz quisesse seguir viagem era só pegar o trem da manhã; se quisesse voltar para a estação anterior, era só pegar o trem da tarde. No entanto, ninguém descia ou pegava o trem naquela estação; mesmo assim, o trem parava sistematicamente e partia um minuto depois. Por isso, caso desejasse, era só pegar o trem e deixar para trás aquela estranha cidade dos gatos. Mas o rapaz não fez isso. Ele era jovem, tinha muita curiosidade, ambição e um enorme espírito aventureiro. Queria conhecer um pouco mais aquela estranha cidade. Queria saber como, e desde quando, ela se tornara dos gatos. Queria descobrir como eles se organizavam e o que faziam. Enfim, queria saber coisas desse tipo. Certamente ninguém mais, a não ser ele, vira o que de fato ocorria naquela cidade.

Na terceira noite, ocorreu uma pequena discussão na praça embaixo do campanário. “Vocês não acham que por aqui está cheirando a gente?”, disse um dos gatos. “Já que falou nisso, há dias

que venho sentindo um cheiro esquisito”, disse outro, fungando o nariz. “Para falar a verdade, eu também estou sentindo”, comentou um outro. “Isso é muito estranho. É impossível um ser humano conseguir chegar até aqui”, disse outro. “É mesmo. Nenhum humano conseguiria chegar na cidade dos gatos.” “Mas, com certeza, é o cheiro deles.”

Os gatos se organizaram e começaram a fazer uma busca por toda a cidade, como grupos de patrulheiros. Quando necessário, o olfato deles pode se tornar extremamente aguçado e, por isso, não levou muito tempo para descobrirem que o cheiro vinha do campanário. O rapaz escutou os toques macios das patinhas subindo delicadamente os degraus. “Estou perdido”, pensou. Os gatos estavam extremamente agitados e muito irritados com o cheiro humano. Suas garras eram grandes e afiadas, e seus dentes brancos e pontudos. Naquela cidade não era permitida a presença de humanos, por isso o rapaz não tinha ideia do que poderia acontecer com ele, caso o encontrassem. E sabia que os gatos jamais o deixariam partir tranquilamente, levando o segredo deles.

Três gatos subiram no campanário e começaram a farejar o local. “É muito estranho”, disse um deles, mexendo rapidamente os longos bigodes. “O cheiro vem daqui, mas não tem ninguém.” “Realmente, é muito estranho”, disse o outro gato. “Mas, de qualquer modo, não tem ninguém aqui. Vamos procurar em outro lugar.” “Não consigo entender.” Após dizerem isso, os gatos foram embora indignados, balançando a cabeça. O rapaz escutou os passos descendo as escadas e viu os gatos sumindo no breu da escuridão noturna. Ele respirou aliviado, mas também estava confuso. Afinal, o espaço era pequeno, e os gatos ficaram praticamente frente a frente com ele, quase que os narizes se tocaram. Era impossível que não o tivessem visto. Mas o estranho era que os gatos não o viram. O rapaz olhou para as próprias mãos e constatou que podia vê-las. Elas não estavam invisíveis. Estranho. De qualquer modo, logo de manhã pegaria o trem e deixaria a cidade. Era muito perigoso permanecer ali. Nem sempre a sorte poderia estar ao seu lado.

No entanto, no dia seguinte, o trem da manhã não parou naquela estação. O trem passou diante de seus olhos sem reduzir a velocidade. O mesmo aconteceu com o trem da tarde. Ele chegou a ver o maquinista sentado na cabine. Chegou a ver os rostos dos passageiros pela janela. Mas o trem não fez menção de parar. Eles pareciam não enxergá-lo na plataforma. Quando o trem da tarde passou por ele, o entorno ficou ainda mais silencioso e começou a anoitecer. Logo chegaria a hora de os gatos aparecerem. O rapaz sabia que estava perdido. Foi então que finalmente percebeu que ali não era a cidade dos gatos. Ali era o local em que ele se perderia. Um lugar

preparado para ele, e que não existia neste mundo. O trem jamais pararia naquela estação para levá-lo de volta ao mundo de onde viera.

Tengo leu o conto duas vezes. Chamou-lhe a atenção o trecho *local em que ele se perderia*. Depois, fechou o livro e ficou à toa observando a paisagem sem graça da zona costeira industrial que passava pela janela: as chamas das refinarias de petróleo, os gigantescos tanques de gasolina, as grandes e gordas chaminés que pareciam canhões de longa distância, filas de caminhões de grande porte e de caminhões-tanque rodando pelas estradas. Uma paisagem bem diferente daquela da “cidade dos gatos”. Mas ela também continha a sua porção de fantasia. O seu subterrâneo mundo dos mortos alimentava a vida das metrópoles.

Após observar a paisagem durante um bom tempo, Tengo fechou os olhos e imaginou Kyôko Yasuda presa num *local em que ela mesma se perdeu*. Um local em que o trem não para, e onde não existe telefone nem caixa de correio. Um local em que, durante o dia, reinava a mais absoluta solidão e, durante a escuridão da noite, os gatos saíam obstinadamente no seu encalço travando uma eterna busca. Enquanto pensava nisso, Tengo, sem querer, dormiu recostado na poltrona. Um sono breve e profundo que o fez acordar suado. Em pleno verão, o trem passava pela orla da praia de Minamibôsô.

Tengo deixou o trem expresso em Tateyama e pegou a linha regular para Chikura. Ao descer na estação, sentiu um saudoso cheiro de maresia e notou que as pessoas estavam bronzeadas. Pegou um táxi na frente da estação e foi para a casa de saúde. Identificou-se na recepção dizendo o seu nome e o de seu pai.

— O senhor avisou que viria hoje? — perguntou com uma voz seca a enfermeira de meia-idade na recepção. Era baixinha, usava óculos de aro dourado e seus cabelos eram curtos e levemente grisalhos. Usava um anel no dedo anular curto que, provavelmente, teria comprado para fazer par com os óculos. No crachá estava escrito “Tamura”.

— Não. Hoje de manhã me ocorreu de vir para cá e peguei o trem — Tengo respondeu com sinceridade.

A enfermeira o fitou com uma expressão de surpresa e disse:

— As visitas devem ser agendadas com antecedência; é a regra. Temos várias atividades programadas e, também, há de se considerar as condições do paciente.

— Sinto muito, eu não sabia.

— Quando foi a última vez que estive aqui?

— Faz dois anos.

— Dois anos — disse a enfermeira Tamura enquanto verificava a lista de visitas com uma caneta na mão. — Quer dizer que, durante esses dois anos, não veio nenhuma vez.

— Isso mesmo — respondeu Tengo.

— Segundo os registros, você é o único parente do senhor Kawana.

— Exatamente.

A enfermeira colocou a lista sobre a mesa e, sem dizer nada, olhou rapidamente para Tengo. O olhar não era de censura. Era apenas um olhar de confirmação. Pelo visto, a situação de Tengo não era uma exceção.

— Agora o seu pai está participando de um grupo de reabilitação. Deve terminar daqui a meia hora. Depois, o senhor poderá visitá-lo.

— Como está o meu pai?

— Fisicamente ele está bem. Não apresenta nenhum problema. *De resto*, ora está bem, ora está mal — disse a enfermeira, apertando a tampa com o indicador. — Sobre o significado dessa oscilação, por favor, veja com seus próprios olhos.

Tengo agradeceu e aguardou na sala de espera ao lado do hall de entrada. Sentou num sofá que cheirava a coisa antiga e continuou a ler o livro que trazia no bolso. De vez em quando, sentia o vento com cheiro de maresia, e os galhos dos pinheiros balançavam emitindo sons de frescor. Cigarras, agarradas em seus galhos, cantavam energicamente. Em pleno verão, elas possivelmente intuía a brevidade da estação e se empenhavam em emitir intensamente o seu canto para sublinhar o pouco tempo de vida que lhes restava.

Finalmente, a enfermeira de óculos, Tamura, aproximou-se para avisá-lo de que a sessão de reabilitação terminara e que ele poderia visitar o pai.

— Vou acompanhá-lo até o quarto — disse a enfermeira. Tengo levantou-se do sofá e, ao passar por um espelho de parede, notou que estava com uma aparência extremamente desleixada. Vestia uma camiseta da turnê de Jeff Beck pelo Japão, uma camisa de brim desbotada com botões faltando, uma bermuda com uma pequena mancha de molho de pizza na altura do joelho, um tênis cor cáqui que há tempos não lavava e o boné de beisebol. Realmente, não era um traje adequado para um filho de 30 anos visitar o pai que não via fazia dois anos. Não trouxe sequer uma lembrancinha. A única coisa que carregava era um livro de bolso. Não era de estranhar que a enfermeira o olhasse com certa indignação.

Eles atravessaram o jardim e, enquanto caminhavam em direção ao pavilhão em que ficava o quarto de seu pai, a enfermeira

explicou sucintamente como funcionava a casa. Havia três pavilhões e, de acordo com o grau de evolução da doença, o paciente era transferido para o pavilhão correspondente. O pai de Tengo estava atualmente no de “grau intermediário”. Normalmente, as pessoas entravam no pavilhão de “grau leve”, passavam para o “intermediário” e, finalmente, para o de “grau grave”. Não havia o percurso inverso. Era como uma porta que se abre numa única direção. Depois do pavilhão de “grau grave”, não havia mais para onde ir. Obviamente, a enfermeira não disse que dali só restava o crematório. Ela, porém, deixava claro que havia uma margem para essa interpretação.

O pai dividia o quarto com outro paciente, que no momento participava de outra atividade. A casa oferecia vários tipos de aulas de reabilitação: cerâmica, jardinagem e ginástica. Apesar de serem chamadas de aulas de reabilitação, na prática não eram exatamente isso. Elas serviam apenas para retardar a evolução da doença. Ou para passar o tempo. Seu pai estava sentado numa cadeira ao lado de uma janela aberta e observava a paisagem. As mãos estavam posicionadas cuidadosamente sobre o colo. Perto dele havia uma mesa com um vaso de pequeninas flores de pétalas amarelas. O piso era revestido de material macio, para evitar contusões por queda. Havia duas camas simples de madeira, duas escrivaninhas e armários para roupas e objetos diversos. Ao lado da mesa havia uma pequena estante de livros, e as cortinas estavam amareladas pela ação do tempo.

Tengo não reconheceu, de imediato, que aquele velho sentado ao lado da janela era seu pai. Ele parecia bem menor. Não. Talvez o certo seria dizer que ele parecia ter *encolhido*. Os cabelos haviam sido cortados bem curtos e estavam brancos como o gramado após a geada. As bochechas encovadas davam a impressão de que a cavidade ocular estava bem maior do que antes. Na testa havia três rugas bem marcadas. A cabeça parecia um pouco deformada, mas isso devia ser por causa dos cabelos curtos que ressaltavam seu formato. As sobrancelhas eram grandes e compridas, e tufo de cabelo branco saíam das orelhas. Orelhas bem maiores e mais afuniladas, como se fossem asas de morcego. O formato do nariz era a única coisa que permanecia como antes. Ao contrário da orelha, ele era saliente e redondo, e tinha um tom vermelho-escuro. As extremidades caídas da boca davam a impressão de que a qualquer momento escorreria dali um fio de baba. A boca estava ligeiramente aberta, e dava para ver os dentes tortos. A imagem de seu pai sentado na janela o fez lembrar do autorretrato de Van Gogh no final da vida.

Quando Tengo entrou no quarto, o homem lançou-lhe um rápido olhar e voltou a observar a paisagem pela janela. Ao vê-lo de longe, mais do que um ser humano, ele parecia uma espécie de rato

ou esquilo. Um ser vivo não muito asseado, mas dotado de certa inteligência. Todavia, *sem dúvida nenhuma*, era o pai de Tengo. Ou melhor, o que sobrara de seu pai. Durante os dois últimos anos seu corpo foi perdendo muitas coisas, como se um cobrador de impostos, sem dó nem piedade, roubasse os pertences de uma casa humilde. O pai de que Tengo se lembrava era um homem dinâmico e trabalhador. A introspecção e a criatividade não faziam parte do seu universo, mas, em compensação, era um homem de princípios e possuía uma simples mas intensa força de vontade. Tengo nunca o escutara apresentando desculpas ou se lamentando. No entanto, essa pessoa diante dele era apenas uma concha vazia. Um quarto vazio e desprovido de todo o calor.

— Sr. Kawana — disse a enfermeira para o pai de Tengo. A voz era nítida e agradável. Ela devia ser treinada para falar daquele jeito com os pacientes. — Sr. Kawana. Vamos, anime-se. Seu filho está aqui.

O pai novamente fitou Tengo. Seus olhos, desprovidos de emoção, o fizeram pensar em dois ninhos vazios de andorinhas sob o beiral do telhado.

— Boa tarde — disse Tengo.

— Sr. Kawana, seu filho veio de Tóquio para lhe fazer uma visita.

O pai guardou silêncio enquanto fitava Tengo. Era como se estivesse tentando ler algum anúncio em língua estrangeira.

— O jantar será servido às seis horas — disse a enfermeira — Até lá, fique à vontade.

Após a enfermeira deixar o quarto, Tengo hesitou um pouco antes de se aproximar do pai e se sentar na cadeira à sua frente. A cadeira era de tecido e estava desbotada. Parecia bem velha, e as partes de madeira estavam riscadas. O pai observou Tengo se sentar.

— Tudo bem? — perguntou Tengo.

— Tudo bem, obrigado — respondeu o pai, com um tom de voz cerimonioso.

Tengo não sabia o que dizer e começou a mexer no terceiro botão de sua camisa de brim. Após olhar pela janela para a fileira de pinheiros, dirigiu o olhar para o pai.

— O senhor veio de Tóquio? — perguntou o pai, que parecia não reconhecê-lo.

— Sim. Vim de Tóquio.

— Pegou o trem expresso?

— Sim — respondeu Tengo. — Peguei o expresso até Tateyama e depois peguei um trem comum até Chikura.

— Veio tomar banho de mar? — perguntou o pai.

Tengo disse:

— Sou o Tengo. Tengo Kawana. Seu filho.

— Você é de que lugar de Tóquio? — perguntou o pai.

— Kôenji, bairro de Suginami.

As três rugas da testa do pai ficaram ainda mais vincadas.

— Muitas pessoas se recusam a pagar a taxa de recepção da NHK, e é por isso que preciso mentir.

— Pai — chamou Tengo. Fazia muito tempo que ele não pronunciava essa palavra. — Sou Tengo, seu filho.

— Eu não tenho filho — disse o pai sem titubear.

— Você não tem filho — Tengo repetiu a frase mecanicamente.

O pai concordou.

— Nesse caso, o que eu sou? — perguntou Tengo.

— Você não é nada — respondeu o pai, balançando rapidamente a cabeça duas vezes.

A resposta inesperada fez com que Tengo perdesse a fala. O pai também se calou. Os dois ficaram em silêncio, cada qual tentando encontrar uma saída para os pensamentos confusos.

“Este homem provavelmente está falando a verdade”, pensou Tengo. As lembranças foram destruídas e sua consciência deve estar perturbada. Mas o que diz deve ser verdade. Tengo sabia disso, ainda que intuitivamente.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou Tengo.

— Você não é nada — o pai repetiu, com a voz desprovida de emoção. — Você nunca foi nada, não é nada e nunca será nada.

“Já basta”, pensou Tengo.

Nessa hora, Tengo teve ímpetos de se levantar da cadeira, ir para a estação e voltar para Tóquio. Ele já tinha ouvido o que precisava ouvir. Mas não conseguiu se levantar. Sentiu como se estivesse no lugar daquele jovem viajante que foi para a cidade dos gatos. Estava curioso. Queria saber as verdadeiras circunstâncias por trás disso. Queria uma resposta mais clara. Isso implicaria ter de correr o risco. Mas, se Tengo perdesse a oportunidade, nunca mais teria a chance de descobrir os segredos de sua vida, eles ficariam imersos no caos, para sempre.

Tengo ordenou e reordenou mentalmente as palavras e, finalmente, tomou coragem de perguntar uma coisa que desde pequeno quis saber, mas nunca teve coragem:

— O senhor quer dizer que não é o meu pai biológico? Quer dizer que, entre nós, não existe nenhuma relação de sangue?

O pai olhou para Tengo sem dizer nada. Pela expressão de seu rosto era difícil saber se ele estava entendendo a pergunta.

— É contra a lei roubar os sinais de transmissão — disse o pai, encarando Tengo. — É como roubar o dinheiro e os bens de alguém.

Você não acha?

— Creio que sim — respondeu Tengo, resignado.

O pai balançou a cabeça afirmativamente, demonstrando estar satisfeito.

— Os sinais de transmissão não caem de graça do céu como a chuva e a neve — disse o pai.

Tengo mantinha-se calado, olhando as mãos do pai alinhadas sobre os joelhos. A mão direita sobre o joelho direito e a esquerda sobre o esquerdo. As mãos estavam completamente imóveis. Eram pequenas e escuras, como se o bronzeado tivesse se infiltrado no âmago de seu corpo. Eram mãos de quem trabalhou muito tempo ao ar livre.

— Minha mãe não morreu quando eu era pequeno, não é? — Tengo perguntou calma e pausadamente.

O pai não respondeu. A expressão do rosto não se alterou e as mãos continuaram na mesma posição. Seus olhos fitavam Tengo como se estivessem mirando um objeto desconhecido.

— Minha mãe o deixou. Ela o abandonou e me largou com você. Provavelmente, acabou fugindo com outro homem. Estou errado?

O pai concordou e disse:

— Roubar as ondas de transmissão não é uma coisa boa. Não se pode fazer o que se bem entende e, depois, simplesmente fugir.

“Este homem está entendendo o significado da minha pergunta. Apenas não consegue conversar sobre isso de modo direto”, pensou Tengo.

— Pai — chamou Tengo. — O senhor pode não ser o meu pai de verdade, mas, por enquanto, vou chamá-lo assim. Não sei chamá-lo de outro jeito. Para falar a verdade, nunca gostei de você. Aliás, muitas vezes, cheguei até a odiá-lo. O senhor deve saber disso, não é? Mas se, por acaso, você não é o meu pai biológico, e entre nós não há nenhuma relação de sangue, não terei mais motivos para odiá-lo. Não sei se vou conseguir gostar de você, mas, pelo menos, creio que vou entendê-lo muito melhor do que hoje. O que eu sempre desejei é saber a verdade. Quero saber quem sou eu e de onde vim. É o que quero saber. Mas *ninguém* me diz isso. Se você me contar a verdade, não vou mais ter raiva ou ódio de você. Seria muito bom eu não precisar mais ter raiva ou ódio de você.

O pai continuava quieto, apenas observando os olhos de Tengo sem demonstrar qualquer tipo de reação. Mas Tengo teve a impressão de que, no fundo daqueles olhos de ninho vazio de andorinha, algo minúsculo chegou a brilhar.

— Eu *não sou nada* — disse Tengo. — O senhor tem razão. Fui jogado no mar e estou boiando sozinho, de noite. Por mais que eu

estique os braços, não há ninguém por perto; por mais que eu grite, ninguém irá me responder. Não tenho ligação com ninguém. Bem ou mal, o senhor é a única pessoa a quem posso chamar de família. É a única pessoa que conhece o meu segredo e, mesmo assim, se recusa terminantemente a revelá-lo. Enquanto o senhor vive nesta cidade costeira, sua memória — que vem e vai — está inexoravelmente se deteriorando a cada dia. E, juntamente com a sua memória, a minha verdade também irá se perder para sempre. Se a verdade não vier à tona, eu não sou nada e, possivelmente, continuarei a não ser nada. Nesse sentido, o senhor está coberto de razão.

— O conhecimento é um capital de extrema importância para a sociedade — disse o pai, num tom monocórdio e um pouco mais baixo. Era como se alguém, atrás dele, mexesse no botão de volume. — Esse capital deve ser armazenado e usado com muito cuidado. É preciso dispor de forma frutífera esses conhecimentos para a geração seguinte. E é por isso que a NHK conta com a colaboração de todos para o pagamento da taxa de transmissão...

“O que este homem diz é como um mantra”, pensou Tengo. “Durante todos esses anos, ele recitou essas palavras no intuito de se proteger.” Tengo precisava vencer aquelas obstinadas palavras. Precisava tirar de dentro daquela cerca o ser humano de carne e osso.

Tengo interrompeu o pai.

— Como era a minha mãe? Para onde ela foi? E o que aconteceu depois?

O pai imediatamente se calou. Parou de recitar o mantra.

Tengo continuou:

— Estou cansado de ter de detestar, odiar ou ter raiva de alguém. Também estou farto de viver sem poder amar alguém. Não tenho nenhum amigo, *um único sequer*. E o pior é que não consigo amar a mim mesmo. Por que eu não consigo me amar? É porque não consigo amar ninguém. Amar e ser amado é que nos ensina a amar a nós mesmos. O senhor deve entender o que estou dizendo, não é? Se não se consegue amar alguém é impossível amar honestamente a si próprio. Não. Não estou te culpando. Pensando bem, o senhor também é uma vítima. Possivelmente, não consegue amar a si próprio. Estou certo?

O pai abrigou-se no âmagô de seu silêncio. Os lábios mantinham-se bem cerrados. Pela expressão de seu rosto, era impossível saber até que ponto ele entendia o que Tengo estava lhe dizendo. Tengo também se afundou na cadeira. O vento que soprava pela janela virava as pontas das cortinas descoloridas, balançava as minúsculas pétalas do vaso e seguia para o corredor pela porta aberta. O cheiro de maresia estava bem mais intenso do que antes, e o canto das cigarras se mesclava ao farfalhar das folhas dos pinheiros.

Tengo prosseguiu com a voz serena:

— Eu sempre tenho uma visão. A mesma visão que sempre se repete desde que eu era pequeno. Acho que não é exatamente uma visão, mas a lembrança de um fato que realmente aconteceu. Tenho um ano e meio e ao meu lado está a minha mãe. Ela está abraçada a um homem jovem. E esse homem não é *você*. Não sei quem é, mas tenho certeza de que *não* é você. Não sei por quê, mas essa imagem ficou gravada na minha memória e não consigo tirá-la de dentro de mim.

O pai não disse nada, mas seus olhos certamente estavam vendo alguma coisa diferente. Alguma coisa que não existia ali. Os dois mantiveram-se em silêncio. Tengo prestava atenção ao barulho do vento, repentinamente mais intenso. Mas sobre o que seu pai poderia estar ouvindo, ele não tinha como saber.

— Será que você poderia ler alguma coisa? — perguntou o pai após um longo silêncio, com um tom de voz formal. — Minha vista não está muito boa e, por isso, não consigo ler. Não consigo acompanhar as palavras por muito tempo. Há livros naquela estante. Escolha algum que lhe agrade.

Tengo, ainda que inconformado, levantou-se e deu uma rápida olhada nas lombadas dispostas na estante. A maioria era de romances históricos. Tinha uma coleção completa do romance *A espada do destino*. Mas Tengo não se animou a ler em voz alta uma narrativa antiga, escrita em linguagem arcaica.

— Se o senhor não se importar, gostaria de ler a história sobre a cidade dos gatos. Pode ser? — indagou Tengo. — É um livro que eu trouxe para eu mesmo ler.

— Uma história sobre a cidade dos gatos — disse o pai. Durante um bom tempo, analisou aquelas palavras. — Se não for incômodo, gostaria de ouvir.

Tengo olhou rapidamente o relógio de pulso.

— Não é nenhum incômodo. Ainda tenho tempo até a hora do trem. É uma história esquisita, não sei se o senhor vai gostar.

Tengo tirou o livro do bolso e começou a ler “A cidade dos gatos”. O pai continuou sentado ao lado da janela e, sem mudar de posição, ouviu atentamente a história. Tengo procurou ler devagar e de modo claro e audível. Interrompeu umas duas ou três vezes para descansar e tomar fôlego. A cada pausa olhava o pai, mas não conseguiu perceber nenhum tipo de reação. Não dava sequer para saber se ele estava ou não gostando. Quando terminou, seu pai estava completamente imóvel, com os olhos fechados. Parecia até que tinha dormido. Mas não tinha. Ele apenas estava profundamente mergulhado no mundo da história. Precisava de um tempo para sair de dentro dela e Tengo esperou pacientemente que ele retornasse. A

luz do entardecer estava ficando cada vez mais fraca e o entorno começava a escurecer. Os ventos que vinham do mar balançavam as folhas dos pinheiros.

— Será que nessa cidade dos gatos existe televisão? — foi a primeira pergunta que seu pai fez, como um profissional.

— A história foi escrita na década de 1930 na Alemanha e, naquela época, ainda não existia televisão. Somente rádio.

— Eu já estive na Manchúria e lá nem rádio tinha. Também não havia estação de transmissão. Era difícil conseguir jornais e o que se lia eram jornais de quinze dias atrás. Quase não se tinha o que comer e também não havia mulheres. De vez em quando, apareciam lobos. Era um fim de mundo.

O pai se calou e ficou um tempo pensativo. Possivelmente, recordava a vida sofrida de quando, ainda jovem, fora para a Manchúria como imigrante colonizador. Mas aquelas lembranças logo se turvavam e eram engolidas pelo vácuo. Tengo conseguia perceber essas atividades cerebrais através das mudanças de expressão do rosto do pai.

— A cidade foi construída pelos gatos? Ou foram os homens que a construíram e depois os gatos passaram a viver nela? — perguntou o pai, olhando para a janela como se estivesse falando sozinho, mas, ao mesmo tempo, parecendo dirigir a pergunta a Tengo.

— Não sei — disse Tengo. — Parece que foi construída pelos homens muito tempo atrás. Por algum motivo, os homens deixaram a cidade e os gatos passaram a viver nela. Poderia, por exemplo, ter acontecido uma epidemia e matado todo mundo.

O pai concordou:

— Quando se cria um espaço vazio, alguma coisa precisa preenchê-lo. Todo mundo faz isso.

— Todo mundo faz isso?

— Exato — o pai afirmou categoricamente.

— Que tipo de vazio o senhor está preenchendo?

O pai esboçava contrariedade. Os cílios compridos desceram, escondendo os olhos. Com uma pitada de sarcasmo, disse:

— Você não sabe?

— Não — respondeu Tengo.

O pai estufou as narinas e arqueou uma das sobrancelhas. Ele costumava fazer essa expressão quando ficava aborrecido.

— Se você não consegue entender alguma coisa sem receber explicações, significa que continuará não entendendo, apesar das explicações.

Tengo estreitou os olhos para tentar decifrar a expressão do pai. Ele nunca falara de modo tão estranho e com tantas insinuações. Suas palavras sempre foram curtas e grossas. Para ele, a definição de

diálogo era falar pouco e apenas o necessário. Tengo percebeu que não havia o que decifrar naquela expressão.

— Entendi. De qualquer modo, o senhor está preenchendo *algum tipo* de vazio — disse Tengo. — Se é assim, quem vai preencher o vazio que *você deixou*?

— Você — respondeu o pai de modo conciso, apontando o indicador em direção a Tengo. — Isso está mais que claro. Eu preenchi o vazio que alguém deixou e você vai preencher o vazio que vou deixar. É como um revezamento.

— Como os gatos que ocuparam a cidade abandonada.

— Sim. Perde-se como na cidade — disse o pai, olhando para o próprio indicador como um objeto estranho e fora do lugar.

— Perde-se como na cidade — Tengo repetiu as palavras do pai.

— A mulher que te deu à luz não existe mais em lugar nenhum.

— *Não existe em lugar nenhum*. Perdeu-se como a cidade. Isso significa que ela morreu?

O pai não respondeu.

Tengo suspirou.

— Afinal, quem é o meu pai?

— Não passa de um vazio. Sua mãe se envolveu com o vazio e deu à luz. Eu é que preenchi esse vazio.

Após dizer isso, o pai fechou os olhos e se calou.

— Envolveu-se com o vazio.

— Isso mesmo.

— E foi você que me criou. É isso?

— Eu já não te disse? — comentou o pai, limpando a garganta uma única vez, de modo cerimonioso. Era como se estivesse ensinando um raciocínio simples para uma criança com dificuldades de aprendizado.

— Eu saí desse vazio? — perguntou Tengo.

Não houve resposta.

Tengo cruzou os dedos sobre os joelhos e olhou frontalmente para o pai. Pensou: “Este homem não é uma concha vazia. Não é apenas um quarto vazio. É um homem de carne e osso que vive paulatinamente o seu dia a dia numa cidade à beira-mar carregando uma alma limitada, inflexível, e lembranças sombrias. Ele era forçado a conviver com o vazio que se expande gradativamente em seu interior. Por enquanto, o vazio e a memória estão se confrontando, mas, por fim, queira ou não, esse vazio irá engolir todas as suas lembranças. É apenas uma questão de tempo. O vazio para onde o pai está sendo conduzido será o mesmo vazio de onde eu saí?”

Tengo pensou ter ouvido o bramido de um mar distante,

mesclado ao som dos ventos do entardecer soprando por entre as copas dos pinheiros. Mas podia ser apenas uma ilusão.

Aomame

O preço a pagar por uma graça recebida

Assim que Aomame entrou no quarto contíguo, o rapaz de cabelo rente fechou a porta e passou por trás dela. O quarto estava totalmente escuro. Pesadas cortinas cobriam as janelas e todas as luzes estavam apagadas. Um pequeno feixe de luz penetrava pela fresta da cortina apenas o suficiente para ressaltar ainda mais a escuridão.

Como costuma acontecer ao se entrar numa sala de cinema ou no planetário, seus olhos levaram um tempo para se habituar à escuridão. A primeira coisa que ela conseguiu ver foi o mostrador do relógio digital sobre uma mesa baixa. Os números verdes indicavam 19:20. Um tempo depois, notou que havia uma cama grande na parede oposta. O relógio estava ao lado dessa cama, na altura da cabeceira. O quarto era um pouco menor que a ampla sala anexa, mas, comparado aos quartos dos hotéis comuns, era relativamente espaçoso.

Sobre a cama havia alguma coisa preta cujo formato parecia com o de uma pequena colina. Aomame precisou novamente aguardar um tempo para descobrir que essa forma de contorno indefinido — que não apresentava nenhum movimento e parecia sem vida — era o corpo de uma pessoa. Não se escutava sequer sua respiração. O único som audível era o da ventilação suave do ar-condicionado instalado próximo ao teto. Mas isso não significava que a coisa estivesse morta, pois o rapaz de cabelo rente agia como se fosse algo vivo.

Era uma pessoa grande. Provavelmente um homem. Seria impossível afirmar categoricamente, mas dava a impressão de que seu rosto não estava voltado para o lado dela, e tampouco parecia estar debaixo das cobertas, mas deitado de bruços sobre a cama arrumada. Parecia um animal de grande porte entocado no fundo de uma caverna, aguardando uma ferida cicatrizar.

— Está na hora — disse o rapaz olhando para a sombra. A voz continha uma tensão até então inexistente.

Não dava para saber se o homem escutara a voz do rapaz. A pequena colina escura sobre a cama continuou imóvel, sem dar sinal de vida. O rapaz permaneceu rígido diante da porta. O quarto emanava um silêncio tão profundo e pesado que dava até para ouvir o som de alguém engolindo a saliva. Foi então que Aomame percebeu que ela fizera aquilo. Ela segurava a bolsa de ginástica na mão direita

e, assim como o rapaz, aguardava algo acontecer. O relógio digital que indicava 19:21 passou a indicar 19:22 e depois mudou para 19:23.

Finalmente, a silhueta sobre a cama começou a se mexer. A princípio, o movimento era sutil, mas logo se tornou contundente. Ao que parece, a pessoa dormia profundamente. Ou estava imersa em algo parecido com o sono. Os músculos e a consciência começaram a despertar e a parte superior do corpo ergueu-se lentamente. A sombra se endireitou na cama e sentou-se com as pernas cruzadas. “Sem dúvida, é um homem”, pensou Aomame.

— Está na hora — disse novamente o rapaz de cabelo rente.

O homem soltou uma grande quantidade de ar. Uma lenta e profunda respiração que parecia vir de dentro de um poço profundo. Na sequência, ele inspirou sonoramente. Parecia um vendaval passando ruidosamente por entre as árvores da floresta. Eram dois tipos de sons distintos que se alternavam, intercalados por um longo intervalo de silêncio. Esse movimento rítmico e cheio de significados deixou Aomame perturbada. Era como pisar em um local até então desconhecido. Era como, por exemplo, estar nas profundezas de uma fossa oceânica ou na superfície de um asteroide. Um local a que, de algum modo, é possível chegar, mas do qual jamais se pode sair.

Seus olhos ainda não haviam conseguido se adaptar à escuridão. Podia enxergar somente até um certo ponto, e nada além disso. Naquele momento, a única coisa que seus olhos conseguiam captar era a silhueta escura do homem e, mesmo assim, não conseguia ver para que lado o rosto estava virado nem o que estaria vendo. A única coisa que dava para saber era que o homem era enorme e seus ombros se movimentavam lentamente, para cima e para baixo, no ritmo de sua respiração. Uma respiração que não era normal. Ela envolvia integralmente o corpo e possuía objetivo e função especiais. A omoplata e o diafragma se estendiam enormemente, marcados por um movimento de expansão e distensão. Uma pessoa comum seria incapaz de respirar com tamanha intensidade. Era um tipo específico de respiração, que só se atinge após um treino longo e rigoroso.

O rapaz de cabelo rente continuava em pé ao lado de Aomame, mantendo a postura ereta e o queixo levemente retraído. Ao contrário daquele homem sobre a cama, a respiração dele era curta e rápida. O rapaz procurava não chamar a atenção enquanto aguardava o término daquela série de respirações profundas. Respirações que pareciam ser uma prática cotidiana para a manutenção do corpo. Assim como o rapaz, Aomame também aguardava a finalização daquele processo que parecia necessário para o homem despertar.

Finalmente, tal qual uma enorme máquina que finaliza uma operação, a respiração diminuiu gradativamente. Os intervalos foram ficando cada vez maiores e, por fim, como a expulsar todo o ar

contido nos pulmões, ele expirou longamente. De novo, um profundo silêncio preencheu o quarto.

— Está na hora — disse o rapaz de cabelo rente pela terceira vez.

O homem moveu a cabeça lentamente. Parecia olhar o rapaz.

— Pode se retirar — disse o homem. A voz de barítono era clara e profunda. Uma voz firme que não denotava hesitação. O corpo parecia estar totalmente desperto.

O rapaz fez uma breve reverência no breu e, prontamente, retirou-se do quarto do mesmo jeito que entrou, sem movimentos desnecessários. A porta se fechou e Aomame ficou sozinha com o homem.

— Desculpe a escuridão — disse o homem. Possivelmente olhando para Aomame.

— Eu não me importo — respondeu Aomame.

— Precisava deixá-lo escuro — disse o homem com a voz serena. — Não se preocupe. Não vou lhe fazer mal.

Aomame apenas assentiu sem dizer nada. Mas ao se lembrar de que estava no escuro respondeu:

— Está tudo bem. — Sua voz parecia um pouco mais séria e mais alta do que o normal.

Durante um bom tempo, o homem parecia observar Aomame no escuro. Ela sentia que ele a fitava atentamente. Um olhar seguro e atento. Mais do que “ver”, o certo seria dizer que ele a “examinava minuciosamente”. O homem parecia observar todas as partes de seu corpo, de cima a baixo. Era como se, em questão de segundos, ele conseguisse arrancar tudo, deixando-a completamente nua. Um olhar que perscrutava para além da pele, adentrando músculos, órgãos e, inclusive, o útero. “Este homem consegue *enxergar* no escuro”, pensou Aomame. “Ele consegue *enxergar* além do que os olhos podem ver.”

— As coisas podem ser melhor vistas no escuro — disse o homem, como se lesse os pensamentos de Aomame. — Mas, quando se fica muito tempo nele, torna-se difícil voltar para o mundo em que a luz impera. Chega uma hora em que é preciso deixar a escuridão.

Após dizer isso, ele permaneceu mais um tempo fitando-a atentamente. Um olhar desprovido de intenções sexuais. Ele a *observava* como a um objeto, tal qual um passageiro no convés do navio observando os contornos de uma ilha passando diante de si. Porém, não era um passageiro comum. Ele observava a ilha em sua *totalidade*. Ao ficar exposta a esse olhar aguçado e implacável ao extremo, Aomame sentiu na pele o quanto seu corpo era medíocre e impreciso. Ela nunca se sentira assim. A não ser pelo tamanho de seus seios, ela sempre tivera orgulho de seu corpo. Tinha por hábito exercitá-lo e mantê-lo atraente. Os músculos eram firmes e flexíveis,

sem gordura excedente. Mas, ao ser observada por esse homem, seu corpo parecia um saco de carne velho e miserável.

O homem parecia ler seus pensamentos e parou de observá-la. Ela sentiu a intensidade do olhar gradativamente diminuir. Era como se alguém esguichasse água com uma mangueira e a torneira fosse aos poucos fechada.

— Por gentileza, será que você poderia abrir um pouco a cortina? — disse o homem com a voz serena. — No escuro vai ser difícil você trabalhar.

Aomame colocou a bolsa no chão, aproximou-se da janela, puxou o cordão para abrir a cortina grossa e pesada e, em seguida, abriu a cortina de renda branca. A paisagem noturna de Tóquio invadiu o quarto. As luzes da torre de Tóquio, os postes da autoestrada, os faróis dos carros que cruzavam as ruas, o brilho das janelas dos arranha-céus, os anúncios multicoloridos em néon nas coberturas dos edifícios. As luzes noturnas típicas de uma grande metrópole, profusamente mescladas, invadiram o quarto. Não era uma luz muito forte. Apenas o suficiente para distinguir os móveis dispostos no cômodo. Para Aomame, era uma luz saudosa. O brilho proveniente do mundo ao qual ela pertencia. Foi então que Aomame percebeu o quanto necessitava daquela luz. Mas, mesmo tênue, ela parecia muito intensa para os olhos do homem. Sentado na cama com as pernas cruzadas, ele cobriu o rosto com as mãos enormes.

— O senhor está bem? — perguntou Aomame.

— Não se preocupe — respondeu o homem.

— Quer que eu feche um pouco mais a cortina?

— Deixe como está. Tenho problemas na retina. Preciso de um tempo para me acostumar à luminosidade. Daqui a pouco estarei bem. Poderia, por favor, aguardar sentada?

“*Problema na retina*”, repetiu mentalmente Aomame. A maioria das pessoas com problemas na retina corria o sério risco de perder a vista. De qualquer modo, aquilo não era de sua alçada. O que ela precisava tratar não era a capacidade visual daquele homem.

Enquanto ele cobria o rosto com as mãos e aguardava seus olhos se acostumarem à luminosidade, Aomame sentou-se no sofá de frente para ele. Agora era a vez de ela observá-lo atentamente.

Era um homem grande, mas não gordo. Alto e robusto. Parecia muito forte. A velha senhora já lhe havia dito que era um homem grande, mas não o imaginava daquele tamanho. Obviamente, não havia razões para que um líder religioso não pudesse ser gigante. Ao imaginar as meninas de 10 anos sendo estupradas pelo homenzarrão, Aomame, sem querer, fez uma careta. Imaginou a cena dele nu, debruçado sobre o corpo das crianças. Elas não teriam como se defender. Não; mesmo para uma mulher adulta seria impossível se

desvencilhar dele.

Ele vestia um tipo de calça de malha de algodão canelada no tornozelo e uma camisa de manga comprida. A camisa era lisa e tinha um leve brilho de seda. Era folgada e com botões, os dois primeiros abertos. A calça e a camisa eram brancas, ou num tom de creme bem claro. Não era exatamente um pijama, mas uma roupa confortável, para ficar à vontade no quarto. Parecia adequada para deitar à sombra das árvores em algum país tropical. Seus pés descalços eram realmente enormes. Os ombros largos como um muro de pedra o faziam parecer um mestre nas artes marciais.

— Muito obrigado por vir — disse o homem, como se aguardasse Aomame terminar suas observações.

— Faz parte do meu serviço. Vou para qualquer lugar em que sou requisitada — respondeu ela, com a voz desprovida de emoção. Mesmo falando assim, ela se sentia como uma prostituta, chamada para estar lá. Talvez por ter se sentido nua ao ser detidamente observada na escuridão.

— O que você sabe sobre mim? — perguntou o homem, mantendo a mão sobre o rosto.

— O que eu sei sobre o senhor?

— Isso.

— Quase nada — respondeu Aomame, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Nem mesmo sei o seu nome. A única coisa que sei é que o senhor é o líder de um grupo religioso de Nagano ou de Yamanashi, e que está com um problema físico que eu talvez consiga resolver.

O homem assentiu, balançando algumas vezes a cabeça, tirou as mãos do rosto e, em seguida, ficou de frente para Aomame.

Seus cabelos eram compridos, de corte reto, fartos até a altura do ombro, entremeados por vários fios brancos. Aparentava ter entre 45 e 55 anos. O nariz era grande e ocupava boa parte do rosto. Um nariz retilíneo e bem-definido, que lembrava aqueles calendários com fotos dos Alpes — uma montanha de base larga, o que lhe conferia dignidade. O que saltava aos olhos de quem o via pela primeira vez era seu nariz. Em contrapartida, os olhos, de tão encovados, dificultavam entrever o que as pupilas observavam. O rosto era igualmente largo e grande, proporcional ao corpo. A barba estava bem-feita e não havia nenhuma cicatriz ou pinta no rosto. O conjunto criava um ar de serenidade e inteligência. Porém, nesse rosto havia alguma coisa de especial, algo fora do comum, que não inspirava confiança. Seu rosto tinha alguma coisa que, numa primeira impressão, fazia com que as pessoas se sentissem acuadas. Talvez, pelo fato de o nariz ser muito grande, o rosto perdia o equilíbrio harmônico e provocava inquietude. Ou, talvez, a inquietude fosse provocada por

aqueles olhos profundos e reservados, que irradiavam um brilho gélido, imemorial. Ou por seus lábios finos, aparentemente maldosos, capazes de lançar, de uma hora para outra, palavras inesperadamente cruéis.

— Mais alguma coisa? — perguntou o homem.

— Fora isso, não me disseram mais nada. Apenas me instruíram a vir aqui preparada para fazer uma sessão de alongamento. Minha área de especialização são os músculos e as articulações. Não preciso saber detalhes quanto ao status social ou a personalidade do cliente.

“Como as prostitutas”, pensou Aomame.

— Entendo — disse o homem, com uma voz grave. — Mas, no meu caso, creio que devo lhe dar algumas explicações.

— Claro. Estou à sua disposição.

— As pessoas me chamam de Líder, mas dificilmente saio em público. Mesmo morando com o grupo, a maioria dos fiéis nunca me viu.

Aomame assentiu.

— Mas, para você, estou mostrando o meu rosto. Creio que seria difícil você fazer o tratamento no escuro, ou eu tendo de esconder o meu rosto, não é? Além disso, é uma questão de educação.

— Não é exatamente um tratamento — disse Aomame, com uma voz que denotava serenidade. — É apenas uma sessão de alongamento. Não tenho licença para ministrar tratamentos médicos. O que eu faço é alongar à força os músculos que são pouco usados no dia a dia, ou aqueles que as pessoas comumente sentem dificuldades de usar. Com isso, procuro evitar a perda do tônus muscular.

O homem parecia ter esboçado um sorriso. Mas poderia ser apenas uma falsa impressão causada por um ligeiro movimento dos músculos faciais.

— Estou ciente disso. Apenas usei o termo “tratamento” para agilizar a conversa. Não se preocupe. O que eu estou tentando dizer é que você está diante de algo que as pessoas normalmente não podem ver. Gostaria que soubesse disso.

— Sobre o nosso encontro de hoje, fui devidamente instruída a não divulgá-lo a ninguém — disse Aomame, apontando a porta de ligação para a sala contígua. — Não se preocupe. Não importa o que eu veja ou ouça aqui, jamais comentarei isso com alguém. Profissionalmente, preciso tocar no corpo de muitas pessoas. A situação do senhor pode ser especial, mas, para mim, trata-se apenas de uma dentre várias outras que possuem um problema muscular. A única coisa que me interessa são os músculos.

— Ouvi dizer que você, quando pequena, foi Testemunha de Jeová.

— Não foi por escolha própria. Apenas fui criada para ser uma seguidora. É bem diferente.

— Realmente, existe uma grande diferença — disse o homem. — Mas as pessoas jamais conseguem se distanciar da imagem plantada durante a infância.

— Para o bem ou para o mal — disse Aomame.

— A doutrina dos Testemunhas de Jeová é muito diferente da do grupo a que pertencço. Na minha opinião, todas as doutrinas apocalípticas, que pregam o fim do mundo, são, em maior ou menor grau, uma fraude. Na minha opinião, o fim do mundo nunca deixaria de ser uma questão de interpretação pessoal. Mas, deixando isso de lado, há de se convir que os Testemunhas de Jeová são um grupo extremamente atuante. Sua história não é tão longa, mas já enfrentou várias provações, e a quantidade de fiéis tem aumentado progressivamente. Há muitas coisas que se pode aprender com isso.

— Creio que seja uma prova do quanto são intolerantes. Quanto menor e mais limitada for a visão de mundo de um grupo, maior será a união entre eles para resistir às forças externas.

— Você pode estar com a razão — disse o homem, fazendo uma breve pausa. — De qualquer modo, não estamos aqui para falar de religião.

Aomame manteve-se calada.

— O que eu gostaria que você entendesse é o fato de que muitas *coisas especiais* acontecem no meu corpo — disse o homem.

Aomame escutou em silêncio, sentada na poltrona.

— Como eu já disse, meus olhos não suportam a luz intensa. Esse sintoma surgiu há alguns anos. Até então, nunca tivera problemas. É em grande parte por isso que não posso me expor diante das pessoas. Passo praticamente o dia todo dentro de um quarto escuro.

— Problemas relacionados à visão estão fora do meu alcance — disse Aomame. — Como já expliquei, minha especialidade são os músculos.

— Já sei. Consultei médicos especialistas. Fui a vários oftalmologistas famosos, fiz inúmeros exames. Até agora, não há solução. As minhas retinas estão sofrendo algum tipo de dano, mas ninguém sabe dizer o que está causando isso. Os sintomas estão piorando lentamente. Se continuar assim, dentro em breve devo perder a visão. É claro que você tem razão em dizer que isso não tem relação com os músculos. Mas, de qualquer modo, vou expor uma lista de problemas físicos para que depois você me diga o que pode ou não fazer por eles.

Aomame concordou.

— Outro problema é que os meus músculos se retesam com

freqüência — disse o homem. — Eles simplesmente ficam imobilizados. Ficam literalmente como pedras, e esse estado se prolonga por algumas horas. Quando isso acontece, a única coisa que me resta é deitar. Não sinto dores. Todos os músculos do corpo ficam completamente imobilizados. Não consigo mover sequer um dedo. Quando muito, consigo mexer os olhos. Isso acontece uma a duas vezes por mês.

— Há algum sintoma antes de isso acontecer?

— Tenho câimbras e os músculos começam a tremer. Isso dura de dez a vinte minutos. Depois, como se alguém tivesse desligado o interruptor, todos os músculos morrem por completo. Por isso, durante esse intervalo de dez a vinte minutos, vou para algum local para ficar deitado. Fico escondido até passar esse estado de paralisia, como um barco que aguarda na enseada a tempestade passar. Apesar de o corpo ficar completamente paralisado, minha consciência se mantém desperta. Ou melhor, devo dizer que o estado de consciência torna-se claramente muito mais aguçado que o normal.

— Não sente nenhuma dor física?

— Perco todas as sensações. Se me espetarem com uma agulha, não sentirei nada.

— O senhor procurou algum médico para tratar desse assunto?

— Fui a hospitais de renome e consultei vários médicos, mas a única conclusão a que chegaram é que minha doença é rara, sem precedentes. E que, no momento, os conhecimentos da medicina não são suficientes para tratar desse problema. Também procurei vários tratamentos alternativos: medicina chinesa, osteopatia, quiropraxia, acupuntura, moxibustão, massagem, tratamentos termais... enfim, tudo o que se possa imaginar.

Aomame franziu levemente a testa.

— O que eu faço é ativar as funções do corpo para que elas possam desempenhar satisfatoriamente as tarefas cotidianas. Se o problema é tão grave assim, creio que eu não posso ajudá-lo.

— Também estou ciente disso. Eu apenas estou tentando todas as possibilidades. Mesmo que o seu jeito de trabalhar não dê resultados, não será culpa sua. Quero que faça o que você está acostumada a fazer. Quero ver como o meu corpo vai reagir.

Aomame imaginou o corpo enorme daquele homem num local escuro, deitado e completamente imóvel como um animal em hibernação.

— Quando foi a última vez que ocorreu essa paralisia?

— Faz dez dias — respondeu o homem. — E tem mais uma coisa, uma coisa que me deixa constrangido de dizer, mas acho melhor deixá-la informada.

— Por favor, não faça cerimônia.

— Durante esse estado de morte aparente fico o tempo todo em ereção.

Aomame franziu ainda mais a testa.

— O seu pênis fica duro por várias horas?

— Isso mesmo.

— E o senhor não sente nada.

— Não sinto nada — disse o homem. — Não tenho desejo sexual. Apenas fico duro. Duro que nem uma pedra, como os demais músculos.

Aomame balançou sutilmente a cabeça e tentou amenizar a expressão do rosto.

— Quanto a isso, creio que tampouco poderei fazer alguma coisa. É algo que está bem longe da minha especialidade.

— Para mim, é um assunto difícil, e creio que você nem queira ouvir, mas posso contar um pouco mais?

— Por favor, fique à vontade. Guardarei segredo.

— Enquanto estou nesse estado, tenho relações sexuais com algumas mulheres.

— *Algumas* mulheres?

— Ao meu redor existem muitas mulheres. Quando eu fico nesse estado, elas se revezam e fazem sexo comigo montando em meu corpo imóvel. Eu não sinto nada. Não sinto nenhum prazer. Mas, mesmo assim, ejaculo. Ejaculo várias vezes.

Aomame manteve-se em silêncio.

O homem continuou:

— Tenho ao todo três mulheres, na faixa dos 10 aos 20 anos. Você deve estar se perguntando por que essas meninas estão comigo e por que fazem sexo comigo, não é?

— Bem, acho que... faz parte de alguma prática religiosa?

Sentado sobre a cama e com as pernas cruzadas, o homem soltou um grande suspiro.

— Acredita-se que esse meu estado de paralisia é uma graça divina. Por isso, quando isso acontece, elas fazem sexo comigo. Elas querem engravidar. Querem dar à luz meu herdeiro.

Aomame continuou quieta, olhando seu rosto. O homem também se calou.

— Elas querem engravidar. Querem conceber um filho durante esse estado — disse Aomame.

— Isso mesmo.

— Durante esse estado, o senhor faz sexo com as três meninas e ejacula três vezes?

— Isso mesmo.

Aomame não pôde deixar de perceber que estava metida numa situação extremamente complicada. Ela pensava em apagar aquele

homem. Estava *prestes a mandá-lo para o outro lado*. E ele revelava os estranhos mistérios de seu corpo.

— Não estou entendendo qual seria, de fato, o problema nisso tudo. O seu corpo inteiro fica paralisado uma ou duas vezes por mês e, durante algumas horas, três namoradas jovens mantêm relações sexuais com o senhor. Pelo senso comum, isso *não é normal*, claro, mas mesmo assim...

— Elas não são minhas namoradas — o homem interrompeu. — A função delas é serem minhas vestais. E uma das tarefas é justamente fazer sexo comigo.

— Tarefa?

— É uma tarefa predeterminada. Esforçar-se para conceber o meu herdeiro.

— Quem foi que estabeleceu essa tarefa? — perguntou Aomame.

— É uma longa história — disse o homem. — O problema é que isso está claramente destruindo o meu corpo.

— E elas engravidaram?

— Nenhuma delas ainda ficou grávida. E não há possibilidade de isso acontecer, porque ainda não menstruaram. Mesmo assim, elas esperam receber a graça divina.

— Ninguém ainda engravidou. Elas não têm menstruação — disse Aomame. — E o seu corpo está definhando.

— O tempo de paralisia está se tornando cada vez maior. A frequência também. Isto começou há uns sete anos e, inicialmente, ocorria uma vez a cada dois ou três meses. Hoje acontece uma ou duas vezes por mês. Quando a paralisia acaba, sinto dores intensas e fico exausto. Convivo durante uma semana com a dor e a exaustão. Sinto como se alguém tivesse perfurado todo o meu corpo com uma agulha bem grossa. Além disso, sinto fortes dores de cabeça e muita fraqueza. Não consigo sequer dormir. Não existe nenhum medicamento capaz de amenizar essas dores.

O homem respirou fundo. E continuou:

— Na segunda semana, o sofrimento se torna um pouco menor que na primeira, mas mesmo assim isso não significa que a dor sumiu. Sinto uma onda de dor várias vezes por dia. É tão intensa que mal consigo respirar. Os órgãos internos também não funcionam bem. As articulações do corpo começam a ranger como uma máquina que perdeu a lubrificação. A impressão que eu tenho é que a minha carne está sendo devorada e todo o meu sangue sugado. Posso sentir isso na pele. Mas o que está me devorando não é um câncer ou um parasita. Fiz vários exames detalhados, não encontraram nada. Os médicos disseram que o meu corpo é sadio. A medicina não consegue explicar o que está me torturando. Isso é o preço que devo pagar pela graça

recebida.

“Realmente, este homem está sendo destruído”, pensou Aomame. Mas não dava para perceber nenhum sinal de definhamento. Seu corpo era forte e robusto, parecia treinado para suportar as dores. Mesmo assim, Aomame conseguia notar que o corpo estava sendo destruído. “Este homem está doente. Não sei que tipo de doença ele tem. Mas, com certeza, mesmo que eu deixe de fazer o serviço, ele vai acabar morrendo com a destruição gradual de seu corpo, consumido pelas intensas dores”, pensou Aomame.

— Não se pode interromper o avanço — disse o homem, como se lesse os pensamentos de Aomame. — Serei devorado até os ossos e morrerei imerso em dor. E eles vão apenas jogar fora um veículo que perdeu a utilidade.

— *Eles?* — perguntou Aomame. — Quem são *eles*?

— Estou me referindo a essa coisa que devora a minha carne — respondeu o homem. — Mas vamos deixar esse assunto de lado. Agora, o que eu preciso é diminuir, ainda que apenas um pouco, essa dor que sinto. Mesmo que não seja uma solução definitiva, preciso tentar. É uma dor insuportável. Às vezes, em certos momentos, a dor atinge um grau tão profundo que é como se estivesse conectada ao centro da Terra. É um tipo de dor que ninguém conseguiria sequer imaginar. Essa dor roubou de mim muitas coisas, mas em compensação me ofereceu muitas outras. Ao se receber uma dor especialmente profunda, recebe-se também uma graça profunda. Mas isso não significa que a dor se torne menor, ou que se possa evitar a destruição.

Após dizer isso, um silêncio pesado preencheu o ambiente.

Aomame finalmente conseguiu retomar a palavra:

— Me desculpe por ser repetitiva, mas acho que, diante do problema exposto, não posso fazer quase nada, tecnicamente falando. Especialmente se isso é o preço a *pagar por uma graça recebida*.

O Líder corrigiu a postura e fitou Aomame com seus pequenos e profundos olhos glaciais. Depois, disse com seus lábios finos e compridos:

— Não. Você pode, sim, fazer algo. Algo que *somente* você pode fazer.

— Espero que o senhor tenha razão.

— Eu sei — disse o homem. — Sei de muitas coisas. Se você concordar, podemos começar. Isso que você está acostumada a fazer.

— Vou tentar — disse Aomame. Sua voz estava tensa e vazia. “*Fazer o que estou acostumada*”, pensou Aomame.

Tengo

Você recusou nossa oferta

Tengo se despediu do pai um pouco antes das seis. Enquanto aguardava o táxi, os dois ficaram sentados um de frente para o outro, ao lado da janela, em silêncio. Tengo permaneceu absorto em seus pensamentos enquanto o pai olhava a paisagem pela janela com a cara aborrecida. O sol estava se pondo e o céu azul-claro tingia-se lentamente de azul-escuro.

Ele ainda tinha muitas perguntas, mas sabia que o pai não as responderia. Bastava ver seus lábios fortemente cerrados, convictos a não mais se abrirem. Diante dessa atitude, Tengo achou melhor não questioná-lo mais. Segundo seu pai: “Se você não consegue entender coisa alguma sem receber explicações, significa que continuará não entendendo, apesar das explicações.”

Quando se aproximava a hora de partir, Tengo disse:

— Hoje você disse muitas coisas. Falou de um modo difícil de entender e de forma evasiva, mas creio que seja seu modo de abordar as coisas honestamente.

Tengo olhou o rosto do pai, sua expressão continuava inalterada. Continuou:

— Queria perguntar muitas coisas, mas sei que isso lhe causaria sofrimento. Por isso, só me resta deduzir as respostas a partir do que você me disse. Provavelmente, não sou seu filho de sangue. Esta é a minha hipótese. Desconheço os detalhes, mas, em linhas gerais, tudo me leva a crer que é isso. Se eu estiver errado, poderia me dizer?

O pai não respondeu.

Tengo continuou:

— Se a minha hipótese estiver correta, isso tornaria as coisas mais simples para mim. Não porque não gosto do senhor. Como já disse, é porque não vou mais precisar te odiar. Pelo que entendi, você cuidou de mim mesmo sabendo que não era seu filho de sangue. Sou grato por isso. A nossa relação de pai e filho não foi muito boa, mas isso é uma outra questão.

O pai continuava olhando a paisagem sem dizer nada. Era como um vigia observando atentamente uma colina distante para não deixar escapar nenhum sinal de fumaça enviado por uma tribo selvagem. Tengo seguiu o olhar do pai para descobrir o que ele via,

mas não encontrou nada, nenhum sinal. A única coisa que viu foram os pinheiros tingidos pela coloração do anoitecer.

— Sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer por você. A não ser desejar que o processo de esvaziamento que se expande em seu interior ocorra da maneira menos dolorosa possível. O senhor já sofreu o bastante. Suponho que o amor que o senhor sentia por minha mãe deva ter sido muito profundo. Mas ela se foi para algum lugar. Não sei se meu pai biológico é aquele homem ou algum outro, mas sei que o senhor não tem nenhuma intenção de me revelar isso. De qualquer modo, ela o deixou e me abandonou ainda pequeno. Talvez o senhor tenha planejado ficar comigo para que assim, quem sabe, um dia ela resolvesse voltar. No final, ela não voltou. Não voltou nem para o senhor nem para mim. Deve ter sido muito difícil para o senhor. Seria como viver numa cidade vazia. Mesmo assim, o senhor ficou nessa cidade cuidando de mim. Permaneceu nela para preencher o vazio.

O pai continuava impassível. Tengo não sabia se ele acompanhava a conversa, se estaria escutando o que acabara de dizer.

— Pode ser que a minha hipótese esteja errada. Talvez fosse melhor assim. Melhor para nós dois. Mas, com essa hipótese, as coisas parecem se encaixar melhor dentro de mim. Soluciono grande parte das dúvidas que tenho.

Um bando de corvos cortou o céu grasnando. Tengo olhou o relógio de pulso. Estava na hora de ir. Levantou-se da cadeira, aproximou-se do pai e colocou a mão em seu ombro.

— Adeus, pai. Em breve voltarei.

Ao segurar a maçaneta da porta e voltar-se para uma última olhada, Tengo se surpreendeu ao ver que um fio de lágrima escorria dos olhos do pai. O reflexo da lâmpada fluorescente no teto iluminava-a num prateado intenso. Para liberar aquela lágrima, seu pai precisou extrair, usando toda a sua força, os poucos sentimentos que ainda lhe restavam. A lágrima escorreu pela face e caiu no colo. Tengo abriu a porta e deixou o quarto. Pegou um táxi até a estação e, em seguida, o trem que acabara de chegar.

O trem expresso de Tateyama em direção a Tóquio estava mais cheio e animado do que na ida. Os passageiros, na sua grande maioria, eram famílias que voltavam da praia. Ao vê-los, Tengo se lembrou de sua época de primário. Ele nunca teve a experiência de fazer uma excursão ou uma viagem em família. Nos feriados de finados e ano-novo, seu pai costumava ficar o dia todo em casa sem fazer nada, apenas deitado e descansando. Nessas horas, ele parecia um aparelho ligeiramente sujo e desligado da tomada.

Sentado no trem, Tengo pensou em continuar a ler o livro, mas percebeu que o havia esquecido no quarto do pai. Suspirou e, resignado, se convenceu de que fora melhor assim. A despeito de querer lê-lo, não conseguiria se concentrar. E “A cidade dos gatos” era uma história muito mais adequada para ficar no quarto de seu pai do que com ele.

A paisagem que passava pela janela era a mesma da ida, só que em ordem inversa. A costa litorânea, desolada e escura, pressionada pela proximidade das montanhas, foi cedendo lugar à ampla zona industrial costeira. Muitas fábricas continuavam operando durante a noite. O bosque de chaminés se erguia soberano na escuridão, cuspidor labaredas vermelhas como cobras a mostrar suas línguas compridas e rubras. Os caminhões de grande porte trafegavam na rodovia com seus faróis poderosos. O mar ao longe estava negro como um lamaçal.

Tengo chegou em casa um pouco antes das dez. A caixa de correio estava vazia. Ao abrir a porta, seu quarto parecia bem mais vazio que o normal. Nele havia o vazio que deixara naquela manhã: a camisa jogada no chão, o processador desligado, a cadeira giratória com a concavidade do peso de seu corpo no assento e, sobre a mesa, os restos de borracha de lápis. Tengo tomou dois copos d’água, tirou a roupa e meteu-se na cama. O sono não demorou a chegar e, como havia tempos não fazia, dormiu profundamente.

Na manhã seguinte, Tengo despertou depois das oito e se sentiu uma nova pessoa. Acordou bem-disposto, sentindo os músculos dos braços e das pernas descontraídos, o corpo revigorado e com saúde. Não havia nenhum resquício de fadiga física. Ele se sentia como na época em que, quando criança, abria os livros novos que recebia no começo do semestre. Ainda não compreendia o conteúdo, mas sentia que eles o ajudariam a obter novos conhecimentos. Foi para o banheiro e fez a barba. Enxugou o rosto com a toalha, passou uma loção pós-barba e se olhou no espelho com a convicção de que era uma nova pessoa.

Tudo o que acontecera no dia anterior parecia um sonho. Não parecia ter acontecido de verdade. Tudo estava muito nítido, mas os contornos gradativamente apresentavam aspectos de irreabilidade. Ele pegara o trem para “A cidade dos gatos” e conseguira retornar. Felizmente, ao contrário do que aconteceu com o protagonista, ele pôde pegar o trem da volta. A experiência adquirida naquela cidade provocou profundas transformações no ser humano chamado Tengo.

Obviamente, a situação real em que ele se encontrava não havia mudado. Ele continuava caminhando por um terreno perigoso, cheio de obstáculos e mistérios. A situação se desenvolvia de um

modo inesperado e ele nem sequer desconfiava o que poderia acontecer. Mesmo assim, o Tengo de agora sentia-se capaz de superar o perigo.

“Agora, finalmente, estou no ponto de partida”, pensou. Não significava que os fatos tivessem sido totalmente esclarecidos, mas, levando em consideração tanto o que seu pai lhe dissera como sua atitude, Tengo conseguia visualizar, ainda que vagamente, a verdade sobre a sua origem. Aquela “imagem” que durante muito tempo o atormentara e o deixara confuso não era uma fantasia sem sentido. Ele não saberia dizer ao certo até que ponto era um reflexo da verdade, mas, possivelmente, aquela era a única informação que sua mãe lhe deixara e, bem ou mal, era um alicerce para sua vida. Só pelo fato de isso ter ficado claro, Tengo sentiu como se tirasse um peso das costas. Somente após tirar esse peso é que ele percebeu o quanto aquilo o incomodava.

Chegava a ser estranho a calma e a tranquilidade com que os dias transcorreram nas duas semanas seguintes. Duas semanas de completa bonança. Durante as férias, Tengo deu aulas quatro dias por semana na escola preparatória e, no restante dos dias, dedicou-se a escrever seu romance. Ninguém entrou em contato com ele. Tengo estava totalmente desatualizado sobre a situação do desaparecimento de Fukaeri e se a *Crisálida de ar* continuava vendendo. Tampouco queria saber. Por ele, o mundo podia seguir seu trajeto do jeito que lhe conviesse. Se precisassem dele, com certeza o procurariam.

Agosto terminou e começava setembro. Enquanto preparava o café da manhã, Tengo pensou — sem, contudo, ousar proferir — o quanto seria bom se essa tranquilidade perdurasse para sempre. Se ousasse dizê-lo em voz alta, temia que algum espírito maligno pudesse escutar. Por isso rezou mentalmente pela continuidade da paz. Mas, como sempre, nem tudo seguia conforme o desejado. O mundo parecia saber muito bem o que Tengo *não desejava*.

Nesse mesmo dia, pouco depois das dez da manhã, o telefone tocou. Tengo deixou tocar sete vezes e, resignado, esticou o braço para atender.

— Posso ir aí agora — disse a pessoa do outro lado da linha, com a voz contida. Tengo só conhecia uma pessoa no mundo capaz de fazer uma pergunta sem usar a interrogação. Ao fundo, podia se ouvir algum tipo de anúncio de propaganda e o som dos escapamentos dos carros.

— Onde você está? — perguntou Tengo.

— Na entrada de um lugar chamado Marushô.

O apartamento de Tengo ficava a duzentos metros desse supermercado. Ela falava de um telefone público no local.

Tengo deu instintivamente uma olhada ao redor.

— Você não acha arriscado vir aqui? Alguém pode estar vigiando o apartamento. E, a princípio, para a sociedade, você está desaparecida.

— Alguém pode estar vigiando o apartamento — Fukaeri repetiu as palavras de Tengo.

— Isso mesmo — disse Tengo. — Ultimamente, estão acontecendo muitas coisas estranhas ao meu redor. Acho que isso deve estar relacionado com a *Crisálida de ar*.

— Tem gente brava.

— Acho que sim. Eles estão bravos com você e, por extensão, com uma certa raiva de mim. Raiva por eu ter reescrito a *Crisálida de ar*.

— Eu não me importo — disse Fukaeri.

— *Você não se importa* — Tengo repetiu as palavras de Fukaeri. Esse hábito realmente era contagioso. — Com o quê?

— Que o seu apartamento esteja sendo vigiado.

Durante um tempo, Tengo ficou mudo.

— Mas eu posso me importar — falou por fim.

— É melhor ficarmos juntos — disse Fukaeri. — Vamos unir nossas forças.

— Sonny e Cher — disse Tengo. — Um par poderoso.

— Poderoso do quê?

— Esquece. É coisa minha — disse Tengo.

— Estou indo aí.

Quando Tengo ia voltar a falar, escutou o som do telefone sendo desligado. Todo mundo desligava sem lhe dar satisfação. Era como cortar o cabo de uma ponte suspensa com o machado.

Dez minutos depois, Fukaeri apareceu carregando sacolas de plástico do supermercado em ambos os braços. Ela vestia uma camisa listrada e um jeans azul de corte reto. A camisa era masculina e estava toda amarrotada. Parecia ter sido lavada, estendida de qualquer jeito e vestida sem passar. Carregava no ombro uma bolsa de lona. Usava óculos escuros bem grandes para esconder o rosto, mas eles não ajudavam no disfarce. Muito pelo contrário, chamavam ainda mais a atenção.

— Achei melhor estocar comida — disse Fukaeri, transferindo o conteúdo das sacolas para a geladeira. Grande parte das compras era de comidas prontas que bastavam ser aquecidas no micro-ondas.

Havia também biscoitos de água e sal, queijo, maçã e tomate. O restante eram enlatados.

— Onde está o micro-ondas? — perguntou Fukaeri, olhando de um lado a outro a pequena cozinha.

— Não tenho micro-ondas — respondeu Tengo.

Fukaeri franziu a sobancelha pensativa, sem expor seus pensamentos. Parecia não conseguir imaginar um mundo sem micro-ondas.

— Vou passar um tempo aqui — disse Fukaeri, como se estivesse comunicando um fato objetivo.

— Até quando? — perguntou Tengo.

Fukaeri balançou a cabeça. Ela não sabia.

— O que aconteceu com o seu esconderijo?

— Não quero estar sozinha quando acontecer algo.

— Você acha que vai acontecer algo?

Fukaeri não respondeu.

— Sei que estou sendo redundante, mas já disse que aqui não é um local seguro — disse Tengo. — Acho que estou sendo vigiado por certas pessoas. Ainda não sei quem são.

— Não existe um lugar seguro — disse Fukaeri, estreitando os olhos e tocando levemente a ponta da orelha, num gesto aparentemente cheio de sentidos. Tengo, porém, não sabia o significado daquela linguagem gestual. Talvez não significasse nada.

— Ou seja, tanto faz onde você está — disse Tengo.

— Não existe um lugar seguro — repetiu Fukaeri.

— Você tem razão — disse Tengo resignado. — Após ultrapassar um certo nível, o grau de perigo é praticamente invariável. De qualquer modo, daqui a pouco preciso sair para trabalhar.

— Vai para o curso preparatório.

— É.

— Vou ficar aqui — disse Fukaeri.

— Você vai ficar aqui — repetiu Tengo. — É melhor. Não saia daqui e, se alguém bater na porta, não abra; se tocar o telefone, não atenda.

Fukaeri concordou, balançando a cabeça.

— Então, como vai o professor Ebisuno?

— Ontem, Sakigake aceitou a inspeção.

— Quer dizer que, por causa do seu desaparecimento, a polícia começou a fazer uma inspeção na sede do grupo religioso Sakigake? — perguntou Tengo, surpreso.

— Você não lê os jornais.

— Não estou lendo os jornais — repetiu Tengo. — Ultimamente, perdi a vontade, por isso não estou a par do assunto. Mas, se chegou a esse ponto, o grupo deve estar passando por um

tremendo transtorno.

Fukaeri concordou.

Tengo suspirou profundamente.

— Devem estar muito mais furiosos do que antes. É como cutucar um ninho de vespas.

Fukaeri estreitou os olhos e permaneceu em silêncio durante um tempo. Devia estar imaginando um bando de vespas furiosas saindo de sua toca.

— Acho que sim — respondeu Fukaeri baixinho.

— Já descobriram alguma coisa sobre os seus pais?

Fukaeri balançou a cabeça. Ela parecia não saber de nada.

— Bem, de qualquer modo, o grupo deve estar furioso — disse Tengo. — Se descobrirem que o seu desaparecimento foi uma farsa, com certeza a polícia também vai ficar com raiva de você. E, por extensão, vão ficar com raiva de mim. De eu ter te acobertado.

— É justamente por isso que precisamos unir as nossas forças — disse Fukaeri.

— Você acabou de dizer “*justamente por isso*”?

Fukaeri assentiu.

— Errei as palavras — perguntou Fukaeri.

Tengo balançou a cabeça.

— Não. Não é isso. É que suas palavras soaram muito contundentes.

— Se for incômodo, vou para outro lugar — disse Fukaeri.

— Pode ficar aqui — disse Tengo, resignado. — Você não tem nenhum outro lugar para ir, tem?

Fukaeri balançou a cabeça negativamente, num gesto rápido e preciso.

Tengo tirou da geladeira um chá de cevada e o bebeu.

— Não consigo deter as vespas furiosas, mas, de você, acho que consigo cuidar.

Fukaeri fitou Tengo durante um tempo e disse:

— Você está diferente.

— No que estou diferente?

Fukaeri entortou os lábios num ângulo incomum e depois os fez voltar ao normal. Ela não conseguia explicar.

— Não precisa explicar — disse Tengo. *Se você não consegue entender coisa alguma sem receber explicações, significa que continuará não entendendo, apesar das explicações.*

Antes de sair, Tengo instruiu Fukaeri:

— Quando eu telefonar, vou deixar tocar três vezes e desligar. Depois, torno a ligar. Aí você atende, entendeu?

— Entendi — disse Fukaeri, e repetiu a instrução: — Vai tocar três vezes e desligar. Depois, vai ligar de novo. E aí eu atendo. — Era

como se estivesse traduzindo em voz alta as inscrições contidas num monumento de pedra antigo.

— Isso é importante, não se esqueça — disse Tengo.

Fukaeri concordou, balançando duas vezes a cabeça.

Após terminar suas duas aulas, Tengo foi para a sala dos professores e se preparava para ir embora. Nesse momento, a moça da recepção aproximou-se dele e o avisou de que uma pessoa chamada Ushikawa o aguardava. Ela se dirigiu a Tengo em tom de desculpa, como uma mensageira bondosa que, a contragosto, cumpria a incumbência de lhe trazer uma notícia não muito agradável. Tengo sorriu e agradeceu. Não podia censurar a mensageira.

Ushikawa estava na lanchonete, ao lado do saguão de entrada, tomando um *café au lait* enquanto aguardava Tengo. *Café au lait* era uma bebida que realmente não combinava com aquela figura. Sua aparência esquisita chamava a atenção no meio daqueles estudantes jovens e cheios de vitalidade. O lugar em que ele se encontrava parecia ter uma gravidade, uma densidade e um ângulo de refração luminosa diferentes. Vendo-o a distância, dava impressão de que trazia notícias ruins. Era a hora do intervalo e a lanchonete estava lotada, mas ninguém compartilhava a mesa de seis lugares em que ele se sentava. Os estudantes, instintivamente, se distanciavam dele, como antílopes fugindo de um cão selvagem.

Tengo comprou um café no balcão, pegou a bebida, levou-a para a mesa e se sentou de frente para Ushikawa. Ele parecia ter acabado de comer um pão doce de creme. O papel da embalagem estava amassado sobre a mesa e, no canto de sua boca, havia migalhas de pão. O pão doce era outro alimento que não combinava com ele.

— Há quanto tempo, senhor Kawana! — cumprimentou Ushikawa, levantando-se sutilmente da cadeira assim que o viu. — Como sempre, perdoe-me por ter vindo sem avisar.

Tengo começou a falar sem retribuir os cumprimentos.

— O senhor deve ter vindo aqui para saber a minha resposta, não é? Ou seja, quer saber a minha resposta sobre a oferta daquele dia.

— É isso mesmo — disse Ushikawa. — Resumindo, é isso.

— Senhor Ushikawa, será que hoje o senhor poderia falar as coisas de um modo mais objetivo e direto? Afinal, o que é que vocês querem de mim? O que querem em troca dessa “ajuda financeira”?

Ushikawa olhou atentamente ao redor, mas não havia ninguém perto deles e, com a algazarra dos estudantes, não havia risco de alguém escutar a conversa.

— Tudo bem. Como parte da minha gentileza, serei sincero —

disse Ushikawa, debruçando-se sobre a mesa, com um tom de voz um pouco mais baixo que o habitual. — O dinheiro é apenas um pretexto, apesar de a soma não ser muito grande. A coisa mais importante que o meu cliente pode lhe oferecer é proteção. Em outras palavras, ele não vai deixar que nenhum mal lhe aconteça. Isso é algo que podemos garantir.

— E em troca? — perguntou Tengo.

— Em troca, eles querem o silêncio e o esquecimento. O senhor participou desse esquema, mas o fez sem conhecer os objetivos e as circunstâncias envolvidas. Foi apenas um soldado cumprindo ordens. Não temos a intenção de atribuir-lhe responsabilidades sobre isso. Portanto, basta esquecer tudo o que aconteceu, como se nunca tivesse acontecido. O público não ficará sabendo que foi o senhor que reescreveu a *Crisálida de ar*. É como se nunca tivesse tido relação com aquele livro. E, daqui pra frente, continuará a não ter. É isso que gostaríamos que fizesse. Creio que isso também é vantajoso para o senhor.

— Não vai acontecer nenhum mal comigo. Ou seja... — disse Tengo. — Está querendo dizer que pode acontecer algo de ruim aos outros?

— Isso, na verdade, vai depender de cada caso — disse Ushikawa, um pouco constrangido. — Não sou eu quem toma as decisões, não posso afirmar nada, mas suponho que, em maior ou menor grau, deva ser necessário tomar algumas providências.

— E vocês possuem braços compridos e fortes.

— Isso mesmo. Como eu já disse, temos braços *muito* longos e *muito* fortes. Pois então, qual seria a resposta que você tem a nos dar?

— A começar pela conclusão, digo que não posso aceitar o dinheiro de vocês.

Ushikawa, sem dizer nada, pegou os óculos, tirou-os, limpou cuidadosamente as lentes com o lenço que trazia no bolso e, por fim, colocou-os de volta. Era como se acreditasse haver algum tipo de relação entre sua acuidade auditiva e a visual.

— Quer dizer que você está recusando a nossa oferta?

— Isso mesmo.

Do fundo dos óculos, Ushikawa fitou Tengo como se estivesse olhando para uma nuvem de excêntrico formato.

— Por que tomou essa decisão? Do meu humilde ponto de vista, não creio que seja uma oferta ruim.

— Estou no mesmo barco que os demais envolvidos. Não posso largar todo mundo e descer sozinho — disse Tengo.

— Mas que estranho! — disse Ushikawa, fingindo surpresa. — Eu mesmo não consigo entender. Eu não devia dizer isso, mas saiba que os outros não estão nem um pouco preocupados com você. Estou

dizendo a verdade. O senhor está recebendo uns trocados e eles o usam do jeito que querem. É por isso que está numa tremenda enrascada. Se fosse comigo, eu certamente ficaria com raiva. Não deixaria que eles me levassem na brincadeira e me fizessem de bobo. Mas vejo que o senhor os está protegendo. Fica dizendo que não pode escapar sozinho e que o barco é isso e aquilo. Não consigo entender. Por quê?

— Uma das razões é uma mulher chamada Kyôko Yasuda.

Ushikawa pegou a xícara de *café au lait* frio e bebeu como se fosse algo ruim. Em seguida, indagou:

— Kyôko Yasuda?

— Vocês sabem algo sobre Kyôko Yasuda — disse Tengo.

Ushikawa ficou um bom tempo com a boca entreaberta, sem entender do que se tratava.

— Não. Sinceramente, nunca ouvi falar no nome dessa mulher. Juro que é verdade. Quem é ela?

Tengo permaneceu quieto por um tempo fitando Ushikawa, mas não conseguiu ler as entrelinhas de sua expressão.

— Uma mulher que conheço.

— O senhor por acaso tem um relacionamento mais profundo com ela?

Tengo não respondeu. Depois disse:

— O que eu quero saber é se vocês fizeram algo com ela.

— Fizemos algo? Nunca. Não fizemos nada — disse Ushikawa. — Não estou mentindo. Como acabei de dizer, não sei nada sobre ela. Se eu não a conheço, como posso fazer-lhe algo?

— Mas vocês contrataram “pesquisadores” competentes para fazer uma investigação minuciosa sobre mim. Descobriram que reescrevi a obra de Eriko Fukada. Sabem de muita coisa sobre minha vida pessoal. Por isso, acho plausível que vocês saibam de minha relação com ela.

— Realmente, nós costumamos contratar pesquisadores competentes. Um deles realizou investigações detalhadas sobre a sua pessoa. Nesse sentido, talvez o senhor tenha razão de achar que ele deva saber sobre sua relação com a senhora Yasuda. Mas, mesmo que ele tenha essa informação, não fui informado sobre isso.

— Eu mantinha um relacionamento com Kyôko Yasuda — disse Tengo. — Nos encontrávamos uma vez por semana, em segredo, porque ela é casada. Mas, certo dia, ela sumiu de repente da minha vida, sem dizer nada.

Ushikawa limpou o suor da ponta do nariz com o lenço que acabara de usar nos óculos.

— O senhor Kawana está achando que nós, de alguma maneira, estamos envolvidos com o desaparecimento dessa mulher

casada. É isso?

— Acho que alguém revelou para o marido os nossos encontros.

Ushikawa fechou os lábios, franzindo-os de forma a ficarem arredondados, demonstrando estar confuso.

— Com que finalidade fariam uma coisa dessas?

Tengo apertou com força suas mãos sobre o colo.

— Estou intrigado com o que o senhor disse outro dia no telefone.

— O que foi que eu disse?

— Quando se passa de uma certa idade, a vida se transforma em uma sequência de perdas. Coisas que consideramos importantes em nossas vidas começam a escapar uma por uma de nossas mãos, como os dentes do pente que se quebram com o tempo. As pessoas que amamos vão desaparecendo de nossas vidas. Algo assim. Lembra-se?

— Sim. Eu me lembro. Realmente, naquele dia eu disse isso. Mas saiba, senhor Kawana, que isso faz parte do consenso geral. Foi apenas uma modesta opinião sobre quão triste e difícil é envelhecer. Não tive a intenção de fazer uma referência concreta a essa mulher chamada... alguma coisa Yasuda.

— Mas, para mim, soou como uma ameaça.

Ushikawa balançou várias vezes a cabeça energicamente.

— Que absurdo! Não foi uma ameaça. Tratava-se apenas de uma opinião pessoal. Juro que realmente não sei nada sobre a senhora Yasuda. Ela sumiu?

Tengo prosseguiu:

— E o senhor também disse que, se eu não escutar o que vocês estão dizendo, pode ser que aconteçam coisas não muito agradáveis às pessoas ao meu redor.

— Sim. Realmente foi o que eu disse.

— Isso não foi uma ameaça?

Ushikawa guardou o lenço no bolso do paletó e suspirou.

— Realmente, pode parecer uma ameaça, mas isso também não passa de uma afirmação generalista. Pois então, senhor Kawana, eu não sei nada sobre essa mulher. Nunca tinha sequer ouvido falar no nome dela. Juro por todas as divindades.

Tengo fitou Ushikawa. Ele de fato não parecia conhecer Kyôko Yasuda. A expressão de perplexidade estampada em seu rosto parecia real. Porém, ainda que este homem não soubesse de nada, isso não significava que *eles* não tivessem feito algo. Talvez aquele homem não tivesse sido informado.

— Senhor Kawana, sei que não é da minha conta, mas manter um relacionamento com uma mulher casada é sempre arriscado. O senhor é jovem, saudável e solteiro. Não vejo por que se envolver em

algo tão perigoso se certamente há muitas outras mulheres, jovens e solteiras, com quem poderia ficar — disse Ushikawa e, em seguida, lambeu habilmente os restos de pão doce grudados nos cantos de sua boca.

Sem dizer nada, Tengo continuou a olhar o rosto de Ushikawa.

Ushikawa continuou:

— Obviamente, o relacionamento entre um homem e uma mulher não é tão lógico como parece. O sistema monogâmico possui várias contradições, mas, se o senhor permite a opinião de um velho, se essa mulher o deixou, não seria melhor manter as coisas como estão? O que estou querendo dizer é que no mundo há coisas que é melhor não saber. Coisas, por exemplo, sobre sua mãe. A verdade pode magoá-lo. Ao descobrir a verdade, terá de se responsabilizar por ela.

Tengo franziu as sobrancelhas e conteve a respiração por alguns segundos.

— O senhor sabe alguma coisa sobre a minha mãe?

Ushikawa deu uma leve lambida nos lábios.

— Sei até certo ponto. Nossos pesquisadores investigaram minuciosamente esse assunto. Se você quiser saber, posso entregar todos os relatórios que contenham informações sobre a sua mãe. Pelo que entendi, o senhor cresceu sem saber nada sobre ela. Mas saiba que, dentre as informações, algumas não são muito agradáveis.

— Senhor Ushikawa — disse Tengo, afastando a cadeira e se levantando. — Por favor, se retire. Eu me recuso a falar com o senhor. Não quero mais vê-lo. Mesmo que aconteça algo de ruim comigo, ainda prefiro isso a ter de encontrá-lo. Não quero ajuda financeira nem garantia de proteção. A única coisa que eu quero é nunca mais vê-lo.

Ushikawa não esboçou reação. Ele já devia ter escutado coisas muito piores. Havia até um leve brilho no fundo de seus olhos, como se estivesse rindo.

— Tudo bem — disse Ushikawa. — Creio que já obtive a sua resposta. A resposta é não. *Você recusou nossa oferta.* Uma resposta clara, fácil de entender. Vou comunicar a decisão aos meus superiores. Sou apenas um simples mensageiro. Sua resposta negativa não implica que em breve acontecerá algo de ruim com o senhor. Apenas quis informá-lo de que isso *pode acontecer*. Mas pode ser que não aconteça nada. Tomara que não. Acredite, não estou mentindo. Realmente, desejo-lhe isso, pois eu gosto do senhor. Sei que não se importa de eu gostar ou não, isso não tem jeito. Afinal, sou apenas um homem *inoportuno*, com uma conversa despropositada. Como se vê, a minha aparência também é lamentavelmente desagradável. Mas nunca fui um tipo que sofre por não ser adorado pelas pessoas. Senhor Kawana,

apesar de saber que isso não lhe agrada, saiba que simpatizei com o senhor. Desejo, realmente, que nada de ruim lhe aconteça e que tudo corra bem e seja coroado de sucesso.

Ao dizer isso, Ushikawa olhou suas próprias mãos. Seus dedos eram curtos e grossos. Após virar e desvirar as mãos várias vezes, ele se levantou.

— Bem, preciso ir. A propósito, creio que esta é a última vez que nos vemos. Vou zelar para que o seu desejo seja cumprido. Vou rezar pela sua felicidade. Adeus.

Ushikawa pegou a pasta de couro sobre a cadeira ao lado e desapareceu em meio à multidão na lanchonete. Por onde ele passava, os estudantes — tanto homens quanto mulheres — abriam caminho afastando-se para o lado. Assim como crianças de um vilarejo procuram se esquivar do temido traficante.

Tengo telefonou para casa do telefone público no saguão da escola. Enquanto aguardava o terceiro toque, Fukaeri atendeu no segundo.

— Combinamos que eu desligaria no terceiro toque e ligaria de novo — disse Tengo, desanimado.

— Esqueci — disse Fukaeri, como se não desse a mínima importância para aquilo.

— Pedi para você não se esquecer do nosso trato.

— Vamos começar de novo — perguntou Fukaeri.

— Não. Não precisa. Você já atendeu. Na minha ausência, aconteceu alguma coisa diferente?

— Nenhum telefonema, ninguém veio.

— Então está bem. Acabei o trabalho e estou voltando.

— Há pouco, apareceu um corvo grande e ficou chorando do lado de fora da janela — disse Fukaeri.

— Esse corvo sempre aparece no final do dia. Não precisa se preocupar. É como uma visita social. Devo estar de volta lá pelas sete horas.

— É melhor se apressar.

— Por quê? — perguntou Tengo.

— Os homens pequeninos estão revoltados.

— Os homens pequeninos estão revoltados — Tengo repetiu as palavras de Fukaeri. — Estão no meu apartamento?

— Não. Em algum outro lugar.

— Outro lugar.

— Bem longe.

— Mas você consegue ouvir.

— Eu consigo ouvir.

— Isso tem algum significado? — perguntou Tengo.

— Está para acontecer algo *discomum*.

— *Discomum* — repetiu Tengo. Só um tempo depois percebeu que ela queria dizer “incomum”. — Que tipo de coisa incomum está para acontecer?

— Não sei dizer.

— Será que os homens pequeninos é que pretendem fazer isso?

Fukaeri balançou a cabeça. Através do telefone dava para intuir que ela balançava a cabeça. Ela *não sabia*.

— Melhor voltar antes de começar a trovejar.

— Trovejar?

— Se o trem parar, ficaremos separados.

Tengo se virou para ver o céu através do vidro da janela. Era um sereno entardecer de final de verão, sem nuvens.

— Não parece que vai trovejar.

— As aparências enganam.

— Vou me apressar — disse Tengo.

— Melhor se apressar — disse Fukaeri e, em seguida, desligou o telefone.

Tengo deixou o saguão da escola e olhou novamente o céu ensolarado de fim de tarde. Depois, apertou os passos e se dirigiu à estação Yoyogui. Durante o trajeto, as palavras de Ushikawa reverberavam em sua mente como uma fita cassete em reprodução automática:

O que estou querendo dizer é que no mundo há coisas que é melhor não saber. Coisas, por exemplo, sobre sua mãe. A verdade pode magoá-lo. Ao descobrir a verdade, terá de se responsabilizar por ela.

“Em algum lugar, o Povo Pequenino está alvoroçado. Devem estar envolvidos com essa anormalidade que está para acontecer. O céu está lindo e ensolarado, mas as aparências enganam. Vai trovejar, chover e o trem pode parar. É preciso voltar logo para casa. A voz de Fukaeri denotava uma estranha força de persuasão.”

— Precisamos juntar as nossas forças — disse Fukaeri.

De algum lugar, os braços compridos estão se esticando. “Precisamos juntar as nossas forças. Afinal, somos o par mais poderoso da face da Terra.”

The beat goes on.

Aomame**O bom é o equilíbrio**

Aomame estendeu sobre o carpete do quarto o colchonete azul que havia levado consigo e pediu que o homem tirasse a parte de cima da roupa. Ele se levantou da cama e tirou a camisa. Seu corpo parecia bem maior do que quando a vestia. O peito era robusto e os músculos firmes e protuberantes, sem gorduras sobressalentes. Aparentemente, um corpo saudável.

Seguindo as instruções de Aomame, ele se deitou de bruços no colchonete. Antes de começar a sessão de alongamento, ela pegou seu pulso e mediu a frequência. Os batimentos cardíacos eram regulares, firmes e fortes.

— Costuma praticar algum exercício regularmente? — perguntou Aomame.

— Nenhum em especial. Apenas faço respirações.

— Apenas respirações?

— Um tipo de respiração um pouco diferente — disse o homem.

— Como aquela que acabou de fazer no escuro? Aquela respiração profunda e repetitiva que utiliza todos os músculos do corpo?

O homem assentiu levemente com a cabeça, ainda de bruços.

A explicação não a convenceu. Uma respiração tão intensa como aquela certamente exigia um tremendo esforço físico, mas ela se indagava se só a respiração seria suficiente para manter um corpo tão firme e forte, sem excesso de gordura, como o dele.

— O que vou fazer agora vai doer muito — disse Aomame, com uma voz desprovida de entonação. — Se não doer, não estará sendo eficaz. Mas posso controlar a intensidade da dor. Por isso, me avise se ela ficar insuportável.

O homem respondeu um tempo depois:

— Se existe alguma dor que eu ainda não tenha sentido, gostaria de experimentar — disse com certo sarcasmo.

— Ninguém aprecia a dor.

— Mas um método que provoca dor é mais eficaz, não é? Se há um sentido para a dor, posso perfeitamente suportá-la.

Na semiescuridão, Aomame esboçou aprovação e disse:

— Entendi. De qualquer modo, vou ficar atenta.

Como de costume, Aomame começou a alongar os músculos da omoplata. A primeira coisa que ela reparou ao tocar naquele corpo foi o quanto seus músculos eram flexíveis. Excelentes e saudáveis. Condição diametralmente oposta às rígidas e fatigadas musculaturas dos executivos que ela costumava atender no clube esportivo. Ao mesmo tempo, teve a forte impressão de que alguma coisa estava obstruindo o fluxo natural. Era como se a correnteza de um rio estivesse represada temporariamente por troncos de madeira e entulhos.

Usando seu cotovelo como alavanca, Aomame comprimiu os ombros do homem. No começo levemente, e aos poucos aplicou mais força. Ela percebeu que ele sentia dor. Uma dor intensa. Qualquer um teria ao menos soltado um gemido, mas ele não emitiu um único som. A respiração também se manteve regular. Tampouco contorceu o rosto. “É um homem resistente”, pensou. Resolveu, então, testar até que ponto ele conseguiria aguentar. Aplicou toda a sua força, sem dó, até que, finalmente, as articulações da omoplata relaxaram, emitindo um clique semelhante ao som da mudança das agulhas dos trilhos de trem. O homem conteve a respiração, mas ela logo retomou seu ritmo calmo e silencioso.

— A região da omoplata estava muito contraída — explicou Aomame. — Agora que a tensão se dissipou, o fluxo voltou ao normal.

Ela posicionou o dedo anular por baixo da omoplata, na altura da segunda articulação. Nessa região, os músculos são flexíveis por natureza e, uma vez eliminadas as tensões, tendem a se recuperar rapidamente.

— Estou me sentindo muito melhor — disse o homem num tom bem baixinho.

— A dor deve ter sido muito intensa.

— Mas não a ponto de ser insuportável.

— Também sou do tipo resistente, mas, se fizessem isso comigo, com certeza soltaria pelo menos um gemido.

— Muitas vezes uma dor é aliviada e eliminada por meio de outra. A sensibilidade é algo relativo.

Aomame colocou a mão sobre a omoplata esquerda, apalpou os músculos com os dedos e descobriu que estavam nas mesmas condições que os da direita, que acabara de corrigir. Pensou em testar até que ponto a dor era, de fato, relativa.

— Agora vou trabalhar o lado esquerdo. Possivelmente vai doer tanto quanto o direito.

— Confio em você. Não se preocupe comigo.

— Isso significa que eu não preciso restringir a dor?

— Não será necessário.

Aomame seguiu os mesmos procedimentos para aliviar os

músculos e as articulações em torno da omoplata esquerda, sem se preocupar em amenizar a dor, como havia dito o homem. Uma vez que ela estava decidida a não se preocupar com a dor, Aomame passou a agir sem hesitação. A reação dele foi ainda mais tranquila que anteriormente. Ele reagiu à dor com extrema naturalidade, apenas emitindo um som indefinível no fundo da garganta. “Muito bem, vamos ver até onde ele pode aguentar”, pensou Aomame.

Ela foi esticando todos os músculos em sequência. Tinha na cabeça uma lista de todos os pontos que deveriam ser checados. Bastava seguir esse roteiro metódica e ordenadamente, como um vigia noturno experiente e sem medo que faz a ronda no prédio com uma lanterna.

Os músculos estavam *retesados* em maior ou menor grau. Parecia um solo atingido por uma calamidade, cujos cursos de água haviam sido obstruídos, e os diques, destruídos. Se uma pessoa comum passasse por essa mesma situação, provavelmente não conseguiria sequer se levantar. Nem tampouco respirar direito. Aquele homem possuía um corpo resistente e uma grande força de vontade. E, a despeito de ele ter praticado atos abomináveis, o fato de conseguir suportar em silêncio tamanha dor era algo que, do ponto de vista profissional, Aomame não podia deixar de admirar.

Ela comprimiu cada músculo, movendo-os à força, torcendo-os e os esticando até o limite. A cada movimento, as articulações emitiam um som abafado. Aomame estava ciente de que esses exercícios eram muito próximos à tortura. Ela já havia feito esse tipo de alongamento muscular em vários atletas. Pessoas que estavam acostumadas a conviver com a dor física. Mas, por mais fortes que fossem, ao passarem por suas mãos, era inevitável que, em algum momento, acabassem por se queixar ou emitir algo semelhante a um gemido. Um deles, inclusive, chegou a urinar. No entanto, aquele homem não soltava sequer um gemido. Era realmente incrível. Mas, pelo suor que brotava na sua nuca, Aomame podia imaginar a dor que ele estaria sentindo. Ela também começava a transpirar.

Levou cerca de trinta minutos para relaxar os músculos das costas. Ao terminar, Aomame descansou um pouco e enxugou o suor da testa com a toalha.

“Que estranho”, pensou ela. “Eu vim até aqui para matar este homem. Trago dentro da minha bolsa um picador de gelo especial, com uma agulha extremamente fina. Se eu enfiar essa ponta num determinado lugar de sua nuca e dar uma leve batida no cabo, estará tudo terminado. A pessoa, sem se dar conta, deixará de viver em questão de segundos e será transferida para o outro mundo. Seu corpo, afinal,

será libertado de todo sofrimento. No entanto, estou me empenhando para tentar aliviar, ainda que minimamente, a dor que este homem sente no mundo real.”

Aomame cogitou a seguir: “Talvez eu esteja fazendo isso porque é o *trabalho que me foi atribuído*. Diante de um dever, não posso deixar de fazê-lo com empenho. Eu sou assim. Se o meu trabalho é corrigir um problema muscular, vou me empenhar em realizá-lo. Se o meu trabalho é matar uma pessoa, e houver uma justificativa para isso, vou me empenhar em fazê-lo.”

Evidentemente, ela não podia realizar as duas coisas ao mesmo tempo. Eram ações com objetivos antagônicos, e cada qual exigia métodos incompatíveis entre si. Por isso, caberia praticar *apenas uma* tarefa de cada vez. A Aomame de agora empenhava-se em recuperar, ainda que um pouco, o tônus muscular daquele homem. Estava concentrada na tarefa e mobilizava toda a sua força para cumpri-la. Quanto à outra, decidiria o que fazer após terminar esta.

Ao mesmo tempo, Aomame não conseguia conter a curiosidade. A doença do homem que *não era comum* e, por isso, seus músculos saudáveis e bem-torneados estavam danificados; um corpo vigoroso, e uma força de vontade capaz de resistir a uma *dor intensa*, que ele dizia ser o “preço pela graça recebida”, eram coisas que atiçavam sua curiosidade. Ela queria saber o que poderia fazer por aquele homem, e como o corpo dele reagiria às suas técnicas. Era uma curiosidade profissional e, ao mesmo tempo, pessoal. Se ela o matasse naquele momento, teria de escapar logo. E, se o serviço terminasse muito rápido, os rapazes no quarto contíguo poderiam suspeitar de algo. Ela havia dito que a sessão duraria pelo menos uma hora.

— Terminei a primeira parte e agora vou começar a segunda. Poderia, por favor, deitar-se de costas? — disse Aomame.

O homem girou o corpo lentamente e acomodou-se como um enorme animal aquático içado da água e trazido para a terra.

— Realmente, a dor diminuiu muito — disse ele, após suspirar longamente. — De todos os tratamentos que fiz, nenhum foi tão eficaz.

— Seus músculos estão *afetados* — disse Aomame. — Não sei os motivos, mas estão seriamente danificados. Estou tentando fazer com que essa parte afetada fique mais próxima do estado normal. Não é nada fácil e será muito dolorido. Mas acho que vou conseguir. A qualidade dos seus músculos é boa, e você consegue aguentar a dor. Mas, seja como for, trata-se apenas de um método paliativo, não vai resolver o problema em si. Enquanto não souber os motivos que acarretam isso, creio que o problema será recorrente.

— Sei disso. Não há solução definitiva. Sei que o problema será recorrente e, toda vez que isso acontecer, meu estado deve piorar

ainda mais. Mas, mesmo que seja um tratamento paliativo, é muito bom sentir menos dor. Você não sabe o quanto isso é gratificante. Pensei em usar morfina, mas prefiro evitar os remédios. Seu uso continuado pode danificar as funções do cérebro.

— Vou começar a trabalhar a outra parte — disse Aomame. — Posso continuar sem me preocupar em dosar a dor, certo?

— É desnecessário perguntar — disse o homem.

Aomame esvaziou a mente e se concentrou em trabalhar os músculos daquele homem. Em sua memória profissional estava registrada toda a estrutura muscular do ser humano. Ela conhecia as funções de cada um deles, como se ligavam aos ossos, suas características e que tipo de sensibilidade provocavam. Aomame examinou ordenadamente cada músculo e suas articulações, movendo-os e comprimindo-os de modo eficaz, como inquisidores buscando pontos dolorosos no corpo do acusado.

Trinta minutos depois, os dois estavam suados e com a respiração agitada, como um casal de namorados que acabou de transar de maneira intensa, extraordinária. Durante um tempo, o homem não disse nada, e tampouco Aomame tinha algo a falar.

— Não quero exagerar — disse finalmente o homem —, mas sinto como se as partes do meu corpo tivessem sido trocadas de lugar.

Aomame disse:

— Esta noite, pode haver uma recaída. Durante a noite, os músculos podem ficar extremamente contraídos, a ponto de você gemer de dor. Mas não se preocupe. Amanhã de manhã, estará se sentindo melhor.

“Se houver o amanhã”, pensou Aomame.

O homem sentou-se com as pernas cruzadas no colchonete e respirou fundo, como se testasse as condições do corpo. Disse:

— Você realmente possui um talento especial.

Aomame respondeu, limpando o suor do rosto:

— O que faço é apenas algo prático. Apreendi na faculdade a estrutura e as funções de cada musculatura e fui me aperfeiçoando. Aprimorei alguns detalhes técnicos e criei o meu próprio sistema de trabalho, com base nos conhecimentos empíricos. Com esta técnica, a “verdade” pode ser vista e comprovada. Apesar de, obviamente, isso envolver uma considerável dor.

O homem abriu os olhos e fitou Aomame com interesse.

— É isso o que você pensa.

— Como? — disse Aomame.

— Que a verdade é aquilo que se pode ver e comprovar.

Aomame entortou levemente os lábios.

— Não quis dizer que todas as verdades funcionam dessa maneira. *Estou me referindo apenas à área em que atuo profissionalmente.* É claro que, se isso se aplicasse a todas as áreas, seria bem mais fácil entender as coisas.

— Não creio — disse o homem.

— Por quê?

— A maioria das pessoas não busca a comprovação da verdade. A verdade quase sempre traz consigo uma intensa dor, como você mesma acabou de dizer. Elas não buscam a verdade que vem acompanhada da dor. O que as pessoas querem é uma história bonita e agradável, que as faça enxergar um sentido em suas vidas. É por isso que existem as religiões.

O homem virou o pescoço algumas vezes e prosseguiu:

— Se a teoria “A” mostrar que a existência de um homem ou de uma mulher possui algo de significativamente profundo, essa teoria será considerada verdadeira. Por outro lado, se a teoria “B” mostrar que a existência desse homem e dessa mulher é impotente e insignificante, ela será considerada falsa. Isso está bem claro. Se alguém insistir que a teoria “B” é a verdadeira, as pessoas provavelmente vão odiá-la, criticá-la e, dependendo do caso, atacá-la. Para essas pessoas, não importa se a teoria “B” possui algum tipo de lógica que se possa provar. A maioria das pessoas se recusa a enxergar sua própria imagem como impotente e insignificante e, ao negar isso, tenta manter, de um modo ou de outro, sua própria saúde mental.

— Mas o corpo da pessoa, de todas as pessoas, a despeito das diferenças, não deixa de ser algo impotente e insignificante. Não é óbvio? — indagou Aomame.

— Você tem razão — disse o homem. — Todos os corpos, apesar das diferenças, não passam de algo impotente, insignificante, condenado a se deteriorar e desaparecer. É uma verdade incontestável. Mas e a alma?

— Procuo não pensar na alma.

— Por quê?

— Porque não vejo necessidade de pensar nisso.

— Por que não há necessidade de pensar nisso? Pensar na própria alma, independentemente de ser algo prático ou não, não seria uma tarefa essencial na vida de uma pessoa?

— Eu tenho o amor — disse Aomame, resoluta.

“Não é possível! O que estou dizendo?”, pensou Aomame. “Estou falando de amor com um homem que pretendo matar.”

Como o vento a formar ondulações na superfície de águas calmas, o homem esboçou um sorriso espontâneo, que denotava simpatia.

— Basta sentir amor? — perguntou o homem.

— Isso mesmo.

— Quando você se refere ao amor, está se referindo a uma pessoa em particular?

— Estou — disse Aomame. — Me refiro a um homem real.

— Um corpo impotente e insignificante e um amor absoluto e imaculado — disse o homem, com a voz serena. E, um tempo depois, prosseguiu: — Pelo visto, você não precisa de religião.

— Acho que não.

— Sua maneira de ser é por si só uma religião.

— Você acabou de dizer que a religião oferece uma hipótese muito melhor que a verdade. Como é o grupo religioso que você lidera?

— Para falar a verdade, eu não acho que o que faço seja uma atividade religiosa — disse o homem. — Apenas escuto algumas vozes e as transmito aos demais. Sou o único que consegue escutar essas vozes. E o que escuto, evidentemente, é a verdade. Mas não existe nenhuma prova de que essa mensagem *seja verdadeira*. A única coisa que posso fazer é materializar as pequenas graças que recebo.

Aomame mordeu levemente os lábios e colocou a toalha no chão. Teve ímpetos de perguntar que tipo de graça seria, mas achou melhor se conter. A conversa ficaria longa e ela ainda precisava terminar uma tarefa importante.

— Você poderia ficar novamente de bruços? Para finalizar, gostaria de fazer um relaxamento nos músculos do pescoço — disse Aomame.

O homem deitou seu enorme corpo sobre o colchonete e mostrou a nuca grossa para Aomame.

— De qualquer modo, você possui um toque mágico — disse ele.

— Toque mágico?

— Seus dedos possuem um poder fora do comum. As pontas de seus dedos têm uma perspicaz sensibilidade, capaz de encontrar pontos específicos no corpo de uma pessoa. É uma qualidade especial, que somente algumas pessoas têm. Não é um conhecimento que se aprende na escola ou com a prática. Eu também possuo algo assim, apesar de ser algo muito diferente. Mas, como toda graça recebida, há de se pagar um preço por ela.

— Nunca pensei desse modo — disse Aomame. — Eu apenas estudei e treinei muito por conta própria até conseguir aprimorar a técnica. Não recebi isso de ninguém.

— Não tenho intenção de discutir isso. Mas é bom que você saiba que os deuses dão e os deuses tiram. Mesmo que você não saiba que recebeu, os deuses sabem exatamente o que lhe deram. Eles jamais esquecem. O importante é usar cuidadosamente essa habilidade

que lhe foi dada.

Aomame observou os dedos de suas mãos e os colocou sobre a nuca do homem. Concentrou-se nas pontas. *Os deuses dão e os deuses tiram.*

— Falta mais um pouco. Por hoje, falta apenas este último detalhe — disse Aomame com a voz seca, olhando as costas do homem.

Aomame pensou ter escutado um relâmpago ao longe. Levantou o rosto e olhou para fora da janela. Não conseguiu ver nada, apenas o céu escuro. Mas, logo em seguida, ouviu novamente o mesmo som que soou vazio no silêncio do quarto.

— Vai começar a chover — disse o homem com a voz desprovida de emoção.

Aomame colocou a mão sobre a enorme nuca do homem para encontrar aquele ponto específico. Isso exigia uma concentração especial. Fechou os olhos, conteve a respiração e aguçou os ouvidos para ouvir o fluxo sanguíneo. Os dedos tentaram interpretar as informações detalhadas que a elasticidade da pele e a temperatura lhe transmitiam. Havia apenas um único ponto, e este era muito pequeno. Em algumas pessoas esse ponto era facilmente identificável; em outras, nem tanto. O homem a quem chamavam de líder se enquadrava indubitavelmente no segundo caso. Em sentido figurado, era como encontrar uma única moeda, num quarto totalmente escuro, apalpando as coisas com o devido cuidado para não fazer barulho. Apesar da dificuldade, Aomame finalmente conseguiu encontrar o ponto. Colocou o dedo sobre ele e registrou mentalmente o toque e a posição correta, como se estivesse marcando um local num mapa. Ela tinha uma capacidade especial para fazer isso.

— Por favor, mantenha-se nessa posição — disse Aomame para o homem de bruços. Em seguida, estendeu o braço para pegar a bolsa que estava ao lado, e tirou de dentro dela um estojo com o pequeno picador de gelo.

— Existe apenas um ponto na nuca que ainda está bloqueando o fluxo sanguíneo — disse Aomame serenamente. — É um ponto que não consigo desbloquear com a força dos dedos. Se eu conseguir desobstruir esse ponto, creio que a dor irá diminuir, e muito. Vou enfiar uma agulha no local. É uma área delicada, mas já fiz isso várias vezes e não há com o que se preocupar. Você me permite?

O homem respirou fundo.

— Estou totalmente em suas mãos. Se for para eliminar a dor que sinto, não importa o que faça, eu concordo.

Aomame tirou o picador de gelo do estojo e removeu a

pequena cortiça da ponta. A extremidade da agulha continuava mortal como sempre. Em seguida, pegou o picador com a mão esquerda e, com o indicador da mão direita, tentou encontrar o ponto que localizara havia pouco. Não havia erro. Era o ponto, o único. Ela colocou a ponta da agulha sobre ele e respirou fundo. Agora só faltava bater o cabo com a mão direita, como um martelo, e deixar que aquela agulha extremamente pontuda *penetrasse* deslizando até o fundo. Com isso estava tudo terminado.

Mas *alguma coisa* a impediu de fazê-lo. Aomame não conseguia descer a mão direita que estava suspensa no ar. “Fazendo isso estava tudo terminado”, pensou. Com apenas um golpe, ela o mandaria para o “outro lado”. Depois, sairia do quarto como se nada tivesse acontecido, mudaria o rosto e o nome e assumiria uma nova identidade. Ela era capaz de fazer isso. Não tinha medo nem culpa. Aquele homem, sem dúvida, merecia morrer pela prática recorrente de atos repulsivos. Mas, por alguma razão, ela não conseguia fazê-lo. O que a fazia hesitar era uma dúvida inoportuna e sem nexos.

Sua intuição lhe dizia que *as coisas estavam se encaminhando de modo muito fácil*.

Estava ciente de que não havia motivo para se preocupar, mas havia algo de errado, algo de anormal. Inúmeros sentimentos contraditórios colidiam em sua mente, atacando-se uns aos outros. Aomame contraiu intensamente o rosto na penumbra.

— O que aconteceu? — o homem perguntou. — Estou esperando... Esse último detalhe.

Ao ser indagada, Aomame finalmente entendeu o motivo de hesitar fazer *aquilo*. *Aquele homem sabia* o que ela pretendia fazer.

— Não precisa hesitar — disse o homem com a voz serena. — Está tudo bem. O que você quer fazer é exatamente o que eu quero que faça.

O ribombar das trovoadas continuava, mas não se viam os relâmpagos. A única coisa que se ouvia era um som de uma artilharia distante. O campo de batalha ainda estava longe. O homem prosseguiu:

— Isso sim é um *tratamento* perfeito. Você fez um alongamento muscular muito bem-feito. O meu respeito por sua habilidade é sincero. Mas, como você mesma disse, é apenas um tratamento paliativo. Minha dor evoluiu a tal ponto que somente deixará de existir ao romper a raiz da vida. O único jeito é descer ao porão e desligar a chave principal. E você está prestes a fazer isso.

Aomame segurava a agulha com a mão esquerda, a extremidade apoiada no ponto especial da nuca, a mão direita suspensa no ar. Ela não podia continuar nem desistir.

— Se eu quisesse impedi-la de fazer isso, eu o faria de

qualquer modo. Isso seria fácil — disse o homem. — Tente abaixar a mão direita.

Aomame tentou baixar a mão conforme sugerido, mas não conseguia mexê-la de jeito nenhum. A mão direita parecia uma estátua de pedra congelada no ar.

— Não foi porque eu quis, mas tenho esse poder. Agora você já pode mexer a sua mão direita e, com isso, a minha vida estará novamente em suas mãos.

Aomame sentiu que podia mexer livremente a mão direita, abrindo-a e fechando-a. Não sentiu nenhum incômodo. Podia ser uma espécie de hipnotismo, mas, fosse o que fosse, a força era muito poderosa.

— Eu recebi esse tipo de poder especial, mas, por outro lado, eles me forçaram a fazer muitas coisas. O desejo deles acabou se tornando o meu desejo. Eram desejos implacáveis, impossíveis de contrariar.

— *Eles?* — disse Aomame. — Está se referindo ao Povo Pequenino?

— Você já sabe sobre *eles*? Muito bem. Assim a conversa fica mais fácil.

— Só sei o nome deles. Não sei quem é esse Povo Pequenino.

— Provavelmente, não existe ninguém capaz de dizer exatamente o que é esse Povo Pequenino — disse o homem. — A única coisa que as pessoas sabem é que eles existem. Você já leu *O ramo de ouro*, de Frazer?

— Não.

— É um livro interessante, que nos ensina muitas coisas. Numa época muito remota de nossa história, em várias regiões do mundo, o rei era morto quando terminava o seu mandato. O reinado durava de 10 a 12 anos. Quando se encerrava, as pessoas o procuravam para matá-lo de modo cruel. Para a vida em comunidade, isso era algo necessário, e o rei voluntariamente o aceitava. A morte tinha de ser cruel e sangrenta, e ser sacrificado dessa forma era uma grande honra para o rei. Por que ele precisava ser morto? Porque, naquela época, o rei, *aquele que ouvia as vozes*, era o representante dos homens. O rei, por vontade própria, tinha a função de servir de elo entre *eles* e *nós*. Após terminar seu mandato, era imprescindível para a comunidade matar *quem ouvia as vozes* com requintes de crueldade. Para manter o equilíbrio entre a consciência dos homens que viviam na Terra e o poder desencadeado pelo Povo Pequenino. Antigamente, governar era o mesmo que ouvir a voz de deus. Obviamente esse sistema foi abolido e o rei deixou de ser morto. A monarquia se tornou um governo secular e hereditário. Foi assim que os homens deixaram de ouvir a voz de deus.

Aomame, inconscientemente, pôs-se a abrir e fechar a mão direita suspensa no ar enquanto ouvia o que o homem lhe contava.

Ele prosseguiu.

— *Eles* já tiveram vários nomes, às vezes nem nome tiveram. *Eles apenas estavam lá*. A denominação Povo Pequenino é apenas uma nomenclatura adotada por conveniência. Naquela época, minha filha ainda era pequena e foi ela que passou a chamá-los de “homens pequeninos”. Foi ela que os trouxe para cá, e eu passei a chamá-los de “Povo Pequenino”.

— E você se tornou o rei.

O homem inspirou intensamente e reteve o ar nos pulmões durante um tempo para, em seguida, soltá-lo lentamente.

— Não sou rei. Mas aquele *que escuta as vozes*.

— E agora quer ser cruelmente morto.

— Não. Não precisa ser uma morte cruel. Estamos em 1984, no centro de uma grande metrópole. Não é necessária uma morte sanguinolenta. Basta tirar a minha vida.

Aomame balançou a cabeça e tentou relaxar os músculos do corpo. A extremidade da agulha continuava apoiada sobre um determinado ponto da nuca, mas ela não tinha vontade de matar aquele homem.

— Você andou estuprando várias crianças. Crianças em torno dos 10 anos — disse Aomame.

— Isso mesmo — o homem concordou. — Em linhas gerais, é isso mesmo. Pela lei dos homens, sou um criminoso por manter relações sexuais com garotas impúberes. Apesar de eu não desejar isso.

Aomame se limitou a respirar fundo. Ela não sabia como aplacar o fluxo de intensas emoções que se agitavam dentro de seu corpo. Ela contraiu os músculos faciais, e a mão direita e a esquerda pareciam desejar coisas diferentes.

— Gostaria que você tirasse minha vida — disse o homem. — Independentemente das implicações que isso possa suscitar, acho melhor eu não viver mais neste mundo. Para manter o equilíbrio deste mundo, sou uma pessoa que deve ser eliminada.

— O que vai acontecer se eu te matar?

— O Povo Pequenino perde aquele que ouve suas vozes. E não tenho um herdeiro.

— Como você consegue acreditar numa coisa dessas? — disse Aomame, como que jogando as palavras por entre os lábios. — Você não passa de um perverso sexual que está tentando se justificar e legitimar uma conduta abominável. Nunca existiu o Povo Pequenino, nem a voz de deus nem a graça divina. Você é só mais um impostor sem-vergonha se passando por profeta ou líder religioso.

— Preste atenção no relógio de mesa — disse o homem sem erguer o rosto. — Ele está sobre a cômoda da direita.

Aomame se virou para a direita e viu um relógio numa moldura de mármore sobre a cômoda. O relógio parecia ser bem pesado.

— Veja o relógio e não tire os olhos dele.

Aomame seguiu as instruções, observando-o atentamente. Sob os seus dedos, ela sentiu os músculos daquele homem enrijecerem como pedra. Era inacreditável quão intenso era o poder daquela energia. Como resposta, o relógio levantou cerca de cinco centímetros da cômoda e tremia, hesitante, flutuando no ar por cerca de dez segundos. Então, os músculos começaram a perder a força e o relógio caiu sobre a cômoda, fazendo um barulho seco, como se lembrasse, de repente, que existia gravidade na Terra.

— Mesmo para fazer uma coisa tão simples assim é necessário concentrar muita energia — disse o homem, após soltar todo o ar contido em seu corpo. — O suficiente para encurtar uma vida. Mas espero que ao menos você tenha entendido que não sou um *impostor sem-vergonha*.

Aomame não disse nada. O homem respirou fundo várias vezes para recuperar as forças. O relógio de mesa continuava sobre a cômoda, marcando as horas impassível e silencioso. Somente a posição é que ficara um pouco torta. Aomame ficou em silêncio, observando atentamente o relógio mudar os segundos até completar uma volta.

— Você possui uma capacidade especial — disse ela, num tom sério.

— Como você acabou de ver.

— Se não me engano, em *Os irmãos Karamazov* temos uma história sobre Jesus e o diabo — disse Aomame. — Quando Jesus está no deserto passando por uma severa provação, o diabo pede que ele faça um milagre: transformar pedra em pão. Mas Jesus o ignora, pois o milagre é a tentação do diabo.

— Conheço esse episódio. Eu também li *Os irmãos Karamazov*. E você tem razão. Esse tipo de exibição não serve para nada. Mas como eu precisava te convencer num curto espaço de tempo, não tive escolha.

Aomame manteve-se em silêncio.

— Neste mundo não há um bem absoluto nem um mal absoluto — disse o homem. — O bem e o mal não são coisas fixas e estáticas, estão constantemente mudando de posição. Uma coisa boa pode no instante seguinte se tornar uma coisa má. O oposto também é válido. Dostoiévski retrata em *Os irmãos Karamazov* essa condição que permeia o mundo. O importante é manter o equilíbrio entre o bem e o

mal, que sempre mudam de lugar. Se a balança pender para um único lado, fica difícil manter os valores morais no plano da realidade. Pois então: *o bom é o equilíbrio*. E é justamente nesse sentido que, para que se possa manter o equilíbrio, devo morrer.

— Eu não vejo motivo para matá-lo — disse Aomame categoricamente. — Você já deve saber que vim aqui com essa intenção. Não consigo perdoar uma pessoa como você. Não importa o que aconteça, minha intenção era eliminá-lo deste mundo. Mas agora não tenho mais essa *intenção*. Você está sofrendo muito e dá para perceber isso. Você vai continuar a sofrer muito até morrer. Não tenho vontade de lhe proporcionar uma morte tranquila com as minhas mãos.

O homem concordou discretamente, ainda de braços.

— Se você me matar, o meu pessoal vai te perseguir até conseguir te capturar. É um pessoal fanático, são poderosos e obstinados. Se eu deixar de existir, o grupo vai perder sua força. Mas, uma vez formada a estrutura, ela própria passa a ter autonomia.

Aomame continuou a escutar, enquanto ele falava de braços.

— Eu fiz uma coisa muito ruim com a sua amiga — disse o homem.

— Minha amiga?

— A sua amiga das algemas. Como era o nome dela?

Uma repentina quietude tomou conta de Aomame. O conflito interior havia se dissipado. Pairou apenas um pesaroso silêncio.

— Ayumi Nakano — disse Aomame.

— Uma infelicidade.

— Foi você que fez *aquilo*? — perguntou Aomame com frieza.

— Foi você que a matou?

— Não. Eu não a matei.

— Então como é que você sabe que ela foi assassinada.

— Foram nossos pesquisadores que fizeram uma investigação — disse o homem. — Não sabemos quem a matou. O que se sabe é que sua amiga policial foi estrangulada num hotel.

Aomame sentiu a mão direita novamente imobilizada.

— Mas você acabou de dizer que fez uma coisa muito ruim com a minha amiga.

— Quero dizer que não pude fazer nada para impedir. Seja lá quem for o assassino, o primeiro alvo deles é sempre a parte frágil. É como os lobos, que escolhem e atacam a ovelha mais fraca do rebanho.

— Está querendo dizer que Ayumi era o meu ponto fraco?

O homem não respondeu.

Aomame fechou os olhos.

— Mas por que eles a mataram? Ela era uma garota muito boa,

que nunca fez mal a ninguém. Por quê? Por eu estar envolvida *nisso*? Se for isso, por que não acabaram de vez comigo?

O homem prosseguiu:

— Eles não querem acabar com você.

— Por quê? — perguntou Aomame. — Por que não conseguem acabar comigo?

— Porque você é um ser especial.

— Um ser especial — disse Aomame. — Em que sentido?

— Em breve você irá descobrir.

— Em breve?

— Quando chegar a hora.

Aomame contorceu novamente o rosto.

— Não consigo entender o que você está querendo dizer.

— Um dia você vai entender.

Aomame balançou a cabeça.

— De qualquer modo, agora eles não podem me atacar. Por isso, entre as pessoas do meu convívio, mataram o meu *ponto fraco*. Uma advertência para que eu não tire a sua vida.

O homem continuou calado. O silêncio era um sinal de afirmação.

— Que crueldade — disse Aomame. — O fato de matá-la não mudou em nada a realidade.

— Não. Eles não são assassinos. Eles não destroem a pessoa com as próprias mãos. Quem matou sua amiga, provavelmente, foi algo que ela guardava dentro de si. Cedo ou tarde, ia acontecer uma tragédia como aquela. A vida dela era pautada pelo risco. Eles apenas deram um estímulo, como se ajustassem um temporizador.

Um temporizador?

— Ela não era um forno elétrico. Era uma pessoa de carne e osso. Não importa se ela vivia de forma arriscada ou não, o que importa é que era uma amiga muito especial. Vocês tiraram a vida dela de forma leviana, sem nenhum motivo, e de modo muito cruel.

— A sua raiva é legítima — disse o homem. — Desconte essa raiva em mim.

Aomame balançou a cabeça.

— De que adianta tirar sua vida se isso não vai trazer Ayumi de volta?

— Mas com isso você estará revidando o Povo Pequenininho. Seria uma espécie de vingança. Eles ainda não querem que eu morra. Se eu morrer aqui, cria-se um vácuo. Pelo menos temporariamente, até encontrarem meu sucessor. Para eles, será um golpe duro. E, para você, não deixa de ser um benefício.

— Alguém disse que “não existe algo mais oneroso e menos lucrativo do que a vingança” — Aomame falou.

— Winston Churchill. Se não me engano, ele falou isso para justificar o déficit orçamentário do Império Britânico. Não está embasado em preceitos morais.

— Não ligo para esses preceitos morais. Não importa o que eu faça, o fato é que o seu corpo está sendo carcomido por alguma coisa desconhecida que vai levá-lo a uma morte sofrida. Eu não tenho nenhum motivo para me apiedar de você. A culpa não será minha se o mundo perder a moralidade e se destruir por completo.

O homem novamente respirou fundo.

— Tudo bem. Entendi o que você quer dizer. Proponho o seguinte: vamos fazer uma espécie de acordo. Se você tirar minha vida, em troca salvarei a vida de Tengo Kawana. Pelo menos ainda me restam forças para isso.

— Tengo — disse Aomame. Seu corpo começou a perder a força. — Você também sabe *disso*.

— Eu sei tudo sobre você. Não disse? Sei *praticamente* tudo.

— Mas você não tinha como adivinhar isso. O nome de Tengo nunca saiu de dentro de mim. Eu mesma nunca pronunciei seu nome.

— Senhorita Aomame — disse o homem, soltando um suspiro desanimado. — Não existe nada neste mundo que não tenha saído do coração de alguém. Nesse momento, *por acaso*, Tengo Kawana tornou-se um ser muito importante para nós.

Aomame se calou, sem palavras.

— Para falar a verdade, não é um mero acaso. O fato de vocês se encontrarem aqui não se deve apenas aos rumos dos acontecimentos. Vocês precisavam pisar neste mundo. E, a partir do momento em que pisaram nele, queiram ou não, vocês precisam cumprir a função que lhes foi atribuída.

— Pisamos neste mundo?

— Isso mesmo. No ano de 1Q84.

— 1Q84? — disse Aomame, contorcendo novamente o rosto. *Mas essa palavra fui eu que inventei.*

— Isso. É uma palavra que você inventou — disse o homem, como se lesse os seus pensamentos. — Eu a estou apenas tomando emprestada.

Aomame balbuciou a palavra 1Q84.

— Não existe nada neste mundo que não tenha saído do coração de alguém — o Líder repetiu, com a voz serena.

Não se pode contar nos dedos

Tengo conseguiu voltar para o apartamento antes de a chuva começar, caminhando a passos largos da estação até sua casa. Não havia uma única nuvem no céu de fim de tarde. Nem indícios de chuva ou de trovoadas. Olhou em volta e não viu ninguém com guarda-chuva. Era um agradável entardecer de final de verão, ideal para ir ao estádio de beisebol assistir a uma partida e tomar uma cerveja. No entanto, Tengo estava disposto a aceitar incondicionalmente o que Fukaeri lhe havia dito. Achou que acreditar nela seria melhor do que não acreditar. Mais do que a razão, neste caso, a experiência é que imperava.

Ao verificar sua caixa de correio, Tengo encontrou um envelope comercial sem remetente que resolveu abrir ali mesmo para ver do que se tratava. Era um aviso de que, em sua conta corrente, estava disponível o valor de 1.627.534 ienes. O depósito fora efetuado pela “Office ERI”, possivelmente aquela empresa fantasma criada por Komatsu. Mas também poderia ter sido o próprio professor Ebisuno que providenciara o depósito. Komatsu já lhe havia dito que repassaria, a título de direitos autorais, uma percentagem das vendas de *Crisálida de ar*. O valor provavelmente seria a tal “parte” que lhe cabia. A discriminação do depósito devia estar especificada como “honorários de colaborador” ou “honorários de pesquisa”. Após verificar novamente a quantia depositada, Tengo recolocou o comunicado no envelope e o guardou no bolso.

Para Tengo, 1,6 milhão de ienes era muito dinheiro (na verdade, ele nunca havia recebido uma bolada tão grande como esta em toda a sua vida), mas nem por isso estava feliz ou surpreso. Naquele momento, o dinheiro não era uma questão prioritária em sua vida. Para começar, ele tinha uma renda regular suficiente para manter seu padrão de vida, sem privações, e pelo menos naquele momento ainda não estava preocupado com o futuro. No entanto, todos queriam lhe oferecer quantias consideráveis de dinheiro. O mundo tinha suas esquisitices.

Por outro lado, achou que 1,6 milhão não compensava os inúmeros transtornos que o trabalho na *Crisálida de ar* estavam lhe causando. Se alguém lhe perguntasse diretamente: “Então, me diga, quanto você acha que seria o valor adequado?”, Tengo não saberia o

que responder. Para início de conversa, não sabia se havia um valor que pudesse considerar adequado para tamanho incômodo. No mundo devem existir inúmeros incômodos que não podem ser avaliados em termos monetários, além daqueles pelos quais ninguém se daria ao trabalho de pagar. Como a *Crisálida de ar* continuava vendendo, presumia-se que novos depósitos seriam feitos posteriormente em sua conta, mas, na medida em que fossem efetuados, outros problemas surgiriam. Quanto maior a soma das remunerações, mais concreto se tornaria o envolvimento de Tengo com a *Crisálida de ar*.

Tengo pensou em devolver o pouco mais de um milhão para Komatsu na manhã do dia seguinte. Assim evitaria ter de assumir uma certa responsabilidade e, de quebra, se sentiria mais aliviado. Em todo caso, o fato de ele recusar a remuneração seria formalizado. Mas isso não eliminaria sua responsabilidade moral e tampouco justificaria o que já havia feito. A única coisa que sua atitude proporcionaria seria, quando muito, uma “atenuação das circunstâncias”, ou justamente o seu oposto, ou seja, tornaria a suspeita de fraude ainda maior, pois a devolução poderia ser interpretada como sendo motivada pelo peso na consciência.

Ao pensar nisso e naquilo, Tengo começou a sentir dor de cabeça e decidiu deixar o assunto de lado. Era uma questão em que poderia perfeitamente pensar depois, com calma. O dinheiro não era um ser vivo e, deixando-o onde estava, ele não sairia correndo. Talvez.

Enquanto subia as escadas até o segundo andar, Tengo pensou em que medida esse problema atual poderia de fato ajudá-lo a recomeçar a vida. Ao visitar o pai na península de Bôsô, ele praticamente pôde concluir que aquele homem não era o seu pai de verdade e, com isso, conseguira se colocar numa posição que seria o ponto de partida para uma nova vida. Era uma ótima oportunidade. Não seria nada mau cortar de vez tudo o que fosse relacionado com os problemas que vinha enfrentando ultimamente para começar uma nova fase em sua vida: um emprego novo, um lugar novo e relacionamentos novos. Apesar de ainda não se sentir totalmente confiante, sua intuição lhe dizia que ele seria capaz de ter uma vida um pouco mais coerente a partir de então.

Antes, porém, precisava colocar algumas coisas em ordem. Não podia simplesmente desaparecer, deixando para trás Fukaeri, Komatsu e o professor Ebisuno. Não que lhe coubesse algum tipo de obrigação ou responsabilidade moral; Ushikawa tinha razão ao dizer que, na atual situação, Tengo é que estava sendo constantemente incomodado. Mas, por mais que ele tivesse sido empurrado para a situação, e que desconhecesse as artimanhas por trás daquilo, na prática ele

participara de tudo. Portanto, não caberia, a essa altura, dizer “não sei no que isso vai dar, mas, por mim, vocês podem fazer o que quiserem”. Independentemente do lugar para onde pretendesse ir, Tengo queria de alguma forma resolver a situação, deixando em ordem os seus assuntos pessoais. Se não agisse dessa forma, sua nova vida estaria fadada a começar contaminada.

A palavra “contaminação” fez com que Tengo se lembrasse de Ushikawa. “Tinha de ser Ushikawa”, pensou Tengo, suspirando. Aquele homem tinha informações sobre sua mãe, e chegou a dizer que poderia passá-las para Tengo.

Se o senhor quiser saber, posso entregar todos os relatórios que contenham informações sobre a sua mãe. Pelo que entendi, o senhor cresceu sem saber nada sobre ela. Mas saiba que, dentre as informações, algumas não são muito agradáveis.

Tengo nem se dera ao trabalho de responder. Ele se recusava a obter informações sobre a mãe da boca de Ushikawa. Quaisquer informações dadas por ele, independentemente do que fossem, se transformariam em algo contaminado. Não. Tengo se recusava a ouvi-las, não importava da boca *de quem* fosse. As notícias sobre sua mãe, caso alguém as fosse dar, não poderiam vir de modo fragmentado, mas como uma “revelação” completa. Uma revelação que, em questão de segundos, lhe desse uma compreensão de abrangência cósmica.

Ele não sabia, claro, se algum dia iria ter uma revelação de tal magnitude dramática. Talvez isso nunca viesse a acontecer. Mas sentia a necessidade de que algo grandioso lhe fosse revelado; algo capaz de questionar e abarcar aquele devaneio, aquela imagem vívida, que durante tantos anos o fizera se sentir confuso, vulnerável, constantemente angustiado. A revelação era necessária para que ele se sentisse purificado e, nesse sentido, dados parciais não adiantavam de nada.

Tengo pensava nisso enquanto subia as escadas até o segundo andar.

Parou em frente à porta do seu apartamento, tirou a chave do bolso e a colocou na fechadura. Bateu três vezes, aguardou um instante e bateu novamente duas vezes, para só então abri-la com cuidado.

Fukaeri estava sentada na mesa da cozinha e tomava suco de tomate num copo alto. Estava com a mesma roupa de quando chegara: uma camisa listrada masculina e uma calça jeans azul de corte reto. Porém ela parecia bem diferente de quando ele a vira naquela manhã. Era porque — Tengo levou tempo para perceber — ela estava com o cabelo preso, com as orelhas e o pescoço à mostra. O par de pequenas orelhas rosadas parecia ter acabado de ser feito e, para finalizar, uma

escova de cerdas macias havia deixado a pele lisa, sem marcas. Pareciam ter uma finalidade puramente estética, e não a função objetiva de ouvir sons. Pelo menos era assim que Tengo as via. O pescoço elegante, fino e longo, resplandecia como o brilho das verduras que crescem sob os auspícios da abundante luz solar. Um pescoço imaculado, que combinava com o orvalho da manhã e as joaninhas. Apesar de ser a primeira vez que Tengo a via de cabelo preso, aquela imagem lhe transmitia beleza e uma sensação de milagrosa intimidade.

Tengo havia fechado a porta atrás de si, mas se mantinha parado na entrada. As orelhas e o pescoço dela o deixaram confuso e encabulado, como se estivesse diante de uma mulher totalmente nua. Como um explorador que acabou de descobrir uma fonte secreta na nascente do Nilo, permaneceu mudo, os olhos fixos em Fukaeri. Suas mãos continuavam segurando a maçaneta.

— Acabei de tomar banho — disse Fukaeri, olhando para Tengo, que seguia petrificado. Sua voz estava séria como se, de súbito, lembrasse de dizer algo importante. — Usei seu xampu e o condicionador.

Tengo assentiu e, após suspirar, finalmente tirou a mão da maçaneta para trancar a porta. Xampu e condicionador? Deu alguns passos e se afastou da porta.

— Depois que falei com você, alguém telefonou? — perguntou Tengo.

— Não tocou nenhuma vez — respondeu Fukaeri, balançando sutilmente a cabeça.

Tengo se aproximou da janela e abriu um pouco a cortina para ver como estava lá fora. A paisagem vista do segundo andar era a mesma de sempre. Na rua não havia ninguém suspeito e nenhum carro estranho estacionado. O que se via era apenas o cenário corriqueiro de uma pacata área residencial: as árvores que ladeavam a rua com seus galhos cobertos com uma camada cinzenta de pó, grades de proteção com vários amassados e bicicletas abandonadas, em processo de oxidação. Um slogan da polícia, “Dirigir bêbado é um caminho de mão única para destruir a vida”, estava afixado no muro (será que a polícia tinha um setor especializado em criar aquelas mensagens?). Um velho mal-encarado passeava com um vira-lata que parecia pouco inteligente. Uma mulher de aparência aparvalhada dirigia um carro pequeno e feio. Postes de iluminação horrorosos suspendiam horrendos cabos de eletricidade. A paisagem que se via pela janela sugeria que o mundo era composto de uma variedade infinita de formas, retratando microcosmos situados entre a “miséria” e a “ausência de alegria”.

Por outro lado, no mundo havia coisas incrivelmente belas,

como as orelhas e o pescoço de Fukaeri. Difícil era discernir em qual daquelas duas realidades podia acreditar. Tengo soltou um discreto grunhido do fundo da garganta, como um cão enorme e confuso. Fechou a cortina e voltou ao seu modesto mundo particular.

— O professor Ebisuno sabe que você está aqui? — perguntou Tengo.

Fukaeri balançou a cabeça. O professor não sabia.

— Você pretende avisar?

Fukaeri balançou a cabeça e disse:

— Não tenho como avisar.

— É perigoso?

— O telefone pode estar grampeado, e a correspondência pode não chegar.

— Só eu sei que você está aqui?

Fukaeri fez que sim.

— Você trouxe roupas limpas?

— Poucas — disse Fukaeri, olhando uma bolsa de lona. Com certeza, não cabia muita coisa ali. — Mas eu não me importo — completou.

— Se você não se importa, eu também não vou me importar — disse Tengo.

Ele foi para a cozinha esquentar água na chaleira. Colocou folhas de chá preto no bule.

— A sua amiga vai vir aqui — perguntou Fukaeri.

— Ela não vem — respondeu Tengo, sem entrar em detalhes.

Fukaeri fitou Tengo em silêncio.

— Por ora — acrescentou ele.

— É por minha causa — perguntou Fukaeri.

Tengo negou com a cabeça.

— Não sei de quem é a culpa. Mas não deve ser por sua causa. Talvez eu é que seja o culpado e, de certo modo, ela também tenha sua parcela de culpa.

— De qualquer modo, ela não vai mais vir aqui.

— Isso mesmo. Ela não vai mais vir aqui. Creio eu. Por isso, você pode ficar o quanto quiser.

Fukaeri pensou um pouco no assunto.

— Ela era casada — perguntou Fukaeri.

— Sim. Era casada e tinha dois filhos.

— Os filhos não são seus.

— É claro que não. Ela já os tinha antes mesmo de eu a conhecer.

— Você gostava dela.

— Acho que sim — disse. “Considerando as limitadas condições”, pensou.

- Ela também gostava de você.
- De certa forma, acho que gostava.
- Vocês faziam relação.

Tengo levou um tempo para perceber que a palavra “relação” queria dizer “sexo”. E era difícil imaginar aquela palavra saindo da boca de Fukaeri.

— É claro que sim. Ela não vinha aqui uma vez por semana para jogar Banco Imobiliário.

— Banco Imobiliário — perguntou Fukaeri.

— Deixa pra lá — disse Tengo.

— Mas ela não vai mais vir aqui.

— Foi o que me disseram. Que ela não podia mais vir aqui.

— Ela disse isso — perguntou Fukaeri.

— Não. Não foi ela que me disse isso. Foi o marido dela. Ele disse que *ela estava perdida* e que não poderia mais vir aqui.

— Está perdida.

— Não sei exatamente o que isso significa. Perguntei, mas não obtive resposta. São muitas as perguntas e poucas as respostas. Uma negociação desigual. Você quer chá?

Fukaeri fez que sim.

Tengo colocou a água quente no bule, tampou e aguardou o tempo de infusão.

— Não há o que fazer — disse Fukaeri.

— O fato de não ter respostas? Ou de estar perdida?

Fukaeri não respondeu.

Tengo, resignado, serviu o chá nas xícaras.

— Açúcar?

— Uma colher rasa — disse Fukaeri.

— Limão ou leite?

Fukaeri recusou com a cabeça. Tengo colocou uma colher de açúcar na xícara, mexendo delicadamente antes de passá-la a Fukaeri. Depois, pegou a sua própria xícara, sem adicionar nada, e se sentou à sua frente.

— Você gostava de fazer relação — perguntou Fukaeri.

— Se eu gostava de fazer sexo com a minha namorada? — Tengo reformulou a frase em tom de interrogação.

Fukaeri assentiu.

— Creio que gostava — respondeu Tengo. — Fazer sexo com alguém do sexo oposto e com quem a gente se identifica é algo de que as pessoas costumam gostar.

“Ainda mais porque ela era muito boa nisso”, Tengo pensou. Assim como em toda aldeia existe pelo menos um camponês exímio na irrigação, ela era exímia em fazer sexo. Sempre gostava de experimentar novas técnicas.

- Está triste por ela não vir — perguntou Fukaeri.
- Acho que sim — disse Tengo, e tomou um gole do chá.
- Porque não pode fazer relação.
- Também.

Fukaeri permaneceu durante um tempo em silêncio, observando o rosto de Tengo. Parecia estar pensando em algo relacionado a sexo. Mas é desnecessário dizer que ninguém seria capaz de descobrir o que ela realmente pensava.

- Está com fome? — perguntou Tengo.

Fukaeri assentiu.

- Não comi quase nada desde de manhã.

— Vou preparar alguma coisa — disse Tengo. Ele também praticamente não tinha comido nada e estava com fome. Para falar a verdade, não tinha mais nada a fazer a não ser preparar o jantar.

Tengo lavou o arroz e ligou a panela elétrica. Enquanto o arroz cozinhava, preparou uma sopa de missô com alga desidratada e cebolinha, assou uma cavala defumada e tirou um pedaço de queijo de soja da geladeira, temperando-o com gengibre. Ralou o nabo e requentou numa panela uma porção de legumes previamente cozidos. Como acompanhamento, pegou uma porção de nabo e ameixa azeda, ambos em conserva. A cozinha parecia ainda menor quando Tengo começou a se movimentar de um lado para outro com o seu corpo grande, mas isso não o incomodava. Já estava acostumado a viver com as coisas que tinha.

- Desculpe, mas só sei preparar coisas simples — disse Tengo.

Fukaeri observava atentamente a habilidade com que Tengo preparava a refeição e, após ver todos os pratos dispostos sobre a mesa, comentou:

- Você está acostumado a cozinhar.

— É que eu vivo sozinho há muito tempo. Tenho o hábito de preparar refeições simples e sempre como sozinho, rapidamente.

- Você sempre come sozinho.

— Pois é. É muito raro fazer uma refeição com alguém. Antes eu almoçava *com ela* uma vez por semana, mas, pensando bem, faz muito tempo que não janto com alguém.

- Está nervoso — perguntou Fukaeri.

Tengo balançou a cabeça negativamente.

— Não. Não estou nervoso. É somente um jantar. É apenas uma questão de estranhamento.

— Eu sempre comia com muitas pessoas. Desde pequena vivia cercada de pessoas. Quando fui para a casa do professor também comia com muitas pessoas. Na casa dele sempre havia visitas.

Era a primeira vez que Fukaeri falava tantas frases seguidas.

— Mas no esconderijo você comia sozinha — disse Tengo.

Fukaeri concordou.

— Onde ficava o esconderijo? — perguntou Tengo.

— Bem longe. O professor é que arranjou o lugar.

— Quando você estava sozinha, o que costumava comer?

— Comida instantânea. Aquelas de embalagem — disse Fukaeri. — Faz muito tempo que eu não como comida caseira.

Fukaeri levou um bom tempo para separar a espinha do peixe com a ponta dos hashis. Depois levou um pedaço de peixe à boca e mastigou-o demoradamente, como se estivesse comendo algo muito precioso. Em seguida, tomou um gole de sopa de soja, pareceu aprovar o sabor e pousou os hashis sobre a mesa, pensativa.

Um pouco antes das nove, Tengo teve a vaga impressão de ouvir o som de trovões vindos de longe. Ao abrir uma fresta na cortina, notou que sinistras nuvens passavam uma após a outra no céu escuro.

— Você tinha razão. As nuvens estão carregadas e ameaçadoras — disse Tengo, fechando as cortinas.

— É porque o Povo Pequenino está inquieto — disse Fukaeri, com uma expressão séria no rosto.

— Quando o Povo Pequenino está inquieto ocorre uma alteração climática?

— Depende da situação. O tempo é uma questão de como você o interpreta.

— Uma questão de como se interpreta?

Fukaeri balançou a cabeça e disse:

— Eu não sei direito.

Tengo também não sabia. Para ele, o tempo sempre fora uma condição objetiva e autônoma, mas discutir essa questão não levaria a nada, por isso achou melhor mudar de assunto.

— Será que o Povo Pequenino está bravo com alguma coisa?

— Está para acontecer algo — disse a garota.

— Tipo o quê?

Fukaeri balançou a cabeça:

— Logo saberemos.

Eles lavaram a louça, enxugaram e a guardaram na prateleira. Depois, tomaram chá na mesa da cozinha, sentados um de frente para o outro. Tengo queria tomar uma cerveja, mas desistiu ao pressentir algo de ruim no ar. Naquele dia achou prudente ficar sóbrio, para o caso de algo acontecer.

— Acho melhor dormir cedo — disse Fukaeri, e comprimiu as bochechas com as mãos como o homem gritando na ponte no quadro

de Munch. Porém, Fukaeri não emitiu nenhum som. Estava apenas com sono.

— Está bem. Você dorme na cama e eu durmo no sofá, como da outra vez — disse Tengo. — Não se preocupe, eu consigo dormir em qualquer lugar.

Era verdade. Tengo conseguia dormir rapidamente em qualquer lugar. Era um talento que tinha.

Fukaeri concordou e ficou olhando durante um tempo para Tengo, sem expressar qualquer tipo de opinião. Depois, tocou de leve a sua bela orelha recém-saída do forno, como se procurasse se certificar de que ainda estava lá.

— Poderia me emprestar um pijama. Eu não trouxe.

Tengo abriu a gaveta da cômoda e entregou-lhe o pijama. Era o mesmo que ela usara da vez anterior. Um pijama de tecido de algodão liso e azul que ele havia lavado e guardado na gaveta. Tengo, por precaução, sentiu seu cheiro para se certificar de que não estava malcheiroso. Fukaeri o pegou, foi se trocar no banheiro e voltou para a mesa da cozinha. Ela havia soltado o cabelo e dobrado as mangas e as barras do pijama, como no outro dia.

— São quase nove da noite — disse Tengo, após olhar o relógio de parede. — Você sempre costuma dormir tão cedo assim?

Fukaeri negou com a cabeça.

— Hoje é exceção.

— É porque o Povo Pequenino está agitado?

— Não sei dizer. Só sei que agora estou com sono.

— Realmente, você parece sonolenta — admitiu Tengo.

— Se eu for para a cama você lê um livro ou conta uma história — perguntou Fukaeri.

— Tudo bem — disse Tengo. — Não tenho nada de especial para fazer.

A noite estava quente e úmida, mas, ao se deitar na cama e puxar o cobertor até o pescoço, uma nítida barreira entre o mundo de fora e o seu próprio mundo pareceu se instaurar. Uma vez dentro das cobertas, ela parecia uma garotinha. Não parecia ter mais que 12 anos. O ribombar dos trovões do lado de fora parecia bem mais intenso do que antes. Raios pareciam cair nas proximidades e, toda vez que isso acontecia, as janelas trepidavam ruidosamente. Mas o estranho é que não se viam relâmpagos. Na escuridão do céu só se propagava o som dos raios, e não havia indícios de que começaria a chover. Certamente, algo estava em desequilíbrio.

— Eles estão nos vendo — disse Fukaeri.

— O Povo Pequenino? — perguntou Tengo.

Fukaeri não respondeu.

— Eles sabem que estamos aqui — disse Tengo.

— É claro que sabem — disse Fukaeri.
— O que eles querem fazer conosco?
— Com a gente eles não podem fazer nada.
— Que bom — disse Tengo.

— Por enquanto.
— Por enquanto eles não podem mexer com a gente — repetiu Tengo, desanimado. — Até quando isso vai continuar?

— Ninguém sabe — respondeu Fukaeri, com um tom de voz categórico.

— Mas, mesmo não podendo fazer nada com a gente, eles podem fazer algo com os que estão ao nosso redor? — perguntou Tengo.

— É possível.

— Eles podem realmente prejudicar essas pessoas?

Fukaeri estreitou os olhos e ficou séria como um marinheiro escutando o canto vindo de um navio fantasma. Um tempo depois, comentou:

— Isso depende.

— O Povo Pequeninino pode ter usado o poder que eles possuem contra a minha namorada. Para servir de aviso.

Fukaeri tirou a mão de debaixo das cobertas e coçou a orelha recém-fabricada. Depois, tornou a colocar a mão debaixo das cobertas, sem pressa.

— O Povo Pequeninino possui limitações.

Tengo mordiscou os lábios.

— O que eles realmente podem fazer na prática?

Fukaeri parecia ter a intenção de dizer algo, mas reconsiderou. Sem se manifestar de maneira expressa, as palavras não ditas retornaram lentamente para as profundezas de um local desconhecido, escuro e profundo.

— Você disse que o Povo Pequeninino é inteligente e possui força.

Fukaeri concordou.

— Mas existe uma limitação.

Fukaeri novamente assentiu.

— Isso porque eles moram no fundo da floresta e, quando se afastam dela, não conseguem usar todo o seu poder. Quer dizer que neste mundo existem coisas e certos valores capazes de enfrentar a inteligência e a força deles. É isso?

Fukaeri fitava Tengo com uma expressão de ambiguidade. Ela parecia não ter entendido a pergunta.

— Você já os viu com seus próprios olhos? — perguntou Tengo.

— Vi — respondeu Fukaeri.

— Quantos deles você já viu?
— Não sei. Não se pode contar nos dedos.
— Mas não foi somente um.
— Às vezes a quantidade é grande; em outras, é pequena. Mas nunca estão sozinhos.

— É como você descreve em *Crisálida de ar*?

Fukaeri assentiu com a cabeça.

Tengo tomou coragem de fazer uma pergunta que havia muito tempo queria fazer:

— Até que ponto é verdade o que aconteceu em *Crisálida de ar*?

— O que significa “verdade” — perguntou Fukaeri, sem a interrogação.

Tengo, obviamente, não soube responder.

Os trovões ribombavam no céu, fazendo trepidar as janelas. Mas ainda não havia relâmpagos nem o som da chuva. Tengo se lembrou de um filme sobre um submarino a que ele assistira muito tempo atrás. Atingido por torpedos consecutivos, o submarino sacolejava violentamente, mas as pessoas que estavam trancadas nos compartimentos escuros, revestidos de aço, não podiam enxergar nada. A única coisa que podiam fazer era escutar o ininterrupto som dos impactos e sentir o chacoalhar do submarino.

— Você pode ler um livro ou contar uma história — disse Fukaeri.

— Tudo bem — disse Tengo. — Mas agora não consigo me lembrar de um livro que seja legal ler em voz alta, mas posso te contar a história de “A cidade dos gatos”, apesar de eu não ter o livro aqui.

— A cidade dos gatos.

— É a história de uma cidade dominada pelos gatos.

— Quero ouvir.

— Talvez seja um pouco amedrontador para contar antes de dormir.

— Não tem problema. Consigo dormir com qualquer história.

Tengo puxou a cadeira para perto da cama e, com os dedos entrecruzados, começou a narrar “A cidade dos gatos”, tendo como som de fundo o barulho dos trovões. Era uma história que ele chegou a ler duas vezes durante o trajeto do trem expresso, além de ter lido para o seu pai quando estivera na casa de saúde. Por isso, ainda se lembrava do enredo. E não era uma história complexa, cheia de detalhes, e tampouco poderia se dizer que o texto possuía um estilo especialmente primoroso. Tengo, portanto, não se sentiu tolhido em contá-la para Fukaeri do seu jeito, omitindo partes repetitivas e

acrescentando alguns episódios.

A história não era muito longa, mas terminá-la levou muito mais tempo do que ele havia previsto. Fukaeri o interrompia sempre que tinha uma dúvida. E, a cada interrupção, ele parava para explicá-las pacientemente. Contou detalhes sobre a cidade, sobre o comportamento dos gatos e o caráter do protagonista. Quando ela perguntava algo que não havia na história — e na maioria das vezes não havia —, ele inventava uma resposta apropriada, como quando reescrevera *Crisálida de ar*. Fukaeri parecia ter gostado muito de “A cidade dos gatos”. Não estava mais com sono. Às vezes fechava os olhos e parecia imaginar a cena e, em seguida, os abria de novo e pedia que continuasse.

Quando Tengo terminou de contá-la, Fukaeri arregalou os olhos e, durante um tempo, fitou atentamente o rosto de Tengo, como os gatos que expandem a pupila para enxergar alguma coisa no escuro.

— Você foi para a cidade dos gatos — disse Fukaeri, com um tom de reprovação.

— Eu?

— *Você* foi para a sua cidade dos gatos e, depois, pegou o trem de volta.

— Você acha isso?

Fukaeri balançou a cabeça afirmativamente, puxando as cobertas até o queixo.

— Acho que você tem razão — admitiu Tengo. — Eu fui para a cidade dos gatos, consegui pegar o trem e voltar.

— E você já se purificou — perguntou Fukaeri.

— Purificar? — indagou Tengo. “Purificar?”, pensou. — Não. Ainda não me purifiquei.

— Você precisa fazer isso.

— Que tipo de purificação?

Fukaeri não respondeu.

— Se você foi até a cidade dos gatos, não é bom deixar as coisas como estão.

O estrondo de um trovão pareceu partir o céu ao meio. Os sons estavam ficando cada vez mais fortes. Fukaeri se encolheu na cama.

— Venha aqui e me abrace — disse ela. — Precisamos ir juntos à cidade dos gatos.

— Por quê?

— O Povo Pequeninino pode encontrar a entrada.

— Por eu não ter me purificado?

— Porque nós dois somos um — disse a garota.

Aomame

Sem o seu amor

— 1Q84 — disse Aomame. — O mundo em que vivo se chama 1Q84 e não é o ano de 1984 *real*. É isso?

— É muito difícil responder o que é um mundo real — disse o homem conhecido como Líder, ainda deitado de bruços. — Trata-se de uma questão metafísica. Mas não há dúvidas de que *aqui* é o mundo real. Neste mundo, a dor que sentimos é uma dor real. A morte que ocorre neste mundo igualmente é real. O sangue que escorre também é real. Esse não é um mundo *falso* nem imaginário e tampouco metafísico. Isso eu garanto. Mas saiba que este não é o mundo de 1984 que você conhece.

— É um mundo paralelo?

O homem riu, balançando sutilmente o ombro.

— Acho que você está lendo muita ficção científica. Não. Esse não é um mundo paralelo. Não é que existam um mundo de 1984 e outro de 1Q84 em desenvolvimento paralelo. O mundo de 1984 não existe mais em *nenhum* lugar. Tanto para mim quanto para você, agora só existe o ano de 1Q84.

— Nós é que *entramos* nesse fluxo temporal.

— Isso mesmo. Nós estamos nesse fluxo temporal. Ou melhor, esse fluxo temporal é que entrou em nós. A meu ver, a porta só se abre numa única direção. Não há um caminho de volta.

— Isso deve ter acontecido quando eu desci as escadas de emergência da rodovia metropolitana, não é?

— Rodovia metropolitana?

— Na altura da Sangenjaya — disse Aomame.

— Não importa o lugar — disse o homem. — Para você, pode ter sido na Sangenjaya. Mas a questão não é o lugar concreto. O que realmente importa é a noção de tempo. No seu caso, foi naquele momento em que as agulhas de mudança de trilhos foram acionadas, e o mundo passou a ser o de 1Q84.

Aomame imaginou vários homens pequeninos forçando o mecanismo para acionar as agulhas dos trilhos. Em plena madrugada, sob a pálida luz do luar.

— No mundo de 1Q84 há duas luas no céu, não é? — perguntou Aomame.

— Sim. Existem duas luas. Esse é o *signal* de que ocorreu a

mudança dos trilhos. A distinção entre os dois mundos se dá pelas luas. Mas isso não significa que todas as pessoas neste mundo sejam capazes de enxergá-las. Não. Não mesmo. O mais certo seria dizer que a maioria nem sequer percebe a existência delas. Em outras palavras, são poucas as pessoas que sabem que esse é o mundo de 1Q84.

— Quer dizer que a maioria não percebe a ocorrência dessa mudança temporal?

— Isso mesmo. A maioria pensa que aqui é o mundo normal, o mesmo de *sempre*. E é nesse sentido que eu disse que “aqui é o mundo real”.

— As agulhas da linha férrea foram mudadas — disse Aomame. — Se não tivesse ocorrido a mudança de via, nós não teríamos nos encontrado. É isso que está querendo dizer?

— Isso ninguém pode responder. É apenas uma questão de probabilidade. Mas acredito que sim.

— O que você diz é uma verdade absoluta ou apenas uma suposição?

— É uma boa pergunta, mas extremamente difícil de responder. Você se lembra de uma antiga canção que diz “Without your love, it’s a honkey-tonk parade”? — o homem cantarolou baixinho. — Sem o seu amor, isto não passa de um desfile de cabaré. Conhece essa música?

— “It’s Only a Paper Moon”.

— Exatamente. A princípio, tanto o ano de 1984 quanto o de 1Q84 funcionam basicamente da mesma maneira. Se você não acredita no mundo em que vive, e nele não existir o amor, esse mundo será apenas uma farsa. Nos dois mundos, ou em qualquer outro, a linha divisória que estabelece a diferença entre a hipótese e a verdade é, na maioria dos casos, invisível. Só se pode enxergá-la com os olhos do coração.

— Quem mudou as agulhas dos trilhos?

— Quem mudou as agulhas dos trilhos? É outra pergunta difícil de responder. Neste caso, o raciocínio baseado nas leis de causa e efeito não me parece muito útil como explicação.

— Em todo caso, deve existir *algum propósito* para eu ter sido transportada para este mundo de 1Q84 — disse Aomame. — Um propósito que é alheio à minha vontade.

— Exatamente. Alguém mudou as agulhas dos trilhos para que o trem a trouxesse para cá.

— Foi o Povo Pequeninino?

— Neste mundo existe o que chamamos de Povo Pequeninino. Pelo menos esse é o nome pelo qual são conhecidos aqui. Mas eles sempre mudam de forma e nem sempre possuem um nome.

Aomame mordeu os lábios e parou para pensar no assunto.

— Eu acho que você está se contradizendo. Vamos imaginar que foi o Povo Pequenino que mudou os trilhos e me trouxe para cá. Nesse caso, se eles realmente não querem que eu faça o que vim fazer aqui, por que me trariam? Não teria sido melhor simplesmente me eliminar?

— É difícil explicar — disse o homem, com a voz neutra. — Mas há de se reconhecer que você tem um raciocínio rápido. Por isso, creio que entenderá o que vou dizer, ainda que intuitivamente. Como falei antes, a coisa mais importante que temos que preservar neste mundo em que vivemos é o equilíbrio entre o bem e o mal. O Povo Pequenino, ou *esse tal propósito* de que falamos há pouco, possui uma força excepcional. Mas, quanto mais eles utilizam essa força, surge uma força ainda maior para contrapô-la. É assim que o mundo garante o seu delicado equilíbrio. Trata-se de um princípio básico, válido em qualquer mundo. Neste mundo de 1Q84 ocorre o mesmo. Quando o Povo Pequenino começou a manifestar essa força poderosa, automaticamente começaram a surgir forças contrárias a ela. Foi exatamente no momento em que se manifestava essa reação que você foi transportada para 1Q84.

O homem respirou fundo, com o corpo enorme deitado sobre o colchonete azul como uma baleia encalhada na praia.

— Se fizermos uma analogia com os trilhos de um trem, seria o seguinte. O Povo Pequenino consegue mudar a alavanca e o trem passa a seguir a linha que vem para este mundo. É a linha 1Q84. Mas eles não conseguem distinguir e selecionar, um a um, todos os passageiros que viajam nesse trem. Isso significa que sempre haverá a possibilidade de existir passageiros que *não são bem-vindos*.

— Passageiros que não foram convidados — disse Aomame.

— Exato.

Escutou-se o som de um trovão. Desta vez, bem mais forte que da anterior, mas sem o brilho do relâmpago. Apenas se escutava a propagação de seu som. Aomame estranhou a queda de raios sem relâmpagos num local tão próximo, e sem estar chovendo.

— Até aqui, você entende o que estou dizendo?

— Estou prestando atenção — disse Aomame, com a ponta da agulha cuidadosamente voltada para cima, longe do ponto na nuca. Ela precisava se concentrar na conversa.

— Onde houver a luz existirá a sombra, e onde houver a sombra existirá a luz. Não existe sombra sem luz nem luz sem sombra. Jung cita em um de seus livros que a sombra é uma existência maléfica, do mesmo modo que o ser humano é uma existência boa. Quanto mais nos esforçamos para nos tornar seres humanos perfeitos e bondosos, mais claro fica o propósito de a sombra querer se tornar negra, malvada e destrutiva. Quando as pessoas querem superar sua

própria capacidade, a sombra desce ao inferno e se transforma em demônio. Isso ocorre porque, no mundo natural, o fato de a pessoa querer se tornar um ser superior é tão pecaminoso quanto querer se tornar um ser inferior. Não se sabe se o que denominamos Povo Pequenino pode ser considerado bom ou ruim. De certa forma, é algo que está aquém de nossa capacidade de compreensão e definição. Convivemos com eles desde os tempos imemoriais, muito antes de existir a concepção do bem e do mal; desde o tempo em que se desconhecia a consciência humana. O mais importante nisso tudo é que, independentemente de eles serem bons ou maus, luz ou sombra, no momento em que se aciona a força, um mecanismo de compensação é igualmente acionado. No meu caso, no instante em que me tornei o representante do Povo Pequenino, minha filha se tornou a representante das forças que agem contra eles. E assim se manteve o equilíbrio.

— Sua filha?

— Sim. Foi a minha filha que trouxe o Povo Pequenino pela primeira vez. Naquela época ela tinha 10 anos. Hoje tem 17. Um dia eles apareceram no meio da noite e vieram para cá por meio de minha filha, e me elegeram seu representante. Minha filha é perceptiva — ela tem a capacidade de captar —, e eu sou o receptor — o que tem a capacidade de aceitar. Ao que parece, eu e minha filha casualmente tínhamos esse dom. De qualquer modo, foram eles que nos encontraram, e não nós que os encontramos.

— E você violentou sua própria filha.

— Tivemos uma *união* — disse ele. — Este termo é mais condizente com o fato. Na verdade, o que fiz foi me unir com o conceito do que seria minha filha. O termo *união* é polissêmico. O importante é que nos tornamos um: perceptiva e receptor.

Aomame balançou a cabeça.

— Não entendi. Afinal, você teve ou não relações sexuais com sua filha?

— A resposta a essa pergunta é, para todos os fins, sim e não.

— Isso também vale para Tsubasa?

— A princípio, sim.

— Mas o útero de Tsubasa estava *realmente* destruído.

O homem negou com a cabeça.

— O que você viu foi apenas uma manifestação do conceito. E não sua essência.

Aomame não conseguia acompanhar o raciocínio. Fez uma pausa para controlar o ritmo de sua respiração. Um tempo depois, prosseguiu:

— Está querendo dizer que o conceito se apropriou da imagem de uma pessoa e fugiu com suas próprias pernas?

— Dito de modo simples, sim.

— A Tsubasa que conheci não era a Tsubasa real?

— Foi por isso que ela foi resgatada.

— Resgatada — disse Aomame.

— Foi resgatada e está recebendo um tratamento. Um tratamento que lhe é necessário.

— Não acredito no que você diz — disse Aomame, categórica.

— Não posso obrigá-la a acreditar — disse o homem, com a voz desprovida de emoção.

Aomame ficou sem palavras. Em seguida, perguntou sobre outro assunto:

— Você se tornou o representante do Povo Pequenino após abusar de sua filha sob o ponto de vista conceitual e polissêmico. Mas, enquanto você se tornava o representante do Povo Pequenino, sua filha, para compensar, teve de se afastar de você e se tornar um ser hostil a eles. É isso que você está querendo alegar?

— Sim. E, para fazer isso, ela teve de abandonar sua própria *dohita* — disse o homem. — Mas, mesmo que eu lhe explique, creio que você não vai compreender, vai?

— *Dohita*? — disse Aomame.

— É como uma sombra viva. Há, porém, uma outra pessoa que está relacionada com isso tudo. Um amigo pessoal de longa data. Um homem digno de confiança, a cujos cuidados entreguei minha filha. E, há pouco tempo, uma pessoa que você deve conhecer muito bem também se envolveu nisso: Tengo Kawana. Tengo e minha filha se encontraram ao acaso e formaram uma dupla.

O tempo parecia ter parado repentinamente. Aomame não conseguia encontrar palavras adequadas para se expressar. Com o corpo tenso, aguardou pacientemente o tempo recomendar a fluir.

O homem prosseguiu.

— Os dois possuíam cada qual um dom que complementava o outro. Eriko possuía algo que faltava a Tengo, e Tengo possuía algo que faltava a Eriko. Eles se complementaram, juntaram as forças e realizaram um trabalho conjunto. O resultado desse trabalho obteve um grande poder de influência. Como uma reação contra o Povo Pequenino.

— Eles formaram uma dupla?

— Eles não têm uma relação emocional ou física. Não se preocupe, caso você tenha pensado em algo assim. Eriko jamais terá um relacionamento amoroso com alguém. Ela está num nível que a coloca acima dessas coisas.

— Qual foi o resultado desse trabalho conjunto? Objetivamente falando?

— Para explicar isso, vou ter de fazer outra analogia. Digamos

que os dois criaram anticorpos para combater um vírus. O Povo Pequeninino seria o vírus, e eles criaram e distribuíram os anticorpos capazes de combatê-los. É claro que isso não passa de uma analogia unilateral. Do ponto de vista do Povo Pequeninino, ocorre justamente o contrário, ou seja, os dois é que são o vírus. Todas as coisas são como espelhos colocados um em frente ao outro.

— Isso seria a tal compensação que você acabou de dizer?

— Exato. A pessoa que você ama e a minha filha juntaram as forças e realizaram essa tarefa. Em outras palavras, neste mundo, você e Tengo estão do mesmo lado.

— Mas você disse que isso *não era acidental*. Disse que eu fui conduzida para cá com um propósito, não disse?

— Exatamente. Você foi conduzida intencionalmente para cá com o objetivo de cumprir um propósito. Foi por isso que você veio para o mundo de 1Q84. Seja como for, não é por acaso que você e Tengo estão envolvidos nisso.

— Que propósito é esse, e qual o objetivo?

— Não é de minha alçada explicar isso — disse o homem. — Sinto muito.

— Por que você não pode explicar?

— Não é que eu não possa explicar; é que, no momento em que eu fizer isso, deixará de fazer sentido.

— Então vou fazer outra pergunta — disse Aomame. — Por que tinha de ser eu?

— Pelo visto, você realmente ainda não entendeu o motivo.

Aomame balançou várias vezes a cabeça.

— Não consigo entender. *De jeito nenhum*.

— É bem simples, na verdade. É pela forma tão intensa como você e Tengo atraíram um ao outro.

Aomame permaneceu em silêncio durante um longo tempo. Sentiu o suor brotar na testa. Era como se todo o seu corpo estivesse coberto com uma fina película invisível.

— Atraímos um ao outro — disse Aomame.

— Atraíram-se reciprocamente, e de modo poderoso.

Uma raiva irracional aflorou dentro dela, acompanhada inclusive de ânsia de vômito.

— Não acredito nisso. É *impossível* que ele ainda se lembre de mim.

— Não. Tengo não só sabe que você existe neste mundo como também a quer. Ele até hoje nunca amou outra mulher a não ser você.

Aomame ficou um tempo sem palavras. Enquanto isso, os trovões continuavam a ribombar em pequenos intervalos de tempo. A

chuva finalmente começou a cair. As enormes gotas batiam no vidro da janela do quarto do hotel com impetuosidade. Mas Aomame nem sequer ouviu o som dessas batidas.

O homem prosseguiu:

— Você tem toda a liberdade de acreditar ou não. Mas acho melhor acreditar, pois é uma verdade incontestável.

— Está querendo dizer que ele ainda se lembra de mim, apesar de estarmos vinte anos sem nos ver? Mesmo sem nunca ter sequer conversado direito com ele?

— Numa sala de aula da escola primária você segurou firmemente a mão de Tengo. Você tinha 10 anos. Para fazer isso, você precisou de muita coragem.

Aomame franziu a testa com força.

— Como é que *você* sabe disso?

O homem não respondeu a essa pergunta. Disse:

— Tengo jamais esqueceu isso, e sempre esteve pensando em você. Mesmo hoje continua pensando. Acredite, eu sei de muitas coisas. Por exemplo, sei que ainda hoje você pensa nele na hora de se masturbar. Não é mesmo?

Aomame ficou com a boca entreaberta, perdendo completamente a fala. Sua respiração era imperceptível. O homem continuou:

— Não precisa ficar constrangida. Isso é uma coisa natural. Ele também faz isso. Naquela hora ele pensa em você. Ainda hoje.

— Mas *como é que* você...

— Como eu sei isso tudo? Basta ouvir atentamente. Meu trabalho é justamente ouvir as vozes.

Aomame ficou com vontade de gargalhar e, ao mesmo tempo, chorar. No entanto, não conseguiu fazer nem uma coisa nem outra. Ficou muda, imóvel, entre rir e chorar, sem condições de mover seu centro de gravidade para qualquer lado que fosse.

— Não tenha medo — disse o homem.

— *Medo?*

— Você está com medo. Um medo como o do Vaticano em aceitar a teoria copernicana. Não por considerarem a teoria geocêntrica infalível, mas unicamente por temerem as inúmeras implicações que a aceitação dessa nova teoria poderia ocasionar e, também, pelo medo de enfrentarem uma reorganização de sua própria consciência. De fato, a Igreja Católica nunca aceitou oficialmente a teoria de Copérnico. O mesmo se passa com você, que está com medo de tirar essa armadura resistente que a protegeu durante tanto tempo.

Aomame cobriu o rosto com as mãos e chorou copiosamente, com soluços entrecortados. Ela não queria chorar, mas, naquele momento, não conseguiu conter a emoção. Queria poder rir, mas não

conseguiu.

— Pode-se dizer que os dois foram transportados para este mundo no mesmo trem — disse o homem com a voz serena. — O contra-ataque ao Povo Pequeninino começou quando Tengo passou a ajudar minha filha e quando você, por outros motivos, resolveu me matar. Em outras palavras, cada um está fazendo coisas muito perigosas, num local igualmente perigoso.

— Está querendo dizer que existe *algum propósito* que nos fez agir assim?

— Possivelmente.

— Com que finalidade? — Após dizer isso, Aomame percebeu que sua pergunta era em vão. Obviamente ele não responderia.

— O melhor modo de solucionar este problema é você e Tengo se encontrarem e, juntos, de mãos dadas, saírem deste mundo — disse o homem sem responder à pergunta. — Mas isso não é fácil.

— Não é fácil — Aomame repetiu inconscientemente.

— Infelizmente, isso não será fácil, e falo isso sem nenhum exagero. Dito de modo claro, isso é praticamente impossível. O poder que vocês enfrentam, não importa a denominação que se dê a ele, é cruel e implacável.

— É por isso que... — disse Aomame com a voz seca, seguida de uma tosse. Naquele momento, ela já havia superado o seu estado de confusão. “Não é hora para ficar chorando”, pensou. — Você tem uma proposta, não é? Em troca de eu lhe proporcionar uma morte indolor, você me oferece a oportunidade de eu escolher uma alternativa diferente.

— Você é muito inteligente — disse o homem, ainda de braços. — Tem razão. Minha proposta é oferecer uma alternativa para você e Tengo. Creio não ser uma escolha agradável, mas ao menos haverá a possibilidade de escolher.

— O Povo Pequeninino teme me perder — disse o homem. — Para eles, minha existência ainda é necessária. Como representante deles, sou uma pessoa útil, e encontrar o meu substituto não será fácil. Neste momento, eles ainda não prepararam o meu sucessor. Para se tornar seu representante é necessário preencher requisitos muito difíceis de ser encontrados; como eu preenchi todas as condições necessárias, sou considerado uma pessoa rara. Eles temem me perder, porque, se isso realmente acontecer, um vácuo se formará, ainda que temporariamente. Eles me querem vivo por mais algum tempo, e é por isso que tentam impedi-la de me matar. O trovão que se ouve lá fora é o sinal de que estão revoltados. Mas eles não podem fazer nada contra você. Tudo o que podem é avisá-la de que estão furiosos. Pela mesma

razão, foram eles que, provavelmente, conseguiram conduzir habilmente a sua amiga até a morte. Nesse sentido, também tentarão fazer algo de ruim a Tengo.

— Algo de ruim a Tengo?

— Tengo escreveu uma história contando sobre o Povo Pequenino e suas atividades. Eriko ofereceu a história para Tengo e ele a reescreveu, transformando-a num texto efetivo. Um trabalho conjunto. A história deles tornou-se um anticorpo capaz de combater a ação do Povo Pequenino. Ela foi publicada em livro e se tornou um best-seller. Por isso o Povo Pequenino perdeu temporariamente várias oportunidades, teve de restringir sua liberdade de ação. Você já deve ter ouvido falar num livro chamado *Crisálida de ar*, não?

Aomame assentiu com a cabeça.

— Vi artigos sobre ele no jornal e alguns anúncios. Mas eu ainda não li.

— Quem realmente escreveu *Crisálida de ar* foi Tengo e, atualmente, ele está escrevendo a sua própria história. Ele *descobriu* essa sua nova história dentro daquele mundo de *Crisálida de ar* em que coexistem duas luas. Eriko, que possui um incrível dom de percepção, inspirou Tengo a fazer com que a história se tornasse um anticorpo. Tengo, por sua vez, possuía uma excepcional capacidade de receptor. Quem a colocou nesse trem e a trouxe até aqui, em outras palavras, foi essa inerente capacidade de Tengo.

Aomame franziu veementemente a sobrancelha, esboçando uma careta em meio à tênue escuridão. Precisava acompanhar o desenrolar da conversa.

— Quer dizer que fui transportada para 1Q84 graças à capacidade de Tengo de narrar a história e, de acordo com suas palavras, graças à força receptora existente nele?

— Ao menos é o que eu acho — disse o homem.

Aomame olhou suas mãos. Os dedos estavam molhados de lágrimas.

— Se continuar assim, a probabilidade de Tengo ser morto é grande. Queira ou não, esse é o mundo real. Um mundo em que o sangue que escorre é real e onde a morte igualmente é real e, obviamente, eterna.

Aomame mordeu os lábios.

— Quero que pense o seguinte — disse o homem. — Se você me matar aqui e eu for eliminado, o Povo Pequenino não terá motivos para prejudicar Tengo. Se eu, que sou o elo com o Povo Pequenino, desaparecer, as tentativas de Tengo e de minha filha de destruir esse elo não serão mais uma ameaça para eles. Com isso, vão deixá-los de lado e passarão a buscar um novo elo, em outro lugar. Um outro tipo de canal. Isso se tornará prioritário para eles. Entende o que estou

dizendo?

— Teoricamente, sim — disse Aomame.

— Por outro lado, se eu for morto, a organização que criei não a deixará em paz. É certo que levarão tempo para encontrá-la, porque você vai mudar de nome, endereço e, possivelmente, de rosto. Mas, mesmo assim, um dia vão achá-la e puni-la severamente. Fomos *nós* que criamos esse tipo de sistema fechado, violento e irreversível. Esta seria uma das opções de escolha.

Aomame organizou mentalmente o que ele acabara de dizer. Antes de prosseguir, o homem aguardou Aomame assimilar seu raciocínio:

— Por outro lado, vamos supor que você resolva não me matar e vá embora sem fazer nada. Eu vou sobreviver. Se isso acontecer, o Povo Pequenino, no intuito de me proteger, não medirá esforços para eliminar Tengo. A armadura que protege Tengo ainda não é forte. Eles vão procurar o ponto fraco dele e, de algum modo, conseguirão eliminá-lo. O Povo Pequenino não vai tolerar que ele continue distribuindo os anticorpos. Em contrapartida, você deixará de ser uma ameaça, e os motivos para puni-la deixarão de existir. Esta seria sua outra opção.

— Nesse caso, Tengo morreria e eu continuaria a viver. Neste mundo de 1Q84 — Aomame resumiu o que o homem acabara de dizer.

— Possivelmente — disse o homem.

— Para mim, não há sentido viver num mundo sem Tengo. A possibilidade de nos reencontrarmos se perderia para sempre.

— Pelo seu ponto de vista, isso pode acontecer.

Aomame mordeu os lábios ao imaginar um mundo sem Tengo.

— Mas isso *é o que você está dizendo* — ressaltou ela. — Existe alguma evidência ou uma prova para que eu possa acreditar nisso?

O homem meneou a cabeça num gesto negativo.

— Você tem razão. Não existe nenhum fundamento ou prova. São apenas palavras. Mas você já viu a energia especial que possuo. Saiba que não existe nenhuma linha presa naquele relógio. E saiba que ele é muito pesado. Vá até lá e verifique você mesma. A escolha é sua: ou você acredita em mim ou não. Mas saiba que não temos muito tempo.

Aomame fitou o relógio sobre a cômoda. Ele indicava alguns minutos antes das nove. O relógio estava fora do lugar, numa posição ligeiramente *torta*, ao cair abruptamente após o homem tê-lo feito levitar.

Ele prosseguiu:

— Por enquanto, neste mundo de 1Q84, não tenho como salvar os dois. Existem duas opções: a primeira seria você morrer e

Tengo sobreviver. A segunda seria ele morrer e você sobreviver. Só existem essas duas opções. Como eu já lhe disse, não é uma escolha agradável.

— Não existe outra opção?

O homem balançou a cabeça negativamente.

— Neste momento só lhe cabe escolher uma dessas duas soluções.

Aomame soltou lentamente o ar contido nos pulmões.

— Sinto muito — disse o homem. — Se você tivesse ficado no ano de 1984, não precisaria fazer essa escolha. Por outro lado, jamais ficaria sabendo que ele sempre pensava em você. Seja como for, o fato de você ter sido transportada para 1Q84 é o que lhe possibilitou o acesso a essa informação: a de que seus corações estavam, de alguma forma, unidos.

Aomame fechou os olhos. “Não vou chorar”, pensou. “Ainda não é hora de chorar.”

— É verdade que Tengo realmente me quer? Pode afirmar isso categoricamente, sem blefar? — indagou Aomame.

— Até hoje, Tengo nunca amou ninguém de verdade, a não ser você. É um fato incontestável.

— Mesmo assim, ele não quis me procurar.

— Você também não fez nada para tentar encontrá-lo. Não é?

Aomame fechou os olhos e recordou vários anos de sua vida. Um olhar como o de quem observa a enseada do alto de um precipício. Ela sentia o cheiro de maresia e conseguia ouvir o denso som dos ventos.

Um tempo depois, disse:

— Devíamos ter tido a coragem de procurar um ao outro muito tempo atrás, não é? Se tivéssemos feito isso, estaríamos juntos no mundo original.

— Hipoteticamente, sim — disse o homem. — Mas, no mundo de 1984, você era *incapaz de pensar* nisso. A relação de causa e efeito tende a ser distorcida. E esse tipo de distorção jamais deixará de existir, independentemente de vários mundos se sobreponem.

Lágrimas escorreram dos olhos de Aomame. Ela chorava por todas as perdas que sofrera até então. E por tudo que estava para perder. Por fim — após um tempo que não pôde precisar —, atingiu um ponto em que não conseguia mais chorar. Como se os sentimentos tivessem esbarrado numa parede invisível, e as lágrimas secaram.

— Está bem — disse Aomame. — Apesar de não existir nenhum fundamento, nenhuma prova, e de eu não ter entendido claramente os detalhes, mesmo assim terei de aceitar sua proposta. Farei com que desapareça deste mundo conforme o seu desejo. Vou lhe proporcionar uma morte instantânea e sem dor. Para que Tengo

possa sobreviver.

— Quer dizer que você vai fechar o acordo comigo?

— Isso mesmo. Vamos fazer um acordo.

— Você provavelmente será morta — disse o homem. — Eles vão encurralá-la e puni-la. E a punição será extremamente cruel. São pessoas fanáticas.

— Não me importo.

— Porque em você existe o amor.

Aomame assentiu com a cabeça.

— Sem o seu amor, isto não passa de um desfile de cabaré — disse o homem. — É como diz a letra daquela música.

— Se eu te matar, Tenho realmente escapará com vida, não é?

Após manter-se em silêncio durante um tempo, o homem respondeu:

— Tenho sobreviverá. Pode acreditar em mim. Posso proporcionar isso, com toda a segurança, em troca de minha vida.

— E da minha também — disse Aomame.

— Há coisas que só podem ser trocadas com a vida — disse o homem.

Aomame apertou as mãos bem forte.

— Para falar a verdade, eu queria viver e ficar junto com Tengo.

Um longo silêncio dominou o quarto. Os trovões também se calaram. Tudo era quietude.

— Se fosse possível, eu bem que gostaria de lhe proporcionar isso — disse o homem com a voz serena. — Eu também gostaria que fosse assim, mas, infelizmente, não existe essa opção. Nem no mundo de 1984, tampouco no de 1Q84, ainda que por diferentes razões.

— Em 1984, o meu caminho jamais se cruzaria com o de Tengo?

— Isso mesmo. Vocês jamais se encontrariam, e cada qual seguiria pensando um no outro até morrerem velhos e na solidão.

— Mas, em 1Q84, ao menos sei que vou morrer por ele.

O homem respirou fundo e se calou.

— Gostaria de saber uma coisa — disse Aomame.

— Se for algo que eu possa dizer — respondeu o homem, ainda de braços.

— Tenho ficará sabendo de algum modo que eu morri por ele? Ou nem vai saber?

O homem pensou sobre a questão durante um tempo.

— Depende de você.

— Depende de mim — disse Aomame, franzindo levemente a sobrancelha. — Como assim?

O homem balançou a cabeça negativamente.

— Você ainda terá de superar uma prova muito dura. Ao passar por ela, certamente conseguirá enxergar as coisas como elas realmente são. Não posso dizer mais nada. Na verdade, ninguém é capaz de falar exatamente o que vem a ser a morte até que se tenha realmente morrido.

Aomame pegou a toalha e enxugou delicadamente as lágrimas do rosto e, em seguida, pegou o picador de gelo do chão e examinou cuidadosamente a ponta para se certificar de que não estava quebrada. Na sequência, tateou com os dedos da mão direita o ponto fatal na nuca do homem. Ela o havia registrado em sua memória e, por isso, rapidamente o encontrou. Pressionou levemente o local com a ponta do dedo para senti-lo e se assegurar de que sua intuição não estava errada. Respirou várias vezes de modo lento e profundo para normalizar as batidas de seu coração e conseguir se acalmar. Ela precisava esvaziar a mente, expulsando temporariamente seus pensamentos sobre Tengo. Sentimentos de ódio, raiva, dúvida e compaixão foram lacrados em um outro compartimento do cérebro. Não admitia erros. Precisava focar sua consciência na *plenitude da morte*, como a concentrar os raios de luz no foco.

— Vamos terminar o serviço — disse Aomame serenamente. — Preciso eliminar você deste mundo.

— Com isso vou poder me livrar de todas as dores.

— De todas as dores, do Povo Pequenininho, do mundo transformado, das inúmeras incertezas... e do amor.

— *E do amor*, é verdade — disse o homem para si. — Eu também amei muitas pessoas... É isso, vamos terminar o serviço. Aomame, você é uma pessoa extremamente capaz. Disso eu tenho certeza.

— Você também — disse Aomame, com uma voz que emanava a estranha transparência de ser a portadora da morte. — Você realmente deve ser uma pessoa excepcional e superior. Deve haver algum mundo em que eu não precisasse matá-lo.

— Esse mundo não existe mais — disse o homem. Foram suas últimas palavras.

Esse mundo não existe mais.

Aomame colocou a agulha naquele delicado ponto da nuca. Concentrou-se e ajustou o ângulo exato para inseri-la. Depois, levantou a mão direita, prendeu a respiração e aguardou atentamente o sinal. “Não devo pensar em mais nada. Cada um concluirá a sua própria tarefa. É apenas isso”, Aomame pensou. “Não preciso pensar em mais nada. Não preciso de explicações. Devo apenas aguardar o sinal.” A mão direita em punho era como uma rocha, sem nenhuma

emoção.

Do lado de fora, um trovão sem relâmpago rufou intensamente. A chuva batia na janela. Naquele momento, os dois estavam numa caverna antiga, escura, úmida e de teto baixo. As bestas da escuridão e as almas dos mortos rodeavam a entrada. Por um breve instante, luz e sombra se tornaram um só elemento. Uma rajada de vento sem nome soprou num longínquo braço de mar. Aquele era o sinal. Aomame desceu o punho num movimento breve e preciso.

Tudo terminou em meio ao silêncio. As bestas e as almas suspiraram profundamente, desmancharam o cerco e retornaram para as profundezas da floresta sem alma.

Tengo

O pacote recebido

— Venha para cá e me abrace — disse Fukaeri. — Precisamos voltar juntos para a cidade dos gatos.

— Te abraçar? — indagou Tengo.

— Não quer me abraçar — perguntou Fukaeri, sem o tom de interrogação.

— Não. Não é isso... É que não entendo o que você quer dizer.

— Vamos fazer uma purificação — disse Fukaeri, com a voz neutra. — Venha para cá me abraçar. Vista o seu pijama e apague a luz.

Tengo apagou a luz do quarto, atendendo ao pedido de Fukaeri. Tirou a roupa, pegou o pijama e, enquanto se vestia, tentou se lembrar de quando tinha sido a última vez que o lavara. O fato de não conseguir se lembrar significava que fazia muito tempo. Felizmente, não cheirava a suor. Tengo nunca foi de suar muito, e seu cheiro não era dos mais fortes. Mesmo assim, se recriminou por não lavá-lo com mais frequência. Nossa vida é cheia de incertezas, e é impossível prever quando e o que poderá acontecer. Lavar o pijama de tempos em tempos seria uma das formas de driblar alguns imprevistos.

Tengo deitou na cama e, timidamente, envolveu Fukaeri em seus braços. Ela apoiou a cabeça em seu braço direito e, nessa posição, manteve-se quieta, em silêncio, como um animal prestes a hibernar. Seu corpo estava quente, e a maciez de sua pele lhe conferia um ar de vulnerabilidade. Fukaeri não estava suada.

Os trovões rugiam com mais intensidade e, naquele momento, chovia. As gotas batiam de lado nos vidros da janela como se, desvairadas, dessem murros de raiva. O ar estava denso e úmido, e o mundo parecia avançar resolutamente para o seu derradeiro e sombrio fim. No dilúvio bíblico, a sensação deve ter sido a mesma. Se fosse, certamente a tarefa de Noé de acomodar, em meio a um temporal, casais de rinocerontes, leões, jiboias e outros animais num espaço tão restrito como o da arca deve ter sido deprimente. Os animais tinham seus hábitos, e a comunicação entre eles era limitada. Sem contar o odor de todos aqueles bichos juntos.

A palavra *casal* fez com que Tengo se lembrasse de Sonny e Cher. Mas colocá-los na arca de Noé como um *casal* que representasse os seres humanos talvez não fosse a escolha mais adequada. Não que

eles fossem inadequados, mas certamente haveria opções mais apropriadas.

Estar na cama, abraçando Fukaeri, que vestia o seu pijama, proporcionava a Tengo um sentimento estranho. Como se abraçasse uma parte dele mesmo. Era como se compartilhassem a mesma carne, possuísem o mesmo cheiro e estivessem mentalmente unidos.

Tengo imaginou os dois como o *casal* escolhido para entrar na arca de Noé no lugar de Sonny e Cher. Mas essa amostra também lhe pareceu inadequada para representar o gênero humano. Para início de conversa, os dois abraçados na cama era um comportamento que, por si só, seria considerado inadequado. Ao pensar nisso, Tengo não conseguia relaxar e, no intuito de desviar tais pensamentos, imaginou uma cena em que Sonny e Cher, dentro da arca, faziam amizade com o casal de jiboias. Uma cena absurda, mas que, de certa forma, o ajudou a minimizar a tensão que oprimia seu corpo.

Fukaeri ficou abraçada a Tengo, imóvel e sem abrir a boca. Tengo também se manteve quieto e, apesar de estarem juntinhos, ele praticamente não sentia desejo sexual. Para Tengo, o desejo era basicamente um sentimento ligado aos métodos e processos de comunicação e, por isso, numa situação em que inexistia essa comunicação, o desejo sexual se tornava um sentimento inapropriado. E ele estava certo de que Fukaeri não tinha a intenção de provocá-lo sexualmente. Ela queria *alguma outra coisa*, mas Tengo não sabia exatamente o quê.

De qualquer forma, não era nada ruim ter em seus braços uma garota bonita de 17 anos. De vez em quando, a orelha dela tocava sua bochecha, e seu pescoço sentia o ar cálido de sua respiração. Os seios, apesar do corpo esguio, eram deslumbrantemente grandes e firmes. Tengo sentia a pressão deles um pouco acima do estômago. Sua pele exalava um cheiro agradável. Um especial aroma de vida que somente um corpo em formação poderia exalar. Um aroma como o das flores de verão em plena floração, umedecidas com o orvalho da manhã. Na época em que Tengo tinha ginástica matinal na escola primária, ele costumava sentir esse aroma no trajeto para a aula.

“Tomara que eu não tenha uma ereção”, pensou Tengo. “Pela posição em que estamos, se eu ficar duro, ela rapidamente vai perceber, e isso criará uma situação constrangedora.” Com que palavras e em que contexto ele poderia explicar para uma garota de 17 anos que, às vezes, a ereção ocorre independentemente de conotações sexuais? Mas, felizmente, naquele momento ele não teve uma ereção. Nem havia indícios de que teria. “Vou parar de pensar em cheiros e tentar me concentrar em assuntos que não estejam vinculados a sexo”, decidiu Tengo.

Pensou novamente na relação de amizade entre Sonny e Cher

com o casal de jiboias. Será que eles tinham algum assunto em comum? Caso tivessem, que assunto seria? Será que eles cantariam? Quando a imaginação sobre a arca e o dilúvio se esgotou, Tengo começou a fazer contas de multiplicação com números de três dígitos. Ele costumava fazer isso quando transava com sua namorada mais velha. Era assim que conseguia segurar por alguns segundos a ejaculação (ela era rigorosa em relação ao momento do gozo). Tengo não sabia se a técnica funcionaria também para a ereção, mas achou melhor tentar do que não fazer nada. Tinha de fazer alguma coisa.

— Não me importo se ficar duro — disse Fukaeri, como se lesse seu pensamento.

— Não se importa?

— Não é ruim.

— Não é ruim — Tengo repetiu as palavras de Fukaeri. “Pareço um garoto do primário tendo aulas de educação sexual”, pensou. “A ereção jamais deve ser considerada algo ruim ou motivo de vergonha. Mas deve-se escolher a hora e o local certos para isso.”

— A purificação já começou? — perguntou Tengo, para mudar de assunto.

Fukaeri não respondeu. Suas belas e pequeninas orelhas pareciam captar algo que o estrondo dos trovões trazia. Tengo sabia disso e resolveu ficar quieto. Parou também de fazer cálculos de multiplicação. “Se ela não se importa que eu fique duro, então, que fique”, pensou. De qualquer modo, seu pênis não dava sinais de enrijecer. Naquele momento, ele jazia na mais tranquila paz da “lama”.

— Gosto do seu pau — disse a namorada. — Do formato, da cor e do tamanho.

— Eu não gosto tanto assim dele — respondeu Tengo.

— Por quê? — ela indagou, com o pênis mole na palma da mão, como se sentisse o peso de um bichinho de estimação adormecido.

— Não sei direito — disse Tengo. — Talvez por não ter sido escolha minha.

— Você é um cara esquisito — disse ela. — É estranho esse seu jeito de pensar.

Uma história muito antiga. Um acontecimento anterior ao dilúvio de Noé. Provavelmente.

Tengo sentia em seu pescoço a respiração cálida, tranquila e ritmada de Fukaeri. A tênue luz verde do relógio digital e os eventuais flashes

de luz dos relâmpagos que, finalmente, começavam a surgir no céu lhe permitiam ver a orelha dela, que parecia uma graciosa caverna secreta. “Se essa garota fosse a minha namorada, eu não me cansaria de beijar inúmeras vezes essa orelha”, pensou Tengo. Durante o sexo, enquanto a penetrasse, ele beijaria a orelha, daria leves mordidas, lamperia, suspiraria e sentiria seu cheiro. Não que ele quisesse *fazer isso* agora. Era apenas uma fantasia baseada puramente na hipótese de que *ele certamente faria isso, caso ela fosse sua namorada*. Do ponto de vista da moral, não era motivo para se envergonhar... provavelmente.

Mas, independentemente de ser uma questão que infringe ou não a moral, ele não deveria ter pensado nisso. Seu pênis, que até então dormia tranquilamente na lama, despertou como se um dedo lhe batesse às costas. Em primeiro lugar ele se pôs a bocejar e, pouco a pouco, foi levantando a cabeça e gradativamente se enrijecendo. Finalmente, como a vela de um barco recebe os ventos favoráveis que sopram do noroeste, a ereção se instalou plena e totalmente. Em consequência, seu pênis duro começou a inevitavelmente pressionar os quadris de Fukaeri. Tengo suspirou fundo. Desde que sua namorada desaparecera, fazia mais de um mês que ele não transava. Possivelmente era por isso. Ele não deveria ter parado de fazer as contas de multiplicação de três dígitos.

— Não se preocupe — disse Fukaeri. — Ficar duro é normal.

— Obrigado — disse Tengo. — Mas o Povo Pequenino deve estar olhando de algum lugar.

— Eles podem ver, mas não podem fazer nada.

— Que bom! — disse Tengo, com uma voz nada tranquila. — Mas fico incomodado só de pensar que estão me vendo.

Um trovão novamente vibrou rasgando o céu em dois, como uma cortina velha, e o estrondo fez com que os vidros da janela estremecessem violentamente, como se o Povo Pequenino quisesse estilhaçá-los. Realmente, os vidros poderiam quebrar. Os caixilhos eram de alumínio resistente, mas, se continuassem a sacolejar daquela forma, era possível que não aguentassem por muito tempo. As enormes gotas batiam nos vidros como balas atingindo a caça.

— Os trovões continuam caindo praticamente no mesmo lugar — disse Tengo. — Normalmente não costumam durar tanto tempo.

Fukaeri olhou para o teto e disse:

— Por enquanto, eles vão continuar.

— Vão continuar, mas por quanto tempo?

Fukaeri não respondeu. Tengo continuava abraçado timidamente a ela, sem obter respostas e com sua ereção inútil.

— Vamos voltar à cidade dos gatos — disse Fukaeri. — Por isso, é preciso dormir.

— Será que vou conseguir dormir direito? Com esses trovões, e

mal passa das nove — disse Tengo, apreensivo.

Tengo formulou mentalmente várias equações matemáticas. Eram equações compridas e complexas, mas ele já tinha todas as respostas. O desafio era obter a resposta mais curta e rápida para solucionar o problema. Ele precisava pensar rápido. Era um modo autêntico de forçar o cérebro a trabalhar, mas, mesmo usando esse subterfúgio, sua ereção não passou. Muito pelo contrário, seu pênis parecia ter ficado ainda mais duro.

— Vai conseguir dormir — disse Fukaeri.

Ela tinha razão. Tengo acabou dormindo, apesar da chuva torrencial, dos trovões que faziam o prédio tremer, da inquietude e da obstinada ereção. Ele achava que jamais conseguiria dormir nessas condições...

Antes de cair no sono, ele se sentiu imerso no caos completo. Era preciso encontrar o caminho mais curto para solucionar seus problemas. O tempo era curto, e o formulário para ele escrever as respostas tinha um espaço muito limitado. O relógio marcava o tempo diligentemente em seu ritmo regular: tique-taque, tique-taque, tique-taque.

Quando acordou, ele estava nu, e Fukaeri também. Totalmente nus. Os seios dela eram hemisférios esplendidamente perfeitos, sem nenhum defeito. Os mamilos não eram muito grandes e, macios, ainda ocultavam seu futuro desenvolvimento. Já os seios eram grandes e plenamente desenvolvidos. Ao contrário do que seria natural esperar, a gravidade parecia não exercer nenhuma influência sobre eles. Seus bicos estavam belamente voltados para cima, como brotos buscando os raios de sol. Tengo notou também que ela não tinha pelos pubianos. Naquela região havia somente uma pele branca, completamente exposta. A pele alva destacava ainda mais essa candura. Suas pernas estavam muito abertas, e Tengo podia ver seu órgão genital. Como as orelhas, parecia ter acabado de ser criado. Parecia *realmente* possível. “Um par de orelhas e genitais novos são uma combinação perfeita”, pensou Tengo. Ambos pareciam voltados para o céu, atentos a captar alguma coisa, como o singelo som de uma campainha distante.

Ele estava deitado com o rosto voltado para o teto e ainda mantinha a ereção. Os trovões continuavam a ribombar. “Até quando isso vai continuar? Com tantos trovões caindo sem parar, a essa hora será que o céu não estaria todo despedaçado? Se estiver, alguém seria capaz de fazê-lo voltar ao normal?”, pensou Tengo.

“Eu estava dormindo”, lembrou-se Tengo. Ele dormiu em estado de ereção e, mesmo agora, continuava do mesmo jeito. Teria ele mantido a ereção mesmo dormindo? Ou será que o pênis

amolecera uma vez e somente depois é que ficou duro de novo, como uma segunda composição de governo de um primeiro-ministro? Por quanto tempo ele teria dormido? “Não importa”, pensou Tengo. De qualquer modo (independentemente de ter ou não interrompido a ereção), agora ele estava duro e não havia indícios de amolecer. Pensar em Sonny e Cher, fazer multiplicações e resolver complexas equações não adiantaria nada.

— Não se preocupe — disse Fukaeri, abrindo mais as pernas e encostando seu recém-criado órgão sexual no ventre de Tengo. Não parecia envergonhada de fazer aquilo. — Ficar duro não é ruim — disse ela.

— Não consigo mexer o meu corpo — disse Tengo. Era verdade. Ele tentava a todo custo se levantar, mas não conseguia mover sequer um dedo. No entanto, podia sentir o corpo. Sentia o peso de Fukaeri sobre ele e o seu pênis duro, mas o corpo estava pesado e tenso, como se algo o prendesse.

— Não precisa se mover — disse Fukaeri.

— Eu preciso me mover; este é o *meu* corpo — disse Tengo.

Fukaeri não fez nenhum comentário.

Tengo não tinha certeza se o que estava dizendo provocava vibrações no ar para torná-lo audível. Ele não sentia os músculos em torno da boca articulando palavras. A princípio, parecia estar conseguindo transmitir o que queria para Fukaeri, mas a comunicação entre os dois era incerta, como um telefonema de longa distância com sinais de interferência. Fukaeri deixava de ouvir o que julgava desnecessário. Tengo, no entanto, não conseguia fazer isso.

— Não precisa se preocupar — disse Fukaeri, deslocando seu corpo lentamente mais para baixo. Era evidente o que o movimento significava. Seus olhos emanavam um brilho nunca visto até então.

Parecia improvável que seu pênis de adulto coubesse naquela nova vagina. Era grande demais, duro demais. A dor também seria intensa, mas, quando percebeu, ele já estava totalmente dentro dela. Não houve resistência. Fukaeri se deixou penetrar, e seu rosto não se alterou. Apenas a respiração ficou um pouco ofegante, e o balanço de seus seios alterou-se ligeiramente durante cinco ou seis segundos. Fora isso, tudo parecia normal, parte da vida cotidiana.

Fukaeri recebeu Tengo em seu âmago, sem se mover, e Tengo sentiu-se profundamente dentro dela. Tengo ainda não conseguia mexer o corpo. Fukaeri, de olhos fechados, manteve o corpo ereto, como um para-raios. Sua boca estava entreaberta e os lábios tremiam sutilmente, em pequenas ondulações, como se articulasse palavras no ar. Mas, fora isso, não havia nenhum outro movimento. Ela se manteve nessa posição, como se aguardasse algo acontecer.

Tengo foi tomado de um profundo sentimento de impotência.

Ele não sabia o que estava para acontecer e não tinha o controle da situação. Não sentia o corpo e não podia movimentá-lo, mas conseguia sentir o pênis. Não. Não se tratava exatamente de senti-lo, mas da noção de que o pênis estava lá. Isso informava que ele estava dentro dela e que seu pênis mantinha perfeita ereção. Tengo ficou apreensivo ao pensar que deveria estar usando camisinha. Uma gravidez seria um problema. Sua namorada era extremamente rigorosa em relação aos métodos anticoncepcionais, e Tengo estava acostumado a esse rigor.

Ele tentou pensar em outra coisa, mas não conseguiu. Estava mergulhado no caos, e nesse estado emocional o tempo parecia não fluir. Mas não há como parar o tempo. Teoricamente, é impossível. Mas era como se o tempo estivesse fluindo de modo irregular. Se fôssemos considerar um intervalo de tempo maior, constataríamos que continuava a fluir numa velocidade definida. Não há equívocos quanto a isso. Mas, ao considerar somente um período específico, era possível que ocorressem irregularidades. Dentro desse intervalo temporal momentâneo, a ordem e a probabilidade perdiam o valor.

— Tengo — disse Fukaeri. Era a primeira vez que ela o chamava assim. — Tengo — repetiu, como a treinar a pronúncia de uma palavra estrangeira. “Por que será que ela está me chamando?”, pensou Tengo. Em seguida, ela se curvou para a frente e, aproximando o rosto, beijou-o. A boca semiaberta abriu-se totalmente e sua língua macia entrou na boca dele. A língua tinha uma fragrância agradável, e ela avidamente procurava um código secreto esculpido em palavras não ditas. A língua de Tengo inconscientemente retribuía os movimentos. Era como se duas cobras jovens acordassem da hibernação e, seguindo-se pelo cheiro mútuo, se entrelçassem e se tocassem em pleno campo de primavera.

Em seguida, Fukaeri estendeu sua mão direita e segurou a mão esquerda de Tengo, envolvendo-o forte e firmemente. As pequenas unhas de Fukaeri penetravam na palma de sua mão. Após beijá-lo intensamente, ela novamente ergueu o corpo.

— Feche os olhos.

Tengo obedeceu. Ao fechá-los, encontrou um espaço ensombrecido e profundo. Era tão profundo que parecia se estender até o centro da Terra. Nesse espaço havia uma luz serena, que lembrava o entardecer. Um crepúsculo nostálgico que carinhosamente emergia no final de um longo dia. Dentro dessa luz dava para ver inúmeras partículas. Partículas que poderiam ser poeira, pólen ou qualquer outra coisa. Gradativamente, a profundidade começou a diminuir. A luz se tornou cada vez mais forte, de modo que ele conseguia enxergar as coisas em seu entorno.

Então ele se deu conta de que tinha 10 anos e estava numa sala de aula da escola primária. O tempo era real, o lugar também. A

luz era igualmente real; ele realmente tinha 10 anos. Conseguiu respirar o ar daquele lugar e sentir o cheiro de verniz dos móveis de madeira, do giz do apagador da lousa. Naquela sala de aula estavam somente ele e a garota. Não havia mais nenhuma criança. A menina ousou se aproveitar daquela oportunidade ou, quem sabe, ela a estaria aguardando pacientemente. De qualquer modo, ela estava ali, em pé, e com a mão direita segurou a mão esquerda dele. Seus olhos fitavam intensamente os de Tengo.

A boca de Tengo estava totalmente seca. Toda a umidade havia desaparecido. De tão repentino, ele não sabia o que fazer nem o que dizer. Apenas ficou parado, deixando-a segurar sua mão. Por fim, sentiu no fundo do ventre algumas pontadas, rápidas porém intensas. Era uma sensação que ele nunca havia sentido. Uma dor como o rugido de um mar distante. Ao mesmo tempo, conseguia escutar os sons reais: os gritos de crianças pela janela, um chute numa bola de futebol, um bastão acertando a bola de beisebol, a voz estridente e queixosa de uma menina de uma série mais atrasada, um coro de flautas doces praticando “As flores do jardim” com certa dificuldade.

Ele pensou em segurar a mão dela com a mesma intensidade, mas não tinha forças. Talvez por ela estar segurando-a com muita pressão. Ao mesmo tempo, seu corpo não obedecia. Por que ele não conseguia mover sequer um dedo? Era como se o corpo estivesse firmemente atado.

“Parece que o tempo parou”, pensou Tengo. Ele respirou calmamente, prestando atenção no ritmo da respiração. O bramido do mar continuava. Foi então que percebeu que todos os sons daquela realidade haviam desaparecido, e as pontadas que sentia no fundo do ventre se atenuaram, mescladas a uma sensação de dormência. Uma dormência que se transformava numa espécie de pó a se misturar no sangue vermelho e quente, espalhando-se por todo o corpo através dos vasos sanguíneos, impulsionado com a força diligente de um coração em fole. Dentro de seu peito formou-se uma pequena e compacta nuvem que alterava o ritmo de sua respiração e intensificava as batidas do coração.

“Um dia, certamente vou entender o significado e o objetivo de tudo isso”, pensou Tengo. Mas, para que isso acontecesse, era necessário registrar aquele instante do modo mais preciso e claro possível. Naquele momento, ele era apenas um garoto de 10 anos bom em matemática. Diante dele havia uma porta nova, mas ele não sabia o que havia por trás dela. Ele se sentia impotente, ignorante, emocionalmente confuso e com muito medo. Estava ciente disso. A garota também não esperava que ele fosse elucidar aquilo naquele exato momento. A única coisa que ela queria era transmitir o que sentia por Tengo. Um sentimento guardado numa pequena caixa

resistente, envolta em papel limpo e atada firmemente com uma corda estreita. O que ela queria era somente entregar-lhe o pacote.

Você não precisa abri-lo, dizia a garota sem se pronunciar. Abra somente quando chegar a hora. Naquele momento, bastava pegar o pacote. “*Ela já sabia muitas coisas*”, pensou Tengo. Mas ele ainda não o sabia. Naquele novo espaço, ela é que possuía a iniciativa. Aquele local tinha novas regras, novas metas e uma nova dinâmica. Tengo não sabia de nada. *Ela sabia*.

Finalmente, a menina soltou a mão de Tengo e, sem dizer nada, rapidamente deixou a sala de aula, sem se voltar para trás. Tengo ficou sozinho na ampla sala. Da janela ouviam-se as vozes das crianças.

No instante seguinte, Tengo percebeu que estava gozando. Uma ejaculação intensa, que durou alguns segundos. Uma grande quantidade de sêmen expelida. “Onde será que estou ejaculando?”, pensou ele, a mente confusa. Ejacular numa sala de aula após o término das aulas não era apropriado. Se alguém o visse, estaria em apuros. Mas ali não era mais a sala de aula. Quando percebeu, ele estava gozando em Fukaeri; ejaculando em direção ao útero dela. Não queria fazer isso, mas não conseguiu evitar. Tudo estava acontecendo fora de seu controle.

— Não precisa se preocupar — disse Fukaeri após um tempo, com a voz sem emoção. — Eu não vou engravidar. Não tenho menstruação.

Tengo abriu os olhos e a fitou. Ela estava montada nele e o olhava de cima. Seu perfeito par de seios estava diante de seus olhos, e acompanhavam o ritmo calmo e regular de sua respiração.

Tengo queria perguntar se aquilo significava ir para a cidade dos gatos. Queria perguntar onde, afinal, era a cidade dos gatos. Tentou articular em palavras tais perguntas, mas os músculos da boca não obedeciam.

— Isso era necessário — disse Fukaeri, como se lesse os pensamentos de Tengo. Era uma resposta concisa, que, ao mesmo tempo, não servia de resposta para nada. Como sempre.

Tengo fechou novamente os olhos. Ele foi para *lá*, ejaculou e voltou para *cá*. Era uma ejaculação real, assim como o sêmen era real. Se Fukaeri estava dizendo que era necessário, provavelmente estava certa. Tengo continuava com o corpo dormente, sem conseguir movê-lo. Após a ejaculação, a languidez envolveu seu corpo como uma fina película.

Durante um bom tempo, Fukaeri permaneceu nessa mesma posição e, como um inseto a sugar o néctar, absorveu com extrema eficiência até a última gota do sêmen de Tengo. Depois, soltou seu

pênis delicadamente e, sem dizer nada, saiu da cama e foi ao banheiro. Tengo então percebeu que não havia mais trovões e, em algum momento, a chuva também havia cessado. Aquelas densas nuvens que insistentemente pairavam sobre o apartamento haviam desaparecido sem deixar vestígios. O *silêncio*, de tão profundo, parecia irreal. A única coisa que conseguia ouvir era o leve som de Fukaeri tomando banho. Tengo permaneceu olhando o teto, aguardando a sensibilidade de seu corpo voltar. A ereção continuava, mesmo após ter ejaculado, mas o pênis estava um pouco menos rígido.

Uma parte de seus sentimentos ainda estava na sala de aula da escola primária. Sentia vividamente na mão esquerda o toque dos dedos daquela menina. Ele não conseguia levantar a mão, mas sabia que na palma ainda havia as marcas avermelhadas das unhas dela. As batidas de seu coração mantinham o mesmo ritmo daquele momento logo após a ejaculação. A nuvem de tensão que existia em seu peito havia sumido e, em seu lugar, no espaço imaginário ao lado de seu coração, sentiu uma dor intensa e agradável.

“Aomame”, pensou Tengo. “Preciso me encontrar com ela. Preciso procurá-la. Era tão óbvio! Por que eu não percebi isso antes? Foi ela que me entregou esse pacote tão importante. Por que em vez de abri-lo eu o deixei jogado?” Tengo quis balançar o pescoço, mas não conseguiu. Seu corpo continuava paralisado.

Um tempo depois, Fukaeri voltou para o quarto e, com o corpo envolto numa toalha, sentou-se na beira da cama.

— O Povo Pequeninino não está mais agitado — disse Fukaeri, como um espião eficiente a informar, de modo frio e objetivo, as condições da frente de batalha. Com a ponta do dedo, desenhou um pequeno círculo no ar, da mesma forma que um pintor italiano da Renascença faria um perfeito e belo círculo na parede de uma igreja. Um círculo sem começo nem fim, que permaneceu suspenso durante um tempo. — Acabou. — Ao dizer isso, ela tirou a toalha e ficou em pé completamente nua, deixando o corpo úmido secar naturalmente em contato com o ar parado. Era uma bela imagem. Um par de seios firmes e o baixo ventre sem pelos.

Pouco depois, agachou-se para pegar o pijama do chão e o vestiu sem colocar as roupas íntimas. Fechou os botões e amarrou o laço da cintura. Tengo ficou observando a cena na penumbra do quarto. Era como se observasse o processo de transformação de um inseto. O pijama de Tengo era grande demais para ela, mas ela parecia à vontade nele. Em seguida, ela se deitou rapidamente na cama, acomodou-se em seu estreito espaço e apoiou a cabeça no ombro de Tengo. Ele conseguia sentir a pequena orelha encostada em seu

ombro, e sua cálida respiração no pescoço. Enquanto isso, seu corpo foi perdendo a paralisia, como a maré recua quando é chegada a hora.

O ar continuava úmido, mas a umidade já não era pegajosa nem desagradável. Lá fora os insetos começavam a trilar. Tengo já não tinha mais ereção, e seu pênis tornava a repousar submerso na tranquilidade da lama. As coisas foram passando por fases que deviam ser cumpridas e, finalmente, completou-se o ciclo. Um círculo perfeito desenhado no ar. Os animais desceram da arca e foram se dispersando pela terra ansiada. Todos os *casais* voltavam para os seus respectivos lugares.

— É melhor dormir — disse ela. — Bem profundamente.

“Dormir profundamente”, pensou Tengo. “Dormir e depois acordar. Amanhã, que tipo de mundo será que eu vou encontrar?”

— Ninguém tem como saber — disse Fukaeri, como se lesse seus pensamentos.

Finalmente, chegou a hora dos fantasmas

Aomame pegou um cobertor extra de dentro do armário e cobriu o enorme corpo daquele homem. Em seguida, colocou novamente o dedo na nuca dele para verificar se a artéria não estava mais pulsando. Aquele homem conhecido como Líder já estava em outro mundo. Um mundo que ela desconhecia, mas que, certamente, não era o de 1Q84. No mundo de cá, ele seria considerado uma pessoa “morta”. Aquele homem passara pela linha que separa a vida da morte apenas tremendo ligeiramente o corpo, como se sentisse um leve calafrio, sem emitir um único som, ainda que sutil; e sem derramar uma única gota de sangue. Agora ele estava livre de todos os sofrimentos e, de braços, jazia morto sobre o colchonete azul. O serviço de Aomame fora rápido e preciso, como sempre.

Aomame espetou a ponta da agulha na rolha, guardou-a no estojo rígido e o colocou dentro da bolsa esportiva. Tirou a Heckler & Koch da bolsa de vinil e a colocou na cintura da calça de agasalho. A arma estava destravada, e a bala posicionada na câmara. O contato do metal duro em sua espinha a deixou tranquila. Foi para a janela, fechou as grossas cortinas e deixou o quarto novamente escuro.

Por fim, pegou a bolsa esportiva e foi até a porta. Ao segurar a maçaneta, virou-se para trás e olhou novamente a figura daquele homem grande que permanecia de braços em meio à escuridão. Parecia dormir profundamente, como da primeira vez que o viu. Aomame era a única pessoa do mundo ciente de que ele estava morto. Não. O Povo Pequeninino também sabia e, por isso, o som dos trovões havia cessado. Agora, de nada adiantaria continuarem a mandar esse tipo de advertência. O representante deles estava literalmente sem vida.

Aomame abriu a porta e, ao deparar com a claridade da sala contígua, instintivamente desviou os olhos da luz. Fechou cuidadosamente a porta atrás de si, sem fazer barulho. O rapaz de cabelo rente estava sentado no sofá tomando café. Sobre a mesa havia um bule e uma bandeja grande com sanduíches, possivelmente solicitados ao serviço de quarto. A porção de sanduíches estava pela metade. Ao lado da bandeja havia duas xícaras de café limpas. O rapaz com rabo de cavalo continuava sentado na poltrona em estilo rococó, ao lado da porta, com a coluna ereta. Eles pareciam estar

naquela mesma posição durante muito tempo, em silêncio. O ar que preenchia o quarto denotava essa atmosfera.

Assim que Aomame apareceu, o rapaz de cabelo rente colocou a xícara de café no pires e se levantou em silêncio.

— Terminei — disse Aomame. — Agora ele está dormindo. A sessão foi longa e os músculos foram intensamente trabalhados. Por favor, deixe-o dormir.

— Está dormindo?

— Profundamente — disse Aomame.

O rapaz de cabelo rente encarou Aomame, fitando seus olhos em profundidade. Em seguida, seus olhos foram descendo lentamente até a ponta dos pés, à procura de algo estranho, e tornou a fitar seu rosto.

— Isso é normal?

— A maioria costuma dormir profundamente quando se sente aliviada da tensão muscular. É uma reação normal.

O rapaz de cabelo rente foi até a porta de ligação com o quarto, girou a maçaneta com cuidado e, com a porta ligeiramente entreaberta, deu uma olhada em seu interior. Aomame estava com a mão direita sobre a cintura da calça para sacar rapidamente a arma caso algo saísse errado. Após observar o quarto durante dez segundos, ele finalmente tirou a cabeça do espaço entreaberto e fechou a porta.

— Quanto tempo ele ficará dormindo? — perguntou a Aomame. — Não podemos deixá-lo no chão por muito tempo.

— Deve acordar daqui a duas horas. Enquanto isso, seria melhor deixá-lo naquela posição.

O rapaz de cabelo rente lançou um rápido olhar no relógio de pulso e concordou com um breve aceno de cabeça.

— Está bem. Vou deixá-lo naquela posição durante um tempo — disse. — Gostaria de tomar um banho?

— Não é preciso. Mas, se possível, gostaria de trocar de roupa.

— É claro. Pode usar o toalete.

Se ela pudesse escolher, em vez de se trocar optaria por sair do jeito que estava, o mais rápido possível. Mas achou melhor não levantar suspeitas. Se ela trocara de roupa ao chegar, era necessário trocar-se novamente antes de ir. Foi ao banheiro, tirou as roupas de ginástica e as peças íntimas úmidas de suor e, com uma toalha, enxugou o corpo. Vestiu calcinha e sutiã limpos e, por fim, a calça de algodão azul-claro e a blusa branca. Em seguida, escondeu a arma no cóis da calça, tomando o cuidado de não expô-la, e movimentou o corpo de várias maneiras para se certificar de que seus gestos não parecessem pouco naturais. Lavou o rosto com sabonete e penteou os cabelos com a escova. Em frente ao enorme espelho da pia, começou a fazer vários tipos de caretas para relaxar os músculos faciais rígidos e

tensos. Um tempo depois, a expressão de seu rosto voltava ao normal. Após ficar durante muito tempo fazendo caretas, era difícil se lembrar de como era seu rosto. Depois de várias tentativas, finalmente conseguiu resgatar o que parecia ser sua cara de sempre. Aomame encarou o espelho e observou-se atentamente. “Agora está bem”, pensou. “É o meu rosto de sempre, e até consigo sorrir. Minhas mãos não tremem e mostro firmeza no olhar. Sou a Aomame fria de sempre.”

Antes, o rapaz de cabelo rente observara demoradamente seu rosto, assim que saíra do quarto. Ele devia ter notado que ela havia chorado, e muito. Algum vestígio devia ter ficado em seu rosto. Ao pensar nessa hipótese, Aomame ficou apreensiva, cogitando se ele poderia ter estranhado o fato de ela ter chorado durante a sessão de alongamento. Desconfiado, ele entraria no quarto para ver como estava o líder e, com isso, descobriria que o coração dele não batia mais...

Aomame levou a mão às costas para se assegurar de que alcançaria rapidamente o cabo da arma. “Preciso me acalmar”, pensou. “Não posso ficar com medo. O medo aparece no rosto, e eles irão desconfiar.”

Preparada para o pior, Aomame pegou a bolsa esportiva na mão esquerda e saiu do toalete precavida. A mão direita estava livre para pegar a arma rapidamente. Mas tudo estava como antes. O rapaz de cabelo rente permanecia em pé, de braços cruzados, no meio da sala, e estreitava os olhos, parecendo pensar em algo. O de rabo de cavalo estava, como sempre, sentado na poltrona perto da entrada observando tranquilamente o quarto. Seus olhos eram plácidos como os de um piloto-atirador de um avião bombardeio. Um par de olhos acostumados a contemplar solitariamente o céu azul a ponto de neles trazer indícios dessa coloração.

— Você deve estar bem cansada, não? — disse o rapaz de cabelo rente. — Aceita um cafezinho? Temos também sanduíches.

— Não, muito obrigada. Não tenho fome depois de uma sessão de trabalho. Só começo a ter apetite daqui a uma hora — respondeu Aomame.

O rapaz de cabelo rente assentiu e tirou do bolso interno do paletó um envelope bem volumoso. Após sentir o peso em sua mão, entregou-lhe dizendo:

— Você está recebendo um valor acima do combinado. Como eu disse anteriormente, o que aconteceu aqui deve ser mantido em segredo absoluto.

— Estão me subornando para eu ficar calada? — disse Aomame, em tom de brincadeira.

— Digamos que é um reconhecimento pelos eventuais

transtornos — disse o homem, sem esboçar sequer um sorriso.

— Independentemente do valor, guardarei segredo. Isso faz parte do meu trabalho. Jamais deixo escapar quaisquer informações — disse Aomame, guardando o envelope dentro da bolsa do jeito que o recebeu. — Precisa de recibo?

O rapaz de cabelo rente balançou a cabeça negativamente.

— Não. Isso fica só entre nós. Você não precisa declarar o valor.

Aomame concordou em silêncio.

— Você deve ter usado muita força, não? — indagou o rapaz de cabelo rente, como que a sondá-la.

— Muito mais que o normal — respondeu Aomame.

— É porque ele não é uma pessoa comum.

— Creio que sim.

— Trata-se de uma pessoa insubstituível — disse ele. — Ele vem sofrendo de intensas dores no corpo há muito tempo. É como se carregasse sozinho todos os nossos sofrimentos e nossas dores. Gostaríamos de fazer o possível para tentar amenizar, ainda que minimamente, aquela dor.

— Como não conheço as causas da dor, não posso afirmar com segurança — disse Aomame, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Mas acho que ela deve ter diminuído *um pouco*.

O rapaz de cabelo rente assentiu.

— Você também deve estar exausta.

— Acho que sim — disse ela.

Enquanto Aomame e o rapaz de cabelo rente conversavam, o rapaz de rabo de cavalo continuava em silêncio, sentado ao lado da porta, observando o quarto. Sem mexer a cabeça, movia apenas os olhos. A expressão de seu rosto era sempre a mesma. Era difícil saber se ele escutava a conversa dos dois. Sozinho, taciturno e extremamente atento, parecia procurar, por entre as nuvens, algum indício de um avião inimigo que, a princípio, seria do tamanho de um grão de mostarda.

Após hesitar um pouco, Aomame perguntou para o rapaz:

— Sei que não é da minha conta, mas não seria uma violação aos preceitos do grupo tomar café e comer sanduíches de presunto?

O rapaz lançou um rápido olhar no bule de café e na bandeja de sanduíches sobre a mesa. Em seguida, esboçou nos lábios algo que se assemelhava a um sorriso.

— No nosso grupo, as regras não são tão rigorosas. As únicas proibições são as bebidas e o cigarro; e algumas restrições quanto ao sexo, mas, em relação à comida, a liberdade é relativamente grande. Normalmente, nossas refeições são frugais, mas café e sanduíches de presunto não são proibidos.

Aomame apenas assentiu, sem expor sua opinião.

— Como é um grupo grande, temos de ter algumas regras, mas elas não devem ser rígidas a ponto de perder o objetivo essencial. É conveniente existir preceitos e dogmas, mas o que realmente importa não é a moldura, e sim o conteúdo.

— É o Líder que fornece o conteúdo?

— Isso mesmo. Ele consegue escutar as vozes que nós não conseguimos captar — disse o rapaz de cabelo rente, fitando novamente o rosto de Aomame. — Muito obrigado por hoje. Parece que já parou de chover.

— Os trovões estavam terríveis — disse Aomame.

— Muito — concordou o rapaz, sem contudo parecer especialmente interessado no assunto.

Aomame inclinou ligeiramente a cabeça como um gesto de despedida, pendurou a bolsa de ginástica no ombro e se dirigiu à porta.

— Espere um pouco — gritou o rapaz de cabelo rente, atrás dela. Era uma voz penetrante e inquiridora.

Aomame parou no meio da sala e virou-se para trás. Seu coração palpitou forte e acelerado. A mão direita instintivamente se posicionou na cintura.

— O colchonete — disse o jovem. — Você não pegou o colchonete que está estendido no chão.

Aomame sorriu.

— Agora ele está dormindo e acho melhor não movê-lo de lá. Se quiser, pode ficar com o colchonete. Não é uma coisa cara e já foi usado várias vezes. Se não quiser, pode descartá-lo.

O rapaz de cabelo rente pensou um pouco, e por fim concordou.

— Muito obrigado — disse ele.

Quando Aomame se aproximou da porta, o rapaz de rabo de cavalo levantou-se da cadeira, abriu-lhe a porta e fez uma breve reverência. “Ele acabou não falando nada”, pensou Aomame. Ela retribuiu a reverência e passou diante dele.

Mas, de repente, Aomame sentiu um impulso violento percorrer-lhe a pele como uma intensa corrente elétrica. Num ímpeto, o rapaz de rabo de cavalo estendeu rapidamente o braço como se fosse agarrar a mão direita de Aomame. Um gesto extremamente rápido e preciso, como o de pegar uma mosca em pleno voo. Por instantes, ela sentiu vividamente a intenção dele. Todos os músculos de Aomame ficaram tensos. Arrepiada, o coração começou a bater descompassado. Sentiu-se sufocada e com calafrios percorrendo a espinha. Uma intensa luz incandescente alvejou sua mente. “Se este homem segurar o meu braço direito, não poderei sacar a arma. Se isso acontecer, não poderei

vencê-lo. Este homem percebe que eu fiz *alguma coisa*. Instintivamente ele sabe que *alguma coisa* aconteceu naquele quarto. Alguma coisa muito ruim. O seu instinto estava lhe dizendo ‘prenda esta mulher’ e lhe ordenava, ‘derrube-a no chão, imobilize-a com o peso de seu corpo, desloque seu ombro’. Mas isso tudo não passava de uma intuição. Não havia provas. Se estivesse equivocado, essa atitude o deixaria em má situação. A hesitação dele era tamanha que o fez desistir de agir. Quem julgava e decidia o que fazer era o rapaz de cabelo rente. Ele não tinha essa autoridade”, pensou Aomame. Ele reprimiu com muito esforço o ímpeto de seu braço direito e, gradativamente, foi diminuindo a força contida em seus ombros. Aomame notou nitidamente todas essas fases que o pensamento dele precisou percorrer em um ou dois segundos.

Aomame saiu para o corredor acarpetado e, sem se voltar para trás, seguiu calmamente o longo corredor em direção ao elevador. O rapaz de rabo de cavalo parecia observá-la com o rosto projetado para fora da porta. Aomame sentia pelas costas esse olhar penetrante como um objeto cortante. Os músculos de seu corpo estavam retesados, mas, mesmo assim, ela evitou a todo custo se virar. Não podia olhar para trás. Somente após virar o corredor é que, finalmente, sentiu a tensão diminuir. No entanto, ainda não podia ficar tranquila. Era imprevisível o que poderia acontecer. Apertou o botão do elevador e até ele chegar — um tempo de espera que parecia uma eternidade — manteve a mão direita no cabo da arma para poder sacá-la a qualquer momento, caso o rapaz de rabo de cavalo mudasse de ideia e resolvesse ir atrás dela. Antes de ele pegá-la com suas mãos firmes, ela teria de revidar atirando, sem hesitação. Ou atirar em si mesma. Aomame não sabia qual dessas escolhas faria caso isso acontecesse. Talvez nunca soubesse.

Mas ninguém veio atrás dela. O silêncio reinava absoluto naquele corredor do hotel. A porta do elevador se abriu fazendo um sonoro *tím* e Aomame entrou. Apertou o botão do saguão e aguardou a porta se fechar. Mordendo os lábios, acompanhou fixamente as indicações dos andares. Desceu do elevador, caminhou pelo amplo saguão e pegou um dos táxis que aguardavam na frente do hotel. Já não chovia, mas pingos caíam do táxi como se tivesse acabado de sair de dentro d’água. Aomame informou que queria ir para a saída oeste da estação Shinjuku. Quando o táxi deu a partida e se distanciou do hotel, Aomame soltou todo o ar contido nos pulmões. Fechou os olhos e esvaziou a mente. Não queria pensar em nada durante algum tempo.

Sentiu uma intensa náusea. A sensação era de que tudo que havia em seu estômago estava subindo até a garganta, mas conseguiu

reverter o fluxo. Apertou o botão do comando da janela para deixar o vidro aberto até a metade e respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar úmido da noite. Com o corpo encostado no banco, respirou fundo várias vezes. O seu hálito estava ruim. Era como se alguma coisa estivesse apodrecendo dentro dela.

De repente, se lembrou de tatear o bolso da calça de algodão e nele encontrou duas gomas de mascar. Com as mãos ligeiramente trêmulas, desembulhou os chicletes e, ao colocá-los na boca, começou a mastigá-los calmamente. Eram de hortelã. Um aroma nostálgico que conseguiu deixá-la mais tranquila. Enquanto mexia o queixo, o odor desagradável de sua boca começou a diminuir. “Não deve existir algo realmente podre dentro do meu corpo. O medo é que me deixou com essa sensação estranha”, pensou Aomame.

“Mas agora está tudo acabado. Não preciso mais matar ninguém. Eu fiz a coisa certa”, Aomame tentava se convencer. “Era de se esperar que eu matasse aquele homem. Ele apenas recebeu o seu castigo. E, apesar de ter sido por acaso, ele próprio queria isso, e muito. Eu apenas proporcionei uma morte tranquila, conforme o desejado. Não fiz nada de errado. Apenas infringi a lei.”

Por mais que ela tentasse se convencer disso, no fundo, não conseguia. Ela tinha acabado de matar, com as próprias mãos, uma pessoa que *não era comum*. Sentia na pele a ponta extremamente afiada da agulha penetrando silenciosamente na nuca daquele homem. Uma sensação que, por *não ser comum*, deixava-a muito perturbada. Ela permaneceu durante um bom tempo observando as palmas das mãos. Alguma coisa estava diferente. Totalmente diferente do normal. Mas ela não conseguia discernir o que era.

Se acreditasse no que aquele homem lhe dissera, ela havia matado um profeta. Uma pessoa que escutava a voz de Deus. Mas grande parte daquelas vozes não eram de Deus. Talvez fossem do Povo Pequeninó. O profeta também era o rei, e o destino de um rei era ser morto. Nesse sentido, ela era a assassina profissional enviada pelo destino. Ao eliminar a existência desse rei ou profeta, ela conseguira manter o equilíbrio entre o bem e o mal do mundo. Por isso, ela teria de morrer. Mas havia um acordo: mataria aquele homem e renunciaria à sua própria vida em troca de salvar a vida de Tengo. Este era o acordo. Isso se ela *acreditasse no que aquele homem lhe dissera...*

Aomame, porém, não podia deixar de acreditar nele. Ele não era fanático, e quem está para morrer não conta mentiras. Acima de tudo, suas palavras tinham um poder de convencimento. Um poder de convencimento muito grande, como uma âncora enorme e pesada. Todos os barcos possuem uma âncora que corresponde ao tamanho e ao peso da embarcação. Independentemente das perversidades que ele houvesse praticado, aquele homem realmente lembrava um navio

enorme. Aomame não podia deixar de reconhecer isso.

Sem que o motorista pudesse ver, ela tirou a Heckler & Koch da cintura, acionou o dispositivo de segurança e guardou-a na bolsa. Um peso sólido e mortal de meio quilo foi retirado de seu corpo.

— Os trovões agora há pouco eram assustadores, não? A chuva também foi intensa — disse o motorista.

— Trovões? — indagou Aomame. Parecia que aquilo havia acontecido muito tempo antes, mas não fora nem meia hora atrás. Realmente, lembrou-se de ter escutado o ribombar dos trovões. — É mesmo. Os trovões estavam assustadores.

— O serviço meteorológico não previu isso hoje cedo. Apenas disseram que o tempo seria bom.

Aomame tentou pensar rápido. Precisava dizer alguma coisa, mas faltavam-lhe palavras adequadas. O seu raciocínio estava muito lento.

— A previsão do tempo dificilmente acerta — disse ela.

O motorista lançou um rápido olhar no rosto de Aomame moldado pelo espelho retrovisor. Ele devia ter achado o jeito de ela falar um tanto estranho. O motorista prosseguiu:

— As ruas ficaram alagadas e a água da chuva invadiu a estação de metrô Akasaka-Mitsuke, inundando os trilhos do trem. Isso porque a chuva se concentrou numa área pequena. As linhas de Ginza e Marunouchi estão temporariamente paradas. Acabaram de dar no rádio.

A chuva intensa e concentrada interrompeu o funcionamento das linhas de metrô. Será que isso, de algum modo, afetaria o que ela precisava fazer? Precisava pensar rápido. Tinha de ir à estação Shinjuku e tirar sua mala de viagem e sua bolsa do armário alugado. Depois, precisava ligar para Tamaru para receber instruções. Se o próximo passo fosse ter de usar a linha Shinjuku em direção a Marunouchi, a coisa ficaria complicada. Ela só tinha duas horas para fugir. Após esse tempo, eles começariam a desconfiar de o líder não acordar e, possivelmente, entrariam no quarto e descobririam que estava morto. Imediatamente começariam a agir.

— Será que a linha Marunouchi continua parada? — Aomame perguntou para o motorista.

— Não sei. Quer que eu ligue o noticiário?

— Sim, por favor.

Segundo o Líder, o Povo Pequeninino é que provocara a tempestade. Eles fizeram com que a chuva caísse torrencialmente naquela restrita área em torno do bairro de Akasaka e por isso o metrô parara de funcionar. Aomame balançou a cabeça. Talvez exista alguma intenção por trás disso. As coisas não costumam acontecer conforme o planejado.

O motorista sintonizou a rádio na emissora NHK. Tocavam músicas que estiveram na moda na segunda metade dos anos sessenta. Era um programa especial de músicas folclóricas interpretadas por cantores japoneses. Aomame tinha uma vaga lembrança de ter ouvido aquelas músicas quando criança, mas não sentiu nenhuma nostalgia daqueles tempos. Muito pelo contrário, elas lhe fizeram sentir-se incomodada. Aquelas músicas só lhe traziam lembranças que preferia não ter. Ela bem que aguentou escutá-las durante um tempo, na expectativa de que em algum momento fossem veiculadas informações sobre a situação dos trens, mas a espera parecia em vão.

— Por favor, já é o suficiente. Será que o senhor poderia desligar o rádio? — disse Aomame. — De qualquer modo, vou para a estação Shinjuku ver como está a situação.

O motorista desligou o rádio.

— Shinjuku deve estar apinhada de gente — disse ele.

De fato, a estação Shinjuku estava lotada, como o motorista havia previsto. Como a linha Marunouchi, que se conectava naquela estação com o trem da ferrovia nacional, estava parada, formou-se uma grande aglomeração e as pessoas andavam de um lado para o outro sem saber o que fazer. O horário do rush já havia passado, mas, mesmo assim, era difícil andar por entre a multidão.

Aomame finalmente conseguiu chegar até os armários e retirou a bolsa e a mala de viagem preta de couro sintético. Na mala estava o dinheiro retirado do cofre. Tirou alguns objetos da bolsa de ginástica e os colocou uma parte na bolsa e a outra na mala: o envelope com o dinheiro que o rapaz de cabelo rente lhe entregou, a bolsa de vinil com a arma e o estojo rígido com o picador de gelo. Como não precisava mais da bolsa esportiva da Nike, guardou-a num outro armário próximo, colocou uma moeda de cem ienes para acionar o sistema e o trancou. Não tinha intenção de pegá-la de volta. Dentro da bolsa não havia nada que pudesse comprometê-la.

Andou de um lado a outro da estação carregando a mala de viagem, à procura de um telefone público. Todos os telefones estavam ocupados. Uma fila enorme se formara e as pessoas aguardavam a vez para telefonar para suas casas avisando que se atrasariam porque o trem estava parado. Aomame franziu levemente a sobrancelha. Pelo visto, o Povo Pequeninino não iria deixá-la escapar tão facilmente. Segundo o Líder, eles não podiam fazer nada diretamente contra ela, mas podiam impedi-la de agir usando subterfúgios para tentar prejudicá-la.

Aomame desistiu de esperar na fila e resolveu sair da estação. Após andar um pouco, resolveu entrar na primeira lanchonete que

encontrou e pediu um café gelado. O telefone cor-de-rosa da cafeteria também estava ocupado, mas, como havia previsto, não havia fila. Aomame ficou atrás da senhora de meia-idade que falava ao telefone e aguardou pacientemente o término da longa conversa. A mulher olhava de vez em quando para Aomame com uma expressão de desgosto, mas, cinco minutos depois, desligou o telefone resignada.

Aomame colocou todas as moedas que tinha e discou o número que havia memorizado. Após o terceiro toque, a voz artificial da gravação da secretária eletrônica foi acionada. “No momento não podemos atendê-lo. Por favor, deixe o recado após o sinal.”

Após ouvir o sinal, Aomame disse:

— Tamaru, você está aí? Se estiver, por favor, atenda.

Alguém atendeu o telefone.

— Estou aqui — respondeu Tamaru.

— Que bom — disse Aomame.

Tamaru percebeu em sua voz um tom de urgência diferente do normal.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Por enquanto.

— O serviço deu certo?

— Ele está dormindo profundamente. Mais profundamente seria impossível.

— Certamente — disse Tamaru, demonstrando alívio. Para ele, que não costumava expressar seus sentimentos, isso era uma coisa rara. — Vou informá-la. Sabendo disso, ela certamente ficará tranquila.

— Não foi nada fácil.

— Sei disso. Mas o trabalho foi concluído.

— De certa forma — disse Aomame. — Este telefone é seguro?

— Estou usando uma linha especial. Não precisa se preocupar.

— Retirei a mala que estava no armário da estação Shinjuku.

O que faço agora?

— Qual é a margem de tempo?

— Uma hora e meia — respondeu Aomame. Ela explicou sucintamente a situação. Por fim, disse que em uma hora e meia os dois guarda-costas iriam checar o quarto e descobrir que o Líder estava morto.

— Uma hora e meia é suficiente — disse Tamaru.

— Será que, ao descobrirem, vão chamar a polícia?

— Não sei. Ontem a polícia começou a fazer investigações na sede do grupo. Por enquanto ainda estão na fase de ouvir as pessoas e não se trata de uma investigação séria, mas, se o Líder estiver morto, creio que as coisas irão piorar muito.

— Está querendo dizer que, em vez de tornar público, eles vão

resolver a situação sozinhos?

— Aquela gente faria isso tranquilamente. No jornal de amanhã saberemos se eles informaram ou não a morte do Líder às autoridades. Não gosto de jogos de azar, mas, se fosse necessário apostar numa dessas duas opções, eu diria que eles não vão falar nada.

— Será que vão achar que foi uma morte natural?

— À primeira vista não vai dar para saber. Se não fizerem uma autópsia minuciosa, não saberão se foi morte natural ou assassinato. De qualquer modo, a primeira coisa que eles devem fazer é te chamar para ouvir o que você tem a dizer. Afinal, você foi a última pessoa que esteve com ele. Ao saberem que você deixou o apartamento e está escondida em algum lugar, concluirão que não foi morte natural.

— Eles vão começar a me procurar. Com o máximo de empenho.

— Não há dúvidas — disse Tamaru.

— Será que vou conseguir desaparecer?

— O plano já está traçado. É um plano meticuloso. Se você seguiu-o à risca e agir com muita precaução, ninguém irá te encontrar. O que pode estragar tudo é o medo.

— Estou me esforçando — disse Aomame.

— Continue assim. Aja com rapidez e faça do tempo o seu aliado. Você é uma pessoa cuidadosa e perseverante. Aja como sempre costuma fazer.

— Choveu muito nas proximidades de Akasaka e o metrô está parado — disse Aomame.

— Estou sabendo — disse Tamaru. — Mas não precisa se preocupar. Não será preciso pegar o metrô. Tome um táxi e vá para o abrigo que fica no centro da cidade.

— No centro da cidade? Não estava previsto eu ir para longe?

— É claro que você vai para bem longe — disse Tamaru calmamente, com um tom explicativo. — Mas, antes, será necessário tomar algumas providências. Você precisa mudar de nome e de rosto. Este último trabalho foi muito difícil. Certamente, você deve estar nervosa. Numa hora dessas é desaconselhável agir de modo precipitado. Fique escondida nesse abrigo durante um tempo. Não se preocupe, nós lhe daremos todo o apoio que precisar.

— Onde fica esse abrigo?

— Kôenji — respondeu Tamaru.

“Kôenji”, pensou Aomame, dando pequenas batidas no dente da frente com a ponta da unha. Não conhecia nada desse bairro.

Tamaru informou o endereço e o nome do edifício. Como sempre, Aomame memorizou tudo sem ter de anotar.

— É na saída sul da estação Kôenji, próximo aoanel viário 7. O número do apartamento é 303. Para abrir a porta de segurança

digite o código 2831.

Tamaru fez uma pausa enquanto Aomame repetia mentalmente os números 303 e 2831.

— A chave está embaixo do tapete do terraço, presa com fita adesiva. As coisas necessárias para passar um tempo por lá já foram providenciadas para que você não precise sair. Entrarei em contato. Vou dar três toques e desligar; vinte segundos depois telefone novamente. Na medida do possível, evite entrar em contato comigo.

— Entendi — disse Aomame.

— Os caras eram durões? — perguntou Tamaru.

— Os dois que me acompanharam pareciam ser muito fortes. De vez em quando eles me davam calafrios, mas não são profissionais. O nível deles é diferente do seu.

— Poucos são como eu.

— Se fossem muitos, seria um problema.

— Quem sabe — disse Tamaru.

Aomame pegou a bagagem e foi para o ponto de táxi da estação. A fila de espera era gigantesca, indicando que a circulação dos trens ainda não havia sido restabelecida. Aomame não tinha outra escolha a não ser ficar na fila e aguardar pacientemente a sua vez de pegar o táxi.

Enquanto esperava na fila com os demais trabalhadores que esboçavam em seus rostos uma nítida irritação, ela ficou repetindo mentalmente várias e várias vezes o endereço do abrigo, o nome do edifício, o número do apartamento, o código do portão e o telefone de Tamaru, como um asceta sentado sobre uma pedra no topo da montanha, recitando um mantra importante. Aomame sempre confiou em seu poder de memorização e, por isso, gravá-los não foi tarefa difícil; além do mais, não eram muitas as informações. Mas, naquele momento, aqueles números eram sua tábua de salvação. Se esquecesse um único número, colocaria sua vida em risco. Precisava, portanto, gravá-los em sua mente.

Quando finalmente conseguiu pegar um táxi, já se havia passado cerca de uma hora desde que deixara o quarto do hotel com o Líder morto. Era quase o dobro do tempo que ela havia previsto e, provavelmente, o Povo Pequeninino saíra ganhando com aquela diferença. O Povo Pequeninino provocara uma chuva torrencial em Akasaka, que interrompeu a circulação dos trens, atrapalhou o retorno dos trabalhadores para suas casas, causou um grande tumulto na estação de Shinjuku e a quantidade insuficiente de táxis fez com que Aomame se atrasasse, deixando-a cada vez mais tensa. Estavam tentando fazê-la perder a calma. Não. Podia ser apenas uma casualidade, uma coincidência. Ela só estava amedrontada com a

sombra de um Povo Pequeninno que nem sequer existia.

Aomame informou ao motorista aonde queria ir e, recostada no banco, fechou os olhos. Aqueles dois rapazes de terno preto deviam estar olhando o relógio de pulso, aguardando a hora de o Líder acordar. Aomame conseguia imaginar a cena do rapaz de cabelo rente tomando o café, pensativo. A função dele era a de pensar. Pensar e decidir. Talvez esteja desconfiado de o Líder estar dormindo tão silenciosamente. Ele não costumava dormir profundamente e em tão completo silêncio, sem roncar ou fazer ruídos durante o sono. Mas sempre existe algum tipo de indício. Aomame havia lhe dito que o Líder dormiria profundamente durante duas horas e que era preciso deixá-lo descansar para que os músculos pudessem se recuperar. Havia passado uma hora desde então. Mas algo devia estar deixando-o incomodado. Algo devia estar lhe dizendo para dar uma olhada no Líder. Ele devia estar confuso, sem saber o que fazer.

Mas, entre os dois, o mais perigoso era o de rabo de cavalo. Aomame se lembrava claramente daquele seu momentâneo gesto agressivo na hora em que ela estava para sair do quarto. Ele era quieto, mas possuía uma forte intuição. Provavelmente, também era um excelente lutador. Muito mais do que ela imaginava. Ela não seria capaz de enfrentá-lo com os conhecimentos de artes marciais que possuía. Não teria sequer a chance de sacar a arma. Mas, felizmente, ele não era profissional. Antes de seguir a intuição, agia pelo raciocínio. Estava acostumado a receber ordens. Tamaru era diferente. Naquela situação, Tamaru prenderia a pessoa e só depois de imobilizá-la é que pararia para pensar. Primeiro ele agiria confiando em sua intuição, para depois decidir racionalmente o que fazer. Ele sabia que bastava apenas um segundo de hesitação para ser tarde demais.

Ao se lembrar daquele momento, Aomame sentiu brotar o suor nas axilas. Sem dizer nada, ela balançou a cabeça. “Eu tive sorte. Consegui escapar daquele lugar sem ter sido capturada. Preciso tomar muito cuidado de agora em diante. Tamaru tem razão. O importante é estar muito atenta e não perder a paciência. Basta um único deslize para o perigo se acercar.”

O motorista do táxi era um senhor de meia-idade que falava de modo muito educado. Ele pegou um mapa, estacionou o carro, desligou o taxímetro e, gentilmente, verificou onde ficava o quarteirão e o edifício. Aomame desceu do táxi após agradecer-lhe. O prédio de cinco andares era novo e elegante, e ficava no centro de um bairro residencial. Não havia ninguém na portaria. Ao teclar 2831 a porta automática da entrada se abriu e ela tomou o elevador asseado, porém pequeno, até o terceiro andar. Ao descer do elevador, a primeira coisa

que fez foi verificar onde ficava a escada de emergência. Depois, pegou a chave presa com fita adesiva embaixo do capacho e entrou no apartamento. A luz estava programada para acender automaticamente ao abrir a porta. O apartamento tinha o cheiro característico de algo recente. Os móveis e os aparelhos eletrônicos pareciam novos, sem sinal de terem sido usados antes. Como se tivessem acabado de sair de suas caixas e sido arrancados dos plásticos, comprados para compor um apartamento decorado. Era simples, funcional e sem o ranço do cotidiano.

Do lado esquerdo da entrada ficavam a copa e a sala conjugada, além de um corredor com banheiro; e, ao fundo, dois quartos. Num dos quartos havia uma cama queen-size e uma penteadeira. A persiana estava fechada. Ao abrir a janela, escutava-se o barulho do trânsito do anel viário 7 como um distante rugido do mar. Ao fechá-la, não se ouvia praticamente nada. Havia uma pequena varanda na sala e, dali, dava para ver, do outro lado da rua, um pequeno parque com balanços, escorregador, caixa de areia e um banheiro público. Lâmpadas de mercúrio instaladas no alto iluminavam a área ao redor do parque com uma intensidade acima do normal. Uma enorme zelkova estendia seus galhos por todos os lados. O apartamento ficava no terceiro andar, mas, como não havia nenhum prédio alto nas redondezas, ela não precisava se preocupar em estar sendo observada.

Aomame lembrou seu antigo apartamento de Jiyûgaoka, que havia acabado de abandonar. Era um edifício antigo, que não podia ser chamado de limpo. Às vezes, aparecia uma barata, e as paredes também eram finas. Não tinha apego por aquele apartamento, mas, naquele momento, sentiu saudades dele. O quarto novo e extremamente asseado em que ela estava agora a fazia sentir-se como uma pessoa anônima, privada de suas lembranças e desprovida de personalidade.

Ao abrir a geladeira, havia na porta quatro latas de cerveja Heineken. Aomame abriu uma delas e tomou um gole. Ligou a televisão de 21 polegadas e assistiu ao noticiário sentada de frente para ela. Passava uma reportagem sobre os trovões e o intenso temporal. A notícia do dia era a inundação na estação Akasaka-Mitsuke e a interrupção das linhas Marunouchi e Ginza. As águas desciam as escadas da estação como uma cascata. Os funcionários do metrô, com capas de chuva, colocavam sacos de areia na entrada da estação, mas era evidente que era tarde demais. As linhas de trem continuavam paradas e não havia previsão de retorno. O repórter entrevistava algumas pessoas que não puderam voltar para casa. Um deles se queixava que, na previsão do tempo da manhã, haviam dito que o dia seria de tempo bom.

Aomame ouviu todo o noticiário, mas, obviamente, não se falou nada da morte do Líder de Sakigake. Aqueles dois rapazes ainda deviam estar na sala, aguardando as horas passarem e, em breve, descobririam a verdade. Ela tirou a bolsa de vinil de dentro da mala e colocou a Heckler & Koch sobre a mesa. Ali, a pistola automática alemã parecia extremamente áspera e taciturna. E de um infinito negror. Mas, graças a ela, criava-se um ponto de referência naquela sala impessoal demais. “Cenário com pistola automática”, murmurou Aomame. Parecia o título de um quadro. De qualquer forma, de agora em diante, ela precisava carregá-la junto ao corpo para sacá-la rapidamente a qualquer momento: para atirar em alguém, ou para atirar em si mesma.

Dentro da enorme geladeira havia comida suficiente para uns quinze dias sem precisar sair para comprar nada. Verduras, legumes e alguns pratos prontos para servir. No freezer havia carnes, peixes e pães congelados. Inclusive potes de sorvete. Na prateleira, alimentos conservados a vácuo, enlatados e uma fileira com vários tipos de temperos. Havia também arroz e massa; uma grande quantidade de água mineral e duas garrafas de vinho tinto e branco. Aomame não sabia quem teria providenciado tudo aquilo, mas os preparativos foram tão minuciosos que não parecia faltar nada.

Aomame começou a sentir um pouco de fome. Tirou o queijo camembert, cortou algumas fatias e as comeu com biscoitos de água e sal. Após terminar metade do queijo, lavou um pedaço de aipo e foi mordendo-o, passando na maionese.

Depois, examinou as gavetas no quarto ao lado. Na gaveta de cima havia um pijama e um robe de tecido fino. Ambos estavam dentro do plástico e eram novos. Pensaram em tudo. Na gaveta de baixo encontrou três camisetas e três pares de meias soquetes, meias finas e roupas íntimas. Todas as peças eram brancas e simples, como se combinassem com a decoração da casa, e tudo estava devidamente protegido em embalagens plásticas. Provavelmente, eram os mesmos produtos entregues às mulheres do abrigo. O material era de boa qualidade, mas recendia a “artigos para fins assistenciais”.

No banheiro havia xampu, condicionador, loção para a pele e água de colônia. Era tudo de que precisava. Como não costumava se maquiar, praticamente não necessitava de cosméticos. Havia também uma escova de dentes, uma escovinha interdental e pasta. Além de escovas de cabelo, cotonetes, lâminas descartáveis, uma tesoura pequena e absorventes. Um considerável estoque de papel higiênico e lenços de papel. As toalhas de banho e de rosto estavam devidamente dobradas e empilhadas no armário. Tudo estava cuidadosamente organizado.

Aomame abriu o armário do quarto. Achou que poderia

encontrar fileiras de vestidos e calçados do seu tamanho. Seria o máximo se eles fossem Armani e Ferragamo. Mas, contrariando suas expectativas, estava vazio. Eles não chegaram a esse extremo. Com certeza, sabiam exatamente até que ponto ser providenciais, sem nunca soar excessivos. Como a biblioteca de Jay Gatsby: os livros eram de verdade, mas suas páginas não haviam sido cortadas e abertas. E, enquanto estivesse ali, não haveria a necessidade de roupas para sair. Eles não preparavam coisas que não fossem ser usadas. Mas cabides havia aos montes.

Aomame tirou as roupas da mala e, após verificar se não estavam amassadas, pendurou-as nos cabides. Ela sabia que, se as deixasse dentro da mala, seria mais fácil fugir, mas o que ela mais detestava no mundo era ter de vestir roupas amarrotadas.

“Jamais serei uma assassina profissional de sangue-frio”, pensou Aomame. “Onde já se viu me preocupar com roupas amarrotadas numa hora dessas.” Ao pensar nisso, lembrou-se de uma conversa com Ayumi.

— Eles guardam o dinheiro dentro daqueles colchões ocidentais e, quando estão em perigo, pegam todo o dinheiro e fogem pela janela.

— Isso, isso mesmo — disse Ayumi, estalando os dedos. — É como no filme *A fuga*, de Steve McQueen. Maços de dinheiro e uma arma. Adoro isso.

— Não é uma vida tão divertida — disse Aomame, em direção à parede.

Aomame foi ao banheiro, tirou a roupa e tomou uma ducha. Com a água quente removeu o suor desagradável que impregnava o seu corpo. Em seguida, sentou-se no balcão da cozinha e, enquanto secava o cabelo úmido com a toalha, tomou mais um gole da cerveja.

“Hoje muitas coisas deram definitivamente um passo adiante”, pensou. A engrenagem fez um *barulho seco* e avançou uma posição. Uma vez que avançou, não podia mais recuar. É uma regra do mundo.

Pegou a arma, apontou o cano para cima e o colocou dentro da boca. A ponta do cano de aço era extremamente dura e fria. Sentiu um cheiro sutil de graxa. Bastava atravessar o cérebro. Acionar o martelo e apertar o gatilho. Com isso, tudo estava acabado. Não precisava pensar em mais nada nem fugir de um lado para outro.

Aomame não tinha medo de morrer. Ela morreria e Tengo continuaria a viver. Ele permaneceria neste mundo de 1Q84. Neste mundo em que existiam duas luas. Mas ela *não faria parte* deste mundo. Neste mundo ela não poderia se encontrar com ele. Independentemente de quais mundos fossem, eles jamais se

encontrariam. Pelo menos, fora isso que o Líder lhe dissera.

Olhou novamente o quarto com calma. “Realmente, parece um apartamento modelo”, pensou. “Limpo, padronizado e com tudo o que é necessário. Mas é impessoal, frio e *falso*.” O lugar não lhe parecia agradável, caso tivesse de morrer lá. “Mas será que existe algum lugar no mundo em que seja agradável morrer? Será que o mundo em que vivemos não é um enorme apartamento decorado? Entra-se nele, senta-se, bebe-se uma xícara de chá, contempla-se a paisagem pela janela e, quando chega a hora, agradecemos e partimos. Todos os móveis seriam imitações de papel machê. A lua pendurada na janela seria apenas uma cópia em papel.”

“Mas eu amo Tengo”, pensou Aomame, para depois balbuciar — *Eu amo Tengo*. — “Não é um desfile de cabaré. O mundo de 1Q84 é real e, quando nos cortamos, o sangue que escorre é verdadeiro. A dor sempre é dor, e o medo é sempre medo. A lua no céu não é de papel machê. É de verdade. O *par* de luas também é real. Neste mundo, eu me ofereci para morrer no lugar de Tengo. Ninguém pode me dizer que isso tudo é falso.”

Aomame olhou o relógio de parede redondo. Era um modelo simples da Braun. Combinava com a Heckler & Koch. O relógio era a única coisa pendurada na parede. Os ponteiros indicavam que passava das dez da noite. Em breve, os dois rapazes iriam descobrir que o Líder estava morto.

Numa elegante suíte do hotel Ôkura, jaz um homem. Um homem de corpo grande, que *não é uma pessoa comum*. Ele foi enviado para o mundo de lá. Independentemente de quem seja ou do que faça, nada o trará de volta para o mundo de cá.

Finalmente, chegou a hora dos fantasmas.

Tengo

Como um navio fantasma

— Que tipo de mundo eu vou encontrar amanhã?

— Ninguém sabe — disse Fukaeri.

No entanto, o mundo em que Tengo acordou não parecia tão diferente daquele da noite anterior, antes de ele dormir. O relógio da cabeceira indicava alguns minutos depois das seis. Lá fora, o dia estava claro. O ar estava limpo e a luz penetrava em forma de cunha por entre as cortinas. Parecia que, finalmente, o verão anunciava seu fim. Os pássaros gorjeavam alegremente. O intenso temporal da noite anterior era como um sonho, ou algo ocorrido num passado bem distante, em algum local desconhecido.

A primeira coisa que Tengo pensou ao acordar foi na possibilidade de Fukaeri ter ido embora durante a noite, mas ela continuava ao seu lado, dormindo profundamente como um animalzinho hibernando. Seu rosto adormecido era belo, e delicados fios de cabelos pretos desenhavam sobre a pele alva uma complexa figura. Não se podiam ver as orelhas, escondidas atrás dos cabelos, mas se ouvia um leve ressonar. Tengo ficou durante um tempo olhando o teto, ouvindo atentamente esse ressonar, como o som de um pequeno fole.

Ele ainda se lembrava nitidamente da sensação que tivera na noite anterior ao ejacular. Ao pensar que ele realmente lançara todo o sêmen dentro dela, sentia-se confuso. Havia sido uma quantidade *muito* grande. Mas a impressão que teve ao despertar era de que tanto isso quanto o temporal da noite anterior não haviam acontecido de verdade. Era como se tudo não passasse de um sonho. Quando Tengo era adolescente, ele tinha ejaculações noturnas. Os sonhos eróticos eram tão reais que, ao gozar, ele acordava. Tudo não passava de um sonho, mas a ejaculação era real. O que ele sentia agora era muito parecido com aquela experiência.

Mas aquilo não fora uma ejaculação noturna. Ele realmente tinha gozado em Fukaeri. Foi ela que conduziu seu pênis para dentro de si e extraíra eficazmente seu sêmen. Ele apenas obedecera ao comando. Naquela hora, seu corpo estava paralisado, impossibilitado

de mexer sequer um dedo. Ele próprio pensava estar ejaculando na sala de aula do primário. Fukaeri o tranquilizara dizendo que, por ela não menstruar, não havia perigo de engravidar. Tengo não conseguia aceitar a ideia de que aquilo realmente tinha acontecido, mas o fato é que realmente ocorrera; no mundo real. Possivelmente.

Ele saiu da cama, trocou de roupa e foi para a cozinha esquentar água para um café. Enquanto o preparava, tentou organizar a mente, como se arrumasse as gavetas de uma mesa. Porém, não conseguiu ajotá-las direito. Apenas mudou algumas coisas de posição: no lugar da borracha de apagar colocou os prendedores de papel; no lugar dos prendedores, o apontador; e no lugar do apontador, a borracha. A confusão continuou, apenas de outra forma.

Após beber um café fresco foi para o banheiro e, escutando um programa de música barroca numa estação de FM, fez a barba. Ouvia *partitas* para solos de vários instrumentos, compostas por Telemann. Era algo que ele costumava fazer: preparava o café na cozinha, tomava uma xícara e fazia a barba ouvindo *Música barroca para você*. O que variava era apenas a programação. Se não lhe falhava a memória, no dia anterior haviam tocado a música de teclado do Rameau.

O comentarista do programa explicou:

Na primeira metade do século XVIII, Telemann gozava de grande prestígio como um dos mais talentosos e prolíficos compositores da Europa, mas, no início do século XIX, apesar de seu vasto repertório, suas obras foram desprezadas pelo público. Mas não por culpa sua. A mudança de avaliação se pautava pelo fato de ocorrerem transformações no cenário da sociedade europeia, que provocaram uma mudança significativa nas motivações para se compor música.

“Será esse o novo mundo?”, pensou Tengo.

Ele olhou novamente ao redor. Como já tinha constatado antes, não havia nenhuma mudança. Naquele momento, ainda não havia ninguém que o desprezasse. Fosse como fosse, ele precisava fazer a barba. Mesmo que o mundo houvesse mudado, ninguém a faria para ele.

Após fazer a barba, passou manteiga na torrada e, enquanto a comia, serviu-se de mais uma xícara de café. Depois, foi para o quarto ver como Fukaeri estava, mas ela continuava dormindo profundamente, na mesma posição, sem se mexer um milímetro sequer. Em sua face, os cabelos pretos mantinham o desenho daquela complexa figura e ela continuava a ressonar tranquilamente.

Nesse dia, ele não tinha nenhum compromisso. Não precisava dar aulas na escola preparatória. Ninguém viria visitá-lo, e ele

tampouco, tinha a intenção de visitar alguém. Estava livre para fazer o que bem entendesse. Tengo sentou-se à mesa da cozinha e voltou a escrever sua história. Foi preenchendo com a caneta-tinteiro o quadriculado do papel para manuscritos. Como sempre, conseguiu se concentrar rapidamente no trabalho. Ao mudar a chave mental, todas as outras coisas desapareceram de seu campo visual.

Fukaeri acordou um pouco antes das nove horas. Ela havia tirado o pijama e vestia a camiseta de Tengo. A camiseta do Jeff Beck, de sua turnê pelo Japão. A mesma que Tengo usara para visitar o pai em Chikura. Seus mamilos, nitidamente destacados, fizeram com que ele se lembrasse da ejaculação da noite anterior, assim como a menção de um determinado ano traz à tona certos fatos históricos.

A rádio tocava uma peça para órgão de Marcel Dupré. Tengo parou de escrever e preparou o café da manhã para ela. Fukaeri tomou um chá Earl Grey e comeu uma torrada com geleia de morango. Ela passou a geleia na torrada cuidadosamente, como Rembrandt a desenhar uma prega na roupa.

— Quantos exemplares você acha que seu livro vendeu? — perguntou Tengo.

— *Crisálida de ar*? — perguntou Fukaeri.

— É.

— Não sei — disse ela, franzindo levemente as sobrancelhas.
— Muitos.

Tengo achou que a quantidade não era um fator importante para ela. Dizer “muitos” o fez imaginar um campo com trevos a perder de vista. Os trevos traziam o conceito de “muitos”, pressupondo a impossibilidade de serem contados.

— Muitas pessoas estão lendo *Crisálida de ar* — disse Tengo.

Sem comentar nada, Fukaeri examinou atentamente se a geleia havia sido bem passada na torrada.

— Preciso me encontrar com Komatsu. O quanto antes — disse Tengo, fitando Fukaeri do outro lado da mesa. Como sempre, seu rosto era inexpressivo. — Você já deve ter se encontrado com ele, não é?

— Na coletiva de imprensa.

— Vocês chegaram a conversar?

Fukaeri balançou discretamente a cabeça, num gesto que significava que praticamente não conversaram.

Tengo podia imaginar vividamente a cena. Komatsu, como sempre, desandaria a falar rapidamente tudo o que pensava — e até o que não pensava —, enquanto ela estaria absorta em seus pensamentos, sem prestar atenção nele. Komatsu, por sua vez, não se importaria com essa atitude de Fukaeri. Se alguém pedisse para Tengo

indicar “um par totalmente incompatível”, certamente ele indicaria Fukaeri e Komatsu.

— Faz muito tempo que eu não vejo Komatsu nem tenho notícias dele. Creio que, de uns tempos para cá, ele deve estar muito ocupado. Principalmente depois que a *Crisálida de ar* se tornou um best-seller. Mas já está na hora de conversarmos seriamente sobre alguns assuntos. Acho que esse é um bom momento. Já que você está aqui, não quer vir junto?

— Nós três.

— Sim. Vai facilitar a conversa.

Fukaeri parou para pensar no assunto, ou parecia imaginar alguma coisa. Um tempo depois, respondeu:

— Tudo bem. Se isso for possível.

“Se isso for possível”, Tengo repetiu mentalmente. Uma frase que ecoava como uma profecia.

— Você acha que não vai dar certo — perguntou Tengo, receoso.

Fukaeri não respondeu.

— Se for possível, vamos nos encontrar com ele. Pode ser assim?

— O que vai fazer quando encontrar.

— O que vou fazer quando me encontrar com ele? — Tengo repetiu, em tom de pergunta. — Em primeiro lugar, vou devolver o dinheiro. Recebi, como remuneração de *Crisálida de ar*, um depósito alto em minha conta-corrente, mas prefiro não aceitá-lo. Isso não significa que eu esteja arrependido de ter reescrito *Crisálida de ar*. Foi um trabalho muito estimulante, que me motivou a seguir na direção certa. Sei que não deveria me gabar, mas acho que ficou muito bom. Tanto que o livro tem sido elogiado e está vendendo bem. Não me arrependo de ter aceitado o trabalho. Mas confesso que nunca pensei que essa história tivesse tamanha repercussão. Obviamente, como aceitei fazê-lo, devo assumir minha responsabilidade, mas, de qualquer modo, não tenho intenções de aceitar uma remuneração por ter feito isso.

Fukaeri encolheu levemente os ombros.

— Sei que a devolução não vai mudar o estado atual das coisas, mas quero deixar bem clara a minha posição.

— Para quem?

— Para mim mesmo — disse Tengo, com uma voz mais baixa.

Fukaeri pegou a tampa da geleia e a observou como se fosse um objeto estranho.

— Pode ser que seja tarde — disse Tengo.

Fukaeri também não disse nada quanto a isso.

Quando Tengo telefonou para a editora em que Komatsu trabalhava, por volta de uma da tarde (Komatsu nunca estava no período da manhã), a mocinha que atendeu o telefone informou que ele estava ausente havia alguns dias. Fora a única informação que ela soube dar, ou que estava disposta a dar. Tengo pediu que transferisse a ligação para outro editor, de uma revista semanal para quem Tengo escrevera pequenas colunas sob pseudônimo. Esse editor era dois ou três anos mais velho que ele, formara-se na mesma faculdade e mantinha com ele uma boa relação.

— Faz uma semana que Komatsu não vem trabalhar — disse o editor. — No terceiro dia, ele telefonou dizendo que não estava se sentindo muito bem e que, por isso, resolvera tirar um tempo para descansar. Desde então não apareceu mais. O pessoal do departamento de livros está preocupado, não sabem o que fazer. Komatsu resolveu se tornar o único editor de *Crisálida de ar*, assumiu sozinho tudo o que diz respeito a essa obra. Ele devia cuidar apenas da revista, mas não delegou o assunto a ninguém. Sua ausência deixou o pessoal numa situação difícil, de mãos atadas. Mas, se ele não está passando bem, o jeito é se conformar.

— O que há de errado com ele?

— Não sei. Ele disse apenas que não estava passando bem e desligou o telefone. E não entrou mais em contato. Telefonei para a casa dele para tratar de um assunto, mas só caiu na secretária eletrônica. Não sei o que fazer.

— Ele não tem família?

— Ele mora sozinho. Chegou a ter esposa e filho, mas está divorciado há um bom tempo. Como ele não é de comentar nada, não sei dos detalhes. Ele é assim mesmo.

— Mas faltar uma semana e telefonar somente uma vez é meio estranho, não é?

— Você deve saber que ele é avesso às convenções sociais.

Tengo pensou sobre isso segurando o fone, e disse:

— Realmente, nunca se sabe o que ele vai aprontar. Além de não ligar para a opinião alheia, ele é um tanto egoísta. Mas, até onde eu sei, em relação ao trabalho, nunca foi irresponsável. Por mais que não esteja bem, não creio que abandonaria o trabalho neste momento em que *Crisálida de ar* está vendendo tanto. Não creio que ele faria isso.

— Tem razão — concordou o editor. — Talvez seja melhor eu ir até a casa dele ver o que está acontecendo. O grupo religioso Sakigake está sendo investigado pelo desaparecimento de Fukaeri, e ainda não sabemos seu paradeiro. Especula-se que algo pode ter acontecido com ela. Não creio que Komatsu esteja fingindo uma doença para esconder Fukaeri em algum lugar.

Tengo manteve-se quieto. Ele não podia dizer que Fukaeri estava bem na sua frente, limpando os ouvidos com cotonete.

— E tem mais. Tem uma coisa que me incomoda em relação àquele livro. O fato de estar vendendo é ótimo, mas algo não me cheira bem. Essa impressão não é só minha, mas de muitos que trabalham aqui na editora. Mas, então, você tinha algum assunto a tratar com ele?

— Não. Não era nada de importante. Só queria saber como ele estava, já que faz tempo que não nos falamos.

— Ultimamente, ele estava muitíssimo ocupado. Talvez esteja estressado. Afinal, *Crisálida de ar* foi o primeiro best-seller da editora desde sua fundação. A expectativa do bônus deste ano é grande. Você já leu o livro?

— Claro que sim. Li o original, enviado para o concurso.

— É mesmo! Você fez a primeira leitura.

— Achei o romance interessante e bem-escrito.

— De fato, a história é boa. Vale a pena ler.

Tengo sentiu algo de estranho na forma de o editor falar, e indagou:

— Algo está te incomodando?

— É a minha intuição de editor. Você tem razão: é bem-escrito. Não há dúvida. Mas, para uma escritora novata, de apenas 17 anos, acho que *é bem-escrito demais*. A autora desapareceu, e o editor não dá notícias. O livro é como um navio fantasma, sem tripulação, navegando sozinho pelos mares dos best-sellers.

Tengo soltou um som impreciso.

O editor prosseguiu:

— A história é sinistra, misteriosa, muito bem-contada. Mas, cá entre nós, aqui na empresa estão correndo boatos de que Komatsu deve ter mexido no texto. Muito mais do que seria admissível. Não creio nisso, mas, se for verdade, estamos com uma tremenda bomba-relógio nas mãos.

— Quem sabe foi uma questão de sorte, uma série de pequenas coincidências.

— Mesmo assim, não vai durar para sempre — disse o editor.

Tengo agradeceu e desligou o telefone.

Ao colocar o fone no gancho, disse para Fukaeri:

— Faz uma semana que Komatsu não vai trabalhar, e ele não dá notícias.

Fukaeri nada respondeu.

— Parece que as pessoas ao meu redor estão sumindo uma após a outra — disse Tengo.

Fukaeri novamente não respondeu nada.

Tengo se lembrou de que a pele perde diariamente cerca de quarenta milhões de células. Elas se soltam e, como uma minúscula partícula de poeira, desaparecem no ar. Neste mundo talvez sejamos como essas células e, sendo assim, não seria nada estranho se um dia, de repente, alguém viesse a sumir.

— Talvez eu seja o próximo — disse Tengo.

Fukaeri balançou levemente a cabeça.

— Você não vai desaparecer.

— Por que não?

— Porque você se purificou.

Tengo pensou no assunto durante alguns segundos, mas, claro, não chegou a nenhuma conclusão. Desde o começo sabia que, por mais que pensasse, seria em vão. Mesmo assim, não podia deixar de se esforçar para tentar entender.

— De qualquer modo, não podemos falar de imediato com Komatsu — disse Tengo. — Também não posso devolver-lhe o dinheiro.

— O dinheiro não é o problema — disse Fukaeri.

— Então, qual é o problema? — indagou Tengo.

A pergunta, como era de se supor, ficou sem resposta.

Conforme a decisão tomada na noite anterior, Tengo resolveu procurar Aomame. Se reservasse um dia inteiro para fazer uma busca minuciosa, alguma pista ele haveria de encontrar. No entanto, na prática, descobriu que a tarefa não era tão simples como a princípio havia imaginado. Ele deixou Fukaeri no apartamento e insistiu várias vezes para “não abrir a porta para ninguém”. Depois foi à agência telefônica. Lá havia todas as listas telefônicas do Japão disponíveis para consulta. Pegou a lista dos 23 distritos de Tóquio e procurou o sobrenome “Aomame”. Mesmo que não a encontrasse, poderia ao menos achar algum parente e, por meio dele, obter informações.

Não encontrou ninguém com esse sobrenome. Tengo estendeu a busca para toda a área metropolitana de Tóquio. Mesmo assim, não obteve resultados. Em seguida, ampliou ainda mais a busca, incluindo toda a região de Kansai. Começou pela província de Chiba, passou para Kanagawa e, quando chegou a Saitama, seu tempo e sua energia haviam se esgotado. De tanto ler as pequenas letras impressas nas listas, o fundo de seus olhos começou a doer.

Foi então que lhe vieram à mente as seguintes possibilidades:

1. Ela mora nos arredores da cidade de Utashiai, na província de Hokkaido;

2. Ela se casou e o seu sobrenome passou a ser “Itô”;
3. Para preservar a privacidade, seu nome não consta da lista telefônica;
4. Na primavera do ano retrasado, morreu vítima de uma gripe maligna.

Havia outras possibilidades além dessas. Não daria para se ater apenas às listas telefônicas, e não teria cabimento verificar todas as listas do Japão. Até ele chegar à província de Hokkaido, já teria virado o mês. Precisava descobrir outra maneira de encontrá-la.

Tengo comprou um cartão telefônico, entrou na cabine da agência, telefonou para a sua antiga escola primária na cidade de Ichikawa e, com a desculpa de que precisava entrar em contato com Aomame para informá-la sobre a Associação de Antigos Alunos, solicitou o endereço que constava na ficha escolar. A mulher que atendeu era simpática e parecia desocupada. Ela se prontificou a pegar a lista de formandos daquela turma. Mas, como Aomame havia mudado de escola no meio da quinta série, seu nome não constava da lista, e tampouco havia como saber o seu endereço atual. Mas a mulher disse que poderia levantar o endereço para onde ela havia se mudado naquela época, e perguntou a Tengo se aquilo poderia interessar.

Tengo disse que sim, que queria saber.

Tengo anotou o endereço e o telefone. O endereço era do bairro de Adachi, em Tóquio, e o nome constava como Kôji Tasaki. Dava a entender que, naquela época, ela devia ter tido razões para deixar a casa dos pais. Mesmo ciente de que seria em vão, resolveu discar o número. Como previsto, o número não existia mais. Afinal, já tinham se passado vinte anos. Resolveu, então, telefonar para a central de informações dizendo o endereço e o nome de Kôji Tasaki, mas a central informou que não existia nenhum telefone registrado com esse nome.

Em seguida, Tengo procurou o telefone da sede dos Testemunhas de Jeová na lista telefônica, mas, apesar de buscar com afinco, não o encontrou. Então resolveu procurar o telefone de revistas como *A Sentinela* e *Desperta!l*, ou com nomes similares, mas também não obteve sucesso. Procurou até na sessão de “grupos religiosos” da lista telefônica comercial, mas também foi em vão. Após um bom tempo nesse esforço heroico de encontrar esses telefones, Tengo chegou à conclusão de que os Testemunhas de Jeová não queriam ser *importunados*.

Pensando bem, aquilo era muito estranho. Eles vão atrás das pessoas quando querem, e a qualquer hora. Costumam tocar a campainha ou bater na porta e, sorridentes, convidam: “Vamos

estudar a Bíblia juntos?” Não importa se a pessoa está com um suflê no forno, soldando alguma coisa, lavando os cabelos, treinando um camundongo a fazer truques ou tentando resolver uma equação de segundo grau. Eles não se importam de nos procurar, mas (a não ser que você fosse um seguidor) nos tolhem a liberdade de procurá-los. Não há como lhes fazer uma simples pergunta. Isso sim era algo inconveniente, e muito.

Mas, mesmo que conseguisse o telefone deles, era preciso admitir que, pelo modo como se resguardam, dificilmente concordariam em abrir seus arquivos e, gentilmente, fornecer informações sobre algum membro. Eles devem ter seus motivos para serem tão fechados. O caráter extremista e excêntrico dessa doutrina, e o fanatismo de seus adeptos, fazem com que a sociedade, em sua maioria, deteste esse tipo de gente; até mesmo as odeie. Os Testemunhas de Jeová já provocaram alguns problemas sociais e, por isso, houve época em que foram perseguidos. Defender-se da hostilidade do mundo externo, que sem sombra de dúvida existia, tornara-se parte de seus hábitos.

De qualquer modo, quando Tengo deparou com essa barreira, fechou-se um dos caminhos para conseguir informações sobre Aomame. De imediato, ele não conseguia imaginar outras possibilidades de encontrá-la. O sobrenome Aomame era incomum. Uma vez pronunciado, dificilmente seria esquecido. No entanto, ao se tentar encontrar alguém com esse sobrenome, de repente surgia uma parede intransponível.

Talvez fosse o caso de ele perguntar diretamente a algum Testemunha de Jeová. Se ele falasse com a sede, certamente ficariam desconfiados e não lhe dariam nenhuma informação. Mas, se ele perguntasse a algum fiel, quem sabe a pessoa gentilmente lhe dissesse alguma coisa. Mas Tengo não conhecia nenhum seguidor dos Testemunhas de Jeová. Pensando bem, fazia pelo menos dez anos que não recebia visita deles. Por que será que eles aparecem quando não queremos e, quando queremos, eles somem?

Poderia fazer um anúncio de três linhas no jornal. “Aomame, por favor, entre em contato com urgência. Kawana”; um texto idiota. Mesmo que ela lesse isso, Tengo sabia que não se daria o trabalho de entrar em contato. O mais provável era que ficasse desconfiada. Kawana também não era um sobrenome comum. Tengo, porém, duvidava que ela ainda se lembrasse de seu nome. “Kawana... Quem será?”, ela indagaria. Seja como for, ela não entraria em contato. Afinal, quem vai ler um pequeno anúncio no jornal?

Outra possibilidade seria procurar uma agência de detetives e solicitar uma investigação. Eles devem estar acostumados a fazer esse tipo de trabalho. Devem ter diversos métodos e meios para encontrá-

la. Com os dados que ele possuía, eles provavelmente a encontrariam num piscar de olhos. Talvez não fosse muito caro. Mas Tengo achou melhor deixar essa possibilidade como um último recurso. Para começar, ele mesmo tentaria encontrá-la. Tinha a impressão de que, mesmo tendo de quebrar um pouco a cabeça, devia ver até onde conseguiria chegar.

Ao voltar ao apartamento, pouco antes do anoitecer, Tengo encontrou Fukaeri sentada no chão, ouvindo música. Era o disco de jazz antigo que sua namorada deixara para trás. No chão estavam espalhados os discos de Duke Ellington, Benny Goodman, Billie Holliday. Na vitrola, Louis Armstrong cantava “Chantez Les Bas”. Uma música excepcional, que o fez se lembrar de sua namorada mais velha. Eles costumavam ouvir essa música no intervalo do sexo. No trecho final dessa música, o trompetista Trummy Young, totalmente eufórico, esquece de terminar o solo conforme o combinado e, no último *chorus*, segue tocando oito compassos extras. “Este é o trecho”, explicava ela. Quando terminava de tocar um dos lados do disco, quem se levantava da cama, nu, para trocar o lado do disco na sala, era Tengo. Ele lembrou com saudade aqueles momentos. Sabia que aquele tipo de relação não duraria para sempre, mas também não pensava que terminaria de modo tão abrupto.

Ao ver Fukaeri escutando atentamente os discos deixados por Kyôko Yasuda, Tengo sentiu-se estranho. Ela estava compenetrada, com as sobrancelhas franzidas, e parecia tentar captar algo que existia além da música antiga, enxergar alguma sombra naqueles sons.

— Você gostou do disco?

— Escutei várias vezes — disse Fukaeri. — Não se importa.

— É claro que não me importo. Não está entediada, sozinha?

Fukaeri balançou discretamente a cabeça e disse:

— Tenho coisas para pensar.

Tengo queria perguntar sobre a noite anterior em meio aos trovões. Queria perguntar “*por que fez aquilo?*”. Tengo sabia que não era uma atração sexual que ela sentia por ele. O que eles fizeram parecia ser algo que extrapolava o sexo. Se ele estivesse com razão, então, o que teria sido aquilo?

No entanto, mesmo que perguntasse algo sobre isso, certamente não teria uma resposta adequada. Ele próprio não estava muito animado em trazer à tona esse tipo de conversa num anoitecer tão pacífico e calmo de setembro. Aquilo acontecera discretamente na escuridão da noite, cercado por intensas trovoadas. Falar daquilo num contexto cotidiano alteraria seu significado.

— Você não tem menstruação — perguntou Tengo, abordando

a situação por outro ângulo. Achou melhor começar por perguntas cujas respostas se limitassem a um breve sim ou não.

— Não — respondeu Aomame, sucintamente.

— Nunca teve?

— Nunca.

— Sei que não é da minha conta, mas você já tem 17 anos e acho que não deve ser normal não menstruar.

Fukaeri encolheu timidamente os ombros.

— Você já procurou um médico?

Fukaeri balançou a cabeça negativamente.

— Não adianta procurar.

— Por que não?

Fukaeri não quis responder. Parecia nem ter escutado a pergunta. Talvez tivesse uma habilidade especial de discernir se uma pergunta era ou não pertinente, como as guelras das sereias, que se abrem e se fecham conforme a necessidade.

— O Povo Pequenino também está envolvido nisso? — perguntou Tengo.

Como se esperava, não houve resposta.

Tengo suspirou. Não tinha mais nenhuma pergunta a fazer para tentar esclarecer o que havia acontecido na noite anterior. O caminho estreito e incerto terminava ali e, dali para a frente, só havia uma densa floresta. Ele firmou os pés no chão, olhou ao redor e mirou o céu. Aquele era o problema de conversar com Fukaeri. Todos os caminhos terminavam infalivelmente no mesmo ponto. Os guiliaks continuariam a jornada mesmo sem existir o caminho. Mas para Tengo era impossível.

— Estou procurando uma pessoa — disse Tengo, para mudar de assunto. — Uma mulher.

Falar sobre isso com Fukaeri não ia adiantar nada; ele sabia muito bem. Mas Tengo precisava falar com alguém. Tinha necessidade de falar em voz alta o que estava pensando. Sentia que, se não o fizesse, Aomame poderia se afastar ainda mais dele.

— Já faz vinte anos que eu não a vejo. Na última vez, eu tinha 10 anos. Ela tem a mesma idade que eu. Estudamos na mesma classe na escola primária. Tentei encontrá-la de várias maneiras, mas não consegui descobrir sequer um rastro.

O disco terminou. Fukaeri o pegou do prato e cheirou várias vezes o vinil, estreitando os olhos. Tomando cuidado de não deixar digitais, guardou-o cuidadosamente no envelope de papel e, em seguida, colocou-o dentro da capa, como se acomodasse na cama um gatinho adormecido, com delicadeza e carinho.

— Você quer se encontrar com essa pessoa — perguntou Fukaeri, sem a interrogação.

— Ela significa muito para mim.

— Você está procurando ela durante esses vinte anos — perguntou Fukaeri.

— Não. Não é bem isso — disse Tengo e, enquanto procurava palavras para se expressar, cruzou os dedos sobre a mesa. — Para falar a verdade, comecei a procurar hoje.

Fukaeri esboçou uma expressão de quem não entendia o que acabara de ouvir.

— Hoje — disse ela.

— Se ela é tão importante para você, por que esperou até hoje para começar a procurá-la? — disse Tengo, antecipando a pergunta de Fukaeri. — Eis uma boa pergunta.

Fukaeri manteve-se em silêncio, fitando Tengo.

Após organizar os pensamentos, ele respondeu:

— Acho que fiz o caminho mais longo. Essa menina chamada Aomame, como posso dizer, esteve sempre no centro dos meus pensamentos. Ela sempre foi uma espécie de *âncora*, que cumpria uma função muito importante em minha vida. Mas justamente por estar no centro é que talvez eu não tenha conseguido perceber o significado que ela tinha para mim.

Fukaeri continuava a fitá-lo. Pela expressão de seu olhar, não dava para saber se estava entendendo o que Tengo tentava lhe dizer. Mas isso era o de menos. Em parte, Tengo estava dizendo aquilo para si próprio.

— Mas agora finalmente eu entendi. Ela não é um conceito, não é um símbolo nem uma metáfora. Ela é uma existência real cujo corpo possui calor e um espírito em movimento. Esse calor e esse movimento são coisas que eu não posso deixar escapar. Levei vinte anos para entender uma coisa tão óbvia. De fato, sou uma pessoa que leva tempo para “estender” as coisas, mas, mesmo assim, acho que levei tempo demais. Talvez seja tarde demais. Seja como for, preciso encontrá-la. Mesmo que seja tarde demais.

Fukaeri, ainda sentada no chão, endireitou a coluna. Os bicos de seus seios novamente se delineararam na camiseta do Jeff Beck.

— Aomame — disse Fukaeri.

— Isso. Escreve-se com os ideogramas “verde” e “soja”. Um sobrenome diferente.

— Você quer encontrá-la — perguntou Fukaeri, sem o tom interrogativo.

— É claro que quero — respondeu Tengo.

Fukaeri mordeu o lábio inferior e ficou um bom tempo pensando. Depois, levantou o rosto e, cautelosamente, disse:

— Ela pode estar bem perto.

Aomame

Tirar o rato

A inundação ocorrida na estação Akasaka-Mitsuke foi amplamente veiculada no noticiário da TV das sete da manhã, mas nenhuma nota foi divulgada sobre a morte do Líder de Sakigake na suíte do hotel Ôkura. Após assistir ao noticiário da NHK, Aomame mudou de canal para ouvir os telejornais de outras emissoras, mas em nenhum deles se falou da morte indolor daquele homem grande.

“Eles esconderam o cadáver”, pensou Aomame, franzindo as sobrancelhas. Tamaru já havia previsto essa possibilidade, mas ela relutava em acreditar que aquilo *de fato* pudesse acontecer. De algum jeito, eles conseguiram tirar o corpo do Líder da suíte do hotel, colocá-lo dentro do carro e levá-lo embora. Era um homem grande e seu corpo devia estar extremamente pesado. E no hotel havia muitos hóspedes e funcionários, além das câmeras de monitoramento, com suas reluzentes lentes espalhadas por todos os lados. Como conseguiram levar o cadáver até o estacionamento do subsolo sem chamar a atenção de ninguém?

De qualquer modo, deviam tê-lo levado durante a noite até a sede do grupo nas montanhas de Yamanashi e, chegando lá, o Conselho devia ter se reunido para decidir o que fazer com o corpo. Provavelmente, sua morte não seria oficialmente comunicada à polícia. Uma vez que se esconde algo, é preciso mantê-lo escondido.

O intenso temporal e a confusão que tomou conta da cidade possivelmente teriam facilitado a ação deles. Seja como for, realmente conseguiram evitar que o fato fosse divulgado. Por sorte, o Líder não costumava se expor em público, e tanto a sua existência quanto suas atividades sempre estiveram envoltas numa aura de mistério. Por isso, durante um tempo, as pessoas não desconfiariam de nada. Somente alguns teriam conhecimento de sua morte — ou de seu assassinato —, e essa informação seria mantida em segredo.

Aomame não fazia ideia de como eles preencheriam a lacuna deixada pelo Líder. Certamente, eles não mediriam esforços para sanar a situação em prol da manutenção do sistema. Aquele homem havia dito que o sistema continuaria a existir e a funcionar, a despeito de não haver líder. “Quem será o escolhido para sucedê-lo?”, Aomame pensou. Não era da sua conta. Sua tarefa fora a de eliminar o Líder, e não a de destruir um grupo religioso.

Aomame pensou nos dois guarda-costas de terno preto. O de cabelo rente e o de rabo de cavalo. Será que, quando voltarem para a sede, serão responsabilizados pela morte do Líder bem diante de seus olhos? Aomame imaginou o momento em que receberiam ordens para acabar com ela ou capturá-la: “Não importa como, tratem de achar essa mulher, custe o que custar. Não voltem enquanto não a acharem.” Isso seria plausível, pois eles a viram de perto, eram bons de luta e sentiriam um intenso desejo de vingança. Perfeitos caçadores. Os dirigentes do grupo iam querer saber para quem Aomame trabalhava.

No café da manhã, Aomame comeu uma maçã. Não estava com muito apetite. Sua mão ainda conservava a sensação do momento em que enfiara a agulha na nuca daquele homem. Um leve calafrio percorreu seu corpo enquanto ela segurava uma pequena faca na mão direita para descascar a fruta. Era um calafrio que jamais havia sentido antes. Até então, toda vez que ela matava alguém, bastava dormir uma noite para apagar toda e qualquer lembrança do dia anterior. É claro que o sentimento de matar uma pessoa não era agradável, mas eram homens que não mereciam viver. Mais do que pena, eram dignos de desprezo. Mas, desta vez, era diferente. A conduta daquele homem era, sem dúvida, imoral, mas ele *não era* uma pessoa *comum*, no amplo sentido da palavra. O fato de ser uma pessoa incomum, em parte, tornava suas atitudes acima do bem e do mal. Tirar sua vida não fora uma tarefa normal. Tanto que aquilo lhe deixara uma estranha impressão. Uma impressão *incomum*.

O que ele deixou foi uma “promessa”, concluiu Aomame, após uma longa reflexão. O peso dessa promessa impregnou-se na palma de sua mão como um *sinal*. Foi a conclusão a que Aomame chegou. E esse sinal possivelmente jamais deixaria de existir.

Um pouco depois das nove, o telefone tocou. Era uma ligação de Tamaru. O aparelho tocou três vezes, seguido de um intervalo de vinte segundos e, novamente, começou a tocar.

— Eles realmente não chamaram a polícia — disse Tamaru. — Não saiu nada na TV nem nos jornais.

— Mas tenho certeza de que ele está morto.

— Claro que está. Não há dúvidas de que o Líder morreu. Houve uma certa movimentação quando deixaram o hotel. Durante a noite, chamaram algumas pessoas da filial aqui da capital. Provavelmente, para resolver o que fazer com o cadáver sem chamar a atenção. Devem ser peritos nisso. Um pouco depois da uma da madrugada um Mercedes-Benz Classe S e um Toyota Hiace, ambos com vidros escuros, deixaram o estacionamento do hotel. As placas eram de Yamanashi. Eles devem ter chegado na sede ainda durante a

madrugada. No dia anterior, a polícia esteve investigando o local, mas, como não era uma investigação ampla, os policiais se retiraram rapidamente. A sede possui um enorme crematório. Se um corpo for jogado nele, não sobrarão sequer um osso. Tudo se transformará em fumaça.

— Sinistro.

— Aquela gente é repugnante. Mesmo com o Líder morto, o grupo deve continuar atuando normalmente durante um tempo, como uma cobra que se movimenta e sabe exatamente para onde ir mesmo com a cabeça cortada. É imprevisível o que acontecerá depois. Ela pode morrer, ou uma nova cabeça pode nascer.

— Aquele homem não era uma pessoa comum.

Tamaru não fez nenhum comentário a esse respeito.

— Diferente de todos os outros — disse Aomame.

Tamaru interpretou o tom de sua voz e disse:

— Sei que deve ter sido uma experiência diferente, mas agora é preciso focar no que fazer *daqui para a frente*. Se quiser sobreviver, você precisa agir de forma mais prática.

Aomame pensou em dizer algo, mas faltaram-lhe palavras. Ela continuava a sentir calafrios no corpo.

— A madame gostaria de falar com você — disse Tamaru. — Pode atendê-la?

— É claro — respondeu Aomame.

A velha senhora pegou o telefone. Aomame notou alívio em sua voz.

— Sou muito grata a você. Não consigo expressar em palavras minha profunda gratidão. Como sempre, seu trabalho foi perfeito.

— Muito obrigada. Mas creio que nunca mais conseguirei fazer isso — disse Aomame.

— Sei disso. Sei que foi um abuso de minha parte pedir-lhe para fazer aquilo, mas estou contente que você voltou sã e salva. Nunca mais vou pedir esse tipo de coisa. Este foi seu último trabalho. O lugar para onde você vai já está pronto. Não há nada com que se preocupar. Peço que fique nesse abrigo enquanto providenciamos as coisas para que você possa começar uma nova vida.

Aomame agradeceu.

— Nesse momento, está faltando alguma coisa? Se estiver, por favor, me diga. Pedirei para Tamaru providenciar imediatamente.

— Não. Tenho tudo o que é necessário.

A velha senhora tossiu levemente.

— Gostaria que você nunca se esquecesse de uma coisa. Nós realmente fizemos a coisa certa. Castigamos aquele homem pelo crime que ele cometeu e, com isso, evitamos que ele continuasse a praticar o mal. Impedimos que novas vítimas surgissem daqui para a frente. Não

sinta nenhum tipo de remorso.

— Ele disse a mesma coisa.

— Ele?

— O Líder de Sakigake. Aquele homem de quem *cuidei* ontem à noite.

A velha senhora calou-se por alguns segundos e disse:

— Ele sabia?

— Sim. Ele sabia que eu tinha ido lá para matá-lo e, mesmo ciente disso, ele me recebeu. Ele desejava morrer. Seu corpo estava gravemente doente e caminhava lenta e inexoravelmente para a morte. Eu apenas encurtei o tempo e aliviei a dor que o atormentava.

Ao saber disso, a velha senhora parecia realmente surpresa e, mais uma vez, permaneceu em silêncio. Uma atitude rara.

— Aquele homem... — disse a velha senhora, tentando encontrar as palavras. — Desejava ser castigado por suas ações?

— O que ele desejava era encerrar o quanto antes sua vida de sofrimentos.

— Ele deixou que você o matasse.

— Isso mesmo.

Aomame não quis contar sobre o seu acordo com o Líder. Ela ter de morrer para que Tengo continuasse vivo neste mundo era um acordo secreto entre eles. Não podia revelá-lo a ninguém.

— O que aquele homem fazia era algo anormal, e a morte era algo inevitável. Mas ele não era uma pessoa comum. Pode-se dizer que, no mínimo, possuía *algo de especial*. Disso eu tenho certeza.

— Algo de especial — disse a velha senhora.

— Não sei como explicar — falou Aomame. — Ele possuía uma habilidade especial ou um tipo de dom que se tornou um fardo muito pesado, que estava destruindo o seu corpo por dentro.

— Foi esse *algo* especial que o fez agir daquela maneira perversa?

— Creio que sim.

— De qualquer modo, você pôs fim a isso.

— Isso — respondeu Aomame, com o tom de voz seco.

Ela segurou o fone com a mão esquerda e observou a palma da mão direita, que continuava a emanar a morte. Aomame não conseguia entender o que significava aquela *ambígua relação* com as meninas. Evidentemente, não saberia explicá-la à velha senhora.

— Como sempre, as pessoas vão pensar que ele teve uma morte natural, mas é provável que não levem essa hipótese em conta. Pelo rumo dos acontecimentos, eles vão desconfiar que fui eu que matei o Líder. E, como a senhora deve saber, eles ainda não comunicaram a morte dele à polícia.

— Independentemente do que eles fizerem, nós faremos o

possível para protegê-la — disse a velha senhora. — Eles possuem uma organização própria, mas nós também temos poderosas conexões e muito dinheiro. Você é uma pessoa muito cuidadosa e inteligente. Eles não vão conseguir o que querem.

— Já encontrou Tsubasa? — perguntou Aomame.

— Ainda não sabemos onde ela está. Acho que ela deve estar com o grupo, pois não teria outro lugar para ir. Por enquanto, não sei o que fazer para resgatá-la. Mas, com a morte do Líder, creio que o grupo deve estar em polvorosa. Se soubermos aproveitar esse período de confusão, talvez encontremos uma maneira de tirá-la de lá. Aquela menina precisa ser protegida a qualquer custo.

O Líder havia dito que aquela Tsubasa do abrigo não era real. Ela era apenas a manifestação de um conceito e, por isso, fora *resgatada*. Mas não caberia dizer isso à velha senhora naquele momento. Para falar a verdade, ela própria não sabia direito o que tudo aquilo significava. Mas ainda se lembrava do relógio de mármore levitando. Algo que realmente vira com seus próprios olhos.

— Quanto tempo devo ficar escondida aqui? — perguntou Aomame.

— Possivelmente, entre quatro dias a uma semana. Depois você vai ganhar um nome novo e se mudará para um local distante. Como uma questão de segurança, quando você for para esse novo local, deixaremos de nos comunicar. Não vou poder vê-la durante um bom tempo. Pela minha idade, talvez nunca mais possamos nos encontrar. Teria sido melhor se eu não tivesse envolvido você nisso, trazendo-lhe tantos incômodos. Não consigo deixar de pensar que, se não fosse por isso, eu não a perderia dessa maneira. Mas...

A velha senhora ficou um tempo com a voz embargada. Aomame aguardou em silêncio a continuação da conversa.

— Mas não estou arrependida. Creio que tenha sido coisa do destino, e não havia como não envolvê-la. Não havia escolha. Algo muito forte me impeliu a agir dessa maneira. Sinto muito por ter ficado assim.

— Mas foi graças a isso que nós pudemos compartilhar algo. Algo muito importante que eu não poderia compartilhar com mais ninguém. Algo que não conseguiria obter com outras pessoas.

— Você tem razão — disse a velha senhora.

— Compartilhar isso era algo que eu precisava muito.

— Obrigada. Me sinto melhor ao ouvir isso.

Aomame também estava triste de não poder mais se encontrar com a velha senhora. Ela era um dos poucos vínculos que tinha. Uma ligação com o mundo exterior.

— Cuide-se — disse Aomame.

— Você também — disse a velha senhora. — Procure ser feliz.

— Se for possível — disse Aomame. A felicidade era algo que estava bem distante dela.

Tamaru pegou o telefone.

— Até agora, você não usou *aquilo*, não é? — perguntou Tamaru.

— Ainda não.

— Faça o possível para não ter de usar.

— Farei o possível — disse Aomame.

Tamaru prosseguiu, após um breve silêncio.

— Outro dia te contei que fui criado num orfanato nas montanhas da província de Hokkaido, não contei?

— Você me contou que se separou de seus pais, foi repatriado da ilha de Sacalina e, depois, te colocaram no orfanato.

— No orfanato havia um garoto que era dois anos mais novo que eu. Ele era mestiço. Se não me engano, era filho de um soldado negro enviado para a área de Misawa. A mãe devia ter sido uma prostituta, uma garçonne ou coisa do tipo. Ele foi abandonado pela mãe e levado para lá. Era bem maior do que eu, mas não muito inteligente. Os garotos o tratavam muito mal, principalmente pela cor de sua pele. Você entende, não?

— Acho que entendo.

— Como não sou japonês, acabei me tornando o seu protetor. Digamos que nós dois tínhamos algo em comum. Um era coreano, repatriado da ilha de Sacalina, e o outro era filho de um negro com uma prostituta. Se eu não ligasse para ele e o deixasse sozinho, com certeza estaria morto. Era um ambiente que, para sobreviver, ou você era esperto e rápido, ou bom de briga.

Aomame escutava em silêncio.

— Tudo o que pediam para ele fazer dava errado. Não conseguia fazer nada: nem fechar os botões das roupas, nem limpar a própria bunda. Mas, em compensação, era um exímio escultor. Bastava dar-lhe alguns cinzéis e pedaços de madeira para talhar uma belíssima escultura, num piscar de olhos. A imagem surgia em sua mente e, sem a necessidade de rascunhar, conseguia esculpir peças tridimensionais com perfeição e extrema riqueza de detalhes, a ponto de parecer real. Era um tipo de genialidade, algo realmente incrível.

— *Savant* — disse Aomame.

— Isso mesmo. Só depois é que fiquei sabendo que ele era portador da síndrome de Savant, e quem tem essa síndrome possui uma capacidade excepcional. Mas, naquela época, como ninguém sabia disso, todos achavam que ele era burro. No entanto, apesar da falta de inteligência, suas mãos eram extremamente hábeis para fazer esculturas. O interessante era que ele fazia somente esculturas de ratos. As esculturas eram magníficas, a ponto de parecerem reais. Mas

a única coisa que ele conseguia fazer eram ratos, e nada além disso. As pessoas bem que tentavam fazê-lo esculpir outros animais, como cavalos, ursos etc. Chegaram inclusive a levá-lo ao zoológico; mas ele não se interessava por nenhum outro animal. Diante disso, as pessoas se conformaram em deixá-lo fazer somente ratos. Ele esculpia ratos com formatos, tamanhos e posições diferentes. O interessante é que no orfanato não havia ratos. Naquela região, o frio era muito rigoroso, e havia pouca comida. O orfanato era carente até de ratos. Ninguém conseguia entender o porquê de ele ser tão aficionado por aquele animal. De qualquer modo, o boato de que um garoto esculpia ratos se espalhou na região e virou notícia nos jornais locais. Surgiram pessoas interessadas em adquirir suas peças. O diretor do orfanato, um padre católico, resolveu alocar um espaço numa loja de artesanato para expor e vender as esculturas para os turistas. Creio que as vendas renderam um bom dinheiro, mas ninguém viu sequer a cor dele. Não sei onde foi parar a grana, mas creio que os superiores do orfanato se incumbiram de gastá-lo para fins diversos. O garoto recebia apenas os cinzéis e a madeira para talhar, e ficava horas a fio esculpindo na oficina do orfanato. Pelo menos ele foi dispensado do trabalho árduo nas lavouras e pôde ficar sozinho esculpindo seus ratos.

— O que aconteceu com ele?

— Não sei. Fugi do orfanato aos 14 anos e passei a viver sozinho. Assim que pude, peguei um barco e vim para a ilha central e, desde então, nunca mais coloquei os pés em Hokkaido. A última vez que o vi, ele estava curvado sobre a bancada de trabalho e, compenetrado, esculpia um rato. Quando estava concentrado, não adiantava falar nada, ele não escutava. Por isso, não me despedi. Se ainda estiver vivo, provavelmente deve estar em algum lugar esculpindo ratos. Ele não conseguia fazer mais nada a não ser isso.

Aomame aguardou em silêncio a continuação da história.

— Mesmo hoje, ainda penso muito nele. A vida no orfanato foi terrível. A comida era pouca, sempre estávamos famintos e o inverno era muito rigoroso. O trabalho era árduo e os garotos mais velhos viviam nos batendo. Mas, para aquele garoto, a vida no orfanato não parecia tão ruim. Ele parecia feliz quando estava sozinho esculpindo os ratos. Quando lhe tiravam o cinzel, ficava endoidecido, mas, normalmente, era um sujeito bem calmo. Ficava horas em silêncio esculpindo os ratos sem incomodar ninguém. Ele pegava um pedaço de madeira e passava um longo tempo observando-o até conseguir enxergar que tipo de rato e em que posição este se encontrava dentro da madeira. Até conseguir enxergar, ele levava muito tempo. Porém, uma vez que conseguia visualizá-lo, bastava talhar a peça para tirar o rato de dentro da madeira. Ele costumava dizer “vou tirar o rato”. Realmente, o rato que ele *tirava* da madeira parecia estar vivo, a ponto

de dar a impressão de que se mexeria a qualquer momento. Aquele garoto conseguia libertar o rato imaginário que estava preso no pedaço de madeira.

— E você protegeu esse garoto.

— Não que eu quisesse, mas acabei assumindo a responsabilidade. Uma vez que assumi essa postura, precisava cumpri-la a todo custo. Era a regra do lugar. Tive de me adequar a ela. Se algum dos garotos, por brincadeira, tirava o cinzel dele, eu ia atrás e lhe dava uma surra. Não importava se o garoto era mais velho, maior e mais forte, se estava sozinho ou em bando. Eu o pegava e lhe dava uma lição. É claro que também apanhei. Mas a questão não era ganhar ou perder. Mesmo batendo ou apanhando, o importante era pegar o cinzel e devolvê-lo. Você entende?

— Acho que sim — disse Aomame. — Mas, no final, você teve de abandoná-lo.

— Eu precisava viver sozinho e não podia tomar conta dele para sempre. Eu não tinha essa disponibilidade. Era óbvio.

Aomame observou novamente a palma de sua mão direita.

— Algumas vezes vi você segurando um ratinho de madeira. Era desse garoto, não era?

— Era. Foi ele que me deu. Quando fugi do orfanato, trouxe-o comigo e ainda o tenho.

— Tamaru, por que você está me contando isso? Você não é do tipo que costuma contar algo sobre sua vida pessoal sem ter um motivo.

— O que eu quero dizer é que sempre penso nele — disse Tamaru. — O que não significa que eu queira encontrá-lo novamente. Não é o caso. Mesmo que isso acontecesse, não teríamos o que conversar. Mas ainda tenho gravada na memória a vívida imagem dele entalhando a madeira, compenetrado, para “tirar” o rato. A cena é uma das imagens que considero importantes para mim. Ela me ensina alguma coisa. Ou tenta ensinar. É necessário existir esse tipo de imagem para que as pessoas continuem a viver. Uma imagem que possui um significado que não se pode explicar por meio de palavras. Há quem diga que vivemos em função do desejo de entender o que esse *algo* tenta nos dizer. É o que eu acho.

— Está querendo dizer que o fundamento de nossas vidas estaria nesse algo?

— Quem sabe?

— Eu também tenho uma imagem.

— Cuide dela com carinho.

— Vou cuidar — disse Aomame.

— Uma outra coisa que eu queria dizer é que farei o possível para protegê-la. Se eu tiver de dar uma surra em alguém, não importa

quem seja, eu o farei. Independentemente de ganhar ou perder, não vou abandoná-la.

— Obrigada.

Por alguns segundos, prevaleceu um silêncio reconfortante.

— Durante um tempo, não saia do apartamento. Se for dar um passo fora, pense que você estará entrando na selva, está bem?

— Entendi — disse Aomame.

Tamaru desligou o telefone. Ao colocar o fone de volta no gancho, Aomame percebeu o quanto ela o segurava com força.

“Tamaru quis me dizer que agora sou parte indispensável de sua família e, uma vez que se criou um laço entre nós, ele nunca irá se romper”, pensou Aomame. Eles estavam unidos por um pseudolaço de sangue. Aomame sentiu gratidão por Tamaru ter lhe dito aquilo. Ele sabia que ela estava passando por um momento muito difícil, e sua decisão de revelar segredos de sua vida demonstrava que ele a considerava um membro da família.

No entanto, ao pensar que a relação de intimidade se estabelecera por meio da violência, ela ficava incomodada. Os sentimentos entre eles se aprofundaram a partir de uma situação única e especial, ou seja, ela ter violado a lei, matado algumas pessoas e agora estar sendo perseguida, com chances de ser morta. Será que aquele sentimento se manifestaria se ela não estivesse envolvida nos assassinatos? Se não fosse uma fora da lei, seria possível manter um laço de confiança entre eles? Provavelmente não.

Enquanto bebia uma xícara de chá, Aomame assistiu ao noticiário da TV. Já não se falava mais da inundação na estação Akasaka-Mitsuke. Uma vez que o nível da água baixara durante a noite, e os trens voltaram a circular regularmente, esse tipo de notícia tornava-se coisa do passado. A morte do Líder de Sakigake ainda não fora anunciada publicamente. Somente algumas pessoas sabiam. Aomame imaginou o enorme corpo do Líder sendo incinerado no crematório. Não sobraria sequer um osso, dissera Tamaru. Tudo se transformaria em fumaça — independentemente de ser uma dádiva ou um sofrimento —, e ela se mesclaria ao ar de outono. Aomame conseguia imaginar a fumaça se espalhando pelo céu.

O noticiário informava que a autora do best-seller *Crisálida de ar*, de 17 anos, continuava desaparecida. Havia dois meses que não se tinha notícias de Fukaeri, pseudônimo de Eriko Fukada. A polícia acatara o pedido de busca solicitado pelo seu tutor e conduzia uma investigação exaustiva, mas as circunstâncias de seu desaparecimento continuavam nebulosas, segundo a apresentadora. A imagem mostrava pilhas e mais pilhas de exemplares de *Crisálida de ar* nas gôndolas das

livrarias e, na parede, um pôster com a foto da belíssima autora. Uma jovem funcionária da livraria falou para as câmeras: “O livro continua vendendo muitíssimo bem. Eu mesma comprei um e já li. É uma história interessante e muito criativa. Espero que encontrem logo a Fukakeri.”

O noticiário não comentava sobre a relação entre Eriko Fukada e o grupo religioso Sakigake. Quando o assunto envolvia algum grupo religioso, a mídia mantinha uma postura cautelosa.

De qualquer modo, Eriko Fukada continuava desaparecida. Quando tinha 10 anos, fora estuprada por aquele homem que dizia ser seu pai. Se ele lhe disse a verdade, os dois tiveram uma relação no sentido *figurado* e, através desse ato, o Povo Pequenino foi conduzido para dentro dele. “Como foi que ele disse, mesmo? Ah, ele disse: ‘perceptiva’ e ‘receptor’. Eriko Fukada era quem possuía a ‘capacidade de captar’, e o pai, a ‘capacidade de aceitar’. A partir de então aquele homem passara a ouvir vozes especiais, tornando-se o representante do Povo Pequenino e o líder espiritual de Sakigake. Depois, ela se afastou do grupo e se voltou contra o Povo Pequenino. Com a ajuda de Tengo, escreveu um romance que se tornou um best-seller. Agora, por alguma razão, havia desaparecido, e a polícia estava à sua procura”, disse Aomame a si mesma, tentando organizar seus pensamentos.

“Enquanto isso, na noite anterior, eu assassinava, com um picador de gelo especial, o pai de Eriko Fukada, o líder de Sakigake. Alguns membros do grupo encarregaram-se de tirar seu corpo do hotel e, em segredo, ‘resolveram’ o assunto.” Aomame não tinha ideia de como Eriko Fukada reagiria ao saber que seu pai estava morto. Ele próprio desejava morrer, mas, por mais que sua morte tivesse sido indolor ou por compaixão, ela havia matado um ser humano com suas próprias mãos. A vida de uma pessoa pode ser essencialmente solitária, mas nunca isolada. Em algum lugar sempre existe alguma outra vida que possui uma relação com aquela. Nesse sentido, Aomame precisava assumir de algum modo a responsabilidade daquele ato.

Tengo também estava profundamente envolvido com uma série de acontecimentos. Quem estava unindo ela e Tengo eram os Fukada, pai e filha. Perceptiva e receptor. Onde será que Tengo estava, e o que estaria fazendo agora? Será que ele estava envolvido no desaparecimento de Eriko Fukada? Será que continuavam agindo juntos? O noticiário da TV, claro, não daria informações sobre Tengo. No momento, parecia que ninguém sabia que ele, na prática, é que tinha escrito *Crisálida de ar*. No entanto, Aomame sabia.

A distância entre eles parecia gradativamente menor. Por alguma razão, Aomame e Tengo haviam sido transportados para

aquele mundo e estavam se aproximando cada vez mais, como que tragados por um grande redemoinho. Possivelmente, um redemoinho mortal. Mas, segundo o Líder, eles só poderiam se encontrar num contexto fatal, como o da violência, que cria relacionamentos verdadeiramente puros.

Aomame respirou profundamente. Depois, pegou a Heckler & Koch para sentir o toque duro do metal. Imaginou o cano da arma dentro de sua boca, e ela puxando o gatilho.

De súbito, um enorme corvo apareceu na varanda e, pousando na grade da sacada, grasnou algumas vezes com sonora nitidez. Durante um tempo, eles se entreolharam através do vidro. O corvo movia os olhos grandes e brilhantes, como se observasse os movimentos de Aomame na sala. Parecia imaginar o significado de ela estar com a arma na mão. Os corvos são muito inteligentes. Eles sabem que aquela peça de metal possui um significado importante. Difícil dizer como, mas eles sabem.

Decorrido um tempo, o corvo, assim como chegou, abriu as asas e voou. Era como se já tivesse visto o que precisava ver. Depois que partiu, Aomame levantou-se do sofá, desligou a TV e suspirou. Rezou pedindo que o corvo não fosse um espião do Povo Pequenino.

Aomame começou a fazer os exercícios de alongamento no carpete da sala. Durante uma hora, castigou impiedosamente os músculos, suportando dores durante toda a sessão. Trabalhou com rigor todos os músculos do corpo, um a um, mantendo uma sequência de exercícios detalhadamente estudados. Ela sabia os nomes de todos os músculos, assim como suas funções e características. Nenhum lhe escapava. Suando muito e com a respiração e o coração trabalhando a mil, conseguiu mudar a chave mental. Passou a ouvir atentamente o fluxo sanguíneo e a receber a mensagem silenciosa de seus órgãos internos. Enquanto movimentava intensamente os músculos faciais como se participasse de um concurso de caretas, captou a mensagem que eles lhe passavam.

Tomou uma ducha para remover o suor e subiu na balança para se certificar de que mantinha o peso. De frente para o espelho, observou o tamanho dos seios e o formato de seus pelos pubianos e, ao se certificar de que continuavam inalterados, esboçou uma enorme careta. Era o seu ritual matinal.

Ao sair do banheiro, Aomame vestiu um conjunto de jérsei bem confortável. Para matar o tempo, resolveu verificar novamente o que havia no apartamento. Começou pela cozinha. Queria saber que tipo de alimentos, louças e utensílios domésticos havia nela. Aomame memorizou cada item e fez um planejamento de como utilizar o

estoque de alimentos, estabelecendo a sequência e como deveria prepará-los. Segundo seus cálculos, ela poderia ficar dez dias sem ter de se preocupar com a alimentação e sem precisar sair do apartamento. Se fosse comedida, o estoque duraria duas semanas.

Em seguida, examinou detalhadamente o estoque de artigos de consumo geral: papel higiênico, lenços de papel, detergente, sacos de lixos. Não faltava nada. Tiveram o cuidado de comprar tudo o que era necessário. Possivelmente, deve ter sido uma mulher que providenciou tudo. A organização, cuidadosamente elaborada, era digna de uma experiente dona de casa. A quantidade e os tipos de produtos foram calculados e selecionados para que uma mulher solteira e saudável de 30 anos pudesse viver ali durante um tempo sem que lhe faltasse nada. Um homem não seria capaz de cumprir essa tarefa. A não ser que fosse um gay extremamente cuidadoso e observador.

No armário do quarto havia um estoque de lençóis, edredons, capas de edredom e travesseiros extras. Tudo cheirava a novo e, como não poderia deixar de ser, eram lisos e brancos, sem nenhum detalhe. Não havia a necessidade de se adequar a gostos e tipos de personalidade.

Na sala havia uma televisão, um videocassete e um aparelho de som portátil, com toca-discos e toca-fitas. Na parede oposta à janela havia um aparador em madeira na altura da cintura. Ao curvar o corpo e abrir as portas havia nele cerca de vinte livros enfileirados. Gentilmente, alguém providenciara livros para que ela não ficasse entediada enquanto estivesse escondida. Um gesto atencioso. Os livros eram novos, de capa dura, e não havia indícios de que tivessem sido lidos. Pelos títulos, eram publicações recentes, que estavam sendo comentadas, selecionadas entre as pilhas de lançamentos. Ainda assim, havia algum critério de seleção que não era exatamente um gosto pessoal. Os títulos subdividiam-se entre ficção e não ficção. Entre eles, estava *Crisálida de ar*.

Aomame balançou levemente a cabeça, pegou o livro e sentou-se no sofá da sala. Um tênue raio de sol iluminava o sofá. O livro não era grosso. Era leve e com letras grandes. Olhou a capa, o nome impresso de Fukaeri, sentiu o peso do livro na palma da mão e leu a propaganda impressa na faixa que o envolvia. Cheirou o livro. Um cheiro especial de obra recém-publicada. Apesar de não estar escrito em nenhum lugar, ali havia a existência de Tengo. O texto passara pelo corpo de Tengo antes de ter sido impresso. Após se acalmar, Aomame abriu na primeira página.

A xícara de chá e a Heckler & Koch estavam ao alcance de suas mãos.

O satélite solitário e silencioso

— Pode ser que ela esteja bem perto — disse Fukaeri, mordendo o lábio inferior após refletir seriamente durante um tempo.

Tengo tornou a entrecruzar os dedos sobre a mesa e fitou os olhos de Fukaeri:

— Aqui perto? Em Kôenji?

— Dá para ir andando.

Tengo quis indagar como ela sabia disso, mas ele já sabia de antemão que ela não lhe daria a resposta. As perguntas precisavam ser formuladas de forma pragmática, para que a resposta se limitasse a um sim ou não.

— Quer dizer que, se eu ficar andando pelas redondezas, posso encontrá-la?

Fukaeri discordou, balançando a cabeça.

— Não adianta ficar andando por aí.

— Ela está bem perto, mas, mesmo andando por aqui, não vou encontrá-la?

— Ela está escondida.

— Escondida?

— Como um gatinho machucado.

Tengo imaginou Aomame encolhida sob um beiral, num local cheirando a mofo.

— Por quê? De quem ela está fugindo?

Evidentemente, Tengo não obteve resposta.

— O fato de estar *escondida* quer dizer que ela corre perigo. É isso? — perguntou Tengo.

— Cor-re-pe-ri-go? — Fukaeri repetiu as palavras de Tengo, fazendo uma careta como a de uma criança diante de um remédio amargo. Ela não parecia gostar do som das palavras.

— Digamos que ela está sendo perseguida — disse Tengo.

Fukaeri inclinou levemente a cabeça. Gesto que dava a entender que ela não sabia.

— Mas ela não vai ficar nesse lugar por muito tempo — disse Fukaeri.

— O tempo é limitado.

— Limitado.

— E agora está escondida como um gato machucado, e não vai

sair andando por aí.

— Isso ela não vai fazer.

— Quer dizer que vou ter de procurá-la em algum local especial.

Fukaeri assentiu com a cabeça.

— Que tipo de lugar? — perguntou Tengo.

Desnecessário dizer que não obteve resposta.

— Você deve se lembrar de algumas coisas sobre ela — disse Fukaeri, após um longo silêncio. — Algo que vai te ajudar.

— Que possa me ajudar — disse Tengo. — Está querendo dizer que, se eu me lembrar de certas coisas, isso poderá me dar uma dica de onde ela está escondida?

Sem responder, Fukaeri movimentou sutilmente os ombros. O gesto parecia indicar que a resposta era afirmativa.

— Obrigado — disse Tengo.

Fukaeri assentiu discretamente, como um gatinho satisfeito.

Tengo foi para a cozinha preparar o jantar enquanto Fukaeri selecionava cautelosamente alguns discos da estante. Não havia muitos discos, mas levou muito tempo até se decidir por um. Após uma longa ponderação, finalmente optou por um antigo álbum dos Rolling Stones. Colocou o disco sobre o prato giratório e posicionou a agulha. Era um disco que Tengo pedira emprestado para alguém na época do colegial e, por algum motivo, nunca devolvera. Fazia muito tempo que não o escutava.

Ao som de “Mother’s Little Helper” e “Lady Jane”, Tengo preparou um pilaf de presunto, cogumelo e arroz integral, e sopa de pasta de soja com queijo de soja e algas *wakame*. Refogou uma couve-flor e a regou com molho curry, previamente pronto. Preparou também uma salada de vagem e cebola. Para Tengo, cozinhar não era uma tarefa árdua. Tinha por hábito pensar enquanto cozinhasse. Aproveitava o tempo para refletir sobre assuntos cotidianos: questões de matemática, sobre o romance ou questões metafísicas. Conseguia raciocinar melhor em pé, com as mãos ocupadas, do que não fazendo nada. Mas, neste caso, por mais que tentasse pensar no assunto, não conseguia imaginar onde seria esse “lugar especial” de que Fukaeri falara. Seria uma tarefa inglória tentar organizar algo que, a princípio, não poderia ser organizado. O resultado estaria fadado a ser limitado.

Os dois jantaram um de frente para o outro na mesa, sem manter o que se poderia chamar de diálogo, como um casal entediado comendo silenciosamente, cada qual absorto — ou não — em seus próprios pensamentos. Em se tratando de Fukaeri, era difícil discernir uma coisa da outra. Após a refeição, Tengo tomou um café e Fukaeri

comeu um pudim da geladeira. Independentemente do que comesse, sua expressão nunca se alterava. Sua única preocupação parecia ser mastigar a comida.

Tengo sentou-se na mesa de trabalho e, conforme a sugestão dela, tentou se lembrar de coisas relacionadas a Aomame.

Você deve se lembrar de algumas coisas sobre ela. Algo que vai te ajudar.

Tengo, porém, não conseguia se concentrar na tarefa. Na vitrola, tocava um outro álbum dos Rolling Stones: *Little red rooster*. Uma música do tempo em que Mick Jagger era louco pelo blues de Chicago. Nada mau. Mas não era uma música propícia para fazer reflexões profundas ou desenterrar antigas lembranças. Os Rolling Stones não eram uma banda muito inclinada àquele tipo de gentileza. Tengo achou melhor ficar sozinho num local mais tranquilo.

— Vou sair um pouco — disse ele.

Fukaeri concordou, sem parecer se importar, enquanto contemplava em suas mãos a capa do álbum dos Rolling Stones.

— Depois que eu sair, não abra a porta para ninguém, está bem? — disse Tengo.

Ele caminhou em direção à estação. Usava uma camiseta de manga comprida azul-marinho, bermuda cáqui surrada e tênis. Nas proximidades da estação, entrou num estabelecimento chamado Muguiatama — cabelo de trigo — e pediu um chope. O local servia bebidas e refeições leves. Era um bar pequeno, e vinte clientes eram o suficiente para encher a casa. Tengo havia estado lá algumas vezes. Tarde da noite, o local costumava ficar animado, mas, entre sete e oito da noite, o movimento era relativamente fraco, e o ambiente, tranquilo e agradável. Era um local ideal para se sentar sozinho no canto do balcão e ler um livro tomando cerveja. A cadeira também era confortável. Tengo não sabia o porquê de o bar ser chamado assim. Pensou em perguntar ao dono, mas bater papo com estranhos não era o seu forte. E, afinal, desconhecer a origem do nome não lhe causaria nenhum inconveniente. O importante era que o Muguiatama era um local agradável.

Felizmente o bar não tinha som ambiente. Tengo sentou-se numa mesa próxima à janela e, enquanto bebia um chope Carlsberg e petiscava uma porção de castanhas, pensou em Aomame. Lembrar-se dela significava ter de voltar a ser um garoto de 10 anos e trazer à tona as mudanças que ocorreram naquela fase de sua vida. Quando ele tinha 10 anos, ela segurou firmemente sua mão e, logo depois, ele se negou a fazer cobranças da NHK com o pai. Não demorou muito para ter a sua primeira experiência de ereção e ejaculação. Isso tudo

representava uma mudança significativa em sua vida. Obviamente, mesmo que Aomame não tivesse lhe segurado a mão, mais cedo ou mais tarde aquelas mudanças viriam a acontecer. Mas foi Aomame que o encorajou e acelerou a ocorrência delas, como se ela tivesse empurrado delicadamente suas costas.

Tengo observou durante um bom tempo a palma de sua mão esquerda. Uma garota de 10 anos segurara aquela mão e mudara enormemente algo que havia dentro dele. Ele não conseguia entender racionalmente como aquilo acontecera. No entanto, naquela época eles conseguiram estabelecer de forma natural uma relação mútua de aceitação e compreensão. Uma reciprocidade quase milagrosa. Algo que raramente acontece durante a vida. Não; dependendo da pessoa, isso nunca acontece. Mas, naquela época, Tengo não conseguiu assimilar o real significado daquele acontecimento. Não; não fora só naquela época. Até bem pouco tempo atrás, ele ainda não havia entendido *realmente* o significado daquilo. A única coisa que ele havia feito fora guardar vagamente a imagem da garota em seu coração.

Ela deve estar com 30 anos, e uma aparência bem diferente. Deve ser alta, com seios maiores e um outro corte de cabelo. Caso tenha deixado de ser um Testemunha de Jeová, possivelmente usa maquiagem. Talvez tenha roupas caras e de grife. Tengo, porém, não conseguia imaginar Aomame com um blazer Calvin Klein caminhando de saltos altos pelas ruas, com passos firmes. Mas era plausível. As pessoas crescem, e o crescimento implica mudanças. Talvez ela estivesse por ali, sem que ele houvesse percebido.

Tengo olhou ao redor enquanto bebia o chope. Ela está por perto. Está a uma distância que se pode percorrer andando. Foi o que Fukaeri disse. Palavras que Tengo aceitara. Se ela lhe disse isso, possivelmente era isso mesmo.

No entanto, no bar havia somente um jovem casal, aparentemente de universitários, sentados no balcão com os rostos quase colados, conversando com entusiasmo e intimidade. Ao vê-los, Tengo sentiu uma profunda solidão, como havia tempos não sentia. Pensou então em como era uma pessoa solitária. Sem nenhuma ligação com ninguém.

Tengo fechou os olhos, concentrou-se e tentou relembrar o ambiente da sala de aula da escola primária. Na noite anterior, ele também havia fechado os olhos e voltado àquele local no momento em que se unia a Fukaeri, em meio às trovoadas. O retorno fora real e nitidamente concreto. As lembranças estavam muito mais vívidas do que o habitual, como se a chuva noturna tivesse lavado a poeira que as encobria.

A insegurança, a expectativa e o medo se espalharam por todos os cantos da sala de aula e, como animaizinhos medrosos, se

escondiam dentro das coisas: nos resquícios da equação que fora apagada da lousa, no pedaço de giz quebrado, na cortina barata queimada de sol, na flor do vaso sobre a mesa do professor (não conseguia lembrar o nome da flor), nos desenhos das crianças pendurados na parede, no mapa-múndi atrás do estrado, no cheiro de cera do assoalho, nas cortinas que balançavam ao sabor do vento e nos gritos vindos da janela. Tengo conseguia reproduzir mentalmente o cenário daquele ambiente com riqueza de detalhes. Consequia enxergar todo o presságio, o plano e o enigma contidos no local.

Naqueles dez segundos em que Aomame segurou sua mão, Tengo conseguiu captar muitas coisas, como uma câmera que registra fielmente todas as imagens na retina. Aquela teria sido uma das imagens fundamentais para que ele conseguisse sobreviver aos seus 10 anos de grande sofrimento. Aquele cenário sempre era acompanhado do intenso toque dos dedos da menina. A mão direita de Aomame o encorajava a enfrentar os sofrimentos que o transformariam em adulto. A mão dela lhe dizia: *não se preocupe, estou com você*.

Você não está só.

Ela está quietinha, escondida, dissera Fukaeri. Como um gatinho machucado.

Pensando bem, era uma estranha coincidência. Fukaeri também estava escondida. Ela não podia dar um passo para fora do apartamento. Duas mulheres estavam igualmente escondidas num canto de Tóquio. Elas fugiam de alguma coisa. As duas estavam profundamente relacionadas com Tengo. Será que existe algum elemento em comum? Ou será que é apenas uma coincidência?

Não havia resposta. Eram meras conjecturas. Muitas perguntas, poucas respostas. Como sempre.

Ao terminar o chope, um jovem atendente se aproximou e perguntou se ele gostaria de pedir mais alguma coisa. Após hesitar um pouco, Tengo pediu um bourbon com gelo e mais uma porção. O rapaz informou que só tinha o bourbon da Four Roses e indagou se poderia ser dessa marca. Tengo respondeu que sim. Poderia ser qualquer um. Novamente pensou em Aomame. Um agradável cheiro de pizza assando no forno vinha da cozinha no fundo do estabelecimento.

De quem será que Aomame estaria se escondendo? Talvez estivesse fugindo da justiça, pensou Tengo. Mas ele não conseguia imaginá-la como uma criminosa. Que tipo de crime teria cometido? Não. Ela não deve estar fugindo da polícia. Seja lá de quem ou por que ela está fugindo, não deve ser algo relacionado à justiça.

Será que ela não estaria fugindo da mesma coisa que Fukaeri? Foi o que subitamente lhe veio à mente. O Povo Pequeninino? Mas por que o Povo Pequeninino a perseguiria?

Se *eles* realmente estiverem atrás dela, significava que ele poderia ser o motivo principal disso. Tengo não conseguia entender o porquê de ele estar fazendo aquele tipo de papel. Mas, se existe alguma ligação entre Fukaeri e Aomame, só poderia ser através dele. Mesmo sem querer, ele talvez tivesse usado algum tipo de força para atrair Aomame para perto de si.

Um tipo de força?

Tengo olhou as mãos sem saber o que pensar. De onde viria essa força?

O rapaz trouxe o Four Roses com gelo e uma nova porção de castanhas. Tengo tomou um gole, pegou um punhado de castanhas e as balançou sutilmente, como se fossem dados.

De qualquer modo, Aomame estava em algum lugar desta cidade. A uma distância que se podia percorrer a pé. Foi o que Fukaeri lhe disse. Tengo acreditava nela. Se alguém lhe perguntasse por quê, ele não saberia responder, mas o fato é que acreditava. Mas, afinal, o que ele deveria fazer para encontrar Aomame, escondida *em algum lugar*? Se já é difícil encontrar uma pessoa com uma vida normal, seria muito mais difícil encontrar alguém que está intencionalmente escondida. Será que ele deveria sair pelas ruas anunciando o nome dela com um alto-falante? É claro que, se fizesse isso, ela não sairia espontaneamente do esconderijo. Isso chamaria a atenção e colocaria a vida dela ainda mais em perigo.

Deve haver mais alguma coisa que ele precisa lembrar, pensou Tengo.

“Você deve se lembrar de algumas coisas sobre ela. Algo que vai te ajudar”, foi o que Fukaeri disse. No entanto, mesmo antes de ela ter dito isso, Tengo sempre achou que havia um ou dois fatos importantes que ele não conseguia lembrar. De vez em quando, essa sensação o incomodava como uma pedrinha no sapato. Era algo vago, mas persistente.

Tengo limpou a mente como se apagasse uma lousa e, novamente, vasculhou a memória. Buscou as lembranças que guardava de Aomame, sobre ele próprio, sobre as coisas que havia em torno deles, como um pescador que arrasta delicadamente a rede sobre o fundo lodoso. Tentou se lembrar de todas as coisas, uma a uma, de modo ordenado e com extremo cuidado. Mas eram fatos de vinte anos atrás. Por mais que se lembrasse vividamente do cenário daquela época, eram bem limitadas as chances de recordar objetivamente tudo o que acontecera.

Mesmo assim, ele precisava encontrar *alguma coisa* que existia lá, *alguma coisa* que ele deixara escapar. E isso tinha que ser aqui e

agora. Se não fizesse isso, não conseguiria mais encontrar Aomame, supostamente escondida em algum lugar da cidade. Segundo Fukaeri, o tempo era curto, e alguma coisa perseguia Aomame.

Tengo resolveu pensar sobre outros pontos de vista. Qual teria sido o de Aomame? E o dele? Tentaria recordar o curso do tempo e os respectivos pontos de vista.

A garota segurava a mão de Tengo e fitava o rosto dele sem nunca desviar os olhos. No começo, ele não entendeu o significado daquele gesto e, desconcertado, olhou-a como quem busca uma explicação. “Deve ter ocorrido um mal-entendido. Ou algum erro”, pensou Tengo. Mas não havia nenhum mal-entendido ou erro. O que ele percebeu foi quão incrivelmente límpido e profundo era o olhar daquela menina. Tão puro como nada que ele vira até então. Um olhar cristalino como o de uma fonte que, de tão profunda, não se enxerga o fundo. Ao fitar aqueles olhos durante um tempo, Tengo achou que eles o sugariam e, por isso, para fugir deles, desviou o olhar. Não tinha como não desviar.

Foi então que ele olhou para o assoalho de madeira, para a porta da sala onde não havia ninguém e, inclinando um pouco o pescoço, observou a janela. O olhar de Aomame, contudo, continuou firme, sem se desviar. Mesmo quando ele olhava para a janela, ela continuava a fitá-lo. Tengo conseguia sentir na pele a ardência daquele olhar. Os dedos dela continuavam a segurar firmemente sua mão esquerda. A força com que segurava a mão era contínua, sem variação, hesitação ou medo. Ela não tinha nada a temer e seus dedos tentavam transmitir algum sentimento para Tengo.

Como isso aconteceu logo após a limpeza da sala de aula, a janela estava completamente aberta para arejar o ambiente, e as cortinas brancas balançavam delicadamente ao sabor do vento. Do lado de fora o céu estava ensolarado. Estavam em dezembro, mas ainda não fazia muito frio. No alto pairavam nuvens, brancas e planas, que traziam os vestígios do outono, como se tivessem sido espalhadas com uma escova. Ali havia alguma coisa. Havia alguma coisa pairando além dessas nuvens. O sol? Não. Não era. Não era o sol.

Tengo conteve a respiração e, apertando as têmporas com os dedos, tentou ir mais fundo em suas lembranças, seguindo o tênue fio da consciência, que poderia se romper a qualquer momento.

É isso. Ali havia uma lua.

Ainda faltava muito para o anoitecer, mas ali havia uma lua. Uma lua com três quartos do tamanho da lua cheia. Tengo ficou admirado de ver nitidamente uma lua tão grande em pleno dia. Disso ele se lembrava. Aquela rocha cinza e insensível parecia estar pendurada com uma linha transparente e pairava na parte baixa do céu, como se não soubesse onde seria o seu lugar. Havia nela algo que

lhe conferia um aspecto artificial. Olhando-a de relance parecia uma lua falsa, teatral. Mas, obviamente, a lua era de verdade. É claro que era. Ninguém em sã consciência se daria ao trabalho de pendurar uma lua falsa num céu de verdade.

De repente, percebeu que Aomame não estava mais fitando seus olhos. O olhar dela se voltara para a mesma direção do de Tengo. Assim como ele, ela também olhava a lua que pairava em pleno dia, segurando firmemente sua mão e com uma expressão séria no rosto. Tengo fitou novamente os olhos dela e notou que não tinham a mesma limpidez anterior. Aquela extraordinária limpidez fora momentânea. No entanto, naquele olhar Tengo viu algo duro e cristalino. Um olhar fascinante, mas que ao mesmo tempo trazia uma severidade que lembrava o rigor de uma geada. Tengo não conseguiu assimilar o significado daquilo.

Finalmente, aquela menina parecia ter tomado uma decisão. Soltou a mão de Tengo e, dando meia-volta, saiu rapidamente da sala sem dizer uma única palavra. Sem sequer voltar-se para trás, ela o deixou num profundo vazio.

Tengo abriu os olhos, parou de se concentrar, respirou fundo e tomou mais um gole do bourbon. Sentiu o líquido passando pela garganta e pelo esôfago. Em seguida, novamente pôs-se a respirar fundo. Não conseguia mais ver a imagem de Aomame. Ela deu-lhe as costas e saiu da sala de aula. Desapareceu de sua vida.

Desde então, passaram-se vinte anos.

“É a lua!”, pensou Tengo.

Naquele dia eu olhava a lua. E Aomame também olhava a mesma lua. Uma rocha acinzentada que pairava no céu ainda claro das três e meia da tarde. Um satélite solitário e silencioso. Os dois estavam lado a lado olhando a mesma lua. “Mas o que será que isso significa? Será que é a lua que me conduzirá até o lugar em que ela está?”, pensou Tengo.

Naquele dia, Aomame talvez tivesse secretamente confiado à lua os seus sentimentos, cogitou Tengo. Talvez elas tivessem selado um acordo. O jeito de Aomame olhar a lua instigava-o a imaginar que havia nesse seu olhar algo de assustadoramente sincero.

Difícil saber o que Aomame teria pedido à lua. Mas Tengo conseguia imaginar o que a lua teria lhe oferecido. Possivelmente, a lua teria oferecido um sentimento de solidão e serenidade; era o que podia oferecer de melhor.

Tengo pagou a conta e saiu do Muguiatama. Olhou para o céu e não

viu a lua. O céu estava límpido e a lua devia estar em algum lugar, mas, como a rua era cercada de prédios, era impossível vê-la. Com as mãos no bolso, Tengo caminhou de rua em rua tentando encontrar a lua. Queria ir a um local aberto, mas em Kôenji não era fácil achar um lugar assim. O terreno era tão plano que era difícil até encontrar um leve aclave. Não havia nenhum lugar mais alto, por menor que fosse. Talvez fosse melhor subir na cobertura de algum prédio, mas na região em que estava não havia nenhum que lhe parecesse adequado.

Enquanto caminhava, lembrou-se de que havia um parque infantil nas redondezas. Às vezes, ele passava em frente quando fazia sua caminhada. Não era um parque grande, mas, se não lhe falhava a memória, nele havia um escorregador. Se subisse nele talvez conseguisse olhar o céu. Não era um escorregador grande, mas, comparado com a visão que ele teria do chão, ali seria melhor. Ele caminhou em direção ao parque. Os ponteiros do relógio de pulso indicavam que era um pouco antes das oito.

O parque estava vazio. No centro, um poste alto com lâmpada de mercúrio iluminava toda a área. Uma enorme zelkova estendia seus galhos ainda repletos de folhas. Havia arbustos pequenos, um bebedouro, bancos, balanços e um escorregador. Havia também um banheiro público, mas um funcionário da prefeitura se incumbia de trancá-lo no final da tarde para evitar a entrada de mendigos. Durante o dia, jovens mães com filhos que ainda não tinham idade para frequentar o pré-primário se reuniam no local e, enquanto as crianças brincavam, aproveitavam para conversar animadamente. Tengo chegou a ver várias vezes essa cena, mas, quando anoitecia, o local ficava deserto.

Tengo subiu na parte mais alta do escorregador e, de pé, contemplou o céu noturno. Na parte norte havia um prédio recém-construído de cinco andares. Antes ele não estava lá. O prédio servia como uma espécie de paredão, ocultando o lado norte do céu. Mas nas demais direções só havia prédios mais baixos. Tengo olhou ao redor e encontrou a lua no lado sudoeste. Ela pairava sobre o telhado de um sobrado antigo. A lua estava com três quartos do tamanho normal. Era a mesma lua de vinte anos atrás, pensou Tengo. O tamanho era o mesmo. O formato e, eventualmente, a posição também. Possivelmente.

Mas a lua que pairava no céu de início de outono era nítida e clara, e emanava uma atmosfera de reflexão, específica dessa época do ano. Era uma luz muito diferente daquela do céu de dezembro às três e meia da tarde. A cálida luz que ela irradiava tinha o poder de proporcionar serenidade ao coração, como a correnteza de águas límpidas e o delicado farfalhar das árvores conseguem nos proporcionar.

Em pé no alto do escorregador, Tengo observou, durante um bom tempo, a lua. Do anel viário da linha 7 ouvia-se um barulho semelhante ao ruído do mar, uma mescla de sons de diversos carros. Eles fizeram com que Tengo subitamente se lembrasse de seu pai na casa de saúde à beira da praia de Chiba.

A luz da cidade, como sempre, apagava o brilho das estrelas. O céu estava bem claro, mas dava para ver algumas poucas estrelas especialmente brilhantes em diversos pontos no céu. Mas a lua brilhava com todo o seu esplendor. Ela pairava com retidão sem reclamar das outras luzes, do barulho e da poluição do ar. Ao forçar a vista dava para ver as estranhas sombras formadas pelas gigantescas crateras e vales. Enquanto observava inocentemente o brilho da lua, Tengo despertou em seu interior um tipo de memória ancestral: a lua sempre fora amiga dos homens, desde antes da descoberta do fogo, das ferramentas e da linguagem. Ela sempre iluminou a escuridão do mundo com sua luz natural, amenizando o medo dos homens. As fases da lua proporcionaram a noção de tempo. A gratidão por essa misericordiosa compaixão devia estar fortemente impressa nos genes da humanidade, como uma cálida memória coletiva, a despeito de, hoje em dia, a escuridão ter sido expulsa em grande parte do mundo.

Pensando bem, fazia muito tempo que Tengo não contemplava a lua com tanta atenção. Já nem se lembrava de quando fora a última vez que olhara para ela. Na correria do dia a dia, as pessoas viviam com os olhos voltados para o chão. E se esqueciam de olhar para o céu noturno.

Foi então que Tengo percebeu que, num canto do céu, bem próximo à lua, havia uma outra lua pairando. No começo, achou que era uma ilusão de ótica, ou um tipo de ilusão provocada pela luz. No entanto, depois de olhar várias vezes, constatou que havia uma segunda lua com contornos bem-definidos. Tengo ficou perplexo e, com a boca entreaberta, observou a direção em que se encontravam as luas. Sua mente não conseguia processar o que ele via. Não conseguia associar o contorno e a essência, como ocorre quando o conceito e a palavra não conseguem sintetizar uma unidade.

Mais uma lua?

Tengo fechou os olhos e massageou vigorosamente o rosto com a palma das mãos. “O que está acontecendo comigo?”, pensou. Ele não tinha bebido muito. Respirou calma e profundamente. Certificou-se de que seu estado mental estava normal. Com os olhos fechados, no breu, tentou novamente se certificar de quem ele era, onde estava e o que fazia: setembro de 1984, Tengo Kawana, bairro de Kôenji, distrito de Suginami, parque infantil, e contemplava a lua no céu. Não havia dúvidas.

Em seguida, abriu os olhos lentamente e, de novo, olhou o céu

com o coração sereno e atento. As duas luas continuavam ali.

Não era uma ilusão de ótica. Havia duas luas. Tengo manteve os punhos fortemente cerrados.

A lua continuava silenciosa, mas não estava mais sozinha.

Aomame

Quando a dohta despertar

Crisálida de ar era uma história fantástica e de fácil leitura. O estilo era condizente com o de uma menina de 10 anos contando uma história. Não havia palavras difíceis, raciocínios complicados, explicações entediantes ou expressões elaboradas. As frases eram concisas, de fácil compreensão e agradáveis de ouvir; e, a despeito dessa simplicidade, praticamente não havia a necessidade de inserir explicações. A protagonista narrava a história de acordo com o que ela própria havia presenciado, sem interrompê-la com reflexões do tipo “O que está acontecendo?”, ou “O que isso significa?”. Ela contava a história sem pressa, num ritmo adequado à narrativa. Os leitores assumiam o ponto de vista da narradora e, naturalmente, passavam a acompanhar seus passos. Subitamente, percebiam que haviam sido conduzidos a um outro mundo. Um mundo *que não era o daqui*. Um mundo em que o Povo Pequeninino fazia a crisálida de ar.

Após ler as primeiras dez páginas, Aomame ficou impressionada com o estilo da narrativa. Se Tengo havia escrito aquele texto, ele era realmente talentoso. O Tengo que Aomame conhecia era, antes de tudo, um gênio da matemática. Era conhecido como o menino prodígio; conseguia resolver com facilidade os problemas que os adultos não eram capazes de solucionar. Mas sua genialidade não se restringia à matemática. Nas demais matérias, suas notas também eram excelentes e, em tudo o que fazia, se destacava entre as crianças. Era alto, forte e exímio atleta. Aomame, porém, não lembrava que ele também se destacava como escritor. Provavelmente, naquela época, esse talento se encontrava oculto, à sombra da matemática.

Outra possibilidade seria Tengo ter apenas transcrito a história contada pela autora. A originalidade de Tengo talvez não tivesse efetivamente contribuído para formatar o estilo da obra. Mas Aomame desconfiava que não era esse o caso. Aparentemente, o texto era simples e despretensioso, mas, ao lê-lo com mais atenção, percebia-se o quanto era estruturalmente bem elaborado em seus mínimos detalhes. Ao mesmo tempo que não havia nenhum trecho redundante, tudo o que era necessário estava devidamente escrito. Apesar do uso moderado de adjetivos, as descrições eram precisas, ricas em nuances. Mais que tudo, as frases tinham uma musicalidade excepcional.

Mesmo sem lê-lo em voz alta, o leitor conseguia apreender a existência de uma profunda sonoridade. Não era um texto que uma garota de 17 anos conseguiria escrever espontaneamente.

Após constatar isso, Aomame pôs-se a ler atentamente a continuação da história.

A protagonista era uma menina de 10 anos. Ela vivia numa pequena “comunidade” no meio das montanhas. Os pais dela também viviam ali. Ela não tinha irmãos. Como fora levada para lá assim que nasceu, não conhecia praticamente nada do mundo de fora. Todos tinham muitos afazeres e era difícil encontrar tempo para que a família pudesse conversar tranquilamente, mas, mesmo assim, os três se davam bem. Durante o dia, a menina frequentava uma escola primária da região e os pais se dedicavam principalmente às atividades agrícolas. Sempre que sobrava tempo, as crianças ajudavam na lavoura.

Os adultos que viviam na comunidade detestavam o funcionamento do mundo exterior. Eles costumavam dizer que o mundo em que viviam era como uma linda ilha isolada, uma fortaleza flutuando no meio de um oceano capitalista. A garota não sabia o que significava “capitalismo” (ou o termo “materialismo” que às vezes eles usavam). Mas, pelo desprezo que demonstravam ao empregar esses termos, ela intuía que se tratava de algo distorcido, contrário à natureza e à *justiça*. Ensina-lhe que, para manter o corpo e a mente saudáveis, era preciso evitar, a todo custo, o contato com o mundo exterior. Caso contrário, havia o perigo de seu coração se tornar “contaminado”.

A comunidade era formada por cinquenta pessoas, entre homens e mulheres jovens, e era dividida em dois grupos. Um grupo tinha como objetivo a “revolução”, e o outro pregava a “paz”. Os pais dela pertenciam ao segundo grupo. Seu pai era o mais velho dentre eles e, desde o início, tinha uma função importante dentro da comunidade.

Uma garota de 10 anos, obviamente, não seria capaz de explicar racionalmente o motivo daquele conflito. Tampouco conseguiria entender a diferença entre o grupo da revolução e o grupo da paz. A impressão que ela tinha era de que a revolução representava um pensamento de formato pontiagudo, enquanto a paz tinha formato arredondado. Para ela, o pensamento possuía um formato e uma coloração próprios e, como a Lua, ora se tornava cheio, ora minguante. Seu conhecimento se limitava a isso.

Ela não conhecia as circunstâncias que originaram a comunidade. O que lhe haviam dito era que, cerca de dez anos atrás,

na época em que ela nascera, havia ocorrido uma grande mudança na sociedade, e as pessoas largaram suas vidas na cidade e se mudaram para essa vila no meio das montanhas. Ela não sabia muitas coisas sobre a cidade. Nunca andara de trem nem de elevador. Nunca havia visto uma construção com mais de dois andares. Eram muitas as coisas que ela desconhecia. O seu conhecimento se limitava às coisas visíveis e palpáveis, existentes em seu entorno.

Mas, a despeito de seu ponto de vista limitado e seu vocabulário simples, ela conseguia descrever espontânea e vividamente o modo de ser e de pensar das pessoas, assim como conseguia descrever a paisagem e o cotidiano dessa pequena comunidade.

Apesar de existirem diferentes modos de pensar, as pessoas que ali viviam possuíam um forte sentimento de solidariedade. Compartilhavam a ideia de que a melhor maneira de viver era se afastar do capitalismo e, a despeito de existirem diferentes formas e nuances de pensamento, estavam cientes de que, sem a união, não poderiam sobreviver. A vida era dura. As pessoas trabalhavam diariamente, sem descanso, cultivando verduras que eram trocadas com a vizinhança por outras mercadorias, e o que sobrava era comercializado. Na medida do possível, evitavam usar produtos de produção em massa, procurando viver em meio à natureza. Quando precisavam usar aparelhos elétricos, pegavam-nos do lixo e os consertavam. As roupas que vestiam, em sua grande maioria, eram velhas, trazidas de algum outro lugar.

Algumas pessoas abandonavam a comunidade por não conseguir se adaptar a essa vida pura, porém árdua. Por outro lado, muitas outras ingressavam após ouvir histórias sobre sua proposta. A quantidade de pessoas que saíam era menor do que a das que entravam, e, por isso, a população foi crescendo gradativamente. Uma tendência considerada positiva. Na vila em que moravam, havia ainda muitas casas abandonadas que podiam ser habitadas após uma reforma, e também muitos campos a ser cultivados. Aumentar a quantidade de trabalhadores era auspicioso.

Na comunidade havia cerca de dez crianças. A maioria havia nascido ali, e a mais velha era a protagonista da história. As crianças sempre iam juntas à escola local. Eram obrigadas a estudar lá por imposição da lei. Além do mais, os fundadores achavam que manter um relacionamento amistoso com a população local era imprescindível para a sobrevivência da própria comunidade. Por outro lado, as crianças da população local achavam as crianças da comunidade esquisitas, e não só evitavam se aproximar, como também costumavam maltratá-las, razão pela qual elas tinham o hábito de andar sempre juntas. Andavam em grupo para se protegerem dos

perigos físicos e dos corações contaminados.

Além disso, a comunidade construiu uma escola própria, e as pessoas se revezavam para ensinar as crianças. Muitos dos membros possuíam alto grau de escolaridade e não eram poucos os que tinham formação de professor. Portanto, manter uma escola não era tão difícil. Foram elaborados materiais didáticos próprios e se ensinava a ler, escrever e fazer cálculos. Também ensinavam os conhecimentos básicos de química, física, fisiologia e biologia; e o funcionamento do mundo de fora. No mundo exterior havia dois tipos de sistema: o capitalismo e o comunismo, que se odiavam mutuamente. No entanto, ambos possuíam problemas profundos e, em linhas gerais, o mundo caminhava para uma direção não muito boa. O comunismo era altamente idealista e sua ideologia era positiva, mas, devido a um político egoísta, ela acabou sendo distorcida. A menina viu a foto desse político “egoísta”. Associou a imagem dele — de bigode grande e preto, com um nariz igualmente grande — com a própria imagem do demônio.

Na comunidade não havia televisão e somente em ocasiões especiais é que se permitia escutar o rádio. Havia também restrições em relação a alguns jornais e revistas. As notícias consideradas importantes eram transmitidas em voz alta no salão comunitário, durante o jantar. As pessoas ali reunidas reagiam ora dando gritos de alegria ora vaiando em desaprovação. As vaias eram muito mais frequentes do que os gritos de alegria. Era a única experiência de mídia que a protagonista tinha. Desde que nasceu, ela nunca havia assistido a um filme. Nunca lera nem um *mangá* sequer. A única coisa que permitiam era escutar música clássica. No salão havia um aparelho estéreo e vários discos doados por um colecionador. Nos horários livres podia-se ouvir a sinfonia de Brahms, peças para piano de Schumann, músicas para teclado de Bach e músicas religiosas. Ouvi-las era um momento precioso para a menina, pois era sua única diversão.

Certo dia, a menina recebeu um castigo. Naquela semana, haviam ordenado que ela cuidasse das cabras durante alguns dias. Mas assoberbada com as tarefas da escola e outros afazeres cotidianos, uma noite acabou se esquecendo. Na manhã seguinte, uma cabra velha e cega foi encontrada morta. Como castigo, ela ficaria afastada da comunidade durante dez dias.

As pessoas acreditavam que aquela cabra possuía um significado especial. Mas, como estava muito velha, a doença — não se sabia qual era — fazia seu corpo definhar. Independentemente de quem tomasse conta dela, a morte era apenas uma questão de tempo,

uma vez que não havia expectativas de cura. Mas isso não era motivo para minimizar o rigor do castigo. A questão não era apenas em relação à morte da cabra, mas ao fato de ela ter negligenciado uma tarefa que lhe fora delegada. Na comunidade, o isolamento era o pior dos castigos.

A menina e a cabra morta foram trancadas num depósito com paredes grossas de barro. Esse depósito era conhecido como “quarto para reflexão”. Era um lugar em que a pessoa que infringisse alguma norma da comunidade deveria refletir sobre o crime que cometeu. Enquanto estivesse cumprindo a pena de isolamento, ninguém podia lhe dirigir a palavra. Ela precisava aguentar os dez dias completamente em silêncio. Serviam-lhe o mínimo necessário em termos de água e comida, e o depósito era escuro, frio e úmido. E havia o odor da cabra morta. A porta era trancada pelo lado de fora e havia um balde no canto do quarto para que ela fizesse as necessidades. No alto da parede havia uma janela pequena por onde entrava a luz do sol e da lua. Se não houvesse nuvens cobrindo o céu, dava para ver as estrelas. Era o único ponto de luz. Ela ficava deitada num colchonete duro sobre o piso de madeira e dormia tremendo de frio, enrolada em dois cobertores velhos. Estavam em abril, mas, nas montanhas, as noites eram frias. Quando escurecia, os olhos da cabra morta brilhavam com a luz das estrelas. O medo era tanto que ela não conseguia dormir.

Na noite do terceiro dia, a cabra abriu completamente a boca. Ela fora aberta pelo lado de dentro, de onde começaram a sair homenzinhos. Ao todo, eram seis. Ao saírem da boca, tinham cerca de dez centímetros, mas assim que colocavam os pés no chão cresciam rapidamente, como cogumelos após a chuva. Num piscar de olhos, estavam com cerca de sessenta centímetros. Eles se autodenominavam Povo Pequeninino.

“Branca de neve e os sete anões”, pensou a garota. Ela tinha ouvido de seu pai essa história quando era pequena. Mas, neste caso, faltava um.

— Se você acha melhor sete, podemos ser sete — disse o homem pequeninino de voz grave. Pareciam ler os pensamentos da garota. Ao recontá-los, em vez de seis agora eram sete. A garota, no entanto, não achou a ocorrência especialmente estranha. Quando o Povo Pequeninino saía da boca da cabra, as regras do mundo já haviam sido alteradas, e nada que ocorresse dali em diante seria estranho.

— Por que é que vocês saíram da boca da cabra — perguntou a menina, notando que sua voz ecoava de um jeito diferente. O modo de ela falar não era como o de sempre. Possivelmente, por ter ficado três dias sem conversar com ninguém.

— Porque a boca da cabra era uma passagem — disse o

homem pequenino que tinha voz rouca. — Até sairmos dela, não sabíamos que se tratava de uma cabra morta.

O homem pequenino com a voz estridente disse:

— Isso é o de menos. Para nós tanto faz ser uma cabra morta, uma baleia ou uma casca de ervilha. Desde que seja uma passagem.

— Você criou esta passagem e nós resolvemos experimentá-la. Queríamos saber aonde ela nos levaria — disse o homem pequenino de voz grave.

— Eu criei a passagem — disse a menina. Realmente, não parecia ser a sua própria voz.

— Você nos fez um grande favor — disse um dos homens pequeninos, que tinha a voz baixa.

Alguns homens emitiram uma concordância.

— Quer brincar de fazer crisálida de ar? — indagou um homem pequenino com voz de tenor.

— Já que viemos até aqui... — disse um outro, com a voz de barítono.

— Crisálida de ar — perguntou a menina.

— Vamos tirar os fios do ar e construir uma casa. Uma casa que vamos construir até ela ficar grande — disse o homem pequenino de voz grave.

— Para quem seria essa casa — perguntou a menina.

— Com o tempo você vai saber — disse o homenzinho de voz grave.

— Ho, ho — disse outro homem pequenino, como que a marcar o compasso.

— Posso ajudar — indagou a menina.

— É claro que sim — respondeu o de voz rouca.

— Você nos fez um grande favor. Vamos fazer a crisálida juntos — disse o que tinha a voz de tenor.

Com um pouco de prática, tirar os fios do ar não era tão difícil. A menina era habilidosa e rapidamente aprendeu o ofício. Para enxergar os fios de várias cores existentes no ar, era preciso olhá-los atentamente. Para conseguir vê-los, era necessário querer vê-los.

— Isso. Isso mesmo. Está ótimo — disse o homem pequenino com a voz baixa.

— Você é uma menina muito inteligente. Aprende rápido — disse o de voz estridente. Eles vestiam o mesmo tipo de roupa e tinham as mesmas feições, mas suas vozes eram nitidamente diferentes.

As roupas que usavam eram dessas bem comuns, das que se encontram em qualquer lugar. É uma maneira estranha de dizer, mas não havia outra forma de descrevê-las. Uma vez que se desviava o olhar deles, era impossível se lembrar das roupas que usavam. O

mesmo se podia dizer quanto às suas feições. O rosto não era bonito nem feio. Era um rosto comum, desses que existem em qualquer lugar. Ao desviar o olhar, igualmente era impossível se lembrar de suas feições. Isso também ocorria em relação aos cabelos. Eles não eram nem compridos nem curtos. Eram apenas cabelos. Eles também não tinham nenhum tipo de cheiro.

Assim que o galo cantou ao amanhecer, e a parte leste do céu começou a clarear, os sete homenzinhos interromperam o trabalho e se espreguiçaram. Em seguida, esconderam num canto do depósito a crisálida de ar branca, que atingira o tamanho de um coelhinho. Provavelmente, não queriam que a pessoa que trouxesse a comida a encontrasse.

— Está amanhecendo — disse o homem pequenino de voz baixa.

— Terminou a noite — disse o outro, de voz grave.

“Com essa diversidade de vozes, bem que eles poderiam formar um coral”, pensou a menina.

— Nós não temos música — disse o homenzinho com a voz de tenor.

— Ho, ho — disse o ritmista.

Os homens pequeninos diminuíram de tamanho, voltando aos dez centímetros e, em fila, entraram na boca da cabra morta.

— Vamos voltar esta noite — disse o homenzinho de voz baixa e, antes de fechar a boca da cabra pelo lado de dentro, disse bem baixinho: — Não fale de nós para ninguém.

— Se você falar, algo de muito ruim vai acontecer com você — disse o homenzinho de voz rouca, em tom de aviso.

— Ho, ho — disse o ritmista.

— Não vou contar para ninguém — disse a menina.

Mesmo que contasse, ninguém acreditaria nela. Quando ela falava o que pensava, as pessoas ao redor costumavam repreendê-la, dizendo que ela não sabia distinguir a realidade da imaginação. O modo de ela pensar e de sentir parecia ser bem diferente do de outras pessoas. Ela não conseguia entender o que havia de errado com ela. Mas, de qualquer modo, seria melhor não contar para ninguém sobre o Povo Pequenino.

Assim que o Povo Pequenino desapareceu e a boca da cabra se fechou, a menina procurou a crisálida de ar, mas não conseguiu encontrá-la. Estava muito bem escondida. Mesmo sendo um espaço tão pequeno, por mais que a procurasse, não conseguiu achá-la. Onde será que eles a esconderam?

Depois, ela se enrolou no cobertor e dormiu. Havia tempos que

não conseguia dormir tão bem. Não sonhou, e o sono transcorreu sem nenhuma interrupção. O fato de ela poder dormir profundamente a deixou muito satisfeita.

Durante o dia, a cabra continuou morta. O corpo estava duro, e os olhos turvos pareciam bolas de vidro fosco. Mas, ao anoitecer, a escuridão preencheu o depósito e seus olhos começaram a brilhar com o reflexo da luz das estrelas. A boca, como que instigada pela luz, de repente se abriu e dela ressurgiu o Povo Pequeninino. Desta vez, desde o início eram sete homenzinhos.

— Vamos continuar o que começamos ontem — disse o homem pequeninino que tinha a voz rouca.

Os demais concordaram em uníssono.

Os sete homenzinhos e a menina sentaram-se em círculo ao redor da crisálida e começaram a trabalhar. Tiravam fios brancos do ar e foram tecendo a crisálida. Eles mal se falavam e, em silêncio, se dedicavam com afinco à tarefa. Com as mãos ocupadas e concentrada no trabalho, a menina não se incomodava mais com o frio. A crisálida foi aumentando visivelmente de tamanho.

— Até que tamanho vamos fazer — perguntou a menina, quando o dia estava para raiar. Ela queria saber se a crisálida ficaria pronta enquanto ela estivesse presa no depósito.

— Quanto maior, melhor será — respondeu o homenzinho de voz estridente.

— Quando atingir certo tamanho, ela naturalmente se romperá — disse o outro homenzinho todo eufórico, com sua voz de tenor.

— Vai sair alguma coisa — disse outro, com sua poderosa voz de barítono.

— Que tipo de coisa — perguntou a menina.

— É surpresa — disse o homenzinho de voz baixa.

— Ho, ho — disse o ritmista, fazendo a marcação.

— Ho, ho — disseram os outros seis homenzinhos em uníssono.

O livro tinha um estilo que emanava uma estranha e peculiar tristeza. Ao perceber isso, Aomame esboçou uma leve careta. Parecia uma história fantástica para crianças. Mas, por trás dela, fluía uma energia obscura, invisível e poderosa. Aomame conseguia captar, naquelas palavras concisas e sem floreios, uma sinistra ressonância dessa energia. Uma ressonância que deixava a pessoa deprimida, como se aquelas palavras insinuassem a existência de uma doença prestes a se manifestar. Uma doença fatal que, silenciosamente, destrói a mente em seu cerne. Quem trazia essa doença eram os sete homenzinhos que formavam o coral. Aomame intuiu que certamente havia algo de

insano. De algum modo, ela conseguia captar nas vozes desses homens pequeninos algo que lhe era fatalmente íntimo.

Aomame tirou os olhos do livro e tentou se lembrar do que o Líder lhe dissera sobre o Povo Pequenino, momentos antes de morrer.

“Convivemos com *eles* desde os tempos imemoriais, muito antes de existir a concepção do bem e do mal; desde o tempo em que se desconhecia a consciência humana.”

Aomame continuou a leitura.

O Povo Pequenino e a menina continuaram a trabalhar juntos e, após alguns dias, a crisálida de ar estava do tamanho de um cachorro grande.

— Amanhã termina o meu castigo e vou sair daqui — disse a menina olhando os homens pequeninos, um pouco antes do amanhecer.

Os sete homenzinhos prestavam atenção no que a menina lhes dizia.

— Por isso não vou mais poder ajudar vocês a fazer a crisálida de ar.

— Que pena! — disse o homem pequenino com a voz de tenor, como se realmente lamentasse a situação.

— Você nos ajudou muito — disse o outro, com voz de barítono.

O homem pequenino de voz estridente comentou:

— A crisálida de ar está quase pronta. Falta muito pouco para terminar.

Os homens pequeninos posicionaram-se um ao lado do outro e observaram atentamente a crisálida de ar, como se estivessem conferindo seu tamanho.

— Falta muito pouco — disse o homenzinho com a voz rouca, como a conduzir uma monótona canção de marinheiro.

— Ho, ho — disse o ritmista.

— Ho, ho — disseram os outros seis em uníssono.

Após cumprir os dez dias de castigo, a menina voltou para a comunidade. Recomeçou a vida comunitária cheia de regras e não lhe sobrava tempo para ficar sozinha. Obviamente, não podia mais ajudar o Povo Pequenino a fazer a crisálida de ar. Todas as noites, antes de dormir, ela imaginava os sete homenzinhos sentados ao redor da crisálida, fazendo-a crescer. Ela não conseguia pensar em mais nada. Era como se a crisálida de ar estivesse realmente dentro de sua mente.

A menina estava curiosíssima em saber o que havia dentro da

crisálida, o que sairia de dentro dela quando ela se rompesse. Lamentava não poder ver com os próprios olhos o momento de isso acontecer. Após ajudá-los a fazê-la, achava-se no direito de presenciar o momento. A menina chegou a pensar seriamente em fazer alguma coisa errada para ser punida e levada de volta ao depósito. Mas, mesmo que fizesse esse sacrifício, o Povo Pequenino poderia não aparecer. A cabra fora retirada e enterrada em algum lugar. Seus olhos não brilhariam com a luz das estrelas.

A história prossegue contando o dia a dia da menina na comunidade. As tarefas designadas e a disciplina diária. Como a menina era a mais velha, cabia a ela cuidar das demais crianças e orientá-las. As refeições eram frugais. Antes de dormir, seus pais lhe contavam histórias. Somente quando sobrava tempo é que ela podia escutar as músicas clássicas. Uma vida sem contaminação.

O Povo Pequenino apareceu em seu sonho. Eles entravam no sonho da pessoa quando queriam. Comunicaram-lhe que estava chegando a hora de a crisálida de ar se abrir e a convidaram a vir vê-la. Orientaram que fosse ao depósito durante a noite, sem que ninguém a visse, trazendo consigo uma vela.

A menina não conseguia conter a curiosidade. Saiu sorrateiramente do quarto e, andando na ponta dos pés, foi até o depósito levando consigo uma vela que ela havia providenciado. Não havia ninguém. Somente a crisálida de ar é que estava no chão. A crisálida tinha uma circunferência maior que da última vez que a vira. Media entre um metro e trinta e um metro e quarenta. Uma tênue luz emanava de sua superfície. Os contornos formavam uma belíssima curva e, no centro, havia um afunilamento muito bonito. Algo que não havia enquanto estava menor. O Povo Pequenino trabalhara com empenho depois de ela ter deixado o local. Havia uma fenda horizontal muito bonita. A menina se agachou e deu uma espiada pela fresta.

Foi quando ela viu que quem estava dentro da crisálida era ela própria. Ela estava nua e deitada de costas, com os olhos fechados. Parecia inconsciente e sem sinais de respiração, como se fosse uma boneca.

— Esta é a sua *dohta* — disse o homenzinho de voz rouca, pondo-se a tossir para limpar a garganta.

Ao olhar para trás, de repente notou que os sete homenzinhos estavam lá, posicionados lado a lado, formando um leque.

— *Dohta* — repetiu a menina automaticamente.

— Você será chamada de *maza* — disse o homenzinho de voz grave.

— *Maza e dohta* — repetiu a menina.

— A *dohta* tem a função de representar a *maza* — disse o

homenzinho com a voz estridente.

— Vou me dividir em duas — perguntou a menina.

— Não é isso — disse o tenor. — Você não vai ter de se dividir em duas. Você será a mesma de sempre, sem pôr ou tirar nada. Não há com o que se preocupar. A *dohta* sempre será apenas a sombra do coração e da mente da *maza*. A *dohta* é apenas a sombra materializada.

— Quando *essa pessoa* vai abrir os olhos?

— Em breve. Quando chegar a hora — respondeu o homenzinho com a voz de barítono.

— O que a *dohta* vai fazer como sombra do meu coração e da minha mente — indagou a menina.

— Terá a função de captar, a de ser *perceptiva* — disse o homem pequenino de voz baixa.

— Perceptiva — disse a menina.

— Aquela que percebe as coisas — disse o de voz rouca.

— Transmite ao receptor o que consegue perceber — disse o de voz estridente.

— A *dohta* vai ser a nossa passagem — disse o tenor.

— No lugar da cabra — perguntou a menina.

— A cabra morta foi apenas uma passagem provisória — respondeu o homenzinho de voz grave. — Para ligar o nosso mundo com o mundo de cá é necessária uma *dohta* viva. Uma que seja perceptiva.

— O que a *maza* faz — indagou a menina.

— A *maza* estará sempre próxima à *dohta* — respondeu o de voz estridente.

— Quando a *dohta* vai despertar — perguntou a menina.

— Daqui a dois ou três dias — disse o tenor.

— Daqui a dois ou três dias — reforçou o homenzinho com a voz baixa.

— Cuide bem da *dohta* — disse o barítono —, pois esta é a sua *dohta*.

— Se você não cuidar bem da *maza*, a *dohta* não será perfeita. Será difícil mantê-la viva por muito tempo — disse o homenzinho com a voz aguda.

— Se perder a *dohta*, a *maza* também irá perder a sombra do coração e da mente — disse o tenor.

— O que acontece com a *maza* que perde a sombra do coração e da mente — perguntou a menina.

Os homens pequeninos se entreolharam. Ninguém quis responder.

— Quando a *dohta* despertar, surgem duas luas no céu — disse o homenzinho com a voz estridente.

— As duas luas refletem a sombra do coração e da mente — complementou o barítono.

— Surgem duas luas — repetiu mecanicamente a menina.

— Este é o sinal. Observe atentamente o céu — disse o homenzinho de voz baixa, discretamente.

— Observe o céu com atenção — desta vez, o de voz baixa foi enfático. — Conte o número de luas.

— Ho, ho — disse o ritmista.

— Ho, ho — disseram os outros seis em uníssono.

A menina foge.

Havia algo de errado, algo não estava certo. Algo anormal, que ia contra a natureza. A menina percebeu isso. Ela não sabia o que o Povo Pequenino queria, mas sentiu calafrios ao ver a própria imagem dentro da crisálida de ar. Ela não poderia conviver com a sua própria cópia, que possuía vida e movimento. Sentiu necessidade de fugir daquele lugar. O mais rápido possível. Precisava fugir antes de a *dohta* despertar. Antes de surgirem duas luas no céu.

Na comunidade era proibido que os membros possuíssem o seu próprio dinheiro, mas seu pai lhe entregara em segredo uma nota de dez mil ienes e algumas moedas. “Esconda isso de modo que ninguém encontre”, dissera o pai, dando-lhe um papel com o nome, o endereço e o telefone de uma pessoa. “Se você precisar fugir daqui, use o dinheiro para comprar uma passagem, pegue o trem e procure esta pessoa”, explicou o pai.

O pai dela parecia desconfiar de que, em breve, poderia acontecer algo não muito bom dentro da comunidade. A menina não hesitou. Agiu rápido. Nem sequer teve tempo de se despedir dos pais.

A menina desenterrou uma garrafa e tirou de dentro dela a nota de dez mil ienes, as moedas e o pedaço de papel. Durante a aula, disse estar passando mal e pediu permissão para ir até a enfermaria da escola. Ao deixar a sala de aula, aproveitou para fugir da escola. Pegou o primeiro ônibus e foi para a estação de trem. Entregou a nota de dez mil ienes no guichê e comprou uma passagem até a estação Takao. Guardou o troco. Era a primeira vez que ela comprava uma passagem, recebia o troco e pegava um trem. Mas o seu pai lhe explicara tudo, em detalhes, e ela se lembrava de tudo que ele havia ensinado.

Seguindo as instruções anotadas no papel, ela desceu na estação Takao, da linha Chûô, e ligou de um telefone público para o número anotado no papel. Era o telefone de um pintor japonês, velho amigo de seu pai. Esse amigo era dez anos mais velho e vivia com a filha no meio das montanhas, nas proximidades de Takao. A esposa

desse pintor falecera havia algum tempo e sua filha, chamada Kurumi, era um ano mais nova que a menina. Assim que recebeu o telefonema, ele foi imediatamente buscá-la na estação e acolheu carinhosamente a menina que acabara de fugir da comunidade.

No dia seguinte, após ter sido acolhida na casa desse pintor, a menina olhou para o céu e viu que nele havia duas luas. Ao lado da lua de sempre havia uma outra, bem menor, que parecia uma ervilha murcha. “A *dohta* despertou”, pensou. As duas luas refletem a sombra do coração. O coração da menina palpita. O mundo havia mudado. Algo estava para acontecer.

Seus pais não deram notícias. As pessoas da comunidade não devem ter notado que ela havia fugido. Isso porque a *dohta*, que era a sua cópia, permanecia lá. Aparentemente eram idênticas, e as pessoas não notariam a diferença. Mas os pais dela certamente saberiam que aquilo era apenas uma cópia e não ela própria. Sabiam que ela fugira da comunidade. Só havia um único lugar em que ela poderia estar, mas, mesmo assim, eles nunca entraram em contato. Possivelmente, essa atitude revelava implicitamente que ela deveria permanecer onde estava.

A menina nem sempre frequentava a escola. O novo mundo, do lado de cá, era muito diferente daquele em que ela, até então, vivia na comunidade. As regras eram diferentes, os objetivos eram diferentes e as palavras utilizadas também eram diferentes. Por isso, a menina sentia muita dificuldade em fazer amizades. Não conseguia se acostumar com a vida na escola.

Mas, na época em que estudava no ginásio, ela fez amizade com um menino. Seu nome era Tooru. Ele era pequeno e magro. No rosto havia algumas rugas bem marcadas, como as de um macaco. Quando pequeno, tivera alguma doença muito grave que o impedia de praticar exercícios físicos. Sua coluna era ligeiramente vergada. Na hora do recreio, ele sempre ficava sozinho lendo um livro. Não tinha amigos. Era muito pequeno, muito feio. Após o almoço, a menina se sentava ao lado dele para conversar. Ela lhe perguntava sobre o livro que estava lendo. Ele o lia em voz alta. Ela gostava da voz dele. Uma voz baixa e rouca, mas que ela conseguia escutar com nitidez e perfeição. As histórias que ele contava a deixavam encantada. O modo como Tooru lia os textos era tão maravilhoso que parecia recitar versos. Com o tempo, após o almoço, ela sempre ficava escutando atentamente as histórias que ele contava.

Mas, pouco tempo depois, ela perdeu Tooru. O Povo Pequeninino arrancou o menino dela.

Uma certa noite, uma crisálida de ar apareceu no quarto dele.

Enquanto ele dormia, o Povo Pequeninino foi aumentando, dia a dia, o tamanho da crisálida. Eles apareciam todas as noites em seu sonho para mostrar-lhe essa cena. Mas ela não podia fazê-los parar. Quando a crisálida atingiu um certo tamanho, ela se abriu no meio, na horizontal, como havia acontecido com a dela. Mas, dentro dessa crisálida, havia três serpentes grandes e pretas. Elas estavam firmemente entrelaçadas e ninguém — nem as próprias serpentes — era capaz de desemaranhá-las. Parecia um eterno *emaranhado* úmido e viscoso com três cabeças. As serpentes estavam irritadas por não poderem se soltar. Quanto mais elas se mexiam, tentando desesperadamente se soltar, mais elas se emaranhavam, piorando ainda mais a situação. O Povo Pequeninino mostrava essa criatura para a menina. O jovem Tooru, sem nada saber, continuava a dormir. Somente a menina é que podia ver a cena.

Alguns dias depois, o menino repentinamente adoeceu e teve de ser levado para uma longínqua casa de saúde. A doença dele nunca foi revelada, mas, provavelmente, ele não voltaria a estudar na escola. Havia se perdido para sempre.

A menina intuiu que aquilo era uma mensagem do Povo Pequeninino. Pelo visto, os homenzinhos não podiam atingir diretamente a *maza*. Em compensação, podiam prejudicar as pessoas que estavam ao seu redor ou mesmo destruí-las. Isso não significava que pudessem fazer isso com qualquer um. Como prova disso, eles não podiam atingir o pintor que a protegia nem sua filha, Kurumi. Eles escolhiam como presas os mais fracos. Eles despertaram as três serpentes negras tirando-as das profundezas da mente daquele menino. A destruição do menino era um aviso de que ela deveria retornar para junto de sua *dohta*. O recado deles era: *foi por culpa sua que aquilo aconteceu*.

A menina estava novamente sozinha. Deixou de frequentar a escola. Se fizesse amizade com alguém, colocaria essa pessoa em perigo. Esse era o significado de viver sob as duas luas. Foi o que ela descobriu.

A menina finalmente decidiu que estava na hora de fazer sua própria crisálida de ar. Ela sabia como. O Povo Pequeninino lhe dissera que haviam chegado ao lado de cá através de uma passagem. Sendo assim, ela poderia fazer o caminho inverso. Quem sabe indo até eles pudesse desvendar o porquê de ela estar ali e o que significavam *dohta* e *maza*. Poderia, talvez, resgatar seu amigo Tooru. A menina começou a fazer a passagem. Tirou os fios do ar e começou a tecer a crisálida. Uma tarefa demorada, que exigia empenho, mas que com tempo suficiente podia ser concluída.

Às vezes, no entanto, ela se sentia insegura e era tomada de hesitação. Será que ela realmente era a *maza*? Será que, em algum momento, ela não teria sido substituída pela *dohtha*? Quanto mais pensava nisso, mais insegura se sentia. “Como posso provar que sou eu mesma?”

A história termina simbolicamente, quando ela está para abrir a passagem. Não conta o que acontecerá depois. Possivelmente, porque ainda não aconteceu.

“*Dohtha*”, pensou Aomame. “O Líder havia pronunciado essa palavra antes de morrer. Disse que a filha fugiu, deixando a própria *dohtha* para criar um movimento contra o Povo Pequeninino. Isso poderia realmente ter acontecido. Eu não sou a única a ver duas luas no céu.”

Independentemente disso, Aomame conseguia entender por que o romance fora tão bem aceito e tão lido. O fato de a autora ser uma garota bonita de 17 anos, em parte, teria contribuído para alavancar as vendas. Mas não era suficiente para que o livro se tornasse um best-seller. Sem dúvida, o que de mais fascinante havia nesse romance eram as descrições vívidas e precisas. Através dos olhos da menina, o leitor conseguia ter uma impressão do mundo que a rodeava. Era uma história fictícia de alguém que vivia num ambiente especial, com poder de suscitar a simpatia das pessoas. Parecia despertar algo do subconsciente, compelindo-as a prosseguir ininterruptamente a leitura.

Para alcançar aquela qualidade literária, a contribuição de Tengo devia ter sido grande. Naquele momento, entretanto, Aomame não podia ficar apenas admirando o texto. Precisava, isso sim, ler atentamente a história e se concentrar na parte em que o Povo Pequeninino atuava. Para Aomame, tratava-se de uma história extremamente *real*, uma questão de vida ou morte. Uma espécie de manual, de onde precisava obter os conhecimentos e as informações necessárias para sobreviver. Precisava entender de modo concreto, e o mais detalhadamente possível, o significado de ela ter sido trazida a este mundo.

Ao contrário do que todos deveriam supor, *Crisálida de ar* não era uma história fantasiosa e desconexa, inventada por uma garota de 17 anos. Apesar de vários nomes terem sido trocados, Aomame estava convencida de que grande parte do que estava descrito ali havia realmente acontecido com a menina. Fukaeri quis deixar registrados os acontecimentos que ela vivenciou, com o máximo de exatidão. Quis revelar ao mundo aquele segredo até então oculto. Quis revelar para o maior número de pessoas a existência do Povo Pequeninino, e o que eles faziam.

A *dohta* abandonada devia estar servindo de passagem para o Povo Pequeninino e, ao serem conduzidos ao Líder, que era o pai dela, este se tornou o receptor, aquele que recebe. Depois, como a existência de Akebono se tornou desnecessária, eles a levaram à autodestruição sangrenta, e a parte que restou, Sakigake, se tornou um grupo religioso requintado, radical e sigiloso. Um ambiente agradável e propício para o Povo Pequeninino.

Será que a *dohta* de Fukaeri conseguirá viver por muito tempo sem a *maza*? O Povo Pequeninino havia dito que isso era difícil. Por outro lado, ao se tornar uma *maza*, o que será que significa ter de viver sem a sombra do coração e da mente?

O Povo Pequeninino deve ter criado novas *dohtas* entre os membros de Sakigake, usando dos mesmos procedimentos de antes. O objetivo deles seria aumentar e assegurar o maior número de passagens para que pudessem se locomover de um lado para o outro. Seria como ampliar o número de pistas de uma rodovia. As inúmeras *dohtas* passavam a ser perceptivas, e sua função era como a das vestais. Tsubasa era uma delas. Se o Líder mantinha relações sexuais com a *dohta* (cópia), e não com a *maza* (corpo real), é preciso admitir que ele fora coerente ao declarar que se tratava apenas de uma “relação figurada”. Isso explicava os olhos inexpressivos e sem profundidade de Tsubasa, assim como o fato de ela falar pouco. Aomame não sabia dizer como ou por que a *dohta* de Tsubasa conseguira fugir do grupo, mas, seja como for, ela provavelmente *fora levada* para junto de sua *maza* e colocada de volta na crisálida. O assassinato sangrento do cachorro era um aviso do Povo Pequeninino. Como acontecera com Tooru.

As *dohtas* das crianças desejavam conceber o filho do Líder, mas, como não eram corpos reais, não menstruavam. Mesmo assim, elas se empenhavam em engravidar a todo custo. Por que será?

Aomame balançou a cabeça. Havia muitas coisas que ela ainda não sabia.

Aomame teve ímpetos de contar tudo à velha senhora. Queria dizer que aquele homem não estuprara as meninas, e sim a sombra delas. E que não havia necessidade de tê-lo matado.

Mas, com certeza, não seria fácil convencer a velha senhora com esse tipo de argumento. Aomame estava ciente disso. A velha senhora, ou melhor, qualquer pessoa sã, não acreditaria facilmente que existiam coisas como o Povo Pequeninino, *maza*, *dohta*, ou a crisálida de ar, ainda que fosse verdade. Para as pessoas que possuem um senso comum, isso tudo é uma invenção que só existe no mundo da ficção. Assim como não acreditam na existência da Rainha de

Copas ou do coelho branco do relógio em *Alice no país das maravilhas*.

No entanto, Aomame *realmente* conseguia ver as duas luas no céu, tanto a velha quanto a nova. Ela vivia sob a luz dessas luas. Sentia na pele a estranha força gravitacional que elas emanavam. Ela havia matado com as próprias mãos um homem, conhecido como Líder, num quarto escuro de hotel. Persistia na palma de sua mão a sinistra sensação de quando enfiara a agulha fina e pontiaguda em sua nuca. Aquela sensação ainda lhe provocava intensos arrepios. Um pouco antes, ela vira o Líder fazer levitar um relógio bem pesado a cerca de cinco centímetros de uma cômoda. Não era uma ilusão de ótica nem um truque, mas um fato concreto e inquestionável.

Foi dessa maneira que o Povo Pequenino passou a controlar efetivamente a comuna Sakigake. Aomame não sabia o que esse Povo almejava ao tomar o controle. Talvez fosse algo que transcendia os conceitos do bem e do mal. Mas a protagonista de *Crisálida de ar* percebeu intuitivamente que se tratava de *algo ruim* e resolveu por si só tentar detê-los. Abandonou sua própria *dohta*, fugiu da comunidade e, tomando emprestadas as palavras do Líder, tentou criar um “movimento contra o Povo Pequenino” para equilibrar a balança do mundo. Ela queria fazer o caminho inverso e ir até o local de onde eles vieram. A história se tornou o seu veículo. E Tengo fez com que esse veículo se tornasse eficaz, ao formar a parceria. Possivelmente, naquela época, Tengo não devia saber o significado da obra que estava reescrevendo. Mesmo hoje, podia ser que ainda não soubesse.

De qualquer modo, a história *Crisálida de ar* era uma chave muito importante.

Tudo começou a partir desta história.

Mas onde é que Aomame se encaixava nisso?

Será que fora transportada para o mundo enigmático de 1Q84 — um mundo em que existiam duas luas de tamanhos diferentes — no momento em que descera as escadas de emergência da rodovia metropolitana, em pleno congestionamento, após ouvir a *Sinfonietta* de Janáček?

Qual seria o significado disso?

Aomame fechou os olhos e pensou.

Talvez ela tivesse sido tragada pela passagem criada pelo “movimento anti Povo Pequenino” do qual Tengo e Fukaeri faziam parte. “Foi esse movimento que me trouxe para *o lado de cá*”, pensou Aomame. “Só podia ser isso. A minha função dentro dessa história não era insignificante. Não mesmo. Talvez eu seja uma das protagonistas.”

Aomame olhou ao redor. “Talvez eu esteja dentro dessa história criada por Tengo. Num certo sentido, devo estar dentro do

corpo dele”, pensou. Ao perceber isso, ela se deu conta de que poderia estar dentro do santuário dele.

Algum tempo antes, Aomame havia assistido na TV a um antigo filme de ficção científica. Não lembrava mais o título. Era uma história em que os cientistas encolhiam seus corpos a ponto de se tornarem microscópicos e, com uma espécie de submarino (igualmente miniaturizado), entravam na corrente sanguínea do paciente até chegarem ao cérebro, para realizar uma complicada cirurgia que normalmente não seria possível pelo lado de fora. A situação parecia ser bem parecida com a do filme. Aomame estaria dentro da corrente sanguínea de Tengo, circulando dentro de seu corpo. Lutava contra os glóbulos brancos que buscavam eliminá-la como um corpo estranho, enquanto ela tentava chegar até o ponto onde se localizava a origem da doença. Ao matar o Líder num quarto do hotel Ôkura, ela talvez tivesse conseguido eliminar a causa dessa doença.

Ao pensar assim, Aomame conseguia se sentir um pouco melhor. Ela havia cumprido a missão. Uma missão que, sem sombra de dúvida, não fora fácil. Sentiu muito medo. Mas, mesmo diante dos trovões, conseguira realizar o trabalho de modo frio e sem deslizes. Possivelmente, isso aconteceu na presença de Tengo. Aomame se sentiu muito orgulhosa por ter feito isso.

Continuando a explorar a analogia da corrente sanguínea, ao completar a missão, Aomame certamente seria levada como um dejetos pelas veias e, em breve, seria expulsa. Essa era a regra das defesas do corpo. Não havia como fugir desse destino. “Não faz mal, por mim, tudo bem”, pensou Aomame. “O que importa é que estou dentro dele. O calor dele me aquece e sou conduzida pelo ritmo de seus batimentos cardíacos. Sou conduzida por sua lógica, por suas regras e, possivelmente, por sua prosa. É maravilhoso! Maravilhoso *fazer parte dele* dessa maneira.”

Sentada no chão, Aomame fechou os olhos. Aproximou o livro do nariz e o cheirou. Sentiu o cheiro do papel e da tinta. Deixou-se levar pela silenciosa corrente que o livro fazia fluir, prestando atenção nas batidas do coração de Tengo.

“*Aqui é o paraíso*”, pensou Aomame.

“Estou preparada para morrer. A qualquer hora.”

A morsa e o chapeleiro maluco

Não havia dúvidas: eram duas luas.

Uma lua original, que existia desde os tempos imemoriais, e outra, bem menor e esverdeada. O formato desta segunda lua era mais irregular que o da primeira, e seu brilho, menor. Parecia uma criança de parentesco distante, pobre e feia, que as circunstâncias obrigaram que fosse acolhida, a contragosto. Uma presença incontestável. Não era um fantasma nem ilusão de ótica. Ela pairava no céu como um corpo celeste sólido, de contornos definidos. Não era um avião, um dirigível nem um satélite artificial. Tampouco era uma lua de papel machê que alguém resolvera fazer de brincadeira. Era, de fato, um pedaço de rocha que, silencioso e inabalável, se posicionava no céu noturno, como um sinal de pontuação colocado após uma profunda e longa reflexão, ou uma pinta colocada pelo destino.

Tengo observou essa nova lua durante um bom tempo, numa atitude desafiadora. Fitava-a sem desviar o olhar, encarando-a praticamente sem piscar. Mas, por mais que a fitasse, ela não se moveu sequer um milímetro. A lua estava decidida a ficar naquele ponto do céu, com seu inabalável silêncio e obstinado coração de pedra.

Tengo abriu a mão direita, que até então mantinha fortemente fechada, e balançou sutilmente a cabeça. “É como em *Crisálida de ar*”, pensou. “Um mundo em que duas luas pairam lado a lado no céu. Quando a *dohta* nasce, passam a existir duas luas.”

“Este é o sinal. Observe atentamente o céu”, disse o Povo Pequenino para a menina.

Quem escreveu aquela frase fora Tengo. Seguindo o conselho de Komatsu, ele procurara descrever, na medida do possível, aquela nova lua com precisão e riqueza de detalhes. Foi o trecho que ele mais se empenhou em reescrever. E o formato dessa nova lua era praticamente igual ao daquela que ele havia imaginado.

Komatsu havia lhe dito:

“Tengo, pense no seguinte. O leitor já deve ter visto inúmeras vezes uma única lua no céu. Não é? Mas certamente ele nunca viu duas. Quando você introduz no romance certas coisas que a maioria

dos leitores *nunca* viu antes, é necessário descrevê-las com mais riqueza de detalhes, e o mais exato possível. As únicas descrições que você pode omitir ou que deve excluir são aquelas que a maioria dos leitores já *tenha* visto.”

Ele estava coberto de razão.

Observando o céu, Tengo novamente balançou sutilmente a cabeça. A lua era exatamente do mesmo formato e do mesmo tamanho daquela que ele havia imaginado e colocado no papel. Inclusive em seu sentido figurado.

“Isso é impossível”, pensou Tengo. “Que tipo de realidade imitaria a ficção?”

— Isso é impossível — Tengo tentou dizer em voz alta. Mas a voz não saiu. A garganta estava seca, como se ele tivesse corrido uma longa distância. Aquilo era impossível. *Aquele era o mundo da ficção.* Um mundo que não existia de verdade. O mundo de uma história fantástica que Fukaeri contara para Azami durante várias noites e que ele enriquecera ao inserir um conteúdo textual.

“Será que estou no mundo da ficção?”, perguntou-se Tengo. “Será que, de alguma forma, deixei o mundo real e entrei no mundo de *Crisálida de ar*, como Alice após cair na toca do coelho? Ou será que o mundo real é que se transformou no mundo de *Crisálida de ar*? Será que o mundo original — onde só existe a nossa única e habitual lua — não existe mais? Será que o Povo Pequeninino está envolvido nisso?”

Tengo olhou ao redor, em busca de respostas. Mas o que seus olhos captavam era apenas a cena cotidiana de um bairro residencial comum. Nada havia de diferente, de anormal. Não havia Rainha de Copas, Morsa ou o Chapeleiro Maluco. As únicas coisas que o cercavam eram a caixa de areia sem ninguém, o balanço, a lâmpada de mercúrio com sua luz artificial, os galhos da zelkova, o banheiro público trancado, um edifício novo de cinco andares — com luzes acesas em apenas quatro janelas —, o quadro de aviso da prefeitura, uma máquina automática vermelha com a marca da Coca-Cola, um Volkswagen, modelo Golf antigo, verde, estacionado em local proibido, os postes de eletricidade, cabos elétricos e, ao longe, os anúncios luminosos de néon com suas cores primárias. Os mesmos barulhos, as mesmas luzes. Havia sete anos que Tengo morava em Kôenji. Não que gostasse especialmente do lugar. Ele se mudara para o bairro porque o aluguel era barato e o apartamento ficava perto da estação. Era cômodo para ir e vir do trabalho, e ele achava trabalhoso ter de se mudar. A paisagem local lhe era familiar, e notaria rapidamente quaisquer mudanças.

Quando foi que aumentou o número de luas? Tengo não sabia. As duas luas poderiam estar lá havia muito tempo, e ele não tinha

notado. Igualmente, muitas outras coisas deveriam ter passado despercebidas. Quase não lia os jornais e não assistia televisão. As pessoas sabiam de muitas coisas que ele desconhecia. Devia ter ocorrido algo que tivesse aumentado o número de luas. Ele podia perguntar a alguém: “Com licença, sei que a pergunta é estranha, mas será que poderia me dizer desde quando temos duas luas?” Mas não havia ninguém por perto para que ele pudesse perguntar isso, nem sequer um gatinho.

Não. Não é que não havia ninguém. Alguém nas proximidades estava martelando um prego na parede: toc-toc-toc-toc. Uma batida seca e constante. A parede parecia ser extremamente maciça, e o prego, resistente. “Quem estaria batendo um prego na parede numa hora dessas?”, Tengo achou estranho e olhou novamente ao redor, mas não encontrou nenhuma parede sendo martelada.

Somente um tempo depois é que ele percebeu que esse barulho desagradável eram as batidas de seu coração, que, estimulado pela adrenalina, bombeava rapidamente uma grande quantidade de sangue pelo interior de seu corpo.

As duas luas provocaram em Tengo uma leve sensação de tontura, quase de vertigem. Parecia que seus nervos estavam desequilibrados. Sentou-se no alto do escorregador e, com a cabeça encostada no corrimão, fechou os olhos. A sensação era a de que a gravidade ao seu redor estava ligeiramente alterada. Em algum lugar, as marés subiam e, em outros, recuavam. As pessoas oscilavam inexpressivas entre o “insano” e o “lunático”.

Enquanto sentia vertigem, subitamente lhe ocorreu que havia muito tempo que não tinha aqueles ataques que traziam a imagem de sua mãe. Aquela de quando ele era bebê e que sua mãe, de camisola branca, deixava um jovem chupar o bico de seus seios, perto de onde ele dormia. Fazia tanto tempo que não tinha aquela visão, que até já tinha se esquecido dela. Quando foi a última vez que a tivera? Não tinha certeza, mas, se não lhe falhava a memória, teria sido na época em que começou a escrever seu novo romance. Não sabia exatamente por quê, mas foi naquela época que o espírito de sua mãe parou de persegui-lo.

Mas, em contrapartida, agora ele estava sentado no alto de um escorregador de um parque infantil de Kôenji, contemplando um par de luas que pairavam no céu. Um mundo novo, sem nexos, o cercava silenciosamente como uma gradativa inundação de águas turvas. Era como se um novo problema expulsasse o antigo. Era como substituir um velho e habitual enigma por outro, mais novo e fresco. Foi o que Tengo pensou. Esse seu pensamento não tinha uma conotação irônica

e, tampouco, ressentida. Tengo estava ciente de que precisava aceitar calado esse novo mundo que passara a existir, independentemente de como ele fosse. Não havia escolhas. No mundo que existia antes, ele também não tinha. Era tudo a mesma coisa. “Para começar”, indagou a si mesmo, “no caso de haver alguma queixa, a quem ele deveria reclamar?”

As batidas de seu coração continuavam a emitir um som seco e duro, mas a tontura estava passando. Escutando as batidas, ele continuou olhando as duas luas que pairavam no céu de Kôenji, com a cabeça encostada no corrimão do escorregador. Era uma imagem inusitada. Um mundo novo em que existe uma nova lua. Tudo parecia incerto e ambíguo. “Há uma única coisa que eu posso afirmar”, pensou. “Independentemente do que aconteça comigo, jamais conseguirei contemplar o céu com duas luas como algo natural e cotidiano.”

“Que pacto secreto Aomame teria feito com a lua, naquele dia?”, pensou Tengo, ao recordar a seriedade com que ela a olhava pairando em pleno dia. “O que será que ela teria oferecido para a lua naquele momento?”

O que vai acontecer comigo de agora em diante?

Essa era uma pergunta que ele vinha fazendo a si mesmo desde os 10 anos, desde que Aomame segurou sua mão após o término das aulas. Tengo era um garoto medroso, em pé, diante de uma enorme porta. Mesmo hoje, ele ainda sentia a mesma insegurança e o medo daquela época. Só que desta vez era uma porta nova, ainda maior. Naquela época, diante dele, pairava uma única lua. Agora, a diferença é que pairavam duas.

Onde será que Aomame está?

Tengo olhou ao redor, de cima do escorregador. No entanto, não encontrou o que gostaria. Abriu a mão esquerda diante de seus olhos numa tentativa de encontrar alguma pista. Na palma da mão, porém, havia apenas algumas linhas profundamente sulcadas. Sob a luz artificial da lâmpada de mercúrio, sua mão parecia a superfície de Marte com seus vestígios de cursos d’água. Vestígios que não lhe revelavam nada. A única coisa que aquelas linhas revelavam era o longo caminho percorrido dos seus 10 anos até ali, sentado no alto de um escorregador num pequeno parque infantil no bairro de Kôenji. E com duas luas no céu.

“Onde será que Aomame está?”, indagou novamente para si mesmo. “Onde será que ela está escondida?”

Fukaeri dissera que estava por perto. Num lugar a que se podia ir a pé.

“Será que Aomame, que supostamente está perto daqui,

também estará vendo essas duas luas?”

Tengo achava que sim, apesar de não poder fundamentar seu pensamento. Mas, estranhamente, ele tinha essa inabalável certeza. Ela devia estar vendo a mesma coisa que ele. Tengo fechou firmemente a mão esquerda e bateu várias vezes no piso do escorregador. Até doer-lhe a mão.

“Por isso é que precisamos nos encontrar”, pensou Tengo. “Precisamos nos encontrar nesse local a que se pode ir a pé. Alguém deve estar perseguindo-a e, por isso, ela está escondida, acuada como um gatinho machucado.” O tempo era curto, mas o problema era que Tengo não sabia onde ela se escondia.

— Ho, ho — disse o ritmista.

— Ho, ho — disseram, em uníssono, as outras seis vozes.

Aomame

O que devo fazer?

Naquela noite, Aomame foi até a varanda ver a lua. Vestia um conjunto esportivo de jérsei cinza, calçava chinelos e segurava, em uma das mãos, uma xícara de chocolate quente. Havia tempos não sentia vontade de beber chocolate, mas, ao abrir o armário da cozinha e ver a lata de Van Houten, subitamente lhe veio a vontade. Na parte sudeste de um céu límpido e sem nuvens, pairavam, nitidamente, duas luas. Uma lua grande e outra pequena. Ao vê-las, em vez de suspirar, Aomame emitiu um discreto gemido do fundo da garganta. Havia duas luas desde que a *dohta* nascera da crisálida de ar; e o ano de 1984 tornou-se 1Q84. O mundo velho deixara de existir, e retornar para ele já não era mais possível.

Sentada na cadeira da varanda, Aomame observava fixamente as luas bebendo o chocolate quente aos golinhos enquanto tentava se lembrar do seu velho mundo. Mas, naquele momento, a única coisa que lhe vinha à mente era o vaso de fícus que deixara no apartamento. “Onde estará a planta? Tamaru cuidaria dela como dissera ao telefone? Não se preocupe, ela deve estar bem”, Aomame dizia a si mesma. “Tamaru era um homem de palavra. Se necessário, ele não hesitaria em me matar, mas, se assim o fizesse, com certeza cuidaria da planta até o fim.”

Por que ela se importava tanto com aquele fícus?

Ela nunca ligara para ele até o dia em que precisou deixá-lo no apartamento. Era uma planta realmente sem graça. Visivelmente sem vitalidade, desbotada e macilenta. O preço promocional marcado na etiqueta da loja era de 1.800 ienes, mas, ao passar na caixa registradora, o próprio atendente baixara o preço para 1.500 ienes, sem a necessidade de Aomame pechinchar. Se ela tivesse barganhado, provavelmente obteria um desconto ainda maior. Devia estar encalhado havia muito tempo, à espera de um comprador. Enquanto carregava o vaso para casa, arrependeu-se de tê-lo comprado por impulso. Não só porque o fícus era feio e volumoso, difícil de carregar, mas principalmente por se tratar de algo vivo.

Pela primeira vez ela possuía algo com vida. Nunca havia comprado, ganhado ou recolhido um bichinho, nem mesmo um vaso com planta. O fícus era sua primeira experiência de conviver com algo que tinha vida própria.

Quando vira aqueles kinguios pequenos na sala de estar, comprados pela velha senhora para Tsubasa numa feirinha noturna, Aomame também quis ter um. A vontade era *tão grande* que ela não conseguia tirar os olhos deles. O que teria motivado o súbito desejo de querer um peixinho? Talvez fosse inveja de Tsubasa. Nunca lhe deram de presente algo comprado numa feira de rua. Nunca a haviam convidado a uma. Seus pais, Testemunhas de Jeová e fiéis seguidores dos ensinamentos da Bíblia, desprezavam e se recusavam a participar de quaisquer festividades mundanas.

Por isso Aomame resolveu comprar o seu kingiuo numa loja próxima à estação Jiyûgaoka. Já que ninguém lhe compraria um aquário com um kingiuo, o jeito era ela mesma sair e comprar um. “É isso mesmo!”, pensou. “Tenho 30 anos, sou adulta e moro sozinha. Tenho uma pilha de maços de dinheiro guardados no cofre do banco. Não preciso dar nenhuma satisfação para comprar um kingiuo.”

No entanto, ao chegar à seção de animais de estimação e vê-los nadando no tanque com suas barbatanas que lembravam rendas, ela simplesmente perdera a coragem. Os peixes eram pequenos, pareciam desprovidos de personalidade e capacidade de reflexão, mas, mesmo assim, eram organismos vivos, completos e acabados. O ato de pagar por uma vida, para que lhe pertencesse, não parecia uma atitude correta. Os kinguios a fizeram se lembrar de quando era criança. Seres impotentes, presos num recipiente de vidro pequeno, sem poderem sair. Os peixinhos não pareciam se importar e, de fato, não deviam, pois não teriam um lugar especial para onde quisessem ir. Mesmo assim, isso a incomodava.

Quando ela viu os kinguios na sala de estar da velha senhora, esse tipo de pensamento nem sequer lhe passou pela cabeça. Os peixinhos pareciam felizes, nadando elegantemente dentro do aquário. A luz do verão tremeluzia dentro d’água. Naquele momento, conviver com peixinhos lhe pareceu uma ideia maravilhosa. Eles possivelmente trariam um pouco de alegria para sua vida. Porém os peixinhos da seção de bichos de estimação da loja próxima à estação fizeram com que ela se sentisse sufocada. Após observá-los durante um bom tempo nadando dentro do tanque, Aomame cerrou os lábios com determinação. “Não posso. Realmente, não vou conseguir cuidar dos kinguios.”

Foi então que ela percebeu que havia um fícus no canto da loja. Ele estava numa área que não chamava a atenção, encolhido como um órfão abandonado. Foi a impressão que ela teve ao vê-lo. A coloração estava desbotada, sem brilho, e seu formato era incomum. Mas ela resolveu comprá-lo, sem pensar. Não que tivesse gostado dele. Ela o comprou porque sentiu uma premente necessidade de tê-lo consigo. Na verdade, mesmo após levá-lo para casa, ela só olhava para

ele de vez em quando, ao regá-lo.

Mas, ao deixá-lo para trás e pensar que não o veria de novo, Aomame inexplicavelmente não conseguia deixar de pensar nele. Ela esboçou uma careta como aquela que costumava fazer quando estava confusa ou com vontade de gritar. Os músculos faciais se distenderam, transformando-a numa outra pessoa. Após esticar totalmente os músculos e movimentá-los de várias formas, finalmente desfez a careta, fazendo com que seu rosto voltasse ao normal.

Por que estou tão preocupada com aquele fícus?

De qualquer modo, Tamaru certamente vai cuidar dele. Com muito mais carinho e responsabilidade do que ela o faria. Ao contrário dela, Tamaru estava acostumado a proporcionar afeto e a cuidar das coisas vivas. Ele tratava a cadela como se fosse parte de seu corpo. Quando lhe sobrava tempo, costumava dar uma volta no jardim da mansão da velha senhora para verificar como estavam as plantas. Na época em que vivia no orfanato, ele arriscara a própria vida protegendo um garoto mais novo e desajeitado. “Eu jamais conseguiria fazer isso”, pensou Aomame. “Não tenho disponibilidade para cuidar dos outros. Suportar o peso da minha própria vida, carregando a solidão, já me exige muito esforço.”

A palavra solidão fez com que se lembrasse de Ayumi.

Um homem levava Ayumi a um motel e, após prender suas mãos com algemas e estuprá-la violentamente, estrangulava-a com uma faixa de roupão. Até onde Aomame sabia, o criminoso ainda não havia sido preso. Ayumi tinha família e colegas de trabalho. Mas era uma pessoa solitária. Tão solitária a ponto de ter de morrer daquele jeito tão horrível. “Eu não pude atender ao que ela necessitava. Ela me pedia alguma coisa. Não há dúvida. Mas eu precisava proteger meu segredo, minha solidão. Um segredo que eu não podia compartilhar com Ayumi. Por que ela escolheu justo a mim para ser sua amiga, dentre tantas outras pessoas do mundo?”

Ao fechar os olhos, veio-lhe à mente o vaso de fícus deixado em seu apartamento vazio.

Por que estou tão preocupada com aquele fícus?

Aomame se pôs a chorar. “O que está acontecendo?”, pensou, balançando de leve a cabeça. “Ultimamente, ando chorando muito.” Ela não queria ficar assim. “Por que tenho de chorar por causa daquele fícus que não vale nada?” Mas ela não conseguia parar. Seus ombros balançavam. “Não me resta mais nada. Nem um fícus miserável. Tudo que tinha algum valor desapareceu. Todas as coisas

foram se afastando de mim, a não ser a acalentadora lembrança de Tengo.”

Preciso parar de chorar, Aomame dizia para si. Estou dentro de Tengo, como aqueles cientistas da *Viagem fantástica*. Isso mesmo, o nome do filme era *Viagem fantástica*. Lembrar o título a deixou um pouco mais tranquila. Parou de chorar. Chorar não ia adiantar nada. Precisava voltar a ser a Aomame serena e forte de sempre.

“Quem é que desejava isso?”

“Eu desejava isso.”

Aomame olhou ao redor. No céu ainda havia duas luas.

— Esse é o sinal. Observe o céu com muita atenção — disse um dos homens pequeninos. O que tinha a voz baixa.

— Ho, ho — disse o ritmista.

Sem querer, Aomame percebeu que ela não era a única a olhar para as luas. Do outro lado da rua, um rapaz sentado no alto do escorregador do parque infantil olhava na mesma direção que ela. Ele também devia estar vendo as duas luas no céu. Intuitivamente, ela sabia disso. Não havia dúvidas. Ele estava vendo o mesmo que ela. *Ele conseguia ver*. Ver as duas luas existentes neste mundo. Mas nem todos que vivem aqui conseguem vê-las, dissera o Líder.

No entanto, ela não tinha dúvidas de que aquele rapaz robusto observava as luas. Podia apostar qualquer coisa, tamanha era sua convicção. Ele estava sentado ali olhando a lua grande e amarelada e a outra, pequena e esverdeada como musgo. Parecia estar pensando no porquê de elas estarem ali. Será que aquele homem também viera ao 1Q84 sem querer? Ele deve estar confuso, sem entender o significado deste mundo. Deve ser isso. Isso explicaria o porquê de ele estar sozinho, de noite, sentado no escorregador do parque infantil e olhando as luas, como se tentasse analisar meticulosamente as possibilidades e as hipóteses de isso estar acontecendo.

Não. Pode não ser nada disso. Talvez ele esteja ali com o intuito de encontrá-la. Poderia ser alguém de Sakigake atrás dela.

No mesmo instante, seu coração disparou, emitindo um *estampido* seco. Instintivamente, sua mão direita procurou a arma na cintura, segurando com força a rígida coronha.

Mas o homem não tinha aspecto ameaçador. Tampouco violento. Ele estava sozinho, sentado no topo do escorregador e com a cabeça encostada no corrimão, e olhava as duas luas, absorto em pensamentos. Aomame estava na varanda do segundo andar e ele estava abaixo dela. Sentada na cadeira de jardim, ela o olhava por entre o vão do parapeito de plástico opaco e a grade de metal. Se ele olhasse para cima, possivelmente não conseguiria vê-la. O homem, no

entanto, estava tão compenetrado olhando o céu que não lhe passaria pela cabeça que alguém o observava.

Aomame tentou se acalmar e, sem fazer barulho, soltou o ar contido nos pulmões. Afrouxou os dedos, tirou a mão da coronha e, mantendo a mesma posição, continuou a observar o rapaz. Da posição em que estava só conseguia vê-lo de perfil. A lâmpada de mercúrio iluminava-o de cima. Ele era alto e tinha os ombros largos. Os cabelos pareciam duros, mas estavam cortados bem curtos. Vestia uma camiseta de manga comprida com as mangas dobradas até o cotovelo. Não era exatamente um homem bonito, mas era carismático, com feições bem-definidas. O formato da cabeça também não era ruim. Mesmo que fique calvo com a idade, continuará a ter uma boa aparência.

Então, de repente, ela soube.

Aquele era Tengo.

“Não pode ser”, pensou. “Não é possível”, negou com a cabeça várias vezes, num gesto rápido e categórico. “Devo estar enganada. Isso não pode estar acontecendo.” Aomame não conseguia respirar direito. As funções de seu corpo estavam alteradas. Pensamento e ação não estavam sincronizados. “Preciso olhar novamente, com atenção, aquele homem.” Mas, por alguma razão, seus olhos não conseguiam focá-lo. Por algum motivo, seus olhos direito e esquerdo estavam fora de sincronia. Sem querer, Aomame esboçou uma careta.

O que devo fazer?

Ela se levantou da cadeira e olhou casualmente o entorno. Ao se lembrar de que no aparador da sala de estar havia um binóculo pequeno da Nikon, foi buscá-lo. Voltou correndo para a varanda com o binóculo e focalizou a parte de cima do escorregador. O rapaz continuava ali, na mesma posição. Dava para vê-lo de perfil olhando o céu. Com as mãos trêmulas, ajustou o foco para ver o rosto mais de perto. Reteve a respiração e se concentrou. Não era engano. *Aquele era Tengo.* Mesmo após vinte anos, Aomame não tinha dúvidas de que era ele. Só podia ser Tengo.

Mas o que deixou Aomame mais surpresa foi o fato de o rosto dele não ter mudado muito desde a época em que tinha 10 anos. Era como se o garoto estivesse de repente com 30 anos. Isso não significava que tinha um rosto infantil. Ele havia crescido, o pescoço estava mais grosso e o rosto tinha feições de adulto. Sua expressão adquirira profundidade. As mãos sobre o colo eram grandes e fortes. As mãos estavam bem diferentes das que ela segurara na sala de aula da escola primária vinte anos atrás. Mesmo assim, a atmosfera emanada por seu corpo era a mesma de quando tinha 10 anos. Aquele corpo robusto e firme dava a Aomame uma sensação espontânea de calor e segurança. Sentiu vontade de encostar o rosto em seu peito.

Uma vontade muito grande. Ela se sentiu feliz. Tengo estava sentado no escorregador do parque infantil e, olhando atentamente o céu, conseguia ver o mesmo que ela: as duas luas. Isso mesmo. Eles conseguiam enxergá-las.

O que devo fazer?

Aomame não sabia o que deveria fazer. Colocou o binóculo sobre o colo e cerrou fortemente as mãos, a ponto de as unhas marcarem a pele. Suas mãos tremiam de leve.

O que devo fazer?

Sua respiração estava ofegante. Parecia que, de uma hora para outra, seu corpo havia se dividido em dois. Uma parte aceitava o fato de que Tengo estava à sua frente, enquanto a outra teimava em não aceitar e tentava convencê-la de que aquilo não estava acontecendo. Dentro dela, os pensamentos antagônicos travavam uma intensa batalha. Ambos tentavam persuadi-la a aceitar o seu respectivo lado. Aomame sentia como se sua carne estivesse sendo cortada, os músculos estraçalhados e os ossos se quebrando.

Aomame teve ímpetos de sair correndo até o parque, subir no escorregador e conversar com Tengo. Mas o que deveria falar? Não sabia direito quais músculos de sua boca devia mover. De qualquer modo, tentaria dizer: “Meu nome é Aomame. Vinte anos atrás segurei sua mão quando estávamos na sala de aula da escola primária de Ichikawa. Você se lembra?”

Será que bastaria?

Devia haver um jeito melhor de dizer isso.

A sua outra Aomame ordenava: “Continue quietinha na varanda e mantenha-se escondida. Não há nada que você possa fazer. Não é? Ontem à noite, você fez um acordo com o Líder. Você renunciou a sua vida para salvar a de Tengo. Ele continuará a viver neste mundo. Esse foi o trato. O contrato foi firmado. Você mandou o Líder para o mundo de lá e, em troca, concordou em oferecer sua própria vida. De que adianta se encontrar com Tengo e conversar sobre o passado? O que fará se ele não se lembrar de você ou se lembrar apenas como aquela garota desagradável que fazia orações esquisitas? Se isso acontecer, já imaginou como se sentiria na hora de morrer?”

Ao pensar nisso, Aomame sentiu que seu corpo estava tenso, e um leve tremor a dominava. Um tremor que ela não conseguia controlar. Era uma espécie de calafrio, semelhante ao que sentimos quando se pega uma gripe forte. Parecia que o núcleo de seu ser estava prestes a se congelar. Ela se abraçou durante um tempo enquanto seu corpo tremia de frio. Enquanto isso, seus olhos

continuavam a fitar Tengo, que permanecia sentado no topo do escorregador, olhando o céu. A impressão que ela tinha era de que, se tirasse os olhos dele, ele poderia desaparecer para sempre.

Ela queria ser abraçada por Tengo. Queria ser acariciada por aquelas mãos grandes. Queria sentir o calor dele; que ele lhe acariciasse o corpo. Queria que o corpo dele a aquecesse; que ele fizesse desaparecer aquele frio que sentia no âmago de seu ser. Que ele a penetrasse, revolvendo tudo. Como uma colher que mistura lentamente o chocolate dentro de uma xícara, mexendo-o até o fundo. Se ele assim o fizesse, ela não se importaria de morrer ali mesmo. De verdade.

“Mas era mesmo verdade?”, pensou Aomame. Se aquilo realmente acontecesse, possivelmente ela não iria mais querer morrer. Ela desejaria viver para sempre ao lado dele. A convicção de morrer desapareceria por completo, como o orvalho que se evapora com os primeiros raios da manhã. Ou, talvez, ela tivesse ímpetos de matá-lo. Ela atiraria nele com a Heckler & Koch e, após matá-lo, ela estouraria os próprios miolos. Ela não tinha ideia do que poderia acontecer, e o que faria numa situação dessas.

O que devo fazer?

Ela não sabia. A respiração estava cada vez mais acelerada. Inúmeros pensamentos iam e vinham, chocando-se uns com os outros. Não conseguia discerni-los. O que estava certo e o que estava errado. A única coisa que sabia era que, naquele momento, ela desejava imensamente ser envolvida por aqueles braços fortes de Tengo. Não importava o que viria a acontecer: deixaria a decisão por conta de Deus ou do diabo.

Aomame tomou uma decisão. Foi ao banheiro limpar com uma toalha as lágrimas que restavam no rosto. De frente para o espelho, deu uma rápida ajeitada no cabelo. O rosto estava horrível; os olhos injetados de sangue. As roupas que vestia eram igualmente horríveis: um conjunto esportivo desbotado e, na cintura, uma automática 9 mm que deixava uma protuberância esquisita nas costas. Definitivamente, não era uma aparência ideal para encontrar alguém que ela ansiava ver havia vinte anos. Bem que ela podia estar mais bem-vestida, mas, naquele momento, não havia o que fazer. Não tinha tempo de se trocar. Calçou os tênis sem colocar as meias e desceu correndo os dois andares das escadas de emergência, sem trancar a porta do apartamento. Atravessou a rua, entrou no parque vazio e foi até o escorregador. Mas Tengo não estava mais lá. Sobre o escorregador

iluminado pela luz artificial da lâmpada de mercúrio não havia mais ninguém. Estava mais escuro, frio e vazio que o outro lado da lua.

Teria sido uma alucinação?

“Não. Não foi uma alucinação”, pensou, enquanto ofegava. Tendo estivera lá até alguns minutos atrás. Aomame subiu no escorregador e deu uma olhada no entorno. Não havia ninguém. Ele não poderia estar muito longe. Minutos atrás ele estava ali. Isso tinha sido havia quatro ou cinco minutos, não mais que isso. Se saísse correndo naquele instante, talvez pudesse alcançá-lo.

Mas Aomame mudou de ideia. Precisou se conter. Não. Não podia fazer isso. Ela não sabia para que lado ele havia ido. Não poderia sair correndo pelas ruas noturnas de Kôenji à procura de Tengo. “Eu não devo fazer isso”, pensou. Enquanto ela estava sentada na cadeira da varanda sem saber o que fazer, ele desceu do escorregador e foi andando para algum lugar. “Pensando bem, deve ser o meu destino. Hesito, continuo hesitando e, enquanto perdia a capacidade de discernir, Tengo se foi. Foi o que aconteceu.”

“No final das contas, foi melhor assim”, Aomame tentou se convencer. Possivelmente esta teria sido a melhor solução. “Afinal, eu consegui reencontrar Tengo. Eu o vi do outro lado da rua e tremi só de imaginar o seu abraço. Ainda que fosse por apenas alguns segundos, meu corpo sentiu a intensa alegria e a expectativa de experimentar a sensação de estar em seus braços.” Aomame fechou os olhos, segurou firmemente o corrimão do escorregador e mordeu o lábio.

Ficou na mesma posição de Tengo. Sentou-se na parte de cima do escorregador e olhou para o céu, na direção sudeste. Pairavam duas luas, uma grande e outra pequena. Depois, olhou a varanda do segundo andar do prédio. A luz estava acesa. Até pouco tempo atrás, ela olhava Tengo de lá. Uma profunda hesitação continuava a pairar naquela varanda.

1Q84. Este é o nome deste mundo. Meio ano atrás ela entrara naquele mundo e agora tentava sair dele. Ela entrara sem querer e agora se esforçava para sair. “Mesmo depois de eu sair deste mundo, Tengo continuará a viver nele. Não sei como será o mundo para ele. Não tenho como descobrir. Mas não faz mal. Pretendo morrer por ele. Não pude viver para mim mesma. Essa possibilidade me foi roubada. Mas, em compensação, posso morrer no lugar dele. Por mim, está tudo bem. Posso morrer com um sorriso nos lábios.”

“Não estou mentindo.”

Aomame tentou sentir os resquícios da presença de Tengo no escorregador. Mas ali não havia mais seu calor. Os ventos noturnos que traziam consigo o prenúncio do outono sopravam por entre as

folhas da zelkova, apagando todos os vestígios ali existentes. Mesmo assim Aomame continuou sentada no escorregador observando as duas luas, deixando-se banhar pela estranha luz desprovida de sentimentos. O barulho da cidade grande, que concentrava num único ruído os diversos sons da metrópole, a envolvia, emitindo um grave contínuo. Ela pensou nas pequenas aranhas que haviam feito suas teias na escada de emergência da rodovia metropolitana. Será que elas continuam tecendo suas teias?

Aomame sorriu.

“Estou pronta”, pensou.

Mas antes precisava visitar um certo lugar.

Tengo

Enquanto as duas luas estiverem no céu

Tengo desceu do escorregador, deixou o parque infantil e começou a perambular pelo bairro, andando de uma rua para outra, sem se preocupar por onde ia. A intenção era tentar organizar seus pensamentos, confusos e desconexos. Mas o esforço foi em vão. Enquanto estava no escorregador, inúmeros pensamentos assolaram sua mente, todos de uma só vez: a lua que, agora, eram duas; a relação de consanguinidade; a vontade de recomeçar a vida; devaneios reais provocados pela vertigem; Fukaeri, *Crisálida de ar* e Aomame, escondida em algum lugar daquela área. Tais pensamentos o deixavam confuso e sua capacidade de concentração estava se esgotando, beirando o limite. O melhor seria ir para a cama e dormir profundamente. No dia seguinte, continuaria a pensar sobre esses assuntos. Por ora, ele sabia que, por mais que tentasse, não conseguiria chegar a lugar nenhum.

Ao voltar ao apartamento, Fukaeri estava sentada em sua mesa de trabalho e apontava zelosamente os lápis com uma pequena faca. Tengo costumava deixar dez lápis apontados dentro de seu porta-lápis, mas agora havia uns vinte. Todos extremamente bem-apontados, dignos de admiração. Ele nunca havia visto lápis tão bem-apontados como aqueles. As extremidades, de tão afiadas, pareciam agulhas.

— Telefonaram para você — disse Fukaeri, verificando a ponta do lápis com o dedo. — De Chikura.

— Não havíamos combinado de você não atender?

— O telefonema era importante.

Será que ela percebera pelo toque do telefone?

— De que se tratava? — perguntou Tengo.

— A pessoa não disse.

— Mas a ligação era da casa de repouso de Chikura, não?

— Pediu para ligar.

— Pediu para eu retornar a ligação?

— Disseram que você pode ligar mesmo sendo tarde, e que tem que ser ainda hoje.

Tengo suspirou.

— Não sei o telefone.

— Eu sei.

Ela havia memorizado o número. Tengo anotou num pedaço

de papel e deu uma olhada no relógio. Eram oito e meia.

— A que horas eles ligaram? — perguntou Tengo.

— Faz pouco tempo.

Tengo foi à cozinha e tomou um copo d'água. Depois, com as mãos na borda da pia, fechou os olhos e, ao se certificar de que sua mente voltava a funcionar normalmente, foi até o telefone e discou o número. Talvez seu pai tivesse falecido. Só poderia ser uma questão de vida ou morte. Eles não telefonariam para Tengo àquela hora da noite se não fosse um assunto grave, de extrema importância.

Uma mulher atendeu. Tengo se identificou e explicou que estava retornando a ligação que havia recebido.

— É o filho do senhor Kawana? — perguntou a pessoa do outro lado da linha.

— Sou — respondeu Tengo.

— Nos vimos outro dia — disse a mulher.

O rosto da enfermeira de meia-idade com óculos de aro dourado lhe veio à mente, mas ele não conseguia se lembrar de seu nome. Tengo fez uma breve saudação.

— Recebi um telefonema, há pouco.

— Ah sim. Vou transferir a ligação para o médico de plantão, para que possa falar diretamente com ele.

Tengo aguardou a ligação ser transferida. O médico demorava a atender. Enquanto isso, a monótona melodia de *Home on the Range* tocava sem interrupção, para todo o sempre. Tengo fechou os olhos e trouxe à memória a imagem da casa de repouso no litoral de Bôsô: os enormes pinheiros com seus galhos frondosos que, de tão abundantes, pareciam sobrepostos; os ventos marítimos que passavam por entre as árvores; as ondas do Pacífico que fustigavam a praia sem descanso; o silêncio que reinava no saguão sem visitantes; o barulho das rodas da cama hospitalar passando pelo corredor; as cortinas desbotadas pelo sol; os uniformes brancos e impecavelmente bem-passados das enfermeiras; o café aguado e horrível do refeitório.

Finalmente, o médico atendeu.

— Me desculpe pela demora. É que acabei de receber um chamado urgente de um dos quartos e tive de atendê-lo.

— Não há por que se desculpar — disse Tengo, tentando se lembrar do rosto do médico. Constatou, porém, que nunca havia se encontrado com ele. A cabeça de Tengo não estava funcionando bem.

— Aconteceu alguma coisa com meu pai?

O médico fez uma pausa antes de responder.

— Não é exatamente algo que tenha acontecido hoje, mas é que, de uns tempos para cá, o estado de saúde dele não está muito bom. Sinto muito ter de dizer, mas seu pai entrou em estado de coma.

— Em coma — disse Tengo.

— Ele está num estado de sono profundo.

— Quer dizer que ele está inconsciente?

— Sim.

Tengo tentou pensar no que acabara de ouvir. Precisava pôr a cabeça para funcionar.

— Meu pai foi acometido de alguma doença que provocou o estado de coma?

— Não exatamente — disse o médico, demonstrando certa hesitação.

Tengo aguardou.

— É difícil explicar a situação dele por telefone, mas não existe uma doença específica, a que podemos atribuir um nome, como câncer ou pneumonia. Do ponto de vista médico, a doença dele não tem nome e não sabemos o que a teria provocado. Mas é visível que ele perdeu a motivação que as pessoas possuem de viver. Sem sabermos a causa, não temos como aplicar um tratamento adequado. Estamos ministrando soro e alimentação intravenosa, mas é apenas uma medida paliativa. Não é uma solução definitiva.

— Se o senhor me permite, posso fazer uma pergunta bem direta? — perguntou Tengo.

— Claro que pode — disse o médico.

— Isso significa que meu pai tem pouco tempo de vida?

— Se continuar assim, é provável que sim.

— Tem a ver com a questão da idade?

O médico respondeu com a voz hesitante:

— Seu pai está na faixa dos 60. Não é uma idade muito avançada. Além do mais, ele é uma pessoa saudável. Fora os problemas cognitivos, ele não apresenta nenhuma outra doença. Os resultados dos exames periódicos são bons. Não há nada de errado com ele. — O médico se calou e, um tempo depois, prosseguiu: — No entanto... constatamos que, de uns dias para cá, ele vem apresentando alguns sintomas de senilidade, como o senhor acabou de dizer. O funcionamento do organismo como um todo teve uma baixa, como se perdesse a vontade de viver. Normalmente, isso acontece com pessoas com mais de 85 anos. Quando se chega a essa idade, a pessoa se sente cansada de viver e desiste de se empenhar em preservar a própria vida. O que não consigo entender é por que seu pai, de apenas 60 anos, tem esse mesmo sintoma.

Tengo mordeu os lábios e pensou por alguns segundos.

— Quando ele entrou em coma? — perguntou Tengo.

— Há uns três dias — respondeu o médico.

— Três dias que ele não acorda?

— Nenhuma vez.

— As funções vitais estão cada vez mais fracas?

— Não digo que isso esteja ocorrendo rapidamente, mas, como eu já disse, a vontade de viver está visivelmente menor a cada dia. É como um trem que reduz a velocidade para parar na estação.

— Quanto tempo ele tem?

— Não posso afirmar nada. Mas, se o estado dele continuar assim, creio que não passará de uma semana, no pior dos casos — disse o médico.

Tengo mudou o fone de lado e, novamente, mordeu o lábio.

— Amanhã estarei aí — disse Tengo. — Estava pensando em visitá-lo, antes mesmo de receber o telefonema. Mas agradeço o contato. Muito obrigado.

O médico parecia mais tranquilo ao ouvir isso.

— Por favor, faça isso. Acho que é bom encontrá-lo o quanto antes. Talvez não consiga conversar com ele, mas, se você vier, seu pai certamente ficará contente.

— Mas ele está inconsciente, não está?

— Está inconsciente.

— Ele sente alguma dor?

— No momento, não. Pelo menos é o que achamos. Dos males, o menor. Ele apenas dorme profundamente.

— Muito obrigado — agradeceu Tengo.

— Sr. Kawana — disse o médico. — Seu pai é uma pessoa que, como posso dizer, não deu trabalho e nunca incomodou ninguém.

— Ele sempre foi assim — disse Tengo e, após agradecer novamente, desligou o telefone.

Tengo requentou o café e sentou-se à mesa, de frente para Fukaeri.

— Vai sair amanhã de manhã — perguntou Fukaeri.

Tengo balançou a cabeça, assentindo.

— De manhã, vou pegar o trem e retornar à cidade dos gatos.

— Vai para a cidade dos gatos — disse Fukaeri, o rosto inexpressivo.

— Você vai ficar aqui — perguntou Tengo. Desde que passara a viver com ela, ele também havia se acostumado a fazer perguntas sem entonação.

— Vou te esperar aqui.

— Vou sozinho para a cidade dos gatos — disse Tengo, pondo-se a beber um gole de café. De repente, lembrou-se de perguntar: — Quer beber algo?

— Vinho branco, se tiver.

Tengo abriu a geladeira para procurar se tinha algum vinho branco gelado. Encontrou na parte do fundo uma garrafa de Chardonnay que tinha comprado numa liquidação um tempo atrás. No

rótulo havia o desenho de um javali. Abriu a rolha, serviu o vinho numa taça, colocando-a de frente para Fukaeri. Após hesitar por alguns segundos, resolveu acompanhá-la, servindo outra taça de vinho para si. Realmente, o clima estava mais propenso para uma taça de vinho do que uma xícara de café. Apesar de o vinho estar muito gelado e ser muito doce, o álcool o deixou um pouco mais relaxado.

— Amanhã você vai para a cidade dos gatos — repetiu Fukaeri.

— Vou pegar o trem logo pela manhã — disse Tengo.

Enquanto tomava um gole de vinho, Tengo se lembrou de que havia ejaculado no corpo daquela garota de 17 anos, sentada do outro lado da mesa. Fora na noite anterior, mas parecia muito mais tempo. Era como se aquilo fosse um acontecimento histórico. Mas a sensação ainda pulsava vividamente dentro dele.

— Aumentou a quantidade de luas — disse Tengo, num tom de quem confessa um segredo, enquanto girava calmamente a taça de vinho. — Há pouco, quando olhei para o céu, havia duas luas. Uma grande e amarela, e a outra pequena e esverdeada. Talvez elas estivessem ali havia muito tempo, mas eu não tinha percebido. Agora há pouco é que finalmente soube da existência delas.

Fukaeri não fez nenhum comentário a respeito das luas. Não parecia estar impressionada. A expressão de seu rosto continuava inalterada. Nem sequer mexeu os ombros, ainda que sutilmente. A informação não parecia ser novidade para ela.

— Creio que é desnecessário dizer, mas haver duas luas no céu é idêntico ao mundo de *Crisálida de ar* — comentou Tengo. — A nova lua é exatamente como a que descrevi no livro. Tanto pelo tamanho quanto pela cor.

Fukaeri manteve-se calada. Ela não costumava responder uma pergunta cuja resposta fosse desnecessária.

— Por quê? Como pôde acontecer uma coisa dessas? — Novamente, não obteve resposta.

Tengo tomou coragem e fez uma pergunta direta:

— Será que entramos no mundo que construímos em *Crisálida de ar*?

Fukaeri ficou um bom tempo olhando o formato das unhas das mãos. Depois, disse:

— Nós dois escrevemos o livro, juntos.

Tengo pousou a taça sobre a mesa e, em seguida, perguntou:

— Nós dois, juntos, escrevemos *Crisálida de ar* e o publicamos. Um trabalho conjunto. O livro se tornou um best-seller e as informações sobre o Povo Pequenino, *maza* e *dohta* foram divulgadas ao mundo. Por isso viemos parar nesse novo mundo alterado. É isso?

— Você tem a função de receptor.

— Eu sou o receptor — repetiu Tengo. — Realmente, eu escrevi sobre o receptor em *Crisálida de ar*, mas não entendi direito o que significa isso. Qual a função do receptor, falando claramente?

Fukaeri balançou a cabeça de leve, num sinal de que não saberia responder.

“Se você não consegue entender alguma coisa sem receber explicações, significa que continuará não entendendo, apesar das explicações”, dissera seu pai, um dia desses.

— É melhor ficarmos juntos — disse Fukaeri. — Até encontrar aquela pessoa.

Tengo ficou um tempo em silêncio, olhando o rosto de Fukaeri para tentar captar algum tipo de expressão. No entanto, como sempre, não encontrou nada. Depois, inconscientemente, virou-se para o lado e olhou a janela, mas não encontrou as luas. Viu apenas o poste de luz e os horríveis cabos entrelaçados.

Tengo perguntou:

— Para cumprir a função de receptor é necessário ter alguma qualidade especial?

Fukaeri balançou discretamente o queixo, para cima e para baixo. Significava que sim.

— Mas *Crisálida de ar* é a sua história. Uma história criada por você. Que nasceu dentro de você. Por acaso, eu aceitei um pedido e organizei o texto. Minha participação foi apenas em nível técnico.

— Nós dois escrevemos o livro, juntos — disse Fukaeri, repetindo as palavras anteriores.

Tengo apertou as têmporas com os dedos.

— Quer dizer que assumi a função de receptor a partir do momento em que aceitei reescrevê-lo?

— Desde antes — disse Fukaeri, apontando o dedo indicador da mão direita para si e, em seguida, para Tengo. — Eu percebo e você recebe.

— Perceptiva e receptor — disse Tengo, usando palavras mais adequadas. — Ou seja, você tem a sensibilidade de perceber as coisas e eu as aceito. É isso?

Fukaeri balançou discretamente a cabeça, concordando.

Tengo esboçou uma leve careta.

— Quer dizer que você já sabia que eu era um receptor, ou melhor, sabia que eu tinha qualidades de receptor e, por isso, você fez com que eu reescrevesse *Crisálida de ar*. Através de mim, você transformou sua percepção em um livro. É isso?

Não houve resposta.

Tengo desfez a careta e, fitando os olhos de Fukaeri, disse:

— Não consigo entender muito bem os fatos, mas, provavelmente, eu já estava neste mundo com duas luas. Apenas não

havia notado. Como eu nunca olhava para o céu durante a noite, não percebi que havia duas luas. Deve ter sido isso, não?

Fukaeri manteve-se em silêncio. Seu silêncio era como um pó finíssimo que pairava discretamente no ar. Um pó que acabara de ser espalhado por um enxame de mariposas, vindas de um espaço especial. Tengo observou longamente as formas que esse pó desenhava no ar. Ele se sentiu como um jornal de dois dias atrás. As informações eram renovadas diariamente, e ele era o único desatualizado.

— As relações de causa e efeito parecem ter se misturado totalmente — disse Tengo, após se recompor. — Não sei o que vem antes ou depois, mas, de qualquer modo, agora estamos neste mundo.

Fukaeri levantou o rosto e fitou atentamente os olhos de Tengo, como se quisesse mergulhar em suas profundezas. Poderia ser imaginação de Tengo, mas os olhos dela emanavam um brilho que expressava afeição.

— De qualquer modo, não existe mais o mundo anterior — disse Tengo.

Fukaeri encolheu discretamente os ombros.

— Vamos ter de viver neste mundo.

— Neste mundo com as duas luas?

Fukaeri não respondeu. A bela garota de 17 anos cerrou os lábios e continuou a fitar Tengo. Tinha um olhar que se assemelhava ao de Aomame naquela sala, após a aula. O olhar de Fukaeri era também intenso e profundo. Um olhar tão penetrante que fez com que Tengo se sentisse em transformação. Ele se tornaria uma pedra e, posteriormente, uma nova lua. Uma lua pequena e deformada. Ela finalmente diminuiu a intensidade do olhar e, levantando a mão direita, apertou levemente a têmpora com o dedo, como se estivesse lendo um pensamento secreto dentro de si.

— Você estava procurando uma pessoa — perguntou Fukaeri.

— Isso mesmo.

— Mas não consegui encontrá-la.

— Não consegui — disse Tengo.

Ele não conseguira encontrar Aomame, mas, em compensação, descobrira as duas luas no céu. Porque ele decidira aceitar a sugestão de Fukaeri e desenterrara algumas lembranças guardadas em seu âmago. Diante disso, pôde enxergar as luas.

A garota abrandou um pouco a intensidade de seu olhar e pegou a taça de vinho. Tomou um gole, deixando a bebida na boca por um tempo e, depois, foi tomando aos poucos o restante como um inseto a sugar o orvalho.

Tengo disse:

— Você falou que ela está escondida. Se for verdade, não vou encontrá-la facilmente.

— Não precisa se preocupar — disse Fukaeri.

— Não preciso me preocupar — disse Tengo, repetindo suas palavras.

Fukaeri assentiu com firmeza.

— Quer dizer que vou encontrá-la?

— Ela é que vai encontrar você — disse a garota, com a voz serena. Uma voz que lembrava os ventos cruzando suavemente uma planície verdejante.

— Aqui em Kôenji?

Fukaeri inclinou a cabeça num gesto de dúvida.

— Em algum lugar — disse ela.

— Em algum lugar *deste mundo* — disse Tengo.

Fukaeri concordou discretamente.

— Enquanto as duas luas estiverem no céu.

— Acho que não tenho outra saída a não ser acreditar no que diz — disse Tengo, conformado, após refletir durante um tempo.

— Eu capto e você recebe — disse Fukaeri, num tom de voz cauteloso.

— Você capta e eu recebo — disse Tengo.

Fukaeri assentiu com a cabeça.

Tengo quis perguntar se era por isso que haviam se *unido* durante a tempestade da noite anterior. Qual o significado daquilo? Mas desistiu. Com certeza, não era uma pergunta adequada, e Tengo sabia que não obteria resposta.

“*Se você não consegue entender alguma coisa sem receber explicações, significa que continuará não entendendo, apesar das explicações*”, dissera seu pai.

— Você capta e eu recebo — Tengo repetiu. — Como da vez em que reescrevi *Crisálida de ar*.

Fukaeri balançou a cabeça para os lados e, depois, colocou os cabelos para trás, deixando à mostra suas belas e pequenas orelhas, como se erguesse uma antena de transmissão.

— Não é igual — disse Fukaeri. — Você mudou.

— Eu mudei — repetiu Tengo.

Fukaeri concordou.

— O que mudou em mim?

Durante um bom tempo, Fukaeri mirou atentamente o vinho na taça, como se visse ali algo muito importante.

— Quando você for para a cidade dos gatos, vai descobrir — disse a bela garota. E, com as orelhas à mostra, tomou mais um gole de vinho branco.

Aomame

Ponha um tigre no seu tanque

Aomame acordou pouco depois das seis da manhã. Era um belíssimo dia ensolarado. Preparou o café na cafeteira elétrica, passou o pão na torradeira e cozinhou um ovo. Assistiu ao noticiário da TV e constatou que a morte do Líder de Sakigake ainda não havia sido divulgada. Eles conseguiram secretamente dar fim ao corpo, sem comunicar a morte à polícia e torná-la pública. Se for assim, que assim seja. Era o de menos. Para quem morreu, independentemente do que façam com ele, o fato de estar morto não vai se alterar.

Às oito horas, Aomame tomou um banho e, de frente para o espelho do banheiro, cuidou de pentear o cabelo com capricho e de passar uma discreta camada de batom, quase imperceptível. Vestiu meias finas, camisa branca de seda e o elegante conjunto de blazer e saia de Junko Shimada, previamente pendurado no cabide do armário. Movimentou o corpo de um lado para o outro, girando e dobrando a cintura para que o sutiã com armação e enchimento se amoldasse ao corpo, enquanto pensava em como seria bom se tivesse um pouco mais de peito. Ela já havia pensado nisso umas 72 mil vezes diante do espelho. “Mas e daí? Se quero pensar inúmeras vezes a mesma coisa, é problema meu. O que é que tem pensar 72.001 vezes a mesma coisa? Enquanto estiver viva, quero pensar no que quiser, como quiser e o quanto quiser, na hora em que eu quiser. Ninguém tem nada a ver com isso.” Por fim, calçou seus sapatos de salto alto da Charles Jourdan.

Aomame ficou de frente para o espelho de corpo inteiro na porta do hall de entrada do apartamento, para se certificar de que suas roupas estavam impecáveis. Ergueu um dos ombros, imaginando se parecer um pouco com Faye Dunaway em *Crown, o magnífico*. No filme, a atriz interpretava o papel de uma investigadora de uma agência de seguros, imparcial e fria como a lâmina de uma faca. Uma mulher segura, sexy, sempre elegante em um blazer executivo. Logicamente, Aomame não era parecida com Faye Dunaway, mas havia nela algo que *de certa forma* lembrava a atriz. Uma presença de espírito que somente uma profissional de primeira categoria conseguiria transmitir. Sem contar que dentro de sua bolsa havia uma pistola automática dura e fria.

Aomame colocou os pequenos óculos de sol Ray-Ban e deixou o apartamento. Em seguida, caminhou até o parquinho infantil que ficava do outro lado da rua e, de pé, diante do escorregador em que Tengo estivera sentado na noite anterior, reproduziu mentalmente aquela cena. Cerca de doze horas atrás, o Tengo *real* estivera ali, a uma pequena distância dela. Estava sozinho e, em silêncio, ficara observando as luas durante um bom tempo. As duas luas que ela também conseguia enxergar.

Para Aomame, reencontrá-lo casualmente era como um milagre. Uma espécie de revelação. Alguma coisa trouxera Tengo para perto dela. E esse acontecimento parecia ter produzido uma grande mudança em seu físico. Desde que acordara de manhã, sentia um contínuo atrito perpassando seu corpo. Tengo surgiu diante dela e partiu, sem que pudessem conversar ou se tocar. Mas, mesmo nesse curto espaço de tempo, ele alterou muitas coisas dentro dela. Ele havia revolvido seu corpo e sua mente, literalmente, como uma colher que mistura o chocolate numa xícara. Ele havia mexido com todos os seus órgãos internos, inclusive o útero.

Aomame permaneceu cerca de cinco minutos ali, em pé, segurando com uma das mãos o corrimão do escorregador e, com o rosto levemente contraído, batia delicadamente no chão com a ponta do salto. Apreciava a sensação de ter seu corpo e sua mente totalmente revolvidos. Um tempo depois, decidida, deixou o parque e pegou um táxi na avenida mais próxima.

— Siga até Yôga e de lá pegue a Rota 3 da Rodovia Metropolitana até a saída de Ikejiri — disse Aomame para o motorista.

Como era de se esperar, o motorista ficou confuso com as indicações.

— Desculpe, não entendi. Para onde a senhorita gostaria de ir? — perguntou o motorista, com um tom de voz tranquilo.

— Saída de Ikejiri, por enquanto.

— Nesse caso, é bem mais perto irmos direto daqui até Ikejiri. Se formos pela Yôga faremos uma volta maior, sem contar que, agora pela manhã, o trânsito na Rota 3 está totalmente congestionado, os carros não andam. Posso garantir isso, com a mesma certeza de que hoje é quarta-feira.

— Não faz mal que esteja congestionado. Para mim tanto faz se hoje é quarta, quinta ou o dia do aniversário do Imperador. De qualquer modo, por favor, vá até Yôga e pegue a rodovia. Tempo é o que não me falta.

O motorista aparentava ter pouco mais de trinta anos. Era magro, com a pele clara e um rosto comprido que lembrava um

cauteloso animal herbívoro. Seu queixo era projetado para a frente, como o daquelas estátuas da ilha de Páscoa. Ele observava o rosto de Aomame pelo retrovisor e tentava analisar, em sua expressão facial, se ela tinha um parafuso a menos ou se era uma pessoa normal, passando por algum problema delicado. Mas isso não era fácil de detectar. Sobretudo através do reflexo de um pequeno espelho retrovisor.

Aomame tirou a carteira da bolsa e pegou uma nota de 10 mil ienes que parecia novinha em folha, colocando-a bem próxima da altura do nariz dele.

— Não quero troco nem recibo — disse Aomame sucintamente. — Por isso, em vez de retrucar, quero que faça exatamente como pedi. Vá para Yôga e de lá pegue a rodovia até Ikejiri. Mesmo congestionado, essa quantia deve dar, não?

— Sim, é claro. A quantia é mais que suficiente — disse o motorista, ainda ressabiado. — A senhorita, por acaso, tem algo especial para fazer na Rodovia Metropolitana?

Aomame balançou a nota de 10 mil ienes como se fosse uma bandeirola.

— Se você não quer ir, vou descer e pegar outro táxi. Decida logo.

O motorista franziu a testa e observou detidamente a nota de 10 mil ienes. Depois, decidido, pegou a nota e, após verificar sua autenticidade colocando-a contra a luz, guardou-a em sua bolsa de trabalho.

— Entendi. Vamos para a Rota 3 da Rodovia Metropolitana. Mas, realmente, o trânsito por lá deve estar muito ruim. Entre Yôga e Ikejiri não existe nenhuma saída. Nem banheiro público. Por isso, se estiver com vontade de ir ao toalete, é melhor que seja agora.

— Não se preocupe. Pode seguir.

O motorista atravessou as emaranhadas ruas da área residencial, pegou o anel rodoviário 8 e seguiu para Yôga, enfrentando o congestionamento. Durante o trajeto, os dois mantiveram-se quietos. O motorista escutava o noticiário pelo rádio enquanto Aomame seguia absorta em pensamentos. Um pouco antes da entrada da Rodovia Metropolitana, o motorista baixou o volume do rádio e indagou:

— Sei que não é da minha conta, mas a senhorita tem algum tipo especial de profissão?

— Sou investigadora de uma agência de seguros — disse Aomame, sem titubear.

— Investigadora de uma agência de seguros — repetiu o motorista cautelosamente, como se estivesse provando uma iguaria pela primeira vez.

— Estou investigando um caso de fraude na seguradora — respondeu Aomame.

— Hum — disse o motorista, admirado. — Existe alguma ligação entre a Rodovia Metropolitana e essa fraude?

— Digamos que sim.

— Como naquele filme.

— Que filme?

— Um que passou há muito tempo. Aquele com o Steve McQueen. Hmm... Não consigo me lembrar do título.

— *Crown, o magnífico* — disse Aomame.

— Isso. Isso mesmo. A Faye Dunaway faz o papel de uma investigadora de uma agência de seguros. Uma especialista em desvendar fraudes em seguradoras. O McQueen é um milionário que pratica roubos por hobby. Gostei do filme. Assisti quando estava no colegial. Eu gostava daquela música. Cheia de estilo.

— Michel Legrand.

O motorista assobiou os quatro primeiros compassos. Depois, mirou o espelho e observou atentamente o rosto refletido de Aomame.

— Pensando bem, acho que a senhorita lembra um pouco a Faye Dunaway daquele filme.

— Muito obrigada — disse Aomame, esforçando-se para não esboçar um sorriso que insistia em se formar no canto de seus lábios.

A Rota 3 da Rodovia Metropolitana sentido centro estava monstruosamente congestionada, conforme a previsão do motorista. Mal seguiram cem metros e o trânsito já estava totalmente parado. Digno de ser mencionado numa reportagem sobre congestionamentos. Mas era exatamente isso o que Aomame desejava. A mesma roupa, o mesmo trajeto, o mesmo congestionamento. Infelizmente, a rádio não tocava a *Sinfonietta* de Janáček, e o aparelho de som não tinha a mesma qualidade que aquele da Toyota Crown Royal Saloon. Mas exigir isso também era demais.

O carro avançava lentamente, apertado entre os caminhões. Ficava parado durante um bom tempo e, de repente, como se lembrasse que precisava seguir em frente, avançava um pouquinho. Enquanto estavam parados, na pista ao lado, um jovem motorista que dirigia um caminhão refrigerado lia atentamente sua revista em quadrinhos. O casal de meia-idade num Toyota Corona Mark II de cor creme estava visivelmente amuado e, olhando para a fila de carros à frente, ambos mantinham-se quietos. Talvez não tivessem o que conversar, ou estavam assim por terem conversado algo desagradável. Aomame estava recostada no assento absorta em pensamentos, enquanto o motorista escutava a rádio.

Finalmente, chegaram num ponto em que se via uma placa indicando Komazawa e, dali em diante, os carros continuaram a rastejar como caracóis até a Sangenjaya. De vez em quando, Aomame levantava o rosto e olhava a paisagem pela janela. Era a última vez que veria aquela cidade. Logo ela se mudaria para algum lugar distante, mas, mesmo assim, não conseguia sentir afeição por Tóquio. Os edifícios no entorno da rodovia eram feios, enegrecidos pela fumaça dos escapamentos, e havia inúmeros outdoors chamativos espalhados por todos os lados. Ao observar a paisagem, Aomame começou a se sentir deprimida. “Por que as pessoas precisavam construir espaços tão deprimentes como aquele? Não que o mundo tenha de ser totalmente belo, mas nem por isso precisava ser tão horroroso.”

Enquanto divagava, seus olhos finalmente focalizaram algo familiar: o local em que descera do táxi naquele dia. Fora ali que o motorista de meia-idade lhe dissera que havia uma escada de emergência, como uma mera informação casual. Adiante, havia um outdoor enorme com a propaganda da Esso: um tigre sorridente segurando o bico da bomba de combustível. O mesmo que da outra vez.

Ponha um tigre no seu tanque.

Subitamente, Aomame percebeu que estava com sede. Após tossir levemente, colocou a mão dentro da bolsa e procurou uma caixa de pastilhas de limão contra a tosse. Colocou uma pastilha na boca e guardou de novo a caixa. Aproveitando que sua mão estava na bolsa, segurou firmemente o cabo da Heckler & Koch para sentir a dureza e o peso em sua palma. “Isso mesmo”, pensou Aomame. O carro avançou alguns metros.

— Passe para a faixa da esquerda — Aomame pediu para o motorista.

— Mas a faixa da direita está andando melhor — o motorista protestou num tom de voz calmo. — A saída para Ikejiri fica à direita; se mudarmos de faixa, depois vai ser complicado voltar novamente para cá.

Aomame refutou o argumento do motorista.

— Não importa. Passe para a faixa da esquerda.

— Se a senhorita prefere — disse o motorista, resignado.

Ele colocou o braço para fora e fez sinal para o motorista do caminhão frigorífico. Assim que se certificou de que o outro havia visto o sinal, imbicou o carro e entrou na faixa da esquerda. Cerca de cinquenta metros adiante, o trânsito parou novamente.

— Vou descer aqui. Por favor, abra a porta.

— Descer? — perguntou o motorista, surpreso. — Aqui?

— Há uma escada de emergência logo adiante, não se

preocupe.

— Escada de emergência? — O motorista balançou a cabeça. — Não sei se existe ou não uma escada de emergência, mas, se descobrirem que eu deixei a senhorita descer aqui, serei punido. A empresa que administra a rodovia também vai chamar minha atenção. Por favor, não faça isso.

— Tenho motivos para descer aqui — disse Aomame e, tirando mais uma nota de 10 mil ienes da carteira, estalou-a e a deu ao motorista. — Sei que estou sendo abusada, portanto aceite isso como uma compensação pelo transtorno que estou lhe causando. Por favor.

O motorista não quis aceitar a nota de 10 mil ienes, mas, resignado, destravou a porta esquerda do banco traseiro.

— Não quero o dinheiro. O que a senhorita me pagou já é o suficiente. Mas por favor tenha cuidado. A pista não tem faixa de acostamento e, por mais que esteja congestionada, é perigoso andar por ela.

— Muito obrigada — disse Aomame. Após descer do carro, ela deu dois toques no vidro do carro do lado do acompanhante para que o taxista abaixasse o vidro da janela. E, debruçando o corpo, entregou o dinheiro. — Por favor, aceite. Não se preocupe. Tenho dinheiro de sobra.

O motorista olhou alternadamente para o dinheiro e para o rosto de Aomame.

Aomame disse:

— Se a polícia ou a empresa implicar com você por minha causa, diga que eu o ameacei com uma pistola e, por isso, você teve de abrir a porta. Assim eles não vão importuná-lo.

O motorista parecia não acreditar no que estava ouvindo. Dinheiro de sobra? Intimidar com uma pistola? Mesmo assim, achou melhor aceitar o dinheiro. Talvez por medo de ela fazer algo inusitado, caso ele decidisse recusar.

Como da outra vez, Aomame caminhou cerca de cinquenta metros em direção a Shibuya por entre os carros da faixa da esquerda e a guia de segurança. As pessoas que estavam dentro dos carros pareciam não acreditar no que estavam vendo. Mas Aomame não se importava com os olhares. Caminhou a passos largos, mantendo a postura reta e um ar imponente, como uma modelo desfilando nas passarelas de Paris. O vento balançava seus cabelos. Os caminhões que passavam com velocidade na pista oposta faziam o pavimento tremer. O outdoor da Esso foi ficando cada vez maior e, finalmente, ela chegou ao acostamento.

A paisagem ao redor continuava a mesma que da vez anterior. Havia uma cerca de ferro e, ao lado, uma cabine amarela do telefone de emergência.

“Aqui é o ponto de partida para o ano de 1Q84”, pensou Aomame.

“Meu mundo se transformou quando eu descí essa escada de emergência até a Rodovia Nacional 246. Por isso, quero descê-la novamente. Daquela vez, estávamos no início de abril e eu vestia um casaco bege. Agora estamos em setembro e está quente demais para usar casaco. Mas, mesmo sem ele, estou vestindo as mesmas roupas daquele dia. A mesma roupa que usava quando matei, naquele hotel de Shibuya, o desgraçado do ramo petrolífero: um conjunto de blazer e minissaia de Junko Shimada, sapatos Charles Jourdan, blusa branca, meia-calça fina e sutiã de renda branca. Após o incômodo de pular a cerca de ferro de minissaia, que subiu até a cintura, descí as escadas de emergência.

“Tentarei fazer aquilo novamente. Por mera curiosidade. Quero saber o que vai acontecer se eu fizer exatamente como daquela vez, no mesmo lugar e com a mesma roupa. Não estou tentando me salvar. A morte não me aflige. Quando a hora chegar, não hesitarei em morrer. Posso morrer sorrindo.” Mas Aomame não queria morrer sem entender o que estava acontecendo e, para isso, faria tudo que estivesse ao seu alcance. Se isso não desse certo, paciência. Mas, de qualquer modo, tentaria fazer tudo que fosse possível. Esse era o seu jeito de viver.

Aomame inclinou o corpo sobre a cerca e tentou encontrar a escada de emergência. *Mas não havia nenhuma escada de emergência.*

Por mais que procurasse, a escada havia sumido.

Aomame mordeu os lábios e esboçou uma careta.

Ela não havia errado de lugar. Tinha certeza de que ficava naquele espaço reservado para o acostamento. A paisagem ao redor era a mesma e o outdoor da Esso estava bem de frente a ela. No mundo de 1984 havia uma escada de emergência naquele local. Conforme a orientação daquele estranho motorista de táxi, Aomame conseguiu encontrar facilmente a escada, pular a cerca e descê-la. Mas no mundo de 1Q84 não havia escadas de emergência.

A saída estava bloqueada.

Aomame desfez a careta e olhou atentamente ao redor, fitando novamente a propaganda da Esso. O tigre segurava o bico da bomba de combustível e, com o rabo voltado para cima, olhava de soslaio para o lado de cá, sorrindo alegremente. Era como se fosse impossível ser mais feliz e mais satisfeito do que ele.

“Sim, mas é claro”, pensou Aomame.

Ela soubera desde o início. O Líder havia dito isso claramente,

antes de ser morto por ela na suíte do hotel Ôkura. Não havia um caminho de volta entre o mundo de 1Q84 e o de 1984. A porta para 1Q84 só se abria para um dos lados.

Mesmo ciente disso, Aomame precisava verificar os fatos com seus próprios olhos. Isso era de sua natureza, e ela acabara de constatar a verdade. Fim. C.Q.D.

Aomame apoiou-se na grade de ferro e olhou para o céu. O dia estava perfeito. Longos filetes de nuvens flutuavam sobre um cenário tingido de azul profundo. A vista alcançava ao longe o céu infinito. Nem parecia ser o céu de uma metrópole. Mas não se podia ver a lua. “Para onde teria ido? Deixa pra lá. A lua é a lua. Eu sou eu. Cada um vive de acordo com os seus planos.”

Se Faye Dunaway estivesse aqui, possivelmente pegaria um cigarro fino e longo e o acenderia elegantemente com um isqueiro, estreitando os olhos com sensualidade. Mas Aomame não fumava, não tinha cigarros nem isqueiro. Na sua bolsa havia, quando muito, uma caixa de pastilhas de limão para tosse. Além de uma pistola de aço de 9 mm e um picador de gelo especial que ela enfiara na nuca de alguns homens. Ambos, muito mais fatais que cigarros.

Ela observou a fila de carros parados no congestionamento. As pessoas dentro deles olhavam atentamente para ela. Era o esperado. Afinal, não era normal ver uma cidadã comum andar numa rodovia. Ainda mais uma moça de minissaia, salto alto, óculos de lentes verdes e um sorriso nos lábios. Não observá-la é que seria estranho.

A maioria dos veículos parados na rodovia eram caminhões de grande porte. Inúmeras mercadorias estavam sendo trazidas de diversos locais para Tóquio. Eles deviam ter viajado durante a noite sem descanso e, agora, estavam presos no fatídico congestionamento da manhã. Os motoristas deviam estar entediados, aborrecidos e cansados, com uma imensa vontade de entrar num ofurô, fazer a barba e dormir. Era certamente o que eles mais desejavam e, por isso, apenas se limitavam a olhá-la distraidamente, como se estivessem vendo um animal raro. Estavam cansados demais para ter qualquer tipo de reação diante do que viam.

Entre os inúmeros caminhões de transporte havia um Mercedes Benz coupé prateado, como um delicado antílope perdido no meio de um bando de rinocerontes. Parecia um carro novo, e sua bela carroceria reluzia com os primeiros raios da manhã. As rodas combinavam com a cor da carroceria. A janela do motorista estava aberta, e uma mulher de meia-idade bem-vestida olhava atentamente para Aomame. Estava com óculos de sol da Givenchy e, numa das mãos que segurava o volante, podia se ver um anel de brilhante.

A mulher aparentava ser uma pessoa gentil e demonstrava preocupação com Aomame. Possivelmente, indagava o que poderia ter acontecido para que uma jovem bem-vestida precisasse andar sozinha na Rodovia Metropolitana. A mulher parecia querer chamá-la e, possivelmente, caso Aomame pedisse, ela a levaria aonde quisesse ir.

Aomame tirou os óculos Ray-Ban e os guardou no bolso superior do blazer. Estreitando os olhos, ofuscados pelos intensos raios de sol, massageou durante um tempo a base do nariz para tirar as marcas deixadas pelos óculos. Em seguida, umedeceu os lábios secos com a ponta da língua. Sentiu um leve gosto de batom. Olhou o céu ensolarado e, como precaução, viu também o chão onde pisava.

Ela abriu a bolsa e tirou lentamente a Heckler & Koch. Deixou cair a bolsa, ficando com as mãos livres. Com a mão esquerda destravou o dispositivo de segurança, puxou o ferrolho e posicionou uma bala na câmara. Seus movimentos eram precisos e rápidos. Um som agradável ecoou ao redor. Balançou a pistola e sentiu o peso da arma. Com as sete balas, pesava 480 gramas. Não havia dúvida de que estava carregada. Aomame sabia só de sentir o peso.

Seus lábios retos continuavam a esboçar um sorriso. As pessoas observavam atentamente seus movimentos. Ninguém se assustou ao vê-la tirar uma pistola da bolsa. Ou pelo menos não esboçaram esse tipo de reação. Talvez não achassem que fosse uma pistola de verdade. “Mas é uma pistola de verdade”, pensou Aomame.

Em seguida, ergueu a ponta da arma e colocou o cano dentro da boca. O cano apontava para o cérebro, aquele insondável labirinto acinzentado onde se alojava sua consciência.

A oração surgiu espontaneamente, sem que precisasse pensar nela. Com o cano da arma dentro da boca, ela a entoou rapidamente. Ninguém ouviria o que ela estava dizendo, mas era o de menos. O importante era que Deus a ouvisse. Quando Aomame era pequena, ela não entendia o significado daquela oração, mas a sequência de frases estava impregnada no âmago de seu ser. Antes das refeições da escola ela sempre a entoava sozinha, alto e bom som, sem se importar com os olhares curiosos ou risos de escárnio. O importante era que Deus a estivesse vendo. Ninguém podia escapar dos olhos do Senhor.

O Grande Irmão está olhando para você.

Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome; venha a nós o Vosso Reino. Perdoai os nossos pecados. Conceda-nos a Vossa bênção em nossa humilde caminhada. Amém.

A senhora de meia-idade e boa aparência, que estava com as mãos ao

volante de seu novíssimo Mercedes Benz, continuava olhando atentamente para Aomame. Aquela senhora, assim como os demais ali presentes, parecia não entender o significado daquela arma que Aomame tinha em mãos. Caso ela tivesse entendido o que significava, provavelmente desviaria o olhar, pensou Aomame. Se visse o cérebro se espalhando para todos os lados, certamente naquele dia ela não conseguiria almoçar ou jantar. “Não me leve a mal, mas acho melhor você desviar os olhos”, disse Aomame mentalmente para ela. “Não estou escovando os dentes. Estou com o cano de uma pistola automática Heckler & Koch de fabricação alemã dentro da minha boca. Fiz minha oração. E você já deve ter percebido o que isso significa.

“Tenho que te dar um aviso. Um aviso importante. Desvie os olhos e volte para casa com seu novíssimo Mercedes Benz prateado. Volte para a sua belíssima casa onde seu querido marido e seus filhos a aguardam, e continue a viver tranquilamente. Isso que eu vou fazer agora não é algo que você deva ver. Esta é uma horrível pistola de verdade. Uma pistola com sete horríveis balas de 9 mm. E, como já disse Anton Tchekhov, se na história aparece uma pistola, em algum momento ela deve ser usada. Esse é o significado de como se entende uma história.”

No entanto, a senhora continuava a observá-la. Resignada, Aomame balançou levemente a cabeça. Sinto muito, mas não posso esperar mais. O tempo acabou. Está na hora de começar o show.

Ponha um tigre no seu tanque.

— Ho, ho — disse o ritmista.

— Ho, ho — os seis homens pequeninos repetiram em uníssono.

— Tengo — disse Aomame. E apertou o gatilho.

Enquanto ainda houver calor

Tengo foi à estação de Tóquio, pegou o trem expresso da manhã para Tateyama e de lá fez a baldeação para um trem regular que parava em todas as estações até chegar a Chikura. Era um belíssimo dia ensolarado. Não havia vento e quase não se viam ondas no mar. Não havia mais vestígios do verão, e uma camisa de meia manga, com uma jaqueta leve de algodão, era uma combinação que se adequava bem ao novo clima. A cidade litorânea sem os banhistas parecia bem mais deserta e desanimada do que ele havia imaginado. Realmente, era como se tivesse se transformado na cidade dos gatos, pensou Tengo.

Após fazer uma refeição rápida em frente à estação, pegou um táxi e chegou à casa de saúde por volta de uma da tarde. Quem o atendeu na recepção foi a mesma enfermeira de meia-idade da vez anterior, a mesma do telefonema da noite passada. Enfermeira Tamura. Ela o reconheceu e, desta vez, tratou-o de modo ligeiramente mais gentil que da vez anterior. Chegou até a esboçar um leve sorriso. O fato de Tengo estar mais bem-vestido talvez tivesse contribuído para desencadear essa reação.

Ela o acompanhou até o refeitório e lhe serviu uma xícara de café.

— Por favor, aguarde um momento. O médico já virá atendê-lo — disse a enfermeira.

Cerca de dez minutos depois, o médico responsável veio até ele enxugando as mãos com uma toalha. Aparentava ter 50 anos e seus cabelos duros estavam levemente grisalhos. Devia estar fazendo alguma outra atividade, pois não usava o avental branco. Vestia um conjunto de agasalho cinza e tênis de corrida surrados. Tinha um bom porte físico e, mais do que médico de uma casa de saúde, parecia o treinador de um time universitário da segunda divisão que nunca conseguiria alcançar uma posição melhor.

O médico repetiu praticamente as mesmas informações que dissera ao telefone na noite anterior. Disse com pesar que, no momento, do ponto de vista médico, infelizmente não havia o que fazer. A expressão e as palavras do médico lhe soaram sinceras.

— A única possibilidade que nos resta é pedir que o filho converse com ele, de modo a motivá-lo a resgatar a vontade de viver.

— Será que meu pai vai me escutar? — perguntou Tengo.

O médico tomou um gole de chá-verde morno e esboçou uma expressão de preocupada seriedade.

— Para falar a verdade, não sei. Seu pai está em coma e, quando falamos com ele, não reage. Mas, mesmo em profundo estado de coma, há pessoas que conseguem ouvir as conversas ao redor e, de certa forma, entendem o que se diz.

— Mas isso é algo que não podemos perceber.

— Não, não podemos.

— Vou ficar aqui até seis e meia — disse Tengo. — Neste período, ficarei ao lado dele tentando conversar com o máximo afinco.

— Se você perceber algum tipo de reação, mande me chamar — disse o médico. — Vou estar por aqui.

Uma jovem enfermeira acompanhou Tengo até o local em que seu pai estava deitado. Ela usava um crachá onde se lia Adachi. Seu pai fora transferido para um quarto individual no pavilhão novo. Um pavilhão para pacientes em estado grave. A roda da engrenagem havia avançado um dente. Não havia mais para onde ele ser transferido. O quarto era pequeno, comprido e impessoal; e a cama ocupava praticamente metade do aposento. Do lado de fora podia se ver o bosque de pinheiros dispostos de forma a conter os ventos. Os pinheiros com seus galhos frondosos eram como enormes muros a separar a casa de saúde do vigoroso mundo real. Após a enfermeira deixar o quarto, Tengo ficou a sós com o pai, que dormia profundamente com o rosto voltado para cima. Tengo sentou-se num pequeno tamborete de madeira ao lado da cama e olhou o rosto do pai.

Na cabeceira havia um suporte para a bolsa plástica do soro, que era injetado na veia através de um tubo. Havia também um cateter inserido na uretra para recolher a urina, mas a quantidade excretada era assustadoramente pequena. Seu pai estava bem menor e mais magro que da última vez que o vira. No queixo e nas bochechas sulcadas, crescia uma barba branca com cerca de dois dias por fazer. Os olhos sempre foram encovados, mas agora estavam muito mais fundos. Tão fundos que dava para se cogitar se não seria melhor fazer algum tipo de intervenção cirúrgica e puxar para fora as órbitas enterradas naqueles orifícios profundos. As pálpebras estavam fortemente cerradas dentro desses buracos, como um obturador fechado, e a boca entreaberta. Não se percebia a respiração, mas ao aproximar o ouvido bem pertinho de seu rosto dava para sentir uma leve vibração de ar. Uma imperceptível vida sendo minimamente mantida.

Tengo sentiu quão real era a frase dita pelo médico na noite anterior: “É como um trem que reduz a velocidade para parar na estação.” O trem chamado pai diminuía a velocidade até atingir o

estado de inércia para poder parar tranquilamente numa planície sem nada em volta. Seu único desejo era o de que não houvesse nenhum passageiro, para que ninguém reclamasse da parada.

“Preciso falar alguma coisa”, pensou Tengo. No entanto, hesitava sobre o que, como e com que tom de voz deveria conversar. Quaisquer assuntos que lhe vinham à mente pareciam desprovidos de sentido.

— Pai — disse Tengo, com a voz baixa, como num sussurro. Mas logo lhe faltaram palavras para dar continuidade à frase.

Tengo levantou-se do tamborete e, aproximando-se da janela, olhou o jardim bem-cuidado e o céu que se estendia por sobre o bosque de pinheiros. Um corvo pousado sobre uma enorme antena tomava banho de sol observando vigilante o entorno com um aspecto sobranceiro. Na cabeceira da cama havia um rádio relógio, mas seu pai não necessitava de nenhuma das funções contidas naquele aparelho.

— Sou eu, Tengo. Acabei de chegar de Tóquio. Você está me ouvindo? — disse Tengo, em pé ao lado da janela, olhando para o pai. Não houve reação. Sua voz fez vibrar o ar por alguns instantes e imediatamente foi sugada pelo vazio que impregnava o quarto.

“Esse homem está tentando morrer”, pensou Tengo. Bastava ver os olhos fundos para notar. O pai já estava decidido a pôr fim a sua própria vida, por isso decidiu fechar os olhos e dormir profundamente. Não importava o que Tengo lhe dissesse com o intuito de persuadi-lo a viver; provavelmente seria impossível fazê-lo mudar de ideia. Clinicamente falando, ele continuava vivo, mas, para esse homem, a vida já havia terminado. Dentro dele não havia mais motivos nem vontade de se esforçar para prorrogar a vida. A única coisa que Tengo poderia fazer era respeitar o desejo do pai e deixá-lo partir. O rosto do pai emanava uma profunda serenidade. Naquele momento, não parecia sentir nenhum tipo de dor. Assim como o médico lhe havia dito ao telefone, esse era o único consolo.

Mesmo assim, Tengo precisava lhe dizer alguma coisa. Em parte, por ter assumido esse compromisso com o médico e, em parte, por uma questão de educação, na falta de termo mais adequado. Havia muito tempo que Tengo não conversava com o pai, tampouco eram de conversar sobre assuntos cotidianos. A última vez que realmente tiveram uma conversa fora na época em que Tengo ainda cursava o ginásio. Depois disso, Tengo mal ia para casa e, mesmo quando voltava para resolver alguma coisa, evitava se encontrar com o pai.

No entanto, esse homem agora estava em coma e morria silenciosamente diante dele. Ele parecia aliviado por ter tirado um fardo de suas costas ao ter praticamente revelado não ser o verdadeiro pai de Tengo. Ambos conseguiram tirar seus respectivos pesos das

costas antes que fosse tarde demais.

Mesmo sem terem um vínculo de sangue, aquele homem assumiu oficialmente a paternidade e cuidou dele até que pudesse se manter sozinho. Isso já era motivo mais que suficiente para Tengo sentir gratidão e, de certa forma, sentia também uma obrigação moral de lhe contar como tinha sido sua vida e o que pensava sobre aquilo. Pensando bem, não era exatamente uma questão de obrigação moral, mas de boas maneiras. Precisava falar, independentemente de seu pai escutar ou não, ou de a conversa servir ou não para ajudá-lo em alguma coisa.

Tengo sentou-se novamente no tamborete ao lado da cama e começou a contar sucintamente sua vida desde que saiu de casa, quando ingressou no colegial e passou a morar no alojamento da equipe de judô. Foi a partir daquela época que a vida dele e a de seu pai perderam todos os pontos de contato e os dois passaram a viver cada qual sem se interessar em saber da vida do outro. Tengo achou que deveria preencher ao máximo essa enorme lacuna existente entre eles.

No entanto, Tengo não tinha muito o que falar sobre sua vida durante a época do colegial. Ele ingressou numa escola secundária particular da província de Chiba, de grande reputação no judô. Podia facilmente ter ingressado numa escola melhor, mas as condições que ela oferecera eram as melhores: isenção de todas as taxas e mensalidades, alojamento gratuito e três refeições diárias. Tengo se tornou o principal atleta da equipe de judô da escola e estudava nos intervalos dos treinos (mesmo sem estudar com afinco, conseguia se destacar como o melhor aluno da sala). Durante as férias, fazia trabalhos braçais temporários com os colegas da equipe e juntava alguns trocados. Tinha muitas coisas a fazer e ficava o dia todo ocupado. Os três anos como estudante do colegial foram, em suma, de uma vida assoberbada. Não aconteceu nada de especialmente divertido e não fez nenhum amigo íntimo. Não gostava muito da escola porque tinha muitas regras. Mantinha uma relação amistosa com os rapazes da equipe de judô, mas não se entrosava nas conversas. Para falar a verdade, o judô nunca foi realmente sua paixão, e ele nunca conseguiu mergulhar de cabeça nas competições esportivas. Apenas se dedicava seriamente aos treinos para obter bons resultados e não decepcionar as pessoas que o apoiavam. Mais do que esporte, o judô era um subterfúgio prático para garantir sua sobrevivência. Praticar judô era como um trabalho. Durante esses três anos, o que ele mais desejava era se formar logo para poder ter uma vida mais séria.

No entanto, mesmo entrando na faculdade, ele continuou a

praticar judô. Basicamente, sua vida era a mesma que a do colegial. Se continuasse no judô, ganhava alojamento e alimentação, ainda que de modo precário. Recebia bolsa de estudos, mas a quantia não era suficiente para viver, por isso precisava continuar no judô. Sua área de especialização era a matemática, e sua dedicação também lhe rendeu boas notas, a ponto de o seu orientador aconselhá-lo a fazer pós-graduação. No entanto, entre o terceiro e o quarto anos, ele foi perdendo rapidamente a paixão pelos estudos matemáticos. Continuava a gostar do assunto, mas não quis seguir a carreira acadêmica de pesquisador. Era como no caso do judô. Como amador, ele sempre se destacava, mas para seguir a carreira profissional faltavam-lhe o dom e o desejo de querer dedicar toda a sua vida a essa atividade. Estava ciente disso.

Ao perder o interesse pela matemática e com a formatura próxima, os motivos de continuar a praticar judô desapareceram por completo e, desde então, Tengo se sentiu perdido, sem saber o que fazer nem que caminho seguir dali em diante. Era como se perdesse o centro de gravidade. Não que tivesse um, mas até então as pessoas lhe atribuíam expectativas e lhe cobravam produção e, para atendê-las, sua vida sempre fora atribulada. Mas, a partir do momento em que não havia mais pedidos nem expectativas, não lhe restava mais nada. Ele não tinha um propósito na vida. Não tinha nem sequer um amigo. Foi deixado na mais absoluta calmaria e, desde então, não conseguia mais se concentrar em nada.

No período universitário, Tengo teve algumas namoradas e algumas relações sexuais. Ele não era bonito no sentido convencional dos padrões de beleza, nem era do tipo extrovertido, e suas conversas não eram exatamente divertidas nem interessantes. Sempre estava sem dinheiro e suas roupas não eram boas. Mas, assim como certas plantas exalam um aroma que atrai os insetos, ele conseguia atrair um certo tipo de mulher. E essa atração era considerável.

Foi aos 20 anos (no mesmo período em que sua paixão em seguir a carreira acadêmica de matemática também se esvaía) que ele descobriu esse fato. Sem que precisasse agir, algumas mulheres tomavam a iniciativa de se aproximar dele. Queriam ser envolvidas por aqueles braços fortes. Ou, pelo menos, não recusavam que ele assim o fizesse. No começo, sem entender direito como se processava esse mecanismo de atração, ele se sentia confuso; finalmente, ao descobrir seu funcionamento, passou a tirar proveito dessa sua capacidade, aprendendo inclusive a explorá-la. A partir dessa descoberta, ele nunca mais teve dificuldades em conseguir uma mulher. No entanto, nunca se envolveu emocionalmente com nenhuma delas. Para ele, os relacionamentos serviam apenas para satisfazer seus desejos sexuais; só para preencher os respectivos vazios.

Era estranho ter de admitir isso, mas ele nunca se sentiu atraído por nenhuma daquelas mulheres que se sentiam fortemente atraídas por ele.

Tengo contou essa parte de sua vida olhando o pai inconsciente. No começo, falou devagar, sem pressa, tendo o cuidado de selecionar as palavras. Com o tempo, passou a falar de modo fluente e, por fim, até com certos toques de emoção. Mesmo em relação aos assuntos sexuais, ele procurou ser o mais sincero possível, pois achou que não caberia se envergonhar disso àquela altura dos acontecimentos. O pai continuava dormindo profundamente, com o rosto voltado para cima e sem se mover, e sua respiração mantinha-se inalterada.

Um pouco antes das três da tarde, uma enfermeira entrou no quarto para trocar o soro, substituir a bolsa coletora de urina e medir a temperatura do pai. Ela era robusta e aparentava ter cerca de 35 anos. Seus peitos eram grandes, e no crachá estava escrito Ômura. Os cabelos estavam firmemente presos num coque, com uma caneta espetada nele.

— Houve alguma mudança? — perguntou a enfermeira enquanto anotava na prancheta alguns dados com a caneta.

— Nenhuma. Ele continua dormindo — respondeu Tengo.

— Se houver qualquer reação, aperte aquele botão — disse, apontando um botão de chamada pendurado na cabeceira da cama. Em seguida, espetou novamente a caneta no cabelo.

— Entendido.

Um pouco depois de a enfermeira deixar o quarto, ouviu-se uma leve batida na porta e a enfermeira de óculos, Tamura, colocou a cabeça pela fresta.

— Gostaria de comer algo? Se quiser, temos alguma coisa no refeitório.

— Obrigado, mas no momento não estou com fome — disse Tengo.

— Como está seu pai?

Tengo balançou a cabeça negativamente.

— Estive conversando com ele todo esse tempo. Não sei se ele está escutando, mas...

— É bom conversar — disse a enfermeira. Para incentivá-lo, abriu um sorriso e disse: — Não se preocupe, seu pai com certeza está escutando.

A enfermeira fechou delicadamente a porta. Tengo e seu pai ficaram novamente a sós, naquele pequeno quarto de hospital.

Tengo prosseguiu.

Contou que, após se formar na faculdade, começou a lecionar matemática numa escola preparatória no centro de Tóquio. Naquela época, ele deixou de ser o menino prodígio da matemática, com futuro brilhante, e um promissor lutador de judô. Tornara-se apenas um professor, e isso o deixava feliz. Finalmente, podia respirar aliviado. Pela primeira vez podia viver livremente sua própria vida, sem precisar dar satisfação a ninguém.

Foi então que começou a escrever romances. Terminou algumas obras e se inscreveu em concursos para novos autores de uma revista literária. Um tempo depois, conheceu um editor cheio de manias chamado Komatsu, que o convidou a reescrever *Crisálida de ar*, uma história criada por uma garota de 17 anos chamada Fukaeri, ou Eriko Fukada. Ela sabia como contar uma história, mas lhe faltava a habilidade de escrevê-la de maneira adequada e, por isso, Tengo assumiu a tarefa. Ao cumpri-la habilmente, a obra ganhou o prêmio literário de revelação de uma revista. Em seguida, foi publicada em formato de livro e se tornou um best-seller. A repercussão de *Crisálida de ar* foi tão grande que a comissão julgadora do prêmio Akutagawa preferiu manter um certo distanciamento, e a obra não foi premiada. Mas, segundo o próprio Komatsu, o livro estava vendendo tanto que “pra quê ganhar aquilo?”.

Tengo não tinha certeza se o pai estava escutando o que ele contava. Mesmo que estivesse, não havia como saber se entendia o que ele dizia. Não havia nenhum tipo de reação ou resposta. Caso o pai estivesse entendendo, não sabia se ele estava ou não interessado na conversa. Talvez achasse tudo aquilo uma tremenda chateação. Talvez estivesse pensando: “Não estou nem um pouco interessado em saber sua história, deixe-me dormir sossegado.” No entanto, a única coisa que Tengo podia fazer era contar tudo o que lhe vinha à mente. Fora isso, Tengo não tinha nenhuma outra ideia do que fazer com seu pai num quarto tão pequeno.

O pai continuava sem se mover. Os olhos estavam fortemente cerrados nas profundas e escuras cavidades, como se aguardassem pacientemente a neve cobri-los com sua brancura.

— Por enquanto, ainda não posso dizer se está dando certo, mas, se possível, gostaria de viver da escrita. Não se trata de reescrever livros de outras pessoas, mas de eu mesmo escrever uma obra, do jeito que eu quiser. Escrever um texto, principalmente uma história, tem muito a ver comigo. É muito gratificante ter algo que se queira fazer. Até que enfim surgiu dentro de mim a vontade de querer fazer alguma coisa. Ainda não publiquei nada de minha autoria, mas creio que seja

uma questão de tempo. Sei que é estranho, mas acho que tenho talento como escritor. Tenho pelo menos um editor que também reconhece meu talento. Quanto a isso, não estou muito preocupado.

“Devo também considerar que tenho a capacidade de ser receptor”, pensou Tengo. “Afinal, fui arrastado para o mundo da ficção que eu mesmo escrevi. Mas agora não é hora de falar sobre um assunto tão complexo. Melhor deixar para uma outra ocasião”, e Tengo mudou de assunto.

— Meu maior problema é que nunca amei ninguém de verdade. Até hoje, nunca gostei de alguém incondicionalmente e jamais senti vontade de dar minha vida por alguém. Nunca.

Ao dizer isso, Tengo pensou se esse pobre velho diante de seus olhos teria amado alguém durante a vida. Talvez ele tivesse amado a mãe de Tengo de verdade. Por isso é que cuidara do pequeno Tengo, mesmo sabendo que não era seu filho legítimo. Se fosse assim, a vida desse homem seria espiritualmente muito mais elevada que a dele.

— A única exceção é uma menina de quem eu me lembro muito bem. Ela estudou comigo na terceira e quarta séries na escola primária de Ichikawa. Isso foi há vinte anos. Eu senti uma atração muito forte por ela. Sempre pensei nela e continuo pensando. Mas, na prática, nunca tivemos uma conversa. Ela se mudou e, desde então, nunca mais a vi. Mas, recentemente, aconteceu uma coisa que me motivou a procurá-la. Percebi o quanto necessito dela. Quero encontrá-la e conversar sobre várias coisas, mas, no final, não consegui encontrá-la. Devia tê-la procurado antes. Se tivesse feito isso, creio que teria sido bem mais fácil.

Tengo se calou por um bom tempo e esperou a mente de seu pai assimilar tudo o que havia dito até aquele momento. Em outras palavras, o certo seria dizer que Tengo é que precisava de um tempo para assimilar o que acabara de dizer. Prosseguiu:

— Realmente, nesse tipo de coisa sou um covarde. O motivo de eu não ter verificado o meu registro de nascimento também foi por isso. Se eu quisesse realmente descobrir se minha mãe tinha morrido, não teria sido difícil. Bastava ir até a prefeitura e consultar os documentos. Pensei em fazer isso inúmeras vezes. Cheguei até a ir à prefeitura, mas não tive coragem de entrar e pedir para ver os documentos. Tive medo de enfrentar a realidade diante de meus olhos. Tive medo de descobrir por meus próprios meios a verdade. Por isso, fiquei aguardando as circunstâncias se revelarem naturalmente.

Tengo suspirou.

— Independentemente disso, eu já devia ter procurado aquela garota. Percorri o trajeto mais longo. Mas o fato é que eu não conseguia me levantar e começar a agir. Eu sou... como posso dizer; sou muito covarde em assuntos que envolvem sentimentos. Para mim,

é um problema fatal.

Tengo se levantou do tamborete e foi até a janela contemplar os pinheiros. Parara de ventar e não se escutava o barulho do mar. Uma gata grande andava pelo jardim. Pelo formato de sua barriga, parecia grávida. A gata deitou ao pé da árvore e, abrindo as patas, começou a lambar a barriga.

Tengo, debruçado na janela, olhou o pai e prosseguiu:

— Mas, de uns tempos para cá, a minha vida começou finalmente a mudar. Sinto isso. Para falar a verdade, durante um bom tempo eu tive raiva do senhor. Desde pequeno, sempre achei que eu não era uma pessoa que merecesse viver num lugar tão miserável e sufocante. Sempre achei que devia morar num ambiente melhor. Eu me sentia injustiçado por ter de levar uma vida assim. Todos os meus colegas de escola pareciam ter uma vida feliz e plena de satisfações. Pessoas com menos capacidade e talento tinham uma vida bem melhor que a minha. Naquela época eu desejei de verdade que você não fosse o meu pai. Sempre achei que houvera um engano e que você não era o meu pai verdadeiro, e que era impossível termos o mesmo sangue.

Tengo olhou novamente a gata que, sem desconfiar de que era observada, continuava distraidamente a lambar a barriga. Prosseguiu a conversa enquanto a observava.

— Agora não penso mais assim. Não penso mais daquela forma. Hoje sei que aquela circunstância era adequada para mim e que eu tinha um pai igualmente adequado. Não estou mentindo. Para ser sincero, sei que fui uma pessoa tola. Uma pessoa insignificante. Em certo sentido, eu mesmo é que me estraguei. Hoje realmente consigo admitir isso. Quando eu era pequeno, sei que fui o menino prodígio da matemática. Sei que minha capacidade era excepcional. Todos voltavam a atenção a mim e fui muito mimado. Mas, no final, esse talento não me levou a lugar nenhum. Era algo que existia *somente ali*. Desde pequeno eu tinha um corpo grande e era bom no judô. Nos campeonatos da província sempre me destaquei. Mas, quando o meu mundo se ampliou, encontrei vários lutadores de judô melhores do que eu. Na faculdade, não fui selecionado para fazer parte do campeonato nacional. Levei um choque e durante um período não sabia mais quem eu era. Mas isso era mais que óbvio. Realmente, eu não era nada.

Tengo abriu a garrafa de água mineral que trouxera e tomou um gole. Sentou-se novamente no tamborete.

— Como eu já disse outro dia, sou muito grato ao senhor. Acho que realmente não sou seu filho e tenho quase certeza disso. Mas sou grato por ter cuidado de uma criança que não tinha o seu sangue. Sei que não deve ter sido fácil um homem cuidar sozinho de uma

criança. Ainda hoje, só de pensar naquela época que você me carregava para cima e para baixo para fazer as cobranças da NHK, fico deprimido a ponto de meu peito doer. Só tenho lembranças desagradáveis. Mas, para você, certamente não havia outro meio de se comunicar comigo. Como eu posso dizer... aquilo era a única coisa que você *conseguia fazer de melhor*. Era como um ponto de interseção entre você e a sociedade. Você com certeza queria me mostrar isso. Hoje eu consigo entender sua atitude. É claro que levar uma criança tinha a intenção de facilitar seu trabalho de cobrança, mas esse não era o único motivo.

Tengo fez outra pequena pausa para que a mente de seu pai conseguisse assimilar o que ele havia dito. Enquanto isso, também organizou seus pensamentos.

— É claro que, quando eu era criança, não conseguia entender essas coisas. Eu só sentia vergonha e tristeza. Aos domingos, enquanto meus colegas se divertiam, eu tinha de acompanhá-lo nas cobranças. O senhor não imagina como eu odiava quando chegava o domingo. Mas, até certo ponto, hoje consigo entender. Não que eu ache que o senhor tenha agido corretamente. Aquilo me feriu o coração. Para uma criança, era muito doloroso. Mas já passou. Não precisa se preocupar. E foi graças a isso que me tornei uma pessoa mais forte. Aprendi por experiência própria quão difícil é viver neste mundo.

Tengo abriu as mãos e durante um bom tempo observou suas palmas.

— Vou continuar tentando viver minha vida. Provavelmente, de um jeito melhor que antes, sem dar tantas voltas. Não sei o que o senhor pretende fazer daqui para a frente. Pode ser que prefira ficar dormindo tranquilamente, e jamais queira abrir os olhos de novo. Se é o que o senhor deseja, faça isso. Não vou atrapalhá-lo. A única coisa que posso fazer é deixá-lo dormir profundamente. Mas, seja como for, eu precisava ao menos lhe contar isso. Contar o que vim fazendo até agora. Dizer o que penso. Talvez o senhor nem quisesse ouvir. Se o senhor não queria mesmo, perdoe-me a inconveniência. De qualquer modo, não tenho mais nada a dizer. Acho que já contei tudo que eu queria contar. Não vou mais importunar. Durma o quanto quiser.

Um pouco depois das cinco, a enfermeira Ômura voltou, com a caneta enfiada no cabelo, para verificar o nível do soro. Desta vez, não mediu a temperatura.

— Houve alguma mudança?

— Ainda não. Ele continua dormindo — disse Tengo.

A enfermeira assentiu.

— Daqui a pouco o médico deve passar por aqui. Sr. Kawana,

até que horas o senhor pretende ficar?

Tengo olhou o relógio de pulso.

— Vou pegar o trem que parte um pouco antes das sete, por isso devo ficar até por volta das seis e meia.

Após anotar alguns dados na prancheta, a enfermeira enfiou a caneta no cabelo.

— Conversei com ele a tarde toda, mas parece que não está ouvindo nada — disse Tengo.

A enfermeira comentou:

— Quando eu estudava enfermagem, me ensinaram uma coisa. As palavras alegres fazem com que os tímpanos vibrem com alegria. As palavras alegres possuem uma vibração alegre. Mesmo que o paciente não entenda o sentido das palavras, fisicamente os tímpanos vibrarão com alegria. Por isso aprendemos que, mesmo que o paciente não nos ouça, devemos falar sempre coisas alegres, alto e bom som. Não importam os argumentos contrários, pois sabemos que realmente funciona. Digo isso por experiência própria.

Tengo pensou no que acabara de ouvir.

— Obrigado — disse Tengo. A enfermeira Ômura assentiu discretamente e, com passos ligeiros, deixou o quarto.

Tengo e seu pai ficaram um bom tempo em silêncio. Tengo não tinha mais o que conversar. O silêncio, porém, não era algo que causasse desconforto. A luz do entardecer gradativamente cedia lugar aos indícios do anoitecer; e os últimos raios de sol silenciosamente adentraram o quarto.

“Será que contei ao meu pai das duas luas?”, pensou Tengo. A impressão era de que não tinha falado disso. Tengo agora vivia num mundo em que havia duas luas no céu. “Por mais que se olhe, é um mundo muito estranho”, pensou em dizer. Mas achou que não adiantaria nada falar disso naquele momento. Para seu pai, tanto fazia existirem ou não duas luas no céu. Era uma questão que Tengo deveria resolver sozinho.

Além do mais, mesmo que neste mundo (ou *naquele* mundo) existisse uma, duas ou três luas, no final das contas o ser humano chamado Tengo era único. Que tipo de diferença haveria nisso? Independentemente de onde estivesse, Tengo era Tengo. Uma pessoa com seus problemas e suas características próprias. A questão de Tengo não eram as luas, mas ele próprio.

Trinta minutos depois, a enfermeira Ômura apareceu de novo no quarto. Por alguma razão, não usava mais a caneta enfiada no cabelo. Onde a teria deixado? Sem entender por quê, Tengo não conseguia deixar de se preocupar com o sumiço da caneta. Dois homens a

acompanhavam, trazendo uma cama com rodas. Os dois eram grandes e tinham a pele morena. Nenhum deles abriu a boca. Pareciam estrangeiros.

— Senhor Kawana, vamos levar seu pai para fazer alguns exames. Enquanto isso, por favor, poderia aguardar aqui? — disse a enfermeira.

Tengo olhou o relógio.

— Ele não está bem?

A enfermeira negou com a cabeça.

— Não é isso. Precisamos transferi-lo porque neste quarto não há equipamentos para fazer os exames. Não é nada de especial. Depois o médico deve falar com o senhor.

— Entendi. Vou aguardar.

— **Se o senhor quiser ir até o refeitório, deve ter chá quente. É melhor o senhor descansar um pouco.**

— Obrigado — disse Tengo.

Os dois homens pegaram delicadamente o corpo magro de seu pai com o tubo de soro e o transferiram para a cama sobre rodas. Empurraram a cama até o corredor, junto com o suporte do soro. Eram muito eficientes e, como era de esperar, não disseram nada.

— Não vamos demorar muito — disse a enfermeira.

No entanto, seu pai demorou para retornar. A luminosidade que vinha de fora foi ficando cada vez mais fraca. Mas Tengo não quis acender a luz por achar que, caso o fizesse, algo de muito importante ali poderia se perder para sempre.

A cama mantinha uma depressão com o formato do corpo do pai. Apesar de ele não pesar muito, seu corpo deixara uma marca nítida. Enquanto Tengo observava a concavidade, sentiu-se totalmente abandonado no mundo e teve a impressão de que, após o pôr do sol, jamais tornaria a ver o dia raiar.

Sentou-se no tamborete e, mesclando-se aos tons do anoitecer, ficou durante um longo tempo absorto em seus pensamentos. De repente percebeu que não pensava em mais nada, estava apenas submerso no vazio. Levantou-se lentamente do tamborete e foi para o banheiro fazer suas necessidades. Depois lavou o rosto com água fria, enxugou-se com um lenço e olhou-se no espelho. Ao se lembrar do que a enfermeira dissera, foi para o refeitório tomar uma xícara quente de chá-verde.

Quando Tengo voltou ao quarto após descansar vinte minutos no refeitório, seu pai ainda não havia retornado. Mas, na cama, sobre a depressão com o formato do corpo, havia um objeto branco que ele nunca vira antes.

Tinha quase um metro e meio de comprimento e um belo formato, de curvas suaves. À primeira vista, parecia uma casca de amendoim, e uma plumagem curta e macia recobria a superfície. A plumagem emitia um brilho vago e uniforme. No quarto, que gradativamente escurecia, uma luz azul-clara envolvia suavemente o objeto. Era como se ele, discretamente colocado sobre a cama, preenchesse temporariamente o espaço que seu pai acabara de desocupar. Tengo parou diante da porta e, ainda segurando a maçaneta, ficou observando durante um tempo esse estranho objeto. Seus lábios pareciam se mover, mas não conseguiam emitir palavras.

“O que é isso?”, indagou-se Tengo, estreitando os olhos, paralisado diante da porta. “Por que isso veio parar aqui, no lugar do meu pai?” Certamente não teria sido o médico ou a enfermeira que trouxera aquilo. O objeto emanava uma atmosfera especial, que parecia não pertencer àquela dimensão.

Um tempo depois, Tengo subitamente percebeu: era uma *crisálida de ar*.

Era a primeira vez que Tengo via uma crisálida de ar. No romance, ele a havia descrito minuciosamente, mas, claro, nunca tinha visto uma, e tampouco imaginara que ela podia existir de verdade. Era uma crisálida de ar exatamente igual à que ele havia imaginado e descrito no livro. Teve uma intensa sensação de *déjà vu*, como se espremessem seu estômago com um aro metálico. Tengo entrou no quarto e fechou a porta. Era melhor que ninguém visse aquilo. Ao engolir a saliva que se acumulava dentro da boca, um estranho barulho se ouviu no fundo de sua garganta.

Tengo se aproximou lentamente da cama e, à distância de um metro, observou atentamente o formato da crisálida. Foi então que constatou que era exatamente igual à que ele havia desenhado quando reescrevia a história. Antes de descrevê-la em palavras, ele havia esboçado um desenho simples a lápis, de modo a fixar visualmente a imagem que havia mentalizado, para depois transcrevê-la no texto. Enquanto ele reescrevia *Crisálida de ar*, o desenho ficara pendurado com uma tachinha na parede em frente a sua escrivaninha. O formato lembrava mais um *casulo* do que propriamente uma crisálida, mas, tanto para Fukaeri quanto para Tengo, o objeto só poderia ser chamado de “crisálida de ar”.

Durante a revisão, Tengo inseriu por conta própria as características externas da crisálida de ar, como a elegante cavidade existente na parte central e as arredondadas protuberâncias em suas extremidades. Isso tudo era fruto da imaginação de Tengo. Na história “oral” contada por Fukaeri, não havia esse tipo de detalhe. Para Fukaeri, a crisálida de ar era apenas uma crisálida de ar, ou seja, algo entre o objeto e o conceito e, para ela, não havia a necessidade de

descrevê-la minuciosamente. Por isso, Tengo precisou imaginar os detalhes para compor a descrição de seu formato. A crisálida de ar que Tengo via diante de seus olhos tinha uma nítida cavidade na parte central e belas protuberâncias nas extremidades.

“É exatamente a mesma crisálida de ar que eu desenhei e descrevi em palavras”, pensou Tengo. Estava acontecendo justamente como daquela vez em que vira as duas luas no céu. O que ele havia descrito, de algum jeito, tornava-se real, e nos mínimos detalhes. A relação de causa e efeito estava desordenada.

Tengo sentiu uma estranha sensação nos braços e nas pernas, como se estivessem espremendo seus nervos, e um arrepio percorreu seu corpo. Não conseguia discernir neste seu mundo até que ponto as coisas eram reais, e onde começava a ficção. Até onde aquilo pertencia a Fukaeri, a partir de onde era de Tengo? E a partir de onde seria dos “dois”?

Na parte superior da crisálida havia uma fenda que se estendia longitudinalmente em linha reta. A crisálida estava prestes a se romper, e a abertura tinha cerca de dois centímetros de largura. Se inclinasse o corpo e espiasse pela fenda, poderia ver o que havia dentro dela. Mas Tengo não tinha coragem de fazer isso. Ele se sentou no tamborete ao lado da cama e, movimentando ritmicamente os ombros para cima e para baixo, tentando controlar a respiração, continuou a observar atentamente a crisálida de ar. Ela emitia uma luz suave e permanecia imóvel, como um problema matemático aguardando pacientemente pela resolução de Tengo.

O que havia dentro dessa crisálida de ar?

“O que ela quer me mostrar?”

Na obra *Crisálida de ar*, a protagonista encontra a outra parte de seu próprio eu dentro da crisálida. Ela encontra sua *dohta*. Depois, ela foge da comuna sozinha, deixando para trás a *dohta*. Mas o que havia dentro da crisálida de ar de Tengo? (Ele intuitivamente achava que aquela era *sua própria* crisálida.) Será que era uma coisa boa? Ou algo ruim? Será que o conduziria para algum outro lugar? Ou o levaria a se perder? E, afinal, quem a teria trazido aqui?

Tengo sabia muito bem que devia tomar uma atitude. Mas ele não conseguia se imbuir de coragem para se levantar e espiar dentro da crisálida de ar. Tengo estava com medo. Temia que o conteúdo pudesse machucá-lo, ou causar uma grande mudança em sua vida. Ao pensar nisso, sentado sobre o pequeno tamborete, sentia seu corpo retesado, como uma pessoa encurralada, sem ter para onde fugir. Era o mesmo tipo de medo que o impedira de verificar o registro familiar de seus pais. O mesmo medo que também o impediu de procurar Aomame. O medo fazia com que *não quisesse saber* o que havia dentro daquela crisálida. Se pudesse resolver isso sem ter de descobrir as

coisas, ele assim o faria. Se pudesse, bem que gostaria de sair imediatamente daquele quarto e pegar o primeiro trem para Tóquio. E, com os olhos fechados e os ouvidos tapados, fugiria para o seu pequenino mundo particular.

Mas Tengo sabia que não podia fazer isso. “Se eu fugir daqui sem descobrir o que há dentro da crisálida, vou me arrepender amargamente pelo resto da vida. Se eu desviar o olhar *dessa coisa*, sei que jamais me perdoarei.”

Sem saber o que fazer, Tengo permaneceu um bom tempo sentado no tamborete. Não conseguia seguir em frente nem recuar. Com as mãos cruzadas sobre o colo, observava a crisálida de ar sobre o leito e, de vez em quando, desviava o olhar furtivamente para a janela. O sol se pôs e uma tênue luz noturna gradativamente envolvia o bosque de pinheiros. Continuava sem ventar e não se ouvia o barulho das ondas do mar. O silêncio era tanto que chegava a causar estranhamento. Conforme o quarto ficava mais escuro, a luz emitida pela forma branca tornava-se mais intensa. Tengo achou que aquilo tinha vida. Ela irradiava um brilho sereno de vida, possuía um calor próprio e uma discreta ressonância vital.

Tengo finalmente resolveu se levantar do tamborete e se inclinou sobre a cama. Não podia fugir. Não podia continuar a agir como uma criança medrosa e desviar o olhar das coisas diante de si. O verdadeiro poder de um homem só se adquire quando este conhece a verdade, não importa o que seja essa verdade.

A fenda na crisálida de ar continuava do mesmo jeito: a abertura não estava nem maior nem menor. Tengo estreitou os olhos e tentou espiar o que havia lá dentro, mas não conseguiu enxergar nada; estava escuro, e uma membrana fina parecia ocultar o local. Tengo procurou manter o ritmo da respiração e cuidou para que as pontas de seus dedos não tremessem. Em seguida, colocou os dedos por entre a fenda de dois centímetros e a afastou lentamente para os lados, como se estivesse abrindo uma porta dupla. A crisálida facilmente se abriu sem opor resistência, sem emitir nenhum som. Era como se aguardasse as mãos de Tengo.

A crisálida emanava de seu interior uma suave luminosidade que lembrava o reflexo da luz na neve. Essa luz, apesar de tênue, era suficiente para deixar ver o interior.

E o que Tengo pôde ver foi uma linda menina de 10 anos.

Ela dormia profundamente. Usava um vestido branco simples, sem ornamentos, parecido com uma camisola, e suas pequeninas mãos estavam cruzadas sobre o peito reto. Num piscar de olhos, Tengo conseguiu identificá-la. O rosto era fino e os lábios desenhavam uma

linha reta, como se tivessem sido traçados com uma régua. Uma franja bem-cortada cobria a testa lisa, de belo formato. O pequeno nariz, discretamente voltado para cima, parecia requerer algo. As maçãs do rosto eram ligeiramente salientes. As pálpebras estavam cerradas, mas Tengo sabia quais olhos surgiriam no momento em que se abrissem. Não tinha como não saber. Durante esses vinte anos, ele vivera com a imagem daquela menina em seu coração.

— Aomame — disse Tengo.

A menina continuava a dormir. Um sono naturalmente profundo. A respiração era sutil. As batidas de seu coração eram igualmente leves, a ponto de não se poder ouvi-las. Ela parecia não ter força suficiente para abrir as pálpebras. Ainda não havia *chegado a hora*. Sua consciência estava num local distante, longe dali. Mesmo assim, a palavra que Tengo dissera fez vibrar levemente os tímpanos dela. Aquela palavra era o seu nome.

De um local distante, Aomame escutou alguém chamá-la. “Tengo”, pensou, e sua boca pronunciou claramente o nome dele. Mas a palavra não moveu os lábios da menina dentro da crisálida de ar, e tampouco alcançou os ouvidos de Tengo.

Tengo continuou fitando o rosto de Aomame sem se cansar, mantendo uma respiração superficial, como se sua alma tivesse sido roubada. O rosto da menina lhe pareceu denotar serenidade, e não se via nele nenhuma sombra, por menor que fosse, de tristeza, dor ou insegurança. Agora os lábios pequenos e finos davam a impressão de que, a qualquer momento, começariam a se mover e a dizer algo significativo. Suas pálpebras também pareciam prestes a se abrir. Tengo rezou, do fundo do coração, para que isso realmente acontecesse. Ele não sabia dizer as palavras corretas de uma oração, mas, mesmo assim, seu coração proferiu para o universo sua oração sem forma. Porém, não havia sinal de que ela despertaria do sono.

— Aomame — Tengo novamente a chamou.

Ele tinha muitas coisas a lhe dizer. Sentia igualmente necessidade de dizer todas as coisas. Durante muitos anos ele vivera carregando aquilo. Mas, naquele momento, a única coisa que Tengo podia fazer era chamá-la pelo nome.

— Aomame — ele novamente a chamou.

Tengo ousou estender o braço para tocar as mãos daquela menina que permanecia deitada dentro da crisálida de ar. Ele colocou sua enorme mão de adulto sobre suas pequeninas mãos. Foram essas mãos pequeninas que seguraram firmemente a mão do Tengo de 10 anos e o encorajaram. As mãos daquela menina, que dormia envolta numa tênue luz, continham um inconfundível calor de vida. Aomame viera até ali transmitir-lhe aquele calor. Assim pensou Tengo. Esse era o significado daquele pacote que ela lhe entregara vinte anos atrás.

Ele finalmente abriu o pacote e viu com seus próprios olhos o que havia dentro dele.

— Aomame — disse Tengo. *Eu vou te encontrar, custe o que custar.*

A luminosidade da crisálida de ar foi gradativamente desaparecendo na escuridão e, mesmo após a figura da menina Aomame desaparecer — Tengo ainda não conseguia discernir se aquilo havia ou não acontecido de verdade —, os dedos dele continuavam a sentir o toque e o íntimo calor daquelas mãozinhas.

Provavelmente, ele nunca mais deixaria de sentir aquele calor, pensou Tengo, já dentro do trem expresso de volta a Tóquio. Durante esses vinte anos, Tengo vivera carregando consigo o toque e a lembrança das mãozinhas daquela menina. De agora em diante, continuaria a viver com esse novo calor que ela proporcionara.

Quando o trem expresso fez uma grande curva, contornando as montanhas próximas à orla marítima, Tengo viu no céu as duas luas, uma ao lado da outra. Elas pairavam nitidamente sobre o mar calmo. Uma lua grande e amarela, a outra pequena e esverdeada. Os contornos eram brilhantes, mas a distância, imensurável. As pequenas ondulações que se formavam na superfície do mar refletiam o misterioso brilho das luas, como se fragmentos de vidro tivessem sido espalhados no mar. As duas luas foram se movendo lentamente do lado de fora da janela, enquanto o trem seguia contornando as montanhas, até saírem do campo visual, deixando apenas os pequenos fragmentos brilhantes como um sugestivo sinal de suas silenciosas presenças.

Quando as luas não podiam mais ser vistas, Tengo sentiu novamente que seu coração se aquecia. E, como um viajante que depara com uma pequena luz em seu caminho, esse calor lhe transmitia uma promessa, ainda que sutil.

“De agora em diante, pretendo viver neste mundo”, pensou Tengo, com os olhos fechados. Ele não sabia como o mundo funcionava, nem quais eram os princípios que o regiam. Não tinha ideia do que aconteceria com ele dali em diante. Mas não importava. Não havia necessidade de ter medo. Independentemente do que acontecesse com ele, viveria nesse mundo com duas luas e, de algum modo, encontraria o caminho a seguir, desde que não esquecesse esse calor aconchegante; desde que jamais renunciasse a esse sentimento.

Tengo manteve os olhos fechados por um bom tempo. Quando finalmente os abriu, a escuridão da noite de início de outono se revelava pela janela. Não era mais possível ver o mar.

“Vou encontrar Aomame”, Tengo reafirmou sua decisão. “Não

importa o que aconteça, não importa que mundo seja esse, não importa quem ela seja.”

ALFAGUARA

Haruki Murakami

1Q84 | Livro 3



HARUKI
MURAKAMI



LIVRO 3
outubro – dezembro

TRADUÇÃO DO JAPONÊS
LICA HASHIMOTO

ALFAGUARA



Copyright © 2010 by Haruki Murakami

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
1Q84

Capa
Retina_78

Revisão
Ana Kronemberger
Luara França

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

Proibida a venda em Portugal

Os trechos de Karen Blixen (Isak Dinesen) reproduzidos nesta edição são de tradução de Claudio Marcondes (*A fazenda africana*, Cosac Naify, 2005)

A citação de *Macbeth*, de William Shakespeare, foi adaptada da tradução de Barbara Heliodora (*Hamlet e Macbeth*, Nova Fronteira, 1995)



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M944u
Murakami, Haruki
1Q84 [recurso eletrônico] : Livro 3 (outubro-dezembro) / Haruki Murakami ; tradução do japonês Lica Hashimoto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Alfaguara, 2013.
recurso digital
Tradução de: *1Q84*
Sequência de: *1Q84 - Livro 2*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
405p. ISBN 978-85-7962-276-2 (recurso eletrônico)
1. Romance japonês. 2. Livros eletrônicos. I. Hashimoto, Lica. II. Título.
13-06729 CDD: 895.63
CDU: 821.521-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

- 1 - Ushikawa – Algo que chuta na remota conexão do consciente
- 2 - Aomame – Sozinha, mas não solitária
- 3 - Tengo – As feras estão vestidas
- 4 - Ushikawa – A navalha de Occam
- 5 - Aomame – Por mais que se contenha a respiração
- 6 - Tengo – Pinica meu polegar
- 7 - Ushikawa – Estou caminhando em sua direção
- 8 - Aomame – A porta não é das piores
- 9 - Tengo – Antes de a saída se fechar
- 10 - Ushikawa – Reunir provas concretas
- 11 - Aomame – Não há coerência nem bondade
- 12 - Tengo – As regras do mundo estão se afrouxando
- 13 - Ushikawa – É isso o que significa voltar à estaca zero?
- 14 - Aomame – Esse meu ser pequenino
- 15 - Tengo – Não estou autorizado a falar sobre isso
- 16 - Ushikawa – Uma máquina insensível, eficaz e resistente
- 17 - Aomame – Só tenho um par de olhos
- 18 - Tengo - Quando se espeta alguém com uma agulha, sangue vermelho é derramado
- 19 - Ushikawa - Coisas que ele consegue fazer, e as pessoas comuns não
- 20 - Aomame – Parte da minha transformação
- 21 - Tengo – Algum lugar dentro de sua mente
- 22 - Ushikawa – Olhos que expressam piedade
- 23 - Aomame – A luz estava definitivamente ali
- 24 - Tengo – Deixando a cidade dos gatos
- 25 - Ushikawa – Faça frio ou não, Deus está presente
- 26 - Aomame – Muito romântico
- 27 - Tengo – O mundo todo é insuficiente
- 28 - Ushikawa – E uma parte de sua alma
- 29 - Aomame – Nunca mais vou largar sua mão
- 30 - Tengo – Se eu não estiver errada
- 31 - Tengo e Aomame – Como uma ervilha dentro da vagem

Ushikawa

Algo que chuta na remota conexão do consciente

— Por gentileza, senhor Ushikawa, poderia não fumar? — disse o rapaz de estatura mais baixa.

Ushikawa fitou momentaneamente o homem sentado do outro lado da mesa para, em seguida, lançar um rápido olhar ao Seven Stars preso entre os dedos. O cigarro estava apagado.

— Agradeceria muito — acrescentou o homem, reforçando o pedido educadamente.

Ushikawa esboçou confusão e surpresa, como se imaginando de que forma aquilo fora parar em sua mão.

— Ah! Sinto muito. Nem sei o que estou fazendo. É claro que não vou acender. É que minhas mãos agem sem eu perceber.

O queixo do rapaz balançou discretamente cerca de um centímetro sem contudo desviar seu olhar, fixo em Ushikawa. Sob esse olhar, Ushikawa devolveu o cigarro à sua embalagem e prontamente guardou o maço na gaveta.

O rapaz alto, cujos cabelos pendiam num rabo de cavalo, permanecia em pé ao lado da porta com o corpo quase encostado ao batente, fitando-o como quem observa uma *mancha* incrustada na parede. “Dupla sinistra”, pensou Ushikawa. Era o terceiro encontro, mas, sempre que se viam, Ushikawa sentia desassossego.

No escritório não muito grande de Ushikawa havia uma única mesa, e o rapaz baixo de cabelo rente estava sentado bem à sua frente. O rapaz se incumbia de conversar enquanto o outro, o de rabo de cavalo, mantinha-se em silêncio, totalmente imóvel e com o olhar fixo em Ushikawa, como as estátuas de cães guardiões à entrada de santuários xintoístas.

— Já se passaram três semanas — disse o rapaz de cabelo rente.

Ushikawa pegou o calendário de mesa e, após verificar algumas anotações, concordou:

— Realmente. Hoje fazem exatamente três semanas desde a última vez em que nos encontramos.

— Durante esse período não recebemos nenhuma informação. E como já lhe disse anteriormente, senhor Ushikawa, temos urgência em resolver este assunto o mais rápido possível; não dispomos de tempo.

— Estou ciente disso — disse Ushikawa, mexendo o isqueiro dourado no lugar do cigarro. — Não temos tempo a perder. Sei muito bem disso.

O rapaz de cabelo rente aguardou Ushikawa prosseguir a conversa.

— A questão é que eu não sou do tipo que fornece informações a contagotas. Não gosto de falar uma coisinha aqui e outra ali. Quero, antes de tudo, ter uma ideia do conjunto, entender as relações existentes entre os fatos e o que está por trás disso tudo. Informações mal transmitidas podem provocar inconvenientes desnecessários. Pode parecer um capricho da minha parte, mas saiba, senhor Onda, que este é o meu jeito para trabalhar — disse Ushikawa.

O rapaz de cabelo rente chamado Onda lançou-lhe um olhar de indiferença. Ushikawa sabia que o rapaz não tinha uma boa impressão dele, mas isso era o de menos. Das lembranças que guardava desde a infância, ele jamais causara boa impressão em ninguém. Isso se tornou algo mais que normal. Seus pais e os irmãos nunca gostaram dele e, tampouco, os professores e os colegas de classe. A esposa e os filhos também não gostavam dele. Se, porventura, alguém tivesse uma boa impressão dele, aí sim ele teria motivo de ficar um tanto incomodado. Mas o contrário não.

— Senhor Ushikawa, saiba que, na medida do possível, gostaríamos de respeitar o seu modo de conduzir as coisas. E o senhor há de concordar que sempre soubemos respeitar esse seu estilo de trabalho. Até agora. Mas, desta vez, a situação é diferente. Infelizmente, neste caso em particular, não dispomos de tempo para aguardar os fatos serem integralmente elucidados.

— O senhor está dizendo isso, mas, senhor Onda, creio que os senhores não ficaram todo esse tempo simplesmente de braços cruzados aguardando informações minhas — comentou Ushikawa. — É de supor que, paralelamente, os senhores estiveram agindo a seu modo em busca de informações. Não é mesmo?

Onda não respondeu. Os lábios permaneceram horizontalmente cerrados. O rosto manteve-se igualmente inexpressivo. Mas Ushikawa percebeu que o seu comentário não fora de todo infundado. Nas últimas três semanas, eles montaram uma equipe e, adotando uma estratégia diferente da de Ushikawa, buscavam o paradeiro de uma certa mulher. Mas não obtiveram resultados. Era por isso que essa dupla sinistra resolvera procurá-lo novamente.

— Dizem que, para descobrir a trilha de uma cobra, só mesmo sendo uma — disse Ushikawa, olhando a palma das mãos como se tivesse acabado de revelar um segredo risível. — Por mais que ocultem os fatos, me considero uma cobra. A minha aparência, como se pode notar, não é boa, mas meu faro é apurado. Por mais insignificante que seja, tenho a capacidade de farejar até descobrir onde estão. Mas, como sou originariamente uma cobra, só consigo trabalhar do meu jeito e no meu ritmo. Entendo perfeitamente que o tempo é importante, mas peço que esperem um pouco mais. Se não tiverem paciência, podem pôr tudo a perder.

Onda observava pacientemente o isqueiro dourado girando na mão de Ushikawa e, um tempo depois, ergueu o rosto e disse:

— Será que o senhor poderia nos adiantar algumas informações, ainda que parciais? Entendo a sua posição, mas, se não levarmos alguma informação objetiva, nossos superiores ficarão inconformados. Nossa situação é delicada. E

creio que a do senhor também não é das mais confortáveis.

“Esses caras também estão sendo pressionados”, pensou Ushikawa. Os dois foram considerados exímios lutadores de artes marciais e designados para serem os guarda-costas do Líder. Mas, apesar disso, não puderam evitar que o Líder fosse morto debaixo de seu nariz. Não. O fato é que não havia indícios de que ele fora assassinado. Alguns médicos, integrantes do grupo religioso, examinaram o cadáver, mas não encontraram nenhuma marca que pudesse ser considerada um ferimento. Mas na enfermaria do centro havia somente equipamentos simples. Sem contar que não havia disponibilidade de tempo. Se tivesse sido realizada uma autópsia minuciosa por um legista especializado, haveria a possibilidade de se descobrir algo, mas agora era tarde demais. Em segredo, eles já haviam dado fim ao corpo dentro de suas instalações.

Seja como for, o fato de não terem protegido o Líder os deixava numa situação delicada. Agora a incumbência era encontrar a mulher que havia desaparecido. A ordem era encontrá-la, de qualquer jeito. Porém, até o momento, nada conseguiram de concreto. A despeito de serem exímios seguranças e guarda-costas, faltava-lhes a habilidade de encontrar uma pessoa que sumiu sem deixar vestígios.

— Está bem — disse Ushikawa. — Vou revelar algumas coisas que descobri. Mas, veja bem, não posso contar tudo.

Onda estreitou os olhos e, após observar Ushikawa durante um tempo, concordou:

— Está bem. Nós também temos algumas informações. Talvez o senhor já saiba, ou não. Vamos compartilhar o que sabemos.

Ushikawa largou o isqueiro e cruzou as mãos sobre a mesa:

— Uma jovem chamada Aomame foi chamada para ir à suíte do Hotel Ôkura e realizar uma seção de alongamento muscular no Líder. Isso foi no início de setembro, naquela noite em que caiu uma forte tempestade na cidade. Ela permaneceu cerca de uma hora no quarto contíguo e, após a sessão de tratamento, se retirou, deixando o Líder dormindo. Antes de ir embora, ela pediu para que vocês o deixassem descansar por pelo menos duas horas, sem movê-lo do lugar. E vocês seguiram à risca essa instrução. Mas o fato é que o Líder não estava dormindo. Naquela hora, já estava morto. Não foi encontrado nenhum ferimento aparente. Parecia ter sido acometido de um ataque cardíaco. Mas, logo depois, essa mulher desapareceu. Ela havia desocupado antecipadamente o apartamento, e o local estava totalmente vazio. No dia seguinte, o clube esportivo em que ela trabalhava recebeu sua carta de demissão. Tudo estava de acordo com um plano. Conclui-se, portanto, que a morte do Líder não foi um mero acidente e, sendo assim, temos de presumir que Aomame o matou.

Onda concordou com a cabeça. Não havia objeções até aquele ponto.

— O objetivo de vocês é descobrir o que de fato aconteceu naquele dia. E, para isso, é necessário encontrar essa mulher, custe o que custar.

— Queremos saber se foi realmente essa tal de Aomame que matou o nosso Líder e, caso tenha sido ela, queremos saber os motivos que a levaram a

isso.

Ushikawa pôs-se a observar os dez dedos entrelaçados sobre a mesa, como se fossem objetos estranhos, jamais vistos e, um tempo depois, levantou o rosto e olhou para o rapaz:

— Vocês já investigaram a família de Aomame, certo? Todos são adeptos das Testemunhas de Jeová e fiéis seguidores. Os pais continuam empenhados em propagar e aliciar novos membros, de porta em porta. O irmão mais velho, de trinta e quatro anos, trabalha na sede da religião situada na cidade de Odawara. É casado e tem dois filhos. A esposa também é Testemunha de Jeová. A única da família que largou a religião foi Aomame e, segundo seus familiares, como cometeu esta “apostasia”, eles cortaram os laços. Não há nenhum indício de que a família tenha tido algum contato com ela nos últimos vinte anos. A possibilidade de eles a acobertarem é impensável. Ela decidiu romper com a família aos onze anos e, desde então, passou a viver praticamente por conta própria. Chegou a morar durante um tempo na casa de seu tio, mas, ao ingressar no colegial, tornou-se totalmente independente. Algo que, de fato, pode-se considerar formidável. Ela é uma mulher forte, de fibra.

O rapaz de cabelo rente não teceu nenhum comentário. Obviamente, eram informações já sabidas.

— Creio não haver nenhuma ligação entre as Testemunhas de Jeová e este caso em particular. Eles formam um grupo radical de caráter pacifista, de não resistência. Não é provável que tenham se organizado para planejar a morte do Líder. Quanto a isso, vocês concordam, não é?

Onda balançou a cabeça afirmativamente, e disse:

— Neste caso, sabíamos que as Testemunhas de Jeová não estavam envolvidas, mas, por precaução, conversamos com o irmão dela. Afinal, *todo cuidado é pouco*. E constatamos que ele realmente não sabia de nada.

— Vocês arrancaram as unhas dele, já que todo cuidado é pouco?

Onda ignorou essa pergunta.

— Estou brincando. Me desculpe. Por favor, não se zangue. De qualquer modo, estou certo de que o irmão desconhecia quaisquer ações ou o paradeiro de Aomame — continuou Ushikawa. — Apesar de eu ser uma pessoa pacífica e jamais tomar uma atitude drástica, disso eu sei. Sei que Aomame não tem nenhuma ligação com a família ou com as Testemunhas de Jeová, mas, de qualquer modo, ela não agiu sozinha. É impossível que só uma pessoa possa realizar algo tão difícil. Ela apenas seguiu à risca as instruções minuciosamente planejadas. E desapareceu como num passe de mágica. Há muitas pessoas envolvidas, e uma considerável soma de dinheiro por trás disso. A pessoa ou a organização na retaguarda de Aomame tinha motivos para matar o Líder. Por isso, planejou tudo detalhadamente. Creio que vocês também concordam comigo, não?

Onda meneou a cabeça.

— De um modo geral, sim.

— No entanto, não temos nenhuma pista de que tipo de organização

estaria por trás disso — disse Ushikawa. — Obviamente, vocês também verificaram as amizades e as relações sociais de Aomame, não?

Onda concordou, sem se pronunciar.

— Pois então. Ela não possui nenhuma amizade significativa — disse Ushikawa. — Ela não tem amigos e parece que também não tem namorado. Possui alguns colegas de trabalho, mas nenhum que mantenha um relacionamento pessoal fora dele. Eu não consegui encontrar ninguém com quem ela tenha tido um relacionamento mais íntimo. Por que será? Ela é jovem, saudável e não deixa de ser uma mulher atraente.

Dito isso, Ushikawa olhou para o rapaz de rabo de cavalo que estava em pé na porta. Ele mantinha a mesma postura e olhar. Um rosto essencialmente inexpressivo, e categoricamente inalterável. “Será que ele tem um nome?”, pensou Ushikawa. Não seria de admirar, caso não tivesse.

— Vocês são os únicos que viram o rosto de Aomame — comentou Ushikawa. — E então? Ela possui alguma particularidade?

Onda balançou a cabeça negativamente.

— É como o senhor acabou de dizer. Ela é jovem e possui *um certo* encanto, mas não chega a ser uma mulher estonteante, que chama a atenção por sua beleza. É uma pessoa serena e calma. Parecia ser muito segura e confiante em sua habilidade profissional. Fora isso, nada mais chamou especial atenção. A impressão que se tem de sua aparência é um tanto vaga, e não consigo lembrar nenhum detalhe de seu rosto. Chega a ser estranho.

Ushikawa lançou novamente o olhar em direção ao rapaz na porta. Quem sabe quisesse comentar algo. Mas ele não demonstrou nenhuma intenção de falar.

Ushikawa olhou para o rapaz de cabelo rente.

— Vocês, obviamente, já devem ter verificado os registros telefônicos de Aomame dos últimos meses, não?

Onda balançou a cabeça negativamente.

— Isso ainda não fizemos.

— Pois recomendo que façam. Sem falta — disse Ushikawa, esboçando um sorriso. — As pessoas telefonam para diversos lugares e igualmente recebem ligações de outros tantos. Ao verificar os registros telefônicos descobre-se naturalmente o padrão de vida da pessoa. O caso de Aomame não é uma exceção. Não é tarefa fácil conseguir os registros telefônicos de uma linha particular, mas também não é impossível. Pois então, para se conhecer o caminho da cobra, só mesmo sendo cobra, não disse?

Onda aguardou em silêncio a continuação da conversa.

— Ao verificar atentamente os registros telefônicos de Aomame, descobri alguns fatos. Digamos que ela é um caso raro entre as mulheres; parece que não gosta muito de falar ao telefone. A quantidade de ligações é pequena, e a conversa também costuma ser breve. De vez em quando, há um ou outro telefonema mais longo, mas, é uma exceção. A maior parte das ligações era para o clube esportivo em que trabalhava, mas como ela trabalhava meio período, como

freelancer, alguns desses trabalhos de personal trainer ela negociava diretamente com os seus clientes, sem passar pelo balcão da academia. Esse tipo de telefonema também era comum. Aparentemente, eram ligações que não despertariam nenhuma suspeita.

Ushikawa fez uma pausa e, ao observar sob vários ângulos a mancha de nicotina impregnada em seus dedos, veio-lhe à mente a imagem de um cigarro. E, mentalmente, acendeu-o, tragou e soltou a fumaça.

— Mas encontrei duas exceções. Uma delas trata-se de duas ligações feitas para a polícia. Não para o número de emergência, mas para a divisão de trânsito da polícia metropolitana de Shinjuku. E ela também recebeu algumas ligações desse local. Mas Aomame não possuía carro, e um policial não contrataria um personal trainer de um clube esportivo de elite. Diante disso, temos de supor que ela tinha algum amigo que trabalhava nessa seção. Não sabemos exatamente quem. Outra coisa que me deixou intrigado foi que, além disso, há alguns telefonemas longos feitos de um número não identificado. As ligações são originadas desse número e ela mesma nunca ligou para ele. Tentei identificá-lo de várias maneiras, mas não consegui. Existem números telefônicos registrados para que o nome não venha a público, mas, mesmo nesses casos, há meios de descobri-los. No entanto, daquele número em particular não há como descobrir o nome, por mais que se procure. A informação está guardada *a sete chaves*. Isso é algo difícil de fazer.

— Quer dizer que essa pessoa consegue fazer coisas incomuns.

— Exatamente. Não há dúvidas de que são profissionais.

— Uma outra cobra — disse Onda.

Ushikawa alisou sua cabeça calva e deformada e esboçou um sorriso maroto.

— Isso mesmo. Uma outra cobra. daquelas bem terríveis.

— De qualquer modo, está ficando bem claro que existe um profissional por trás dela — disse Onda.

— Exatamente. Existe alguma organização dando cobertura a Aomame. E essa organização não é de amadores, uma diversão para as horas livres.

Onda observou Ushikawa durante um tempo, com os olhos semicerrados. Depois virou-se para a porta e olhou em direção ao rapaz de rabo de cavalo que continuava em pé ao lado dela. Este fez um breve e discreto sinal indicando que estava entendendo a conversa. Onda novamente voltou-se para Ushikawa.

— E? — indagou Onda.

— E — continuou Ushikawa. — Agora é a minha vez de perguntar. Vocês sabem de alguma coisa? Desconfiam de algum grupo ou organização que desejava matar o seu líder?

Onda franziu as sobancelhas longas e, ao juntá-las, três rugas se formaram na base do nariz.

— Senhor Ushikawa, pense bem. Nós somos um grupo religioso. Buscamos alcançar a paz no coração e uma vida pautada em valores espirituais.

Vivemos em harmonia com a natureza e nos dedicamos diariamente à agricultura e à prática ascética. Quem em sã consciência poderia nos considerar inimigos? Que vantagem haveria nisso?

Ushikawa esboçou um sorriso hesitante nos cantos dos lábios.

— Existem fanáticos em todo o mundo. Ninguém sabe o que eles são capazes de pensar, não é mesmo?

— De nossa parte, não temos nenhuma desconfiança de quem quer que seja — respondeu Onda, ignorando a ironia contida nas palavras de Ushikawa.

— E o grupo Akebono? O grupo dissidente não estaria disperso por aí tramando algo?

Onda novamente balançou a cabeça, desta vez demonstrando convicção de que isso era uma ideia descabida. Eles devem ter esmagado o grupo Akebono, de modo que seus antigos membros não fossem motivo de preocupações futuras. Possivelmente, sem deixar vestígios.

— Tudo bem. Então quer dizer que vocês também não têm ideia de quem possa estar por trás disso. Mas o fato é que existe uma organização cuja meta era matar o seu líder, e que conseguiu cumpri-la com extrema habilidade e astúcia. E a pessoa que o fez desapareceu como fumaça. É um fato inquestionável.

— Precisamos desvendar essa história.

— Sem envolver a polícia.

Onda assentiu.

— Isso é um problema nosso, e não da justiça.

— Entendo. Isso é um problema de vocês, não da justiça. A conversa está muito clara e facilita o entendimento — disse Ushikawa. — Mas eu gostaria de fazer mais uma pergunta.

— Fique à vontade — disse Onda.

— Quantas pessoas do grupo sabem da morte do líder?

— Nós dois sabemos — respondeu Onda. — Duas pessoas ajudaram a transportar o corpo. E são meus subordinados. Há também cinco pessoas do alto conselho. Ao todo, nove. Três donzelas do santuário ainda não sabem, mas em breve saberão. Elas serviam pessoalmente o líder e não há como esconder isso por muito tempo. E, além dessas pessoas, obviamente o senhor.

— Ao todo, são treze.

Onda permaneceu em silêncio.

Ushikawa respirou fundo.

— Posso ser sincero?

— Por favor — disse Onda.

— Sei que o que vou dizer agora não tem cabimento, mas vocês deveriam ter informado a polícia assim que descobriram que o líder estava morto. Seja como for, a morte dele deveria se tornar pública. Não se pode ocultar para sempre um acontecimento dessa grandeza. Um segredo compartilhado por mais de dez pessoas deixa de ser segredo. É inevitável; em breve vocês estarão encrencados.

A expressão do rapaz de cabelo rente manteve-se inalterada.

— Esse tipo de decisão não faz parte do meu trabalho. Apenas siga ordens.

— Então quem é que decide?

Não houve resposta.

— É a pessoa que vai substituir o Líder?

Onda permaneceu em silêncio.

— Está bem — disse Ushikawa. — Vocês receberam instruções de um superior e secretamente cuidaram do corpo do líder. Na sua organização a ordem dos superiores é absoluta. Mas, do ponto de vista da justiça, isso que vocês fizeram é ocultação de cadáver, e é considerado um crime extremamente grave. Creio que você já deve saber, não é?

Onda concordou.

Ushikawa novamente respirou fundo.

— Eu já lhe disse anteriormente, mas, na pior das hipóteses, se a polícia for envolvida nessa história, quero que sustentem a versão de que vocês não me contaram nada sobre a morte do Líder. Não quero ser acusado e me envolver em questões criminais.

— O senhor não foi informado sobre a morte do Líder. Nós o contratamos como um investigador externo para descobrir o paradeiro de uma mulher chamada Aomame. O senhor não está infringindo a lei — disse Onda.

— Assim está ótimo. Eu não sei de nada — disse Ushikawa.

— Se fosse possível, evitaríamos falar da morte do Líder com pessoas de fora do grupo, mas quem realizou a investigação sobre Aomame e deu o sinal verde para que a contratássemos foi o senhor e, sendo assim, o senhor já está *efetivamente* envolvido no caso. Precisamos de sua ajuda para encontrá-la. E o senhor possui a reputação de ser uma pessoa sigilosa.

— Guardar segredo é fundamental na minha profissão. Quanto a isso, não se preocupe. Não há nenhum perigo de algo escapar de minha boca.

— Caso o segredo seja revelado, e descobirmos que a informação partiu do senhor, saiba que poderá acontecer algo desagradável.

Ushikawa novamente olhou para os dez dedos entrelaçados pesadamente, apoiados sobre a mesa, com uma expressão de quem está surpreso em constatar que aqueles dedos lhe pertencem.

— Algo desagradável — repetiu Ushikawa, erguendo o rosto e dirigindo o olhar para o rapaz.

Onda estreitou levemente os olhos.

— Seja como for, a morte do Líder deve ser mantida em segredo. Para que isso se cumpra, nem sempre podemos escolher os meios.

— Vou guardar segredo. Não se preocupe — disse Ushikawa. — Até agora, nossa parceria tem dado certo. Aceitei trabalhos que lhes eram inconvenientes e os resolvi discretamente. Às vezes eram trabalhos difíceis, mas fui fartamente remunerado. Tenho dois zíperes fechando a minha boca. Não tenho nenhum tipo de crença, mas, como recebi uma ajuda pessoal do líder morto, não vou medir esforços para descobrir o paradeiro de Aomame e, para

isso, tenho me empenhado ao máximo em saber o que há por trás disso. E tenho alcançado alguns *progressos*. Por isso, peço-lhe que tenha um pouco mais de paciência. Em breve creio que terei ótimas notícias.

— As informações parciais que o senhor pode nos passar com segurança foram essas? — indagou Onda.

Ushikawa fez uma pequena pausa para reflexão.

— Como eu disse anteriormente, Aomame telefonou duas vezes para a divisão de trânsito da polícia metropolitana do distrito de Shinjuku. E alguém dessa seção também telefonou para ela algumas vezes. Ainda não consegui identificar o nome dessa pessoa. Afinal é uma divisão da polícia e, por mais que eu pergunte o nome dessa pessoa, não vão me fornecer. Mas naquele momento uma luz brilhou resplandecente nessa minha cabeça feia. Lembrei-me de que havia acontecido alguma coisa envolvendo essa divisão de trânsito. Pensei durante um bom tempo sobre o que é que havia acontecido por lá. O que exatamente estava tentando estabelecer um elo com a minha parca lembrança? Confesso que demorei para lembrar. É dureza envelhecer. A idade faz com que as gavetas da memória deixem de deslizar facilmente. Antes, as lembranças surgiam num piscar de olhos. Foi há uma semana que finalmente consegui me lembrar do que se tratava.

Ushikawa interrompeu a conversa e, após esboçar um sorriso caricatural, observou o rosto do rapaz de cabelo rente. Este aguardou pacientemente a continuação da conversa.

— Foi algo que aconteceu em agosto deste ano. Uma policial jovem que trabalhava na divisão de trânsito da polícia metropolitana do distrito de Shinjuku foi estrangulada num motel no bairro de Maruyama, distrito de Shibuya. Ela foi encontrada completamente nua e presa com as próprias algemas. Foi um pequeno escândalo. Pois então, os telefonemas que Aomame fez para o departamento concentram-se nos meses anteriores a esse incidente. Após essa ocorrência não houve mais nenhuma ligação. O que acha? Não se trata de uma simples coincidência, não acha?

Onda permaneceu em silêncio por algum tempo. Depois, disse:

— Está querendo dizer que Aomame telefonava para a policial assassinada?

— Seu nome era Ayumi Nakano. Idade, vinte e seis anos. Era uma jovem graciosa que esbanjava simpatia. O pai e o irmão mais velho também eram da polícia; uma família de policiais. Era considerada uma excelente oficial. A polícia tem se empenhado em encontrar o criminoso, mas até agora não conseguiram identificá-lo. Desculpe-me fazer esse tipo de pergunta, mas será que você, por acaso, sabe alguma coisa sobre esse incidente?

Onda encarou Ushikawa com um olhar duro e gelido, como se acabasse de sair de uma zona glacial.

— Não estou entendendo onde o senhor quer chegar — disse o rapaz.
— Senhor Ushikawa, por acaso o senhor está insinuando que nós estamos envolvidos nesse caso? Acha que um de nossos homens levou essa policial até um

hotel de má reputação, prendeu-a com algemas e a estrangulou?

Ushikawa discordou, mantendo os lábios cerrados.

— Que absurdo! De jeito nenhum. Jamais pensaria numa coisa dessas. O que estou perguntando é se vocês sabem de alguma coisa relacionada a esse incidente. Apenas isso. Qualquer pista. Quaisquer informações, por mais insignificantes que possam parecer, para mim são muito importantes. Por mais que eu tente espremer o mínimo de conhecimento que possuo, não consigo encontrar uma relação entre o assassinato da policial em Shibuya e o do Líder.

Onda fitou Ushikawa durante um longo tempo, como se estivesse tirando as medidas de um objeto. A seguir, expeliu lentamente o ar dos pulmões:

— Entendi. Levarei essa informação aos meus superiores — disse o rapaz e, na sequência, tirou um bloco e anotou: “Ayumi Nakano, 26 anos, divisão de trânsito do distrito de Shinjuku. Possível relação com Aomame.”

— Exatamente.

— Mais alguma coisa?

— Tenho mais uma pergunta. Creio que deva ter sido alguém do grupo que indicou o nome de Aomame. Essa pessoa deve ter comentado que ela trabalhava em Tóquio e que era uma instrutora esportiva muito competente, especialista em alongamento muscular. E, como você acabou de dizer, fui contratado para investigá-la. Não estou querendo me justificar, mas, como sempre, me empenhei de corpo e alma nesse trabalho. Mas não encontrei nada de estranho, nenhuma suspeita que a desabonasse. A ficha dela era totalmente limpa. Vocês a chamaram para ir à suíte do hotel Ôkura, e o resto vocês já sabem. Pois então, quem foi e de onde surgiu essa recomendação?

— Não sei.

— Não sabe? — indagou Ushikawa, esboçando uma expressão como a de uma criança que desconhece o sentido de uma palavra que acabou de ouvir. — Quer dizer que, apesar de a indicação ter sido feita por alguém do próprio grupo, vocês não sabem quem foi essa pessoa? É isso?

Onda respondeu sem alterar a expressão do rosto:

— Isso mesmo.

— É muito estranho — disse Ushikawa, surpreso.

Onda permaneceu em silêncio.

— Uma história difícil de desvendar, pois se espalhou espontaneamente sem que se saiba de onde, quando e quem indicou o nome dela. É isso?

— Para falar a verdade, quem estava realmente entusiasmado com essa ideia era o próprio Líder — disse Onda, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Algumas pessoas do grupo eram da opinião de que era muito arriscado permitir que uma pessoa, cuja história pessoal nos era desconhecida, fosse autorizada a tocar o corpo do Líder. Nós, seus guarda-costas, também concordávamos com essa opinião. Mas o Líder parecia não se importar com isso. Muito pelo contrário, ele próprio incentivava enfaticamente para que providenciássemos o encontro.

Ushikawa segurou novamente o isqueiro, abriu a tampa e acendeu o

fogo, como a averiguar a intensidade da chama e, rapidamente, fechou a tampa.

— O líder me pareceu uma pessoa extremamente cautelosa — comentou Ushikawa.

— Tem razão. Ele era extremamente atento e cauteloso.

Houve um profundo silêncio.

— Tenho mais uma pergunta — disse Ushikawa. — É sobre Tengo Kawana. Ele mantinha uma relação com uma mulher mais velha, casada, chamada Kyôko Yasuda. Uma vez por semana, ela frequentava o apartamento dele, e passavam algumas horas íntimas. Afinal de contas, são jovens! É mais que natural. Mas, certo dia, inesperadamente o marido dela telefonou para Tengo dizendo que ela não poderia mais se encontrar com ele. E, desde então, Tengo nunca mais teve nenhuma notícia dela.

Onda franziu as sobancelhas.

— Não entendo o motivo dessa conversa. Está querendo me dizer que Tengo Kawana está de alguma forma envolvido nisso?

— Não posso afirmar nada. Mas não é de hoje que estou intrigado. Afinal, independentemente das circunstâncias, o normal seria que, ao menos uma vez, a mulher se dignasse a telefonar para Tengo. O relacionamento deles era íntimo. Mas o estranho é que essa mulher desapareceu sem dar satisfação. Sumiu sem deixar vestígios. Detesto deixar pendente algo que me intriga e, por precaução, achei melhor perguntar se vocês, por acaso, sabem de alguma coisa.

— Eu, pessoalmente, não sei nada sobre essa mulher — disse Onda, com um tom de voz indiferente. — Kyôko Yasuda. Que mantinha um relacionamento com Tengo Kawana.

— Era dez anos mais velha, e casada.

Onda anotou os dados em seu bloco.

— Vou reportar esse assunto aos meus superiores.

— Ótimo — disse Ushikawa. — Por falar nisso, já encontraram Eri Fukada?

Onda ergueu o rosto e fitou Ushikawa, como quem observa uma moldura torta. — Por que o senhor acha que sabemos onde está Eri Fukada?

— Vocês não têm interesse em saber?

Onda meneou a cabeça negativamente.

— Isso não é da nossa conta. Para nós, pouco importa onde ela esteja ou para onde queira ir. Ela é livre para fazer o que bem entender.

— Vocês também perderam o interesse em Tengo Kawana?

— Não temos nenhum vínculo com essa pessoa.

— Um tempo atrás, achei que estavam interessados — disse Ushikawa.

Onda estreitou os olhos e permaneceu durante um longo tempo observando Ushikawa. Por fim, indagou:

— No momento, o *nosso* foco é exclusivamente Aomame.

— O interesse muda constantemente?

Onda mexeu levemente os lábios, mas não houve resposta.

— Senhor Onda, o senhor já leu o romance *Crisálida de ar*, que Eri

Fukada escreveu?

— Não. Dentro da comuna, livros não relacionados à doutrina são de leitura proibida. Sequer podemos tocá-los.

— O senhor já ouvir falar em Povo Pequenino?

— Não — Onda respondeu prontamente.

— Obrigado. Acho que é tudo — disse Ushikawa.

A conversa se encerrou nesse ponto. Onda levantou-se calmamente e ajeitou a gola do paletó. O rapaz de rabo de cavalo afastou-se da parede, dando um passo à frente.

— Senhor Ushikawa, como já lhe disse anteriormente, a questão do tempo é fundamental — disse Onda, voltando os olhos para baixo para observar Ushikawa, que permanecia sentado. — É preciso descobrir o paradeiro de Aomame o mais rápido possível. Nós também estamos nos empenhando ao máximo, mas precisamos que o senhor trabalhe paralelamente, por outras vias de investigação. Se Aomame não for encontrada, estaremos em sérios apuros. Não se esqueça que o senhor é uma das pessoas que guardam um segredo importante.

— Grandes conhecimentos trazem grandes responsabilidades.

— Exatamente — respondeu Onda, com a voz desprovida de emoção. Em seguida, deu meia-volta e saiu, sem olhar para trás. O de rabo de cavalo seguiu o de cabelo rente e, após deixar o escritório, fechou a porta sem fazer barulho.

Assim que os dois saíram, Ushikawa abriu a gaveta e desligou o gravador. Ergueu a tampa, retirou a fita cassete e anotou com uma caneta o dia e a hora na etiqueta. A despeito de sua aparência, a letra de Ushikawa era bonita. Depois, tirou o maço de Seven Stars da gaveta, pegou um cigarro, levou-o a boca e o acendeu com o isqueiro. Tragou com gosto e soltou a fumaça em direção ao teto. Com o rosto voltado para cima, manteve os olhos fechados por alguns instantes. Quando novamente os abriu, olhou para o relógio de parede. Os ponteiros marcavam 2h30. “Realmente, uma dupla sinistra”, Ushikawa disse a si mais uma vez.

Se Aomame não for encontrada, estaremos em sérios apuros, dissera o rapaz de cabelo rente.

Ushikawa visitou duas vezes a sede do grupo Sakigake nas montanhas de Yamanashi e, das vezes em que lá esteve, viu um forno enorme construído no meio da floresta, atrás da sede. O forno era utilizado para queimar lixo e resíduos diversos, mas, como estava programado para atingir uma temperatura bem alta, se um corpo fosse jogado lá dentro não sobraria sequer um osso. Ushikawa sabia que, de fato, alguns corpos haviam sido despejados naquele forno. E que o corpo do Líder teria sido um deles. Evidentemente, Ushikawa não queria morrer daquele jeito. Ele iria morrer algum dia, mas preferia que fosse de maneira menos brutal.

Alguns fatos, porém, Ushikawa não revelara aos rapazes. Expor todas as

cartas não era de seu feitio. As de menor valor poderiam ser rapidamente abertas, mas as mais altas estavam cuidadosamente ocultas, com as faces viradas para baixo. Em tudo se deve garantir a segurança. Como, por exemplo, gravar uma conversa sigilosa numa fita cassete. Ushikawa era perito nesse tipo de jogo. Era incomparável a sua vasta experiência perante a desses jovens guarda-costas que haviam por aí.

Ushikawa tinha em mãos a lista dos nomes dos clientes particulares de Aomame. Uma vez que não se lamenta o tempo nem o esforço, e que a pessoa tenha um pouco de experiência, é possível obter quase todo tipo de informação. Ushikawa investigou rapidamente a vida pessoal dos doze clientes de Aomame. Oito mulheres e quatro homens, todos bem-sucedidos social e financeiramente. Nenhum deles apresentava perfil capaz de ajudar alguém a cometer um assassinato. Mas, dentre eles, havia uma rica senhora com cerca de setenta anos que mantinha um abrigo para mulheres, vítimas da violência doméstica. Ela acolhia as vítimas desse infortúnio e oferecia abrigo num sobrado construído no terreno contíguo a sua ampla propriedade.

A coisa em si era maravilhosa. Acima de qualquer suspeita. Mas algo dava chutes na remota conexão de sua consciência. E, quando algo chutava essa remota conexão, Ushikawa sempre procurava descobrir o que era. Ele possuía um bom faro e, acima de tudo, confiava em sua intuição. Graças a isso, escapara ileso inúmeras vezes. “Violência” pode ser a palavra-chave deste caso. A velha senhora, consciente dos *atos de violência* contra as mulheres, passara a proteger, por iniciativa própria, suas vítimas.

Ushikawa fora conhecer de perto o abrigo. A construção era de madeira e ficava numa área residencial de alto padrão, no topo de uma colina no bairro nobre de Azabu. Era um prédio antigo, mas tinha o seu charme. Por entre as grades do portão dava para ver um belo canteiro de flores de frente ao terraço e um extenso gramado. Um enorme carvalho deitava sua sombra no jardim. A porta do terraço era decorada com pequenas placas de vidro de formatos irregulares. Atualmente, é raríssimo encontrar construções desse tipo em Tóquio.

Mas, a despeito de a construção oferecer essa agradável sensação de tranquilidade, a segurança era reforçada. Os muros eram altos e com arame farpado. O portão de ferro grosso ficava trancado e um pastor-alemão latia ruidosamente quando alguém se aproximava. Havia várias câmeras de monitoramento. Eram poucos os pedestres que circulavam pela rua, razão pela qual não se podia ficar muito tempo parado em frente à casa. O bairro residencial era calmo, e nas redondezas havia muitas embaixadas. Se um homem esquisito e de aparência estranha como a de Ushikawa permanecesse muito tempo rondando a área, certamente desconfiariam dele e logo alguém o interpelaria.

O abrigo era exageradamente guardado. Por mais que se quisesse protegê-lo da violência, era desnecessário tamanho esquema de segurança. “Preciso obter o máximo de informações sobre esse abrigo”, pensou Ushikawa. “Apesar da segurança, é preciso abrir suas portas. Ou melhor; quanto mais reforçada a segurança, maior a necessidade de abri-las. Para conseguir isso é

preciso elaborar uma boa estratégia. E, para tanto, tenho de espremer o pouco de inteligência que possuo.”

Ushikawa lembrou-se da conversa que teve com Onda sobre o Povo Pequenino.

“O senhor já ouvir falar em Povo Pequenino?”

“Não.”

A resposta foi rápida demais. Se ele realmente nunca tivesse ouvido falar nisso, o normal seria dar um tempo antes de responder. “Povo pequenino?”, repetiria mentalmente, e, só depois de verificar se já tinha ouvido falar daquilo é que responderia. Esta seria a reação de uma pessoa normal.

Aquele homem já conhecia o termo Povo Pequenino. Difícil dizer se ele entendia seu significado, mas, de qualquer modo, não era a primeira vez que escutava aquelas palavras.

Ushikawa apagou o cigarro que já estava no fim e permaneceu absorto em pensamentos. Após terminar uma primeira etapa de reflexão, acendeu outro. Havia um tempo que ele decidira deixar de se preocupar com a possibilidade de câncer no pulmão. Para se concentrar, precisava do auxílio da nicotina. Ninguém sabe o que vai acontecer em dois ou três dias. Será necessário se preocupar com o estado de saúde daqui a quinze anos?

Enquanto fumava o terceiro Seven Stars, Ushikawa lembrou-se de um detalhe. “É isso! Agora pode dar certo”, pensou.

Aomame

Sozinha, mas não solitária

Ao anoitecer, ela se sentava na cadeira da varanda e observava o pequeno parque infantil do outro lado da rua. Essa era a atividade mais importante do dia, a principal de sua vida. Independentemente de o tempo estar bom, nublado ou chuvoso, a vigília era ininterrupta. Era início de outubro e o frio adensava o ar. Nas noites frias, vestia várias peças de roupa, uma sobre a outra, cobria as pernas com um cobertor e bebia chocolate quente. Costumava observar atentamente o escorregador até dez e meia e, após aquecer o corpo num banho tranquilo de imersão, deitava-se na cama para dormir.

A possibilidade de Tengo aparecer no parque durante o dia não podia ser descartada, mas era improvável. Se ele fosse até lá, seria durante a noite, com a lâmpada de mercúrio acesa e a lua pairando no céu. Aomame jantava depressa, vestia-se de modo ligeiro, deixava o cabelo arrumado e, sentada na cadeira da varanda, observava atentamente o escorregador. Ao alcance de suas mãos havia sempre a pistola automática e um binóculo pequeno da Nikon. Com o receio de Tengo chegar justamente na hora em que estivesse no banheiro, a única bebida que tomava era chocolate quente.

Aomame observava o parque diariamente, sem descanso. Durante a vigília, não lia, não escutava música, de modo a prestar atenção somente aos sons externos. Dificilmente mudava de posição, a não ser quando eventualmente erguia o rosto — se o céu não estivesse coberto de nuvens — para se certificar de que as duas luas pairavam no céu noturno. Mas logo voltava os olhos para o parque. Aomame vigiava o parque, e as luas a vigiavam.

Tengo, porém, não apareceu.

Durante a noite, pouquíssimas eram as pessoas que visitam o parque. De vez em quando, apareciam jovens casais de namorados. Sentados no banco, ficavam de mãos dadas ou trocavam beijos rápidos e agitados, como um casal de passarinhos. O parque, porém, era pequeno demais para tanta iluminação. Geralmente eles ficavam um tempo ali, mas acabavam desistindo por não conseguirem ficar à vontade e, pouco depois, iam para outro lugar. Algumas pessoas passavam no parque para utilizar o banheiro público e, ao depararem com a porta trancada, ficavam decepcionadas (ou irritadas) e iam embora. Havia um funcionário que, na volta do serviço, sentava-se sozinho no banco e ficava quieto, de cabeça baixa, possivelmente dando um tempo para passar a embriaguez. Ou talvez ele apenas

não quisesse voltar direto para casa. Havia também um idoso solitário que costumava passear durante a noite com o cachorro. O cachorro tinha um ar tristonho tal qual o do idoso, e ambos pareciam desanimados.

Mas, na maior parte do tempo, o local ficava vazio. Nem sequer um gatinho passava por lá. Somente a luz impessoal da lâmpada de mercúrio iluminava os balanços, o escorregador, a caixa de areia e o banheiro público trancado. Ao observar durante um tempo esse cenário, Aomame tinha a impressão de que fora abandonada em algum planeta desabitado. Era como naquele filme que mostra o mundo após a guerra nuclear. Como era mesmo o nome daquele filme?

A hora final.

Mesmo sentindo-se abandonada, Aomame continuou a observar atentamente o parque, como um marujo que, sozinho, sobe até o topo de um mastro bem alto para descobrir algum cardume ou alguma sombra agourenta através da luneta. Mas o que seus olhos extremamente atentos desejavam encontrar era uma única pessoa: Tengo Kawana.

Talvez Tengo estivesse morando numa outra cidade e, por acaso, passara por ali naquela noite. Caso houvesse sido isso, a possibilidade de ele voltar para o parque era praticamente nula. Mas Aomame era da opinião de que aquilo estava fora de cogitação. No dia em que ele esteve no escorregador, sua roupa casual e seu jeito de se portar davam a impressão de que ele morava nas redondezas e que, de repente, resolvera sair para uma caminhada pela vizinhança. E, durante a caminhada, resolvera passar no parque e subir no escorregador. Possivelmente para observar a lua. Sendo assim, ele devia morar próximo dali, à distância de uma caminhada.

No bairro de Kôenji não é fácil encontrar um local em que se pode ver a lua. O terreno é plano e praticamente não há prédios altos. Nesse sentido, o escorregador do parque não seria uma opção tão ruim para ver a lua durante a noite. O parque é silencioso e não há ninguém para incomodar. Se Tengo tiver vontade de ver a lua, certamente ele virá até aqui. Essa era a suposição de Aomame. Mas no instante seguinte reconsiderava: “Não. As coisas não são tão simples assim. Ele já deve ter encontrado alguma cobertura de um prédio alto, um local muito mais adequado para ver a lua.”

Ao pensar nisso, Aomame balançava a cabeça, resoluta. Não devia se preocupar em demasia. “A única opção que tenho é acreditar que Tengo voltará ao parque, e continuar aguardando-o pacientemente. Não posso sair daqui uma vez que, neste momento, o parque é o único ponto de conexão entre nós.”

Aomame não havia puxado o gatilho.

Isso foi no início de setembro. Ela estava no acostamento da Rota 3 da Rodovia Metropolitana em pleno congestionamento e, sob o intenso sol da manhã a ofuscar-lhe os olhos, colocou o cano da pistola Heckler & Koch dentro da boca. Ela vestia Junko Shimada e calçava sapatos de salto alto da Charles

Jourdan.

As pessoas ao redor, sem terem a menor noção do que acontecia, observavam-na de dentro dos carros. Havia uma senhora de meia-idade em sua Mercedes-Benz coupé prateada. Homens bronzeados observavam-na do alto das cabines de seus caminhões. A intenção de Aomame era estourar os miolos com uma bala 9 mm bem diante deles. O único jeito de desaparecer do mundo de 1Q84 era acabar com a própria vida. Com isso, a vida de Tengo estaria salva. Pelo menos foi o que o “Líder” havia-lhe prometido. Ele havia prometido isso em troca de ela matá-lo.

O fato de ela ter de morrer não a deixava particularmente triste. Provavelmente isso estava previsto desde o dia em que fora tragada para esse mundo de 1Q84. “Eu apenas segui um roteiro predeterminado. Para que viver sozinha num mundo em que pairam duas luas, uma grande e uma pequena, e que ainda por cima a vida é controlada por esse tal de Povo Pequenino?”

Mas acabou não puxando o gatilho. No último instante, afrouxou o indicador da mão direita que estava sobre o gatilho e tirou o cano da boca. E, como alguém que finalmente emerge do fundo do oceano, inspirou profundamente o ar e o soltou. Era como substituir completamente o ar contido no corpo.

Aomame desistiu de se matar ao escutar uma voz distante. Naquele momento ela estava imersa no silêncio. Desde que encostara o dedo no gatilho, todos os sons ao redor deixaram de existir. Era como se estivesse no fundo de uma piscina. Ali a morte não era escura nem amedrontadora. A morte era como o líquido amniótico que envolve o feto, algo natural e incontestável. “Não é tão ruim”, pensou Aomame, esboçando um sorriso. E foi então que ela ouviu essa voz.

A voz parecia vir de um espaço e tempo longínquos. Irreconhecível. Uma voz que, ao percorrer um longo trajeto sinuoso, perdera as características originais. Um eco vazio desprovido de significado. Mas, a despeito da ausência de significado, Aomame sentiu nesse eco algo de nostálgico e afetuosos. A voz parecia chamar-lhe pelo seu nome.

Aomame reduziu a força que o dedo aplicava no gatilho, estreitou os olhos e ateve-se a escutar o que a voz lhe dizia. Mas a única coisa que conseguiu escutar, ou que achou ter escutado, ainda que com muita dificuldade, foi a voz de alguém chamando. De resto, escutava apenas o uivar de ventos que pareciam sair de uma caverna. Um tempo depois a voz foi se distanciando, perdendo a sua razão de ser, até ser tragada pelo silêncio. O vazio que a cercava desapareceu e, como se alguém tirasse a rolha de uma garrafa, os ruídos do entorno voltaram abruptamente, de uma só vez. Ao voltar a si, o desejo de se matar havia se esvaído.

“Acho que posso me reencontrar com Tengo naquele parquinho”, pensou Aomame. A morte pode ficar para depois. Quero novamente apostar que posso revê-lo. Viver — ou deixar de morrer — é ter a oportunidade de me reencontrar com Tengo. “*Quero viver*”, pensou Aomame, com convicção. Era um

sentimento estranho. “Será que algum dia eu realmente desejei isso?”

Ela desarmou o gatilho, acionou o dispositivo de segurança e guardou a pistola na bolsa. Endireitou a postura, colocou os óculos escuros e, caminhando na contramão, voltou para o táxi. Silentes, as pessoas a observavam andar a passos largos com seus sapatos de salto alto. Não foi preciso caminhar muito. O táxi que a trouxe, preso no engarrafamento, avançara somente alguns metros e continuava bem próximo ao local em que ela estava.

Ao dar uma leve batidinha na janela, o taxista abaixou o vidro.

— O senhor me deixa voltar para o táxi?

O motorista hesitou.

— Aquilo que a senhorita colocou na boca, por acaso, era uma pistola?

— Era.

— De verdade?

— É claro que não — respondeu Aomame, contraindo os lábios.

O motorista abriu a porta e ela se sentou no banco traseiro. Assim que tirou a bolsa do ombro e deixou-a de lado, tratou de limpar a boca com um lenço. Sentia o gosto do metal e dos resíduos de óleo da pistola.

— Encontrou a escada de emergência?

Aomame balançou a cabeça negativamente.

— Eu sabia. Nunca ouvi falar de uma escada de emergência nesse lugar — disse o motorista. — Devo continuar a rota inicial e seguir até a saída de Ikejiri?

— Sim. Por favor — respondeu Aomame.

O motorista abaixou o vidro, colocou o braço para fora e mudou para a faixa da direita, posicionando-se na frente do ônibus. O taxímetro marcava o mesmo valor de quando ela deixara o táxi.

Recostada no banco, Aomame respirava ritmicamente enquanto olhava para o outdoor da Esso, que já lhe era familiar. O rosto do tigre estava de perfil e sorria segurando o bico da bomba de combustível. No outdoor estava escrito “Ponha um tigre no seu tanque.”

— Ponha um tigre no seu tanque — falou Aomame, bem baixinho.

— Como disse? — indagou o motorista.

— Não é nada. Estou falando sozinha.

“Quero viver mais um pouco para ver o que acontece. Não será tarde demais, se eu resolver morrer depois. Assim espero.”

No dia seguinte, após desistir de se suicidar, assim que Tamaru lhe telefonou, Aomame comunicou que os planos haviam mudado: “Decidi que não vou me mudar daqui. Não vou mudar de nome nem me submeter a uma cirurgia plástica.”

Tamaru nada disse na outra ponta da linha. Seu cérebro reordenava silenciosamente inúmeras conjecturas.

— Está me dizendo que você não quer ser transferida para outro lugar?

— Exatamente — respondeu Aomame, sucintamente. — Quero permanecer aqui por mais algum tempo.

— Esse local não foi planejado para esconder uma pessoa por muito tempo.

— Se eu ficar enfurnada, sem sair, creio que não vão me encontrar.

— Você não deve subestimar aqueles caras. Eles vão te procurar sem trégua e não vão medir esforços para encontrá-la. Isso põe em risco não somente a sua vida, mas a de outras pessoas. Se isso acontecer, fico numa situação muito delicada — disse Tamaru.

— Sinto muito por colocá-lo nessa situação, mas preciso de um pouco mais de tempo.

— Querer *um pouco mais de tempo* é, de certa forma, vago — disse Tamaru.

— Desculpe-me, mas só posso dizer isso.

Tamaru manteve-se em silêncio para refletir sobre o assunto. Ele certamente havia notado, pelo tom de voz dela, que a decisão de Aomame era firme e incontestável.

— Sou uma pessoa que preza as prioridades mais do que qualquer outra coisa. *Acima de qualquer outra coisa*. Você deve saber disso, não é? — disse Tamaru.

— Sei sim.

Tamaru novamente guardou silêncio e, um tempo depois, respondeu:

— Está bem. Só queria deixar bem clara a minha posição para evitar mal-entendidos. Sei que deve haver um motivo para que você me peça isso.

— Tenho um motivo — respondeu Aomame.

Tamaru deu uma rápida tossida do outro lado da linha.

— Creio que já lhe disse anteriormente, mas saiba que nós já temos tudo planejado e devidamente preparado: levá-la para um local distante e seguro, apagar quaisquer vestígios, mudar o seu rosto e o seu nome. Não podemos assegurar que tudo saia perfeito, mas podemos te transformar quase que inteiramente numa outra pessoa. Acho que isso era algo em que estávamos de acordo.

— Sei disso perfeitamente. Não tenho nenhuma objeção quanto a esse plano. Mas é que aconteceu uma coisa inusitada, por isso preciso ficar aqui por mais algum tempo.

— Não estou autorizado a dizer sim ou não — disse Tamaru, fazendo um pequeno barulho no fundo da garganta. — Preciso de um tempo para lhe dar a resposta.

— Estarei sempre aqui — disse Aomame.

— Isso é bom — comentou Tamaru. E desligou o telefone.

Na manhã do dia seguinte, um pouco antes das nove horas, o telefone tocou três vezes, parou, e começou a tocar novamente. A ligação só poderia ser de Tamaru.

Sem se ater a saudações, Tamaru foi direto ao assunto:

— A madame também está preocupada em relação a você prolongar a sua permanência. O local não é apropriadamente seguro. Trata-se de um local de permanência temporária. Nós somos da opinião de que você deve ser transferida o quanto antes para um local distante e seguro. Você está entendendo?

— Estou.

— Mas você é uma pessoa calma e cautelosa. Não vai cometer nenhum erro estúpido e sabe o que quer. Nós temos uma extrema confiança em você.

— Muito obrigada.

— Se você insiste em ficar mais tempo é porque deve haver um motivo. Não sei que motivo é esse, mas creio que não se trata apenas de capricho. Por isso a madame quer, na medida do possível, atender ao seu desejo.

Aomame manteve-se em silêncio, aguardando atentamente a continuação da conversa.

— Você pode permanecer aí até o final do ano. Mas saiba que esse é o limite.

— Quer dizer que, no começo do ano, vou ser transferida para outro lugar, é isso?

— Saiba que estamos fazendo o máximo para respeitar o seu desejo.

— Entendi — disse Aomame. — Vou ficar aqui até o final do ano e depois vou para outro lugar.

Na verdade, aquela não era sua intenção. Ela não pretendia sair de lá enquanto não reencontrasse Tengo. Mas, se naquele momento ela dissesse isso, complicaria a situação. Havia um certo intervalo de tempo até o final do ano. O que vem depois disso é melhor deixar para pensar mais tarde.

— Ótimo — disse Tamaru. — A partir de agora, vamos repor semanalmente os alimentos e os mantimentos de uso diário. Todas as terças-feiras às 13 horas o pessoal da reposição irá até aí. Eles possuem a chave e vão entrar sem cerimônias, mas nunca além da cozinha. Enquanto eles estiverem no apartamento, você deve ficar no quarto dos fundos e com a porta trancada. Nunca mostre o rosto nem fale nada. Quando eles deixarem o apartamento, darão um toque na campainha. Depois disso, você pode sair do quarto. Caso esteja precisando de algo ou querendo alguma coisa, me diga, para que eu possa providenciar e mandar na próxima reposição.

— Se você arrumasse aparelhos de musculação, eu adoraria — disse Aomame. — É que somente os alongamentos e os exercícios sem o uso de aparelhos são insuficientes.

— Aparelhos profissionais, das academias de ginástica, seriam difíceis de conseguir, mas os mais simples, que não ocupam muito espaço, podem ser providenciados.

— Podem ser bem simples — disse Aomame.

— Uma bicicleta ergométrica e equipamentos para alongamento. Isso está bom?

— Está ótimo. Se puder, gostaria também que me mandasse um bastão

de softball, de metal.

Tamaru permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— O bastão pode ser usado para inúmeras finalidades — disse Aomame.
— Só de tê-lo por perto me sinto mais segura. É que praticamente cresci com ele.

— Entendo. Vou providenciar um — disse Tamaru. — Se lembrar de mais alguma coisa anote num papel e deixe sobre a bancada da cozinha. Providenciarei até a próxima reposição.

— Obrigada. Mas, por enquanto, creio que não me falta nada.

— Você não quer algum livro ou vídeo?

— Nada que eu me lembre.

— Que tal *Em busca do tempo perdido*, de Proust? — indagou Tamaru.

— Se você ainda não o leu, acho que é uma boa oportunidade.

— Você já leu?

— Não. Eu nunca estive na cadeia nem precisei me esconder durante muito tempo. Dizem que, se a pessoa não passar por alguma dessas situações, é difícil conseguir ler *Em busca do tempo perdido* inteiro.

— Você conhece alguém que já leu?

— Não posso dizer que não conheça pessoas que estiveram presas durante longos anos, mas elas não eram do tipo que se interessariam por Proust.

— Vou tentar ler. Se puder, me mande os livros na próxima reposição.

— Para falar a verdade, já os tenho aqui comigo — disse Tamaru.

Os encarregados da reposição chegaram exatamente às 13 horas da terça-feira. Conforme as instruções, Aomame se escondeu no quarto dos fundos, trancou a porta por dentro e manteve-se em silêncio. Escutou a chave destrancando a porta e o barulho de pessoas entrando no apartamento. Aomame não sabia como seriam esses “repositores” de quem Tamaru havia falado. Pelo barulho que faziam e por alguns outros indícios, dava para intuir que eram dois, mas não se escutava nenhuma voz. Eles trouxeram algumas mercadorias e, sem dizer uma única palavra, colocaram as coisas no lugar. Dava para ouvir os alimentos sendo lavados na água da torneira e guardados na geladeira. Provavelmente eles combinavam de antemão quem faria o quê. Escutou também o barulho de alguém desembulhando caixas e juntando pacotes e papéis. Pareciam recolher o lixo da cozinha. Como Aomame não podia descer até o térreo para jogar o lixo, ela dependia de alguém para fazê-lo.

O modo como eles trabalhavam em equipe era eficaz e sem movimentos supérfluos. Não faziam barulho além do necessário e os passos eram discretos. Eles terminaram as tarefas em vinte minutos, abriram a porta e saíram. E trancaram a porta pelo lado de fora. A campainha tocou uma vez como sinal de que haviam terminado. Por precaução, Aomame aguardou mais quinze minutos. Depois, saiu do quarto, verificou se não havia mais ninguém e trancou a porta.

A geladeira grande estava lotada de alimentos, suficientes para uma semana. Desta vez, em vez de pratos congelados para micro-ondas, trouxeram

produtos frescos. Variedades de legumes, verduras e frutas. Peixes e carnes. Queijo de soja, algas *wakame* e *nattô*, soja fermentada. Trouxeram também leite, queijos e suco de laranja. Uma dúzia de ovos. Para evitar lixo excedente, haviam tirado tudo das embalagens e acondicionado em sacos plásticos. Eles acertaram no tipo de alimento que Aomame necessitava no dia a dia. Como é que souberam disso?

A bicicleta ergométrica fora instalada ao lado da janela. Era portátil e de boa qualidade. O display indicava a velocidade, a distância percorrida e o número de calorias gastas. As rotações por minuto e o número de pulsação também podiam ser monitoradas. Havia um aparelho fixo para os músculos do abdômen, os músculos ao longo da espinha e os deltoides. As peças adicionais eram fáceis de montar e desmontar. Aomame conhecia bem esse equipamento. Era um modelo novo e, apesar de simples, proporcionava bons resultados. Os dois aparelhos garantiam um mínimo de exercícios para se manter em forma.

Havia um bastão metálico de softball acomodado numa bolsa. Aomame o pegou e deu algumas tacadas no ar. O bastão novo, prateado, cortou o ar emitindo um som sibilante. O peso do bastão era familiar e proporcionava um sentimento acalentador. As tacadas igualmente lhe traziam as saudosas lembranças da época dos dez anos. Uma fase de sua vida compartilhada com Tamaki Ôtsuka.

Sobre a mesa da cozinha havia uma pilha de livros de *Em busca do tempo perdido*. Não eram novos, mas não havia indícios de terem sido lidos. Ao todo, eram cinco volumes. Aomame pegou o primeiro e deu uma rápida folheada. Além dos livros havia também algumas revistas. Semanais e mensais. E cinco fitas de vídeo lacradas. Aomame não fazia ideia de quem escolhia os filmes, mas eram todos recém-lançados. Como não tinha o hábito de frequentar o cinema, era presumível que não tivesse assistido a nenhum deles.

Dentro de uma enorme sacola de papelão, de uma loja de departamentos, havia três suéteres que variavam de tecido grosso ao mais fino, duas camisas de flanela grossa e quatro camisetas de manga comprida. Todas de padrão liso, modelo básico e do seu tamanho. Havia também meias soquetes e meia-calça de malha grossa. Para quem pretendia ficar até dezembro, era necessário ter algumas peças desse tipo no armário. Tudo muito bem pensado.

Aomame levou as roupas para o quarto, guardou-as nas gavetas e nos cabides do closet. Voltou para a cozinha e, enquanto tomava uma xícara de café, o telefone tocou. Chamou três vezes, desligou e novamente começou a tocar.

— As mercadorias chegaram? — perguntou Tamaru.

— Obrigada. Veio tudo o que eu precisava. Os aparelhos de ginástica também são mais que suficientes. De resto, só falta ler o Proust.

— Se esquecermos algo, nos diga sem cerimônia.

— Pode deixar — respondeu Aomame. — Se bem que é difícil vocês esquecerem de algo.

Tamaru deu uma leve tossida.

— Sei que não é da minha conta, mas será que posso fazer uma advertência?

— Pode, sim.

— Na prática, não se encontrar com ninguém, não falar com ninguém e ainda por cima ter de ficar sozinha num local apertado durante muito tempo não é nada fácil. Por mais que a pessoa seja resistente, uma hora ela deixa escapar algum som. Principalmente se estiver sendo perseguida.

— Mas até hoje eu nunca vivi num local muito grande.

— Isso pode ser uma vantagem — disse Tamaru. — Mas, mesmo assim, é melhor tomar o máximo de cuidado. Quando uma pessoa vive em constante tensão durante muito tempo, os nervos ficam abalados e, sem que a pessoa perceba, eles se esticam como um elástico e, uma vez esticados, é difícil fazê-los voltar ao normal.

— Vou tomar cuidado — disse Aomame.

— Acho que já te disse isso antes; você é uma pessoa muito cautelosa. É pragmática e perseverante. E não tem uma autoconfiança excessiva. Mas uma vez que se perde o poder de concentração, por mais que a pessoa seja extremamente cuidadosa, ela acaba cometendo um ou dois erros. A solidão é um ácido capaz de corroer a pessoa.

— Eu não sinto solidão — respondeu Aomame, em parte para Tamaru, em parte para si própria. — Estou sozinha, mas não solitária.

O silêncio tomou o outro lado da linha. Talvez estivesse considerando a diferença entre estar sozinha e ser solitária.

— De qualquer modo, vou redobrar ainda mais a atenção. Agradeço a sua advertência — disse Aomame.

— Gostaria de dizer mais uma coisa — disse Tamaru. — Saiba que faremos de tudo para te proteger. Mas, caso ocorra algum tipo de emergência, seja qual for, você terá de tomar as medidas cabíveis. Por mais que eu vá com urgência até aí, posso não chegar a tempo. Ou, dependendo da situação, posso estar impossibilitado de socorrê-la. Por exemplo, se o nosso envolvimento não com você não for o mais desejável.

— Sei muito bem disso. Fui eu que quis ficar aqui e, por isso, estou ciente de que eu mesmo devo me proteger. Com o auxílio do bastão de metal e com *aquilo que você me deu*.

— Este mundo é duro.

— Onde existe desejo sempre existe provação — disse Aomame.

Tamaru novamente se calou por alguns segundos. E prosseguiu:

— Você já ouviu falar do teste a que os candidatos ao cargo de interrogador da polícia secreta de Stalin eram submetidos?

— Acho que não.

— O candidato ficava dentro de um quarto quadrangular e nele havia uma única cadeira pequena de madeira, dessas bem simples. E o superior ordenava: “Faça a cadeira confessar e me apresente um relatório. Enquanto não conseguir essa confissão, você não poderá sair do quarto.”

— Que história surreal.

— Não, não se trata de uma história surreal. É real. Stalin criou um

sistema maniaco-paranoico e, sob o seu comando, foram mortos cerca de dez milhões de pessoas, a maioria seus compatriotas. Nós, *na realidade*, vivemos nesse tipo de mundo. Tenha sempre isso em mente, jamais se esqueça disso.

— Você conhece muitas histórias reconfortantes, não?

— Nem tanto. Apenas uso meu estoque de acordo com a necessidade. Não tive uma educação formal e, por isso, fui aprendendo as coisas com as experiências que tive. *Onde existe desejo existe provação*. Você tem razão. É isso mesmo. Mas o desejo é limitado e geralmente de valor abstrato, enquanto as provações são inúmeras e desagradavelmente concretas. Isso é uma das coisas que me custou caro aprender.

— Que tipo de confissão os candidatos que se submetiam ao exame conseguiam tirar da cadeira de madeira?

— Essa é uma indagação sobre a qual vale a pena refletir — disse Tamaru. — É como um tema para meditação Zen-budista.

— Meditação Zen-stalinista — disse Aomame.

Após breve intervalo, Tamaru desligou o telefone.

Na tarde desse mesmo dia, Aomame exercitou-se com a bicicleta ergométrica e a cadeira de ginástica. Depois de tanto tempo, sentiu prazer em praticar exercícios moderados com as cargas que os aparelhos lhe proporcionavam. Após tomar um banho e tirar o suor do corpo, preparou uma refeição simples ouvindo música na rádio FM. No final da tarde ligou a TV para assistir aos noticiários (nenhum lhe chamou especial atenção). Ao anoitecer foi para a varanda observar o parque, levando consigo um cobertor fino, o binóculo e a pistola. E o belo e reluzente bastão de metal.

“Se Tengo não aparecer no parque até o período estipulado, vou terminar o ano enigmático de 1Q84 levando essa vida monótona neste apartamento no bairro de Kôenji. Vou preparar as minhas refeições, fazer exercícios, assistir ao noticiário, ler Proust e aguardar Tengo aparecer. Aguardá-lo tornou-se a atividade mais importante da minha vida. Neste momento, é esse tênue fio que me conduz a viver. Sou como aquela pequena aranha negra que encontrei no dia que desci as escadas de emergência da Rota Metropolitana. A aranha discretamente tecia suas miseráveis teias no canto sujo da escada de armação de ferro. Sacudida pelos ventos que atravessam os vãos da armação, a teia estava empoeirada e em parte desfeita. Quando me deparei com essa teia, senti compaixão. Mas, agora, estou praticamente na mesma situação que aquela aranha”, pensou Aomame.

“Preciso de uma fita cassete com a *Sinfonietta* de Janáček. Preciso dela na hora de me exercitar. Aquela música me conecta a algum lugar — *algum lugar* que não sei exatamente qual é. Ela me conduz a algo. Preciso inseri-la na próxima lista de provisões.”

Era outubro, e faltavam três meses para expirar o prazo. O relógio marcava as horas sem descanso. Sentada na cadeira da varanda, ela observava, por entre os vãos do parapeito, o parque e o escorregador. A lâmpada de mercúrio iluminava o parquinho, dando-lhe um pálido tom branco-azulado. Aomame associava aquele cenário ao de um corredor deserto de um aquário durante a noite. Peixes imaginários e invisíveis nadavam silenciosa e ininterruptamente por entre as árvores. As duas luas pairavam no céu solicitando a atenção de Aomame.

“Tengo”, sussurrava ela. “Onde você está?”

As feras estão vestidas

No período da tarde, Tengo visitava o pai no quarto do hospital, sentava-se ao lado da cama, abria o livro que trazia consigo e o lia em voz alta. Após umas cinco páginas, descansava um pouco e retomava a leitura, avançando mais cinco. Levava o que ele próprio estivesse lendo naquele momento, podendo ser ficção, biografia ou um livro de ciências naturais. O importante era ler o texto em voz alta, e não o seu conteúdo.

Tengo não sabia se seu pai escutava ou não sua voz. O rosto em si não esboçava qualquer reação. Era somente um pobre velho e magro, de olhos fechados, que dormia. O corpo não se mexia e a respiração era inaudível. Seu pai respirava, mas isso somente poderia ser constatado com o ouvido bem próximo do nariz ou aproximando um espelho e vendo-o embaçar. O soro era injetado e o cateter recolhia as poucas excreções que o corpo expelia. A lenta e silenciosa entrada e saída de líquidos eram os únicos indícios de que ele estava vivo. De vez em quando, a enfermeira lhe fazia a barba com um aparelho elétrico, cortava os pelos brancos que despontavam das orelhas e das narinas com uma tesoura de ponta arredondada e aparava as sobrancelhas. Apesar do estado de inconsciência, eles continuavam a crescer. Quanto mais Tengo observava o pai, menos conseguia discernir a diferença entre vida e morte. Existiria alguma diferença realmente visível? Ou será que queremos nos convencer de que ela existe por uma questão de conveniência?

O médico apareceu por volta das três da tarde para falar sobre o estado clínico de seu pai. A explicação foi sucinta, a mesma de sempre. Seu estado não apresentava alterações. O idoso permanecia dormindo. A força vital estava se dissipando aos poucos. Em outras palavras, seu pai estava gradativa e irreversivelmente indo ao encontro da morte. Clinicamente, não havia mais nada a fazer. A não ser mantê-lo ali e deixá-lo dormir tranquilamente. Isso era tudo que o médico podia dizer.

Um pouco antes do anoitecer, dois enfermeiros levavam seu pai à sala de exames para realizar os procedimentos de rotina. Os enfermeiros se revezavam diariamente, mas todos agiam em silêncio. O fato de serem calados devia-se, em parte, ao uso de grandes máscaras. Um deles parecia ser estrangeiro. Era baixo, de pele morena e, por trás da máscara, sempre sorria para Tengo. Bastava observar seus olhos para perceber que sorria. Tengo retribuía o sorriso.

Seu pai retornava para o quarto de meia a uma hora depois. Tengo não tinha ideia dos tipos de exames a que ele era submetido. Assim que o levavam,

Tengo aproveitava para descer até o refeitório. Bebia uma xícara de chá verde, descansava uns quinze minutos e retornava para o quarto com a expectativa de encontrar novamente uma crisálida de ar sobre a cama vazia, com a pequena Aomame deitada em seu interior. Mas a expectativa não se realizava. Na semiescuridão do quarto havia somente o cheiro do paciente e uma depressão com o formato do corpo sobre a cama vazia.

Tengo ficou em pé ante a janela, observando a paisagem. Do outro lado do jardim perfilavam-se pinheiros formando uma parede negra de quebra-ventos e, além dela, ouvia-se o bramido das ondas do mar. O rufar das agitadas ondas do Pacífico. Um som denso e melancólico como se inúmeras almas sussurrassem ao mesmo tempo seus dramas pessoais. Almas convidando outras a se juntar a elas. Almas desejosas de ouvir histórias.

Antes daquela tarde, Tengo fizera duas visitas a seu pai em outubro, nos seus dias de folga, e voltava para casa no mesmo dia. Pegava o trem expresso da manhã, sentava-se à cabeceira do pai e, de vez em quando, conversava com ele. Mas nunca houve nenhum tipo de reação. Seu pai permanecia deitado, imerso num sono profundo. A maior parte do tempo, Tengo observava a paisagem pela janela e, ao anoitecer, ficava na expectativa de que *algo* pudesse acontecer. Em vão. O dia terminava placidamente, tingindo o quarto com uma tênue escuridão. Por fim, desistia de esperar, levantava-se e voltava para Tóquio no último trem expresso.

“Preciso ter paciência e passar mais tempo com meu pai”, foi o que Tengo cogitou certo dia. “As visitas de um só dia não devem ser suficientes. Talvez seja necessário um comprometimento maior de minha parte. Não tenho provas concretas, mas é o que sinto.”

No final de novembro, Tengo resolveu tirar férias. Na escola explicou que o estado de saúde de seu pai era grave e que precisava cuidar dele. O que não deixava de ser verdade. Solicitou a um amigo da faculdade para que o substituísse durante a sua ausência. Era um dos poucos amigos que, mesmo após a formatura, ainda mantinha contato com ele ao menos uma ou duas vezes por ano. No departamento de matemática, área em que se concentram caras esquisitos, esse amigo era particularmente estranho e excepcionalmente inteligente. Após se formar, não quis trabalhar nem seguir a carreira acadêmica. Quando tinha vontade, lecionava matemática num cursinho preparatório do ginásio administrado por um amigo, mas, na maior parte do tempo, levava uma vida sossegada, lendo livros e pescando nas correntezas do rio, em meio às montanhas. Não por acaso, Tengo sabia que o amigo era um exímio professor, mas sentia-se entediado com sua própria capacidade. Sua família era abastada e não havia uma real necessidade de ele trabalhar. Numa outra ocasião, esse amigo já o havia substituído, e os alunos gostaram muito dele. Quando Tengo explicou a situação, ele prontamente aceitou o pedido.

Havia também o problema do que fazer com Fukaeri. Tengo não sabia se

seria apropriado deixar uma garota alheia ao mundo no seu apartamento durante um período longo. Afinal de contas, ela não podia ser vista e estava ali para se “esconder”. Diante desse impasse, Tengo resolveu perguntar se ela preferia ficar sozinha tomando conta do apartamento ou ir para algum outro lugar, ainda que temporariamente.

— Onde você vai — perguntou Fukaeri, olhando-o com seriedade.

— Vou à cidade dos gatos — respondeu Tengo. — Meu pai não está recobrando a consciência. Faz um bom tempo que ele está dormindo profundamente. Disseram que não tem muito tempo de vida.

Tengo não disse nada sobre a crisálida de ar no leito hospitalar no entardecer daquele dia, ou que encontrou a Aomame-menina dormindo no interior dessa crisálida. Ou que a crisálida de ar era exatamente igual àquela descrita por Fukaeri no romance, inclusive em seus pormenores, e, tampouco, revelou que nutria uma secreta esperança de que a crisálida surgisse novamente diante de si.

Fukaeri estreitou os olhos, manteve os lábios cerrados e permaneceu encarando-o durante um bom tempo. Era como se tentasse ler uma mensagem redigida em letras miúdas. Tengo levou a mão ao rosto num gesto quase que inconsciente, mas, pelo toque, sentiu que não havia nada escrito nele.

— Faça isso — disse Fukaeri decorrido um tempo, balançando a cabeça em sinal de aprovação. — Não se preocupe comigo. Vou tomar conta do apartamento — acrescentou, após uma breve reflexão — Por enquanto, não há perigo.

— Por enquanto, não há perigo — repetiu Tengo.

— Não se preocupe comigo — reiterou Fukaeri.

— Vou telefonar todos os dias, está bem?

— Tome cuidado para não ficar abandonado na cidade dos gatos.

— Tomarei cuidado — disse Tengo.

Tengo foi para o supermercado e comprou uma quantidade de alimentos suficiente para que Fukaeri não precisasse sair para fazer compras durante um tempo. Alimentos de fácil preparo. Tengo sabia que ela não tinha muita capacidade nem vontade de preparar a própria comida. Queria evitar o dissabor de voltar em duas semanas e encontrar os alimentos completamente estragados na geladeira.

Encheu uma sacola de vinil com mudas de roupa e artigos de higiene. Além de alguns livros, papéis e um estojo com canetas e lápis. Como de costume, pegou o trem expresso na estação de Tóquio, baldeou para um trem regular em Tateyama e desceu na segunda estação, em Chikura. Dirigiu-se ao posto de informações turísticas em frente à estação e procurou um hotel não muito caro para se hospedar. Por ser um período de baixa temporada, foi relativamente fácil encontrar um quarto vago. Escolheu uma modesta pousada tipicamente japonesa que costumava hospedar principalmente os pescadores. Os quartos, apesar de pequenos, eram limpos e cheiravam a tatame novo. Da janela do primeiro andar, dava para ver o porto. A diária com café da manhã era muito mais em conta do

que imaginava.

— Ainda não sei quanto tempo pretendo ficar, mas, de qualquer modo, vou deixar três diárias pagas — disse Tengo. A dona da pousada não fez nenhuma objeção. Informou que a pousada fechava às onze horas e, cheia de dedos, pediu para que ele não trouxesse mulheres para o quarto, explicando que era para evitar situações embaraçosas. Tengo também não fez nenhuma objeção quanto a isso. Após se acomodar no quarto, telefonou para a casa de repouso e perguntou à enfermeira — a de meia-idade, que costumava atender as ligações — se não seria inconveniente visitar o seu pai no dia seguinte por volta das três da tarde. Ela respondeu que não havia problema.

— O senhor Kawana continua dormindo — disse ela.

Assim começou o dia a dia de Tengo na “cidade dos gatos” à beira-mar. Acordava cedo, caminhava pela praia, observava os barcos pesqueiros saindo e chegando no porto e, um tempo depois, voltava para a pousada e fazia a refeição matinal. O cardápio era sempre o mesmo — peixe cavala seco, ovos fritos, tomate cortado em quatro, alga temperada, sopa de soja com conchinhas *shijimi* e arroz — e o estranho era que essa refeição diária era sempre deliciosa. Após a refeição, sentava-se diante de uma mesa pequena e escrevia. Sentiu prazer em escrever com sua caneta-tinteiro, depois de muito tempo sem usá-la. Trabalhar num local pouco familiar, longe da rotina, proporcionava uma nova disposição, o que não era nada mal. Do porto ouvia-se o som monótono dos motores dos barcos pesqueiros retornando à baía. Tengo gostava desse som.

Ele escrevia um romance cujo enredo se desenvolvia num mundo com duas luas no céu. O mundo do Povo Pequeninó e da crisálida de ar. Um mundo inspirado na *Crisálida de ar* de Fukaeri, mas que, agora, se tornara uma história inteiramente sua. Ao escrevê-lo, sua consciência passava a viver naquele mundo. Às vezes, mesmo após deixar a caneta sobre a mesa, sua mente continuava ali. Isso lhe proporcionava uma sensação especial, como se o corpo e a mente estivessem prestes a se bifurcar, incapacitando-o de discernir a diferença entre o mundo real e o da ficção. O protagonista “A cidade dos gatos” possivelmente deve ter sentido essa mesma sensação quando esteve naquela cidade. Era como se, de uma hora para outra, inesperadamente ocorresse um deslocamento no centro de gravidade do mundo. Razão pela qual, possivelmente, aquele protagonista jamais conseguiria pegar o trem e deixar a cidade.

Às onze horas, Tengo precisava deixar o quarto para que fizessem a limpeza. Um pouco antes desse horário ele parava de escrever, saía da pousada e caminhava tranquilamente até a lanchonete da estação para tomar um café. De vez em quando, pedia um sanduíche leve, mas geralmente não comia nada. Pegava o jornal matutino disponível no estabelecimento e verificava atentamente se não havia algum artigo relacionado a ele. Mas não encontrou nenhum. A *Crisálida de ar* havia desaparecido da lista de mais vendidos havia muito tempo. O livro que ocupava o primeiro lugar naquele momento era um de dieta

intitulado *Emagreça comendo à vontade o que você gosta de comer*. Um título de tal magnitude devia vender bem mesmo com as páginas em branco.

Após beber o café e passar os olhos no jornal, Tengo pegava um ônibus até a casa de repouso. Ele costumava chegar entre uma e meia e duas da tarde. Assim que chegava, conversava brevemente algum assunto trivial com a enfermeira que o atendia na recepção. Desde que ele se hospedara na cidade e passara a visitar diariamente o pai, as enfermeiras começaram a tratá-lo de modo muito mais amistoso do que antes, como uma família que acolhe carinhosamente o filho pródigo.

Uma jovem enfermeira sempre sorria timidamente toda vez que via Tengo. Ela parecia gostar dele. Era pequena, tinha os cabelos presos num rabo de cavalo, os olhos grandes e as maçãs do rosto coradas. Devia ter pouco mais de vinte anos. Mas, desde que Tengo viu aquela menina dormindo dentro da crisálida de ar, ele só conseguia pensar em Aomame. As mulheres que passavam por ele não eram mais que uma tênue sombra. A imagem de Aomame estava sempre presente em algum canto de sua memória. Ele sentia que ela estava viva em algum lugar deste mundo, e intuía que ela o procurava. Foi por isso que, naquela tarde, ela veio ao encontro dele, usando uma passagem especial. Ela tampouco havia se esquecido dele.

Isso se o que viu não fora o fruto de uma alucinação.

De vez em quando, sem querer, ele se lembrava da namorada mais velha. O que será que ela está fazendo agora? “Ela está *completamente perdida*”, dissera o marido ao telefone. “Por isso, vocês não poderão se encontrar novamente.” Ela está perdida. Aquelas palavras ainda o deixavam inquieto e apreensivo. Eram palavras que, sem dúvida, traziam uma carga de mau agouro.

Mas, com o passar do tempo, a existência dela foi se tornando cada vez mais tênue. As tardes que passaram juntos tornaram-se apenas uma coisa do passado, cumprindo plenamente o seu objetivo. Tengo se sentia culpado em pensar desse modo. Mas o fato é que, em algum momento, houve uma mudança no campo gravitacional e o centro de gravidade se deslocou. E nada voltaria a ser como antes.

Ao entrar no quarto do pai, Tengo sentava na cadeira ao lado da cama e o cumprimentava brevemente. Depois, começava a contar ordenadamente o que havia feito desde o final da tarde do dia anterior até aquele exato momento. Obviamente, não havia muita coisa a contar: pegou um ônibus para voltar à cidade, foi para um restaurante, fez uma refeição leve, bebeu uma cerveja, voltou para a pousada e leu um livro. Às dez foi dormir. Ao despertar, caminhou pela cidade, tomou o desjejum e, durante cerca de duas horas, escreveu seu romance. Todos os dias eram a mesma coisa. Mesmo assim, Tengo contava em detalhes suas atividades rotineiras para o pai inconsciente. Não havia nenhuma reação por parte de seu interlocutor. Era como se estivesse conversando com uma parede. Tudo não passava de uma mera e corriqueira formalidade. Mas, às vezes, a

simples repetição pode significar algo, ainda que minimamente.

Em seguida, Tengo começava a ler o livro que trazia consigo. Não havia um livro predeterminado. Recitava em voz alta trechos do livro que porventura estivesse lendo. Se tivesse em mãos o manual de instruções de um cortador de grama elétrico, ele o leria. Tengo procurava ler com uma dicção clara e sem pressa, para que o seu ouvinte não tivesse dificuldade de entendê-lo. Esse era o único cuidado que ele fazia questão de ter.

Lá fora, os relâmpagos foram se intensificando e a claridade azulada iluminou durante um tempo a estrada, sem que se ouvisse o ribombar dos trovões. Era possível que trovejasse, mas o pavor o impedia de ouvi-los. Nas ruas, a enxurrada precipitava-se formando depressões no terreno, tornando sua superfície rugosa. As pessoas caminhavam por essas ruas e, uma após a outra, entravam na loja.

Estranhei a atitude de meu amigo que fitava o rosto dessas pessoas, mantendo-se calado há algum tempo. Um alvoroço no entorno fez com que alguns levantassem de seus assentos e no empurra-empurra comessem a se aglomerar para o lado de cá, dificultando a respiração.

Alguém parecia ter tossido ou se engasgado com a comida, mas o som era por demais estranho, semelhante ao de um cachorro fungando.

De repente, o clarão azulado de um intenso relâmpago iluminou o interior do recinto e o rosto das pessoas que se apinhavam sobre o chão de terra batida. Nesse mesmo instante, ouviu-se o ribombar de um trovão que parecia ter rachado o telhado. Quando me levantei assustadíssimo, vi que os que estavam no chão olhavam para nós. Não pude discernir se eram rostos de cachorros ou de raposas, mas o fato é que todas as feras estavam vestidas e, dentre elas, havia algumas que lambiam os beiços com a língua comprida.

Ao ler este trecho, Tengo olhou para o rosto do pai e disse: “Fim.” A história terminava ali.

Nenhuma reação.

— O que achou?

Como era de se esperar, seu pai não respondeu.

Às vezes, Tengo lia alguns trechos do romance que escrevera no período da manhã. Após lê-los, corrigia com a caneta as partes que não lhe agradaram e relia o trecho revisado. Caso ainda não ficasse satisfeito com o tom da frase, novamente reescrevia o trecho. E mais uma vez o relia.

— O trecho revisado ficou melhor — disse Tengo, voltando-se para o pai como se quisesse obter seu consentimento. Mas o pai obviamente não

revelava sua opinião. Não opinava se ficara melhor, ou se antes estava melhor, ou que não via muita diferença entre o antes e o depois. Ele mantinha as pálpebras fechadas sobre os olhos encovados, como persianas cobrindo pesadamente as janelas de uma casa triste.

Vez ou outra, Tengo se levantava, esticava o corpo e se aproximava da janela para observar a paisagem. Há alguns dias o tempo andava nublado, e agora chovia. A chuva que caía incessantemente durante todo o período da tarde molhava os pinheiros quebra-ventos, tornando-os enegrecidos e pesarosos. Em dias assim, não se ouviam as ondas do mar. Com a ausência de ventos, a chuva caía verticalmente e um bando de pássaros pretos voava sob a tempestade. Os corações desses pássaros também se tornavam enegrecidos e úmidos. O quarto do hospital também ficava úmido. Travesseiro, livro, mesa, tudo o que havia ali umedecia. Mas, independente do tempo, da umidade, do vento e do barulho das ondas, seu pai continuava em coma. O estado de inconsciência envolvia todo o seu corpo como um manto misericordioso. Após descansar um pouco, Tengo continuava a ler em voz alta. Era a única coisa que ele podia fazer naquele quarto pequeno e úmido.

Quando se entediava de ler em voz alta, Tengo permanecia sentado em silêncio observando o rosto do pai adormecido, e tentava imaginar o que se passava em sua mente. Que tipo e forma de consciência estaria escondida lá dentro — no interior daquele crânio rígido como uma bigorna velha? Será que lá dentro não existia mais nada? Será que, tal qual uma casa abandonada, a mobília e os objetos foram transportados e não existia mais nenhum indício das pessoas que moravam lá? Mas, mesmo assim, as paredes e o teto deveriam conter algumas das lembranças e das cenas vividas. O vazio não consegue se apoderar tão facilmente das coisas cultivadas durante tanto tempo. Enquanto seu pai continua deitado nessa cama simples de uma casa de saúde na beira da praia, internamente ele pode estar numa silenciosa escuridão de uma casa vazia repleta de cenas e lembranças que não podem ser acessadas por terceiros.

Um tempo depois, a enfermeira jovem de face rosada veio até o quarto, sorriu para Tengo e, em seguida, mediu a temperatura de seu pai, checkou a quantidade de soro que restava na bolsa plástica e o volume de urina acumulado no coletor. Pegou uma caneta e preencheu alguns números no formulário preso à prancheta. Agia de modo automático e rápido, como num manual. Enquanto observava essa série de movimentos, Tengo tentava imaginar como ela devia se sentir trabalhando numa casa de saúde de uma pequena cidade litorânea, cuidando de idosos com problemas cognitivos e sem perspectiva de cura. Ela era jovem e aparentava ser uma pessoa saudável. Sob o uniforme branco impecavelmente engomado, seus seios e o quadril eram pequenos, mas tinham um volume adequado. Uma penugem dourada brilhava em seu pescoço liso. No crachá de plástico preso ao peito estava escrito: Adachi.

O que a trouxe para um local tão distante, impregnado pelo

esquecimento e dominado pela morte lenta? Tengo sabia que ela era uma enfermeira eficiente e zelosa. Ainda era jovem e de notável desempenho. Se ela assim desejasse, certamente poderia trabalhar em clínicas de outras especialidades. Um lugar mais divertido e muito mais interessante. Por que ela escolheu trabalhar justamente naquele lugar tão triste? Tengo queria saber os motivos e as circunstâncias que a levaram a estar ali. Caso perguntasse, certamente ela lhe responderia sem rodeios. Pelo menos essa era a impressão de Tengo. Mas, achou melhor não se envolver além do necessário. Ainda por cima, aquela era a cidade dos gatos. Algum dia, ele teria de pegar o trem e retornar para o seu mundo.

Ao concluir as tarefas, a enfermeira recolocou a prancheta no lugar e, voltando-se para Tengo, esboçou um sorriso acanhado.

— Não há alterações. Seu estado continua o mesmo.

— Estável — disse Tengo, num tom de voz alegre e jovial. — No bom sentido.

A enfermeira esboçou um sorriso meio lastimoso e inclinou levemente a cabeça. Ao ver o livro fechado sobre o colo de Tengo, indagou: — Está lendo esse livro para ele?

Tengo assentiu:

— Mas é difícil saber se ele está escutando.

— Mesmo assim, acho que isso é bom — disse a enfermeira.

— Bem ou mal, não me ocorre mais nada que possa fazer por ele.

— Nem todos conseguem fazer o que desejam.

— A maior parte das pessoas, ao contrário de mim, possui uma vida cheia de afazeres — disse Tengo.

A enfermeira pensou em dizer algo, mas hesitou. No final, decidiu por não falar nada. Ela olhou para o seu pai que dormia e, em seguida, para Tengo.

— Espero que ele melhore — ela disse.

— Obrigado — disse Tengo.

Assim que a enfermeira Adachi deixou o quarto, Tengo fez um longo intervalo antes de recomençar a leitura.

No final da tarde, quando levaram o pai à sala de exames na maca, Tengo foi para o refeitório tomar um chá e ligar para Fukaeri do telefone público que havia no local.

— Alguma novidade? — Tengo perguntou para Fukaeri.

— Nenhuma em especial — ela respondeu. — É o mesmo de sempre.

— Também não tenho nenhuma. Todos os dias faço a mesma coisa.

— Mas o tempo não para.

— Isso mesmo — disse Tengo. — O tempo avança um dia, todos os dias.

E o que avançou não se pode retroceder, pensou.

— O corvo novamente passou por aqui — disse Fukaeri. — Um corvo grande.

— Esse corvo sempre aparece na janela ao entardecer.

— Ele faz a mesma coisa todos os dias.

— Isso mesmo — respondeu Tengo. — Como nós.

— Mas não se importa com o tempo.

— Acho que o corvo não se preocupa com a questão do tempo. O conceito de tempo só serve para os homens.

— Por quê.

— Os homens concebem o tempo como uma linha reta. É como marcar uma haste de madeira reta e comprida e definir que o que está do lado de cá é o passado e do de lá é o futuro. E que aqui e agora é o presente. Algo assim. Entende?

— Acho que sim.

— Na prática, porém, o tempo não é linear. No amplo sentido da palavra, o tempo não possui forma. Mas, diante da dificuldade de imaginar algo que não possui forma, por conveniência passamos a percebê-lo como uma linha reta. Até onde se sabe, somente o homem é capaz de fazer essa substituição conceitual.

— Mas nós é que podemos estar errados.

Tengo refletiu sobre isso.

— Está dizendo que o fato de considerar o tempo como uma linha reta e contínua pode estar errado?

Não houve resposta.

— Essa possibilidade existe, é claro. Podemos estar errados e o corvo é que está certo. Talvez o tempo não seja linear como supomos ser. Pode ser que ele tenha o formato de uma rosca trançada — disse Tengo. — Mas o homem provavelmente vive há dez milhões de anos tendo como base a ideia de que o tempo é uma linha reta e contínua, e suas ações foram pautadas nesse conceito. E até hoje ele não encontrou nenhuma inconveniência ou contradição nisso. Portanto, como modelo experimental, esta ideia pode ser considerada correta.

— Modelo experimental — disse Fukaeri.

— Através de inúmeras amostragens, uma hipótese pode ser considerada fundamentalmente correta.

Fukaeri permaneceu calada por um tempo. Tengo não sabia se ela entendera ou não o que ele acabara de dizer.

— Alô? — disse Tengo, para verificar se ela ainda estava na linha.

— Até quando você pretende ficar aí — perguntou Fukaeri, sem o tom de interrogação.

— Quer saber até quando pretendo ficar em Chikura?

— É.

— Não sei — disse Tengo, com sinceridade. — No momento, só posso dizer que pretendo ficar aqui até me convencer de certas coisas. Há coisas que eu ainda não consigo entender. Quero ficar mais um tempo e ver o que acontece.

Fukaeri novamente se calou do outro lado da linha. Quando se calava, era como se todo o seu ser deixasse de existir.

— Alô? — disse Tengo novamente.

— Não perca o trem — disse Fukaeri.

— Vou me cuidar — respondeu Tengo. — Tomarei cuidado para não perder a hora do trem. Está tudo bem por aí?

— Uma pessoa veio aqui, agora há pouco.

— Que tipo de pessoa?

— Um homem da Eneagá-cá.

— Um cobrador da NHK?

— Co-bra-dor — perguntou Fukaeri sem entonação.

— Você conversou com ele? — indagou Tengo.

— Não entendi o que ele estava dizendo.

Pelo visto, ela não sabia o que era NHK. Faltava-lhe alguns conhecimentos básicos da sociedade.

— Não vou poder te explicar por telefone, pois a conversa vai ficar longa, mas, em linhas gerais, trata-se de uma organização grande que emprega muitos trabalhadores. Eles visitam as casas de todo o Japão e mensalmente recolhem dinheiro. Mas eu e você não precisamos pagá-los, pois não recebemos nada. Em todo caso, você não abriu a porta, não é?

— Não abri a porta. Como você me pediu.

— Ótimo.

— Mas ele disse que eu era uma ladra.

— Não ligue pra isso — disse Tengo.

— Não roubamos nada.

— Claro que não. Você e eu não fizemos nada de errado.

Fukaeri novamente se calou do outro lado da linha.

— Alô? — disse Tengo.

Fukaeri não respondeu. Ela devia ter desligado o telefone, apesar de ele não ter escutado o som do aparelho ser colocado no gancho.

— Alô? — disse novamente Tengo, desta vez com a voz um pouco mais alta.

Fukaeri deu uma leve tossida. — Essa pessoa disse que conhecia você muito bem.

— Esse cobrador?

— É. O homem da Eneagá-cá.

— Ele te chamou de ladra.

— Ele não estava se referindo a mim.

— Era de mim?

Fukaeri não respondeu.

— De qualquer modo, não tenho televisão e não estou roubando nada da NHK.

— Ele ficou bravo por eu não abrir a porta.

— Isso é o de menos. Deixe ele ficar bravo. Não importa o que diga, jamais abra a porta, está bem?

— Não vou abrir a porta.

Ao dizer isso, Fukaeri desligou o telefone abruptamente. Mas talvez não tenha sido abrupto. Para ela, desligar naquele ponto da conversa era algo mais que natural e lógico. Aos ouvidos de Tengo, porém, soava abrupto. Afinal de contas, Tengo sabia muito bem que de nada adiantaria tentar imaginar o que Fukaeri estava pensando ou sentindo. Como um modelo experimental.

Tengo desligou o telefone e voltou para o quarto do pai.

Seu pai ainda não havia voltado para o quarto. O lençol da cama marcava uma depressão com o formato de seu corpo. E, como era de se esperar, não encontrou nenhuma crisálida de ar. No quarto que se tingia de um tom crepuscular tênue e frio havia somente um pequeno vestígio da pessoa que o ocupava havia pouco.

Tengo suspirou e se sentou na cadeira. Com as mãos no colo observou longamente a depressão no lençol. Depois, levantou-se e foi até a janela observar a paisagem. A chuva havia parado. Por sobre a fileira de pinheiros, as nuvens de final de outono pairavam numa faixa homogênea. Há tempos não contemplava tão belo entardecer.

Tengo não entendia por que o cobrador da NHK dissera que o “conhecia muito bem”. A última vez que um cobrador da NHK veio até a sua casa foi cerca de um ano atrás. Naquela ocasião, ele atendeu o cobrador na porta e explicou-lhe educadamente que não possuía televisão. Explicou que jamais assistia à TV. O cobrador não se convenceu disso, mas, após murmurar seu desagrado, não disse mais nada e se foi.

Será que era o mesmo cobrador daquela vez? Se não lhe falhava a memória, ele também o chamara de “ladrão”. Mas é um tanto estranho o mesmo cobrador voltar um ano depois e dizer que “o conhecia muito bem”. Eles conversaram somente cinco minutos diante da porta.

“Deixe estar”, pensou Tengo. O importante é que Fukaeri não abriu a porta. Esse cobrador não deve voltar. Eles precisam cumprir uma cota e estão cansados de enfrentar as desagradáveis discussões com aqueles que se recusam a pagar. Por isso, para evitar um desgaste desnecessário, eles percorrem os locais de cobrança fácil e evitam os de difícil arrecadação.

Tengo olhou novamente a depressão que seu pai deixara na cama e lembrou dos vários pares de sapatos usados por ele. Os pares que seu pai gastou para percorrer as rotas de cobrança diariamente, durante vários anos, eram de perder a conta. Todos os sapatos aparentemente eram idênticos. Pretos, de sola resistente, extremamente práticos e de couro barato. Ele os usava até o couro rasgar, o calcanhar deformar e o calçado ficar totalmente imprestável. Toda vez que o menino Tengo via aqueles sapatos completamente gastos e deformados, ele sentia muita pena. O sentimento de comiseração não era em relação ao pai, mas aos sapatos. Eles o faziam lembrar aqueles pobres animais de carga à beira da morte, após serem usados até não aguentarem mais.

Mas, pensando bem, o seu pai de hoje também não seria como um animal de carga à beira da morte? Não seria o mesmo que um sapato de couro

gasto?

Tengo desviou o olhar e novamente observou a paisagem pela janela. As cores avermelhadas da tarde escureciam gradativamente o céu poente. Lembrou-se da tênue luz azulada que a crisálida de ar emitia e da menina Aomame, deitada e dormindo no interior dela.

Será que aquela crisálida de ar vai surgir novamente aqui?

Será que o tempo realmente possui o formato de uma linha reta?

— Estou num beco sem saída — disse Tengo, olhando a parede. — Existem muitas variáveis. Por mais que eu tenha sido uma criança prodígio, é impossível encontrar respostas.

Obviamente, a parede não lhe respondeu e tampouco expressou qualquer opinião. Ela apenas refletia silenciosamente as cores do entardecer.

Ushikawa não conseguia se livrar da ideia de que aquela velha senhora que morava na mansão de Azabu estava, de alguma maneira, envolvida no assassinato do Líder. Ele havia recolhido informações sobre a vida dela. Tarefa relativamente fácil por ser ela uma pessoa famosa na alta sociedade. O marido fora uma figura de destaque no mundo empresarial do pós-guerra e desfrutara de considerável poder de influência nas esferas políticas. Atuara principalmente no setor de investimentos e no ramo imobiliário, estendendo os negócios inclusive nas áreas relacionadas ao comércio atacadista e varejista e no de transportes. Com o falecimento do marido, em meados da década de 50, ela assumira os negócios. Além de possuir um talento ímpar para administrá-los, era dotada de uma afortunada capacidade de pressentir o perigo iminente. Em meados da década de 60, ao sentir que a empresa estava envolvida em negócios demais, estrategicamente vendeu as ações de alguns setores a preços bem altos, enxugando gradativamente seu portfólio. E concentrou todos os esforços nas áreas que lhe restaram. Graças a essa estratégia, suas empresas foram minimamente afetadas durante a crise do petróleo e, superada esta, obtiveram um considerável aumento de capital. Possuía o dom de transformar o risco dos outros em uma boa oportunidade para ela.

Atualmente, ela tem mais de setenta anos e não está mais à frente dos negócios. Possui um imenso patrimônio em bens e capital e vive confortavelmente numa mansão, sem ninguém para importuná-la. Nascida em berço de ouro, casou-se com um homem rico e, após enviuvar, tornou-se ainda mais rica. Por que uma mulher assim planejaria matar alguém?

No entanto, Ushikawa achou melhor investigar a fundo a vida dessa velha senhora. Em primeiro lugar, por não ter outra pista realmente plausível e, em segundo, porque estava cismado com o abrigo que ela administrava. O fato de ela oferecer gratuitamente um local seguro para abrigar mulheres, vítimas da violência doméstica, não era algo especialmente estranho. Era uma atitude saudável e benéfica, um serviço em prol da sociedade. Ela possuía recursos financeiros e as mulheres que ela generosamente auxiliava sentiam uma imensa gratidão por esse ato. Mas os apartamentos que serviam de abrigo possuíam um esquema de segurança exagerado: o portão de entrada reforçado com inúmeros cadeados, o pastor-alemão e as câmeras de monitoramento. Ushikawa não podia deixar de considerar que o local era seguro demais.

A primeira coisa que Ushikawa verificou foi o nome do proprietário do

terreno e da casa em que a velha senhora morava. Essas informações eram públicas e bastava ir à prefeitura para rapidamente obtê-las. Tanto o terreno quanto a casa estavam registrados no nome dela. Não estavam hipotecadas. Estava tudo às claras. Por se tratar de um patrimônio pessoal, o imposto anual sobre bens imóveis era alto, mas isso era o de menos para uma pessoa como ela. O imposto sucessório sobre a herança era igualmente exorbitante, mas isso também não parecia ser um problema. Uma postura rara entre os ricos. A experiência de Ushikawa ensinou-lhe que não existe gente que mais odeia e evita pagar impostos do que os ricos.

Após a morte do marido, ela continuou a viver sozinha naquela enorme mansão. Não morava exatamente sozinha, pois era presumível que houvesse alguns empregados vivendo no local. Ela teve dois filhos. O mais velho assumiu os negócios da família e tinha três filhos. A filha foi casada, mas morreu de uma doença havia quinze anos, e não deixou filhos.

Reunir esse tipo de informação era relativamente fácil. Mas, ao tentar descobrir dados mais pessoais, subitamente surgia uma parede maciça bloqueando o caminho. Todos os caminhos possíveis e imagináveis estavam bloqueados. Deparava-se com um muro alto e com inúmeras trancas nas portas. Ushikawa se deu conta de que a mulher não tinha nenhuma intenção de expor sua vida particular. E que não media esforços nem dinheiro para se resguardar. Ela não dava entrevistas e tampouco se pronunciava. Não conseguiu sequer encontrar uma foto dela, mesmo nas fontes mais variadas.

O nome dela constava na lista telefônica do distrito de Minato. Ushikawa telefonou para o número indicado. Seu *modus faciendi* era sempre o de “ver para crer”, independentemente do que fosse. Antes do segundo toque, um homem atendeu o telefone. Ushikawa identificou-se com um nome fictício e, dizendo trabalhar numa dessas empresas de investimentos, explicou que “gostaria de conversar com a proprietária sobre um fundo de investimento que ela possui”. O homem respondeu: “A senhora não pode atender o telefone. Diga-me do que se trata que eu me encarrego de transmitir a informação.” O tom de sua voz denotava uma seriedade convincente, como daquelas vozes sintetizadas mecanicamente. Ushikawa explicou que a norma da empresa não permitia tratar do assunto a não ser diretamente com a pessoa e que, nesse caso, ele precisaria de alguns dias para providenciar o envio dos documentos pelo correio. O homem solicitou que assim o fizesse e desligou o telefone.

Ushikawa não ficou particularmente decepcionado por não ter conseguido falar com a velha senhora. Desde o início ele não tinha essa expectativa. O que realmente queria averiguar era o quanto ela se preocupava em preservar a privacidade. E, pelo que constatou, a preocupação era excessiva. Algumas pessoas cuidavam e zelavam pela sua proteção. Foi a impressão de Ushikawa ao escutar o tom do homem que o atendeu, possivelmente o secretário particular dela. O nome dela aparecia na lista telefônica, mas as pessoas que têm acesso direto são restritas. As que não possuem acesso são imediatamente agarradas e expulsas como formigas que tentam entrar no açucareiro.

Com a desculpa de estar procurando algum imóvel para alugar, Ushikawa percorreu as imobiliárias das redondezas com o intuito de discretamente obter informações sobre o abrigo. Os corretores, em geral, nem mesmo tinham conhecimento da existência daqueles apartamentos. Aquela região era um dos poucos e raros bairros residenciais de alto padrão existentes em Tóquio. As imobiliárias basicamente trabalham com imóveis caros e não estão interessadas em aluguéis de apartamentos de um sobrado de madeira. Os corretores praticamente ignoraram Ushikawa só de passarem o olho no rosto e nas roupas que usava, a ponto de ele achar que, se um cachorro sarnento, sem rabo e molhado pela chuva entrasse pela fresta da porta, seria tratado de modo um pouco mais afetuoso.

Quando pensava em desistir, uma pequena imobiliária, que parecia ser bem antiga naquela região, chamou-lhe a atenção. Um velho de rosto amarelado, que tomava conta do estabelecimento, espontaneamente começou a dar informações dizendo “Ah! Aquela casa...”. O rosto dele era todo enrugado, como uma múmia de segunda classe. Ele conhecia tudo daquela área e queria alguém, não importa quem, para conversar.

— Aquele imóvel era da esposa do senhor Ogata e, se não me engano, antigamente os apartamentos eram alugados. Não sei por que ela mantinha aquele imóvel. Afinal, não era uma pessoa que tivesse de administrar aluguéis de apartamentos. Acho que o mais provável é que o imóvel fosse usado como alojamento de seus funcionários. Hoje em dia, eu não sei, mas acho que virou uma espécie de *kakekomidera*. Lembra aqueles templos budistas que nos tempos feudais davam asilo às esposas que fugiam dos maridos para desfazer o vínculo matrimonial? De qualquer modo, isso não serve de ganha-pão para as imobiliárias.

Após dizer isso, o velho deu uma risada sem abrir a boca. Uma risada que lembrava o tamborilar de um pica-pau.

— É mesmo? Uma espécie de *kakekomidera*? — disse Ushikawa, oferecendo-lhe um Seven Stars. O velho aceitou um cigarro e, após Ushikawa acendê-lo com seu isqueiro, pôs-se a tragar prazerosamente. Uma tragada que lhe deu tanta satisfação que até o Seven Stars deve ter sentido o deleite de ser devidamente apreciado, pensou Ushikawa.

— Eles abrigam as mulheres que fogem dos maridos, com os rostos inchados, após terem levado uma surra deles. Certamente o abrigo não deve cobrar aluguel.

— É um tipo de serviço público?

— Creio que sim. Como ela tinha apartamentos sobrando, resolveu abrigar essas pessoas necessitadas. Digamos que, por ser podre de rica, ela pode fazer o que bem entende, sem se preocupar em obter lucros. Uma situação muito diferente da nossa, que somos do povo.

— Mas por que será que a esposa do senhor Ogata resolveu fazer isso? Teria algum motivo em especial?

— Não sei, mas como é rica, pode ser um passatempo.

— Mesmo que seja um passatempo, se dispor a ajudar as pessoas é muito bom, não acha? — disse Ushikawa, sorridente. — Nem todos os que têm dinheiro de sobra costumam tomar esse tipo de iniciativa.

— Não há dúvidas de que isso é realmente uma coisa boa. Antigamente, eu vivia batendo na minha esposa e, por isso, não posso falar muito — disse o velho, abrindo exageradamente a boca sem um dos dentes, numa sonora gargalhada. Era como se o fato de bater na esposa fosse digno de uma menção honrosa.

— Hoje, quantas pessoas moram lá? — perguntou Ushikawa.

— Todas as manhãs, ao caminhar, costumo passar na frente daquela casa, de fora, não dá para ver nada. Mas creio que sempre há pessoas morando lá. Parece que no mundo existem muitos homens que batem nas mulheres.

— A quantidade de pessoas que praticam o mal é bem maior do que as que praticam o bem.

O velho novamente soltou uma gargalhada com a boca escancarada. — É isso mesmo. No mundo existem muito mais pessoas que fazem coisas ruins do que aquelas que fazem coisas boas.

De certa forma, o velho parecia ter gostado de Ushikawa. E isso o deixou desconfortável.

— Por falar nisso, como é a esposa do senhor Ogata? — perguntou Ushikawa, num tom casual.

— Para ser sincero, não sei quase nada sobre ela — disse o velho, franzindo veementemente as sobrancelhas, como o espírito de uma árvore seca. — Ela é uma pessoa extremamente reservada. Tenho o meu negócio aqui há tempos, mas só a vejo de vez em quando, de relance, e sempre a uma certa distância. Ela sai de carro com chofer e as empregadas é que fazem todas as compras. Tem também um homem, que deve ser o seu secretário particular, e que, em geral, se encarrega de resolver quase tudo. De qualquer modo, ela teve uma boa educação e veio de uma família rica, por isso jamais conversaria diretamente com gente do povão como nós — o velho franziu as sobrancelhas e, emoldurado pelas acentuadas rugas da face, piscou para Ushikawa.

Segundo o velho de cara amarela, o grupo que ele denominava “gente do povo” era constituído principalmente por pessoas como ele e Ushikawa.

Ushikawa indagou:

— Há quanto tempo a senhora Ogata acolhe essas vítimas da violência doméstica?

— Hum... Não tenho certeza. Eu soube por terceiros que aquele lugar era como um *kakekomidera*. Não sei quando se tornou um abrigo. Só sei que, nesses últimos quatro anos, a frequência de pessoas entrando e saindo é bem maior. Pensando bem, acho que foi nesses últimos quatro ou cinco anos — disse o velho pegando a xícara e tomando um gole do chá que esfriara. — Foi nessa época que instalaram um portão novo e, de uma hora para outra, reforçaram a segurança. Mas isso é esperado, por se tratar de um abrigo. Se qualquer um pudesse entrar a torto e a direito, as pessoas que vivem no local não ficariam

sosegadas.

Após dizer isso, como que voltando para a realidade, o velho lançou um olhar inquiridor a Ushikawa: — Então, você está procurando uma casa com um aluguel acessível, não é?

— Isso mesmo.

— Então é melhor procurar em outra região. Por aqui só existem mansões e, mesmo que encontre algum imóvel para alugar, o preço do aluguel é exorbitante, pois os principais clientes são os diplomatas estrangeiros que trabalham nas embaixadas. Antigamente, as pessoas comuns, mesmo não sendo ricas, moravam aqui. Iniciei o meu negócio naquela época para justamente atender esse tipo de público. Mas hoje não existem imóveis acessíveis como naquela época e, por isso, estou pensando em fechar a firma. Os preços dos terrenos em Tóquio subiram vertiginosamente e, para microempresas como a minha, competir nesse mercado imobiliário tornou-se impossível. Se você não tem dinheiro sobrando, acho melhor procurar em outro lugar.

— Farei isso — disse Ushikawa. — Realmente, não tenho dinheiro sobrando. Vou procurar em outra área.

O velho suspirou e ao mesmo tempo soltou a fumaça do cigarro.

— Mas, se a esposa do senhor Ogata vier a falecer, aquela mansão deixará de existir. O filho dela é um típico empreendedor e não vai deixar um terreno localizado numa área nobre à toa. Sem perda de tempo, ele vai mandar derrubar aquela mansão para construir apartamentos de luxo. É capaz até que ele já tenha um pré-projeto guardado na gaveta.

— Se isso acontecer, a atmosfera calma e tranquila desta região também deixará de existir.

— Ah! Sem dúvida, mudará da água para o vinho.

— O filho atua em que tipo de negócio?

— Basicamente, ele é do ramo imobiliário. Digamos que é do mesmo ramo que eu. Mas a diferença entre nós é como a do dia e da noite. É como comparar um Rolls-Royce com uma *bicicleta* velha. Ele possui capital e constrói edifícios enormes, um após o outro. A estrutura empresarial é tão aprimorada que ele consegue sugar todo o lucro para si. Ele não deixa *sobrar* nenhuma gota para nós. O mundo se tornou cruel demais.

— Estive caminhando pelas redondezas e, realmente, fiquei admirado. A mansão da senhora Ogata é magnífica.

— Ah! É a residência mais bonita dessa área. Só de pensar que um dia aquele belíssimo salgueiro poderá ser cortado e vir abaixo, me dói o coração — disse o velho, balançando a cabeça, demonstrando estar realmente entristecido — Espero que a esposa do senhor Ogata continue a viver por mais tempo.

— Tem razão — concordou Ushikawa.

Ushikawa entrou em contato com o Centro de Apoio às Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. Para sua surpresa, esse grupo de apoio constava na lista

telefônica exatamente com esse nome. Era uma organização sem fins lucrativos, administrada por uma equipe de advogados voluntários que se revezavam no atendimento às mulheres. O abrigo da velha senhora colaborava com essa instituição e acolhia as mulheres que não tinham para onde ir. Ushikawa agendou uma visita em nome de sua empresa. Aquela intitulada “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. Ushikawa sutilmente deu a entender que a instituição poderia receber um auxílio financeiro e, com isso, conseguiu agendar um horário para a visita.

Ushikawa entregou o cartão de visitas (igual ao que ele entregara a Tengo) e explicou que um dos objetivos da Fundação era selecionar anualmente uma organização sem fins lucrativos que notoriamente vinha contribuindo para o bem da sociedade, oferecendo-lhe um auxílio financeiro. O Centro de Apoio às Mulheres era uma das candidatas. Disse também que não poderia revelar quem era o responsável pela oferta, mas deixou claro que o auxílio poderia ser usado como bem entendessem e que a única obrigação era a de entregar um relatório bem simples no final do ano.

A primeira impressão que o jovem advogado teve de Ushikawa, a contar pela sua aparência, não parecia ter sido boa nem inspirado confiança, mas, como a situação financeira da instituição encontrava-se cronicamente debilitada, qualquer auxílio seria bem-vindo. Por isso, deixando de lado as suspeitas, o advogado resolveu dar atenção à sua conversa.

Ushikawa disse que gostaria de conhecer alguns detalhes sobre as atividades realizadas pela organização. O advogado apresentou o histórico de sua fundação. Ushikawa achou essa conversa entediante, mas fingiu prestar atenção na explicação, esboçando uma expressão de real interesse. De modo preciso, soltava interjeições condizentes com os fatos narrados e, ao concordar com a opinião do interlocutor, seu rosto demonstrava candura. Com o decorrer da conversa, o jovem advogado começou a gostar de Ushikawa e parecia ter reavaliado a primeira impressão que de suspeita, influenciado pela sua aparência. Ushikawa era um ouvinte treinado, e o modo sincero e atento de ouvir deixava o interlocutor à vontade.

Oportunamente, ele mudou o assunto de modo espontâneo para falar sobre o abrigo. Indagou para onde eles encaminhavam as mulheres, que lamentavelmente eram vítimas da violência doméstica, quando elas não tinham um local seguro onde ficar. Ao fazer essa pergunta, Ushikawa esboçou uma expressão de quem realmente se condoía pelo destino dessas mulheres que tiveram suas vidas destruídas, como as folhas das árvores quando arrancadas à força por um intenso vendaval.

— Nesses casos, temos alguns abrigos disponíveis — disse o jovem advogado.

— Como são esses abrigos?

— São uma espécie de refúgio temporário. Não temos muitos locais de refúgio, mas algumas pessoas caridosas nos oferecem alguns. Um dos nossos colaboradores ofereceu um prédio inteiro de apartamentos por exemplo.

— Um prédio inteiro — disse Ushikawa, fingindo surpresa. — Quer dizer que realmente existem pessoas generosas no mundo.

— Existem sim. Quando as nossas atividades são divulgadas nos jornais e nas revistas, algumas pessoas entram em contato e querem de algum modo colaborar conosco. Sem o auxílio delas, não temos como administrar essa entidade. Funcionamos numa situação em que praticamente temos de arcar com as despesas usando dinheiro de nossos próprios bolsos.

— O que os senhores estão fazendo é uma atividade muito significativa — disse Ushikawa.

O advogado esboçou um sorriso ingênuo. Ushikawa novamente se convenceu de que não existe pessoa tão fácil de enganar quanto aquela que está convencida de estar fazendo a coisa certa.

— Quantas mulheres vivem hoje nesses apartamentos?

— Varia de acordo com a época, mas, vejamos, hoje deve ter umas quatro ou cinco mulheres — respondeu o advogado.

— Sobre essa pessoa generosa que ofereceu os apartamentos — disse Ushikawa —, o que será que aconteceu para que se envolvesse nessa causa? Deve ter algum motivo.

O advogado inclinou a cabeça. — Isso eu não saberia responder. O que se sabe é que ela já auxiliava algumas vítimas, de modo privado. De nossa parte, só podemos aceitar essa gentil colaboração com gratidão. Se a pessoa não quer explicar os motivos, nós também não fazemos questão de saber.

— É claro — concordou Ushikawa. — Por falar nisso, a localização do abrigo é mantida em segredo, não é?

— Sim. As mulheres precisam estar seguras e protegidas, e a maioria dos nossos mantenedores quer preservar o anonimato. Afinal de contas, estamos lidando com casos que envolvem atos de violência.

A conversa se estendeu durante um tempo, mas Ushikawa não obteve nenhuma informação concreta além das que já havia conseguido. Ele tomou conhecimento de que o Centro iniciara suas atividades havia quatro anos e que, logo no início, um benfeitor entrou em contato oferecendo um prédio de apartamentos para servir de abrigo, uma vez que não estava fazendo uso desse imóvel. Essa pessoa soube deles por meio de um artigo veiculado no jornal. A única condição exigida foi a de não revelar o seu nome. Mas, a partir da conversa com o advogado, Ushikawa deduziu que não havia dúvidas de que esse benfeitor era a velha senhora de Azabu, e que o abrigo mencionado era o prédio de madeira, em sua propriedade.

— Desculpe-me tomar o seu tempo — disse Ushikawa, demonstrando respeito cordial ao jovem advogado idealista. — A atividade que vocês estão realizando é de valorosa contribuição para a sociedade. Transmitirei as informações, e estas serão submetidas à apreciação na próxima reunião do Conselho. Em breve, entrarei em contato. Meus sinceros votos para a contínua prosperidade de suas atividades.

O próximo passo de Ushikawa foi investigar as circunstâncias da morte da filha da velha senhora. A moça se casara com um alto funcionário do Ministério dos Transportes e Correios e faleceu aos 36 anos de causas que Ushikawa não conseguiu descobrir. O marido deixou o emprego logo após a morte da esposa. As únicas informações obtidas eram essas. O motivo de ele deixar o emprego e o que estaria fazendo da vida também eram desconhecidos. O fato de ele pedir demissão poderia estar relacionado à morte da esposa, ou não. O Ministério dos Transportes e Correios não era uma repartição que prontamente revelava informações internas para um cidadão comum. No entanto, Ushikawa possuía um olfato apurado. Ele farejava que ali *havia algo de suspeito*. Ushikawa não conseguia se convencer de que o marido, inconformado e entristecido com a perda da esposa, tivesse abandonado a carreira, o emprego e optasse por viver longe da sociedade.

Do ponto de vista de Ushikawa, a morte de uma mulher de 36 anos por motivo de doença não era muito comum. Obviamente, havia exceções. Afinal, independentemente da idade, e por mais que a pessoa viva em condições satisfatórias, ela pode repentinamente vir a ficar doente e morrer de câncer, tumor cerebral, peritonite ou pneumonia aguda. O corpo é frágil e vulnerável. Mas, se não há uma causa natural, o mais provável é que uma mulher rica de 36 anos venha a falecer somente por motivo de acidente ou suicídio.

“*Vamos levantar uma hipótese*”, pensou Ushikawa. Vamos seguir o famoso princípio da “Navalha de Occam” e levantar a hipótese mais simples. Devem-se eliminar todas as premissas desnecessárias e assumir uma única linha de raciocínio.

“Vamos seguir a premissa de que a filha da velha senhora não tenha morrido por doença, mas que tenha se suicidado.” Ushikawa esfregou as palmas das mãos enquanto cogitava essa hipótese. “Mentir publicamente que a filha morrera de doença, de modo a ocultar o suicídio, não seria algo tão difícil. Ainda mais sendo uma pessoa influente e rica. Seguindo esse raciocínio, podemos supor que a filha tenha sido vítima de violência doméstica e, sem motivação para viver, decidiu acabar com a própria vida. Isso não deixa de ser uma possibilidade plausível. É certo que muitas pessoas da chamada elite possuem um caráter repugnante e uma personalidade distorcida.

“Neste caso, que tipo de atitude a velha senhora tomaria como mãe? Será que ela se conformaria, como sendo coisa do destino, e deixaria as coisas como estão? Não. Creio que não. O mais provável era tentar descobrir o que levou a filha a cometer o suicídio e tratar de se vingar da melhor forma.” A essa altura, Ushikawa já tinha uma ideia de que tipo de pessoa era a velha senhora: uma mulher corajosa e inteligente, com um raciocínio claro e preciso e que, uma vez decidida, agia imediatamente, sem titubear. Para isso, ela usaria todo o seu poder e sua influência. Ela não deixaria de se vingar da pessoa que a machucou, prejudicou e que, por fim, tirou a vida de alguém que lhe era tão querida.

Ushikawa não tinha como saber que tipo de vingança ela teria praticado com o marido da filha. As pistas desse marido haviam desaparecido no ar.

Ushikawa não achava verossímil que ela o tivesse matado. Era uma mulher serena e extremamente cautelosa, com uma ampla visão do mundo. Uma pessoa assim certamente não tomaria uma atitude tão drástica. Por outro lado, agiria implacavelmente, até com crueldade. Independentemente do que tenha feito, é difícil imaginar que tenha deixado algum vestígio comprometedor de seu ato.

Mas a raiva e o desespero de uma mãe que perdeu a filha não se limitam a uma vingança pessoal. Ao tomar conhecimento pelo jornal das atividades do Centro de Apoio às Vítimas da Violência Doméstica, ela entra em contato e diz que gostaria de colaborar. Explica que possui um imóvel na cidade e que, por não estar sendo utilizado, poderia disponibilizá-lo para acolher gratuitamente essas mulheres. Explica que o imóvel já foi utilizado com o mesmo objetivo e que o único pedido é que seu nome jamais seja revelado publicamente. Os advogados ficam imensamente gratos com essa oferta. O fato de ela colaborar com uma entidade pública torna a sua vingança maior e mais eficiente e, reconhecidamente, um gesto sublime. Essa sua atitude é a prova de que ela soube aproveitar as oportunidades e a motivação para tomar medidas construtivas.

Até este ponto, a hipótese fazia sentido. Ele só não tinha como prová-la. Esse tipo de teoria eliminava inúmeras dúvidas. Ushikawa lambeu os lábios e esfregou as mãos num gesto vigoroso. No entanto, a partir desse ponto, as coisas começavam a ficar um pouco mais nebulosas.

A velha senhora conheceu uma jovem instrutora chamada Aomame, que trabalhava num clube esportivo que costumava frequentar e, por algum motivo, as duas fizeram um pacto secreto. Elaboraram um minucioso plano e Aomame foi enviada para o quarto no hotel Ôkura, com o objetivo de matar o líder de Sakigake. O método utilizado é desconhecido. Ou talvez Aomame possuía uma técnica especial para matar. Por isso, a despeito de o Líder estar cercado de guarda-costas leais e competentes, ele acaba sendo morto.

Até este ponto, apesar de ser uma hipótese intrigante, havia uma linha de raciocínio. Mas, ao tentar estabelecer a relação entre o líder de Sakigake e a organização de apoio às vítimas da violência doméstica, Ushikawa ficava confuso. Ele se sentia encurralado e, de repente, a linha de raciocínio era cortada com uma navalha bem afiada.

O que o grupo religioso queria de Ushikawa naquele momento eram duas coisas: a primeira, descobrir quem planejou o assassinato do Líder; e a segunda, o paradeiro de Aomame.

Ushikawa foi o responsável por descobrir os antecedentes de Aomame. Ele estava acostumado a fazer esse tipo de levantamento e, de fato, já realizara inúmeras investigações desse tipo. Ela tinha a ficha limpa. Sob os mais diversos aspectos, ele não encontrou nenhum ponto que a desabonasse. Isso foi comunicado ao grupo. Aomame foi chamada a comparecer na suíte do hotel Ôkura e fez uma sessão de alongamento muscular. Quando ela deixou o hotel, o Líder estava morto e ela desapareceu, como fumaça ao vento. Diante dessa

ocorrência, o grupo ficou muito descontente com ele. Do ponto de vista deles, a investigação de Ushikawa não fora satisfatória.

Mas, na verdade, Ushikawa seguiu os passos de sua investigação como sempre costumava fazer, de modo a não deixar lacunas. Como ele próprio dissera ao rapaz de cabelo rente, nunca havia falhado nesse tipo de serviço. Reconhecia que o lapso foi não ter examinado o registro de ligações telefônicas, mas, a não ser em casos complexos, normalmente não era necessário fazer esse tipo de checagem. Diante do que investigou sobre Aomame, não havia um único ponto que levantasse alguma suspeita sobre ela.

De qualquer modo, Ushikawa não podia permitir que eles continuassem insatisfeitos. Eles o pagavam bem, mas eram pessoas perigosas. Só o fato de Ushikawa saber que haviam secretamente sumido com o corpo do Líder já o colocava em perigo. Era preciso provar para o grupo que valia a pena deixá-lo, vivo; que vivo, ele seria mais útil.

Não havia provas de que a velha senhora de Azabu estivesse envolvida com o assassinato do Líder. Até aquele momento, tudo não passava de uma hipótese. Mas o faro de Ushikawa o fazia intuir que havia algum segredo muito importante escondido naquela enorme mansão, repleta de belos salgueiros. Ele precisava revelar a verdade; uma tarefa nada fácil. O suspeito estava bem protegido e não havia dúvidas de que contava com a ajuda de profissionais.

Seria a *yakuza*?

Talvez. No mundo dos negócios, especialmente no setor imobiliário, é comum existirem negociações entre as empresas e a *yakuza*, sem o conhecimento da sociedade. O serviço sujo fica sob a responsabilidade dessas gangues. Não seria de estranhar que a velha senhora usasse esse subterfúgio. Mas Ushikawa não aceitava essa hipótese. A velha senhora era uma pessoa de berço, e por demais bem educada para se envolver com esse tipo de gente. Era difícil aceitar a ideia de que ela estaria usando o poder da máfia japonesa para proteger as vítimas da violência doméstica. O mais provável era que ela própria tivesse um sistema de segurança. Uma estrutura particular, refinada. Devia ser oneroso manter esse tipo de segurança, mas ela não tinha problemas financeiros. Um sistema que, quando necessário, poderia se tornar violento.

Se a hipótese de Ushikawa estivesse correta, Aomame, à essa altura, estaria bem longe, escondida em algum lugar. Todas as pistas teriam sido eliminadas e, inclusive, ela deveria estar com uma nova identidade e um nome novo. Quem sabe até com uma aparência totalmente nova. Nesse caso, com os recursos de investigação de que dispunha, Ushikawa não conseguiria encontrar seu rastro.

De qualquer modo, a única alternativa era seguir essa linha de investigação em torno da velha senhora de Azabu. “Preciso descobrir alguma ponta solta e, a partir daí, seguir os passos de Aomame. Isso tanto pode dar certo, como não dar em nada.” O mérito de Ushikawa era possuir olfato apurado e extrema perseverança. Uma vez que ele agarrava algo, jamais soltava. “Além disso, o que mais eu tenho que vale a pena mencionar?”, se perguntou Ushikawa. “Será

que tenho alguma outra capacidade de que eu possa me gabar?”

“Não tenho mais nenhuma”, respondeu Ushikawa, com extrema convicção.

Aomame

Por mais que se contenha a respiração

Levar uma vida monótona e solitária, confinada num único lugar, não chegava a ser motivo de sofrimento para Aomame. Sua rotina era acordar às seis e meia e tomar um café da manhã bem simples. Depois, levava cerca de uma hora para lavar e passar as roupas ou limpar o chão. Uma hora e meia antes do almoço, exercitava vigorosamente o corpo de modo eficiente e concentrado, utilizando os aparelhos enviados por Tamaru. A experiência adquirida como instrutora profissional lhe permitia discernir quais músculos deveriam ser trabalhados diariamente, adequando o tipo de exercício e dosando sua intensidade e carga, sem o perigo de se exceder.

O almoço consistia basicamente de saladas, legumes e frutas. Após a refeição, geralmente sentava-se no sofá para ler e tirar um pequeno cochilo. Ao entardecer, levava cerca de uma hora para preparar a refeição e jantava antes das seis. Quando escurecia, ia para a varanda, sentava-se na cadeira de jardim e observava o parque infantil. E, às dez e meia, ia para a cama dormir. Essa era sua rotina. Mas isso não a deixava entediada.

Para início de conversa, ela não era uma pessoa muito sociável. Nesse sentido, ela não se importava de não poder se encontrar nem conversar com ninguém. Na escola primária ela praticamente não conversava com nenhum de seus colegas de classe. Ou melhor, ninguém costumava falar com ela, a não ser quando estritamente necessário. Consideravam-na um elemento estranho, “um nada” que deveria ser excluído e ignorado. Aomame sabia que essa atitude não era de todo imparcial. Se o problema ou a culpa fossem exclusivamente dela, ser excluída seria inevitável, mas esse não era o seu caso. A única maneira de uma criança pequena conseguir sobreviver é aceitar as ordens impostas pelos pais, de boca fechada. Por isso ela nunca reclamou de ter de rezar em voz alta antes das refeições e, aos domingos, acompanhar a mãe nas andanças pela cidade em busca de fiéis. Também nunca se queixou de, por motivos religiosos, não poder participar das excursões escolares aos templos budistas nem de não poder participar das festas natalinas; nem de ter de vestir roupas de segunda mão. Mas as crianças que estudavam com ela não sabiam dessa sua situação e tampouco estavam interessadas em saber. Elas apenas sentiam aversão por ela. Os próprios professores também manifestavam claramente o quanto a presença dela era inconveniente.

Claro, havia a possibilidade de Aomame mentir para os pais. Poderia dizer-lhes que rezava antes das refeições e não fazê-lo. Mas isso era algo que ela

não queria. Em primeiro lugar, não queria mentir para Deus — independentemente de Ele existir ou não —, e, em segundo, tinha raiva dos colegas de classe. “Se a minha presença é tão inconveniente, que continuem achando o que quiserem”, pensou Aomame. Rezar antes das refeições tornou-se uma provocação. “Estou sendo imparcial.”

De manhã, ao acordar, era um sofrimento ter de trocar de roupa e ir à escola. Não raro, o nervosismo lhe causava diarreia e, vez por outra, vômitos. Às vezes, tinha febre, dor de cabeça e sentia dormência nos braços e nas pernas. Mesmo assim, nunca deixou de ir à escola. Se faltasse um dia, certamente teria vontade de continuar faltando e, com o tempo, passaria a não mais frequentar a escola. Isso era o mesmo que assumir a derrota diante dos colegas e dos professores. Não havia dúvidas de que, sem a presença dela, todos se sentiriam aliviados. Aomame, porém, não queria proporcionar esse alívio, não para eles. Por isso, por mais que fosse penoso, ela ia para a escola, ainda que rastejando. E suportou tudo calada.

Comparado com aquela situação *cruel* da infância, ficar sozinha, sem falar com ninguém, e escondida num apartamento bonito, limpo e bem arrumado, era o de menos. Em comparação com a agrura de se manter calada, quando todos ao redor conversavam animadamente, estar sozinha e em silêncio era muito mais fácil e natural. E havia alguns livros que precisava ler. Começara pelo Proust que Tamaru lhe enviara. Ela lia, no máximo, vinte páginas por dia. Uma leitura cuidadosa e sem pressa, palavra por palavra, sem perder o enredo da história. Após essas vinte páginas, ela pegava outro livro. E, antes de dormir, sempre lia algumas páginas *Crisálida de ar*. Era um livro que fora escrito por Tengen e, num certo sentido, servia como um manual para viver em 1Q84.

Ela também ouvia música. A velha senhora havia lhe mandado uma caixa cheia de fitas-cassete de músicas clássicas, de variados tipos e gêneros: sinfonias de Mahler, música de câmara de Haydn, músicas de solo para teclado de Bach. Entre elas havia também a *Sinfonietta* de Janáček, que ela havia solicitado. Uma vez por dia ela ouvia a *Sinfonietta*, enquanto praticava em silêncio seus exercícios físicos.

O outono serenamente se instalava. A impressão que tinha era de que seu corpo se tornava mais transparente com o decorrer dos dias. Ela procurava, na medida do possível, não pensar em nada, mas era impossível. Se existe um vazio, algo irá preenchê-lo. Mas, pelo menos naquele momento, ela não sentia a necessidade de nutrir algum tipo de ódio. Não havia mais a necessidade de sentir ódio dos seus colegas de classe nem dos professores. Ela não era mais uma criança indefesa e ninguém a obrigava a ter de seguir uma religião. Não precisava mais odiar os homens que batiam e machucavam as mulheres. Aquele ódio que até então invadia o seu corpo como uma maré alta — aquele sentimento de intensa irritação que fazia com que tivesse vontade de socar a parede — desaparecera por completo, sem que percebesse. Ela não sabia o porquê, mas o fato é que esse sentimento jamais voltou. Para Aomame isso era gratificante. Na medida do possível, não queria mais machucar ninguém. Assim como não queria que

ninguém a machucasse.

Nas noites em que não conseguia dormir, Aomame pensava em Tamaki Ôtsuka e em Ayumi Nakano. Ao fechar os olhos, lembrava-se vividamente do contato de seus corpos ao abraçá-las. Elas possuíam uma tez macia, sedosa e quente. Corpos delicados, pungentes, por onde o sangue, bombeado pelo coração, circulava numa cadência ritmicamente regular e sonoramente benevolente. Suspiros breves e risadinhas entrecortadas. Dedos delgados, bicos dos seios duros, coxas macias... Mas elas não estão mais neste mundo.

E como água, fluida e turva, a tristeza preenchia o coração de Aomame, silenciosa, sorrateira. Nessas horas, ela procurava mudar a posição do disjuntor de suas lembranças e canalizava o pensamento em Tengo. Recordava o breve toque da mão do Tengo de dez anos quando estavam naquela sala, após as aulas. Em seguida, lembrava a imagem recente do Tengo de trinta anos, sentado no topo do escorregador. E imaginava aqueles braços grandes e fortes a envolvê-la.

“Ele estava quase ao alcance de minhas mãos. Da próxima vez, talvez eu consiga esticar os braços e possa realmente alcançá-lo.”

Aomame cerrava os olhos em meio à escuridão e se entregava confiante a essa possibilidade. Dava um voto ao seu desejo.

“Mas e se eu nunca mais encontrá-lo. O que devo fazer?” Seu coração estremeceu. Antes de existir um ponto real de conexão com Tengo, a história era bem mais simples. Até então, encontrar-se com o Tengo adulto não passava de um sonho, uma hipótese abstrata. Mas, no momento em que Aomame o viu *de verdade*, a existência dele se tornou incomparavelmente mais real e poderosa do que antes. Aomame desejava a todo custo reencontrá-lo. Queria ser abraçada e que ele a acariciasse. Seu corpo e sua mente pareciam romper em duas partes só de imaginar que isso poderia não acontecer.

“Quando estive na frente daquele outdoor do tigre da Esso, talvez o melhor seria ter dado um tiro na minha cabeça com uma bala de 9 milímetros. Se assim o tivesse feito, certamente não estaria viva e passando por esse sofrimento.” Mas, naquela ocasião, ela não conseguiu apertar o gatilho. Ela escutou uma voz. De algum lugar distante, alguém a chamava pelo nome. *“Talvez eu possa me encontrar de novo com Tengo”*, pensou e, uma vez que essa ideia lhe veio à mente, ela não poderia deixar de querer viver. Por mais que o Líder houvesse dito que o fato de ela viver colocaria em risco a vida de Tengo, ela não tinha como escolher outra opção. Ela sentiu surgir uma intensa energia vital, destituída de qualquer lógica. *“Por isso é que me sinto apaixonada por esse intenso desejo de rever Tengo. Um desejo insaciável e um intuitivo desespero.”*

“Este é o significado de viver”, foi o que Aomame descobriu, numa inspiração. *“As pessoas possuem um desejo que se transforma em combustível, e este se torna a principal razão de viver. É impossível viver sem desejo. Mas é como tirar a sorte jogando uma moeda para o alto. Nunca se sabe se o resultado será cara ou coroa, até que ela caia ao chão.”* Ao pensar nisso, Aomame sentiu um

aperto no coração. Todos os ossos de seu corpo pareciam ranger e soltar um intenso gemido de dor.

Ela sentou-se à mesa da cozinha e pegou a pistola automática. Puxou o ferrolho, posicionou a bala na câmara e, com o polegar, levantou a alavanca da trava de segurança do lado esquerdo da arma, e levou o cano à boca. Se o dedo indicador da mão direita apertasse um pouco mais forte o gatilho, todo o seu sofrimento desapareceria instantaneamente. Faltava apertar mais um pouquinho. Um centímetro. Não. Bastava apertar uns cinco milímetros para ela ser transferida para um mundo de silêncio, isento de sofrimentos. A dor era uma questão de segundos, antes de ser recebida pelo misericordioso e profundo vazio. Ela fecha os olhos. O tigre do outdoor da Esso sorri com o bico da bomba de combustível. *Ponha um tigre no seu tanque.*

Ela retirou o cano rígido da boca e balançou lentamente a cabeça.

“Não posso morrer. De frente à minha varanda existe um parque e nele há um escorregador. Enquanto eu nutrir a esperança e o desejo de que Tengo retorne a esse parque, não posso puxar o gatilho.” Essa possibilidade é que a impedia de tirar a própria vida. É como se uma porta se fechasse e outra se abrisse em seu coração. Calmamente, sem barulho. Aomame puxou o ferrolho, tirou a bala da câmara, acionou o dispositivo de segurança e recolocou a pistola sobre a mesa. Ao fechar os olhos sentiu que, em meio à escuridão, havia alguma coisa que emitia uma minúscula e tênue luz que desaparecia gradativamente. Algo bem pequenino, como partículas de poeira de luz. Algo que ela não tinha ideia do que poderia ser.

Ela sentou no sofá e concentrou-se na leitura de *No caminho de Swann*. Imaginava as cenas descritas na história, esforçando-se para não deixar que outros pensamentos invadissem sorratamente o seu cérebro. Lá fora começava a cair uma chuva gelada. A previsão meteorológica divulgada pelo rádio informava que uma chuva leve persistiria até a manhã do dia seguinte. A frente fria de outono que vinha do oceano Pacífico havia estacionado, como uma pessoa que esquece o tempo e se entrega a pensamentos de solidão.

“Tengo não deve vir.” O céu estava todo coberto de nuvens densas e não dava para ver a lua. Mesmo assim, Aomame ficou na varanda a observar o parque, tomando chocolate quente. O binóculo e a pistola estão ao seu alcance e, vestida de modo a poder sair para a rua a qualquer momento, ela continuará a observar atentamente o escorregador que se molha com a água da chuva. Essa era a única coisa que fazia sentido para ela.

Às três da tarde alguém, na entrada do edifício, tocou a campainha de seu apartamento. Alguém queria entrar no prédio. Aomame não deu atenção a isso. A possibilidade de alguém visitá-la era impensável. Aomame estava esquentando água na chaleira para o chá, mas, por precaução, desligou o fogo e aguardou. A campainha tocou três, quatro vezes e silenciou.

Decorridos cinco minutos, tocou novamente. Desta vez era a campainha

da porta de seu apartamento. Essa *pessoa* estava dentro do prédio e diante de sua porta. Deve ter aproveitado alguém que entrava no prédio e seguiu junto pelo hall. Ou talvez tenha tocado a campainha de outro apartamento e, após dar alguma desculpa convincente, o deixaram entrar no prédio. Aomame permaneceu em silêncio. A orientação de Tamaru era, “não importa quem seja, jamais responda. Deixe a porta sempre trancada por dentro e contenha a respiração”.

A campainha da porta deve ter tocado umas dez vezes. Insistente demais para um vendedor. Eles costumam tocar umas três vezes, no máximo. Aomame continuava em silêncio quando essa pessoa começou a bater na porta com a mão fechada. As batidas não eram muitos fortes, mas nelas havia um sentimento enraizado de impaciência e ódio.

— Senhorita Takai — era a voz grossa de um homem de meia-idade. Uma voz um pouco rouca. — Boa tarde. Por gentileza, será que a senhorita poderia me atender?

Takai era o sobrenome falso escrito na caixa de correio do prédio.

— Senhorita Takai, sei que estou incomodando, mas poderia atender a porta? Por favor.

O homem fez uma pausa para aguardar alguma reação. Ao se dar conta de que não havia resposta, começou a bater. Desta vez, um pouco mais forte.

— Senhorita Takai, sei que está aí dentro, por isso não vamos complicar as coisas. Abra a porta, por favor. Você está aí e sei que está escutando a minha voz.

Aomame pegou a pistola que estava sobre a mesa da cozinha e liberou a trava de segurança. Envolveu-a com uma toalha de mão e segurou a coronha.

Ela não tinha ideia de quem era aquele homem, nem o que queria. De qualquer modo, o sujeito parecia hostil e estava decidido a fazê-la abrir a porta. Desnecessário dizer que, naquele momento, aquela era uma situação que ela estava longe de desejar.

Finalmente, o homem parou de bater e sua voz novamente ecoou pelos corredores.

— Senhorita Takai, estou aqui para cobrar a taxa de recepção da NHK. É isso mesmo. A NHK de todos nós. Sei que está aí. Trabalho há muito tempo como cobrador e sei distinguir quem realmente está ausente e quem está se passando por ausente. Por mais que você não faça barulho, as pessoas deixam um sinal de presença. As pessoas respiram, o coração bate, o estômago faz a digestão. Por isso, senhorita Takai, eu sei que, neste momento, você está aí, dentro do apartamento. Está aguardando que eu desista e vá embora. Não tem intenção de abrir a porta nem de me atender. Porque você não quer pagar a taxa de recepção.

O homem falava em voz exageradamente alta. Uma voz que ecoava por todo o corredor. Algo que, sem dúvida, era premeditado. O intuito era o de chamar o nome da pessoa em voz alta, ridicularizá-la e fazê-la se sentir envergonhada. E servia de lição para os vizinhos. Aomame permaneceu em silêncio. Ela não precisava dar atenção a isso. Colocou de volta a pistola sobre a mesa. Por precaução, manteve a trava de segurança solta. Havia a possibilidade de

alguém estar disfarçado de cobrador da NHK. Sentada na mesa da cozinha, continuou a olhar fixamente a porta da frente.

Um tempo depois, teve vontade de ir até a porta, pé ante pé, e dar uma espiada pelo olho mágico. Queria saber quem era o homem do lado de fora. Mas não conseguia se levantar da cadeira. Achou melhor não fazer coisas desnecessárias. Uma hora ele vai desistir e irá embora.

No entanto, o homem estava decidido a fazer um discurso diante da porta dela.

— Senhorita Takai. Vamos parar com essa brincadeira de esconde-esconde. Eu não faço isso porque gosto. Saiba que pode não parecer, mas sou uma pessoa muito ocupada. Senhorita Takai, você assiste televisão, não é mesmo? Todos que assistem televisão precisam pagar a taxa de recepção da NHK. Pode ser que não goste, mas isso está previsto em Lei. Quem se recusa a pagar a taxa está agindo como um ladrão. Creio que a senhorita não quer ser tratada como ladra por algo tão insignificante. Para quem mora num apartamento tão bonito como o seu, a taxa de recepção da TV não deve ser algo tão difícil de pagar. Não é mesmo? O fato de eu ter de declarar essas coisas em voz alta para que todos ouçam não deve ser nada agradável, não é?

Aomame normalmente não se importaria com a declaração em voz alta de um cobrador da NHK. Mas, naquele momento, ela estava numa situação em que deveria evitar se expor e ficar bem escondida. Não importava de que maneira, mas chamar a atenção dos vizinhos para o apartamento em que ela se encontrava não era nada bom. No entanto, não podia fazer nada. A não ser conter a respiração e aguardar que o homem partisse.

— Senhorita Takai, sei que estou sendo redundante, mas sei muito bem que está no apartamento e que está me ouvindo atentamente. E deve estar questionando o motivo de eu estar justamente na frente de sua porta, fazendo esse escândalo. Por que será, hein, senhorita Takai? É porque eu não gosto de pessoas que fingem estar ausentes. Não acha que esse subterfúgio é só um paliativo? Não acha melhor abrir a porta e dizer frente a frente que não quer pagar a taxa de recepção? Vai se sentir bem melhor e eu também, prefiro que seja assim, é bem melhor. Pelo menos temos uma chance, ainda que pequena, de manter um diálogo. Mas fingir não estar em casa é inadmissível. É como um rato mesquinho que se esconde no quarto escuro dos fundos da casa. E, quando não tem ninguém, sai de mansinho do esconderijo. Que vida miserável.

“Este homem está mentindo”, pensou Aomame. “Está na cara que ele não tem como saber se uma pessoa está ou não dentro de casa. Não estou fazendo nenhum barulho e a minha respiração está controlada. O objetivo principal desse homem é ficar plantado em frente à porta do apartamento, fazer um belo escândalo e intimidar os moradores da vizinhança. Ele quer que esses vizinhos pensem que é melhor pagar logo a taxa em vez de aguentar esse tipo de escândalo. Esse homem possivelmente deve estar fazendo isso em vários lugares e, de algum modo, deve obter bons resultados.”

— Senhorita Takai, sei que me acha uma pessoa desagradável. Sei

exatamente o que está pensando. Sim. Você tem razão, sou uma pessoa desagradável. Sei muito bem disso. Uma pessoa agradável não conseguiria fazer a cobrança. Sabe por quê? Porque neste mundo existem muitas pessoas que decidiram não pagar a taxa de recepção da NHK. Quando se vai cobrar esse tipo de gente, não se pode ser uma pessoa agradável. Por mim, eu bem que gostaria de dizer “É mesmo? Não quer pagar a taxa de recepção? Tudo bem. Desculpe-me o incômodo”, e ir embora. Mas não é bem assim. O meu trabalho é recolher a taxa de recepção e, pessoalmente, não consigo gostar de pessoas que fingem estar ausentes.

Após dizer isso, o homem se calou e fez uma pausa. Seguiram-se mais dez batidas na porta.

— Senhorita Takai, será que você não está começando a se sentir desconfortável? Não está sentindo como se fosse uma ladra de verdade? Pense bem. Não estamos tratando de uma soma enorme de dinheiro. Estamos falando de um valor equivalente a um jantar modesto num desses restaurantes familiares da vizinhança. Se você pagar essa quantia irrisória, não será mais chamada de ladra. Não será mais importunada com discursos difamatórios e não baterão mais insistentemente na sua porta. Senhorita Takai, sei que está escondida atrás dessa porta. Você está pensando que sempre conseguirá se esconder e escapar, não é mesmo? Tudo bem. Fique escondida. Mas, por mais que você tente conter a respiração, alguém com certeza irá encontrá-la. A desonestidade não dura para sempre. Pense bem. Em todo o Japão existem pessoas que possuem uma vida bem mais modesta que a sua e elas pagam todo mês, honestamente, a taxa de recepção. Diante disso, a sua atitude não seria injusta?

Seguiram-se mais quinze batidas na porta. Aomame se pôs a contá-las.

— Entendi, senhorita Takai. Você parece ser uma pessoa muito teimosa. Não tem problema. Por hoje, vou embora. Não posso ficar somente aqui. Mas voltarei. Está ouvindo, senhorita Takai? Uma vez que estou decidido, não desisto com facilidade. E não gosto de pessoas que fingem estar ausentes. Voltarei. E baterei novamente nesta porta. Vou bater até que o mundo todo possa escutar. É uma promessa. Uma promessa selada entre mim e você. Estamos entendidos? Então nos encontraremos novamente, em breve.

Não se ouviram passos. Provavelmente ele calçava sapatos com solas de borracha. Aomame aguardou cinco minutos, com a respiração contida e olhando para a porta. O corredor estava novamente silencioso e não se ouvia nenhum barulho. Ela se aproximou da porta cuidando para abafar os passos e, sem pestanejar, olhou pelo olho mágico. Não havia ninguém do outro lado.

Aomame acionou a trava de segurança da arma. Respirou profundamente para que as batidas de seu coração voltassem ao ritmo normal. Acendeu o fogo, esquentou a água para fazer o chá e o bebeu. “Era apenas um cobrador da NHK”, tentou se convencer. Mas a voz do homem tinha algo de malévolo e doentio. Aomame não conseguiu discernir se as palavras daquele homem eram para ela ou para essa pessoa imaginária que, por acaso, se chamava Takai. No entanto, aquela voz rouca e as batidas insistentes deixavam uma

sensação desagradável. Uma sensação como se algo pegajoso se aderisse na pele exposta.

Aomame tomou um banho quente e se ensaboou com cuidado para lavar bem o corpo. Ao sair do banho e vestir uma roupa nova, sentiu-se um pouco melhor. A sensação ruim também havia sumido. Sentou-se no sofá e tomou o restante do chá. Tentou prosseguir no livro, mas não conseguia se concentrar. Seus ouvidos recordavam frações da voz daquele homem.

“Você está pensando que sempre conseguirá se esconder e escapar, não é mesmo? Tudo bem. Fique escondida. Mas, por mais que você tente conter a respiração, alguém com certeza irá encontrá-la.”

Aomame balançou a cabeça. “Não. Aquele homem está apenas blefando. Diz aquilo em voz alta para que as pessoas se sintam desconfortáveis. Ele não sabe nada de mim. Não sabe o que fiz e por que estou aqui.” Apesar disso, seu coração não conseguia se acalmar.

Por mais que você tente conter a respiração, alguém com certeza irá encontrá-la.

“As palavras daquele cobrador soaram como se carregassem um significado implícito. Poderia ter sido mera coincidência, mas era como se ele soubesse exatamente o que dizer para me deixar perturbada.” Aomame desistiu de ler o livro e fechou os olhos no sofá.

“Tengo, onde você está?”, pensou ela, para em seguida dizê-lo em voz alta:

— *Tengo, onde você está?* Encontre-me logo. Antes que outra pessoa o faça.

Tengo

Pinica meu polegar

Tengo levava uma vida regrada na pequena cidade litorânea. E, na medida do possível, procurava manter aquela vida metódica. Ele próprio não sabia dizer por quê, mas a impressão que tinha era de que manter a rotina era algo fundamental naquele momento. De manhã saía para caminhar, escrevia seu romance, ia para a casa de repouso, lia algum livro para o seu pai em coma, voltava para a pousada e dormia. Uma rotina que lembrava o ritmo daquelas monótonas e repetitivas canções folclóricas da época do plantio de arroz.

Após algumas noites quentes, seguiram-se outras extremamente frias. Mas, independentemente dessa variação climática que anunciava a mudança de estação, Tengo seguia subserviente as mesmas atividades realizadas no dia anterior. E, dentro do possível, empenhava-se em viver como um espectador invisível. Controlava a respiração e minimizava ao máximo quaisquer indícios de sua presença, aguardando, em silenciosa expectativa, *aquele momento*. A diferença entre um dia e o outro gradativamente se diluía. Uma semana, dez dias se passaram. E nada de a crisálida de ar novamente se materializar. No final da tarde, quando seu pai era levado para a sala de exames, a única coisa que ficava sobre a cama era a depressão deixada por seu corpo pequeno e digno de compaixão.

“Será que *aquilo* teria sido um acontecimento único?”, pensou Tengo, mordiscando os lábios naquele pequeno quarto de hospital iluminado pela luz crepuscular. “Teria sido uma espécie de revelação especial que jamais ocorrerá de novo? Ou só um mero capricho da imaginação?” Não houve resposta. Os únicos sons que seus ouvidos captavam eram o distante bramido do mar e o sibilar dos ventos por entre a barreira de pinheiros.

Tengo não tinha como averiguar se sua conduta era correta. Ficar naquele quarto de hospital numa cidade litorânea, longe de Tóquio e afastado da realidade efetiva, poderia ser apenas uma grande perda de tempo. Mas, apesar da incerteza, Tengo não queria deixar aquilo tudo para trás. Foi naquele quarto que ele viu a pequena Aomame dormindo dentro da crisálida de ar, envolta numa tênue claridade. Ele chegou a tocar sua mão. Ainda que aquilo tenha sido um acontecimento único ou fruto de sua imaginação, seu desejo era permanecer ali o máximo de tempo que lhe fosse permitido, reproduzindo incessantemente aquela cena e tocando-a com os dedos do coração.

Ao tomarem conhecimento de que Tengo se hospedava naquela cidade litorânea,

sem voltar para Tóquio, as enfermeiras passaram a tratá-lo com simpatia. Conversavam com ele no intervalo do serviço e, quando tinham tempo, faziam questão de ir até o quarto. Não raro, traziam chá e doces. A enfermeira Ômura, que espetava a caneta no coque e aparentava uns 35 anos, e a enfermeira Adachi, que tinha a face rosada e usava rabo de cavalo, eram as que se revezavam no atendimento a seu pai. A enfermeira Tamura, a de meia-idade que usava óculos de aro dourado, costumava ficar a maior parte do tempo no balcão da recepção, mas, quando o serviço apertava por falta de funcionários, ela também assumia as tarefas de cuidar de seu pai. As três pareciam ter uma afeição especial por Tengo.

Ele, por sua vez, tinha tempo de sobra — a não ser naquele momento especial de fim de tarde — e, por isso, podia conversar à vontade sobre vários assuntos. Ou melhor, Tengo procurava, na medida do possível, responder com sinceridade o que elas lhe perguntavam. Contou que era professor de matemática de uma escola preparatória e que, quando solicitado, escrevia textos sobre diversos assuntos. Que o pai trabalhara por anos a fio como cobrador da NHK. Disse também que praticava judô desde criança e que, no colegial, chegou a competir nas finais do campeonato regional. Mas não falou sobre a desavença de longos anos existente entre ele e o pai, nem sobre sua mãe que, apesar de considerada morta, muito provavelmente tenha fugido com outro homem, largando o marido e o filho pequeno. Esses assuntos tornariam a conversa por demais complexa. Obviamente, não podia revelar que havia reescrito o best-seller *Crisálida de ar* e, tampouco, que via duas luas no céu.

As enfermeiras também contaram coisas sobre suas respectivas vidas. As três nasceram naquela região e, após concluir o colegial, ingressaram numa escola profissionalizante e se tornaram enfermeiras. O trabalho na casa de repouso era monótono, entediante, e o horário de expediente longo e irregular, mas, em compensação, elas achavam gratificante trabalhar naquela cidade e consideravam o trabalho na casa de repouso muito menos estressante do que em hospitais, onde todos os dias há situações de vida e morte. A perda de memória dos idosos era gradativa e, alheios ao próprio estado, a morte lhes era tranquila. Raramente ocorria derramamento de sangue, e o controle da dor minimizava-lhes o sofrimento. Não havia o corre-corre de pacientes chegando de ambulância durante a madrugada nem cenas de familiares desesperados e aos prantos. O custo de vida era baixo e, a despeito de a remuneração não ser das melhores, era possível viver bem. A enfermeira Tamura, que usava óculos, perdera o marido num acidente de trânsito havia cinco anos e, desde então, morava com a mãe numa cidade próxima. A enfermeira Ômura, que espetava a caneta no coque e era a mais alta entre elas, tinha dois filhos pequenos, e o marido trabalhava como motorista de táxi. A jovem enfermeira Adachi morava com a irmã cabeleireira, três anos mais velha que ela, num apartamento alugado na periferia da cidade.

— Você é uma pessoa bondosa, Tengo — disse a enfermeira Ômura enquanto substituía a bolsa plástica de soro. — Não conheço nenhum familiar que visite diariamente o paciente e leia livros para alguém que está inconsciente.

Esse comentário fez com que Tengo se sentisse desconfortável.

— É que eu consegui tirar umas férias. Mas creio que não poderei ficar por muito tempo.

— Por mais que se tenha tempo, ninguém vem aqui por gostar — disse ela. — Sei que não devia dizer isso, mas esse tipo de doença não tem cura. Com o passar do tempo, as pessoas só tendem a ficar mais deprimidas.

— Meu pai me pediu para ler um livro, disse que podia ser qualquer um. Me disse isso quando ainda estava consciente. Fora isso, não tenho o que fazer.

— O que você costuma ler para ele?

— Várias coisas. Basicamente, recito em voz alta o que eu estiver lendo.

— E o que você está lendo agora?

— *A fazenda africana*, de Isak Dinesen.

A enfermeira balançou a cabeça:

— Nunca ouvi falar.

— O livro foi escrito em 1937 e Dinesen é uma escritora dinamarquesa. Ela se casou com um aristocrata suíço e, antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial, o casal foi para a África administrar uma fazenda. Um tempo depois, eles se divorciaram e ela passou a cuidar da fazenda sozinha. O livro fala sobre a vida dela durante esse período.

A enfermeira mediu a temperatura de seu pai, anotou alguns dados no caderno de registros, enfiou a caneta de volta no coque e jogou a franja para o lado: — Posso ficar aqui e escutar um pouquinho?

— Não sei se você vai gostar — disse Tengo.

Ela se sentou no tamborete e cruzou as pernas. Suas pernas eram bonitas e bem torneadas, levemente musculosas.

— Vamos lá, pode começar.

Tengo começou a ler devagar, sem pressa, a partir do ponto em que havia parado. Era um tipo de texto que exigia uma leitura lenta, como o tempo a fluir sobre o continente africano.

Na África, quando começam as longas chuvas em março, após quatro meses de tempo quente e seco, a abundância da vegetação e o frescor e a fragrância por toda parte são avassaladores.

Mas o fazendeiro contém seu coração e não ousa confiar na generosidade da natureza: ele fica de orelhas em pé, temendo notar qualquer diminuição no barulho da chuva que cai. A água que agora refresca a terra deve permitir que a fazenda, e toda a sua vida vegetal, animal e humana, enfrentem os quatro meses sem chuva que virão a seguir.

É uma visão maravilhosa quando todos os caminhos da fazenda viram córregos, e o fazendeiro chapinha no barro com o coração alegre, ao seguir para os cafezais fluorescentes e molhados. Todavia, no meio da estação de chuvas, às vezes as

estrelas ficam encobertas por nuvens esgarçadas; então ele sai de casa e ergue os olhos, como se quisesse se pendurar no firmamento a fim de ordenhar mais chuva. É aí que ele clama aos céus:

— Dê-me o suficiente e mais do que o suficiente. Meu coração se desnuda diante de ti e não te deixarei ir se não me abençoares. Inunda-me se quiseres, mas poupa-me de teus caprichos. Céu, ó céu, nada de *coitus interruptus*.

— *Coitus interruptus*? — indagou a enfermeira, franzindo as sobrancelhas.

— Ela é uma pessoa que não mede as palavras.

— Mesmo assim, são palavras fortes demais para se dirigir aos céus.

— Tem razão — concordou Tengo.

Por vezes, basta um dia mais frio e cinzento nos meses seguintes à estação das chuvas para que volte à lembrança o *marka mbaia*, o ano ruim, o ano da seca. Naquela época, os quicuios costumavam levar o gado para pastar perto de casa e um dos pastores, que possuía uma flauta, de tempos em tempos tocava uma breve melodia. Quando ouvi de novo essa melodia, veio-me de golpe a lembrança de toda a angústia e o desespero do passado. Havia nela o gosto salgado das lágrimas. Mas ao mesmo tempo percebi na melodia, de modo inesperado e surpreendente, um vigor, uma curiosa doçura, um cântico. Será que aqueles tempos tão duros também tinham tudo isso? Na época éramos jovens, com uma esperança indomável. Durante aqueles dias todos nos fundimos em uma unidade, a tal ponto que mesmo em outro planeta somos capazes de nos reconhecer, assim como todas as coisas saudando-se umas às outras, o relógio-cuco e os meus livros dirigindo-se às vacas esqueléticas nos campos e aos velhos quicuios pesarosos: “Vocês também estavam lá. Vocês também eram parte da fazenda em Ngong.” Aquela época ruim nos abençoou e foi embora.

— Que texto cheio de vida! — disse a enfermeira. — O cenário parece estar diante dos meus olhos. *A fazenda africana*, de Isak Dinesen.

— Isso mesmo.

— A sua voz é ótima. Profunda e cheia de emoção. Boa para a leitura.

— Muito obrigado.

A enfermeira permaneceu sentada no tamborete respirando serenamente, de olhos fechados, apreciando a expressiva ressonância das palavras. Os seus seios, salientes sob o uniforme branco, movimentavam-se para cima e para baixo, acompanhando o ritmo de sua respiração. Enquanto a observava, Tengo

lembrou-se de sua namorada mais velha. Nas tardes de sexta-feira, ele a despiu e acariciava os bicos duros de seus seios. A respiração ficava ofegante, e seus órgãos genitais, úmidos. Pela janela encortinada, a chuva caía discretamente. Ela sentia nas mãos o peso de seus testículos. Mas essa lembrança não o excitou a ponto de despertar-lhe o desejo sexual. A cena e a sensação eram vagas e distantes, como se uma película as envolvesse.

Um tempo depois, a enfermeira abriu os olhos e fitou Tengo. Um olhar que parecia ler seus pensamentos. Mas esse olhar não era de reprovação. Ela se levantou com um sorriso no rosto e mirou Tengo, que permanecia sentado.

— Preciso ir — disse a enfermeira. Após tocar o coque e verificar que a caneta estava espetada nele, deu meia-volta e deixou o quarto.

Tengo costumava telefonar para Fukaeri no final da tarde. E ela sempre lhe dizia que não havia acontecido nada de novo. Segundo ela, o telefone tocou, mas, conforme o combinado, ela não atendeu. “Isso mesmo”, disse Tengo. “Deixe-o tocar.”

Quando Tengo telefonava para Fukaeri, o combinado era dar três toques, desligar uma vez e, imediatamente, ligar de novo, mas ela dificilmente cumpria esse acordo. Quase sempre atendia no primeiro toque.

— Você precisa seguir o combinado — Tengo costumava chamar-lhe a atenção toda vez que isso acontecia.

— Não se preocupe. Sei quando é você — respondia Fukaeri.

— Você sabe quando sou eu que telefona?

— Outras ligações eu não atendo.

“Realmente, acho que isso é possível”, pensou Tengo. Ele próprio, de algum modo, também sabia quando o telefonema era de Komatsu. O tom era impaciente e nervoso, como o toque irritante de alguém batendo os dedos no tampo de uma mesa. Mas isso, *de algum modo*, não passava de uma intuição. De modo algum ele atendia a ligação tendo certeza absoluta de ser Komatsu.

Os dias de Fukaeri eram monótonos como os de Tengo. Ela não dava um passo sequer para fora do apartamento e ficava sozinha, quietinha em seu canto. Não havia televisão e ela não lia livros. Quase não se alimentava e, por isso, não precisava sair para fazer compras.

— Não me mexo muito, por isso não preciso comer muito — disse Fukaeri.

— O que você fica fazendo sozinha todos os dias?

— Pensando.

— Você pensa em quê?

Ela não respondeu. — O corvo sempre vem aqui.

— Uma vez por dia o corvo sempre aparece.

— Ele não vem só uma vez, tem vindo várias — disse ela.

— O mesmo corvo?

— É.

- Tem vindo mais alguém?
- O homem da Eneagá-c-a veio de novo.
- O mesmo da vez anterior?
- Ele ficou berrando que o Kawana era um ladrão.
- Ele ficou gritando isso na frente da porta?
- Para que todos pudessem ouvir.

Tengo deu um tempo para pensar no assunto. — Não se preocupe. Você não tem nada a ver com isso e ele não vai lhe causar nenhum mal.

— Ele disse que sabia que você estava escondido.

— Não se preocupe — disse Tengo. — Ele não tem como saber. É um blefe com o intuito de amedrontar. O pessoal da Eneagá-cá costuma usar esse tipo de artil para intimidar a pessoa.

Tengo presenciou inúmeras vezes seu pai usando esse mesmo subterfúgio. Nas tardes de domingo, sua voz malevolente ecoava pelos corredores dos conjuntos residenciais. Ameaças e zombarias. Tengo apertou levemente as têmporas com as pontas dos dedos. As lembranças trazem consigo bagagens extras e pesadas.

Como se intuísse algo em meio ao silêncio, Fukaeri perguntou:

- Você está bem.
- Estou. Não ligue para esse homem da Eneagá-cá.
- O corvo também disse a mesma coisa.
- Que bom — falou Tengo.

Depois de ver duas luas no céu e a crisálida de ar no quarto do pai na casa de saúde, Tengo não ficava mais surpreso com nada. Não via nenhum inconveniente de Fukaeri trocar ideias diariamente com o corvo no parapeito da janela.

— Estou pensando em ficar mais um tempo por aqui. Não posso voltar agora para Tóquio. Tudo bem?

— Melhor ficar o quanto achar necessário.

Após dizer isso, Fukaeri desligou o telefone. Numa fração de segundo, a conversa foi interrompida, como se alguém cortasse abruptamente a linha telefônica com um machado de lâmina bem afiada.

Em seguida, Tengo telefonou para a editora em que Komatsu trabalhava. Ele não estava. O atendente disse que ele havia passado rapidamente por lá, por volta da uma da tarde, mas depois sumira e ele não sabia informar para onde Komatsu teria ido ou se ele ainda retornaria à empresa. Em se tratando de Komatsu, não era de estranhar. Tengo deixou o telefone da casa de saúde, dizendo que ele estaria nesse número no período da tarde e, se possível, gostaria que Komatsu retornasse a ligação. Se deixasse o número da pousada seria um transtorno caso Komatsu resolvesse telefonar no meio da madrugada.

A última vez em que Tengo conversou com Komatsu foi quase no final de setembro. Uma conversa bem rápida. Depois disso, nenhum dos dois entrou em contato com o outro. Desde o final de agosto, Komatsu sumiu durante três semanas. “Não estou me sentindo bem; quero um tempo para descansar”, foi a satisfação que ele deu à empresa por telefonema e, desde então, não dera mais notícias. Era como se tivesse desaparecido. Obviamente, Tengo ficou intrigado, mas não a ponto da real preocupação. Komatsu era do tipo insolente e, basicamente, só agia movido por sua própria comodidade. Para Tengo, era só uma questão de tempo para ele retornar ao serviço, como se nada tivesse acontecido.

Numa organização empresarial, é claro, não se permite esse tipo de capricho. Mas, no caso de Komatsu, ele sempre tinha algum colega que dava um jeito de resolver a situação a fim de evitar futuros transtornos. Não que ele fosse uma pessoa popular, mas o incrível era que ele sempre tinha alguém bondoso, que fazia questão de segurar as pontas por ele. A empresa também fazia vista grossa. Apesar de ele ser uma pessoa egoísta, arrogante e sem espírito de cooperação, era considerado competente, sem contar que, recentemente, fora o editor responsável pelo best-seller *Crisálida de ar*. Não era uma pessoa que se podia simplesmente mandar embora.

Como Tengo já havia presumido, um certo dia Komatsu apareceu na empresa sem avisar e, sem dar qualquer satisfação ou mesmo se desculpar pela ausência, voltou a trabalhar. Tengo soube disso por meio de outro editor, quando este o procurou para tratar de outro assunto.

— Então, Komatsu já está melhor? — perguntou Tengo a esse editor.

— Ah, ele parece estar bem — disse ele. — Mas anda meio quieto.

— Meio quieto? — disse Tengo, um pouco surpreso.

— Bem, como posso dizer... Ele parece *um pouco menos* sociável do que antes.

— Ele realmente estava doente?

— Eu não saberia dizer — respondeu o editor, indiferente. — Se ele diz que estava, só nos resta acreditar. Mas, com ele de volta, os assuntos pendentes que estavam acumulados estão sendo resolvidos e isso, para nós, é uma bênção. Enquanto ele esteve ausente, ocorreram inúmeros problemas relacionados à *Crisálida de ar*, e você não imagina a dor de cabeça que isso nos deu.

— Por falar em *Crisálida de ar*, como ficou o caso do desaparecimento de Fukaeri?

— Não ficou. Está do mesmo jeito. O caso está parado e ainda não se sabe o paradeiro da jovem escritora. Todos os envolvidos no caso estão perplexos, sem saber o que fazer.

— Leio os jornais, mas ultimamente não se fala nada a respeito disso.

— A imprensa evita tocar nesse assunto ou se mantém a uma distância segura. A polícia também não age ostensivamente. Sobre esse assunto, acho melhor você pegar os detalhes com o próprio Komatsu. Mas, como te disse anteriormente, ele não está tão comunicativo quanto antes. Ou melhor, ele não

parece ser o mesmo. Aquela incrível autoconfiança parece ter desaparecido e, como ele anda introspectivo, vira e mexe fica sozinho, pensando. E também ficou rabugento. Às vezes, parece até que ele se esquece de que há outras pessoas ao redor dele. É como se estivesse sozinho dentro de um buraco.

— Introspectivo — disse Tengo.

— Assim que você conversar com ele, vai entender o que eu digo.

Tengo agradeceu e desligou o telefone.

Decorridos alguns dias, Tengo telefonou para Komatsu, já no final da tarde. Ele se encontrava na editora. Conforme dissera o outro editor, o jeito de Komatsu falar não era o de sempre. O normal seria algo ininterrupto, mas nesse dia sua fala era entrecortada e, enquanto conversava com Tengo, parecia que uma parte dele estava constantemente pensando em outra coisa. Tengo achou que ele estivesse enfrentando algum tipo de problema. De qualquer modo, não parecia ser aquele sujeito de sempre, cheio de si. Ele antes agia de acordo com seu estilo e ritmo, sem se deixar acuar e, independentemente de estar triste ou enfrentando graves problemas, jamais deixava transparecer nada no rosto.

— Você está bem de saúde? — perguntou Tengo.

— De saúde?

— Você não estava afastado por motivo de saúde?

— Ah! Tem razão — disse Komatsu, como se acabasse de se lembrar disso. Houve um breve silêncio. — Isso já passou. Em breve, numa outra ocasião, te conto a respeito. Agora não é uma hora conveniente.

“*Em breve, numa outra ocasião*”, pensou Tengo. Havia algo de estranho nesse seu jeito de falar que intrigou Tengo. Era como se não houvesse entre eles um distanciamento. E suas palavras pareciam superficiais e sem profundidade.

Tengo tratou de mudar de assunto e tomou a iniciativa de desligar. Evitou falar sobre a *Crisálida de ar* e, igualmente, sobre Fukaeri. Ele percebeu, pelo tom de voz de Komatsu, que ele estava evitando tocar nesses assuntos. Será que alguma vez Komatsu *deixou de falar algo por não ser conveniente*?

Seja como for, essa foi a última vez que Tengo conversou com Komatsu. Era final de setembro. Desde então, haviam se passado mais de dois meses. Komatsu era um homem que gostava de falar longamente ao telefone. Obviamente, ele não fazia isso com qualquer um, mas era de seu feitio falar de vários assuntos, um após o outro, de modo a organizar seus próprios pensamentos. Nessas ocasiões, a função de Tengo era, por assim dizer, a de uma parede contra a qual Komatsu arremessava sua bola de tênis. Às vezes, Komatsu telefonava mesmo sem necessidade. Quase sempre num horário inconveniente. Se não quisesse, ficava um tempão sem dar notícias. No entanto, sumir por mais de dois meses era inusitado.

“Talvez ele não queira falar com ninguém”, pensou Tengo. Todo mundo

passa por momentos assim. Inclusive Komatsu. Tengo, por outro lado, não tinha nenhum assunto urgente para tratar com ele. As vendas da *Crisálida de ar* estavam paradas, o livro deixara de ser o assunto do momento, e Tengo sabia exatamente onde Fukaeri estava, a jovem escritora supostamente desaparecida. Se Komatsu tiver algum assunto a tratar, certamente entrará em contato. Não ligar era sinal de que não havia nenhum.

Porém, Tengo achou que já estava na hora de telefonar para ele. As palavras de Komatsu, *em breve, numa outra ocasião, te conto a respeito. Agora não é uma hora conveniente*, martelavam estranhamente um canto de seu cérebro, deixando-o preocupado.

Tengo ligou para o amigo que o substituíra nas aulas da escola preparatória e perguntou como estavam as coisas. O amigo disse que tudo corria bem e indagou sobre o estado de saúde de seu pai.

— Continua em coma — disse Tengo. — Está respirando e, apesar de a temperatura do corpo e a pressão sanguínea permanecerem em nível baixo, o estado de saúde dele é estável. Mas está inconsciente. Possivelmente, não sente dores. É como estar no mundo dos sonhos.

— Talvez não seja um jeito ruim de morrer — comentou o amigo, sem emoção na voz. O que ele tentava dizer era, “Sei que pode soar um pouco insensível da minha parte, mas, dependendo do ponto de vista, talvez não seja um jeito ruim de morrer”. O que faltava em sua mensagem era a parte introdutória. Um estudante de matemática de longa data costuma falar de modo sucinto.

— Você tem visto a lua ultimamente? — perguntou de repente Tengo. Esse seu amigo era provavelmente a única pessoa a quem Tengo poderia indagar sobre a lua sem gerar algum tipo de desconfiança. Após pensar a respeito, o amigo respondeu:

— Já que tocou no assunto, não me lembro de ter olhado para ela recentemente. Há algo de errado?

— Quando tiver um tempinho, você poderia dar uma olhada? Gostaria de ouvir as suas impressões sobre a lua.

— Impressões. Sob que ponto de vista?

— Qualquer um. Apenas quero que me diga o que lhe veio à mente ao vê-la.

Houve um breve silêncio. — Não sei se vou conseguir expressar direito o que penso.

— Não se preocupe. O importante é dizer francamente o que a lua possui de mais característico para você.

— Você quer que eu olhe para a lua e aponte o que eu acho que ela tem de mais característico?

— Isso mesmo — disse Tengo. — Se não achar nada, tudo bem, mesmo assim.

— Hoje o céu está nublado e creio que não vai dar para ver a lua, mas assim que o tempo melhorar darei uma olhada. Se eu me lembrar, é claro.

Tengo agradeceu e desligou o telefone. “Se ele se lembrar”. Esse é um dos problemas dos matemáticos de plantão. As questões que não lhes interessam são rapidamente esquecidas.

Ao encerrar o horário de visitas, Tengo se despediu da enfermeira Tamura, no balcão da recepção: — Obrigado. Boa noite.

— Tengo, você ainda ficará quantos dias por aqui? — perguntou a enfermeira, ajustando os óculos sobre o nariz. O expediente dela havia terminado e, em vez do uniforme, vestia uma saia de pregas cor de vinho, blusa branca e cardigã cinza.

Tengo ficou parado, pensando a respeito.

— Ainda não sei. Creio que vai depender das circunstâncias.

— Você pode esticar as suas férias?

— Como tem uma pessoa me substituindo, acho que sim.

— Onde você costuma comer? — perguntou a enfermeira.

— Nos restaurantes da cidade — respondeu Tengo. — A pousada só serve o café da manhã, por isso vou a algum restaurante das redondezas e peço a refeição do dia, ou uma tigela grande de arroz com alguma mistura, enfim, coisas desse tipo.

— É gostoso?

— Não é exatamente gostoso, mas eu não ligo.

— Isso não é bom — disse a enfermeira, com um ar de preocupação. — Você precisa se alimentar bem, comer alimentos nutritivos. Sabia que ultimamente você está com cara de cavalo que dorme em pé?

— Cavalo que dorme em pé? — indagou Tengo, surpreso.

— Você nunca viu um cavalo dormindo em pé?

Tengo balançou a cabeça. — Ainda não.

— A cara dele fica exatamente como essa sua cara de agora — disse a enfermeira de meia-idade. — Acho melhor você ir até o banheiro e se olhar no espelho. De relance, não dá para perceber, mas, se olhar atentamente, você verá. Os olhos estão abertos, mas não enxergam nada.

— Os cavalos dormem de olhos abertos?

A enfermeira deu um longo suspiro. — Exatamente como você.

Por alguns instantes, Tengo até pensou em ir ao banheiro se olhar no espelho, mas optou por não ir.

— Entendi. Vou procurar comer alimentos mais nutritivos.

— Pois então, você não quer sair para comer *yakiniku*?

— *Yakiniku*? — Tengo não costumava comer carne vermelha. Não que não gostasse, mas no dia a dia não sentia vontade. Mas, ao receber o convite, achou que não seria nada mal comer espetinho de carne, depois de tanto tempo. E seu corpo precisava de nutrientes.

- Combinamos de sair à noite para comer *yakiniku*. Venha conosco.
- Combinaram?
- Vamos nos encontrar às seis e meia, após o expediente. Somos três.

Que tal?

As outras duas eram a enfermeira Ômura, que tinha um filho e espetava a caneta no coque, e a jovem e pequenina enfermeira Adachi. As três também cultivavam a amizade fora do ambiente de trabalho. Tengo refletiu sobre a possibilidade de acompanhá-las. No fundo, não queria bagunçar sua rotina, mas não conseguiu pensar em algum pretexto para recusar o convite. Elas sabiam que ele tinha tempo de sobra.

— Se não for atrapalhar... — disse Tengo.

— De jeito nenhum — disse a enfermeira. — Jamais convidaria alguém só por obrigação, ainda mais se fosse uma pessoa inconveniente. Não faça cerimônia e junte-se a nós. De vez em quando, é bom ter a companhia de um homem jovem e saudável.

— Saudável é algo que posso garantir — disse Tengo, com pouca convicção.

— Isso é o que importa — afirmou categoricamente a enfermeira, como uma profissional.

Elas trabalhavam no mesmo local, mas era difícil que o horário de saída das três enfermeiras coincidisse. No entanto elas faziam de tudo para que ao menos uma vez por mês saíssem na mesma hora. Quando isso acontecia, iam para a cidade, comiam “algo nutritivo”, bebiam, cantavam no karaokê e, de certa forma, era como que descarregavam — por assim dizer — as energias represadas. Certamente, elas precisavam disso para espairar. A vida nas cidades do interior era monótona e, no serviço, além dos médicos e demais enfermeiras, as únicas pessoas que elas viam eram os pacientes idosos, sem vitalidade e sem memória.

As três enfermeiras comiam e bebiam muito; Tengo não conseguiu acompanhar o ritmo delas. Sentado ao lado das superanimadas enfermeiras, Tengo conversava de modo tranquilo, apreciando a carne assada no espeto e tomando cerveja aos poucos, para não ficar bêbado. Após deixar o restaurante de *yakiniku*, resolveram ir para outro bar das proximidades. Pediram uma garrafa de uísque e começaram a cantar no karaokê. As enfermeiras cantaram suas músicas preferidas e, para finalizar, as três cantaram em conjunto uma música das Candies com direito à coreografia e tudo. Coreografia que, certamente, havia sido previamente ensaiada, pois a performance era simplesmente impecável. Tengo não era muito bom de karaokê, mas resolveu cantar pelo menos uma música de Yosui Inoue, de que se lembrava vagamente.

Após algumas doses, a jovem enfermeira Adachi, que não era de falar muito, começou a se soltar, ficando alegre e atrevida. Com o efeito do álcool, as bochechas coradas ganharam uma coloração bronzeada, dando-lhe uma aparência ainda mais saudável. Ria à toa até com piadas bobas e sem graça e, com o tempo,

foi se apoiando de forma insinuante no ombro de Tingo. A enfermeira Ômura, que era alta e sempre andava com uma caneta espetada no coque, havia trocado de roupa — estava de vestido azul num tom um pouco abaixo do marinho — e soltara o coque. Os cabelos soltos a deixavam com uma aparência três ou quatro anos mais nova, e sua voz estava uma oitava mais baixa. A postura de profissional ágil e eficiente era substituída por uma mais tranquila. Era como se ela ganhasse uma personalidade diferente. A única que praticamente continuou sendo a mesma, tanto na aparência quanto na personalidade, era a enfermeira Tamura, com seus óculos de aro dourado.

— Esta noite, as crianças estão sob os cuidados de uma vizinha — disse a enfermeira Ômura, voltando-se para Tingo. — Meu marido está trabalhando no turno da noite e não está em casa. É nessas horas que a gente precisa sair e se divertir à vontade, sem preocupações. É importante espairecer. Não acha, Tingo?

Elas agora o chamavam de Tingo, e não mais formalmente — senhor Kawana ou senhor Tingo. Geralmente, as pessoas que o conheciam costumavam chamá-lo espontaneamente de Tingo. Até mesmo entre os seus alunos do cursinho ele era chamado pelo primeiro nome.

— Sem dúvida. É isso mesmo — concordou Tingo.

— Precisamos desses momentos de descontração — disse a enfermeira Tamura, bebendo uma dose de uísque Suntory Old com água. — Afinal, somos de carne e osso.

— Sem o uniforme, somos apenas mulheres — disse a enfermeira Adachi, dando risadinhas como se tivesse falado algo profundo.

— Então, Tingo — disse a enfermeira Ômura —, será que posso fazer uma pergunta indiscreta?

— Qual?

— Você é comprometido?

— Boa pergunta. Também quero saber — disse a enfermeira Adachi, mastigando ruidosamente os petiscos de milho com seus dentes grandes e brancos.

— É uma história meio complicada, difícil de contar — disse Tingo.

— Histórias assim são ótimas — disse a experiente enfermeira Tamura. — Temos tempo de sobra, será um prazer escutá-la. Vamos, conte-nos essa sua história meio complicada e difícil de contar.

— Conte, conte — disse a enfermeira Adachi, batendo palminhas e rindo.

— Não é uma história interessante — disse Tingo. — É bem banal e sem nexos.

— Então pelo menos nos conte como ela termina — disse a enfermeira Ômura. — Afinal, você tem namorada ou não?

Tingo acabou cedendo:

— Agora, no final das contas, acho que estou sem namorada.

— É mesmo? — disse a enfermeira Tamura. E, após mexer com o dedo o gelo do copo e lambê-lo, comentou — Isso não é bom. Não é bom mesmo. É

um desperdício um rapaz jovem e saudável como você não ter um relacionamento mais íntimo com alguém.

— Não faz bem para o corpo — disse a enfermeira Ômura. — Guardar aquilo para si durante muito tempo pode deixar a pessoa de miolo mole.

A enfermeira Adachi deu sua risadinha de costume. — De miolo mole — disse ela, e bateu na têmpora com a ponta do dedo.

— Mas até um tempo atrás eu tinha alguém — disse Tengo, tentando se justificar.

— Mas *um tempo atrás* ela te deixou, não é? — disse a enfermeira Tamura, acertando os óculos.

Tengo confirmou com a cabeça.

— Foi ela que te deixou? — indagou a enfermeira Ômura.

— Não sei — disse Tengo, inclinando a cabeça. — Acho que sim. O mais provável é que ela tenha me deixado.

— Por acaso essa pessoa era bem mais velha que você? — perguntou a enfermeira Tamura, estreitando os olhos.

— Sim. Ela era mais velha — respondeu Tengo, surpreso de ela saber disso.

— Não disse? — a enfermeira Tamura olhou para as outras com ares de orgulho. As duas concordaram.

— Eu disse para essas duas — disse a enfermeira Tamura. — O Tengo provavelmente tem uma namorada mais velha. Isso é um tipo de coisa que uma mulher consegue sentir pelo faro.

A enfermeira Adachi começou a fungar ruidosamente.

— E, além de tudo, ela deve ser casada — disse a enfermeira Ômura num tom de voz lânguido. — Estou certa?

Tengo hesitou antes de concordar. Mas, àquela altura, não adiantava mentir.

— Você é malvado — disse a enfermeira Adachi, cutucando com a ponta dos dedos as coxas de Tengo.

— Quantos anos mais velha?

— Dez — respondeu Tengo.

— Uau! — exclamou a enfermeira Tamura.

— Então é isso. Essa mulher madura e casada deve ter te mimado muito — disse a enfermeira Ômura, que já era mãe. — Isso sim é que é bom. Será que tenho alguma chance? Saiba que eu também posso confortar o solitário e gentil Tengo. Pode não parecer, mas meu corpo não é de se jogar fora.

Ela pegou a mão de Tengo e tentou pressioná-la em seu peito. As outras duas tentaram impedi-la. A despeito de ela estar bêbada e fazer esse tipo de gracinha, as duas queriam preservar a linha divisória entre as enfermeiras e os familiares dos pacientes. Ou então temiam que alguém visse aquela cena. Era uma cidade pequena, e os boatos corriam à solta. E o marido da enfermeira Ômura poderia ser uma pessoa ciumenta. Tengo, por sua vez, queria evitar mais problemas do que já tinha.

— Saiba que você é um homem e tanto! — disse a enfermeira Tamura, mudando de assunto. — Veio de tão longe e todos os dias fica horas a fio sentado ao lado do seu pai, lendo para ele. Nem todo mundo é capaz de fazer isso.

A jovem enfermeira Adachi inclinou levemente a cabeça e concordou:

— Realmente, é de se admirar. Uma atitude que merece o nosso respeito.

— Estamos sempre te elogiando — disse a enfermeira Tamura.

Tengo, sem querer, ruborizou. Ele não estava na cidade para cuidar do pai. A sua intenção era ver novamente Aomame dormindo dentro daquela crisálida de ar, envolta numa tênue luz. Essa era a principal motivação de ele estar lá. Cuidar do pai era um mero pretexto. Mas não poderia revelar sua motivação, pois teria também de explicar o que era uma crisálida de ar.

— É que até hoje não pude fazer nada por ele — disse Tengo, meio sem graça, sentado de modo desengonçado na apertada cadeira de madeira que, para encaixar seu corpo grande, o deixava todo exprimido. Mas sua atitude foi interpretada pelas enfermeiras como um gesto de humildade.

Tengo pensou em se retirar dizendo que estava com sono e que voltaria sozinho para a hospedaria, mas não conseguiu encontrar uma oportunidade para se despedir. Ele não era uma pessoa que agia de modo impositivo.

— Mas então... — disse a enfermeira Ômura e, após tossir para limpar a garganta, prosseguiu. — Voltando àquele assunto, por que você se separou dessa mulher casada, dez anos mais velha? Vocês se davam bem, não davam? Foi porque o marido dela descobriu? É isso?

— Não sei dizer o motivo — respondeu Tengo. — Um dia ela simplesmente deixou de dar notícias e, desde então, não a vejo mais.

— Hum — disse a enfermeira Adachi. — Será que ela enjoou de você?

Ômura, a enfermeira alta e com filhos, meneou a cabeça, discordando, e ergueu o indicador. Disse, voltando-se para Adachi — Você ainda não sabe nada sobre o mundo. Não sabe nada. É impossível que uma mulher casada, de quarenta anos, largue um rapaz saudável e gostoso dizendo simplesmente “Muito obrigada. Foi ótimo! Adeus”. Só o contrário é possível.

— Será mesmo? — disse a enfermeira Adachi, inclinando levemente a cabeça. — Taí uma coisa que não entendo.

— Mas é isso mesmo — afirmou categoricamente a enfermeira Ômura, fixando seus olhos em Tengo por alguns instantes, como se conferisse as letras de uma lápide talhadas com cinzel. Um tempo depois, Ômura balançou a cabeça, concordando consigo mesma. — Quando você ficar mais velha, vai entender.

— Ah! Estou à míngua há muito tempo — disse a enfermeira Tamura, recostada na cadeira.

Durante algum tempo, elas fofocaram sobre as aventuras sexuais de uma pessoa que Tengo não conhecia, mas que supostamente devia ser alguma enfermeira que trabalhava com elas. Segurando o copo de uísque com água, Tengo as observava conversando e se lembrou das três bruxas de *Macbeth*. “Bom é mau e mau é bom”, foram as palavras mágicas que as bruxas entoaram para

incutir ambições más no coração de Macbeth. Tengo não considerava as três enfermeiras seres malévolos. Elas eram gentis e sinceras. Dedicavam-se ao trabalho com afinco e cuidavam muito bem de seu pai. Eram obrigadas a trabalhar duro, e suas vidas estavam longe de ser empolgantes naquela cidadezinha em que a atividade econômica principal era a indústria pesqueira. Só o que elas faziam era dar-se ao direito de, uma vez por mês, descarregar o estresse. Mas, quando Tengo viu a junção das energias daquelas três mulheres de diferentes gerações, não pôde deixar de pensar nos ventos que cortam a expansão da Escócia. Os ventos gelados que junto com a chuva cortam a charneca sob o céu nublado.

Tengo leu *Macbeth* nas aulas de inglês da faculdade, mas estranhamente lembrava-se do seguinte trecho:

*By the pricking of my thumbs,
Something wicked this way comes,
Open, locks,
Whoever knocks.*

Pinica meu polegar:
Algo mau está pra chegar
Abre logo a fechadura
Pra quem bate e nos procura.

“Por que será que ainda hoje consigo me lembrar claramente desse trecho? Um trecho que nem sei ao certo quem falava na peça?” No entanto, esse trecho em especial lembrava o cobrador da NHK que insistentemente batia na porta de seu apartamento em Kôenji. Tengo olhou seu polegar. Não sentiu nenhuma pinicada. Mas, mesmo assim, a sonoridade que Shakespeare habilmente criava com suas rimas reverberava um sinistro eco.

Something wicked this way comes...

“Tomara que Fukuaki não abra a porta”, pensou Tengo.

Ushikawa

Estou caminhando em sua direção

Por um tempo, Ushikawa achou melhor desistir de tentar obter informações sobre a velha senhora de Azabu. Em parte por constatar que, independentemente de seus esforços, o grau de proteção e segurança em torno dela sempre o levava a esbarrar num muro bem alto. Pretendia inclusive investigar um pouco mais sobre o abrigo, mas achou arriscado continuar a zanzar naquela área. Havia câmeras de segurança espalhadas no local e, querendo ou não, Ushikawa era um tipo que naturalmente atraía a atenção. Se sua presença levantasse suspeitas, prejudicaria ainda mais o andamento das investigações. Sendo assim, por ora, achou melhor se afastar da Mansão dos Salgueiros e tentar outras linhas de investigação.

A “alternativa” que cogitou foi reinvestir o histórico de Aomame. Na vez anterior, ele havia solicitado informações sobre ela a uma empresa de investigações que costumava contratar, além de ele próprio sair em busca de dados. Ushikawa chegou a elaborar um arquivo detalhado sobre Aomame, e a investigação, analisada sob vários pontos de vista, concluiu que ela não representava nenhum perigo. Era considerada uma excelente instrutora, e sua reputação era muito boa no clube esportivo em que trabalhava. Quando criança, era Testemunha de Jeová, mas aos dez anos largara a religião. Concluiu a faculdade de educação física como uma das melhores alunas do curso, trabalhou numa empresa de porte médio, fabricante de bebidas esportivas e alimentos saudáveis, e destacou-se como jogadora do time de softball feminino da empresa. Os colegas daquela época disseram que ela era excelente tanto nos esportes quanto no trabalho. Era ousada e muito inteligente. As pessoas que a conheciam tinham uma boa impressão dela. Mas era de poucas palavras e de poucos amigos.

Alguns anos atrás, inesperadamente, ela largou o softball, pediu as contas na empresa e começou a trabalhar como instrutora num clube esportivo de luxo, localizado em Hiroo. Com a mudança de emprego, sua remuneração aumentou em cerca de trinta por cento. Era solteira e morava sozinha. Naquela época, não tinha namorado. De qualquer modo, não havia ponto obscuro em sua vida, nem nada que a desabonasse. Ushikawa franziu a testa, deu um longo suspiro e jogou sobre a mesa o arquivo que acabara de ler. “Deixei escapar alguma coisa. Algum ponto de extrema importância que não deveria ter deixado escapar”, pensou.

Ushikawa tirou da gaveta de sua escrivaninha uma agenda de endereços e discou um número. Quando precisava obter informações de modo ilícito, ele sempre

ligava para lá. A pessoa para quem ligava vivia num mundo muito mais sombrio que o dele. Pagando-lhe o preço, essa pessoa conseguia obter qualquer tipo de informação. Quanto mais rigoroso fosse o grau de segurança do investigado, mais caro se tornava o serviço.

Ushikawa queria obter dois tipos de informação. O primeiro era sobre os pais de Aomame, que ainda eram adeptos fervorosos das Testemunhas de Jeová. Ushikawa sabia que todas as Testemunhas de Jeová em nível nacional eram controladas por uma central. No Japão, a quantidade de adeptos era enorme, e a circulação de pessoas entre a matriz e as filiais era grande. Se não houvesse uma central para armazenar as informações, o sistema não funcionaria de modo harmonioso. A matriz das Testemunhas de Jeová localiza-se nos arredores da cidade de Odawara. Num imenso terreno há um suntuoso prédio, uma fábrica onde se imprimem panfletos, um auditório e acomodações para acolher os adeptos vindos de todas as partes do país. Todas as informações são armazenadas ali e com certeza são rigorosamente controladas.

A outra informação era o registro de aulas do clube esportivo em que Aomame trabalhava. Ushikawa queria saber que tipo de trabalho ela desenvolvia, e quando e para quem ela dava aulas particulares. As informações do clube não devem ser tão bem protegidas quanto as das Testemunhas de Jeová. Mas isso não significava que Ushikawa poderia chegar lá e pedir “Por favor, será que vocês poderiam me mostrar os registros de aula de Aomame?” e ser atendido de modo solícito.

Ushikawa deixou o nome e o telefone registrado na secretária eletrônica. Decorridos trinta minutos, a pessoa retornou a ligação.

— Senhor Ushikawa — disse uma voz rouca.

Ushikawa explicou detalhadamente quais informações necessitava obter. Ele nunca vira aquele homem. As negociações sempre ocorriam por telefone. O material solicitado era entregue por correio expresso. A voz era um pouco rouca e, de vez em quando, ele costumava dar uma leve tossida para limpar a garganta. Provavelmente deve ter algum problema de saúde. Do outro lado da linha, o silêncio era total. Parecia vir de uma sala à prova de som. Os únicos sons audíveis eram a voz do interlocutor e uma desagradável respiração ofegante. Nada mais. E a potência desses sons aos poucos se tornava exageradamente alta. “Que homem sinistro”, pensava Ushikawa, sempre que falava com ele. “Parece que no mundo existem muitas pessoas sinistras (e, de certa forma, eu também não deixo de ser uma)”. Ushikawa secretamente batizou-o de Morcego.

— Nos dois casos, devo colher todas as informações relativas a Aomame, é isso? — indagou a voz rouca, pondo-se a tossir.

— Isso mesmo. Não é um nome comum.

— Você quer todas as informações possíveis sobre ela, não é?

— Desde que o nome dela esteja envolvido, quero saber de tudo. Se possível, quero que me consiga uma foto dela para que eu possa identificá-la.

— O clube esportivo vai ser fácil. Eles não devem sequer cogitar que alguém possa querer roubar informações. Mas em relação às Testemunhas de

Jeová não vai ser fácil. Trata-se de uma organização grande e que, por ter muito dinheiro, deve se proteger bem. As organizações religiosas são as mais difíceis de se aproximar. Há em jogo o interesse de proteger os dados pessoais de seus membros, além de questões relacionadas aos impostos.

— Acha que consegue?

— Não custa tentar. Tenho meios de fazê-los abrir as portas. O que realmente é difícil é fechar as portas após tê-las aberto. Se não fechá-las, certamente seremos perseguidos por um míssil.

— É como uma guerra.

— É uma guerra. Pode surgir algo amedrontador — disse o homem de voz rouca. Pelo seu tom, parecia se divertir com essa ideia de guerra.

— Você aceita fazer o serviço?

O homem tossiu para limpar a garganta. — Aceito, mas saiba que não vai sair barato.

— Mais ou menos, quanto vai custar?

O homem deu um preço aproximado. Ushikawa ficou boquiaberto, antes de aceitar. Apesar dos pesares, era um dinheiro que ele próprio podia juntar e, se obtivesse resultados, seria ressarcido.

— Vai levar muito tempo?

— Você tem uma certa pressa, não é?

— Tenho.

— Não posso dar uma data exata, mas a previsão é de sete a dez dias.

— Está ótimo — disse Ushikawa. A única alternativa que lhe cabia era a de aceitar o prazo estipulado.

— Entrarei em contato assim que tiver o material em mãos. Dentro de dez dias, sem falta.

— Se um míssil não estiver no seu encalço — disse Ushikawa.

— Isso mesmo — respondeu Morcego, num tom de voz isento de preocupação.

Ao desligar o telefone, Ushikawa debruçou-se sobre a mesa e parou para refletir. Ele desconhecia os métodos que Morcego utilizava para obter as informações. Ele sabia que essa era uma pergunta que não teria resposta. Em todo caso, era de supor que lançasse mão de métodos ilegais. Possivelmente subornava funcionários ou, em último caso, apelava para a invasão. Se a investigação envolver a necessidade de acessar computadores, a situação se torna ainda mais complexa.

Ainda são poucas as repartições públicas e empresas privadas que utilizam o computador para armazenar dados. É caro e trabalhoso. Mas as organizações religiosas que atuam em nível nacional certamente possuem recursos para implantá-los. Ushikawa não sabe quase nada de computadores, mas está ciente de que estão se tornando ferramentas imprescindíveis para armazenar informações. Frequentar a Biblioteca Nacional da Dieta e ficar o dia inteiro procurando informações em microfilmes de jornais e anuários será coisa do

passado. O mundo se tornará um sangrento campo de batalha entre o gerente de computação e o hacker. Não. O termo correto não é exatamente *sangrento*. Apesar de, no campo de batalha, sempre se derramar um pouco de sangue. Mas, neste caso, o sangue não tem cheiro. Um mundo estranho. Ushikawa preferia um mundo em que a existência de cheiros e da dor fossem perceptíveis. Ainda que, em determinadas situações, elas se tornem insuportáveis. Mas um tipo como Ushikawa, sem dúvida, muito em breve se tornaria obsoleto.

Mesmo ciente disso, Ushikawa não era pessimista. Ele sabia que possuía uma intuição inata. Graças ao seu órgão olfativo especial, era capaz de discernir os vários odores à sua volta e, através da dor que sentia na pele, compreender o rumo dos acontecimentos. Uma tarefa que o computador jamais conseguiria realizar. Uma capacidade que não permite ser quantificada ou sistematizada. O trabalho do hacker consistirá em obter informações acessando habilmente um computador rigorosamente protegido. Mas somente o ser humano, de carne e osso, estará apto a decidir que tipo de informação e quais, dentre várias, são realmente relevantes.

“Sei que devo ser um homem de meia-idade desagradável e obsoleto”, pensou Ushikawa. “Não. Não se trata de *devo ser*. Sou, sem sombra de dúvida, um homem de meia-idade, desagradável e obsoleto. Mas possuo alguns dons naturais que a maioria das pessoas não tem. Uma capacidade olfativa ímpar e uma *firme determinação* de agarrar com força uma coisa e não largá-la de jeito nenhum. Foi graças a esses dons que consegui sobreviver até hoje. Enquanto eu possuir essa capacidade, independentemente de o mundo se tornar cada vez mais estranho, seja onde for, certamente conseguirei sobreviver.

“Eu vou te pegar, Aomame. Sei que você é inteligente. É hábil e cautelosa. Mas fique sabendo que ainda vou te achar. Me aguarde. Estou caminhando em sua direção. Você está escutando os meus passos? Creio que não. Meus passos são lentos e silenciosos, como os da tartaruga. Mas, passo a passo, estou chegando cada vez mais perto de você.”

No entanto, Ushikawa também sentia que algo o perseguia. Era o tempo. Para Ushikawa, encontrar o paradeiro de Aomame era o mesmo que se libertar dessa perseguição. Precisava urgentemente encontrá-la, esclarecer todas as ligações existentes e colocar o resultado das investigações numa bandeja, oferecendo-a aos membros do grupo religioso: “Por favor, queiram receber essa bandeja.” O tempo que eles haviam dado era limitado. Possivelmente seria tarde demais se levasse três meses para anunciar que finalmente conseguira concluir o caso. Até então, Ushikawa era uma pessoa útil para eles. Competente, possuía aptidão para se adaptar às circunstâncias, era entendido em leis e sabia guardar segredos. Era capaz de agir fora do sistema. Mas, em todo caso, ele não passava de um “faz-tudo” remunerado. Ele não era parente nem amigo deles, tampouco nutria alguma devoção religiosa. Se ele se tornasse uma ameaça para o grupo religioso, não havia dúvidas de que seria rapidamente eliminado.

Enquanto aguardava o telefonema de Morcego, Ushikawa foi até a biblioteca levantar informações detalhadas sobre a história das Testemunhas de Jeová e a situação atual dessa religião. Fez algumas anotações em seu caderno e providenciou cópias de alguns documentos relevantes. Ele não se importava de ir até a biblioteca fazer esse tipo de pesquisa. Gostava de sentir o cérebro armazenando conhecimentos. Um hábito adquirido na infância.

Após levantar as informações na biblioteca, Ushikawa foi até o bairro de Jiyûgaoka ver o apartamento que Aomame alugava e novamente se certificar de que continuava vazio. Na caixa de correio ainda constava o nome da Aomame, mas não parecia que alguém estivesse morando no apartamento. Em seguida, Ushikawa resolveu ir até a imobiliária que administrava o imóvel.

— Ouvi dizer que havia um apartamento vago nesse prédio. Será que posso alugá-lo? — indagou Ushikawa.

— Que existe um apartamento vago, existe, mas não posso alugá-lo até o início de fevereiro — respondeu o corretor. O contrato de aluguel firmado com a atual moradora termina no final de janeiro e o valor do aluguel está sendo mensalmente depositado. Todas as coisas já foram retiradas e a eletricidade, o gás e a água também foram desligados. Mas o aluguel continua a ser pago.

— Quer dizer que, mesmo vazio, o aluguel será pago até janeiro.

— Isso mesmo — disse o corretor. — Eles disseram que pagariam o valor integral do aluguel e pediram para que o deixasse como está. Se eles estão pagando o aluguel, não temos do que reclamar.

— Mas é estranho. É um desperdício pagar aluguel sem ninguém morando.

— Eu também fiquei desconfiado e fui com o proprietário dar uma olhada no apartamento. Estava com medo de encontrar um cadáver mumificado no armário. Mas felizmente não havia nada. O apartamento estava limpo. E vazio. Não saberia dizer o que se passa.

Era evidente que Aomame não morava mais lá. Mas, por algum motivo, eles a mantinham como locatária. Para isso, estavam pagando quatro meses de aluguel à toa. Esse pessoal era muito cauteloso e, pelo visto, dinheiro não era problema.

Decorridos exatos dez dias, um pouco depois do meio-dia, Morcego telefonou para o escritório de Ushikawa, em Kôjimachi.

— Senhor Ushikawa — disse a voz rouca. O silêncio, como sempre, imperava ao fundo.

— Eu mesmo.

— Podemos conversar agora?

Ushikawa respondeu que sim.

— A segurança das Testemunhas de Jeová é realmente rigorosa. Mas isso era algo que já prevíamos. De qualquer modo, conseguimos obter todas as informações sobre Aomame.

— E o míssil?

— No momento, nem sinal dele.

— Que bom.

— Senhor Ushikawa — disse o interlocutor. Em seguida, deu várias tossidas. — Desculpe-me, mas será que o senhor poderia apagar o cigarro?

— Cigarro? — disse Ushikawa, olhando o Seven Stars entre os dedos. A fumaça subia em direção ao teto. — Realmente estou fumando, mas estamos ao telefone. Como você sabe?

— É claro que o cheiro não vem até aqui, mas só de ouvir sua respiração me sinto sufocado. Sou extremamente alérgico.

— Entendo. Me desculpe por não ter percebido antes.

O homem tossiu várias vezes.

— O senhor não tem culpa. É natural que não tenha percebido.

Ushikawa apertou o cigarro no cinzeiro e jogou o resto de chá sobre ele. Em seguida, levantou-se, foi até a janela e a abriu completamente.

— Apaguei o cigarro e abri a janela para arejar o ambiente. Apesar de não dar para dizer que lá fora o ar seja mais limpo.

— Desculpe-me o incômodo.

O silêncio prevaleceu por dez segundos. Absoluto e plácido.

— Então... Conseguiu obter as informações sobre as Testemunhas de Jeová?— indagou Ushikawa.

— Sim. O volume é grande. A família dela é devota há muito tempo e existe muita coisa sobre eles. A seleção do que serve ou não deixarei a seu cargo.

Ushikawa concordou. Era exatamente o que ele desejava.

— Quanto ao clube, não tivemos nenhum problema. Abrimos a porta, pegamos o que precisávamos, saímos e fechamos a porta. Como o tempo era escasso, pegamos tudo sem selecionar o material, por isso o volume também ficou grande. De qualquer modo, encaminharei tudo, do jeito que está. E, como sempre, a entrega será mediante o pagamento em dinheiro.

Ushikawa anotou o valor ditado pelo Morcego. O preço ficou vinte por cento mais caro do que o orçado. Ushikawa, porém, não tinha escolha, a não ser aceitá-lo.

— Desta vez não quero usar o correio, por isso, amanhã, por volta dessa hora, vou mandar um mensageiro entregar-lhe o material em mãos. Providencie o dinheiro. Como sempre, não espere um recibo.

Ushikawa concordou, dizendo estar ciente disso.

— Eu já mencionei isso antes, mas vou repetir, só para me certificar. Consegui obter toda a informação disponível sobre este assunto que você me pediu para pesquisar. Mas, se você não ficar satisfeito, não é minha responsabilidade. Eu fiz tudo o que era tecnicamente possível. O pagamento é pelo tempo e pelo esforço dispensado, não pelos resultados. Então, por favor, não me peça para devolver o dinheiro caso você não encontre a informação que está procurando. Gostaria de confirmar se você concorda com esse ponto.

— Concordo — respondeu Ushikawa.

— Outra coisa que gostaria de dizer é que não consegui obter nenhuma foto de Aomame — disse Morcego. — Elas foram cuidadosamente removidas de todos os documentos.

— Tudo bem, deixe estar — disse Ushikawa.

— De todo modo, ela já deve ter mudado de rosto a essa altura — disse Morcego.

— Pode ser — disse Ushikawa.

Morcego tossiu várias vezes. — É isso — disse ele, e desligou.

Ushikawa pôs o fone no gancho, suspirou e colocou um novo cigarro na boca. Acendeu-o com o isqueiro e soltou lentamente a fumaça na direção do telefone.

Na tarde do dia seguinte, uma jovem veio até o escritório de Ushikawa. Aparentava ter menos de vinte anos. O vestido branco e curto realçava os contornos de seu corpo e, combinando com o vestido, usava um lustroso par de sapatos brancos de salto alto e brincos de pérolas. Suas orelhas eram relativamente grandes em relação ao seu corpo miúdo. Ela media pouco mais de um metro e meio. Os cabelos eram compridos, retos, e os olhos grandes e límpidos. Parecia uma fada aprendiz. Ela encarou Ushikawa de frente e abriu um sorriso simpático e afetuoso, como a contemplar algo importante, inesquecível. Entre os lábios pequenos, dentes brancos e belamente alinhados exibiam-se contentes. Era, provavelmente, apenas um sorriso de negócios. Mesmo assim, era raro encontrar uma pessoa que não demonstrasse aversão ao vê-lo pela primeira vez.

— Trouxe o material solicitado — disse a jovem, tirando dois envelopes enormes da bolsa de pano que trazia a tiracolo. Como uma virgem dos santuários xintoístas que leva nas mãos uma pedra litográfica antiga, ela ergueu os envelopes com cuidado diante de si e os colocou sobre a mesa de Ushikawa.

Ele puxou um envelope da gaveta e o entregou à jovem. Ela o abriu, tirou um maço de notas de dez mil ienes e contou ali mesmo, em pé. Ela manuseava o dinheiro com destreza. Seus dedos finos e bonitos movimentavam-se rápida e agilmente. Após conferir o valor, devolveu o maço ao envelope e o colocou dentro da bolsa de tecido. Em seguida, olhou novamente Ushikawa e, desta vez, abriu um sorriso muito mais simpático e afetuoso que o da vez anterior. Parecia expressar o quão feliz estava por tê-lo conhecido.

Ushikawa tentou imaginar que tipo de relação ela tinha com o Morcego. Mas ele, é claro, nada tinha a ver com isso. Ela devia ser apenas uma garota de recados. Aquela que entrega o “material” e, em troca, recebe o dinheiro. Essa deveria ser sua única função.

Após a pequenina jovem deixar o escritório, Ushikawa permaneceu um bom tempo olhando a porta, com um crescente sentimento de desânimo. Olhava a porta que a jovem acabara de fechar atrás de si. O escritório muito preservava os indícios de sua presença. Talvez essa garota tenha levado uma parte da alma de Ushikawa em troca. Ele conseguia sentir, no fundo de seu coração, aquele novo

vazio. “Por que será que isso acontece”, estranhou Ushikawa. “O que será que isso significa?”

Decorridos dez minutos, Ushikawa finalmente se recuperou e tomou coragem de abrir os envelopes. Eles estavam lacrados com várias camadas de fita adesiva. Estavam abarrotados de folhas impressas, materiais fotocopiados e documentos originais. Ushikawa não tinha ideia de como o Morcego conseguia juntar tamanha quantidade de material em tão pouco tempo. Como sempre, precisava tirar o chapéu e reconhecer a competência dele. Por outro lado, ele não pôde deixar de sentir um profundo desânimo diante de tamanha quantidade de documentos. “Por mais que eu busque nessas pilhas de papéis, será que realmente encontrarei algo? Será que paguei um dinheirão em troca de um monte de papéis inúteis? O que sinto é uma profunda impotência, como alguém que esfrega os olhos para enxergar o fundo do poço, em vão. A única coisa que se vê é o crepúsculo envolto em semiescuridão, como o prenúncio de morte iminente. Isso também pode ter sido *algo* que aquela garota deixou para trás. Ou quem sabe era *algo* que ela levou de mim”, pensou Ushikawa.

Mas, de algum jeito, Ushikawa conseguiu recuperar a energia. Ficou até o final da tarde olhando pacientemente o material e anotando no caderno, item por item, as informações mais relevantes, separadas por assunto. Ao se concentrar nessa tarefa, ele finalmente conseguiu expulsar aquele sentimento de indefinida impotência. O escritório começou a ficar escuro e, quando Ushikawa acendeu o abajur, ele já começava a achar que havia valido a pena desembolsar um valor tão alto para adquirir aquele material.

Ushikawa começou pelo “material” coletado no clube esportivo. Aomame passara a trabalhar no clube quatro anos antes, e dava basicamente aulas de musculação e artes marciais. Tinha algumas turmas regulares que ela acompanhava e orientava. O material coletado revelava que ela era uma instrutora competente e bem conceituada entre os associados. Ao mesmo tempo em que dava aulas regulares, também aceitava dar aulas particulares. O preço dessas aulas era evidentemente mais caro, mas, para os que não podiam frequentar as aulas convencionais, ou que preferiam um ambiente mais privado, elas eram muito convenientes. Nesse sentido, Aomame possuía muitos “clientes particulares”.

O histórico contendo informações sobre quando, onde e como ela conduzia essas aulas particulares constava na programação diária de atividades que havia sido devidamente xerocado. Às vezes, ela dava aulas particulares no próprio clube ou se deslocava até a residência do cliente. Entre os seus inúmeros clientes havia artistas famosos e políticos. A velha senhora da Mansão dos Salgueiros, Shizue Ogata, era a mais idosa dentre eles.

Shizue Ogata conheceu Aomame um pouco depois de ela começar a trabalhar no clube, e essa conexão se estendeu até um pouco antes de ela desaparecer. Foi no mesmo período em que os quartos do sobrado da Mansão dos Salgueiros tornaram-se oficialmente um local para abrigar as vítimas da violência

doméstica. Isso poderia ter sido uma coincidência, ou não. De qualquer modo, os registros indicavam que o relacionamento entre as duas foi se tornando cada vez mais íntimo com o decorrer do tempo.

É possível que um vínculo pessoal tenha se estabelecido entre Aomame e a velha senhora. A intuição de Ushikawa pressentia isso. Uma relação entre instrutora e cliente que começara no clube esportivo e que, a partir de um certo momento, mudara de natureza. Ushikawa empenhou-se em identificar em que “momento” teria ocorrido essa mudança observando atentamente o registro administrativo cronológico e descritivo das aulas. Algo teria acontecido ou se tornado evidente, e foi a partir desse momento que a relação entre elas deixou de ser apenas a de instrutora e cliente. Um relacionamento que transcendia as diferenças de idade e de posição social. Um relacionamento que se tornou extremamente pessoal e íntimo. Possivelmente, estabeleceu-se entre elas um acordo secreto, estritamente emocional. Um acordo secreto que culminou no assassinato do Líder no Hotel Ôkura. Ushikawa farejava isso.

Qual teria sido o histórico? E que tipo de pacto secreto elas tinham?

Ushikawa não conseguia encontrar respostas a essas perguntas.

Provavelmente o elo entre elas devia ser o da “violência doméstica”. À primeira vista, a velha senhora possuía um interesse pessoal sobre o assunto. Segundo os registros, a primeira vez em que Shizue Ogata entrou em contato com Aomame foi na aula de “defesa pessoal”. Era inusitado que uma mulher com mais de setenta anos frequentasse aulas de defesa pessoal. Algo *relacionado à violência* deve ter sido o que aproximou a velha senhora e Aomame.

Ou, quem sabe, a própria Aomame tenha sido vítima da violência doméstica. E o Líder poderia ter agredido alguém. Cientes disso, elas resolveram castigá-lo. No entanto, tudo isso não passava de suposição baseada no “talvez”. Uma hipótese que não condizia com a imagem do Líder que Ushikawa conhecera. É claro que nunca se sabe o que se passa no âmago de uma pessoa, seja ela quem for, mas, independente disso, o Líder era uma pessoa extremamente carismática. Afinal, era o líder de um grupo religioso. Era perspicaz e inteligente, mas também possuía algo de enigmático. Mesmo que o Líder fosse hipoteticamente capaz de praticar atos de extrema violência doméstica, ele teria feito isso? E o que ele teria feito para que, além de as duas mulheres planejarem meticulosamente o assassinato, com uma delas renunciando a própria identidade e a outra pondo em risco a sua posição social, elas chegassem às últimas consequências?

Seja como for, uma coisa era certa: o assassinato do Líder não fora algo impensado, resultado de um impulso repentino. Por trás dele havia uma ação fundamentada num inabalável desejo, despertada por uma clara e distinta motivação que as isentava da culpa, e um complexo e bem elaborado sistema. Um sistema cautelosamente arquitetado, que consumiu muito tempo e dinheiro.

No entanto, Ushikawa não possuía provas concretas para legitimar essa hipótese. A única coisa que ele possuía era uma suposição fundamentada em uma prova circunstancial. Uma prova que a navalha de Occam facilmente deceparia

com a sua lâmina. Nesse estágio, ele nada teria a informar aos membros de Sakigake. Mas Ushikawa *sabia*. Ele sentia o cheiro e o toque de sua textura. Todas as pistas apontavam para uma única direção. A velha senhora, por motivos que envolvem a violência doméstica, instruiu Aomame para que ela matasse o Líder e fugisse para um local seguro. Indiretamente, as informações reunidas pelo Morcego corroboravam essa hipótese.

Para organizar o material sobre as Testemunhas de Jeová, Ushikawa gastou muito tempo. Além de o volume ser grande, a maior parte não era útil. Consistia de relatórios quantitativos das contribuições que os familiares de Aomame fizeram em prol das atividades religiosas. Através desses relatórios, não havia dúvidas de que eram fiéis zelosos e dedicados. Eles passaram a maior parte de suas vidas propagando os ensinamentos das Testemunhas de Jeová. O atual endereço dos pais de Aomame estava registrado na cidade de Ichikawa, província de Chiba. Em trinta e cinco anos, eles mudaram de casa duas vezes, mas em ambos os casos o endereço constava como sendo na mesma cidade. O pai, Takayuki Aomame (58), trabalhava numa empresa de engenharia e a mãe, Keiko Aomame (56), não tinha ocupação. O primogênito, Keiichi Aomame (34), trabalhou numa pequena gráfica na cidade de Tóquio após se formar na escola secundária da prefeitura de Ichikawa, mas após três anos saiu do emprego e começou a trabalhar no centro das Testemunhas de Jeová em Odawara. Na matriz, trabalhou no setor da gráfica, imprimindo panfletos religiosos e, atualmente, ocupava um cargo de direção. Cinco anos atrás, casou-se com uma das adeptas e tiveram dois filhos. Morava num apartamento alugado em Odawara.

O histórico da filha mais velha, Massami Aomame, terminava aos onze anos. Época em que ela abandonou a religião. As Testemunhas de Jeová perdem totalmente o interesse de quem deixa a fé. Para a seita, era como se Massami Aomame tivesse morrido aos onze anos. Não existia um só registro — nem uma linha sequer — sobre o destino de Aomame; se estava viva ou morta — após abandonar a religião.

“Nesse caso, o jeito é procurar os pais ou o irmão para perguntar a respeito dela”, pensou Ushikawa. “Indo até lá, quem sabe consiga ter uma ideia.” Mas, pelo que constatou vendo o material que tinha em mãos, Ushikawa sabia que não responderiam de bom grado às suas indagações. Os familiares de Aomame — sob o ponto de vista de Ushikawa — eram pessoas intolerantes, com uma vida de intolerância; e eram pessoas que acreditavam piamente que, quanto mais intolerantes, mais se aproximavam do Reino dos Céus. Para eles, uma pessoa que abandonou a fé, ainda que um familiar, é considerada uma pessoa que tomou o caminho errado e sujo. Não. Para eles ela deixa de ser parte da família.

“Será que a Aomame foi vítima de violência doméstica?”, pensou Ushikawa.

Pode ser que sim, pode ser que não. Caso tenha sido vítima, seus pais não devem considerar o fato como violência doméstica. Ushikawa sabia que as

Testemunhas de Jeová costumavam educar suas crianças com severidade. Não raro, eram vítimas de castigo físico.

Será que uma criança, com esse tipo de infância, guardaria tamanho ódio em seu coração a ponto de, quando adulta, matar alguém? Não era de todo impossível, mas Ushikawa achava essa hipótese extremista demais. Planejar sozinha a morte de uma pessoa era difícil e trabalhoso. Sem contar o risco e a enorme carga emocional que a pessoa precisaria suportar. Se capturada, a pena era pesada. Ushikawa era da opinião de que havia uma motivação mais forte por trás disso.

Ele pegou novamente o material para reler atentamente o histórico de Massami Aomame até os onze anos. Assim que ela começou a andar, acompanhava a mãe no trabalho missionário. Distribuíam panfletos de porta em porta, pregavam o inexorável fim do mundo e convidavam as pessoas a participarem dos encontros. Os seguidores seriam salvos e sobreviveriam ao fim do mundo e, posteriormente, viveriam no Reino de Cristo. O próprio Ushikawa recebeu vários convites para participar desses encontros. As devotas eram normalmente mulheres de meia-idade, andavam de chapéu e sombrinha na mão. Muitas usavam óculos e lançavam um olhar duro e fixo como o de um peixe. Era comum vê-las em companhia de crianças. Ushikawa imaginou a pequena Aomame seguindo a mãe de casa em casa.

Aomame ingressou na escola municipal de primeiro grau perto de sua casa sem cursar o jardim de infância. Na quinta série, decidiu largar a religião. O motivo que a levou a abandonar as Testemunhas de Jeová era desconhecido, e o grupo religioso também parecia não fazer nenhuma questão de registrar esse tipo de informação. Quem caiu nas garras do demônio a ele passou a pertencer. As devotas das Testemunhas de Jeová estavam ocupadas em pregar a existência do Paraíso e a ensinar o caminho que conduzia a ele. Aos justos cabe fazer o que é justo, e aos demônios, fazer o mal que lhes convém. Havia uma espécie de divisão do trabalho.

Dentro da cabeça de Ushikawa, alguém batia na divisória de madeira de uma construção barata e o chamava:

— Senhor Ushikawa, senhor Ushikawa — Ushikawa fechou os olhos e pôs-se a escutar atentamente essa voz. Uma voz baixa, mas insistente. “Estou deixando escapar alguma coisa”, pensou ele. “Algo de muito importante deve estar registrado num desses documentos. Mas não consigo enxergar. As batidas na madeira estão tentando me avisar isso.”

Ushikawa resolveu olhar novamente a pilha de documentos. Não só leu as informações como também imaginou as cenas. Aomame de três anos seguindo a mãe em pregação e, não raro, ambas sendo dispensadas de forma rude na porta de alguma casa. Ela cursando a escola primária e continuando as atividades missionárias. Os fins de semana eram reservados para esse fim. Ela não tinha tempo para brincar com os colegas. Não. Melhor dizer que ela não tinha tempo para fazer amigos. Normalmente, as crianças das Testemunhas de Jeová eram maltratadas e rejeitadas na escola. Ushikawa havia lido um livro sobre as

Testemunhas de Jeová e estava ciente disso. Aos onze anos, Aomame largou a religião. Para tomar essa decisão, ela deve ter nutrido uma forte convicção. Desde que nasceu, a religião foi martelada na cabeça dela. Ela cresceu com essa fé a penetrar-lhe fundo até deitar raízes em seu âmago. Não era tão simples arrancar isso tudo. Não era simples como trocar de roupa. Isso significava que teria de viver isolada da família. Uma família extremamente religiosa como a dela jamais aceitaria uma filha que abandonou as Testemunhas de Jeová. Negar a fé era o mesmo que negar a família.

O que teria acontecido com Aomame aos onze anos? O que será que aconteceu para ela decidir fazer isso?

“Escola municipal de primeiro grau ** da cidade de Ichikawa, província de Chiba”, pensou Ushikawa. Em seguida, falou em voz alta o nome dessa escola. Deve ter acontecido alguma coisa. Sem dúvida, aconteceu algo... E Ushikawa conteve brevemente a respiração. “Se não me engano, eu já ouvi esse nome em algum lugar”, pensou ele.

“Onde será?” Ushikawa não tinha nenhum vínculo com a província de Chiba. Ele era natural da cidade de Urawa, província de Saitama. Mudou-se para Tóquio assim que ingressou na faculdade e, desde então, exceto no período em que morou em Chuôrinkan, sempre viveu na área que engloba os vinte e três distritos de Tóquio. Quase nunca precisou ir para Chiba, a não ser uma única vez quando foi à praia de Futtsu. Sendo assim, por que será que o nome daquela escola primária de Ichikawa não lhe era estranho?

Ushikawa levou um tempo até conseguir se lembrar. Enquanto coçava com a palma da mão a sua cabeça deformada, se concentrou. Procurou tatear as profundezas da memória como se estivesse colocando a mão num buraco fundo cheio de lama. Não fazia muito tempo que ele havia escutado aquele nome. Isso teria sido algo recente. Província de Chiba... Cidade de Ichikawa... Escola primária. Foi então que sua mão finalmente agarrou a ponta de uma corda fina.

“Tengo Kawana”, pensou Ushikawa. “É isso! Tengo Kawana era de Chiba. E, se não me engano, ele também estudou na escola pública municipal daquela região.”

Ushikawa pegou o arquivo contendo informações pessoais sobre Tengo no armário de documentos. Meses atrás, por solicitação de Sakigake, ele havia coletado informações sobre Tengo. Ushikawa folheou os arquivos e encontrou o histórico escolar dele. Os dedos gordos logo encontraram a informação que precisava. Era o que pensava. Massami Aomame e Tengo Kawana frequentaram a mesma escola. A contar pela data de nascimento, provavelmente estudaram na mesma série. Se eram da mesma turma ou não, era algo que ainda precisava verificar. Mas as chances de se conhecerem era grande.

Ushikawa levou o Seven Stars à boca e o acendeu. Sentiu na pele que as coisas estavam começando a fazer sentido. Entre um ponto e o outro as linhas estavam sendo devidamente traçadas. Ushikawa não sabia que tipo de desenho se formaria, mas, com o tempo, conseguiria identificar o seu esboço.

“Aomame, você está escutando os meus passos? Creio que não, pois

estou caminhando sem fazer barulho. Mas saiba que, passo a passo, estou cada vez mais próximo de você. Posso ser apenas uma estúpida tartaruga, mas saiba que estou definitivamente avançando em sua direção. Muito em breve estarei vendo as costas do coelho. Me aguarde com expectativa.”

Ushikawa esticou as costas contra o encosto da cadeira, olhou para o teto e soltou lentamente a fumaça.

Aomame

A porta não é das piores

Nas duas semanas seguintes, ninguém visitou Aomame, com exceção daquele pessoal silencioso que fazia a reposição nas terças-feiras à tarde. Mesmo aquele homem que dizia ser o cobrador da NHK, e que prometera “voltar sem falta”, não apareceu mais, a despeito de, naquela ocasião, sua voz delatar uma resoluta animosidade. Ao menos foi assim que aquela voz ecoou aos ouvidos de Aomame. No mínimo, ele devia estar ocupado fazendo outra rota.

Aparentemente, os dias transcorreram tranquilos e sossegados. Nada aconteceu, ninguém apareceu nem telefonou. Por uma questão de segurança, Tamaru restringia ao máximo as ligações. Aomame sempre mantinha as cortinas fechadas, procurava não dar sinais de sua presença e ficava quieta em seu canto, evitando chamar a atenção das pessoas. Ao anoitecer, acendia poucas luzes, apenas o mínimo necessário.

Tomava também o máximo de cuidado para não fazer barulho enquanto se exercitava com cargas pesadas nos aparelhos e, diariamente, além de limpar o chão com esfregão, dedicava um bom tempo para preparar as refeições. Praticava espanhol em voz alta, com fitas-cassetes de conversação nesta língua (ela pediu para Tamaru que as mandasse junto com os demais objetos de reposição). Os músculos ao redor da boca começam a atrofiar quando se fica muito tempo sem conversar. Para evitar isso, é necessário movimentar exageradamente a boca e, nesse sentido, nada melhor que treinar uma língua estrangeira. Aomame nutria havia tempo uma fantasia romântica em relação à América Latina. Se pudesse escolher um destino qualquer, ela optaria por viver num pequeno e pacífico país como a Costa Rica. Alugaria uma pequena cabana na praia e passaria o dia todo nadando e lendo livros. Desde que não esbanjasse dinheiro em coisas supérfluas, com o montante que levava em sua mala poderia viver por uns dez anos. Eles provavelmente não se dariam ao trabalho de persegui-la até a Costa Rica.

Enquanto praticava espanhol, Aomame imaginava como seria levar uma vida tranquila e sossegada nas praias da Costa Rica. Será que Tengo fazia parte desse seu sonho? Ela fechava os olhos e imaginava os dois tomando sol nas praias do Caribe. Ela com um minúsculo biquíni preto, óculos de sol e de mãos dadas com Tengo. Mas essa cena carecia do senso de realidade capaz de fazer o coração palpitar de emoção. Era apenas uma cena típica das fotos de propaganda turística.

Quando não lhe ocorria nada para fazer, Aomame limpava a arma. Conforme instruções do manual, desmontava a Heckler & Koch em várias partes, limpava cada peça com um pano e uma escova, passava óleo e a

remontava. Por fim, verificava se todos os mecanismos estavam em perfeito estado de uso. Uma tarefa que ela realizava com destreza. A arma era como parte de seu corpo.

Por volta das dez horas, costumava ir para a cama, lia algumas páginas e dormia. Desde que se entende por gente, ela nunca sentiu dificuldades para dormir. Enquanto seus olhos acompanhavam as letras impressas, naturalmente começava a sentir sonolência. Apagava a luz da cabeceira, apoiava o rosto no travesseiro e fechava os olhos. A não ser em casos excepcionais, seus olhos somente reabriam na manhã do dia seguinte.

Ela não sonhava muito. Quando sonhava, não se lembrava de quase nada ao acordar. Às vezes, algumas cenas ficavam enroscadas na parede de sua consciência, mas, de tão vagas e fragmentadas, era impossível resgatar o fio condutor do sonho, a não ser de forma desconexa. O seu sono era profundo, e os sonhos jaziam num local igualmente profundo, como os peixes que habitam o fundo dos oceanos, impossibilitados de vir à superfície. E, mesmo que consigam emergir, com a pressão da água, perdem as suas formas originais.

Mas, desde que passara a viver naquele esconderijo, ela sonhava praticamente todas as noites. Os sonhos eram nítidos, cheios de realidade. Ao acordar no meio da noite, durante um bom tempo não conseguia discernir se estava no mundo real ou sonhando. Até então, Aomame nunca tivera uma experiência como aquela. Ela olhava o relógio digital da cabeceira. Os números indicavam 1:15, 2:37 ou 4:07. Fechava os olhos e tentava dormir novamente, mas o sono custava a chegar. Dois mundos diferentes disputavam silenciosamente sua consciência, como no estuário em que ocorre o confronto entre o fluxo das águas do mar e o curso das águas do rio.

“Não há o que fazer”, pensava Aomame. “Se nem consigo assegurar que este mundo com duas luas em que vivo é *de fato* real, qual o problema de dormir, sonhar e não conseguir discernir se o sonho é ou não real? Matei vários homens com as minhas próprias mãos, um bando de fanáticos está a minha procura e preciso ficar escondida. É natural que eu me sinta tensa e com medo. Minha mão ainda sente os resquícios de ter matado alguém. Talvez eu nunca mais durma tranquilamente. Uma responsabilidade que devo assumir; é o preço a pagar.”

Os sonhos que tinha, e que conseguia se lembrar, podiam ser classificados em três categorias.

O primeiro era um sonho com trovoadas. O quarto está envolto na escuridão e os trovões ribombam incessantemente. Mas sem relâmpagos. Era como naquela noite em que matou o Líder. Alguém está no quarto. Aomame está nua, deitada sobre a cama, e alguma coisa está vagando ao seu redor. Essa coisa se move devagar e cautelosamente. O carpete é grosso e o ar está denso e estagnado. Os vidros da janela vibram com a trovoadas. Ela sente medo. Ela não sabe o que pode estar lá. Pode ser uma pessoa. Ou um animal. Ou algo que não seja nem homem nem animal. Mas, um tempo depois, essa coisa finalmente deixa o

quarto. Não pela porta nem pela janela. Independentemente de como tenha saído, os indícios dessa presença vão se atenuando até desaparecerem por completo. No quarto, não existe mais ninguém, a não ser ela.

Tateando, ela acende a luz da cabeceira. Levanta-se da cama ainda nua para averiguar o quarto. Na parede oposta há um buraco. Um buraco de tamanho suficiente para uma pessoa passar por ele, ainda que com certa dificuldade. Mas esse buraco não era estável. Ele mudava de forma e girava. Tremia, mudava de lugar, aumentava e diminuía. Parecia ter vida. *Alguma coisa* deixou o quarto através desse buraco. Ela dá uma espiada nele. Parece ser uma passagem para outro lugar. Mas a única coisa que ela consegue enxergar é a mais completa escuridão. Uma escuridão densa a ponto de poder ser cortada em pedaços e tomada na mão. No entanto, ao mesmo tempo, Aomame sente medo. Seu coração bate seco, emitindo um som frio e indiferente. O sonho termina aí.

No segundo tipo de sonho, ela está em pé à margem da Rodovia Metropolitana. Ela também está nua. As pessoas, presas no congestionamento, observam-na de seus carros, sem cerimônia. Homens na maioria. Mas também há mulheres. Eles olham seus seios pequenos e seus pelos pubianos desgrenhados, e parecem avaliá-los rigorosa e detalhadamente. Uns franzem a sobancelha, outros esboçam um sorriso forçado e há os que bocejam. Ou olham fixamente para ela de maneira inexpressiva. Ela quer cobrir o corpo com alguma coisa. Quer tampar pelo menos os seios e os pelos pubianos. Cobri-los nem que seja com um pano ou um jornal. Mas não encontra nada ao redor. Para piorar, por algum motivo (não se sabe qual), ela não consegue mover livremente os braços. De vez em quando, um vento resolve soprar estimulando seus mamilos e balançando seus pelos pubianos.

Como se não bastasse, ela está para menstruar. Seus quadris estão moles e pesados, ela sente uma espécie de calor no ventre. “O que devo fazer se eu começar a sangrar no meio dessa gente toda?”

Então, a porta do motorista de um Mercedes-Benz coupé prateado se abre e uma mulher de meia-idade, distinta e elegante, desce do carro. Ela usa sapatos de salto alto de cor clara, está de óculos escuros e brincos prateados. É magra e tem a mesma altura de Aomame. Ela passa por entre os carros e, aproximando-se dela, tira o casaco e o coloca sobre o corpo de Aomame. É um casaco de meia-estação cor de gema de ovo, que vai até o joelho. É leve como asas. O modelo é simples, mas parece ser bem caro. O tamanho é perfeito, como se feito sob medida para Aomame. A mulher gentilmente abotoa o casaco até o alto.

— Não sei quando poderei devolvê-lo, e tenho medo de sujá-lo com a menstruação — Aomame diz.

Sem uma palavra, a mulher apenas balança discretamente a cabeça e, passando por entre os carros, retorna para o Mercedes coupé prateado. Do banco do motorista, ela parece acenar discretamente para Aomame. Mas isso pode ser uma ilusão de ótica. Aomame sente-se protegida, envolta no leve e macio casaco

de meia-estação. Ela não precisava mais expor seu corpo aos olhares alheios. E um fio de sangue, como que aguardando impientemente por esse momento, escorre pela sua coxa. Um fio de sangue quente, espesso e pesado.

O terceiro tipo de sonho é daqueles difíceis de explicar com palavras. É um sonho sem nexos, sem enredo e sem cenário. Trata-se apenas de uma sensação de estar em movimento. Aomame transita incessantemente, indo e vindo no tempo e no espaço. Neste tipo de sonho o importante não é quando nem onde, mas o fato de transitar pelo tempo e pelo espaço. Tudo é instável, e é nessa instabilidade que se apreende o real significado do sonho. Quando ela se encontra assim, sua pele se torna invisível. A palma de sua mão se torna translúcida e ela vê através dela. Enxerga os ossos, os órgãos, o útero. “Se continuar assim, vou deixar de existir. Se eu ficar invisível, o que vai acontecer?”, ela se pergunta. Não há resposta.

Às duas da tarde, o telefone tocou, assustando Aomame que cochilava no sofá.

— Alguma novidade? — perguntou Tamaru.

— Nenhuma em especial — respondeu Aomame.

— E o cobrador da NHK?

— Não apareceu mais. Aquilo de dizer que voltaria deve ter sido apenas da boca pra fora.

— Talvez — disse Tamaru. — Colocamos o pagamento da taxa de recepção da NHK em débito automático e afixamos uma nota na porta informando isso. Qualquer cobrador certamente prestará atenção nela. Entrei em contato com a NHK e eles disseram que, provavelmente, trata-se de um equívoco do cobrador.

— Basta não dar atenção a ele.

— Não é bem assim. Queremos evitar qualquer coisa que possa chamar a atenção dos vizinhos. Além do mais, sou do tipo que se preocupa com um equívoco.

— O mundo está cheio de pequenos equívocos.

— O mundo é o mundo; eu sou eu — disse Tamaru. — Se algo a preocupar, não importa o quão insignificante você ache que seja, quero que me mantenha informado.

— Alguma novidade sobre Sakigake?

— Está tudo muito quieto. É como se nada tivesse acontecido. Mas creio que algo deve estar ocorrendo sob a superfície; algo que, de fora, não temos como saber.

— Ouvi dizer que existem informantes infiltrados na organização.

— Temos acesso a algumas informações, mas elas não passam de informações periféricas, de menor importância. Parece que a pressão é grande e eles estão extremamente cuidadosos. A torneira está bem fechada.

— Mas que continuam atrás de mim, disso não há dúvidas, não é?

— Após a morte do Líder, certamente existe uma grande lacuna na organização. E, pelo visto, eles ainda não decidiram quem será o sucessor e nem a diretriz que a organização deverá seguir daqui para frente. Mesmo assim, uma coisa é certa. No que concerne à questão de achar você, a opinião deve ser unânime. Isso é o que sabemos por ora.

— Um fato nada estimulante.

— O que realmente importa em um fato é sua relevância e sua exatidão. Estímulo é secundário.

— Seja como for — disse Aomame —, se eu for capturada e os fatos forem esclarecidos, isso vai causar transtornos a vocês.

— É por isso que queremos mandar você o mais rápido possível para um lugar em que eles não possam te pegar.

— Sei disso. Mas, por favor, aguarde mais um pouco.

— *Ela* disse que vai esperar até o final do ano. Sendo assim, eu também vou aguardar.

— Obrigada.

— Não é a mim que você deve agradecer.

— Mas, em todo caso — disse Aomame —, tem uma coisa que eu gostaria que você me arrumasse na próxima reposição. É algo constrangedor para pedir a um homem.

— Sou como um muro de pedra — disse Tamaru. — E, ainda por cima, gay assumido.

— Preciso de um teste de gravidez.

Houve um silêncio. Um tempo depois, Tamaru disse: — Você acha que há um motivo para fazer esse teste.

Não se tratava de um pergunta. Por isso, Aomame não respondeu.

— Você acha que está grávida? — indagou Tamaru.

— Não é bem isso.

Algo girava rapidamente dentro da mente de Tamaru. Se prestasse atenção, o som poderia ser captado.

— Você não acha que esteja grávida, mas precisa do teste de gravidez.

— Isso mesmo.

— Para mim, soa enigmático.

— Desculpe, mas por enquanto só posso dizer isso. Pode ser daqueles testes bem simples, vendidos em farmácias. Se puder me mandar um livro sobre o corpo da mulher e o ciclo menstrual, agradeceria muito.

Tamaru manteve-se novamente em silêncio. Um silêncio denso.

— Pelo jeito, acho melhor telefonar novamente mais tarde — disse Tamaru. — Tudo bem?

— Tudo bem.

Ele emitiu um pequeno som no fundo da garganta. E desligou o telefone.

O telefone tocou após quinze minutos. Fazia tempo que Aomame não escutava a voz da velha senhora de Azabu. Aomame sentiu como que voltando àquela época em que estiveram na estufa. Um espaço quente e úmido onde exóticas borboletas voavam e o tempo fluía lentamente.

— Tudo bem com você?

Aomame respondeu que mantinha uma rotina. A velha senhora quis saber um pouco mais sobre essa rotina e Aomame contou-lhe resumidamente o seu dia a dia, que incluía a ginástica e o cuidado em preparar as refeições.

A velha senhora disse:

— Sei que não deve ser fácil ficar confinada no apartamento, mas, como você é uma pessoa determinada, não estou preocupada. Sendo você, sei que conseguirá superar isso tudo. Gostaria que sáísse o quanto antes daí, mudando-se para um local mais seguro. Mas se você insiste em ficar, ainda que não saibamos o motivo, de nossa parte, na medida do possível, respeitaremos sua vontade.

— Sou grata por isso.

— Não. Eu é que devo agradecer. Você realizou um excelente trabalho.

— Houve um breve silêncio antes de a velha senhora prosseguir. — Soube que você solicitou um teste de gravidez.

— Faz três semanas que a minha menstruação está atrasada.

— O ciclo sempre foi regular?

— Desde que começou, aos dez anos, a cada vinte e nove dias sem falhar. É regular como as fases da lua. Nunca falhou um mês sequer.

— A situação em que você se encontra não é comum. Em casos assim, o equilíbrio emocional e o ritmo do corpo podem sofrer alterações. A possibilidade de o ciclo se interromper temporariamente e vir a falhar não seria plausível?

— Nunca me aconteceu antes, mas é possível.

— Segundo Tamaru, você não sabe como poderia ter engravidado.

— A última relação sexual que tive foi em meados de junho. Depois disso, nunca mais.

— Mesmo assim, você acha que há uma chance de estar grávida. Há alguma evidência para levantar essa hipótese? Algo além da menstruação atrasada?

— Eu apenas *sinto*.

— Apenas sente?

— É algo que sinto dentro de mim.

— Você sente que está grávida?

Aomame disse: — Uma vez a senhora comentou sobre os óvulos. Foi naquela tarde em que fomos visitar Tsubasa, lembra-se? A senhora disse que a mulher nasce com uma quantidade fixa de óvulos.

— Lembro. Se não me engano, comentei que uma mulher possui cerca de quatrocentos óvulos e que, mensalmente, libera um.

— Pois então, tenho a nítida *sensação* de que um de meus óvulos foi fecundado. Não sei se essa palavra, *sensação*, é a mais adequada para expressar o que sinto.

A velha senhora fez uma pausa para refletir sobre o assunto. — Eu tive

dois filhos, por isso, de certa forma, entendendo essa *sensação* que você diz ter. Mas você está dizendo que, apesar de não ter tido relação sexual há algum tempo, o óvulo foi fecundado e você está grávida. É um argumento difícil de aceitar com facilidade.

— Sei disso, e eu também concordo que é algo difícil de aceitar.

— Desculpe-me a indelicadeza, mas existe alguma possibilidade de alguém ter feito sexo com você enquanto estava inconsciente?

— De jeito nenhum. A minha consciência sempre esteve desperta.

A velha senhora escolheu cuidadosamente as palavras. — Sempre considereí você uma pessoa calma e coerente.

— Pelo menos é assim que tento ser — disse Aomame.

— Mesmo assim, você acha que pode estar grávida, sem ter tido relação sexual?

— *Acho que existe essa possibilidade.* Concretamente falando — disse Aomame. — É claro que o fato em si não faz nenhum sentido.

— Entendi — disse a velha senhora. — De qualquer modo, vamos aguardar o resultado. O teste de gravidez será entregue amanhã junto com os produtos de reposição, no horário combinado. Por precaução, mandarei vários tipos de teste.

— Muito obrigada — disse Aomame.

— Caso você esteja grávida, quando você acha que aconteceu?

— Creio que foi naquela noite. Naquela noite tempestuosa em que fui ao hotel Ôkura.

A velha senhora deu um leve suspiro. — Você consegue determinar o dia?

— Consigo. Fazendo os cálculos, naquele dia eu estava no meu período mais fértil.

— Nesse caso, você estaria grávida de dois meses?

— Creio que sim — respondeu Aomame.

— Você sente náuseas pela manhã? Esse costuma ser o período mais difícil da gestação.

— Não sinto náuseas. Não sei por quê.

A velha senhora levou um tempo para escolher cuidadosamente as palavras: — Se você fizer o teste e comprovar que está grávida, como você vai reagir?

— Acho que a primeira coisa que vou pensar é quem é o pai biológico da criança. Seria uma questão de extrema importância para mim.

— E você não tem ideia de quem possa ser.

— No momento, não.

— Entendi — disse a velha senhora com a voz serena. — Haja o que houver, sempre estarei do seu lado. Farei de tudo para protegê-la. Quero que saiba disso.

— Sinto muito incomodá-la com esse assunto num momento como esse — disse Aomame.

— Não diga isso. Não é um assunto incômodo. Trata-se de algo muito importante para a mulher. Vamos aguardar o resultado do teste e depois pensamos no que fazer — disse a velha senhora.

E desligou delicadamente o telefone.

Alguém bateu a porta. Aomame, que fazia ioga no chão do quarto, interrompou o exercício e prestou atenção nas batidas. Fortes e insistentes. Um som familiar.

Ela pegou a pistola automática da gaveta da cômoda e desativou a trava de segurança. Puxou o ferrolho e, rapidamente, posicionou a bala na câmara. Colocou a pistola na cintura, na parte de trás do agasalho e, sem fazer barulho, foi até a sala de jantar. Pegou o bastão de softball com as mãos e encarou a porta da sala posicionando-se de frente a ela.

— Senhorita Takai — disse uma voz rouca e grossa. — A senhorita está aí? Somos a sua NHK e estou aqui para receber a taxa de recepção.

Havia uma fita adesiva antiderrapante no cabo do bastão.

— Senhorita Takai, sei que estou sendo repetitivo, mas saiba que eu sei que está aí dentro. Por isso, chega de brincar de esconde-esconde. Sei que a senhorita está aí e está escutando o que digo.

O homem repetiu as mesmas palavras ditas na vez anterior, como se reproduzindo uma gravação.

— A senhorita achou que eu estava apenas blefando quando disse que voltaria, não é? Não, não mesmo. Eu sempre cumpro o que digo. Se eu preciso arrecadar a taxa, sempre consigo recebê-la. Sei que a senhorita está aí e está me escutando atentamente. E está pensando: se eu ficar aqui quietinha, esse cobrador vai desistir e ir embora. Não é mesmo?

Durante algum tempo, ele continuou batendo na porta com força. Umas vinte a vinte e cinco vezes. “Como será que é a mão desse homem?”, pensou Aomame. “Por que não toca a campainha?”

— E também deve estar pensando — disse o cobrador, como que lendo os pensamentos de Aomame —, esse homem deve ter uma mão muito forte. Será que ela não dói de tanto bater na porta? Deve também estar se perguntando por que bato na porta em vez de apertar a campainha, não é?

Aomame, sem querer, esboçou uma careta.

O cobrador prosseguiu:

— Pois então, eu prefiro não ter de tocar a campainha. Se eu tocar a campainha, o único som que sai é o do Pim-Pom. Não importa quem a toque, o som produzido é sempre o mesmo, padronizado e inofensivo. Já a batida tem personalidade. Como a pessoa usa força física para bater na porta, o ato em si está impregnado de emoção. É claro que a mão chega a doer. Afinal, não sou o *Iron man* 28. Mas isso não tem jeito. Essa é a minha profissão. E uma profissão, não importa qual, deve ser respeitada, sem distinção. Não é mesmo, senhorita Takai?

Novamente, ouvem-se batidas fortes na porta. Ao todo são vinte e sete batidas fortes, a intervalos regulares. O suor começa a brotar na palma das mãos

de Aomame, segurando firmemente o bastão metálico.

— Senhorita Takai, a lei determina que as pessoas que recebem o sinal de transmissão da NHK precisam pagar a taxa de recepção. Não tem jeito. São as regras deste mundo. Poderia, por favor, fazer o obséquio de pagá-la? Eu não fico batendo na porta porque gosto, e creio que a senhorita também não quer continuar passando por essa situação desagradável, não é? Em algum momento, a senhorita deve ficar indignada e se perguntar “Por que eu? Por que tenho de passar por todo esse constrangimento?” Por isso, que tal fazer o obséquio de pagar a taxa de recepção? Se assim o fizer, sua vida voltará a ser tranquila como antes.

A voz do homem ecoava pelo corredor, alta e nítida. “Ele parece se divertir com a própria tagarelice”, pensou Aomame. “Ele se diverte ridicularizando, caçoando e insultando as pessoas que não pagam a taxa de recepção.” No jeito loquaz de ele falar, Aomame percebeu um nítido e perverso prazer.

— Senhorita Takai, devo admitir que a senhora é uma pessoa realmente teimosa. Confesso que estou admirado. A senhorita consegue se manter em silêncio, como uma ostra incrustada nas profundezas do mar. Mas eu sei que a senhorita está aí. Está do outro lado da porta, quietinha e olhando fixamente para o lado de cá. Está tensa e com o suor a brotar nas axilas. Não é?

Seguiram-se treze batidas na porta. De repente, as batidas cessaram. Aomame sentia o suor brotando das axilas.

— Muito bem. Por hoje chega. Mas saiba que voltarei em breve. Confesso que estou gostando cada vez mais desta porta. Há diversos tipos de porta, e esta não é das piores. A sensação de bater nela é muito boa. Desse jeito acho que vou ter de vir aqui periodicamente bater nela, senão não vou ficar tranquilo. Até breve, senhorita Takai.

Após dizer isso, o silêncio passou a reinar. O cobrador parecia ter ido embora, mas não se ouviam passos. Pode ser que ele esteja fingindo e ainda continue em pé diante da porta. Aomame segurou o bastão com mais força. E decidiu aguardar mais dois minutos.

— Ainda estou aqui — disse o cobrador. — Ha, ha, ha! Achou que eu já tinha ido embora? Pois então, ainda não fui. Menti. Desculpe-me, senhorita Takai, mas é que eu sou assim.

Ouviu-se um pigarro para limpar a garganta. Um desagradável som de tosse forçada.

— Trabalho neste ramo há muito tempo e, com os anos, passamos a enxergar a pessoa que está do outro lado da porta. Não pense que estou mentindo. Muitas pessoas se escondem atrás da porta para não ter de pagar a taxa de recepção da NHK. Eu lido com esse tipo de gente há dezenas de anos. Sabe de uma coisa, senhorita Takai...

Pela terceira vez, ele bateu na porta. Desta vez bem mais forte que das outras vezes.

— A senhorita sabe se esconder muito bem, como uma solha que se cobre de areia no fundo do mar. Isso se chama mimetismo. Mas não adianta fazer

isso, pois não conseguirá fugir para sempre. Com certeza, alguém vai chegar aqui e abrir a porta. É verdade. Posso lhe garantir isso, como cobrador veterano da NHK. Por mais que a senhorita consiga se esconder habilmente, o mimetismo é apenas uma enganação. Não resolve nada. De verdade, senhorita Takai. Bem, agora está na hora de eu ir. Não se preocupe, agora estou dizendo a verdade. Realmente, vou embora. Mas em breve estarei de volta. Se ouvir batidas na porta, saiba que sou eu. Passe bem, senhorita Takai.

Como sempre, não se ouviram passos. Ela aguardou cinco minutos. Em seguida, foi até a porta e apurou os ouvidos. Espiou pelo olho mágico e não viu ninguém no corredor. O cobrador realmente tinha ido embora.

Aomame apoiou o bastão metálico no balcão da cozinha. Tirou a bala da câmara, acionou a trava de segurança, embrulhou a arma numa malha de ginástica e a guardou na gaveta. Deitou-se no sofá e fechou os olhos. A voz do cobrador ainda ecoava em seus ouvidos.

Mas não adianta fazer isso, pois não conseguirá fugir para sempre. Com certeza, alguém vai chegar aqui e abrir a porta. É verdade.

Aquele homem não deve ser de Sakigake. Eles são discretos e agem mantendo uma distância segura. Eles jamais berrariam no corredor de um prédio e fariam insinuações para que o outro fique em estado de alerta. O jeito de eles agirem não era assim. Aomame lembrou-se do rapaz de cabelo rente e do de rabo de cavalo. Eles chegarão de mansinho, sem fazer barulho. Ao se dar conta, eles estarão de pé, bem atrás dela.

Aomame balançou a cabeça, mantendo a respiração calma:

“Aquele homem deve ser realmente um cobrador da NHK. Mas o estranho é que ele não percebeu que existe um bilhete na porta informando que o pagamento é realizado via débito automático. Aomame verificara a existência dessa nota no canto da porta. Pode ser que esse homem possua algum problema mental. Mas, mesmo assim, o que ele falava tinha um estranho senso de realidade. Ele parecia conseguir sentir a minha presença do outro lado da porta. Era como se farejasse habilmente o meu segredo ou parte dele. Mas ele não pode abrir a porta e entrar no apartamento. A porta precisa ser aberta pelo lado de dentro. E não pretendo abri-la. Não. Não posso afirmar categoricamente isso. Pode ser que eu tenha de abrir a porta em algum momento. Se Tengo aparecer no parque infantil, certamente abrirei a porta sem hesitar e sairei correndo até lá. Independentemente do que esteja me aguardando.”

Aomame afundou o corpo na cadeira de jardim da varanda e, como sempre, observou o parque infantil por entre os vãos do parapeito. Sentados no banco, sob o pé da zelkova, um casal de colegas uniformizados discutia algum assunto aparentemente sério. Duas jovens mães cuidavam de seus filhos que brincavam na caixa de areia, crianças ainda em idade pré-escolar. Elas praticamente não tiravam os olhos das crianças e, mesmo assim, conversavam entretidas. Uma cena comum de um fim de tarde no parque. Aomame observou durante um longo tempo o

topo do escorregador, onde não havia ninguém.

Depois, colocou a palma da mão sobre o ventre. Fechou os olhos e tentou ouvir atentamente a voz. Não há dúvidas de que existe alguma coisa dentro de mim. Alguma coisa pequena e com vida. Ela sabia disso.

— *Dohita* — ela diz em voz baixa.

— *Maza* — alguma coisa responde.

Tengo

Antes de a saída se fechar

Após comerem *yakinuku*, os quatro foram para outro local cantar karaokê e beberam uma garrafa de uísque. O pequeno banquete simples, mas de certa forma animado, terminou um pouco antes das dez. Ao deixarem o bar, Tengo ficou de acompanhar a jovem enfermeira Adachi até o apartamento dela. Em parte, porque as outras duas pegariam o ônibus até a estação, num ponto próximo de onde estavam e, também, porque elas meio que o fizeram acompanhá-la. Tengo e a enfermeira Adachi caminharam, lado a lado, por uma rua deserta cerca de quinze minutos.

— Tengo, Tengo, Tengo — disse a enfermeira, cantarolando. — Tengo é um nome bonito. Fácil de chamar.

A enfermeira Adachi tinha bebido bastante, mas, como suas bochechas eram naturalmente coradas, não se percebia o quanto estava alta. As palavras eram pronunciadas de forma clara, e seus passos eram firmes. Não parecia estar bêbada. Realmente, há diversas maneiras de as pessoas ficarem bêbadas.

— Sempre achei o meu nome esquisito — disse Tengo.

— De jeito nenhum. Tengo. Soa bem e é fácil de gravar. É um nome muito bonito.

— Por falar nisso, ainda não sei o seu primeiro nome. Notei que te chamam de Kuu.

— É o meu apelido. O meu nome verdadeiro é Kumi Adachi. Você não acha que é um nome sem graça?

— Kumi Adachi — Tengo falou em voz alta. — Nada mal. Simples e compacto.

— Obrigada — disse Kumi Adachi. — Desse jeito eu me sinto como um Honda Civic.

— Foi um elogio.

— Eu sei. Tenho uma boa milhagem — disse ela, e segurou a mão de Tengo. — Posso segurar a sua mão? Assim fica mais divertido caminhar junto, e me sinto mais segura.

— É claro que pode — respondeu Tengo. Ao estar de mãos dadas com Kumi Adachi, Tengo lembrou-se da sala da escola primária e de Aomame. O toque era diferente. Mas, ao mesmo tempo, havia algo em comum.

— Acho que estou bêbada — disse Kumi Adachi.

— Acha mesmo?

— Acho.

Tengo olhou para o rosto dela de perfil. — Não parece estar bêbada.

— Não aparento. É da minha natureza. Mas acho que estou bem alta.

— Não é para menos. Você bebeu muito.

— Realmente, eu exagerei. Faz muito tempo que não bebia tanto assim.

— Às vezes é bom ter momentos de descontração — disse Tengo, repetindo as palavras da enfermeira Tamura.

— Tem razão — disse Kumi Adachi, concordando enfaticamente com a cabeça. — De vez em quando, as pessoas precisam se descontrair: comer algo gostoso até se saciar, beber, cantar em voz alta, jogar conversa fora... Você também costuma fazer isso? Você consegue se soltar e deixar o cérebro espairecer? É que você parece sempre tão calmo e comedido.

Tengo parou para refletir sobre isso. Será que ultimamente havia feito algo para se distrair? Não conseguia se lembrar. E, se não conseguia se lembrar, era porque não tinha feito nada. O próprio conceito de *se soltar e deixar o cérebro espairecer* parecia inexistente para ele.

— Acho que não muito — admitiu Tengo.

— As pessoas são diferentes umas das outras.

— Há diversas maneiras de pensar e de sentir.

— Assim como há diversas maneiras de se embriagar — disse a enfermeira, dando risadinhas. — Mas acho que você também precisa espairecer, Tengo.

— Acho que você está certa — disse Tengo.

Os dois continuaram a caminhada noturna durante um tempo, de mãos dadas e em silêncio. Tengo estava um pouco incomodado com a mudança de como ela falava com ele. Quando ela usava o traje de enfermeira, sua linguagem era evidentemente polida e formal. Mas, com roupas comuns, e possivelmente por estar alcoolizada, passara a dizer tudo o que pensava, sem travas na língua. Esse seu jeito informal de falar era familiar para Tengo. Alguém falava desse mesmo jeito. Alguém que ele encontrara havia pouco tempo.

— Tengo, por acaso você já experimentou haxixe?

— Haxixe?

— A resina do cânhamo.

Tengo respirou fundo o ar noturno em seus pulmões e expirou. — Não, ainda não.

— Pois então, você não quer dar uma experimentadinha? — indagou Kumi Adachi. — Vamos fumar juntos? Tenho no meu quarto.

— Você tem haxixe?

— Tenho sim. As aparências enganam, não é?

— Realmente — disse Tengo, hesitante. Uma enfermeira jovem, saudável, de bochechas rosadas, que morava numa pequena cidade litorânea de Bôso, tinha haxixe no quarto de seu apartamento. E convidava Tengo a fumar com ela.

— Onde foi que você conseguiu isso? — perguntou Tengo.

— Uma amiga dos tempos do colegial me deu de presente de aniversário

no mês passado. Ela foi para a Índia e trouxe de lá dizendo que era uma lembrancinha — disse Kumi Adachi, e começou a balançar energicamente, em grandes arcos, a mão que segurava a de Tengo.

— A pena é pesada se descobrirem alguém traficando drogas. A polícia japonesa é muito rigorosa quanto a isso. Eles têm cães farejadores nos aeroportos.

— Ela não é de ficar se preocupando com detalhes — disse Kumi Adachi. — Mas o fato é que ela conseguiu passar pela alfândega. Pois então, vamos curtir juntos? O grau de pureza é alto, e o efeito é ótimo. Andei pesquisando sobre o assunto e descobri que, na questão da saúde, o risco é praticamente nulo. Não digo que não cause o vício, mas o grau de dependência é bem menor que o do cigarro, da bebida e da cocaína. As autoridades insistem em enfatizar o perigo de a pessoa se tornar dependente, mas isso é balela. Se o argumento for esse, os jogos eletrônicos dos *pachinkos* são muito mais nocivos. Tampouco dá ressaca, e creio que você vai conseguir espairecer um pouco.

— Você já experimentou.

— Claro que já. E é bem divertido.

— Divertido — disse Tengo.

— Você vai entender assim que provar — disse Kumi Adachi, soltando risadinhas. — Você sabia que a rainha Vitória da Inglaterra sempre fumava haxixe, como se fosse um analgésico, quando sofria de cólicas menstruais? O haxixe era uma prescrição oficial de seu médico particular.

— Verdade?

— É sério. Estava escrito num livro.

Tengo pensou em perguntar em que livro, mas desistiu para não complicar a conversa. Ele não queria aprofundar seus conhecimentos sobre as cólicas menstruais da rainha Vitória.

— Quantos anos você fez no mês passado? — perguntou Tengo, para mudar de assunto.

— Vinte e três. Já sou adulta.

— Certamente — disse Tengo. Ele tinha trinta, mas nunca se vira como adulto. Para ele, significava apenas que fazia trinta anos que estava vivendo neste mundo.

— Hoje, a minha irmã mais velha não está em casa; ela vai dormir na casa do namorado, por isso não precisa fazer cerimônia. Amanhã é a minha folga e posso relaxar.

Tengo não conseguiu encontrar palavras para lhe responder. Ele nutria uma espontânea simpatia por ela. E ela aparentemente sentia o mesmo por ele. Ela estava convidando-o a entrar. Tengo olhou para o céu, mas ele estava coberto por espessas nuvens em tons de cinza. Não era possível ver a lua.

— Outro dia, eu e essa minha amiga fumamos haxixe juntas — disse Kumi Adachi. — Era a primeira vez que eu fumava e senti como se o meu corpo estivesse flutuando no ar. Não nas alturas, mas a uns cinco ou seis centímetros do chão. E quer saber? Flutuar a essa distância foi uma experiência muito boa. Uma distância ideal.

— Nessa altura, se cair não machuca.

— Isso mesmo. É uma distância ideal para se sentir segura. A gente se sente protegida, como estar dentro de uma crisálida de ar. Eu sou a *dohhta*, totalmente envolta pela crisálida de ar, e enxergo vagamente a *maza* do lado de fora.

— *Dohhta*? — indagou Tengo. Sua voz era baixa e dura. — *Maza*?

A jovem enfermeira assobiava alguma canção enquanto balançava a mão que segurava a de Tengo, caminhando pela estrada deserta. A diferença de altura entre os dois era grande, mas Kumi Adachi não se importava. De vez em quando, um carro passava por eles.

— *Maza* e *dohhta*. É do livro *Crisálida de ar*. Não conhece? — disse ela.

— Conheço.

— Leu o livro?

Tengo assentiu, balançando a cabeça.

— Que bom. Isso facilita a conversa. Eu *A-DO-RO* aquele livro. Comprei no verão e já li umas três vezes. Saiba que é muito raro eu ler um livro três vezes. Pois então, enquanto eu fumava haxixe pela primeira vez, senti como se eu estivesse dentro da crisálida de ar. Eu estava dentro da crisálida de ar aguardando o meu aniversário. E a *maza* observava atentamente a chegada desse momento.

— Você consegue ver a *maza*? — perguntou Tengo.

— Sim. Eu consigo ver a *maza*. De dentro da crisálida de ar consegue-se ver vagamente o lado de fora. Se bem que do lado de fora não dá para se ver dentro da crisálida de ar. É assim que funciona. Mas não dá para ver o rosto da *maza*. Apenas o seu contorno, ainda que vagamente. Mas eu sei que é a minha *maza*. Sei que ela é a minha *maza*.

— Será que se pode dizer que a crisálida de ar é como uma espécie de útero?

— Acho que sim. Mas não posso comparar de verdade, pois não me lembro do que aconteceu no útero — e Kumi Adachi deu suas costumeiras risadinhas.

O apartamento ficava num prédio de dois andares de acabamento simples, comum nos subúrbios de uma cidade provinciana. Parecia recém construído, mas já apresentava sinais de deterioração. As escadas externas rangiam e as portas eram mal encaixadas. Os vidros das janelas vibravam toda vez que um caminhão pesado passava na rua. As paredes eram finas e, se alguém tocasse guitarra num dos quartos, o prédio todo se transformaria numa enorme caixa acústica.

Tengo não estava muito entusiasmado em experimentar haxixe. Ele mantinha a cabeça lúcida e vivia num mundo com duas luas. Para que distorcer ainda mais esse mundo? Ele também não nutria nenhum desejo sexual por Kumi Adachi, apesar de admitir que sentia uma afeição por essa enfermeira de vinte e três anos. Porém, afeição e desejo sexual eram coisas diferentes. Pelo menos para

Tengo. Por isso, se ela não tivesse comentado sobre a *doh*ta e a *maza*, ele certamente teria dado uma desculpa qualquer e recusaria o convite de subir até o apartamento dela. Ele pegaria um ônibus no meio do caminho ou, caso não houvesse mais, chamaria um táxi para levá-lo até a pousada. Pois aquela era a “cidade dos gatos”. Na medida do possível, era melhor evitar lugares perigosos. Mas, assim que ouviu as palavras *maza* e *doh*ta, Tengo foi simplesmente incapaz de recusar o convite. Ele tinha a esperança de que Kumi Adachi conseguisse desvendar o porquê de a crisálida de ar aparecer naquele quarto de hospital com a menina Aomame dentro dela.

O apartamento era condizente com uma moradia de duas irmãs na faixa dos vinte anos. Havia dois quartos pequenos, copa e cozinha conjugada e contígua a uma pequena sala. A mobília parecia uma miscelânea de objetos trazidos de vários lugares, sem estilo próprio. Sobre a mesa laminada da cozinha havia uma imitação de luminária chamativa da Tiffany que destoava do lugar. Ao abrir a cortina de pequenas estampas florais, via-se através da janela uma plantação indistinta e, mais adiante, uma mata escura. A visão era boa e não havia nada que a bloqueasse. Mas o que se via não era uma paisagem enternecedora.

Kumi Adachi indicou o sofá de dois lugares da sala para Tengo se sentar. Era um sofá vermelho, bem chamativo, do tipo *love chair*, posicionado de frente à TV. Ela tirou da geladeira uma lata de cerveja Sapporo e a colocou diante dele, acompanhada de um copo.

— Vou colocar uma roupa mais confortável, espere um pouquinho que não demoro.

Mas ela nunca voltava. Do outro lado da porta, que ficava no fim do corredor estreito, vez por outra ouviam-se alguns barulhos, como o de gavetas emperradas abrindo e fechando ruidosamente e de coisas caindo no chão. Toda vez que isso acontecia, Tengo não podia deixar de olhar na direção da porta. Realmente, ela deve estar bem mais bêbada do que aparenta. As paredes finas deixavam passar o som da TV do vizinho. Não dava para ouvir detalhadamente as falas, mas, em compensação, como parecia ser um programa humorístico, dava para escutar claramente as risadas da plateia a cada dez ou quinze segundos. Tengo se arrependeu de não ter prontamente recusado o convite. Ao mesmo tempo, lá no fundo de seu coração, admitia que queria estar lá.

A poltrona em que se sentava era de um material vagabundo, e o estofado de pano pinicava em contato com a pele. O formato também era problemático e, por mais que ele tentasse diversas posições, não conseguia se assentar bem. Isso piorou ainda mais o desconforto que sentia ali. Tengo tomou um gole de cerveja e pegou o controle remoto sobre a mesa de centro. Após observá-lo durante um tempo, como se fosse um objeto estranho, finalmente ligou a TV. Mudou de canal várias vezes e, por fim, resolveu assistir a um programa de viagens da NHK sobre as ferrovias australianas. Escolheu esse programa porque seu som era mais tranquilo que o dos demais canais. Havia um oboé como música de fundo e a apresentadora comentava sobre os requintados carros-leito dos trens da Ferrovia Transcontinental.

Sentado desconfortavelmente na poltrona desengonçada, Tengo acompanhava o programa enquanto pensava sobre a crisálida de ar. Kumi Adachi não sabia que quem realmente escrevera o texto fora ele. Mas isso era o de menos. O problema era que, a despeito de ele ter descrito detalhadamente a crisálida de ar, ele próprio não sabia quase nada do que escrevera. Não sabia o que era a crisálida de ar e, mesmo enquanto escrevia, não sabia o significado de *dohsta* e *maza*. E, mesmo agora, ainda não as compreendia. Apesar disso, Kumi Adachi gostava desse livro e o lera três vezes. Como era possível?

Kumi Adachi voltou à sala no momento em que apresentavam o cardápio do café da manhã servido no vagão restaurante do trem. Ela sentou na poltrona ao lado de Tengo. Por ser pequena, os dois ficaram com os ombros encostados. Ela estava com uma camiseta larga de mangas compridas e uma calça de agasalho de cor clara. A camiseta tinha uma estampa enorme de *smiley face*. A última vez que Tengo viu uma camiseta com esse sorriso foi no início dos anos setenta. Na época em que Grand Funk Railroad estremecia as jukeboxes com suas músicas extremamente barulhentas. Mas a camiseta não parecia ser velha. Será que, em algum lugar, as pessoas ainda fabricavam essas camisetas com sorriso?

Kumi Adachi pegou outra lata de cerveja, abriu a tampa fazendo barulho, serviu um pouco em seu copo e tomou cerca de um terço em um só gole. Estreitou os olhos como um gato satisfeito. Em seguida, apontou para a tela da TV. O trem percorria os trilhos em linha reta, passando por entre enormes penhascos vermelhos.

— Onde é isso?

— Austrália — respondeu Tengo.

— Austrália — disse Kumi Adachi, e sua voz parecia buscar algo no fundo de sua memória. — A Austrália no Hemisfério Sul?

— Isso mesmo. Austrália dos cangurus.

— Conheço uma pessoa que foi para a Austrália — disse Kumi Adachi, coçando o canto do olho. — Ela foi bem na época do acasalamento dos cangurus e, quando chegou a uma certa cidade, havia cangurus *trepando a torto e a direito*. No parque, na rua, em todos os lugares.

Tengo achou que deveria comentar algo a respeito, mas faltaram-lhe palavras. Foi então que pegou o controle remoto e desligou a TV. Ao desligá-la, o local ficou repentinamente silencioso. Não se ouvia mais o som da TV do vizinho. Vez por outra, um caminhão parecia fazer questão de passar na rua, mas, fora isso, a noite estava silenciosa. A única coisa que se podia ouvir, ao prestar atenção, era um som baixo e abafado vindo de longe. Não dava para identificar o que era, mas era regular e rítmico. De vez em quando parava, dava um tempo e recomeçava.

— É a dona coruja. Ela mora num bosque próximo daqui e toda noite ela canta — disse a enfermeira.

Kumi Adachi inclinou a cabeça, apoiou-a no ombro de Tengo e, sem dizer nada, pegou sua mão e a segurou. Os cabelos dela roçavam o pescoço de Tengo. A poltrona continuava desconfortável. A coruja continuava cantando no

bosque como se estivesse dizendo algo importante. O som de seu canto soou aos ouvidos de Tengo tanto como um toque de encorajamento quanto de advertência. Também como uma advertência com toque de encorajamento. Um som ambíguo, polissêmico.

— Você acha que eu sou muito atirada? — perguntou Kumi Adachi.

Tengo não respondeu. — Você não tem namorado?

— É uma questão difícil — disse Kumi Adachi, com uma expressão séria no rosto. — Um rapaz esperto geralmente vai para Tóquio ao concluir o colegial. Por aqui não há boas escolas, e os empregos bons não são muitos. Não é pra menos.

— Mas você está aqui.

— Sim. O salário não é grande coisa, apesar de o trabalho ser árduo, mas eu gosto de viver aqui. O único problema é que é difícil encontrar um namorado, mas quando encontro algum eu namoro. Só que ainda não encontrei aquele que eu possa dizer “é este”.

Os ponteiros do relógio indicavam um pouco antes das onze. Às onze horas a pousada fecha e ele não poderia mais entrar. Mas Tengo não conseguia se levantar daquele sofá desconfortável. Seu corpo não o obedecia. Talvez fosse o formato da poltrona. Talvez estivesse mais bêbado do que pensava. Ele escutava o canto da coruja à toa e, sentindo os cabelos de Kumi Adachi roçando seu pescoço, olhava para a luminária falsa da Tiffany.

Kumi Adachi preparou o haxixe assobiando uma música alegre. Ela cortou com um estilete um bloco de resina de cânhamo em lascas bem finas, encheu a boca de um cachimbo especial, pequeno e reto e, com o olhar sério, riscou um fósforo. Uma fumaça característica, de cheiro adocicado, pairou delicadamente no ar. Kumi Adachi foi a primeira. Tragou fundo a fumaça, prendendo-a durante um tempo nos pulmões, e a soltou lentamente. Ela indicou com um gesto para que Tengo fizesse o mesmo. Ele pegou o cachimbo e a imitou. Procurou manter ao máximo a fumaça em seus pulmões para depois soltá-la lentamente.

Durante um bom tempo, eles revezaram o cachimbo em silêncio. O morador do apartamento vizinho ligou novamente a TV e as risadas do programa humorístico ressoaram através das paredes. O volume estava um pouco mais alto que da vez anterior. De súbito, a plateia começava a rir animadamente, e essas risadas só paravam quando entrava o comercial.

Tengo e a enfermeira revezaram o cachimbo durante cinco minutos, mas nada acontecia. O mundo ao redor não parecia diferente. As cores, os formatos e os cheiros eram os mesmos de sempre. A coruja continuava a dizer *ho-ho* no meio da mata, e os cabelos de Kumi Adachi continuavam a espetar-lhe a nuca. O sofá de dois lugares continuava desconfortável. Os ponteiros do relógio que marcavam os segundos continuavam ritmicamente a marcar o tempo e a plateia se esbarrachava de rir com alguma piada. Era uma risada do tipo que, por mais que se risse, não trazia felicidade para ninguém.

— Não acontece nada — disse Tengo. — Acho que, para mim, não faz efeito.

Kumi Adachi deu duas leves batidas no joelho de Tengo. — Não se preocupe. Demora um pouquinho.

Ela tinha razão. Realmente, aconteceu. Ele escutou um clique no pé do ouvido, como se um interruptor secreto fosse acionado e, em seguida, algo *pastoso* balançou dentro de seu cérebro. A mesma sensação de inclinar uma tigela com papa de arroz. “Meu cérebro está balançando”, pensou Tengo. Era a primeira vez que sentia isso. O cérebro parecia um objeto viscoso. O som profundo emitido pela coruja penetrava em sua cabeça, mesclando-se com a papa de arroz em completa fusão.

— A coruja está dentro de mim — disse Tengo. Naquele momento, a coruja era parte de sua consciência. Uma parte importante e inseparável.

— A coruja é a protetora da floresta e ela sabe tudo, por isso ela nos oferece a sabedoria da noite — disse Kumi Adachi.

Onde e como Tengo poderia adquirir essa sabedoria? A coruja está em toda parte e ao mesmo tempo em lugar nenhum: — Não consigo pensar numa pergunta — disse Tengo.

Kumi Adachi segurou a mão de Tengo. — Em vez de perguntar, vá até a floresta. É bem mais fácil.

Tengo ouviu novamente as risadas do programa humorístico e, de súbito, aplausos efusivos. Um assistente deve estar escondido atrás da câmera mostrando para a plateia cartazes indicando “risos” e “aplausos”. Tengo fechou os olhos e pensou na floresta. Resolveu ele próprio adentrá-la. As profundezas da floresta são território do Povo Pequeninó. Mas a coruja também está lá. A coruja sabe tudo e nos oferece a sabedoria da noite.

De repente, não se ouvia mais nenhum som. Era como se alguém desse a volta por trás dele e tampasse seus ouvidos. Em algum lugar alguém fechou uma tampa e, em outro lugar, outra se abriu. A saída e a entrada foram trocadas.

Quando recobrou os sentidos, Tengo estava na sala de aula da escola primária.

As janelas estavam completamente abertas e as vozes das crianças, vindas do pátio do colégio, invadiam a sala. As cortinas brancas balançavam ao ritmo dos ventos. Aomame estava ao seu lado segurando firmemente sua mão. A mesma cena de sempre, mas, desta vez, alguma coisa estava diferente. Tudo o que via era tão nítido a ponto de se tornar irreconhecível e, de tão vívidas, as coisas pareciam ter a superfície granulada. Os contornos e as formas podiam ser vistos claramente em seus mínimos detalhes. Se esticasse o braço, podia realmente tocá-los. O cheiro das tardes do início do inverno invadia as suas narinas. Era como se tirassem, de uma só vez, algo que até então o impedia de sentir todos esses cheiros. Era um odor autêntico. Aquele que define uma determinada estação. O cheiro do apagador de lousa, dos produtos de limpeza, da queima das folhas secas no canto do pátio do colégio. Eles se mesclavam em um cheiro único, impossível de discernir. Tengo o trouxe para dentro dos pulmões. Isso fez com que sentisse

seu coração crescer em largura e profundidade. Seu corpo, silenciosamente, foi se reorganizando. A pulsação deixou de ser uma mera pulsação.

Por um segundo, o portal do tempo se abriu para dentro de si. Uma luz antiga mesclou-se com a luz nova. O ar velho mesclou-se com o ar novo. “*Esta é a luz e este é o ar*”, pensou Tengo. Com isso, podia entender tudo. *Quase* tudo. “Por que será que eu não conseguia me lembrar desse cheiro? Era algo tão simples!” Um mundo em que as coisas são vistas como elas são.

— Queria te encontrar — disse Tengo para Aomame. Sua voz soava distante e hesitante. Mas não havia dúvidas de que era sua voz.

— Eu também queria te encontrar — disse a menina. Essa voz parecia a de Kumi Adachi. Ele não conseguia distinguir a realidade e a imaginação. Quando tentava definir a linha divisória entre elas, a tigela se inclinava e o cérebro pastoso balançava.

Tengo disse: — Eu devia ter te procurado antes, mas não consegui fazer isso.

— Ainda não é tarde. Você consegue me encontrar — disse a menina.

— O que devo fazer para te encontrar?

Não houve resposta. Ela não seria dita em palavras.

— Mas eu sei que vou te encontrar — disse Tengo.

A menina disse: — Saiba que eu consegui te encontrar.

— Você me encontrou?

— Me encontre — disse a menina. — Enquanto ainda houver tempo.

A cortina branca balançou silenciosamente em movimentos amplos, como um espírito que não conseguiu fugir a tempo. Foi a última cena que Tengo viu.

Quando voltou a si, Tengo estava deitado numa cama estreita. A luz estava apagada e, por entre as cortinas, a lâmpada da rua iluminava discretamente o quarto. Ele estava de camiseta e cueca. Kumi Adachi estava somente com a camiseta larga estampada com o sorriso. Sem as roupas íntimas. Seus seios macios haviam encostado no braço de Tengo. E a coruja continuava a cantar dentro de seu cérebro. Agora até a floresta estava dentro de sua mente. Ele carregava dentro de si toda a floresta noturna.

Mesmo estando na cama com a jovem enfermeira, Tengo não se sentiu atraído por ela. Kumi Adachi também não parecia sentir desejo sexual por ele. Ela abraçava Tengo e apenas dava suas risadinhas. Ele não entendia o que era tão engraçado. Quem sabe alguém, de algum lugar, esteja mostrando uma placa indicando “risos”.

“Que horas são?”, Tengo levantou a cabeça para ver o relógio, mas não encontrou nenhum. De repente, Kumi Adachi parou de rir e envolveu o pescoço dele com os braços.

— Renasci — Tengo sentiu a respiração quente de Kumi Adachi em seus ouvidos.

— Renasceu — disse Tengo.
— É que morri uma vez.
— Você morreu uma vez — repetiu Tengo.
— Numa noite de chuva fria — disse ela.
— Por que você morreu?
— Para poder renascer, como agora.
— Você renasce — disse Tengo.
— De um jeito ou de outro — disse ela sussurrando bem devagarzinho — há várias maneiras de renascer.

Tengo refletiu sobre o que acabara de ouvir. O que será que ela quis dizer com *de um jeito ou de outro há várias maneiras de renascer*? Seu cérebro estava pastoso e denso, como um oceano primitivo repleto de vida a germinar. Mas isso não o levava a lugar nenhum.

— De onde vem a crisálida de ar?

— Pergunta errada — disse Kumi Adachi. — Ho, ho.

Ela se virou sobre o corpo dele e Tengo sentiu sobre suas coxas os pelos pubianos. Pelos espessos e abundantes. Pelos que pareciam fazer parte dos pensamentos dela.

— O que é preciso fazer para renascer? — indagou Tengo.

— O mais difícil para renascer — disse a pequena enfermeira, como a revelar um segredo — é que a pessoa não consegue renascer para si mesma. A não ser que seja por alguém.

— É isso que significa *de um jeito ou de outro há várias maneiras*.

— Ao amanhecer, você deve ir embora. Antes de a saída se fechar.

— Ao amanhecer, devo ir embora — Tengo repetiu as palavras da enfermeira.

Ela esfregou novamente os pelos pubianos na coxa de Tengo, como a deixar um sinal. — A crisálida de ar não é algo que vem de algum lugar. Por mais que você espere, ela não virá.

— Você sabe disso.

— É porque eu morri uma vez — disse ela. — É penoso morrer. Muito mais do que você possa imaginar, Tengo. Você se sente infinitamente solitário. É surpreendente que uma pessoa possa se sentir tão solitária. Não se esqueça disso. Mas, quer saber? No final das contas, se você não morrer, não há como renascer.

— Sem morrer, não há como renascer — assentiu Tengo.

— Mas a pessoa pode ser forçada a morrer durante a vida.

— Forçada a morrer durante a vida — repetiu Tengo, sem ainda conseguir entender o que isso significava.

A cortina branca balançava com o vento. O ar da sala de aula estava impregnado com o cheiro do apagador de lousa misturado com o de detergente. Cheiro da fumaça queimando as folhas secas. Alguém está treinando flauta. Uma menina está segurando sua mão com força. Ele sentia uma leve pontada na parte inferior do corpo, mas não havia ereção. Isso aconteceria muito tempo depois. As palavras *muito tempo depois* selavam com ele um compromisso eterno. A

eternidade era uma linha comprida que se estendia até o infinito. A tigela novamente se inclinou fazendo seu cérebro pastoso balançar.

Ao acordar, Tengo ficou um bom tempo sem saber onde estava. Demorou até se lembrar o que havia feito na noite anterior. A luz ofuscante do sol da manhã entrava por entre as cortinas de estampas florais e os pássaros cantavam alegremente. Ele havia dormido numa cama pequena com o corpo todo apertado e em posição totalmente desconfortável. Admirou ter conseguido dormir a noite toda desse jeito. Ao seu lado havia uma mulher. Ela estava de lado, com o rosto apoiado no travesseiro, dormindo profundamente. Os cabelos cobriam parte de sua bochecha como um viçoso gramado de verão, úmido com o orvalho da manhã. “Kumi Adachi”, pensou Tengo. “Uma jovem enfermeira que acabou de completar vinte e três anos.” O relógio de Tengo estava caído no chão, no canto do pé da cama. Os ponteiros indicavam 7h20. 7h20 da manhã.

Tengo se levantou da cama bem devagar, tomando o cuidado de não acordá-la, e foi até a janela observar a paisagem por entre as cortinas. Havia uma plantação de repolho. Sobre a terra preta, os repolhos enfileirados mantinham-se agachados e, cada qual, firmemente enrodilhado. Adiante, havia uma mata. Tengo se lembrou do canto da coruja. Na noite anterior, era de lá que a coruja cantava. A sábia da noite. Tengo e a enfermeira fumavam haxixe enquanto ouviam seu canto. Ele ainda sentia em suas coxas os rijos pelos pubianos dela.

Tengo foi para a cozinha e tomou água da torneira com as mãos. A sede era tanta que, por mais que bebesse, parecia nunca se saciar. Fora isso, não sentia nada de diferente. Não tinha dor de cabeça nem sentia o corpo mole. A consciência estava lúcida. Mas algo o fazia sentir que, dentro dele, as coisas circulavam bem demais. Era como se um técnico tivesse feito uma hábil limpeza na tubulação. Ele foi para o banheiro de camiseta e cueca e urinou longamente. O rosto refletido no espelho desconhecido não parecia o seu. Alguns fios de cabelo estavam espetados. Precisava fazer a barba.

Voltou para o quarto e juntou suas roupas. Elas estavam misturadas com as de Kumi Adachi e espalhadas pelo chão. Ele não se lembrava quando e como as tirou. Encontrou o par de meias, calçou o jeans e a camisa. Enquanto procurava suas roupas, pisou num anel grande e barato. Ele o colocou sobre a mesinha ao lado da cama. Vestiu uma malha de gola redonda e pegou seu blusão. Verificou se a carteira e a chave estavam no bolso. A enfermeira estava embrulhada no cobertor até o pescoço e dormia profundamente. Não dava nem para ouvir sua respiração. “Será que devo acordá-la? Acho que não fiz nada. Apenas dividimos a cama para dormir. Sei que é falta de educação ir embora sem ao menos me despedir. Mas ela está dormindo profundamente e hoje é o seu dia de folga. O que faríamos, caso ela acordasse?”, pensou Tengo.

Tengo encontrou um bloco de anotações e uma caneta ao lado do telefone. Deixou um bilhete: “Muito obrigado pela noite de ontem. Foi divertido. Vou voltar para a pousada. Tengo.” E anotou a hora. Deixou o bilhete

sobre a mesinha de cabeceira e colocou o anel encontrado no chão sobre ele, como peso de papel. Depois, calçou os tênis surrados e foi embora.

Após andar um pouco, encontrou um ponto e, cinco minutos depois, passou um ônibus que ia para a estação. Ele subiu com um grupo animado de estudantes e todos desceram na parada final. O pessoal da pousada não comentou nada ao vê-lo chegar após as oito horas e com a barba por fazer. Não pareciam estar nem um pouco surpresos e, sem dizer nada, prontamente serviram a refeição matinal.

Tengo comeu a refeição quentinha e, enquanto tomava o chá, rememorou o que aconteceu na noite anterior. As três enfermeiras o convidaram para sair e foram comer *yakiniku*. Depois, foram a um bar e cantaram karaokê. Ele seguiu para o apartamento de Kumi Adachi e, enquanto ouviam o canto da coruja, fumaram haxixe indiano. Sentiu o cérebro como se fosse uma papa de arroz, quente e pastosa. E, de repente, ele estava na sala de aula da escola primária, no inverno, onde sentiu o cheiro do ar e conversou com Aomame. Na sequência, Kumi Adachi, deitada na cama, falou sobre a morte e o renascimento. A pergunta errada gerou respostas ambíguas. A coruja continuava a cantar na mata e as pessoas que participavam do programa de televisão davam risadas.

As lembranças saltavam, deixando algumas lacunas. Faltavam algumas *conexões* para preencher essas lacunas. Em compensação, as partes de que conseguia se lembrar eram extremamente nítidas. Conseguia resgatar todas as palavras, uma por uma. Tengo lembrou das últimas palavras ditas por Kumi Adachi. Eram um aviso, uma advertência.

— Ao amanhecer, você deve ir embora. Antes de a saída se fechar.

Realmente, já estava na hora de ir embora. Ele tirou férias do trabalho e veio até esta cidade para tentar reencontrar a Aomame de dez anos dentro da crisálida de ar. E todos os dias, durante quase duas semanas, ele visitava o pai na casa de saúde e lia em voz alta um livro. Mas a crisálida de ar não apareceu. Em compensação, quando ele estava pensando em desistir, Kumi Adachi preparou para ele um jeito diferente de lidar com o poder da imaginação. E com isso ele reencontrou a menina Aomame e conversou com ela. “Me encontre, enquanto ainda houver tempo”, foi o que ela disse. Não. Quem realmente disse isso pode ter sido Kumi Adachi. Ele não sabia. Mas isso era o de menos. Kumi Adachi morreu uma vez e renasceu. Não para ela, mas para alguém. Após ela dizer isso é que ele passou a acreditar no que escutava. Isso é que devia ser importante. Provavelmente.

Essa é a cidade dos gatos. Há uma coisa que só se pode obter aqui. Foi por isso que ele pegou o trem e veio. Mas, para tudo o que se obtém aqui, há um risco. Se ele confiar na sugestão de Kumi Adachi, esse risco pode ser fatal. Seu polegar pinica e lhe diz que algo ruim está se aproximando.

“Preciso voltar para Tóquio. Antes de a saída se fechar. Enquanto o trem ainda para na estação”, pensou Tengo. Mas, antes, ele precisava passar na casa de saúde. Precisava encontrar o pai e se despedir dele. Havia também mais uma coisa que ele precisava verificar.

Reunir provas concretas

Ushikawa foi para Ichikawa com o sentimento de sair em excursão, mas, na verdade, Ichikawa era uma das primeiras cidades da província de Chiba ao atravessar o rio e, portanto, não era tão distante do centro da capital. Ele pegou um táxi em frente à estação e informou o nome da escola primária. Passava da uma da tarde quando chegou à escola. O horário de almoço tinha acabado e as aulas da tarde haviam começado. Da sala de música ouviam-se vozes cantando em coro e, na quadra, os alunos jogavam futebol na aula de educação física. Crianças gritavam correndo atrás da bola.

Ushikawa não tinha boas recordações de seu tempo de escola. As aulas de educação física eram o seu ponto fraco, sobretudo quando a atividade envolvia jogos com bola. Ele era baixo, corria pouco e tinha astigmatismo. Era como se tivesse nascido sem coordenação motora. Educação física era realmente um pesadelo. Mas, em compensação, nas demais matérias suas notas eram excelentes. Era inteligente e muito estudioso (tanto que, aos vinte e cinco anos, foi aprovado no exame para o magistrado estatal). Mas as pessoas de seu convívio não gostavam dele nem o tratavam com respeito. Talvez o fato de ele também não ser bom nos esportes pode ter sido um agravante para que o tratassem assim. Suas feições também não ajudavam. Desde criança, seu rosto era grande e sua cabeça, disforme. Os lábios grossos arqueados para baixo davam a impressão de que, a qualquer momento, um fio de baba escorreria dos cantos (era apenas uma impressão, isso nunca chegou a acontecer). Os cabelos eram crespos e desajeitados. Definitivamente, não tinha uma aparência que despertasse qualquer tipo de atração.

Na época em que frequentava o primário, ele praticamente não falava. Sabia, porém, que, se a situação exigisse, seria capaz de se expressar com eloquência. Mas não tinha amigos para conversar ou oportunidade para falar diante de um público. Por isso, sempre ficava de boca fechada. E tomou por hábito prestar muita atenção em tudo que as pessoas falavam — independentemente do assunto — obtendo e assimilando informações do que escutava. Um hábito que, posteriormente, iria se tornar uma ferramenta útil para desvendar fatos muito importantes como, por exemplo, que a maior parte das pessoas não era capaz de usar a própria cabeça para pensar. E as pessoas que não sabem pensar são justamente as que não sabem escutar o que os outros têm a dizer.

De qualquer modo, o tempo do primário não era exatamente uma fase

da vida de Ushikawa que ele tinha vontade de relembrar. Só de pensar que naquele dia ele precisava visitar uma escola primária já ficava desanimado. Havia algumas diferenças entre as escolas da província de Saitama e as de Chiba, mas na prática as escolas primárias do território japonês eram todas iguais. Todas do mesmo jeito, seguindo as mesmas regras. Mesmo ciente disso, Ushikawa resolveu visitar a escola primária de Ichikawa. Era de suma importância fazê-lo pessoalmente. Ele havia telefonado para a secretaria e agendado com uma das responsáveis um encontro à uma e meia.

A vice-diretora era uma mulher miúda, com cerca de quarenta e cinco anos. Era magra, bonita e se vestia bem. Vice-diretora? Ushikawa hesitou. Até então ele nunca ouvira falar desse cargo. Fazia muito tempo que ele havia se formado na escola primária e, desde então, muitas coisas haviam mudado. Ela parecia estar acostumada a lidar com diferentes tipos de pessoas e, a despeito da aparência incomum de Ushikawa, não se mostrou surpresa ao conhecê-lo pessoalmente. Ou simplesmente era uma pessoa muito educada. Ela acompanhou Ushikawa até a sala de visitas limpa e bem arrumada, e convidou-o a se sentar. Ela então se sentou de frente para ele e sorriu, como que ansiosa em saber que tipo de conversa agradável desfrutariam juntos.

Ela o fez se lembrar de uma garota que estudara com ele no primário. Era bonita, inteligente, simpática e responsável. Teve uma boa educação e tocava piano muito bem. Era a queridinha dos professores. Durante as aulas, Ushikawa sempre olhava para ela. Principalmente as suas costas. Mas nunca chegou sequer a conversar com ela.

— O senhor está fazendo um levantamento sobre um de nossos formandos? — perguntou a vice-diretora.

— Desculpe-me a indelicadeza — disse Ushikawa, entregando-lhe o cartão de visitas. O mesmo que entregara a Tengo e que especificava o seu cargo: “Diretor Efetivo, Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes.” Ushikawa contou a mesma história que inventara para Tengo. Disse que Tengo Kawana, ex-formando daquela escola, era um forte candidato como escritor a receber um auxílio financeiro da Fundação. E que, por isso, precisava checar algumas informações básicas a respeito dele.

— Que notícia maravilhosa! — disse a vice-diretora sorridente. — É uma honra para a nossa escola. Teremos satisfação de ajudá-lo no que for preciso.

— Será que posso conversar com a professora responsável pela turma dele? — perguntou Ushikawa.

— Vou verificar. Como já se passaram vinte anos, ela pode ter se aposentado.

— Muito obrigado — agradeceu Ushikawa. — Se possível, gostaria de checar mais uma coisa.

— O quê?

— Talvez uma menina chamada Massami Aomame tenha estudado na

mesma série que a do senhor Kawana. Poderia, por favor, verificar se os dois estudaram na mesma classe?

A vice-diretora esboçou no rosto uma expressão de ligeira desconfiança. — Existe alguma relação entre a senhorita Aomame e o fato de o senhor Kawana receber o auxílio financeiro?

— Não. Não se trata disso. É que na obra literária escrita pelo senhor Kawana parece haver uma personagem com as características da senhorita Aomame e, nesse sentido, nós da comissão sentimos a necessidade de verificar e esclarecer alguns pontos que ficaram dúbios. Não é nada de mais. Apenas uma formalidade.

— Entendo — disse a vice-diretora, levantando discretamente os cantos de seus lábios bem definidos. — O senhor deve saber que, dependendo do caso, não podemos fornecer informações pessoais como, por exemplo, o boletim escolar ou revelar questões que envolvem o ambiente familiar do aluno.

— Estou perfeitamente ciente disso. A única coisa que nós queremos saber é se eles estudaram ou não na mesma classe. E, no caso de terem estudado juntos, gostaríamos de saber o nome e o endereço da professora responsável.

— Está bem. Se a questão é essa, creio que não haverá problemas. O senhor disse Aomame?

— Isso mesmo. Os ideogramas são “ervilha” e “verde”. É um nome diferente.

Ushikawa pegou uma folha do seu bloco de anotações e escreveu a caneta: “Massami Aomame”, e a entregou para a vice-diretora. Ela pegou a folha e, após olhar por alguns segundos, guardou-a numa das divisões da pasta sobre a mesa.

— Por favor, poderia aguardar aqui? Vou verificar nos registros administrativos. Enquanto isso, minha assistente providenciará as cópias dos arquivos públicos.

— Desculpe-me o incômodo, sei que a senhora deve estar muito ocupada — disse Ushikawa, demonstrando gratidão.

A vice-diretora deu meia-volta, fazendo a saia dar um giro gracioso, e saiu da sala. Sua postura era bela, e ela caminhava com elegância. O corte de cabelo também era bonito e o jeito de prendê-lo combinava com sua idade. Ushikawa sentou-se novamente e, enquanto aguardava, leu o livro que trouxera consigo.

Passados quinze minutos, a vice-diretora retornou. Trazia consigo um envelope pardo junto ao peito.

— O senhor Kawana foi realmente um ótimo aluno. Suas notas sempre foram as melhores da classe e também se destacou como um excelente atleta. Era muito bom em cálculos, ou melhor, em matemática e, desde o primário, conseguia resolver questões do colegial. Ganhou concursos e chegou a sair no jornal como um menino prodígio.

— Isso é formidável — disse Ushikawa.

A vice-diretora prosseguiu:

— Mas, realmente, estou surpresa. Uma pessoa que, naquela época, foi considerada um prodígio da matemática, agora, depois de adulto, está se destacando no mundo da literatura.

— Quem possui um grande talento encontra várias maneiras de desenvolver suas potencialidades. É como um abundante veio de água que encontra vários caminhos a percorrer. Atualmente ele dá aulas de matemática e escreve romances.

— Tem razão — disse a vice-diretora, erguendo as sobrancelhas num belo arco. — Mas, em compensação, não consegui encontrar quase nada sobre Massami Aomame. Ela foi transferida de escola na quinta série. Foi morar com parentes em Tóquio, no distrito de Adachi, e transferida para a escola de lá. Ela estudou na mesma sala que Tengo Kawana na terceira e quarta séries.

“Foi o que imaginei”, pensou Ushikawa. Realmente, há uma ligação entre os dois.

— A professora Ôta foi a responsável pelas classes do terceiro e quarto anos. Professora Toshie Ôta. Atualmente ela leciona na escola primária municipal da cidade de Narashino.

— Telefonando para a escola, talvez ela possa me atender.

— Já entrei em contato — disse a vice-diretora, esboçando um leve sorriso. — Ela disse que, se o assunto for esse, terá o maior prazer em recebê-lo.

— Muito obrigado — agradeceu Ushikawa. Além de ser bonita, ela também era uma excelente profissional.

A vice-diretora escreveu o nome da professora e o telefone da Escola Primária Tsudanuma no verso do cartão pessoal e o entregou a Ushikawa, que o guardou cuidadosamente em sua carteira.

— Soube que a senhorita Aomame era seguidora de uma religião — disse Ushikawa. — Esse é um ponto que nos preocupa e que gostaríamos de esclarecer.

A vice-diretora franziu as sobrancelhas, fazendo surgir pequenas rugas nos cantos de seus olhos. Somente uma mulher madura e com vasta experiência pessoal conquista aquelas delicadas rugas, charmosas e inteligentes.

— Desculpe-me, mas esse é um assunto que não cabe discutirmos aqui — disse ela.

— É porque envolve questões pessoais, não é? — perguntou Ushikawa.

— Isso mesmo. Principalmente por envolver questões religiosas.

— Mas, se eu conversar com a professora Ôta, pode ser que eu consiga obter algumas informações.

A vice-diretora arqueou levemente sua delicada sobrancelha esquerda e sorriu de modo significativo: — Se a professora Ôta quiser comentar o assunto *do ponto de vista pessoal*, não teremos nada a ver com isso.

Ushikawa se levantou e agradeceu de modo respeitoso. A vice-diretora entregou o envelope. — Aqui estão as cópias dos documentos. Alguns arquivos

sobre Tengo Kawana. Há também algumas coisas, se bem que poucas, sobre a senhorita Aomame. Espero que o ajude.

— Com certeza será de grande ajuda. Muito obrigado pela gentileza.

— Por favor, nos avise quando sair o resultado dessa ajuda financeira. Será uma grande honra para a nossa escola.

— Estou confiante de que o resultado será positivo — disse Ushikawa.
— Tive a oportunidade de encontrá-lo algumas vezes e, com certeza, ele é um rapaz talentoso, com futuro promissor.

Ushikawa entrou num restaurante em frente à estação Ichikawa e almoçou uma refeição simples. Enquanto aguardava a comida, passou rapidamente os olhos no material do envelope. Havia um resumo do histórico escolar de Tengo e Aomame, e os registros informando as distinções honrosas que Tengo obteve por se destacar nos estudos e nos esportes. Realmente, ele fora um aluno exemplar, fora do comum. A escola não deve ter sido um pesadelo para ele. Havia também a cópia de um artigo de jornal de quando ele ganhou o concurso de matemática. Por ser um material antigo, a nitidez era sofrível, mas havia até uma foto de Tengo quando jovem.

Após o almoço, Ushikawa telefonou para a escola primária de Tsudanuma. Conversou com a professora Toshie Ôta e combinou de se encontrarem na escola às quatro. Ela lhe disse que, a partir daquele horário, poderiam conversar com calma.

“Sei que isso faz parte do meu trabalho, mas visitar duas escolas primárias num só dia é demais”, pensou Ushikawa, soltando um suspiro. “Fico deprimido só de pensar que preciso fazer isso.” Mas, até aquele momento, havia valido a pena ir pessoalmente até lá. Ele descobriu que Tengo e Aomame estudaram na mesma classe durante dois anos. Um grande avanço.

Tengo ajudou Eriko Fukada a transformar a *Crisálida de ar* em uma obra literária que se tornou um best-seller. Aomame matou secretamente o pai de Eriko, Tamotsu Fukada, na suíte do Hotel Ôkura. Parece que o objetivo dos dois é atacar o grupo religioso Sakigake, cada qual a seu modo. Eles podem estar agindo juntos. Qualquer um chegaria a essa conclusão mais que óbvia.

No entanto, seria precipitado revelar isso para aqueles dois de Sakigake. Ushikawa não gostava de passar as informações a conta-gotas. Ele preferia obter o máximo delas, confirmar meticulosamente uma série de evidências circunstanciais e, após agrupar todas as provas concretas, é que revelaria o resultado, dizendo “Bem, a verdade é que...”. Fazer esse tipo de encenação teatral era um hábito adquirido desde os tempos em que ele atuava como advogado. Ele se rebaixava para fazer o outro se descuidar e, momentos antes de o caso se encerrar, revelava as provas *incontestáveis* e dava a volta por cima.

Durante o trajeto de trem até Tsudanuma, Ushikawa levantou mentalmente algumas hipóteses.

Tengo e Aomame podem ser namorados. Isso não significava que

estivessem juntos desde os dez anos, mas podiam ter se reencontrado em algum lugar após se formarem no primário e, desde então, passaram a ter um relacionamento mais íntimo. Por algum motivo — cujas razões ainda eram desconhecidas — eles resolveram unir forças para esmagar Sakigake. Essa seria uma das hipóteses.

Mas, até onde Ushikawa podia constatar, não havia nenhuma evidência de que Tengo e Aomame estivessem juntos. Tengo mantinha relações sexuais periódicas com uma mulher casada, dez anos mais velha. Pelo tipo de personalidade de Tengo, caso estivesse envolvido com Aomame, dificilmente teria um caso regular com outra mulher. Ele não era o tipo de homem capaz de realizar tamanha proeza. Ushikawa já havia investigado a rotina de Tengo durante duas semanas. Três dias por semana ele dava aulas de matemática numa escola preparatória e, nos demais, costumava ficar sozinho, enfiado no apartamento. Possivelmente, passava o dia escrevendo seu romance. De vez em quando, saía para fazer compras ou para caminhar. Uma vida modesta e monótona. Simples e sem mistérios. Ushikawa achava improvável que uma pessoa como Tengo estivesse envolvida numa conspiração para matar o Líder.

Ushikawa tinha um apreço pessoal por Tengo. Ele era um rapaz humilde e honesto. Independente e autoconfiante. E, como normalmente se nota em pessoas de grande porte, às vezes faltava-lhe a disposição de tomar alguma iniciativa, mas não era de agir furtiva e traiçoeiramente. Era um tipo que, uma vez decidido, seguia em frente, firme e de cabeça erguida. Um perfil que nunca daria certo como advogado ou corretor da bolsa de valores. Seria uma questão de tempo até alguém puxar o seu tapete para derrubá-lo num momento crucial. Mas, como professor de matemática e escritor, tinha grandes chances de se sair bem. Tengo não era uma pessoa social e eloquente, mas atraía a atenção de um certo tipo de mulher. Em outras palavras, Tengo era o oposto de Ushikawa.

Por outro lado, Ushikawa pouco sabia a respeito de Aomame. As únicas informações eram que a família dela era fiel devota das Testemunhas de Jeová e que, desde que se entendia por gente, era obrigada a acompanhar a mãe nas pregações. Na quinta série abandonou a religião e foi morar na casa de parentes no distrito de Adachi. Possivelmente, ela não aguentava mais aquela vida. Por sorte, possuía uma grande aptidão física e, do ginásio ao colegial, destacou-se como uma exímia jogadora de softball, chamando a atenção das pessoas. Conseguiu obter uma bolsa de estudos e cursou a faculdade de educação física. Essas eram as informações que Ushikawa possuía. Mas ele não tinha ideia de como era sua personalidade, seu raciocínio, seus pontos fortes e fracos, e tampouco sabia o tipo de vida que levava. O que ele tinha era só uma série de informações curriculares.

Enquanto Ushikawa tentava estabelecer uma relação entre os currículos de Tengo e Aomame, ele descobriu alguns pontos em comum. O primeiro era que a infância de ambos não fora muito boa. Aomame precisava acompanhar a mãe pela cidade para divulgar a religião. Iam de casa em casa tocando a campainha. Todas as crianças das Testemunhas de Jeová são obrigadas a fazer isso.

O pai de Tengo era cobrador da NHK. Neste caso, também precisava andar de porta em porta. Será que ele também levava o filho, como as Testemunhas de Jeová? É provável que sim. Se Ushikawa fosse o pai de Tengo, ele certamente levaria o filho consigo. As cobranças são mais eficazes se o cobrador estiver com uma criança e, ainda por cima, não precisaria contratar uma babá. É como matar dois coelhos com uma cajadada só. Mas, para Tengo, essa experiência não deve ter sido boa. Talvez aquelas duas crianças tenham se cruzado em suas andanças pelas ruas de Ichikawa.

O segundo ponto em comum é que os dois, assim que cresceram e começaram a entender as coisas, se esforçaram em ganhar bolsas de estudo e ficar o mais distante possível de seus pais. Os dois realmente se destacaram como atletas. O fato de possuírem um talento nato para os esportes contribuiu para que conquistassem essa autonomia. Mas, na situação em que estavam, eles *precisavam veementemente se destacar em alguma coisa*. Para eles o único meio plausível para conquistar a própria independência era se destacarem como atletas e, como estudantes, precisavam tirar boas notas, de modo a obterem o reconhecimento das pessoas. Era um passaporte importante para a sobrevivência e a autoproteção. Eles não pensavam como as demais crianças de dez anos, e o modo de os dois enfrentarem o mundo era diferente.

Pensando bem, a situação de Ushikawa também não diferia tanto da deles. No caso de Ushikawa, ele não precisou obter bolsas de estudo nem passou por dificuldades financeiras, pois sua família era abastada. Mas, para ingressar numa faculdade conceituada e passar no exame de magistratura, precisou estudar muito. Assim como Tengo e Aomame. Não tinha tempo para se divertir como faziam os demais colegas de sala. Deixou de lado todos os prazeres mundanos — sabia que não seria fácil obtê-los, mesmo que os desejasse — e dedicou-se exclusivamente aos estudos. Seus sentimentos sempre oscilaram entre o complexo de inferioridade e o de superioridade. “Sou um Raskolnikov que jamais encontrou uma Sonia”, era o que Ushikawa costumava pensar. “Vamos deixar esse assunto de lado. Não adianta nada pensar nisso agora. Preciso voltar para o caso Tengo e Aomame.”

Se, por acaso, os dois se reencontraram em algum lugar após completarem vinte anos, devem ter ficado surpresos em constatar que tinham muitas coisas em comum, e a conversa certamente foi longa. Naquele momento, sentiram uma forte atração um pelo outro. Ushikawa conseguia imaginar vividamente essa cena. Um encontro decisivo. Extremamente romântico.

Será que realmente se reencontraram? Houve um romance entre eles? Ushikawa não tinha como saber. Mas pensar nessa hipótese do reencontro fazia sentido. E, conseqüentemente, fazia sentido os dois terem se unido para atacar Sakigake. Cada qual a seu modo: Tengo utilizou sua caneta e Aomame, provavelmente, alguma habilidade específica. No entanto, essa hipótese não convencia Ushikawa. A história, de certa forma, fazia sentido, mas algo não se encaixava.

Se Tengo e Aomame estavam intimamente ligados, era estranho que isso

não pudesse ser detectado de forma clara. Um encontro decisivo resultaria em algo igualmente decisivo e, aos olhos experientes de Ushikawa, não passaria despercebido. Aomame poderia ser capaz de esconder isso, mas Tengen não.

Ushikawa era um homem movido pela razão. Sem obter provas, não conseguia seguir em frente. Ao mesmo tempo, confiava em sua intuição. E sua intuição discordava toda vez que ele imaginava Tengen e Aomame conspirando e agindo juntos. Sua intuição negava de modo discreto, porém insistente. Talvez os dois ainda não soubessem da existência um do outro. O envolvimento de ambos com Sakigake poderia ter sido obra *do acaso*, e foram impelidos a agir à mercê dos acontecimentos.

Por mais que fosse difícil acreditar nessa suposta casualidade, essa era a hipótese que sua intuição aceitava mais do que a da teoria da conspiração. Juntos, eles conseguiram abalar a estrutura de Sakigake *ao acaso*, cada qual com seus próprios objetivos, suas próprias motivações e meios. Duas histórias originalmente diferentes que caminhavam lado a lado.

Mas será que Sakigake aceitaria uma hipótese baseada na intuição? Ushikawa sabia que não. O que eles com certeza aceitariam seria a teoria da conspiração. Afinal, gostavam de fazer intrigas e jogos secretos. Antes de revelar as informações, ele precisava obter provas concretas. Caso contrário, havia o perigo de incorrer em um erro e isso poderia se reverter em algo prejudicial para o próprio Ushikawa.

Ushikawa ficou ruminando essas coisas durante todo o trajeto de Ichikawa a Tsudanuma. Enquanto repassava essas ideias, deve ter feito caretas, suspirado ou encarado o vazio. Algumas meninas da escola primária que sentavam na sua frente olhavam para ele de forma espantada. Para tentar disfarçar a vergonha, Ushikawa relaxou a expressão do rosto e passou a mão em sua cabeça calva e deformada. Mas, ao contrário do que esperava, esse seu gesto as deixou mais assustadas. Todas se levantaram um pouco antes da estação Nishi-Funabashi e, tão logo saltaram do trem, saíram em disparada.

A professora Toshie Ôta recebeu Ushikawa numa das salas de aula, após a saída dos alunos. Tinha cerca de cinquenta anos. Sua aparência contrastava com a da vice-diretora refinada da escola primária de Ichikawa. A professora Ôta era baixa, gorda e seu jeito de andar era tão esquisito que, vendo-a de costas, parecia um crustáceo. Ela usava óculos pequenos de aro dourado, mas, como a distância entre as sobrancelhas era grande, nesse intervalo brotavam pequenas penugens. Vestia um blazer que parecia ser de lã, de idade indeterminada, mas que certamente já estava fora de moda na época em que fora confeccionado. Exalava um leve cheiro de naftalina e era cor-de-rosa, mas de um tom estranho de rosa, como se outra cor houvesse sido misturada a ele por acidente. Provavelmente a intenção era obter uma cor distinta e elegante, mas, no final, o rosa resultou numa cor tímida, enrustida e conformada. Em contraste, a blusa branca e nova sob o blazer parecia uma pessoa indiscreta infiltrada num velório. Os cabelos

secos com alguns fios brancos estavam presos com uma presilha de plástico escolhida ao acaso. Três rugas finas marcavam nitidamente o seu pescoço, como se fossem entalhes dos anéis da vida. Ou, quem sabe, eram o sinal de que três de seus desejos haviam sido concretizados. Mas Ushikawa achou improvável que essa última hipótese tivesse realmente acontecido.

Ela fora professora de Tengo da terceira série até o último ano do primário. Normalmente os professores mudavam de turma a cada dois anos, mas ela o acompanhara durante quatro anos consecutivos. No caso de Aomame, foram somente dois, a terceira e a quarta séries.

— Lembro-me muito bem do senhor Kawana — disse ela.

Em contraste com o jeito pacato, sua voz era clara e jovial. Uma voz firme, que alcançava todos os cantos de uma sala de aula barulhenta. “A profissão molda a pessoa”, admirou-se Ushikawa. “Ela deve ser uma professora competente.”

— Ele era um aluno excelente em todos os sentidos. Leciono há mais de vinte e cinco anos e dei aulas para inúmeros alunos em diversas escolas, mas nunca encontrei alguém tão bom quanto ele. Ele se destacava em tudo o que fazia. Era uma pessoa boa e com espírito de liderança. Sempre achei que seria capaz de se sair bem em qualquer área que escolhesse seguir. No primário se destacou pela capacidade de lidar com a matemática, mas não me surpreende que tenha seguido a carreira literária.

— Se não me engano, o pai dele era cobrador da NHK, não era?

— Isso mesmo — disse a professora.

— O próprio senhor Kawana comentou que o pai era bem rigoroso — disse Ushikawa. Era um tiro no escuro.

— Era mesmo — disse a professora, sem titubear. — Era um pai muito rigoroso em certos aspectos. Tinha um grande orgulho de seu trabalho, o que não deixa de ser maravilhoso, mas isso, às vezes, era um fardo para Tengo.

Ushikawa puxou habilmente o assunto para colher informações mais detalhadas. Essa era uma de suas melhores técnicas. Deixar o outro à vontade para que falasse espontaneamente das coisas. A professora contou que Tengo detestava acompanhar o pai nas cobranças e que, na quinta série, resolveu sair de casa. — Não foi exatamente sair de casa; na prática, foi como ser expulso — disse a professora. “Tengo realmente era obrigado a acompanhar o pai nas cobranças”, pensou Ushikawa. “Isso deve ter afetado muito seu lado emocional quando criança. Foi o que imaginei.”

A professora acolheu Tengo durante uma noite, pois ele não tinha para onde ir. Ela lhe deu um cobertor e preparou o café da manhã. No dia seguinte, ao anoitecer, foi conversar com o pai de Tengo, e o convenceu a aceitá-lo de volta. A professora contou essa história como se fosse um dos capítulos mais lindos de sua vida. Ela também contou o dia em que reencontrou Tengo num concurso musical e como ele tocara maravilhosamente bem o tímpano.

— A *Sinfonietta* de Janáček. Não é uma música fácil. Algumas semanas antes, ele sequer sabia tocar tímpano. Mas subiu ao palco para substituir um

músico e tocou magnificamente bem aquele instrumento. Só pode ter sido um milagre.

“Essa mulher realmente gostava de Tenco”, admirou-se Ushikawa. “É um sentimento quase incondicional. Como será que se sente uma pessoa ao saber que alguém gosta tanto assim dela?”

— A senhora se lembra de Massami Aomame? — perguntou Ushikawa.

— Também me lembro muito bem dela — disse a professora, com a voz neutra, totalmente diferente de quando falava de Tenco. O tom havia caído dois níveis.

— É um sobrenome diferente.

— Sim. Bem diferente. Mas não é por causa disso que eu me lembro dela.

Houve um breve silêncio.

— Ouvi dizer que a família dela era fiel seguidora das Testemunhas de Jeová, é verdade? — indagou Ushikawa, para sondá-la.

— Gostaria que esse assunto ficasse somente entre nós — disse a professora.

— É claro. Não vou comentar com ninguém.

Ela concordou. — Existe uma grande filial das Testemunhas de Jeová na cidade de Ichikawa. Por isso, tive contato com muitas dessas crianças ao longo dos anos. Do ponto de vista do professor, lidar com essas crianças sempre foi um problema delicado, que requeria um certo cuidado. Mas até hoje não conheci nenhuma família tão fiel às Testemunhas de Jeová quanto a de Aomame.

— Está querendo me dizer que são pessoas intolerantes?

A professora mordiscou levemente os lábios, como se voltasse no tempo. — Isso mesmo. Eram pessoas extremamente rigorosas com as regras e exigiam o mesmo rigor de suas crianças. Por isso, Aomame sempre ficava sozinha na classe.

— Aomame, de certo modo, era uma pessoa especial, não era?

— Era uma pessoa especial — a professora admitiu. — É claro que a criança não pode ser responsabilizada por isso. Se fosse necessário apontar o culpado disso, seria a intolerância que domina o coração das pessoas.

A professora falou sobre Aomame. Contou que era ignorada pelas demais crianças. Costumavam fingir que ela *não existia*. Ela era como um elemento estranho à sociedade e que incomodava as outras pessoas, propalando seus ensinamentos esquisitos. Essa era a opinião geral da classe. Para se proteger dessa hostilidade, Aomame procurava ao máximo apagar a sua presença.

— Confesso que tentei ajudá-la, mas a união das crianças era muito mais forte do que se podia imaginar e, por isso, Aomame vivia como um fantasma. Hoje em dia, casos assim podem ser encaminhados aos conselhos educacionais, mas, naquela época, isso não existia. Eu também era jovem, e só ter de manter os alunos na classe já era uma tarefa desgastante e ocupava praticamente todo o meu tempo. Creio que isso deve parecer uma desculpa.

Ushikawa compreendia o que ela estava querendo dizer. O trabalho de um professor de escola primária é árduo. De certa forma, às vezes o jeito é deixar

que as próprias crianças resolvessem as coisas entre si.

— A fé e a intolerância são faces de uma mesma moeda. Nem sempre é possível lidar com isso — disse Ushikawa.

— O senhor tem razão — disse ela. — Mas creio que eu podia ter encontrado outros meios para ajudá-la. Tentei conversar várias vezes com Aomame. Mas ela não me ouvia. Era teimosa e, uma vez decidida, jamais mudava de ideia. Era inteligente, possuía uma grande capacidade de aprendizado e gostava de estudar. Mas, para não demonstrar isso abertamente, ela procurava controlar e reprimir essa sua capacidade. O único meio de se proteger talvez tenha sido o de *não chamar a atenção*. Se ela vivesse num ambiente normal, certamente teria sido uma excelente aluna. Quando me lembro disso, sinto realmente muita pena.

— A senhora chegou a conversar com os pais dela?

A professora assentiu. — Várias vezes. Os pais dela frequentemente iam à escola reclamar que a filha estava sendo perseguida por questões religiosas. Nessas ocasiões, eu solicitava a eles que ajudassem Aomame a se enturmar mais com os colegas. Tentar ser um pouco mais flexível em relação aos preceitos religiosos. Mas foi em vão. Para os pais dela, obedecer rigorosamente as crenças religiosas era fundamental. Para eles, a felicidade era alcançar o Reino dos Céus, e a vida na Terra era algo transitório. Mas essa era a lógica dos adultos. Eles não entendiam como é terrível para uma criança ser ignorada e repelida pelos demais colegas; e como isso pode causar uma ferida fatal.

Ushikawa informou que Aomame fora atleta tanto no time de softball da faculdade quanto no da empresa em que trabalhava e que, atualmente, era uma ótima instrutora num clube esportivo de luxo. O correto seria dizer que *estava* trabalhando nesse clube até pouco tempo atrás, mas não precisava ser tão detalhista.

— Que bom — disse a professora, corando levemente. — Ela cresceu bem, tornou-se independente e está com saúde. Saber disso me deixa com menos remorso.

— Há uma coisa que eu não consigo entender — disse Ushikawa, esboçando um sorriso inocente. — Será que no primário Tengo e Aomame não tiveram alguma relação mais próxima?

A professora entrelaçou os dedos e pensou por um tempo. — Pode ser que sim. Mas eu nunca presenciei nada nem ouvi comentários a respeito. A única coisa que posso dizer é que acho difícil imaginar que alguém daquela classe tenha tido algum tipo de relacionamento mais próximo com ela. Tengo pode ter lhe estendido a mão. Ele era uma criança muito gentil e responsável. Mas, mesmo que isso tenha acontecido, Aomame não era uma criança que facilmente abria o seu coração, assim como uma ostra grudada na rocha dificilmente abre a concha.

A professora calou-se por um tempo e depois prosseguiu:

— Lamento ter de dizer isso, mas, naquela época, confesso que não pude fazer nada. Como já disse, eu era inexperiente e não tinha segurança para enfrentar a situação.

— Se o senhor Kawana e a senhorita Aomame tivessem tido algum relacionamento mais próximo, isso teria uma grande repercussão na sala, e a história com certeza chegaria aos seus ouvidos, não é?

A professora concordou:

— A intolerância era comum em ambos os lados.

Ushikawa agradeceu:

— Esta conversa com a senhora será de grande importância.

— Espero que a conversa que tivemos sobre Aomame não seja um obstáculo para que ele receba o auxílio financeiro — disse a professora, preocupada. — Os problemas que ocorreram na sala de aula são de minha responsabilidade. Não é culpa de Tengo nem de Aomame.

Ushikawa balançou a cabeça:

— Não se preocupe. Estou apenas verificando os fatos que podem estar por trás de sua obra literária. Como a senhora já deve saber, as questões que envolvem religião são sempre muito complicadas. O senhor Kawana possui um grande talento e, em breve, se tornará conhecido.

Ao ouvir isso, a professora sorriu satisfeita. Suas pequenas pupilas cintilaram como se tivessem captado os raios solares; uma luminosidade como o brilho da geleira no cume de uma distante montanha. Ushikawa achou que ela estivesse se recordando do menino Tengo. Já haviam se passado mais de vinte anos, mas, para ela, era como se tivesse acontecido ontem.

Enquanto aguardava o ônibus que o levaria até a estação Tsudanuma, num ponto próximo à escola, Ushikawa pensou nas professoras da escola em que estudou. Será que elas ainda se lembram dele? Caso se lembrem, certamente seus olhos não refletiriam um brilho tão carinhoso ao pensar nele.

O que Ushikawa conseguiu verificar e esclarecer era algo muito próximo ao que ele havia imaginado. Tengo era o melhor aluno da classe. E também era um garoto popular. Aomame, ao contrário, era solitária e ignorada por todos. Não havia possibilidade de eles se aproximarem nesse tipo de ambiente. A posição deles era oposta. E Aomame mudou-se de Ichikawa e foi transferida para outra escola. A ligação entre eles foi cortada nesse momento.

Se havia algum ponto em comum entre os dois nesse período, era o fato de terem de obedecer aos seus pais a contragosto. Os fins da pregação e da cobrança eram diferentes, mas ambos eram obrigados a acompanhar os pais nas andanças pela cidade. A situação deles na sala de aula era diametralmente oposta, mas eram igualmente solitários e buscavam desesperadamente *algo*. Algo que os aceitasse incondicionalmente e que os protegesse em seus braços. Ushikawa conseguia imaginar os sentimentos dos dois. Em certo sentido, ele sentia o mesmo.

“Pois então”, pensou Ushikawa, sentado de braços cruzados no assento do trem expresso de Tsudanuma rumo a Tóquio. “Pois então, e agora? O que devo fazer? Por ora, descobri algumas conexões entre Tengo e Aomame. Conexões

interessantes. Mas, infelizmente, elas não podem ser comprovadas.

“Estou diante de um muro de pedra. Um muro com três portas. Preciso escolher uma. Cada porta possui uma placa com um nome. A primeira está escrito *Tengo*, a segunda, *Aomame*, e a terceira, *Velha senhora de Azabu*. Aomame sumiu feito fumaça, sem deixar pistas. A Mansão dos Salgueiros de Azabu está muito bem protegida, como um cofre-forte. Não há como entrar nela. Sendo assim, resta uma única porta.

“De agora em diante, devo ficar grudado em Tengo por algum tempo”, pensou Ushikawa. “Não há alternativa. Eis um exemplo perfeito de como realizar um método de eliminação. Tão perfeito que dá vontade de imprimi-lo em forma de panfleto e distribuir às pessoas. E aí, tudo bem? Venham conhecer um belo exemplo de método de eliminação.

“Tengo sempre foi um jovem adorável. Matemático e escritor. Campeão de judô e o queridinho das professoras do primário. O jeito é usá-lo para conseguir desembaraçar os fios dessa situação complexa. Uma situação extremamente confusa. Quanto mais se pensa no assunto, mais difícil se torna resolvê-lo. Meu cérebro parece um tofu com a validade vencida.

“E Tengo? Será que ele já consegue ver a situação como um todo? Creio que não.” Ushikawa achava que Tengo devia estar lidando com a situação na base da tentativa e erro, apenas indo de um lado para outro. “Ele também deve estar confuso, formulando inúmeras hipóteses. Afinal, é um matemático nato. Um perito em juntar peças e montar quebra-cabeças. Como Tengo está diretamente envolvido nisso, deve ter muito mais peças do que eu.

“Vou vigiar seus movimentos por um tempo. Ele certamente me conduzirá *para algum lugar*. Se tudo der certo, vai me levar até o esconderijo de Aomame.” Ushikawa se gabava de ser como uma rêmora que, uma vez grudada na rocha, jamais se solta. Uma vez decidido a ficar, ninguém era capaz de arrancá-lo de lá.

Ao decidir vigiar Tengo, Ushikawa fechou os olhos e desligou o interruptor do pensamento. “Vou descansar um pouco. Hoje visitei duas escolas e conversei com duas professoras de meia-idade. A bela vice-diretora e a professora que andava como caranguejo. Preciso relaxar os nervos.” Um tempo depois, sua cabeça enorme e deformada começou a balançar lentamente, para cima e para baixo, acompanhando o movimento do trem. Parecia um boneco em tamanho natural que, a qualquer momento, soltaria pela boca um oráculo de mau agouro.

O trem estava lotado, mas nenhum passageiro quis sentar ao seu lado.

Aomame

Não há coerência nem bondade

Na manhã de terça, Aomame escreveu um bilhete para Tamaru, informando que aquele homem que dizia ser cobrador da NHK havia aparecido novamente e batera insistentemente na porta, xingando-a e a insultando aos berros (ou melhor, ameaçando a senhorita Takai, suposta moradora do apartamento). Havia nessa conduta algo de muito estranho. Era necessário tomar cuidado.

Aomame colocou o bilhete dentro de um envelope, lacrou-o e o deixou sobre a mesa da cozinha. No envelope escreveu apenas a inicial T. Os homens que repunham os mantimentos se encarregariam de entregá-lo a Tamaru.

Um pouco antes de uma da tarde, Aomame foi para o quarto, trancou a porta, deitou-se na cama e retomou sua leitura de Proust. Pontualmente à uma, a campainha tocou uma única vez. Um tempo depois, alguém abriu a porta e a equipe de reposição entrou no apartamento. Como de costume, colocaram agilmente os alimentos na geladeira, recolheram o lixo e verificaram os mantimentos do armário. Em quinze minutos a equipe concluiu todas as tarefas predeterminadas, deixou o apartamento, fechou a porta, trancando-a pelo lado de fora. E, novamente, tocaram uma única vez a campainha. O mesmo procedimento de sempre.

Por precaução, Aomame aguardava os ponteiros do relógio marcarem uma e meia para sair do quarto e ir para a cozinha. O envelope não estava mais sobre a mesa e, no lugar, havia um saco de papel com o nome de uma drogaria estampado e um livro grosso intitulado *Enciclopédia do corpo feminino*, que Tamaru havia ficado de providenciar. Dentro do saquinho havia três tipos de testes de gravidez facilmente adquiridos em qualquer farmácia. Aomame abriu as embalagens e leu as respectivas bulas, com as instruções do passo a passo, comparando os três tipos de testes. As informações eram as mesmas. O teste poderia ser realizado a partir de uma semana após o dia em que a menstruação deveria descer. Possuía uma eficácia de 95 por cento, mas, se o resultado desse positivo, isto é, se a pessoa estivesse grávida, a primeira recomendação era marcar logo uma consulta com um médico especialista. As bulas ressaltavam, também, que o resultado indicava apenas a *possibilidade* de gravidez e, portanto, não devia ser considerado conclusivo.

O teste era simples. Bastava coletar a urina num recipiente e colocar uma fita de papel em contato com o líquido. Ou, então, urinar diretamente num bastão e aguardar alguns minutos. Se a cor ficar azul, você está grávida. Se não houver nenhuma alteração, você não está. Ou, se aparecerem duas riscas verticais

numa das janelas, você está grávida; se aparecer uma única, você não está. Apesar de esses métodos possuírem diferenças mínimas entre eles, o princípio era o mesmo. A indicação de gravidez estava diretamente relacionada à presença ou ausência de gonadotrofina coriônica humana na urina.

“Gonadotrofina coriônica humana?”, Aomame franziu as sobrancelhas. Ela era uma mulher com trinta anos e nunca tinha escutado esse termo antes. “Será que, durante todo esse tempo, essa coisa estranha é que estimulava os meus órgãos reprodutores?”

Aomame folheou algumas páginas da *Enciclopédia do corpo feminino* e encontrou a seguinte explicação: a gonadotrofina coriônica humana é um hormônio produzido logo no início da gestação e serve para garantir e proteger o corpo lúteo no ovário. O corpo lúteo produz a progesterona e o estrógeno protege a membrana interna do útero, inibindo a menstruação. Durante essa fase, a placenta vai se formando gradativamente dentro do útero. Entre a sétima e a nona semana de gestação, quando a placenta está completamente formada, o corpo lúteo perde a sua função e, conseqüentemente, a gonadotrofina coriônica humana também deixa de ser produzida.

Em outras palavras, esse hormônio é produzido de sete a nove semanas desde o momento da fecundação. Se considerarmos o tempo de gestação provável, ela estaria num período delicado para a detecção desse hormônio, mas ainda havia a possibilidade de ele ser detectado. Uma coisa era certa: se o resultado desse positivo, ela certamente estaria grávida. Se fosse negativo, o resultado seria incerto, pois havia o risco de o hormônio não estar mais sendo produzido.

Aomame não estava com vontade de urinar. Ela pegou uma garrafa de água mineral na geladeira e bebeu dois copos. Mesmo assim, continuou sem vontade. “Tubo bem”, pensou. “Não preciso me afobar.” Resolveu, então, deixar de lado o teste de gravidez e, sentada no sofá, concentrou-se na leitura de Proust.

Passava das três da tarde quando finalmente sentiu vontade de urinar. Recolheu a urina num recipiente qualquer e mergulhou a tira de papel dentro dele. A cor começou a mudar gradativamente diante de seus olhos e, por fim, tingiu-se de um azul vívido. Uma tonalidade linda, que serviria muito bem como cor de carro. Um conversível pequeno, azul com capota creme. Seria uma delícia conduzi-lo pela orla da praia sentindo os ventos do início do verão. Entretanto, o que esse azul anunciava no banheiro de um apartamento na cidade de Tóquio, numa tarde em plena estação de outono, era o fato de ela estar grávida — ou que as chances eram de 95 por cento. Aomame ficou em pé diante do espelho observando em silêncio a tira azul. Por mais que se detivesse em olhá-la, a cor não se alteraria.

Por precaução, resolveu testar a outra marca. Desta vez, tinha de urinar na extremidade do bastão. Como levaria tempo para ter vontade de urinar, ela mergulhou o bastão no recipiente. A urina era fresca, recém-colhida, e não

haveria tanta diferença entre fazer na hora ou mergulhar o bastão no líquido. O resultado seria o mesmo. Na janela redonda do bastão plástico surgiram nitidamente duas linhas verticais. Também significava que ela “poderia estar grávida”.

Aomame jogou a urina no vaso sanitário e deu descarga. Embrulhou a tira e o bastão com papel higiênico e, os jogou no lixo e lavou o recipiente no banheiro. Depois, foi para a cozinha e tomou mais dois copos de água. “Amanhã, farei o terceiro teste”, pensou. “O número três era um bom número. Primeiro arremesso, segundo arremesso. E, contendo a respiração, vou aguardar o último.”

Colocou água para ferver, preparou um chá preto e, sentada no sofá, retomou a leitura de Proust. Colocou cinco bolachas de queijo no prato para ir mordiscando enquanto bebia o chá. Era uma tarde tranquila. Ideal para leitura. Mas, a despeito de seus olhos seguirem as letras impressas, não conseguia prestar atenção no conteúdo. Precisava ler e reler várias vezes o mesmo trecho. Às vezes desistia e fechava os olhos, imaginando dirigir um conversível azul na orla da praia, a capota aberta. Sentir a brisa com o aroma do mar a balançar-lhe os cabelos. Havia dois riscos verticais na placa da beira da estrada. Eles avisavam: “Atenção. Você pode estar grávida.”

Aomame suspirou e largou o livro no sofá.

Ela sabia muito bem que não era necessário fazer um terceiro teste. Mesmo que o fizesse, o resultado seria o mesmo. Era uma total perda de tempo. “A minha gonadotrofina coriônica está agindo sobre o meu útero: ela está preservando e protegendo o corpo lúteo, inibindo a menstruação e formando a placenta. Estou grávida. A gonadotrofina coriônica humana está ciente disso. Eu também. Sinto claramente essa presença num ponto na parte inferior do ventre. Por enquanto ele ainda é pequeno. Não passa de um pontinho. Mas, com o tempo, a placenta vai se formar em torno dele e aumentar de tamanho. Ele vai receber de mim os nutrientes e crescer gradativamente, imerso num líquido escuro e denso, sem descanso.”

Era sua primeira gravidez. Ela era uma pessoa cuidadosa, e só acreditava no que via com os próprios olhos. Ao fazer sexo, sempre se certificava de que o parceiro usasse camisinha. Mesmo bêbada, nunca se descuidava. Conforme havia dito à velha senhora de Azabu, desde que menstruou pela primeira vez, aos dez anos, nunca falhou nem atrasou sequer dois dias. Suas cólicas eram leves durante o fluxo, que costumava durar alguns dias. A menstruação nunca foi um obstáculo para realizar suas atividades físicas.

Sua primeira menstruação ocorreu meses depois de ter segurado a mão de Tengo na sala da escola primária. Ela sabia que havia uma relação entre os dois acontecimentos. O toque da mão de Tengo teria estimulado internamente seu corpo. Quando informou a mãe que estava menstruando, ela fez uma careta, como se aquilo fosse mais um incômodo que tivesse de suportar. “Veio cedo demais, não?”, disse ela na ocasião. Aomame, no entanto, não se importou com esse comentário. Aquilo era problema dela, e não de sua mãe ou de qualquer outra pessoa. Ela havia dado seu primeiro passo, sozinha, num mundo novo.

Agora estava grávida.

Ela pensou em seu óvulo. “Um de meus quatrocentos óvulos pré-programados — quem sabe um do meio da série — foi fecundado. Isso deve ter ocorrido em setembro, naquela noite do intenso temporal com trovoadas. Naquele dia, matei um homem num quarto escuro, enfiando uma agulha fina e pontuda na altura da nuca em direção à parte inferior de sua cabeça. Mas aquele homem era diferente de todos os outros que matei anteriormente. Ele não só sabia que seria morto, como também queria que isso acontecesse. E eu ofereci o que ele desejava. Não como uma punição, mas como um gesto de compaixão. Em troca, recebi o que queria. Uma troca ocorrida num quarto escuro. Foi naquela noite que, em segredo, deve ter ocorrido a fecundação. *Eu sei disso.*”

“Enquanto eu tirava a vida de um homem com as minhas próprias mãos, uma vida passou a existir dentro de mim. Será que isso também fazia parte do acordo?”

Aomame fechou os olhos e parou de pensar. Ao esvaziar a mente, algo parecia fluir silenciosamente dentro dela. Sem querer, percebeu que estava orando:

Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome;
venha a nós o Vosso Reino. Perdoai nossos pecados. Conceda-nos a Vossa bênção em nossa humilde caminhada. Amém.

“Por que estou orando numa hora dessas, se não acredito no Céu, no Paraíso ou em Deus? Mas essa oração parece esculpida em minha mente. Desde quando eu tinha três, quatro anos, antes de eu entender o significado dessas palavras, fui obrigada a decorá-la. Se eu errasse uma única palavra, eles batiam bem forte na minha mão. Mesmo que normalmente isso não fosse dito, quando acontecia algo, essa oração surgia como uma tatuagem secreta.”

“O que minha mãe diria se soubesse que fiquei grávida sem ter tido relação sexual? Para ela, seria um tremendo sacrilégio contra sua fé.” Afinal, isso não deixava de ser um tipo de gravidez imaculada. Obviamente, Aomame não era mais virgem, mas, mesmo assim... Ou, quem sabe, sua mãe nem se desse ao trabalho de prestar atenção ou dar ouvidos àquilo. “Para ela, eu sou uma tola; um ser humano imperfeito que despençou de seu mundo.”

Aomame tentou pensar na questão de outro modo. Em vez de buscar uma explicação plausível para algo implausível, procurou olhar o fenômeno sob outro ponto de vista, considerando-o como algo por si só enigmático.

Será que considero essa gravidez como uma coisa boa, que merece ser celebrada? Ou será que ela é ruim e indesejada?

Por mais que pensasse, não conseguia chegar a uma conclusão. “Estou numa fase em que o medo me assombra. Estou hesitante e confusa. Dividida. Ainda não consegui enfrentar e digerir essa nova situação.” Ao mesmo tempo, ela

não podia deixar de admitir sua vontade de proteger essa pequena fonte de energia. Independentemente do que fosse, Aomame se sentia zelosa e queria acompanhar o seu crescimento. É claro que havia insegurança e medo. *Isso* era algo que ia além de sua imaginação. Um corpo estranho e hostil, que a devoraria internamente. Algumas possibilidades negativas espocavam em sua mente. Mesmo assim, ela tinha uma curiosidade saudável. E, por fim, um pensamento lhe ocorreu, lançando um raio de luz na escuridão.

O ser que está dentro do meu útero pode ser o filho de Tengo.

Aomame franziu levemente as sobrancelhas e, durante um tempo, pensou nessa possibilidade. “Por que tenho de conceber o filho de Tengo?”

“Vamos tentar pensar na seguinte hipótese: Naquela noite turbulenta, em que vários fatos ocorreram sucessivamente, alguma coisa deve ter acontecido neste mundo, e o sêmen de Tengo alcançou o meu útero. Uma passagem especial — impossível saber por que razão — foi aberta entre os trovões, a chuva intensa, a escuridão e o assassinato. Possivelmente, um fenômeno momentâneo. E nós utilizamos eficazmente essa passagem. Meu corpo aproveitou essa oportunidade para avidamente receber Tengo e, assim, engravidei. Meu óvulo de número 201 ou, quem sabe, o de número 202, acolheu um de seus milhares de espermatozoides. Um único espermatozoide saudável, inteligente e sincero, como quem o produziu.

“É sem dúvida uma ideia disparatada. Sem nenhum fundamento. Por mais que eu tente explicar, ninguém irá acreditar em mim. *Mas minha gravidez é algo inacreditável.* É preciso levar em conta que estou em 1Q84; um mundo onde coisas estranhas podem acontecer.

“E se for realmente o filho de Tengo?”, pensou Aomame.

“Naquela manhã, no acostamento da Rota 3 da Rodovia Metropolitana, eu não consegui puxar o gatilho. Eu estava decidida a me matar e, por isso, fui até lá e coloquei o cano da arma dentro da minha boca. Eu não temia a morte e estava prestes a tirar a minha vida para salvar a de Tengo. Mas alguma força agiu em mim, fazendo com que eu desistisse de morrer. Uma voz longínqua chamava o meu nome. Será que era porque eu estava grávida? Será que alguém estava me avisando que uma nova vida estava dentro de mim?”

Aomame lembrou-se do sonho em que uma mulher elegante, de meia-idade, cobria o seu corpo nu com um casaco. Ela desceu do Mercedes-Benz prateado e trouxe um casaco leve e macio cor de gema de ovo. Ela sabia. Ela sabia que eu estava grávida. E com esse gesto ela carinhosamente me protegeu dos olhares indiscretos, do vento gelado e de todas as outras coisas ruins.

Era um sinal positivo.

Aomame relaxou os músculos faciais e sua expressão voltou ao normal. “Alguém está cuidando de mim, está me protegendo”, pensou Aomame. Mesmo neste mundo de 1Q84, não estou completamente só. Talvez não.

Aomame foi até a janela com a xícara de chá preto já frio. Saiu para a varanda,

afundou-se na cadeira de jardim para não ser vista e ficou observando o parque infantil por entre os vãos do parapeito. Queria pensar em Tengo, mas, naquele dia em especial, não conseguia. A única imagem que lhe vinha à mente era a de Ayumi Nakano. Ela estava feliz e sorrindo. Um sorriso espontâneo, sem segundas intenções. Elas estão no restaurante, sentadas frente a frente, bebendo uma taça de vinho. Estão levemente embriagadas. O excelente Borgonha se misturava ao sangue e suavemente circulava pelo corpo, e o mundo ao redor tingia-se de uma suave tonalidade cor de vinho.

— Pois é, Aomame — disse Ayumi, passando o dedo na borda da taça.

— Acho que não existe nenhuma lógica neste mundo, muito menos bondade.

— Acho que sim. Mas tudo bem. Num piscar de olhos, este mundo irá se acabar — disse Aomame. — E virá o Reino dos Céus.

— Não vejo a hora — disse Ayumi.

“Por que será que disse aquilo?”, pensou Aomame, intrigada. “Por que fui falar aquilo se nem acredito no Reino dos Céus?” Pouco depois, Ayumi morreu.

“Quando aquelas palavras saíram de minha boca, o Reino dos Céus que eu imaginava não era o mesmo que o das Testemunhas de Jeová. Talvez eu tenha dito Reino dos Céus com um significado mais pessoal, e isso explica por que eu disse aquilo de modo tão espontâneo. Mas, afinal, o que é o Reino dos Céus para mim? Que tipo de reino eu acho que vai surgir após a destruição do mundo?”

Aomame apoiou delicadamente a mão sobre o ventre e tentou escutá-lo. Mas, por mais que prestasse atenção, não conseguia ouvir nada.

“Seja como for, Ayumi Nakano foi lançada para fora deste mundo. Ela foi morta num hotel de Shibuya com algemas frias e rígidas a prender-lhe os pulsos, e estrangulada com um cinto de roupão (até onde Aomame sabia, ainda não haviam encontrado o criminoso). Após a autópsia, o corpo de Ayumi foi novamente costurado, levado para o crematório e incinerado. Neste mundo não existe mais o ser humano chamado Ayumi Nakano. Sua carne e seu sangue deixaram de existir. Ela passou a viver apenas na forma de documentos e lembranças.

“Não. Pode não ser nada disso. Ela pode estar viva e saudável no mundo de 1984. Ela ainda reclama que não a deixam andar armada e continua a colocar as multas de infração de trânsito nos para-brisas dos carros. Deve continuar a visitar as escolas secundárias do distrito para ensinar às alunas os métodos contraceptivos: *Garotas, não se esqueçam: sem camisinha, sem penetração.*”

Aomame queria encontrar Ayumi. Talvez, se subisse a escada de emergência da Rodovia Metropolitana, poderia retornar para o mundo de 1984 e revê-la. “Naquele mundo, Ayumi pode ainda estar viva e saudável, e os caras de Sakigake não estarão me perseguindo. Poderíamos ir novamente àquele pequeno restaurante de Nogizaka e tomar uma garrafa de Borgonha. Talvez.”

Subir a escada de emergência da Rodovia Metropolitana?

Aomame voltou o pensamento, como se rebobinasse uma fita-cassete.

“Por que não pensei nisso antes? Minha intenção era descer novamente a escada de emergência, mas não consegui encontrá-la. A escada que deveria estar em frente ao outdoor da Esso havia desaparecido. Talvez, se eu tivesse feito o contrário, poderia ter dado certo. Em vez de descer, deveria ter subido. Deveria ter entrado naquela área embaixo da rodovia, que funcionava como depósito de materiais, e subir até a Rota 3. Devia ter feito o caminho inverso. Era isso que eu devia ter feito.”

Ao pensar nisso, Aomame teve ímpetos de sair imediatamente e ir até a Sangenjaya tentar essa possibilidade. Podia dar certo. Ou não. De qualquer forma, valia a pena tentar. Vestiria o mesmo conjunto de blazer e saia, os sapatos de salto alto e subiria as escadas cheias de teias de aranha.

Mas ela tratou de conter esse ímpeto.

“Não. Não posso fazer isso. Foi por eu estar aqui no mundo de 1Q84 que pude reencontrar Tengo e, provavelmente, estou grávida do filho dele. Não importa o que aconteça, preciso reencontrá-lo neste novo mundo. Quero ficar frente a frente com ele. Até lá não posso deixar este mundo. Aconteça o que acontecer.”

Na tarde do dia seguinte, Tamaru telefonou.

— É sobre o cobrador da NHK — disse Tamaru. — Liguei para a central administrativa da NHK atrás de informações. O encarregado pela cobrança da área de Kôenji diz que não se lembra de ter batido na porta do apartamento 303. Ele disse que já sabia que o pagamento da taxa de recepção era feito por débito automático e que viu o bilhete colado na porta. Disse também que jamais ficaria batendo na porta se existe campainha. E que bater só machucaria sua mão. No dia em que bateram na porta, ele estava fazendo a cobrança em outro distrito. Pela conversa que tivemos, creio que não deve estar mentindo. É um veterano que trabalha há quinze anos no setor, e tem a reputação de ser um homem paciente e gentil.

— Isso quer dizer que... — disse Aomame.

— Isso quer dizer que há uma grande probabilidade de a pessoa que esteve aí não ser um cobrador oficial. Alguém está fingindo ser cobrador da NHK e indo bater na sua porta. A pessoa que falou comigo pelo telefone também estava desconfiada. Se existe alguém se passando por cobrador, é um problema da empresa. O encarregado disse que gostaria de agendar uma visita e verificar o caso pessoalmente. Obviamente, recusei, alegando que, por não ter ocorrido nenhum prejuízo, preferia que o assunto não tomasse grandes proporções.

— Pode ser um psicopata, ou alguém que está me perseguindo.

— Não creio que seja alguém te perseguindo. Fazer aquilo não leva a nada. Muito pelo contrário, faria você se precaver ainda mais.

— Se for um psicopata, por que será que ele escolheu justamente esta porta? Há tantas outras. Estou tomando os devidos cuidados para que a luz, quando estiver acesa, não possa ser vista de fora, e evito fazer barulho. Mantenho

as cortinas sempre fechadas e jamais penduro roupas do lado de fora. Ele parece saber que estou escondida aqui ou, pelo menos, faz questão de insistir que sabe que estou aqui. Faz de tudo para que eu abra a porta.

— Você acha que ele vai voltar?

— Não sei. Se a intenção dele é fazer com que eu abra a porta, creio que vai continuar vindo.

— Isso está te deixando emocionalmente abalada?

— Não estou abalada — disse Aomame. — Mas não é uma situação que me agrada.

— Eu também não estou gostando nem um pouco disso. Realmente, é muito desagradável. Mas o fato é que, mesmo que esse falso cobrador apareça novamente, não podemos chamar a NHK e tampouco a polícia. Mesmo que você consiga me avisar, até eu conseguir chegar aí pode ser que ele já tenha ido embora.

— Acho que consigo resolver isso sozinha — disse Aomame. — Por mais que ele me provoque, eu não pretendo abrir a porta.

— Ele vai usar vários subterfúgios para te provocar.

— Acho que sim — disse Aomame.

Tamaru deu uma leve tossida e mudou de assunto.

— Você recebeu os kits para teste?

— Estou grávida — respondeu Aomame sucintamente.

— Significa que você tinha razão.

— Isso mesmo. Fiz dois testes e os dois deram o mesmo resultado.

Houve um silêncio. Um silêncio como o de uma pedra litográfica em que as letras ainda não foram totalmente esculpidas.

— Não há margem para erros? — indagou Tamaru.

— Eu já sabia disso desde o começo. Os testes apenas comprovaram.

Durante um tempo, Tamaru acariciou a silenciosa pedra litográfica com a ponta dos dedos.

— Preciso perguntar uma coisa, sem rodeios — disse Tamaru. — Você pretende ter essa criança? Ou pretende se desfazer dela?

— Não pretendo me *desfazer*.

— Quer dizer que você vai ter essa criança.

— Se tudo correr bem, ela deve nascer entre junho e julho.

Tamaru calculou mentalmente. — Isso significa que precisamos tomar algumas providências.

— Sinto muito.

— Não precisa se desculpar — disse Tamaru. — Toda mulher possui o direito de gerar o seu filho, e temos de garantir esse direito.

— Parece uma declaração universal dos direitos humanos — disse Aomame.

— Vou te perguntar novamente, para evitar quaisquer dúvidas. Você disse que não tem ideia de quem é o pai, certo?

— Desde junho, não tive nenhuma relação sexual.

— Então seria uma espécie de gravidez imaculada?
— Os religiosos vão ficar bravos se ouvirem isso.
— Se você fizer algo incomum, não importa o que seja, alguém sempre vai ficar bravo — disse Tamaru. — Mas, se você está grávida, deve ser examinada o quanto antes por um médico. Não vai poder ficar enfurnada nesse apartamento durante todo o período da gestação.

Aomame suspirou. — Me deixe ficar aqui até o final do ano. Prometo que não vou mais causar nenhum incômodo.

Tamaru fez um breve silêncio antes de prosseguir.

— Até o final do ano você pode ficar aí. Conforme o combinado. Mas, assim que virar o ano, vamos te transferir para um local menos perigoso, onde você poderá receber os tratamentos adequados. Estamos entendidos?

— Sim — disse Aomame. Mas ela ainda não tinha tanta certeza. Será que teria coragem de deixar aquele local, caso não conseguisse reencontrar Tengo?

— Eu já engravidei uma mulher — disse Tamaru.

Aomame ficou muda durante um tempo. — Você? Mas você é...

— Isso mesmo. Sou gay. Incontestavelmente gay. Desde sempre fui, ainda sou e creio que sempre serei.

— Mas você engravidou uma mulher.

— Todos nós erramos — disse Tamaru, sem nenhuma carga de humor.
— Não vou entrar em detalhes, mas aconteceu quando eu ainda era jovem. Foi uma única vez, um tiro direto e certeiro.

— O que aconteceu com ela?

— Não sei — disse Tamaru.

— Não sabe?

— Acompanhei até o sexto mês de gravidez. Depois, não sei.

— Se ela estava com seis meses, não deve ter abortado.

— Também acho.

— Há uma grande possibilidade de a criança ter nascido.

— Provavelmente.

— Se a criança nasceu, gostaria de conhecê-la?

— Não faço questão — disse Tamaru, sem hesitar. — Não é o meu tipo de vida. E você? Ia querer conhecê-la?

Aomame pensou a respeito. — Eu também fui uma criança abandonada pelos meus pais, por isso não consigo imaginar como seria ter o meu próprio filho. Não tenho um modelo correto a seguir.

— Seja como for, você está pensando em trazer essa criança ao mundo. Neste mundo repleto de violência e contradições.

— É porque estou à procura do amor — disse Aomame. — Mas não é um amor entre mim e a criança. Ainda não estou nesse estágio.

— Mas a criança faz parte desse amor.

— Acho que sim. De certa forma.

— Mas se isso tudo for um engano e você descobrir que essa criança não pertence a esse amor, ela certamente vai se machucar. Como nós.

— Existe essa possibilidade. Mas sinto que não é isso. É uma intuição.

— Respeito a intuição — disse Tamaru. — Mas, quando o ego nasce neste mundo, ele tem de sustentar a moralidade. É bom estar ciente disso.

— Quem foi que disse isso?

— Wittgenstein.

— Vou me lembrar disso — disse Aomame. — Se a criança tiver nascido, quantos anos ela teria hoje?

Tamaru calculou mentalmente: — Dezesete.

— Dezesete anos? — Aomame imaginou uma garota de dezesete anos sustentando a moralidade.

— Vou levar o assunto para a Madame — disse Tamaru. — Ela quer falar diretamente com você. Mas, como sempre costumo dizer, sob o ponto de vista da segurança, não estou muito alegre com essa notícia. Estamos tomando todas as medidas técnicas cabíveis, mas, mesmo assim, o telefone é um meio de comunicação muito arriscado.

— Sei disso.

— Ela está muito apreensiva com o desenrolar dos fatos e se preocupa muito com você.

— Também sei disso. Sinto-me grata.

— Seja prudente. Confie nela e ouça o que ela tem a lhe dizer. Ela é uma pessoa extremamente sábia.

— Farei isso — respondeu Aomame.

“Mas, independentemente disso, preciso aguçar a minha consciência e me proteger”, pensou Aomame. “Não há dúvidas de que a velha senhora de Azabu é uma pessoa sábia. Ela realmente possui um poder imensurável. Entretanto, há coisas que ela não tem como saber. Possivelmente, ela não sabe como funcionam as regras de 1Q84. Ela ainda não deve ter notado que existem duas luas no céu.”

Após desligar o telefone, Aomame deitou-se no sofá e pegou no sono durante trinta minutos. Um sono curto e profundo. Sonhou, mas o sonho era um espaço vazio. Nesse vazio ela pensava sobre várias coisas. Era como estar diante de um caderno em branco escrevendo com tinta invisível. Ao despertar, sua mente guardava uma imagem vaga, e ao mesmo tempo estranhamente nítida: “Eu vou ter esta criança. Esse pequeno ser nascerá com segurança neste mundo.” Um mundo em que, segundo Tamaru, as pessoas devem sustentar a moralidade.

Aomame colocou a palma da mão no ventre e escutou atentamente. Ainda não conseguia escutar nada. Por enquanto.

As regras do mundo estão se afrouxando

Após o café da manhã, Tengo tomou um banho de chuveiro. Lavou os cabelos e fez a barba. Vestiu as roupas que estavam lavadas e passadas. Depois, foi até a estação comprar o jornal matinal no na banca e, em seguida, entrou num bar nas redondezas para tomar um café.

Ao passar os olhos no jornal, nenhuma notícia lhe chamou atenção. O mundo era um local monótono e sem graça. O jornal era daquele dia, mas a impressão era de estar lendo o da semana passada. Assim que terminou, Tengo dobrou o jornal e olhou o relógio de pulso. Eram nove e meia da manhã, e o horário de visitas da casa de saúde começava às dez.

Arrumar as coisas para ir embora era uma tarefa simples. Não trouxera muito: algumas roupas, objetos de higiene pessoal, alguns livros, blocos de papel. Coisas que cabiam numa bolsa de lona. Ele carregou a bolsa no ombro, pagou a conta da pousada e foi à estação pegar um ônibus até a casa de saúde. Era início de inverno. Poucas pessoas iam para a praia logo pela manhã. Ele foi o único que desceu no ponto em frente à casa de saúde.

Como de costume, assim que chegou na recepção, ele anotou o nome e o horário no caderno de registro de visitas. No balcão havia uma mocinha que Tengo via de vez em quando. Seus braços e suas pernas eram exageradamente finos e longos e seus lábios esboçavam um permanente sorriso, como uma aranha bem comportada que orienta os caminhos da floresta. Normalmente, quem ficava na recepção era a enfermeira Tamura, de meia-idade e óculos, mas naquele dia ela não estava. O fato de ela não estar deixou Tengo aliviado. Ele temia que ela insinuasse algo sobre a noite anterior, por ele ter acompanhado Kumi Adachi até a casa dela. A enfermeira Ômura, que costumava espetar a caneta no coque, também não estava. Talvez elas tenham desaparecido, tragadas pela terra. Como as três feiticeiras em *Macbeth*.

Mas isso era impossível. No caso da Kumi Adachi, era o seu dia de folga, mas as outras duas disseram que viriam trabalhar normalmente. Elas provavelmente estariam em algum outro setor.

Tengo subiu as escadas e foi até o quarto de seu pai no primeiro andar. Deu duas batidas de leve na porta e entrou. Seu pai estava deitado na cama e dormia na mesma posição de sempre. No braço havia o soro e, na uretra, um cateter. Nenhuma mudança desde o dia anterior. A janela e as cortinas estavam fechadas. O ar do quarto estava denso e estagnado. Um misto de medicamentos, flores no vaso, respiração do paciente, excreções e demais cheiros que a vida exala

estavam todos concentrados num odor único, indistinto. O fato de estar fraco, com a vida por um fio e inconsciente não alterava o funcionamento de seu metabolismo. O pai continuava do lado de cá da linha divisória que separa a vida da morte e, nesse caso, estar vivo era o mesmo que dizer que ele exalava vários cheiros.

A primeira coisa que Tengo fez ao entrar no quarto foi abrir as cortinas e as janelas. Era uma manhã agradável. Precisava arejar o quarto. O ar estava frio, mas não gelado. Os raios de sol adentravam o quarto e a brisa do mar balançava as cortinas. Uma gaivota, embalada pelo vento, com as pernas elegantemente dobradas, planava sobre os pinheiros. Um bando de pardais pousados em desalinho nos fios de eletricidade mudava constantemente de posição, como se estivesse reordenando notas musicais. Um corvo de bico grande pousou no topo de uma lâmpada de mercúrio e, olhando atentamente ao redor, parecia estar pensando no que faria a seguir. Alguns filamentos de nuvens flutuavam bem alto no céu. De tão distantes e altas davam a impressão de serem elementos abstratos, alheios à vida dos homens.

De costas para o paciente, Tengo observava essa paisagem. Coisas que possuem vida e coisas que não possuem vida. Coisas que se movem e coisas que não se movem. A paisagem que ele contemplava pela janela era a mesma de sempre. Não havia nada de novo. O mundo seguia adiante, pois era preciso avançar. Cumpria sofrivelmente a sua função predeterminada, como um despertador barato. Tengo observava ao acaso aquela paisagem apenas para protelar um pouco mais o momento de estar de frente para o seu pai e ter de encará-lo. Mas não podia protelar indefinidamente.

Finalmente, criou coragem e sentou na cadeira ao lado da cama. Seu pai estava deitado com o rosto voltado para o teto e os olhos fechados. O acolchoado, que lhe cobria o corpo até o pescoço, continuava intacto. Os olhos estavam profundamente encovados. Era como se tivesse perdido uma peça e o globo ocular, não podendo ser sustentado pela órbita, acabasse por afundar dentro de uma cova profunda. Mesmo que seu pai abrisse os olhos, ele certamente só conseguiria ver o mundo como se estivesse no fundo de um buraco.

— Pai — Tengo dirigiu-lhe a palavra.

Seu pai não respondeu. O vento que entrava no quarto repentinamente parou de soprar e as cortinas penderam, como uma pessoa que, de súbito, interrompe o trabalho ao se lembrar de algo importante a fazer. Um tempo depois, como que voltando a si, o vento recomeçou a soprar suavemente.

— Vou voltar para Tóquio — disse Tengo. — Não posso ficar aqui para sempre. Não posso prolongar as férias. Minha vida não é grande coisa, mas tenho minhas coisas para fazer.

Havia uma barba rala nas bochechas de seu pai. Uma barba de dois ou três dias. A enfermeira o barbeava, mas não todos os dias. Fios brancos e pretos se mesclavam. Ele tinha apenas 64 anos, mas aparentava muito mais. Era como se alguém, por engano, avançasse o filme da vida daquele homem.

— Enquanto estive aqui, o senhor não acordou. Segundo o médico, a

resistência do seu corpo não diminuiu e, por mais estranho que possa parecer, seu estado de saúde está muito próximo do normal.

Tengo fez uma pausa e aguardou um tempo para que suas palavras penetrassem em seu interlocutor.

— Não sei se o senhor consegue ouvir a minha voz. Mesmo que ela faça vibrar seu tímpano, pode ser que nesse ponto o circuito esteja interrompido. Ou pode ser que a minha voz alcance a sua consciência, mas o senhor não possa reagir. Isso é algo que jamais saberei dizer. Até agora, conversei com o senhor e li em voz alta porque acho que, de alguma maneira, o senhor pode me ouvir. Se eu não partisse desse princípio, não faria sentido eu ficar aqui conversando com o senhor e, se eu não pudesse ter essa conversa, não faria sentido eu estar aqui. Não sei explicar direito, mas tenho uma leve impressão de que o senhor está me ouvindo. Não digo que totalmente, mas ao menos captando os pontos mais importantes do que digo.

Não houve reação.

— O que vou dizer pode parecer bobagem, mas, como vou voltar para Tóquio e não sei quando retornarei, quero dizer o que penso. Se achar absurdo o que vou dizer, pode rir a vontade. É claro, se o senhor puder rir.

Tengo fez uma pausa e observou o rosto do pai. Continuava sem esboçar nada.

— O senhor está em coma. Perdeu a consciência e os sentidos e está sendo mantido vivo por meio de aparelhos. O médico disse que o senhor era como um cadáver vivo. Logicamente, ele disse isso de um modo indireto. Mas, em termos médicos, o estado em que o senhor se encontra pode ser descrito assim. Mas será que isso não é apenas um *disfarce*? Acho que a sua consciência pode não estar perdida de *verdade*. O senhor está deixando o seu corpo em coma e, enquanto isso, sua consciência está vivendo em outro lugar. Não é de hoje que penso nessa possibilidade. Mas isso não passa de *um pressentimento*.

Silêncio.

— Sei que isso tudo é um tremendo absurdo, talvez, fruto da imaginação. Sei que se eu disser isso para alguém, essa pessoa achará que estou tendo alucinações. Mas não consigo deixar de pensar nisso. O senhor, provavelmente, perdeu o interesse neste mundo. Ficou desiludido e decepcionado e perdeu a razão de viver. Por isso, abandonou seu corpo físico e resolveu viver em algum local diferente. Talvez em seu mundo interior.

Um silêncio ainda mais profundo.

— Tirei férias do serviço, vim até esta cidade, aluguei um quarto numa pousada e diariamente visitei e conversei com o senhor. Já faz quase duas semanas. Mas o objetivo de eu ter feito isso não foi apenas para visitá-lo ou cuidar do senhor. Houve uma época em que eu queria saber de onde eu vim e quem são os meus pais biológicos. Mas, hoje, isso não tem a mínima importância. Eu sou eu, independentemente de possuir ou não alguma relação de consanguinidade com alguém. É o senhor que *considero ser o meu pai*. E é assim que acho que deve ser. Não sei se posso chamar o que sinto como uma

reconciliação. Talvez o mais certo seja dizer que eu me reconciliei comigo mesmo.

Tengo respirou fundo, e abaixou o tom de voz.

— No verão, o senhor ainda estava consciente. Ainda que de modo confuso, sua consciência cumpria a sua função. Naquela época, reencontrei uma menina neste quarto. Ela apareceu *aqui* enquanto o senhor estava na sala de exames. Creio que tenha sido o alter ego dela. Desta vez, o motivo de eu voltar para esta cidade e alongar a minha estadia foi porque achei que poderia reencontrá-la. Esse foi o meu verdadeiro motivo de estar aqui.

Tengo suspirou e colocou as mãos sobre o colo.

— Mas ela não apareceu. Ela foi transportada até aqui por uma coisa que se chama crisálida de ar, uma espécie de cápsula que a protege. Se eu for explicar isso, a conversa vai ficar longa, mas digamos que a crisálida de ar é um produto da imaginação, um objeto da ficção. Mas, agora, ela deixou de ser um objeto da ficção. A linha entre o mundo real e o da imaginação tornou-se imprecisa. Duas luas pairam no céu. E elas também foram trazidas do mundo da ficção.

Tengo olhou o rosto do pai. “Será que ele acompanhava o fio da conversa?”

— Seguindo essa linha de raciocínio, não seria nada estranho se sua consciência tivesse se separado do corpo e passasse a viver livremente em algum outro mundo. Em outras palavras, as regras do mundo que nos cerca estão se afrouxando. Como eu disse anteriormente, tenho um estranho pressentimento. Um pressentimento de que você *realmente esteja fazendo isso*. Como, por exemplo, ir até o meu apartamento em Kôenji e ficar batendo na minha porta. O senhor sabe o que digo, não? O senhor diz que é cobrador da NHK, bate insistentemente na porta, faz ameaças e fica berrando no corredor. Era o que o senhor costumava fazer na época em que fazíamos cobranças em Ichikawa.

Tengo sentiu uma leve alteração na pressão do ar no quarto. As janelas estavam totalmente abertas, mas, de fora, nada que pudesse ser reconhecido como som chegava até ali. A não ser o dos paraísos que, vez por outra, pareciam se lembrar de trinar.

— Uma garota está morando no meu apartamento em Tóquio. Ela não é minha namorada ou coisa do gênero. Circunstâncias fizeram com que ela viesse morar temporariamente comigo. Dias atrás, ela me disse ao telefone sobre um cobrador da NHK. Ela contou que ele bateu na porta e ficou gritando no corredor. Fiquei surpreso em constatar que esse cobrador agia do mesmo jeito que o senhor. Ela ouviu exatamente as mesmas palavras de que eu ainda me lembro. São palavras que eu gostaria de esquecer para sempre. Sabe de uma coisa, acho que esse cobrador é o senhor. Estou errado?

Tengo ficou em silêncio durante trinta segundos e, nesse ínterim, seu pai não mexeu nem um cílio.

— A única coisa que lhe peço é que nunca mais bata na minha porta. Eu não tenho televisão em casa. Aqueles dias que saíamos juntos para fazer as cobranças das taxas de recepção terminaram, fazem parte de um passado remoto.

Quanto a isso, creio que fizemos um acordo, na presença da professora, lembra? Não consigo me lembrar do nome dela, mas era uma professora baixinha, de óculos, responsável pela classe. Você deve se lembrar disso, não? Por isso, pare de bater na minha porta. Não só na minha como de qualquer outra. O senhor não é mais cobrador da NHK e, portanto, não tem mais o direito de incomodar as pessoas.

Tengo se levantou, foi até a janela e contemplou a paisagem. Um idoso vestindo um suéter grosso andava com sua bengala em frente à barreira de pinheiros. Devia estar caminhando. Os cabelos eram grisalhos, ele era alto e de boa postura. Mas seus passos eram desengonçados. Esforçava-se para dar um passo de cada vez, com muita dificuldade, como se tivesse esquecido como se anda. Tengo observou essa cena durante um bom tempo. O velho levou um tempão para atravessar o jardim e desapareceu ao contornar o edifício. Durante todo o trajeto ele parecia sentir muita dificuldade para se locomover. Tengo voltou-se para o pai.

— Não estou te censurando. O senhor tem todo o direito de levar a sua consciência para onde quiser. É a sua vida, a sua consciência. O senhor deve estar agindo conforme o que considera ser o certo, por isso, sei que não tenho o direito de reclamar. Mas o senhor *não é mais cobrador da NHK*. Por isso, pare de bancar o cobrador. Isso não lhe trará a remição.

Tengo sentou no peitoril da janela e tentou encontrar as palavras no pequeno espaço do quarto.

— Não sei como foi a sua vida; quais foram suas alegrias e tristezas. Mas, mesmo que não tenha conseguido realizar algo que gostaria de ter feito, não cabe ao senhor pleiteá-lo batendo na porta dos outros. Ainda que o local lhe seja familiar e que isso é o que de melhor o senhor saiba fazer, entendeu?

Tengo se calou e olhou para o rosto do pai.

— Não é para bater na porta de mais ninguém. É a única coisa que lhe peço. Eu preciso ir. Estive aqui diariamente conversando e lendo livros para o senhor, que está em coma. Creio que, de certa forma, conseguimos nos reconciliar. Isso foi algo que, de fato, aconteceu neste mundo real. Sei que isso não vai lhe agradar, mas acho melhor o senhor voltar novamente para o *lado de cá*. Aqui é o lugar a que você pertence.

Tengo colocou a bolsa no ombro. — Bem, estou indo.

Seu pai continuou com os olhos fechados, em silêncio, e não mexeu o corpo, nem milimetricamente. O mesmo estado de sempre. Mas dava a impressão de estar pensando em alguma coisa. Tengo conteve a respiração e se ateve a observá-lo. Quem sabe ele poderia abrir de repente os olhos e se levantar. Mas isso não aconteceu.

A enfermeira, que tinha os braços e as pernas compridas como as de uma aranha, continuava sentada no balcão de recepção. No peito havia um crachá plastificado escrito “Tamaki”.

— Vou voltar para Tóquio — disse Tengo para a enfermeira Tamaki.

— Sinto muito que seu pai não recobrou a consciência enquanto esteve

aqui — disse ela, tentando reconfortá-lo. — Mas ele deve estar contente de você ter ficado tanto tempo com ele.

Tengo não conseguiu encontrar palavras adequadas para responder a esse comentário. — Por favor, mande lembranças para as demais enfermeiras e diga-lhes que sou muito grato.

Ele acabou não encontrando a enfermeira Tamura, que usava óculos, nem a enfermeira Ômura, de peitos grandes e que enfiava a caneta no coque. Isso o fez se sentir um pouco triste. Elas eram enfermeiras competentes e muito atenciosas com Tengo. Mas talvez tenha sido melhor assim. Afinal, ele estava fugindo sozinho da cidade dos gatos.

Quando o trem partiu da estação de Chikura, Tengo lembrou-se da noite em que passara no apartamento de Kumi Adachi. Havia acontecido apenas um dia antes. A luminária chamativa da Tiffany, o desconfortável sofá do tipo *love chair* e as risadas do programa humorístico do apartamento vizinho. O canto da coruja no bosque, a fumaça do haxixe, a camiseta estampada com o sorriso, o cobertor grosso colocado sobre suas pernas. Nem um dia se passara, mas parecia que essas coisas pertenciam a um longínquo passado. Ele não conseguia entender a perspectiva temporal de sua consciência. Como uma balança instável, as coisas não se acalmavam em nenhum canto de sua memória.

De repente, Tengo se inquietou e olhou ao redor. Será que este é o mundo *real*? Será que eu novamente embarquei numa realidade errada? Tengo perguntou para um passageiro próximo para se certificar de que aquele trem ia para Tateyama. Não havia erro, era o trem certo. Da estação Tateyama ele faria a baldeação para Tóquio, pegando o trem expresso. Estava deixando a cidade litorânea dos gatos.

Ao fazer a baldeação e se acomodar no trem expresso, o sono se apoderou dele, como se já estivesse à espreita. Tengo caiu num sono profundo, como se tivesse pisado em falso em um abismo escuro. As pálpebras fecharam-se naturalmente e sua consciência rapidamente se desligou. Quando despertou, o trem já havia passado a estação Makuhari. Não estava muito quente dentro do trem, mas suas axilas e costas estavam molhadas de suor. Sentiu um gosto desagradável na boca. Um odor parecido com o daquele ar estagnado que ele sentia no quarto de seu pai. Tirou do bolso um chiclete e mascou-o.

“Não voltarei mais àquela cidade”, pensou Tengo. “Pelo menos enquanto meu pai estiver vivo. Mas neste mundo não se pode afirmar nada com total segurança. Pelo menos sei que não há mais nada a fazer naquela cidade litorânea.”

Quando retornou ao apartamento, Fukaeri não estava mais lá. Ele bateu três vezes na porta, aguardou um tempo, e bateu mais duas. Só depois é que virou a chave e abriu a porta. O apartamento estava silencioso e surpreendentemente limpo. As louças estavam guardadas no armário, as mesas e as prateleiras estavam impecavelmente arrumadas e o lixo devidamente recolhido. Havia indícios de que

o chão fora aspirado. A cama estava arrumada e não se via nenhum livro ou disco fora do lugar. As roupas lavadas e secas estavam dobradas sobre a cama.

A bolsa grande de Fukaeri também não estava mais lá. Aparentemente, ela não deixara o local às pressas, para resolver algum imprevisto. Tampouco parecia ter dado uma saída momentânea. Ela resolvera ir embora e, sem se afobar, limpou e arrumou o apartamento com capricho antes de partir. Tengo imaginou Fukaeri sozinha, passando aspirador de pó e limpando os móveis com um pano. Uma cena tão inusitada que era difícil de associar com a imagem que ele fazia dela.

Ao abrir a caixa de correio do hall, encontrou a cópia da chave do apartamento. A contar pelo volume da correspondência, ela havia partido um ou dois dias antes. Fazia dois dias que ele telefonara pela última vez. Fora no período da manhã, e ela ainda estava no apartamento. Na noite anterior ele jantou com as enfermeiras e, depois, aceitou o convite de passar a noite no apartamento de Kumi Adachi. Acabara não telefonando para Fukaeri.

Ele esperava que Fukaeri tivesse deixado alguma mensagem escrita com sua peculiar letra cuneiforme. Mas Tengo não encontrou nada. Ela simplesmente se fora, sem dizer nada. No entanto, ele não ficou surpreso ou chateado com essa atitude. Afinal, ninguém seria capaz de prever seus pensamentos ou ações. Se ela queria vir, vinha, se quisesse ir embora, ia. Era como um gato caprichoso e com forte senso de independência, que age conforme os seus instintos. O que se devia estranhar era o fato de ela permanecer tanto tempo num mesmo lugar.

Na geladeira havia muito mais comida do que ele esperava. Alguns dias antes, ela devia ter saído para fazer compras. Havia um monte de couve-flor cozida. Aparentemente, não fazia muito tempo que havia sido feita. Será que ela sabia que, dentro de um ou dois dias, ele estaria de volta a Tóquio? Tengo sentiu fome e preparou um ovo frito para acompanhar a couve-flor. Tostou o pão, fez um café e tomou duas xícaras.

Em seguida, telefonou para o amigo que assumira as aulas durante sua ausência e lhe disse que as retomaria a partir do início da semana seguinte. O amigo informou-lhe até onde avançara na apostila.

— Você me ajudou muito. Estou te devendo essa — agradeceu Tengo.

— Até que gosto de ensinar. Às vezes até me divirto. Mas, quando ensinamos por muito tempo, a gente começa a se sentir um completo estranho para si mesmo.

Isso era algo que o próprio Tengo sentia, ainda que vagamente.

— Enquanto estive fora, aconteceu algo de diferente?

— Nada de mais. Ah! recebi uma carta para ser entregue a você e a deixei dentro da sua gaveta.

— Carta? — indagou Tengo. — De quem?

— Era uma garota magra, de cabelos lisos e retos na altura do ombro. Ela me procurou e pediu para te entregar a carta. O jeito de ela falar era meio estranho. Acho que é estrangeira.

— Ela estava com uma bolsa grande?

— Estava. Uma bolsa verde. E bem cheia.

Fukaeri ficou com receio de deixar a carta no apartamento. Alguém podia lê-la. Ou roubá-la. Por isso, foi até a escola e a entregou nas mãos do amigo de Tengo.

Tengo agradeceu novamente e desligou o telefone. Já era tarde e não se animou a tomar o trem até Yoyogi para pegar a carta. Faria isso no dia seguinte.

Um tempo depois, lembrou-se de que esquecera de perguntar ao amigo sobre a lua. Começou a discar o número, mas acabou desistindo. Ele já deve ter esquecido isso. No final das contas, Tengo é que deveria resolver isso, sozinho.

Tengo saiu para caminhar a esmo na cidade que anoitecia. O apartamento estava estranhamente quieto com a ausência de Fukaeri, e isso o deixava incomodado. Quando moravam juntos, ele não sentia sua presença. Ele mantinha sua rotina de sempre e ela seguia a dela. Mas o fato de ela não estar mais lá fez com que Tengo percebesse a existência de um vazio em forma humana.

Não significava que ele nutrisse uma atração por ela. Ela era uma garota bonita e encantadora, mas ele nunca sentiu um desejo sexual por ela. O fato de terem morado juntos durante vários dias não o excitava. Por quê? Será que havia algum motivo para ele não sentir desejo por ela? Naquela noite de trovoadas, Fukaeri tivera uma relação sexual com Tengo. Não que ele quisesse, mas ela sim.

O termo exato para descrever o ato que praticaram era “relação sexual”. Ela ficou em cima do corpo adormecido e imobilizado de Tengo e colocou o pênis enrijecido dentro dela. Fukaeri parecia estar fora de si, como uma fada possuída por um sonho obscuro.

Depois disso, continuaram a viver naquele pequeno apartamento como se nada tivesse acontecido. A chuva torrencial parou e, quando amanheceu, Fukaeri parecia ter esquecido o que havia ocorrido na noite anterior. Tengo também não fez questão de tocar no assunto. Ele achou que, caso ela houvesse esquecido, era melhor assim. Tengo também achou que deveria esquecer aquilo. Mas uma dúvida pairava em seu íntimo. Por que Fukaeri fez aquilo? Teria havido algum motivo? Ou foi um tipo de possessão diabólica temporária?

A única certeza de Tengo era que *aquilo não fora um ato de amor*. Fukaeri nutria um carinho espontâneo por Tengo, não havia dúvidas. Mas sentir amor ou desejo sexual era improvável. *Ela não sentia desejo sexual por ninguém*. Tengo não podia afirmar categoricamente, apenas com base em sua capacidade de observação, mas, mesmo assim, ele não conseguia nem imaginá-la ofegante, transando de forma ardente com um homem. Não. Não conseguia nem mesmo imaginá-la praticando um *simples* ato sexual. Era algo que não condizia com a natureza dela.

Tengo caminhou pelo bairro de Kôenji. O dia estava escurecendo e soprava um vento gelado, mas isso não o incomodava. Gostava de pensar enquanto caminhava. E então se sentar diante da mesa e dar forma a essas ideias. Fazia parte de sua rotina. Por isso, não se importava em caminhar na chuva ou no

vento. Chegou em frente ao bar Muguiatama. Como não lhe ocorreu nada para fazer, resolveu entrar e pediu um chope Carlsberg. O bar tinha acabado de abrir, e não havia nenhum cliente. Tengo parou de pensar, esvaziou a mente e tomou tranquilamente a sua bebida.

Mas ficar com a mente vazia era um capricho que Tengo não conseguia manter por muito tempo. Esvaziar a mente era algo tão impossível quanto criar um vácuo na natureza. Ele não podia deixar de pensar em Fukaeri. Ela estava presente em sua consciência como um fragmento de sonho.

Pode ser que ela esteja bem perto. Um lugar que dá para ir andando.

Foram as palavras de Fukaeri. Por isso, naquele dia, ele resolveu sair pela cidade à procura de Aomame. E, naquele dia, ele também entrou neste mesmo bar. O que mais ela lhe disse?

Não precisa se preocupar. Se você não encontrá-la, ela é que vai te encontrar.

Assim como Tengo estava procurando Aomame, ela também o procurava. Tengo relutou em acreditar nisso. Ele estava aflito tentando encontrá-la e, por isso, nem lhe passou pela cabeça que ela também estaria à procura dele.

Eu percebo e você recebe.

Foi o que Fukaeri lhe disse naquela ocasião. Ela possuía a sensibilidade de perceber as coisas e Tengo tinha a função de receptor. No entanto, Fukaeri contava o que percebia somente quando ela achava que devia. Tengo não sabia ao certo se isso era uma questão de regra ou mero capricho.

Tengo se lembrou novamente da relação sexual entre eles. Uma garota bonita de dezessete anos ficou sobre ele, tomou seu pênis ereto e o enfiou bem fundo dentro dela. Seus seios balançavam graciosamente, como um par de frutas maduras. Ela fechou os olhos em êxtase e suas narinas se dilataram excitadas. Seus lábios esboçavam algo que não chegava a se expressar em palavras. Vez por outra, entre seus dentes brancos despontava a ponta da língua rosada. Tengo lembrava com clareza dessa imagem. Seu corpo estava dormente, mas sua consciência, desperta. A ejaculação foi intensa.

Mas, a despeito de ele se lembrar claramente dessa cena, isso não o excitava. Não desejava fazer sexo com ela novamente. Depois daquilo, já haviam se passado três meses sem sexo. Nem ao menos havia ejaculado nesse período. Era algo realmente estranho de acontecer com ele. Era um homem saudável, de trinta anos, solteiro e sexualmente ativo, com desejos que acabavam sendo saciados de alguma forma.

Quando esteve no apartamento de Kumi Adachi e deitou-se na mesma cama que ela, mesmo sentindo os pelos pubianos roçando-lhe a perna, não sentiu desejo sexual. Seu pênis permaneceu mole o tempo todo. Talvez a culpa tenha sido do haxixe, mas, no fundo, sabia que não era isso. Naquela noite de trovoadas, quando ele e Fukaeri fizeram sexo, ela levou *algo* importante de seu coração. Era como se tivesse levado algum móvel do apartamento. Era a impressão que tinha.

Como o quê, por exemplo?

Tengo meneou a cabeça.

Após beber a cerveja, pediu uma dose do bourbon Four Roses e uma porção de castanhas. Como da outra vez.

A ereção daquela noite tempestuosa deve ter sido perfeita demais. Seu pênis estava muito mais duro e maior que o normal. Nem parecia ser o seu pênis de sempre. Era liso, brilhante e, mais que um pênis de verdade, parecia um símbolo conceitual. A ejaculação que se seguiu à ereção foi intensa, viril, e o sêmen jorrou abundante e denso. Com certeza aquele jato atingiu o âmago do útero dela. Talvez tenha atingido um local bem mais profundo. Uma ejaculação perfeita.

Mas, quando alguma coisa sai perfeita demais, sempre existe uma reação. A vida é assim. “Como me senti ao ejacular, após ter tido aquela experiência?” Tengo não conseguia se lembrar. Talvez não tenha ejaculado nenhuma vez desde então. O fato de não se lembrar significava que, caso tivesse ejaculado, teria sido algo de proporção bem menor. Seria como um curta-metragem que passa antes do filme principal. Não havia sentido em comentar uma ejaculação desse tipo. Talvez.

Tengo se perguntava se ele passaria o resto da vida tendo uma ereção de segunda categoria, ou se ainda teria alguma. Com certeza, sua vida seria triste como um longo anoitecer. Por outro lado, poderia ser algo inevitável. Bem, pelo menos ele tivera uma perfeita ereção e uma perfeita ejaculação. Como disse a escritora de *E o vento levou*: se você alguma vez realizou algo de grandioso, já é um *bom* motivo para festejar.

Após beber o uísque, Tengo pagou a conta e saiu novamente pelas ruas. O vento estava forte e o ar ainda mais frio. “Preciso encontrar Aomame antes que as regras do mundo se afrouxem e ele perca grande parte de sua lógica.” O que Tengo mais desejava naquele momento era reencontrá-la. “Se eu não conseguir, que valor teria a minha vida? Ela estava em algum lugar de Kôenji. Isso foi em setembro. Se a sorte ajudar, ela ainda deve estar no mesmo lugar.” Não havia nenhuma prova concreta. Mas, para Tengo, só lhe restava seguir essa possibilidade. Aomame devia estar *em algum lugar* perto dali. E também devia estar tentando encontrá-lo. Como uma moeda dividida em duas partes, cada qual buscando sua cara metade.

Tengo olhou para o céu, mas não viu as luas. “Preciso ir a algum lugar onde eu possa vê-las”, pensou.

É isso o que significa voltar à estaca zero?

A aparência de Ushikawa chamava muita atenção. Era inadequada para espionar ou seguir pessoas. Mesmo que tentasse passar despercebido na multidão, ele se destacava como uma centopeia dentro de um pote de iogurte.

Os demais membros de sua família não eram como ele: além dos pais, tinha dois irmãos — um mais velho e outro mais novo — e uma irmã caçula. O pai administrava uma clínica, e a mãe se encarregava da contabilidade. Tanto o irmão mais velho quanto o mais novo ingressaram na faculdade com notas excelentes e se tornaram médicos. O mais velho trabalhava num hospital de Tóquio, e o mais moço seguiu carreira de pesquisador na mesma faculdade em que se formou. O irmão mais velho assumiria a administração da clínica da família, na cidade de Urawa, quando o pai se aposentasse. Seus dois irmãos eram casados e cada um tinha um filho. A irmã caçula estudou no exterior, formou-se numa faculdade americana e, de volta ao Japão, trabalhava como tradutora e intérprete. Tinha trinta e cinco anos, mas continuava solteira. Todos eram magros, altos e possuíam um rosto oval, de bonita feição.

Dentre os familiares, Ushikawa era, sem dúvida, uma exceção em todos os sentidos, sobretudo na aparência. Era baixo, tinha a cabeça grande e deformada, os cabelos crespos e encaracolados. Suas pernas eram curtas e vergadas como um pepino. O globo ocular era saltado como se estivesse assustado e, em torno do pescoço, havia um estranho, denso e excessivo volume de pele. As sobrancelhas eram enormes e grossas, faltando pouco para se juntarem em um único traço. Pareciam duas enormes taturanas com desejo de se acasalarem. As notas na escola eram geralmente excelentes, mas oscilavam conforme a matéria e eram especialmente ruins quando envolviam atividade física.

Ele sempre foi um “corpo estranho” nessa presunçosa família abastada e orgulhosa de pertencer à elite. Um elemento que perturbava a harmonia familiar; uma nota musical dissonante. Nas fotos em família, ele era o único que claramente destoava. Parecia um intruso inconveniente que entrara de penetra no grupo e casualmente acabara saindo na foto.

A família não se conformava que uma pessoa de aparência tão diferente houvesse surgido entre eles. Mas não havia dúvidas de que ele nascera do ventre de sua mãe (ela se lembrava vividamente das intensas e sofridas dores do parto). Ele não havia sido colocado num cesto e abandonado na frente da porta. Certo dia, alguém mencionou que havia um parente da parte de seu pai que tinha uma cabeça desproporcional que lembrava o boneco da felicidade, o *fukusuke ningyô*.

Esse homem era o primo do avô paterno de Ushikawa. Durante a guerra, esse primo-avô trabalhara numa metalúrgica no distrito de Kôto, mas, na primavera de 1945, morreu num ataque aéreo em Tóquio. Seu pai não o conhecera pessoalmente, mas havia uma foto dele num álbum antigo. Ao verem a foto, todos da família exclamaram em uníssono: “Nossa! É parecido mesmo...”, e foi após essa constatação que, finalmente, eles se convenceram de que Ushikawa pertencia à família. Esse primo-avô era incrível e assustadoramente parecido com ele. Desconfiaram até que um fosse a reencarnação do outro, tamanha a semelhança. Os genes desse tio pareciam ter dado novamente o ar de sua graça.

Se Ushikawa não existisse, a família Ushikawa, da cidade de Urawa, província de Saitama, seria considerada perfeita tanto na aparência quanto em termos curriculares e profissionais. Qualquer um teria inveja dessa família exemplar e fotogênica. Mas, quando Ushikawa saía na foto, as pessoas costumavam franzir levemente as sobancelhas e inclinar a cabeça. Achavam que aquilo era uma brincadeira do destino, que puxara com satisfação o tapete da deusa da beleza. Ou era assim que os seus pais achavam que os outros *certamente pensariam*. Por isso, faziam de tudo para não expô-lo em público e, se isso fosse inevitável, cuidavam para que ele não chamasse a atenção (apesar de ser uma tentativa inútil).

Ushikawa, no entanto, não se sentia particularmente insatisfeito, triste ou solitário com essa situação. Muito pelo contrário. Como ele próprio detestava sair em público, adorava o cuidado que tinham de deixá-lo à sombra. Para os irmãos, era como se ele não existisse, mas o fato de eles o ignorarem também não o afetava. Ele próprio não sentia nenhuma afeição especial por eles. Seus irmãos eram bonitos, sempre tiravam notas altas na escola e, ainda por cima, eram os deuses do esporte e sempre estavam rodeados de amigos. Mas, do ponto de vista de Ushikawa, eles eram indivíduos de natureza irremediavelmente superficial. Mediócras, com estreita visão de mundo, desprovidos de imaginação e preocupados somente com a opinião alheia. Não possuíam o saudável ceticismo necessário para atingir um nível mais elevado de sabedoria.

Como médico de uma clínica do interior, seu pai era razoavelmente bem-sucedido, mas era uma pessoa tão enfadonha a ponto de doer o peito. Assim como naquela lenda em que tudo que o rei tocava se transformava em ouro, tudo o que seu pai falava se transformava em uma conversa insípida como grãos de areia. Mas o fato de seu pai ser uma pessoa de poucas palavras — muito provavelmente, algo involuntário — dissimulava aos olhos da sociedade sua real ignorância o quanto ele era entediante. Sua mãe, ao contrário, era uma tagarela esnobe de marca maior. Era rigorosa em questão de dinheiro, mimada, extremamente egoísta, adorava coisas vistosas e, quando tinha oportunidade, falava mal das pessoas em alto e bom tom. O irmão mais velho puxara o jeito do pai, e o mais novo, o da mãe. A irmã caçula era independente, mas era irresponsável e não tinha nenhuma consideração pelas pessoas. Só pensava em garantir o seu próprio bem-estar. Por ser a caçula, os pais a mimaram em demasia e acabaram por estragá-la.

Não foi sem motivo que Ushikawa passou a juventude praticamente sozinho. Voltava da escola, enfurnava-se no quarto e entregava-se à leitura. Como não tinha amigos, a não ser o seu cachorro, ele não tinha ninguém com quem conversar sobre o que aprendia e tampouco oportunidade de discutir algum assunto. Mas Ushikawa tinha plena consciência de que era uma pessoa racional, com uma lúcida capacidade intelectual, e que se exprimia de modo eloquente. Empenhou-se para lapidar sozinho suas aptidões. Por exemplo, ele lançava uma proposição e a debatia, posicionando-se de ambos os lados. Primeiro, ele argumentava exaustivamente a favor e, depois, passava a negar a proposição, criticando-a e argumentando contra. Em ambos os casos, ele se dedicava à causa com o mesmo desempenho — em certo sentido, com íntegra sinceridade — a ponto de conseguir assimilar e se envolver de corpo e alma no debate. Desse modo, sem se dar conta, ele desenvolveu a capacidade de se tornar cético consigo mesmo. O que para a grande maioria era uma verdade absoluta, para ele não passava de uma verdade relativa. E ele aprendeu. Aprendeu que não há uma distinção nítida entre os valores subjetivos e objetivos, como a maioria acredita existir, e que, se a linha divisória entre eles não é clara, não seria tarefa difícil deslocar intencionalmente esses valores.

Para tornar a lógica e a retórica instrumentos persuasivos e eficazes, ele foi adquirindo todo e qualquer conhecimento. Não importava se o conhecimento seria útil ou não; ou se, naquele momento, ele concordava com o que aprendia. O conhecimento por ele adquirido não se restringia ao que se costuma denominar cultura geral. Ele buscava sempre informações concretas, com forma, peso e passíveis de serem objetivamente constatadas.

Sua enorme cabeça disforme, que lembrava o boneco da felicidade, tornou-se um excepcional receptáculo de informações importantes. Um receptáculo aparentemente feio, mas de grande utilidade. Ele adquiriu um vasto conhecimento, muito superior à média de sua faixa etária. Se desejasse, desbancaria facilmente qualquer um. Não somente seus irmãos e colegas de classe, como também os professores e, inclusive, seus pais. Mas Ushikawa evitava mostrar publicamente seu dom. O conhecimento e a capacidade eram apenas ferramentas e, portanto, não cabia a ele usá-los para se gabar.

O próprio Ushikawa admitia ser como um animal de vida noturna que se oculta na escuridão da floresta à espreita da presa. Sabia aguardar pacientemente o momento certo para atacar. Antes do bote, cuidava em não deixar nenhum vestígio de sua existência. O importante era se ocultar e saber distrair o outro. Desde o tempo do primário ele agia dessa maneira. Nunca dependia dos outros, e tampouco demonstrava seus sentimentos.

Às vezes ele pensava em como seria sua vida caso tivesse nascido com uma aparência um pouco melhor. Não precisava ser bonito nem admirado pela beleza. Bastaria ter uma aparência normal. Uma aparência que não fosse tão feia a ponto de as pessoas que passassem por ele se voltassem para olhá-lo. “Como seria minha vida se eu tivesse nascido com uma aparência normal?”, pensava Ushikawa. Mas o condicional *se* exigia uma resposta que ultrapassava os limites

de sua imaginação. Ushikawa era Ushikawa *demais* para poder especular sobre suposições. A cabeça grande e deformada, as órbitas saltadas e as pernas curtas e arqueadas eram o que o tornava a pessoa chamada Ushikawa: um homem cético, com sede de conhecimento, quieto e, ao mesmo tempo, eloquente.

O menino feio, com o decorrer do tempo, cresceu e se tornou um rapaz feio e, sem se dar conta, tornou-se um homem de meia-idade feio. Em todas as fases de sua vida, as pessoas que passavam por ele na rua frequentemente olhavam para trás para vê-lo. As crianças, porém, olhavam-no descaradamente de frente. Às vezes, Ushikawa achava que deixaria de chamar tanta atenção quando se tornasse um velho feio. Os velhos normalmente são feios e, sendo assim, sua feiura original chamaria menos atenção do que quando era jovem. Mas isso era algo que ele só constataria quando ficasse velho. Por outro lado, havia a possibilidade de ele se tornar o velho mais feio do mundo.

De qualquer modo, fundir-se com a paisagem era algo impossível para ele. Ainda mais que Tengo já o conhecia. Se Ushikawa circulasse perto do apartamento dele e fosse reconhecido, tudo iria pelo ralo.

Em casos assim, Ushikawa costumava contratar um investigador. Desde o tempo em que atuava como advogado, ele mantinha contato com esse tipo de profissional e os contratava de acordo com as necessidades. Muitos desses agentes haviam sido policiais e eram peritos em técnicas de investigação, perseguição e vigilância. Mas, neste caso em particular, Ushikawa preferia não envolver pessoas externas. O problema era delicado demais e envolvia um homicídio, um crime de extrema gravidade. Para falar a verdade, o próprio Ushikawa não sabia ao certo por que tinha de vigiar Tengo.

O que Ushikawa tinha em mente era comprovar a “ligação” entre Tengo e Aomame, mas ele sequer sabia como era o rosto dela. Tentara obter, por vários meios, uma foto, mas fora em vão. Nem mesmo aquele tal de Morcego conseguira obtê-la. Ushikawa chegou a dar uma olhada no álbum de formatura do colegial, mas, na foto tirada com a turma, o rosto dela aparecia pequeno, e a expressão não era nem um pouco espontânea, como se estivesse de máscara. Numa outra fotografia, tirada junto com o time de softball da empresa, ela estava com um boné de aba larga que fazia sombra no rosto. Por isso, caso Aomame passasse por ele, não teria como identificá-la. O que ele sabia era que ela media cerca de um metro e setenta e tinha um porte atlético. Os olhos e as maçãs do rosto possuíam uma característica peculiar. Os cabelos caíam na altura dos ombros. E era esbelta. Mas mulheres com essas características existiam aos montes no mundo.

De qualquer modo, a missão de vigiar Tengo só poderia ser feita por ele próprio. Precisava observá-lo atenta e pacientemente e aguardar que algo acontecesse. E, então, decidir imediatamente como agir. Esse tipo de tarefa, que exigia uma destreza sutil, não podia ser delegada a outro.

Tengo morava no terceiro pavimento de um prédio de concreto armado, bem antigo. No hall de entrada ficavam as caixas de correio dos moradores e, dentre elas, havia uma com o nome de Tengo Kawana. As caixas tinham partes oxidadas e a pintura descascada. Todas possuíam fechadura, mas a maioria ficava destrancada. Como a porta de entrada não tinha chave, qualquer um podia entrar e sair livremente do prédio.

O corredor escuro exalava um odor característico dos prédios antigos. Uma mistura peculiar de umidade, resultante de uma constante e irreparável infiltração, de lençóis velhos lavados com sabão em pó barato, de óleo rançoso de fritura, de folhas de bico-de-papagaio secas e urina de gato proveniente do jardim de ervas daninhas que cresciam na frente do prédio. Quem morava havia muito tempo nesse lugar devia estar acostumado a esse odor, mas, por mais que estivesse habituado, aquilo jamais representaria algum tipo de conforto.

O apartamento de Tengo tinha vista para a rua. Não era exatamente uma rua movimentada, mas não eram poucos os transeuntes que passavam por ela. Havia uma escola primária nas proximidades e, dependendo do horário, a circulação de crianças era grande. Em frente ao prédio havia algumas residências pequenas coladas uma na outra. Eram construções de dois pavimentos, sem jardim. Um pouco adiante havia um bar e uma papelaria para atender principalmente os estudantes do primário. Dois quarteirões à frente havia um pequeno posto policial. Nas redondezas, não havia lugares para se esconder e, caso Ushikawa ficasse parado em frente ao apartamento de Tengo, ainda que ele tivesse a sorte de não ser visto por ele, havia o risco de os vizinhos suspeitarem. Uma pessoa com aparência “incomum” como a dele aumentaria em dois graus o nível de alerta. Poderiam inclusive desconfiar de que ele era um tarado à espreita de crianças, e a possibilidade de chamarem os guardas do posto policial era grande.

Para vigiar uma pessoa, antes de mais nada era preciso encontrar um local adequado. Um local de onde se pudesse observar as atividades da pessoa sem chamar a atenção, e onde houvesse acesso a água e alimentos. O ideal então seria encontrar esse local e, com uma câmera com lente telescópica apoiada num tripé, vigiar o apartamento de Tengo e as pessoas que entravam e saíam dele. Como Ushikawa estava sozinho, era impossível manter a vigilância durante vinte e quatro horas ininterruptas, mas ele daria conta de trabalhar por cerca de dez horas por dia. Porém, encontrar o lugar ideal era uma tarefa difícil.

Mesmo assim, Ushikawa saiu à procura de um, andando pelas redondezas. Ele era um homem que não desistia facilmente. Caminhou até onde seus pés aguentaram, sem descartar nenhuma possibilidade, por mínima que fosse. A persistência era o seu ponto forte. Mas, após caminhar metade do dia de um lado para outro, ele finalmente desistiu. No bairro residencial de Kôenji havia uma grande concentração de prédios baixos espalhados num terreno plano, mas nenhum ponto de observação mais alto. Havia pouquíssimos locais apropriados, e nenhum deles disponível para que Ushikawa pudesse utilizá-lo.

Quando Ushikawa não conseguia encontrar uma solução, ele costumava

tomar um demorado banho morno de ofurô. Ao voltar para casa, portanto, a primeira coisa que fez foi esquentar a água. Uma vez dentro da banheira de polietileno, pôs-se a relaxar enquanto, pelo rádio, escutava o concerto para violino de Sibelius. Não que naquele momento quisesse ouvir Sibelius que, diga-se de passagem, não era exatamente apropriado para se ouvir no fim do dia, mergulhado no ofurô. Os finlandeses talvez gostem de ouvi-lo tomando sauna numa de suas longas noites. Mas num pequeno banheiro modular de um apartamento de dois quartos em Konihata, distrito de Bunkyo, a música de Sibelius era sentimental demais, além de provocar um certo estado de tensão. Mas Ushikawa não se incomodava. Para ele, o importante era ter alguma música ambiente para escutar enquanto tomava banho. Se tocassem o concerto de Rameau, ou mesmo o Carnaval de Schumann, ele escutaria sem reclamar. Mas, naquele dia, por acaso, a FM tocava o concerto de violino de Sibelius. Apenas isso, nada mais que isso.

Como sempre, Ushikawa deixava metade de sua consciência vazia para descansá-la e, com a outra metade, pensava. A música de Sibelius, orquestrada por David Oistrakh, passava pela metade vazia de sua consciência, como uma brisa que atravessa uma porta escancarada e sai por outra. O modo como ele ouvia a música não era algo para se gabar. Se Sibelius tomasse conhecimento de que alguém escutava sua música do modo como Ushikawa o fazia, ele certamente franziria suas enormes sobranceiras e algumas rugas se destacariam em seu pescoço grosso. Mas Sibelius estava morto havia muito tempo, e Oistrakh também pertencia à estatística dos finados. Por isso, Ushikawa sentia-se à vontade para deixar a música fluir de um ouvido a outro sem constrangimento, enquanto, com a outra metade de sua consciência, os pensamentos se perdiam em devaneios.

Nessas horas, ele gostava de deixar os pensamentos fluírem à vontade, sem impor restrições, como cachorros a correr livremente pelo imenso campo. Ele soltava os animais dizendo-lhes que corressem e brincassem à vontade. Ushikawa mergulhava o corpo até o pescoço, estreitava os olhos e deixava-se ficar aéreo enquanto escutava-e-não-escutava a música. Os cachorros corriam soltos pela relva, rolavam as ladeiras, corriam incessantemente um atrás do outro, perseguiram um esquilo e tentavam inutilmente pegá-lo. Quando voltavam cansados de brincar, com os corpos sujos de barro e cheios de capim, Ushikawa acariciava suas cabeças e recolocava as coleiras. Nessa hora, a música já havia chegado ao fim. O concerto de Sibelius durava cerca de meia hora. A duração da música era perfeita. A próxima música anunciada pelo locutor era a *Sinfonietta* de Janáček. Ushikawa já havia escutado o nome dessa música em algum lugar, mas não se lembrava onde. Quando tentou se lembrar, de repente, sua vista ficou embaçada. Era como se uma névoa amarela cobrisse seus globos oculares. Talvez ele tivesse ficado tempo demais no ofurô. Ushikawa desligou o rádio, saiu do ofurô e, com uma toalha envolta na cintura, foi até a geladeira pegar uma cerveja.

Ushikawa morava sozinho nesse apartamento. Antes ele tinha uma esposa e duas filhas. Ele havia comprado uma casa no bairro de Chûôrinkan,

distrito de Yamato, província de Kanagawa. A casa era pequena, mas havia um pequeno jardim gramado e um cachorro. O rosto da esposa era comum, e as filhas eram bonitas. Nenhuma delas felizmente puxara ele, fato que, claro, tirou um peso das suas costas.

No entanto, uma tremenda reviravolta do destino fez com que ele passasse a viver sozinho. Hoje, era até estranho pensar que já tivera uma família e uma casa no subúrbio. Às vezes, ele próprio achava estar enganado, e que inventara inconscientemente seu passado. Mas aquilo aconteceu de verdade. Ele teve uma esposa que compartilhava a sua cama e duas filhas com o mesmo sangue que ele. Na gaveta de sua cômoda havia uma foto de família em que os quatro estão juntos. Nela todos estão sorrindo, felizes. Até o cachorro parecia sorrir.

Era impossível que a família se unisse novamente. A esposa e as filhas moravam na província de Nagoya. E tinham um novo pai. Um pai que as filhas não teriam vergonha de mostrar na reunião de pais e mestres da escola primária. Havia quatro anos que Ushikawa não via as filhas, mas isso não o deixava chateado. Elas sequer lhe mandavam cartas. Ushikawa não parecia lamentar o fato de não encontrá-las. Mas isso não significava que ele não se importasse com elas. A questão era que Ushikawa precisava primeiramente garantir sua própria sobrevivência e, para isso, era fundamental fechar os circuitos de seus sentimentos.

E ele sabia. Sabia que por mais que suas filhas estivessem longe, o sangue dele corria em suas veias. Mesmo que as filhas o esquecessem, seu sangue jamais esquecerá de percorrer seu trajeto. O sangue possui uma memória duradoura. E, no futuro, o *sinál* deste homem cabeçudo como o boneco da felicidade certamente reaparecerá em algum lugar. Em algum local inesperado, num momento inesperado. Quando isso acontecer, as pessoas irão suspirar e se lembrar dele.

Quem sabe Ushikawa presencie essa erupção ainda em vida. Ou não. Tanto faz. Ele sentia satisfação só de pensar que *poderia acontecer*. Não era uma vingança. Era um tipo de satisfação que ele sentia em saber que, quisessem ou não, ele era parte deste mundo.

Ushikawa sentou-se no sofá e esticou as pernas curtas, apoiando-as na mesa de centro e, enquanto bebia a cerveja, de repente lhe veio um pensamento. Podia não dar certo, mas valia a pena tentar. “Por que não pensei nisso antes?”, se perguntou. As coisas simples são as que menos se notam. Não é à toa que dizem que o que está mais perto é o que menos se vê.

Na manhã seguinte, Ushikawa foi novamente para Kôenji, entrou numa imobiliária que ele havia visto no dia anterior e perguntou se não havia algum apartamento vago para alugar no prédio em que Tengo morava. Os corretores disseram que não trabalhavam com aquele imóvel e informaram que quem o administrava era uma outra imobiliária, em frente à estação.

— Mas acho difícil ter algum apartamento para alugar naquele prédio.

O preço do aluguel é razoável, e a localização é boa; é difícil alguém querer sair de lá.

— De qualquer modo, não custa perguntar — disse Ushikawa.

Ele foi até a imobiliária em frente à estação. Quem o atendeu foi um rapaz de pouco mais de vinte anos. Os cabelos eram pretos e grossos e, fixados com gel, ganhavam o formato de um ninho de pássaro exótico. Vestia uma camisa impecavelmente branca, e a gravata era nova. Devia ser recém-contratado. Em seu rosto havia marcas recentes de espinhas. Assim que viu Ushikawa entrando na imobiliária, o rapaz se mostrou um pouco intimidado, mas logo se recompôs e abriu um sorriso profissional.

— O senhor está com sorte — disse o rapaz. — Um casal que morava ali teve um imprevisto familiar e resolveu se mudar de repente e, há uma semana, desocupou o apartamento. Terminaram de limpá-lo ontem à noite e ainda não anunciamos a vaga. O apartamento fica no térreo. O barulho da rua pode incomodar um pouco e há o inconveniente de não bater muito sol, mas, em compensação, a localização é ótima. O único porém é que o proprietário do prédio pretende reconstruir o edifício daqui a quatro ou cinco anos, por isso uma das condições para fechar o contrato é que o locatário desocupe o imóvel seis meses antes das obras. E o prédio não possui estacionamento.

Ushikawa disse que não havia problema. Ele não pretendia ficar tanto tempo e não tinha carro.

— Muito bem. Se o senhor concorda com as condições, pode se mudar amanhã mesmo. Mas suponho que o senhor queira conhecer o apartamento, não?

Ushikawa disse que, sem dúvida, gostaria de ver o apartamento. O rapaz pegou a chave numa das gavetas da mesa e a entregou a ele.

— Eu tenho um compromisso e, se o senhor não se importar, poderia ver o apartamento sozinho? Ele está vazio e, na volta, o senhor pode deixar a chave comigo.

— Combinado — disse Ushikawa. — Mas o que você faria se eu fosse uma pessoa ruim e não devolvesse a chave, ou resolvesse tirar uma cópia para depois roubar o apartamento?

O rapaz se assustou e ficou um bom tempo olhando o rosto de Ushikawa. — Ah! É mesmo. Tem razão. Então, como precaução, o senhor poderia deixar o seu cartão pessoal ou algum outro documento?

Ushikawa tirou da carteira o mesmo cartão de sempre, “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”, e o entregou ao rapaz.

— Senhor Ushikawa — disse o rapaz com uma expressão séria, ao ler o nome escrito no cartão. E, no momento seguinte, desfez a expressão que acabara de esboçar. — É que o senhor não parecia uma pessoa capaz de fazer algo ruim.

— Agradeço a confiança — disse Ushikawa, esboçando um sorriso tão falso quanto o cargo de “Diretor Efetivo” que constava no cartão.

Era a primeira vez que alguém lhe dizia isso. Para Ushikawa, o rapaz devia ter achado a aparência dele chamativa demais para fazer algo ruim. O rapaz podia descrever suas particularidades com muita facilidade. Daria para desenhar,

num piscar de olhos, o seu retrato falado. Se o divulgassem, com certeza o pegariam em menos de três dias.

O apartamento não era tão ruim quanto imaginava. Como o de Tengo ficava dois andares acima, no terceiro pavimento, obviamente era impossível vigiá-lo diretamente, mas poderia observar de sua janela a porta da frente. Poderia controlar a entrada e a saída de Tengo e até tirar fotos do rosto dele com a lente telescópica.

Para garantir o aluguel do apartamento, Ushikawa precisava pagar antecipadamente o valor de dois meses, como garantia, mais um mês de aluguel e dois meses de taxa de gratificação. Apesar de o aluguel não ser tão caro e de o valor da garantia ser devolvido integralmente na rescisão do contrato, o montante não era tão pequeno. Como precisara pagar o Morcego, as economias de Ushikawa estavam escassas. Mas, na atual situação, precisava alugar esse apartamento, de qualquer forma. Não havia outra saída. Ushikawa voltou para a imobiliária e assinou o contrato de locação, fazendo o pagamento em dinheiro, que havia providenciado de antemão. O contrato foi feito em nome da “Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. Ushikawa ficou de entregar posteriormente a cópia do registro da empresa. O rapaz não parecia preocupado com a papelada. Assim que Ushikawa assinou o contrato, ele novamente lhe entregou a chave.

— Senhor Ushikawa, se o senhor quiser, pode se mudar hoje mesmo. Luz e água já estão ligadas, mas, quanto ao gás, peço que entre em contato diretamente com a companhia fornecedora, pois será necessário que o próprio locatário solicite a ligação. O que o senhor pretende fazer com o telefone?

— O telefone eu mesmo providencio — disse Ushikawa. Contratar uma linha com a companhia telefônica era muito trabalhoso, e os técnicos precisariam entrar no apartamento. O mais prático seria usar o telefone público que havia perto dali.

Ushikawa retornou para o apartamento recém-alugado e fez uma lista de coisas de que precisava. Felizmente, o antigo morador havia deixado as cortinas. Eram de estampas florais, velhas e desbotadas, mas, não importando em que estado estivessem, era imprescindível tê-las para sua atividade de vigilância.

A lista não era tão longa. Os itens mais importantes eram comida e bebidas. Uma câmera com lente telescópica e um tripé. Além de papel higiênico e saco de dormir; uma lata de querosene e um botijão de gás pequeno, lampião, um fogão de camping, faca para cortar frutas, abridor de lata, saco de lixo, produtos básicos de higiene, barbeador elétrico, toalhas, lanterna, rádio transistor. Algumas poucas peças de roupas e um pacote de cigarros. Era isso. Não precisava de geladeira, mesa ou cobertor. Já era uma sorte estar abrigado da chuva e do vento. Ushikawa foi para o seu apartamento pegar uma câmera fotográfica *reflex* com uma objetiva, a lente telescópica, uma quantidade grande de filmes. Acondicionou o material fotográfico dentro de uma bolsa própria para transportá-los. Colocou os demais itens numa bolsa de viagem e, aqueles que faltavam, comprou na rua comercial em frente à estação Kôenji.

Na janela do quarto de seis tatames, Ushikawa armou o tripé, instalou um modelo novo de câmera automática da Minolta, atarraxou a lente telescópica e ajustou manualmente o foco para captar o rosto das pessoas que entravam e saíam do prédio. Fez uma proteção de papel grosso para envolver a extremidade da lente e evitar que brilhasse ao refletir a luz do sol. A ponta da cortina ficava um pouco levantada e, de fora, dava para ver vagamente um pedaço desse tubo de papel. Mas ninguém repararia nisso. Ninguém jamais imaginaria que alguém estivesse tirando secretamente fotos da entrada de um prédio sem nenhum atrativo.

Para testar a câmera, Ushikawa fotografou algumas pessoas que entravam e saíam do prédio. Graças ao motor de acionamento, era possível tirar até três fotos de uma pessoa com apenas um disparo. Ele envolveu a câmera com uma toalha para abafar o som do disparo. Assim que terminou uma bobina de filme, levou-a até um estúdio fotográfico perto da estação. Era só entregar o filme para o atendente para que a máquina as revelasse automaticamente. A máquina revelava rapidamente uma grande quantidade de fotos e, por isso, ninguém prestaria atenção em suas imagens.

As fotos até que saíram boas. Não em termos de qualidade artística, mas dava para o gasto. Os rostos das pessoas que entravam e saíam do prédio estavam nítidos, a ponto de poderem ser facilmente identificados. Na volta do ateliê fotográfico, Ushikawa comprou uma garrafa de água mineral e uma lata de pêssegos. Na tabacaria, comprou um maço de Seven Stars. Ele segurou o pacote de compras junto ao peito e, tentando esconder o rosto, voltou ao apartamento e sentou-se novamente junto à câmera para vigiar a entrada do prédio, enquanto bebia água. Após comer o pêssego enlatado, fumou alguns cigarros. No apartamento havia eletricidade, mas, por algum motivo, não havia água na torneira. Fazia um barulho esquisito no fundo do cano, mas não saía nenhuma gota. Talvez levasse um tempo para funcionar. Pensou em avisar a imobiliária, mas, como ele não queria sair novamente, resolveu aguardar mais um tempo para ver o que acontecia. Como não podia usar a descarga, urinou dentro de um balde velho que alguém da faxina havia esquecido.

O precipitado anoitecer do início de inverno escureceu por completo o interior do quarto, mas, mesmo assim, Ushikawa não acendeu a luz. A escuridão da noite era algo que particularmente lhe agradava. A lâmpada da entrada acendeu e ele continuou a observar as pessoas que passavam sob a luz amarela.

Ao anoitecer, a quantidade de pessoas que entravam e saíam do prédio aumentou, mas não muito. O prédio era pequeno. Mas nada de Tengo. Ushikawa também não viu nenhuma mulher que pudesse ser Aomame. Era justamente o dia da semana em que Tengo costumava dar aulas na escola preparatória. No final da tarde, porém, ele deveria estar de volta. Após o trabalho, era muito raro ele sair para algum outro lugar. Em vez de comer fora, ele preferia preparar a própria refeição e comer sozinho, lendo um livro. Ushikawa sabia disso. Mas, nesse dia, Tengo estava demorando muito para voltar. Talvez tivesse combinado de sair com alguém, após as aulas.

No prédio moravam diversos tipos de pessoas de diferentes faixas etárias. Havia jovens e solteiros que trabalhavam em empresas, universitários, casais com filhos pequenos e até idosos que moravam sozinhos. As pessoas inocentemente passavam diante de sua lente telescópica. A despeito das idades e das fases da vida, todos pareciam cansados e insatisfeitos com a rotina que levavam. Desejos desbotados, ambições esquecidas, sentimentos desgastados e um espaço vazio onde imperava o sentimento de conformismo e apatia. Os rostos eram sombrios e os passos pesados, como se estivessem sob o efeito de anestesia, aplicada duas horas antes, para a extração de um dente.

Podia ser uma interpretação equivocada de Ushikawa. Alguns, na verdade, podem levar uma vida plena e feliz. Ao abrir a porta do apartamento, podemos encontrar um paraíso pessoal surpreendente. Ou poderiam ser pessoas que optaram por uma vida simples e modesta para fugir do fisco. Isso era plausível. Mas, como meros transeuntes que atravessavam as lentes telescópicas da câmera, eles não passavam de cidadãos sem perspectiva de conquistar uma vida melhor, presos a um apartamento barato, prestes a ser demolido.

No final das contas, Tengo não apareceu, e tampouco apareceu alguém que poderia ter alguma ligação com ele. Quando o relógio marcou dez e meia, Ushikawa resolveu descansar. Era o primeiro dia, e as condições ainda não estavam totalmente satisfatórias. Ainda teria muito tempo pela frente. “Por hoje chega”, pensou Ushikawa. Esticou lentamente o corpo para relaxar a tensão concentrada em algumas partes. Comeu um pão doce recheado de feijão azuki e tomou o café que trouxera na garrafa térmica, servindo-o na tampa. Ao abrir a torneira da cozinha, a água começou a sair. Ele lavou o rosto com sabonete, escovou os dentes e urinou longamente. Fumou um cigarro encostado na parede. Sentiu vontade de tomar um gole de uísque, mas, enquanto estivesse ali, decidiu não beber uma gota de álcool.

Depois, ficou somente com a roupa de baixo e se enfiou no saco de dormir. O frio fez seu corpo tremer por um tempo. Durante a noite, o quarto vazio ficou bem mais frio do que imaginava. Talvez fosse necessário providenciar um aquecedor elétrico portátil.

Sozinho, enquanto tremia de frio dentro do saco de dormir, veio-lhe à mente o tempo em que morava com a esposa e as filhas. Não que sentisse saudades daqueles tempos. A lembrança surgiu apenas para contrastar com sua situação atual. Mesmo quando moravam juntos, Ushikawa sempre se sentiu só. Ele nunca se abria com as pessoas e algo lhe dizia que aquele tipo de vida era apenas transitório. No fundo, ele sempre achou que, mais dia menos dia, tudo aquilo seria facilmente destruído. Levava uma vida atribulada como advogado, tinha um alto salário, uma casa no bairro de Chûôrinkan, uma esposa cuja aparência não era ruim, duas filhas que frequentavam uma escola primária particular e um cachorro com pedigree. Por isso, quando sua vida desmoronou em consequência de diversos e sucessivos acontecimentos, e ele acabou sozinho e abandonado, o que de fato sentiu foi um grande alívio. Finalmente não tinha mais nada com que se preocupar. Estava voltando para a estaca zero.

É isso o que significa voltar à estaca zero?

Dentro do saco de dormir, Ushikawa encolheu o corpo como uma larva de cigarra e ficou olhando para o teto. Ao permanecer por muito tempo nessa posição, suas articulações começaram a doer. Ele estava tremendo de frio, tinha acabado de comer um pão doce de feijão azuki em vez de jantar, durante horas vigiou a entrada daquele prédio barato que seria demolido, fotografou pessoas sem nenhum atrativo e mijou num balde usado para a limpeza do apartamento. *É isso o que significa voltar à estaca zero?* Lembrou-se então de que havia se esquecido de fazer uma coisa. Saiu do saco de dormir rastejando como uma lesma, jogou a urina do balde na privada e apertou a descarga. Ele não queria ter de sair do saco de dormir, que estava começando a ficar quente. Chegou a pensar em fazer isso depois, mas só de pensar na confusão se, sem querer, ele tropeçasse no balde no meio da escuridão, achou melhor não protelar. Depois de dar a descarga, voltou para o saco de dormir e ficou novamente tremendo de frio por um tempo.

É isso o que significa voltar à estaca zero?

Talvez fosse exatamente isso. Ele não tinha mais nada a perder. A não ser a própria vida. Tudo muito simples. Envolto na escuridão, Ushikawa esboçou um gélido sorriso, frio e cortante como uma lâmina bem afiada.

Aomame

Esse meu ser pequenino

Aomame passava grande parte do tempo sentindo-se confusa como se estivesse vivendo às cegas. Ela não tinha ideia do que poderia lhe acontecer neste mundo de 1Q84, em que a lógica e o conhecimento adquirido não eram mais válidos. Mas algo lhe dizia que ela viveria por mais alguns meses, até dar à luz a criança. Era apenas uma intuição. Porém, uma intuição bem próxima da certeza. Ter a criança parecia ser uma condição para que todas as coisas continuassem a avançar. Era essa a impressão que tinha.

Aomame lembrava as últimas palavras ditas pelo Líder de Sakigake:

— Você ainda terá de superar uma prova muito dura. Ao passar por ela, certamente conseguirá enxergar as coisas como elas realmente são.

Ele sabia de *algo*. Algo muito importante. E tentou transmiti-lo, ainda que de modo ambíguo e vago. A prova a que ele se referia poderia ter sido o fato de ela ter chegado muito perto da morte. Com a intenção de me matar, fui até a placa da Esso com uma pistola na mão. Mas voltei para cá, sem o fazer. Foi então que descobri estar grávida. Isso também pode ter sido algo predeterminado.

No início de dezembro, os ventos sopraram intensos durante as primeiras noites. As folhas se desprendiam da zelkova e eram lançadas com violência contra a tela de plástico que cobria o anteparo da varanda, soltando um som seco, agressivo. Ventos gelados sopravam por entre os galhos nus, transmitindo advertências. Os corvos começaram a grasnar de modo muito mais acentuado e agudo. O inverno havia chegado.

Sua crença de que seu útero abrigava o filho de Tengo foi se tornando cada vez mais forte com o transcorrer dos dias, até que se tornou algo dado como certo. Ainda não havia argumentos coerentes para convencer outras pessoas, mas para ela aquilo estava claro. Era óbvio.

Se fiquei grávida sem ter mantido relação sexual, de quem a criança poderia ser, senão de Tengo?

Desde o mês de novembro seu peso aumentara. Apesar de ela não sair do apartamento, diariamente praticava exercícios regulares de modo comedido e passou a fazer uma rigorosa dieta. Desde os vinte anos, seu peso nunca passou dos 52 quilos, mas, num certo dia a agulha da balança marcou 54 e, desde então, o peso nunca mais diminuiu. Seu rosto parecia um pouco mais arredondado. Certamente, *esse ser pequenino* está pedindo que sua mãe o deixe crescer.

Ela e esse ser pequenino continuavam a observar o parquinho à noite. Esperam ver a silhueta de um jovem grande sentado sozinho no topo do escorregador. Aomame observava as duas luas pairando uma ao lado da outra no céu de início de inverno, enquanto acariciava suavemente seu ventre sobre o cobertor. De vez em quando, lágrimas escorriam sem nenhum motivo. Notou-as quando as gotas deslizavam pela face, caindo no cobertor sobre o colo. Talvez estivesse se sentindo sozinha ou insegura. Ou com uma sensibilidade maior por causa da gravidez. Ou, quem sabe, tivesse sido o vento gelado que estimulava suas glândulas lacrimais. Fosse o que fosse, Aomame deixou as lágrimas caírem à vontade, sem a preocupação de enxugá-las.

Quando se chora até um certo ponto, as lágrimas se esgotam. Aomame continuava sua vigília solitária. “Não. *Não estou mais tão só*”, pensava. “Dentro de mim existe *esse ser pequenino*. Nós somos dois. Nós dois estamos vendo as duas luas, aguardando Tengo aparecer.” De vez em quando, Aomame pegava o binóculo e focava o topo do escorregador vazio. Em outras, pegava a pistola para sentir seu peso e seu toque. “Agora, tenho o dever de me proteger, de reencontrar Tengo e de enviar nutrientes para *este ser pequenino*”.

Certo dia, enquanto observava o parque infantil enfrentando os ventos gelados, Aomame percebeu que ela acreditava em Deus. Ela *descobriu* essa verdade de maneira inesperada. Foi como se a sola de seus pés encontrassem o chão firme no fundo de um lamaçal. Uma sensação inexplicável, um conhecimento que jamais imaginara existir dentro dela. Desde que se entendia por gente, ela sempre odiara tudo o que fosse relacionado a Deus. Talvez seria mais correto dizer que ela rejeitava todas as pessoas e sistemas que interferiam em sua comunicação com Ele. Durante muitos anos, considerava essas pessoas e sistemas como sendo o próprio Deus. Odiar essas *pessoas* era o mesmo que odiar Deus.

Desde o dia em que nasceu, *elas* estavam ao se redor. Em nome de Deus, passaram a controlá-la, davam-lhe ordens e a encurralavam. Em nome de Deus, usurparam seu tempo e sua liberdade, prendendo seu coração com pesadas algemas. Elas pregavam a bondade de Deus, mas pregavam em dobro a ira e a intolerância de Deus. Aos onze anos, quando tomou consciência disso, finalmente conseguiu escapar desse mundo. Em compensação, precisou sacrificar muitas coisas.

“Se não existisse Deus neste mundo, minha vida teria uma luz muito mais intensa, seria muito mais espontânea e rica”, era o que Aomame costumava pensar. “Eu poderia ter sido uma criança comum, com muitas e belas lembranças, se o meu coração não fosse constantemente atormentado pela raiva e pelo medo. Minha vida hoje seria muito mais construtiva, tranquila e plena.”

Mas, enquanto observava o parque vazio por entre os vãos da amurada, com a mão sobre o ventre, Aomame não podia deixar de admitir que, lá no fundo, ela acreditava em Deus. Quando rezava mecanicamente, juntando as mãos, ela confiava em Deus numa área fora dos limites de sua consciência. Era

uma sensação impregnada em seus ossos, uma sensação que a razão e os sentimentos eram incapazes de afugentar. Algo que nem mesmo o ódio e a raiva seriam capazes de destruir.

“Mas esse Deus não era o Deus dessas *pessoas*. Era o *meu* Deus. Um Deus que encontrei após sacrificar minha própria vida, deixar cortar minha carne, tirar minha pele, sugar meu sangue, arrancar minhas unhas e usurpar meu tempo, meus desejos e minhas lembranças. Um Deus que não possui forma. Ele não está vestindo roupas brancas e sua barba não é comprida. O meu Deus não possui uma doutrina, uma escritura sagrada, e tampouco rígidos preceitos a serem seguidos. Não há recompensas nem castigos. Não oferece nada nem tira nada. Não há um paraíso a ser alcançado nem inferno para se despençar. Tanto no calor quanto no frio, Deus simplesmente *está presente*.”

Aomame costumava se lembrar do que o Líder de Sakigake lhe dissera um pouco antes de morrer. Ela jamais esquecerá aquela voz de barítono. Assim como jamais esquecerá a sensação de enfiar a agulha em sua nuca.

Onde houver a luz existirá a sombra, e onde houver a sombra existirá a luz. Não existe sombra sem luz nem luz sem sombra. Não se sabe se o que denominamos Povo Pequeninino pode ser considerado bom ou ruim. De certa forma, é algo que está aquém de nossa capacidade de compreensão e definição. Convivemos com eles desde os tempos imemoriais, muito antes de existir a concepção do bem e do mal; desde o tempo em que se desconhecia a consciência humana.

Deus e o Povo Pequeninino são existências antagônicas? Ou são lados de uma mesma coisa?

Aomame não tinha resposta. A única coisa que ela sabia era que dentro dela havia um *ser pequeninino* que precisava ser protegido a todo custo e que, para isso, ela precisava acreditar na existência de um Deus. Ou aceitar o fato de que acreditava em Deus.

Aomame refletiu sobre a existência de Deus. Deus era uma entidade que não tinha forma, mas ao mesmo tempo podia assumir qualquer forma. A imagem que ela tinha Dele era a de uma Mercedes-Benz coupé de linhas aerodinâmicas. Um carro novo em folha, que acabou de sair da concessionária. Uma senhora distinta e elegante de meia-idade que sai do carro em plena Rodovia Metropolitana. Ela cobre o corpo nu de Aomame com um belo casaco de meia-estação, protegendo-a do vento gelado e dos olhares alheios. E, sem dizer nada, ela volta para o coupé prateado. Ela sabia. Sabia que Aomame estava com um bebê dentro dela. E que precisava protegê-lo.

Aomame passou a ter um novo tipo de sonho. Nele, ela está confinada num quarto todo branco. Um quarto pequeno, de formato cúbico. Não existem

janelas. Apenas uma porta. Há uma cama simples, sem adornos, e ela está deitada sobre ela. A luz sobre a cama ilumina sua barriga, enorme como uma montanha. Não parece ser parte de seu corpo. Mas não há dúvidas de que a barriga é sua. A hora do parto está próxima.

O quarto é vigiado pelo rapaz de cabelo rente e o de rabo de cavalo. Os dois estão certos de que desta vez não vão falhar. Na vez anterior eles falharam. Agora, precisam recuperar a reputação. A função deles é não deixar Aomame sair do quarto e não permitir que ninguém entre. Eles estão aguardando *esse ser pequenino* nascer. Assim que nascer, irão tirá-lo dela.

Aomame tenta gritar. Pede desesperadamente por socorro. Mas esse quarto fora construído com um material especial. As paredes, o chão e o teto absorvem instantaneamente todos os sons. Nem a própria voz ela consegue ouvir. Ela pede para que a senhora da Mercedes venha salvá-la. Salvar ela e *esse ser pequenino*. Mas sua voz é tragada pelas paredes brancas do quarto.

Esse ser pequenino absorve os nutrientes de seu cordão umbilical e está crescendo. Está querendo sair dessa escuridão morna e chuta a parede do útero. Ele deseja a luz e a liberdade.

O rapaz alto de rabo de cavalo está sentado ao lado da porta. Com as mãos sobre o colo, observa atentamente um ponto no espaço. Talvez uma nuvem pequena e densa possa estar flutuando naquele espaço. Ao lado da cama está o rapaz de cabelo rente. Os dois vestem o mesmo conjunto de paletó e calça pretos. De vez em quando, o rapaz de cabelo rente olha o relógio de pulso, como se aguardasse um trem importante na estação.

Aomame percebe que não consegue mexer os braços e as pernas. Não pareciam estar amarrados, mas, mesmo assim, não consegue movê-los. Não sente a ponta dos dedos. Pressente as dores do parto. Era como se o fatídico trem estivesse se aproximando no horário previsto. Ela conseguia escutar o sutil tremor dos trilhos.

Nesse ponto, ela acordava.

Para tirar o cheiro desagradável de suor, Aomame tomava um banho e trocava de roupa. Jogava as roupas úmidas na máquina de lavar. Ela não queria ter esse tipo de sonho, mas ele era recorrente. O sonho apresentava algumas mudanças, mas o espaço e o final eram sempre os mesmos: um quarto branco de formato cúbico; as dores que indicavam a aproximação do trabalho de parto; os dois rapazes de terno impessoal preto.

Eles sabem que Aomame possui um *ser pequenino* dentro dela. Ou, se ainda não sabem, logo saberão. Ela está convicta de que, caso seja necessário, não hesitaria em descarregar suas balas 9 mm no rapaz de cabelo rente e no de rabo de cavalo. O Deus que a protege, dependendo do caso, pode se tornar um Deus sangrento.

Alguém bate na porta. Aomame está sentada no tamborete da cozinha e na mão direita segura a pistola com a trava de segurança solta. Lá fora, uma chuva gelada

persiste em cair desde a manhã. O aroma da chuva de inverno envolve a Terra.

— Senhorita Takai, boa tarde! — disse o homem no outro lado da porta, interrompendo momentaneamente as batidas. — Aqui quem fala é o seu conhecido cobrador da NHK. Sinto ter de incomodá-la, mas aqui estou novamente para cobrar as taxas de recepção. Senhorita Takai, a senhorita está aí, não?

Aomame olha para a porta e diz, sem emitir sons. “Saiba que nós telefonamos para a NHK. Sabemos que você não passa de *alguém* tentando se passar por cobrador da NHK. Afinal, quem é você? E o que quer?”

— As pessoas precisam pagar o preço das coisas recebidas. É uma regra básica estipulada pela sociedade. A senhorita recebeu as ondas de transmissão. Portanto, deve pagar a taxa de recepção. É injusto somente receber e não querer pagar por ela. Está agindo como uma ladra.

A voz do homem ecoava alta e nítida pelo corredor. Era uma voz rouca, mas claramente audível.

— O motivo que me traz aqui não é de modo algum pessoal. Não estou com raiva nem tentando castigá-la. Longe de mim. O fato é que, por natureza, sou uma pessoa que não admite injustiças. As pessoas precisam pagar pelo que recebem. Senhorita Takai, enquanto a senhorita não abrir a porta, saiba que voltarei aqui várias e várias vezes e continuarei a bater. Creio que a senhorita não deseja isso. Não sou nenhum *velho* gagá incapaz de dialogar. Se conversarmos, certamente chegaremos num consenso. Senhorita Takai, por favor, poderia fazer a gentileza de abrir a porta?

Novamente ele bate com insistência durante um tempo.

Aomame segura firmemente a pistola, com as duas mãos. “Este homem sabe que estou grávida.” Ela sente o suor brotar das axilas e na ponta do nariz. “Não importa o que aconteça, jamais abrirei a porta. Caso ele tenha a cópia da chave ou utilize alguma ferramenta ou algum meio para forçar a entrada, não importa se ele é cobrador da NHK ou não, vou descarregar todas as balas no estômago dele.”

“Não. Isso não vai acontecer”, e ela sabia. “Eles não podem abrir a porta. Ela tem um mecanismo que só permite abri-la pelo lado de dentro, é impossível abri-la pelo lado de fora. É por isso que ele está com raiva e falando pelos cotovelos. Ele usa as palavras para tentar me desequilibrar emocionalmente e me deixar vulnerável.”

Passados dez minutos, o homem se foi. Depois de berrar inúmeras ameaças, de zombar dela, de usar sua astúcia para tentar fazer uma conciliação e, pouco depois, voltar a xingar e, por fim, avisar que voltaria em breve.

— Senhorita Takai, saiba que não conseguirá fugir para sempre. Enquanto a senhorita estiver recebendo os sinais de transmissão, eu sempre voltarei aqui. É isso mesmo, não sou um homem que desiste fácil. Esse é o meu jeito de ser. Em breve nos veremos de novo.

Não é possível ouvir os passos desse homem. Mas ele não está mais diante da porta. Aomame se certifica observando pelo olho mágico. Ela aciona a

trava de segurança da pistola e vai até o banheiro lavar o rosto. Suas axilas estão ensopadas de suor. Ao trocar a camiseta por uma limpa, parou diante do espelho para observar seu corpo nu. A barriga ainda não estava grande o suficiente para chamar a atenção. Mas, lá no fundo, ocultava-se um segredo importante.

Aomame conversou com a velha senhora ao telefone. Após Tamaru falar sobre alguns assuntos, ele passou o telefone para a velha senhora, sem avisar. As conversas costumavam ter frases indiretas e palavras vagas. Pelo menos era assim nos momentos iniciais.

— O novo local para onde você será transferida já está totalmente pronto — disse a velha senhora. — Nesse local, você fará *todos os procedimentos previstos* e necessários. É um local seguro e, periodicamente, será acompanhada por um médico. Se você quiser, poderá se mudar imediatamente.

“Será que devo me abrir com a velha senhora e contar-lhe que existem pessoas à espreita *desse ser pequenino*? Será que eu devo contar que aqueles caras de Sakigake pretendem pegar a criança? E que desconfio que a insistência de aquele falso cobrador para que eu abra a porta está relacionada com esse mesmo objetivo?” Mas Aomame reconsiderou. Ela confiava na velha senhora; além de tudo, possuía uma grande afeição por ela. Mas a questão não era exatamente essa. O ponto central era saber *em que lado do mundo ela estava vivendo*.

— Como está se sentindo? — perguntou a velha senhora.

— Por enquanto, está tudo bem — respondeu Aomame.

— Fico feliz em saber disso — disse a velha senhora. — Mas a sua voz parecia ligeiramente diferente. “Pode ser impressão minha, mas ela soa seca e cautelosa.”

Se pudermos fazer alguma coisa, por menor que seja, por favor, peça sem cerimônia. Talvez possamos ajudá-la.

Aomame respondeu, tomando cuidado com o tom de sua voz. — Acho que estou tensa. Deve ser pelo longo tempo confinada aqui. Mas estou tomando cuidado com a saúde. Afinal, essa é a minha especialidade.

— Muito bom — disse a velha senhora. E, após uma pausa, prosseguiu: — Já faz um certo tempo, mas uma pessoa suspeita rondou a minha casa durante alguns dias. Ele andou perguntando algumas coisas a respeito do abrigo. As três mulheres que estão na casa viram a imagem gravada nas câmeras de segurança e me disseram que não o conheciam. Pode ser alguém que está atrás de você.

Aomame esboçou uma leve careta. — Será que eles já sabem que temos uma ligação?

— Ainda não sabemos. Mas *não podemos descartar essa possibilidade*. Esse homem possui uma aparência bem estranha. Ele tem uma cabeça muito grande e deformada. A parte de cima é achatada e praticamente calva. É baixo, e os braços e as pernas são curtos e fortes. Parece alguém familiar?

“Cabeça calva e deformada?” — Sempre observo aqui da varanda as pessoas que passam pela rua, mas nunca vi ninguém com essa descrição. É um

tipo que chama a atenção, não?

— Muito. É como um palhaço espalhafatoso de circo. Se, por acaso, foram *eles* que o contrataram para sondar a minha casa, a escolha não foi muito feliz.

Aomame concordou com a velha senhora. Era difícil acreditar que Sakigake tenha escolhido uma pessoa de aparência tão chamativa para fazer a investigação. Eles não devem estar com falta de pessoal. Por outro lado, talvez esse homem não possua nenhuma ligação com o grupo religioso, o que significa que eles ainda não sabem da relação entre Aomame e a velha senhora. Mas, nesse caso, quem seria ele? Com que objetivo estaria investigando o abrigo? Será que esse homem é o mesmo que insistentemente bate na porta mentindo que é cobrador na NHK? É claro que não há provas de que se trata da mesma pessoa. O comportamento excêntrico daquele falso cobrador é o único ponto que pode ser relacionado à estranha aparência desse homem.

— Se você vir um homem assim, por favor, me avise. Talvez tenhamos que tomar uma providência.

Aomame respondeu que avisaria imediatamente.

A velha senhora se calou. Essa sua atitude era, na verdade, estranha. Quando ela falava ao telefone, costumava ser breve e rigorosa quanto ao tempo.

— A senhora está bem? — perguntou Aomame com naturalidade.

— Estou como sempre, não tenho nenhuma doença em particular — disse a velha senhora. Mas sua voz parecia conter certa hesitação. Isso também era estranho.

Aomame aguardou a continuação da conversa.

A velha senhora prosseguiu, como que resignada. — Mas é que, ultimamente, sinto como estou velha. Principalmente depois que você se foi.

Aomame tentou falar com um tom alegre: — Eu não fui embora. Estou aqui.

— Você tem razão. De vez em quando podemos conversar, como agora. Mas acho que você me passava energia quando nos encontrávamos periodicamente e fazíamos exercícios juntas.

— A senhora possui sua própria vitalidade natural. Eu apenas ajudava a puxar essa energia de modo programado, e ficava ao lado para auxiliá-la. Mesmo sem mim, a senhora consegue seguir em frente com sua própria energia.

— Para falar a verdade, era exatamente isso que eu pensava — disse a velha senhora, soltando um riso discreto. Um riso sem alegria. — Eu me achava uma pessoa especial e me orgulhava disso. Mas o tempo rouba aos poucos a vida de todos. As pessoas não morrem porque chegou a hora. Elas morrem gradativamente a partir de dentro e, por fim, chega o dia do acerto de contas. Ninguém consegue escapar disso. Todos precisam pagar o preço das coisas recebidas. Somente agora é que estou aprendendo essa verdade.

Todos precisam pagar o preço das coisas recebidas. Aomame franziu as sobrancelhas. Eram as mesmas palavras ditas pelo cobrador da NHK.

— Foi naquela noite de intensa chuva de setembro, quando os trovões

ressoavam sem parar, que cheguei a essa conclusão — disse a velha senhora. — Eu estava sozinha na sala, pensando em você, enquanto observava os relâmpagos. Aqueles clarões iluminaram vivamente essa verdade diante dos meus olhos. Naquela noite, perdi você, e, ao mesmo tempo, perdi muitas coisas que havia dentro de mim. Ou melhor, perdi várias coisas. Coisas que eram o centro de minha existência, que serviam de suporte para essa existência.

Aomame indagou sem hesitar:

— Por acaso a raiva estava nessa perda?

Houve um momento de silêncio, como o da maré retrocedendo. A seguir, a velha senhora falou: — Você está me perguntando se, dentre as coisas que perdi, estava minha raiva?

— Isso mesmo.

A velha senhora respirou lentamente. — A resposta para a sua pergunta é sim. Foi isso. Aquela intensa raiva que eu possuía foi para bem longe, durante os intensos raios e trovões. O que restou dentro de mim não é mais aquela labareda de ira. Hoje ela se transformou numa tristeza desbotada. Nunca pensei que aquela raiva tão intensa e fervorosa um dia fosse acabar... Mas como você sabe disso?

Aomame disse: — É que comigo aconteceu o mesmo. E foi naquela noite de intensos trovões.

— Você está se referindo a sua própria raiva?

— Estou. Aquela raiva verdadeira e intensa que eu tinha dentro de mim não existe mais. Não digo que desapareceu por completo, mas, como a senhora mesmo disse, ela se foi para bem longe. Aquela raiva ocupou, durante muito tempo, um espaço muito grande dentro do meu coração e me instigava a prosseguir.

— Como um condutor cruel que jamais descansa — disse a velha senhora. — Mas agora isso perdeu a força e você está grávida. Será que podemos dizer que houve *uma troca*?

Aomame conteve a respiração. — Sim. Em troca disso existe agora em mim um *ser pequenino*. Mas creio que não há relação com a raiva. E esse ser está crescendo dia a dia dentro de mim.

— Sei que é desnecessário falar, mas você deve protegê-lo com muito cuidado — disse a velha senhora. — Por isso, é preciso se mudar o quanto antes para um local seguro.

— A senhora tem razão. Mas, antes disso, preciso terminar de fazer uma coisa.

Após desligar o telefone, Aomame saiu para a varanda e observou a rua e o parque infantil em seu final de tarde, entre os vãos da amurada de plástico. O anoitecer se aproximava. “Antes de terminar o ano de 1Q84, antes de eles me encontrarem, preciso encontrar Tengo, não importa o que aconteça comigo.”

Não estou autorizado a falar sobre isso

Ao deixar o bar Muguiatama, Tengo perambulou pelas ruas enquanto pensava. Durante a caminhada, resolveu ir até o parquinho infantil; local em que viu, pela primeira vez, as duas luas pairando lado a lado no céu. “Vou subir no escorregador e observar o céu como fiz da última vez”, pensou. “Talvez eu possa vê-las novamente e, quem sabe, elas queiram me dizer algo.”

Enquanto seguia em direção ao parque, tentou se lembrar de quando fora a última vez em que estivera lá. Não conseguia. O tempo fluía de modo não linear, tornando a noção de distanciamento variável. Provavelmente, teria sido no início do outono. Havia uma vaga lembrança de que vestia uma camiseta de manga comprida. E agora era dezembro.

O vento gelado soprava blocos de nuvens em direção à baía de Tóquio. Nuvens firmes e compactas, de formas indefinidas, que pareciam feitas de patê, pairavam no céu. Vez por outra, as luas podiam ser vistas ao fundo, quando as nuvens que as encobriam permitiam. Uma lua amarela e familiar e uma outra mais nova, menor e esverdeada. Ambas estavam na fase minguante, com dois terços do tamanho. A lua menor parecia uma criança se escondendo atrás da saia da mãe. Elas estavam praticamente na mesma posição da vez anterior, como se aguardassem pacientemente o retorno de Tengo.

À noite, não havia ninguém no parque infantil. A claridade da lâmpada de mercúrio estava muito mais intensa e gélida do que da vez anterior. Os galhos desfolhados da zelkova lembravam ossos antigos e esbranquiçados expostos à intempérie. Uma noite ideal para uma coruja piar. Mas, obviamente, num parque de cidade grande, não há corujas. Tengo cobriu a cabeça com o capuz da blusa e enfiou as mãos nos bolsos do casaco de couro. Subiu até o topo do escorregador e, encostado no corrimão, olhou para as luas que ora apareciam, ora desapareciam por entre as nuvens. Ao fundo, estrelas cintilavam silenciosamente. O vento dissipava a massa disforme de sujeira acumulada no céu da metrópole deixando o ar mais puro e límpido.

“Quantas pessoas no mundo estão olhando para as duas luas nesse momento?”, Tengo pôs-se a pensar. “Fukaeri certamente sabia da existência delas. Afinal, ela é que começou isso tudo. Talvez. Mas, além dela, ninguém comentou que o número de luas havia aumentado. Será que as pessoas ainda não perceberam? Ou será que é um assunto conhecido, tão banal que não merece nem ser comentado?” Tengo jamais perguntou sobre a lua para ninguém, a não ser para aquele amigo que o substituiu na escola preparatória. Muito pelo

contrário, ele evitava ao máximo tocar nesse assunto em público, como se fosse algo moralmente condenável.

Por quê?

“Talvez, esse seja o desejo das luas”, pensou Tengo. “Elas seriam uma espécie de mensagem pessoal e intransferível e, nesse caso, essa mensagem poderia *não estar autorizada* a ser compartilhada com outras pessoas.”

Mas esse modo de pensar era, no mínimo, estranho. Por que a quantidade de luas indicaria a existência de uma mensagem específica para ele? Que tipo de mensagem elas queriam transmitir? Para Tengo, parecia mais um enigma do que uma mensagem. Mas, nesse caso, quem seria o autor desse enigma? Quem, afinal, *desautorizaria* Tengo a compartilhar a informação?

O vento soprava através dos galhos da zelvova com um som agudo, como o do ar que escapa por entre os dentes de alguém que perdeu a esperança. Tengo olhou para as luas e, sem se importar com o vento, permaneceu sentado até sentir o corpo gelar. Em termos de tempo, não deve ter levado mais que quinze minutos. Não. Talvez tenha sido um pouco mais. Ele perdera a noção do tempo. O corpo, até então aquecido com o uísque, estava rígido e gelado como uma pedra lisa e solitária nas profundezas do oceano.

Os ventos continuavam a soprar as nuvens para o sul e, a despeito de a quantidade de nuvens ser grande, elas surgiam sucessivamente, uma após a outra. Uma fonte inesgotável no longínquo Polo Norte deve estar produzindo incessantemente essas nuvens. Pessoas muito dedicadas, em seus uniformes cinza-escuros de tecido grosso, estariam silenciosamente produzindo nuvens dia e noite; obstinadas como as abelhas que fabricam o mel, as aranhas que tecem suas teias e as guerras que fazem viúvas.

Tengo olhou o relógio de pulso. Faltava pouco para as oito. No parque, como era de se esperar, não havia ninguém. De vez em quando, algumas pessoas caminhavam apressadamente na rua em frente. Seu modo de andar, regressando às suas casas após um dia de trabalho, era idêntico. As janelas dos apartamentos do edifício de seis pavimentos recém-construído em frente ao parque estavam com as luzes acesas em pelo menos metade delas. Numa noite de inverno e de ventos fortes, a iluminação criava uma atmosfera especial de um lar doce e aconchegante. Tengo examinou as janelas iluminadas, uma a uma, como a observar, de um pequeno barco de pesca, um navio luxuoso flutuando no mar noturno. Em todas elas as cortinas estavam fechadas como se os moradores, em comum acordo, decidissem deixá-las assim. Ao observar o prédio do topo do escorregador frio do parque noturno, este parecia pertencer a outro mundo, com princípios e regras próprias. As pessoas que moravam do outro lado das cortinas teriam uma vida bem comum e, provavelmente, calma e feliz.

Uma vida comum?

A imagem que Tengo possuía de “uma vida comum” era um estereótipo desprovido de profundidade e cor. Um casal, provavelmente com dois filhos. A mãe estaria de avental. O vapor saindo da panela, e a família reunida conversando em torno da mesa de jantar. Nesse ponto a imaginação de Tengo se deparava com

uma parede sólida. O que será que uma *família comum* conversava durante as refeições? Ele próprio não possuía nenhuma lembrança de ter conversado com seu pai durante as refeições. Eles apenas engoliam a comida em silêncio, cada qual na hora que melhor lhe conviesse. Além do mais, aquela comida não era exatamente algo que pudesse ser chamado de refeição.

Após observar todas as janelas iluminadas do prédio, Tengo voltou os olhos para as duas luas, a grande e a pequena. Mas, por mais que aguardasse, nenhuma delas se dignou a lhe dizer algo. Elas pairavam lado a lado no céu com seus rostos inexpressivos como uma estrofe de dois versos, um dístico inacabado aguardando a conclusão. Hoje não há mensagens. Essa era a única informação que elas lhe transmitiam.

As nuvens atravessavam ininterruptamente o céu rumo ao sul. Nuvens de formatos e tamanhos variados vinham e iam. Dentre elas, havia uma ou outra de formato interessante. Pareciam ter seu próprio modo de pensar. Um pensamento pequeno, denso e de contornos bem definidos. Mas o que Tengo queria saber era o que as luas pensavam, não as nuvens.

Tengo desistiu de esperar a resposta das luas, levantou-se, deu uma longa esticada nos braços e nas pernas e desceu do escorregador. “Paciência. Só o fato de saber que a quantidade de luas continua a mesma já está bom”, pensou. Com as mãos nos bolsos, ele deixou o parque e, com passadas largas, caminhou em direção ao seu apartamento. Enquanto caminhava, de repente, lembrou-se de Komatsu. Precisava conversar com ele. Precisava tentar organizar um pouco as coisas que aconteceram entre eles. Komatsu, por sua vez, já lhe havia dito que precisava falar com ele e que em breve entraria em contato. Tengo chegou a deixar o telefone da casa de saúde de Chikura, mas Komatsu não retornou. Tengo resolveu telefonar para ele no dia seguinte, mas, antes, precisava passar na escola preparatória. Precisava ler a carta que Fukaeri deixara com seu amigo.

A carta de Fukaeri estava lacrada e guardada na gaveta de sua mesa. Apesar do lacre exagerado, a carta em si era pequena. Ela ocupava meia página de uma folha de papel ofício, escrita com caneta azul e com a familiar letra cuneiforme. Uma caligrafia apropriada para se escrever numa placa de argila. Tengo sabia que ela levava muito tempo para compor as palavras.

Ele releu várias vezes a carta. Nela estava escrito que ela *precisava deixar* o apartamento. *Imediatamente*. O motivo alegado era de que eles *estavam sendo vigiados*. Esses três trechos estavam grifados enfaticamente com um lápis de ponta grossa e macia. Um grifo assustadoramente convincente.

Não havia nenhuma explicação sobre “quem os observava”, ou como ela soube disso. A impressão era de que no mundo de Fukaeri os fatos não podiam ser revelados abertamente. Estavam sempre envoltos em sugestões e enigmas ou expressos com lacunas e de formas inusitadas, como o mapa de um tesouro enterrado por piratas. Ou como no texto da *Crisálida de ar* originalmente escrito por ela.

Fukaeri, porém, não tinha a intenção de escrever desse modo sugestivo e enigmático. Esse era o seu jeito natural de se expressar. O único jeito de ela conseguir transmitir imagens e pensamentos era usando esse tipo de vocabulário e construção frasal. Para conversar com ela, era preciso se acostumar com esse modo específico do uso da linguagem. Para entender o que ela falava, o interlocutor precisava mobilizar toda sua capacidade e seu dom de discernimento para não só mudar a posição das palavras, como também preencher adequadamente as lacunas.

Toda vez que Tengo recebia dela uma mensagem concisa, ele tentava entendê-la do jeito mais direto possível. Quando ela dizia “*estavam sendo vigiados*”, significava que estavam realmente sendo vigiados. Quando ela intuía que “*precisava deixar o apartamento*”, era porque sabia que estava na hora de deixar o apartamento. Tengo procurava, portanto, aceitar integralmente o que ela relatava. O contexto, os detalhes e os fundamentos que geraram essa informação eram algo que ele podia apenas tentar desvendar. Outra possibilidade era simplesmente ignorar o que ela dizia, desde o início.

Eles estavam sendo vigiados.

Será que isso significava que o pessoal de Sakigake descobriu onde ela estava? Eles sabiam da ligação entre ele e Fukaeri. Eles sabiam que ele havia reescrito a *Crisálida de ar* a pedido de Komatsu. Razão pela qual Ushikawa tentou se aproximar dele. Eles usaram desse subterfúgio — Tengo ainda não sabia o porquê disso — para tentar subjugar-lo. Sendo assim, havia a possibilidade de eles estarem vigiando o apartamento de Tengo.

Se fosse realmente isso, era estranha sua demora para agir. Fukaeri estava morando no apartamento de Tengo havia quase três meses. Sakigake era uma organização religiosa bem estruturada. E, como tal, era de se presumir que possuísem poder e influência. Caso quisessem realmente pegar Fukaeri, podiam fazer isso a qualquer momento. Não haveria a necessidade de gastar tempo e dinheiro para vigiar o apartamento de Tengo. Se realmente estivessem vigiando Fukaeri, eles não a deixariam simplesmente partir. E, antes de partir, Fukaeri não só teve tempo de arrumar o apartamento e fazer compras, como foi até a escola preparatória em Yoyogi e deixou a carta com o amigo de Tengo.

Quanto mais Tengo tentava entender o que se passava, mais ele ficava confuso. A única coisa que ele conseguia pensar era que *eles não queriam pegar Fukaeri*. Em algum momento, eles talvez tenham mudado de objetivo e, em vez de Fukaeri, passaram a focar outra pessoa. Alguém relacionado a Fukaeri. Por algum motivo, Fukaeri deixou de ser uma ameaça para Sakigake. Se for isso, por que somente agora é que resolveram vigiar o apartamento de Tengo?

Tengo ligou para a editora de Komatsu do telefone público da escola. Era domingo, mas ele sabia que Komatsu gostava de trabalhar na empresa nos fins de semana. Costumava dizer que o escritório era um local muito bom para trabalhar quando não havia ninguém. Mas ninguém atendeu a ligação. Tengo olhou o

relógio de pulso e constatou que ainda eram onze da manhã. Muito cedo para Komatsu estar no escritório. Ele somente começava o dia, fosse qual fosse o dia da semana, quando o sol passava pelo teto do meio-dia. Tengo sentou numa cadeira da lanchonete e, enquanto bebia um café fraco, leu novamente a carta de Fukaeri. O texto dela, como o esperado, tinha poucos ideogramas e não continha sinais de pontuação nem parágrafos:

Tengo você está lendo esta carta porque voltou da cidade dos gatos isso é muito bom mas estamos sendo *vigiados* por isso eu *preciso deixar* o apartamento e tem de ser *imediatamente* não precisa se preocupar comigo é que não posso mais ficar aqui como eu já te disse antes a pessoa que você está procurando está bem perto e dá para ir andando mas tome cuidado pois tem alguém te vigiando

Após ler três vezes a carta, que parecia uma mensagem telegráfica, Tengo dobrou-a e a guardou no bolso. Como sempre, quanto mais ele lia, mais o texto de Fukaeri se tornava crível. Ele estava sendo vigiado. Agora ele aceitava isso como um fato. Ergueu o rosto e olhou o salão da lanchonete. Como era horário de aula, havia poucas pessoas. Alguns alunos estavam lendo suas apostilas, outros escreviam algo em seus cadernos. Não encontrou ninguém que estivesse escondido em algum canto a observá-lo.

Havia uma questão fundamental. Se não era Fukaeri que eles estavam vigiando, quem seria? Ele próprio ou o seu apartamento? Pensou a respeito. Claro, tudo não passava de uma suposição. Mas Tengo achava que não teriam interesse exatamente nele. Ele não passava de um revisor que aceitara o pedido de reescrever a *Crisálida de ar*. O livro fora publicado, virou notícia e, finalmente, deixou de ser o assunto do dia. Portanto, o papel de Tengo estava concluído havia muito tempo. Não havia motivos para que esse assunto voltasse à tona.

Fukaeri quase não deve ter saído do apartamento. O fato de ela *sentir* que estava sendo *observada* significava que o apartamento é que estava sendo vigiado. Mas, afinal, de onde é que eles estariam vigiando? Apesar de ele morar numa região movimentada, o apartamento dele, no terceiro pavimento, possuía uma localização inusitadamente privilegiada, fora do alcance dos olhares alheios. Esse era um dos motivos de Tengo morar nele havia muito tempo. Sua namorada mais velha também valorizava muito esse quesito. “A vista não é lá grande coisa”, dizia ela, “mas, em compensação, me sinto muito tranquila aqui, o local é tão sossegado quanto o seu morador”.

Um pouco antes do anoitecer, um corvo grande costumava pousar no beiral da janela. Fukaeri chegou a comentar sobre isso ao telefone. O corvo pousava num espaço estreito, reservado para vasos de plantas, e esfregava suas enormes e negras asas de azeviche nos vidros. A rotina desse pássaro era a de passar um tempo do lado de fora do apartamento de Tengo antes de voltar para seu ninho. O corvo parecia ter um interesse especial no interior do apartamento.

Ele movia rapidamente o enorme olho negro na lateral da cabeça e, observando por entre as cortinas, parecia colher informações. Era uma ave inteligente. E extremamente curiosa. Fukaeri havia dito que conversava com ele. Mas seria ridículo achar que aquele corvo poderia estar fazendo o reconhecimento da casa de Tengo a mando de alguém.

Sendo assim, de onde é que estariam vigiando o apartamento?

No trajeto da estação até o seu prédio, Tengo resolveu passar no supermercado para fazer compras: verduras, ovos, leite e peixe. Voltou com os pacotes nos braços e, em frente à porta de entrada, parou e, por precaução, deu uma rápida olhada ao redor. Não havia nada de suspeito. Era a mesma paisagem de sempre. Fios elétricos pendurados no ar como tripas escuras, a grama do jardim da frente ressecada pelo inverno, as caixas de correio oxidadas. Aguçou os ouvidos. A única coisa que conseguiu ouvir foi o incessante ruído que lembrava o barulho do agitar de asas, típico de uma cidade grande.

Uma vez no apartamento, Tengo guardou a comida, abriu as cortinas e observou atentamente a paisagem. Do outro lado da rua havia três casas antigas, de dois pavimentos, construídas em terrenos pequenos. Os proprietários eram todos idosos, típicos moradores de longa data, de expressão séria, e que detestam quaisquer mudanças. Não importava o que acontecesse, eles jamais receberiam com simpatia um inquilino desconhecido para morar no segundo pavimento. E, desse local, por mais que a pessoa se debruçasse na janela, somente daria para ver uma pequena parte do teto do apartamento de Tengo.

Fechou a janela e foi esquentar a água para um café. Sentou-se na mesa da cozinha e, enquanto o bebia, pensou em inúmeras hipóteses. Alguém o observava de algum lugar bem próximo. Aomame está (ou *estava*) bem perto, em um local que daria para ir andando. Será que existe alguma relação entre essas duas coisas? Ou será apenas coincidência? Por mais que Tengo pensasse, não conseguia chegar a lugar nenhum. Seus pensamentos percorriam o mesmo trajeto em círculos, como um pobre rato que sente cheiro de queijo, mas que não pode alcançá-lo, pois todas as portas estão fechadas.

Tengo desistiu de pensar sobre isso e resolveu passar os olhos no jornal que havia comprado na banca da estação. Ronald Reagan, reeleito à presidência dos Estados Unidos, chamava o primeiro-ministro do Japão, Yasuhiro Nakazone, de Yasu, e este o chamava de Ron. Provavelmente, o ângulo em que a foto foi tirada contribuiu para que parecessem dois empresários da construção civil numa reunião para reduzir os custos das obras utilizando materiais de qualidade inferior e mais baratos. A rebelião na Índia, decorrente do assassinato da primeira-ministra Indira Gandhi, continuava e, em determinadas regiões, siques eram chacinados. No Japão, a produção de maçãs atingiu um número jamais visto. Nenhuma notícia chamou a atenção de Tengo.

Ele aguardou os ponteiros do relógio marcarem duas horas para telefonar novamente a Komatsu.

Tengo teve de aguardar o telefone tocar doze vezes até Komatsu resolver atendê-lo. Era sempre assim. Não dava para entender por que ele agia desta forma.

— Tengo, há quanto tempo! — disse Komatsu. Sua voz voltou a ser a mesma de sempre: fluente, ligeiramente teatral e dissimulada.

— Tirei duas semanas de férias e estive em Chiba. Voltei ontem à tarde.

— Você me disse que o seu pai não estava muito bem. Deve ter sido difícil para você.

— Nem tanto. Meu pai está em coma profundo, por isso passei praticamente todo tempo olhando ele dormir. De resto, fiquei na pousada escrevendo o meu romance.

— Mesmo assim, trata-se de uma pessoa que está entre a vida e a morte. Não é algo fácil de lidar.

Tengo mudou de assunto. — Outro dia você comentou que precisava falar uma coisa comigo. Na última vez em que conversamos. Já faz algum tempo.

— É mesmo — disse Komatsu. — Sobre esse assunto, quero conversar com calma, você está com tempo?

— Se o assunto é importante, é melhor marcar logo, não?

— Sim. O quanto antes, melhor.

— Se for hoje à noite, posso dar um jeito.

— Hoje à noite eu também posso. Que tal às sete?

— Sete horas está ótimo — concordou Tengo.

Komatsu sugeriu um bar perto da editora. Tengo já havia estado lá algumas vezes. — Aquele bar abre no domingo e, aos domingos, não tem muita gente. Podemos conversar com calma.

— A conversa vai ser longa?

Komatsu pensou a respeito. — Não sei. Não tenho ideia se vai ser longa ou curta, só posso saber conversando.

— Tudo bem. Leve o tempo que precisar. Serei todo ouvidos. Afinal, estamos no mesmo barco, não é? Ou será que você já trocou de barco?

— É claro que não — disse Komatsu, com uma voz que soava extremamente afável. — Nós dois ainda continuamos no mesmo barco. Então nos vemos às sete. Contarei os detalhes logo mais.

Após pousar o fone no gancho, Tengo foi até a mesa e ligou o processador de texto. Depois, digitou o trecho do romance que havia escrito com caneta-tinteiro enquanto esteve na pousada de Chikura. Ao reler o texto, veio-lhe à mente a imagem daquela cidade: a casa de saúde, os rostos das três enfermeiras, os ventos que sopravam do mar e balançavam os pinheiros, as gaivotas brancas sobrevoando o céu. Tengo levantou e foi até a janela, afastou as cortinas e, ao abrir as vidraças, encheu os pulmões com o ar frio que vinha de fora.

Tengo você está lendo esta carta porque voltou da cidade dos gatos isso é muito bom

Foi isso que Fukaeri escreveu na carta. Mas, ao voltar a Tóquio, ele soube

que o seu apartamento estava sendo vigiado. Ele não sabia quem nem de onde poderiam estar vigiando-o. Talvez tenham instalado alguma câmera dentro do apartamento. Preocupado com essa possibilidade, Tengo vasculhou o imóvel de ponta a ponta. Mas não encontrou nenhuma câmera ou aparelhos de escuta. Seu apartamento de um quarto era antigo e pequeno. Se instalassem algo, com certeza o equipamento não passaria despercebido, mesmo que Tengo quisesse.

Ele voltou à mesa e continuou a digitar o texto até começar a escurecer. O trabalho de passar o manuscrito a limpo levou muito mais tempo do que esperava, pois não se tratava apenas de digitá-lo mecanicamente, mas incluía o trabalho de revisão que, não raro, exigia reescrever e corrigir alguns trechos. Ao fazer uma pausa para descansar as mãos, Tengo acendeu a luz sobre a mesa. Foi quando lhe ocorreu que, naquele dia, o corvo não aparecera. Se ele tivesse vindo, Tengo imediatamente o notaria pelo barulho das asas a esfregar na janela. Esfregava tanto as asas que deixava marcas de gordura espalhadas pelo vidro, como códigos a serem decifrados.

Às cinco e meia, preparou uma refeição simples e jantou. Não que estivesse com fome, mas, como havia comido pouco no almoço, achou melhor forrar o estômago. Preparou uma salada de alga *wakame* com tomate e uma fatia de torrada. Quando eram seis e quinze, vestiu uma jaqueta de veludo cotelê verde-oliva sobre uma blusa de gola alta preta e deixou o apartamento. Ao sair do prédio, parou para dar uma olhada ao redor. Nada lhe chamou a atenção. Não havia ninguém escondido atrás do poste de eletricidade e tampouco um carro suspeito estacionado. Lembrou-se então de que, naquele dia, o corvo não aparecera. Mas, ao contrário do que esperava, essas coisas o deixaram preocupado. Ele passou a desconfiar de que todos que *não pareciam* poderiam estar vigiando-o sorrateiramente: a mulher que caminhava com uma cesta de compras; o idoso que, em silêncio, passeava com o seu cão; os colegiais que, pedalando suas bicicletas com raquetes de tênis no ombro, passavam por Tengo sem prestar atenção nele. Enfim, todos poderiam ser olheiros de Sakigake, habilmente disfarçados.

“Estou ficando paranoico”, pensou Tengo. “Preciso ficar atento, mas não a ponto de me tornar neurótico.” Tengo apressou-se em direção à estação. De vez em quando, olhava rapidamente para trás para ver se alguém o seguia. Caso houvesse alguém, ele certamente não deixaria de notar, pois, além de possuir uma visão periférica acima do normal, a sua acuidade visual era muito boa. Após olhar para trás umas três vezes, certificou-se de que ninguém o seguia.

Chegou ao local combinado às cinco para as sete. Komatsu ainda não estava lá e Tengo foi o primeiro cliente a entrar no bar. No balcão havia um vaso enorme repleto de flores exuberantes, e o aroma dos caules recém-cortados pairava no ar. Tengo escolheu uma mesa no fundo e pediu uma caneca de chope. Depois, tirou um livro do bolso da jaqueta e começou a ler.

Komatsu chegou às sete e quinze. Ele vestia um blazer de tecido de lã xadrez, um pulôver de casimira, um cachecol igualmente de casimira, calça de lã e sapato de camurça. Era o seu *jeito* habitual de se vestir. As roupas eram de boa

qualidade e de bom gosto, e haviam sido usadas na medida certa. Quando ele as vestia, pareciam fazer parte de seu corpo. Tengo nunca vira Komatsu de roupa nova. Provavelmente, ele devia dormir com elas assim que as comprava, e depois rolar no chão. Somente após usá-las, lavá-las, secá-las na sombra inúmeras vezes, e somente quando estavam devidamente gastas e com a cor levemente desbotada, é que ele finalmente as vestia para sair em público, como quem diz ao mundo que não se importa com os trajes. De qualquer maneira, seu modo de vestir o fazia parecer um editor veterano, com vários anos de experiência. Ou melhor, não o fazia parecer mais nada além de um editor veterano. Komatsu sentou-se diante de Tengo e também pediu um chope.

— Você parece muito bem — disse Komatsu. — Como vai o novo romance?

— Avançando aos poucos.

— Ótimo. Um escritor só se aperfeiçoa com o ato contínuo de escrever. É como uma taturana que nunca se cansa de comer folhas. Eu não falei que reescrever a *Crisálida de ar* seria uma influência benéfica para o seu próprio trabalho?

— Tem razão — concordou Tengo. — Foi graças a ela que aprendi algumas coisas importantes sobre o romance. Hoje consigo ver coisas que antes eu não conseguia.

— Não quero me gabar, mas saiba que disso eu entendo muito bem. O que você precisava era ter uma boa *oportunidade*, como aquela.

— Em compensação, estou passando por grandes apuros, como você bem sabe.

Komatsu sorriu arqueando o canto dos lábios numa bela meia-lua de inverno. Um sorriso impenetrável, que não revelava seu profundo significado.

— Para conseguir algo importante é preciso pagar o preço. Essa é a regra do mundo.

— Pode ser, mas não consigo entender direito a relação entre as coisas consideradas importantes e os critérios de avaliação de seus respectivos preços. Esse vínculo é sempre muito complexo.

— Realmente, as coisas são complicadas. É como conversar numa linha cruzada. Você tem razão — disse Komatsu, franzindo as sobrancelhas. — Mudando de assunto, você sabe onde Fukaeri está agora?

— Onde ela está agora, não sei — respondeu Tengo, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— *Onde está agora* — disse Komatsu, num tom que indicava algo significativo.

Tengo manteve-se em silêncio.

— Mas até pouco tempo atrás ela estava morando no seu apartamento — disse Komatsu. — Foi o que ouvi dizer.

Tengo concordou. — É isso mesmo. Ela esteve comigo por cerca de três meses.

— Três meses é muito tempo — disse Komatsu. — Mas você não

contou a ninguém sobre isso.

— A própria Fukaeri me pediu para não contar, e não contei. Nem mesmo para você.

— Mas agora ela não está mais no apartamento.

— Isso mesmo. Enquanto estive em Chikura ela deixou uma carta e foi embora. Desde então, não sei de mais nada.

Komatsu pegou um cigarro, levou-o à boca e o acendeu com um fósforo. Estreitou os olhos e olhou para o rosto de Tengo.

— Depois que ela deixou o apartamento, ela voltou para a casa do professor Ebisuno. Lá no topo da montanha de Futamatao — disse Komatsu. — O professor Ebisuno avisou a polícia e retirou o pedido de busca. Disse que ela sumiu por conta própria e que não tinha sido raptada. Em todo caso, a polícia deve estar interrogando-a para saber o que aconteceu. Devem estar perguntando por que e como ela sumiu, onde estava e o que fez. Afinal, ela é menor de idade. Em breve, os jornais devem noticiar o ocorrido, dizendo que a escritora revelação reapareceu após um longo período sem que se soubesse de seu paradeiro. Mesmo que a notícia seja publicada, não deve ser muito grande; além do mais, esse caso não envolve assassinato.

— Será que vão noticiar que ela estava escondida no meu apartamento?

Komatsu balançou a cabeça, num gesto negativo. — Não. Creio que Fukaeri não vai mencionar o seu nome. Você sabe muito bem como ela é. Uma vez que ela decida não contar, não vai abrir a boca, não importa quem peça: polícia, exército, conselho revolucionário ou até mesmo a madre Teresa. Não se preocupe.

— Não estou preocupado. O que eu quero é saber o rumo que as coisas estão tomando, só isso.

— De qualquer forma, o seu nome jamais será revelado. Não se preocupe — disse Komatsu. Então, a expressão de seu rosto ficou séria. — Deixando isso de lado, tenho de fazer uma pergunta. Uma pergunta embaraçosa.

— Embaraçosa?

— Um assunto pessoal.

Tengo tomou um gole de chope e recolocou a caneca sobre a mesa. — Tudo bem. Se eu puder responder, respondo.

— Você e Fukaeri tiveram relação sexual? Enquanto ela esteve morando com você? Basta responder sim ou não.

Tengo deu um tempo e balançou lentamente a cabeça, num gesto negativo.

— A resposta é não. Não tivemos nenhuma relação.

Intuitivamente, Tengo decidiu que jamaisalaria sobre o que aconteceu entre eles naquela noite de tempestade e trovoadas. Aquilo era um segredo que jamais deveria ser revelado. Não estava autorizado a dizer nada. E não foi exatamente uma relação sexual. Não havia o sentimento de desejo, no sentido geral que essa palavra possui. Em nenhum dos dois.

— Você está dizendo que não houve nenhuma relação sexual, é isso?

— Isso mesmo — respondeu Tengo, com a voz neutra.

Pequenas rugas se formaram nas laterais do nariz de Komatsu. — Não estou duvidando de você, Tengo, mas, antes da sua resposta, percebi que você hesitou por alguns segundos. Será que não aconteceu algo próximo a isso? Não estou te culpando, longe disso. É que tenho motivos para buscar a verdade dos fatos.

Tengo olhou diretamente nos olhos de Komatsu. — Não hesitei. Apenas estranhei a pergunta. Não entendi por que você quer saber se eu e Fukaeri tivemos relação sexual ou não. Até onde sei, você nunca foi de bisbilhotar a vida alheia. Muito pelo contrário. Você sempre se manteve longe disso.

— É verdade — disse Komatsu.

— Pois então, me diga por que você quer tocar nesse assunto agora.

— Com quem você ou Fukaeri dormem não é da minha conta — disse Komatsu, coçando a lateral do nariz. — É como você acabou dizer. Mas, como você sabe, a Fukaeri não é uma garota comum, como tantas outras que vemos por aí. Como posso dizer... tudo o que ela faz tem um significado especial.

— Um significado? — indagou Tengo.

— É claro que, racionalmente falando, todas as ações realizadas pelas pessoas têm um significado — disse Komatsu. — No entanto, no caso de Fukaeri, *o significado é muito mais profundo*. Ela possui esse dom que não é comum. Por isso, nós achamos importante saber de fatos que estão relacionados a ela.

— Quando você diz “nós”, a quem se refere? — perguntou Tengo.

Komatsu esboçou no rosto uma estranha inquietação. — Para falar a verdade, quem realmente quer saber se você e Fukaeri tiveram alguma relação sexual não sou eu, mas o professor Ebisuno.

— Então o professor Ebisuno também sabia que ela estava comigo.

— É claro que sabia. Desde o dia em que ela foi para o seu apartamento, ele sempre se manteve informado. A própria Fukaeri reportava minuciosamente onde ela estava.

— Eu não sabia — disse Tengo, surpreso. Fukaeri havia dito que não contara a ninguém onde ela estava. Mas agora isso era o de menos. — Não consigo entender. O professor Ebisuno é o tutor e o responsável legal por Fukaeri e, por isso, seria de esperar que ele tivesse certa preocupação com esse tema. Mas, na atual situação disparatada em que estamos, o normal seria ele se preocupar prioritariamente com a segurança dela. Acho difícil acreditar que o professor Ebisuno tenha colocado no topo da lista de preocupações a virgindade e a vida sexual dela.

Komatsu entortou a boca para um lado. — Pois então, desconheço os motivos dele. Eu apenas estou atendendo a um pedido do professor. Ele me pediu para me encontrar pessoalmente com você e perguntar se vocês tiveram uma relação sexual. Eu fiz a pergunta, e sua resposta foi negativa.

— É isso mesmo. Eu e Fukaeri não tivemos nenhuma relação sexual — disse Tengo categoricamente, olhos nos olhos do interlocutor.

— Então está bem — disse Komatsu, com outro Marlboro na boca e estreitando os olhos enquanto o acendia com um fósforo. — Era isso que eu precisava saber.

— Fukaeri é sem dúvida uma garota bonita, que chama atenção. Mas, como você mesmo deve saber, acabei me envolvendo nessa história sem querer. Mesmo contra a vontade. Por mim, gostaria de evitar maiores complicações. Além do mais, naquela época eu via uma outra mulher.

— Já entendi — disse Komatsu. — Você é um homem inteligente e de bom caráter. Vou transmitir sua resposta para o professor. Desculpe-me por te aborrecer com essa pergunta. Não fique preocupado.

— Não estou preocupado. Apenas achei estranho. Não entendo por que esse tema veio à tona justo agora — disse Tengo, após uma pausa. — E qual é o assunto que você disse que precisava falar comigo?

Komatsu bebeu o chope e pediu ao barman um *highball* de uísque escocês com soda.

— O que você vai beber? — Komatsu perguntou para Tengo.

— O mesmo — respondeu Tengo.

Dois *highballs* em copos altos foram colocados sobre a mesa.

— Em primeiro lugar — disse Komatsu, após uma longa pausa —, preciso deixar claro algumas circunstâncias embaraçosas. Afinal, nós estamos no mesmo barco. Quando digo “nós”, me refiro a nós quatro: você, eu, Fukaeri e o professor Ebisuno.

— Um grupo muito interessante, não? — disse Tengo. Komatsu, porém, não percebeu o tom de ironia no comentário. Estava concentrado no assunto que precisava discutir.

— Cada um dos componentes do grupo participou deste plano com suas próprias expectativas e, nem todos possuíam a mesma motivação ou seguiam na mesma direção para alcançar um objetivo comum. Em outras palavras, cada um remou o barco mantendo o seu próprio ritmo e seguindo seu próprio ângulo.

— E, desde o começo, esse grupo não era propenso a um trabalho em equipe.

— É isso mesmo.

— E o barco foi arrastado pela forte correnteza, rumo à cachoeira.

— O barco foi arrastado pela forte correnteza, rumo à cachoeira — admitiu Komatsu. — Não estou tentando me retratar, mas o plano inicial era muito simples. Você reescreveria a *Crisálida de ar*, da Fukaeri, e a obra ganharia o prêmio de escritor revelação da revista literária. Publicaríamos o livro e venderíamos muito. Enganaríamos a sociedade e, de quebra, ganharíamos uma quantia razoável de dinheiro. Meio travessura, meio lucro. Esse era o plano. Mas, a partir do momento em que o professor Ebisuno se envolveu, a coisa começou a ficar complexa. Por baixo da superfície, as coisas se complicaram, e a correnteza passou a fluir cada vez mais rapidamente. O texto que você reescreveu superou as minhas expectativas e, com isso, o livro foi bem recebido pela crítica e obteve uma venda excepcional. Como resultado, o nosso barco foi levado para um local

inesperado. Um local um tanto perigoso.

Tengo balançou discretamente a cabeça. — Não se trata de um local um tanto perigoso, mas de *um local extremamente perigoso*.

— Você não deixa de ter razão.

— Não fale como se isso não lhe dissesse respeito. Não se esqueça de que esse plano foi ideia sua.

— Tem razão. Eu é que acionei o botão de partida. No começo estava indo muito bem. Mas, infelizmente, do meio em diante o controle começou a falhar. É claro que assumo a responsabilidade. Principalmente por tê-lo envolvido nisso. Afinal, fui eu que o convenci a participar. De qualquer modo, estamos num ponto em que devemos parar e nos reorganizar. Precisamos nos livrar das bagagens excedentes e, na medida do possível, deixar o plano o mais simples possível. É preciso avaliar o ponto em que estamos e o que faremos de agora em diante.

Após dizer isso, Komatsu suspirou e bebeu o uísque. Depois, pegou o cinzeiro de vidro e passou a contornar a borda com seu dedo comprido, como um deficiente visual que verifica minuciosamente a forma dos objetos.

— Para falar a verdade, fiquei preso num local durante cerca de dezessete a dezoito dias — disse Komatsu. — Do final de agosto à metade de setembro. Um dia, depois do almoço, eu caminhava perto de casa com a intenção de ir ao trabalho. Ia em direção à estação Gotokuji quando um carro grande e preto, estacionado, abriu lentamente a janela e alguém me chamou pelo nome: “É o senhor Komatsu?” Quando me aproximei para ver quem era, dois homens desceram e me empurraram para dentro. Eram bem fortes. Enquanto um deles amarrava minhas mãos atrás das costas, o outro me fez cheirar clorofórmio ou algo parecido. Como nos filmes. Mas o fato é que aquilo funciona mesmo. Quando acordei, estava preso num quarto pequeno, sem janelas. As paredes eram brancas, e o formato do quarto, cúbico. Havia uma cama pequena e uma mesinha de madeira, e não havia cadeiras. Eu estava deitado na cama.

— Você foi raptado? — perguntou Tengo.

Komatsu terminou de averiguar o contorno do cinzeiro, devolveu-o à mesa e ergueu o rosto para Tengo. — Sim. Fui raptado, de verdade. Como naquele filme antigo, *O colecionador*. Acho que a maioria das pessoas nunca pensou na possibilidade de ser raptada. Isso nem deve passar pela cabeça delas, não é? Mas quando querem sequestrar você, pode ter certeza de que conseguem. É difícil explicar, mas a sensação de ser raptado é surreal. Não dá para acreditar que alguém está realmente sequestrando você. Você imagina isso?

Komatsu olhou para Tengo, aguardando uma resposta. Mas era uma pergunta retórica. Tengo aguardou em silêncio a continuação da conversa. O *highball*, ainda intocado, suave e umedecia o descanso sob o copo.

Uma máquina insensível, eficaz e resistente

Na manhã do dia seguinte, Ushikawa continuou, como na véspera, a vigiar a entrada do prédio por entre as cortinas, sentado no chão, perto da janela. Rostos muito parecidos ou exatamente iguais aos que entraram no prédio no final da tarde do dia anterior começaram a sair. Como era de se esperar, eles tinham uma expressão triste e andavam com as costas curvadas. O dia ainda mal havia começado, mas tinham a aparência cansada e desanimada. Apesar de Tengo não estar entre eles, Ushikawa fotografava cada rosto que passava diante da câmera. Rolos de filme, ele os tinha em abundância e, para se tornar hábil em tirar boas fotos, precisava praticar.

Após acompanhar a saída matutina daqueles que se dirigiam para o trabalho, Ushikawa foi até uma cabine telefônica nas proximidades do prédio e telefonou para a escola preparatória de Yoyogui, solicitando falar com Tengo.

— O professor Tengo está de férias há cerca de dez dias — informou a mulher que atendeu a ligação.

— Ele está doente ou algo assim?

— Não. Alguém da família é que está, e por isso ele foi para Chiba.

— Saberá me dizer quando ele volta?

— Essa informação não nos foi passada — respondeu a mulher.

Ushikawa agradeceu e desligou o telefone.

Alguém da família de Tengo — só poderia ser o pai. Aquele pai que foi cobrador da NHK. Sobre a mãe, Tengo ainda não sabia nada. E, até onde Ushikawa podia dizer, a relação dele com o pai nunca fora boa. Mesmo assim, ele se ausentou do trabalho por mais de dez dias para cuidar do pai enfermo. Essa atitude deixou Ushikawa ressabiado. Como é possível um sentimento de tamanha hostilidade ter se abrandado tão de repente? Qual seria a doença do pai, e em que hospital de Chiba estaria internado? Descobrir essas informações não era impossível, mas levaria pelo menos metade do dia. E ele teria de interromper a vigilância.

Ushikawa hesitou. Se Tengo não estava em Tóquio, sua vigilância do prédio perdia todo o sentido. Talvez fosse mais prudente interromper aquilo e mudar a linha de investigação. Ele poderia descobrir onde o pai de Tengo estava internado ou obter mais informações sobre Aomame. Poderia se encontrar com os amigos dela da faculdade e do trabalho, e levantar alguns dados. Quem sabe acharia uma pista.

Mas, assim que esse pensamento lhe veio à mente, decidiu continuar a

vigiar o apartamento. Em primeiro lugar, se parasse naquele momento, perderia o ritmo da rotina que, com muito custo, acabara de estabelecer. Precisaria recomeçar tudo. Em segundo, mesmo que investigasse o paradeiro do pai de Tengo ou conversasse com as pessoas que conheciam Aomame, além de trabalhoso, os resultados não seriam tão compensadores. Esse tipo de investigação de campo, que gasta as solas dos sapatos, traz bons resultados até certo ponto. A partir disso, torna-se estranhamente ineficaz. Ushikawa sabia disso por experiência própria. Em terceiro lugar, a intuição de Ushikawa lhe pedia insistentemente para *não deixar o local*. Ela lhe pedia para ficar onde estava, observar todas as pessoas que entravam e saíam do prédio, sem deixar escapar ninguém. Era isso que a sua velha e singela intuição, no interior de sua cabeça disforme, dizia.

“Independentemente de Tengo estar aqui, vou continuar a vigiar o prédio. Vou dormir aqui e, antes de Tengo voltar, vou saber o rosto de todos aqueles que cotidianamente entram e saem do prédio. Se eu souber quem são os moradores, obviamente saberei, num piscar de olhos, quem não é. Sou um animal carnívoro”, pensou Ushikawa. “Um animal carnívoro precisa ter muita paciência. Precisa se fundir ao ambiente e obter o máximo de informações sobre a sua presa.”

Um pouco antes do meio-dia, quando a circulação de pessoas era drasticamente menor, Ushikawa aproveitava para dar uma saída. Para tentar esconder o rosto, usava um gorro de tricô e enrolava o cachecol até a altura do nariz. Mesmo assim, sua aparência chamava atenção. O gorro de lã bege esparramava-se sobre a sua enorme cabeça como um chapéu de cogumelo. O cachecol verde parecia uma enorme cobra enrolada em seu pescoço. Não serviam de disfarce. E o cachecol e o gorro não combinavam de jeito nenhum.

Ushikawa foi até o estúdio fotográfico em frente à estação para revelar dois rolos de filmes. Depois, entrou num restaurante que servia macarrão *soba* e pediu uma tigela de macarrão com tempurá. Havia tempos que não comia algo quente. Ushikawa saboreou a refeição e tomou todo o caldo. Ao sorver a última gota, transpirava de calor. Colocou novamente o gorro, enrolou o cachecol no pescoço e caminhou de volta ao apartamento. Espalhou as fotos reveladas pelo chão e organizou-as enquanto fumava um cigarro. Comparou as pessoas que voltavam e as que saíam e, quando havia algum rosto que coincidia, agrupava-os. Para facilitar a memorização, deu um nome aleatório a cada um. Anotou o nome nas fotografias com uma hidrográfica.

De manhã, após as pessoas saírem para o trabalho, eram poucos os moradores que deixavam o prédio. Por volta das dez, um rapaz que parecia ser um universitário saiu apressadamente com sua bolsa a tiracolo. Um idoso com cerca de setenta anos e uma mulher com pouco mais de trinta saíram do prédio, e, um tempo depois, retornaram com pacotes de supermercado nos braços. Ushikawa também tirou fotos deles. Pouco antes da hora do almoço veio o carteiro, que distribuiu as correspondências nas caixas localizadas na entrada. Um entregador entrou no prédio com um pacote e, cinco minutos depois, saiu com as

mãos vazias.

De hora em hora, Ushikawa afastava-se da câmera e fazia cinco minutos de alongamento. Durante esses cinco minutos, a vigilância era interrompida, mas, desde o início, ele sabia que, estando sozinho, seria impossível observar todas as pessoas que entravam e saíam do prédio. De qualquer forma, era importante evitar que o corpo ficasse dormente. Os músculos tendem a se atrofiar ao permanecerem por muito tempo na mesma posição e, no caso de ter de entrar imediatamente em ação, eles não conseguem reagir com rapidez. Ushikawa deitava-se no chão e exercitava com destreza seu corpo arredondado e disforme, de modo a relaxar os músculos; como um Gregor Samsa ao se transformar num inseto.

Para não ficar entediado, sintonizava a rádio AM e ouvia música com seus fones de ouvido. Durante o dia, a programação era voltada para donas de casa e idosos. Os apresentadores faziam piadas sem graça, riam por qualquer bobagem, davam opiniões banais, e a seleção de músicas era tão ruim que dava vontade de tapar os ouvidos. Ainda por cima, anunciavam produtos que ninguém desejava adquirir. Pelo menos era assim que soava aos ouvidos de Ushikawa. Mas o que ele queria mesmo era escutar alguém conversando, não importava quem. Por isso, continuava ouvindo o rádio. Como é possível alguém ter a coragem de fazer um programa tão imbecil e ainda transmiti-lo para várias regiões por meio de ondas do rádio?

Mas, apesar de Ushikawa achar isso, ele próprio não possuía um trabalho requintado ou produtivo. Estava enfiado no quarto de um apartamento barato, oculto atrás das cortinas e tirando fotos das pessoas às escondidas. Ele não estava numa posição digna e privilegiada, a ponto de poder criticar o trabalho dos outros.

Não era de hoje. Mesmo quando atuava como advogado, seu trabalho não era tão diferente. Não se lembrava de ter feito algo em prol da sociedade. Seus clientes mais importantes eram investidores que possuíam empresas de pequeno e médio porte e estavam ligados a alguma organização criminal. Ushikawa providenciava os meios mais eficazes de distribuir os lucros dessas empresas. Em outras palavras, ele fazia a lavagem de dinheiro. Ele também chegou a ser um especulador do setor imobiliário. Expulsava antigos moradores, transformava o local em extensos loteamentos e revendia a terra para empresas que construíam edifícios de luxo. Um negócio que envolvia uma vultosa soma de dinheiro e no qual também havia a participação desses grupos de bandidos. Ushikawa também era um ótimo advogado para defender pessoas acusadas de sonegação de impostos. Os requerentes, na maior parte, eram pessoas de caráter duvidoso de quem os advogados relutavam em aceitar o serviço. Ushikawa nunca hesitou em aceitar esses trabalhos, independentemente de quem fosse o cliente (principalmente se o caso fosse financeiramente vantajoso). Além disso, era um advogado habilidoso e geralmente ganhava a causa. Por isso, nunca teve dificuldades de conseguir trabalho. A relação de Ushikawa com Sakigake começou nessa época. Não se sabe o motivo, mas o Líder demonstrara um apreço

especial por ele.

Se Ushikawa fizesse o que os advogados comumente faziam, era provável que ele não conseguisse se manter. Apesar de ter se formado, ter sido aprovado no exame de magistratura e possuir licença para advogar, ele não tinha uma boa rede de relacionamentos nem contava com o apoio de pessoas influentes. Devido à aparência, não conseguia emprego nos escritórios de advocacia de prestígio. Se abrisse uma firma normal de advocacia, sozinho, certamente os seus serviços seriam pouco requisitados. Raras seriam as pessoas que contratariam um advogado de aparência tão incomum quanto a dele e, ainda, pagando-lhe uma alta remuneração. É provável que fosse culpa daqueles dramas jurídicos da TV que sempre associam o advogado competente a um homem inteligente e bonito.

Por isso, sua conexão com o submundo se deu de modo natural. As pessoas daquele meio não se importavam com sua aparência. Muito pelo contrário, aquela sua particularidade era um dos motivos para que o aceitassem e confiassem nele. A rejeição pela sociedade convencional colocava os homens do submundo e Ushikawa numa situação semelhante. Eles reconheciam sua inteligência, habilidade, capacidade administrativa e a prudência de não falar o que não devia. Confiavam a ele processos que envolviam altas somas de dinheiro (e que não podiam ser expostos ao público) e seus êxitos eram generosamente remunerados. Ushikawa era rápido para se inteirar do assunto e sabia como usar os recursos legais sem incorrer em irregularidades e cair nas malhas da lei. Além de possuir uma boa intuição, era um homem cuidadoso. Mas, numa ocasião, ele foi tentado pelo diabo e, cheio de ambição, ultrapassou os tênues limites. Numa operação de risco, ele foi pego e, após sofrer as penalidades criminais, foi expulso da Ordem dos Advogados de Tóquio.

Ushikawa desligou o rádio e fumou um Seven Stars. Tragou bem fundo a fumaça e soltou-a lentamente. Aproveitou a lata vazia de pêssegos em calda para improvisar um cinzeiro. Se continuasse a viver assim, provavelmente sua morte ocorreria em circunstâncias lastimáveis. Era uma questão de tempo até ele pisar em falso e despencar sozinho na escuridão. Se desaparecesse agora deste mundo, possivelmente ninguém notaria. Ninguém escutaria seu grito de socorro emitido de dentro dessa escuridão. Mesmo ciente disso, até que a morte chegasse, ele teria de continuar a viver e, para isso, teria de viver a seu modo. Apesar de não ser digno de elogios, era o único modo que, afinal, ele conhecia e que lhe permitia sobreviver. Para conduzir essa vida que *não era digna de elogios*, Ushikawa possuía uma capacidade acima do normal.

Às duas e meia, uma garota com boné de beisebol saiu do prédio. Sem levar nada nas mãos, ela passou rapidamente diante do olhar de Ushikawa que, assim que a viu, rapidamente apertou o botão de acionamento automático e tirou três fotos com apenas um disparo. Era a primeira vez que a via. Uma garota magra, de braços e pernas compridos e rosto bonito. Tinha uma boa postura e parecia uma bailarina. Devia ter uns dezesseis ou dezessete anos e vestia uma calça jeans

desbotada, uma jaqueta de couro masculina e um par de tênis brancos. Não dava para saber o comprimento dos cabelos, pois estavam escondidos pela gola da jaqueta. Assim que deixou o prédio, deu alguns passos, parou, estreitou os olhos e, durante alguns segundos, observou atentamente o alto do poste de eletricidade diante dela. Em seguida, desviou o olhar para o chão e continuou a caminhar. Ao virar à esquerda na rua, saiu do foco de Ushikawa.

Aquela garota parecia alguém que Ushikawa já havia visto em algum lugar. Alguém que vira recentemente. A contar pela aparência, poderia ser uma atriz de televisão. Mas Ushikawa dificilmente assistia à TV, exceto a algum noticiário, e, até onde se lembrava, nunca se interessara por atrizes jovens e bonitinhas.

Ushikawa acelerou a rotação de sua memória e vasculhou a fundo todos os arquivos armazenados em seu cérebro. Estreitou os olhos e espremeu os miolos como um pano de chão. Sentiu uma dor aguda nos nervos. De repente, descobriu que esse *alguém* era Eriko Fukada. Nunca a vira em pessoa, apenas as fotos nas seções de literatura dos jornais. Mas a impressão que tivera ao ver a pequena fotografia em preto e branco de seu rosto, de um transparente distanciamento, era exatamente a mesma. Ela e Tengo certamente devem ter se conhecido quando ele assumiu o trabalho de reescrever a *Crisálida de ar*. Ela deve ter ficado amiga dele, e não seria de estranhar o fato de estar escondida no apartamento dele.

Ao chegar a essa conclusão, imediatamente Ushikawa colocou seu gorro de lã, vestiu o casaco azul e enrolou o cachecol no pescoço. Ao sair do prédio, correu na mesma direção que ela.

Ela andava bem rápido. Talvez não conseguisse alcançá-la, mas, como ela não carregava nada, não devia ir muito longe. Em vez de segui-la de perto e correr o risco de chamar atenção, o melhor era aguardar pacientemente o seu retorno. Apesar de pensar assim, ele não conseguiu deixar de segui-la. Aquela garota possuía algo ilógico que o abalava. Era como uma luz misteriosa de fim de tarde que atinge o coração e traz uma lembrança especial.

Depois de um tempo Ushikawa a avistou novamente. Fukaeri havia parado e observava atentamente uma papelaria. Algo parecia ter despertado sua atenção. Ushikawa ficou de costas para ela e, demonstrando uma indiferença casual, parou diante de uma máquina de bebidas. Tirou uma moeda do bolso e comprou um copo de café quente.

Finalmente a garota continuou a caminhar. Ushikawa bebeu meio copo, colocou-o no chão e, após estabelecer uma distância segura, continuou a segui-la. Ela parecia estar totalmente concentrada no ato de caminhar. Ela o fazia como se estivesse atravessando a superfície de um imenso lago sem ondulações. Com esse seu jeito especial de andar, ela atravessaria o lago sem afundar ou molhar os sapatos. Parecia dominar esse tipo de arte secreta.

Aquela garota certamente sabia de alguma coisa. Ela possuía algo de especial, diferente das pessoas comuns. Essa era a impressão de Ushikawa. Ele não sabia muita coisa sobre Eriko Fukada. Sabia apenas que era a filha única do Líder e que, após fugir sozinha de Sakigake aos dez anos, foi acolhida por um famoso

estudioso chamado Ebisuno, e que cresceu sob seus cuidados; um tempo depois, ela escreveu uma obra chamada *Crisálida de ar*, que se tornou um best-seller, com a ajuda de Tengo Kawana. No momento, ela era dada como desaparecida e, como a polícia havia sido informada, ela realizara uma investigação na matriz de Sakigake.

O conteúdo da *Crisálida de ar* parecia ser inconveniente para o grupo religioso Sakigake. Ushikawa comprou o livro e chegou a lê-lo com atenção, mas não conseguiu identificar que parte do livro e de que modo aquilo poderia ser considerado inconveniente. O romance em si era muito interessante e bem escrito. O texto era fácil de ler e tinha um estilo elegante, e determinados trechos despertavam a atenção do leitor. Para Ushikawa, aquele livro era apenas um inocente romance de fantasia, sem maldades. A impressão do público parecia ser a mesma. O Povo Pequeninino saía da boca da cabra morta, construía uma crisálida de ar, a protagonista se dividia em *maza* e *dohta* e duas luas pairavam no céu. Que parte dessa história fantasiosa e que tipo de informação seria inconveniente ao ser divulgada? Mas o grupo Sakigake estava disposto a tomar algumas providências em relação ao livro. Pelo menos, em determinado momento, era essa a intenção deles.

Mas, enquanto Eriko Fukada chamava a atenção do público, era muito arriscado tentar qualquer tipo de ação contra ela. Por isso, em vez de atacá-la — era o que Ushikawa presumia — o grupo resolveu contratar uma pessoa de fora, e pediu para Ushikawa se aproximar de Tengo. O grupo ordenou que ele fizesse algum tipo de contato com esse professor que dava aulas na escola preparatória.

Do ponto de vista de Ushikawa, Tengo era apenas uma peça secundária de um grande esquema. Ele apenas reescreveu, a pedido de um editor, o romance *Crisálida de ar*, que concorria a um prêmio literário, de modo a tornar o enredo e a leitura mais agradáveis. O trabalho de reescritura foi magnífico, mas a função dele não deixava de ser secundária. Ushikawa não se conformava com o tamanho do interesse que eles tinham por Tengo. Mas Ushikawa era apenas um soldado raso, e não cabia a ele questioná-los. Ele apenas cumpria ordens, dizendo “Sim, entendi”, e imediatamente começava a agir.

No entanto, a proposta que Ushikawa delineara após pensar muito, e que era relativamente boa e generosa, fora prontamente rejeitada por Tengo. Assim, a tentativa de estabelecer uma relação entre eles foi por água abaixo. Enquanto Ushikawa elaborava um novo plano, o Líder, pai de Eriko Fukada, morreu. Por isso aquele assunto foi colocado de lado, interrompido no ponto em que estava.

Ushikawa desconhecia os rumos tomados pelo grupo Sakigake ou o que eles desejavam. Agora que o Líder estava morto, ele mesmo não sabia quem de fato havia assumido seu posto. De qualquer modo, eles queriam saber onde estava Aomame, entender as razões do assassinato do Líder e esclarecer as circunstâncias que estavam por trás disso. Provavelmente tinham a intenção de vingar a morte do Líder e castigar impiedosamente os culpados. Para isso, estavam determinados a não permitir qualquer interferência.

E quanto a Eriko Fukada? O que será que o grupo Sakigake pensa hoje sobre o romance *Crisálida de ar*? Será que o livro continua sendo uma ameaça para eles?

Eriko Fukada caminhou em linha reta sem diminuir os passos ou se voltar para trás, como uma pomba que volta para o ninho. Ushikawa finalmente descobriu que o destino dela era um supermercado de médio porte chamado Marushô. Fukaeri pegou uma cesta e, andando de fileira em fileira, foi pegando enlatados e produtos frescos. Para escolher um pé de alface, ela pegava um e examinava todos os ângulos da verdura, minuciosamente. “Isso vai levar tempo”, pensou Ushikawa. Resolveu, então, sair do supermercado e ficar do outro lado da rua, fingindo que esperava o ônibus no ponto, enquanto vigiava.

Apesar de esperar muito tempo, a garota não apareceu. Ushikawa começou a ficar preocupado. Talvez ela tenha saído por alguma outra porta. No entanto, pelo que Ushikawa pôde notar, naquele supermercado havia uma única entrada, que dava para a avenida. Veio-lhe à mente a seriedade com que ela olhava a alface, com uma expressão estranhamente desprovida de profundidade. Ao se lembrar disso, resolveu aguardar pacientemente até ela sair. Três ônibus passaram e se foram. Toda vez que passava um, somente Ushikawa ficava no ponto. Ele se arrependeu de não ter trazido um jornal. Com o jornal aberto ele podia esconder o rosto. Quando se está seguindo alguém, o jornal e a revista são objetos de primeira necessidade. “Paciência. Como saí às pressas, não tive tempo de pegar nada.”

Quando Fukaeri finalmente saiu do supermercado, já eram três e quinze da tarde. Sem olhar para o ponto de ônibus, ela percorreu com passos ligeiros o mesmo trajeto da ida. Ushikawa aguardou um tempo e se pôs a segui-la. Os dois pacotes que ela segurava pareciam pesados, mas ela os carregava sem demonstrar nenhum esforço, e seus passos eram leves como uma aranha-d’água deslizando numa poça.

“Que garota estranha”, pensou Ushikawa, enquanto a observava pelas costas. “Parece que estou olhando uma borboleta exótica. É prazeroso de ver. Mas não se pode tocá-la, pois ao menor contato ela pode simplesmente perder a vida, seu brilho vívido. É como destruir um sonho exótico.”

Ushikawa pensou rapidamente se deveria contar para o pessoal de Sakigake o paradeiro de Fukaeri. Uma decisão difícil. Se ele desse de bandeja a informação de onde Fukaeri estava, provavelmente ganharia alguns créditos. Pelo menos, não seria uma informação inconveniente. Era uma oportunidade de mostrar para o grupo que ele estava agindo de modo lento mas consistente, e que suas investigações estavam obtendo resultados. Mas, enquanto estivesse cuidando de Fukaeri, havia o perigo de perder a oportunidade de encontrar Aomame, seu objetivo principal. Poderia pôr tudo a perder. O que fazer? Ushikawa enfiou as mãos nos bolsos do casaco e, com o cachecol enrolado até a altura do nariz, seguiu Fukaeri fazendo um percurso mais longo do que o da ida.

“Talvez eu tenha seguido essa garota *apenas para contemplá-la*”, foi um pensamento que lhe ocorreu. Só de vê-la carregando os pacotes e caminhando, sentiu o peito pesado, como uma pessoa prensada entre duas paredes, impossibilitada de movimentar o corpo. Seus pulmões movimentavam-se de maneira irregular, fazendo-o se sentir sufocado, como se respirasse em meio a uma rajada de vento morno. Era um sentimento estranho, que até então jamais havia sentido.

Ushikawa decidiu que, por enquanto, deixaria Fukaeri de lado. Concentraria seu foco em Aomame, conforme o plano inicial. Aomame era uma assassina. Independentemente do objetivo que a levara a praticar aquilo, ela devia ser castigada. O fato de ele ter de entregá-la a Sakigake não fazia seu coração doer. No caso de Fukaeri, era diferente. Ela era um ser delicado e silencioso que vivia nas profundezas da floresta, com asas de tênue coloração como a sombra de um espírito. “Vou apenas observá-la à distância”, pensou Ushikawa.

Após Fukaeri entrar no prédio com os pacotes, Ushikawa aguardou um tempo antes de voltar ao apartamento. Ao chegar ao quarto, tirou o gorro e o cachecol e, novamente, sentou-se diante da câmera. Suas bochechas estavam geladas por terem sido expostas ao vento. Fumou um cigarro e tomou uma água mineral. A sede era tanta que parecia ter comido uma porção de algo muito apimentado.

Anoitecia. As lâmpadas das ruas se acenderam e o horário das pessoas voltarem para casa se aproximava. Ushikawa continuava de casaco e, segurando o controle de acionamento do obturador, observava atentamente a entrada do prédio. Conforme os raios solares do fim de tarde se atenuavam, o quarto esfriou abruptamente. “Esta noite vai ficar ainda mais fria que a de ontem. Vou até a loja de aparelhos eletrônicos na frente da estação comprar um aquecedor ou um cobertor elétrico”, pensou Ushikawa.

Quando Eriko Fukada surgiu novamente na entrada do prédio os ponteiros do relógio indicavam quatro e quarenta e cinco. Ela estava com a mesma roupa, uma blusa de gola alta preta e calça jeans. Mas sem a jaqueta de couro. A blusa justa ressaltava o contorno dos seios. Apesar de magra, seus seios eram grandes. Enquanto observava pelo visor sua bela silhueta, Ushikawa se sentiu novamente sufocado e prensado.

O fato de ela não estar de casaco significava que não devia ir muito longe. Como da vez anterior, ela saiu do prédio, parou e, estreitando os olhos, observou o alto do poste. Começava a escurecer, mas os contornos das coisas ainda podiam ser vistos. Ela ficou um tempo em pé, como se estivesse procurando algo. Mas não parecia ter encontrado. Em seguida, parou de olhar para o poste e, como um passarinho, inclinou o pescoço para observar o entorno. Ushikawa apertou o botão da câmera e tirou sua foto.

Como se ela ouvisse o som do disparo, Fukaeri olhou rapidamente em direção à câmera. Através do visor, ela e Ushikawa ficaram como que frente a frente. Ushikawa conseguia ver claramente o rosto dela. Ele a observava através da lente telescópica. Simultaneamente, Fukaeri o encarava pelo outro lado. Os olhos

dela captavam o rosto de Ushikawa no fundo da lente. Suas negras e delicadas pupilas de azeviche refletiam nitidamente o rosto de Ushikawa. Uma sensação de contato estranhamente direto. Ele engoliu em seco. Não. Não podia ser. Na posição em que ela se encontrava, seria impossível ver alguma coisa. A lente telescópica estava camuflada e, do local em que ela estava, não poderia ter escutado o som do obturador, abafado pela toalha. Mesmo assim, ela estava em pé diante do prédio e olhava na direção em que Ushikawa se escondia. Aqueles olhos, desprovidos de emoção, o observavam sem piscar, como a luz das estrelas sobre uma enorme rocha desprovida de nome.

Durante um longo tempo — Ushikawa não saberia precisar a duração — os dois se entreolharam. De repente, ela olhou para trás girando o corpo e, rapidamente, voltou ao prédio. Era como se tivesse acabado de ver o que deveria ser visto. Assim que ela saiu de seu campo de visão, Ushikawa soltou o ar dos pulmões e, pouco depois, encheu-os de novo. O ar gelado era como uma porção de espinhos no peito.

As pessoas retornavam aos seus apartamentos e, como na noite anterior, passaram uma após a outra sob a iluminação da entrada do prédio, mas Ushikawa não estava diante da câmera. Sua mão não segurava mais o controle do obturador. O olhar direto e sem reservas daquela garota parecia ter tirado todas as forças de seu corpo e as levado consigo. “Que olhar!”, pensou Ushikawa. “Um olhar afiado, como uma comprida agulha de aço perfurando fundo o meu peito, a ponto de me sentir trespassado até as costas.”

Aquela garota sabia. Sabia que Ushikawa secretamente a observava. Sabia que ele havia tirado fotos com a câmera escondida. Não poderia dizer como, mas Fukaeri *sabia*. Ela possivelmente captava aquilo por meio de algum sentido especial que possuía.

Ushikawa sentiu um desejo enorme de tomar algo. Se pudesse, encheria um copo de uísque e o beberia num só gole. Cogitou até em sair para comprar uma garrafa, pois havia um bar nas proximidades. Mas acabou desistindo. Beber não mudaria nada. “Aquela garota bonita me viu através do obturador. Viu que minha cabeça deformada e minha alma suja estavam escondidas do lado de cá, fotografando as pessoas. Esse fato jamais poderá ser alterado.”

Ushikawa se afastou da câmera e, encostado na parede, olhou o teto escuro e manchado. Aos poucos, tudo lhe pareceu vazio. Ele nunca havia sentido uma dor tão profunda por se sentir só. Nunca havia percebido o quão intensa era a escuridão. Lembrou-se de sua casa em Chûôrinkan, do jardim gramado e do cachorro, da esposa e das duas filhas, da luz do sol incidindo na casa. Pensou no DNA que ele transmitiu e que suas filhas carregavam dentro delas: um DNA com cabeça deformada e alma suja.

Sentiu o quão inútil seria tentar fazer algo. Usara todas as cartas que possuía. Desde o início, ele sabia que suas cartas não eram boas e, mesmo ciente de que seriam insuficientes, ele as usou. Foi sensato e fez habilmente as apostas. Houve uma época em que isso lhe parecera suficiente. Mas agora ele já não possuía mais nenhuma carta. Apagaram a luz sobre a mesa, e as pessoas, até então

reunidas, se retiraram.

No final daquela tarde, Ushikawa não tirou mais nenhuma foto. Encostado na parede, com os olhos fechados, fumou alguns Seven Stars, abriu uma nova lata de pêssegos e os comeu. Quando o relógio marcou nove da noite, ele foi até o banheiro escovar os dentes, tirou a roupa, se enfiou no saco de dormir e, mesmo sentindo calafrios, tentou adormecer. A noite estava muito fria. Mas o frio que fazia estremecer o seu corpo não era o da noite gelada. Era um frio que vinha de seu corpo. “Até onde quero chegar?”, se indagou, envolto pela escuridão do quarto. “E afinal, de onde foi que eu vim?”

Ele ainda sentia no peito aquela dor aguda que o olhar garota lhe cravara. Essa dor talvez nunca mais desaparecesse. Ou talvez estivesse sempre ali, sem que ele percebesse.

Na manhã seguinte, após tomar o desjejum de queijo, bolacha de água e sal e café instantâneo, Ushikawa recobrou o ânimo e, novamente, sentou-se diante da câmera. Como no dia anterior, continuou a observar e a tirar fotos das pessoas que entravam e saíam do prédio. Mas nem Tengen Kawana nem Eriko Fukada estavam entre eles. Ele via apenas pessoas curvadas que, rotineiramente, começavam um novo dia. Era uma manhã de tempo bom e ventos fortes. As pessoas exalavam um bafo branco que o vento se encarregava de espalhar.

“Devo parar de pensar em coisas desnecessárias”, pensou Ushikawa. “Devo aquecer o corpo, endurecer a casca do meu coração e viver um dia de cada vez. Não passo de uma máquina. Uma máquina insensível, eficaz e resistente. Que suga o tempo novo por uma ponta, transforma-o em velho, e o expela por outra ponta. Que existe por existir. Devo voltar a ser novamente uma máquina que opera de modo puramente cíclico — um movimento perene que um dia haverá de findar.” Ushikawa estava decidido a lacrar seus sentimentos dentro do coração e expulsar a imagem de Fukaeri de sua mente. Aquela dor no peito provocada pelo olhar penetrante da garota agora se transformara numa esporádica e súbita pontada aguda. “Isso mesmo”, pensou Ushikawa. “É assim que deve ser. Uma máquina simples, com detalhes complexos.”

Pouco antes do meio-dia, Ushikawa foi até uma loja perto da estação e comprou um aquecedor elétrico portátil. Em seguida, entrou no restaurante que servia macarrão *soba*, abriu o jornal e comeu *soba* com tempurá, bem quente. Antes de voltar ao apartamento, parou em frente ao prédio e olhou o alto do poste, que, no dia anterior, Fukaeri observara atentamente. Nada ali chamava sua atenção. A não ser um transformador e cabos pretos e grossos, emaranhados no ar como cobras. O que será que aquela garota enxergara ali? O que será que ela procurava?

De volta ao apartamento, Ushikawa ligou o aquecedor. Prontamente surgiu uma luz cor de laranja e sua pele começou a sentir um calor reconfortante. Não era suficiente para aquecer todo o cômodo, mas era melhor do que não tê-lo. Ushikawa estava encostado na parede, com os braços cruzados, e cochilou,

exposto a um pequeno espaço aquecido. Um cochilo vazio no tempo, sem sonho, sem nada.

O que o despertou desse agradável cochilo foram algumas batidas na porta. Alguém estava lá. Ao acordar e olhar ao redor, permaneceu alguns segundos sem saber onde estava. Ao ver sua câmera Minolta *reflex* montada num tripé com uma objetiva, lembrou-se de que estava num apartamento de Kôenji. Alguém estava batendo na porta com a mão fechada. “Por que será que ele está batendo?”, estranhou Ushikawa, tentando despertar sua consciência. “Há uma campanha na entrada. É só apertá-la. Algo muito simples de fazer. Mas essa pessoa faz questão de bater; e com muita força.” Franziu as sobrancelhas e olhou o relógio de pulso. Eram uma e quarenta e cinco. Uma e quarenta e cinco da tarde, é claro. Lá fora ainda estava claro.

Ushikawa não atendeu a porta. Ninguém sabia que ele estava lá, e ele não esperava a visita de ninguém. Provavelmente, era um vendedor ou alguém oferecendo assinaturas de jornal ou coisas do tipo. A pessoa que estava do outro lado da porta poderia estar precisando de Ushikawa, mas a recíproca não era verdadeira. Ushikawa permaneceu encostado na parede encarando a porta em silêncio. Aguardaria pacientemente a pessoa desistir e ir embora.

No entanto, essa pessoa não desistia. Ela continuava a bater na porta a intervalos regulares. Quando terminava uma série de batidas, interrompia de dez a quinze segundos e recomeçava uma nova série de batidas firmes e fortes, desprovidas de hesitação; e o som, constante, ecoava de modo estranho. Eram batidas que requeriam insistentemente a resposta de Ushikawa. Aos poucos, Ushikawa começou a ficar preocupado. A pessoa do outro lado da porta poderia ser Eriko Fukada. Ela teria vindo até ele para censurá-lo por essa atitude desprezível de tirar fotos das pessoas escondido, e estaria lá para questioná-lo severamente. Ao cogitar isso, seu coração disparou. Passou rapidamente a língua grossa pelos lábios. Mas o som que ecoava nos ouvidos parecia ser o de um homem de punhos grandes, batendo numa porta de aço. Não a mão de uma garota.

Outra possibilidade era a de Eriko Fukada ter contado para alguém sobre ele, e essa pessoa queria tirar satisfações. Por exemplo, algum encarregado da imobiliária ou, quem sabe, um policial. Se fosse isso, a coisa se complicaria. Mas, se fosse alguém da imobiliária, ele teria uma chave extra e, no caso de ser um policial, ele se identificaria. Além do mais, não teriam o trabalho de bater. Bastaria tocar a campanha.

— Senhor Kôzu — era a voz de um homem. — Senhor Kôzu.

Ushikawa lembrou que Kôzu era o nome do antigo morador do apartamento. Para Ushikawa, era conveniente que o nome do antigo morador fosse mantido na placa da caixa de correio na entrada do prédio. Talvez o homem achasse que o senhor Kôzu ainda morava lá.

— Senhor Kôzu — disse a voz. — Sei que o senhor está aí. Saiba que ficar enfiado no quarto, contendo a respiração, não faz bem à saúde.

Era a voz de um homem de meia-idade. A voz era um pouco rouca e não

tão alta. No entanto, ela possuía em seu âmago algo duro como um caroço. Uma rigidez como a de um tijolo bem queimado e cuidadosamente seco. Essa característica fazia com que a voz ecoasse por todo o apartamento.

— Senhor Kôzu, sou da NHK. Estou aqui para fazer a cobrança mensal. Por gentileza, poderia abrir a porta?

Ushikawa, é claro, não pretendia pagar essa taxa. O assunto seria facilmente resolvido se ele mostrasse o apartamento para que o cobrador averiguasse que não possuía televisão. Mas, em compensação, seria inevitável que o cobrador suspeitasse de um homem de meia-idade, sozinho, enfurnado no apartamento, sem nenhuma mobília.

— Senhor Kôzu, a lei determina que as pessoas que possuem aparelhos de televisão paguem a taxa de recepção. As pessoas normalmente se recusam a pagá-la, dizendo: “Não assisto a NHK e por isso não vou pagar.” Mas esse argumento é infundado. Independentemente de a pessoa assistir a NHK ou não, desde que possua algum aparelho de televisão, ela deve pagar a taxa.

“É apenas um cobrador da NHK”, pensou Ushikawa. “Se for um cobrador, basta deixá-lo falar à vontade. Se não lhe der ouvidos, ele vai acabar desistindo e indo embora. Mas como ele pode ter tanta certeza de que alguém está no apartamento?” Ushikawa voltara para o apartamento cerca de uma hora antes e, desde então, não havia saído. Ele praticamente não fazia barulho e mantinha as cortinas sempre fechadas.

— Sr. Kôzu, sei que o senhor está no apartamento — disse o homem, como se lesse os pensamentos de Ushikawa. — O senhor deve se perguntar como eu sei disso. Mas saiba que eu sei. Você está aí dentro, quieto, contendo a respiração, pois se recusa a pagar a taxa de recepção da NHK. Nós sabemos muito bem disso.

As batidas na porta continuaram durante um tempo, a intervalos regulares. Após uma pausa semelhante à tomada de fôlego de quem toca um instrumento de sopro, elas começaram, num ritmo regular.

— Já entendi, senhor Kôzu. O senhor resolveu *fingir que é inocente*. Tudo bem. Por hoje eu vou me retirar. Tenho outras coisas a fazer. Mas em breve voltarei. Não sou como esses cobradores que existem por aí. Não vou desistir enquanto não receber o que me é devido. Isso está mais do que decidido. Assim como existem as fases da lua e o ser humano vive e morre, o senhor não tem como escapar.

Houve um longo silêncio. Quando Ushikawa achou que ele já se fora, o cobrador prosseguiu:

— Senhor Kôzu, voltarei em breve. Aguarde-me com expectativa. Quando menos esperar, o senhor ouvirá batidas na porta. *As batidas serão fortes*. E serei eu que estarei batendo à porta.

Após dizer isso, cessaram as batidas. Ushikawa aguardou um tempo com os ouvidos atentos. Achou ter escutado passos se distanciando no corredor. Ele rapidamente foi até a câmera e, por entre as cortinas, esperou o momento de ele sair. O cobrador deve sair assim que terminar as cobranças no prédio. Era preciso

saber como era o jeito desse homem. Se for um cobrador da NHK, será fácil identificá-lo, pois deve estar uniformizado. Mas podia não ser um cobrador oficial. Alguém poderia estar se fazendo passar por cobrador de modo a forçar Ushikawa a abrir a porta. De qualquer forma, esse homem devia ser alguém que nunca vira antes. Com o controle de acionamento do obturador na mão direita, Ushikawa aguardou o homem sair do prédio.

Mas, durante os trinta minutos seguintes, ninguém entrou ou saiu, até que, finalmente, uma mulher de meia-idade, que vira algumas vezes, apareceu na porta, montou em sua bicicleta e saiu pedalando. Ushikawa a chamava de “mulher-queixo” por ter a pele do queixo flácida e caída. Decorridos cerca de trinta minutos, a mulher-queixo voltou com pacotes de compras na cesta da bicicleta. Ela colocou a bicicleta em seu estacionamento próprio e entrou no prédio carregando os pacotes. Um tempo depois, um estudante do primário voltou. Ushikawa o chamou de “raposa” por ter os cantos dos olhos arqueados para cima. Mas nenhum homem que poderia ser o cobrador apareceu na porta. Ushikawa não conseguia entender como isso era possível. O prédio possuía uma única porta. E ele não tirou os olhos da entrada nem por um segundo. Se o cobrador ainda não saiu, significava que *ainda estava no prédio*.

Ushikawa continuou a vigiar a entrada, sem descanso. Deixou até de ir ao banheiro. Começou a escurecer e a luz do terraço da frente se acendeu. Mesmo assim, nada de o cobrador sair do prédio. Já passavam das seis horas quando Ushikawa desistiu. Foi ao banheiro e urinou o que segurava havia algum tempo. Aquele homem, certamente, ainda estava no prédio. Era difícil saber o motivo. Não havia lógica. Mas aquele cobrador misterioso havia decidido passar a noite no prédio.

Um vento, agora bem mais frio, soprava por entre os cabos elétricos gelados, emitindo um som agudo. Ushikawa ligou o aquecedor elétrico e, fumando um cigarro, tentou organizar as dúvidas que surgiam em sua mente: Por que aquele homem precisava falar daquele jeito tão agressivo? Como era possível ele ter tanta certeza de que havia alguém no apartamento? Por que não saiu do prédio? Se continuava no prédio, onde ele estaria agora?

Ushikawa afastou-se da câmera e, encostado na parede, ficou um longo tempo em silêncio, fitando os cilindros de raios cor de laranja do aquecedor elétrico.

Só tenho um par de olhos

O telefone tocou num sábado de ventos fortes. Eram quase oito da noite. Sentada na cadeira da varanda, Aomame vestia um casaco de náilon e, com um cobertor sobre as pernas, observava atentamente, por entre os vãos da sacada, o escorregador que refletia a luz da lâmpada de mercúrio. Para que suas mãos não ficassem dormentes com o frio, mantinha-as protegidas sob o cobertor. O escorregador vazio parecia o esqueleto de um enorme animal extinto no período glacial.

Permanecer por muito tempo sentada do lado de fora, exposta ao frio, poderia não ser bom para o bebê. No entanto, Aomame achava que aquele frio não seria demasiado a ponto de causar-lhe algum mal. Por mais que o corpo esfriasse por fora, o líquido amniótico era capaz de conservar a mesma temperatura do sangue. No mundo existem lugares muito mais frios do que aquele e, nem por isso, as mulheres deixam de ter filhos. “Esse frio é um obstáculo que preciso suportar para reencontrar Tengo”, pensou Aomame.

Como sempre, uma lua grande e amarela, e outra, pequena e esverdeada, pairavam no céu de inverno. Nuvens de diversos tamanhos e formatos eram rapidamente levadas pelos ventos. Nuvens brancas, compactas e de contornos bem-definidos, que lembravam blocos de gelo a flutuar no rio, eram transportadas pelo vento em direção ao mar. Ao observar as nuvens no céu noturno — indo e vindo não se sabe de onde nem para onde —, ela tinha a impressão de estar no fim do mundo; no extremo norte da razão, onde nada mais existe além daquela fronteira, a não ser o caos e o vazio.

As portas de vidro estavam fechadas, mantendo apenas uma pequena fresta entre elas, abertura suficiente para se ouvir bem baixinho o toque do telefone. A despeito de Aomame estar absorta em pensamentos, seus ouvidos captaram rapidamente o telefone tocar três vezes, parar e, após vinte segundos, tocar de novo. Era Tamaru. Ela afastou o cobertor que lhe cobria o colo, abriu a porta de vidro esbranquiçado pelo frio e entrou no apartamento. A sala estava escura, e a calefação mantinha a temperatura moderada. Com os dedos frios, ela pegou o fone:

— Você está lendo Proust?

— Não consigo avançar na leitura — respondeu Aomame. O diálogo parecia uma troca de senhas.

— Não gostou?

— Não é isso. É difícil de explicar, mas é como ler uma história sobre

um outro mundo, totalmente diferente do nosso.

Tamaru aguardou em silêncio. Ele parecia não ter pressa.

— É como ler algo de um outro mundo. Sinto como se estivesse diante de um relatório detalhado sobre um asteroide, distante milhões de anos-luz *deste mundo* em que vivemos. Consigo aceitar e entender todas as informações e as cenas, por serem descritas de modo vívido e minucioso. Mas não há como associar as cenas daqui com as de lá. Existe uma distância concreta muito grande entre elas. Por isso, mesmo avançando na leitura, chego num ponto em que preciso voltar e ler novamente as páginas.

Aomame tentou encontrar palavras para prosseguir a explicação. Tamaru continuava aguardando em silêncio.

— Mas isso não significa que a leitura seja cansativa. A escrita é bela e as palavras são precisas e, ainda que do meu jeito, consigo entender o que vem a ser esse asteroide solitário. O único problema é que não consigo avançar. É como remar num bote rumo à nascente do rio. Você pega o remo e, durante um tempo, se empenha em avançar, mas, quando você resolve parar para descansar o braço, e está pensando em algo, de repente percebe que o bote voltou para onde estava — disse Aomame. — Mas, neste momento, creio que esse tipo de leitura é o mais adequado para mim. Mais do que um livro que flui rapidamente, levado pelo enredo. Não sei explicar direito, mas acho que essa leitura me proporciona uma sensação de que o tempo oscila de modo irregular: o antes pode ser depois, e o depois pode ser antes, ou seja, tanto faz.

Aomame procurava encontrar uma maneira mais adequada de se expressar.

— É como sonhar o sonho de outra pessoa. Como se estivéssemos compartilhando as mesmas sensações ao mesmo tempo. Mas essa simultaneidade é difícil de explicar. Nossos sentimentos parecem muito próximos, mas na verdade há uma distância enorme entre nós.

— Será que Proust teve a intenção de provocar essa sensação?

Aomame obviamente não tinha a resposta.

— Seja como for — disse Tamaru —, neste mundo real é certo que o tempo flui adiante, sem atrasos nem retrocessos.

— Você tem razão. No mundo real o tempo segue adiante.

Enquanto conversavam, Aomame desviou o olhar em direção à porta de vidro. Será que realmente é isso? Será que o tempo realmente segue adiante?

— A estação mudou, e 1984 está chegando ao fim — disse Tamaru.

— Acho que até o final do ano não vou conseguir acabar *Em busca do tempo perdido*.

— Não tem problema — disse Tamaru. — Leve o tempo que precisar. É um romance escrito há mais de cinquenta anos. Não é um livro repleto de informações que precisam ser lidas com urgência.

“Ele tem razão”, pensou Aomame. “Mas pode ser que não.” Aomame não tinha tanta confiança no tempo.

— Mudando de assunto, como está aquilo dentro de você? — Tamaru

indagou.

— Até agora, está bem.

— Isso é bom — disse Tamaru. — Pois então, você já deve saber que havia um homem baixinho e careca, de aparência muito suspeita, que andou perambulando nos arredores da mansão, não?

— Fiquei sabendo. Ele continua andando pela área?

— Não. Aqui ele não apareceu mais. Ele rondou durante dois dias e depois sumiu. Mas, nesse período, ele procurou algumas imobiliárias da região dizendo que queria alugar um imóvel e aproveitou a deixa para colher informações a respeito do abrigo. Ele é um tipo que chama a atenção, ainda mais usando aquelas roupas chamativas. Quem conversou com ele lembrava-se rapidamente dele. Foi fácil seguir seus passos.

— Um tipo que não serve para investigar ou reconhecer o terreno.

— Isso mesmo. Para esse tipo de serviço, a aparência dele não ajuda. Ele possui um cabeção como o do boneco da felicidade. Mas parece ser um homem habilidoso. Consegue obter as informações de que precisa com extrema desenvoltura. Sabe exatamente aonde ir e o que perguntar. É muito inteligente. Não deixa escapar informações importantes e não perde tempo buscando coisas desnecessárias.

— Então ele conseguiu obter algumas informações sobre o abrigo.

— Possivelmente ele já sabe que o abrigo é um local de refúgio para vítimas de violência doméstica e que a velha senhora o oferece gratuitamente. Também deve saber que ela é sócia do clube em que você trabalhava e que você frequentava a mansão como sua *personal trainer*. Se eu fosse ele, conseguiria obter esse tipo de informação.

— Aquele homem é tão bom quanto você?

— Qualquer um que não fica reclamando quando tem de agir, mesmo que o trabalho exija esforço, e que, além da capacidade de obter informações, está acostumado a pensar racionalmente, é capaz de fazer isso.

— Acho que não existem muito homens assim.

— Mas há alguns, pelo menos. São os profissionais.

Aomame sentou-se na cadeira e colocou o dedo na ponta do nariz, que ainda preservava o frio de fora.

— Ele não apareceu mais nos arredores da mansão? — indagou Aomame.

— Ele sabe que a aparência dele chama muita atenção. E sabe que há câmeras de segurança espalhadas pela propriedade. Por isso, assim que colheu as informações necessárias, mudou o local de caça.

— Quer dizer que agora ele já sabe que existe uma relação entre mim e a velha senhora. E que essa relação vai além da de uma instrutora do clube esportivo e sua cliente rica; e, também, que envolve o abrigo. E que estamos envolvidas em algum projeto.

— Possivelmente — disse Tamaru. — Na minha opinião, ele está bem próximo de descobrir o cerne da situação. Passo a passo.

— Mas, pelo que pude constatar, ele não dá a impressão de fazer parte de uma grande organização. Ele parece agir sozinho.

— Concordo com você. A não ser que haja um motivo especial, não acho viável uma organização contratar um sujeito de aparência tão estranha para fazer esse tipo de investigação sigilosa.

— Então por que e para quem ele está fazendo essa investigação?

— Não sei — disse Tamaru. — Só posso afirmar que ele é muito bom no que faz, e é uma pessoa perigosa. O resto são suposições. Na minha modesta opinião, eu me arriscaria a dizer que ele possui algum tipo de ligação com o grupo Sakigake.

Aomame refletiu sobre essa modesta opinião. — Aquele homem mudou o local de casa.

— Isso mesmo. Não saberia dizer para onde ele foi. Mas, pela lógica, suponho que o próximo objetivo dele é encontrar o seu esconderijo.

— Mas você mesmo disse que é praticamente impossível alguém me encontrar.

— Isso mesmo. Não há como descobrir nenhuma relação entre a velha senhora e esse apartamento. A ligação foi totalmente apagada. Mas por um tempo limitado. Se o cerco se estender por muito tempo, acabarão encontrando alguma ponta solta. Num momento inesperado, como, por exemplo, quando você sair inadvertidamente e alguém te ver. Essa seria uma das possibilidades.

— Eu nunca deixei o apartamento — disse Aomame, em tom categórico. É claro que não era verdade. Ela chegara a sair duas vezes. A primeira foi quando correu até o parque infantil atrás de Tengo; a outra, quando pegou um táxi até a Rodovia Metropolitana 3, para encontrar a saída no acostamento. Mas ela não podia revelar isso a ele.

— Sendo assim, como será que aquele homem vai tentar me encontrar?

— Se eu fosse ele, tentaria descobrir todas as informações pessoais sobre você: que tipo de pessoa você é, de onde veio, o que fez até hoje, o que deve estar pensando, o que está buscando e o que não está. Eu tentaria recolher o máximo de informações e, após colocá-las na mesa, faria uma análise minuciosa dos dados.

— Está dizendo que tiraria a minha roupa, expondo-me completamente?

— Isso mesmo. Eu te deixaria nua sob uma luz clara e fria. Munido de pinças e lupas, examinaria tudo, de ponta a ponta, até descobrir o que você pensa e o padrão de seu comportamento.

— Não estou entendendo. Em que medida a análise do meu perfil ajudaria a pessoa, de fato, a chegar até mim?

— Não sei — disse Tamaru. — As informações podem levar a você, ou não. Cada caso é um caso. Apenas estou dizendo *o que eu faria* se estivesse no lugar dele. Não me ocorre nenhuma outra ideia. Todas as pessoas possuem um padrão de pensamento e comportamento e, uma vez estabelecido esse padrão, sempre se encontra um ponto fraco.

— Até parece uma investigação científica.

— As pessoas não conseguem viver sem esse padrão. É a mesma relação entre os temas na música. Esse padrão, ao mesmo tempo em que limita o pensamento e as ações das pessoas, também lhes tira a liberdade. Ele é capaz de alterar a ordem de prioridades e, em determinados casos, distorcer o raciocínio. No seu caso em particular, você diz que não quer ser transferida desse local, pelo menos até o final do ano. Está se recusando a se mudar para um local mais seguro. Isso acontece porque você está à procura de *algo*. Enquanto você não encontrar esse algo, você não vai se afastar daí. Ou não quer se afastar.

Aomame manteve-se calada.

— Não sei do que se trata nem o quanto você realmente deseja isso. Desconheço os detalhes. E tampouco tenho a intenção de sabê-los. Mas, do meu ponto de vista, esse *algo* é exatamente o seu ponto fraco.

— Você tem razão — admitiu Aomame.

— O cabeção do boneco da felicidade deve estar em busca desse seu ponto fraco. Ele vai tentar encontrar, a todo custo, as razões pessoais que determinam a sua limitação. Ele acha que, se encontrar isso, irá solucionar o problema. Se ele for tão bom quanto eu penso que é, vai obter essa informação analisando os dados fragmentários que já deve possuir.

— Creio que não vai conseguir obter essa informação — disse Aomame.

— Não há como ele relacionar esse *algo* comigo. É algo que está dentro do meu coração.

— Você pode afirmar com cem por cento de certeza?

Aomame pensou a respeito.

— Não posso afirmar cem por cento, mas noventa e oito.

— Então acho melhor você se preocupar seriamente com esses dois por cento. Como eu disse anteriormente, do meu ponto de vista, aquele homem é um profissional. É uma pessoa capacitada e muito persistente.

Aomame manteve-se em silêncio.

Tamaru prosseguiu:

— Um profissional é como um cão de caça. Ele consegue farejar e escutar sons que as pessoas comuns jamais conseguiriam. Se você age como uma pessoa comum, você nunca se tornará um profissional. Ainda que consiga agir como um, será por pouco tempo. Por isso, acho melhor tomar cuidado. Você é uma pessoa cuidadosa. Sei muito bem disso. Mas acho melhor você dobrar a atenção e tomar um cuidado ainda maior. As coisas mais importantes não são definidas em porcentagens.

— Posso perguntar uma coisa? — indagou Aomame.

— O quê?

— Se esse boneco da felicidade aparecer novamente ao redor da mansão, o que você pretende fazer?

Tamaru manteve-se em silêncio durante um tempo. Ele não esperava essa pergunta. — Provavelmente, não farei nada. Vou ignorá-lo. Não há nada que esse sujeito possa fazer por aqui.

— E se ele começar a fazer algo que o incomode?

— O quê, por exemplo?

— Não sei. Algo que realmente aborreça você.

Tamaru emitiu um pequeno som no fundo da garganta. — Nesse caso, vou mandar um recado a ele.

— Um recado entre profissionais?

— Algo do tipo — disse Tamaru. — Mas, antes de partir para a ação, vou ter de verificar se ele está trabalhando para alguém. Se estiver, podemos estar numa situação de risco. Só há como agir após averiguar isso.

— Antes de pular na piscina é preciso verificar a profundidade da água.

— De certa forma, é isso.

— Mas você mesmo disse que ele deve estar agindo sozinho. E que não tem nenhum tipo de apoio.

— Ah! Eu sou dessa opinião. Mas, a contar pelas experiências anteriores, posso dizer que minha intuição às vezes falha. Infelizmente, não tenho olhos na nuca — disse Tamaru. — De qualquer modo, preste muita atenção ao seu redor. Veja se não há alguma pessoa suspeita, alguma mudança na paisagem ou se não está acontecendo algo diferente do usual. Se notar alguma diferença, por menor que seja, me avise o quanto antes.

— Entendi. Prestarei atenção — disse Aomame. Isso era algo desnecessário de dizer. “Quero encontrar Tengo e estou me esforçando ao máximo para não deixar passar nada, por menor que seja. Mesmo assim, eu também só tenho um par de olhos. Tamaru tem razão.”

— O que eu tinha a dizer era isso.

— A velha senhora está bem? — indagou Aomame.

— Está — respondeu Tamaru, e acrescentou: — Mas ela anda um pouco mais calada.

— Acho que ela nunca foi de falar muito.

Tamaru emitiu um breve grunhido. Era como se ele possuísse um órgão especial no fundo da garganta capaz de expressar sentimentos especiais. — Estou querendo dizer que ela está *ainda mais* calada.

Aomame imaginou a velha senhora, sozinha, na estufa, sentada na cadeira de lona contemplando as borboletas que, silenciosamente, voavam de um lado para outro. Um regador grande estava no chão, ao lado de seus pés. Aomame sabia muito bem como a respiração dela era discreta e silenciosa.

— Na próxima reposição, vou te mandar uma caixa de *madeleines* — disse Tamaru, para finalizar a conversa. — Talvez elas possam influenciar positivamente no fluir do tempo.

— Obrigada — disse Aomame.

Aomame foi para a cozinha preparar um chocolate quente. Antes de voltar para a varanda e continuar a observar o parque, sentiu necessidade de aquecer o corpo.

Esquentou o leite numa panela e misturou o chocolate em pó. Após transferir o chocolate quente para uma xícara grande, colocou um pouco de chantilly que havia preparado previamente. Sentou-se na mesa da cozinha e, bebendo calmamente o chocolate, repassou a conversa com Tamaru. Sob a iluminação clara e fria, o cabeção deformado do boneco da felicidade estava tentando despi-la. Ele era um profissional experiente e perigoso.

Aomame vestiu seu casaco de náilon, enrolou um cachecol no pescoço e, levando a xícara com a metade do chocolate, retornou à varanda. Sentou-se na cadeira de jardim e cobriu as pernas com o cobertor. O escorregador continuava vazio. Viu apenas de relance uma criança que deixava o parque. Era estranho ver uma criança sozinha no parque naquele horário. Ela estava com um gorro de lã e era baixa e gorda. Mas, se Aomame se debruçasse na varanda para observá-la melhor, havia o perigo de se expor e, como a criança passara rapidamente, ela rapidamente sumiu na sombra do prédio. Para ser uma criança, até que a cabeça dela era muito grande, mas isso poderia ser apenas uma impressão, foi o que Aomame pensou.

De qualquer modo, não era Tengo. Por isso, ela não deu muita importância e continuou a observar o escorregador e, de vez em quando, as nuvens que passavam no céu. Continuou a beber o chocolate e, segurando a xícara, esquentava as palmas das mãos.

O que Aomame viu de relance, obviamente, não era uma criança, mas o próprio Ushikawa. Se ele estivesse num local um pouco mais iluminado, ou se ela o tivesse observado por um pouco mais de tempo, é claro que ela concluiria que, pelo tamanho da cabeça, não poderia ser uma criança. Consequentemente, chegaria à conclusão de que esse homem nanico e com a cabeça do boneco da felicidade era o mesmo que Tamaru havia mencionado havia pouco. Mas Aomame o viu somente por uma fração de segundo, e o ângulo também não ajudou. Felizmente, pelo mesmo motivo, Ushikawa também não viu Aomame sair para o terraço.

Aqui surgem vários “se” em nossas mentes. *Se* Tamaru tivesse encerrado a conversa um pouco antes; *se* Aomame não tivesse preparado o chocolate, ela teria visto Tengo no topo do escorregador, olhando para o céu. E, assim que o visse, ela sairia correndo do apartamento e o reencontraria, após vinte anos.

No entanto, se isso tivesse acontecido, Ushikawa, que estava vigiando Tengo, poderia reconhecê-la rapidamente e, com certeza, avisaria imediatamente os dois rapazes de Sakigake.

Por isso, o fato de ela não ter visto Tengo poderia ser interpretado tanto como um infortúnio quanto como um golpe de sorte. Era algo difícil de julgar. Seja como for, Tengo subiu no topo do escorregador, como da outra vez, e permaneceu durante um tempo contemplando as luas e as nuvens que passavam sobre ele. Por sua vez, Ushikawa vigiava Tengo à distância. Enquanto isso, Aomame estava longe do terraço conversando com Tamaru ao telefone e, depois,

preparou seu chocolate quente e o bebeu, imersa em pensamentos. Assim se passaram vinte e cinco minutos. Em certo sentido, foram vinte e cinco minutos decisivos. Quando Aomame voltou para o terraço com a xícara de chocolate, Tengo já tinha deixado o parque. Ushikawa não o seguiu de imediato, pois precisava verificar algo que havia no parque, sozinho. Após averiguar isso, Ushikawa deixou rapidamente o local, e foram esses segundos finais que Aomame observou da varanda.

As nuvens continuavam a cruzar rapidamente o céu. Eram sopradas pelo vento para o sul, na direção da baía de Tóquio, e, em seguida, rumavam para o imenso oceano Pacífico, de onde não era mais possível saber que destino tomariam, assim como ninguém há de saber o que acontece com a alma de uma pessoa após sua morte.

De qualquer maneira, o círculo estava se fechando. Aomame e Tengo, porém, desconheciam esse fato. Ushikawa, por sua vez, sentia que o círculo se fechava, ainda que de modo parcial, pois ele era o responsável por isso. Mas faltava-lhe a visão do todo. Ele ainda não sabia de um detalhe muito importante. Que Aomame estava a algumas dezenas de metros de distância do parque. E, apesar de isso ser algo raro de acontecer, ao sair do parque, Ushikawa estava confuso, e não conseguia raciocinar claramente.

Às dez horas, o frio se tornou ainda mais intenso. Aomame resolveu desistir, levantou-se e entrou no apartamento. Tirou a roupa e tomou um banho quente de ofurô. Enquanto estava mergulhada na banheira para expulsar o frio impregnado no corpo, ela colocou a mão sobre o ventre. Sentiu um pequeno volume saliente. Fechou os olhos e tentou sentir a presença desse *ser pequenino* que existia dentro dela. Restava-lhe pouco tempo. Aomame precisava avisar Tengo. Avisá-lo de que estava grávida do filho dele. E que estava fazendo de tudo para protegê-lo.

Aomame trocou de roupa, deitou-se na cama e dormiu de lado, no quarto escuro. Um pouco antes de entrar no sono profundo, sonhou com a velha senhora. Aomame estava na estufa da Mansão dos Salgueiros e observava as borboletas ao lado dela. A estufa estava na penumbra, com a temperatura um pouco mais alta, como num útero. O pé de ficus que ela havia deixado no apartamento também estava ali. Bem cuidado, estava totalmente recuperado e, revigorado, exibia folhas vividamente verdes. Nem parecia o mesmo ficus. Uma borboleta exótica, de algum país do Hemisfério Sul, estava pousada em sua folha carnuda. A borboleta tinha as enormes asas dobradas e parecia dormir tranquilamente. Aomame sentiu-se feliz ao ver essa cena.

No sonho, ela tinha a barriga bem grande. O momento do parto parecia próximo. Ela conseguia ouvir as batidas do coração desse *ser pequenino*. As batidas de seu coração e as do *ser pequenino* se mesclavam num agradável ritmo composto.

A velha senhora estava sentada ao lado de Aomame e, como de costume,

mantinha as costas eretas, o lábio cerrado e respirava discreta e silenciosamente. As duas preservavam o silêncio para não acordar as borboletas. A velha senhora estava num estado de total concentração, a ponto de não perceber a presença de Aomame ao lado dela. É claro que Aomame sabia o quanto a velha senhora sempre se preocupou em protegê-la. Mas, mesmo ciente disso, a insegurança não queria deixar o seu coração. As mãos da velha senhora, apoiadas sobre o colo, lhe pareceram muito pequenas e frágeis. As mãos de Aomame inconscientemente procuravam a pistola. Mas não conseguiam encontrá-la em lugar nenhum.

Aomame passou para o estado de sono profundo, mas, ao mesmo tempo, mantinha-se consciente de que aquilo era um sonho. Aomame costumava ter esse tipo de sono. Ela estava numa realidade cristalina e, ao mesmo tempo, sabia que aquilo não era real. Era como se aquilo acontecesse em um asteroide com minuciosas descrições de sua paisagem.

Em determinado momento, alguém abre a porta da estufa. Um vento gelado impregnado de maus presságios invade o recinto. A borboleta grande desperta, abre suas asas e rapidamente alça voo, deixando o pé de ficus. Quem será? Aomame tenta virar o pescoço para ver quem é, mas, antes disso, o sonho acaba.

Ao despertar, Aomame está ensopada de suor. Um suor frio e desagradável. Ela tira o pijama, enxuga o suor com uma toalha e veste uma camiseta limpa. Durante um tempo, permanece acordada. “Deve estar para acontecer algo de ruim. Alguém deve estar atrás *desse ser pequenino*. E esse alguém deve estar bem próximo. Preciso encontrar Tengo, o mais rápido possível. Mas a única coisa que eu posso fazer agora é observar atentamente, noite após noite, o parquinho. Devo observar o mundo diligentemente, com atenção e perseverança. Observar uma pequena parte do mundo, extremamente limitada: o topo do escorregador.” Mas as pessoas tendem a deixar escapar algo. Porque temos apenas um par de olhos.

Aomame queria chorar, mas as lágrimas não vinham. Deitou-se de novo na cama e, com a palma da mão sobre o ventre, aguardou pacientemente o sono chegar.

Tengo

Quando se espeta alguém com uma agulha, sangue vermelho é derramado

— Nada aconteceu durante os três dias seguintes — disse Komatsu. — Eu comia as refeições que me eram trazidas; dormia numa cama apertada quando anoitecia e acordava ao amanhecer; fazia as necessidades num banheiro pequeno que havia no fundo do cômodo, separado por uma porta, mas sem chave. O calor de verão continuava intenso; mas, como o sistema de ventilação era acoplado ao do ar-condicionado, não cheguei a sentir calor.

Tengo escutava Komatsu em silêncio.

— As refeições eram servidas três vezes ao dia. Não sei dizer em que horário. Como eles me tiraram o relógio de pulso e o quarto não tinha janela, não havia como distinguir o dia da noite. Mesmo tentando escutar atentamente algum som, não ouvia nada. Assim como o som do quarto possivelmente não podia ser ouvido. Não sabia onde eu estava, mas tinha uma vaga impressão de que o local devia ser afastado, longe de qualquer área habitada. Enfim, fiquei três dias nesse local sem que nada acontecesse. Para falar a verdade, não posso afirmar que foram três dias. A referência que tenho é que me serviram nove refeições que eu comi na ordem em que me foram trazidas. Apagaram a luz do quarto três vezes, e dormi três vezes. O meu sono sempre foi leve e irregular, mas, não sei como, consegui dormir profundamente, sem nenhuma dificuldade. Sei que isso tudo parece muito estranho. Você está me acompanhando?

Tengo se limitou a balançar a cabeça, num gesto afirmativo.

— Não conversei com ninguém durante três dias. Quem trazia as refeições era um rapaz jovem e magro, com boné de beisebol e uma máscara branca cobrindo-lhe a boca e o nariz. Usava um conjunto de agasalho esportivo e um tênis bem sujo. Ele trazia as refeições, dispostas numa bandeja e, assim que eu terminava, voltava para recolhê-la. Os recipientes eram descartáveis, de papel, e a faca, o garfo e a colher eram de material plástico, daqueles bem vagabundos e frágeis. As refeições eram simples e consistiam de pratos prontos, conservados à vácuo. Não eram exatamente saborosos, mas também não tão ruins a ponto de serem intragáveis. A quantidade servida não era grande. Com a fome que eu sentia, comia tudo. Isso também era algo muito raro, pois normalmente eu não tinha apetite e, às vezes, até me esquecia de comer. Como bebida, me davam somente leite e água mineral. Nada de café nem chá preto. Muito menos uísque ou chope. Fumar, então, nem pensar. Mas o jeito era ter paciência. Afinal, eu não estava num *resort*.

Ao dizer isso, Komatsu puxou um maço de Marlboro vermelho, como se acabasse de lembrar que agora podia fumar. Pegou um cigarro, levou-o à boca e o acendeu com um fósforo. Tragou a fumaça tranquilamente, soltou-a e franziu as sobrancelhas.

— O rapaz que trazia as refeições não falava nada. Provavelmente, por ordens superiores, fora expressamente instruído a não conversar comigo. Não há dúvidas de que ele era um tipo de ajudante, um subalterno dentro da organização. Mas, a contar por sua forma física, ele certamente conhecia algum tipo de arte marcial.

— Você não tentou conversar com ele?

— Não. Eu já imaginava que ele não responderia às minhas perguntas. Por isso, fiquei de boca fechada. Comia as refeições que ele trazia, bebia leite, dormia quando apagavam a luz e acordava quando a luz era novamente acesa. Logo pela manhã, o rapaz trazia um barbeador elétrico e uma escova de dentes. Eu fazia a barba, escovava os dentes e, assim que terminava, ele os recolhia. A única coisa que ficava no quarto, e que poderia ser chamado de objeto, era o rolo de papel higiênico. Não havia nada além disso. Não pude tomar banho nem trocar de roupa, mas confesso que essas coisas nem me passaram pela cabeça. Não havia espelho, mas isso também era o de menos. O que mais me incomodava era o tédio. Afinal, ficar sozinho, sem falar com ninguém, preso num cubículo branco dia e noite, só pode ser entediante. Sou uma pessoa viciada em letra impressa e só consigo me acalmar quando tenho alguma coisa escrita ao alcance das mãos. Qualquer coisa, até mesmo o cardápio do serviço de quarto. No entanto, não havia livros nem jornais, e tampouco revistas. Não havia televisão, rádio nem jogos. Nem alguém para conversar. A única coisa que eu podia fazer era ficar em silêncio, sentado na cama olhando o chão, as paredes e o teto. Era uma sensação muito estranha. Afinal, eu estava andando na rua quando, de repente, uns caras que nunca vi na vida me pegaram, me fizeram cheirar clorofórmio e me prenderam naquele quarto esquisito, pequeno e sem janelas. Era tudo muito estranho. E o tédio que eu sentia era tanto que achei que fosse enlouquecer.

Komatsu fitou comovido a fumaça do cigarro que segurava entre os dedos. Um tempo depois, bateu as cinzas no cinzeiro.

— Acho que me deixaram três dias naquele quarto com a intenção de me desestabilizar emocionalmente. Devem ser peritos nesse assunto. Sabem exatamente o que fazer para abalar os nervos de uma pessoa e torná-la vulnerável. No quarto dia, isto é, após o quarto café da manhã, apareceram dois homens. Desconfio que tenham sido eles que me abordaram e me raptaram naquele dia. Como me pegaram de surpresa e eu não sabia direito o que estava acontecendo, nem tive tempo de olhar para o rosto deles, mas, ao vê-los diante de mim, as recordações daquele dia começaram a surgir. Lembrei que fui empurrado para dentro do carro e que me torceram os braços com tamanha força que pensei que fossem arrancá-los. Depois me fizeram cheirar um pano embebido em algo. Enquanto faziam isso, os dois não disseram uma única palavra. Isso tudo

aconteceu num piscar de olhos.

Ao se lembrar disso, Komatsu franziu levemente as sobrancelhas.

— Um deles não era muito alto, mas era robusto e tinha o cabelo cortado rente. Era bem bronzeado e as maçãs do rosto eram salientes. O outro era alto, com os braços e as pernas compridas, as bochechas chupadas, e mantinha os cabelos presos num rabo de cavalo. Os dois, lado a lado, pareciam uma dupla de comediantes. Um magricela e outro robusto, com cavanhaque. A impressão que eu tive era de que esses caras eram muito perigosos. Do tipo que, se fosse preciso, seriam capazes de fazer qualquer coisa, sem titubear. Mas suas ações não eram chamativas. O fato de eles serem discretos e calmos me deu muito mais medo. Os olhares eram extremamente frios. Ambos vestiam calças pretas de algodão e camisas brancas de manga curta. Aparentavam ter entre vinte e cinco e trinta anos. O de cabelo rente parecia ser o mais velho. Nenhum dos dois usava relógio.

Tengo aguardou em silêncio a continuação da história.

— Quem conversava comigo era o rapaz de cabelo rente. O rapaz magro, de rabo de cavalo, não abria a boca nem se mexia, ficava em pé diante da porta. Ele parecia estar prestando atenção na conversa, mas, ao mesmo tempo, era como se não escutasse nada. O rapaz de cabelo rente sentou-se na cadeira dobrável que trouxera consigo, bem à minha frente. Como não havia nenhuma outra cadeira, fiquei sentado na cama. Ele era uma pessoa inexpressiva. É claro que para falar comigo ele precisava mexer a boca, mas as outras partes de seu rosto ficavam totalmente imóveis. Parecia um boneco de ventríloquo.

A primeira coisa que o rapaz de cabelo rente perguntou para Komatsu foi:

— Você sabe por que foi trazido para cá, quem somos nós e onde você está?

Komatsu respondeu que não tinha ideia. O rapaz de cabelo rente o fitou por um tempo, com um olhar sem profundidade. Em seguida, indagou:

— Se você fosse obrigado a levantar uma hipótese, o que diria? — apesar de ele usar um vocabulário formal e educado, soava forçado, nada espontâneo. Sua voz era extremamente dura e fria, como uma régua de metal que ficou na geladeira durante muito tempo.

Komatsu hesitou um pouco diante da pergunta, mas, como estava sendo forçado a respondê-la, arriscou que estava ali por causa da *Crisálida de ar*. Em parte, era o que ele realmente achava e, além disso, não conseguia pensar em nenhuma outra razão. E Komatsu desconfiava de que aqueles rapazes pertenciam ao grupo religioso de Sakigake e que o local para onde o haviam levado era a sede deles. Uma hipótese que Komatsu formulou desde o início.

O rapaz de cabelo rente não confirmou nem negou a hipótese de Komatsu. Ele apenas fitou-o em silêncio. Komatsu se calou.

— Vamos então conversar com base nessa sua hipótese — disse o rapaz. — Está bem?

— Tudo bem. — respondeu Komatsu. Eles estavam tentando tocar

indiretamente no assunto. Isso era um bom sinal. Se não tivessem a intenção de deixá-lo vivo, não teriam o trabalho de fazer esse tipo de abordagem.

— Você é um editor contratado por uma empresa e foi o responsável pela publicação do romance *Crisálida de ar*, de Eriko Fukada. Estou certo?

Komatsu confirmou a informação que, de certa forma, era de conhecimento público.

— É de nosso conhecimento que a *Crisálida de ar* ganhou o concurso de revelação de novos autores de uma revista literária, por meio de uma fraude. O original enviado para o concurso foi em grande parte alterado e reescrito por uma terceira pessoa sob o seu comando, antes de ser encaminhado para a comissão julgadora. O texto, sigilosamente reescrito, ganhou o prêmio, chamou a atenção do público, foi editado e tornou-se um best-seller. Estou certo?

— Isso depende do ponto de vista — replicou Komatsu. — Há casos em que o autor, por sugestão do editor, reescreve parte do texto...

O rapaz de cabelo rente ergueu a palma da mão na direção de Komatsu, para que se calasse. — Quando o autor mexe em seu próprio texto, por sugestão do editor, não é um ato ilícito. Você tem razão. Mas contratar uma terceira pessoa para reescrever uma obra, com o objetivo de ganhar um prêmio literário, é uma atitude que, de uma forma ou de outra, só pode ser considerada desonesta. Além disso, você abriu uma empresa fantasma para distribuir os lucros obtidos com as vendas do livro. Não sei como isso será interpretado pela lei, mas creio que, em termos sociais e morais, essa atitude será severamente censurada. Não há justificativas para o que vocês fizeram. Os jornais e as revistas vão tratar o assunto com tremendo alvoroço, e a sua empresa cairá em descrédito. Você deve estar ciente disso. Nós temos informações detalhadas e provas concretas sobre o fato e, a qualquer momento, podemos torná-las públicas. Por isso, acho melhor você não ficar tentando dar justificativas infundadas. Não pense que isso irá nos convencer. Será uma perda de tempo.

Komatsu concordou, balançando a cabeça.

— Se isso acontecer, certamente você não só terá de deixar a empresa como também será excluído do meio literário. Todas as portas irão se fechar. Pelo menos, nos meios legais.

— Acho que sim — concordou Komatsu.

— Mas por enquanto poucas pessoas sabem disso — disse o rapaz de cabelo rente. — Você, Eriko Fukada, o professor Ebisuno e Tengo Kawana, o responsável por reescrever a obra. Além de vocês, somente mais algumas pessoas.

Komatsu disse, escolhendo cuidadosamente as palavras:

— De acordo com a hipótese que estamos levando em consideração, essas poucas pessoas a que você se refere seriam, por acaso, pessoas que pertencem ao grupo religioso Sakigake?

O rapaz de cabelo rente acenou discretamente. — Se levarmos em consideração essa nossa hipótese, pode-se dizer que sim, mas isso não vem ao caso.

O rapaz fez uma breve pausa para aguardar que Komatsu assimilasse a

informação. E prosseguiu:

— Se essa sua hipótese estiver correta, enquanto você estiver aqui, *eles* podem fazer o que quiserem com você. Podem tratá-lo como um hóspede ilustre, e deixá-lo preso neste quarto o tempo que quiserem. Para eles, isso não é algo que lhes dê muito trabalho. Por outro lado, se eles acharem melhor encurtar o tempo de sua estadia, certamente pensarão em outras saídas. Algumas delas certamente não são agradáveis. De qualquer modo, *eles* possuem poder e meios para fazer o que acharem melhor. Quanto a isso, creio que você já deve estar ciente.

— Acho que sim — respondeu Komatsu.

— Ótimo — disse o rapaz de cabelo rente.

O rapaz de cabelo rente levantou um dedo sem dizer nada, e no mesmo instante o de rabo de cavalo deixou o quarto. Pouco depois, voltou com um aparelho telefônico. Conectou o cabo no ponto localizado no chão e entregou o fone para Komatsu. O rapaz de cabelo rente pediu para Komatsu ligar para a editora.

— Diga que você está muito gripado e que esteve de cama, com febre. Avise que, por enquanto, você não vai poder trabalhar. Em seguida, desligue o telefone.

Komatsu mandou chamar um colega, transmitiu rapidamente o que precisava dizer e, sem responder às perguntas, desligou o telefone. Ao sinal de aprovação do rapaz de cabelo rente, o de rabo de cavalo desconectou o telefone e saiu, levando consigo o aparelho. O de cabelo rente observou-o durante um tempo, como se estivesse examinando o dorso de suas próprias mãos. Em seguida, voltou-se para Komatsu e disse:

— Por hoje, é só — sua voz, agora, denotava um tom um pouco mais cordial. — Vamos continuar num outro dia. Enquanto isso, reflita sobre a nossa conversa de hoje.

Os dois saíram do quarto. Nos próximos dez dias, Komatsu permaneceu sozinho e em silêncio naquele quarto apertado. Três vezes ao dia, o mesmo jovem, com a máscara, trazia-lhe as refeições não muito apetitosas. No quarto dia, trouxeram-lhe um conjunto de pijama de algodão para se trocar, mas só o deixaram tomar banho no último dia. Durante o período em que esteve lá, Komatsu lavava o rosto na pequena pia do banheiro. A noção do tempo foi ficando cada vez mais incerta.

Komatsu tinha a impressão de que estava na sede do grupo Sakigake, em Yamanashi. Ele havia visto a imagem do local num noticiário da TV. Era totalmente cercado por muros, no meio das montanhas, como se fosse um reino independente. Seria impossível fugir ou pedir socorro. Se ele fosse morto (esse seria provavelmente o significado da saída não muito agradável, mencionada pelo rapaz de cabelo rente), jamais encontrariam seu corpo. Era a primeira vez na vida que Komatsu sentia a morte tão real, tão próxima.

Dez dias depois de ele telefonar para a empresa (provavelmente foram dez dias, mas ele não tinha certeza), finalmente os dois reapareceram. O rapaz de cabelo rente parecia um pouco mais magro que da vez anterior e, por isso, seus

maxilares estavam ainda mais proeminentes. Os olhos, gélidos, agora estavam vermelhos. Ele sentou-se na cadeira dobrável que trazia consigo, como da vez anterior, e ficou de frente para Komatsu, com a mesa entre eles. Durante um bom tempo, não disse nada. Apenas fitava Komatsu com aqueles olhos vermelhos.

A aparência do rapaz de rabo de cavalo não havia mudado. Como da vez anterior, ele ficou em pé, com as costas eretas, perto da porta e, com o olhar inexpressivo, observava atentamente um ponto no espaço vazio. Ambos vestiam calças pretas e camisas brancas. Provavelmente, era o uniforme deles.

— Vamos continuar a nossa conversa — disse o rapaz de cabelo rente. — Ela foi interrompida depois de falarmos que eles podiam fazer o que quisessem com você enquanto estiver aqui, não é?

Komatsu concordou. — E que poderiam pensar em uma saída que, certamente, não seria agradável.

— Você tem uma ótima memória — disse o rapaz de cabelo rente. — Isso mesmo. Não descartamos a possibilidade de escolher uma saída não muito agradável.

Komatsu manteve-se em silêncio. O rapaz de cabelo rente prosseguiu:

— Mas isso é uma solução estritamente *teórica*. Na prática, *eles* não querem optar por essa alternativa tão extremista. Se você sumir, de repente, a situação ficará inevitavelmente mais complexa. Foi o que aconteceu com o desaparecimento de Eriko Fukada. Não haveria muitas pessoas tristes caso você desaparecesse, mas você é muito respeitado como editor, e muito conhecido nos meios literários. E, certamente, sua ex-mulher não vai ficar quieta se você deixar de pagar a pensão alimentícia. Esse tipo de desdobramento não é muito agradável para *eles*.

Depois de uma tosse seca, Komatsu engoliu a saliva.

— Saiba que a intenção deles não é criticá-lo ou puni-lo. Eles sabem que a publicação da *Crisálida de ar* não foi planejada para atacar um grupo religioso específico. No começo, vocês sequer sabiam que existia uma relação entre a *Crisálida de ar* e o grupo religioso. Desde o início, você planejou essa fraude meio que por brincadeira, meio que por ambição. Com o tempo, o plano passou a envolver uma considerável soma de dinheiro. Para um simples assalariado, e divorciado, não deve ser fácil pagar a pensão das crianças. Ainda por cima, você envolveu nesse plano um professor de uma escola preparatória e aspirante a escritor, que desconhecia totalmente o quadro geral. O plano em si era simples e divertido, mas a escolha da obra e da parceria é que foi infeliz. Por isso, seu plano inicial tomou uma proporção muito maior do que você imaginava. Vocês são como os civis que, por engano, ficam na linha de frente e acabam entrando num campo minado. Não conseguem seguir adiante nem retroceder. Não é isso, senhor Komatsu?

— Será que é isso mesmo? — respondeu Komatsu, de modo ambíguo.

— Pelo visto, você ainda não sabe de muitas coisas — disse o rapaz de cabelo rente, estreitando sutilmente os olhos que fitavam Komatsu. — Se soubesse, não falaria desse modo leviano, como se isso não lhe dissesse respeito.

Vamos deixar a situação bem clara. Saiba que você está *realmente* num campo minado.

Komatsu concordou, sem dizer nada.

O rapaz de cabelo rente fechou os olhos por alguns instantes e os abriu novamente. — Vocês estão em apuros, mas *eles* também estão enfrentando graves problemas.

Komatsu resolveu tomar coragem: — Posso fazer uma pergunta?

— Se eu puder responder.

— Ao publicar a *Crisálida de ar*, nós causamos alguns problemas a esse grupo religioso. É isso?

— Não foram *poucos* os problemas — disse o rapaz de cabelo rente, contorcendo levemente o rosto. — A voz deixou de falar com eles. Você entende o que isso significa?

— Não — disse Komatsu, com o tom de voz seco.

— Não faz mal, eu também não pretendo entrar em detalhes e creio que seja melhor que você não saiba. O que posso dizer é que *a voz deixou de falar com eles*. — O rapaz de cabelo rente fez uma pausa e prosseguiu: — Essa situação desagradável ocorreu quando a *Crisálida de ar* foi publicada.

Komatsu indagou: — Eriko Fukada e o professor Ebisuno previam essa situação desagradável quando resolveram publicar a *Crisálida de ar*?

O rapaz de cabelo rente balançou a cabeça num gesto negativo. — Não. Creio que o professor Ebisuno não sabia dessas implicações. Quanto a Eriko Fukada, desconhecemos o que ela planejava. Mas achamos que essa ação não foi intencional. Caso tenha havido algum plano, não deve ter sido dela.

— As pessoas acham que a *Crisálida de ar* é apenas uma história de fantasia — disse Komatsu. — Fantasia inocente, escrita por uma garota do colegial. Para falar a verdade, alguns a criticaram, dizendo que a história era surreal demais. Ninguém desconfiou que o livro ocultava algum segredo importante ou revelava alguma informação concreta em suas páginas.

— Você tem razão — disse o rapaz de cabelo rente. — A maioria não percebeu nada. Mas a questão não é essa. Esse segredo não poderia ser revelado publicamente *sob forma nenhuma*.

O rapaz de rabo de cavalo mantinha-se, como sempre, diante da porta, olhando a parede à frente, como se pudesse enxergar uma paisagem além dela, que ninguém mais era capaz de ver.

— O que eles querem é trazer de volta aquela voz — disse o rapaz de cabelo rente, escolhendo as palavras. — O veio de água não secou. Apenas está oculto num local profundo, que não podemos ver. Fazer com que esse veio ressurgja não é tarefa fácil, mas também não é algo impossível.

O rapaz de cabelo rente fixou seus olhos nos de Komatsu. Parecia estar medindo a profundidade de alguma coisa dentro deles. Como se medisse um móvel para ver se caberia num determinado espaço do quarto.

— Como eu já lhe disse antes, vocês estão no meio de um campo minado. Não podem prosseguir nem retroceder. A única coisa que *eles* podem

fazer por vocês é ajudá-los a sair desse lugar com segurança. Eles podem ensinar o caminho. Só assim vocês poderão sair desse lugar com vida, e eles podem se livrar pacificamente dos incômodos intrusos.

O rapaz de cabelo rente cruzou os braços.

— Gostaríamos que aceitasse essa nossa proposta. Para eles, tanto faz se vocês vão explodir em mil pedaços ou não, mas provocar um estrondo nesse momento trará muitos incômodos para eles. Por isso, senhor Komatsu, vamos lhe ensinar o caminho de fuga. Ficaremos na retaguarda e os conduziremos até um local seguro. Em troca, o que queremos de você é que pare de publicar a *Crisálida de ar*. Não faça mais reimpressões ou edições de bolso. É claro que isso inclui não veicular novos anúncios. De agora em diante, vai cortar as relações com Eriko Fukada. O que me diz? Creio que isso é algo que você pode fazer.

— Não vai ser fácil, mas posso tentar. Talvez eu consiga — disse Komatsu.

— Senhor Komatsu, nós não o trouxemos até aqui para que a conversa fique no nível do *talvez* — os olhos do rapaz de cabelo rente ficaram ainda mais vermelhos, e o olhar ainda mais penetrante. — Não estamos pedindo para que retire todos os livros que estão em circulação. Se fizer isso, a mídia certamente vai se alvoroçar. Também sabemos que você não tem tanto poder a ponto de conseguir fazer isso. O que estamos pedindo é que tente resolver as coisas discretamente. O que já foi feito não tem jeito. Uma coisa danificada nunca mais volta a ser como antes. O que *eles* desejam é que o livro não chame mais a atenção do público. Está me entendendo?

Komatsu assentiu, demonstrando que havia entendido.

— Como eu já lhe disse anteriormente, senhor Komatsu, vocês também possuem alguns fatos que, caso sejam revelados ao público, trarão inúmeras repercussões. Se eles forem divulgados, todos os envolvidos serão punidos pela sociedade. Por isso, para o bem de todos, propomos firmar um tratado de paz. Eles não vão responsabilizá-los sobre o que ocorrer a partir daqui. Garantimos a segurança de todos. E vocês, por outro lado, não vão mais se envolver com assuntos relacionados à *Crisálida de ar*. Não é um acordo tão ruim, é?

Komatsu pensou a respeito: — Está bem. Quanto à publicação da *Crisálida de ar*, assumo o compromisso de interrompê-la. Vou precisar de um tempo, mas sei que vou achar uma maneira de suspender as impressões. E, por mim, posso esquecer completamente o assunto. Creio que Tengo Kawana fará o mesmo. Desde o início, ele não queria participar disso. Eu é que o forcei. O trabalho dele já está concluído. Quanto a Eriko Fukada, creio que também não haverá nenhum problema. Ela mesma disse que não tinha nenhuma intenção de continuar a escrever. Só não posso dizer o mesmo em relação ao professor Ebisuno. O que ele realmente quer saber é se o amigo dele, Tamotsu Fukada, está bem, onde está e o que está fazendo. Não importa o que eu diga, ele vai continuar buscando essas informações.

— O senhor Tamotsu Fukada faleceu — disse o rapaz de cabelo rente. A voz dele era desprovida de emoção e o tom era sereno, mas continha algo de

pesaroso.

— Faleceu? — indagou Komatsu.

— Aconteceu recentemente — respondeu o rapaz de cabelo rente. Depois, respirou fundo e soltou lentamente o ar. — Ele sofreu um ataque do coração. Uma morte instantânea que, aparentemente, não o fez sofrer. Devido a certas circunstâncias, o registro de óbito ainda não foi emitido, e o funeral foi realizado secretamente na sede. Por motivos religiosos, o corpo foi cremado, e os ossos triturados foram espalhados nas montanhas. Legalmente falando, trata-se de um crime contra o respeito aos mortos, mas creio que seja difícil instaurar um processo judicial contra nós. Mas essa é a verdade. Jamais mentimos sobre assuntos que envolvem a vida e a morte de uma pessoa. Por favor, informe o ocorrido ao professor Ebisuno.

— Foi uma morte natural?

O rapaz de cabelo rente assentiu, balançando veementemente a cabeça. — O senhor Fukada era uma pessoa extremamente importante para nós. Não; falar que era extremamente importante é pouco para se referir a um ser tão grandioso. Poucas pessoas sabem de sua morte, e todas lamentam, e muito, o ocorrido. A esposa dele, isto é, a mãe de Eriko Fukada, morreu de câncer de estômago alguns anos atrás. Ela faleceu no ambulatório da sede, recusando-se a fazer quimioterapia. O marido dela, o senhor Tamotsu, foi quem cuidou dela até seu falecimento.

— Nesse caso, o registro de óbito também não foi emitido? — indagou Komatsu.

Não houve resposta.

— E o senhor Tamotsu Fukada morreu recentemente.

— Isso mesmo — disse o rapaz de cabelo rente.

— Ele morreu depois da *Crisálida de ar* ser publicada?

O rapaz de cabelo rente olhou para a mesa e, ao erguer o rosto, fitou novamente Komatsu. — Isso mesmo. O senhor Fukada morreu após a publicação da *Crisálida de ar*.

— Há alguma relação de causa e efeito entre esses fatos? — perguntou Komatsu, sem titubear.

O rapaz de cabelo rente manteve-se em silêncio durante um tempo. Parecia organizar os pensamentos para responder à pergunta. Um tempo depois, disse com determinação: — Tudo bem. Para convencer o professor Ebisuno, acho melhor esclarecer os fatos. Para falar a verdade, Tamotsu Fukada era o Líder do grupo religioso (e aquele que escutava as vozes). Quando sua filha, Eriko Fukada, publicou a *Crisálida de ar*, as vozes deixaram de falar com ele. Por isso, o senhor Fukada resolveu pôr um fim a sua própria vida. E essa morte foi natural. O correto seria dizer que ele pôs fim à vida de modo espontâneo.

— Eriko Fukada é a filha do Líder — disse Komatsu, num murmúrio.

O rapaz balançou a cabeça de modo rápido e breve, num gesto afirmativo.

— Quer dizer que Eriko Fukada levou o pai à morte — prosseguiu

Komatsu.

O rapaz concordou novamente — Isso mesmo.

— Mas o grupo religioso ainda existe.

— O grupo religioso existe — respondeu o rapaz de cabelo rente, com olhos que pareciam pequenas pedras antigas congeladas nas profundezas de uma geleira.

— A publicação da *Crisálida de ar* trouxe muitos infortúnios ao grupo. Mas *eles* não pretendem castigá-los por isso. Em parte, porque castigá-los não trará nenhuma vantagem. *Eles* possuem uma missão a cumprir e, para isso, é preciso que haja um isolamento silencioso.

— É por isso que vocês estão nos propondo voltar atrás e esquecer tudo o que aconteceu.

— Dito de modo simples, é isso.

— Mas vocês precisavam me raptar para dizer isso?

Pela primeira vez, o rapaz de cabelo rente esboçou no rosto algo que lembrava uma expressão. Uma sutil expressão que denotava um sentimento intermediário entre humor e simpatia. — O motivo de nos darmos ao trabalho de trazê-lo até aqui foi para lhe transmitir o quanto eles estavam levando esse assunto a sério. Não queríamos agir de modo tão drástico, mas, quando a situação exige, não hesitamos em fazê-lo. Queríamos que você sentisse isso na pele. Se vocês quebrarem o acordo, poderão acontecer coisas não muito agradáveis. Creio que você já entendeu, certo?

— Entendi — disse Komatsu.

— Para falar a verdade, vocês tiveram sorte. A intensa névoa cobria-lhes a visão a ponto de vocês não conseguirem enxergar direito o entorno, mas, na verdade, vocês estavam a um passo do precipício. Acho melhor não se esquecerem disso. Como subordinado, posso assegurá-lo de que eles não estão com tempo de se ocuparem com vocês. Eles precisam resolver alguns problemas muito mais importantes. Nesse sentido, vocês também tiveram sorte. Por isso, faça com que essa sorte continue ao seu lado.

Após dizer isso, o rapaz virou as palmas para cima, como se estivesse verificando se chovia. Komatsu aguardou a continuação da conversa. Em vão. Uma expressão de exaustão esboçou-se no rosto do rapaz de cabelo rente. Ele levantou-se da cadeira, dobrou-a, colocou-a debaixo do braço e, sem se voltar para trás, deixou o cubículo. A porta pesada se fechou e o barulho da tranca reverberou no quarto. Komatsu ficou sozinho.

— Fiquei mais quatro dias preso naquele cubículo. O que havia de importante para conversarmos, já havia sido dito. O assunto foi tratado e firmamos um acordo. O que eu não conseguia entender era por que eu continuava preso. Aqueles dois rapazes nunca mais apareceram e o jovem continuou trazendo as refeições, sem abrir a boca. Continuei a comer aquela comida sem graça, a fazer a barba com o barbeador elétrico e olhar o teto e as paredes para passar o tempo.

Quando apagavam a luz eu dormia e, quando a acendiam, eu acordava. Fiquei ruminando o que o rapaz de cabelo rente me disse. O que mais me tocou foi o fato de ele me dizer que *nós tivemos sorte*. Ele tinha razão. Eles são capazes de fazer o que quiserem. Uma vez decidido, eles podem agir de modo extremamente cruel. É isso que senti enquanto estive preso. O objetivo deles, certamente, deve ter sido esse. Por isso é que, após a conversa que tivemos, eles fizeram questão de me deixar mais quatro dias preso naquele lugar. É um pessoal muito meticoloso.

Komatsu pegou o copo e bebeu seu uísque com soda.

— Me fizeram cheirar novamente o clorofórmio e, quando acordei, amanhecia. Eu estava dormindo no banco do jardim do Santuário Meiji Jingu. Como estávamos em meados de setembro, as manhãs eram relativamente frias. Não é para menos que fiquei realmente gripado. Creio que isso não foi intencional, mas nos três dias seguintes tive febre e fiquei de cama. Mas devo considerar que tive sorte de só pegar uma gripe.

A história de Komatsu parecia ter terminado e foi então que Tengo indagou: — Você contou essa história para o professor Ebisuno?

— Sim. Após ser libertado e dias depois de minha febre baixar, fui até a casa dele no alto da montanha. Contei ao professor mais ou menos a mesma história que acabei de lhe contar.

— O que ele disse?

Komatsu bebeu o último gole de uísque e pediu mais um. Recomendou a Tengo que também pedisse outro, mas este recusou, balançando a cabeça.

— O professor Ebisuno me fez contar a história várias vezes e me fez várias perguntas detalhadas. O que eu sabia, respondi. Quando necessário, eu conseguia repetir a mesma história várias vezes. Afinal, após conversar com o rapaz de cabelo rente, fiquei quatro dias sozinho, trancado naquele quarto. Não tinha ninguém com quem conversar, e tempo era o que eu tinha de sobra. Por isso, pude refletir sobre o que aquele rapaz me disse e, com isso, consigo me lembrar perfeitamente de todos os detalhes da conversa que tivemos. Isso sim é que é se tornar um gravador humano.

— Mas a morte dos pais da Fukaeri é apenas uma desculpa que eles inventaram, não é? — perguntou Tengo.

— Creio que sim. Isso é o que eles alegam, pois não temos como comprovar a veracidade dos fatos. Não foi emitido o atestado de óbito. Mas, do jeito que aquele rapaz de cabelo rente disse, tive a impressão de que ele não estava inventando aquilo. Ele próprio chegou a dizer que, para eles, questões relacionadas à vida e à morte são sagradas. Assim que contei a história, o professor Ebisuno ficou durante um bom tempo em silêncio, pensando. Ele é uma pessoa que realmente pensa nas coisas com tempo e profundidade. Depois, sem dizer nada, levantou-se e só retornou após muito tempo. De certa forma, tive a impressão de que o professor tentava se conformar com a morte dos dois. Talvez, no fundo, ele já previsse isso e, portanto, precisasse de um tempo para se conformar com o fato. Quando somos informados de que nossos amigos não estão mais neste mundo, isso certamente provoca uma grande ferida em nosso

oração.

Tengo lembrou-se daquela sala grande e sem adornos, do frio intenso e do silêncio, do canto agudo dos pássaros que, de vez em quando, ecoava pela janela. — No final, resolvemos recuar e bater em retirada do campo minado? — indagou Tengo.

Uma nova dose de uísque com soda foi trazida. Komatsu umedeceu a boca com a bebida.

— O professor Ebisuno disse que precisava de um tempo para pensar e, de imediato, não quis comentar nada. Mas, afinal, que outra opção haveria a não ser fazer o que os caras disseram? Eu comecei a agir sem perder tempo. Na empresa, fiz de tudo para suspender a reimpressão da *Crisálida de ar*, fazendo com que a edição se esgotasse. A edição de bolso também foi suspensa. A quantidade de livros vendidos foi grande e a editora já havia faturado muito. A editora em si não teria nenhum prejuízo com a suspensão do título. É claro que a coisa não foi tão simples, pois tive de realizar reuniões e ter a aprovação do presidente. Mas, quando revelei que havia a possibilidade de vir a público que o livro foi redigido por um *ghost-writer*, e ressaltai o tremendo escândalo que isso provocaria, os meus superiores tremeram na base e acabaram cedendo. Desde então, passaram a seguir as minhas instruções. De agora em diante, sei que a empresa vai me tratar friamente, mas isso é o de menos; já estou acostumado com esse tipo de coisa.

— Quer dizer que o professor Ebisuno aceitou a informação de que os pais de Fukaeri morreram, sem contestar?

— Possivelmente — disse Komatsu. — Acho que ele precisava de um tempo para assimilar e aceitar a morte do casal como um fato real. Na minha opinião, aqueles caras não estão blefando. Acho que resolveram ceder um pouco para evitar problemas ainda mais graves. Isso explica por que agiram de modo tão violento ao me sequestrar. Eles queriam ter a certeza absoluta de que nós entenderíamos a mensagem. Para transmitir o recado, eles não precisariam revelar que os corpos do casal Fukada foram secretamente cremados dentro da propriedade do grupo religioso. Por mais que seja difícil levantar provas, a profanação de cadáver é crime. No entanto, eles fizeram questão de revelar isso. Certamente, colocaram as cartas na mesa com a intenção de exibir sua astúcia. É por isso que sou da opinião de que grande parte do que o rapaz de cabelo rente disse é verdade. Não tanto em relação aos detalhes, mas em termos gerais.

Tengo organizou mentalmente o que Komatsu lhe dissera. — O pai de Fukaeri era quem ouvia a voz. Ou seja, ele era uma espécie de profeta. Mas quando a filha dele, Fukaeri, escreveu a *Crisálida de ar*, e o livro se tornou um best-seller, a voz deixou de falar com ele e, em função disso, ele teve uma morte natural.

— Ou ele *naturalmente* quis pôr um fim a sua própria vida — disse Komatsu.

— Para o grupo religioso, encontrar um novo profeta tornou-se a missão mais importante a ser cumprida. Se a voz deixou de se pronunciar, o grupo perdeu a base de sua existência. É por isso que eles não têm mais interesse em

nós. Em resumo, é isso, não?

— Provavelmente.

— Eles dizem que a *Crisálida de ar* contém inúmeras informações importantes e que, assim que a obra foi impressa e divulgada, a voz se silenciou e a fonte se ocultou nas profundezas da terra. Mas o que vem a ser exatamente essa tal informação importante?

— Nos últimos quatro dias em que estive preso, pensei muito a respeito disso — disse Komatsu. — A *Crisálida de ar* não é um livro muito volumoso. É a história de um mundo em que o Povo Pequenino aparece e desaparece. Uma menina de dez anos, a protagonista, vive numa comunidade isolada. O Povo Pequenino surge durante a noite e, secretamente, constrói uma crisálida de ar. No interior dessa crisálida surge o alter ego da menina e, a partir de então, nasce a relação *maza* e *dohita*. Nesse mundo, duas luas pairam no céu. Uma grande e outra pequena, ou seja, simbolicamente representam a *maza* e a *dohita*. Na história, a protagonista — que deve ser a própria Fukaeri — rejeita sua função como *maza* e foge da comunidade, deixando para trás a *dohita*. No romance, não sabemos o que aconteceu com a *dohita*.

Tengo ficou um bom tempo observando o gelo que derretia dentro do copo.

— “Quem escuta a voz” precisa da intermediação da *dohita* — disse Tengo. — É através da *dohita* que a pessoa consegue escutar a voz. Ou melhor, é a *dohita* que traduz a voz em palavras compreensíveis. Para interpretar corretamente a mensagem que essa voz transmite, é necessário que ambas estejam juntas. Se tomarmos emprestado as palavras de Fukaeri, o receptor e o perceptivo precisam estar juntos. E, para isso, a primeira coisa a fazer é a crisálida de ar, pois é através dela que nasce a *dohita*. E para fazer a *dohita* é necessário uma *maza apropriada*.

— Essa é a sua interpretação.

Tengo balançou a cabeça. — Não é bem uma interpretação. Apenas pensei nisso enquanto ouvia o resumo da história que você acabou de contar.

Tengo sempre tentou entender o significado de *maza* e *dohita*, não só enquanto reescrevia o romance, como também depois de terminada a tarefa, mas faltava-lhe a visão do conjunto. Enquanto conversava com Komatsu, as peças começaram a se encaixar, apesar de ainda restar uma dúvida: Por que apareceu uma crisálida de ar no leito hospitalar de seu pai e, dentro dela, a menina Aomame?

— Realmente, é um conjunto de elementos muito interessante — disse Komatsu. — Mas não seria um problema para a *maza* ficar longe de sua *dohita*?

— Sem a *dohita*, possivelmente a *maza* não se torna um ser completo. Assim como no caso da Fukaeri que nós conhecemos, é difícil determinar exatamente o que, mas sabemos que lhe falta algo. Ela parece uma pessoa que perdeu sua própria sombra. Eu não saberia dizer o que acontece com uma *dohita* que não possui a *maza*. Mas acho que ela também não é um ser completo, porque a *dohita* é apenas o alter ego da pessoa. Mas, no caso de Fukaeri, acho que a *dohita* conseguia cumprir sua função de médium mesmo sem a presença da

maza.

Komatsu mantinha os lábios cerrados e levemente arqueados. Um tempo depois, indagou: — Tengo, por acaso você acha que tudo o que está escrito na *Crisálida de ar* realmente aconteceu?

— Não é isso. Estou apenas levantando uma hipótese. Imagino que aquilo realmente aconteceu e analiso os desdobramentos com base nessa suposição.

— Está bem — disse Komatsu. — Então quer dizer que o alter ego de Fukaeri cumpre a função de médium, apesar de estar distante de seu corpo.

— É por isso que o grupo religioso não faz questão de trazê-la de volta à força, mesmo sabendo onde ela está. No caso dela, a *dohta* cumpre sua função mesmo sem a *maza* por perto. Mesmo à distância, existe uma ligação muito forte entre elas.

— Realmente.

Tengo prosseguiu: — Acho que eles possuem várias *dohtas*. Na medida do possível, o Povo Pequenino deve criar várias crisálidas de ar. Ter apenas um elemento perceptivo deve deixá-los numa situação instável. Ou talvez as *dohtas* capazes de cumprir corretamente essa função perceptiva sejam de fato muito poucas. Pode ser que exista uma *dohta* central, mais forte, e as demais, não tão fortes, são apenas secundárias; razão pela qual elas devem trabalhar em conjunto.

— Está dizendo que a *dohta* que Fukaeri deixou na sede é a *dohta* central que *cumpr*e corretamente essa função perceptiva?

— Acho que essa possibilidade é forte. Temos de reconhecer que Fukaeri sempre esteve no centro dos acontecimentos, como se fosse o olho do furacão.

Komatsu estreitou os olhos e entrelaçou os dedos sobre a mesa. Quando ele queria, era capaz de concatenar os pensamentos com perspicácia.

— Tengo, andei pensando numa hipótese. Será que a Fukaeri que conhecemos é a *dohta*, e quem ficou lá é a *maza*?

A questão de Komatsu deixou Tengo resabiado. Ele nunca havia pensado nisso. Para Tengo, Fukaeri sempre foi um ser único. Mas a hipótese de Komatsu lhe pareceu pertinente. “Eu não tenho menstruação, por isso não há o perigo de engravidar”, foi o que ela lhe disse naquela noite, após a estranha relação sexual que tiveram. Se ela realmente é apenas o seu alter ego, aquilo que ela disse fazia sentido. O alter ego não pode se reproduzir. Somente a *maza* é capaz disso. No entanto, essa era uma hipótese que Tengo não conseguia aceitar: a possibilidade de ele ter mantido uma relação sexual com o alter ego de Fukaeri.

Tengo disse: — Fukaeri possui uma personalidade bem marcante. E um padrão de comportamento peculiar. O alter ego possivelmente não possui essas particularidades.

— Realmente — concordou Komatsu. — Você tem razão. Fukaeri possui uma personalidade e um padrão de comportamento próprios. Não tenho como negar.

Mesmo assim, Tengo tinha a impressão de que Fukaeri escondia algum segredo. Aquela linda garota possuía um código secreto muito importante, que

ele precisava desvendar. Quem era a verdadeira Fukaeri, e quem era o alter ego? Seria um equívoco tentar separar aquelas duas Fukaeris? Ou será que, no caso de Fukaeri, ela podia manipular tanto o seu ser real quanto o alter ego?

— Há algumas coisas que ainda não consigo entender — disse Komatsu, abrindo as mãos sobre a mesa e pondo-se a observá-las. Para um homem de meia-idade, até que seus dedos eram finos e delicados. — Depois que a voz deixou de falar, a fonte do poço secou e o profeta morreu. Mas o que aconteceu com a *dohita*?

— Se não existe o receptor, a função do perceptor deixa de existir.

— Levando em consideração a sua hipótese — prosseguiu Komatsu —, será que Fukaeri escreveu a *Crisálida de ar* com a intenção de fazer isso? Aquele rapaz me disse que ela não deve ter feito isso intencionalmente. Pelo menos, o plano não teria sido dela. Mas como ele sabe?

— Ele não deve saber toda a verdade — disse Tengo. — Mas eu também não creio que Fukaeri tenha sido capaz de planejar a morte de seu próprio pai, independentemente das razões que ela pudesse ter. O pai dela talvez tenha optado pela morte por algum outro motivo não relacionado a ela. Talvez tenha sido por isso que ela fugiu. Talvez ela quisesse que o pai se libertasse daquela voz. Mas tudo não passa de uma suposição.

Komatsu passou um bom tempo pensando, franzindo o nariz. A seguir, suspirou e olhou ao redor.

— Realmente é um mundo estranho. Não se sabe até onde ele é uma hipótese e a partir de onde ele se torna real. Com o passar do tempo, é cada vez mais difícil discernir a fronteira que separa o mundo hipotético do mundo real. Me diga uma coisa, Tengo: como escritor, como você definiria o conceito de realidade?

— O mundo real é aquele em que, quando se espeta alguém com uma agulha, sangue vermelho é derramado — disse Tengo.

— Se é assim, não há dúvidas de que este mundo é real — disse Komatsu, esfregando vigorosamente o antebraço com a palma da mão. Veias azuladas destacavam-se na superfície da pele. Suas veias não pareciam muito saudáveis. Eram vasos sanguíneos danificados ao longo de vários anos de bebida e cigarros; uma vida desregrada, com inúmeras tramoias literárias. Komatsu tomou de um só gole o uísque e balançou ruidosamente o gelo do copo vazio.

— Voltando ao assunto, fale um pouco mais sobre as hipóteses que você levantou. A conversa está ficando interessante.

Tengo prosseguiu. — Eles devem estar procurando o sucessor dessa pessoa que escutava a voz. Não só o sucessor, como também um novo *dohita*, capaz de *cumprir corretamente essa função*. Para um novo receptor é preciso encontrar um novo perceptor.

— Quer dizer que eles precisam encontrar um novo *maza*. Isso significa que também precisam criar uma nova crisálida de ar. Uma tarefa e tanto, não?

— É por isso que estão levando esse assunto tão a sério.

— Sem dúvida.

— Mas não creio que tudo isso seja em vão — disse Tengo. — Eles já devem ter alguém em mente.

Komatsu concordou. — Eu também tive essa impressão, e é por isso que eles querem se livrar da gente o quanto antes. Em outras palavras, eles não querem que atrapalhem o trabalho deles. Pelo jeito, estamos realmente incomodando.

— Por que será que nós incomodamos tanto?

Komatsu balançou a cabeça. Ele também não sabia a resposta.

— Que tipo de mensagem essa voz transmitia para eles? Que tipo de relação existe entre o Povo Pequeninino e essa voz? — indagou Tengo.

Komatsu balançou novamente a cabeça, sem muito entusiasmo. Isso era algo que extrapolava a imaginação deles.

— Você já assistiu ao filme *2001: uma odisseia no espaço*?

— Já — respondeu Tengo.

— Nós somos como aqueles macacos — disse Komatsu. — Aqueles com o pelo preto e comprido, que bradam coisas sem sentido enquanto giram em torno do monólito.

Duas pessoas que pareciam clientes habituais entraram no bar, se acomodaram no balcão e pediram coquetéis.

— Mas uma coisa é certa — disse Komatsu, para finalizar a conversa. — Sua hipótese é convincente e seus argumentos são plausíveis. É sempre muito divertido conversar com você. Mas nós vamos bater em retirada e deixar o campo minado. Provavelmente não vamos mais ver Fukaeri nem o professor Ebisuno. A *Crisálida de ar* será apenas um inocente romance de fantasia que não possui nenhuma informação concreta em seu texto. Não importa que tipo de mensagem ou como essa voz transmite a informação, nós não temos mais nada a ver com isso. Vamos deixar as coisas como estão.

— Vamos abandonar o barco e pisar em terra firme.

Komatsu concordou. — Isso mesmo. Vou trabalhar todos os dias na editora e procurar manuscritos que tanto faz publicar ou não na revista literária. Você vai continuar a lecionar matemática na escola preparatória para os promissores jovens e, nos dias em que não der aula, escreverá o seu romance. Vamos voltar para a nossa pacífica vida cotidiana. Sem fortes correntezas nem cachoeiras. O tempo vai passar e envelheceremos tranquilamente. Alguma objeção?

— Não temos outra escolha, temos?

Komatsu esticou as rugas das laterais do nariz com a ponta dos dedos. — Tem razão. Não temos escolha. Nunca mais quero ser raptado. A experiência de ficar preso num cubículo, para mim, foi o suficiente. Se houver uma próxima vez, possivelmente eu nunca mais verei a luz do dia. Mesmo que eu não seja raptado, só de pensar em reencontrar aqueles caras meu coração dispara. O olhar deles é suficiente para fazer uma pessoa sofrer um ataque fatal.

Komatsu olhou para o balcão, levantou o copo e pediu a sua terceira dose de uísque com soda. Levou um cigarro à boca.

— Por que você não me contou essa história antes? Já faz um bom tempo que te sequestraram, não? Mais de dois meses. Por que não me contou?

— Não sei dizer — disse Komatsu, inclinando levemente a cabeça. — Você tem razão. Eu queria contar, mas fui protelando, protelando. Por que será? Talvez não tenha te contado por me sentir culpado.

— Culpado? — indagou Tengo, surpreso. Ele nunca pensou em ouvir essas palavras da boca de Komatsu.

— Fique sabendo que eu também tenho sentimento de culpa — disse Komatsu.

— Em relação a quê?

Komatsu não respondeu. Em vez disso, estreitou os olhos e ficou um bom tempo com o cigarro apagado, rolando-o entre os lábios.

— Fukaeri sabe que os pais dela morreram? — perguntou Tengo.

— Creio que sim. Não sei quando, mas o professor Ebisuno deve ter contado.

Tengo assentiu. Ele tinha a impressão de que Fukaeri sabia havia muito tempo. O único que não sabia era ele.

— Vamos descer do barco e voltar para a nossa vida, em terra firme — disse Tengo.

— Isso mesmo. Vamos deixar o campo minado.

— Mas você acha mesmo que podemos voltar a ter a mesma vida de antes?

— O jeito é tentar — disse Komatsu. Em seguida, acendeu o cigarro com um fósforo. — Alguma coisa em particular o preocupa?

— Sinto que inúmeras coisas à nossa volta começaram a entrar num estranho padrão. Algumas, inclusive, já não possuem mais a mesma forma. Acho que não vai ser tão fácil voltar à vida de antes.

— Mesmo levando em consideração que a nossa preciosa vida está em jogo?

Tengo balançou a cabeça, hesitante. Sentia que, em algum momento, ele fora tragado por uma correnteza forte, e que ela o conduzia a um local desconhecido. Ele, porém, não conseguia explicar esse sentimento a Komatsu.

Tengo não revelou a Komatsu que o romance que ele estava escrevendo herdava o mundo descrito na *Crisálida de ar*. Komatsu, certamente, não receberia a notícia de bom grado. O grupo religioso Sakigake também não. Se não tivesse cuidado, Tengo corria o sério risco de entrar em outro campo minado. Ou colocar em risco as pessoas ao seu redor. Mas sua história possuía uma vida e um objetivo próprios, e se desenvolvia quase que espontaneamente. Ele próprio pertencia a esse mundo, à revelia. Para Tengo, a história deixara de pertencer ao mundo da ficção. Ela havia se tornado o mundo real. Uma realidade em que, se cortasse a pele com uma faca, o sangue vermelho iria escorrer de verdade. E, no céu desse mundo, pairavam duas luas, uma grande e outra pequena.

Ushikawa**Coisas que ele consegue fazer, e as pessoas comuns não**

Era uma tranquila manhã de quinta-feira, sem ventos. Como de costume, Ushikawa acordou um pouco antes das seis e lavou o rosto com água fria. Enquanto ouvia o noticiário da rádio NHK, escovou os dentes e fez a barba com o barbeador elétrico. Em seguida, esquentou água na panela e preparou um macarrão instantâneo. Após comê-lo, bebeu uma xícara de café solúvel. Dobrou o saco de dormir, guardou-o no armário e sentou-se diante da câmera. O céu na parte leste começava a clarear. O dia prometia ficar quente.

Ushikawa já havia memorizado os rostos daqueles moradores que costumavam sair cedo para o trabalho e, portanto, não havia a necessidade de fotografá-los toda vez que deixavam apressadamente o prédio, entre sete e oito e meia, seguindo afoitos à estação. Eram rostos conhecidos. Vozes animadas de um grupo de estudantes do primário que seguiam em direção à escola alcançaram seus ouvidos quando a garotada passava diante do prédio. Vozes que o fizeram se lembrar do tempo em que suas filhas eram pequenas. Elas adoravam frequentar a escola. Aprendiam piano e balé e tinham muitos amigos. O fato de ele ter filhas tão normais era algo que ele próprio nunca conseguiu admitir para si mesmo. Como uma pessoa como ele poderia ser o pai delas?

Após o movimentado horário de saída dos moradores, praticamente ninguém mais saía ou entrava no prédio. Não se ouviam mais as vozes animadas das crianças. Ushikawa tirou o dedo do botão do controle do obturador, encostou-se na parede e, fumando um Seven Stars, observou, por entre as cortinas, a entrada do prédio. Como de costume, pouco depois das dez o carteiro chegou com sua motocicleta vermelha e, habilmente, separou e distribuiu as correspondências dos moradores em suas respectivas caixas na entrada do prédio. Até onde Ushikawa pôde observar, pelo menos metade era de correspondências não solicitadas. A maioria possivelmente ia direto para o lixo. Conforme o sol atingia o seu zênite, a temperatura se elevou e muitas pessoas andavam pela rua sem os seus casacos.

Fukaeri apareceu na entrada do prédio quando já passava das onze. Ela vestia a mesma blusa de gola alta preta do dia anterior, sob um casaco curto cinza, calça jeans, tênis brancos e óculos de sol. Trazia uma bolsa verde e grande a tiracolo. A bolsa, aparentemente cheia, estava estufada, com um formato esquisito. Ushikawa desencostou-se da parede e, diante da câmera montada no tripé, passou a observá-la através do visor.

Ushikawa logo percebeu que aquela garota tinha a intenção de deixar definitivamente o apartamento. Ela colocou seus pertences na bolsa e pretendia se mudar para outro lugar. Essa foi a impressão que Ushikawa teve assim que a viu. “Provavelmente ela decidiu ir embora ao perceber que eu estava escondido no prédio”, cogitou. Ao pensar nessa possibilidade, Ushikawa sentiu o coração palpitar.

Ao sair do prédio, a garota parou e, como da vez anterior, olhou para o céu. Parecia buscar algo no espaço entre os fios emaranhados de alta tensão e a caixa do transformador. As lentes de seus óculos escuros reluziram ao refletir a luz do sol, impedindo-o de ver a expressão de seu rosto. Razão pela qual Ushikawa não tinha como saber se ela conseguiu encontrar esse *algo*. Ela permaneceu por cerca de trinta segundos observando o céu, imóvel. Em seguida, como se lembrasse de alguma coisa, virou o pescoço e olhou em direção à janela onde Ushikawa se escondia. Ela tirou os óculos e guardou-os no bolso do casaco. Em seguida, franziu as sobrancelhas e olhou diretamente para a lente telescópica, camuflada no canto da janela. “Ela sabe”, Ushikawa pensou novamente. “Ela sabe que estou aqui e que é vigiada.” Após se concentrar na lente, seu olhar subiu para o visor e passou a observar Ushikawa, como o refluxo da água passando por uma tubulação curva. Ushikawa sentiu arrepios nas mãos e nas pernas.

Fukaeri piscava de vez em quando. As pálpebras abriam e fechavam, calma e discretamente, como um ser vivo silencioso e autônomo. Mas as outras partes do corpo não apresentavam nenhum movimento. Ela permaneceu em pé, em silêncio, fitando atentamente Ushikawa, mantendo o pescoço inclinado, como um pássaro divino de corpo comprido. Ushikawa não conseguia desviar o olhar dessa garota. Era como se o mundo momentaneamente parasse. Não havia nenhum vento e o ar deixou de vibrar e emitir sons.

Um tempo depois, Fukaeri parou de olhar para Ushikawa, levantou o rosto e olhou novamente para a mesma área do céu que acabara de ver. Desta vez, por apenas alguns segundos. A expressão dela não se alterou. Em seguida, tirou do bolso os óculos de sol, colocou-os e seguiu caminhando pela rua. Seus passos eram leves e firmes, sem hesitação.

“Será que devo segui-la imediatamente? Tenho ainda não voltou e, por isso, tenho tempo suficiente para descobrir para onde ela vai. Esse tipo de informação nunca será demais.” Mas, estranhamente, ele não conseguiu se levantar. O seu corpo estava entorpecido. Através do visor, o olhar penetrante daquela garota lhe havia roubado as energias, deixando seu corpo sem ação.

“Tudo bem”, disse Ushikawa, sem conseguir se levantar. “Aomame é quem preciso realmente encontrar. Eriko Fukada é uma pessoa interessante, mas não é o meu objetivo principal. Ela surgiu por acaso e não passa de uma figura secundária. Se ela quer partir, por que não deixá-la ir para onde quiser?”, pensou Ushikawa.

Fukaeri caminhou rapidamente em direção à estação, sem olhar uma única vez para trás. Ushikawa observou ela se distanciar por entre as cortinas crestadas de sol. Quando a bolsa verde que ela carregava nas costas,

movimentando-se de um lado para outro, não podia mais ser vista, Ushikawa arrastou-se até a câmera e, encostado na parede, aguardou seu corpo recuperar as forças. Colocou um cigarro na boca e acendeu-o com um isqueiro. Deu uma tragada bem profunda, mas não conseguiu sentir gosto nenhum.

Estava demorando muito para que seu corpo recuperasse as forças. Braços e pernas continuavam dormentes. Foi quando percebeu que havia um estranho vazio dentro dele. Uma autêntica caverna. O significado desse vazio era apenas a existência de uma lacuna ou, possivelmente, do nada. Ushikawa estava sentado nessa caverna existente em seu interior — que até então lhe era desconhecida — e não conseguia se levantar. Sentiu uma dor amarga em seu peito, mas o correto seria dizer que não era exatamente uma dor. Era uma sensação de pressão que surge no ponto de interseção entre a ausência e a não ausência.

Ele permaneceu sentado no chão dessa caverna durante um longo tempo, com o corpo encostado na parede e fumando um cigarro sem gosto. “Ela é que deixou esse espaço vazio antes de partir. Não. Pode ser que não”, pensou Ushikawa. “Talvez isso já existisse dentro de mim e ela apenas me mostrou a presença desse vazio.”

Ushikawa percebeu que aquela garota chamada Eriko Fukada o deixava literalmente abalado. Aquele olhar profundo, penetrante e firme inquietava não somente o seu corpo, como também a essência do ser humano chamado Ushikawa, como se ele estivesse perdidamente apaixonado. Era a primeira vez que Ushikawa sentia isso.

“Não. Isso é impossível”, pensou. “Por que eu me apaixonaria por ela? Para começar, não existe no mundo um casal tão discrepante como nós. Desnecessário ir até o espelho do banheiro constatar isso. Não. Não é apenas em relação à aparência. A enorme diferença entre nós existe em todos os sentidos.” Ushikawa não se sentia atraído por Fukaeri. No que dizia respeito a sexo, para ele bastava se encontrar uma ou duas vezes por mês com uma prostituta conhecida sua. Ele ligava para ela, encontravam-se num quarto de hotel e transavam. Era como ir ao barbeiro.

“Deve ser uma questão espiritual”, Ushikawa concluiu, após refletir sobre o assunto. O que surgiu entre eles foi uma espécie de intercâmbio de almas. Era difícil de acreditar, mas, entre Ushikawa e aquela bela garota, ocorreu uma profunda comunhão ao trocarem olhares através da lente telescópica camuflada. Numa fração de segundo houve entre eles uma espécie de mútua revelação espiritual. E a garota foi embora, deixando Ushikawa sozinho numa caverna vazia.

“Aquele garota sabia que eu a observava secretamente por entre as cortinas, usando uma lente telescópica. Possivelmente, sabia também que eu a segui até o supermercado em frente à estação. Naquela ocasião, ela não olhou nenhuma vez para trás, mas ela me via.” No entanto, Ushikawa não sentia naquele olhar uma censura em relação ao seu comportamento. A sensação que ele tinha era de que, no fundo, ela o compreendia.

A garota apareceu e se foi. “Nós viemos de direções diferentes; por acaso, nossos caminhos se cruzaram e, por instantes, nossos olhares se encontraram. De agora em diante, seguiremos em direções opostas. Eu jamais vou reencontrar Eriko Fukada. Isso é algo que só poderia acontecer uma vez. Caso eu a reencontre, o que eu poderia pedir dela, além do que ocorreu hoje? Nós agora estamos novamente em pé, cada qual numa das extremidades de um mundo distante. Não existem palavras capazes de unir o espaço entre nós.”

Ushikawa checava a entrada e a saída dos moradores por entre as cortinas, encostado na parede. Talvez Fukakeri reconsiderasse e resolvesse voltar. Quem sabe ela se lembre de algo importante que esquecera no apartamento. Mas ela não voltou. Estava decidida a partir. Não importa o que aconteça, ela jamais voltará.

Ushikawa passou a tarde desse dia com uma profunda sensação de fraqueza. Uma fraqueza desprovida de forma e peso. O fluxo sanguíneo tornou-se lento, letárgico. O campo visual estava encoberto com uma fina névoa, e as articulações dos braços e das pernas rangiam preguiçosamente. Ao fechar os olhos, sentia nas costelas as pontadas deixadas pelo olhar de Fukakeri. Essas pontadas vinham e iam como as ondas que delicadamente se aproximam da praia. E, novamente, vinham e iam. De vez em quando, elas eram tão fortes a ponto de ele franzir a testa. Ao mesmo tempo, essa dor o fazia sentir uma ternura que jamais havia sentido. E Ushikawa percebeu isso.

Nem a esposa, nem as duas filhas e tampouco a casa de Chûôrinkan com seu jardim gramado lhe proporcionaram um sentimento de calor tão afetuoso como aquele. Em seu coração, sempre existiu uma espécie de massa sólida e fria, como um pedaço de gelo. Ele sempre viveu com esse caroço rígido e gelado dentro de si. E, apesar dessa coisa gelada, nunca chegou a sentir frio. Para ele, aquela temperatura era a normal. Mas, de algum modo, o olhar de Fukakeri conseguiu derreter, ainda que momentaneamente, o âmago dessa massa gélida. Ao mesmo tempo, Ushikawa passou a sentir uma dor aguda no fundo de seu peito. Até então, o frio que congelava seu âmago é que devia estar amenizando a dor que sentia. Em outras palavras, essa massa gélida era uma espécie de defesa psicológica. Mas agora ele admitia a existência dessa dor. Em certo sentido, ele até lhe dava as boas-vindas. O calor humano que ele sentia formava um par com a dor. Se não admitisse a dor, não conseguiria sentir o calor. Era como uma troca.

Ushikawa experimentou o sentimento de dor e calor enquanto se sentava numa pequena faixa banhada pelo sol da tarde. Sentia-se tranquilo, mantinha-se imóvel. Era um dia de inverno calmo e sem ventos. Os transeuntes caminhavam nas ruas envoltos pelos delicados raios de sol. Mas o sol se deslocava gradativamente para o oeste. Ele se escondeu atrás do edifício e, por fim, seus raios que incidiam sob um determinado espaço do quarto desapareceram. O calor do fim de tarde foi dando lugar a uma noite gelada.

Ushikawa suspirou profundamente e, a muito custo, conseguiu desgrudar o corpo até então apoiado na parede. Ainda sentia um certo torpor,

mas já não tinha tanta dificuldade de se movimentar dentro do quarto. Levantou-se bem devagar, esticou os braços e as pernas e moveu o pescoço curto e grosso em várias direções. Movimentou as mãos, abrindo-as e fechando-as várias vezes. Depois, fez seus exercícios habituais de alongamento deitado no tatame. As articulações do seu corpo emitiam secos estalidos, e os músculos foram gradativamente adquirindo a flexibilidade natural.

Era o horário em que as pessoas voltavam do trabalho e da escola. Ushikawa tentava se convencer de que precisava retomar seu serviço de vigilância. Não era uma questão de vontade. Nem se era certo ou não. “Preciso terminar o que comecei. Meu destino depende disso. Não posso ficar para sempre no fundo dessa caverna deixando-me levar por esses pensamentos sem nexos”, concluiu.

Ushikawa sentou-se novamente diante da câmera. O entorno estava completamente escuro, e a luz da entrada do prédio, acesa. “Deve haver um sensor que aciona a luz ao anoitecer”, pensou. As pessoas entravam no prédio como pássaros anônimos voltando aos ninhos miseráveis. Dentre eles, Ushikawa não viu o rosto de Tengo Kawana. Mas, em breve, ele deve retornar. Não pode ficar tanto tempo cuidando do pai. Possivelmente, deve voltar a Tóquio até o fim de semana, e retomar as aulas na semana seguinte. Faltam poucos dias. Não. Talvez ele volte entre hoje e amanhã. Essa era a intuição de Ushikawa.

“Sou como um verme nojento e pegajoso que se mexe sob a pedra úmida. Devo admitir isso, sem ressalvas. Ao mesmo tempo, sou um verme extremamente hábil, perseverante e obstinado. Não desisto fácil. Basta uma única pista para segui-la até o fim. Escalo qualquer muro, por mais alto e inclinado que seja. Preciso recuperar o núcleo gelado em meu peito. É disso que preciso neste momento.”

Ushikawa esfregou as mãos diante da câmera. E constatou que seus dedos movimentavam-se sem dificuldades.

“Há muitas coisas que as pessoas comuns conseguem fazer e eu não. É um fato incontestável. Jogar tênis e esquiar são algumas dessas coisas. Trabalhar numa empresa e ter uma família feliz também. Por outro lado, há coisas que eu consigo fazer, e as pessoas comuns não. E essas *poucas coisas*, faço com propriedade. Não tenho expectativas de receber aplausos ou moedas do público. Seja como for, vou mostrar minha habilidade para a sociedade.”

Às nove e meia, Ushikawa encerrou seu trabalho de vigilância daquele dia. Abriu uma lata de sopa de galinha, despejou-a numa panela, esquentou-a no fogareiro e, cuidadosamente, tomou-a com uma colher. Acompanhando a sopa, comeu dois pãezinhos frios. Comeu uma maçã com casca. Depois urinou, escovou os dentes, abriu o saco de dormir e, apenas de roupas íntimas, entrou nele. Fechou o zíper até a altura do pescoço e ficou enrolado como um inseto.

Foi assim que terminou o dia de Ushikawa. Não conseguiu obter informações que considerasse produtivas. Para não dizer que o dia fora totalmente em vão, ele viu Fukaeri deixando o prédio, levando consigo suas coisas. Ele não sabia para onde ela fora. Apenas que foi para *algum lugar*. Ushikawa balançou a cabeça dentro do saco de dormir. “Não tenho nada a ver

com isso”, pensou. Com o tempo, seu corpo frio começou a se aquecer e, simultaneamente, sua consciência se desligava, dando espaço a um sono profundo. Finalmente, o pequeno núcleo gelado ocupou novamente a rígida posição em sua alma.

No dia seguinte, nada aconteceu que fosse digno de registro. Dois dias depois, era sábado. Esse dia também foi quente e tranquilo. Muitas pessoas dormiram por quase toda a manhã. Ushikawa estava sentado perto da janela e, com o volume baixo, escutava pela rádio o noticiário, as informações sobre o trânsito e as previsões meteorológicas.

Um pouco antes das dez, um corvo grande apareceu e permaneceu um bom tempo parado no degrau sem graça da entrada do prédio. O corvo observava atentamente o entorno e, vez por outra, seus gestos pareciam acenos de cabeça. Seu enorme bico grosso movimentava-se para cima e para baixo, e suas penas exuberantes reluziam com a luz do sol. O carteiro de sempre aproximou-se do prédio com sua motocicleta vermelha e o corvo, ainda que relutante, abriu as enormes asas e alçou voo. Depois, soltou um breve e único grasnido. Assim que o carteiro foi embora, após distribuir as correspondências em suas respectivas caixas, um bando de pardais pousou em frente ao prédio e, em alvoroço, foi de um lado a outro à procura de algo interessante. Ao constatarem não haver nada, voaram de novo sem perda de tempo. Em seguida, apareceu um gato listrado. Devia ser algum gato da vizinhança, pois estava com uma coleira antipulgas. Era a primeira vez que Ushikawa o via. O gato entrou no canteiro de flores murchas e, após urinar, pôs-se a cheirá-las. Algo parecia tê-lo desapontado, fazendo-o mexer rapidamente os bigodes, como que em sinal de desaprovação. Por fim, levantou o rabo e, com ele erguido, desapareceu por trás do prédio.

Durante o período da manhã, muitos moradores saíram do prédio. Pelo modo como se vestiam, havia duas possibilidades: ou saíam para um passeio ou para fazer compras na vizinhança. Seus rostos já eram familiares a Ushikawa, mas nem por isso ele tinha interesse de conhecer o caráter ou a vida dessas pessoas. Tampouco se daria ao trabalho de imaginá-las.

“Suas vidas devem ser muito importantes para vocês. Extremamente preciosas. Sei disso. Mas, para mim, tanto faz vocês estarem vivos ou não. Para mim vocês não passam de figuras de papel passando diante de um cenário montado no palco. A única coisa que peço é que não atrapalhem o meu trabalho. E que continuem sendo essas figuras.”

— É isso mesmo, senhora Pera — disse Ushikawa, observando uma das moradoras de meia-idade que passava diante de sua lente e que, por ter um quadril grande, com o formato de uma pera, ele a apelidou dessa forma. — Você não passa de um recorte. Não é uma pessoa de verdade. Você sabia disso? Aliás, para um recorte de papel, até que a senhora é bem rechonchuda, não?

Enquanto pensava nisso, todas as coisas existentes nesse cenário gradativamente deixaram de “fazer sentido” e tornaram-se coisas que “tanto fazia”

existirem ou não. Ou, quem sabe, o cenário em si jamais existiu. Quem está realmente vivendo como uma pessoa de papel sem vida talvez seja ele próprio. Ao pensar nisso, Ushikawa começou a se sentir cada vez mais incomodado. Ele deveria estar se sentindo assim por estar dia após dia enfurnado naquele quarto sem mobília, vigiando em segredo. É natural que estivesse com os nervos abalados. Para amenizar a situação, ele decidiu se esforçar em verbalizar seus pensamentos.

— Bom dia, senhor Orelha Comprida — cumprimentou Ushikawa, olhando para um idoso alto e magro que passava diante do visor da câmera. As pontas das orelhas eram como chifres saindo dos cabelos brancos. — Está indo caminhar? Caminhar faz bem à saúde. O tempo está bom e espero que se divirta. Eu também gostaria de esticar os braços e as pernas e sair para caminhar tranquilamente, mas, infelizmente, preciso ficar sentado aqui o dia inteiro nesse apartamento sem graça vigiando a entrada do prédio.

O velho vestia um cardigã e uma calça de lã e caminhava mantendo a coluna ereta. Se estivesse acompanhado de um fiel cão branco, o par seria perfeito, mas era proibido ter cães no apartamento. Quando o velho se foi, Ushikawa foi dominado sem motivo por um profundo sentimento de impotência. “Essa vigilância, no final, pode ser algo totalmente inútil. Minha intuição pode não valer nada, e devo estar apenas desgastando os meus nervos nesse quarto vazio, sem chegar a lugar algum. É o mesmo que acontece com a cabeça da estátua da divindade *Jizô*, protetora das crianças, que se desgasta de tanto as crianças passarem a mão nela.”

Após o meio-dia, Ushikawa comeu uma maçã, algumas bolachas com queijo e um bolinho de arroz cozido com recheio de ameixa azeda em conserva. Depois, encostado na parede, deu um breve cochilo. Um cochilo curto e sem sonhos. Ao despertar, porém, não se lembrava de onde estava. Sua memória era uma perfeita caixa vazia, quadrada. Dentro dessa caixa não havia nada. Ushikawa olhou esse vazio. Mas, ao observar atentamente, notou que não estava vazia. A caixa era um quarto semiescuro, desocupado e frio, sem nenhuma mobília. Um local desconhecido. Sobre o jornal que estava no canto desse quarto havia sementes de maçã. Ushikawa ficou confuso. “Por que estou num lugar tão estranho?”

Finalmente ele se lembrou de que estava vigiando a entrada do prédio em que Tengo morava. “Agora sei o porquê dessa câmera *reflex* Minolta com uma lente telescópica.” Ushikawa também conseguiu se lembrar daquele idoso de orelhas compridas e cabelos brancos que saiu sozinho para caminhar. Como o retorno das aves no bosque ao anoitecer, a caixa vazia foi gradativamente sendo preenchida com memórias. Dois fatos concretos vieram à tona:

1. Eriko Fukada deixou este local.
2. Tengo Kawana ainda não retornou.

Agora, no apartamento de Tengo Kawana, no terceiro andar, não há ninguém. As cortinas estão fechadas e o silêncio impera no espaço inabitado. O único som que de vez em quando rompe esse silêncio é o do termostato da geladeira. Ushikawa deixou fluir a sua imaginação. Imaginar um quarto inabitado era como imaginar o mundo após a morte. De repente, lembrou-se do cobrador da NHK que batia na porta de modo paranoico. Ushikawa ficara à espreita durante um bom tempo, mas não encontrara nenhum vestígio de que aquele cobrador misterioso tivesse saído do prédio. “Será que ele era o antigo morador deste apartamento? Ou será que algum morador deste prédio está se passando por cobrador da NHK para humilhar outro morador? Se for isso, qual seria o motivo de se fazer uma coisa dessas? Sem dúvida, era uma hipótese terrível. Mas, afinal, como explicar um fato tão estranho como este?” Ushikawa, porém, não tinha ideia.

Tengo Kawana apareceu na entrada do prédio um pouco antes das quatro da tarde. Era perto do anoitecer de sábado. Ele vestia uma capa impermeável surrada com a gola levantada, um boné de beisebol azul-marinho e trazia uma bolsa de viagem pendurada no ombro. Entrou direto no prédio sem parar nem olhar para os lados. Ushikawa ainda estava um pouco atordoado, mas não pôde deixar de perceber o corpo grande de Tengo passando diante de seu campo visual.

— Seja bem-vindo, senhor Kawana — murmurou Ushikawa, apertando três vezes o botão do motor de acionamento da câmera. — O seu pai está bem? Você deve estar cansado. Por favor, descanse tranquilamente. Não há nada melhor do que voltar para casa. Ainda que seja um apartamento tão *miserável* como este. Ah! Ia me esquecendo de contar que Eriko Fukada pegou suas coisas e partiu enquanto você esteve ausente.”

É claro que a voz de Ushikawa não chegou aos ouvidos de Tengo. Suas palavras não passavam de um sussurro. Ushikawa olhou o relógio e anotou o horário num caderno ao alcance das mãos: Tengo Kawana voltou da viagem às três e cinquenta e seis da tarde.

Ao mesmo tempo em que Tengo Kawana apareceu na entrada do prédio, uma porta se escancarou, trazendo de volta o senso de realidade à consciência de Ushikawa. Era como se o ar preenchesse o vácuo e, em questão de segundos, sua sensibilidade tornou-se aguçada e uma energia vital, repleta de frescor, perpassou todo o seu corpo. Ele passou a fazer parte de um mundo concreto, como uma peça eficiente. Um agradável som de encaixe ecoou em seus ouvidos. Sua circulação sanguínea acelerou e uma quantidade de adrenalina espalhou-se por todo o corpo. “Agora está bom. É assim que deve ser. Esse é quem eu sou de verdade, esse é o mundo como deve ser”, pensou Ushikawa.

Tengo reapareceu na entrada do prédio pouco depois das sete. Ao anoitecer, os ventos começavam a soprar e o entorno rapidamente esfriou. Ele vestia uma blusa

leve e impermeável de couro e calças jeans desbotadas. Ao sair do prédio, parou e olhou à volta. No entanto, não conseguiu ver nada de diferente. Chegou a olhar na direção em que Ushikawa estava escondido, mas não pôde vê-lo. Ele não era como Eriko Fukada, pensou Ushikawa. Ela era *especial*. Ela era capaz de enxergar o que os outros não conseguiam. “Tengo, saiba que você é apenas uma pessoa comum, nem melhor nem pior que os outros. Por isso, você não consegue me ver.”

Ao constatar que a paisagem do entorno estava normal, Tengo fechou o zíper do blusão até o pescoço e, enfiando as mãos nos bolsos, começou a caminhar. Ushikawa prontamente colocou seu gorro de lã, enrolou o cachecol no pescoço, calçou os sapatos e o seguiu.

Como Ushikawa estava de prontidão, aguardando Tengo sair do prédio, ele não demorou muito para se arrumar. Segui-lo não deixava de ser uma escolha arriscada. Se Tengo o visse, certamente reconheceria Ushikawa, por ele ter um tipo de corpo e feições que lhe conferiam uma aparência especial. Mas, como o entorno já estava completamente escuro, se ele mantivesse uma distância segura, dificilmente Tengo conseguiria vê-lo.

Tengo caminhava lentamente, voltando-se para trás de vez em quando, mas como Ushikawa era extremamente precavido, não havia como Tengo notar que era seguido. As costas grandes de Tengo pareciam expressar que ele estava absorto em pensamentos. Talvez se perguntasse por que Fukaeri deixara o apartamento. Ele parecia caminhar em direção à estação. Será que pretendia pegar o trem? Nesse caso, segui-lo seria uma ação arriscada. A estação é bem iluminada e, por ser sábado à noite, não havia muitos passageiros. Em lugares assim, Ushikawa fatalmente chamaria a atenção. O mais prudente, nesse caso, era desistir.

No entanto, Tengo não ia para lá. Após caminhar um certo trecho, ele dobrou a esquina, distanciando-se da estação, e, após seguir por uma rua pouco movimentada, parou em frente a um bar chamado Muguiatama. Um snack bar para um público mais jovem. Tengo verificou as horas no relógio de pulso e, segundos depois, resolveu entrar. “Muguiatama, cabelo de trigo”, pensou Ushikawa, e balançou a cabeça. “Como é que pode alguém dar um nome desses a um bar, um nome que não faz nenhum sentido?”

Ushikawa ficou parado à sombra de um poste e deu uma olhada à volta. “Provavelmente, Tengo deve tomar algo ou jantar”, cogitou. “Se for isso, ele deve levar no mínimo trinta minutos. Na pior das hipóteses, pode demorar até uma hora.” Ushikawa tentou encontrar um local seguro para passar o tempo e observar as pessoas que entravam e saíam do bar. Mas naquela área havia somente uma distribuidora de leite, um pequeno salão de reunião da seita Tenrikyô e uma mercearia especializada em arroz. Todos esses estabelecimentos estavam fechados. “Mas que coisa”, pensou Ushikawa. O vento noroeste soprava com vigor as nuvens no céu. Aquele calor ameno do dia agora parecia uma ilusão. Ficar em pé na calçada durante meia ou uma hora sem fazer nada, exposto aos ventos gelados, não era algo que Ushikawa apreciava.

Ushikawa pensou em desistir. “Tengo deve ter vindo até aqui somente para jantar. Não preciso ter todo esse trabalho de continuar a segui-lo.” Ushikawa achava que ele próprio deveria ir a algum lugar comer algo quente e depois voltar para o apartamento. Tengo também deveria voltar logo. Essa era a escolha mais atrativa para Ushikawa. Ele se imaginou entrando num estabelecimento com boa calefação, depois saboreando um *oyakodon*, uma tigela grande de arroz com ovos e frango. Ultimamente, não estava se alimentando bem. Poderia até pedir um saquê quente que havia tempos não bebia. Estava muito frio. Se desse um passo para fora do restaurante, a bebedeira passaria logo.

Mas uma outra cena lhe passou pela cabeça. Tengo poderia ter marcado um encontro com alguém no Muguiatama. Essa possibilidade não poderia ser descartada. Tengo saiu do prédio e caminhou diretamente para esse bar, sem hesitar. E, antes de entrar, verificou as horas. Talvez alguém estivesse esperando por ele lá dentro. Ou alguém estava para chegar no Muguiatama. Se fosse isso, Ushikawa precisava saber *quem* era essa pessoa. Mesmo que suas orelhas ficassem congeladas, ele precisaria ficar em pé na calçada observando a entrada do bar. Ushikawa se conformou em aguardar e expulsou de sua mente a ideia de comer um *oyakodon* e beber saquê quente.

Talvez a pessoa que ele aguardava fosse Fukaeri. Ou Aomame. Ao pensar nessas possibilidades, Ushikawa fortaleceu a sua determinação. “O meu forte é a perseverança. Por menor que seja a possibilidade, eu me agarro a ela.” Por mais que se molhasse na chuva, se expusesse aos ventos e ao sol escaldante, ou levasse pauladas, ele jamais desistia. Ele sabia que, se desistisse, seria impossível saber quando teria uma nova oportunidade. Ele conseguia resistir aos piores sofrimentos que surgiam diante de si porque sabia, na prática, que no mundo existem sofrimentos muito piores do que esses.

Ushikawa encostou-se na parede, na sombra formada pelo poste de iluminação e pelo cartaz do Partido Comunista Japonês, e ficou observando a entrada do Muguiatama. Enrolou o cachecol até a altura do nariz e enfiou as mãos nos bolsos do casaco de lã. De vez em quando, tirava um lenço de papel e assoava o nariz, mas, fora isso, permanecia imóvel. Vez por outra, os avisos dos alto-falantes da estação Kôenji ecoavam até ele, trazidos pelo vento. Alguns passantes ficavam tensos e apressavam o passo ao perceberem Ushikawa escondido nas sombras. Mas, como Ushikawa estava em pé na escuridão, eles não conseguiam ver seu rosto. A sua figura baixa e gorda que surgia negra e envolta na escuridão parecia um boneco cheio de mau agouro, fazendo com que as pessoas sentissem medo.

O que será que Tengo estaria bebendo e comendo? Quanto mais Ushikawa tentava imaginar, mais sentia fome e frio. Mas não podia deixar de pensar nisso. Para Ushikawa, podia ser qualquer coisa, não necessariamente um saquê aquecido ou uma tigela de *oyakodon*. O que ele realmente queria era estar num ambiente aquecido e comer uma refeição comum. Mas, se estava ali em pé na escuridão, exposto ao vento e recebendo o olhar desconfiado das pessoas, ele poderia suportar qualquer coisa.

Ushikawa não tinha escolha. A não ser aguardar, tremendo de frio e exposto aos ventos gelados, até Tengo terminar a refeição e sair do bar. Ushikawa pensou nos tempos em que morava na casa de Chûôrinkan e as refeições que lhe eram servidas. Possivelmente, as refeições de todas as noites deviam ser quentes, mas ele não conseguia se lembrar do tipo de comida. “O que eu comia naquela época? Parece uma outra vida.” Era uma vez, uma família que morava numa casa recém-construída que ficava quinze minutos a pé da estação Chûôrinkan, da linha Odakyû, e tinha uma mesa em que se serviam refeições quentes. As duas meninas pequenas tocavam piano e um cachorrinho com pedigree brincava no pequeno gramado.

Tengo saiu do bar, sozinho, depois de trinta e cinco minutos. Nada mal. Poderia ter sido pior. Foi o que Ushikawa disse a si mesmo. Foram trinta e cinco minutos terrivelmente longos, mas era certamente melhor do que aguardar uma longa e terrível hora e meia. Seu corpo estava gelado, mas não a ponto de as orelhas ficarem congeladas. Enquanto Tengo estava no bar, nenhum cliente do Muguiatama chamou atenção de Ushikawa. Apenas um jovem casal entrou no estabelecimento. E nenhum cliente saiu. Tengo bebeu sozinho e deve ter feito uma refeição leve. Ushikawa manteve a mesma distância de antes e o seguiu. Tengo voltou caminhando pelas mesmas ruas. Provavelmente, sua intenção era retornar ao apartamento.

Mas, durante o trajeto, Tengo fez um desvio e entrou por ruas que Ushikawa desconhecia. Pelo visto, ele não ia voltar direto para casa. A impressão que se tinha ao observar suas costas largas era de que sempre caminhava absorto em pensamentos. Ushikawa observou a paisagem ao redor, o número das casas e do quarteirão para memorizar o trajeto, para que, depois, ele próprio pudesse refazê-lo. Ushikawa não conhecia aquela região, mas presumiu que ficava próxima ao anel viário da linha 7, ao constatar um intermitente ruído do tráfego intenso de carros que lembrava o ronco das corredeiras de um rio. A partir de um determinado trecho, Tengo acelerou o passo. Devia estar próximo do destino final.

“Nada mal”, pensou Ushikawa. “Ele está a caminho de *algum lugar*. Isso significa que valeu a pena tê-lo seguido.”

Tengo caminhou pelas ruas residenciais a passos largos. Era uma noite de sábado em que os ventos sopravam gelados. As pessoas estavam enfiadas em suas casas, sentadas em frente à TV, tomando alguma bebida quente. As ruas estavam praticamente desertas. Ushikawa manteve uma distância segura e continuou a segui-lo. Tengo era uma pessoa fácil de ser seguida. Alto e forte, era difícil perdê-lo de vista em meio à multidão. Ao caminhar, ele não se distraía com outras coisas. Mantinha o rosto levemente abaixado e caminhava absorto em pensamentos. Era um homem sincero e honesto, incapaz de manter segredos. “Uma pessoa, diga-se de passagem, bem diferente de mim”, pensou Ushikawa.

A mulher com quem Ushikawa se casara também gostava de manter

segredos. Não; não era exatamente que ela gostasse. Ela simplesmente *não podia viver* sem segredos. Se alguém lhe perguntasse as horas, ela certamente não daria a informação correta. Esse tipo de comportamento diferia do de Ushikawa. Ele só deixava de revelar uma informação em casos estritamente necessários. Ou seja, mentia somente nos casos em que, pressionado e sem alternativa, o assunto exigia essa postura. Se alguém lhe perguntasse as horas, e ele não tivesse motivos para não informá-la honestamente, certamente daria a informação correta. E o faria gentilmente. Em compensação, sua mulher mentia descaradamente em qualquer situação e para qualquer assunto. Escondia, com afínco, até o que não precisava. Mentia, por exemplo, a própria idade, dizendo ter quatro anos a menos. Ushikawa descobriu a verdadeira idade somente ao dar entrada no registro de casamento, mas fingiu não ter percebido a farsa. Ele não entendia por que ela mentia sobre algo que certamente um dia viria à tona. E ele jamais se importaria com a diferença de idade, tinha coisas muito mais importantes com que se importar. Qual o problema de sua mulher ser, na verdade, sete anos mais velha do que ele?

Conforme se distanciavam da estação, as ruas ficaram cada vez mais desertas. Finalmente, Tengo entrou num parque infantil. Era um parque sem graça, numa das quadras do bairro residencial. O parque estava vazio. “É óbvio”, pensou Ushikawa. Pouquíssimas pessoas no mundo pensariam em passar por ali numa noite gelada de dezembro. Tengo passou sob a luz da lâmpada fria de mercúrio e foi direto para o escorregador. Subiu os degraus e sentou-se no topo.

Ushikawa escondeu-se na sombra da cabine do telefone público e observou Tengo. Escorregador? Ushikawa franziu o cenho. Por que um homem crescido iria subir num escorregador de um parquinho numa noite fria como esta? O parque não era tão perto da casa dele e, portanto, significava que ele havia ido *especialmente* para lá com algum propósito. O parque em si não possuía nenhum atrativo. Era pequeno, apertado e decadente. Havia um escorregador, dois balanços, um pequeno aparelho de barras para crianças e um tanque de areia. Havia também uma única lâmpada de mercúrio que parecia ter iluminado inúmeras vezes o fim do mundo, e uma árvore de zelkova desfolhada, de tronco áspero. O banheiro público trancado parecia uma tela pronta para levar uma pichação. Nada havia no local capaz de alegrar o coração ou estimular a imaginação. Quem sabe, numa agradável tarde de maio, pudesse existir algo capaz de proporcionar isso, mas, numa noite de dezembro de fortes ventos, não havia chances.

Será que Tengo marcou algum encontro neste parque? Será que ele está esperando alguém? Ushikawa achava que não. O comportamento de Tengo não parecia o de uma pessoa que estivesse aguardando alguém. Ele entrou no parque e, sem se ater a outros brinquedos, foi direto para o escorregador. Era como se em sua mente só existisse esse brinquedo naquele parque. *Tengo veio até o parque somente para subir no escorregador.* Era assim que Ushikawa interpretava a cena.

Ele teve a impressão de que não era de hoje que Tengo gostava de subir no escorregador para refletir. Para Tengo, o topo do escorregador de um parque

noturno devia ser o local adequado para pensar no enredo do romance e elucidar questões matemáticas. Quanto mais o entorno estiver escuro, quanto mais frio soprar o vento e quanto mais sofrível for o parque, maior deve ser a atividade de seu cérebro. Ushikawa não conseguia imaginar como um escritor (ou um matemático) desenvolvia seus pensamentos. Seja como for, a única coisa que a mente prática de Ushikawa lhe dizia era que ele devia continuar a observá-lo atenta e pacientemente. Os ponteiros do seu relógio de pulso indicavam exatamente oito horas.

Tengo sentou-se no topo do escorregador como que dobrando o seu corpo grande. E olhou para o céu. Durante um tempo, o seu olhar movia-se de um lado para outro. Por fim, fixou-se num determinado ponto e assim permaneceu. Sua cabeça não se moveu mais.

Ushikawa lembrou-se de uma música romântica de Kyû Sakamoto que estivera na moda um tempo atrás. O trecho inicial dizia, “Olhe as estrelas da noite, aquelas estrelas pequeninas”. Ushikawa não sabia o resto da música. Tampouco fazia questão de saber. Assuntos relacionados à emoção, que envolvem o senso de justiça, eram os pontos fracos de Ushikawa. Será que Tengo, sentado no topo do escorregador, nutria algum sentimento ao contemplar o céu estrelado?

Ushikawa também resolveu olhar para o céu. Mas não viu nenhuma estrela. Sem exageros, seria possível dizer que o bairro de Kôenji, distrito de Suginami, cidade de Tóquio, não era um local adequado para ver um céu estrelado. As luzes néon e a iluminação das ruas tingiam o céu com uma coloração estranha. Dependendo da pessoa, até que daria para ver uma ou outra estrela ao forçar os olhos, mas, nesse caso, seria necessário uma visão ímpar e um alto poder de concentração. Além do mais, naquela noite havia um fluxo muito grande de nuvens. Mesmo assim, Tengo permanecia imóvel, sentado no topo do escorregador, olhando para um determinado ponto do céu.

“Que sujeito mais desagradável”, pensou Ushikawa. Será que realmente havia a necessidade de pensar olhando para o céu, no topo do escorregador, numa noite de inverno e de ventos fortes? No entanto, Ushikawa não tinha o direito de criticar. Era ele que, por sua própria vontade, vigiava e seguia Tengo. Sendo assim, por mais que Ushikawa tivesse que passar por situações adversas, não era culpa de Tengo. Ele era um cidadão livre e, como tal, possuía o direito de contemplar o céu o quanto e onde quisesse, independentemente de ser primavera, verão, outono ou inverno.

Mesmo ciente disso, Ushikawa sentia muito frio. E fazia tempo que estava com vontade de urinar. O jeito era aguentar firme. O banheiro público estava trancado, e o cadeado parecia bem forte. Por mais que a rua estivesse deserta, não era o caso de ele urinar em pé ao lado da cabine telefônica. “Vamos lá. Que tal irmos embora logo?”, pensava Ushikawa enquanto tentava manter os pés firmes no chão. “Por mais que você esteja absorto em pensamentos, entregue aos sentimentos ou observando os astros, creio que você também deve estar com muito frio, não é, Tengo? Volte logo para o seu apartamento e se aqueça. Sei que ninguém nos espera, mas seria bem melhor do que ficar aqui.”

Tengo, porém, parecia não querer se levantar. Um tempo depois, finalmente, parou de olhar o céu, mas, em seguida, resolveu observar o prédio de apartamentos do outro lado da rua. Um edifício novo de cinco andares em que metade das janelas estava com a luz acesa. Tengo observava atentamente o prédio. Ushikawa também olhou o prédio, mas nada lhe chamou a atenção. Era um prédio como outro qualquer. Não exatamente de luxo, mas possuía um certo nível de qualidade. Seu desenho era elegante e não havia dúvidas de que haviam investido alto nos acabamentos externos. A entrada era bonita e bem iluminada. Muito diferente do edifício barato, prestes a ser demolido, onde Tengo morava.

Será que Tengo olhava o prédio com o desejo de um dia morar num lugar como aquele? Não. Não mesmo. Até onde Ushikawa o conhecia, Tengo não era um tipo que se importava com moradia, assim como não se importava com as roupas que vestia. Nesse sentido, ele não estaria insatisfeito em morar naquele apartamento barato. Para ele, desde que o local tivesse um telhado e o abrigasse do frio, estava bom. Era um homem desse tipo. O que ele deve estar pensando, sentado no topo do escorregador, é alguma outra coisa, completamente diferente.

Depois de observar todas as janelas do prédio, Tengo olhou de novo para o céu. Ushikawa fez o mesmo. Do local em que se escondia, os galhos da zelkova, os cabos elétricos e o edifício atrapalhavam sua visão, e portanto ele só podia enxergar uma parte do céu. Assim, ele não via qual ponto Tengo observava. Incontáveis nuvens passavam seguidamente, como um arrogante exército em marcha.

Finalmente, Tengo resolveu se levantar e, como um aviador que acabou de aterrissar após um voo solo numa noite tempestuosa, desceu do escorregador em silêncio. Depois, passou sob a luz da lâmpada de mercúrio e saiu do parque. Ushikawa hesitou, mas achou melhor não continuar a segui-lo. “Tengo deve voltar direto para o apartamento”, pensou. Um pensamento providencial, pois Ushikawa precisava urgentemente urinar. Ele aguardou Tengo se distanciar e, quando a imagem dele saiu de seu campo visual, entrou no parque e urinou nos arbustos, atrás do banheiro público, numa área pouco iluminada e escondida dos olhares alheios. Sua bexiga estava completamente cheia.

Após levar um bom tempo urinando — tempo suficiente para um longo comboio de carga atravessar uma ponte de ferro —, ele levantou o zíper, fechou os olhos e suspirou, um suspiro profundo e aliviado. Os ponteiros do relógio indicavam oito e dezessete. Tengo ficara cerca de quinze minutos sentado no escorregador. Após se certificar de que Tengo não estava mais na área, Ushikawa subiu no escorregador com suas pernas curtas e arqueadas. Sentou-se na no último degrau gelado e olhou na direção em que Tengo estivera olhando. Ushikawa queria descobrir o que ele observava com tanta atenção.

A visão de Ushikawa não era ruim. Ele tinha astigmatismo, razão pela qual o olho direito e o esquerdo eram ligeiramente assimétricos, mas, para os afazeres cotidianos, ele não necessitava usar óculos. No entanto, por mais que ele concentrasse o olhar, não conseguiu enxergar nenhuma estrela. O que lhe chamou a atenção foi uma lua ampla que pairava no meio do céu. A lua, com as

suas características manchas escuras, surgia, de vez em quando, por entre as nuvens que cruzavam o céu. Era uma lua típica de inverno: fria, azulada, repleta de mistérios e alusões de tempos imemoriais. Era como o olho de um morto que, sem piscar, pairava silenciosamente no céu.

Um tempo depois, Ushikawa engoliu em seco, ficando alguns segundos sem respirar. Quando as nuvens passaram, ele viu uma outra lua menor, ao lado daquela habitual. Essa outra era bem menor, esverdeada, como se estivesse cheia de musgos, e seu formato era disforme. Mas, apesar dessa aparência, não havia dúvidas de que era uma lua. Não existiria uma estrela tão grande. E tampouco tratava-se de um satélite artificial. Uma lua que se posicionava firme e intacta num ponto do céu.

Ushikawa fechou os olhos e, segundos depois, abriu-os novamente. Só poderia ser uma ilusão de ótica. “*Isso não pode estar lá.*” Mas, por mais que fechasse e abrisse os olhos, lá estava a nova lua pequena pairando no céu. Quando as nuvens surgiam ela se ocultava atrás delas, mas, assim que elas passavam, a lua reaparecia no mesmo local.

“*Era isso que Tengo estava olhando*”, pensou Ushikawa. Tengo Kawana fora até o parque para ver essa cena, ou melhor, para se certificar da existência dessas luas. Ele já sabia que havia duas luas no céu. Não há dúvidas. Ele não demonstrou surpresa diante delas. Sentado no alto do corredor, Ushikawa suspirou profundamente. “Que tipo de mundo é esse?”, indagou a si mesmo. “*Em que tipo de mundo eu vim parar?*” Não havia respostas. Como se lançasse um enigma, o vento soprava as nuvens, e duas luas — uma grande e outra pequena — pairavam no céu.

Uma coisa, porém, Ushikawa sabia. “*Este não é o mundo em que eu estava.* O mundo que eu conheço possui um único satélite. É um fato incontestável. Mas agora, neste outro mundo, existem dois.”

Um tempo depois, Ushikawa teve uma sensação de déjà vu. “Eu já vi esse cenário antes”, pensou. Ushikawa se concentrou, esforçando-se por lembrar de onde vinha aquela sensação. Contraíu os músculos do rosto, arreganhou os dentes e apalpou as profundezas escuras de sua consciência. Foi então que, finalmente, descobriu. *Crisálida de ar*. Naquele romance também havia duas luas. Elas surgiam quase no final da história; uma grande e outra pequena. Quando a *dohta* e a *maza* surgiam, duas luas passavam a pairar no céu. Fukaeri foi quem escreveu a história e Tengo foi o responsável por inserir os detalhes no texto.

Ushikawa deu uma olhada ao redor. Mas, aos seus olhos, o mundo continuava o mesmo. As janelas do prédio do outro lado da rua estavam fechadas com cortinas de renda branca e, através delas, via-se a claridade serena. Não havia nada de errado. *Apenas a quantidade de luas é que estava diferente.*

Ele desceu as escadas do escorregador cuidando para ver onde pisava e deixou rapidamente o parque, como que fugindo dos olhares das luas. “Será que estou ficando louco? Não. Não pode ser. Não estou perdendo a razão. A minha consciência é sólida, imparcial e reta, como um prego novo de aço. Ele foi martelado num ângulo preciso e correto no núcleo da realidade. Eu não tenho

nenhum problema. Estou completamente lúcido. É o mundo ao meu redor que está começando a mostrar sua demência.”

Preciso descobrir as causas dessa *loucura*. A todo o custo.

Parte da minha transformação

No domingo, os ventos cessaram e, diferentemente do dia anterior, o clima estava quente e sereno. As pessoas andavam pelas ruas sem os seus casacos pesados e aproveitavam a luz do sol. Aomame, alheia ao tempo, passou o dia no apartamento com as cortinas fechadas, mantendo sua rotina diária.

Ao som da *Sinfonietta* de Janáček em volume baixo, Aomame fez os alongamentos e exercitou-se com os aparelhos de ginástica. Para cumprir uma contínua e crescente série de exercícios, maior e mais completa, ela precisava de cerca de duas horas. Depois preparava as refeições, limpava o apartamento e, sentada no sofá, lia *Em busca do tempo perdido*. Finalmente conseguira chegar ao volume três, *O caminho de Guermantes*. Ela procurava, na medida do possível, ocupar todo o seu tempo. Na TV, assistia somente aos noticiários da NHK do meio-dia e das sete da noite. Como sempre, não havia nenhuma notícia de grande repercussão. Não, engano seu. Havia, sim, notícias de grande repercussão. Muitas pessoas no mundo perdiam suas vidas. Para muitas, as mortes eram trágicas: colisão de trens, navios afundados e queda de aviões. Uma guerra civil se estendia sem perspectivas de solução, com assassinatos e o lamentável massacre de civis. Ocorriam secas devido às alterações climáticas, além de enchentes e fome. Aomame sentia uma sincera compaixão pelas pessoas envolvidas nessas tragédias e calamidades. Apesar disso, nenhum desses acontecimentos exercia uma influência direta na vida atual de Aomame.

No parque infantil do outro lado da rua, crianças da vizinhança brincavam. Gritavam alguma coisa entre elas em uníssono. Pousados num telhado, os corvos grasnavam entre si, com um som agudo. O ar tinha o cheiro do início do inverno em uma cidade grande.

De repente, Aomame se deu conta de que, desde que se mudou para aquele apartamento, não sentia nenhum desejo sexual. Não sentia vontade de fazer sexo e tampouco se masturbava. Talvez, por estar grávida, sofrera uma alteração em seus hormônios. De qualquer modo, para Aomame, isso era mais que desejável. Mesmo que tivesse vontade de transar, não haveria como resolver isso na situação em que se encontrava. O fato de ela não menstruar também era gratificante. Seu período menstrual nunca fora penoso, mas era como se tivesse tirado um peso que, durante um longo tempo, carregara nas costas. Só o fato de ter uma coisa a menos com que se preocupar já era motivo de alegria.

Durante esses últimos três meses, seu cabelo cresceu muito. Em setembro, ele estava quase na altura do ombro, e, agora, atingia a omoplata.

Quando criança, sua mãe é que o cortava, deixando-o sempre curtinho e, no ginásio, por estar sempre envolvida com esportes, nunca o deixou comprido. Aomame achou que estava um pouco comprido demais, mas, como não conseguiria cortá-lo sozinha, deixou-o crescer à vontade. Apenas acertava a franja com a tesoura. Durante o dia ela o prendia e, ao anoitecer, o soltava. E, ouvindo música, escovava-o cem vezes. Algo que somente alguém com tempo consegue fazer.

Normalmente, ela usava pouca maquiagem e, fechada no apartamento, a necessidade de se maquiar se tornava ainda menor. Mas, para criar um hábito saudável em seu cotidiano, ela cuidava com esmero da pele: usava sabonetes líquidos e cremes para massageá-la e, antes de dormir, sempre aplicava uma máscara facial. Como naturalmente ela tinha um corpo saudável, alguns poucos cuidados eram suficientes para que sua pele ficasse sedosa e bela. Não; talvez o fato de ela estar grávida é que deixava sua pele mais bonita. Ela tinha ouvido falar que isso acontecia na gravidez. Seja como for, quando ela se sentava diante do espelho com os cabelos soltos, sentia-se mais bela do que nunca. Ou, pelo menos, a imagem que ela via refletida no espelho era a de uma mulher madura e serena.

Aomame nunca se sentiu bela. Desde pequena, ninguém a elogiou. Sua mãe sempre a considerou e a tratou como uma criança feia. “Se você fosse um pouco mais bonita”, era a frase que sua mãe costumava dizer. O que ela queria realmente dizer com isso era que, se Aomame fosse mais bonita, se fosse mais graciosa, poderia conquistar e recrutar mais fiéis. Por isso, desde pequena, Aomame evitava se olhar no espelho. Quando não havia outro jeito, ela ficava alguns segundos diante dele, tempo suficiente para verificar de modo prático e rápido alguma parte específica de seu rosto. Um comportamento que se tornou um hábito.

Tamaki Ôtsuka foi a única que disse gostar da aparência de Aomame. “Não tem nada de ruim, pelo contrário, saiba que você é bonita”, foi o que ela dissera numa ocasião. “Não se preocupe. Sinta-se mais confiante.” Quando Aomame ouviu essas palavras, ficou muito contente. As palavras carinhosas de sua amiga, de certo modo, ajudaram-na a enfrentar aquele período inicial da puberdade, deixando-a mais tranquila e despreocupada. Inclusive, concluiu que não era tão feia quanto sua mãe sempre dissera. Mas mesmo Tamaki Ôtsuka nunca lhe disse que ela era *linda*.

Pela primeira vez em sua vida, Aomame descobriu que seu rosto apresentava algumas partes belas. Conseguia ficar em frente ao espelho durante um longo tempo, como nunca havia feito antes, e passou a observar com mais atenção seus traços. Mas nesse gesto não havia narcisismo. Ela observava detidamente o rosto, sob vários ângulos, com um olhar objetivo de quem examina as feições de outra pessoa. Será que seu rosto realmente ficou mais bonito? Ou ele continuava o mesmo de sempre, e o olhar é que havia mudado? Isso era algo que Aomame não sabia responder.

De vez em quando, Aomame costumava fazer caretas diante do espelho. Sua careta continuava a mesma de sempre. Os músculos do rosto se esticavam e

suas feições se transformavam completamente. Todos os sentimentos do mundo brotavam em seu rosto. Não era belo nem feio. Dependendo do ponto de vista, ela parecia um demônio ou um palhaço. Conforme o ângulo, parecia apenas a expressão do caos. Quando deixava de fazer caretas, os músculos gradativamente se relaxavam, como ondulações da superfície de um rio a se acalmar, e suas feições voltavam ao normal. Aomame conseguia ver uma nova versão de si própria, completamente diferente da anterior.

“Na verdade, seria bom se você conseguisse sorrir com mais espontaneidade”, era o que Tamaki costumava dizer. “Ao sorrir, você fica com a feição mais relaxada. É uma pena você não tentar sorrir mais.” Mas Aomame não conseguia sorrir espontaneamente diante das pessoas. Se tentasse sorrir à força, o sorriso parecia de escárnio, e as pessoas ficavam tensas e desconfortáveis. Tamaki Ôtsuka, porém, conseguia abrir um sorriso alegre e natural. Ela causava uma boa impressão, e as pessoas sentiam afeição por ela desde o momento em que a conheciam. Mas, no final das contas, Tamaki precisou interromper sua vida em meio à decepção e ao desespero, deixando uma Aomame incapaz de sorrir direito.

Era um domingo calmo. Muitas pessoas, atraídas pelo calor do sol, passeavam no parquinho em frente ao prédio. Os pais deixavam as crianças brincando no tanque de areia ou no balanço. Havia crianças descendo no escorregador. Os idosos, sentados no banco, observavam, sem se entediar, as crianças que brincavam. Aomame saiu para o terraço, sentou-se na cadeira de jardim e, por entre os vãos do guarda-corpo, observava a cena sem prestar muita atenção. Uma cena pacífica. O mundo seguia sua marcha. Naquela cena não havia ninguém correndo o perigo de ser morto ou perseguindo um assassino. As pessoas não escondiam em suas gavetas uma pistola nove milímetros carregada, envolta numa peça de roupa.

“Será que um dia eu também farei parte desse mundo normal?”, Aomame se perguntava. “Será que um dia poderei levar esta coisa pequenina de mãos dadas ao parque para que ela brinque no balanço e no escorregador? Será que um dia vou ter uma vida em que não precise pensar em matar ou me preocupar em ser morta por alguém? Será que essa possibilidade existe neste mundo de 1Q84? Ou será que isso só será possível em algum outro mundo? E, o mais importante: será que Tengo estará ao meu lado?”

Aomame desistiu de observar o parque e entrou no apartamento. Fechou a porta de vidro e as cortinas. As vozes das crianças deixaram de ser ouvidas. A tristeza tingia suavemente seu coração. Ela estava isolada de tudo, trancafiada num local fechado a chave pelo lado de dentro. “Vou parar de observar o parque durante o dia”, pensou Aomame. “Tengo não vai aparecer durante o dia. O que ele está buscando é uma visão clara das duas luas.”

Depois de fazer um jantar leve e lavar a louça, Aomame vestiu uma roupa quente e foi para a varanda. Cobriu as pernas com o cobertor e sentou-se na cadeira. Era uma noite sem ventos. As nuvens pairavam no céu formando um cenário digno de um aquarelista. Um cenário que exigia pinceladas delicadas. Sem nenhuma nuvem a encobri-la, a lua, com dois terços de seu tamanho

normal, pairava no céu, refletindo sua luminosidade na Terra. Naquele horário, da posição em que Aomame se encontrava, não conseguia enxergar a lua menor. Esta estava justamente atrás do prédio. Mas Aomame sabia que ela *estava lá*. Ela sentira a sua presença. Ela apenas não podia vê-la, ainda. Em breve, ela sabia que a lua pequena surgiria diante de seus olhos.

Desde que Aomame passou a viver escondida naquele apartamento, ela se tornara capaz de expulsar conscientemente os pensamentos. Ela conseguia esvaziar a mente, principalmente enquanto observava o parque da varanda. A despeito de os olhos estarem atentos ao parque, especialmente no escorregador, ela conseguia ficar sem pensar em nada. Não; talvez sua consciência estivesse pensando em algo. Mas, de qualquer modo, esse pensamento ficava como que reprimido sob a superfície da água. Ela desconhecia o que sua própria consciência fazia sob essa superfície, mas, regularmente, ela emergia, do mesmo modo que tartarugas do mar e golfinhos, vez por outra, colocam a cabeça para fora d'água para respirar. Nessas horas é que ela descobria que, até então, sua consciência *permanecera pensando*. A consciência, então, enchia os pulmões de ar fresco e, novamente, submergia e desaparecia. Aomame voltava a não pensar em mais nada. Ela se tornava um equipamento de vigilância envolto num delicado casulo, com o olhar concentrado no escorregador.

Ela olhava para o parque, mas ao mesmo tempo não olhava. Se alguma coisa diferente ocorresse diante de seus olhos, imediatamente teria uma pronta resposta de sua consciência. Mas, naquele momento, nada de novo acontecia. Não havia ventos. Os galhos secos e escuros da zelvova permaneciam imóveis como sondas afiadas voltadas para o céu. O mundo estava admiravelmente parado. Ela olhou para o relógio e viu que eram oito horas. O dia parecia terminar sem que nada de novo acontecesse. Era uma noite tranquila de domingo.

O mundo saiu de sua inércia às oito e vinte e três.

Subitamente, ela viu um homem no alto do escorregador. Ele estava sentado e olhando uma determinada parte do céu. Ela sentiu um aperto no coração, como se ele se comprimisse até o tamanho de um punho de bebê. Seu coração permaneceu desse tamanho por tanto tempo que a impressão era de que ele jamais voltaria a funcionar novamente. Foi então que, de repente, começou a inflar e, ao voltar ao tamanho normal, voltou a pulsar. Com um som seco e uma velocidade tresloucada, recomeçou a bombear o sangue pelo corpo. A consciência de Aomame emergiu rapidamente e, após se sacudir, ela ficou pronta para agir.

“Tengo”, pensou instintivamente Aomame.

Mas, assim que sua visão se firmou, ela percebeu que não era ele. Aquele homem era baixo, do tamanho de uma criança, e com uma cabeça enorme e angulosa. Vestia um gorro de lã que não disfarçava o formato esquisito da cabeça. Ele estava com um cachecol verde enrolado no pescoço e um casaco azul-marinho. O cachecol era comprido demais e o casaco, na altura da barriga, estava

tão estufado que parecia que o botão ia se soltar a qualquer momento. Foi ele que, na noite anterior, ela viu saindo do parque e achou ser uma criança. Na verdade, não era. Provavelmente, era um adulto de meia-idade. Mas era baixo, gordo e tinha braços e pernas curtos. Também possuía uma cabeça estranhamente grande e disforme.

De repente, Aomame se lembrou da conversa que teve com Tamaru sobre o homem que tinha um cabeção como o do boneco da felicidade. Aquele que estava rondando a Mansão dos Salgueiros em Azabu e investigando o abrigo. A aparência do homem sentado no topo do escorregador era a mesma que Tamaru descrevera na noite anterior. Aquele homem sinistro continuara a investigar de forma obstinada e agora se aproximava sorrateiramente dela. “Preciso pegar a pistola. Por que justamente esta noite eu a deixei na gaveta do quarto?”, pensou Aomame, pondo-se a respirar fundo para manter a calma. “Não posso me afobar. Neste momento, não há a necessidade de tê-la nas mãos.”

Para começar, aquele homem não observava seu apartamento. Ele apenas estava sentado no topo do escorregador, olhando na mesma direção em que Tengo estivera olhando. Ele dava a impressão de estar pensando sobre o que via diante dos olhos. Durante um bom tempo, não se moveu. Era como se não soubesse como movimentar o corpo. Ele não parecia preocupado em olhar o apartamento de Aomame. Isso a deixou confusa. “O que isso significa? Aquele homem veio até aqui para me capturar. Provavelmente, deve ser membro de Sakigake. Sem dúvida, é um perseguidor competente. Afinal, ele conseguiu seguir os meus passos desde a Mansão dos Salgueiros de Azabu até aqui. Mesmo assim, ele está se expondo sem nenhuma preocupação e observa o céu, totalmente distraído.”

Aomame levantou-se da cadeira bem devagar, abriu minimamente a porta de vidro, entrou no apartamento e sentou-se diante do telefone. Com os dedos trêmulos, discou o número de Tamaru. Precisava comunicar-lhe imediatamente que o cabeção do boneco da felicidade estava, naquele exato momento, num local em que ela podia ver do apartamento. Precisava contar que ele estava no topo do escorregador do parque infantil em frente ao prédio. Tamaru certamente tomaria as providências necessárias. Mas, ao discar o quarto número, ela se interrompeu e, com o fone na mão, mordeu os lábios.

“*Estou sendo precipitada*”, pensou. “Há muitas coisas que não fazem sentido sobre esse homem. Se Tamaru considerá-lo um elemento perigoso e simplesmente ‘resolver’ a situação, *as coisas que não fazem sentido* indubitavelmente permanecerão sem fazer sentido. Pensando bem, aquele homem estava agindo do mesmo modo que Tengo agiu outro dia. Estava no mesmo escorregador, na mesma posição e olhando para uma parte do céu. Era como se estivesse imitando a mesma atitude de Tengo. Os seus olhos também devem estar enxergando as duas luas.” Aomame sabia disso. “Se eu estiver certa, aquele homem e Tengo devem ter alguma ligação. Possivelmente, aquele homem ainda não sabe que estou escondida num dos apartamentos deste prédio. Isso explica por que ele está à vontade, de costas para cá, olhando o céu.” Quanto

mais Aomame pensava nessa hipótese, mais se convencia de que poderia estar com a razão. “Se for isso, caso eu siga aquele homem, devo encontrar o local em que Tengo está. Nesse sentido, aquele homem, ao contrário de me encontrar, será o meu guia para que eu possa encontrar Tengo.” Ao pensar nessa hipótese, Aomame sentiu seu coração bater mais forte e rápido. Recolocou o fone no gancho.

“Vou informar Tamaru depois”, decidiu Aomame. “Antes, preciso fazer uma coisa. Algo que, sem dúvida, é arriscado. Afinal, a perseguida irá seguir seu perseguidor. Mesmo que o perseguidor seja um profissional. Mas nem por isso posso deixar escapar uma oportunidade dessas. Essa pode ser a última chance. E aquele homem parece temporariamente distraído”.

Aomame correu para o quarto e tirou da gaveta da cômoda a Heckler & Koch. Levantou a alavanca da trava de segurança e, com um barulho seco, puxou o ferrolho, posicionou a bala na câmara e novamente acionou a trava de segurança. Em seguida, enfiou-a na parte de trás do jeans e voltou para a varanda. O cabeção do boneco da felicidade continuava na mesma posição, olhando o céu. A cabeça disforme mantinha-se imóvel. Ele parecia totalmente absorto e fascinado, observando algo naquela parte do céu. Um sentimento que Aomame conhecia muito bem. *Realmente, era uma cena fascinante.*

Aomame voltou para o quarto, vestiu seu casaco de náilon e um boné de beisebol. Colocou um par de óculos de aros pretos sem marca e sem grau. Só de colocá-los, a aparência do seu rosto ficava bem diferente. Enrolou um cachecol cinza no pescoço e enfiou a carteira e a chave nos bolsos. Desceu as escadas correndo e saiu do prédio. As solas de seus tênis atingiam a calçada sem emitir sons. Seus passos firmes e constantes trouxeram-lhe, após muito tempo, uma sensação de encorajamento.

Enquanto caminhava, Aomame verificou se o cabeção ainda se encontrava no mesmo lugar. Ao anoitecer, a temperatura havia caído, mas continuava sem ventos. Era, por assim dizer, uma noite agradável. Aomame soltava um ar esbranquiçado e, com passos sorrateiros, passou em frente ao parque como que casualmente. O cabeção nem sequer notou sua presença. Seus olhos estavam voltados para o céu e ele continuava sentado no topo do escorregador. Aomame não conseguia vê-las, mas com certeza ele olhava as duas luas, a grande e a pequena. Deviam estar lado a lado pairando no céu gelado e sem nuvens.

Ao passar pelo parque, ela seguiu até a esquina seguinte, virou-se e retornou. Depois escondeu-se nas sombras e observou o escorregador. Ela sentia a pressão da pequena pistola em suas costas. Um toque frio e duro como o da morte. O toque amenizava o estado exaltado de seus nervos.

Ela aguardou por cerca de cinco minutos. O cabeção do boneco da felicidade levantou-se lentamente, bateu a poeira do casaco, olhou novamente o céu e, decidido, desceu as escadas do escorregador. Em seguida, deixou o parque e caminhou em direção à estação. Segui-lo não era uma tarefa difícil. Nas ruas do bairro residencial em uma noite de domingo havia pouquíssimos pedestres e, em

certo sentido, não havia perigo de perdê-lo de vista, mesmo a uma distância razoável. E ele nem sonhava que alguém pudesse segui-lo. Ele jamais olhava para trás e andava com passos regulares. Uma velocidade comum aos que costumam pensar caminhando. “Que ironia!”, Aomame pensou. “O ponto cego de um perseguidor é que ele nunca acha que está sendo perseguido.”

Um tempo depois, Aomame notou que ele não estava indo para a estação Kôenji. Ela conhecia bem as ruas do bairro, pois, no apartamento, havia estudado em detalhes todas as ruas próximas ao seu prédio num guia de Tóquio. Ela o fizera porque precisava saber para onde ir em caso de emergência. No começo, viu que o cabeção do boneco da felicidade seguia para a estação, mas logo percebeu que, no caminho, ele havia mudado de direção. E percebeu também que ele não conhecia as ruas do bairro. Ele parou duas vezes numa esquina e, hesitante, sem saber para onde ir, olhou a placa com o nome da rua num poste. Ele era um estranho no bairro.

Finalmente os passos do cabeção ficaram um pouco mais acelerados. Aomame intuiu que ele estava numa área que lhe era familiar. Ela tinha razão. Ele passou diante da escola primária municipal e, após seguir uma rua não muito larga, entrou num prédio antigo de três andares.

Aomame aguardou cinco minutos. Não queria dar de cara com ele. A entrada possuía uma marquise de concreto, e uma lâmpada redonda emitia uma luz amarelada. Não encontrou nenhuma placa indicando o nome do prédio. Talvez não tivesse nome. Mas o fato é que parecia ser bem antigo. Ela memorizou o endereço indicado no poste.

Decorridos cinco minutos, Aomame aproximou-se da entrada do prédio. Passou rapidamente sob a luz amarela e abriu a porta de entrada. Não havia ninguém no pequeno hall; um espaço vazio e pouco convidativo. Uma lâmpada fluorescente prestes a queimar emitia um tênue zumbido. Dava para ouvir o som de uma TV ligada. Uma criança pedia algo em voz alta para a mãe.

Aomame tirou do bolso a chave do seu apartamento para que, no caso de alguém aparecer, ela fingir que era moradora do prédio. Com a chave balançando na mão ela olhou os nomes das caixas de correio. Uma delas deve ser a do cabeção do boneco da felicidade. Não devia ter muitas expectativas, mas não custava averiguar. O prédio era pequeno e não havia muitos moradores. No instante em que viu uma placa com o nome “Kawana”, todos os sons em seu entorno desapareceram.

Aomame ficou petrificada diante da caixa de correio. O ar se tornou rarefeito, dificultando a respiração. Seus lábios se entreabriram levemente e começaram a tremer. O tempo continuava a fluir. Ela sabia que seu comportamento era tolo e perigoso. O cabeção estava em algum lugar daquele prédio. A qualquer momento ele poderia aparecer no hall. Mas ela estava impossibilitada de se afastar da caixa do correio. A pequena placa escrita Kawana entorpecera seu raciocínio e congelara seu corpo.

Não havia como saber se aquele morador chamado Kawana era Tengo Kawana. O sobrenome não era comum, mas tampouco era de todo estranho,

como, por exemplo, Aomame. Mas, caso o cabeção tivesse alguma ligação com Tengo, como ela acreditava existir, a possibilidade daquele Kawana ser Tengo Kawana era grande. O número do apartamento era 303. Coincidentemente, era o mesmo número do apartamento em que ela morava.

“O que devo fazer?”, pensou Aomame, mordendo os lábios com força. Sua mente girava sem parar no mesmo circuito interno. Não conseguia encontrar uma saída. “O que devo fazer? Não posso ficar para sempre diante dessa caixa de correio.” Por fim, decidiu subir as escadas de concreto nada hospitaleiras até o terceiro andar. Em algumas partes escuras do chão havia pequenas fissuras que indicavam a passagem do tempo. A sola de seus tênis em contato com o piso emitia um barulho desagradável aos ouvidos.

Aomame estava diante do apartamento 303. Uma porta simples de aço com um pequeno cartão escrito Kawana. Apenas o sobrenome. Aquelas sílabas pareciam ríspidas, inorgânicas. Ao mesmo tempo, pareciam guardar um profundo mistério. Aomame permaneceu em pé e apurou os ouvidos. Concentrou os sentidos. Mas não conseguiu escutar nenhum som vindo do apartamento. Não dava para ver se a luz estava acesa ou não. Havia uma campainha ao lado da porta.

Aomame hesitou. Mordeu os lábios e pensou. “Será que devo apertar a campainha?”

“Talvez seja uma armadilha. O cabeção do boneco da felicidade pode estar escondido atrás da porta e, como um anão malvado na floresta escura, estaria esboçando um sorriso funesto. Ele, de propósito, se expôs no topo do escorregador e me trouxe até aqui para me capturar. É isso. Ele sabe que estou à procura de Tengo e usou isso como isca. Um homem sujo e astuto. Ele conhece o meu ponto fraco. Esse seria o único jeito de fazer com que eu abrisse a porta.”

Após verificar se não havia ninguém por perto, Aomame tirou a pistola da parte de trás da calça jeans. Liberou a trava de segurança e, para poder usá-la rapidamente, colocou-a no bolso do casaco, segurando com a mão direita a coronha e mantendo o dedo no gatilho. Com o polegar esquerdo, apertou a campainha.

O som ecoou no interior do apartamento. Um som tranquilo. Completamente discrepante do ritmo veloz de seus batimentos cardíacos. Ela aguardou a porta se abrir com a mão na pistola, mas ela não se abriu. Não havia indícios de que alguém estivesse olhando pelo olho mágico. Ela aguardou um tempo e tocou de novo a campainha. O som voltou a ecoar no apartamento. Desta vez foi tão alto que possivelmente as pessoas do bairro de Sugunami levantaram a cabeça e apuraram os ouvidos. A mão direita de Aomame começou a suar na coronha da pistola. Nada aconteceu.

“Acho melhor desistir. Seja quem for o morador do 303 chamado Kawana, no momento ele está ausente. E, em algum lugar deste prédio, aquele cabeção do boneco da felicidade permanece escondido. É arriscado demais eu ficar aqui”, pensou Aomame. Ela desceu as escadas, lançou um rápido olhar às caixas de correio e deixou o prédio. Ao passar sob a iluminação amarelada,

escondeu o rosto e seguiu em direção à calçada. Deu uma olhada para trás para se certificar de que ninguém a seguia.

Havia muitas coisas a pensar. E, igualmente, havia muitas coisas para decidir. Apalpando a pistola, ela acionou a trava de segurança. Em um local ermo, ela a colocou de novo atrás da calça jeans. “Não devo ter muitas expectativas”, Aomame disse para si mesma. “Não devo desejar demais. Aquele morador chamado Kawana pode ser Tengo, e pode não ser.” Uma vez que surge uma expectativa, o coração passa a agir de modo autônomo. E, quando a expectativa é frustrada, a pessoa se decepciona, e a decepção leva a um sentimento de impotência, diminuindo o senso de precaução. Naquele momento, a falta de precaução era o fator de maior risco.

“Não há como saber até que ponto aquele cabeção do boneco da felicidade conseguiu desvendar os fatos. Mas a questão fundamental é que aquele homem está se aproximando de mim. Se ele esticar o braço, é capaz de me pegar. É preciso fortalecer o coração e não baixar a guarda. Não há dúvida de que aquele homem é muito perigoso. Um pequeno erro poderá significar o fim. Para começar, não há como se aproximar facilmente daquele prédio. Ele está escondido em algum lugar e deve estar fazendo planos para me capturar, como uma aranha venenosa que suga o sangue e tece sua teia no escuro.”

Ao chegar ao apartamento, Aomame estava decidida. Ela só via uma saída.

Desta vez, Aomame discou todos os números do telefone de Tamaru. Deixou tocar doze vezes e desligou. Depois, tirou o casaco, guardou a pistola na gaveta da cômoda e bebeu dois copos d’água. Em seguida, esquentou água na chaleira para preparar um chá preto. Deu uma espiada no parque por entre as cortinas, para verificar se estava vazio. Penteou os cabelos em pé, em frente ao espelho do banheiro. Os dedos continuavam tensos, tolhendo um pouco seus movimentos. O telefone tocou bem na hora em que ela colocava água quente na xícara. Só podia ser Tamaru.

— Acabei de ver o cabeção do boneco da felicidade — disse Aomame.

Houve um silêncio. — Quando você diz que *acabou de ver*, significa que, neste momento, ele já não está mais aí?

— Isso mesmo — disse Aomame. — Há pouco, ele estava no parque em frente ao edifício. Mas agora não está mais.

— Há pouco significa quanto tempo?

— Uns quarenta minutos.

— Por que você não me telefonou quarenta minutos atrás?

— É que eu precisava segui-lo naquele mesmo momento e, por isso, não tive tempo.

Tamaru expirou como se espremesse os pulmões. — Você o seguiu?

— Não queria perdê-lo de vista.

— Se não me engano, eu disse para você não sair daí em hipótese

alguma.

Aomame escolheu cuidadosamente as palavras: — Eu não podia ficar sentada sem fazer nada, sabendo que o perigo se aproximava. Mesmo telefonando para você, não daria para você vir até aqui no mesmo instante, daria?

Tamaru emitiu um barulho no fundo da garganta. — Você seguiu o cabeção?

— Creio que nem deve passar pela cabeça dele que estava sendo seguido.

— Um profissional consegue *fingir* isso perfeitamente — disse Tamaru.

Tamaru tinha razão. Podia ter sido uma armadilha ardilosamente planejada. Mas ela não podia admiti-lo diante de Tamaru.

— Você, com certeza, conseguiria fazer isso, mas, até onde pude perceber, o cabeção do boneco da felicidade não é do seu nível. Ele pode ser muito bom, mas não tão bom quanto você.

— Pode ser que ele tenha um apoio.

— Não. Tenho certeza de que aquele homem está agindo sozinho.

Tamaru manteve-se em silêncio por um tempo. — Tudo bem. Você conseguiu descobrir para onde ele foi?

Aomame passou o endereço para Tamaru e descreveu o prédio. Não sabia, porém, dizer qual era o apartamento. Tamaru anotou as informações e Aomame procurou, na medida do possível, responder de modo honesto às suas indagações.

— Quando você percebeu a presença dele, ele estava no parque em frente ao apartamento, é isso? — indagou Tamaru.

— Isso mesmo.

— O que ele estava fazendo no parque?

Aomame explicou que ele estava sentado no topo do escorregador e ficou um bom tempo olhando o céu. Mas não contou que ele estava olhando as duas luas.

— Ele estava vendo o céu? — perguntou Tamaru. Através do fone, dava para ouvir a velocidade da rotação do seu raciocínio subir um grau.

— Estava vendo o céu, a lua, as estrelas; esse tipo de coisa.

— Ele estava sentado no escorregador sem se preocupar de estar se expondo.

— Isso mesmo.

— Você não acha estranho? — indagou Tamaru. Sua voz era dura e seca. Lembrava aquelas plantas do deserto que conseguem sobreviver com um único dia de chuva ao longo do ano. — Aquele homem conseguiu te encurralar. E faltou um passo para te pegar. Formidável. Mas ele olhava o céu do topo do escorregador sem demonstrar nenhuma preocupação. Não olhou nenhuma vez para o apartamento em que você está. Na minha opinião, isso não faz nenhum sentido.

— Você tem razão. Realmente é muito estranho; uma história sem pé nem cabeça. Concorro com você. Mas, seja como for, eu não poderia deixá-lo escapar.

Tamaru deu um suspiro. — Mesmo assim, eu acho isso tudo muito perigoso.

Aomame permaneceu em silêncio.

— Ao segui-lo, você descobriu alguma pista para revelar esse mistério? — indagou Tamaru.

— Não — disse Aomame. — Mas uma coisa me deixou intrigada.

— O quê?

— Quando verifiquei as caixas de correio da entrada do prédio, descobri que no terceiro andar mora uma pessoa de nome Kawana.

— E?

— Você já ouvir falar do romance *Crisálida de ar*, que foi um best-seller no verão?

— Saiba que eu costumo ler os jornais. Se não me engano, a autora desse livro, Eriko Fukada, é filha de um dos membros do grupo Sakigake. Ela desapareceu e suspeitaram de que o grupo a havia raptado. A polícia foi acionada para fazer as investigações. Eu ainda não li o livro.

— Eriko Fukada não é apenas a filha de um dos membros do grupo. O pai dela é o líder de Sakigake. Ou seja, ela é a filha do homem que eu mandei *para o outro lado*. E Tengo Kawana foi o *ghost-writer* que reescreveu a obra, modificando em grande parte a *Crisálida de ar*. O livro, na verdade, foi escrito em coautoria.

Um profundo silêncio caiu sobre eles. Tempo suficiente para alguém caminhar até o outro lado de uma sala comprida, pegar um dicionário, consultar um verbete, devolver o dicionário à estante e voltar. Passado esse tempo, Tamaru retomou a conversa:

— Não há como provar que o morador desse apartamento é Tengo Kawana.

— Por enquanto, não — admitiu Aomame. — Mas, se for, a história começa a fazer sentido.

— As peças começam a se juntar — disse Tamaru. — Mas me diga uma coisa: como você soube que Tengo Kawana reescreveu a *Crisálida de ar*? Creio que essa informação não foi divulgada. Afinal, se isso se tornasse público, seria um tremendo escândalo.

— O próprio Líder me contou. Ele disse isso um pouco antes de morrer. A voz de Tamaru se tornou um pouco mais fria.

— Você devia ter me contado isso antes. Não acha?

— É que antes eu não sabia que isso tinha um significado importante.

Novamente o silêncio prevaleceu. Aomame não fazia ideia do que Tamaru estava pensando. Mas ela sabia que ele não gostava de desculpas.

— Está bem — disse finalmente Tamaru. — Deixe estar. De qualquer modo, vamos encurtar a história. Você quer dizer que o cabeção do boneco da felicidade está ciente disso e, seguindo essa pista, está de olho nessa pessoa chamada Tengo Kawana. E, a partir dele, está tentando descobrir o seu paradeiro.

— Acho que é isso.

— Não consigo entender — disse Tamaru. — Por que esse Tengo Kawana é uma pista para te encontrar? Não deve haver uma ligação entre você e ele. A não ser o fato de você ter matado o pai de Eriko Fukada e ele ser o *ghost-writer* do romance dela.

— Há uma ligação — disse Aomame, com a voz neutra.

— Existe uma relação direta entre você e Tengo Kawana?

— Eu e Tengo Kawana estudamos na mesma classe na escola primária. E a criança que estou esperando provavelmente é dele. Por enquanto, não posso dar mais informações. É algo pessoal demais.

Do outro lado da linha ela ouviu a ponta de uma caneta bater ritmadamente sobre a mesa. Fora isso, não se escutava nenhum outro som.

— Algo pessoal — disse Tamaru, com a voz de quem acabou de encontrar uma estranha criatura sobre uma pedra achatada no jardim.

— Sinto muito — disse Aomame.

— Entendi. É um assunto pessoal. Não vou perguntar mais nada — disse Tamaru. — Me diga, então, o que você quer que eu faça.

— Para começar, eu gostaria de saber se aquele morador chamado Kawana é, de fato, Tengo Kawana. Se pudesse, eu mesma gostaria de verificar, mas é perigoso demais eu me aproximar daquele apartamento.

— Sem dúvida — concordou Tamaru.

— Creio que o cabeção do boneco da felicidade está escondido num daqueles apartamentos, e planeja algo. Se ele está para descobrir onde estou, acho necessário tomar alguma providência.

— Aquele homem já desconfia que há uma ligação entre você e a velha senhora. Ele está tentando juntar todas essas pistas. Sem dúvida, não podemos ignorá-lo.

— Tenho mais um favor a pedir — disse Aomame.

— Diga.

— Se o morador daquele apartamento realmente for Tengo Kawana, não quero que ele corra nenhum perigo. Caso um de nós tenha de ser prejudicado, eu faço questão de tomar o lugar dele.

Tamaru permaneceu novamente quieto. Desta vez, não se ouvia o bater da ponta da caneta sobre a mesa. Não se ouvia nada. Ele pensava envolto num mundo de silêncios.

— Quanto aos primeiros dois pedidos, posso dar um jeito de resolvê-los — disse Tamaru. — Faz parte do meu trabalho. Quanto ao terceiro, não posso dizer nada. Ele envolve circunstâncias pessoais e há muitos pontos que eu não consigo entender. Não se trata de eu querer fazer isso ou não, trata-se de estabelecer prioridades.

— Tudo bem, siga as suas prioridades. Só queria que você soubesse disso. Enquanto eu estiver viva, preciso me encontrar com Tengo. Tenho algo a transmitir a ele.

— Vou me lembrar disso — disse Tamaru. — Mas saiba que levarei em conta somente enquanto houver espaço para isso.

— Obrigada — disse Aomame.

— Vou ter de levar esse assunto para a madame. É uma questão delicada. Não posso decidir sozinho. De qualquer modo, vou desligar. Não saia mais do apartamento. Tranque a porta e fique aí dentro. Se você sair, a coisa pode se complicar. Se já não tiver se complicado.

— Em compensação, conseguimos obter algumas informações sobre o oponente.

— Está certo — disse Tamaru, conformado. — Pelo que você me contou, sei que está agindo com precaução. Isso eu tenho de admitir. Mas não se descuide. Ainda não sabemos o que ele está planejando. Se levarmos em consideração as atuais circunstâncias, possivelmente o grupo Sakigake deve estar por trás disso. Você ainda possui aquilo que te entreguei, não?

— Com certeza.

— Melhor mantê-la por perto.

— Farei isso.

Houve um breve silêncio antes de ele recolocar o fone no gancho.

Aomame afundou na água quente da banheira branca e, enquanto aquecia demoradamente o corpo, pensou em Tengo. No Tengo que podia ou não morar no apartamento do terceiro andar daquele prédio antigo. Em sua mente surgia a imagem daquela porta de aço grosseira e da placa com o nome dele na caixa de correio. A placa onde se lia, Kawana. “Como será o apartamento dele por trás da porta? Que tipo de vida Tengo estaria levando?”

Dentro da banheira, ela acariciou seus seios bem devagar, repetidas vezes. Eles estavam bem mais firmes e maiores do que antes. E mais sensíveis. “Que bom seria se essas mãos que acariciam meus seios fossem as de Tengo”, pensou Aomame. Ela imagina as mãos grandes e largas dele. Mãos que deveriam ser fortes e carinhosas. As mãos de Tengo envolveriam seus seios, transmitindo uma sensação de alegria e serenidade. Aomame também percebeu que estavam um pouco maiores do que antes. Não era ilusão de ótica. Não havia dúvida de que estavam maiores e mais cheios, formando uma delicada curva. “Deve ser a gravidez. Não. Talvez eles *simplesmente ficaram maiores*, sem nenhuma relação com a gravidez. Como parte da minha transformação.”

Aomame colocou as mãos sobre o ventre. Ele ainda não estava suficientemente proeminente. E, estranhamente, ela ainda não sentia náuseas matinais. Mas, dentro dele, existia um ser pequenino. Ela sabia disso. “Talvez”, pensou Aomame, “não seja a mim que *eles* estão procurando desesperadamente, mas sim *essa coisa pequenina*. Como uma vingança por eu ter matado o Líder, eles querem tirá-la de mim”. Esse pensamento fez Aomame ficar arrepiada. Precisava a todo custo encontrar Tengo. Aomame reiterou a sua convicção. Precisava juntar forças com ele para proteger *essa coisa pequenina*. “Durante a minha vida, me roubaram muitas coisas que me eram caras. Mas essa é a única coisa que não vou entregar de jeito nenhum.”

Aomame deitou-se na cama e, durante um tempo, se concentrou na leitura. Mas o sono não veio. Ela fechou o livro e dobrou levemente o corpo como para proteger o ventre. Com o rosto apoiado no travesseiro, imaginou a lua de inverno pairando no céu sobre o parque, e a pequena lua esverdeada ao seu lado. *Maza e dohta*. As luzes das duas luas se mesclaram iluminando os galhos secos da zelkova. Tamaru deve estar planejando algo para resolver esta situação. Sua mente deve estar trabalhando a mil por hora. Aomame o imaginou com as sobrancelhas arqueadas, batendo ruidosamente na mesa com a ponta da caneta. Conduzida pelo ritmo monótono e incessante da caneta contra a mesa, Aomame foi finalmente envolvida pelo suave tecido do sono.

Algun lugar dentro de sua mente

O telefone tocou. O despertador indicava 2:04. Duas e quatro da madrugada de uma segunda-feira. Ainda estava escuro e Tengo dormia profundamente. Um sono tranquilo, sem sonhos.

A primeira pessoa que lhe veio à mente foi Fukaeri. Só ela seria capaz de telefonar numa hora dessas. Pouco depois, pensou em Komatsu que, diga-se de passagem, também não era um exemplo de bom senso em relação a horários. Mas o tipo de chamada não parecia ser de Komatsu. O toque tinha algo de insistente, de profissional. E Tengo conversara um longo tempo com Komatsu poucas horas antes.

Uma possibilidade era ignorar o telefone e continuar dormindo. Era o que Tengo gostaria de fazer. Mas o toque persistente eliminava aquela opção. Dava a impressão de que continuaria a tocar até o amanhecer. Tengo saiu da cama e, esbarrando em algumas coisas pelo caminho, finalmente pegou o fone.

— Alô? — disse ele, sentindo a língua pastosa. Sua cabeça parecia preenchida por um pé de alface congelado. Ainda existem pessoas que não sabem que não se deve congelar alface. Pois, ao ser descongelada, ela perde totalmente a sua crocância. Ou seja, perde a melhor de suas características.

Ao aproximar o fone do ouvido, Tengo escutou o vento soprar. Uma rajada caprichosa por entre vales estreitos, eriçando os pelos de lindos veados que se curvam para beber a água límpida do rio. Mas não era o barulho dos ventos. Era a respiração de alguém, ampliada pelo aparelho telefônico.

— Alô? — repetiu Tengo. Poderia ser trote ou linha cruzada.

— Alô? — disse a pessoa do outro lado da linha. Era a voz de uma mulher que ele não conseguia reconhecer. Não era a voz de Fukaeri nem a de sua namorada mais velha.

— Alô? — repetiu Tengo. — Aqui quem fala é Kawana.

— Tengo? — disse a interlocutora. Finalmente, a conversa parecia engrenar. Mesmo assim, Tengo não sabia de quem era aquela voz.

— Quem é?

— Kumi Adachi — disse a pessoa do outro lado da linha.

— Ah! É você. — disse Tengo. Era a enfermeira jovem que morava naquele apartamento em que se podia ouvir o canto das corujas. — Aconteceu alguma coisa?

— Estava dormindo?

— Estava — disse Tengo. — E você?

Que pergunta sem sentido. É claro que uma pessoa dormindo não teria telefonado. “Por que será que fiz uma pergunta tão tola? Só pode ser culpa da alface congelada dentro da minha cabeça”, pensou Tengo.

— Estou no serviço — respondeu a enfermeira. Em seguida, deu uma tossida para limpar a garganta e prosseguiu: — O senhor Kawana acaba de falecer.

— O senhor Kawana acaba de falecer — repetiu Tengo, sem entender direito o que acabara de ouvir. Será que alguém estava lhe informando que ele próprio havia morrido?

— O seu pai acabou de falecer — a enfermeira tornou a dizer.

Tengo mudou o fone da mão direita para a esquerda, sem nenhum motivo aparente. — Faleceu — repetiu Tengo.

— Era um pouco depois da uma e eu estava descansando no dormitório quando a campainha tocou. Era a campainha do quarto de seu pai. Como ele estava em coma, a campainha não poderia ter sido acionada por ele e, achando aquilo estranho, fui até lá averiguar. Quando cheguei, ele não respirava e estava sem pulso. Acordei o médico de plantão e, apesar de tentarmos reanimá-lo, já era tarde.

— Está me dizendo que meu pai tocou a campainha?

— Acho que sim. Não havia mais ninguém no quarto.

— Qual foi a causa da morte? — indagou Tengo.

— Não sei dizer. Aparentemente, ele não sofreu. O rosto dele tinha uma expressão de serenidade. Como posso dizer... É como se, num dia sem ventos, no final do inverno, uma folha se desprendesse sozinha do galho. Foi essa a impressão que tive. Não sei se consigo me expressar direito.

— Consegue, sim — disse Tengo. — Para ele, foi melhor assim.

— Você pode vir hoje?

— Creio que posso — disse Tengo. Ele assumiria as aulas a partir da segunda-feira, mas, com a morte do pai, teria de cancelá-las.

— Vou pegar o primeiro trem expresso. Antes das dez da manhã, devo estar aí.

— Se você puder fazer isso, seria ótimo. Você precisa resolver alguns assuntos burocráticos.

— Assuntos burocráticos — disse Tengo — Preciso levar alguma coisa em particular?

— Você é o único parente do senhor Kawana?

— Acho que sim.

— Nesse caso, traga o seu carimbo registrado. Creio que você vai precisar dele. Você tem a certidão de autenticidade do carimbo?

— Se não me engano, tenho uma cópia.

— Como precaução, melhor você trazê-la. Acho que o principal é isso. De resto, seu pai já tomou todas as providências, ainda em vida.

— Ele tomou todas as providências?

— Isso. Enquanto ainda estava consciente, ele deixou tudo

minuciosamente acertado: dinheiro para o funeral, a roupa para vesti-lo no caixão e até o local onde depositar suas cinzas. Era muito organizado. Digamos que era uma pessoa com bastante senso prático.

— Uma pessoa prática — disse Tengo, coçando a têmpora.

— Às sete horas termina o meu plantão, e vou para casa descansar. Mas as enfermeiras Tamura e Ômura estarão aqui no período da manhã. Elas vão te auxiliar e passar os detalhes do que você precisa fazer.

Tamura era a enfermeira de meia-idade que usava óculos, e a enfermeira Ômura era a que espetava a caneta no cabelo.

— Agradeço por tudo o que você fez — disse Tengo.

— De nada — disse Kumi Adachi. De súbito, como se acabasse de se lembrar, disse em tom formal: — Meus sinceros pêsames.

— Obrigado — disse Tengo.

Como não conseguiria voltar a dormir, Tengo esquentou água, preparou um café e o bebeu. Isso fez com que sua cabeça começasse a funcionar melhor. Sentiu um pouco de fome e preparou um sanduíche com o tomate e o queijo que restavam na geladeira. Mas, como se comesse na escuridão, ele sentia a textura do alimento, não seu sabor. Em seguida, pegou o guia dos horários de trens e verificou quando saía o primeiro expresso para Tateyama. Dois dias atrás, na tarde de sábado, ele partira da “cidade dos gatos”, e eis que estava prestes a voltar. Mas, desta vez ficaria pouco tempo.

Quando o relógio marcava quatro horas, Tengo lavou o rosto na pia do banheiro e fez a barba. Tentou baixar um tufo de cabelo com a ajuda de gel, mas, como sempre, não conseguiu domá-lo. “Tudo bem”, conformou-se. “Até a hora do almoço ele deve assentar.”

A notícia da morte do pai não o abalou muito. Ele esteve durante cerca de duas semanas com o pai em coma. Naquela ocasião, a impressão de Tengo era de que ele já havia aceitado a própria morte. Soava estranho dizer isso, mas, para Tengo, estava claro que seu pai estava decidido a morrer, e ele próprio desligara seu interruptor e entrara no coma. Os médicos, por outro lado, não sabiam explicar o que o levava àquele estado. Tengo, porém, sabia que ele queria morrer. Ou que havia perdido a vontade de viver. Segundo as palavras de Kumi Adachi, seu pai era como “uma folha de uma árvore” aguardando a mudança de estação, mantendo a luz da consciência apagada e com a porta totalmente fechada para os sentimentos.

Da estação Chikura, Tengo pegou um táxi e chegou à casa de saúde às dez e meia. Era um dia calmo de início de inverno, como o dia anterior, domingo. A tépida luz do sol banhava gentilmente o gramado do jardim sem viço e um gato malhado, que Tengo nunca vira antes, tomava sol lambendo meticulosamente o rabo, sem nenhuma pressa. As enfermeiras Tamura e Ômura o receberam na

entrada do prédio. As duas, discretamente, sussurraram palavras de condolência. Tengo agradeceu.

O corpo de seu pai jazia num pequeno quarto, num canto discreto da casa de saúde. A enfermeira Tamura o conduziu até ali. Seu pai estava deitado de costas, com um lençol branco sobre o corpo. O quarto era quadrangular, sem janelas, e a lâmpada fluorescente conferia às paredes brancas uma luminosidade que as deixava muito mais alvas. Sobre uma cômoda baixa havia um vaso com três crisântemos brancos que pareciam ter sido colocados naquela manhã. Um relógio redondo jazia pendurado na parede. Era um relógio antigo e empoeirado, mas que marcava corretamente as horas. Sua função, talvez, fosse a de testemunhar algo. Além dessas coisas não havia mais nenhum móvel ou objeto de decoração. Muitos idosos mortos passaram por aquele quarto singelo. Silenciados, eram levados para lá e, em silêncio, deixavam o local. O quarto era simples, mas havia nele uma atmosfera solene.

O rosto de seu pai não diferia de quando estava vivo. Mesmo olhando-o de perto, não parecia estar morto. A cor de sua pele não estava ruim e, provavelmente, alguém gentilmente havia feito sua barba, pois a pele ao redor do queixo estava estranhamente lisa. Não havia muita diferença entre o estado em que ele perdera a consciência e dormia profundamente e o fato de estar morto. Apenas não havia mais a necessidade de lhe injetar os tubos de soro e o cateter. Se o deixassem como estava, em alguns dias seu corpo entraria num estado de putrefação, e a diferença entre a vida e a morte ficaria visível. Mas antes de isso acontecer ele seria cremado.

O médico, que Tengo já conhecia das outras vezes em que estivera lá, apareceu e, após dar-lhe as condolências, começou a explicar as circunstâncias da morte de seu pai. O médico não poupou tempo para lhe dar explicações detalhadas, mas, resumindo, o que ele realmente queria lhe dizer era que “a causa da morte era desconhecida”. A despeito de terem realizado inúmeros exames, não conseguiram encontrar nada de errado. Muito pelo contrário. Os resultados indicavam que seu pai era uma pessoa saudável. O único problema era ele estar com o mal de Alzheimer. Mas, sem causa aparente, ele entrara em coma e, desde então, jamais recuperara a consciência, e o seu corpo aos poucos definhou. Ao transpor o nível aceitável de declínio das funções orgânicas, a manutenção da vida se tornou difícil, e não foi possível evitar que seu pai adentrasse o território da morte. A explicação era fácil de entender, mas, do ponto de vista médico, a questão não era tão simples assim, porque não conseguiam identificar a causa da sua morte. O motivo mais plausível seria concluir que falecera por estar senil, mas ele tinha pouco mais de sessenta e cinco anos, e portanto era novo demais para este diagnóstico.

— Como médico responsável, vou emitir o atestado de óbito — disse o doutor, num tom entre cerimonioso e hesitante. — A causa mortis será descrita como “colapso cardíaco decorrente de um longo período de coma”. O senhor concorda?

— Mas na verdade meu pai não morreu de “colapso cardíaco decorrente

de um longo período de coma”, não é? — indagou Tengo.

O médico esboçou desconforto. — É. O seu pai nunca apresentou quaisquer anomalias no coração.

— E os exames também não acusaram nenhuma anomalia nos demais órgãos.

— Isso mesmo — disse o médico, constrangido.

— Mas, no documento, é necessário deixar bem claro a causa da morte, é isso?

— Isso mesmo.

— Não sou especialista, mas isso que o senhor acabou de dizer significa que o coração dele parou de bater, é isso?

— Sim. O coração dele parou de funcionar.

— Isso seria o mesmo que dizer que ele sofreu um colapso?

O médico pensou a respeito. — Se considerarmos que as atividades cardíacas indicam o funcionamento normal do coração, não há dúvidas de que seu pai sofreu um colapso. Nesse sentido, o senhor não deixa de ter razão.

— Se é isso, o senhor pode escrever que a causa mortis de meu pai foi “colapso cardíaco decorrente de um longo período de coma”. Não tenho nenhuma objeção.

O médico parecia aliviado e informou que liberaria o atestado de óbito em meia hora. Tengo agradeceu. O médico deixou a sala e a enfermeira Tamura, de óculos, permaneceu com Tengo.

— Você gostaria de ficar um tempo a sós com o seu pai? — indagou ela. A pergunta parecia fazer parte de um procedimento padrão, e soou um pouco trivial.

— Não. Não é necessário. Obrigado — disse Tengo. Mesmo que ficasse a sós com ele, não tinham mais nada a conversar. Se eles mal se falavam quando ele estava vivo, não era após a morte que surgiria um assunto para conversarem.

— Então vamos para outro lugar para que eu possa explicar o que você precisa fazer. Tudo bem? — disse a enfermeira Tamura.

— Tudo bem — disse Tengo.

Antes de deixar o recinto, a enfermeira Tamura voltou-se na direção do corpo e, unindo a palma das mãos, fez uma reverência. Tengo fez o mesmo. As pessoas nutrem um respeito natural aos mortos. Afinal, a pessoa que morre realizou a proeza de tê-lo feito sozinha. Após deixarem o pequeno quarto sem janelas, os dois foram para o refeitório, vazio àquela hora. Os raios de sol incidiam através da enorme janela que dava para o jardim. Tengo banhou suas pernas nessa luminosidade e foi então que, finalmente, conseguiu respirar aliviado. Naquele local, não havia mais indício de morte. Aquele era o mundo dos vivos. Ainda que fosse repleto de incertezas e imperfeições.

A enfermeira Tamura serviu duas xícaras de chá quente de folhas torradas, *hōjicha*, e passou uma para Tengo. Sentaram-se frente a frente e permaneceram em silêncio enquanto bebiam.

— Você vai passar a noite por aqui? — indagou a enfermeira.

— Vou ficar em algum lugar, mas ainda não fiz a reserva.

— Se você quiser, pode dormir no quarto que foi de seu pai. Hoje ele estará desocupado e, assim, você não precisa gastar com a hospedagem. Se você não se importar, é claro.

— Não me importo — disse Tengo, um tanto surpreso. — Mas posso mesmo fazer isso?

— Pode, sim. Desde que você não se importe, da nossa parte está tudo bem. Depois eu peço para arrumarem a cama.

— Então — disse Tengo, mudando de assunto. — O que eu devo fazer agora?

— Assim que receber o atestado de óbito assinado pelo médico responsável, você deve ir até a prefeitura e solicitar a autorização de cremação. Em seguida, dar entrada no pedido para tirarem o nome de seu pai do registro civil. Essas seriam as principais providências a tomar. Mas há alguns outros assuntos que você precisa resolver, como a questão da pensão anual ou a transferência de titularidade da conta-corrente, mas acho melhor você conversar com o advogado.

— Advogado? — disse Tengo, surpreso.

— O senhor Kawana, ou melhor, o seu pai, conversou com um advogado e explicou o que ele deveria fazer após sua morte. Eu disse advogado, mas não se assuste. A casa de saúde possui muitos idosos e, como muitos deles não estão em sua perfeita capacidade de raciocínio, oferecemos consultas jurídicas por meio de um convênio com um escritório de advocacia local. É um modo de evitarmos problemas jurídicos em relação à partilha dos bens ou coisas afins. Temos, inclusive, um tabelião responsável por elaborar os testamentos. Os honorários não são muito altos.

— Meu pai deixou um testamento?

— Isso é um assunto que você deve conversar diretamente com o advogado. Eu não posso lhe dizer nada.

— Entendi. Será que posso encontrá-lo em breve?

— Ele ficou de vir aqui às três horas. Tudo bem para você? Sei que pode parecer que estou apressando as coisas, mas, como você é uma pessoa ocupada, eu tomei a liberdade de adiantar algumas providências.

— Muito obrigado — Tengo agradeceu a eficiência e o senso de presteza da enfermeira. Todas as mulheres mais velhas que ele conhecia possuíam essas características.

— Mas, antes disso, vá até a prefeitura, dê a baixa do nome de seu pai do registro familiar e solicite a autorização de cremação. Sem esses documentos, não podemos fazer nada — disse a enfermeira Tamura.

— Então vou ter de ir até Ichikawa. O local de domicílio do meu pai, se não me engano, é a cidade de Ichikawa. Nesse caso, creio que não consigo retornar até as três horas.

A enfermeira balançou negativamente a cabeça. — Assim que seu pai se internou aqui, ele tratou de transferir o local de domicílio permanente de Ichikawa para Chikura. Ele queria evitar dar trabalho a você.

— Ele deixou tudo em ordem — disse Tengo, admirado. Era como se seu pai já soubesse desde o início que morreria ali.

— Realmente — disse a enfermeira. — São raros os idosos que fazem isso. Todos pensam que vão ficar aqui apenas temporariamente, mas... — ela interrompeu a fala e, como a sugerir a continuação da frase, juntou as mãos diante do corpo. — Portanto, você não precisa ir até Ichikawa.

Tengo foi levado até o quarto de seu pai. Era naquele quarto individual que ele passara os últimos meses de vida. O lençol, a fronha e o travesseiro haviam sido retirados e havia somente um colchão listrado. Sobre o criado-mudo havia uma luminária simples e, no armário pequeno, cinco cabides vazios. Não havia livro na estante e nenhum objeto de uso pessoal. Tengo, porém, não se lembrava dos objetos pessoais de seu pai naquele quarto. Ele colocou a mala no chão e deu uma olhada ao redor.

Um leve odor de remédio e o ar deixado pelo enfermo ainda impregnavam o ambiente. Tengo abriu as janelas para arejá-lo. As cortinas queimadas pelo sol balançavam ao sabor da brisa, como a saia de uma menina a brincar. Enquanto observava aquela cena, Tengo pensou em como seria maravilhoso se Aomame estivesse ali e, sem dizer nada, segurasse firmemente sua mão.

Pegou o ônibus, foi até a prefeitura de Chikura e, após mostrar o atestado de óbito, recebeu a autorização para a cremação. A cremação poderia ser realizada vinte e quatro horas após o horário da morte. Tengo solicitou também a retirada do nome de seu pai do registro familiar e recebeu esse documento atualizado. Levou um certo tempo para obtê-los, mas os procedimentos eram relativamente simples. Nada que exigisse algum tipo de reflexão aprofundada. Era como fazer uma declaração para despachar um carro para o ferro-velho. A enfermeira Tamura fez três cópias dos documentos na máquina do escritório.

— Às duas e meia, antes de o advogado chegar, virá aqui uma pessoa da funerária Zenkôsha — disse a enfermeira Tamura. — Você deve entregar a ela uma cópia da autorização de cremação. A funerária tomará as demais providências. Em vida, seu pai chegou a conversar com o responsável da funerária e ele já deve saber o que fazer. O dinheiro para o funeral também está reservado. Você não precisa fazer nada. Isso, claro, se você não tiver nenhuma objeção.

Tengo respondeu que não tinha nenhuma objeção.

Os objetos pessoais que seu pai deixou eram poucos: roupas velhas e alguns livros. Praticamente isso.

— Você quer ficar com alguma coisa de recordação? Se bem que as únicas coisas que eram dele eram um rádio despertador, um antigo relógio de pulso e um par de óculos de leitura — disse a enfermeira Tamura.

— Não quero nada. Pode fazer o que quiser com eles — disse Tengo.

Exatamente às duas e meia, o encarregado da funerária chegou de terno preto e entrou no refeitório com passos rápidos e silenciosos. Era magro e aparentava ter pouco mais de cinquenta anos. Os dedos eram compridos, tinha os olhos grandes e uma verruga seca e escura na aba do nariz. Era bronzeado até a ponta das orelhas, como se passasse muitas horas ao sol. Era estranho; Tengo nunca vira um funcionário de uma funerária que fosse obeso. Esse homem explicou, em linhas gerais, como funcionava um funeral. Suas expressões eram polidas, e o seu jeito de falar, bem calmo. Dava a impressão de que tudo estava sob controle e que Tengo não precisava se afobar.

— Seu pai, em vida, manifestou o desejo de fazer um funeral sem muitos ornamentos. Pediu para colocá-lo num caixão simples e levá-lo direto para a cremação. Ele também pediu para que não montassem o altar budista, nem fizessem cerimônias, recitações e, tampouco, um nome budista póstumo, flores, discursos... enfim, nada disso. Também não quis um túmulo. As cinzas, ele pediu que fossem levadas para alguma instalação comunitária apropriada, existente nas redondezas. Isso se o filho não tiver nenhuma objeção.

Nesse ponto, ele parou de falar e lançou, com seus enormes olhos negros, um olhar inquiridor para o rosto de Tengo.

— Se esse é o desejo de meu pai, não tenho nenhuma objeção — disse Tengo, fitando diretamente aqueles olhos.

O encarregado concordou, balançando a cabeça e, estreitando levemente os olhos, continuou: — Então hoje será o velório, e o corpo ficará uma noite na funerária. Providenciaremos o transporte. Amanhã, à uma da tarde, o corpo será levado até um crematório próximo daqui. Está bem?

— Não tenho nenhuma objeção.

— O senhor vai comparecer à cremação?

— Vou — disse Tengo.

— Há pessoas que preferem não comparecer. Estar ou não presente é uma opção pessoal.

— Estarei presente — disse Tengo.

— Muito bem — disse o encarregado, ligeiramente aliviado. — Nesse caso, desculpe-me tratar desse assunto neste momento, mas gostaria que o senhor desse uma olhada no catálogo que eu mostrei para o seu pai em vida, para que o senhor tome conhecimento e dê a sua aprovação.

Após dizer isso, o encarregado tirou, com seus dedos longos se movimentando como pernas de inseto, o extrato da conta de sua pasta e o entregou a Tengo. Mesmo para um leigo no assunto, como era o seu caso, não foi difícil perceber que aquele funeral era o mais barato. Tengo obviamente não se opôs. Pegou emprestada uma caneta e assinou os documentos.

O advogado chegou um pouco antes das três e, diante de Tengo, começou a conversar com o encarregado da funerária. Um diálogo de frases curtas entre dois especialistas. Tengo não conseguiu entender o que estavam conversando. Os dois pareciam colegas de longa data. A cidade era pequena e, portanto, era presumível que todos se conhecessem.

Próximo à sala em que estava o corpo de seu pai havia uma porta que dava para os fundos, bem discreta, e um furgão da funerária estava estacionado logo ali. Todas as janelas, exceto as do condutor, eram pretas, e na carroceria negra não havia nenhum letreiro ou símbolo da funerária. O encarregado e o motorista de cabelos brancos empurraram até o furgão a maca com rodinhas onde jazia o corpo de seu pai. O furgão era adaptado, com o teto um pouco mais alto que o normal e com trilhos, para a passagem da maca. As portas da parte de trás fecharam-se com um barulho decidido. O encarregado voltou-se para Tengo, fez uma reverência e o furgão partiu. Tengo, o advogado e as enfermeiras Tamura e Ômura juntaram as mãos em prece olhando a traseira do furgão Toyota.

Tengo e o advogado sentaram-se um de frente para o outro num canto do refeitório. O advogado devia ter cerca de quarenta e cinco anos e, ao contrário do encarregado da funerária, era obeso. O seu queixo praticamente não existia. Apesar de estarem no inverno, gotas de suor brotavam de sua testa. “Ele deve sofrer muito no verão”, pensou Tengo. O paletó cinza de lã cheirava a naftalina. A testa era pequena, e os cabelos negros, fartos. O corpo obeso e os cabelos fartos não eram uma combinação feliz. As pálpebras eram pesadas e intumescidas e, apesar de os olhos serem pequenos, ao observá-los com cuidado via-se ao fundo uma luz de bondade.

— Seu pai me confiou o testamento. A palavra testamento pode dar a impressão de que se trata de algo vultoso, mas não é exatamente o caso. Não é um testamento como aqueles que aparecem nos romances policiais — disse o advogado, tossindo para limpar a garganta. — Neste caso, é algo bem parecido com um simples lembrete. Vou lhe explicar de modo simples e resumido o seu conteúdo. Em primeiro lugar, o testamento descreve as instruções para o velório. Quanto aos detalhes, creio que o encarregado da Zenkôsha já tenha lhe explicado, não?

— Ele já me explicou. É um velório simples.

— Muito bem — disse o advogado. — Era o que seu pai queria. Quanto mais simples, melhor. Para pagar o custo do velório temos um fundo de reserva que será o suficiente para cobrir as despesas e, quanto às despesas hospitalares, assim que seu pai se internou neste hospital ele deixou um depósito de fiança cujo valor também é suficiente para quitá-las. De modo que o senhor não terá de arcar com nenhum encargo de ordem financeira.

— Quer dizer que ele não possui nenhuma dívida?

— Isso mesmo. Ele deixou tudo pago. Seu pai também possui uma conta-corrente no correio de Chikura e o valor depositado nessa conta será herdado pelo seu filho. Para isso, temos que fazer a transferência de titularidade. Os documentos necessários para a transferência são o certificado de baixa do nome de seu pai do registro familiar, o seu registro civil e o registro oficial de autenticidade do carimbo. O senhor deve levar esses documentos ao correio de Chikura e preencher pessoalmente o formulário de transferência. Esse

procedimento costuma levar um certo tempo. Como deve ser de seu conhecimento, no Japão, os bancos e os correios são exigentes em relação aos formulários.

O advogado tirou do bolso do paletó um enorme lenço branco e limpou o suor da testa.

— O que eu precisava dizer a respeito de sua herança é isso. A herança, neste caso, refere-se à poupança na conta do correio. Não há nenhuma outra espécie de bens, como seguros de vida, imóveis, pedras preciosas, objetos de arte e antiguidades. Nesse sentido, posso dizer que se trata de uma herança simples e sem complicações.

Tengo assentiu. Era do feitio de seu pai. Mas ele se sentia deprimido de herdar a caderneta de poupança. Era como se lhe entregassem vários cobertores molhados e pesados. Se possível, ele preferia não ter de herdar isso. Mas não era o caso de dizê-lo ao advogado obeso, com farta cabeleira e de coração bondoso.

— Além disso, seu pai deixou comigo um envelope. Trouxe-o comigo e gostaria de lhe entregar em mãos.

O envelope pardo estava estufado, e fora lacrado com várias voltas de fita adesiva. O advogado tirou o envelope de sua pasta preta de documentos e o colocou sobre a mesa.

— Eu conversei com o senhor Kawana após ele se internar aqui e, na ocasião, ele me entregou este envelope. Naquela época, o senhor Kawana estava lúcido, apesar de ficar um pouco confuso de vez em quando. Mas ele ainda levava uma vida normal. Ele pediu para entregar esse envelope ao legítimo herdeiro, no caso de ele vir a falecer.

— *Legítimo herdeiro* — disse Tengo, um tanto surpreso.

— Isso mesmo. Legítimo herdeiro. Seu pai não mencionou o nome específico de ninguém. Mas o legítimo herdeiro, no caso, refere-se ao senhor.

— Até onde sei, devo ser o único herdeiro.

— Sendo assim... — disse o advogado, indicando o envelope sobre a mesa. — Devo lhe entregar isso. Por favor, poderia assinar o recibo?

Tengo assinou. O envelope pardo sobre a mesa lhe pareceu impessoal e frio. Não havia nada escrito nele, nem na frente nem no verso.

— Posso fazer uma pergunta? — disse Tengo para o advogado. — Quando meu pai lhe entregou o envelope, ele não disse o meu nome, ou seja, não disse Tengo Kawana ou mencionou-me como sendo o seu filho?

Enquanto o advogado tentava se lembrar do que fora dito naquela ocasião, ele tirou do bolso o lenço e limpou novamente o suor da testa. A seguir, balançou a cabeça num gesto negativo. — Não. O senhor Kawana usou somente a expressão *legítimo herdeiro*. Em nenhum momento usou outra a não ser essa. Confesso que, na ocasião, achei estranho, por isso me lembro muito bem disso.

Tengo permaneceu em silêncio. O advogado tentou se retratar e disse:

— Mas o próprio senhor Kawana, no fundo, sabia que o herdeiro legítimo era o senhor. Ele apenas não disse nominalmente, em função da conversa que estávamos tendo. Alguma coisa o preocupa?

— Não é que eu esteja preocupado — disse Tengo. — É que meu pai era uma pessoa um pouco diferente.

O advogado sorriu e concordou, balançando levemente a cabeça. Em seguida, entregou uma nova cópia do registro civil da família de Tengo. — Por se tratar desse tipo de doença, tomei a liberdade de verificar a certidão para que não houvesse nenhum problema jurídico. Segundo os registros, o senhor é o único herdeiro do senhor Kawana. Sua mãe faleceu um ano e meio após o seu nascimento. Depois de ela falecer, seu pai não se casou novamente e, sozinho, cuidou de você. Os pais e os irmãos de seu pai já são falecidos. Nesse caso, o senhor é o único e legítimo herdeiro do senhor Kawana.

O advogado se levantou, disse algumas palavras de condolência e se retirou. Tengo permaneceu no refeitório, sozinho, e durante um tempo ficou sentado olhando o envelope pardo sobre a mesa. Seu pai era o seu verdadeiro pai biológico, e sua mãe havia morrido *de verdade*. Foi o que o advogado lhe dissera. Talvez aquela fosse a verdade. Pelo menos, legalmente, aquela era a verdade. Mas, quanto mais os fatos eram revelados, mais a verdade parecia se distanciar. Por quê?

Tengo foi para o quarto e, sentado diante da mesa, tentou abrir o envelope pardo exageradamente lacrado. Dentro dele, poderia encontrar a chave para desvendar o mistério. Mas não era uma tarefa fácil. No quarto não havia tesoura, estilete ou coisa que o valha, por isso precisou arrancar as várias camadas de fita adesiva com a unha. Quando finalmente conseguiu abri-lo, após muito trabalho, havia outros tantos envelopes, todos eles igualmente bem lacrados com fita adesiva. Só podia ser coisa de seu pai.

Num dos envelopes havia quinhentos mil ienes. Eram cinquenta notas de dez mil ienes novinhas em folha, envoltas em papel de seda. Havia um bilhete escrito “dinheiro para emergências”. Sem dúvida era a letra de seu pai. Uma letra pequena, feita sem muito capricho. O que seu pai queria dizer era que aquele dinheiro estava reservado para despesas não computadas. Seu pai imaginou que o seu “herdeiro legítimo” provavelmente não teria dinheiro suficiente para arcar com despesas extras.

O envelope mais volumoso continha vários recortes de jornais antigos e alguns certificados de honra ao mérito. Havia também fotos de Tengo com vários troféus. E um boletim escolar com excelentes notas, guardado como uma obra de arte. Em todas as matérias a nota era máxima. Além disso, havia diversos registros do maravilhoso menino prodígio. Uma foto de Tengo do tempo do ginásio, vestindo o seu quimono de judô e segurando uma flâmula de vice-campeão, todo sorridente. Ao ver essa foto, Tengo ficou surpreso. Após seu pai se aposentar da NHK, ele deixou de morar na residência da empresa e alugou um apartamento na mesma cidade de Ichikawa e, por fim, mudou-se para a casa de saúde de Chikura. Por morar sozinho e ter se mudado várias vezes, ele não tinha acumulado muitos pertences. A relação de pai e filho estava estremecida havia muito tempo e eles eram como dois estranhos. Mesmo assim, o pai de Tengo sempre carregou consigo as lembranças da brilhante época daquele menino como

uma relíquia, preservando-as com extremo zelo.

No outro envelope havia vários registros do tempo em que seu pai era cobrador da NHK. Um diploma de melhor funcionário do ano. Alguns certificados simples. Foto com os colegas tirada em alguma excursão da empresa. Um documento de identidade antigo. Registros de quitação do plano de aposentadoria e de saúde. Alguns contracheques com descrições detalhadas de rendimentos, que não fazia sentido estarem ali; havia também alguns documentos das gratificações recebidas por ocasião da aposentadoria... Para quem trabalhou mais de trinta anos como um camelo para a NHK, o volume de coisas guardadas era muito pequeno. Comparado aos registros do notável desempenho de Tengo durante a escola primária, os de seu pai eram quase nulos. Para a sociedade, a vida de seu pai não valia nada, mas, para Tengo, aquilo não era verdade. Para ele, o pai deixou uma intensa e profunda sombra em seu coração. Acompanhada de uma caderneta de poupança.

Não havia nenhum registro da vida de seu pai antes de ele começar a trabalhar na NHK. Era como se sua vida começasse a partir do momento em que se tornara cobrador da empresa.

O último envelope pequeno continha uma foto em preto e branco. Somente essa foto e mais nada. Era uma foto antiga que, além de estar desbotada, tinha uma fina camada a manchar-lhe a superfície, como se a água tivesse penetrado nela. Era uma foto de família. O pai, a mãe e um bebê. Pelo tamanho, o bebê deve ter menos de um ano. A mãe, vestida com um quimono, está segurando-o carinhosamente. Atrás deles há um portal de um santuário xintoísta. Pelo tipo de roupas que eles usavam, devia ser inverno, e o fato de estarem num santuário significava que poderia ser ano-novo. A mãe estreita os olhos ofuscados pela luz do sol e sorri. O pai, vestindo um casaco escuro um pouco grande para o seu tamanho, está com a testa franzida de modo a ressaltar duas profundas rugas horizontais. A expressão de seu rosto é a de quem não costuma aceitar as coisas tão facilmente. O bebê no colo parece confuso entre a imensidão do mundo e o frio que o cerca.

O jovem pai da foto só podia ser o pai de Tengo. O rosto está bem mais jovem, mas, desde aquela época, já havia nele alguns traços de senilidade precoce. Era magro e tinha os olhos fundos. Era o típico rosto de um camponês pobre de uma aldeia miserável. Teimoso e desconfiado. O cabelo era curto e as costas ligeiramente vergadas. Não havia dúvidas de que aquele era o seu pai. Se aquele era o seu pai, o bebê só podia ser Tengo, e a mulher que segurava o bebê só podia ser sua mãe. A mãe era um pouco mais alta que o pai e tinha uma boa postura. O pai devia ter mais de trinta anos e a mãe uns vinte e cinco.

Era a primeira vez que Tengo via aquela foto. Até então, ele nunca tinha visto uma imagem que pudesse chamar de foto de família. Nunca tinha visto uma foto de quando era bebê. Seu pai havia lhe explicado que a vida deles era muito difícil, que não tinham condições de comprar uma câmera fotográfica e tampouco podiam se dar ao luxo de tirar uma foto em família. Tengo sempre acreditou nisso. Mas era mentira. Havia sim uma foto, e ela estava escondida. As

roupas que eles usavam não eram luxuosas, mas não causariam vergonha. Não parecia que a vida deles fosse tão pobre a ponto de não poderem comprar uma câmera. A fotografia teria sido tirada pouco tempo depois de Tengo nascer, ou seja, entre 1954 e 1955. Tengo virou a foto, mas no verso não havia data nem local.

Ele observou minuciosamente o rosto daquela mulher que poderia ser sua mãe. Na foto, o rosto era pequeno e estava borrado. Se tivesse uma lupa poderia enxergar alguns detalhes, mas não havia nenhuma à disposição. Mesmo assim, ele conseguia ver o formato de seu rosto. Ele era oval, o nariz pequeno e os lábios carnudos. Não era exatamente uma mulher bela, mas tinha o seu encanto, e sua fisionomia causava boa impressão. Perto de seu pai, que possuía uma aparência rude, ela parecia ser muito mais elegante e inteligente. Tengo ficou feliz em constatar isso. Os cabelos estavam presos no alto e a luz do sol ofuscava sua vista. Mas pode ser que ela estivesse tensa diante da câmera. Por estar de quimono, não dava para saber como era o seu corpo.

Pelo menos, a contar pela foto, era difícil dizer que os dois formavam um belo casal. A diferença de idade também parecia ser grande. Tengo tentou imaginar a vida daquele casal desde o momento em que os dois se encontraram, se apaixonaram, casaram e tiveram um filho, mas não conseguiu. A foto não passava a imagem de um casal feliz. Se descartarmos a hipótese de que eles se apaixonaram, a razão de estarem juntos devia estar relacionada a alguma circunstância específica. Não. Talvez não tenha sido exatamente por causa de uma circunstância. A vida pode ser uma simples sequência de acontecimentos absurdos e, em determinadas situações, extremamente rudes.

Em seguida, Tengo tentou comparar a mulher misteriosa de seus devaneios — aqueles instantâneos de sua infância — com a mãe da fotografia. Mas, ao tentar fazer isso, percebeu que não conseguia se lembrar do rosto daquela mulher. Ela tirava a blusa, soltava as alças da camisola branca, e um homem, que não era seu pai, chupava os bicos de seus seios. E soltava um profundo suspiro, como se gemesse. Era a cena de que ele se lembrava. Um homem, que não era seu pai, chupava os bicos dos seios de sua mãe. Alguém roubava os bicos que deviam ser exclusivos dele. Para um bebê, aquilo era uma situação ameaçadora e tensa. Seus olhos nunca chegaram a ver o rosto daquele homem.

Tengo guardou a foto no envelope e pensou sobre aquilo. Seu pai guardara cuidadosamente aquela única foto até o dia de sua morte. Isso poderia significar que ele tinha um carinho especial por sua mãe. Quando Tengo começou a entender as coisas, sua mãe já havia adoecido e morrido. Segundo o levantamento realizado pelo advogado, Tengo era o único filho nascido da relação entre essa mãe falecida e seu pai, cobrador da NHK. Essa era a informação que constava em sua certidão de registro civil. Mas o registro não garante que o pai de Tengo é o seu pai biológico.

“Eu não tenho filho”, declarara seu pai, momentos antes de entrar em coma profundo.

“Nesse caso, o que eu sou?”, perguntara Tengo.

“Você não é nada”, respondera o pai, de modo conciso e categórico.

Aquele tom de voz fez com que Tengo tivesse a certeza de que entre ele e aquele homem não havia uma relação de consanguinidade. Foi então que finalmente conseguiu se libertar de um grande fardo que carregava nas costas. Mas, com o decorrer do tempo, Tengo não sabia mais se aquilo que o seu pai dissera era mesmo verdade.

— Eu não sou nada — Tengo repetiu em voz alta.

De repente, ele teve a impressão de que sua mãe jovem possuía algo que lembrava a namorada mais velha. Kyôko Yasuda era o nome dela. Para tentar acalmar a mente, Tengo apertou o centro da testa com o indicador durante um tempo. Depois, tirou de novo a foto do envelope e tornou a observá-la detidamente. O nariz pequeno e os lábios carnudos. O queixo um pouco saliente. O corte de cabelo era diferente e, por isso, ele não havia notado antes, mas ela tinha um rosto muito parecido com o de Kyôko Yasuda. O que aquilo significava?

Por que o pai de Tengo resolvera entregar-lhe a foto após sua morte? Enquanto estava vivo, seu pai nunca lhe dera quaisquer informações sobre sua mãe. Havia, inclusive, escondido aquela foto de família. Mas, no final, ele lhe deixou essa fotografia velha e desbotada sem nenhuma explicação. Por quê? Para ajudá-lo ou para deixá-lo ainda mais confuso?

A única coisa que Tengo sabia era que seu pai não tivera intenção de explicar nada. Enquanto estava vivo, ele nunca tivera essa preocupação e, depois de morto, continuava não tendo. “Olha! Aqui tem uma foto. Vou te entregar somente isso. *Tire as suas próprias conclusões*”, era o que seu pai provavelmente lhe diria.

Tengo deitou-se sobre o colchão sem lençol e ficou um bom tempo olhando o teto. Era um teto de compensado pintado de branco. A superfície era lisa, sem textura ou nó de madeira, e havia algumas junções retilíneas. Era a mesma imagem que seu pai teria visto durante os últimos meses de vida, através daqueles olhos encovados. Ou talvez aqueles olhos não tenham visto nada. De qualquer modo, seus olhos estavam direcionados àquele teto. Vendo ou não.

Tengo fechou os olhos e o imaginou deitado ali, com a vida se esvaindo lentamente. Mas, para um homem saudável de trinta anos, a morte era algo muito distante, difícil de imaginar. Tengo respirava calmamente, observando o movimento das sombras que a luz do entardecer desenhava nas paredes do quarto. Não queria pensar em mais nada. Para Tengo, não era tão difícil. Ele estava cansado demais de pensar. Queria dormir um pouco, mas, justamente por estar cansado demais, não conseguia dormir.

Um pouco antes das seis, a enfermeira Ômura veio até o quarto chamá-lo para o jantar no refeitório. Tengo não tinha apetite. Mesmo dizendo isso, a enfermeira alta e de seios fartos não era do tipo que desistia facilmente. “Você precisa comer, nem que seja um pouquinho”, ela tornou a insistir. Era praticamente uma ordem.

Desnecessário dizer que, em relação à saúde do corpo, ela era uma profissional, sabia se impor com conhecimento de causa. Tengo era do tipo que não sabia contrariar um argumento com conhecimento de causa, principalmente quando essa ordem era de alguém do sexo feminino, e de uma mulher mais velha do que ele.

Ao descer as escadas, Kumi Adachi já se encontrava no refeitório. A enfermeira Tamura não estava mais lá. Tengo compartilhou a mesma mesa com as enfermeiras Ômura e Kumi Adachi. Comeu um pouco de salada e verduras cozidas, e tomou uma sopa de soja com cebolinha e amêijoas. Depois, bebeu uma xícara de *hōjicha* quente.

— Quando será a cremação? — Kumi Adachi perguntou para Tengo.

— Amanhã, à uma da tarde — disse Tengo. — Após a cremação, pretendo voltar direto para Tóquio. Tenho de trabalhar.

— Alguém mais, além de você, vai comparecer à cremação?

— Não. Creio que não. Acho que serei somente eu.

— Será que eu posso te acompanhar? — perguntou Kumi.

— Na cremação do meu pai? — indagou Tengo, surpreso.

— Sim. Para falar a verdade, eu até que gostava dele.

Tengo colocou o *hashi* sobre a mesa e olhou para o rosto de Kumi, como que a indagar se ela realmente se referia ao seu pai. — O que você gostava nele? — perguntou Tengo.

— Ele era uma pessoa honesta e de poucas palavras — disse ela. — Nesse ponto, ele se parecia muito com o meu falecido pai.

— É mesmo? — disse Tengo.

— O meu pai era pescador. Morreu antes de completar cinquenta anos.

— Ele morreu no mar?

— Não. Morreu de câncer nos pulmões. Fumava demais. Não sei por quê, mas todos os pescadores são fumantes inveterados. Seu corpo todo parecia soltar fumaça.

Tengo pensou a respeito. — Talvez tivesse sido melhor se meu pai fosse pescador.

— Por que você acha isso?

— Não sei — disse Tengo. — De repente, tive essa impressão. Em vez de ser cobrador da NHK, talvez fosse melhor ele ter sido pescador.

— Para você, teria sido mais fácil aceitá-lo como pescador?

— Sendo pescador, acho que muitas coisas teriam sido mais simples.

Tengo imaginou a cena em que ele menino saía com o pai para pescar numa manhã de folga, no domingo. Os ventos marítimos intensos do Pacífico e o borriço das ondas espirrando em seu rosto. O barulho monótono do motor a diesel. O odor nauseante das redes de pesca. Um trabalho severo e perigoso. Um pequeno erro que poderia ser fatal. Mas, comparado ao fato de ter sido levado de um lado para outro para fazer as cobranças da taxa de recepção da NHK na cidade de Ichikawa, essa vida de pescador lhe pareceu muito mais natural e satisfatória.

— Mas o trabalho de cobrança da NHK também não devia ser fácil — disse a enfermeira Ômura, comendo um peixe cozido.

— Acho que não — disse Tengo. De qualquer modo, não era um trabalho que Tengo se daria bem.

— Mas seu pai era muito bom, não era? — disse Kumi Adachi.

— Realmente, ele era muito bom — disse Tengo.

— Ele me mostrou o diploma de distinção — disse Kumi.

— Nossa! Ia me esquecendo... — disse a enfermeira Ômura, colocando o *hashi* na mesa. — Estava me esquecendo completamente. Que burrice a minha. Como é que fui me esquecer de uma coisa tão importante. Me espere aqui. Tenho uma coisa que preciso te entregar impreterivelmente hoje.

A enfermeira Ômura limpou a boca com o guardanapo, levantou-se e, deixando a comida pela metade, saiu do refeitório às pressas.

— O que será tão importante? — indagou Kumi, inclinando o pescoço. Tengo não fazia ideia.

Enquanto aguardava o retorno da enfermeira Ômura, Tengo fazia força para comer a salada, levando-a sem ânimo até a boca. Havia poucas pessoas no refeitório. Numa das mesas havia três idosos, e nenhum deles conversava. Na outra, estava um senhor de cabelos grisalhos vestido de branco, mas, como estava sozinho, ele comia lendo um jornal vespertino com a expressão séria.

Finalmente, a enfermeira Ômura voltou com passos rápidos. Ela trazia uma sacola de papel de uma loja. Tirou de dentro dela um uniforme cuidadosamente passado e dobrado.

— Há cerca de um ano, no tempo em que seu pai ainda estava lúcido, ele me entregou isso — disse a enorme enfermeira Ômura. — Ele disse que queria ser colocado no caixão vestindo este uniforme. Por isso, mandei à tinturaria e depois o deixei guardado com naftalina.

Aquela roupa era, sem sombra de dúvida, o uniforme de cobrador da NHK. A calça, que fazia parte do conjunto, estava bem passada e com vinco. Tengo sentiu o cheiro de naftalina. Ficou durante um tempo sem palavras.

— O senhor Kawana queria ser cremado vestindo este uniforme — disse a enfermeira Ômura. Ela dobrou novamente o uniforme e o guardou na sacola. — Por isso, vou deixá-lo com você. Amanhã, leve este uniforme até a funerária e peça para que eles o vistam.

— Mas não vai ser estranho vestir o uniforme? Ele é emprestado, e, quando a pessoa se aposenta, precisa devolvê-lo à NHK — disse Tengo, sem convicção.

— Não se preocupe — disse Kumi Adachi. — Se ficarmos de bico calado, ninguém vai saber. A NHK não vai ficar no prejuízo por causa de um uniforme velho.

A enfermeira Ômura concordou. — O senhor Kawama dedicou-se à NHK e andou dia e noite fazendo a cobrança, durante mais de trinta anos. Ele deve ter passado por maus bocados; e precisava seguir normas e mais normas. Não deve ter sido nada fácil. Quem vai se importar com um uniforme? Ele não

vai fazer alguma coisa ruim com ele, vai?

— É isso mesmo. Eu também tenho o uniforme da época do colegial — disse Kumi Adachi.

— O uniforme de cobrador da NHK não tem nada a ver com o do colegial — interrompeu Tengo, mas ninguém lhe deu atenção.

— Eu também tenho o meu uniforme guardado na cômoda — disse a enfermeira Ômura.

— Você às vezes veste o uniforme na frente do seu marido? Com direito a meias brancas? — disse Kumi, em tom de brincadeira.

— Até que não é má ideia — disse a enfermeira Ômura, com uma expressão séria e o rosto apoiado entre as mãos. — Acho que ele ia ficar muito empolgado.

— De qualquer modo — disse Kumi, mudando de assunto e voltando-se para Tengo. — O senhor Kawana deixou claro o seu desejo de ser cremado com o uniforme da NHK. Acho que devemos atender o pedido. Não acha?

Tengo voltou para o quarto, levando consigo a sacola de papel com o uniforme com a logomarca da NHK. Kumi Adachi acompanhou-o para arrumar a cama. Ela estendeu um lençol novo, ainda cheirando a goma, e trouxe um travesseiro e um cobertor limpos. Com todas essas peças, a cama em que seu pai dormia parecia completamente diferente. Tengo pensou vagamente nos densos pelos pubianos de Kumi.

— Nos últimos tempos, seu pai esteve em coma — disse Kumi, esticando os vincos do lençol. — Mas acho que ele não estava completamente inconsciente.

— Por que você diz isso? — indagou Tengo.

— De vez em quando, seu pai parecia enviar alguma mensagem.

Tengo, que até então estava em pé ao lado da janela observando a paisagem, voltou-se para Kumi. — Mensagem?

— Sim. O seu pai costumava bater na barra da cama. Ele deixava o braço cair e batia na madeira como a enviar uma mensagem em código Morse. Tum-tum, tum-tum. Assim, desse jeito. Kumi Adachi imitou o som, batendo levemente na barra de madeira da cama. — Você não acha que é um código?

— Não é um código.

— Então o que é?

— Ele estava batendo na porta — disse Tengo, com a voz sem emoção. — Ele estava batendo na porta de alguém.

— É, você tem razão. É realmente o som de quem bate na porta. — disse Kumi, estreitando os olhos com uma expressão séria. — Quer dizer que, mesmo inconsciente, o senhor Kawana continuava a fazer cobranças?

— Provavelmente — disse Tengo. — Em algum lugar dentro de sua mente.

— É como aquelas histórias antigas de soldados que não soltavam as

cornetas mesmo depois de mortos — disse Kumi, admirada.

Tengo permaneceu em silêncio, sem saber o que dizer.

— Seu pai realmente gostava muito desse serviço, não? Ele gostava de fazer as cobranças das taxas de recepção da NHK.

— Creio que não se trata de gostar ou não — disse Tengo.

— Então, do que se trata?

— É que isso era o que meu pai sabia fazer de melhor.

— Hum. É isso? — disse Kumi, e, após pensar um pouco, prosseguiu: — Em certo sentido, era o tipo de vida adequada para ele.

— Acho que era — disse Tengo, olhando o bosque de pinheiros dispostos de forma a conter os ventos. Realmente, ela tinha razão.

— Pois então, Tengo — disse ela. — No seu caso, o que será que você faz de melhor?

— Não sei — disse ele, fitando o rosto de Kumi Adachi. — Sinceramente, não sei.

Olhos que expressam piedade

Tengo apareceu na entrada do prédio às seis e quinze da tarde de domingo. Ao sair, parou para dar uma olhada ao redor, como se estivesse à procura de algo. Olhou para a direita, a esquerda, e da esquerda para a direita. Mas, aparentemente, nada viu de estranho. Em seguida, caminhou apressado. Ushikawa observava-o atentamente por entre as cortinas.

Nesse dia, Ushikawa não podia segui-lo. Tengo não carregava nada e suas mãos grandes estavam enfiadas nos bolsos da calça. Ele vestia uma blusa de gola alta sob uma jaqueta de veludo cotelê verde-oliva, e os cabelos estavam desgrenhados. Dentro do bolso do casaco havia um livro grosso. “Provavelmente, ele deve estar indo jantar em algum restaurante da vizinhança. Que vá para onde quiser”, pensou Ushikawa.

Tengo retomaria as aulas a partir da segunda-feira. Ushikawa havia telefonado para a escola e confirmado essa informação. “Sim. O professor Kawana retomará as aulas no início da semana que vem e dará continuidade à matéria, conforme a apostila”, foi o que a recepcionista lhe informou. “Ótimo! Até que enfim Tengo vai voltar à rotina diária”, pensou Ushikawa. “Do jeito que ele é, não deve ir muito longe” (se Ushikawa o tivesse seguido, descobriria que Tengo fora se encontrar com Komatsu num bar em Yotsuya).

Um pouco antes das oito, Ushikawa vestiu o casaco, enrolou o cachecol no pescoço, colocou o gorro de lã e, atento ao seu redor, saiu do apartamento apressado. Tengo ainda não havia retornado. Para quem fora jantar por perto, ele estava demorando muito. Se não desse sorte, Ushikawa poderia dar de cara com ele ao sair do prédio. Mas, mesmo tendo de correr o risco, ele precisava sair imediatamente para resolver um assunto.

Seguindo a rota que havia memorizado, Ushikawa dobrou algumas esquinas, passou por alguns pontos de referência e, apesar de se perder um pouco, conseguiu chegar até o parque infantil. Os ventos fortes que, na noite anterior, vinham do norte haviam parado de soprar e, para uma noite de dezembro, o tempo estava quente. Mesmo assim, não havia ninguém no parque. Ushikawa olhou novamente ao redor, para se certificar de que ninguém o observava, e só então subiu no escorregador. Sentado no topo, apoiou o flanco no corrimão para poder olhar o céu. As luas estavam praticamente na mesma posição da noite anterior. Uma lua minguante e luminosa pairava num céu sem nuvens. E, logo ao lado, quase que agarrada a ela, havia uma outra menor, esverdeada e disforme.

“Eu não estava equivocado”, pensou Ushikawa, suspirando e balançando

discretamente a cabeça. “Não foi sonho nem ilusão de ótica.” Não havia dúvida de que duas luas — uma grande e outra pequena — pairavam sobre a zekkova desfolhada. Elas pareciam estar, desde a noite anterior, imóveis, aguardando pacientemente o retorno de Ushikawa. Elas sabiam. Sabiam que ele voltaria. O silêncio ao redor era sugestivo, como se houvesse sido preparado com antecedência. Elas queriam que Ushikawa também compartilhasse do silêncio. Elas mantinham o dedo indicador, coberto com uma fina camada de cinzas, sobre os lábios, e lhe diziam para não falar disso com ninguém.

Sentado no escorregador, Ushikawa movimentou os músculos do rosto de diversas maneiras. Queria se certificar de que não sentiria algo anormal ou estranho. Não sentiu nada anormal ou estranho. Para o bem ou para o mal, era o seu rosto de sempre.

Ushikawa se considerava um homem realista. E, *de fato*, ele era. Não era do tipo que gostava de fazer especulações metafísicas. Se realmente existia algo ali, independentemente de ser lógico ou não, ele precisava aceitar aquilo como um fato. Esse era o seu modo de pensar. Princípios e lógica não faziam surgir a realidade. A realidade vinha antes, e só depois apareciam o princípio e a lógica. Por isso, Ushikawa decidiu aceitar a existência das duas luas no céu como um fato.

O restante ele pensaria depois. Esforçando-se para não pensar em outras coisas, ele se concentrou em somente observar as luas. Uma grande e amarela e a outra pequena, esverdeada e disforme. Ele queria se acostumar com o cenário. “*Preciso aceitar isso do jeito que é*”, tentava se convencer. Não havia como explicar o porquê de isso estar acontecendo. Naquele momento, não era o caso de ele investigar a fundo essa questão. O importante era *como se adequar àquela situação*. Isso sim era uma questão fundamental. E, para início de conversa, ele precisava aceitar aquele cenário sem contestações.

Ushikawa permaneceu cerca de quinze minutos naquele parque, com o corpo recostado no corrimão do escorregador, tentando se adaptar ao novo cenário. Como um mergulhador que precisa de um tempo para se adaptar à mudança de pressão, ele se deixava banhar pela luz emitida pelas luas, fazendo o seu corpo se acostumar à luminosidade. Seu instinto lhe dizia que isso era muito importante.

Um tempo depois o homenzinho com a cabeça disforme se levantou, desceu do escorregador e, concentrado em indescritíveis reflexões, voltou caminhando para o apartamento. As várias coisas que formavam a paisagem ao redor pareciam diferentes de quando passara havia pouco. “Deve ser por causa da luz da lua”, pensou Ushikawa. “Aquele luminosidade deve ter deslocado as coisas. Por isso, algumas vezes quase deixei de virar uma esquina ou outra.” Antes de entrar no prédio, ele olhou a janela do apartamento de Tengo para ver se a luz estava acesa. O professor grandalhão da escola preparatória ainda não havia voltado. “Pelo visto, ele não foi somente jantar nos arredores. Talvez tenha ido se encontrar com alguém. Será que é Aomame? Ou Fukaeri? Será que perdi uma chance importante? Agora não adianta mais pensar nisso. Segui-lo toda vez que

sair é arriscado demais. Basta ele me ver uma vez para tudo ir por água abaixo.”

Ushikawa entrou no apartamento e tirou o casaco, o cachecol e o gorro. Na cozinha, abriu uma lata de carne desfiada em conserva, fez um sanduíche e comeu em pé. Bebeu uma lata de café que não estava nem quente nem fria. Mas não conseguiu sentir o gosto de nada. Tinha apetite, mas faltava-lhe o paladar. Ushikawa não sabia se isso era pela comida ou por culpa de suas papilas. Ou se era por causa das duas luas gravadas no interior de seus olhos. Ele ouviu vagamente o som da campainha de algum dos apartamentos tocar. Um tempo depois, tocou novamente. Mas ele não se ateve a isso. Não era, afinal, a campainha da porta dele, mas de alguma outra porta, longe dali.

Após comer o sanduíche e beber o café, Ushikawa fumou um cigarro tranquilamente para que sua mente voltasse à realidade. Precisava reafirmar mentalmente o que deveria fazer. Somente após fazer isso é que ele, finalmente, foi até a janela e se sentou diante da câmera. Ligou o aquecedor elétrico e aproximou as mãos do calor emanado pela luz alaranjada. Faltava pouco para as nove da noite de domingo. Poucas pessoas entravam e saíam do prédio. Ushikawa, porém, queria saber a que horas Tengo voltaria.

Um tempo depois, uma mulher vestindo um casaco preto de náilon saiu do prédio. Era uma mulher que ele nunca tinha visto antes. Ela cobria a parte da boca com um cachecol cinza. Estava com óculos de aro preto e boné de beisebol. Não havia dúvidas de que ela não queria chamar a atenção e tentava esconder o rosto. Não tinha nada nas mãos e seus passos eram ligeiros. As passadas também eram largas. Instintivamente, Ushikawa apertou o botão do obturador e tirou três fotos. Ele pensou em segui-la, mas, quando estava se levantando, viu que ela havia sumido no meio da noite. Ushikawa franziu as sobrancelhas e desistiu de ir atrás dela. Do jeito que andava rápido, até ele calçar os sapatos e sair do prédio não daria mais tempo de alcançá-la.

Ushikawa tentou se lembrar do que acabara de ver. Ela tinha cerca de um metro e setenta. Vestia uma calça jeans de boca estreita e calçava tênis brancos. As roupas eram estranhamente novas. Devia ter de vinte e cinco a trinta anos. Os cabelos estavam escondidos pela gola do casaco e, por isso, não havia como saber o comprimento. O casaco de náilon forrado não permitia ver a silhueta de seu corpo, mas, pelo formato das pernas, devia ser magra. A boa postura e o jeito ligeiro de andar levavam a crer que era uma mulher jovem e saudável. Possivelmente, praticava algum esporte.

Todas essas características eram exatamente as mesmas que ele havia descoberto sobre Aomame. É claro que não poderia afirmar que aquela mulher fosse ela. Mas parecia estar muito cautelosa, como se temesse ser vista por alguém. Seu corpo estava em estado de tensão, como uma atriz que teme ser vigiada por uma revista de fofocas. Mas seu senso prático não lhe permitia pensar que uma atriz famosa, perseguida pela mídia, frequentasse um apartamento miserável em Kôenji.

Vamos imaginá-la como sendo Aomame.

Ela veio até aqui para se encontrar com Tengo. No entanto, ele estava

ausente. A luz do apartamento continuava apagada. Ela veio ao seu encontro, mas, como ele não estava, teve de desistir e ir embora. Aquele distante som de campainha, que ele escutou tocar duas vezes, deve ter sido ela. Mas, para Ushikawa, essa história estava mal contada. Aomame estava sendo perseguida e, portanto, devia estar vivendo de um modo a não chamar a atenção, para evitar quaisquer riscos de ser encontrada. Se ela quisesse conversar com Tengo, o normal seria, antes de mais nada, verificar se ele estava no apartamento. Se o fizesse, ela não precisaria se arriscar à toa.

Ushikawa continuou sentado diante da câmera tentando pensar em várias possibilidades, mas nenhuma lhe pareceu satisfatória. O comportamento daquela mulher — que deixou seu esconderijo e veio a pé até aqui com um disfarce que não era exatamente um disfarce — não se enquadrava no perfil que Ushikawa tinha de Aomame, que era muito cautelosa e atenta. Por isso, ele estava confuso. A possibilidade de ter sido ele que a trouxera até o prédio não lhe passou pela cabeça.

Seja como for, na manhã do dia seguinte ele pretendia ir ao estúdio fotográfico em frente à estação e revelar todos os rolos de filmes acumulados. Um deles haveria de conter a foto dessa mulher misteriosa.

Ushikawa continuou a vigiar até pouco depois das dez, mas, após a saída daquela mulher, ninguém mais entrou ou saiu do prédio. O hall estava vazio e quieto, como um palco abandonado e esquecido cujo espetáculo se encerrou por ter sido um fracasso de bilheteria. “O que aconteceu com Tengo?”, Ushikawa ficou intrigado. Até onde ele sabia, era estranho que Tengo ficasse até tão tarde da noite fora de casa. Ainda mais que, no dia seguinte, ele retomaria as aulas na escola. Ou será que ele já voltou enquanto Ushikawa esteve fora, e foi dormir cedo?

Ele sentiu então que estava exausto. Estava com tanto sono que mal conseguia manter os olhos abertos. Para alguém que, como ele, era do tipo notívago, isso era algo muito raro de acontecer. Normalmente, se houvesse necessidade, ele conseguia ficar acordado o tempo que precisasse. No entanto, naquela noite em particular, o sono pesava sobre sua cabeça implacavelmente, como blocos de pedra de túmulos antigos. “Eu não devia ter olhado as luas por tanto tempo”, pensou Ushikawa. “Acho que minha pele ficou tempo demais exposta àquela luz. A imagem daquelas luas — a grande e a pequena — ficou sutilmente impregnada em minhas retinas. E essa silhueta enegrecida está entorpecendo as partes macias do meu cérebro, como uma espécie de abelha que pica e paralisa uma lagarta para nela depositar seus ovos. As larvas da abelha fazem da lagarta imobilizada a sua fonte de alimento, devorando-a viva.” Ushikawa franziu as sobrancelhas e expulsou essa imagem agourenta da mente.

“Tudo bem”, ele pensou. “Não preciso ficar a noite inteira esperando Tengo voltar. Tanto faz que horas ele retorne. É problema dele. Mesmo porque ele deve dormir logo. Ele não tem nenhum outro lugar para voltar, além deste apartamento. Provavelmente.”

Ushikawa tirou a calça e a blusa sem muito ânimo e entrou no saco de

dormir apenas de camisa de manga comprida e ceroulas. Encolheu o corpo e logo adormeceu. Um sono profundo, muito próximo ao estado de coma. Quando pegava no sono, ele achou ter ouvido batidas na porta do apartamento, mas o âmagô de sua consciência estava sendo transportado para outro mundo. Não conseguia mais discernir corretamente as coisas. Quando tentava forçosamente discerni-las, todo o seu corpo rangia. Por isso, ele continuou com os olhos fechados e, desistindo de buscar uma explicação para o barulho que acabara de ouvir, deixou-se afundar no lodo do sono profundo.

Tengo despediu-se de Komatsu e voltou para o apartamento meia hora depois de Ushikawa cair nesse sono profundo. Ele escovou os dentes, pendurou no cabide a jaqueta impregnada com o cheiro de cigarro, colocou o pijama e foi para a cama dormir. Isso até as duas, quando o telefone tocou e ele soube que seu pai havia falecido.

Ushikawa acordou na manhã de segunda-feira quando já passava das oito e, a essa hora, Tengo tentava conciliar o sono, dormindo profundamente na poltrona do trem expresso com destino a Tateyama. Ushikawa estava sentado diante da câmara aguardando o momento de Tengo sair do prédio para ir à escola. Mas, obviamente, ele não apareceu. Quando o relógio marcou uma hora, Ushikawa desistiu. Foi até o telefone público perto do prédio e ligou para a escola, perguntando se as aulas do professor Kawana estavam sendo ministradas conforme a programação.

— As aulas do professor Kawana foram canceladas. Ontem à noite, um parente próximo inesperadamente sofreu um infortúnio — disse a atendente. Ushikawa agradeceu a informação e desligou o telefone.

Infortúnio de um parente próximo? O único parente próximo de Tengo era o pai, que fora cobrador da NHK e estava internado numa casa de saúde distante. Tengo ficou um bom tempo afastado de Tóquio para cuidar dele e voltara havia dois dias. O pai havia falecido, e Tengo precisou novamente partir. “Ele deve ter saído enquanto eu estava dormindo. Por que será que, justo hoje, eu tinha de dormir tão profundamente e até tão tarde?”

“Seja com for, agora Tengo está completamente sozinho no mundo”, pensou Ushikawa. “Ele sempre foi um solitário, mas agora está ainda mais só. Completamente só.” A mãe de Tengo morreu estrangulada num balneário da província de Nagano antes de Tengo completar dois anos. O assassino acabou não sendo preso. Ela havia abandonado o marido e pisgou-se com um rapaz, levando consigo o bebê Tengo. “Pisgar-se”, que termo mais antigo. Ninguém mais usa essa palavra. Mas, dependendo do tipo de fuga, é o termo mais adequado. O motivo que levou o rapaz a matá-la era desconhecido. Não. O fato é que não se sabe ainda se foi realmente ele quem a matou. Num dos quartos da hospedaria, a mulher foi estrangulada com o cinto do roupão durante a noite, e o homem que estava com ela desapareceu. Mas é difícil não suspeitar do rapaz. Essa é a questão. O pai de Tengo foi informado do ocorrido e veio de Ichikawa buscar

seu filho bebê, abandonado na hospedaria.

“Eu devia ter contado isso para Tengo Kawana. Ele tem todo o direito de saber. Mas ele não quis escutar a história de sua mãe da boca de uma pessoa como eu. Foi por isso que não contei. Paciência. Não é problema meu. É dele.”

De qualquer modo, estando Tengo no apartamento ou não, a única coisa que cabia a Ushikawa era continuar a vigilância. E ele tentava se convencer disso. Na noite anterior, vira uma mulher misteriosa que poderia ser Aomame. Não havia provas, mas a possibilidade era muito grande. Sua cabeça disforme lhe dizia isso. Em termos de aparência, ele deixava a desejar, mas, em compensação, possuía uma intuição apurada, como um potente radar de última geração. Se aquela mulher for Aomame, ela certamente voltará para procurar Tengo. Ela não deve saber que o pai de Tengo faleceu. Essa era a hipótese que Ushikawa sustentava. Possivelmente, Tengo recebeu a notícia durante a noite e saiu logo pela manhã. E, ao que parece, deve haver algum motivo para que eles não possam se comunicar por telefone. Sendo assim, ela com certeza voltará. Mesmo ciente do risco que corre, aquela mulher tem algo de muito importante para falar a Tengo. Da próxima vez, aconteça o que acontecer, Ushikawa a seguiria para descobrir o seu paradeiro. Precisava planejar meticulosamente como fazer isso.

Quem sabe, ao segui-la, ele consiga desvendar uma parte do mistério e descobrir porque existem duas luas neste mundo. Ushikawa queria saber como funcionava esse interessante mecanismo. Mas isso era um assunto secundário. O importante era descobrir o esconderijo de Aomame, e depois era só entregá-la de bandeja, com um belíssimo laço de presente, para aquela dupla de mal-encarados. “Até conseguir fazer isso, preciso manter o senso prático, sem me importar com as luas. Esse é o meu ponto forte.”

Ushikawa foi até o estúdio fotográfico e entregou à atendente cinco rolos com trinta e seis fotos cada. Quando as fotos ficaram prontas, ele foi até um restaurante caseiro das redondezas e, enquanto comia frango com curry, organizou-as em ordem cronológica. A maioria era de moradores cujos rostos lhe eram familiares. As únicas fotos que ele observou com real interesse foram de três pessoas: Fukaeri, Tengo e a mulher misteriosa da noite anterior.

O olhar de Fukaeri deixou Ushikawa tenso. Mesmo de dentro da fotografia ela o observava de forma direta e atenta. “Não há dúvidas”, pensou Ushikawa. Ela sabia que ele estava *lá* e que não só a observava como também tirava fotos com uma câmera escondida. Aquele olhar límpido lhe dizia isso. Seus olhos enxergavam tudo e não aprovavam o que Ushikawa fazia. Aquele olhar direto espetava impiedosamente o cerne de seu coração. O que ele estava fazendo era injustificável. Ao mesmo tempo, ela não o condenava e tampouco o desprezava. Em certo sentido, aqueles lindos olhos o perdoavam. “Não. Talvez não estejam exatamente me perdoadando”, Ushikawa reconsiderou. Mais do que perdoá-lo, aqueles olhos expressavam um sentimento de *piedade*. Ao saber que a conduta de Ushikawa era impura, ela sentiu compaixão.

Isso tudo aconteceu num curto espaço de tempo. Naquela manhã, Fukaeri olhou para o alto do poste e, um tempo depois, virou-se rapidamente para a janela em que Ushikawa estava escondido e olhou diretamente para a lente da câmera camuflada e para o olho dele que estava atrás do visor. Em seguida, ela saiu caminhando. O tempo parou e novamente continuou a fluir. Isso tudo durou cerca de três minutos. Nesse pequeno intervalo de tempo, ela conseguiu enxergar a alma de Ushikawa e, após separar a sujeira e o desprezo ali existentes, enviou-lhe silenciosamente o seu sentimento de compaixão e partiu.

Ao ver os olhos dela, Ushikawa sentiu uma dor aguda, como se fosse espetado por agulhas espessas, compridas e afiadas por entre as costelas. Ele percebeu como era uma pessoa de caráter deformado e horrendo. “Mas isso não tem mais jeito”, pensou Ushikawa. “Eu realmente sou uma pessoa de caráter *deformado e horrendo*.” Além disso, a transparente compaixão que aqueles olhos espontaneamente lhe mostravam penetrou no âmago de seu coração. Ele preferia ser acusado, insultado, menosprezado e condenado. Preferia levar uma surra com um bastão de beisebol. Era algo que ele aguentaria. Mas *aquilo* não.

Em comparação, Tengo era uma pessoa muito mais fácil de lidar. Havia uma foto dele em pé, diante do prédio, olhando em direção à câmera. Ele também observou atentamente ao redor, do mesmo modo como Fukaeri havia feito. Mas os olhos dele não captaram nada. Seus olhos inocentes e ignorantes não enxergaram a câmera escondida nem a figura de Ushikawa por trás dela.

Em seguida, Ushikawa examinou a “mulher misteriosa”. Eram três fotos. Boné de beisebol, óculos de aro escuro e cachecol enrolado até a altura do nariz. Não dava para ver o formato de seu rosto. Além de todas as fotos estarem com a iluminação comprometida, a aba do boné fazia sombra no rosto. Mesmo assim, a mulher da foto era exatamente do jeito que Ushikawa imaginava que Aomame seria. Ele pegou as três fotos e, como se verificasse cartas de baralho, olhou uma a uma repetidamente. Quanto mais ele via as fotos, mais tinha certeza de que só poderia ser Aomame.

Ele chamou a garçonete e perguntou qual era a sobremesa do dia. Torta de pêssego, ela respondeu. Ushikawa pediu uma e mais um café.

“*Se aquela mulher não for Aomame*”, Ushikawa pensava enquanto aguardava a torta, “*creio que nunca mais vou conseguir encontrá-la*”.

A torta de pêssego estava muito melhor do que esperava. Dentro da casca crocante havia pedaços suculentos de pêssego. Eram pêssegos em calda, mas, para uma sobremesa de restaurante simples, estava ótima. Ushikawa comeu toda a torta, bebeu todo o café e saiu do restaurante satisfeito. Passou no supermercado, comprou comida para três dias e, assim que voltou ao apartamento, sentou-se novamente diante da câmera.

Enquanto vigiava a entrada do prédio por entre as cortinas, tirou algumas sonecas encostado na parede, reconfortado pelo calor do aquecedor. Ushikawa, porém, não se importava com isso. Durante as sonecas, ele sabia que nada de importante iria acontecer. Tengo havia ido ao enterro de seu pai e Fukaeri não voltaria para lá. Ela sabia que ele continuava vigiando. As chances de

aquela “mulher misteriosa” voltar durante o dia eram remotas. Ela age com extrema cautela. Caso ela volte, será quando começar a escurecer.

No entanto, mesmo após o anoitecer, ela não apareceu. Os mesmos rostos, como sempre, saíam para fazer as compras no final da tarde, para caminhar, e aqueles que foram para o trabalho retornavam com os rostos ainda mais cansados do que quando saíram. Ushikawa apenas os observava. Não via necessidade de tirar mais fotos. Agora o interesse dele se concentrava em três pessoas. Os demais eram apenas seres anônimos que ele aleatoriamente apelidou para passar o tempo.

— Senhor Mao (o corte de cabelo desse homem era parecido com o de Mao Tsé-tung), o senhor fez um bom trabalho.

— Senhor orelha comprida, hoje o dia está quente e ótimo para caminhada, não?

— Senhora sem queixo, vai sair novamente para as compras? O que vamos ter para o jantar?

Ushikawa vigiou a entrada do prédio até as onze. Depois, deu um grande bocejo e decidiu parar o serviço do dia. Bebeu uma xícara de chá verde da garrafa térmica, comeu algumas bolachas de água e sal e fumou um cigarro. Foi para o banheiro escovar os dentes e aproveitou para tirar a língua para fora e examiná-la diante do espelho. Fazia tempo que ele não a observava. Sobre a superfície havia uma camada que parecia de musgos. Como os musgos, a cor era levemente esverdeada. Ele olhou a língua detidamente sob a luz. Era uma coisa desagradável de ver. Essa coisa esverdeada estava presa por toda ela e parecia impossível de remover. “Se continuar assim, vou me transformar no homem-musgo”, pensou Ushikawa. “Esse musgo esverdeado começou pela língua e, com o tempo, vai se espalhar por toda a extensão da pele, como a carapaça da tartaruga que vive no pântano.” Só de pensar isso, Ushikawa se sentiu deprimido.

Ele suspirou e, ao mesmo tempo, soltou uma voz que não saiu, e parou de pensar na língua. Apagou a luz do banheiro. Tirou a roupa no escuro e entrou no saco de dormir. Fechou o zíper e encolheu o corpo como um inseto.

Estava escuro quando despertou. Tentou ver o relógio, mas ele não estava onde deveria. Por alguns segundos, Ushikawa ficou confuso. Ele sempre verificava a posição do relógio antes de dormir, para poder encontrá-lo no escuro. Um hábito de longa data. Por que o relógio não estava no lugar? Uma tênue luz incidia no canto do quarto através da cortina da janela. O entorno estava completamente preenchido com a escuridão da noite.

Ushikawa percebeu que as batidas de seu coração estavam aceleradas. Seu coração estava trabalhando incessantemente para espalhar a adrenalina por todo o corpo. A respiração estava ofegante e as narinas escancaradas, como se despertasse no meio de um sonho vívido e agitado.

Mas ele não estava sonhando. Algo, *realmente*, estava acontecendo.

Alguém estava ao lado da sua cabeça. Ushikawa sentiu essa presença. Uma sombra mais escura do que a escuridão levantou e estava olhando para o rosto de Ushikawa. Antes de mais nada, suas costas enrijeceram. Em questão de segundos, ele retomou a consciência e tentou abrir o zíper.

Num piscar de olhos, esse alguém enlaçou o braço pelo pescoço de Ushikawa e ele não teve tempo sequer de soltar um grito. Sentiu na nuca os músculos firmes e bem treinados desse homem. O braço apertava o pescoço de Ushikawa sem dó, como um torno mecânico. O homem não falava nada; não dava para ouvir sequer sua respiração. Ushikawa se retorceu e esperneou dentro do saco de dormir. Arranhou a parte interna de vinil e chutou o saco de dormir com as pernas. Tentou gritar, mas sabia que não adiantaria nada. Assim que o homem se posicionou firmemente sobre o tatame, ele passou apenas a apertar gradativamente o pescoço de Ushikawa, aplicando força aos músculos do braço. Um movimento eficaz e sem desperdícios. Por outro lado, a traqueia e os pulmões de Ushikawa eram cada vez mais pressionados, e a respiração se tornava fraca.

A única coisa que passou pela cabeça de Ushikawa naquele momento desesperador foi como ele havia conseguido entrar no apartamento. Ushikawa havia trancado a porta. Havia fechado por dentro com a corrente pega-ladrão. As janelas estavam trancadas. Como é que ele conseguiu entrar? Se tivesse mexido na chave, com certeza Ushikawa teria ouvido o barulho e, sem dúvida, isso o faria acordar.

“Esse cara é profissional”, pensou Ushikawa. “Conseguiria tirar a vida de uma pessoa sem hesitar. Ele foi treinado para isso. É alguém a mando de Sakigake? Decidiram acabar comigo? Concluíram que eu não sirvo para nada, que sou apenas um estorvo? Eles estão errados. Estou a um passo de encontrar o paradeiro de Aomame.” Ushikawa tentou dizer isso ao homem. Queria pedir que ele o escutasse. Mas a voz não saiu. Não havia ar suficiente para fazer vibrar a voz, e a língua estava no fundo da garganta, rígida como pedra.

A traqueia, agora, estava obstruída, e o ar, impedido de entrar. Os pulmões lutavam desesperadamente por oxigênio, mas não havia em lugar algum. Ele sentiu o corpo e a consciência se separarem. Enquanto seu corpo continuava a se contorcer dentro do saco de dormir, sua consciência estava sendo arrastada para a camada mais viscosa e pesada do ar. Rapidamente deixou de sentir os braços e as pernas. “*Por quê?*”, Ushikawa se perguntava com a consciência se esvaindo. “Por que eu preciso morrer nesse lugar desagradável, desse jeito vergonhoso?” Não houve resposta. Finalmente, a escuridão sem contorno desceu do teto e envolveu tudo.

Quando recobrou a consciência, Ushikawa estava fora do saco de dormir. Não sentia os braços nem as pernas. A única coisa que ele sabia era que estava com os olhos vendados e sentia o tatame encostado em sua testa. Ele não estava mais sendo estrangulado. Seus pulmões inspiravam o ar fresco e respiravam ruidosamente, como se fossem um *fole*. Era o ar frio de inverno. Com o oxigênio,

a circulação sanguínea se renovava e o coração bombeava com toda velocidade o sangue tépido e vermelho até as extremidades nervosas. De vez em quando, Ushikawa tinha um intenso acesso de tosse, mas sua consciência se limitava a respirar. Gradualmente, começou a sentir as mãos e as pernas. Escutava no fundo do ouvido as batidas secas do coração. “Ainda estou vivo”, pensou Ushikawa em meio à escuridão.

Ele estava de bruços, deitado sobre o tatame. Suas mãos estavam colocadas para trás e amarradas com algo que parecia um tecido macio. As pernas também estavam amarradas. Não estavam apertadas, mas o modo de amarrá-las era eficaz, feito por um especialista. Não podia mexer o corpo, a não ser rolar. Ushikawa achou estranho ainda estar vivo e respirando. Aquilo não foi a morte. Ele ficou à beira da morte, mas não morreu. Uma dor aguda ainda podia ser sentida nas laterais da garganta. A urina que vazou na cueca estava começando a esfriar. Mas não era uma sensação desagradável. Muito pelo contrário; a dor e o frio significavam que ele ainda estava vivo.

— Você não vai morrer assim tão fácil — disse o homem. Era como se houvesse lido os pensamentos de Ushikawa.

Aomame

A luz estava definitivamente ali

Após a meia-noite, o dia mudou de domingo para segunda, e Aomame ainda não conseguia dormir.

Ela saiu do ofurô, vestiu um pijama, deitou-se na cama e apagou a luz. Não adiantaria ficar acordada até tarde, se ela não podia fazer nada. O problema, a princípio, já estava nas mãos de Tamaru e, fosse o que fosse, por ora, o melhor seria tentar dormir e, na manhã seguinte, com a cabeça fresca, poderia pensar melhor no assunto. Mesmo assim, sua consciência continuava totalmente desperta, e o corpo pedia atividade. Naquele momento, dormir era impraticável.

Aomame, levantou-se da cama e vestiu um roupão sobre o pijama. Esquentou água, preparou um chá de ervas e, sentada na mesa da cozinha, bebeu-o em pequenos goles. Sua mente parecia estar pensando em algo, mas ela não conseguia discernir o quê. Era como um nimbo denso e compacto visto à distância e que, a despeito de seu nítido formato, os contornos eram indefinidos. Era como se existisse uma diferença entre a forma e o contorno. Aomame aproximou-se da janela levando consigo a xícara e, por entre o vão da cortina, observou o parque infantil.

Obviamente, não havia ninguém. Passava da uma da manhã e a caixa de areia, os balanços e o escorregador estavam abandonados. Era uma noite especialmente calma. Sem ventos, sem nuvens. As duas luas — uma grande e a outra pequena — pairavam no céu sobre a árvore gelada. As luas haviam mudado de posição desde a última vez em que as vira, mas, apesar de acompanharem a rotação da terra, elas continuavam enquadradas dentro de seu campo visual.

Enquanto Aomame permanecia em pé, veio-lhe à mente a imagem do cabeção do boneco da felicidade entrando naquele prédio antigo e da placa na caixa de correio do apartamento 303. No cartão, de fundo branco, havia dois ideogramas: “Kawa-na”. O cartão não era novo. Os cantos estavam retorcidos e dobrados e, em alguns pontos, apresentava a superfície levemente *manchada* pela ação da umidade. Desde que fora pregado na caixa, muito tempo havia se passado.

“Tamaru deve esclarecer se o morador do apartamento é Tengo Kawana ou se é outra pessoa de mesmo sobrenome. Creio que em breve, quem sabe até amanhã, ele já possa me dar essa informação. Ele é um homem que não perde tempo. Os fatos serão esclarecidos. E talvez eu possa me encontrar com Tengo”,

pensou Aomame. Essa possibilidade a fez se sentir sufocada. O ar ao seu redor parecia rapidamente se diluir.

Mas nem sempre as coisas correm tão bem. Se o morador do apartamento 303 for realmente Tengo Kawana, aquele sinistro cabeção do boneco da felicidade também pode estar escondido em algum lugar daquele prédio. E, possivelmente, deve estar planejando algo em segredo — não se sabe o quê — que, com certeza, será maligno. Um plano meticulosamente elaborado, que o fará seguir obstinadamente os passos de Aomame e de Tengo para impedir-lhes o encontro.

“Não. Não devo me preocupar com isso”, Aomame tentava se convencer. “Tamaru é um homem confiável. Ele é o homem mais cauteloso, hábil e experiente que conheço. Devo deixar esse assunto sob sua responsabilidade, pois ele, com certeza, vai agir a meu favor e me defender do cabeção do boneco da felicidade. Aquele cabeção é uma existência incômoda não só para mim, como também para Tamaru, e se tornou um elemento perigoso que deve ser eliminado.”

“Mas, e se, por acaso, Tamaru achar que (por algum motivo desconhecido) o meu encontro com Tengo não é apropriado, o que irá acontecer? Nesse caso, Tamaru possivelmente vai eliminar quaisquer chances de eu me encontrar com Tengo. Eu e Tamaru temos um sentimento recíproco, muito próximo à afeição. Não há dúvidas. Mesmo assim, sua prioridade, seja qual for a situação, sempre será a de promover o interesse e proporcionar a segurança da velha senhora. Esse é o seu trabalho. Ele não agiria pensando exclusivamente em mim.”

Ao pensar assim, Aomame se sentiu insegura. Ela não tinha como saber em que ponto da escala de prioridades de Tamaru estava o fato de ela poder se encontrar e se unir a Tengo. Revelar para Tamaru sobre Tengo pode ter sido um erro fatal. Talvez tivesse sido melhor se ela própria houvesse tentado resolver a questão entre ela e Tengo.

Mas agora não havia mais volta. “Seja como for, eu já revelei a situação a Tamaru. Eu não tinha outra saída. O cabeção do boneco da felicidade, provavelmente, deve estar escondido naquele prédio esperando eu voltar. E, se eu for lá sozinha, seria o mesmo que cometer suicídio. E o tempo flui sem parar. Não poderia deixar esse assunto pendente, e apenas observar o desenrolar dos fatos. Naquele momento, a opção mais adequada era revelar o assunto a Tamaru, confiar-lhe o problema para que ele pudesse resolvê-lo.”

Aomame parou de ficar pensando em Tengo. Quanto mais o fazia, mais seus pensamentos ficavam emaranhados, a ponto de não conseguir fazer mais nada. “Não vou mais pensar nisso. E, também, não vou mais olhar para as luas.” A luz da lua, silenciosamente, perturbava-lhe o coração. Ela alterava o nível da maré na enseada e agitava a vida na floresta. Ao tomar o último gole de chá, ela se afastou da janela e foi à cozinha lavar a xícara. Ficou com vontade de tomar um pouco de conhaque, mas, por estar grávida, desistiu da ideia.

Aomame sentou-se no sofá, acendeu a pequena luminária de leitura e

resolveu reler a *Crisálida de ar*. Ela já havia lido a obra umas dez vezes. Não era uma história longa e já havia, inclusive, decorado alguns trechos. Mesmo assim, achou melhor relê-la com mais atenção. Ela sabia que não conseguiria dormir, e desconfiava de que havia deixado passar alguma coisa importante.

A *Crisálida de ar* era um livro que continha uma espécie de código. Eriko Fukada, provavelmente, deve ter escrito essa história com o objetivo de divulgar uma mensagem. Tengo reescreveu habilmente o texto, tornando-o uma obra literária. Os dois formaram um time e criaram um romance que chamou a atenção de muitos leitores. Segundo o Líder de Sakigake, “os dois possuíam cada qual um dom que complementava o outro. Eles juntaram as forças e realizaram um trabalho conjunto”. Se confiarmos nas palavras do Líder, quando a *Crisálida de ar* se tornou um best-seller, ela revelou um tipo de segredo que impedia as atividades do Povo Pequeninino e, desde então, a “voz” se calou. Consequentemente, o poço secou e a água deixou de jorrar. A influência daquele livro foi imensa. Aomame se concentrou em ler atentamente o romance, linha por linha.

Quando os ponteiros do relógio de parede indicavam duas e meia, Aomame já havia lido dois terços do romance. Nesse ponto, ela fechou o livro e esforçou-se para colocar em palavras o que sentia em seu âmago. Não chegava a ser uma revelação, mas havia nela uma imagem muito nítida, uma forte convicção.

Eu não fui trazida para cá ao acaso.

Esse era o sentimento que a imagem lhe proporcionava.

Eu estou aqui porque preciso estar aqui.

“Até hoje, eu achava que tinha vindo parar no mundo 1Q84 sem ter o controle da situação, e que alguém me trouxe para cá intencionalmente. O trem que eu estava foi desviado do trilho principal num determinado ponto, seguindo um plano preestabelecido, e foi então que vim parar nesse novo e estranho mundo. Quando eu percebi, estava *aqui*. Estava num mundo em que pairam duas luas no céu e onde existe o Povo Pequeninino. Neste mundo em que existe uma entrada, mas não uma saída.

“Foi isso o que o Líder me disse um pouco antes de morrer. O ‘trem’ era a história que Tengo escreveu, e eu não tinha como não fazer parte dela. Por isso é que estou *aqui*, neste momento. Uma existência completamente passiva. Em outras palavras, sou uma anônima, de papel secundário, e me sinto confusa, como se estivesse no meio de uma névoa.

“Mas não deve ser só isso”, pensou Aomame. Não deve ser só isso.

“Não sou só uma pessoa que foi trazida para cá passivamente, à mercê de um plano traçado por outra pessoa. Pode até ser, mas, ao mesmo tempo, sei que vim para cá por escolha própria.”

Decidi estar aqui por vontade própria.

Ela estava convicta disso.

“A razão de eu estar aqui é clara. Há um único motivo: encontrar Tengo

e me unir a ele. Esse é o motivo principal de eu existir neste mundo. Se olharmos pelo sentido inverso, esse é o único motivo de este mundo existir dentro de mim. Como espelhos colocados frente a frente, refletindo uma imagem ao infinito, isso pode ser um paradoxo sem fim. Eu faço parte desse mundo, e esse mundo é parte de mim.”

Aomame não tinha como saber que tipo de enredo continha a nova história escrita por Tengo. O que ela conseguia intuir era que, possivelmente, havia duas luas pairando no céu. E que o Povo Pequenino também fazia parte dela. “Por outro lado, ao mesmo tempo em que Tengo escreve a história, *a história também é minha*.” Aomame estava certa disso.

Ela descobriu isso ao reler o trecho em que a protagonista fazia uma crisálida de ar no depósito, durante a noite, junto com o Povo Pequenino. Enquanto Aomame lia a descrição detalhada e clara daquela cena, ela sentiu um calor em seu ventre. Um calor estranhamente profundo, que provocava deleite em seu coração. Havia um núcleo, ainda que pequeno, mas de onde emanava uma fonte de calor. Ela sabia, mesmo sem precisar pensar a respeito, o que era essa fonte e o que significava esse calor. *Era uma coisa pequenina*. Essa coisa pequenina sentiu afeição ao ver a cena em que a protagonista e o Povo Pequenino construíam a crisálida de ar e, como uma reação a *essa* cena, emitia o calor.

Aomame colocou o livro sobre a mesinha, abriu um botão da camisa do pijama e colocou a mão sobre o ventre. A palma sentia o calor que havia ali. Esse calor parecia emitir uma suave luz alaranjada. Aomame desligou o abajur para observar atentamente essa luz no quarto escuro. Era um brilho tênue, quase imperceptível. Mas a luz estava definitivamente ali, não havia dúvidas. “Não estou sozinha”, pensou Aomame. “Estamos juntos desde o momento em que passamos a fazer parte de uma mesma história.”

“Se essa história é de Tengo e é também minha, significa que posso escrever o enredo”, era o que Aomame pensava. “Posso tanto acrescentar coisas como reescrevê-la. O mais importante é que posso decidir como ela termina, certo?”

Ela passou a considerar essa possibilidade.

“Mas como fazer isso?”

Aomame não sabia. O que ela sabia era *a existência dessa possibilidade*. Por enquanto, era apenas uma teoria, sem fundamento concreto. Aomame cerrou os lábios na serena escuridão e começou a pensar. Isso era muito importante. Era preciso pensar com profundidade.

“Nós formamos um time. Assim como Tengo e Eriko Fukada se uniram para fazer a *Crisálida de ar*, nessa nova história, eu e Tengo é que formamos um time. O nosso desejo — ou essa força oculta motivada pelo nosso desejo — se tornou uno, para que possamos retomar essa história complicada e fazer com que ela se desenvolva. Isso, possivelmente, é uma tarefa que está sendo realizada num local profundo e invisível aos nossos olhos. Por isso, mesmo que eu não possa me encontrar com ele, sei que estamos juntos. Estamos criando uma história, e ela nos faz agir. Não é isso?

“Há uma questão. Uma questão muito importante.

“Dentro dessa história que *nós* estamos escrevendo, qual será o significado *desta coisa pequenina*? Que tipo de função ela possui?

“*Esta coisa pequenina* sentiu uma intensa afeição diante da cena em que o Povo Pequenino e a protagonista constroem a crisálida de ar no depósito. Do interior do meu útero ela está emitindo um calor brando que posso sentir, e uma suave luz alaranjada. É como se fosse a própria crisálida de ar. Será que o meu útero está cumprindo a função de ‘crisálida de ar’? Será que sou a *maza* e *esta coisa pequenina* é a minha *dohta*? Será que o fato de eu estar grávida de Tengo, sem ter mantido relação sexual com ele, estaria de algum modo relacionado à vontade do Povo Pequenino? Eles se apoderaram habilmente do meu útero e o estão usando como uma crisálida de ar? Será que estão me usando como uma espécie de dispositivo para retirar uma nova *dohta* para eles?

“Não. Não pode ser.” Aomame estava certa e segura de que não era isso. “É impossível.”

“Neste momento, o Povo Pequenino não possui a capacidade de agir. Foi o que o Líder disse. As atividades que normalmente eles praticavam tiveram de ser interrompidas com a ampla repercussão do romance *Crisálida de ar*. Esta minha gravidez ocorreu num local distante dos olhos deles. Sendo assim, quem — ou que tipo de energia — tornou possível esta gravidez? E para quê?”

Aomame não sabia.

A única coisa que ela sabia era que *esta coisa pequenina* era uma vida preciosa e insubstituível, que nasceu da união dela e de Tengo. Aomame colocou novamente a mão sobre o ventre e, delicadamente, pressionou a tênue orla de luz alaranjada que pairava ao seu redor. Sem pressa, ela distribuiu por todo o corpo esse calor que sentia na palma da mão. “Não importa o que aconteça, preciso proteger esta coisa pequenina. Não vou deixar ninguém roubá-la de mim. Ninguém vai prejudicá-la. *Nós* vamos cuidar dela e protegê-la.” Aomame tomou essa firme decisão em meio à escuridão.

Foi para o quarto, tirou o roupão e deitou-se na cama, de costas. Colocou a mão sobre o ventre e sentiu novamente o calor na palma da mão. “Não me sinto mais insegura. Nem hesitante. Eu preciso me fortalecer ainda mais. O meu corpo e a minha mente precisam se tornar um só.” Finalmente, o sono se aproximou silenciosamente, como uma fumaça a envolver-lhe o corpo. No céu, ainda pairavam duas luas.

Deixando a cidade dos gatos

O corpo do pai de Tengo foi colocado num caixão simples, vestido de maneira solene com o uniforme de cobrador da NHK, impecavelmente bem passado. Um caixão que, provavelmente, devia ser o mais barato. Não passava de uma caixa de madeira um pouco mais resistente, numa cor clara — que lembrava o pão-de-ló —, extremamente simples. Apesar de seu pai ser pequeno, o corpo ocupava praticamente toda a extensão do caixão. De compensado, carecia de adornos. “O caixão pode ser esse mesmo?”, perguntou o agente funerário, em tom cerimonioso, para se certificar de que Tengo não faria objeção. “Pode”, respondeu Tengo. Seu pai escolhera aquele caixão do catálogo e o deixara pago. Se o próprio falecido não tinha objeções, Tengo também não haveria de ter.

O pai, que estava dentro daquele caixão simples, com o uniforme de cobrador da NHK, não parecia estar morto. Era como se estivesse cochilando no intervalo do serviço e, a qualquer momento, fosse abrir os olhos, colocar o boné e sair para fazer as cobranças pendentes. A logomarca da NHK costurada no uniforme parecia parte de sua pele. Ele nasceu neste mundo de uniforme e seria cremado com ele. Ao vê-lo assim, Tengo não conseguia imaginá-lo vestido de outra forma. Era como na ópera de Wagner, em que os guerreiros são queimados com suas armaduras.

Naquela manhã de terça, com a presença de Tengo e Kumi Adachi, o caixão foi fechado, selado com pregos e, em seguida, transportado no carro fúnebre. Não era exatamente um carro fúnebre, mas um furgão Toyota básico, como o que transportara o corpo de seu pai da cúnica até a funerária. A única diferença era que, em vez da maca com rodas, agora era um caixão. Esse tipo de carro fúnebre também devia ser o mais barato. Não havia nada de *solene* nele. Não se ouvia a música “O crepúsculo dos deuses”. Mesmo em relação ao modelo do carro fúnebre, Tengo não fazia objeção. Kumi Adachi tampouco parecia se importar com aquilo. Ele apenas cumpria a função de transportar o corpo. O mais importante era que uma pessoa havia desaparecido deste mundo, e isso sim deveria ficar guardado no coração dos que permaneciam. Os dois pegaram um táxi e seguiram o furgão.

O crematório ficava afastado da praia, em meio às montanhas. O edifício era relativamente novo e desprovido de personalidade; mais do que um crematório, parecia uma fábrica ou um edifício governamental. Mas o jardim era bonito e bem-cuidado, e a chaminé elevava-se alta e majestosa em direção ao céu, detalhe que indicava a função diferenciada daquele prédio. Naquele dia, o

crematório parecia tranquilo, e não precisaram esperar muito para que o caixão fosse levado ao forno. Ele entrou lentamente na fornalha e uma pesada tampa se fechou, como a escotilha de um submarino. Um funcionário idoso de luvas dirigiu-se a Tengo e fez uma reverência. Em seguida, ligou a chave. Kumi Adachi fez uma reverência, juntando as mãos em oração, e olhou em direção à escotilha. Tengo fez o mesmo.

Durante a cremação, que levou cerca de uma hora, Tengo e Kumi Adachi aguardaram na sala de espera, no interior do prédio. Kumi comprou dois copos de café na máquina automática, e beberam em silêncio. Estavam sentados lado a lado num banco em frente a uma enorme janela de vidro. Lá fora se estendia um gramado desolado pelo inverno e um pequeno bosque de árvores desfolhadas. Pássaros pequenos e de rabo comprido, cujo nome Tengo desconhecia, emitiam um canto alto e agudo. Ao cantar, o rabo se erguia. Não havia nenhuma nuvem no céu de inverno que se estendia sobre as árvores. Kumi Adachi vestia um casaco de lã grosso e felpudo cor de creme sob um vestido curto preto. Tengo usava um suéter preto de gola redonda sob uma jaqueta cinza-escuro com padrões em zigue-zague, e mocassins marrom-escuros. Era a roupa mais formal que ele possuía.

— O meu pai também foi cremado aqui — disse Kumi Adachi. — Todos os que estavam no velório fumavam sem parar, a ponto de uma nuvem densa se formar no teto. A maioria era de pescadores.

Tengo imaginou a cena. Um grupo de homens bronzeados com ternos escuros, que não estavam habituados a usar, e fumando sem parar, enquanto lamentavam a morte do amigo pelo câncer de pulmão. Mas agora, na sala de espera, estavam somente Tengo e Kumi, e o silêncio era ocasionalmente quebrado pelo canto agudo dos pássaros. Não havia música nem vozes. A luz do sol incidia delicadamente sobre a terra. Uma luz que ao passar pela janela formava uma silenciosa área clara em torno dos pés. O tempo fluía lentamente, como as águas do rio em direção à foz.

— Obrigado por ter vindo — disse Tengo, após permanecer um longo tempo em silêncio.

Kumi Adachi colocou as mãos sobre as de Tengo. — Ficar sozinho numa hora dessas não é fácil. Sempre é melhor ter alguém por perto.

— Tem razão — admitiu Tengo.

— A morte de uma pessoa é um acontecimento muito sério, não importam as circunstâncias. Ela abre um buraco no mundo. E cabe a nós prestarmos corretamente a nossa homenagem. Se não fizermos isso, o buraco não se fecha direito.

Tengo concordou com a cabeça.

— Não se deve deixar o buraco aberto — disse Kumi. — Alguém pode cair nele.

— Mas, dependendo da situação, a pessoa que morre leva consigo alguns segredos — disse Tengo. — Se o buraco se fechar, eles jamais serão revelados.

— Acho que isso também é necessário.

— Por quê?

— Se a pessoa que morreu levou consigo um segredo, significa que não poderia ser deixado aqui.

— Por que não poderia ser deixado aqui?

Kumi soltou a mão de Tengo e, fitando seu rosto, disse: — Talvez porque esses segredos contenham *algo* que somente a pessoa que morreu conseguiria entender corretamente. Algo que, por mais que ela levasse tempo para explicar, não conseguiria. Um tipo de segredo que cabe somente à pessoa que morreu levar consigo. Como uma importante bagagem de mão.

Tengo permaneceu em silêncio, olhando a luz do sol que incidia em seus pés. O chão de linóleo brilhava intensamente e, sobre o assoalho, havia o par de mocassins gastos de Tengo e o escarpim preto, simples, de Kumi. Os calçados estavam diante dele, mas, ao mesmo tempo, aquela cena parecia estar a quilômetros de distância.

— Você também deve ter algo que não consegue explicar direito para as pessoas, não?

— Acho que sim — disse Tengo.

Kumi manteve-se em silêncio e cruzou as pernas finas, de meias pretas.

— Se não me engano, você disse que já havia morrido — perguntou Tengo.

— Sim. Eu já morri uma vez. Era uma triste noite de chuva fria.

— Você se lembra do que aconteceu?

— Acho que sim. Sonho constantemente sobre o que aconteceu naquela noite. Um sonho muito real e recorrente. Isso me faz pensar que aquilo deve ter realmente acontecido.

— Será que é uma espécie de reencarnação?

— Reencarnação?

— Uma outra vida. Uma transmigração das almas.

Kumi Adachi pensou a respeito. — Não sei dizer. Pode ser que sim. Mas pode ser que não.

— Você foi cremada após a morte?

Kumi negou com a cabeça. — Disso eu não me lembro, pois teria acontecido após minha morte. A única coisa que me lembro é de *quando eu morri*. Alguém me estrangulou. Um homem que eu não conhecia e que nunca tinha visto antes.

— Você se lembra do rosto dele?

— É claro que sim. Sonho com ele constantemente. Se eu o vir na rua, reconheço-o imediatamente.

— O que você faria se o encontrasse na rua?

Kumi coçou o nariz, como se verificasse se ele ainda estava ali. — Já pensei inúmeras vezes nessa possibilidade. Imaginei o que faria caso o encontrasse. Acho que sairia correndo. Ou o seguiria. Acho que só vou saber quando de fato acontecer.

— Se você o seguisse, o que faria depois?

— Não sei. Mas talvez esse homem saiba de algum segredo muito importante para mim. E talvez eu possa desvendá-lo.

— Que tipo de segredo?

— Quem sabe, o significado de eu *estar aqui*.

— Mas ele pode querer matá-la novamente.

— Talvez — disse Kumi, fechando levemente os lábios. — Sei que é perigoso. Estou ciente disso. O mais sensato, talvez, é sair correndo. Mas a possibilidade de haver um segredo me atrai, como um gato que não consegue deixar de espiar o interior de um quarto escuro.

Após a cremação, os dois pegaram as cinzas do pai de Tengo, conforme a tradição, e as colocaram numa pequena urna. A urna foi entregue a Tengo, mas ele não sabia o que fazer com ela. Não queria deixá-la em qualquer lugar. Pegou um táxi com Kumi Adachi até a estação.

— Pode deixar que eu cuido dos detalhes burocráticos — disse Kumi no táxi. — Se você quiser, posso também depositar as cinzas num local adequado.

Tengo ficou surpreso com suas palavras. — Você poderia fazer isso?

— Por que não? — disse Kumi. — Há casos em que não aparece ninguém no enterro.

— Se você puder fazer isso, agradeço imensamente — disse Tengo. Apesar de sentir um pouco de culpa, ele ficou aliviado de poder entregar a urna para Kumi. Ele sabia que jamais veria aquelas cinzas de novo. Restariam a ele apenas as lembranças. Lembranças que, com o decorrer do tempo, desapareceriam feito *pó*.

— Como eu moro aqui, consigo resolver as coisas com mais facilidade. Sendo assim, Tengo, volte logo para Tóquio. *Nós* gostamos de você, mas aqui não é um lugar que você deva ficar para sempre.

“Vou deixar a cidade dos gatos”, pensou Tengo.

— Muito obrigado por tudo — ele agradeceu novamente.

— Tengo, será que posso fazer uma advertência? Bom, não é exatamente uma advertência.

— Claro que pode.

— O seu pai deve ter ido para o outro lado carregando consigo um segredo. E me parece que você está um pouco confuso com isso. Sei o que você deve estar sentindo. Mas saiba que eu acho melhor você não continuar espiando essa entrada escura. Deixe os gatos fazerem isso. Mesmo que você o faça, isso não vai te levar a lugar nenhum. O melhor é seguir em frente.

— O buraco precisa ser fechado — disse Tengo.

— Isso mesmo — disse Kumi Adachi. — A dona coruja também está dizendo isso. Você se lembra da dona coruja?

— É claro que sim.

A coruja é a protetora da floresta e ela sabe tudo, por isso ela nos oferece a sabedoria da noite.

— Será que a coruja continua a cantar naquele bosque?

— A coruja não irá para nenhum lugar — disse a enfermeira. — Ela

estará lá para todo o sempre.

Kumi Adachi aguardou Tenco entrar no trem que partia para Tateyama, como se precisasse ter certeza de que ele estava deixando aquela cidade. Depois, acenou para ele da plataforma até não vê-lo mais.

Tenco voltou a Kôenji na terça-feira, às sete da noite. Acendeu a luz e, sentado na mesa da cozinha, olhou o apartamento. Ele estava do jeito que o deixara na manhã do dia anterior. As cortinas estavam totalmente fechadas e, sobre a mesa, havia um punhado de folhas impressas. Seis lápis bem apontados estavam dentro do porta-lápis. As louças lavadas estavam no corredor da pia da cozinha. O relógio marcava silenciosamente as horas e o calendário, pendurado na parede, indicava que faltava um mês para o fim do ano. O apartamento parecia muito mais *quieto* que de costume. Uma *quietude* exagerada. Mas isso poderia ser apenas uma impressão. Afinal, ele acabara de acompanhar o desaparecimento de uma pessoa. O buraco ainda não devia estar totalmente fechado.

Após beber um copo de água, ele resolveu tomar um banho quente. Lavou os cabelos com calma, limpou os ouvidos e cortou as unhas. Pegou uma cueca e um pijama da gaveta e os vestiu. Havia muitos cheiros que ele precisava tirar de seu corpo: os cheiros da cidade dos gatos. “Nós gostamos de você, mas aqui não é um lugar que você deva ficar para sempre”, foi o que Kumi Adachi lhe dissera.

Tenco não estava com apetite nem com vontade de trabalhar ou de ler um livro. Também não queria escutar música. Sentia o corpo cansado, mas os seus nervos estavam estranhamente agitados. Por isso, sabia que não adiantaria se deitar na cama e tentar dormir. Até mesmo o silêncio que pairava no quarto parecia artificial.

“Seria tão bom se Fukaeri estivesse aqui”, pensou Tenco. “Eu não me importaria se ela me dissesse coisas insignificantes e sem sentido. Não teria nenhum problema em ouvir as frases sem entonação.” Fazia tempo que ele não a ouvia falar, e queria muito voltar a escutar aquela voz. Mas Tenco sabia que ela jamais voltaria àquele apartamento. Ele não sabia explicar direito como tinha tanta certeza. Mas o fato é que sabia que ela não voltaria mais. Talvez.

Tenco queria conversar com alguém, não importava quem. Se possível, queria conversar com sua namorada mais velha. No entanto, ele não podia entrar em contato com ela. Além de ele não ter seu telefone, haviam lhe dito que ela estava *perdida*.

Tenco discou o número do trabalho de Komatsu, que caía direto na mesa dele. Ninguém atendeu. Após o décimo quinto toque, desistiu e colocou o fone de volta no gancho.

“Para quem mais eu poderia telefonar?”, pensou Tenco, sem conseguir se lembrar de alguém. Pensou então em ligar para Kumi Adachi, mas ele se deu conta de que não tinha o número dela.

Em seguida, pensou no buraco escuro que continuava aberto em algum

lugar do mundo. Não era um buraco muito grande, mas era bem profundo. Se olhasse para dentro dele e começasse a falar bem alto, será que conseguiria conversar com o pai? O falecido pai lhe contaria a verdade?

“Mesmo que você o faça, isso não vai te levar a lugar nenhum”, foi o que dissera Kumi Adachi. “O melhor é seguir em frente.”

Mas Tengo não concordava com isso. Não é somente disso que se tratava. Desvendar um segredo pode não me levar a lugar nenhum, mas era preciso saber o motivo. Quem sabe se o motivo me faria seguir em frente, rumo a *algum lugar*?

“Não me importo se você é o meu pai de verdade ou não”, Tengo disse, voltando-se para dentro desse buraco escuro. “Para mim, tanto faz. Mas você morreu levando consigo uma parte de mim, e eu continuo vivo, com uma parte sua. Se existe ou não uma relação de sangue entre nós, isso não mudará os fatos. O tempo passou e o mundo continua seguindo em frente.”

Tengo teve a impressão de ter escutado o canto da coruja pela janela. Mas só poderia ser um engano, uma ilusão auditiva.

Faça frio ou não, Deus está presente

— Você não vai morrer assim tão fácil — disse o homem atrás dele. Era como se houvesse lido os pensamentos de Ushikawa. — Você só *perdeu* a consciência durante um tempo. Mas faltou pouco para o seu fim.

Era uma voz desconhecida. Impessoal, desprovida de emoção. Nem alta nem baixa, nem séria nem amistosa. Como a voz que anuncia os horários de partida e chegada dos voos, ou a conjuntura do mercado de ações.

“Que dia da semana é hoje?” Um pensamento desconexo passou pela mente de Ushikawa. “Deve ser a noite de segunda-feira. Não; o correto seria dizer que já estamos na terça.”

— Senhor Ushikawa — disse o homem. — Posso chamá-lo de Ushikawa?

Ushikawa permaneceu calado. Um silêncio de vinte segundos que foi quebrado, sem aviso, com um soco rápido e certo no seu rim esquerdo. Um golpe silencioso e extremamente forte, desferido pelas costas. Uma dor lancinante perpassou todo o seu corpo. Os órgãos pareciam se contorcer e, até a intensa dor amenizar um pouco, Ushikawa não conseguia sequer respirar direito. Somente um tempo depois é que um reprimido gemido seco escapou-lhe pela boca.

— Educadamente, fiz uma pergunta. Gostaria de ouvir sua resposta. Se você ainda não consegue falar, basta mexer a cabeça para concordar ou discordar. Isso se chama educação — disse o homem. — Posso chamá-lo de Ushikawa?

Ushikawa balançou várias vezes a cabeça em sinal de aprovação.

— Ushikawa. Um nome fácil de memorizar. Tomei a liberdade de olhar a carteira que encontrei no bolso da sua calça. Dei uma olhada em sua habilitação e no seu cartão pessoal. “Diretor Efetivo, Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes.” Um título e tanto, hein? Me diga uma coisa: o que um Diretor Efetivo da Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes está fazendo com uma câmera escondida num lugar como este?

Ushikawa permanecia calado. As palavras custavam a sair.

— Acho melhor responder — disse o homem. — Se o rim for esmagado, será preciso conviver com a dor pelo resto da vida.

— Estava vigiando uma pessoa que mora neste prédio — foi o que Ushikawa conseguiu responder, com imensa dificuldade. A altura da voz era irregular, e o som, vez por outra, falhava. De olhos vendados, tinha a impressão de que aquela voz não era a dele.

— Essa pessoa é Tengo Kawana?

Ushikawa concordou com a cabeça.

— O *ghost-writer* que redigiu a *Crisálida de ar*.

Ushikawa acenou novamente e teve um pequeno acesso de tosse. Esse homem tinha conhecimento daquilo.

— A mando de quem? — indagou o homem.

— Sakigake.

— Isso eu já previa — disse o homem. — A questão é por que somente agora o grupo religioso passou a vigiá-lo? Não creio que Tengo Kawana seja uma pessoa importante para eles.

Ushikawa tentou avaliar rapidamente qual seria a posição desse homem e até onde ele tinha conhecimento das coisas. Apesar de não saber quem ele era, não parecia trabalhar para o grupo. Ushikawa, porém, não tinha certeza se isso era motivo para ficar alegre ou não.

— Fiz uma pergunta — disse o homem, apertando com o indicador o rim esquerdo de Ushikawa. Um aperto bem forte.

— Há uma ligação entre ele e uma mulher — disse Ushikawa, gemendo com a dor.

— Essa mulher tem nome?

— Aomame.

— Por que estão atrás dela? — perguntou o homem.

— Porque ela prejudicou o Líder do grupo.

— Prejudicou — disse o homem, como a confirmar o que ouviu. — Está querendo dizer que ela o matou, não? Que tal responder de modo mais simples?

— Isso mesmo — respondeu Ushikawa. Ele sabia que não adiantaria tentar esconder as coisas desse homem. Mais cedo ou mais tarde, acabaria confessando.

— Mas isso não foi divulgado.

— É um segredo mantido pelo grupo.

— Quantas pessoas do grupo sabem disso?

— Um punhado.

— E você está entre eles.

Ushikawa confirmou com a cabeça.

— Então você ocupa uma posição importante no grupo.

— Não — disse Ushikawa, balançando a cabeça para os lados. Gesto que fez seu rim doer mais. — Sou apenas um garoto de recados que, por acaso, estava numa situação que me fez ficar sabendo disso.

— Você estava no lugar errado e na hora errada. É isso?

— Pode-se dizer que sim.

— Me diga uma coisa, Ushikawa: neste caso em particular, você está agindo sozinho?

Ushikawa balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Isso é muito estranho. A tarefa de vigiar e seguir alguém, normalmente, é realizada em equipe. Para fazer a coisa bem-feita é preciso ter

alguns auxiliares e formar um grupo de, no mínimo, três pessoas. E você ainda por cima está ligado a uma organização. É muito estranho você me dizer que está trabalhando sozinho. Essa sua resposta não me convence.

— Não sou adepto da religião — disse Ushikawa. A respiração estava voltando ao normal e já conseguia falar, articulando melhor as palavras. — O grupo me contratou como investigador particular. Eles acham mais conveniente chamar alguém de fora para fazer certos tipos de serviço.

— Eles contratam um diretor efetivo da Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes?

— É uma firma de fachada. Ela não existe. Foi criada apenas para resolver os problemas de impostos do grupo. Sou um autônomo que trabalha para o grupo, sem nenhuma vinculação religiosa.

— Um tipo de mercenário.

— Não. Não sou um mercenário. Apenas aceito os pedidos e coletei as informações. Se for necessário tomar alguma medida drástica, isso fica sob a responsabilidade de alguma pessoa do grupo.

— Foi o grupo que pediu para você vigiar Tengo Kawana e ver se havia alguma ligação com Aomame?

— Isso mesmo.

— Creio que não — disse o homem. — Essa não foi uma resposta correta. Se o grupo já tivesse conhecimento disso, isto é, se eles soubessem que há uma ligação entre Tengo Kawana e Aomame, eles não deixariam essa responsabilidade em suas mãos. Eles formariam uma equipe com os próprios membros do grupo. A possibilidade de cometer erros seria menor e, caso necessário, eles poderiam usar o poder que possuem.

— Mas estou dizendo a verdade. Apenas cumpro ordens. Eu também não sei por que eles resolveram me contratar — a voz de Ushikawa ficou novamente instável e, vez por outra, falhava.

“Se ele souber que o grupo Sakigake ainda não sabe da relação entre Tengo Kawana e Aomame, ele vai me apagar”, pensou Ushikawa. “Se eu deixar de existir, ninguém vai saber que há uma ligação entre eles.”

— Não gosto de respostas erradas — disse o homem com a voz fria. — Você vai sentir na pele o que isso significa. Posso socar novamente o seu rim, mas, se eu o fizer com toda a minha força, minha mão vai doer e, no momento, meu objetivo não é provocar uma lesão grave em seu rim. Eu não odeio você. O meu objetivo é apenas um: obter respostas corretas. Por isso, vou usar uma outra estratégia. Vou fazê-lo conhecer o fundo do mar.

“Fundo do mar?”, pensou Ushikawa. “O que ele quer dizer com isso?”

O homem parecia tirar alguma coisa do bolso. Ushikawa escutou um barulho seco que parecia plástico sendo friccionado. De repente, alguma coisa cobriu toda a sua cabeça. Era um saco plástico. Parecia ser um saco plástico grosso, para congelar alimentos. Em seguida, um elástico grosso e comprido foi amarrado em torno de seu pescoço. “Ele quer me sufocar”, intuiu Ushikawa. Ao tentar respirar sua boca se enchia de plástico, e as narinas ficavam obstruídas. Os

pulmões necessitavam desesperadamente de ar, mas a busca era inútil. O saco plástico grudou em seu rosto e, literalmente, moldou-se como uma máscara mortuária. Em questão de segundos, os músculos do corpo começaram a sofrer convulsões. Ushikawa tentou esticar os braços para arrancar o plástico, mas suas mãos não o obedeciam, bem amarradas nas costas. O cérebro inflou como um balão e, de tão cheio, era como se fosse explodir. Ushikawa quis gritar; precisava urgentemente de oxigênio. Mas a voz não saía. A língua se dilatou dentro da boca e a consciência foi se esvaindo.

Finalmente, o elástico do pescoço foi desamarrado, e o saco plástico, removido de sua cabeça. Ushikawa pôs-se a respirar desesperadamente para encher os pulmões de ar. Durante alguns minutos, respirou intensamente com o corpo inclinado, como um animal que tenta morder algo fora do alcance.

— Que tal o fundo do mar? — indagou o homem, após aguardar a respiração de Ushikawa voltar ao normal. A voz era totalmente desprovida de emoção. — Você até que foi bem fundo. Deve ter visto muitas coisas que não conhecia, não? Uma experiência valiosa.

Ushikawa não conseguiu dizer nada. A voz não saiu.

— Ushikawa, sei que estou sendo repetitivo, mas insisto em dizer que quero que me responda corretamente. Por isso, vou perguntar de novo. Foi o grupo religioso que pediu para você vigiar os passos de Tengo Kawana e descobrir se há alguma ligação entre ele e Aomame? Isso é muito importante. Está em jogo a vida de uma pessoa. Pense bem e me responda corretamente. Se você mentir, vou saber.

— O grupo não sabe — Ushikawa conseguiu responder a muito custo.

— Agora sim. A resposta está correta. O grupo não sabe que existe uma ligação entre Tengo Kawana e Aomame. Você ainda não disse isso para eles, não é mesmo?

Ushikawa assentiu.

— Se você tivesse optado por responder corretamente desde o início, não precisaria ter conhecido o fundo do mar. Foi uma experiência bem sufocante, não foi?

Ushikawa concordou.

— Sei bem como é. Eu já passei por isso — disse o homem, como se fosse um assunto trivial. — Quem nunca passou por isso, jamais saberá o quanto a experiência é horrível. A dor é um conceito que não se pode generalizar. O sofrimento de cada um possui características próprias. Se me permite parafrasear Tolstoi, toda a felicidade é igual, mas cada dor é dolorosa à sua própria maneira. Mas eu não iria tão longe a ponto de afirmar que é uma questão de *gosto*. Você não acha?

Ushikawa concordou, continuando a gemer de dor.

O homem prosseguiu: — Por isso, que tal conversarmos com franqueza, sem guardar segredos. Não seria melhor?

Ushikawa concordou.

— Se você responder errado, vai caminhar novamente no fundo do mar.

Só que, desta vez, o passeio será muito mais longo e mais lento. Vai chegar muito mais próximo do limite. E bastará um único desliz para que o passeio se torne fatal. Você não quer que isso aconteça, quer?

Ushikawa concordou com a cabeça.

— Acho que temos algo em comum — disse o homem. — Somos lobos solitários. Ou cachorros que se perderam da matilha. Dito de modo mais claro, nós vivemos à margem da sociedade. É de nossa natureza não se adaptar ao sistema, ou melhor, não somos aceitos pela sociedade. Temos de agir sozinhos. Decidimos, agimos e assumimos a responsabilidade por nossas escolhas. Aceitamos ordens superiores, mas não temos companheiros nem subordinados. Contamos somente com a nossa inteligência e habilidade. Você não acha?

Ushikawa concordou.

O homem prosseguiu: — Esse é o nosso ponto forte e, ao mesmo tempo, o nosso ponto fraco. Desta vez, por exemplo, você acabou exagerando. Não informou ao grupo o andamento das investigações e quis resolver tudo sozinho. Queria mostrar resultados satisfatórios para se autopromover. Isso fez com que você baixasse a guarda, não é?

Ushikawa novamente concordou.

— Você tinha algum motivo para fazer isso?

— Sinto-me culpado pela morte do Líder.

— De que modo?

— Eu fiz uma investigação detalhada sobre Aomame, antes de ela se encontrar com o Líder. E não encontrei nada contra ela.

— Mas ela se aproximou do Líder com a intenção de matá-lo e, de fato, cumpriu a tarefa. Você falhou no seu trabalho, e eles irão fazer com que você assuma a responsabilidade. Em todo caso, você não passa de alguém de fora, descartável. Além disso, você sabe de coisas demais sobre o que se passa dentro do grupo. Para sobreviver, você precisa entregar a cabeça de Aomame, é isso?

Ushikawa concordou.

— Sinto muito — disse o homem.

“Sinto muito?”, ao escutar essas palavras, a cabeça deformada de Ushikawa começou a pensar sobre o significado delas. Foi então que lhe ocorreu uma coisa.

— Foi você que planejou o assassinato do Líder? — indagou Ushikawa.

O homem não se deu ao trabalho de responder. No entanto, Ushikawa entendeu que o silêncio dele não era uma resposta negativa.

— O que você pretende fazer comigo? — perguntou Ushikawa.

— O que vou fazer? Para falar a verdade, ainda não sei. Vou pensar com calma a respeito. Tudo depende de como você vai se portar — disse Tamaru. — Ainda tenho algumas perguntas a fazer.

Ushikawa concordou.

— Quero que você me diga o telefone do seu contato de Sakigake. Deve ter alguém a quem você se reporta, uma espécie de encarregado.

Ushikawa hesitou, mas acabou passando o telefone. Àquela altura, não

valia a pena dar a vida para tentar esconder essa informação. Tamaru anotou o número.

— O nome?

— Não sei — Ushikawa mentiu. Mas o homem não parecia ter se importado com a omissão da informação.

— São *violentos*?

— Muito.

— Mas não são profissionais.

— São habilidosos e acatam as ordens dos superiores sem questionar. Mas não são profissionais.

— O que você descobriu sobre Aomame? — perguntou Tamaru. — Descobriu onde ela está escondida?

Ushikawa balançou a cabeça num gesto negativo.

— Ainda não, e é por isso que continuo aqui, vigiando Tengo Kawana. Se eu soubesse do paradeiro dela, já teria me mudado daqui há muito tempo.

— Faz sentido — disse Tamaru. — Mas, me diga uma coisa, como você descobriu a relação entre Tengo Kawana e Aomame?

— Gastando a sola do sapato.

— Como?

— Fiz um levantamento completo sobre o histórico de Aomame. Desde a sua infância. Ela frequentava uma escola municipal da cidade de Ichikawa, e Tengo Kawana nasceu nessa cidade. Foi então que pensei numa hipótese e fui até lá verificar. Descobri que eles estudaram na mesma classe durante dois anos.

Tamaru emitiu um grunhido bem baixinho no fundo da garganta, como o de um gato. — Você realmente é muito perseverante em suas investigações. Isso deve ter dado muito trabalho e levado muito tempo. Estou admirado.

Ushikawa manteve-se em silêncio. Por enquanto, não havia mais o que dizer.

— Vou perguntar novamente — disse Tamaru. — Você é a única pessoa que sabe dessa relação entre Tengo e Aomame?

— Você também.

— Além de mim, quero saber se existe mais alguém que sabe disso.

Ushikawa negou com a cabeça. — Somente eu sei disso.

— Você não está mentindo, está?

— Não estou mentindo.

— A propósito, você sabia que a Aomame está grávida?

— Grávida? — disse Ushikawa. Sua voz denotava espanto. — De quem?

Tamaru não respondeu. — Você realmente não sabia?

— Juro que não. Não estou mentindo.

Tamaru avaliou em silêncio se a reação de Ushikawa parecia verdadeira. Um tempo depois, disse: — Entendi. Parece que você não está mentindo. Vou acreditar em você. A propósito, você esteve rondando a Mansão dos Salgueiros em Azabu, não é?

Ushikawa assentiu.

— Por quê?

— A proprietária daquela mansão frequenta um clube esportivo de alto nível que fica nas proximidades, e Aomame era a sua *personal trainer*. Elas pareciam ter uma relação particular de amizade. Aquela senhora mantém um abrigo para as vítimas de violência doméstica no terreno ao lado da mansão. A segurança do local é muito rigorosa. Para mim, chega a ser exageradamente rigorosa. Não pude deixar de pensar na possibilidade de Aomame estar escondida naquele abrigo.

— Então...

— Mas, após pensar no assunto, achei improvável. Aquela mulher possui muito dinheiro e poder, e esse tipo de gente, caso quisesse esconder Aomame, não a deixaria sob suas asas. Ela a esconderia num local bem distante. Por isso, desisti de investigar a Mansão de Azabu e resolvi investigar e seguir Tengen Kawana.

Tamaru novamente soltou um grunhido baixinho. — Você tem uma boa intuição, e sabe pensar de modo racional. Além de ser muito perseverante. É um desperdício ser usado apenas como mensageiro. Faz tempo que você trabalha com isso?

— Antes, eu era advogado — disse Ushikawa.

— Realmente, você deve ter sido um ótimo advogado. Mas se excedeu e, no meio do caminho, escorregou e levou um tombo. Hoje, você está arruinado e vive de trocados, levando recados de um lado para outro, como mensageiro desse novo grupo religioso, não é?

Ushikawa concordou: — Isso mesmo.

— Não tem jeito — disse Tamaru. — Para gente como nós, que vive à margem da sociedade, não é fácil sobreviver do lado de fora, contando apenas com a própria habilidade. Pode até parecer que estamos nos saindo bem, mas sempre acabamos caindo. É assim que o mundo funciona — Tamaru fechou as mãos e suas articulações estalaram. Um som agudo e agourento. — Por acaso, você comentou com o grupo sobre a Mansão dos Salgueiros?

— Não disse a ninguém — respondeu Ushikawa, com honestidade. — Quando eu disse que o meu faro me levou a desconfiar da Mansão dos Salgueiros, era apenas uma suposição. O sistema de segurança era muito eficiente, e não consegui provar nada.

— Isso é ótimo — disse Tamaru.

— Você deve ser o responsável pela segurança, não?

Tamaru não respondeu. Ele estava na posição de fazer perguntas, e não de respondê-las. — Até agora, você respondeu às minhas perguntas sem mentir — disse Tamaru. — Pelo menos, em linhas gerais. Quando se conhece o fundo do mar, perde-se a coragem de mentir e, mesmo que se tente, a voz rapidamente o denuncia. O medo provoca isso.

— Não menti — disse Ushikawa.

— Isso é ótimo — disse Tamaru. — Não é bom ter de sofrer desnecessariamente. A propósito, você já ouviu falar de Carl Jung?

Ushikawa franziu as sobrancelhas por baixo da venda. “Carl Jung? Onde

esse homem quer chegar?” — Jung, o da psicologia?

— Esse mesmo.

— O pouco que sei — disse Ushikawa, cuidadosamente — é que ele nasceu na Suíça no final do século XIX. Foi discípulo de Freud, mas depois cortou relações com ele. Inconsciente coletivo. É tudo o que sei.

— Muito bem — disse Tamaru.

Ushikawa aguardou a continuação da conversa.

— Carl Jung possuía uma linda casa num tranquilo bairro residencial de alto padrão à beira de um lago em Zurique, e levava uma vida feliz com a família. Mas ele precisava de um lugar onde pudesse ficar sozinho para aprofundar suas reflexões. Encontrou um terreno pequeno, na ponta extrema do lago Zurique, numa área bem distante chamada Bollingen, e nele construiu uma pequena casa. Não era exatamente uma bela casa de campo. Ele próprio carregou pedra por pedra e montou uma casa redonda e de teto alto. As pedras vinham de uma pedreira bem próxima ao local. Naquela época, na Suíça, para trabalhar com pedras era necessário obter uma licença e ter a formação de cortador de pedras. Jung fez questão de obtê-la. Ele também entrou para a guilda dos artesãos. Isso mostra como era importante para ele poder construir a casa com as próprias mãos. A morte de sua mãe foi um fator determinante para que o objetivo se tornasse preponderante.

Tamaru fez uma pequena pausa.

— A casa ficou conhecida com o nome de “torre”. O estilo era semelhante ao das casas pequenas de aldeia que ele viu durante sua viagem à África. Não havia nenhuma divisão interna, formando um espaço único. Uma casa muito simples. Ele achava que isso era o suficiente para se viver nela. Não havia luz, gás nem água encanada. A água era trazida de uma montanha próxima, mas, um tempo depois, ele percebeu que aquilo não passava de um arquétipo. Foi então que o espaço interno da torre foi compartimentado, dividido, ampliado com a construção de um segundo andar e, depois, acrescentadas algumas alas. Ele criou suas próprias pinturas nas paredes. Isso sugeria a divisão e o desenvolvimento de sua consciência individual. Aquela casa funcionava como uma mandala tridimensional. Ela só foi concluída depois de doze anos. Por ser a casa de um pesquisador como Jung, ela é uma construção muito interessante. Você já tinha ouvido falar nisso?

Ushikawa balançou a cabeça num gesto negativo.

— Essa casa existe até hoje à beira do lago de Zurique. Seus descendentes conservam a casa, mas, infelizmente, como ela não é aberta à visitação pública, não é possível conhecê-la por dentro. Dizem que há uma pedra com uma frase que o próprio Jung entalhou, e que foi colocada na entrada dessa antiga torre: “Faça frio ou não, Deus está presente.” Essas foram as palavras que Jung esculpiu nessa pedra.

Tamaru fez novamente uma breve pausa.

— “Faça frio ou não, Deus está presente.” — ele repetiu novamente com a voz serena. — Você entende o significado dessas palavras?

Ushikawa balançou a cabeça: — Não. Não entendo.

— Pois então, eu também não sei o que significam. É uma frase sugestiva e profunda. De difícil interpretação. Mas o fato é que Jung sentiu a necessidade de esculpi-la usando o cinzel e fez questão de colocar essa pedra na entrada da casa que ele próprio desenhou e construiu, pedra por pedra. Não sei por quê, mas sempre tive um imenso fascínio por essas palavras. Não sei direito o que elas significam, mas elas ressoam profundamente no meu coração. Não entendo nada sobre Deus. Ou melhor, como sofri muito num orfanato administrado por católicos, a impressão que tenho de Deus não é das melhores. O orfanato ficava num local que sempre era frio. Mesmo em pleno verão. Era um lugar frio ou extremamente frio, uma coisa ou outra. Se existia um Deus, não posso dizer que foi gentil comigo. Mesmo assim, essas palavras conseguem penetrar silenciosamente numa pequena área sensível de minha alma. Às vezes, fecho os olhos e repito várias vezes essas palavras. Então, estranhamente me sinto calmo. “Faça frio ou não, Deus está presente.” Por gentileza, será que você poderia repetir essas palavras?

— “Faça frio ou não, Deus está presente.” — disse Ushikawa em voz baixa, sem entender por que devia dizer isso.

— Não consegui escutar direito.

— “Faça frio ou não, Deus está presente.” — desta vez, Ushikawa repetiu a frase de modo que suas palavras fossem claramente ouvidas.

Tamaru fechou os olhos e, durante um tempo, apreciou a reverberação daquelas palavras. Depois, finalmente, respirou profundamente, como se acabasse de decidir algo. Abriu os olhos e observou suas mãos, com luvas cirúrgicas descartáveis, que usava para não deixar impressões digitais.

— Sinto muito — disse Tamaru. O tom de sua voz denotava serenidade. Em seguida, pegou novamente o saco plástico e o colocou de uma só vez na cabeça de Ushikawa. Amarrou no pescoço o elástico grosso. Uma ação rápida e precisa. Ushikawa tentou protestar, mas as palavras deixaram de ser pronunciadas, e, claro, ninguém chegou a ouvi-las. “Por quê?”, pensou Ushikawa com a cabeça dentro do saco plástico. “Fui honesto e disse tudo o que sabia. Por que, depois de ter dito tudo, preciso morrer?”

Em sua cabeça, que parecia explodir, ele se lembrou da pequena casa no bairro de Chûôrinkan, e de suas duas filhas pequenas. Também pensou no cachorro que tinham. Ele não gostava daquele cachorrinho de dorso comprido, e o cachorro tampouco gostava dele. Era um cachorro burro que vivia latindo, mordendo o tapete e fazendo xixi no corredor. Era totalmente diferente do viralata esperto que ele tinha quando criança. Seja como for, a última imagem que Ushikawa teve no final de sua vida foi a do cachorrinho burro correndo no gramado do jardim.

Tamaru olhava com o canto dos olhos o corpo amarrado de Ushikawa que se contorcia violentamente sobre o tatame, como um enorme peixe jogado no chão. Mas, como o corpo estava amarrado de modo a não poder se curvar para trás, por mais que ele se contorcesse, não havia o perigo de o barulho ser

ouvido por um vizinho de parede. Tamaru sabia o quão horrível era morrer daquele jeito. Mas, para matar uma pessoa, esse era o modo mais prático e limpo. Não se ouviam gritos e não havia derramamento de sangue. Tamaru acompanhava os ponteiros dos segundos de seu relógio de mergulho Tag Heuer. Decorridos três minutos, o intenso esperar de mãos e pernas parou e, agora, havia pequenos espasmos, como se algo os fizessem vibrar. Tamaru acompanhou os ponteiros dos segundos por mais três minutos. Depois colocou a mão na nuca para verificar a pulsação e se certificar de que não havia mais vida no corpo de Ushikawa. Sentiu um leve odor de urina. Ushikawa teve uma nova incontinência. A bexiga, agora, estava totalmente solta. Não era motivo de censurá-lo, diante do terrível sofrimento que acabara de passar.

Tamaru soltou o elástico do pescoço e tirou o saco plástico da cabeça. O plástico havia sido sugado para dentro da boca. Ushikawa morreu com os olhos esbugalhados e a boca aberta, entortada para um dos lados. Os dentes sujos, irregulares, e a língua esverdeada estavam à mostra. Uma expressão que Munch poderia querer retratar em um de seus quadros. A cabeça originalmente grande e deformada reforçava ainda mais essa grotesca expressão fúnebre. Realmente, fora uma morte extremamente sofrida.

— Sinto muito — disse Tamaru. — Não fiz isso porque gosto.

Tamaru pressionou os dedos no rosto de Ushikawa para relaxar os músculos e endireitar o queixo, e assim torná-lo um pouco mais apresentável. Pegou uma toalha na cozinha e limpou a baba ao redor da boca. Levou um certo tempo, mas conseguiu fazer com que ficasse com uma aparência um pouco melhor. Pelo menos, deixou de ser algo tão repugnante que, instintivamente, fazia os olhos se desviarem. A única coisa, porém, que Tamaru não conseguiu fazer, apesar de tentar de várias formas, foi fechar as pálpebras.

— Como bem disse Shakespeare — falou Tamaru, com a voz serena e olhando para a cabeça pesada e deformada de Ushikawa —, se morrermos hoje, amanhã não precisaremos morrer, então vamos ver o lado bom das coisas.

Tamaru não se recordava se a citação era de *Henrique IV* ou *Ricardo III*. Mas não era uma questão crucial; a essa altura, Ushikawa não se importaria de não saber a fonte. Tamaru desamarrou as cordas que prendiam as mãos e as pernas de Ushikawa. Ele havia usado uma corda macia, e dado um nó especial, que não deixava marcas na pele. Tamaru recolheu a corda, o saco plástico e o elástico, e os colocou numa sacola de vinil que trouxera consigo. Olhou rapidamente os pertences de Ushikawa e pegou todas as fotos que ele havia tirado. Colocou a câmera e o tripé na sacola para levá-los embora. Se descobrirem que ele estava vigiando alguém, isso daria margem a futuras complicações. Vão querer saber quem estava sendo vigiado, e a possibilidade de o nome de Tengo Kawana vir à tona seria inevitável. Tamaru também recolheu o caderno de anotações de Ushikawa, com detalhes da investigação. Nada mais havia de importante. As únicas coisas que ficaram no apartamento foram o saco de dormir, alimentos, mudas de roupa, carteira, chave e o lamentável corpo de Ushikawa. Por fim, Tamaru pegou o cartão de visita da carteira de Ushikawa, escrito

“Diretor Efetivo, Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”, e o guardou no bolso do casaco.

— Sinto muito — Tamaru disse novamente, antes de ir embora.

Tamaru entrou numa cabine telefônica perto da estação, inseriu o cartão telefônico e discou o número que Ushikawa havia lhe passado. Era uma ligação local. Possivelmente, ao bairro de Shibuya. No sexto toque, alguém atendeu.

Sem nenhuma preliminar, Tamaru informou o endereço e número do apartamento de Kôenji.

— Anotou o que eu disse? — perguntou Tamaru.

— Poderia falar de novo?

Tamaru repetiu a informação. A pessoa do outro lado da linha anotou e repetiu o endereço para confirmar.

— Ushikawa se encontra nesse endereço — disse Tamaru. — Você sabe quem é Ushikawa, não?

— Ushikawa? — disse o interlocutor.

Tamaru ignorou a dissimulação e prosseguiu: — Ushikawa está nesse endereço que passei e, infelizmente, não está respirando. Aparentemente, não foi uma morte natural. Na carteira dele há alguns cartões pessoais dizendo que é o “Diretor Efetivo, Nova Fundação Japão para a Promoção das Ciências e das Artes”. Se a polícia encontrá-los, mais cedo ou mais tarde irão chegar até vocês. Creio que isso causará muitos transtornos. Acho melhor limpar a área o quanto antes. Vocês devem saber como fazer isso, não?

— Você é? — indagou o homem do outro lado da linha.

— Sou um gentil informante — disse Tamaru. — Eu também não gosto muito da polícia. Assim como vocês.

— Não foi morte natural?

— Não foi por velhice, muito menos foi serena.

O homem permaneceu em silêncio durante um tempo. — O que Ushikawa estava fazendo num lugar como esse?

— Não sei. O ideal seria perguntar os detalhes para o próprio Ushikawa, mas, como eu disse há pouco, ele não está em condições de responder.

O homem fez uma breve pausa e prosseguiu — Você deve ser alguém que possui uma ligação com aquela jovem que foi ao Hotel Ôkura, não é?

— Esse é um tipo de pergunta que está fadada a não ter resposta.

— Eu já me encontrei com essa mulher. Basta dizer-lhe isso. E gostaria que você transmitisse um recado para ela.

— Estou ouvindo.

— Nós não temos a intenção de fazer-lhe mal — disse o homem.

— Até onde sei, vocês estavam desesperadamente à procura dela.

— Isso mesmo. Nós estamos à procura dela há um certo tempo.

— Mas está me dizendo que vocês não querem fazer mal a ela — disse Tamaru. — Qual seria a razão disso?

Antes de o homem responder, houve um breve silêncio.

— Num determinado ponto a situação mudou. É claro que muitas pessoas lamentam a morte do Líder. Mas isso já aconteceu, e o assunto está encerrado. O Líder estava doente e sofrendo e, em parte, ele próprio desejava pôr um ponto final nessa dor. Por isso, de nossa parte, resolvemos não ir mais atrás dela. O que queremos agora é conversar.

— Sobre o quê?

— Um assunto de interesse comum.

— Isso não passa de uma solicitação que é conveniente somente para vocês. Ela pode não querer isso.

— Há uma margem para negociação. Nós temos algo para lhes oferecer, como a liberdade e a segurança. Além de conhecimento e informação. Será que podemos marcar um local neutro para conversar? Pode ser em qualquer lugar, basta vocês indicarem o local que nós iremos. Garantimos cem por cento de segurança. Asseguramos a segurança não só dela, mas de todos os que estão envolvidos neste assunto. Ninguém mais precisará ficar fugindo. Creio que não seja um tema inconveniente.

— Isso é o que você diz — disse Tamaru. — Mas não tenho provas para acreditar nessa sua proposta.

— De qualquer modo, será que você poderia transmitir esse recado? — insistiu o homem. — O assunto requer certa urgência e, por enquanto, temos margem para negociação. Se você precisa de uma prova concreta de que pode confiar em nós, podemos pensar num modo de oferecê-la. Se você telefonar para este número, sempre poderá entrar em contato conosco.

— Será que você poderia explicar de um modo mais fácil de entender? Por que é que vocês precisam falar com ela? O que aconteceu para que a situação tomasse um novo rumo?

O homem deu um breve suspiro e prosseguiu: — Precisamos continuar a ouvir a voz. Ela é como um poço abundante de água e, portanto, não podemos perdê-la. O que posso dizer é apenas isso.

— Para manter esse poço, vocês precisam de Aomame.

— Isso é algo que não podemos explicar com poucas palavras. O que posso dizer é que tem a ver com ela.

— E quanto a Eriko Fukada? Vocês não precisam mais dela?

— Neste momento, não precisamos mais de Eriko Fukada. Para nós, não importa onde ela está nem o que está fazendo. Ela já cumpriu a sua missão.

— Que tipo de missão?

— Uma missão bem delicada — disse o homem, após um breve intervalo de tempo. — Sinto muito, mas, no momento, não tenho a permissão de expor os detalhes desta situação.

— Eu sugiro que vocês avaliem com cuidado a situação em que estão — disse Tamaru. — Por enquanto, quem está no comando do jogo somos nós. Nós podemos entrar em contato com vocês, mas vocês não podem fazer o mesmo. Vocês não sabem quem somos, certo?

— Isso mesmo. Quem está no comando são vocês. Não sei quem é você, mas o assunto que queremos tratar não pode ser por telefone. Eu já disse muito mais do que me era permitido dizer. Muito mais do que me compete.

Tamaru permaneceu em silêncio durante um tempo. — Tudo bem. Vou pensar no que disse. Nós também precisamos nos reunir para decidir a respeito. Dentro em breve, talvez possamos entrar em contato.

— Estaremos aguardando — disse o homem. — Sei que estou sendo redundante, mas trata-se de um assunto que não é ruim para nenhuma das partes.

— E se ignorarmos ou recusarmos esse pedido?

— Se isso acontecer, nós teremos que agir do nosso modo. Temos um considerável poder. As coisas podem tomar um rumo um tanto violento, e devem atingir todos ao redor. Não sei quem você é, mas creio que não conseguirá sair ileso. O desdobramento certamente não será agradável.

— Pode ser. Mas acho que deve levar algum tempo até isso acontecer. E, considerando o que você acabou de dizer, a situação requer pressa.

O homem deu uma leve tossida. — Pode levar tempo. Ou, quem sabe, pode não levar.

— Só dá para saber na prática.

— Isso — disse o homem. — Há mais uma coisa muito importante que eu preciso dizer. Usando a metáfora que você acabou de usar, vocês realmente estão no comando do jogo, mas você ainda não sabe como são as regras.

— Só se aprende jogando.

— Se jogar e perder, o resultado não será agradável.

— Para ambos os lados — disse Tamaru.

Houve um breve silêncio, repleto de insinuações.

— E o que você vai fazer com Ushikawa? — indagou Tamaru.

— Vamos retirá-lo o mais breve possível. Provavelmente, esta noite.

— A porta do apartamento não está trancada.

— Obrigado — disse o homem.

— A propósito, a morte de Ushikawa será muito lamentada?

— A morte de uma pessoa, qualquer pessoa, é algo que sempre se deve lamentar.

— Espero que lamentem mesmo. Ele era um homem muito capaz.

— Mas não o *suficiente*. Não é isso?

— Ninguém é capaz o suficiente para viver eternamente.

— É o que você acha — disse o homem.

— Sim — disse Tamaru. — É o que eu penso. Você não?

— Estarei à espera do seu contato — disse o homem, com a voz indiferente, sem responder.

Tamaru desligou o telefone sem nada dizer. Era desnecessário conversar mais. Se fosse preciso, bastava entrar em contato com eles. Após deixar a cabine telefônica, Tamaru caminhou até o local em que havia deixado o carro. Um Toyota Corolla modelo antigo, azul-escuro, que não chamava atenção. Dirigiu

durante cerca de quinze minutos, parou em frente a um parque pouco frequentado e, após verificar que não estava sendo observado, jogou a sacola de vinil no cesto de lixo. Jogou também a luva cirúrgica.

— A morte de uma pessoa é sempre lamentável — murmurou Tamaru, enquanto ligava o carro e colocava o cinto de segurança. “Isso é algo realmente muito importante”, pensou. “A morte de uma pessoa é algo que naturalmente se deve lamentar. Mesmo que seja por um curto espaço de tempo.”

O telefone tocou um pouco depois do meio-dia da terça-feira. Aomame estava sentada sobre o colchonete com as pernas estendidas, alongando os músculos da cintura e do quadril. Apesar de não parecer, o exercício era árduo. A camiseta estava empapada de suor. Aomame interrompeu a ginástica e, enquanto enxugava o suor do rosto com a toalha, pegou o fone.

— O cabeção do boneco da felicidade não está mais no apartamento — disse Tamaru, como sempre, sem as preliminares. Não dizia sequer um *alô*.

— Não está?

— Não está mais. Ele foi persuadido.

— Foi persuadido — repetiu Aomame. O que Tamaru queria dizer era que o cabeção do boneco da felicidade fora forçado a se retirar.

— E a pessoa que mora naquele apartamento é o Tengo Kawana que você está procurando.

O mundo ao redor de Aomame se expandiu e se contraiu, como se fosse o seu próprio coração.

— Está me ouvindo? — perguntou Tamaru.

— Estou.

— Mas, no momento, ele não está lá. Precisou sair por alguns dias.

— Ele está bem?

— Ele não está em Tóquio, mas com certeza está bem. O cabeção do boneco da felicidade alugou um apartamento no térreo e estava aguardando você ir até lá se encontrar com ele. Estava com uma câmera escondida, vigiando a entrada.

— Ele tirou minha foto?

— Tirou três. Como era noite e você estava de boné, óculos e cachecol, não dá para ver os detalhes de seu rosto. Mas não há dúvidas de que é você. Se você voltasse lá, provavelmente teríamos um problema e tanto.

— Acho que fiz a escolha certa ao confiar em você, não é?

— Se é que existe algo que se possa chamar de escolha certa.

— Seja como for, não preciso mais me preocupar com ele — disse Aomame.

— Aquele homem não vai mais poder te fazer mal.

— Porque ele *foi persuadido* por você.

— Foi preciso fazer alguns ajustes, mas, no final, deu tudo certo — disse Tamaru. — Peguei todas as fotografias. O objetivo dele era esperar você aparecer,

e Tengo Kawana era apenas uma isca. Por isso, não vejo motivos para que eles o prejudiquem.

— Que bom — disse Aomame.

— Tengo Kawana ensina matemática numa escola preparatória de Yoyogui. Ele é um excelente professor, mas, como só trabalha alguns dias da semana, o salário não deve ser tão alto. É solteiro, tem uma vida modesta e mora naquele humilde apartamento.

Ao fechar os olhos, Aomame conseguia escutar dentro de seus ouvidos as batidas do coração. Era difícil discernir a linha divisória entre ela e o mundo.

— Além de ser professor de matemática de uma escola preparatória, ele está escrevendo um romance. Um romance longo. Ser *ghost-writer* da *Crisálida de ar* foi apenas um trabalho temporário, uma vez que ele já possuía, desde muito antes, sua própria ambição literária. O que é muito bom. Uma certa quantidade de ambição faz a pessoa se desenvolver.

— Como você conseguiu descobrir isso?

— Como ele estava ausente, tomei a liberdade de entrar no apartamento. Estava trancado, mas era como se não estivesse. Sei que é errado violar a privacidade alheia, mas precisava obter algumas informações básicas. Para um homem que mora sozinho, até que o apartamento estava bem arrumado. O fogão estava limpo e brilhando. Dentro da geladeira também estava tudo limpo e organizado, sem um repolho apodrecendo no fundo. Havia indícios de que ele passa suas roupas. Seria um ótimo companheiro para você. Se ele não for gay, claro.

— O que mais você descobriu?

— Telefonei para a escola e perguntei os horários de suas aulas. Segundo a atendente, o pai de Tengo Kawana faleceu no domingo de madrugada em algum hospital da província de Chiba. Ele precisou ir para o funeral e, por isso, a aula de segunda foi cancelada. Ela não soube informar quando nem onde seria o funeral, mas, como a próxima aula dele é na quinta, até lá ela disse que ele estaria de volta.

Aomame sabia que o pai de Tengo era cobrador da NHK e que, aos domingos, costumavam fazer uma rota de cobranças. Ela chegou a vê-los andando pelas ruas da cidade de Ichikawa. Ela não conseguia se lembrar do rosto do pai dele, mas lembrava-se de que era baixo, magro e vestia o uniforme de cobrador. E que não se parecia nem um pouco com Tengo.

— Se o cabeção do boneco da felicidade não está mais lá, posso ir falar com Tengo?

— Acho melhor não — disse Tamaru, prontamente. — O cabeção foi totalmente persuadido, mas tive de entrar em contato com o grupo religioso para que eles resolvam uma outra parte desta questão. Havia uma certa mercadoria que eu não queria deixar para as autoridades judiciais. Se essa mercadoria for encontrada, o morador do apartamento será investigado a fundo e, nesse caso, o pente-fino poderá repercutir de modo a envolver o seu amigo. Além do mais, esse é um trabalho espinhoso para que eu possa resolver sozinho. Se alguma

autoridade me pegar carregando sozinho essa mercadoria durante a madrugada e resolver me interrogar, não terei como me desvencilhar. Sakigake possui homens e meios para fazer esse tipo de serviço, e já estão acostumados a fazê-lo. Assim como fizeram com aquela outra mercadoria que transportaram do Hotel Ôkura. Você entende o que estou querendo dizer?

Aomame traduziu mentalmente as palavras de Tamaru para uma linguagem mais direta. — A *persuasão* parece ter sido bastante rude, não?

Tamaru soltou um suspiro. — Infelizmente, aquele homem sabia demais.

— O grupo religioso estava a par do que ele fazia no apartamento? — indagou Aomame.

— O cabeção do boneco da felicidade trabalhava para o grupo, mas estava agindo sozinho. Ele ainda não tinha reportado aos superiores o que estava fazendo. Sorte nossa.

— Mas agora eles já sabem que ele estava lá *fazendo alguma coisa*.

— Isso mesmo. Por isso, é melhor você não se aproximar daquele lugar. O nome e o endereço de Tengo Kawana devem constar na lista deles, pois é o escritor da *Crisálida de ar*. Eles ainda não devem saber que há uma ligação pessoal entre você e Tengo. Mas, se eles forem atrás do motivo de o cabeção estar naquele apartamento, certamente virá à tona que é por causa de Tengo Kawana. É apenas uma questão de tempo.

— Mas, se tudo der certo, até que descubram, temos uma margem de tempo. Descobrir uma ligação entre a morte do cabeção e Tengo não será fácil.

— Isso se tudo correr bem — disse Tamaru. — E se eles não forem tão cuidadosos como imagino que são. Mas eu não acredito em hipóteses do tipo “*se tudo der certo*”. É por isso que consegui sobreviver até hoje.

— Por isso eu não devo me aproximar daquele apartamento.

— Exatamente — disse Tamaru. — Escapamos por pouco. Nunca será demais sermos cuidadosos.

— Será que o cabeção do boneco da felicidade sabia que eu estava escondida neste apartamento?

— Se ele soubesse, você certamente estaria num local longe do meu alcance.

— Mas ele chegou bem perto.

— Chegou. Mas acho que foi conduzido até aí por puro acaso. Nada mais que isso.

— Isso explica por que ele subiu no escorregador e ficou exposto, indefeso.

— Tem razão. Ele realmente não sabia que você o estava observando. Sequer desconfiou. Foi isso que o conduziu à morte — disse Tamaru. — Não te disse, certa vez? O quão tênue é a linha que separa a vida da morte?

Um breve silêncio pairou sobre eles. Um silêncio pesaroso que a morte de uma pessoa, seja ela quem for, emana.

— O cabeção do boneco da felicidade não existe mais, mas o grupo

religioso continua atrás de mim.

— Aí esta um ponto que eu ainda não consegui entender — disse Tamaru. — No início, a intenção deles era capturar você e descobrir que tipo de organização estava por trás do plano de matar o Líder. Eles sabem que você, sozinha, não teria conseguido fazer isso, e querem saber quem está na retaguarda. Caso te achessem, não há dúvidas de que o interrogatório seria muito rigoroso.

— Por isso eu precisava da pistola — disse Aomame.

— O cabeção do boneco da felicidade também devia saber disso — prosseguiu Tamaru. — Ele sabia que o grupo estava atrás de você para interrogá-la e puni-la, mas me parece que as coisas mudaram de rumo no desenrolar dos acontecimentos. Após o cabeção sair de cena, conversei com um deles pelo telefone e ele me disse que o grupo não tem mais a intenção de causar danos a você. Ele pediu para te dizer isso. Pode ser uma armadilha. Mas, para mim, soou verdadeiro. Ele me explicou que a morte do Líder era algo que o próprio Líder desejava, e que não havia a necessidade de puni-la por algo que no fundo era uma espécie de suicídio.

— Foi isso mesmo — disse Aomame, com um tom de voz neutro — O Líder já sabia que eu estava lá para matá-lo e aprovava o meu intuito. Ele queria que eu o matasse naquela noite, na suíte do Hotel Ôkura.

— Os seguranças não conseguiram descobrir o seu objetivo, mas o Líder sim.

— Isso. Não sei como, mas ele sabia de tudo — disse Aomame. — Ele já *estava me esperando*.

Após um breve silêncio, Tamaru prosseguiu: — O que aconteceu?

— Fizemos um acordo.

— Eu não fiquei sabendo — disse Tamaru, num tom que denotava uma temerosa inquietação.

— Não tive oportunidade de falar sobre isso.

— Então me conte agora, que tipo de acordo vocês fizeram.

— Durante a sessão de alongamento, que durou uma hora, ele conversou comigo. Ele sabia sobre Tengo. Sabia também sobre a ligação que eu tinha com Tengo. E pediu para que eu o matasse. Queria se livrar o quanto antes do terrível e contínuo sofrimento físico. Ele disse que, se o matasse, em troca ele salvaria a vida de Tengo. Por isso, tomei a decisão de tirar-lhe a vida. Mesmo que eu não fizesse nada, ele certamente estava condenado a morrer e, ao pensar no que aquele homem vinha fazendo até então, a minha vontade era deixá-lo sofrer.

— Você não contou sobre esse acordo para a madame?

— Fui até lá para matá-lo e cumpri a missão — disse Aomame. — E, de certo modo, Tengo Kawana é um assunto pessoal.

— Tudo bem — disse Tamaru, em parte, conformado. — Devo admitir que você cumpriu perfeitamente a sua missão. Tengo Kawana é um assunto pessoal. Mas o fato é que, antes ou depois disso, você engravidou, e isso não pode passar despercebido.

— Não foi *antes* nem *depois*. Eu engravidei naquela noite de intensa

chuva e trovoadas. Naquela noite em que eu *resolvi* a questão do Líder. Como eu já disse, não houve nenhuma relação sexual.

Tamaru suspirou. — Levando em consideração as circunstâncias envolvidas nesta questão, só tenho duas opções: acredito em você ou não. Até agora, eu sempre confiei em você e gostaria de continuar a confiar. Mas, neste assunto em particular, não consigo enxergar uma lógica. Sou uma pessoa que só consegue raciocinar de modo dedutivo.

Aomame permaneceu em silêncio.

Tamaru indagou: — Existe alguma relação de causa e efeito entre o assassinato do Líder e essa sua misteriosa gravidez?

— Não saberia dizer.

— Há alguma possibilidade de o feto que está no seu útero ser o filho do Líder? Não sei que tipo de método ele poderia ter usado para fazer isso, mas será que, naquela noite, ele não usou esse método para te engravidar? Aí sim posso entender por que o grupo quer te encontrar. Eles precisam do sucessor do Líder.

Aomame apertou o fone e balançou a cabeça num gesto negativo. — Isso é impossível. Estou grávida de Tengo. Eu sei disso.

— Quanto a isso, só me resta acreditar em você ou não.

— Eu não sei como explicar.

Tamaru novamente suspirou. — Tudo bem. A princípio, vou aceitar essa sua explicação de que o filho é seu e de Tengo. Você parece ter certeza. Mesmo assim, não consigo enxergar uma lógica nesse seu argumento. De início, o grupo queria te capturar e aplicar uma tremenda punição. A partir de certo ponto, algo aconteceu. Ou algo foi esclarecido. Desde então, eles passaram a *necessitar* de você. Eles garantem a sua segurança e, segundo eles, existe algo que eles podem lhe oferecer. É sobre isso que eles querem conversar com você. O que aconteceu?

— O que eles querem não sou eu — disse Aomame. — O que eu acho que eles querem é a criança no meu ventre. Em algum momento, eles descobriram isso.

— Ho, ho — disse, de algum lugar, o ritmista do Povo Pequenino.

— A história está se desenrolando rápido demais para mim — disse Tamaru, emitindo novamente um pequeno grunhido no fundo da garganta. — Ainda não consigo enxergar algo de coerente.

“Falta coerência porque existem duas luas. Elas é que roubam a coerência de todas as coisas”, pensou Aomame. Mas isso ela não podia falar.

— Ho, ho — disseram os outros seis homenzinhos em uníssono.

— Eles precisam de *alguém que ouça a voz*. Foi o que disse o homem com quem conversei ao telefone. Se eles perderem a voz, o grupo religioso poderá desaparecer. Não sei exatamente o que significa ouvir a voz, mas, seja o que for, é o que ele disse. A criança que está no seu ventre não seria a pessoa que poderia escutar essa voz?

Aomame colocou a mão delicadamente sobre o ventre. “*Maza e dohta*”, pensou, sem ousar dizê-lo em voz alta. As luas não podem ouvir *isso*.

— Eu não sei — disse Aomame, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Mas não consigo pensar em nenhum outro motivo para que eles precisem de mim.

— Mas por que uma criança sua e de Tengo Kawana possuiria uma capacidade tão especial?

— Não sei — disse Aomame.

“Talvez, em troca de sua vida, o Líder tenha confiado a mim o seu sucessor”, cogitou Aomame um tempo depois. “Naquela noite do temporal, o Líder abriu temporariamente um circuito de ligação com outro mundo para eu me unir a Tengo.”

Tamaru prosseguiu: — Independentemente de quem seja o pai dessa criança e de que tipo de capacidade essa criança possua, você não tem a intenção de negociar com o grupo. É isso? Você não quer saber o que eles querem dar em troca, mesmo que isso possa desvendar inúmeros mistérios.

— Não importa o que aconteça — disse Aomame.

— Apesar de suas intenções, eles vão tentar *pegá-la* à força, não importa como — disse Tamaru. — Você tem um ponto fraco chamado Tengo Kawana. Ele é o seu único ponto fraco. Mas, apesar de ser o único, é enorme. Se eles souberem disso, com certeza o foco da atenção se voltará para ele a fim de te atingir.

Tamaru estava com razão. Além de Tengo Kawana ser o motivo de ela viver, era fatalmente o seu ponto fraco.

— Agora não existe mais nenhum lugar seguro *neste mundo* — disse Aomame.

Tamaru ponderou e, um tempo depois, disse calmamente: — Vamos ouvir o que eles querem nos dizer.

— Antes, preciso me encontrar com Tengo. Enquanto não falar com ele, não posso deixar este local. Não importa o quão perigoso seja.

— O que você pretende fazer quando encontrá-lo?

— Sei exatamente o que devo fazer.

Tamaru fez um breve silêncio: — Não há sombra de dúvida?

— Não sei se isso vai dar certo. Mas sei exatamente o que devo fazer. Está bem claro, sem sombra de dúvida.

— Você não pretende me dizer o que vai fazer.

— Sinto muito, mas, por enquanto, não posso lhe dizer. Nem a você nem a ninguém. Se eu disser o que pretendo fazer, no mesmo instante isso será revelado ao mundo.

As luas estavam com os ouvidos atentos. O Povo Pequeninino também. O quarto também. Isso era algo que não poderia dar um passo para além do coração. Ela precisava proteger o seu coração, cercando-o com um muro bem espesso.

Do outro lado da linha, Tamaru batia a ponta da caneta na mesa. Aomame podia escutar o som seco e ritmado: toc-toc-toc. Um som solitário e sem eco.

— Está bem. Vou entrar em contato com Tengo Kawana. Mas, antes,

preciso ter o consentimento da madame. Minha missão era levar você o quanto antes para um outro lugar. Mas você diz que não vai sair daí enquanto não falar com Tengo. Vai ser difícil explicar isso a ela. Você entende, não?

— Explicar algo ilógico de modo lógico é muito difícil.

— Isso mesmo. É tão difícil como encontrar uma pérola verdadeira numa barraca de ostras de Roppongi. Mas vou me esforçar.

— Obrigada — disse Aomame.

— As coisas que você afirma não fazem nenhum sentido para mim. Não há conexão lógica de causa e efeito. Mas, durante a nossa conversa, aos poucos comecei a sentir que, a princípio, posso aceitar a sua argumentação. Por que será?

Aomame permaneceu em silêncio.

— A madame confia em você — disse Tamaru. — Por isso, se você insiste que quer se encontrar com Tengo, creio que ela não terá argumentos para se opor. Acho que você e Tengo Kawana estão inabalavelmente unidos.

— Mais do que ninguém — disse Aomame.

“*Mais do que ninguém em qualquer mundo*”, Aomame se corrigiu mentalmente.

— Caso eu diga — prosseguiu Tamaru — que encontrar Tengo é muito perigoso, e me recusar a entrar em contato com ele, você vai dar um jeito de ir até o apartamento dele, não vai?

— Com certeza, farei isso.

— Ninguém será capaz de te impedir.

— Acho que será em vão.

Tamaru fez uma pequena pausa antes de prosseguir: — Qual o recado que preciso passar para Tengo?

— Peça para ele vir até o topo do escorregador, após o anoitecer. Não importa a hora, desde que já tenha escurecido. Diga que estarei esperando. Ele vai entender.

— Entendi. Vou transmitir o recado: *ir até o topo do escorregador, após o anoitecer*.

— Diga também que, se ele possui algo importante que não quer deixar para trás, traga consigo. Mas as mãos devem estar livres.

— Para onde ele vai levar essa bagagem?

— Para longe — disse Aomame.

— O quão longe?

— Não sei — disse Aomame.

— Tudo bem. Vou transmitir o recado desde que a madame autorize. Vou me esforçar para garantir a sua segurança. Do meu jeito. Mesmo assim, o perigo estará sempre por perto. Eles estão desesperados. Isso significa que você precisa se proteger.

— Sei disso — disse Aomame, calmamente. Sua mão continuava apoiada no ventre. “*Não somente eu*”, pensou.

Após desligar o telefone, Aomame desabou no sofá. Fechou os olhos e pensou em Tengo. Não conseguiria pensar em mais nada. Sentia uma dor no peito, como se algo o estivesse espremendo. Mas era uma dor agradável. Uma dor suportável. Ele realmente morava muito *perto dali*. A uma distância de dez minutos a pé. Só de pensar nisso, sentia o centro de seu corpo se aquecer. Ele era solteiro e dava aulas de matemática numa escola preparatória. Morava num apartamento modesto e limpo, cozinhas, passava roupa e estava escrevendo um romance longo. Aomame sentiu inveja de Tamaru. Se pudesse, ela também gostaria de entrar no apartamento de Tengo, sem a presença dele. No interior do apartamento silencioso, ela tocava em cada um dos objetos. Verificaria a ponta do lápis que ele usava para escrever, pegaria a xícara em que ele toma o café, sentiria o cheiro de suas roupas. Antes de encontrá-lo, queria poder fazer isso.

Sem essas preliminares, ela não saberia o que falar quando se visse diante dele, somente os dois. Só de imaginar esse momento, sua respiração ficava mais rápida, e sua mente, aérea. Havia muitas coisas para conversar e, ao mesmo tempo, ela tinha a impressão de que, na hora, não precisaria dizer nada. As coisas que ela queria falar, ao serem postas em palavras, pareciam perder totalmente o sentido.

A única coisa que Aomame poderia fazer naquele momento era esperar. Esperar calma e atentamente. Ela arrumou as coisas de modo que pudesse sair a qualquer momento, assim que avistasse Tengo. Colocou tudo o que precisava numa bolsa de couro preta bem grande. Não havia muito. Maço de dinheiro, roupas limpas e a Heckler & Koch carregada. Somente isso. Ela colocou a bolsa numa posição em que pudesse pegá-la rapidamente. Tirou o blazer da Junko Shimada do cabide no armário e, após verificar se não estava amassado, deixou-o pendurado na parede da sala. Separou a blusa branca que combinava com o blazer, as meias finas e seus sapatos de salto alto da Charles Jourdan. E o seu casaco bege. Eram as mesmas roupas que usava na primeira vez em que desceu as escadas de emergência da rodovia Metropolitana. O casaco era fino demais para uma noite de dezembro. Mas não havia opção.

Após arrumar suas coisas, Aomame foi para a varanda e, sentada na cadeira de jardim, observou o escorregador do parque por entre os vãos da grade da sacada. O pai de Tengo falecera na madrugada de domingo. Entre a morte e a cremação é necessário aguardar vinte e quatro horas. Aomame sabia de uma lei que estabelecia esse período. Significava que a cremação estaria liberada somente a partir da terça-feira. Hoje era terça. Após a cremação, Tengo sairá desse *algum lugar* e, mesmo saindo cedo, deverá chegar somente no final da tarde a Tóquio. Tamaru deve passar o recado só depois de ele chegar. Antes disso, Tengo não virá ao parque. E ainda estava claro.

“Ao morrer, o Líder deixou preparada *esta coisa pequenina* no meu útero”, essa era a hipótese ou a intuição de Aomame. “Se for isso, quer dizer que fui manipulada por aquele homem morto, e estou sendo conduzida a cumprir um objetivo determinado por ele?”

Aomame franziu as sobrancelhas. Não conseguia chegar a nenhuma

conclusão. “Tamaru desconfiava de que eu estava grávida (daquele que ouvi a voz), e que isso fazia parte de um plano arquitetado pelo Líder. Eu devo ser como uma crisálida de ar. Mas por que *essa* pessoa tem de ser justamente eu? Por que o meu parceiro tem de ser Tengo?” Essa era uma das coisas que Aomame também não conseguia entender.

“Inúmeras coisas aconteceram, e não entendo a relação entre elas. Não consigo avaliar o princípio nem o rumo que os acontecimentos estão tomando. No final das contas, praticamente fui envolvida nisso sem saber. Mas somente *até agora*”, Aomame decidiu, convicta.

Ela inclinou os lábios e fez uma tremenda careta.

“A *partir de agora* será diferente. A partir de agora não vou mais ficar à mercê de alguém para ser manipulada a torto e a direito. A partir de agora vou seguir minhas próprias regras, vou agir conforme a minha vontade. Não importa o que aconteça, vou proteger *esta coisa pequenina*. Vou lutar com todas as minhas forças para protegê-la. Esta é a minha vida, e quem está aqui é a minha criança. Não importa o objetivo de quem planejou isso, o fato é que não há dúvidas de que essa criança é um fruto meu e de Tengo. Não vou entregá-la a ninguém. De agora em diante, eu decido o que é bom ou ruim e assumo a direção que devo seguir. Seja lá quem for, é bom que saiba disso.”

No dia seguinte, às duas da tarde de quarta-feira, o telefone tocou.

— O recado foi dado — disse Tamaru, como sempre sem as preliminares. — Agora, ele está no apartamento. Telefonei para ele hoje de manhã. Ele disse que estará no escorregador hoje à noite às sete em ponto.

— Ele se lembra de mim?

— É claro que sim. E muito bem. Ele também estava à sua procura.

“Foi o que o Líder me disse. Que ele estava à minha procura. Só saber isso já é o bastante.” O coração de Aomame se encheu de felicidade. Nenhuma outra palavra do mundo fazia mais sentido para ela.

— Ele ficou de trazer as coisas mais importantes, como você pediu. Eu suponho que entre essas coisas ele deve trazer o romance que está escrevendo.

— Certamente — disse Aomame.

— Verifiquei as redondezas daquele modesto prédio e, aparentemente, estava tudo tranquilo. Não vi nenhum suspeito sondando a área. O apartamento do cabeção do boneco da felicidade também já estava vazio. Está tudo calmo, mas não tão tranquilo. Durante a madrugada, os caras sorratamente deram um jeito na mercadoria e resolveram não ficar muito tempo no local. Eu observei atentamente toda a ação à minha maneira e, pelo que constatei, acho que não houve falhas por parte deles.

— Que bom.

— Mas ressalto que existe apenas uma *probabilidade* de, *por enquanto*, não ter havido falhas. A situação pode mudar a qualquer instante. Eu, obviamente, não sou perfeito. Posso ter deixado escapar alguma coisa importante.

Há a possibilidade de eles serem melhores do que eu.

— No final das contas, significa que cabe a mim cuidar de mim mesma.

— É o que eu já disse.

— Muito obrigada por tudo. Sou grata.

— Não sei para onde você vai nem o que pretende fazer de agora em diante — disse Tamaru. — Mas, se você pretende ir para bem longe, e eu não te ver mais, vou ficar um pouco triste. Você é uma pessoa especial, e é muito raro eu me deparar com alguém assim.

Aomame abriu um sorriso diante do telefone. — Eu penso o mesmo de você.

— A madame precisava de alguém como você. Não em relação ao trabalho, mas em nível pessoal, como uma amiga. Por isso, ela está muito triste de se separar de você. Ela não está em condições de conversar por telefone. Espero que você a compreenda.

— Eu entendo — disse Aomame. — Creio que eu também teria muita dificuldade de falar com ela.

— Você disse que vai para longe — disse Tamaru. — O quão longe?

— Uma distância que não pode ser medida em números.

— Como a distância que separa o coração de cada um.

Aomame fechou os olhos e respirou profundamente. As lágrimas estavam para transbordar. Mas conseguiu contê-las.

— Vou rezar para que tudo corra bem — disse Tamaru com a voz serena.

— Sinto muito, mas acho que não vou devolver a Heckler & Koch — disse Aomame.

— Tudo bem. Aceite-a como um presente. Se ela se tornar um incômodo, jogue-a na baía de Tóquio. O mundo dará um pequeno passo na direção do desarmamento.

— Acho que, no final, não vai ser preciso usar a pistola. Isso parece ir contra o princípio de Tchekhov.

— Não importa. O fato de você conseguir superar os obstáculos sem ter de usá-la é ótimo. Estamos bem perto do final do século XX. Hoje, as coisas são muito diferentes da época de Tchekhov. Não há mais carruagens nas ruas nem mulheres de espartilho. O mundo conseguiu de algum modo sobreviver ao nazismo, à bomba atômica e à música moderna. Durante esse período, ocorreu uma mudança radical no modo de escrever romances. Portanto, não se preocupe — disse Tamaru. — Mas tenho uma pergunta a lhe fazer. Você ficou de se encontrar com Tengo hoje à noite, às sete horas.

— Se tudo der certo — disse Aomame.

— Caso vocês se encontrem, o que irão fazer no topo do escorregador?

— Vamos ver a lua.

— Muito romântico — disse Tamaru, em tom de admiração.

Tengo

O mundo todo é insuficiente

Na quarta de manhã, quando o telefone tocou, Tengo estava em pleno sono. Ele só conseguira adormecer perto do amanhecer, e o uísque que havia tomado ainda circulava em seu corpo. Ele se levantou da cama e se surpreendeu ao ver o dia já totalmente claro.

— Tengo Kawana — disse o homem. Era uma voz desconhecida.

— Sim — disse Tengo. Ele achou que a ligação se devesse a algum detalhe administrativo relacionado à morte de seu pai. A voz do interlocutor soava calma e profissional. Mas o despertador indicava que era pouco antes das oito. Não era um horário normal para as repartições públicas ou a funerária telefonar.

— Desculpe-me incomodá-lo tão cedo, mas é que o assunto requer urgência.

Assunto urgente. — Do que se trata? — indagou Tengo, com a mente confusa.

— O senhor se lembra de uma pessoa chamada Aomame? — perguntou o interlocutor.

Aomame? Instantaneamente, a embriaguez e a sonolência desapareceram. A consciência rapidamente despertou, como a troca de cenário de uma peça teatral. Tengo apertou o fone.

— Lembro — respondeu Tengo.

— Não é um nome muito comum.

— Estudei na mesma classe que ela no primário — disse Tengo, com a voz voltando ao normal.

O homem fez uma pequena pausa. — O senhor teria algum interesse em conversar sobre ela neste momento?

Tengo achou que aquele homem tinha um jeito estranho de falar. Um jeito peculiar. Como se fosse a tradução de uma peça teatral de vanguarda.

— Se o senhor não estiver interessado, será uma perda de tempo para ambos. Nesse caso, desligarei imediatamente o telefone.

— Tenho interesse — disse Tengo apressadamente. — Mas posso saber com quem estou falando?

— Tenho uma mensagem de Aomame — disse o homem, sem se ater à pergunta de Tengo. — Ela gostaria de se encontrar com o senhor. E o senhor? Também gostaria de se encontrar com ela?

— Gostaria — disse Tengo, tossindo para limpar a garganta. — Há

tempos que eu também desejava reencontrá-la.

— Ótimo. Ela quer encontrá-lo. E o senhor também.

Tengo de repente percebeu que o quarto estava frio. Pegou um cardigã que estava por perto e o vestiu sobre o pijama.

— E o que devo fazer? — indagou Tengo.

— Ao escurecer, o senhor poderia ir até o topo do escorregador? — disse o homem.

— Topo do escorregador? — disse Tengo, sem saber o que aquele homem queria dizer.

— Ela falou que, dizendo isso, o senhor entenderia. Ir até o topo do escorregador. Eu apenas estou transmitindo o recado conforme me foi dado.

Tengo instintivamente passou a mão no cabelo desalinhado, com algumas mechas endurecidas. Escorregador. Era o local de onde ele ficara observando as duas luas. Só podia ser *aquela* escorregador.

— Acho que eu sei — disse Tengo, com a voz seca.

— Ótimo. E mais uma coisa. Se tiver algo importante que queira levar, é para o senhor levar consigo. De modo que possa se mudar imediatamente, para longe.

— *Algo importante que eu queira levar?* — Tengo repetiu, surpreso.

— Coisas que não quer deixar para trás.

Tengo se pôs a pensar. — Acho que não estou entendendo direito; *mudar para longe* significa que não voltarei mais aqui?

— Isso eu não saberia responder — disse o homem. — Como eu disse há pouco, estou apenas transmitindo o que ela me disse.

Tengo pensou enquanto passava os dedos nos cabelos em desalinho. *Mudar?* E prosseguiu: — Talvez eu tenha de levar um volume considerável de papéis.

— Creio que isso não vai ser problema — disse o homem. — O senhor tem toda a liberdade de escolher o que quiser. Mas a bolsa deverá ser uma que deixe as mãos livres.

— Uma que deixe as mãos livres — disse Tengo. — Isso quer dizer que não pode ser uma mala, não é?

— Creio que sim.

Era difícil imaginar a idade, a aparência e o porte físico daquele homem por meio de sua voz. Era uma voz desprovida de pistas concretas. Um tipo de voz que não se consegue mais guardar, assim que se desliga o telefone. Uma que não revela quaisquer indícios de personalidade ou de sentimentos, caso haja algum.

— O que eu precisava lhe transmitir era isso — disse o homem.

— Aomame está bem? — perguntou Tengo.

— Fisicamente está bem — respondeu o interlocutor, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Mas, no momento, ela está numa situação um pouco tensa. Ela precisa estar constantemente atenta. Se houver um desliz, pode pôr tudo a perder.

— *Tudo a perder* — Tengo repetiu mecanicamente.

— Seria melhor não protelar — disse o homem. — Nesta situação, o tempo é um fator importante.

“*O tempo é um fator importante*”, Tengo repetiu mentalmente. “Será que este homem tem algum problema para escolher as palavras? Ou será que estou nervoso demais?”

— Acho que poderei estar no topo do escorregador às sete da noite — disse Tengo. — Se, por algum motivo, não for possível ir ao encontro, estarei lá, no mesmo horário, amanhã.

— Está bem. O senhor sabe exatamente de que escorregador se trata.

— Acho que sei.

Tengo olhou o relógio. Ainda faltavam onze horas até o horário combinado.

— A propósito, eu soube que seu pai faleceu no domingo. Aceite minhas condolências — disse o homem.

Tengo agradeceu mecanicamente, e pensou: “Como é que ele sabe disso?”

— Será que o senhor poderia me falar algo sobre Aomame? — disse Tengo. — Coisas como onde ela está e o que ela faz?

— Ela é solteira e trabalha como instrutora num clube esportivo de Hiroo. É uma excelente profissional, mas, devido a certas circunstâncias, no momento ela está afastada do trabalho. Por coincidência, há algum tempo, ela está morando bem perto de sua residência. Outras informações, acho melhor o senhor ouvir diretamente dela.

— Não poderia me dizer por que ela está passando por uma *situação tensa*?

O homem não respondeu. Ele deixava espontaneamente de responder coisas que não queria ou que não via a necessidade de dizer. Tengo não sabia o motivo, mas tinha ao seu redor muitas pessoas desse tipo.

— Então hoje, às sete horas, no topo do escorregador — disse o homem.

— Um momento — disse Tengo rapidamente. — Tenho uma pergunta. Uma pessoa me alertou que havia alguém me vigiando. E ela me disse que eu deveria tomar cuidado. Desculpe-me perguntar isso, mas será que, por acaso, esse alguém seria o senhor?

— Não. Não sou eu — o homem respondeu de imediato. — Quem o estava vigiando provavelmente era outra pessoa. De qualquer modo, é sempre bom tomar cuidado. Essa pessoa que o alertou está coberta de razão.

— O fato de eu estar sendo vigiado possui alguma relação com essa situação extremamente especial em que Aomame se encontra?

— *Uma situação um pouco tensa* — corrigiu o homem. — Sim. Possivelmente há uma ligação. Em algum ponto.

— É algo perigoso?

O homem fez uma pausa, como se estivesse separando diferentes tipos de feijão misturados e, escolhendo cuidadosamente as palavras, disse: — Se você considera perigoso o fato de não ver nunca mais Aomame, com certeza a situação

pode ser chamada assim.

Tengo procurou traduzir mentalmente esse modo cifrado de o homem se expressar, para torná-lo mais compreensível. Ele não podia identificar as circunstâncias e saber dos acontecimentos, mas conseguia sentir uma atmosfera de nítida tensão.

— Se houver um desliz, é possível que nunca mais possamos nos encontrar.

— Exatamente.

— Entendi. Tomarei cuidado — disse Tengo.

— Desculpe tê-lo incomodado assim tão cedo. Parece que eu o acordei.

Assim que o homem disse isso, desligou imediatamente o telefone. Tengo ficou olhando durante um bom tempo o fone em sua mão. Assim como havia previsto, ele não conseguia mais se lembrar da voz daquele homem. Olhou novamente o relógio. Oito e dez. “O que vou fazer para passar o tempo até às sete da noite?”, pensou.

Ele começou por tomar banho, lavou os cabelos e tentou desembaraçá-los o melhor que podia. Fez a barba diante do espelho. Escovou os dentes com capricho e até passou fio dental. Depois, tirou da geladeira um suco de tomate e o bebeu. Ferveu água, moeu grãos para preparar um café e fez uma torrada. Programou o timer para um ovo cozido. Ele se concentrou em fazer cada uma dessas atividades levando um tempo maior do que o habitual. Mesmo assim, ainda eram nove e meia.

Vou me encontrar com Aomame no topo do escorregador.

Quando pensava nisso, Tengo sentia como se seu corpo se desprendesse e se esparramasse por todos os lados. Os braços, as pernas e o rosto pareciam, cada qual, seguir uma direção diferente. Não conseguia atar um sentimento num só lugar por muito tempo. Quando tentava fazer algo, não conseguia se concentrar. Não conseguia ler um livro e, muito menos, escrever. Não conseguia ficar sentado e quieto por muito tempo. A única coisa que ele conseguia fazer era, quando muito, lavar as louças, roupas, organizar as gavetas das cômodas e arrumar a cama. Mas, seja lá o que se propusesse a fazer, a cada cinco minutos interrompia para dar uma olhada no relógio de parede. Quanto mais pensava no tempo, mais ele demorava a passar.

Aomame sabia.

Foi o que Tengo pensou enquanto estava na pia da cozinha amolando uma faca que não precisava ser necessariamente afiada. “Ela sabe que eu fui várias vezes ao escorregador do parque infantil. Deve ter me visto, sozinho, sentado no topo do escorregador e olhando o céu. Não há outra explicação.” Tengo tentou se imaginar no topo do escorregador sob a luz da lâmpada de mercúrio. Naquela ocasião, ele sequer poderia imaginar que estava sendo observado. De onde ela o fazia?

“Não importa de onde tenha sido”, pensou. “É o de menos. O

importante é que, só de olhar para mim, ela me reconheceu.” Essa constatação o deixou profundamente feliz. “Assim como eu sempre estive pensando nela, ela também estava pensando em mim.” Isso, porém, era algo difícil de acreditar. Crer que, num mundo agitado e cheio de labirintos como este, os corações de duas pessoas — um menino e uma menina — pudessem se unir, sem mudanças, depois de vinte anos sem se ver.

“Mas por que Aomame não me chamou na hora em que me viu? Se tivesse feito isso, as coisas teriam sido bem mais fáceis. Como ela descobriu onde eu moro? Como foi que ela — ou aquele homem — descobriu o número do meu telefone?” Tengo não gostava de receber ligações, e o seu número não constava na lista telefônica; mesmo através do serviço de informações, era impossível obtê-lo.

Havia alguns fatos incompreensíveis. As linhas daquela história também estavam emaranhadas. Era difícil identificar os fios que se entrelaçavam e quais as relações de causa e efeito existentes entre eles. Pensando bem, desde que Fukaeri aparecera, ele tinha a impressão de estar sempre vivendo num lugar em que o normal era ter muitas perguntas e poucas respostas. Mas essa situação caótica parecia estar aos poucos chegando ao fim; essa era a impressão, ainda que vaga, que Tengo sentia.

“Seja como for, às sete da noite algumas dessas dúvidas poderão ser sanadas”, pensou Tengo. “Vamos nos encontrar no topo do escorregador. Não como duas crianças desamparadas de dez anos, mas como dois adultos, um homem e uma mulher, livres e independentes. Como um professor de matemática de uma escola preparatória e uma instrutora de um clube esportivo. O que será que vamos conversar? Não sei. Seja o que for, vamos ter de conversar. Precisamos preencher as lacunas e compartilhar o que sabemos. Tomando emprestado o modo estranho de aquele homem se expressar, nós vamos ter de nos *mudar para algum lugar*. Por isso, preciso juntar tudo o que for importante para mim e que não posso deixar para trás. E colocar numa bolsa que eu possa carregar *deixando as mãos livres*.”

“Abandonar este lugar não me deixa particularmente triste. Morei neste apartamento durante sete anos e, três vezes por semana, dei aulas na escola preparatória, mas nunca senti, sequer uma vez, que esse era o lugar da minha vida. Aqui era apenas um local temporário, como uma ilha flutuante que surge no meio da corrente de água. Minha namorada mais velha, que se encontrava secretamente comigo uma vez por semana, desapareceu. Fukaeri, que morou comigo durante um tempo, também se foi.” Tengo não sabia para onde elas foram e o que estariam fazendo. De qualquer modo, desapareceram silenciosamente de sua vida. Quanto às aulas, se ele deixasse o emprego, certamente alguém o substituiria. O mundo continuaria a existir, mesmo sem Tengo. Se Aomame *quer se mudar* para outro lugar, ele poderia acompanhá-la sem hesitar.

Quais seriam *as coisas importantes que ele levaria* consigo? Uns cinquenta mil ienes em dinheiro e um cartão de débito bancário. Isso era tudo o que ele podia chamar de bens. Em sua conta corrente havia cerca de um milhão de ienes.

Não. Havia mais. Havia o dinheiro dos royalties de *Crisálida de ar*. A intenção era devolver o dinheiro para Komatsu, mas ele ainda não o fizera. Fora isso, havia as folhas impressas de uma parte do seu romance em andamento. Isso ele não podia deixar para trás. Não possuía um valor público, mas, para Tengo, era algo muito importante. Colocou os originais num envelope e o guardou numa bolsa castanho avermelhada de náilon resistente, que costumava usar para ir à escola. Com isso, a bolsa ficou cheia e pesada. O disquete, ele guardou no bolso da jaqueta de couro. Como não convinha levar o processador de texto, acrescentou cadernos e a caneta-tinteiro na bagagem. “O que mais?”, pensou.

Ele se lembrou do envelope que o advogado lhe entregara em Chikura. Nele havia a caderneta de poupança, o carimbo registrado, o registro civil e a misteriosa foto (que parecia ser) de família. Talvez fosse melhor levá-lo consigo. A caderneta escolar do primário e o diploma de reconhecimento da NHK, obviamente, não seriam levados. Resolveu também não levar roupas para troca, nem objetos de toalete. Isso tudo não caberia dentro da bolsa, e poderia comprá-los de novo.

Após colocar as coisas na bolsa, Tengo não tinha mais nada a fazer. Não tinha louças para lavar, nem camisas para passar. Ele olhou novamente o relógio de parede. Dez e meia. Pensou em telefonar para o amigo e pedir que ele o substituísse nas aulas, mas lembrou-se de que ele costumava ficar mal-humorado quando Tengo ligava antes do almoço.

Tengo deitou-se na cama e pensou em várias possibilidades. A última vez em que viu Aomame, ele tinham dez anos. Agora, estão com trinta. Durante esse período, ambos tiveram muitas experiências. Experiências boas e experiências não tão boas (possivelmente estas últimas em maior número). “A nossa aparência, o tipo de personalidade e o ambiente em que vivemos devem ser bem diferentes”, pensou Tengo. “Não somos mais um menino e uma menina. Será que a Aomame que está lá é realmente a que eu estava procurando? Será que eu sou realmente o Tengo Kawana que ela procura?” Tengo imaginou a cena dos dois se encontrando no escorregador naquela noite e, ao ficarem de frente um para o outro, se decepcionarem. Talvez não tivessem nada para conversar. Era algo perfeitamente possível de acontecer. Aliás, o fato de não acontecer isso é que seria estranho.

“O certo talvez fosse não nos encontrarmos”, pensou Tengo, olhando para o teto. “Talvez fosse melhor ficarmos separados um do outro guardando, com carinho, o desejo de um dia nos reencontrarmos. Poderíamos viver para sempre com esse desejo em nossos corações. Um desejo a acalantar o âmago de nossos seres, mantendo acesa uma singela mas importante fonte de calor. Uma pequena chama que as palmas das mãos cuidadosamente protegem da ação do vento. Que, ao receber os ventos violentos da realidade, poderia facilmente se extinguir.”

Tengo permaneceu por cerca de uma hora olhando o teto, oscilando entre dois sentimentos contraditórios. O que ele mais queria era encontrar Aomame. Ao mesmo tempo, estava com muito medo de ficar diante dela. A decepção desalentadora e o silêncio constrangedor que poderiam surgir no

momento em que se encontrassem o deixava abalado. Parecia que seu corpo se racharia em duas partes. Fisicamente, ele era grande e forte, mas sabia o quão fraco se tornava diante dessa força movida pelo sentimento. Mas ele precisava se encontrar com ela. Era algo que o seu coração desejara fortemente durante esses vinte anos. Não cabia a ele dar as costas e fugir, mesmo que o resultado fosse decepcionante.

Cansado de olhar para o teto, ele acabou dormindo na cama deitado de costas. Um sono tranquilo, sem sonhos, que durou de quarenta a quarenta e cinco minutos. Era um sono profundo e acalentador, depois de ficar mentalmente cansado de tanto se concentrar em seus pensamentos. Nos últimos dias, ele só havia dormido de modo irregular e fragmentado. Até o anoitecer, era preciso eliminar a fadiga acumulada no corpo para, quando deixasse o apartamento e se dirigisse até o parque infantil, estar com o corpo saudável e o sentimento renovado. Ele sabia instintivamente que seu corpo necessitava de um repouso reparador.

Quando estava começando a dormir, Tengo ouviu a voz de Kumi Adachi. Ou achou que tinha ouvido a voz dela. *Ao amanhecer, você deve ir embora. Antes de a saída se fechar.*

Era a voz de Kumi Adachi e, ao mesmo tempo, era a voz da coruja da noite. Na mente de Tengo as duas vozes se mesclaram e se tornaram difíceis de distinguir. O que ele mais precisava naquele momento era sabedoria. A sabedoria da noite, com suas raízes grossas que avançam profundamente no solo. Uma sabedoria que ele só conseguiria obter nas profundezas do sono.

Às seis e meia, Tengo colocou a bolsa a tiracolo e deixou o apartamento. Ele usava a mesma roupa da vez em que esteve no escorregador. Uma capa cinza, uma jaqueta de couro velha, calça jeans e sapatos marrons. Eram roupas gastas, mas estavam bem moldadas ao corpo. Pareciam fazer parte dele. “Talvez eu não volte mais aqui”, pensou. Por precaução, retirou o cartão com o seu nome da porta e da caixa de correio. Os desdobramentos disso, ele deixaria para pensar depois.

Ele parou em frente ao prédio e olhou atentamente ao redor. Se Fukaeri estiver certa, alguém deveria estar vigiando de algum lugar. Mas, como da outra vez, ele não viu nada de estranho. O que ele via era a mesma paisagem de sempre. Após o anoitecer, não havia muitos pedestres. Ele andou calmamente em direção à estação. De vez em quando, olhava para trás para se certificar de que não estava sendo seguido. Dobrou em algumas ruas estreitas sem necessidade e parou para observar se não havia ninguém a segui-lo. Aquele homem havia lhe dito que era preciso tomar cuidado. O cuidado deveria ser tanto para ele quanto para Aomame, que se encontrava numa situação tensa.

Mas será que aquele homem que lhe telefonou realmente conhecia Aomame? De repente, isso lhe veio à mente. “Não poderia ser uma armadilha muito bem arquitetada?” Ao pensar nessa possibilidade, Tengo começou a ficar inseguro. Se for uma armadilha, certamente o grupo Sakigake deve estar por trás

disso. Tengo talvez (não, com certeza) deve estar na lista negra deles por ter desempenhado a função de *ghost-writer* da *Crisálida de ar*. Foi por isso que aquele homem esquisito chamado Ushikawa se aproximou dele, como representante do grupo, com aquela história de ajuda financeira de origem suspeita. Ainda por cima, Tengo — não por vontade própria — acolheu durante três meses Fukaeri em seu apartamento. Havia motivos suficientes para que o grupo o considerasse uma pessoa indesejável.

“Mas, se for isso”, pensou Tengo, “por que precisariam ter todo esse trabalho de usar Aomame como isca para me atrair para fora do apartamento?”. Eles sabiam onde ele morava. Ele não estava se escondendo. Se tinham alguma coisa a tratar com Tengo, era só procurá-lo. Não precisavam gastar tempo nem ter o trabalho de conduzi-lo até o escorregador do parquinho. Mas a coisa mudaria de figura se fosse o contrário; se ele fosse a isca para fazer Aomame sair do esconderijo.

Mas por que precisam atrair Aomame para fora do esconderijo?

“Não vejo motivo para isso. Será que há alguma ligação entre Sakigake e Aomame?” Tengo não conseguia deduzir nada mais além disso. O único jeito era perguntar diretamente a Aomame. Isso se eles realmente se encontrassem.

Seja como for, era como aquele homem lhe dissera: nunca é demais tomar cuidado. Por precaução, Tengo fez um caminho mais longo e averiguou se não era seguido. Em seguida, andou apressado em direção ao parque infantil.

Tengo chegou ao local faltando sete minutos para as sete. Já havia escurecido, e somente a luz da lâmpada de mercúrio iluminava o parquinho, de ponta a ponta. À tarde, o tempo estivera quente e agradável, mas, ao anoitecer, a temperatura havia esfriado rapidamente, acompanhada de ventos gelados. Os sucessivos dias ensolarados e quentes do outono estavam cedendo definitivamente lugar para o inverno. As extremidades dos galhos da zelkova balançavam como os dedos de um ancião a dar uma advertência, emitindo um som seco.

Algumas janelas dos edifícios ao redor estavam com as luzes acesas, mas o parque estava vazio. O coração de Tengo sob a jaqueta de couro batia num ritmo lento, mas forte. Ele esfregou várias vezes as mãos para se certificar de que conseguia senti-las. “Está tudo bem, estou preparado. Não há nada a temer”, pensou Tengo e, decidido, subiu os degraus do escorregador.

Ao chegar ao topo, sentou-se como da outra vez. O piso do escorregador estava gelado e levemente úmido. Com as mãos nos bolsos da jaqueta, encostou-se no corrimão e olhou o céu. Nuvens pairavam em profusão. Havia uma mistura de tamanhos; algumas grandes e outras pequenas. Tengo estreitou os olhos e procurou as luas. Naquele momento, estavam escondidas por trás das nuvens, nem densas nem pesadas, mas leves e brancas. Mas eram espessas o suficiente para esconder as luas. Movimentavam-se de norte a sul com lentidão. Os ventos no alto não pareciam fortes. Ou talvez as nuvens estivessem bem mais altas do que pareciam. De qualquer modo, não estavam com pressa.

Tengo olhou o relógio de pulso. Os ponteiros indicavam sete horas e três minutos, e o ponteiro dos segundos continuava a marcar de modo preciso a passagem do tempo. Aomame ainda não havia chegado. Durante alguns minutos, Tengo observou o ponteiro dos segundos como se visse algo interessante. Um tempo depois, fechou os olhos. Assim como as nuvens levadas pelo vento, ele não tinha pressa. Não havia nenhum problema se Aomame demorasse. Ele parou de pensar e decidiu se deixar levar pelo tempo. Naquele momento, o mais importante era deixar o tempo fluir naturalmente.

Ainda mantendo os olhos fechados, Tengo prestou atenção aos sons do mundo ao seu redor, como se sintonizasse uma estação de rádio. A primeira coisa que conseguiu captar foi o som intermitente dos carros passando pelo anel viário 7. Era um som que lembrava o bramido do Pacífico, que ele costumava escutar na casa de saúde de Chikura. Um bramido que sutilmente se mesclava ao canto estridente das gaivotas. Escutou, também, o som curto e repetitivo do sinalizador de ré de um caminhão de grande porte e um breve e agudo latido de advertência de um cachorro grande. Em algum lugar distante uma pessoa chamava alguém pelo nome em voz alta. Tengo não conseguia discernir de onde vinham aqueles sons. Ao permanecer durante muito tempo com os olhos fechados, perdera a noção de direção e distância. De vez em quando, soprava um vento gelado, mas ele não sentia frio. Temporariamente, Tengo havia esquecido não só de reagir ao frio como também de sentir e reagir a todos os demais estímulos e sensações.

Quando se deu conta, alguém estava ao seu lado, segurando sua mão direita. A mão parecia um ser vivo pequenino que necessitava de calor, e segurava sua mão grande, dentro do bolso da jaqueta de couro. Como se o tempo tivesse hesitado em algum momento, quando sua consciência despertou tudo já havia acontecido. Sem preliminares, as coisas haviam avançado para a etapa seguinte. “Que *estranho*”, pensou Tengo, ainda com os olhos fechados. “Por que será que acontece isso?” Em determinado momento, o tempo flui insinuante e insuportavelmente devagar; em outro, ele passa rápido, pulando de uma só vez várias etapas.

Esse alguém apertou firmemente a mão larga de Tengo, num gesto que parecia querer confirmar que ali havia algo de *verdadeiro*. Eram dedos macios e longos, que continham força em seu núcleo.

“Aomame”, pensou Tengo, mantendo os olhos fechados, sem pronunciar o nome. Apenas retribuiu, segurando sua mão. Ele se lembrava daquela mão. Nesses vinte anos, ele jamais se esquecera da sensação daquele toque. Não era mais a mão de uma criança de dez anos. Era uma mão que nesses vinte anos tocou, pegou e segurou muitas coisas. Inúmeras coisas de diferentes formas. A força nela também se tornou maior. Mas Tengo percebeu de imediato que se tratava da mesma mão. O jeito de ela segurá-lo era o mesmo, e o sentimento que ela queria transmitir também.

Naquele momento, Tengo sentiu que os vinte anos instantaneamente se

fundiram, formando um redemoinho. Ao se mesclarem, todas as cenas, as palavras, os valores formaram um único pilar grosso em seu coração, e o seu núcleo passou a girar como um *torno*. Sem dizer nada, Tengo contemplava essa cena como uma testemunha que presencia a destruição e o renascimento de um planeta.

Aomame também permanecia em silêncio. Os dois estavam sentados no topo do escorregador gelado de mãos dadas. Voltaram a ser um menino e uma menina de dez anos. Um menino solitário e uma menina solitária. A sala, após as aulas, no início da estação de inverno. Os dois não tinham forças nem conhecimento para saber o que deveriam oferecer ao outro e o que buscavam no outro. Nunca ninguém os amou de verdade, e nunca eles amaram alguém de verdade. Nunca abraçaram alguém e nunca ninguém os abraçou. Eles não sabiam para onde aquele acontecimento os conduziria. Naquele momento, haviam dado o primeiro passo dentro de um quarto sem portas. Não podiam mais sair dali. E, tampouco, alguém poderia entrar. Naquele momento, não sabiam que aquele era o único local de absoluta plenitude existente no mundo. Um local isolado, que não podia ser manchado pela solidão.

Quanto tempo havia se passado? Cinco minutos ou uma hora? Ou o dia inteiro? Ou o tempo havia parado? O que Tengo sabia sobre o tempo? A única coisa que ele sabia era que podiam ficar para sempre em silêncio no topo do escorregador do parque infantil, de mãos dadas. Foi o que sentira aos dez anos, e agora, vinte anos depois.

Ele sabia que precisava de tempo para assimilar esse novo mundo que surgia diante dele. Precisava adaptar e reaprender todas as coisas, uma por uma: a maneira de pensar, o modo de ver as coisas, selecionar as palavras, o jeito de respirar e de mover o corpo. Para isso, precisava juntar todo o tempo existente no mundo. Não — talvez o mundo todo fosse insuficiente.

— Tengo — Aomame sussurrou em seu ouvido. Sua voz não era baixa nem alta. Era a voz que continha uma promessa. — Abra os olhos.

Tengo abriu os olhos. O tempo começou a fluir no mundo.

— Lá estão as luas — disse Aomame.

E uma parte de sua alma

A luz da lâmpada fluorescente do teto incidia sobre o corpo de Ushikawa. A calefação estava desligada e uma única janela aberta mantinha o quarto frio, como uma câmara frigorífica. No centro desse recinto havia algumas mesas de reunião agrupadas e Ushikawa estava deitado de costas sobre elas. Ele estava com um conjunto de peças íntimas de inverno e um cobertor velho a cobrir-lhe o corpo. O cobertor tinha uma protuberância na altura da barriga, como um formigueiro que se destaca no meio da campina. Os indagadores olhos arregalados — que ninguém conseguiu fechar — estavam cobertos com um pedaço de pano. Os lábios estavam levemente entreabertos, mas dali nunca mais haveria de escapar o ar ou alguma palavra. A cabeça parecia muito mais achatada e enigmática do que quando estava vivo e ainda se mexia. E os fios crespos, grossos e negros de seus cabelos, que lembravam pelos pubianos, rodeavam lastimavelmente aquela cabeça.

O rapaz de cabelo rente vestia um casaco de náilon azul-marinho, e o de rabo de cavalo, uma jaqueta de vaqueiro marrom com detalhes de pele na gola. As roupas eram ligeiramente fora do tamanho, como se tivessem sido escolhidas às pressas entre um limitado estoque. Mesmo no interior do recinto, o ar que expiravam era esbranquiçado. Somente três pessoas estavam ali: o rapaz de cabelo rente, o de rabo de cavalo e Ushikawa. Numa das paredes havia três janelas corrediças de alumínio próximas ao teto, e uma delas estava totalmente aberta, para manter a temperatura do ambiente baixa. Não havia nenhuma mobília, exceto as mesas em que o corpo de Ushikawa jazia. Um recinto impessoal e funcional. O cadáver — ainda que fosse o cadáver de Ushikawa —, ao ser exposto num local como aquele, adquiria características igualmente impessoais e funcionais.

Ninguém falava. Reinava um completo silêncio no recinto. O rapaz de cabelo rente precisava pensar em inúmeras coisas e o outro, o de rabo de cavalo, jamais abria a boca. Ushikawa era um homem eloquente, mas havia dois dias que estava morto. O rapaz de cabelo rente andava lentamente ao lado da mesa em que estava o cadáver de Ushikawa, indo de um lado para outro, perdido em pensamentos. Exceto quando se aproximava da parede para mudar de direção, seus passos eram regulares. Seus sapatos de couro não emitiam nenhum barulho em contato com o carpete barato, de coloração levemente amarelo-esverdeada. O rapaz de rabo de cavalo, como sempre, estava em pé ao lado da porta, totalmente imóvel. As pernas estavam ligeiramente abertas e, em posição ereta, ele mantinha

o foco em algum ponto invisível do ar. Não demonstrava cansaço ou frio. As únicas coisas que indicavam que ele estava vivo eram os olhos, que vez por outra piscavam, e o ar esbranquiçado que saía regularmente pela boca.

Durante o dia, algumas pessoas se reuniram naquele recinto gelado para conversar. Foi necessário aguardar um dia até que alguns dos dirigentes de outras sedes regionais pudessem se deslocar até lá. A reunião era sigilosa, razão pela qual a conversa se deu em tom comedido e em voz baixa, para que não pudesse ser ouvida do lado de fora. O corpo de Ushikawa permanecia sobre as mesas como um objeto de exposição de uma feira industrial de ferramentas mecânicas. O corpo estava em estado de rigidez cadavérica e, até descongelar e se tornar mais flexível, levaria no mínimo três dias. De vez em quando, as pessoas olhavam rapidamente para o cadáver enquanto discutiam questões de ordem prática.

Durante a discussão, e inclusive quando o assunto era sobre o morto, não se via nenhum sentimento de respeito ou de pesar pela morte de Ushikawa. As únicas coisas que aquele cadáver rígido, baixo e gordo suscitava nos corações ali presentes era um tipo de ensinamento e algumas reflexões. Nada mais além disso. Não importa o que aconteça, jamais podemos voltar o tempo e, se por ventura a morte trouxer alguma solução, ela será apenas para o morto. Era esse tipo de ensinamento e de reflexão.

O que fariam com o corpo de Ushikawa? Tudo levava a crer que já sabiam de antemão o que fazer com ele. Se a polícia o encontrasse, morto de forma violenta, o caso seria investigado a fundo e, certamente, viria à tona a relação dele com o grupo religioso. Um risco que eles queriam evitar a qualquer custo. Por isso, assim que diminuísse a rigidez cadavérica, eles o levariam secretamente para o enorme incinerador dentro do terreno da sede e rapidamente resolveriam a situação, transformando-o em fumaça escura e cinzas brancas. A fumaça seria tragada pelo céu, e as cinzas, espalhadas na lavoura como adubo para as hortaliças. Esse era um tipo de serviço já realizado inúmeras vezes sob o comando do rapaz de cabelo rente. O corpo do Líder, porém, era grande demais, e por isso, naquela ocasião, foi necessário “cortá-lo” em pedaços menores com um serrote. Mas no caso deste homem, por ele ser pequeno, não havia essa necessidade. Isso era um alívio para o rapaz de cabelo rente. No fundo, ele detestava trabalhos sangrentos. Lidando com vivos ou mortos, preferia não ter de ver sangue.

O superior do rapaz de cabelo rente lhe fez algumas perguntas: Quem matou Ushikawa? Por que ele foi morto? Qual o objetivo de ter alugado aquele apartamento em Kôenji? O rapaz de cabelo rente, como chefe do setor de segurança, precisava dar respostas. Mas o fato é que ele não as tinha.

Na terça-feira, antes de amanhecer, ele recebera um telefonema de um homem misterioso (que era Tamaru) informando que o corpo de Ushikawa estava naquele apartamento. A conversa que tiveram girou em torno de assuntos práticos e, ao mesmo tempo, insinuava outros assuntos mesclados de

dissimulação. Ao desligar o telefone, o rapaz de cabelo rente convocou imediatamente dois fiéis que viviam em Tóquio e que eram seus subordinados, e os quatro, vestidos com uniformes e fingindo serem funcionários de uma empresa de mudanças, foram até o local em um Toyota HiAce. Foi necessário gastar tempo para averiguar se aquilo não era uma armadilha. Eles estacionaram o veículo a uma certa distância do local e, antes de mais nada, um deles desceu e foi fazer o reconhecimento da área no entorno do prédio. Era preciso ter muita cautela. A polícia poderia estar de tocaia para capturá-los assim que dessem um passo para dentro do apartamento. Situação que era preciso evitar a qualquer custo.

Eles deram um jeito para colocar o corpo de Ushikawa num tipo de caixa-contêiner que haviam providenciado, e saíram do prédio carregando-a até a traseira da HiAce. Era uma madrugada fria e, felizmente, não havia ninguém nas ruas. Outra coisa que tomou muito tempo foi o pente-fino realizado no apartamento. Precisavam ter certeza de que realmente não havia nada no local que pudesse servir de pista. Munidos de lanternas, eles vasculharam cuidadosamente todos os cantos do apartamento, mas não encontraram nada que chamasse a atenção. Havia apenas um estoque de alimentos, um aquecedor portátil, um saco de dormir e alguns objetos de uso pessoal. No lixo havia praticamente só latas vazias e garrafas descartáveis. Tudo levava a crer que Ushikawa se escondera naquele apartamento para vigiar alguém. O olhar atento do rapaz de cabelo rente não deixou escapar os sinais do tripé da câmera fotográfica que deixaram uma sutil marca no tatame, bem próximo à janela. Mas não encontraram a câmera nem as fotos. A pessoa que matou Ushikawa deve ter levado tudo. Inclusive os filmes. O fato de Ushikawa ter morrido vestindo apenas as roupas íntimas indicava que fora surpreendido quando estava dentro do saco de dormir. Esse alguém deve ter entrado no apartamento sem fazer barulho. A morte de Ushikawa deve ter sido horrível. A cueca estava encharcada de urina.

Somente o rapaz de cabelo rente e o de rabo de cavalo levaram o corpo de Ushikawa até Yamanashi. Os outros dois permaneceram em Tóquio para terminar o serviço. O rapaz de rabo de cavalo foi quem dirigiu o veículo durante todo o percurso. Eles pegaram a Rodovia Metropolitana e seguiram na direção oeste pela rodovia Chûô. As estradas de madrugada estavam vazias, mas o limite de velocidade foi respeitado. Se a polícia parasse o carro, seria o fim. As placas — tanto a dianteira quanto a traseira — eram roubadas e, na carroceria, havia um contêiner com o corpo de Ushikawa. Não havia possibilidade de justificar uma situação como aquela. Durante o trajeto, ambos permaneceram em silêncio.

Ao chegarem à sede ao amanhecer, foram recebidos pelo médico de Sakigake, que examinou o corpo de Ushikawa e constatou que a morte se dera por asfixia. Mas não havia sinal de estrangulamento. O médico cogitou a hipótese de que tivesse sido usado algum tipo de saco plástico envolvendo a cabeça para não deixar vestígios. Os braços e as pernas também foram examinados, mas não se encontrou nenhuma marca de que tivessem sido atados. Não havia também sinais de contusões ou de algum tipo de tortura. Seu rosto tampouco denotava

sinais de sofrimento. Se sua expressão tivesse de ser descrita, era a de alguém que aguardava em vão a resposta para uma sincera e autêntica indagação. Não havia dúvidas de que ele havia sido assassinado, mas aparentemente o corpo estava em perfeito estado. O médico achou aquilo muito estranho e cogitou que, após a morte, alguém houvesse massageado o rosto para que sua expressão ficasse mais serena.

— É um trabalho perfeito, de um profissional — disse o rapaz de cabelo rente ao seu superior. — Ele não deixou nenhum vestígio. Possivelmente, a vítima não teve sequer condições de gritar. Como aquilo aconteceu durante a madrugada, se ele tivesse gritado de dor, certamente o prédio todo teria escutado. Um amador não conseguiria fazer esse tipo de serviço.

Mas por que Ushikawa fora morto por um profissional?

O rapaz de cabelo rente escolheu cuidadosamente as palavras:

— Acho que, sem querer, Ushikawa andou vigiando alguém que não deveria. Creio que nem ele próprio sabia disso.

É a mesma pessoa que matou o Líder?

— Não há como provar, mas acho que a possibilidade é grande — disse o rapaz de cabelo rente. — Acho que Ushikawa foi, de certa forma, torturado. Não sei exatamente como, mas com certeza deve ter sido duramente interrogado.

Até que ponto ele disse o que sabe?

— Ele deve ter dito tudo o que sabia — disse o rapaz de cabelo rente. — Não há dúvidas quanto a isso. Mas as informações que Ushikawa possuía eram limitadas. Por isso, mesmo que tenha dito tudo, não vai nos causar danos reais.

As informações que o rapaz de cabelo rente possuía também eram limitadas, mas ele sabia muito mais do que Ushikawa, uma pessoa de fora do grupo.

O superior indagou se o termo profissional significava que o homem que matara Ushikawa pertencia a algum grupo criminoso.

— Aquela maneira de ele proceder não é a das yakuza nem do crime organizado — respondeu o rapaz de cabelo rente, balançando a cabeça num gesto negativo. — Eles agem de uma maneira mais sangrenta, com extrema violência. Jamais fariam um serviço tão refinado. A pessoa que matou Ushikawa queria nos dar um recado. Que eles possuem um sistema altamente sofisticado e, se alguém se intrometer, o contra-ataque será infalível. Eles estão nos avisando que é melhor não nos metermos neste assunto.

Neste assunto?

O rapaz de cabelo rente balançou a cabeça. — Eu não sei bem que assunto é esse. Ushikawa estava agindo sozinho havia algum tempo. Cheguei a solicitar várias vezes um relatório parcial de suas atividades, mas ele sempre dava a desculpa de que ainda não possuía material suficiente para apresentar um relatório. Acho que ele queria descobrir e esclarecer os fatos sozinho, para depois apresentá-los como relatório final. Por isso, morreu levando consigo as informações que havia obtido. O próprio Líder escolheu pessoalmente Ushikawa, e até hoje ele fazia um trabalho independente. Ele não se adequava ao

sistema. Mesmo em relação ao sistema de hierarquia, eu não estava numa posição de dar-lhe ordens.

O rapaz de cabelo rente precisava deixar bem claro o que era de sua responsabilidade. O grupo religioso possuía um sistema organizacional. Todo sistema possui regras e suas respectivas penalidades. Ele não queria que o considerassem negligente, ou que tivesse de assumir toda a responsabilidade pelo ocorrido.

Afinal, quem Ushikawa vigiava daquele apartamento?

— Não sei. O normal seria pensar que ele estava vigiando alguém que mora naquele prédio, ou alguma outra pessoa das redondezas. Os homens que deixei em Tóquio estão fazendo esse levantamento, mas, até agora, não entraram em contato. Eles estão demorando muito para colher essas informações. Estive pensando se não seria melhor voltar para Tóquio e eu mesmo averiguar isso.

O rapaz de cabelo rente parecia não confiar muito na capacidade dos seus subordinados de Tóquio. Eles eram leais, mas a habilidade de lidar com esse tipo de serviço estava longe de ser satisfatória. Ele ainda não havia relatado os detalhes da situação. O melhor e mais eficiente seria ele mesmo fazer o serviço. Talvez o melhor fosse verificar minuciosamente o que havia no escritório de Ushikawa. Talvez aquele homem do telefonema já tivesse feito isso. Mas seus superiores não lhe permitiram voltar a Tóquio. Até que as coisas ficassem um pouco mais claras, ele e o rapaz de rabo de cavalo deveriam permanecer na sede. Era uma ordem.

O superior perguntou se, por acaso, Ushikawa não estava vigiando Aomame.

— Não. Não creio que fosse Aomame — respondeu o rapaz de cabelo rente. — Se a pessoa que morava naquele prédio fosse a Aomame, assim que soubesse do endereço dela, ele imediatamente entraria em contato conosco. Com isso, ele cumpriria sua responsabilidade, e o serviço estaria concluído. Provavelmente, a pessoa que Ushikawa estava vigiando possuía alguma ligação, ou *talvez* pudesse levá-lo até o local em que ela estava. Não consigo pensar em outra explicação.

Quer dizer que, enquanto Ushikawa estava vigiando esse alguém, o outro lado percebeu e decidiu colocar um ponto final?

— Creio que sim — disse o rapaz de cabelo rente. — Ele trabalhava sozinho e acabou se aproximando demais de um local perigoso. Ele deve ter obtido alguma pista relevante e quis ver logo o resultado. Se tivesse montado uma equipe, teria se protegido mais, e não iria terminar desse jeito.

Você conversou diretamente com esse homem. Você acha que há alguma possibilidade de marcarmos um encontro para conversar com Aomame?

— Não sei dizer. Se Aomame não quiser conversar conosco, creio que não teremos nenhuma possibilidade de marcar esse encontro. Eu percebi essa nuance pelo modo como o homem falou comigo ao telefone. Tudo vai depender dela.

Eles deveriam estar gratos por termos nos disposto a esquecer o que aconteceu

ao Líder e garantir a segurança dela.

— Eles querem mais informações. Por que nós queremos nos encontrar com Aomame? Por que estamos propondo uma trégua? O que de fato queremos negociar?

Se eles querem saber isso, significa que não possuem as informações corretas.

— Isso mesmo. Por outro lado, nós também não temos nenhuma informação segura a respeito deles. Sequer sabemos os motivos que os levaram a planejar e executar o assassinato do nosso Líder.

Seja como for, enquanto aguardamos a resposta deles, precisamos continuar a procurar Aomame. Mesmo que, durante o processo, tenhamos de vigiar alguém.

O rapaz de cabelo rente fez uma pequena pausa antes de dizer: — Nós temos uma organização extremamente fechada. Podemos agrupar os membros e agir de modo rápido e eficiente. Temos consciência de nossos objetivos, uma moral elevada e, se necessário, somos capazes de dar a própria vida. Mas, de um ponto de vista puramente técnico, não passamos de um grupo de amadores. Não temos um treinamento especializado. Comparados a nós, eles são profissionais. Detêm conhecimento, agem com frieza e não hesitam em fazer o que for necessário. Além de possuírem vasta experiência. Como o senhor deve saber, Ushikawa não era um homem desatento.

Como você pretende continuar a busca, objetivamente falando?

— No momento, a melhor coisa a fazer é descobrir a *provável pista* que Ushikawa estava seguindo. Seja lá que tipo de pista ele tenha encontrado.

Ou seja, não temos nenhuma outra pista a não ser essa?

— Isso mesmo — admitiu o rapaz de cabelo rente.

Independentemente do perigo que vamos correr e do sacrifício que tenhamos que fazer, temos de encontrar e capturar essa mulher chamada Aomame. Quanto mais rápido, melhor.

— Essa foi a orientação ditada pela voz? — perguntou o rapaz de cabelo rente. — Não importa o sacrifício que tenhamos que fazer, temos que *capturar* Aomame o mais rápido possível?

O superior não respondeu. Aquelas informações não eram reveladas para pessoas do nível do rapaz de cabelo rente. Ele não fazia parte da diretoria do grupo. Era apenas o chefe de uma unidade de ação. Mas o rapaz de cabelo rente sabia. Sabia que aquela era a última mensagem *deles*, e que aquela teria sido a última vez que as donzelas — que tinham uma função semelhante à das *miko*, donzelas dos santuários xintoístas — escutaram aquela “voz”.

No recinto gelado, o rapaz de cabelo rente caminhava, de um lado para outro, diante do corpo de Ushikawa, quando, de repente, algo passou de relance no cantinho de sua consciência. Nesse exato momento ele parou de andar, fez uma careta que aproximou as sobrancelhas e tentou descobrir o formato daquela *coisa* que acabara de passar por sua mente. Assim que ele parou de andar, o rapaz de rabo de cavalo, que estava em pé ao lado da porta, mudou um pouco a postura.

Expirou profundamente e passou o centro da gravidade de uma perna para a outra.

“Kôenji”, pensou o rapaz de cabelo rente, franzindo levemente as sobrancelhas. E, seguindo atenta e calmamente uma linha tênue, vasculhou as profundezas escuras de sua memória. Alguém que estava envolvido nesse caso morava em Kôenji. Mas quem?

Ele tirou do bolso sua agenda grossa toda amassada e começou rapidamente a folheá-la. Queria ter a certeza de que sua memória não estava errada. Era Tengo Kawana. O endereço dele era Suginami, distrito de Kôenji. O mesmo endereço do prédio em que Ushikawa foi encontrado morto. A única diferença era o número do apartamento. Um ficava no terceiro pavimento e o outro, no primeiro. Será que o Ushikawa estava lá para vigiar os passos de Tengo Kawana? Não havia dúvidas. Não se tratava apenas de uma simples coincidência.

Mas por que Ushikawa resolveu espreitá-lo numa situação tão crítica como aquela? O rapaz de cabelo rente não se lembrava do endereço de Tengo, pois ele havia deixado de ser um dos alvos de sua atenção. Tengo Kawana havia reescrito a *Crisálida de ar*, de Eriko Fukada. A obra recebeu o prêmio de autora revelação da revista literária, foi publicada em livro e, enquanto estava na lista de mais vendidos, Tengo realmente foi um dos alvos de sua atenção. Havia, também, uma certa desconfiança de que Tengo tivesse alguma função importante naquilo tudo, e que talvez guardasse algum segredo importante. Mas, agora, sua função havia terminado. Eles concluíram que Tengo apenas reescrevera a obra a pedido de Komatsu, e que recebera uma modesta remuneração por esse trabalho. Sua participação, portanto, limitara-se a isso. O atual interesse do grupo era apenas de encontrar Aomame. Mesmo ciente disso, Ushikawa agira tendo como foco aquele professor de escola preparatória. Ele montou todo um esquema e seguiu à risca essa linha de investigação. Como resultado, perdera a vida. Por quê?

Esse era um ponto que o rapaz de cabelo rente não conseguia entender. Ushikawa, com certeza, possuía algum tipo de pista e, ao que parece, ele sabia que, se ficasse grudado em Tengo, conseguiria encontrar Aomame. Foi por isso que fez questão de ficar naquele apartamento, montou a câmera num tripé próximo à janela e o vigiava havia algum tempo. Será que há alguma ligação entre Tengo e Aomame? Se houver, que tipo de ligação seria?

O rapaz de cabelo rente saiu do recinto sem dizer nada, foi para a sala ao lado, aquecida, e ligou para um apartamento em Sakuragaoka, no distrito de Shibuya em Tóquio. Mandou chamar seu subordinado e ordenou que ele retornasse imediatamente ao apartamento de Ushikawa em Kôenji para vigiar Tengo, observando suas entradas e saídas do prédio. Ele descreveu Tengo como um homem grande de cabelos curtos; que dificilmente passaria despercebido. Instruiu que, se ele saísse do prédio, deveria segui-lo em dupla, sem que ele percebesse. “Em hipótese alguma, deixem-no escapar. Descubram para onde ele vai. Não importa o que aconteça, sigam-no. Nós iremos para aí o mais rápido possível.”

O rapaz de cabelo rente voltou para o recinto em que estava o corpo de

Ushikawa e disse para o rapaz de rabo de cavalo que partiriam imediatamente para Tóquio. O rapaz de rabo de cavalo assentiu discretamente. Ele nunca pedia explicações. Entendia as ordens e rapidamente partia para a ação. Assim que o rapaz de cabelo rente deixou o recinto, ele trancou a porta a chave, para que as pessoas de fora não tivessem acesso. Ao sair do prédio, foi para o estacionamento onde havia dez carros enfileirados e escolheu um Nissan Gloria preto. Os dois entraram no carro e ele girou a chave que já estava na ignição. O tanque de gasolina estava cheio, conforme o regulamento. Quem novamente dirigia o carro era o rapaz de rabo de cavalo. A placa do Nissan Gloria era legal, e os documentos estavam em ordem. Não haveria problemas caso passassem um pouco o limite de velocidade.

Após percorrer um bom tempo a rodovia é que o rapaz de cabelo rente se deu conta de que não havia recebido a permissão do superior para voltar a Tóquio. Isso poderia se tornar um problema mais tarde. Mas não havia outro jeito. Era uma questão urgente. O jeito era explicar a situação assim que chegasse a Tóquio. Ele franziu levemente as sobrancelhas. As restrições impostas pela organização às vezes o aborreciam. A quantidade de regras costumava aumentar, nunca diminuir. Mas ele sabia que não conseguiria viver longe da organização. Ele não era um lobo solitário. Era apenas um entre inúmeros dentes de uma roda que se limitava a cumprir ordens.

Ele ligou o rádio para ouvir o noticiário das oito. Ao terminar o noticiário, o rapaz de cabelo rente desligou o rádio, reclinou o banco e dormiu um pouco. Quando acordou, estava com fome (quando foi a última vez que fizera uma refeição decente?), mas não tinham tempo de parar o carro numa área de serviços. Estavam com pressa de seguir em frente.

Naquele exato momento, Tengo se reencontrava com Aomame no escorregador do parque infantil. Os rapazes, porém, não tinham como saber onde Tengo estava. Acima de Tengo e Aomame havia duas luas pairando no céu.

O corpo de Ushikawa jazia na escuridão do recinto resfriado. Não havia ninguém, a não ser ele. A lâmpada estava apagada e a porta trancada. A luz pálida da Lua entrava pela janela próxima ao teto. Ushikawa estava num ângulo que não lhe permitiria ver a Lua, por isso ele não saberia dizer se havia uma ou duas luas.

Não havia relógio ali, razão pela qual não dava para saber que horas eram. Provavelmente, havia se passado cerca de uma hora desde que o rapaz de cabelo rente e o de rabo de cavalo partiram para Tóquio. Se alguém estivesse naquele recinto e presenciasse o momento em que a boca de Ushikawa começou a se mexer, essa pessoa certamente ficaria extremamente assustada. Era um acontecimento excepcional, amedrontador. Principalmente pelo fato de Ushikawa estar morto, e o corpo, em estado de rigidez cadavérica. Mas, mesmo nesse estado, sua boca começou a tremer até que, finalmente, se abriu com um barulho seco.

Se alguém estivesse ali, ficaria apreensivo, achando que Ushikawa

começaria a falar. Alguma informação importante que, provavelmente, só ele deveria saber. Essa pessoa, mesmo apavorada, engoliria em seco e aguardaria o que ele teria a dizer. A expectativa de saber que tipo de segredo seria revelado iria ser grande.

Mas, da boca aberta de Ushikawa, não saiu nenhuma voz. O que saiu não foram palavras nem ar, mas seis homens pequeninos. Todos com cerca de cinco centímetros. Estavam vestidos e, pisando na língua esverdeada como musgo e transpondo os dentes irregulares e sujos, foram saindo em fila, como os mineiros que retornam para a superfície ao entardecer, após um dia de trabalho. Mas tanto as roupas quanto os rostos estavam limpos, e eles não estavam suados. Eram homens que não tinham nenhuma relação com sujeira e desgaste.

O seis homenzinhos do Povo Pequenino saíram da boca de Ushikawa, desceram até as mesas em que o corpo estava deitado e, conforme se chacoalhavam, seus corpos cresciam gradativamente. Eles mudavam de tamanho de acordo com a necessidade. Mas nunca passavam de um metro de altura, ou ficavam menores que três centímetros. Quando atingiram o tamanho de seis a sete centímetros, pararam de se chacoalhar e, um por um, foram descendo da mesa até o chão. Os rostos do Povo Pequenino eram isentos de expressão. Mas isso não significava que seus rostos eram como máscaras. Eram rostos bem comuns. Exceto pelo tamanho, eles possuíam um rosto muito parecido com o meu ou o seu. Portanto, o fato de não esboçarem uma expressão significava apenas que, naquele momento, não havia a necessidade de esboçar nenhum tipo de expressão.

Eles não demonstravam estar com pressa, tampouco pareciam estar sossegados. Eles possuíam tempo suficiente para fazer o que precisavam fazer. O tempo não era muito longo nem muito curto. Os seis se sentaram no chão, em silêncio, formando uma roda, sem que ninguém precisasse fazer um sinal. Um círculo perfeito, com dois metros de diâmetro.

Finalmente, um deles, sem dizer nada, esticou o braço e tirou um fio do ar. O fio tinha quinze centímetros de comprimento e sua cor era de um creme quase branco, semitransparente. Ele colocou esse fio no chão. O próximo também procedeu da mesma maneira. Puxou um fio da mesma cor e do mesmo tamanho. Os outros três fizeram o mesmo. O último foi o único que agiu de maneira diferente. Ele se levantou, afastou-se do círculo, subiu novamente na mesa de reunião, esticou o braço e puxou um fio do cabelo crespo da cabeça disforme de Ushikawa. Ouviu-se um pequeno barulho breve e destacado do fio sendo arrancado da cabeça. Para este último homenzinho, o cabelo de Ushikawa é que era o seu fio. O primeiro homenzinho agrupou, com suas mãos habilidosas e bem treinadas, os cinco fios colhidos do ar e o fio de cabelo de Ushikawa.

Procedendo dessa maneira, os seis homenzinhos começaram a fazer uma nova crisálida de ar. Desta vez, ninguém conversava. Nem marcava o ritmo. Em silêncio, eles tiravam uma linha do ar, um fio de cabelo de Ushikawa, e, mantendo um ritmo regular, foram tecendo a crisálida de ar. Apesar de o recinto estar gelado, o ar que eles soltavam não era esbranquiçado. Se alguém estivesse ali,

acharia aquilo estranho. Ou, como já aconteciam coisas por demais surpreendentes, a pessoa nem repararia nesse detalhe.

Por mais que o Povo Pequenino trabalhasse assiduamente (eles não descansavam), seria impossível tecer uma crisálida de ar em uma só noite. Seriam necessários, no mínimo, três dias. Mesmo assim, os seis não pareciam afobados. Até que a rigidez cadavérica de Ushikawa abrandasse, e o corpo fosse levado ao incinerador, levaria pelo menos dois dias. Eles sabiam disso. Em duas noites, conseguiriam dar um formato à crisálida de ar. Eles tinham o tempo necessário para isso. E não conheciam o cansaço.

Ushikawa estava deitado sobre a mesa, com a pálida luz da Lua incidindo em seu corpo. A boca estava escancarada, e um tecido grosso lhe cobria os olhos que continuavam abertos. A última cena que suas retinas viram no derradeiro instante de sua vida foi a do cachorrinho correndo alegremente no gramado do pequeno jardim de sua casa nova, que ele havia adquirido pouco tempo antes no bairro de Chûôrinkan.

E uma parte de sua alma estava se transformando numa crisálida de ar.

Aomame

Nunca mais vou largar sua mão

Aomame sussurrou para Tengo abrir os olhos. Tengo os abriu. E o tempo recomeçou a fluir.

Aomame lhe disse que estava vendo as luas.

Tengo levantou o rosto e olhou o céu. As nuvens haviam se dissipado e as luas pairavam sobre os galhos desfolhados da zelkova. Uma lua grande e outra pequena. Uma lua grande e amarela, a outra pequena e esverdeada. *Maza e dohta*. A luz coloria o contorno das nuvens que cruzavam o céu, mesclando-se suavemente à coloração das luas, como a barra de uma saia longa que, sem querer, foi mergulhada em uma bacia de tinta.

Tengo olhou para a Aomame, sentada ao seu lado. Ela não era mais aquela garota de dez anos, magricela e com aparência desnutrida, que usava roupas velhas, fora do tamanho, com os cabelos grosseiramente cortados pela mãe. Não havia mais nenhum resquício daquela menina de outrora, mas bastava olhá-la para saber que a pessoa ao seu lado só podia ser ela. Aos olhos de Tengo não havia dúvidas de que era Aomame. A expressão de seu olhar era a mesma, apesar de terem se passado vinte anos. Um olhar intenso, límpido e claro. Um olhar que sabia exatamente o que queria ver. Um olhar confiante, de quem sabe o que quer, e que não poderia ser demovida por ninguém. Aqueles olhos estavam focados em Tengo. E eram capazes de enxergar seu coração.

Ela viveu durante vinte anos em algum lugar que Tengo desconhecia, mas, agora, ela era adulta e tinha se tornado uma linda mulher. No mesmo instante, Tengo conseguiu incorporar, sem reservas, todos os lugares e o tempo decorrido, fazendo-os se tornar parte de seu corpo e sangue. Todos os lugares e o tempo decorridos pertenciam a ele.

Tengo sabia que precisava dizer alguma coisa. As palavras, porém, não lhe saíam da boca. Seus lábios mexiam-se sutilmente, tentando encontrar no ar alguma palavra adequada, mas em vão. De seus lábios vinha apenas um suspiro esbranquiçado, como uma ilha solitária a vagar. Aomame fitou os olhos de Tengo e balançou uma única vez a cabeça, discretamente. Tengo entendeu esse seu gesto. *Não precisava dizer nada*. Ela continuava a segurar a mão de Tengo dentro do bolso da jaqueta e, nem por um segundo, ela fazia menção de largá-la.

Estamos vendo a mesma coisa, foi o que disse Aomame, bem baixinho, ainda mirando os olhos dele. Era uma pergunta e, ao mesmo tempo, não era. Ela já sabia daquilo, mas, mesmo assim, precisava de uma confirmação.

Há duas luas pairando no céu, disse ela.

Tengo concordou com a cabeça. “Há duas luas pairando no céu”, pensou, sem dizê-lo em voz alta. Estranhamente, sua voz não saía. Ele apenas podia pensar.

Aomame fechou os olhos, curvou-se e encostou o rosto no peito de Tengo, colocando o ouvido sobre o seu coração. Ela escutava atentamente o que Tengo mentalizava. Eu preciso saber, disse ela, preciso saber se estamos no mesmo mundo e se vemos a mesma coisa.

Tengo sentiu que o enorme redemoinho que havia dentro dele desaparecera por completo. Ao seu redor havia apenas uma noite serena de inverno. As janelas iluminadas do prédio do outro lado da rua — o local em que Aomame estivera escondida durante os dias de fugitiva — eram as únicas coisas que indicavam a existência de outras pessoas vivendo naquele mundo. Isso provocava nos dois um sentimento muito estranho, a ponto de considerarem aquilo algo irracional e incorreto. Eles não conseguiam aceitar a ideia de que, além deles, havia outras pessoas vivendo naquele mundo.

Tengo inclinou levemente o corpo e cheirou os cabelos de Aomame. Eles eram lisos e belos. Uma orelha pequena e cor-de-rosa surgia por entre os fios, como um ser vivo tímido.

Foi há muito tempo, disse Aomame.

“Foi há muito tempo”, também pensou Tengo. Mas, no mesmo instante, percebeu que aqueles vinte anos deixaram de possuir uma importância substancial. Era como se os vinte anos tivessem passado numa questão de segundos, e que seria igualmente possível preenchê-los em segundos.

Tengo tirou a mão do bolso e envolveu os ombros dela. Sentiu a densidade de seu corpo na palma de sua mão. Levantou o rosto e olhou novamente as luas. O par de luas era visível por entre as nuvens, e elas continuavam a refletir sobre a terra aquela estranha luz de coloração mesclada. As nuvens passavam lentamente. Sob aquela luz, Tengo sentiu profundamente que seu coração era capaz de transformar o tempo em algo relativo. Vinte anos eram muito tempo. E, durante esse período, muitas coisas devem ter acontecido. Muitas coisas nasceram e outras tantas desapareceram. O que restou mudou de forma e se deteriorou. Vinte anos eram muito tempo, mas, para um coração decidido, o tempo jamais será *longo demais*. Mesmo que eles se encontrassem daqui a vinte anos, ele provavelmente sentiria a mesma coisa ao estar diante de Aomame. Tengo estava ciente disso. Mesmo que tivessem cinquenta anos, ao estar diante de Aomame ele sentiria o coração palpitar e estaria, assim como agora, profundamente confuso. Sentiria a mesma alegria e a mesma certeza.

Tengo pensou sobre isso apenas dentro de seu coração, sem se expressar verbalmente. Mas ele sabia que Aomame escutava atenta cada palavra, ainda que não dita. Ela estava com a orelha rosada encostada em seu peito e prestava atenção nas batidas de seu coração, como uma pessoa que consegue enxergar vividamente as paisagens ao seguir o mapa com o dedo.

Aomame disse em voz baixa que gostaria de ficar ali para sempre, sem se importar com o tempo, mas lembrou que precisavam fazer uma coisa.

“*Nós vamos nos mudar*”, pensou Tengo.

Isso mesmo. Nós vamos nos mudar, disse Aomame. E prosseguiu dizendo que o quanto antes melhor, pois não tinham muito tempo. Ela não sabia dizer em palavras para onde precisavam ir.

“Não precisa dizer”, pensou Tengo.

Você não quer saber para onde vamos?, indagou Aomame.

Tengo balançou a cabeça num gesto negativo. Os ventos da realidade não podiam apagar a chama de seu coração. Não havia mais nada de tão significativo quanto aquilo.

Nunca mais vamos nos separar, disse Aomame. Isso está mais do que certo. Nunca mais vou largar sua mão.

Uma nova nuvem apareceu e engoliu as duas luas durante um bom tempo. E, como as cortinas do palco que descem silenciosamente, o mundo se tornou um pouco mais escuro.

Precisamos nos apressar, sussurrou Aomame. Os dois se levantaram e ficaram em pé no topo de escorregador. As sombras dos dois se tornaram uma. Eles se davam firmemente as mãos, como se fossem crianças que tentam sair às apalpadelas de uma densa floresta cercada de escuridão.

— Nós vamos sair da cidade dos gatos — disse Tengo pela primeira vez. Aomame escutou com atenção o som daquela nova voz.

— Cidade dos gatos?

— É uma cidade onde impera uma profunda solidão durante o dia e gatos grandes ganham o controle durante a noite. Há um rio bonito e uma velha ponte de pedra. Mas não é um lugar para nós ficarmos.

“Cada um chamou *este mundo* com um nome diferente”, pensou Aomame. “Eu chamei de ‘1Q84’; ele, de ‘Cidade dos gatos’. Mas essas denominações referem-se à mesma coisa.” Aomame segurou a mão dele com mais força.

— Isso mesmo. Nós vamos sair da cidade dos gatos. Nós dois, juntos. Quando sairmos daqui, seja de dia ou de noite, nunca mais vamos nos separar.

Quando os dois deixaram o parque infantil, as luas estavam escondidas por trás das nuvens que passavam vagarosamente no céu. Os olhos das luas estavam cobertos. O menino e a menina deixavam a floresta de mãos dadas.

Se eu não estiver errada

Ao deixar o parque, os dois foram até a avenida e pegaram um táxi. Aomame pediu para o motorista ir até a Sangenjaya margeando a Rodovia Nacional 246.

Foi então que Tengo, pela primeira vez, reparou nas roupas de Aomame. Ela vestia um casaco de meia-estação de cor clara, um pouco fino para aquela época do ano. Tinha um cinto afivelado na frente. Sob o casaco, usava um blazer verde e minissaia justa. Meia-calça fina e sapatos de salto alto lustrados. Carregava no ombro uma bolsa de couro preta. A bolsa estava cheia e parecia pesada. Não usava luvas nem cachecol. Também não usava anel, colar ou brincos. Não usava perfume. Aos olhos de Tengo, tudo o que ela usava e que não usava lhe conferia uma aparência extremamente natural. Não havia nada que quisesse tirar ou acrescentar.

O táxi seguiu em direção à Rodovia 246, passando pelo anel viário 7. O trânsito fluía excepcionalmente bem. Durante o trajeto, os dois permaneceram por um bom tempo quietos. O rádio estava desligado e o jovem motorista mantinha-se calado. A única coisa que se ouvia era o som monótono dos pneus rodando incessantemente pela estrada. Aomame estava sentada no banco com o corpo encostado ao de Tengo e continuava segurando sua mão grande. Temia soltá-la, de modo que nunca mais pudesse pegá-la novamente. A cidade noturna rodeava os dois como uma corrente marítima tingida pela fosforescência dos microscópicos seres luminescentes.

— Tenho tantas coisas para dizer — falou Aomame, após um tempo. — Mas acho que não vou conseguir te explicar tudo até chegarmos lá. Não temos muito tempo. Mas, por mais tempo que se tenha, creio que não conseguiria dizer tudo.

Tengo balançou a cabeça discretamente. Não havia necessidade de explicar tudo. De agora em diante, eles poderiam preencher calmamente as lacunas, uma por uma — se fosse preciso preencher alguma. Para o Tengo de agora, se fosse algo que ambos compartilhavam, as lacunas podiam ser ignoradas e os mistérios jamais revelados, e mesmo assim ele sabia que seria capaz de sentir algo muito próximo à alegria diante daquela situação.

— O que devo saber sobre você? — indagou Tengo.

— O que você sabe sobre mim? — Aomame devolveu-lhe a pergunta.

— Quase nada — respondeu Tengo. — Que você é instrutora de um

clube esportivo, é solteira e atualmente mora em Kôenji.

— Eu também não sei quase nada de você. Sei apenas que é professor de matemática, leciona numa escola preparatória em Yoyogui e mora sozinho. E foi quem realmente escreveu a *Crisálida de ar* — disse Aomame.

Tengo fitou o rosto de Aomame com os lábios levemente entreabertos, numa expressão de surpresa. Pouquíssimas pessoas sabiam daquilo. Será que ela tinha alguma ligação com o grupo religioso?

— Não se preocupe. Estamos do mesmo lado — disse ela. — Se eu fosse te explicar como é que sei disso, a conversa ia ficar longa. Mas eu sei que a *Crisálida de ar* é um trabalho conjunto realizado por você e Eriko Fukada. E nós dois, em algum momento, adentramos num mundo em que existem duas luas no céu. Tem mais uma coisa: estou grávida. E, possivelmente, o filho é seu. Essas são as coisas mais importantes que você precisa saber.

— *Você está grávida* do meu filho? — o motorista devia estar ouvindo a conversa, mas Tengo não se importou.

— Durante vinte anos nós não nos encontramos uma única vez — disse Aomame. — Mesmo assim, estou grávida de seu filho. E pretendo tê-lo. Sei que não tem nenhuma lógica.

Tengo permaneceu em silêncio e aguardou Aomame prosseguir.

— Você se lembra daquela noite em que caiu uma tremenda tempestade, no início de setembro?

— Eu me lembro muito bem — disse Tengo. — Durante o dia fez sol, mas, no final da tarde, de repente, começou a trovejar e veio uma tremenda tempestade. A estação Akasakamitsuke ficou alagada e o serviço do metrô foi temporariamente interrompido — Tengo também se lembrou de que Fukaeri havia dito que *o Povo Pequeninino estava alvoroçado*.

— Foi naquela noite que fiquei grávida — disse Aomame. — Mas, tanto naquele dia, quanto nos meses anteriores e posteriores, eu não mantive nenhuma relação *desse tipo*.

Ela aguardou Tengo assimilar essa informação para, em seguida, prosseguir:

— No entanto, não há dúvidas de que *isso* aconteceu naquela noite. E tenho certeza de que o filho é seu. Não sei explicar direito, mas *só sei que eu sei*.

Tengo se lembrou de que, naquela noite, ele e Fukaeri tiveram uma relação sexual muito estranha, e que aquilo acontecera uma única vez. Do lado de fora, os trovões reverberavam intensamente e enormes gotas de chuva se chocavam contra a janela. Se tomasse emprestadas as palavras de Fukaeri, o Povo Pequeninino estava alvoroçado. Tengo sentia o corpo entorpecido e, quando estava deitado de costas na cama, Fukaeri subiu sobre o seu corpo, colocou o pênis duro dentro de si e sugou todo o seu sêmen. Ela parecia em transe. Os olhos dela se mantiveram fechados, como numa meditação. Os seios eram grandes, redondos, e ela não tinha pelos pubianos. Não parecia uma cena real. Mas não havia dúvidas de que aquilo de fato acontecera.

No dia seguinte, Fukaeri parecia não se lembrar do que ocorrera na noite

anterior. Ou fingiu que não havia acontecido. Tengo achou que aquilo não tinha sido exatamente uma relação sexual, mas algo parecido com uma transação comercial. Naquela noite de intensas trovoadas, Fukaeri aproveitou o corpo entorpecido de Tengo para colher eficientemente todo o seu sêmen. Literalmente, sugou-o até a última gota. Tengo ainda se lembrava da estranha sensação que sentiu naquela noite. Fukaeri parecia outra pessoa.

— Lembro-me de uma coisa — disse Tengo, com a voz seca. — Realmente, aconteceu uma coisa comigo que não consigo explicar racionalmente. Aomame fitou os olhos de Tengo.

— Quando aquilo aconteceu, eu não sabia o que significava e, mesmo agora, ainda não sei muito bem. Mas, se você ficou grávida naquela noite, e não há nenhuma outra possibilidade de explicar isso, a criança que está dentro de você é, de fato, minha.

A função de Fukaeri naquele momento provavelmente era a de *ser a condutora*. Através dela é que Tengo e Aomame se uniram. Num limitado período de tempo, ela uniu os dois fisicamente. Agora, Tengo sabia disso.

— Um dia contarei em detalhes o que aconteceu naquela noite — disse Tengo. — Mas, agora, neste momento, não tenho palavras para explicar.

— Você *realmente* acredita em mim, não é? Acredita que essa coisa pequenina que está dentro de mim é o seu filho.

— Acredito do fundo do meu coração — disse Tengo.

— Que bom — disse Aomame. — O que eu precisava saber era isso. Se você acredita em mim, o resto não importa. Não há necessidade de explicações.

— Você está grávida — Tengo indagou novamente.

— Estou no quarto mês — Aomame conduziu a mão de Tengo e a pousou em seu ventre, sobre o casaco.

Tengo se calou para sentir os sinais de vida dentro dela. Uma vida que ainda era pequenina, mas cujo calor a palma de sua mão conseguia captar.

— Para onde vamos nos mudar? Eu, você e esse ser pequenino?

— Para um lugar que não é aqui — disse Aomame. — Para um mundo onde existe somente uma lua no céu. O lugar em que nós deveríamos estar. Um lugar onde o Povo Pequenino não tem poder.

— Povo Pequenino? — Tengo franziu levemente as sobrancelhas.

— Você descreveu minuciosamente o Povo Pequenino na *Crisálida de ar*. Descreveu como eles eram e o que faziam.

Tengo assentiu.

— Eles realmente existem neste mundo. Exatamente com você os descreveu.

Quando ele reescreveu a *Crisálida de ar*, o Povo Pequenino não passava de seres fantásticos inventados por uma garota de dezessete anos com uma imaginação fértil. Ou, quando muito, representavam um símbolo ou uma metáfora. Mas, neste mundo, o Povo Pequenino realmente existe e eles, de fato, são poderosos. Agora, Tengo conseguia acreditar nisso.

— Não é somente o Povo Pequenino que existe neste mundo. Existe

também a crisálida de ar, *maza* e *dohita*, e as duas luas — disse Aomame.

— Você conhece a passagem para sairmos *deste mundo*?

— Vamos sair pela mesma passagem que me conduziu até aqui. Não consigo pensar em outra saída — e Aomame acrescentou — Você trouxe o romance que está escrevendo?

— Trouxe — disse Tengo, dando leves batidas na bolsa castanho avermelhada que carregava no ombro. E estranhou: Como é que ela sabia disso?

Aomame abriu um sorriso hesitante — Seja como for, eu sei.

— Parece que você sabe de muitas coisas — disse Tengo. Era a primeira vez que ele a via sorrindo. Era um sorriso singelo, mas capaz de alterar o nível das marés do mundo ao seu redor. Tengo sabia que isso estava acontecendo.

— Jamais o deixe — disse Aomame. — Trata-se de algo importante para nós.

— Não se preocupe. Não vou largá-lo.

— Nós viemos para *este mundo* para que pudéssemos nos encontrar. Nós mesmos não sabíamos disso, mas esse foi o objetivo de estarmos aqui. Foi preciso passar por todos os tipos de complicação. Situações sem sentido, desprovidas de uma explicação plausível; situações estranhas, situações sangrentas e situações tristes. De vez em quando, aconteceram coisas maravilhosas. Nós tivemos que fazer uma promessa e a cumprimos. Nós tivemos que enfrentar uma provação e conseguimos vencê-la. Estamos aqui por termos alcançado essa meta. Mas, agora, o perigo está perto. O que eles querem é a *dohita* que existe dentro de mim. Você deve saber o que significa *dohita*, não?

Tengo respirou fundo e disse: — Você vai ter nossa *dohita*; minha e sua.

— Isso mesmo. Não sei os detalhes que regem esse princípio, mas estou tentando criar uma *dohita* através da crisálida de ar, ou cumprindo a minha função de ser a própria crisálida de ar. E o que *eles* querem é pegar a nós três. Como um novo sistema para “ouvir a voz”.

— Qual seria a minha função? Se houver alguma outra que não seja apenas ser o pai da *dohita*?

— Você... — Aomame interrompeu o que ia dizer. Faltavam-lhe palavras. Ainda existiam algumas lacunas entre eles. Lacunas que precisariam preencher juntos, com o decorrer do tempo.

— Eu estava decidido a te encontrar — disse Tengo. — Mas não consegui. Foi *você* que me encontrou. Eu praticamente não fiz nada. Como posso dizer... Acho que isso não me parece justo.

— Não lhe parece justo?

— Estou sendo um fardo para você. No final das contas, eu não servi para nada.

— Você não está sendo um fardo para mim — disse Aomame, categoricamente. — Foi você que me conduziu até aqui. De um modo que não se pode ver. Nós dois somos um.

— Acho que eu já vi essa *dohita* — disse Tengo. — Ou, pelo menos, *o* que ela *significa*. Ela tinha a mesma aparência de quando você tinha dez anos e

estava dormindo dentro de uma crisálida de ar iluminada por uma tênue luz. Eu toquei no dedo da mão dela. Isso aconteceu uma única vez.

Aomame apoiou a cabeça no ombro de Tengo. — Tengo, nós não somos um peso um para o outro. De jeito nenhum. O que precisamos pensar de agora em diante é como proteger *esta coisa pequenina*. Eles estão atrás de nós. E estão bem perto. Eu consigo ouvir os passos deles.

— Não importa o que aconteça, eu jamais entregarei vocês. Nem você nem essa coisa pequenina. O fato de estarmos juntos significa que cumprimos o objetivo de estar neste mundo. Aqui, porém, é um lugar perigoso. Mas você disse que conhece a saída.

— Acho que sim — disse Aomame. — Se eu não estiver errada.

Tengo e Aomame

Como uma ervilha dentro da vagem

Ao descer do táxi num local que lhe era familiar, Aomame ficou em pé no cruzamento, olhou ao redor e viu, sob a rodovia, o depósito ensombrecido cercado por grades de metal. De mãos dadas com Tengo, atravessaram a faixa de pedestres e foram até lá.

Ela não conseguia se lembrar qual daquelas barras estava solta, sem o parafuso, mas, após verificar atenta e pacientemente as grades da cerca, uma por uma, conseguiu encontrar um vão por onde dava para passar uma pessoa. Aomame se curvou e, tomando cuidado para não enroscar a roupa, passou para o outro lado da cerca. Tengo curvou seu corpo grande e, encolhendo-se, também atravessou. O local estava do mesmo jeito que Aomame viu quando estivera lá em abril. Sacos de cimento abandonados e com as embalagens desbotadas, ferros de construção oxidados, ervas daninhas sem vida, papéis velhos espalhados pelo chão e excrementos brancos de pomba grudados em todos os cantos. Nada havia mudado nesses últimos oito meses. Talvez, durante todo esse tempo, ninguém houvesse pisado ali. Apesar de estar no centro da cidade e sua localização ser como a de um banco de areia em plena estrada principal, aquele local estava abandonado e esquecido.

— Esse é o local? — perguntou Tengo após observar o entorno.

Aomame balançou a cabeça num gesto afirmativo. — Se não encontrarmos uma saída, não poderemos ir a lugar nenhum.

Em meio à escuridão, Aomame tentou achar a escada de emergência pela qual havia descido da outra vez. Era uma escada estreita que ligava a Rodovia Metropolitana e a Rodovia 246, logo abaixo. “*Tem que haver uma escada por aqui*”, disse para si. Ela precisava acreditar nisso.

Encontraram a escada de emergência. Na verdade, era praticamente uma escada de mão, muito mais simples e mais perigosa do que se lembrava. Ela própria ficou admirada pela façanha de ter usado aquilo para descer. Mas a escada estava ali. Agora era só subir, degrau por degrau. Ela tirou os saltos altos da Charles Jourdan, guardou-os na bolsa e a ajeitou a tiracolo. Pisou no primeiro degrau com o pé envolto pela meia-calça.

— Me siga — disse Aomame, virando-se para trás e olhando Tengo.

— Não seria melhor eu subir na frente? — perguntou Tengo, preocupado.

— Não. Eu vou primeiro — aquele foi o caminho por onde ela desceu. Agora era a hora de ela subir.

A escada estava bem mais fria e gelada que da outra vez. As mãos que seguravam o ferro que servia de corrimão ficavam entorpecidas, a ponto de perderem a sensação tátil. Os ventos que sopravam por entre os pilares de sustentação da rodovia também estavam bem mais fortes e cortantes. Aquela escada era desafiadora, indiferente e não prometia nada.

Em setembro, quando ela procurou aquela escada do alto da rodovia, ela havia desaparecido. O caminho estava bloqueado. Mas o caminho inverso, que partia do depósito de materiais para subir até a rodovia, existia, como ela constatava naquele exato momento. Era como Aomame previa. Sua intuição lhe dizia que, de baixo para cima, a escada ainda estaria lá. “Dentro de mim existe uma *coisa pequenina*. Se ela possui algum poder especial, com certeza vai me proteger e indicar a direção certa.”

Havia uma escada. Mas não era possível saber se ela *realmente* conduziria até a via expressa. Havia a possibilidade de ela estar bloqueada no meio do caminho. Isso mesmo. Neste mundo, tudo era possível. O único jeito de saber era, de fato, usar as pernas e os braços, subir as escadas e verificar com os próprios olhos o que existe — ou não — lá em cima.

Aomame subiu a escada com muito cuidado, degrau por degrau. Ao olhar para baixo, conseguia ver Tengo subindo logo atrás dela. De vez em quando, uma forte rajada de vento passava por eles, emitindo um silvo estridente e fazendo agitar seu casaco de meia-estação. A barra da minissaia ergueu-se até a altura das coxas. Os cabelos, ao sabor dos ventos, estavam embaraçados e grudavam no rosto, tampando-lhe a visão e dificultando a respiração. Aomame arrependeu-se de não os ter prendido. Achou também que devia ter providenciado um par de luvas. “Por que não pensei nisso? Mas agora não adianta reclamar. Seja como for, a única coisa com que me preocupei era estar vestida do mesmo jeito de quando desci as escadas. O importante é segurar firme no corrimão e continuar subindo.”

Enquanto tremia de frio e subia as escadas, ela olhou o prédio do outro lado da rodovia. Era um pequeno prédio de apartamentos de cinco andares, com a fachada de tijolos marrons. Naquele dia em que ela desceu as escadas, ela viu o mesmo prédio. Metade das janelas estava com as luzes acesas. De tão perto que o prédio estava, cabia a expressão “tão perto quanto a distância entre os olhos e o nariz”. Se algum morador visse os dois subindo as escadas de emergência da rodovia durante a noite, isso poderia ocasionar algum problema. Naquele momento, os dois estavam sob a lâmpada da Rodovia 246, que os deixava sob forte iluminação.

Mas, felizmente, não havia ninguém nas janelas. Todas estavam com as cortinas fechadas. Não era para menos; ninguém em sã consciência sairia para a varanda numa noite tão fria de inverno, como era o caso, para contemplar a escada de emergência de uma rodovia metropolitana.

Numa das varandas havia um vaso de fícus. O vaso estava ao lado de uma cadeira de jardim suja, e a planta estava toda encolhida e murcha. Em abril, quando ela descia a escada, havia também um vaso de fícus naquele mesmo lugar.

O ficus estava muito mais debilitado do que o seu, que ela havia deixado no apartamento de Jiyûgaoka. Durante esses últimos oito meses, o ficus da varanda permaneceu no mesmo lugar, definhando e encolhendo. Machucado e com as folhas desbotadas, o ficus foi deixado num canto do mundo que jamais chamaria a atenção e, com certeza, ninguém se lembrava mais dele. Nem água deviam estar dando para ele. Mesmo assim, o ficus transmitia, ainda que modestamente, um sentimento de coragem e de apoio para a Aomame que subia aquela escada instável, sentindo-se insegura, hesitante e com braços e pernas quase congelados. “Está tudo bem. O que estou fazendo é percorrendo o caminho inverso ao que fiz da outra vez e, por isso, agora estou subindo as escadas. O ficus está cumprindo a função de me transmitir um sinal. De modo extremamente discreto.”

“Quando eu desci as escadas daquela vez, vi algumas pobres teias de aranha. Depois, comecei a pensar em Tamaki Ôtsuka. Lembrei-me do dia em que viajei com essa minha melhor amiga do colegial, durante o verão, e que de noite, na cama, ficamos nuas tocando o corpo uma da outra. Por que será que, de repente, me veio essa lembrança justamente no momento em que eu estava descendo as escadas de emergência da rodovia metropolitana?” Aomame pensou novamente em Tamaki enquanto subia as escadas. Lembrou-se da pele sedosa e do belo formato de seus seios. Sempre sentiu inveja daqueles seios fartos. “Eles eram totalmente diferentes dos meus pobres seios mirrados e mal desenvolvidos. Mas aqueles seios deixaram de existir.”

Em seguida, Aomame pensou em Ayumi Nakano. A policial solitária que, numa noite de agosto, foi encontrada com as mãos algemadas e estrangulada com o cinto de um roupão de banho num quarto de hotel em Shibuya. Uma jovem mulher com inúmeros problemas sentimentais, que caminhava em direção ao abismo. Seus seios também eram fartos.

Aomame lamentava profundamente a morte das duas amigas. Ficava triste por elas não existirem mais neste mundo. Lamentava que aqueles seios maravilhosos tivessem desaparecido sem deixar vestígios.

“*Por favor, me proteja*”, Aomame suplicou em seu coração. “*Por favor, eu preciso que vocês me ajudem.*” A voz silenciosa de Aomame devia estar sendo ouvida pelas infelizes amigas. “Elas, com certeza, vão me proteger.”

Ao terminar de subir a escada íngreme, havia uma passarela que seguia em direção à rodovia. Havia um corrimão, mas só era possível atravessá-la recurvando o corpo. Na outra extremidade havia uma outra escada em zigue-zague. Não era uma escada propriamente dita, mas era bem melhor que essa que ela acabara de subir. Pelo que Aomame se recordava, essa outra escada a conduziria até o espaço reservado para o acostamento da rodovia. A vibração do tráfego de caminhões grandes na pista fazia tremer a passarela, tornando o chão instável e fazendo-a se sentir como num pequeno bote à mercê das ondas.

Após verificar que Tengen subira as escadas e estava logo atrás dela, ela estendeu a mão e pegou a dele. Estava quente. Numa noite tão fria como aquela, e após segurar o corrimão gelado, como a mão dele continuava quente? Aomame estranhou.

— Só mais um pouco — disse Aomame bem perto de seu ouvido. Para sobrepujar o ruído dos carros e o silvo dos ventos, precisava falar bem alto. — Subindo aquela escada, chegaremos à rodovia.

“Se a escada não estiver bloqueada”, pensou. Mas isso ela não disse.

— Desde o começo, você estava com a intenção de subir essas escadas, não estava? — perguntou Tengo.

— Isso. Mas dependia de eu encontrá-las.

— Mesmo tendo isso em mente, você veio de minissaia e saltos altos. Acho que não são adequados para subir uma escada tão íngreme.

Aomame sorriu. — Eu precisava estar vestida desse jeito. Um dia eu te explico o motivo.

— Você tem belas pernas — disse Tengo.

— Você gostou?

— Muito.

— Obrigada — disse Aomame. Ela se curvou na passarela estreita e deu um leve beijo na orelha de Tengo. Na orelha amarrotada que lembrava uma couve-flor. Sua orelha estava gelada.

Aomame continuou em frente e caminhou pela passarela. Ao chegar à outra extremidade, começou a subir o próximo lance de uma estreita e íngreme escada. As plantas de seus pés estavam geladas, de modo que mal conseguia sentir as pontas dos dedos. Era preciso tomar muito cuidado para não pisar em falso e escorregar. Ela continuou subindo enquanto afastava os cabelos emaranhados que caíam no rosto. O vento gelado fazia seus olhos lacrimejarem. Ela segurava firmemente o corrimão para não perder o equilíbrio com os ventos e, passo a passo, subia os degraus com muito cuidado, enquanto pensava em Tengo que a seguia. Pensou na mão grande e quente, e na orelha gelada que parecia uma couve-flor. Ela pensou na *coisa pequenina* que dormia dentro dela. Pensou na pistola negra dentro de sua bolsa. Pensou nas sete balas 9 milímetros que carregava no pente.

“Não importa o que aconteça, temos que sair deste mundo. Preciso acreditar, do fundo do meu coração, que esta escada vai, com certeza, me conduzir até a rodovia. *Preciso acreditar*”, Aomame tentava se convencer. Foi então que ela se lembrou das palavras que o Líder lhe disse um pouco antes de morrer, naquela noite tempestuosa. Eram versos de uma canção. Versos que ela ainda se lembrava com exatidão:

*Eis o mundo do espetáculo
em que tudo é fantasia;
mas, se você acreditar em mim,
real ele se tornará.*

“Não importa o que aconteça ou o que eu faça, preciso lutar para que isso se torne real. Ou melhor, eu e Tengo precisamos unir nossas forças para alcançar esse objetivo, cada pequeno grama de força que possuímos. Para nós dois

e para essa *coisa pequenina*.”

Aomame parou num patamar da escada e olhou para baixo. Tengo estava bem atrás dela. Ela esticou o braço e pegou sua mão. Sentiu o mesmo calor que da vez anterior. Um calor que lhe transmitia uma força autêntica. Ela novamente se debruçou e aproximou a boca na orelha amassada de Tengo.

— Sabe, teve uma vez em que eu quase acabei com a minha vida por você — confessou Aomame. — Faltou pouco para eu morrer de verdade. Alguns milímetros. Você acredita?

— Acredito — disse Tengo.

— Você consegue me dizer que acredita nisso do fundo do seu coração?

— Acredito do fundo do meu coração — disse Tengo.

Aomame balançou a cabeça e soltou a mão de Tengo. Voltando-se para a frente, continuou a subir as escadas.

Minutos depois, Aomame subiu todas as escadas e chegou na Rota 3 da Rodovia Metropolitana. A escada de emergência não estava bloqueada. A intuição dela estava correta, e o esforço foi recompensado. Antes de pular a cerca de ferro, ela limpou com o dorso da mão as lágrimas geladas de seus olhos.

— Rota 3 da Rodovia Metropolitana — disse Tengo, surpreso. Permaneceu um tempo calado, apenas observando ao redor. — É aqui a saída do mundo?

— É — respondeu Aomame. — Aqui é o local por onde se entra e sai deste mundo.

Ao pular a cerca, a minissaia de Aomame subiu até as coxas e Tengo ajudou-a, segurando-a pelas costas. Do outro lado da cerca havia espaço suficiente para estacionar dois carros. Era a terceira vez que Aomame ia àquele local. Diante dela havia a mesma placa enorme da Esso. *Ponha um tigre no seu tanque*. O mesmo slogan, o mesmo tigre. Descalça, ela ficou em pé diante da placa, petrificada e sem palavras. Ela respirava bem fundo o ar noturno cheio de gases de escapamento. Um ar que, mais do que qualquer outro, lhe proporcionava um frescor estimulante. “*Voltamos*”, pensou consigo. “*Nós voltamos para cá*.”

A via expressa estava supercongestionada, como da vez anterior. As fileiras de carros que seguiam em direção a Shibuya praticamente não avançavam. Ao ver essa cena, ela ficou surpresa. “Por que será que toda vez que eu venho aqui, a via está sempre congestionada?” Em um dia útil, naquele horário, era estranho a Rota 3 estar tão congestionada no sentido centro. O mais provável era ter acontecido algum acidente mais à frente. A expressa no sentido bairro fluía bem, mas, no sentido oposto, a pista estava completamente engarrafada.

Tengo pulou a cerca na sequência. Ele levantou a perna bem alto e, com um leve salto, conseguiu facilmente transpô-la. Ficou em pé ao lado de Aomame. Os dois observavam em silêncio a fileira de carros comprimidos, como pessoas que pela primeira vez se veem diante do mar e, atônitas, observam as ondas quebrando sucessivamente na orla da praia.

As pessoas dentro dos carros também olhavam para eles em silêncio. Elas pareciam não acreditar no que viam, e tentavam entender o que estava acontecendo. Mais do que curiosidade, havia no ar um sentimento de desconfiança. “O que aquele casal de jovens está fazendo ali?” Os dois surgiram de repente no meio da escuridão e, agora, estavam parados no acostamento da rodovia. A mulher estava de minissaia, vestia um casaco de meia-estação e usava somente meia-calça, sem os sapatos. O homem era grande e vestia uma jaqueta de couro surrada. Ambos carregavam bolsas a tiracolo. “Será que o carro deles enguiçou, ou se envolveram num acidente?” Mas não havia nenhum carro enguiçado nem acidente naquela área. E eles não pareciam pedir socorro.

Finalmente, Aomame recobrou o senso de realidade. Tirou os sapatos da bolsa e os calçou. Ajeitou a barra da minissaia e pendurou corretamente a bolsa num dos ombros. Fechou o cinto do casaco na frente. Em seguida, umedeceu os lábios secos com a língua e ajeitou a franja com os dedos. Pegou um lenço e limpou os olhos marejados. Por fim, aconchegou-se ao lado de Tengo.

Assim como vinte anos antes, exatamente no mês de dezembro, numa sala da escola primária após o término das aulas, os dois estavam em pé, em silêncio, um ao lado do outro e de mãos dadas. Neste mundo não existia mais ninguém a não ser eles. Os dois contemplavam a fileira de carros deslocando-se lentamente diante deles. Mas, na verdade, não viam nada. Para eles, não importava o que estavam vendo ou ouvindo. A paisagem, os sons e os odores que os rodeavam tinham perdido o significado original.

— Será que conseguimos entrar num mundo diferente?— Tengo, finalmente, conseguiu dizer.

— Acho que sim — respondeu Aomame.

— Talvez seja melhor verificar.

Só havia um jeito de checar, e não precisava necessariamente ser expresso em palavras. Aomame olhou para o céu sem dizer nada. Tengo também olhou o céu quase na mesma hora. Eles procuravam a lua. Na posição em que estavam, ela devia estar bem acima da placa da Esso. Mas não conseguiam vê-la, por estar atrás das nuvens carregadas pelo vento, lentamente, para o sul. Os dois aguardavam. Não havia pressa. Tempo era o que eles tinham de sobra. Tempo suficiente para recuperar o tempo perdido. Tempo que os dois podiam compartilhar juntos. Não precisavam ter pressa. O tigre sorridente da placa da Esso segurava o bico da bomba de combustível e lançava um olhar amistoso para os dois de mãos dadas.

De repente, Aomame percebeu que alguma coisa estava diferente da vez anterior. Durante um bom tempo ela não conseguiu discernir o que era. Estreitou os olhos e se concentrou. Foi então que ela notou que o tigre da propaganda estava com o lado esquerdo do rosto voltado para eles. Da outra vez em que estivera lá, e que ela se lembrava, ele estava com o lado direito voltado para o mundo. *O tigre estava invertido.* O rosto de Aomame se contorceu. O coração começou a bater em descompasso. Sentiu alguma coisa dentro dela em refluxo. “Será que posso afirmar isso com certeza? Minha memória está certa?” Aomame não estava segura. Era *apenas uma impressão*. A memória às vezes é traçoeira.

Aomame guardou a dúvida para si. Por enquanto, achou melhor não falar disso. Fechou os olhos, fez voltar ao normal a respiração e as batidas do coração, e aguardou a passagem das nuvens.

As pessoas nos carros observavam os dois com os vidros das janelas abertos. “O que será que aqueles dois estão olhando tão atentamente lá no alto? Por que estão firmemente de mãos dadas?” Alguns, inclusive, esticavam o pescoço para olhar na mesma direção que eles. Mas o que viam era somente as nuvens brancas e a propaganda da Esso. *Ponha um tigre no seu tanque*. O tigre sorridente, com o lado esquerdo do rosto voltado para os passantes, sugeria que se consumisse mais gasolina. O rabo listrado de laranja estava triunfalmente voltado para o céu.

Enfim, as nuvens se dissiparam e a lua reapareceu no céu.

Havia uma única lua. A mesma lua amarela e solitária de sempre. Aquela velha e conhecida Lua que pairava em silêncio sobre os campos; que surgia sobre a superfície calma do lago, como um prato redondo e branco; que discretamente iluminava o telhado da casa adormecida. Aquela lua que levava a maré alta à praia, que iluminava suavemente os pelos dos animais selvagens e acolhia e protegia os viajantes noturnos. Aquela mesma lua que, às vezes, se tornava uma afiada lua crescente e cortava a pele da alma. Aquela lua nova que silenciosamente derramava sobre a superfície da terra suas gotas escuras de solidão. Essa lua estava posicionada bem acima da placa da Esso. Ao lado dela não havia nenhuma outra lua pequena, esverdeada e deformada. A lua pairava no céu em silêncio, sem acompanhante. Ambos viam a mesma cena. Aomame segurou a mão grande de Tengo sem dizer nada. A sensação de refluxo havia desaparecido.

“*Voltamos para o ano de 1984*”, Aomame dizia a si mesma. “Aqui não é mais 1Q84. Aqui é o antigo mundo de 1984.”

“Mas era aquilo mesmo? Era possível voltar para mundo anterior de modo tão fácil? O Líder afirmou categoricamente, antes de morrer, que não existia mais, em nenhum lugar, um caminho de volta ao mundo anterior.”

“Será que aqui não seria *um outro lugar, diferente*? Será que nós mudamos de um mundo para outro, um terceiro mundo? Para um mundo em que o tigre está sorrindo com a face esquerda e não com a direita voltada para nós? Um mundo que nos aguarda com novos enigmas e novas regras?”

“É possível”, pensou Aomame. “Agora não sou capaz de afirmar o contrário. Mesmo assim, uma coisa eu posso dizer com convicção. Queira ou não, aqui não é mais *aquela* mundo em que pairavam duas luas no céu. E, agora, estou segurando a mão de Tengo. Havíamos entrado num local perigoso em que inexistia o poder da lógica, passamos e superamos severas provas, nos reencontramos e deixamos aquele lugar. Independentemente de termos chegado no antigo mundo ou num mundo novo, o que temos a temer? Se tivermos de passar por uma nova provação, basta superá-la. É apenas isso. Seja como for, nós agora não estamos sozinhos.”

Aomame relaxou o corpo e, para acreditar no que achava por certo acreditar, apoiou-se no peito enorme de Tengo. Encostou o ouvido e prestou atenção nas batidas de seu coração. E deixou-se envolver em seu abraço. Como uma ervilha dentro da vagem.

— Para onde devemos ir agora? — Tengo perguntou para Aomame. Quanto tempo teria se passado?

Não poderiam ficar ali para sempre. Era mais que óbvio. Mas na rodovia metropolitana não havia faixa de acostamento contínuo. A saída de Ikejiri estava relativamente próxima, mas, por mais que a via estivesse congestionada, seria perigoso demais para os dois andarem por entre os carros naquela via estreita. Pedir uma carona e ser acolhido também não parecia algo fácil de acontecer. Havia a possibilidade de usar o telefone de emergência e ligar para a Companhia Metropolitana do Sistema Viário e pedir socorro, mas, nesse caso, eles precisariam explicar de modo convincente por que estavam perdidos naquele lugar. Mesmo que conseguissem chegar sãos e salvos até a saída de Ikejiri a pé, o funcionário do pedágio certamente os interrogaria. Descer as escadas que eles acabaram de subir estava fora de cogitação.

— Não sei — disse Aomame.

Aomame realmente não sabia o que fazer nem para onde ir. Assim que subiu as escadas de emergência, sua função havia terminado. Ela estava sem energias para refletir e decidir o que era certo ou errado. Dentro dela não havia mais combustível. A única opção era confiar em alguma outra força.

Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso Nome;
venha a nós o Vosso Reino. Perdoai nossos pecados. Conceda-nos a
Vossa bênção em nossa humilde caminhada. Amém.

A oração saiu de sua boca espontaneamente. Quase um reflexo condicionado. Não havia necessidade de pensar. Nenhuma palavra dessa oração possuía significado. Para Aomame, agora elas eram apenas sons, nada mais que uma lista de sinais fonéticos. Mas, conforme ela entoava mecanicamente aquela oração, era tomada de um estranho sentimento. Possivelmente, algo que se poderia chamar de devoção. Alguma coisa que sutilmente tocava seu coração. “Não importa o que tenha acontecido, sinto-me grata por não ter me perdido”, pensou. “Que bom que estou aqui — não importa onde seja *aqui* — e sou eu mesma.”

— Venha a nós o Vosso Reino — ela repetiu em voz alta, da mesma forma como entoava antes das refeições na escola. Não importava o que significava; aquilo era algo que ela desejava do fundo do coração. Venha a nós o Vosso Reino.

Tengo acariciou os cabelos dela, como se os penteasse.

Dez minutos depois, Tengo parou um táxi que estava passando. Durante um tempo, não conseguiam acreditar no que os seus olhos viam. Um táxi sem passageiros passava vagarosamente no meio do congestionamento da via expressa. Assim que Tengo ergueu o braço, ainda que hesitante, o táxi abriu a porta de trás e os dois entraram rapidamente, como se temessem que aquilo fosse uma ilusão que poderia desaparecer a qualquer momento. O motorista, um rapaz de óculos, virou-se assim que os dois entraram no carro.

— Por causa desse congestionamento, vou pegar a saída de Ikejiri, que fica bem perto daqui, tudo bem? — perguntou o motorista. Ele tinha uma voz bastante aguda para um homem, mas que não chegava a ser irritante.

— Tudo bem — disse Aomame.

— Na verdade, é contra a lei pegar passageiros na via expressa.

— Que lei é essa? — indagou Aomame. O rosto dela refletido no retrovisor tinha as sobrancelhas ligeiramente franzidas.

Questionado assim de repente, o motorista não conseguiu se lembrar do nome da lei que proibia o taxista de pegar passageiros na via expressa. E o rosto de Aomame o deixava um pouco intimidado.

— Mas tudo bem — disse o motorista, encerrando o assunto. — Para onde devo ir?

— Você pode nos deixar perto da estação Shibuya — disse Aomame.

— Não vou ligar o taxímetro — disse o motorista. — Vou cobrar o valor somente a partir da saída da via expressa.

— Por que um táxi vazio está circulando numa via expressa congestionada? — Tengo perguntou ao motorista.

— É uma história meio complicada — disse o motorista, com a voz cansada. — Vocês querem mesmo saber?

— Eu quero — disse Aomame. Não importava o quanto a história podia ser longa e enfadonha. Ela queria ouvir as histórias que as pessoas tinham para contar nesse novo mundo. Quem sabe haveria um novo segredo, uma nova pista.

— Peguei um passageiro de meia-idade perto do parque Kinuta e ele me pediu para tomar a via expressa até as proximidades da Universidade Aoyama Gakuin. É que, indo por baixo, certamente pegaríamos um congestionamento na altura de Shibuya. Até aquele momento, não havia informação de que a via expressa estava congestionada. Muito pelo contrário, a informação era de que estava fluindo bem. Por isso, aceitei a sugestão do passageiro e peguei a Rodovia Metropolitana em Yôga. Mas houve uma colisão no bairro de Tani, e o resultado é esse. Uma vez na via expressa, o único jeito de escapar do congestionamento seria pegar a saída de Ikejiri. Enquanto seguíamos nessa direção, o passageiro encontrou uma conhecida. Estávamos literalmente parados na altura de Komazawa quando um Mercedes-Benz coupé prateado parou na pista ao lado e a motorista desse carro, por acaso, era uma conhecida desse meu passageiro. Eles abriram as janelas e começaram a conversar, e, pouco depois, a motorista do outro carro perguntou se ele não queria passar para o carro dela. Ele me perguntou se poderia acertar o valor até ali e se eu não me importava de ele passar

para o outro carro. Era a primeira vez que um passageiro descia do táxi em plena via expressa, mas estávamos parados e, ainda por cima, eu não tinha como dizer não. Foi assim que o meu passageiro foi para Mercedes. Ele pediu desculpas e deixou um valor a mais, mas, mesmo assim, me senti prejudicado. Ainda mais que tive de ficar parado no congestionamento. E, aos poucos, cheguei até aqui, bem perto da saída de Ikejiri. Foi então que vi o senhor levantando a mão. É uma história inacreditável. Não acha?

— Eu acredito — disse Aomame, concisamente.

Naquela noite, hospedaram-se no quarto bem alto de um hotel em Akasaka. Com o cômodo escuro, tiraram as roupas, deitaram na cama e se abraçaram. Tinham muito o que conversar, mas poderiam esperar até o amanhecer. Antes de mais nada, precisavam resolver uma coisa. Em meio à escuridão, sem pressa e sem dizer nada, começaram a explorar o corpo um do outro. Com os dedos e a palma das mãos, foram descobrindo as partes do corpo e suas formas. Com o coração palpitante, eram como crianças que brincam de caça ao tesouro num quarto secreto. Toda vez que um deles encontrava algo, beijava o local em sinal de aprovação.

Após concluírem com muita calma esse reconhecimento, Aomame segurou o pênis duro de Tengo. Do mesmo jeito que ela havia segurado a mão dele na escola primária. Parecia a coisa mais dura que ela havia sentido até então. Quase um milagre. Em seguida, Aomame aproximou-se dele, abriu as pernas e o conduziu lentamente para dentro dela. Enfiou-o inteiro, bem fundo. No escuro, ela fechou os olhos e inspirou intensa e profundamente. E soltou o ar calmamente, sem pressa. Tengo sentiu o sopro quente em seu peito.

— Eu sempre imaginei estar em seus braços, como agora — sussurrou Aomame no ouvido de Tengo, interrompendo um pouco os movimentos do corpo.

— Imaginava fazer sexo comigo?

— Isso mesmo.

— Você imaginava *isso* desde os seus dez anos? — perguntou Tengo.

Aomame sorriu. — É claro que não. Foi depois que cresci um pouco.

— Eu também imaginava isso.

— De estar dentro de mim?

— Isso mesmo — disse Tengo.

— Era como você imaginava?

— Ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo de verdade — disse Tengo, com sinceridade. — Tenho a impressão de que ainda estou imaginando.

— Mas é real.

— É bom demais para ser verdade.

Aomame sorriu em meio à escuridão. Depois, o beijou na boca. Suas línguas exploraram um ao outro.

— Os meus peitos não são muito grandes — disse Aomame.

— São perfeitos — disse Tengo, acariciando-os.

— Você está falando sério?

— É claro que estou — disse Tengo. — Se fossem maiores, deixaria de ser você.

— Obrigada — disse Aomame. E complementou: — Mas não é só isso. O tamanho do lado direito é diferente do esquerdo.

— Eles são perfeitos do jeito que são — disse Tengo. — O lado direito é o lado direito, e o esquerdo é o esquerdo. Não precisa mudar nada.

Aomame encostou o ouvido no peito de Tengo. — Durante muito tempo eu me senti sozinha. E muitas coisas me feriram profundamente. Teria sido tão bom se eu tivesse te encontrado antes... Se isso tivesse acontecido, eu não precisaria ter desviado tanto do caminho.

Tengo balançou a cabeça num gesto negativo. — Eu não acho. Penso que assim foi melhor. Agora é que era o momento certo, para nós dois.

Aomame chorou. As lágrimas contidas durante muito tempo começaram a correr. Ela não conseguia evitá-las. Gotas enormes caíam sobre o lençol, fazendo um barulho como o da chuva. Com Tengo guardado bem fundo dentro de si, ela chorava copiosamente, fazendo todo o corpo tremer. Tengo abraçou-a firme e carinhosamente. Era o corpo de quem ele continuaria a dar todo o seu apoio de agora em diante. E Tengo se sentia feliz de poder estar a seu lado.

Ele disse: — Para saber o quanto éramos sozinhos, cada um precisou desse tempo.

— Mexa — disse Aomame em seu ouvido. — Mexa bem devagar e sem pressa.

Tengo fez exatamente o que ela pediu. Mexeu o corpo devagar. Respirava calmamente, ouvindo as batidas do próprio coração. Durante esse tempo, Aomame se agarrava ao seu corpo grande como se estivesse prestes a se afogar. Ela parou de chorar, de pensar e, para além do passado e do futuro, sincronizou seus movimentos com os de Tengo.

Um pouco antes do amanhecer, os dois, com o roupão do hotel, estavam em pé, um ao lado do outro, diante da enorme janela de vidro, tomando uma taça de vinho tinto que haviam pedido pelo serviço de quarto. Aomame tomou somente um gole. Ainda não estavam com sono. Da janela do décimo sétimo andar, podiam ver a Lua à vontade, o quanto quisessem. As nuvens haviam se dissipado e nada lhes obstruía a vista. A lua, perto do amanhecer, havia se movido bastante e pairava no limite da linha do horizonte da cidade. A coloração era de um branco próximo ao cinza, e faltava pouco para dar por cumprida sua função e poder se retirar para baixo da superfície da Terra.

Na recepção, Aomame havia solicitado um quarto em um andar bem alto, de onde pudessem ver a Lua, e disse para a recepcionista que o preço não seria problema. — Essa é a condição mais importante. Um local em que se possa

ver claramente a Lua — disse Aomame.

A funcionária foi muito gentil com o casal que acabara de aparecer sem ter feito reserva. Contribuiu também o fato de, naquela noite, o hotel estar calmo. E também o fato de, à primeira vista, ela ter simpatizado com eles. Ela pediu que um mensageiro fosse até o apartamento para verificar se realmente a lua podia ser vista dali e somente após se certificar é que passou a chave da suíte júnior para Aomame. Ela ofereceu um desconto especial para o casal.

— Hoje é lua cheia ou algo assim? — perguntou a moça para Aomame, demonstrando interesse. Até então, ela devia ter recebido inúmeras solicitações, desejos e pedidos de hóspedes, mas era a primeira vez que via uma hóspede solicitar seriamente um quarto de onde se pudesse ver a lua.

— Não — disse Aomame. — A lua cheia já passou. Hoje ela deve estar com dois terços do tamanho. Mas não faz mal. O importante é ver a lua.

— A senhora gosta de ver a lua?

— É muito importante para nós — disse Aomame sorrindo. — Muito.

Mesmo com o amanhecer se aproximando, o número de luas não aumentou. Havia somente uma e familiar Lua. Um único satélite que ninguém mais se lembra desde quando ele gira em torno da Terra, com a mesma velocidade e exatidão. Enquanto contemplava a Lua, Aomame colocou delicadamente a mão sobre o ventre para se certificar de que ali existia uma *coisa pequenina*.

“Ainda não descobri que mundo é este. Mas, independentemente de que mundo seja, eu vou ficar aqui”, pensou Aomame. “*Nós* vamos ficar aqui. Este mundo deve ter os seus próprios riscos e muitos perigos escondidos. Este mundo deve estar cheio de mistérios e contradições. Deve haver inúmeros caminhos obscuros que não sabemos para onde nos levarão. De agora em diante, provavelmente teremos de trilhar alguns desses caminhos. Mas tudo bem; não tem problema. Vamos aceitar isso sem oposição. Nós não vamos mais sair daqui. Vamos fincar os pés neste mundo com uma única Lua. Nós três: Tengo, eu e essa coisa pequenina.”

Ponha um tigre no seu tanque, diz o tigre da Esso, o lado esquerdo do rosto voltado para eles. Tanto faz o lado. O sorriso aberto é espontâneo e carinhoso, e ele sorri para ela. “Preciso confiar nesse sorriso. É importante.” Ela retribui o sorriso de modo espontâneo e afetuoso.

Aomame estendeu delicadamente a mão no ar, e Tengo a pegou. Os dois estavam em pé e juntos, unidos em um único laço, e observavam em silêncio a Lua pairando sobre os edifícios. Iluminada pela luz do novo sol prestes a raiar, ela perdeu rapidamente o brilho denso da noite, até se transformar em uma lua de papel, cinzenta, suspensa no céu.